

ENSINO MÉDIO
PRÉ-VESTIBULAR

POR

LÍNGUA PORTUGUESA

2



Poliedro
Sistema de Ensino

COLEÇÃO PV

Copyright © Editora Poliedro, 2022.

Todos os direitos de edição reservados à Editora Poliedro.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal, Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

ISBN 978-65-5613-138-2

Presidente: Nicolau Arbex Sarkis

Autoria: Andréa Gomes de Alencar, Edimara Lisboa, Maria Emília Martins, Marina Oliveira Félix de Mello e Thiago Jorge Ferreira Santos

Edição de conteúdo: Juliana Grassmann dos Santos, Bruno Ferreira de Freitas, Carolina Bianchini, Denise Marques Alves Vilarino, Julia da Rosa Silva e Mariana Castelo Queiroz Toledo

Edição de arte: Christine Getschko, Lourenzo Acunzo, Nathalia Laia, Alexandre Bueno, Marina Ferreira, Suellen Sílvia Machado e Kleber S. Portela

Design: Adilson Casarotti

Licenciamento e multimídia: Leticia Palaria de Castro Rocha, Danielle Navarro Fernandes e Vitor Hugo Duarte Medeiros

Revisão: Rosângela Carmo Muricy, Bianca da Silva Rocha, Bruno Freitas, Eliana Gagliotti, Ellen Barros de Souza, Ingrid Lourenço, Paulo V. Coelho e Sara Santos

Impressão e acabamento: PifferPrint

Crédito de capa: Jo Crebbin/Shutterstock.com

A Editora Poliedro pesquisou junto às fontes apropriadas a existência de eventuais detentores dos direitos de todos os textos e de todas as imagens presentes nesta obra didática. Em caso de omissão, involuntária, de quaisquer créditos, colocamo-nos à disposição para avaliação e consequentes correção e inserção nas futuras edições, estando, ainda, reservados os direitos referidos no Art. 28 da Lei 9.610/98.



Poliedro Sistema de Ensino

T. 12 3924-1616

sistemapoliedro.com.br

Sumário

Frente 1

5 Verbo: propriedades gramaticais e semânticas 5

Conceito e princípios gerais, 6	Texto complementar, 33
Flexões verbais e perífrase verbal, 8	Resumindo, 33
Formação dos tempos e modos verbais, 10	Quer saber mais?, 34
Valores semânticos e correlação verbal, 11	Exercícios complementares, 34
Revisando, 13	BNCC em foco, 50
Exercícios propostos, 16	

6 Modalização, conexão e sentido 51

Advérbio: modalização e expressividade, 52	Texto complementar, 81
Preposição: conceito e classificação, 54	Resumindo, 81
Conjunções e relações coordenativas, 56	Quer saber mais?, 83
Revisando, 58	Exercícios complementares, 83
Exercícios propostos, 63	BNCC em foco, 101

7 Sintaxe do período simples I 103

Introdução à sintaxe, 104	Resumindo, 123
Revisando, 110	Quer saber mais?, 124
Exercícios propostos, 112	Exercícios complementares, 124
Texto complementar, 122	BNCC em foco, 137

8 Sintaxe do período simples II 139

Termos ligados ao nome, 140	Resumindo, 157
Revisando, 144	Quer saber mais?, 158
Exercícios propostos, 147	Exercícios complementares, 158
Texto complementar, 157	BNCC em foco, 167

Frente 2

6 Romantismo: prosa 169

Os diferentes alencares e o retrato do país, 170	Exercícios propostos, 183
Heróis: o indianismo, 171	Texto complementar, 195
José de Alencar: o romance urbano e o romance regionalista, 174	Resumindo, 196
Romantismo e outras prosas, 176	Quer saber mais?, 197
O teatro romântico, 180	Exercícios complementares, 197
Revisando, 180	BNCC em foco, 209

7 Realismo: a desconstrução romântica211

Realismo: a consolidação da arte burguesa, **212**

Realismo na Europa, **213**

Realismo em Portugal, **215**

Realismo no Brasil, **220**

Revisando, **234**

Exercícios propostos, **236**

Texto complementar, **247**

Resumindo, **248**

Quer saber mais?, **249**

Exercícios complementares, **250**

BNCC em foco, **260**

8 Naturalismo: o homem é bicho261

Naturalismo: o olhar científico sobre as relações humanas, **262**

O Naturalismo de Aluísio Azevedo, **265**

Revisando, **270**

Exercícios propostos, **274**

Texto complementar, **280**

Resumindo, **281**

Quer saber mais?, **281**

Exercícios complementares, **282**

BNCC em foco, **288**

9 As vertentes poéticas do final do século XIX289

Parnasianismo: o poeta e o ourives, **290**

Simbolismo: o poeta é um músico, **293**

Simbolismo no Brasil, **294**

Revisando, **295**

Exercícios propostos, **297**

Texto complementar, **303**

Resumindo, **303**

Quer saber mais?, **304**

Exercícios complementares, **304**

BNCC em foco, **312**

10 Pré-Modernismo: entre o conservador e o moderno313

Pré-Modernismo: contexto histórico, **314**

Autores pré-modernistas: Augusto dos Anjos, **316**

Autores pré-modernistas: Lima Barreto, **317**

Autores pré-modernistas: Monteiro Lobato, **318**

Autores pré-modernistas: Euclides da Cunha, **320**

Vanguardas europeias: o início turbulento do século XX na Europa, **322**

Arte moderna, **323**

Vanguardas e as inovações europeias, **323**

Revisando, **325**

Exercícios propostos, **328**

Texto complementar, **340**

Resumindo, **341**

Quer saber mais?, **341**

Exercícios complementares, **342**

BNCC em foco, **352**

11 Modernismo em Portugal: o começo353

A literatura moderna portuguesa, **354**

Fernando Pessoa e sua poesia caleidoscópica, **355**

Mais da geração Orpheu: Mário de Sá-Carneiro, **358**

Fernando Pessoa revisitado: *O ano da morte de Ricardo Reis*, de José Saramago, **359**

Revisando, **360**

Exercícios propostos, **363**

Texto complementar, **368**

Resumindo, **369**

Quer saber mais?, **369**

Exercícios complementares, **370**

BNCC em foco, **374**

Gabarito375



Ecoss de luz da estrela V838 Mon. Imagem capturada pelo telescópio Hubble, em 2004.

FRENTE 1

CAPÍTULO

5

Verbo: propriedades gramaticais e semânticas

Na imagem, vemos rodamoinhos causados por poeira e gases em turbulentos movimentos na estrela. Em 2006, cientistas buscaram uma relação entre a ação de fenômenos naturais demonstrados pelo Hubble e as criações de Van Gogh, especialmente *Noite Estrelada* (1889), e concluíram que o pintor capturou as ações estelares na natureza de modo expressivo e artístico. Relacionando com a língua portuguesa, é a classe gramatical do verbo que tem a função de configurar as ações e os movimentos dos seres e os estados nos quais se encontram, e são as propriedades dessa classe que estudaremos neste capítulo.

Conceito e princípios gerais

O verbo é a classe gramatical mais complexa da língua portuguesa. Ele tem a morfologia mais rica entre as classes de palavras, desempenhando um papel fundamental na organização da sentença e do texto. Nas próximas páginas, estudaremos a estrutura morfológica, a classificação e os valores semânticos dos verbos.

Estrutura e conjugação dos verbos

Estudamos no livro 1 a estrutura das palavras e verificamos que existem morfemas verbais, isto é, sufixos que se agregam ao radical, a fim de formar verbos. Veja a manchete abaixo:

Governo de Minas e Vale avançam em negociação sobre Brumadinho

Famílias atingidas continuam a receber o auxílio emergencial

RODRIGUES, Léo; CLAUDIA, Maria (Ed.).
Agência Brasil, 10 dez. 2020.

No título da notícia, identificamos o verbo “avançam”, que possui como radical “avanc-” e como morfema sufixal “-am”. Os sufixos que aportam informações ao radical sobre o modo e o tempo verbal são os sufixos modo-temporais, e aqueles que trazem uma informação sobre a pessoa que enuncia e o número (singular ou plural) são os sufixos número-pessoais. Observe o exemplo a seguir:

Fal	á	va	mos
radical	vogal temática	sufixo modo-temporal	sufixo número-pessoal

Em “falávamos”, o sufixo “-va” indica o tempo pretérito imperfeito do modo indicativo; já o sufixo “-mos” é indicador da 1ª pessoa do plural.

! Atenção

O radical é um morfema (unidade mínima de significado) que contém a parte invariável da palavra, e a ele se junta uma vogal, cuja função é facilitar o acréscimo de alguns morfemas. As vogais “a”, “e” e “i” com essa função recebem o nome de **vogal temática**. Exemplos: “andar” (radical “and-” + vogal temática “a”) e “partir” (radical “part-” + vogal temática “i”). O radical mais a vogal temática formam o **tema**.

Sendo o radical a parte invariável das palavras, sua presença é obrigatória no verbo, porém os sufixos verbais não o são. Para exemplificar, examinemos as formas verbais “estudo” e “estudei”, nas quais encontramos o mesmo radical “stud-” e desinências verbais diferentes. Ao trocar as desinências no radical, estamos conjugando o verbo, ou seja, flexionando-o em modo, tempo, pessoa, número, voz e aspecto. Em língua portuguesa, há três tipos de conjugação que são definidas pela vogal temática de cada verbo. Observe:

- 1ª conjugação: vogal temática “a” – amar, cantar, chorar etc.
- 2ª conjugação: vogal temática “e” – correr, sofrer, ver etc.
- 3ª conjugação: vogal temática “i” – partir, sair, pedir etc.

Para cada conjugação, existe um modelo de flexão, isto é, um paradigma verbal que orienta a conjugação da maioria dos verbos. Vejamos o exemplo a seguir com os verbos “correr” e “sofrer”:

	Presente do indicativo	
Eu	corro	sofro
Tu	corres	sofres
Ele, ela, você	corre	sofre
Nós	corremos	sofremos
Vós	correis	sofreis
Ele, ela, vocês	correm	sofrem

Podemos observar que o radical se mantém invariável, mas as desinências variam conforme a pessoa. Portanto, a maioria dos verbos segue uma regularidade de conjugação. Do ponto de vista morfológico, devido à regularidade ou não das flexões verbais, os verbos recebem uma primeira classificação: regular, irregular, anômalo ou defectivo.

A seguir, há um quadro com a conjugação de quatro verbos, que apresentam o “e” como vogal temática, no presente do indicativo. Observe.

Entender	Caber	Ser	Reaver
entendo	caibo	sou	----
entendes	cabes	és	----
entende	cabe	é	----
entendemos	cabemos	somos	reavemos
entendeis	cabeis	sois	reaveis
entendem	cabem	são	----

O verbo “entender” é classificado como **regular**, porque segue o paradigma da segunda conjugação. Por sua vez, o verbo “caber” é **irregular**, pois apresenta uma flexão que não segue o paradigma de sua conjugação. Já o verbo “ser” apresenta irregularidades em relação ao paradigma em todas as formas verbais do presente do indicativo, por isso é classificado como **anômalo**. Enfim, o verbo “reaver” só é conjugado na primeira e segunda pessoa do plural, não apresentando formas para as outras pessoas e, por isso, é classificado como **defectivo**.

Saiba mais

É possível pesquisar a conjugação de verbos nos “conjugadores” *on-line*, que permitem verificar tanto as desinências número-pessoais e modo-temporais de verbos regulares, quanto as irregularidades de outras formas verbais.

Disponível em: <https://www.flip.pt/flip-on-line/conjugador>

Há alguns verbos que podem ser classificados como **abundantes**. Trata-se daqueles que possuem duas formas para o particípio: uma regular, acrescentando-se o sufixo “-do”, e outra irregular. Veja o quadro com alguns deles:

Particípio	
regular	irregular
aceitado	aceito
entregado	entregue
gastado	gasto
matado	morto
elegido	eleito
exprimido	expresso
imprimido	impresso
inserido	inserto

De acordo com as convenções da norma-padrão, recomenda-se que o particípio regular seja empregado com os verbos “ter” e “haver” como auxiliares.

Exemplos:

- O funcionário **havia entregado** seus relatórios.
- Ela **teria aceitado** o novo emprego.

O particípio irregular será empregado com os verbos “ser”, “estar” e “ficar” como auxiliares.

Exemplos:

- Os panfletos **estavam impressos** para distribuição.
- Um novo governador **será eleito** em breve.

Alguns verbos só apresentam particípio irregular.

Exemplos:

- abrir – aberto
- cobrir – coberto
- dizer – dito
- escrever – escrito
- fazer – feito
- pôr – posto
- ver – visto
- vir – vindo

Classificação semântica e formas nominais do verbo

No terceiro capítulo, definimos que o verbo é a categoria gramatical que configura os processos da realidade objetiva sob a influência do tempo. Vejamos os pares de provérbios a seguir.

- A união faz a força.
- É na necessidade que se conhece o amigo.

- O bom filho à casa torna.
- Uma mulher prevenida vale por duas.
- À noite todos os gatos são pardos.
- A ignorância é a mãe de todas as doenças.
- As aparências enganam.
- Quem cala consente.

Provérbios, conhecidos também por ditados populares, são orações que transmitem conhecimentos de geração em geração. Muitos desses provérbios têm origem em séculos passados, além de serem mensagens de sabedoria de muitos povos. É bem comum ouvirmos provérbios no nosso dia a dia, pois são frases utilizadas em situações específicas e com sentido conhecido popularmente.

Observemos os verbos das orações. Por exemplo, os provérbios “A união **faz** a força” ou “O bom filho à casa **torna**” evidenciam processos que implicam o “executar” alguma coisa, isto é, alguém ou um grupo executa a ação de fazer algo, tornar (voltar) a algum lugar. Porém, casos como “À noite todos os gatos **são** pardos” e “A ignorância **é** a mãe de todas as doenças” mostram o estado de permanência em que algo se encontra. Desse modo, os verbos podem implicar sentidos distintos, por isso são agrupados em:

- Verbos de ação: têm como ponto de partida um “agente” e implicam um “fazer”. Também compreendem verbos que indicam fenômenos meteorológicos. **Exemplos:** acordar, comer, comprar, jogar, chover, trovejar, entre outros.
- Verbos de estado: mostram a permanência ou mudança de um estado ou condição. **Exemplos:** ser, estar, permanecer, continuar, ficar, parecer, entre outros.

Do ponto de vista das propriedades semânticas, os verbos de ação são também chamados de **verbos significativos**, isto é, que por si só expressam um conteúdo semântico, uma noção, um significado (acordar, amar, ventar, ganhar etc.); já os **verbos não significativos** (ou de estado) são aqueles que expressam uma condição de algo ou alguém (ser, estar, permanecer, ficar, tornar-se, parecer, continuar etc.). No ordenamento sintático, os verbos significativos são classificados como transitivos ou intransitivos, enquanto os verbos de estado são denominados verbos de ligação. Para exemplificar, observemos os provérbios:

A união **faz** a força.

▶ verbo transitivo direto

O verbo “faz” não tem sentido completo, por isso precisa de um complemento direto, que é um objeto direto (“a força”); a ideia é que algo executa a ação de “fazer”. Em “É na necessidade que se conhece o amigo”, o verbo “conhece” é um verbo transitivo direto e “o amigo” é o complemento verbal direto.

O bom filho à casa **torna**.

▶ verbo transitivo indireto

O verbo “torna” não tem sentido completo e, aqui, possui um complemento iniciado por preposição, o qual é, desse modo, um objeto indireto (“à casa”); compreende-se que o sentido é o de voltar a algum lugar. Note que houve uma inversão da ordem natural do verbo e do objeto. Em “Uma mulher prevenida vale por duas”, o verbo “vale”, nesse contexto, é transitivo indireto e “por duas” é o complemento verbal indireto.

À noite todos os gatos **são** pardos.
 ↳ verbo de ligação

O verbo “são” é de estado, pois, sozinho, não traz uma ideia de “executar algo”; ele atua na sentença como elemento de ligação entre o sujeito (“Todos os gatos”) e suas características (“pardos”). Em “A ignorância é a mãe de todas as doenças”, o verbo “é” apresenta um estado do sujeito (“A ignorância”), pois liga-o a uma característica (“a mãe de todas as doenças”).

As aparências **enganam**.
 ↳ verbo intransitivo

O verbo “enganam”, nessa frase, traz sentido completo; logo, é um verbo significativo que atua na ordem sintática como verbo intransitivo, pois não necessita de complemento. Em “Quem cala consente”, os verbos “cala” e “consente” não precisam de complementos; logo, trata-se de verbos intransitivos.

Nas orações anteriores, verificamos que o verbo assume uma importante função de organização. A partir da posição na qual o verbo se encontra, podemos localizar o sujeito da ação, bem como identificar os complementos verbais (diretos ou indiretos) e as características do sujeito, no caso dos verbos de ligação.

Além disso, o verbo sofre a influência da temporalidade, o que nos permite deslocar as ações para o passado e para o futuro. Na maioria dos provérbios anteriores, o tempo verbal predominante foi o presente do indicativo, e essa escolha foi fundamental para expressar um sentido permanente, sem tempo determinado.

Algumas formas verbais podem não designar uma ação ou estado em si, porém guardam a ideia de que o verbo representa e pode ter valor de substantivo ou adjetivo; são as formas nominais do verbo. Vejamos alguns exemplos no poema a seguir.

Não Estou

Não estou pensando em nada
 E essa coisa central, que é coisa nenhuma,
 É-me agradável como o ar da noite,
 Fresco em contraste com o verão quente do dia,
 Não estou pensando em nada, e que bom!
Pensar em nada
É ter a alma própria e inteira.
Pensar em nada
É viver intimamente

O fluxo e o refluxo da vida...
 Não estou pensando em nada.
 E como se me tivesse encostado mal.
 Uma dor nas costas, ou num lado das costas,
 Há um amargo de boca na minha alma:
 É que, no fim de contas,
 Não estou pensando em nada,
 Mas realmente em nada,
 Em nada...

PESSOA, Fernando. *Poemas de Álvaro de Campos*. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/jp000011.pdf>. Acesso em: 9 nov. 2021.

Os versos destacados do poema de Álvaro de Campos, um dos heterônimos de Fernando Pessoa, apresentam uma definição (como “Pensar em nada / É ter a alma própria e inteira / Pensar em nada / É viver intensamente”). Nas ações expressas pelos verbos “pensar”, “ter” e “viver”, não sabemos quem as realizou (os sujeitos), nem se estão no presente, no passado ou no futuro. Logo, trata-se de formas verbais atemporais e sem sujeito, sendo chamadas por isso de **formas nominais** do verbo. Os verbos mencionados estão no **infinitivo**, que é uma forma nominal usada para mostrar a ação em si, em seu estado genérico. As três formas nominais são:

Forma nominal	Função	Sufixo verbal	Exemplos
Infinitivo	Expressa a ação em si e pode ter valor de substantivo.	-r	Amar Sofrer Sorrir
Gerúndio	Expressa a ação em andamento e pode ter valor de adjetivo e advérbio.	-ndo	Amando Sofrendo Sorrindo
Particípio	Expressa a ação concluída e pode ter valor de adjetivo.	-do	Amado Sofrido Sorrido

Flexões verbais e perífrase verbal

Indicamos anteriormente que os verbos podem variar em número, pessoa, modo, tempo, voz e aspecto. Leia a tirinha a seguir.



Na tira da artista Clara Gomes, há uma variação entre os modos verbais indicativo e subjuntivo. Nas narrações da tirinha, na parte superior, identificamos verbos no presente do subjuntivo (“tenha”, “copie” e “faça”) e, nas falas das personagens, predomina o presente do indicativo (“molha”, “tenho”, “tô” e “sei”). Essa variação é importante para o objetivo da tirinha, isto é, levar o leitor à reflexão sobre a necessidade de planejar com cuidado os desejos antes de executá-los, a fim de que seja possível concretizá-los de modo eficaz, em contraposição ao protagonista.

Estabelecendo relações

Em um mundo que muda rapidamente, muitas vezes não encontramos possibilidades de pensar a longo prazo, administrando nossos pensamentos e desejos. Segundo a psicologia, as ações de “desejar” e “pensar” positivamente não mudam o mundo, pois não há ação direta dessas práticas sobre os acontecimentos. No entanto, de acordo com o psicólogo Christian Dunker, professor de Psicologia Clínica da USP, o pensamento positivo pode ser uma mediação para reencontrarmos o que “desejamos” que aconteça e, se agirmos em conformidade com isso, podemos mudar a realidade ao nosso redor e a nós mesmos. Informações relacionadas podem ser acessadas em: <https://sites.usp.br/psicousp/pensamento-positivo-e-benefico-quando-usado-da-forma-certa-entenda/>.

Vamos analisar cada uma das possibilidades de flexão verbal.

Número e pessoa

As formas verbais podem se apresentar no singular ou no plural, conforme o sujeito com o qual se relacionam – sujeito que, por sua vez, sempre representa uma pessoa do discurso.

O pensamento positivo **é** importante segundo a Psicologia.

Os sonhos **podem ser** uma potente fonte de autocohecimento.

Na primeira sentença, o sujeito “o pensamento” representa a terceira pessoa do singular (ele). A forma verbal “é” apresenta flexão que estabelece concordância com essa expressão. Na segunda sentença, o sujeito “os sonhos” representa a terceira pessoa do plural (eles). Por isso, a flexão verbal (“podem ser”) se apresenta também no plural. As desinências número-pessoais, assim, marcam as flexões de número e pessoa nas formas verbais.

Tempo e modo

O **tempo verbal** é uma categoria exclusivamente do verbo e tem a função de marcar a posição que os fatos enunciados ocupam na temporalidade (passado, presente e futuro), em que se toma como base o momento no qual os fatos foram enunciados.

Denominam-se **modos verbais** as diferentes maneiras que o verbo assume para indicar a atitude de certeza (indicativo), de dúvida (subjuntivo) ou de ordem (imperativo) do sujeito que fala em relação ao que enuncia.

Retomaremos, a seguir, uma sentença da tirinha de Clara Gomes, com as formas do verbo “ter” no tempo presente em diferentes modos:

Talvez você **tenha** uma boa ideia.
↳ Presente do subjuntivo

Você **tem** uma boa ideia.
↳ Presente do indicativo

Tenha uma boa ideia.
↳ Presente do imperativo afirmativo

No primeiro exemplo, vemos a forma “tenha”, demarcando que o verbo está no presente do modo subjuntivo, pois se imprime uma dúvida na sentença. No caso da forma “tem”, não há uma situação duvidosa, mas de certeza, por isso a forma verbal está no presente do modo indicativo; no terceiro exemplo, há uma ordem, logo a forma verbal demarca o imperativo afirmativo.

Voz

A voz verbal é uma categoria gramatical que se refere à perspectiva assumida para apresentar se o acontecimento verbal tem o sujeito como agente ou paciente. Há três formas de orientar tal perspectiva, constituindo, assim, três vozes verbais.

- Voz ativa:** o acontecimento verbal ocorre a partir do agente, sendo que sua nomeação é obrigatória e ocorre como sujeito.
 - A editora publicou um novo livro.
 - O livro ganhou vários prêmios.
- Voz passiva:** o acontecimento verbal ocorre a partir do paciente (objeto direto), e o agente pode ser facultativo.
 - O livro foi publicado [pela editora].
 - Vários prêmios foram ganhos.

A voz passiva pode ser de duas formas. Veja a seguir:

- **Analítica:** verbo ser + particípio do verbo principal

O livro	foi publicado	pela editora
sujeito paciente	verbo ser + particípio	agente da passiva

- **Sintética:** verbo + pronome apassivador

Alugam-se	casas
verbo + partícula (pronome apassivador)	sujeito paciente

3. **Voz reflexiva:** o sujeito sintático é, ao mesmo tempo, agente e paciente.

- Eu me esforcei para conquistar essa vaga.

A voz reflexiva pode expressar sentido de reciprocidade, quando uma ação verbal é compartilhada entre dois ou mais agentes. Veja os exemplos:

- Os amigos **se abraçaram** cordialmente.
- Eles **se perdoaram** pelos erros passados.

Aspecto

O aspecto refere-se à relação entre o processo (ou estado, ou fenômeno) expresso pelo verbo e à ideia de duração ou desenvolvimento. A apresentação de uma situação dentro de uma ou de outra noção aspectual depende de como o falante pretende referir-se à duração da situação (ou mesmo não se referir a ela). As variações de aspecto não são marcadas por sufixos verbais. Observe:

1. **Aspecto durativo:** demarca ação que tem duração prolongada no tempo.
 - A equipe **está trabalhando** em *home office* há 1 ano.
2. **Aspecto conclusivo ou terminativo:** demarca término da ação verbal.
 - **Acabo** de ouvir ótimas notícias.
3. **Aspecto habitual ou permansivo:** demarca continuidade da ação.
 - **Costumam** acordar tarde.
4. **Aspecto incoativo:** demarcar início da ação verbal.
 - Ela **começou** a estudar para o vestibular.

Embora os verbos possam aparecer sozinhos, percebemos, nos exemplos anteriores, que eles também podem vir acompanhados de outros. Quanto a essa característica, podem ser classificados como plenos ou auxiliares. Observe as duas manchetes a seguir:

Manchete 1

Laerte fala de charges, de seu maior projeto e da mudança nas suas HQs

CIRNE, Pedro. *TV Cultura* - UOL, 18 out. 2021.

Manchete 2

Cavaleiro da Lua e Blade podem se enfrentar nas HQs; entenda o motivo

PADRÃO, Márcio; YUGE, Claudio (Ed.). *Canaltech*, 24 set. 2021.

Na manchete 1, o verbo “falar” aparece sozinho e organiza a oração. Estamos diante de um **verbo pleno**. Na manchete 2, o verbo que organiza a oração é “enfrentar” e está acompanhado de um verbo no presente do indicativo, “podem”. Nessa construção, o verbo “poder” é auxiliar e o verbo “enfrentar” é pleno. A junção de um verbo auxiliar e um verbo pleno na mesma oração recebe o nome de **perífrase verbal**.

Formação dos tempos e modos verbais

Como já indicamos anteriormente, as ações e os estados expressos pelos verbos e marcados pela temporalidade podem ser enunciados de modo a transmitir certeza, dúvida ou ordem. Esses são os três modos verbais da língua portuguesa:

Indicativo	Modo pelo qual o falante imprime certeza ao que diz, quer em referência ao presente, quer em relação ao passado, ou ao futuro. Ex.: Eu consigo um emprego ↳ Presente do indicativo
Subjuntivo	Modo pelo qual o falante expressa o fato como algo incerto, duvidoso ou irreal, quer em referência ao presente, quer em relação ao passado ou ao futuro. Ex.: Talvez eu consiga um emprego. ↳ Presente do subjuntivo
Imperativo	Modo pelo qual o falante incita seu interlocutor a praticar ou não a ação. Ex.: Consiga um emprego! ↳ Presente do imperativo afirmativo

A comunicação humana não seria possível se não tivéssemos os tempos verbais na língua, pois não conseguiríamos informar que as ações ocorreram no passado, no presente ou no futuro. A noção de “tempo” é objeto de estudo não só da Linguística, mas de outras disciplinas, como a Filosofia e a Astrofísica. Nos estudos linguísticos, o tempo é analisado tendo em vista duas noções: a coincidência ou não entre o momento do acontecimento (da ação) e o momento de referência de quem enuncia. Observe a seguir.



Sobre a sentença **Viajo sozinho hoje**, podemos dizer que:

- expressa um fato que se desenvolve no momento em que o falante se situa.
- apresenta um acontecimento que é atual ao momento em que se enuncia.
- está marcada no tempo presente do indicativo.

Em **Viajei muito naquele ano**, a ação de viajar se desloca para antes do momento em que o falante está situado temporalmente. Já em **Viajarei com meu amigo no inverno**, inferimos que a forma verbal expressa um fato que ocorrerá no futuro; o foco da ação situa-se posteriormente ao ponto em que se localiza o falante.

Disso, podemos afirmar que o tempo de referência das três frases é o presente (o momento da fala), sendo o passado e o futuro organizados a partir do momento e do ponto de vista do falante. Porém, o falante pode se expressar tendo como ponto de referência o passado ou o futuro. Vejamos a seguir:

- Em 15 de novembro de 1889, o Brasil se tornou uma república.
- Em 15 de novembro de 1889, o Brasil se tornava uma república.

Nessas duas frases, o ponto de referência é o passado, marcado pela data “15 de novembro de 1889”. O momento em que o acontecimento ocorre também está no passado, concomitante ao momento de referência. A diferença entre as duas frases não está na localização da ação em relação à referência do falante, mas na sua **duração**, pois em **b** a duração da ação é mais longa, prolongou-se durante o dia 15 de novembro de 1889. Verbos com esse aspecto de duração são chamados de **imperfeitos**.

Concluindo, os tempos verbais são definidos pelo momento de referência do falante, momento e duração do acontecimento. A seguir, vamos conhecer os empregos dos tempos verbais do português e seus sufixos ou desinências verbais:

Modo	Tempo		Emprego	Desinência	
INDICATIVO	Presente		Indica uma ação simultânea ao momento da fala.	[eu] canto	
	Pretérito	perfeito	simples	Indica ação concluída no passado.	[eu] cantei
			composto	Indica uma ação que se estende até o presente.	[eu] tenho cantado
		imperfeito		Indica uma ação passada não concluída completamente.	[eu] cantava
		mais-que-perfeito	simples	Indica uma ação passada anterior a outra ação passada.	[eu] cantara
	composto		[eu] tinha cantado		
	Futuro	do presente	simples	Indica uma ação futura sem estabelecer relação com outro fato.	[eu] cantarei
			composto	Indica uma ação futura anterior a outra futura.	[eu] terei cantado
		do pretérito	simples	Indica uma ação posterior a outra passada.	[eu] cantaria
			composto	Indica posterioridade de uma ação incerta em relação a um ato anterior.	[eu] teria cantado
SUBJUNTIVO	Presente		Indica simultaneidade associada à noção de incerteza ou desejo.	que [eu] cante	
	Pretérito	perfeito	Indica anterioridade de uma ação incerta concluída antes de outra.	que [eu] tenha cantado	
		imperfeito	Indica anterioridade associada à noção de incerteza ou desejo.	se [eu] cantasse	
		mais-que-perfeito	Indica anterioridade remota, associada à noção de incerteza ou desejo.	se [eu] tivesse cantado	
	Futuro	simples	Indica anterioridade associada à noção de incerteza, possibilidade, em orações subordinadas.	quando [eu] cantar	
		composto		quando [eu] tiver cantado	
IMPERATIVO	Afirmativo		Indica uma ordem.	Canta [tu]	
	Negativo		Indica uma ordem negativa.	Não cantes [tu]	

Valores semânticos e correlação verbal

Leia a reportagem a seguir.

Dez anos depois de implementar lei de fechamento de bares, Diadema reduz homicídios em 90%

São Paulo – Dez anos depois de implementar a Lei 2.107/02, que **ficou conhecida** como Lei de Fechamento de Bares, a cidade de Diadema, na Grande São Paulo, **registrou** uma redução na taxa de homicídios de 90,74%. **Apontada** pela Organização das Nações Unidas (ONU) como uma das dez melhores políticas públicas de combate ao consumo de álcool, a lei, junto com outras políticas públicas, **foi** determinante para a diminuição no número de homicídios em Diadema. A cidade, em 1999, **tinha** a maior taxa de assassinatos do estado de São Paulo – 102,8 mortes para cada 100 mil habitantes – e, em 2011, **reduziu** esse índice para 9,52 para cada 100 mil habitantes.

[...]

Regina [secretária Nacional de Segurança Pública] **explica** que a legislação foi precedida de um amplo diagnóstico das causas dos homicídios na cidade e que a replicação da lei em outras cidades **pode** não produzir os mesmos resultados. [...]

Segundo a prefeitura, a maioria dos assassinatos na cidade, antes da aplicação da lei, ocorriam a partir de brigas, acertos de contas e por débito no tráfico de drogas. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o município **tem** 386 mil habitantes.

[...]

Carolina [coordenadora de Gestão da Segurança Pública do Instituto Sou da Paz] **diz** que a lei não teria produzido sozinho resultados positivos. Ela **destaca** a implementação de outras políticas públicas que, em conjunto com a nova legislação, fez reduzir a taxa de homicídios. [...]

Entre as diversas políticas públicas de segurança implantadas na cidade **estão** a criação do Centro Integrado de Videomonitoramento, o Serviço de Mediação de Conflitos e três planos Municipais de Segurança, o último lançado em novembro de 2011, que **tem** como meta, para os próximos cinco anos, estabilizar a taxa de homicídios em um dígito por grupo de 100 mil habitantes.

A polícia **utiliza** de seis a 15 agentes e de três a oito fiscais da prefeitura para monitorar a aplicação da lei na cidade, que **tem** cerca de 30 quilômetros quadrados. Desde 2002, foram fechados 32 estabelecimentos que descumpriam a legislação e notificados cerca de 3 mil.

BOCCHINI, Bruno; ALBUQUERQUE, Flávia; MASSALI, Fábio (Ed.). *Agência Brasil*, 15 jun. 2012. Disponível em: <http://memoria.etc.com.br/agenciabrasil/agenciabrasil/noticia/2012-06-15/dez-anos-depois-de-implementar-lei-de-fechamento-de-bares-diadema-reduz-homicidios-em-90>. Acesso em: 19 out. 2021.

Nas seções anteriores, estudamos as classificações morfológicas e semânticas dos verbos. Também é importante discutir os valores semânticos dos verbos em uma dada

situação de comunicação, pois o tempo em que os verbos estão conjugados não exprime apenas a noção temporal, mas também caracteriza a situação de comunicação.

A reportagem que você leu é iniciada por fatos anteriores ao momento em que o texto é produzido, por isso os tempos verbais utilizados estão no passado. Esses tempos verbais criam uma situação de **narração**. Textos de diferentes gêneros podem conter momentos de narração, mas há aqueles em que esse tipo textual é predominante, como romances, fábulas, contos, entre outros.

A partir do segundo parágrafo, os enunciadores iniciam a exposição do assunto da reportagem, citando autoridades que corroboram as informações apresentadas e dados estatísticos relacionados ao assunto. O tempo verbal que predomina então é o presente do indicativo. Os verbos dessa categoria criam uma situação de **comentário**.

De acordo com os valores de narração ou comentário, os tempos verbais podem ser correlacionados em dois grupos:

Grupo 1 (Narração)	Indicativo: pretérito perfeito simples; pretérito imperfeito; pretérito mais-que-perfeito; futuro do pretérito; e locuções formadas com esses tempos.
Grupo 2 (Comentário)	Indicativo: presente; pretérito perfeito composto (tenho cantado); futuro do presente; futuro do presente composto (terei cantado); e locuções verbais formadas com esses tempos.

Portanto, em uma situação de narração, os tempos verbais do grupo 1 devem ser correlacionados. Já no comentário, essa correlação acontece entre os tempos verbais do grupo 2. Como o próprio nome expressa, correlação verbal se caracteriza pela harmonia entre as formas verbais expressas num período. Na língua portuguesa, há outras correlações verbais convencionadas. Vejamos:

Presente do modo indicativo + pretérito perfeito composto do modo subjuntivo

• **Creio** que ele **tenha estudado** para a prova.

Presente do modo indicativo + presente do modo subjuntivo

• **Espero** que você **estude** para a prova.

Pretérito perfeito do indicativo + pretérito imperfeito do subjuntivo

• **Dei** a ordem de que ele **estudasse** para a prova.

Pretérito imperfeito do modo indicativo + pretérito mais-que-perfeito composto do modo subjuntivo

• **Desejaria** que ela **tivesse estudado** para a prova.

Pretérito imperfeito do subjuntivo + futuro do pretérito do indicativo

• Se você **estudasse** para a prova, eu **ficaria** orgulhoso.

Pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo + futuro do pretérito composto do indicativo

• Se você **tivesse estudado** para a prova, eu **teria visto**.

Futuro do subjuntivo + futuro do presente do modo indicativo

• Se você **estudar** para a prova eu **ficarei** contente.

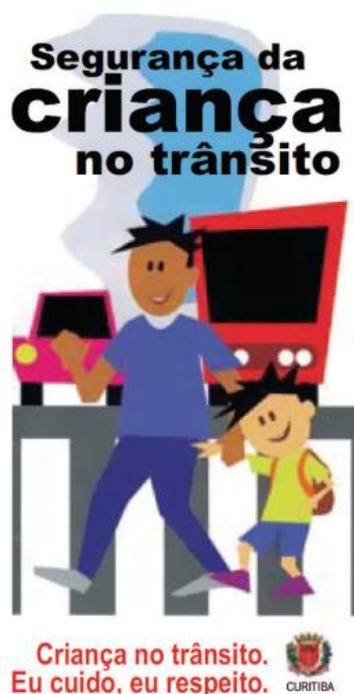
Futuro do subjuntivo + futuro do presente composto do indicativo

• Quando você **vier** em minha casa, já **terei estudado**.

Futuro do subjuntivo + futuro do presente do modo indicativo

• Quando você **estudar** para a prova, **ficarei** muito orgulhoso.

1. **Unifesp-SP 2015** Analise a capa de um folder de uma campanha de trânsito.



Explicitando-se os complementos dos verbos em “Eu cuido, eu respeito.”, obtém-se, em conformidade com a norma-padrão da língua portuguesa:

- a) Eu a cuido, eu respeito-lhe. c) Eu cuido dela, eu a respeito. e) Eu cuido e respeito-a.
 b) Eu cuido dela, eu lhe respeito. d) Eu lhe cuido e respeito.



Leia o trecho do romance *O Ateneu*, de Raul Pompeia, para responder à questão 2.

“Vais encontrar o mundo, disse-me meu pai, à porta do Ateneu. Coragem para a luta.”

Bastante experimentei depois a verdade deste aviso, que me despia, num gesto, das ilusões de criança educada exoticamente na estufa de carinho que é o régimen do amor doméstico; diferente do que se encontra fora, tão diferente, que parece o poema dos cuidados maternos um artifício sentimental, com a vantagem única de fazer mais sensível a criatura à impressão rude do primeiro ensinamento, têmpera brusca da vitalidade na influência de um novo clima rigoroso. Lembra-mo-nos, entretanto, com saudade hipócrita, dos felizes tempos; como se a mesma incerteza de hoje, sob outro aspecto, não nos houvesse perseguido outrora, e não viesse de longe a enfiada das decepções que nos ultrajam.

Eufemismo, os felizes tempos, eufemismo apenas, igual aos outros que nos alimentam, a saudade dos dias que correram como melhores. Bem considerando, a atualidade é a mesma em todas as datas. Feita a compensação dos desejos que variam, das aspirações que se transformam, alentadas perpetuamente do mesmo ardor, sobre a mesma base fantástica de esperanças, a atualidade é uma. Sob a coloração cambiante das horas, um pouco de ouro mais pela manhã, um pouco mais de púrpura ao crepúsculo — a paisagem é a mesma de cada lado, beirando a estrada da vida.

Eu tinha onze anos.

(O Ateneu, 2013.)

2. **Univag-MT 2017** “Bastante **experimentei** depois a verdade deste aviso, que me despia, num gesto, das ilusões de criança educada exoticamente na estufa de carinho que é o régimen do amor doméstico” (2º parágrafo).

Nesse trecho, o termo destacado é um verbo

- a) transitivo indireto. c) bitransitivo. e) transitivo direto.
 b) de ligação. d) intransitivo.



Leia o trecho inicial do conto “O cobrador”, de Rubem Fonseca, para responder às questões 3 e 4.

Na porta da rua uma dentadura grande, embaixo escrito Dr. Carvalho, Dentista. Na sala de espera vazia uma placa, Espere o Doutor, ele está atendendo um cliente. Esperei meia hora, o dente doendo, a porta abriu e surgiu uma mulher acompanhada de um sujeito grande, uns quarenta anos, de jaleco branco.

Entrei no gabinete, sentei na cadeira, o dentista botou um guardanapo de papel no meu pescoço. Abri a boca e disse que o meu dente de trás estava doendo muito. Ele olhou com um espelhinho e perguntou como é que eu tinha deixado os meus dentes ficarem naquele estado.

Só rindo. Esses caras são engraçados.

Vou ter que arrancar, ele disse, o senhor já tem poucos dentes e se não fizer um tratamento rápido vai perder todos os outros, inclusive estes aqui — e deu uma pancada estridente nos meus dentes da frente.

Uma injeção de anestesia na gengiva. Mostrou o dente na ponta do boticão: A raiz está podre, vê?, disse com pouco caso. São quatrocentos cruzeiros.

Só rindo. Não tem não, meu chapa, eu disse.

Não tem não o quê?

Não tem quatrocentos cruzeiros. Fui andando em direção à porta.

Ele bloqueou a porta com o corpo. É melhor pagar, disse. Era um homem grande [...]. E meu físico franzino encoraja as pessoas. Odeio dentistas, comerciantes, advogados, industriais, funcionários, médicos, executivos, essa canalha inteira. Todos eles estão me devendo muito. Abri o blusão, tirei o 38 [...]. Ele ficou branco, recuou. Apontando o revólver para o peito dele comecei a aliviar o meu coração: tirei as gavetas dos armários, joguei tudo no chão, chutei os vidrinhos todos como se fossem balas, eles pipocavam e explodiam na parede. Arrebetar os cuspidores e motores foi mais difícil, cheguei a machucar as mãos e os pés. O dentista me olhava, várias vezes deve ter pensado em pular em cima de mim, eu queria muito que ele fizesse isso para dar um tiro naquela barriga grande [...].

Eu não pago mais nada, cansei de pagar!, gritei para ele, agora eu só cobro!

(O melhor de Rubem Fonseca, 2015.)

3. **FICSAE-SP 2020** Ele [...] perguntou como é que eu tinha deixado os meus dentes ficarem naquele estado. (2º parágrafo)

Ao se transpor o trecho para o discurso direto, o termo sublinhado assume a seguinte forma:

- a) deixaria.
- b) deixa.
- c) deixou.
- d) deixava.
- e) deixara.

4. **FICSAE-SP 2020** O primeiro verbo atribui ideia de futuro ao segundo na locução verbal sublinhada em:

- a) “Fui andando em direção à porta” (8º parágrafo).
- b) “Apontando o revólver para o peito dele comecei a aliviar o meu coração (9º parágrafo).
- c) “Todos eles estão me devendo muito” (9º parágrafo).
- d) “Na sala de espera vazia uma placa, Espere o Doutor, ele está atendendo um cliente” (1º parágrafo).
- e) “o senhor já tem poucos dentes e se não fizer um tratamento rápido vai perder todos os outros” (4º parágrafo).



Leia o excerto do livro *Violência urbana*, de Paulo Sérgio Pinheiro e Guilherme Assis de Almeida, para responder à questão 5.

De dia, ande na rua com cuidado, olhos bem abertos. Evite falar com estranhos. À noite, não saia para caminhar, principalmente se estiver sozinho e seu bairro for deserto. Quando estacionar, tranque bem as portas do carro [...]. De madrugada, não pare em sinal vermelho. Se for assaltado, não reaja – entregue tudo.

É provável que você já esteja exausto de ler e ouvir várias dessas recomendações. Faz tempo que a ideia de integrar uma comunidade e sentir-se confiante e seguro por ser parte de um coletivo deixou de ser um sentimento comum aos habitantes das grandes cidades brasileiras. As noções de segurança e de vida comunitária foram substituídas pelo sentimento de insegurança e pelo isolamento que o medo impõe. O outro deixa de ser visto como parceiro ou parceira em potencial; o desconhecido é encarado como ameaça. O sentimento de insegurança transforma e desfigura a vida em nossas cidades. De lugares de encontro, troca, comunidade, participação coletiva, as moradias e os espaços públicos transformam-se em palco do horror, do pânico e do medo.

A violência urbana subverte e desvirtua a função das cidades, drena recursos públicos já escassos, ceifa vidas – especialmente as dos jovens e dos mais pobres –, dilacera famílias, modificando nossas existências dramaticamente para pior. De potenciais cidadãos, passamos a ser consumidores do medo. O que fazer diante desse quadro de insegurança e pânico, denunciado diariamente pelos jornais e alardeado pela mídia eletrônica? Qual tarefa impõe-se aos cidadãos, na democracia e no Estado de direito?

(Violência urbana, 2003.)

5. **Unesp-SP 2017** O trecho “As noções de segurança e de vida comunitária foram substituídas pelo sentimento de insegurança e pelo isolamento que o medo impõe.” (2º parágrafo) foi construído na voz passiva. Ao se adaptar tal trecho para a voz ativa, a locução verbal “foram substituídas” assume a seguinte forma:

- a) substitui.
- b) substituíram.
- c) substituiriam.
- d) substituiu.
- e) substituem.

6. **IFTO-TO 2017** Assinale a alternativa em que a forma verbal substitui corretamente o “gerundismo” cometido pelo personagem do segundo quadrinho na tirinha a seguir:



Disponível em: tocadocuty.wordpress.com. Acesso em: 31 out. 2016.

- a) Lê, aprendes, superas-me. c) Lia, aprendia, superava-me. e) Lerei, aprenderei, superarei-me.
b) Leio, aprendo, supero-me. d) Leria, aprenderia, superaria-me.



Texto para as questões 7 e 8.

Nós, os brasileiros

Uma editora europeia me pede que traduza poemas de autores estrangeiros sobre o Brasil. Como sempre, eles falam da Floresta Amazônica, uma floresta muito pouco real, aliás. Um bosque poético, com “mulheres de corpos alvíssimos espregando entre os troncos das árvores, [...]”. Não faltam flores azuis, rios cristalinos e tigres mágicos.

Traduzo os poemas por dever de ofício, mas com uma secreta – e nunca realizada – vontade de inserir ali um grãozinho de realidade. Nas minhas idas (nem tantas) ao exterior, onde convivi, sobretudo, com escritores ou professores e estudantes universitários – portanto, gente razoavelmente culta – eu fui invariavelmente surpreendida com a profunda ignorância a respeito de quem, como e o que somos. – A senhora é brasileira? Comentaram espantados alunos de uma universidade americana famosa. – Mas a senhora é loira!

Depois de ler, num congresso de escritores em Amsterdã, um trecho de um dos meus romances traduzido em inglês, ouvi de um senhor elegante, dono de um antiquário famoso, que segurou comovido minhas duas mãos: – Que maravilha! Nunca imaginei que no Brasil houvesse pessoas cultas! Pior ainda, no Canadá alguém exclamou incrédulo: – Escritora brasileira? Ué, mas no Brasil existem editoras? A culminância foi a observação de uma crítica berlinense, num artigo sobre um romance meu editado por lá, acrescentando, a alguns elogios, a grave restrição: “porém não parece um livro brasileiro, pois não fala nem de plantas nem de índios nem de bichos”.

Diante dos três poemas sobre o Brasil, esquisitos para qualquer brasileiro, pensei mais uma vez que esse desconhecimento não se deve apenas à natural (ou inatural) alienação estrangeira quanto ao geograficamente fora de seus interesses, mas também a culpa é nossa. Pois o que mais exportamos de nós é o exótico e o folclórico.

Em uma feira do livro de Frankfurt, no espaço brasileiro, o que se via eram livros (não muito bem arrumados), muita caipirinha na mesa e televisões mostrando carnaval, futebol, praia e mato. E eu, mulher essencialmente urbana, escritora das geografias interiores de meus personagens eróticos, senti-me tão deslocada quanto um macaco em uma loja de cristais. Mesmo que tentasse explicar, ninguém acreditaria que eu era tão brasileira quanto qualquer negra de origem africana vendendo acarajé nas ruas de Salvador. Porque o Brasil é tudo isso. E nem a cor de meu cabelo e olhos, nem meu sobrenome, nem os livros que li na infância, nem o idioma que falei naquele tempo, além do português, fazem-me menos nascida e vivida nesta terra de tão surpreendentes misturas: imensa, desaproveitada, instigante e (por que ter medo da palavra?) maravilhosa.

(Luft, Lya. *Pensar e transgredir*. Rio de Janeiro: Record, 2005, pág. 49 – 51)

7. **IFSul-RS 2017** O emprego dos tempos e modos verbais desempenha um papel fundamental na construção da coerência textual. Partindo dessa constatação, é **CORRETO** afirmar que:

- a) “...que eu **era** tão brasileira quanto qualquer negra de origem africana...”. É uma forma verbal que se refere a uma forma futura com relação ao passado.
b) “...**pensei** mais uma vez que esse desconhecimento...”. É uma forma verbal que se refere a um fato passado e concluído.
c) “**Traduzo** os poemas por dever de ofício...”. É uma forma verbal que se refere a uma ação futura e cotidiana.
d) “...ninguém **acreditaria**...”. É uma forma verbal que se refere a um fato passado e inconcluso.

8. **IFSul-RS 2017 (Adapt.)** Assinale a alternativa em que o significado da palavra em destaque está **INCORRETAMENTE** interpretado.

- a) “...vontade de **inserir** ali um grãozinho de realidade.” (introduzir)
b) “...dono de um **antiquário** famoso...” (loja de antiguidades)
c) “...alguém exclamou **incrédulo**.” (confiante)
d) “A **culminância** foi a observação de uma crítica berlinense [...]” (auge)

9. IFPE-PE 2019 (Adapt.)



Disponível em: <<http://opsquebrou.blogspot.com/2012/08/respeito-terceira-idade.html>>. Acesso em: 01 out. 2018.

Em um dos balões, há a seguinte sentença: “Queremos dignidade e cuidados”. Assinale a alternativa na qual o verbo destacado possui igual regência a do que aparece sublinhado acima.

- a) Ricardo Moraes preferiu trocar a desaceleração de uma vida inteira de trabalho pelo desafio de recomeçar.
- b) E eles me ensinam muito sobre tecnologia.
- c) O jornalista Ricardo Moraes tinha um sonho.
- d) Eu gosto de organização e de excelente atendimento ao cliente.
- e) Essa empresa prefere os funcionários idosos aos jovens.



Para responder à questão 10, leia o excerto do “Sermão da primeira domingo do Advento”, de Antônio Vieira (1608-1697), pregado na Capela Real em Lisboa no ano de 1650.

Sabei cristãos, sabeis príncipes, sabeis ministros, que se vos há de pedir estreita conta do que fizestes; mas muito mais estreita do que deixastes de fazer. Pelo que fizeram, se não de condenar muitos, pelo que não fizeram, todos. [...]

Desçamos a exemplos mais públicos. Por uma omissão perde-se uma maré, por uma maré perde-se uma viagem, por uma viagem perde-se uma armada, por uma armada perde-se

um Estado: dai conta a Deus de uma Índia, dai conta a Deus de um Brasil, por uma omissão. Por uma omissão perde-se um aviso, por um aviso perde-se uma ocasião, por uma ocasião perde-se um negócio, por um negócio perde-se um reino: dai conta a Deus de tantas casas, dai conta a Deus de tantas vidas, dai conta a Deus de tantas fazendas¹, dai conta a Deus de tantas honras, por uma omissão. Oh que arriscada salvação! [...] Oh que arriscado ofício é o dos príncipes e o dos ministros! Está o príncipe, está o ministro divertido, sem fazer má obra, sem dizer má palavra, sem ter mau nem bom pensamento: e talvez naquela mesma hora, por culpa de uma omissão, está cometendo maiores danos, maiores estragos, maiores destruições, que todos os malfeitores do mundo em muitos anos. O salteador na charneca com um tiro mata um homem; o príncipe e o ministro com uma omissão matam de um golpe uma monarquia. A omissão é o pecado que com mais facilidade se comete e com mais dificuldade se conhece; e o que facilmente se comete e dificilmente se conhece, raramente se emenda. A omissão é um pecado que se faz não fazendo. [...] Mas por que se perdem tantos? Os menos maus perdem-se pelo que fazem, que estes são os menos maus; os piores perdem-se pelo que deixam de fazer, que estes são os piores: por omissões, por negligências, por descuidos, por desatenções, por divertimentos, por vagares, por dilações, por eternidades. Eis aqui um pecado de que não fazem escrupulo os ministros, e um pecado por que se perdem muitos. Mas percam-se eles embora, já que assim o querem: o mal é que se perdem a si e perdem a todos; mas de todos não de dar conta a Deus. Uma das cousas de que se devem acusar e fazer grande escrupulo os ministros, é dos pecados do tempo. Porque fizeram o mês que vem o que se havia de fazer o passado; porque fizeram amanhã o que se havia de fazer hoje; porque fizeram depois o que se havia de fazer agora; porque fizeram logo o que se havia de fazer já. Tão delicadas como isto não de ser as consciências dos que governam, em matérias de momentos. O ministro que não faz grande escrupulo de momentos não anda em bom estado: a fazenda pode-se restituir; a fama, ainda que mal, também se restitui; o tempo não tem restituição alguma.

(Essencial, 2013. Adaptado.)

10. Unesp-SP 2016 Tendo em vista o gênero literário em que se enquadra o texto e os recursos expressivos nele presentes, o verbo que melhor expressa sua finalidade é:

- a) reverenciar.
- b) persuadir.
- c) celebrar.
- d) alegrar.
- e) ludibriar.

Exercícios propostos



Leia o trecho do conto “Pai contra mãe”, de Machado de Assis (1839-1908), para responder à questão 1.

A escravidão levou consigo ofícios e aparelhos, como terá sucedido a outras instituições sociais. Não cito alguns aparelhos senão por se ligarem a certo ofício. Um deles era o ferro ao pescoço, outro o ferro ao pé; havia também a máscara de folha de flandres. A máscara fazia perder o

vício da embriaguez aos escravos, por lhes tapar a boca. Tinha só três buracos, dois para ver, um para respirar, e era fechada atrás da cabeça por um cadeado. Com o vício de beber, perdiam a tentação de furtar, porque geralmente era dos vinténs do senhor que eles tiravam com que matar a sede, e aí ficavam dois pecados extintos, e a sobriedade e a honestidade certas. Era grotesca tal máscara, mas a ordem social e humana nem sempre se alcança sem o grotesco, e

alguma vez o cruel. Os funileiros as tinham penduradas, à venda, na porta das lojas. Mas não cuidemos de máscaras.

O ferro ao pescoço era aplicado aos escravos fujões. Imaginai uma coleira grossa, com a haste grossa também, à direita ou à esquerda, até ao alto da cabeça e fechada atrás com chave. Pesava, naturalmente, mas era menos castigo que sinal. Escravo que fugia assim, onde quer que andasse, mostrava um reincidente, e com pouco era pegado.

Há meio século, os escravos fugiam com frequência. Eram muitos, e nem todos gostavam da escravidão. Sucedia ocasionalmente apanharem pancada, e nem todos gostavam de apanhar pancada. Grande parte era apenas repreendida; havia alguém de casa que servia de padrinho, e o mesmo dono não era mau; além disso, o sentimento da propriedade moderava a ação, porque dinheiro também dói. A fuga repetia-se, entretanto. Casos houve, ainda que raros, em que o escravo de contrabando, apenas comprado no Valongo, deitava a correr, sem conhecer as ruas da cidade. Dos que seguiam para casa, não raro, apenas ladinos, pediam ao senhor que lhes marcasse aluguel, e iam ganhá-lo fora, quitandando.

Quem perdia um escravo por fuga dava algum dinheiro a quem lho levasse. Punha anúncios nas folhas públicas, com os sinais do fugido, o nome, a roupa, o defeito físico, se o tinha, o bairro por onde andava e a quantia de gratificação. Quando não vinha a quantia, vinha promessa: “gratificar-se-á generosamente” – ou “receberá uma boa gratificação”. Muita vez o anúncio trazia em cima ou ao lado uma vinheta, figura de preto, descalço, correndo, vara ao ombro, e na ponta uma trouxa. Protestava-se com todo o rigor da lei contra quem o acoitasse.

Ora, pegar escravos fugidios era um ofício do tempo. Não seria nobre, mas por ser instrumento da força com que se mantêm a lei e a propriedade, trazia esta outra nobreza implícita das ações reivindicadoras. Ninguém se metia em tal ofício por desfastio ou estudo; a pobreza, a necessidade de uma achega, a inaptidão para outros trabalhos, o acaso, e alguma vez o gosto de servir também, ainda que por outra via, davam o impulso ao homem que se sentia bastante rijo para pôr ordem à desordem.

(Contos: uma antologia, 1998.)

1. **Unesp-SP 2018** Quem perdia um escravo por fuga dava algum dinheiro a quem lho **levasse**. (4º parágrafo)

Na oração em que está inserido, o termo destacado é um verbo que pede

- a) apenas objeto direto, representado pelo vocábulo “lho”.
- b) objeto direto e objeto indireto, ambos representados pelo vocábulo “lho”.
- c) objeto direto, representado pelo vocábulo “dinheiro”, e objeto indireto, representado pelo vocábulo “lho”.
- d) apenas objeto indireto, representado pelo vocábulo “quem”.
- e) objeto direto, representado pelo vocábulo “dinheiro”, e objeto indireto, representado pelo vocábulo “quem”.



- Leia o poema de Rubem Braga para responder à questão 2.

E quando nós saímos era a Lua,
Era o vento caído e o mar sereno
Azul e cinza azul anoitecendo
A tarde ruiva das amendoeiras.

E respiramos, livres das ardências
Do sol, que nos levava à sombra cauta
Tangidos pelo canto das cigarras
Dentro e fora de nós exasperadas.

Andamos em silêncio pela praia.
Nos corpos leves e levados ia
O sentimento do prazer cumprido.

Se mágoa me ficou na despedida,
Não fez mal que ficasse, nem doesse –
Era bem doce, perto das antigas.

(Livro de versos, 1998.)

2. **Univag-MT 2021** O verbo sublinhado indica um fato pontual, ocorrido no passado, em:

- a) “Nos corpos leves e levados ia” (3ª estrofe).
- b) “Azul e cinza azul anoitecendo” (1ª estrofe).
- c) “Não fez mal que ficasse, nem doesse” (4ª estrofe).
- d) “E quando nós saímos era a Lua” (1ª estrofe).
- e) “Era bem doce, perto das antigas” (4ª estrofe).



- Leia o poema de Ferreira Gullar e responda à questão 3.

Morte de Clarice Lispector

enquanto te enterravam no cemitério judeu
do Caju
(e o clarão de teu olhar soterrado
resistindo ainda)
o táxi corria comigo à borda da Lagoa
na direção de Botafogo
as pedras e as nuvens e as árvores
no vento
mostravam alegremente
que não dependem de nós.

(GULLAR, Ferreira. Melhores poemas de Ferreira Gullar. 7 ed. Seleção de Alfredo Bosi. São Paulo: Global, 2004. p. 153).

3. **UFMS-MS 2018** Qual é a transitividade das formas verbais “mostravam” e “dependem”, respectivamente, presentes nos dois últimos versos do poema?

- a) Verbo transitivo direto e verbo transitivo indireto.
- b) Verbo transitivo direto e verbo intransitivo.
- c) Verbo intransitivo e verbo transitivo indireto.
- d) Verbo transitivo indireto e verbo transitivo direto e indireto.
- e) Verbo intransitivo e verbo transitivo direto.

4. IFPE-PE 2020 Observe o segundo quadrinho.



BECK, Alexandre. Disponível em: <<http://tirasarmandinho.tumblr.com>>. Acesso em: 27 out. 2019.

Oração 1 – Porque não cuida da sua vida?... Guri!

Oração 2 – Estou cuidando!

Sabendo que o verbo “cuidar”, no sentido em que aparece no texto, é transitivo indireto, é CORRETO afirmar que, na oração 2, o verbo utilizado

- a) também é transitivo indireto, levando em conta que uma parte da Oração 2 está oculta.
- b) é intransitivo, ou seja, não necessita de complemento verbal.
- c) é transitivo direto, já que não exige preposição.
- d) é, ao mesmo tempo, transitivo direto e indireto, pois aceita qualquer tipo de complemento verbal.
- e) pode variar a transitividade dependendo da oração apresentada no 3º quadrinho.



Leia o texto de Georges Jean para responder à questão 5.

A história do antigo Egito teria ficado, sem dúvida, em grande parte desconhecida ou obscura, se Champollion e os egiptólogos não tivessem penetrado no segredo da escrita “hieroglífica” que recobre os inumeráveis monumentos do vale e do delta do Nilo.

Esta escrita, ao contrário da cuneiforme – austera, geométrica, abstrata –, é fascinante, poética e realmente viva. Porque é feita de desenhos admiravelmente estilizados: cabeças humanas, pássaros, animais diversos, plantas e flores.

Sumérios e egípcios habitavam a mesma região do mundo e suas civilizações apresentavam muitos pontos em comum. Por essa razão, os pesquisadores ainda se interrogam sobre eventuais equivalências entre os pictogramas de uns e os hieróglifos de outros. Contudo, por enquanto, ainda se está no terreno das hipóteses e a pesquisa está longe de ser concluída.

Segundo os antigos egípcios, foi o próprio deus Thot quem teria criado a escrita, dando-a depois aos homens. A palavra “hieróglifo”, que designa os caracteres da escrita egípcia, significa, de fato, “escrita dos deuses” (do grego *hieros*, “sagrado”, e *gluphein*, “gravar”).

Os primeiros documentos contendo inscrições em hieróglifos remontam ao terceiro milênio a.C.; porém, parece que a escrita surgiu antes. Em todo caso, não sofreu nenhuma transformação notável até aproximadamente 390 d.C., nem mesmo quando o Egito estava sob o domínio romano. Simplesmente, o número de símbolos cresceu, passando de setecentos a cinco mil, no momento da ocupação romana.

(A escrita: memória dos homens, 2008. Adaptado.)

5. Uefs-BA 2018 Assinale a alternativa em que o verbo sublinhado é transitivo direto e indireto.

- a) “o número de símbolos cresceu, passando de setecentos a cinco mil” (5º parágrafo)
- b) “a pesquisa está longe de ser concluída” (3º parágrafo)
- c) “que recobre os inumeráveis monumentos do vale e do delta do Nilo” (1º parágrafo)
- d) “foi o próprio deus Thot quem teria criado a escrita, dando-a depois aos homens” (4º parágrafo)
- e) “Em todo caso, não sofreu nenhuma transformação notável até aproximadamente 390 d.C.” (5º parágrafo)

6. Uece-CE 2017

Grito

Quadro que fundou o expressionismo nasceu de um ataque de pânico.

Edvard Munch nasceu em 1863, mesmo ano em que *O piquenique no bosque*, de Édouard Manet, era exposto no Salão dos Rejeitados, chamando a atenção para um movimento 5 que nem nome tinha ainda. Era o impressionismo, superando séculos de pintura acadêmica. Os impressionistas deixaram o realismo para a fotografia e se focaram no que ela não podia mostrar: as sensações, a parte subjetiva do que se vê.

Crescendo durante essa revolução, Munch – que, 10 aliás, também seria fotógrafo – achava a linguagem dos impressionistas superficial e científica, discreta demais para expressar o que sentia. E ele sentia: Munch tinha uma história familiar trágica: perdeu a mãe e uma irmã na infância, teve outra irmã que passou a vida em asilos 15 psiquiátricos. Tornou-se artista sob forte oposição do pai, que morreria quando Munch tinha 25 anos e o deixaria na pobreza. O artista sempre viveu na boemia, entre bebedeiras, brigas e romances passageiros, tornando-se amigo do filósofo niilista Hans Jæger, que acreditava que o suicídio 20 era a forma máxima da libertação.

Fruto de suas obsessões, *O Grito* não foi seu primeiro quadro, mas o que o tornaria célebre. A inspiração veio do que parece ter sido um ataque de pânico, que ele escreveu em seu diário, pouco mais de um ano antes do quadro: 25 “Estava andando por um caminho com dois amigos – o sol estava se pondo – quando, de repente, o sol tornou-se vermelho como o sangue. Eu parei, sentindo-me exausto, e me encostei na cerca – havia sangue e línguas de fogo sobre o fiorde negro e a cidade. Meus amigos continuaram 30 andando, e eu fiquei lá, tremendo de ansiedade – e senti um grito infinito atravessando a natureza”.

Ali nasceria um novo movimento artístico. *O Grito* seria a pedra fundadora do expressionismo, a principal vanguarda alemã dos anos 1910 aos 1930.

(Aventuras na História)

O verbo “nascer” em “Ali nasceria um novo movimento artístico” (linha 32) significa

- a) começar a crescer, a brotar.
- b) tomar forma, instituir-se.
- c) gerar-se, ter surgimento, passar a existir.
- d) aparecer, sair.

7. Unimontes-MG 2017

Apesar de tecnologias, o livro impresso é o preferido de muitos leitores

Cassiano Cavalheiro

Apesar de concorrer com novas tecnologias, o bom e velho livro impresso segue com lugar garantido na prateleira e nos corações de quem lê.

“A leitura de textos impressos exercita faculdades 5 lógicas e críticas. Ler na tela de um computador não é ler... Ler através do papel, do alfabeto no papel traz individualismo, identidade privada, desenvolve senso crítico, objetividade...”

A afirmação é do teórico da Comunicação e pesquisador 10 Eric McLuhan, filho do também teórico Marshall McLuhan (1911-1980) – considerado o profeta da globalização e autor da máxima “o meio é a mensagem” e do termo “aldeia global”. [...]

Apesar de a concorrência ser grande, o bom e velho 15 livro de papel ainda tem lugar garantido no coração e nas prateleiras de quem o compra. Na era dos celulares e de seus aplicativos, da Netflix, dos e-books e do Kindle, as obras impressas continuam sendo objeto de desejo.

Prova disso é o número de obras vendidas até agora 20 na Feira do Livro de Santa Maria. Conforme a Câmara do Livro, responsável pela organização do evento, foram mais de 20 mil títulos comercializados em menos de uma semana. O resultado é considerado “dentro da média” para o contexto atual, segundo Télcio Brezolin, organizador 25 da feira. [...]

Télcio acredita que, independentemente dos números, os livros virtuais e físicos vão seguir coexistindo, cada um com suas vantagens. Ele diz que sempre quando é questionado sobre o assunto, retruca com outra 30 pergunta “você daria de presente a alguém querido um livro virtual?”

– Até hoje, não encontrei ninguém que respondesse sim. O livro físico é um bem. Hoje ele está aqui e, daqui a 200 anos, vai seguir existindo, e pode ser útil para 35 alguém. Não temos como prever o futuro. As vendas do impresso poderão até diminuir, mas não acredito no fim – opina Télcio.

Desde a popularização da internet, nos anos 2000, e da disponibilização dos livros virtuais, fala-se sobre o fim 40 do fim do livro físico. Motivados pela discussão, os autores Umberto Eco (1932-2016), semiólogo e romancista, e Jean Claude-Carrière, cineasta, roteirista e ator, escreveram a obra *Não Contem Com o Fim do Livro*, da editora Record. Nele, os autores discutem a situação das obras impressas 45 hoje e seu futuro. Fazem uma defesa da leitura, da cultura e da civilização, abordando o livro como objeto, conceito e ferramenta humana, imperecível.

– O livro, para mim, é como uma colher, um machado, uma tesoura, esse tipo de objeto que, uma vez 50 inventado, não muda jamais. Continua o mesmo e é difícil de ser substituído. O livro ainda é o meio mais fácil de transportar informação – afirmou Eco, em entrevista ao Estadão, na época do lançamento da publicação. [...]

– Quem poderia afirmar, anos atrás, que não teríamos hoje computadores capazes de ler os antigos disquetes? E que, ao contrário, temos livros que sobrevivem há mais de cinco séculos? – questionou Eco na mesma entrevista.

No livro, ele trata o tema com bom humor e otimismo, 60 conforme o trecho: “Os usos e costumes coexistem e nada nos apetece mais do que alargar o leque dos possíveis. O filme matou o quadro? A televisão o cinema? Boas-vindas então às pranchetas e periféricos de leitura que nos dão acesso, através de uma única tela, à biblioteca universal 65 doravante digitalizada”.

Dóris Pires Vargas Bolzan, professora [...] da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), admite que a tecnologia revolucionou o acesso aos livros em um período em que o livro físico ainda custa caro. Apesar disso, 70 ela vislumbra uma coexistência harmônica entre o clássico e o novo.

– Meu nível de atenção, meu envolvimento e o tempo que eu dedico à leitura de um livro físico é maior comparado ao virtual. A tela tem iluminação, o olho tolera 75 menos tempo que no papel – relata Dóris sobre algumas de suas preferências.

A professora observa isso em seus alunos e até em casa, com os hábitos de seus filhos.

– Eles compram livros, têm sempre um por perto. Então, a leitura pelo celular, *tablet* ou computador não é uma unanimidade, é uma opção de acesso, mas, quando as pessoas podem, elas querem carregar e adquirir – acredita.

Dóris ressalta a relação de poder e satisfação pessoal em ter um livro.

- 85 – O ter um livro está ligado ao empoderamento para o indivíduo. Você poder carregá-lo tem uma relevância cultural, a gente percebe que é um ato de valor e de riqueza ter acesso. Existe uma relação de cumplicidade, social e pessoal, ao carregar um livro. Você escolhe, vai à biblioteca, leva para casa, depois devolve, é um contexto que é importante – exemplifica.

Disponível em: <<http://diariodesantamaria.clicrbs.com.br/rs/cultura-e-lazer/noticia/2017/05/apesar-de-tecnologias-o-livro-impresso-e-o-preferido-de-muitos-leitores-9787272.html>>. Publicado em: 6 maio 2017. Atualizado em: 7 maio 2017. Acesso em: 18 set. 2017. Adaptado.

Em qual dos enunciados a seguir, em que se encontram escolhas distintas de usos do operador **ter**, em destaque, houve um **uso impróprio**, de acordo com o seu pertencimento habitual, esperado, que é ser da **classe dos verbos**?

- a) “– O **ter** um livro está ligado ao empoderamento para o indivíduo.” (linhas 85-86).
b) “– Eles compram livros, **têm** sempre um por perto.” (linha 79).
c) “– Quem poderia afirmar, anos atrás, que não **teríamos** hoje computadores capazes de ler os antigos disquetes?” (linhas 54-56).
d) “Apesar de a concorrência ser grande, o bom e velho livro de papel ainda **tem** lugar garantido no coração e nas prateleiras de quem o compra.” (linhas 14-16).

8. **Ufam-AM 2019** Leia a frase a seguir:

“Nosso amigo Tenório não só **criou** a maior editora da cidade, como ainda **troux**e, para nela trabalhar, revisores competentes de outros locais.”

Transpondo os verbos em destaque para o futuro do pretérito, eles assumem, respectivamente, as seguintes formas:

- a) criava – trazia
b) criará – trará
c) criaria – traria
d) criara – trouxera
e) criará – trouxera

9. **Unesp-SP 2021** Para responder à questão, leia a crônica “A obra-prima”, de Lima Barreto, publicada na revista *Careta* em 25.09.1915.

Marco Aurélio de Jesus, dono de um grande talento e senhor de um sólido saber, resolveu certa vez escrever uma obra sobre filologia.

Seria, certo, a obra-prima ansiosamente esperada e que daria ao espírito inculto dos brasileiros as noções exatas da língua portuguesa. Trabalhou durante três anos, com esforço e sabiamente. Tinha preparado o seu livro que viria trazer à confusão, à dificuldade de hoje, o saber de amanhã. Era uma obra-prima pelas generalizações e pelos exemplos.

A quem dedicá-la? Como dedicá-la? E o prefácio?

E Marco Aurélio resolve meditar. Ao fim de igual tempo havia resolvido o difícil problema.

A obra seria, segundo o velho hábito, precedida de “duas palavras ao leitor” e levaria, como demonstração de sua submissão intelectual, uma dedicatória.

Mas “duas palavras”, quando seriam centenas as que escreveria? Não. E Marco Aurélio contou as “duas palavras” uma a uma. Eram duzentas e uma e, em um lance único, genial, destacou em relevo, ao alto da página “duzentas e uma palavras ao leitor”.

E a dedicatória? A dedicatória, como todas as dedicatórias, seria a “pálida homenagem” de seu talento ao espírito amigo que lhe ensinara a pensar...

Mas “pálida homenagem”... Professor, autor de um livro de filologia, cair na vulgaridade da expressão comum: “pálida homenagem”? Não. E pensou. E de sua grave meditação, de seu profundo pensamento, saiu a frase límpida, a grande frase que definia a sua ideia da expressão e, num gesto, sulcou o alto da página de oferta com a frase sublime: “lívida homenagem do autor”...

Está aí como um grande gramático faz uma obra-prima. Leiam-na e verão como a coisa é bela.

(*Sátiras e outras subversões*, 2016.)

O cronista narra uma série de fatos ocorridos no passado. Um fato anterior a esse tempo passado está indicado pela forma verbal sublinhada em

- a) “Eram duzentas e uma e, em um lance único, genial, destacou em relevo, ao alto da página ‘duzentas e uma palavras ao leitor.’” (6º parágrafo)
b) “A obra seria, segundo o velho hábito, precedida de ‘duas palavras ao leitor’ e levaria, como demonstração de sua submissão intelectual, uma dedicatória.” (5º parágrafo)
c) “A dedicatória, como todas as dedicatórias, seria a ‘pálida homenagem’ de seu talento ao espírito amigo que lhe ensinara a pensar...” (7º parágrafo)
d) “E Marco Aurélio resolve meditar.” (4º parágrafo)
e) “Leiam-na e verão como a coisa é bela.” (9º parágrafo)

10. **Enem 2018**



Disponível em: www.sul21.com.br. Acesso em: 1 dez. 2017 (adaptado).

Nesse texto, busca-se convencer o leitor a mudar seu comportamento por meio da associação de verbos no modo imperativo à

- a) indicação de diversos canais de atendimento.
- b) divulgação do Centro de Defesa da Mulher.
- c) informação sobre a duração da campanha.
- d) apresentação dos diversos apoiadores.
- e) utilização da imagem das três mulheres.

11. Famema-SP 2021

O criminoso pode alegar que foi o segundo eu o autor do crime.

(Carlos Drummond de Andrade. O avesso das coisas, 1990.)

Transpondo-se para a voz passiva a oração centrada na locução verbal sublinhada, surge a forma verbal:

- a) pôde ser alegado.
- b) pode alegar.
- c) é alegado.
- d) pode ser alegado.
- e) foi alegado.



Leia o trecho do livro *Bem-vindo ao deserto do real!*, de Slavoj Žižek, para responder à questão 12.

Numa antiga anedota que circulava na hoje falecida República Democrática Alemã, um operário alemão consegue um emprego na Sibéria; sabendo que toda correspondência será lida pelos censores, ele combina com os amigos: “Vamos combinar um código: se uma carta estiver escrita em tinta azul, o que ela diz é verdade; se estiver escrita em tinta vermelha, tudo é mentira.” Um mês depois, os amigos recebem uma carta escrita em tinta azul: “Tudo aqui é maravilhoso: as lojas vivem cheias, a comida é abundante, os apartamentos são grandes e bem aquecidos, os cinemas exibem filmes do Ocidente, há muitas garotas, sempre prontas para um programa – o único senão é que não se consegue encontrar tinta vermelha.” Neste caso, a estrutura é mais refinada do que indicam as aparências: apesar de não ter como usar o código combinado para indicar que tudo o que está dito é mentira, mesmo assim ele consegue passar a mensagem. Como? Pela introdução da referência ao código, como um de seus elementos, na própria mensagem codificada.

(Bem-vindo ao deserto do real!, 2003.)

12. Unesp-SP 2018

“Um mês depois, os amigos recebem uma carta escrita em tinta azul [...].”

Assinale a alternativa que expressa, na voz passiva, o conteúdo dessa oração.

- a) Um mês depois, uma carta escrita em tinta azul é recebida pelos amigos.
- b) Os amigos deveriam ter recebido, um mês depois, uma carta escrita em tinta azul.
- c) Um mês depois, uma carta escrita em tinta azul foi recebida pelos amigos.
- d) Um mês depois, uma carta escrita em tinta azul é recebida pelos amigos.
- e) Os amigos receberiam, um mês depois, uma carta escrita em tinta azul.



Leia o início do conto “Músculos e nervos”, de Aluísio Azevedo, para responder à questão 13.

Terminava a primeira parte do espetáculo, quando D. Olímpia entrou no circo, pelo braço do pai.

Havia grande enchente. O público vibrava ainda sob a impressão do último trabalho exibido, que devia ter sido maravilhoso, porque o entusiasmo explodia por toda a plateia e de todos os lados gritavam ferozmente: “Scott! À cena Scott!” Dois sujeitos de libré azul com alamares dourados conduziam para o interior do teatro um cavalo que acabava de servir. Muitos espectadores, de chapéu no alto da cabeça, estavam de pé e batiam com a bengala nas costas das cadeiras; as cocotes pareciam loucas e soltavam guinchos, que ninguém entendia; das galerias trovejava um barulho infernal, e, por entre aquela descarga atrozadora, só o nome do idolatrado acrobata sobressaía, exclamado com delírio por mil vozes.

— Scott! Scott!

Olímpia sentiu-se aturdida; o pai, no íntimo, arrependia-se de lhe ter feito a vontade, consentindo em levá-la ao circo, mas o médico recomendara tanto que não a contrariassem... e ela havia mostrado tanto empenho no capricho de ir aquela noite ao Politeama...

De repente, um grito uníssono partiu da multidão. Estalaram as palmas com mais ímpetus; choveram chapéus; arremessaram-se leques e ramalhetes, Scott havia reaparecido.

— Bravo! Bravo, Scott!

E os aplausos recrudesceram ainda.

O ginasta, que entrara de carreira, parou em meio da arena, apumou o corpo, sacudiu a cabeleira anelada, e, voltando-se para a direita e para a esquerda, atirava beijos, sorrindo, no meio daquela tempestade gloriosa.

(Demônios, 2007.)

13. UNIVAG-MT 2021

Dois sujeitos de libré azul com alamares dourados conduziam para o interior do teatro um cavalo que acabava de servir. (2º parágrafo)

Transpondo-se para a voz passiva a oração centrada no verbo sublinhado, surge a forma verbal:

- a) é conduzido.
- b) eram conduzidos.
- c) foi conduzido.
- d) era conduzido.
- e) são conduzidos.

14. UFGD-MS 2019

Assinale a alternativa com as palavras que preenchem correta e respectivamente as lacunas no período a seguir.

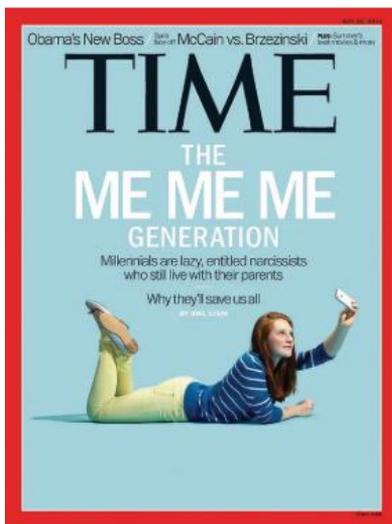
_____ alguns dias, _____ nesse local obras de arte valiosas. Hoje, só _____ escombros de um incêndio que chocou a todos.

- a) Fazem, havia, existe
- b) Fazem, havia, existe
- c) Fazem, haviam, existem
- d) Faz, haviam, existe
- e) Faz, havia, existem

15. **FPS-PE 2018** Em relação às normas prescritas pela gramática da norma culta do português, quanto à concordância verbal, está corretamente elaborado o seguinte enunciado:

- Qual dos determinantes da saúde incluem o ambiente social e econômico, o ambiente físico e e os comportamentos individuais da pessoa?
- As amplas definições da saúde humana funciona como uma meta para os serviços de saúde por estimular a formação de novos hábitos.
- Nenhum dos contextos sociais de nossas regiões urbanas dispensa o cuidado com a promoção de um efetivo saneamento básico.
- Quando a definição da OMS foi divulgada, haviam sérias preocupações em definir a saúde de uma forma mais positiva.
- Os contextos sociais em que cada indivíduo vive é de grande importância para a sua saúde e para a sua qualidade de vida.

16. **UPE-PE 2017**



Capa da Revista Time, edição de 20/05/13. Disponível em: <http://time.com/247/millennials-the-me-me-me-generation>. Acesso em: 03/06/17.

Geração “me me me”

- Eles são narcisistas e possuem uma autoconfiança invejável. Os que pertencem às gerações anteriores costumam dizer que são preguiçosos, mimados e até mesmo egoístas.
- Eles não largam o celular e costumam expor suas vidas, opiniões e sentimentos nas redes sociais. Estão conectados 24 horas por dia, 7 dias por semana. Eles, definitivamente, assustam as gerações que os antecederam; fazem parte de uma geração incompreendida.
- Mas afinal, quem são eles? Estamos falando daqueles que nasceram entre 1980 e 2000 e fazem parte da geração Y, ou da “**Millennial Generation**”. Uma geração polêmica, que se tornou foco de grandes estudos e pesquisas ao redor do mundo.
- Uma pesquisa do National Institutes of Health apontou que a presença do narcisismo entre jovens da geração Y é três vezes maior, se comparada com a da geração que hoje tem 65 anos ou mais. 58% dos respondentes foram

classificados com nível “alto” de narcisismo. Veja, abaixo, os resultados de algumas perguntas que compuseram o questionário:

- 40% dos jovens entrevistados afirmaram que esperam ser promovidos no trabalho, independente de seu desempenho;
 - 60% deles acreditam possuir opiniões corretas e estão certos de sua posição. São extremamente autoconfiantes;
 - o percentual de jovens entre 18 e 29 que vive com os pais é superior, se comparado a outras gerações. Eles saem mais tarde de casa;
 - em 1982, 80% dos jovens com menos de 23 anos estavam interessados em assumir cargos profissionais de grande responsabilidade. Em pesquisa realizada em 2002, esse percentual caiu para 60%.
- Devido à globalização, à internet e, principalmente, às redes sociais, os jovens pertencentes à geração Y acabaram assumindo um perfil único, que independe de seu local de origem. Pelo egocentrismo que marca essa geração, eles também foram classificados como “Me, Me, Me Generation”, expressão que dá a ideia perfeita da supervalorização do ego.
 - Esse grau extremo de autoconfiança torna-se um desafio para pais e educadores. Ao incentivar a autoestima do jovem, é importante que não se estimule, por acidente, o narcisismo. Há diferentes maneiras de trabalhar a autoconfiança. O jovem deve entender que não é detentor de toda a verdade; também precisa ser questionado, e não apenas elogiado. É preciso impor limites.
 - O professor americano David McCullough Jr. ficou famoso pelo discurso que preparou à sua turma de alunos do ensino médio. Durante a cerimônia de formatura, ele fez questão de ressaltar aos jovens ali presentes que eles não eram especiais, e ainda destacou que crianças mimadas podem resultar em adultos fracassados. O discurso foi filmado e, ao ir para o Youtube, teve mais de 2 milhões de views.
 - O discurso de McCullough virou fonte de inspiração para pais e educadores, e o professor – que do dia para a noite ganhou imensa popularidade – afirma que não menosprezava seus jovens alunos, mas julgava necessário alertá-los. “Em 26 anos ensinando adolescentes, pude ver como eles crescem cercados por adultos que os tratam como preciosidades”.
 - Dizer aos jovens que eles não são tão especiais quanto acreditam ser não deve ser visto como uma forma de menosprezo ou desestímulo à autoestima e autoconfiança, mas, sim, como uma atitude fundamental, que visa despertar o questionamento e a percepção do jovem, levando-o para além de seu universo particular (e sempre tão protegido).
 - O mundo desafia e, por isso, é tão importante manter os pés no chão e evitar construções irrealistas do nosso próprio “eu”.

Publicado em: 07/08/2013, por Carolina Prestes Yrula. Disponível em: <https://cadernodia.wordpress.com/2013/08/07/geracao-me-me-me>. Acesso em: 03/06/2017. Adaptado.

No que se refere ao emprego de algumas formas verbais, assinale a alternativa **CORRETA**.

- No trecho “Os que pertencem às gerações anteriores costumam dizer que são preguiçosos, mimados e até mesmo egoístas.” (1º parágrafo), a forma verbal destacada indica alta frequência da ação expressa no verbo “dizer”.

- b) No trecho “58% dos respondentes foram classificados com nível “alto” de narcisismo.” (4º parágrafo), o emprego da locução destacada indica que a ação de “classificar” ainda está em curso, no momento presente.
- c) No trecho “os jovens pertencentes à geração Y acabaram assumindo um perfil único” (5º parágrafo), a forma verbal destacada indica a efemeridade da ação expressa em “assumir”.
- d) Com a forma verbal destacada no trecho: “O jovem deve entender que não é detentor de toda a verdade” (6º parágrafo), a autora pretendeu expressar que a ação de “entender” é uma probabilidade.
- e) Ao empregar a forma verbal destacada no trecho “e ainda destacou que crianças mimadas podem resultar em adultos fracassados.” (7º parágrafo), a autora pretendeu expressar obrigatoriedade da ação de “resultar”.

17. Uece-CE 2016

Duelo antes da noite

No caminho a menina pegou uma pedra e atirou-a longe, o mais que pôde. O menino puxava a sua mão e reclamava da vagareza da menina. Deviam chegar até a baixa noite a Encantado, e o menino sabia que ele era responsável pela menina e deveria manter uma disciplina. Que garota chata, ele pensou. Se eu fosse Deus, não teria criado as garotas, seria tudo homem igual a Deus. A menina sentia-se puxada, reclamada, e por isso emitia uns sons de ódio: graças a Deus que eu não preciso dormir no mesmo quarto que você, graças a Deus que eu não vou morar nunca mais com você. Vamos e não resmungue, exclamou o menino. E o sol já não estava sumindo? Isso nenhum dos dois perguntava porque estavam absortos na raiva de cada um. A estrada era de terra e por ela poucos passavam. Nem o menino nem a menina notavam que o sol começava a se pôr e que os verdes dos matos se enchiam cada vez mais de sombras. Quando chegassem a Encantado o menino poria ela no Opala do prefeito e ela nunca mais apareceria. Ele não gosta de mim, pensou a menina cheia de gana. Ele deve estar pensando: o mundo deveria ser feito só de homens, as meninas são umas chatas. O menino cuspiu na areia seca. A menina pisou sobre a saliva dele e fez assim com o pé para apagar o cuspe. Até que ficou evidente a noite. E o menino disse a gente não vai parar até chegar em Encantado, agora eu proíbo que você olhe pros lados, que se atrase. A menina não queria chorar e prendia-se por dentro porque deixar arrebentar uma lágrima numa hora dessas é mostrar muita fraqueza, é mostrar-se muito menina. E na curva da estrada começaram a aparecer muitos caminhões apinhados de soldados e a menina não se conteve de curiosidade. Para onde vão esses soldados? — ela balbuciou. O menino respondeu ríspido. Agora é hora apenas de caminhar, de não fazer perguntas, caminha! A menina pensou eu vou parar, fingir que torci o pé, eu vou parar. E parou. O menino sacudiu-a pelos ombros até deixá-la numa vertigem escura. Depois que a sua visão voltou a adquirir o lugar de tudo, ela explodiu chamando-o de covarde. Os soldados continuavam a passar em caminhões paquidérmicos. E ela não chorava, apenas um único soluço seco. O menino gritou

40 então que ela era uma chata, que ele a deixaria sozinha na estrada que estava de saco cheio de cuidar de um traste igual a ela, que se ela não soubesse o que significa traste, que pode ter certeza que é um negócio muito ruim. A menina fez uma careta e tremeu de fúria. Você é o culpado de tudo isso, a menina gritou. Você é o único culpado de tudo isso. Os soldados continuavam a passar. Começou a cair o frio e a menina tiritou balançando os cabelos molhados, mas o menino dizia se você parar eu te deixo na beira da estrada, no meio do caminho, você não é nada minha, não é minha irmã, não é minha vizinha, não é nada. E Encantado era ainda a alguns lerdos quilômetros. A menina sentiu que seria bom se o encantado chegasse logo para se ver livre do menino. Entraria no Opala e não olharia uma única vez pra trás para se despedir daquele chato. Encantado apareceu e tudo foi como o combinado. Doze e meia da noite e o Opala esperava a menina parado na frente da igreja. Os dois se aproximaram do Opala tão devagarinho que nem pareciam crianças. O motorista bigodudo abriu a porta traseira e falou: pode entrar, senhorita. Senhorita... 60 o menino repetia para ele mesmo. A menina se sentou no banco traseiro. Quando o carro começou a andar, ela falou bem baixinho: eu acho que vou virar a cabeça e olhar pra ele com uma cara de nojo, vou sim, vou olhar. E olhou. Mas o menino sorria. E a menina não resistiu e sorriu também. 65 E os dois sentiram o mesmo nó no peito.

Leia com atenção o trecho transcrito a seguir:

No caminho a menina pegou uma pedra e atirou-a longe, o mais que pôde. O menino puxava a sua mão e reclamava da vagareza da menina. Deviam chegar até a baixa noite a Encantado, e o menino sabia que ele era responsável pela menina e deveria manter uma disciplina. Que garota chata, ele pensou. (linhas 1-6)

Atente ao que se diz sobre os verbos desse excerto.

- I. O pretérito imperfeito (do indicativo), empregado no texto, em vez de reportar-se ao passado, parece neutralizar o valor desse passado, dando a impressão de que as ações se realizam ou pelo menos se estendem ao momento da fala.
- II. Os verbos no pretérito perfeito do indicativo indicam que a ação ou as ações que estão sendo narradas aconteceram antes do momento em que fala o enunciador (narrador). Não é por acaso que os contos tradicionais são narrados nesse tempo verbal.
- III. O verbo “dever”, que exprime obrigação, usado como auxiliar em uma locução verbal, tem o papel de modalizar o enunciado em que aparece (isto é, mostrar a relação do falante com o conteúdo daquilo que expressa). No enunciado em análise, o verbo “dever” aparece duas vezes como auxiliar nas seguintes locuções verbais: “deviam chegar” e “deveria manter”. A primeira, em virtude de “dever” estar no presente do indicativo, causa impressão de que o enunciador assume como certo o que diz o enunciado (sem dúvida eles devem “chegar até a baixa noite a Encantado”). Já a segunda, em virtude de o verbo “dever” vir no futuro do pretérito, produz a impressão de que o enunciador assume com reservas o conteúdo do seu enunciado.

Está correto o que se diz em

- a) I, II e III.
- b) I e II apenas.
- c) I e III apenas.
- d) II e III apenas.



Leia o texto musical “Trem-bala”, de Ana Vilela, e responda à questão 18.

Trem-bala

Ana Vilela

Não é sobre ter todas as pessoas do mundo pra si
É sobre saber que em algum lugar alguém zela por ti
É sobre cantar e poder escutar mais do que a própria voz
É sobre dançar na chuva de vida que cai sobre nós

É saber se sentir infinito
Num universo tão vasto e bonito, é saber sonhar
Então fazer valer a pena
Cada verso daquele poema sobre acreditar

Não é sobre chegar no topo do mundo e saber que venceu
É sobre escalar e sentir que o caminho te fortaleceu
É sobre ser abrigo e também ter morada em outros
[corações]

E assim ter amigos contigo em todas as situações

A gente não pode ter tudo
Qual seria a graça do mundo se fosse assim?
Por isso eu prefiro sorrisos
E os presentes que a vida trouxe pra perto de mim

Não é sobre tudo que o seu dinheiro é capaz de comprar
E sim sobre cada momento, sorriso a se compartilhar
Também não é sobre correr contra o tempo pra ter
[sempre mais]

Porque quando menos se espera, a vida já ficou pra trás

Segura teu filho no colo
Sorria e abraça os teus pais enquanto estão aqui
Que a vida é trem-bala, parceiro
E a gente é só passageiro prestes a partir

Laiá, laiá, laiá, laiá, laiá
Laiá, laiá, laiá, laiá, laiá

Segura teu filho no colo
Sorria e abraça os teus pais enquanto estão aqui
Que a vida é trem-bala, parceiro
E a gente é só passageiro prestes a partir

Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/ana-vilela/trembala/>>.
Acesso em: 8 out. 2018.

18. **IFTO-TO 2019** No fragmento “É sobre cantar e poder escutar mais do que a própria voz”, de acordo com a desinência verbal, podemos afirmar que os verbos **cantar**, **poder** e **escutar** estão:

- a) Na forma nominal do verbo no gerúndio.
- b) Na forma nominal do verbo no particípio.
- c) Na forma nominal do verbo no modo imperativo afirmativo.
- d) Na forma nominal do verbo no modo imperativo negativo.
- e) Na forma nominal do verbo no infinitivo.

19. **Ufam-AM 2018** Assinale a alternativa em que a forma verbal grifada **NÃO** se encontra corretamente conjugada:

- a) A humanidade pode se dar por feliz, porque, mesmo após duas sangrentas guerras, reouve o seu cabedal cultural e científico.
- b) As primitivas tribos humanas poderiam viver em harmonia; no entanto, se desavieram até a extinção de “muitas delas.”
- c) As técnicas agrícolas e pecuárias proveem as necessidades humanas na atualidade; o problema da fome se encontra, portanto, em outra esfera.
- d) Em torno de 1850, Karl Marx interviewu decisivamente na economia, predizendo a ocorrência de um conflito entre proletariado e capitalistas.
- e) Quando eu vir as coisas melhorarem na política, anunciarei a todos a grande e surpreendente novidade.



Textos para a questão 20.

Texto I

Em Bacurau, vilarejo fictício no meio do nada que recebe o nome de um pássaro “brabo” de hábitos noturnos, o sertão é também o centro do país. Bacurau cheira a morte. A primeira sequência da longa é a passagem de um caminhão-pipa que atropela caixões pelo caminho. No povoado isolado, mas hiperconectado à internet, os moradores, com uma grande variedade de gêneros, raças e sexualidades, vivem sem água e escondem-se quando o prefeito em campanha pela reeleição chega para distribuir mantimentos vencidos, e despejar livros velhos em frente à escola local. Aí já começa a resistência: em meio à penúria, os moradores organizam-se e ajudam-se entre si. Quando o vilarejo literalmente desaparece dos mapas digitais e a comunidade perde a conexão com a internet, a presença de forasteiros coincide com o misterioso aparecimento de cadáveres crivados à bala e Bacurau vive uma carnificina.

(Adaptado de Joana Oliveira, Em ‘Bacurau’, é lutar ou morrer no sertão que espelha o Brasil. El País. Disponível em https://brasil.elpais.com/brasil/2019/08/20/cultura/1566328403_365611.html. Acessado em 20/10/2019.)

Texto II

Bacuralizar

verbo transitivo direto

1. autogovernar-se em comunidade, fazer a própria gestão dos recursos e serviços que deveriam ser oferecidos pelo estado, sem a ajuda de empresas ou de parcerias público-privadas.

2. entricheirar-se em suas comunidades como forma de defesa à máquina de matar do estado.

(Adaptado do Instagram de Lia de Itamaracá. Disponível em <https://www.instagram.com/tag/LiaDeltamaraca>. Acessado em 20/10/2019.)

20. **Unicamp 2020 (Adapt.)**

- a) Explique por que o verbo “bacuralizar” é um neologismo e qual é o processo de formação dessa palavra. Por que podemos identificar que se trata de um verbo?
- b) Considere as informações sobre o enredo do filme *Bacurau* presentes no texto I e sobre o papel

do Estado na vida da comunidade no texto II. A partir dessas informações, crie um exemplo do uso de “bacuralizar” para cada acepção da palavra registrada no texto II.

21. IME-RJ 2019

Becos de Goiás

- Beco da minha terra...
Amo tua paisagem triste, ausente e suja.
Teu ar sombrio. Tua velha umidade andrajosa.
Teu lodo negro, esverdeado, escorregadio.
- 5 E a réstia de sol que ao meio-dia desce, fugidia,
e semeia polmes dourados no teu lixo pobre,
calçando de ouro a sandália velha,
jogada no teu monturo.
- 10 Amo a prantina silenciosa do teu fio de água,
descendo de quintais escusos
sem pressa,
e se sumindo depressa na brecha de um velho cano.
Amo a avenca delicada que renasce
na frincha de teus muros empenados,
15 e a plantinha desvalida, de caule mole
que se defende, viceja e floresce
no agasalho de tua sombra úmida e calada.
- Amo esses burros-de-lenha
que passam pelos becos antigos. Burrinhos dos morros,
secos, lanzudos, malzelados, cansados, pisados.
20 Arrochados na sua carga, sabidos, procurando a sombra,
no range-range das cangalhas.
- E aquele menino, lenheiro ele, salvo seja.
Sem infância, sem idade.
- 25 Franzino, maltrapilho,
pequeno para ser homem,
forte para ser criança.
Ser indefeso, indefinido, que só se vê na minha cidade.
- Amo e canto com ternura
todo o errado da minha terra.
30 Becos da minha terra,
discriminados e humildes,
lembrando passadas eras...
- Beco do Cisco.
Beco do Cotovelo.
Beco do Antônio Gomes.
Beco das Taquaras.
Beco do Seminário.
Bequinho da Escola.
- 40 Beco do Ouro Fino.
Beco da Cachoeira Grande.
Beco da Calabrote.
Beco do Mingu.
Beco da Vila Rica...
- 45 Conto a estória dos becos,
dos becos da minha terra,
suspeitos... mal afamados
onde família de conceito não passava.
“Lugar de gentinha” - diziam, virando a cara.

- 50 De gente do pote d'água.
De gente de pé no chão.
Becos de mulher perdida.
Becos de mulheres da vida.
Renegadas, confinadas
na sombra triste do beco.
55 Quarto de porta e janela.
Prostituta anemiada,
solitária, hética, engalicada,
tossindo, escarrando sangue
na umidade suja do beco.
- Becos mal assombrados.
Becos de assombração...
Altas horas, mortas horas...
Capitão-mor – alma penada,
60 terror dos soldados, castigado nas armas.
Capitão-mor, alma penada,
num cavalo ferrado,
chispando fogo,
descendo e subindo o beco,
70 comandando o quadrado - feixe de varas...
Arrastando espada, tinindo esporas...
- Mulher-dama. Mulheres da vida,
perdidas,
começavam em boas casas, depois,
baixavam pra o beco.
75 Queriam alegria. Faziam bailaricos.
– Baile Sifilítico – era ele assim chamado.
O delegado-chefe de Polícia – brabeza –
dava em cima...
- 80 Mandava sem dó, na peia.
No dia seguinte, coitadas,
cabeça raspada a navalha,
obrigadas a capinar o Largo do Chafariz,
na frente da Cadeia.
- 85 Becos da minha terra...
Becos de assombração.
Românticos, pecaminosos...
Têm poesia e têm drama.
O drama da mulher da vida, antiga,
90 humilhada, malsinada.
Meretriz venérea,
desprezada, mesentérica, exangue.
Cabeça raspada a navalha,
castigada a palmatória,
95 capinando o largo,
chorando. Golfando sangue.
- (ÚLTIMO ATO)
- Um irmão vicentino comparece.
Traz uma entrada grátis do São Pedro de Alcântara.
100 Uma passagem de terceira no grande coletivo de
São Vicente.
Uma estação permanente de repouso - no aprazível
São Miguel.
- Cai o pano.

CORALINA, Cora. Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais.
21ª ed. - São Paulo: Global Editora, 2006.

“E aquele menino, lenheiro ele, salvo **seja**” (verso 23) O modo em que se encontra o verbo **ser**, na forma verbal acima destacada, em contraste com o modo de todas as outras formas verbais do poema, evoca

- a) um indício de certeza, característico do modo indicativo das formas verbais em português, pois é certo que a vida do menino é amarga.
- b) algo irreal, hipotético, expresso pelo modo subjuntivo, que aponta, no entanto, para um desejo, uma possibilidade, no caso, de que o menino seja resgatado daquele cotidiano que lhe rouba a infância.
- c) um anúncio, um sinal pertinente ao modo indicativo, de que o menino será salvo de sua realidade tão dura.
- d) a certeza, expressa pelo modo verbal, de que a existência do menino é atravessada pelo trabalho infantil.
- e) o tom imperativo da voz poética que está presente não apenas nesse verso, mas ao longo de todo o poema.

22. ITA-SP 2017

A mídia realmente tem o poder de manipular as pessoas?

Por Francisco Fernandes Ladeira

À primeira vista, a resposta para a pergunta que intitula este artigo parece simples e óbvia: sim, a mídia é um poderoso instrumento de manipulação. A ideia de que o frágil cidadão comum é impotente frente aos gigantes e poderosos conglomerados da comunicação é bastante atrativa intelectualmente. Influentes nomes, como Adorno e Horkheimer, os primeiros pensadores a realizar análises mais sistemáticas sobre o tema, concluíram que os meios de comunicação em larga escala moldavam e direcionavam as opiniões de seus receptores. Segundo eles, o rádio torna todos os ouvintes iguais ao sujeitá-los, autoritariamente, aos idênticos programas das várias estações. No livro *Televisão e Consciência de Classe*, Sarah Chucid Da Viá afirma que o vídeo apresenta um conjunto de imagens trabalhadas, cuja apreensão é momentânea, de forma a persuadir rápida e transitoriamente o grande público. Por sua vez, o psicólogo social Gustav Le Bon considerava que, nas massas, o indivíduo deixava de ser ele próprio para ser um autômato sem vontade e os juízos aceitos pelas multidões seriam sempre impostos e nunca discutidos. Assim, fomentou-se a concepção de que a mídia seria capaz de manipular incondicionalmente uma audiência submissa, passiva e acrítica. Todavia, como bons cidadãos céticos, devemos duvidar (ou ao menos manter certa ressalva) de proposições imediatistas e aparentemente fáceis. As relações entre mídia e público são demasiadamente complexas, vão muito além de uma simples análise behaviorista de estímulo/resposta. As mensagens transmitidas pelos grandes veículos de comunicação não são recebidas automaticamente e da mesma maneira por todos os indivíduos. Na maioria das vezes, o discurso midiático perde seu significado original na controversa relação

35 emissor/receptor. Cada indivíduo está envolto em uma “bolha ideológica”, apanágio de seu próprio processo de individuação, que condiciona sua maneira de interpretar e agir sobre o mundo. Todos nós, ao entrarmos em contato com o mundo exterior, construímos representações sobre a realidade. Cada um de nós forma juízos de valor a respeito dos vários âmbitos do real, seus personagens, acontecimentos e fenômenos e, conseqüentemente, acreditamos que esses juízos correspondem à “verdade”. [...]

45 [...] A mídia é apenas um, entre vários quadros ou grupos de referência, aos quais um indivíduo recorre como argumento para formular suas opiniões. Nesse sentido, competem com os veículos de comunicação como quadros ou grupos de referência fatores subjetivos/psicológicos (história familiar, trajetória pessoal, predisposição intelectual), o contexto social (renda, sexo, idade, grau de instrução, etnia, religião) e o ambiente informacional (associação comunitária, trabalho, igreja). “Os vários tipos de receptor situam-se numa complexa rede de referências em que a comunicação interpessoal e a midiática se completam e modificam”, afirmou a cientista social Alessandra Aldé, em seu livro *A construção da política: democracia, cidadania e meios de comunicação de massa*. Evidentemente, o peso de cada quadro de referência tende a variar de acordo com a realidade individual. Seguindo essa linha de raciocínio, no original estudo *Muito Além do Jardim Botânico*, Carlos Eduardo Lins da Silva constatou como telespectadores do Jornal Nacional acionam seus mecanismos de defesa, individuais ou coletivos, para filtrar as informações veiculadas, traduzindo-as segundo seus próprios valores. “A síntese e as conclusões que um telespectador vai realizar depois de assistir a um telejornal não podem ser antecipadas por ninguém; nem por quem produziu o telejornal, nem por quem assistiu ao mesmo tempo que aquele telespectador”, inferiu Carlos Eduardo.

Adaptado de: <http://observatoriodaimprensa.com.br/imprensa-em-questao/a-midia-realmente-tem-o-poder-de-manipular-as-pessoas/>.
(Publicado em 14/04/2015, na edição 846.
Acesso em 13/07/2016.)

Marque a alternativa em que o verbo destacado está classificado corretamente quanto à transitividade.

VTD – verbo transitivo direto

VTI – verbo transitivo indireto

VI – verbo intransitivo

- a) [...] devemos **duvidar** (ou ao menos manter certa ressalva) de proposições imediatistas e aparentemente fáceis. – VTD (linhas 25-27)
- b) Na maioria das vezes, o discurso midiático **perde** seu significado original na controversa relação emissor/receptor. – VTI (linhas 33-35)
- c) A mídia é apenas um, entre vários quadros ou grupos de referência, aos quais um indivíduo **recorre** como argumento para formular suas opiniões. – VTI (linhas 45-47)
- d) Nesse sentido, **competem** com os veículos de comunicação como quadros ou grupos de referência fatores subjetivos/psicológicos [...] – VTD (linhas 47-50)

- e) Evidentemente, o peso de cada quadro de referência **tende** a variar de acordo com a realidade individual. – VI (linhas 59-61)

23. UFT-TO 2019

Empatia, o sentimento que pode mudar a sociedade

Sem empatia, sobra intolerância, bullying, violência. Sem gastar um segundo imaginando como o outro se sente, de onde vem, em qual contexto foi criado, ao que foi exposto, sem se lembrar que cada um tem sua história e sem tentar entender como é estar na pele do outro, surgem os crimes de ódio, as discussões acaloradas nas redes sociais, o fim de amizades de uma vida toda. É preciso ter empatia para aprender que não existe verdade absoluta, que tudo depende do ponto de vista.

Segundo uma pesquisa da Universidade Estadual de Michigan, nos Estados Unidos, o Brasil não é dos países mais empáticos do mundo. Sim, somos conhecidos pela alegria e pela hospitalidade, mas quando falamos em se colocar no lugar do outro e tentar entender o que ele sente, ainda estamos muito longe do ideal. [...] Mas o problema do egocentrismo e da falta de amor ao próximo não é exclusivo dos brasileiros. É uma preocupação mundial.

Afinal, o que é empatia?

A empatia é, em termos simples, a habilidade de se colocar no lugar do outro. Por exemplo, se você, leitor, escuta uma história sobre uma criança que teve muitos problemas de saúde, que vem de uma família muito pobre, e se comove, é possível ter dois tipos de emoção: o dó, que é a simpatia; ou se colocar no lugar daquela criança, imaginar o que ela passou e tentar entender o que ela sentia, enxergar o panorama a partir dos olhos dela. “É ser sensível a ponto de compreender emoções e sentimentos de outras pessoas”, explica Rodrigo Scaranari, presidente da Sociedade Brasileira de Inteligência Emocional. E é uma característica que pode, sim, ser aprendida ou, pelo menos, treinada. Para Rodrigo, o exercício passa pelo autoconhecimento: para compreender a emoção do outro, é preciso conhecer e entender o que se passa dentro da própria cabeça. [...]

Mas por que nos colocamos no lugar do outro? Para o psicólogo, psicanalista e professor João Ângelo Fantini, da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), a empatia seria “uma forma de restabelecer um contato com um objeto de amor perdido, uma parte incompreendida do sujeito”. Enxergamos no outro uma humanidade compartilhada, sentimentos que também temos e que são aplicados em situações completamente diferentes. Por reconhecermos nós mesmos no próximo, temos empatia. [...]

Um caminho desde a infância

Para reverter o cenário de crianças que crescem cada vez mais centradas em si mesmas e nos próprios problemas como reflexo da sociedade atual, a ONG (Organização Não Governamental) americana *Roots of*

Empathy (Raízes da Empatia) atua em escolas tentando ensinar os pequenos a se colocar no lugar do outro. Uma vez por mês, durante nove meses, uma sala de aula recebe um bebê e sua família, além de um instrutor, para que as crianças acompanhem o crescimento da confiança e dos laços emocionais de outras pessoas. Frequentemente, eles começam a enxergar nos colegas emoções que aprenderam com os instrutores.

Os resultados desse experimento são crianças menos agressivas, que combatem o bullying por entender como o outro se sente, e que têm inteligência emocional mais apurada, entendendo as próprias emoções. O programa é internacional, mas o ensino da empatia pode ser feito de diversas outras maneiras.

A servidora pública Clara Fagundes, 32 anos, por exemplo, considera importante estimular a filha, Helena, 3 anos, a conviver harmonicamente com os outros e com o meio ambiente. Fez questão de escolher para a pequena uma escola que seguisse os mesmos valores apreciados por ela. “Minha mãe já era muito adepta ao diálogo comigo nos anos 1980, mas, hoje em dia, há tantas outras questões que não são discutidas, como a do desperdício”, cita Clara.

A festa de aniversário de Helena foi na escola. Não produziram lixo, não foram usados enfeites descartáveis. As crianças ajudaram na organização e em toda a decoração: até as mais velhas, que não a conheciam, ajudaram. Além disso, em vez de receber um presente de cada colega, a aniversariante ganhou apenas um presente coletivo, feito pelos próprios colegas: uma casinha de papelão. Sem egoísmo, todos brincaram com o presente e, no fim, Helena levou à sua casa. [...]

Fonte: SCARANARI, Rodrigo. Disponível em: <http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/ciencia-e-saude/2017/01/04/internas_cienciaesaude,682928/empatia-o-sentimento-que-pode-mudar-a-sociedade.shtml> Acesso em: 06 fev. 2019 (adaptado).

Em: “Os resultados desse experimento são crianças menos agressivas, que combatem o bullying por entender como o outro se sente, e que **têm** inteligência emocional mais apurada, entendendo as próprias emoções.” (6º parágrafo), o verbo em destaque pode ser substituído, sem prejuízo gramatical e semântico, por:

- a) contém.
- b) possuem.
- c) mantém.
- d) encerram.

24. IFSul-RS 2019

Para mandar no grupo da família: um guia de como checar se uma notícia é falsa

Juliana Gragnani

Você abre seu celular e recebe uma notícia encaminhada por um amigo ou parente. Ela confirma completamente suas convicções ou então causa muita surpresa ou repulsa? Segundo especialistas, este apelo às emoções mais imediatas é uma das características principais do conteúdo falso.

Dá um pouco de trabalho checar a veracidade de um conteúdo, mas vale a pena incorporar alguns desses

passos a seu dia a dia para que você não se transforme, inadvertidamente, em um vetor de notícias falsas.

Quando receber uma notícia, tome algumas precauções e reflita:

1. Pare e pense. Não acredite na notícia ou compartilhe o texto de imediato.

2. Ela lhe causou uma reação emocional muito grande? Desconfie. Notícias inventadas são feitas para causar, em alguns casos, grande surpresa ou repulsa.

3. A notícia simplesmente confirma alguma convicção de quem recebeu a mensagem? Também é uma técnica da notícia inventada. Não quer dizer que seja verdadeira. Desenvolva o hábito de desconfiar e pesquisar.

4. A notícia está pedindo para você acreditar nela ou, por outro lado, ela está mostrando por que acreditar? Quando a notícia é verdadeira, é mais provável que ela cite fontes, dê links ou cite documentos oficiais e seja transparente quanto a seu processo de apuração.

5. Produzir uma reportagem assim que eventos acontecem toma tempo e exige profissionais qualificados. Desconfie de notícias bombásticas no calor do momento.

Adaptado de <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45043716>, acesso em 02/10/2018

Os verbos podem ser classificados quanto à atitude do falante em relação à ação que enunciam. No caso do fragmento: “1) Pare e pense. Não acredite na notícia ou compartilhe o texto de imediato.”, o modo verbal está corretamente indicado em:

- a) Imperativo, pois expressa certeza do falante em relação ao que será feito.
- b) Subjuntivo, pois expressa desejo do falante em relação ao que deve ser feito.
- c) Subjuntivo, pois expressa possibilidade de que a ação irá ocorrer.
- d) Imperativo, pois expressa conselho ou pedido do falante em relação ao que deve ser feito.

25. IFTO-TO 2020 Marque a sequência **correta** quanto à classificação dos verbos destacados na frase abaixo. “Perceber que **há** um sentido na vida **é** oito vezes mais capaz de trazer satisfação do que **ganhar** um bom salário.”

(KING e NAPA, 1998, pág. 199)

- a) regular, anômalo, defectivo
- b) anômalo, regular, irregular
- c) regular, irregular, anômalo
- d) defectivo, anômalo, regular
- e) defectivo, irregular, anômalo

26. IFTO-TO 2019



Disponível em: <<http://radacaosam.blogspot.com/2014/08/resposta-exercicio-de-reflexao-criativa.html>>. Acesso em: 2 out. 2018.

Do ponto de vista morfológico, os verbos utilizados na propaganda estão:

- a) No modo subjuntivo, indicando uma possibilidade de uso dos produtos anunciados, sugerindo-os, assim, para um determinado público-alvo.
- b) No modo indicativo, apresentando a certeza quanto à qualidade dos produtos anunciados, induzindo, assim, a venda a seu público-alvo.
- c) No pretérito mais-que-perfeito, pois apresenta duas ideias ocorridas no passado, de forma simultânea.
- d) No presente do indicativo, mostrando que as ações transmitidas ocorrem no mesmo momento em que o texto é enunciado.
- e) No modo imperativo, o que se relaciona ao objetivo principal da propaganda: vender os produtos da marca “O Boticário”.

27. Uepa-PA 2017

Cidadania e empoderamento local em contextos de consolidação da paz

Apesar da existência de outras definições de empoderamento, incluindo algumas mais radicais, ligadas a determinadas ONGs (ver, por exemplo, Scrutton e Luttrell, 2007), torna-se evidente no discurso dominante uma visão muito mais restrita em relação ao poder que se quer promover. De fato, ao enfatizar a ideia de poder como ‘capacidade’, duas coisas acontecem de forma automática. Primeiro, fica estabelecida a ideia de que existe ‘ausência de capacidade’ (ou capacidades melhores que outras) e, por isso, alguém (muito provavelmente o agente externo) terá que incutir/transferir para o outro tais capacidades. Segundo, o discurso esquiva-se da problemática mais tradicional no seio do debate sobre poder – as questões de conflito e dominação – que estão na base das relações sociais, especialmente em contextos de guerra e imediato de pós-guerra.” Assim, parte da crítica sobre os discursos de apropriação local e empoderamento fundamentam-se precisamente na utilização destes termos como instrumentos de legitimação de políticas e mecanismos de disfarce das relações de poder que, continuam permeando a relação entre os agentes internacionais e os nacionais/locais. Este argumento parece fazer ainda mais sentido quando observamos a ausência marcada de um conceito fundamental neste debate – o conceito de cidadania.

Trecho retirado de BORGES, Marisa e MASCHIETTO Roberta Holanda. Cidadania e empoderamento local em contextos de consolidação da paz. In: Revista Crítica de Ciências Sociais. Disponível em: <<http://rccs.revues.org/5i800>>. Acesso em: 17/09/16.

De acordo com o texto, a palavra que apresenta significado contrário à destacada no trecho: “alguém (muito provavelmente o agente externo) terá que **incutir/** transferir para o outro tais capacidades” é:

- a) Persuadir
- b) Instigar
- c) Suscitar
- d) Desencorajar
- e) Estimular



https://i.correio braziliense.com.br/RvbLTXJJdBBT3VxokLR_aaM78i4=820x0/smart/imgsapp2.correio braziliense.com.br/app/noticia_127983242361/2019/08/20/778086/20190820040316732130u.jpg. Acesso em: 24 de nov. de 2019.

Leia as assertivas a seguir:

- I. As vozes verbais indicam a relação entre o sujeito e a ação expressa pelo verbo. Dessa forma, no título “Escola militarizada derruba secretário”, o sujeito é agente porque pratica a ação.
- II. Na voz passiva, o sujeito sofre a ação do verbo. Assim, ao transpor o título “Escola militarizada derruba secretário” para a voz passiva, a afirmação será: “Secretário é derrubado por escola militarizada”.
- III. O termo “derruba” pode ser substituído, sem alterar o sentido da frase, por “destitui”.

Pela leitura e análise das assertivas anteriores, conclui-se que:

- a) Apenas I e III estão corretas.
- b) Apenas II e III estão corretas.
- c) I, II e III estão corretas.
- d) Apenas I está correta.
- e) Apenas III está correta.

29. Ufam-AM 2016

É noite de Natal e estou sozinho na casa de um amigo, que foi para a fazenda. Mais tarde talvez saia. No entanto, computo as vantagens e desvantagens da saída e vou me deixando ficar sozinho, numa confortável melancolia, na casa quieta e cômoda. Dou alguns telefonemas, abraço à distância alguns amigos. Essas poucas vozes, de homem e de mulher, que respondem alegremente à minha, são quentes e me fazem bem. “Feliz Natal, muitas felicidades”;

dizemos essas coisas simples com afetuoso calor; dizemos e creio que sentimos, e como sentimos, merecemos. Com os amigos, remedeio a rotina do resto do ano. Com o “Feliz Natal!”, repito o ritual que tinha feito no ano anterior.

Desembrulho a garrafa que um amigo teve a lembrança de me mandar ontem; vou lá dentro, abro a geladeira, preparo um uísque, e venho para o jardimzinho, perto das folhagens úmidas. Imagino que, se pudessem falar, pediriam que alguém as aguasse, mesmo sendo Natal. Sinto-me bem, penso que vou me dá grande prazer, oferecendo-me este copo, na casa silenciosa, nessa noite de rua quieta.

(Rubem Braga, “Natal”, no livro 200 crônicas escolhidas, p. 239. Texto adaptado.)

Assinale a alternativa **CORRETA** sobre a conjugação de verbos do texto:

- a) A forma verbal “remedeio” (“remedeio a rotina do resto do ano”) se encontra corretamente conjugada no presente do indicativo.
- b) A forma verbal “dá” (“penso que vou me dá grande prazer”) se encontra corretamente conjugada no presente do indicativo.
- c) A forma verbal “tinha feito”, no último período do primeiro parágrafo, se encontra conjugada no pretérito perfeito composto do indicativo.
- d) A forma verbal “computo” (“computo as vantagens e desvantagens”) se encontra corretamente conjugada no presente do indicativo.
- e) A forma verbal “aguasse” (“pediriam que alguém as aguasse”) se encontra corretamente conjugada no futuro do subjuntivo.



Leia o texto de John Gray para responder à questão 30.

Atualmente, a maior parte das pessoas pensa que pertence a uma espécie que pode ser senhora de seu destino. Isso é fé, não ciência. Não falamos de um tempo em que as baleias ou os gorilas serão senhores de seus destinos. Por que então os humanos?

Não precisamos de Darwin para perceber que nos parecemos com os outros animais. Basta observar um pouco nossas vidas para sermos levados à mesma conclusão. No entanto, como a ciência tem hoje uma autoridade com a qual a experiência comum não pode rivalizar, observemos o ensinamento de Darwin de que as espécies são apenas aglomerados de genes interagindo aleatoriamente uns com os outros e com seus ambientes em permanente mudança. Espécies não podem controlar seus destinos. Isso se aplica igualmente aos humanos. No entanto, é esquecido sempre que as pessoas falam sobre “o progresso da humanidade”. Elas depositaram sua fé numa abstração que ninguém pensaria em levar a sério se não fosse formada por restos de esperanças cristãs descartadas.

Se a descoberta de Darwin tivesse sido feita numa cultura taoísta ou xintoísta, hinduísta ou animista, muito provavelmente teria se tornado apenas um fio a mais no entrelaçado de suas mitologias. Nessas crenças, os humanos e os outros animais são afins.

Humanismo pode significar muitas coisas, mas para nós significa crença no progresso. Acreditar no progresso é acreditar que, usando os novos poderes que nos são propiciados pelo crescente conhecimento científico, os humanos

podem se libertar dos limites que constroem a vida de outros animais. Essa é a esperança de praticamente todo mundo hoje em dia, mas não tem fundamento. Pois, embora o conhecimento humano muito provavelmente continue a crescer e com ele o poder humano, o animal humano permanecerá o mesmo: uma espécie altamente inventiva que também é uma das mais predadoras e destrutivas.

Darwin mostrou que os humanos são como os outros animais, e os humanistas afirmam que não.

(Cachorros de palha, 2006. Adaptado.)

30. Uefs-BA 2017 Em “Acreditar no progresso é acreditar que, usando os novos poderes que nos são propiciados pelo crescente conhecimento científico, os humanos podem se libertar dos limites que **constroem** a vida de outros animais.” (4º parágrafo), o termo destacado pode ser substituído, sem prejuízo de sentido para o texto, por

- desprezam.
- envergonham.
- restringem.
- anulam.
- ignoram.

31. Fuvest-SP 2018 Examine a propaganda.



- Considerando o contexto da propaganda, existe alguma relação de sentido entre a imagem estilizada dos dedos e as palavras “digital” e “diferença”? Explique.
- Sem alterar o modo verbal, reescreva o trecho “Venha para a biometria. Cadastre suas digitais.”, passando os verbos para a primeira pessoa do plural e fazendo as modificações necessárias.

32. IME-RJ 2018

A CONDIÇÃO HUMANA

A *Vita Activa* e a Condição Humana

Com a expressão *vita activa*, pretendo designar três atividades humanas fundamentais: labor, trabalho e ação. Trata-se de atividades fundamentais porque a cada uma delas corresponde uma das condições básicas 5 mediante as quais a vida foi dada ao homem na Terra.

O labor é a atividade que corresponde ao processo biológico do corpo humano, cujos crescimento espontâneo, metabolismo e eventual declínio têm a ver com as necessidades vitais produzidas e introduzidas pelo 10 labor no processo da vida. A condição humana do labor é a própria vida.

O trabalho é a atividade correspondente ao artificialismo da existência humana, existência esta não necessariamente contida no eterno ciclo vital da espécie, e cuja mortalidade não é compensada por este 15 último. O trabalho produz um mundo “artificial” de coisas, nitidamente diferente de qualquer ambiente natural. Dentro de suas fronteiras habita cada vida individual, embora esse mundo se destine a sobreviver e a trans- 20 cender todas as vidas individuais. A condição humana do trabalho é a mundanidade.

A ação, única atividade que se exerce diretamente entre os homens sem a mediação das coisas ou da matéria, corresponde à condição humana da pluralidade, 25 ao fato de que homens, e não o Homem, vivem na Terra e habitam o mundo. Todos os aspectos da condição humana têm alguma relação com a política; mas esta pluralidade é especificamente a condição – não apenas a *conditio sine qua non*, mas a *conditio per quam* – de 30 toda a vida política. Assim, o idioma dos romanos – talvez o povo mais político que conhecemos – empregava como sinônimas as expressões “viver” e “estar entre os homens” (*inter homines esse*), ou “morrer” e “deixar de estar entre os homens” (*inter homines esse desinere*). Mas, em sua forma mais elementar, a condição 35 humana da ação está implícita até mesmo em Gênesis (macho e fêmea Ele os criou), se entendermos que esta versão da criação do homem diverge, em princípio, da outra segundo a qual Deus originalmente criou o 40 Homem (*adam*) – a ele, e não a eles, de sorte que a pluralidade dos seres humanos vem a ser o resultado da multiplicação¹. A ação seria um luxo desnecessário, uma caprichosa interferência com as leis gerais do comportamento, se os homens não passassem de repetições 45 interminavelmente reproduzíveis do mesmo modelo, todas dotadas da mesma natureza e essência, tão previsíveis quanto a natureza e a essência de qualquer outra coisa. A pluralidade é a condição da ação humana pelo fato de sermos todos os mesmos, isto é, humanos, sem 50 que ninguém seja exatamente igual a qualquer pessoa que tenha existido, exista ou venha a existir.

As três atividades e suas respectivas condições têm íntima relação com as condições mais gerais da existência humana: o nascimento e a morte, a natalidade e a mortalidade. O labor assegura não apenas a sobrevivência do indivíduo, mas a vida da espécie. O 55 trabalho e seu produto, o artefato humano, emprestam

certa permanência e durabilidade à futilidade da vida mortal e ao caráter efêmero do corpo humano. A ação, na medida em que se empenha em fundar e preservar corpos políticos, cria a condição para a lembrança, ou seja, para a história. O labor e o trabalho, bem como a ação, têm também raízes na natalidade, na medida em que sua tarefa é produzir e preservar o mundo para o constante influxo de recém-chegados que vêm a este mundo na qualidade de estranhos, além de prevê-los e levá-los em conta. Não obstante, das três atividades, a ação é a mais intimamente relacionada com a condição humana da natalidade; o novo começo inerente a cada nascimento pode fazer-se sentir no mundo somente porque o recém-chegado possui a capacidade de iniciar algo novo, isto é, de agir. Neste sentido de iniciativa, todas as atividades humanas possuem um elemento de ação e, portanto, de natalidade. Além disto, como a ação é a atividade política por excelência, a natalidade, e não a mortalidade, pode constituir a categoria central do pensamento político, em contraposição ao pensamento metafísico.

A condição humana compreende algo mais que as condições nas quais a vida foi dada ao homem. Os homens são seres condicionados: tudo aquilo com o qual eles entram em contato torna-se imediatamente uma condição de sua existência. O mundo no qual transcorre a *vita activa* consiste em coisas produzidas pelas atividades humanas; mas, constantemente, as coisas que devem sua existência exclusivamente aos homens também condicionam os seus autores humanos. Além das condições nas quais a vida é dada ao homem na Terra e, até certo ponto, a partir delas, os homens constantemente criam as suas próprias condições que, a despeito de sua variabilidade e sua origem humana, possuem a mesma força condicionante das coisas naturais. O que quer que toque a vida humana ou entre em duradoura relação com ela, assume imediatamente o caráter de condição da existência humana. É por isso que os homens, independentemente do que façam, são sempre seres condicionados. Tudo o que espontaneamente adentra o mundo humano, ou para ele é trazido pelo esforço humano, torna-se parte da condição humana. O impacto da realidade do mundo sobre a existência humana é sentido e recebido como força condicionante. A objetividade do mundo – o seu caráter de coisa ou objeto – e a condição humana complementam-se uma à outra; por ser uma existência condicionada, a existência humana seria impossível sem as coisas, e estas seriam um amontoado de artigos incoerentes, um não mundo, se esses artigos não fossem condicionantes da existência humana.

ARENDETT, Hannah. *A Condição Humana*. Tradução de Roberto Raposo: Editora da Universidade de São Paulo, 1981. pp. 15-17 (texto adaptado).

¹Quando se analisa o pensamento político pós-clássico, muito se pode aprender verificando-se qual das duas versões bíblicas da criação é citada. Assim, é típico da diferença entre os ensinamentos de Jesus de Nazareth e de Paulo o fato de que Jesus, discutindo a relação entre marido e mulher, refere-se a Gênesis 1:27 “Não tendes lido que quem

criou o homem desde o princípio fê-los macho e fêmea” (Mateus 19:4), enquanto Paulo, em ocasião semelhante, insiste em que a mulher foi criada “do homem” e, portanto, “para o homem”, embora em seguida atenuem um pouco a dependência: “nem o varão é sem mulher, nem a mulher sem o varão” (1 Cor. 11:8-12). A diferença indica muito mais que uma atitude diferente em relação ao papel da mulher. Para Jesus, a fé era intimamente relacionada com a ação; para Paulo, a fé relacionava-se, antes de mais nada, com a salvação. Especialmente interessante a este respeito é Agostinho (*De civitate Dei* xii.21), que não só desconsidera inteiramente o que é dito em Gênesis 1:27, mas vê a diferença entre o homem e o animal no fato de ter sido o homem criado *unum ac singulum*, enquanto se ordenou aos animais que “passassem a existir vários de uma só vez” (*plura simul iussit existere*). Para Agostinho, a história da criação constitui boa oportunidade para salientar-se o caráter de espécie da vida animal, em oposição à singularidade da existência humana.

Observe o trecho abaixo destacado:

[...] A ação seria um luxo desnecessário, uma caprichosa interferência com as leis gerais do comportamento, se os homens não passassem de repetições interminavelmente reproduzíveis do mesmo modelo, todas dotadas da mesma natureza e essência, tão previsíveis quanto a natureza e a essência de qualquer outra coisa. (linhas 42-48)

A forma verbal **seria**, destacada no trecho acima,

- a) expressa surpresa ou indignação.
- b) fala de algo incerto.
- c) indica um fato que está condicionado a uma outra ação.
- d) introduz um pedido ou desejo de forma mais educada.
- e) trata de um acontecimento futuro em relação a outro já ocorrido.

33. IME-RJ 2018

Exausto

- 1 Eu quero uma licença de dormir,
perdão pra descansar horas a fio,
sem ao menos sonhar
a leve palha de um pequeno sonho.
- 5 Quero o que antes da vida
foi o sono profundo das espécies,
a graça de um estado.
Semente.
Muito mais que raízes.

PRADO, Adelia. Exausto. Disponível em <<http://byluleoa-tecendopalavras.blogspot.com.br/>>. Acesso em 31/07/17.

A respeito da forma verbal **quero** (versos 1 e 5), podemos afirmar que

- a) expressa a busca por um relacionamento do homem com o seu interior.
- b) revela a alegria do ser humano em ser um explorador de novas terras, novos ambientes.
- c) comprova um ciclo incessante de buscas por objetivos vazios por parte do ser humano, os quais só trazem cansaço e angústia.

- d) salienta o insaciável e sempre destrutivo relacionamento do homem com a natureza e os recursos que ela pode trazer à vida humana na Terra.
- e) reporta a atenção do leitor aos ciclos repetitivos do homem em busca do objetivo de ser feliz sem depender de ninguém, somente da natureza que o cerca.

34. ITA-SP 2018

a coisa mais moderna que existe nessa vida é envelhecer a barba vai descendo e os cabelos vão caindo pra [cabeça aparecer os filhos vão crescendo e o tempo vai dizendo que [agora é pra valer os outros vão morrendo e a gente aprendendo a esquecer não quero morrer pois quero ver como será que deve ser envelhecer eu quero é viver pra ver qual é e dizer venha pra o que vai acontecer eu quero que o tapete voe / no meio da sala de estar eu quero que a panela de pressão pressione e que a pia comece a pingar eu quero que a sirene soe e me faça levantar do sofá eu quero pôr Rita Pavone no ringtone do meu celular eu quero estar no meio do ciclone pra poder aproveitar e quando eu esquecer meu próprio nome que me chamem de velho gagá pois ser eternamente adolescente nada é mais demodé com uns ralos fios de cabelo sobre a testa que não [para de crescer não sei por que essa gente vira a cara pro presente e [esquece de aprender que felizmente ou infelizmente sempre o tempo vai correr. (ANTUNES, A. Envelhecer. Álbum *Ao vivo lá em casa*. 2010.)

Rita Pavone: cantora italiana de grande sucesso na década de 1960.

- O emprego recorrente do verbo **querer**, no texto, revela
- a) incoformismo diante do processo de envelhecimento.
 - b) medo de se tornar inútil quando a velhice chegar.
 - c) anseio por uma vida plena de coisas boas.
 - d) crença na ideia de que querer é poder.
 - e) boa receptividade para a chegada da velhice.

35. Uniceub-DF 2018 [...] agora, deitado sobre a grama macia do jardim rico, vestido com boa roupa, penteado e com perfume, um livro de figura ao lado, o Sem-Pernas pensava no Gringo quase morrendo, enquanto ele comia bem e vestia bem. Não só o Gringo estivera quase morrendo. Durante aqueles oito dias, os Capitães da Areia continuaram mal vestidos, mal alimentados, dormindo sob a chuva no trapiche ou embaixo das pontes. Enquanto isso, o Sem-Pernas dormia em boa cama, comia boa comida, tinha até uma senhora [D. Ester] que o beijava e o chamava de filho. Se sentiu como um traidor do grupo. [...] E se para alguém o Sem-Pernas abria exceção no seu ódio, que abrangia o mundo todo, era

para as crianças que formavam os Capitães da Areia. Estes eram seus companheiros, eram iguais a ele, eram as vítimas de todos os demais, pensava o Sem-Pernas. E agora sentia que os estava abandonando, que estava passando para o outro lado. Com este pensamento se sobressaltou, sentou-se. Não, ele não os trairia. Antes de tudo estava a lei do grupo, a lei dos Capitães da Areia. Os que a traíam eram expulsos e nada de bom os esperava no mundo. E nunca nenhum a havia traído do modo como o Sem-Pernas a ia trair. Para virar menino mimado, para virar uma daquelas crianças que eram eterno motivo de galhofa para eles. Não, não os trairia.

(Família. *Capitães da Areia*. Jorge Amado, 1937)

Leia os trechos seguintes:

- I. “Enquanto isso, o Sem-Pernas **dormia** em boa cama”
- II. “Se **sentiu** como um traidor do grupo”
- III. “Não só o Gringo **estivera** quase **morrendo**”

Com relação aos verbos destacados, é correto afirmar que:

- a) o momento em que Sem-Pernas *se sentiu como um traidor* (ii) antecede o momento da ação de *dormir* (i);
- b) a expressão *Enquanto isso* (i) sinaliza o tempo simultâneo entre as ações de *dormir* (i) e *sentir* (ii);
- c) a ação *estivera* quase *morrendo* (iii) conclui-se em momento anterior ao da ação do verbo *sentir* (ii);
- d) a ação do verbo *dormir* (i) conclui-se em momento anterior ao da ação de *estar quase morrendo* (iii);
- e) a ação de *sentir* (ii) conclui-se simultaneamente ao final da ação de *estar quase morrendo* (iii).

36. Uapi-PI 2017

Os novos mistérios de Fátima

Os 12 mil habitantes da pequena cidade de Fátima, em Portugal, receberão 1 milhão de pessoas, a partir da sexta-feira, 12 de maio. Destes, 40 mil chegarão a pé, 2 mil são jornalistas, há 100 grupos de peregrinos, 2 mil padres, 71 bispos, 8 cardeais e o visitante mais ilustre, o Papa Francisco. T tamanha mobilização num dos maiores centros de peregrinação católica do mundo tem dois motivos nobres: a celebração dos 100 anos da aparição de Maria às três crianças pastoras, na Cova de Iria, em 13 de maio de 1917, e a canonização de 10 duas delas, Jacinta e Francisco, pelo próprio pontífice. Mas um livro, que acaba de ser lançado no Brasil, põe em xeque essa que é uma das invocações marianas mais célebres, que arrebanha milhões de devotos pelo mundo, inclusive no Brasil. Munido de documentos desde a época das visões e 15 dotado de uma rigorosa investigação, “Fátima, milagre ou construção” (Ed. Bertrand), da jornalista portuguesa Patrícia Carvalho, que trabalha no jornal Público, mostra como tudo que envolve esta Nossa Senhora lusitana é nebuloso. A começar pelas próprias aparições.

Débora Crivella. **Isto É**. n.º 2474, 17 de maio de 2017.

A palavra que tem o sentido mais próximo da forma verbal **arrebanha**, linha 13, é

- a) reúne.
- b) localiza.
- c) introduz.
- d) converte.
- e) auxilia.

Na língua portuguesa, o melhor é a gente se afastar de certos verbos

O fato de o verbo falir ser defectivo faz com que, no presente, nenhum brasileiro possa falir

Por Ricardo Araújo Pereira – humorista e escritor

Em português, o melhor é a gente se afastar de certos verbos. Por exemplo, se uma pessoa nos diz “tu iludiste-me”, em princípio, está zangada. Mas se diz “tu desiludiste-me”, é possível que também não esteja muito contente. Com o verbo iludir, a gente nunca está bem: se faz uma coisa, é mau; se faz o contrário, é pior.

Não é frequente que um ato seja tão abominável como o seu oposto. Por exemplo, respeitar é bom; desrespeitar é mau. Sabemos qual é a ação correta e a incorreta. Com o verbo iludir, não há ação correta.

[...]

Nem tudo são más notícias, em termos gramaticais. Em português, é muito difícil uma pessoa ir à falência. Justifico esta ideia com a seguinte teoria fascinante: normalmente, considera-se que o verbo falir é defectivo. Significa isso que lhe faltam algumas pessoas, designadamente a primeira, a segunda e a terceira do singular e a terceira do plural do presente do indicativo e todas as do presente do conjuntivo. Não se diz “eu falo”, “tu fales”, nem “ele fale”. Não se diz “eles falem”.

Todos os modos e tempos verbais do verbo falir se admitem, com exceção de quatro pessoas do presente do indicativo e todo o presente do conjuntivo. Em que medida é que isso é bom? O fato de o verbo falir ser defectivo faz com que, no presente, nenhum brasileiro possa falir. Não é possível falir, presentemente, no Brasil.

“Eu falo” é uma declaração ilegítima. Podemos aventar a hipótese de vir a falir, porque “eu falirei” é uma forma aceitável do verbo falir. E quem já tiver falido não tem salvação, porque também é perfeitamente legítimo afirmar: “eu falei”. Mas ninguém pode dizer que, neste momento, fale.

Acaba por ser justo que o verbo falir registre essas falências na conjugação. Justo e útil, sobretudo em tempos de crise. Basta que os brasileiros vivam no presente — que, além do mais, é dos melhores tempos para se viver — para que não falam (outra conjugação impossível).

Não deixa de ser misterioso que a língua portuguesa permita que, no passado, se possa ter falido e até que se possa vir a falir, no futuro, ao mesmo tempo que inviabiliza que se fale, no presente. Se eu nunca falo, como posso ter falido? Se ninguém fale, por que antever que alguém falirá?

O fundamental a reter é que, em português, é impossível falir. A menos que isso seja uma ilusão. E, em consequência, uma desilusão.

PEREIRA, Ricardo A. Folha de S.Paulo, 1º ago. 2020. Folhapress. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/ricardo-araujo-pereira/2020/08/na-lingua-portuguesa-o-melhor-e-a-gente-se-afastar-de-certos-verbos.shtml?origin=folha>. Acesso em: 20 out. 2021.

Resumindo

Conceito e princípios gerais

O verbo tem a morfologia mais rica entre as classes de palavras, desempenhando um papel fundamental na organização da sentença e do texto.

Estrutura e conjugação dos verbos

O verbo é formado obrigatoriamente por um radical geralmente invariável, ao qual são acrescentados os sufixos modo-temporais e o os sufixos número-pessoais.

Em língua portuguesa, há três tipos de conjugação verbal, que são definidas pela vogal temática de cada verbo: 1ª conjugação: vogal temática “a” (ex.: amar), 2ª conjugação: vogal temática “e” (ex.: correr) e 3ª conjugação: vogal temática “i” (ex.: partir).

Para cada conjugação, existe um modelo de flexão, isto é, um paradigma verbal que orienta a conjugação da maioria dos verbos. Quanto à regularidade desse paradigma, os verbos são classificados em:

- Regulares: são aqueles em que o radical permanece o mesmo em todas as formas verbais. Ex.: cantar.
- Irregulares: são os verbos cujos radicais se alteram ou cujas terminações não seguem o modelo da conjugação a que pertencem. Ex.: ouvir.
- Defectivos: são aqueles que não têm todas as conjugações. Ex.: abolir e reaver.
- Anômalos: suas conjugações incluem mais de um radical. Ex.: ser: (sede, era etc.) e ir (vou, fui, irei etc.).

- Abundantes: apresentam duas ou mais formas equivalentes. Ex.: aceitar (aceitado e aceito).

Classificação semântica e formas nominais do verbo

Do ponto de vista das propriedades semânticas, existem: verbos significativos (por si só expressam um conteúdo semântico, uma noção, um significado) e verbos não significativos ou de estado (expressam uma condição de algo ou alguém).

No ordenamento sintático, os verbos significativos são classificados como:

- transitivos: necessitam de um complemento verbal direto ou indireto (com preposição).
- intransitivos: apresentam sentido completo, não necessitando de complementos.
- de ligação: estabelecem relação entre o sujeito e uma característica a ele atribuída.

As formas nominais do verbo não sofrem influência direta do tempo e não têm sujeito, podendo funcionar como substantivo ou adjetivo. As formas nominais são: infinitivo (ex.: amar), gerúndio (ex.: amando) e participio (ex.: amado).

Flexões verbais e perífrase verbal

Os verbos podem variar em:

- modo: indicativo (sentido de certeza), subjuntivo (sentido de dúvida) e imperativo (sentido de ordem).
- tempo: presente, pretérito perfeito, imperfeito e mais-que-perfeito e futuro do presente e do pretérito.

- pessoa: três do singular e três do plural.
 - número: singular e plural.
 - voz: ativa, passiva e reflexiva.
 - aspecto: durativo, conclusivo, habitual e incoativo.
- A perífrase verbal é quando um verbo auxiliar e um verbo pleno se reúnem na mesma sentença. Ex.: Ele **deve estudar** esse ano.

Formação dos tempos e modos verbais

Os modos verbais são as diferentes formas que o verbo assume para indicar a atitude (de certeza, de dúvida ou de ordem) do sujeito que fala em relação ao que ele enuncia. São eles:

- Indicativo (certeza). Ex.: Eu estudo todos os dias.
- Subjetivo (dúvida). Ex.: Talvez eu estude todos os dias.
- Imperativo (ordem). Ex.: Estude todos os dias.

Os tempos verbais são definidos pela relação entre o ponto de referência do locutor e a anterioridade, posterioridade ou simultaneidade do acontecimento verbal. O ponto de referência pode estar no presente, no passado ou futuro.

Valores semânticos e correlação verbal

Os verbos não somente expressam um tempo verbal, mas criam situações de comunicação: narração ou comentário.

- Narração: uso dos tempos verbais do pretérito. O narrador exige pouco do interlocutor, colocando-o em uma posição passiva.

- Comentário: uso dos tempos verbais do presente e do futuro. O locutor se compromete mais com o que enuncia e exige participação ativa do interlocutor. Correlação verbal é a harmonia entre as formas verbais expressas em um período. A seguir, algumas correlações convencionadas:

- Presente do modo indicativo + pretérito perfeito composto do modo subjuntivo.
- Presente do modo indicativo + presente do modo subjuntivo.
- Pretérito perfeito do indicativo + pretérito imperfeito do subjuntivo.
- Pretérito imperfeito do modo indicativo + pretérito mais-que-perfeito composto do modo subjuntivo.
- Pretérito imperfeito do subjuntivo + futuro do pretérito do indicativo.
- Pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo + futuro do pretérito composto do indicativo.
- Futuro do subjuntivo + futuro do presente do modo indicativo.
- Futuro do subjuntivo + futuro do presente composto do indicativo.
- Futuro do subjuntivo + futuro do presente do modo indicativo.

Quer saber mais?



Filme

Corra, Lola, corra. Direção: Tom Tykwer, 1999.

Na trama, vemos as ações que acontecem na correria de uma mulher que precisa salvar o seu namorado, prestes a ser executado. Para isso, ela tem somente 20 minutos. O filme mostra três finais possíveis para história.



Livro

George Perec. *A vida modo de usar*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

O livro trata de histórias inter-relacionadas de habitantes de um mesmo prédio, em Paris. As ações que as personagens têm geram conexões entre elas.



Site

Identificador de flexão verbal

Disponível em: <http://lxcenter.di.fc.ul.pt/services/pt/LXServicesLemmatizerPT.html>

O LX Center é um site no qual é possível conhecer a variação de um verbo em modo, tempo, número e pessoa. O material é organizado por pesquisadores da Universidade de Lisboa.

Exercícios complementares



Leia o texto de Mario Quintana para responder à questão 1.

Homo insapiens

Vocês se lembram de quando a gente se perdia no campo e soltava a rédea ao cavalo e ele voltava direitinho para casa? Pois até hoje, quando não me lembro de onde guardei uma coisa, desisto de quebrar a cabeça, afrouxo o espírito e eis que ele conduz meu passo e minha mão sonâmbula ao lugar exato. Quanto a saber qual dos dois, espírito e corpo, é o cavaleiro e o cavalo, é questão acadêmica. Só sei que isso não me acontece agora na vastidão do campo, mas dentro de uma casa, de uma sala, de um móvel...

(A vaca e o hipogrifo, 2012.)

Homo sapiens: na classificação biológica dos seres, é o nome científico do ser humano. Do latim, significa “homem sábio”, racional. “Homo insapiens”, título do texto, é uma variação do termo.

1. Famema-SP 2021

“soltava a rédea ao cavalo e ele voltava direitinho para casa”

O termo sublinhado tem sentido e função sintática semelhantes ao termo sublinhado em:

- Bianca sempre faz direito sua lição de casa.
- André acordou hoje com o pé direito.

girassóis, aquelas estrelas tumultuadas, aqueles ciprestes deformados, dizia, não poderei jamais dar vazão ao meu instinto criador.

Decidiu mover uma guerra implacável, sem quartel, às telas de Van Gogh, onde quer que estivessem. Começaria pelas mais próximas, as do Museu de Arte Moderna de São Paulo.

Seu plano era de uma simplicidade diabólica. Não faria como outros destruidores de telas que entram num museu armados de facas e atiram-se às obras, tentando destruí-las; tais insanos não apenas não conseguem seu intento, como acabam na cadeia. Não, usaria um método científico, recorrendo a aliados absolutamente insuspeitados: os cupins.

Deu-lhe muito trabalho, aquilo. Em primeiro lugar, era necessário treinar os cupins para que atacassem as telas de Van Gogh. Para isso, recorreu a uma técnica pavloviana. Reproduções das telas do artista, em tamanho natural, eram recobertas com uma solução açucarada. Dessa forma, os insetos aprenderam a diferenciar tais obras de outras.

Mediante cruzamentos sucessivos, obteve um tipo de cupim que só queria comer Van Gogh. Para ele era repulsivo, mas para os insetos era agradável, e isso era o que importava.

Conseguiu introduzir os cupins no museu e ficou à espera do que aconteceria. Sua decepção, contudo, foi enorme. Em vez de atacar as obras de arte, os cupins preferiram as vigas de sustentação do prédio, feitas de madeira absolutamente vulgar. E por isso foram detectados.

O homem ficou furioso. Nem nos cupins se pode confiar, foi a sua desconsolada conclusão. É verdade que alguns insetos foram encontrados próximos a telas de Van Gogh. Mas isso não lhe serviu de consolo. Suspeitava que os sádicos cupins estivessem querendo apenas debochar dele. Cupins e Van Gogh, era tudo a mesma coisa.

(O imaginário cotidiano, 2002.)

4. Unifesp-SP 2020 Enquanto existirem no mundo aqueles horríveis girassóis, aquelas estrelas tumultuadas, aqueles ciprestes deformados, dizia, não poderei jamais dar vazão ao meu instinto criador. (1º parágrafo)

Ao se transpor o trecho para o discurso indireto, os termos sublinhados assumem a seguinte redação:

- a) existirem, pode, meu.
- b) existissem, poderia, seu.
- c) existiam, puderem, meu.
- d) existem, poderei, dele.
- e) tenham existido, terá podido, seu.



Leia o trecho inicial do conto “A doida”, de Carlos Drummond de Andrade, para responder à questão **5**.

A doida habitava um chalé no centro do jardim maltratado. E a rua descia para o córrego, onde os meninos costumavam banhar-se. Era só aquele chalezinho, à esquerda, entre o barranco e um chão abandonado; à direita, o muro de um grande quintal. E na rua, tornada maior pelo silêncio, o burro que pastava. Rua cheia de capim, pedras soltas, num declive áspero. Onde estava o fiscal, que não mandava capiná-la?

Os três garotos desceram manhã cedo, para o banho e a pega de passarinho. Só com essa intenção. Mas era bom

passar pela casa da doida e provocá-la. As mães diziam o contrário: que era horroroso, poucos pecados seriam maiores. Dos doidos devemos ter piedade, porque eles não gozam dos benefícios com que nós, os sãos, fomos aquinhoados. Não explicavam bem quais fossem esses benefícios, ou explicavam demais, e restava a impressão de que eram todos privilégios de gente adulta, como fazer visitas, receber cartas, entrar para irmandades. E isso não comovia ninguém. A loucura parecia antes erro do que miséria. E os três sentiam-se inclinados a **lapidar** a doida, isolada e agreste no seu jardim.

Como era mesmo a cara da doida, poucos poderiam dizê-lo. Não aparecia de frente e de corpo inteiro, como as outras pessoas, conversando na calma. Só o busto, recortado numa das janelas da frente, as mãos magras, ameaçando. Os cabelos, brancos e desgrenhados. E a boca inflamada, soltando xingamentos, pragas, numa voz rouca. Eram palavras da Bíblia misturadas a termos populares, dos quais alguns pareciam escabrosos, e todos fortíssimos na sua cólera.

Sabia-se confusamente que a doida tinha sido moça igual às outras no seu tempo remoto (contava mais de sessenta anos, e loucura e idade, juntas, lhe lavraram o corpo). Corria, com variantes, a história de que fora noiva de um fazendeiro, e o casamento uma festa estrondosa; mas na própria noite de núpcias o homem a repudiara, Deus sabe por que razão.

O marido ergueu-se terrível e empurrou-a, no calor do bate-boca; ela rolou escada abaixo, foi quebrando ossos, arrebentando-se. Os dois nunca mais se veriam. Já outros contavam que o pai, não o marido, a expulsara, e esclareciam que certa manhã o velho sentira um amargo diferente no café, ele que tinha dinheiro grosso e estava custando a morrer – mas nos **racontos** antigos abusava-se de veneno. De qualquer modo, as pessoas grandes não contavam a história direito, e os meninos deformavam o conto. Repudiada por todos, ela se fechou naquele chalé do caminho do córrego, e acabou perdendo o juízo. Perdera antes todas as relações. Ninguém tinha ânimo de visitá-la. O padeiro mal jogava o pão na caixa de madeira, à entrada, e eclipsava-se. Diziam que nessa caixa uns primos generosos mandavam pôr, à noite, provisões e roupas, embora oficialmente a ruptura com a família se mantivesse inalterável. Às vezes uma preta velha arriscava-se a entrar, com seu cachimbo e sua paciência educada no cativo, e lá ficava dois ou três meses, cozinhando. Por fim a doida enxotava-a. E, afinal, empregada nenhuma queria servi-la. Ir viver com a doida, pedir a bênção à doida, jantar em casa da doida, passar um ser, na cidade, expressões de castigo e símbolos de **irrisão**.

Vinte anos de uma tal existência, e a legenda está feita. Quarenta, e não há mudá-la. O sentimento de que a doida carregava uma culpa, que sua própria doidice era uma falta grave, uma coisa aberrante, instalou-se no espírito das crianças. E assim, gerações sucessivas de moleques passavam pela porta, fixavam cuidadosamente a vidraça e lascavam uma pedra. A princípio, como justa penalidade. Depois, por prazer. Finalmente, e já havia muito tempo, por hábito. Como a doida respondesse sempre furiosa, criara-se na mente infantil a ideia de um equilíbrio por compensação, que afogava o remorso.

Em vão os pais censuravam tal procedimento. Quando meninos, os pais daqueles três tinham feito o mesmo,

com relação à mesma doida, ou a outras. Pessoas sensíveis lamentavam o fato, sugeriam que se desse um jeito para internar a doida. Mas como? O hospício era longe, os parentes não se interessavam. E daí – explicava-se ao forasteiro que porventura estranhasse a situação – toda cidade tem seus doidos; quase que toda família os tem. Quando se tornam ferozes, são trancados no sótão; fora disto, circulam pacificamente pelas ruas, se querem fazê-lo, ou não, se preferem ficar em casa. E doido é quem Deus quis que ficasse doido...

Respeitemos sua vontade. Não há remédio para loucura; nunca nenhum doido se curou, que a cidade soubesse; e a cidade sabe bastante, ao passo que livros mentem.

(Contos de aprendiz, 2012.)

lapidar: apedrejar.

raconto: relato, narrativa.

irrisão: zombaria.

5. **Unifesp-SP 2019** Em “Não aparecia de frente e de corpo inteiro, como as outras pessoas, conversando na calma” (3º parágrafo), o termo sublinhado é um verbo
- de ligação.
 - transitivo direto e indireto.
 - transitivo direto.
 - intransitivo.
 - transitivo indireto.



Leia a crônica “Eloquência singular”, do escritor Fernando Sabino (1923-2004), para responder à questão 6.

Mal iniciara seu discurso, o deputado embatucou:

— Senhor Presidente: eu não sou daqueles que...

O verbo ia para o singular ou para o plural? Tudo indicava o plural. No entanto, podia perfeitamente ser o 5 singular:

— Não sou daqueles que...

Não sou daqueles que recusam... No plural soava melhor. Mas era preciso precaver-se contra essas armadilhas da linguagem — que recusa? — ele que tão facilmente caía 10 nelas, e era logo massacrado com um aparte.

Não sou daqueles que... Resolveu ganhar tempo:

— ...embora perfeitamente cômico das minhas altas responsabilidades como representante do povo nesta Casa, não sou...

15 Daqueles que recusa, evidentemente. Como é que podia ter pensado em plural? Era um desses casos que os gramáticos registram nas suas questiúnculas de português: ia para o singular, não tinha dúvida. Idiotismo de linguagem, devia ser.

20 — ...daqueles que, em momentos de extrema gravidade, como este que o Brasil atravessa...

Safara-se porque nem se lembrava do verbo que pretendia usar:

— Não sou daqueles que...

25 Daqueles que o quê? Qualquer coisa, contanto que atravessasse de uma vez essa traiçoeira pinguela gramatical em que sua oratória lamentavelmente se havia metido logo de saída. Mas a concordância? Qualquer verbo servia, desde que conjugado corretamente, no singular. Ou no plural:

30 — Não sou daqueles que, dizia eu — e é bom que se repita sempre, senhor Presidente, para que possamos ser dignos da confiança em nós depositada...

Intercalava orações e mais orações, voltando sempre ao ponto de partida, incapaz de se definir por esta ou 35 aquela concordância.

[...]

A concordância que fosse para o diabo. Intercalou mais uma oração e foi em frente com bravura, disposto a tudo, afirmando não ser daqueles que...

40 — Como?

Acolheu a interrupção com um suspiro de alívio:

— Não ouvi bem o aparte do nobre deputado.

Silêncio. Ninguém dera aparte nenhum.

— Vossa Excelência, por obséquio, queira falar mais 45 alto, que não ouvi bem — e apontava, agoniado, um dos deputados mais próximos.

— Eu? Mas eu não disse nada...

— Terei o maior prazer em responder ao aparte do nobre colega. Qualquer aparte.

50 O silêncio continuava. Interessados, os demais deputados se agrupavam em torno do orador, aguardando o desfecho daquela agonia, que agora já era, como no verso de Bilac, a agonia do herói e a agonia da tarde.

— Que é que você acha? — cochichou um.

55 — Acho que vai para o singular.

— Pois eu não: para o plural, é lógico.

O orador seguia na sua luta:

— Como afirmava no começo de meu discurso, senhor Presidente...

60 Tirou o lenço do bolso e enxugou o suor da testa. Vontade de aproveitar-se do gesto e pedir ajuda ao próprio Presidente da mesa: por favor, apura aí pra mim, como é que é, me tira desta...

— Quero comunicar ao nobre orador que o seu tempo

65 se acha esgotado.

— Apenas algumas palavras, senhor Presidente, para terminar o meu discurso: e antes de terminar, quero deixar bem claro que, a esta altura de minha existência, depois de mais de vinte anos de vida pública...

70 E entrava por novos desvios:

— Muito embora... sabendo perfeitamente... os imperativos de minha consciência cívica... senhor Presidente... e o declaro peremptoriamente... não sou daqueles que...

O Presidente voltou a adverti-lo de que seu tempo se 75 esgotara. Não havia mais por onde fugir:

— Senhor Presidente, meus nobres colegas!

Resolveu arrematar de qualquer maneira. Encheu o peito e desfechou:

— Em suma: não sou daqueles. Tenho dito.

80 Houve um suspiro de alívio em todo o plenário, as palmas romperam. Muito bem! Muito bem! O orador foi vivamente cumprimentado.

(A companheira de viagem, 1972.)

6. **Univag-MT 2019** “O Presidente voltou a adverti-lo de que seu tempo se esgotara” (linhas 74-75)

Ao se adaptar este trecho para o discurso direto, o verbo “esgotara” assume a forma:

- | | |
|---------------|-------------|
| a) esgotasse. | d) esgotou. |
| b) esgotava. | e) esgota. |
| c) esgotaria. | |

7. **Unicentro-PR 2017** Passando a frase: “Ela havia feito muitos doces de leite para a festa” para a voz passiva, obtém-se:
- Doces de leite para a festa foram feitos.
 - Muitos doces de leite para a festa haviam sido feitos por ela.
 - Fizeram-se muitos doces de leite por ela para a festa.
 - Muitos doces de leite havia ela feito para a festa.
 - Para a festa ela fez muitos doces de leite.

8. **Urca-CE 2018** “Com o toque da corneta, engarrafam no convés do navio o rebanho de soldados ansiosos.” A forma verbal “engarrafam” se encontra no tempo:
- presente do subjuntivo
 - imperfeito do indicativo
 - pretérito perfeito do indicativo
 - presente do indicativo
 - imperativo afirmativo



Textos para a questão 9.

Texto 1

[Nos poemas de Max Martins] A cada passo, giram-se os significados e despoja-se o signo dos sentidos habituais, automatizados, para que germinem outros campos semânticos.

(TUPIASSÚ, Amarílis. “Max Martins”. Revista ASAS DA PALAVRA. UNAMA, 2000)

Texto 2

Rola o poema e o mundo
E eu mudo.

(Max Martins, “Poema”, p. 363)

Texto 3

A faca corta o pão
separando o tempo em nós.

(Max Martins. “Elegia em junho”, p. 365)

9. **Unama-PA 2015** “A faca corta o pão / **separando** o tempo em nós.” Nos versos acima, a palavra **separando** é uma forma nominal de gerúndio empregada por Max Martins para
- captar a ação dinâmica e a progressividade do discurso poético.
 - expressar uma ação concluída, terminada no poema.
 - revelar uma interrupção de movimento na ação verbal do poema.
 - causar esvaziamento de sentido no discurso poético.
10. **Ufam-AM 2017** Assinale a alternativa em que há verbo conjugado de modo **INCORRETO**:
- Se não reouvermos os passaportes roubados, não poderemos viajar.
 - Quando o vir, entregue-lhe estas revistas, por favor.
 - Se a crise atual se manter, o governo não terá sustentabilidade política.
 - Se a vires no aeroporto, diga-lhe que desejo boa viagem.
 - É um político que, sem se posicionar, apenas remedeia os problemas sociais.



Leia o conto a seguir do escritor africano de língua portuguesa para responder à questão 11.

O menino que escrevia versos

Mia Couto

De que vale ter voz
se só quando não falo é que me entendem?
De que vale acordar
se o que vivo é menos do que o que sonhei?
(Versos do menino que fazia versos)

— Ele escreve versos!

Apontou o filho, como se entregasse criminoso na esquadra. O médico levantou os olhos, por cima das lentes, com o esforço de alpinista em topo de montanha.

- 5 — Há antecedentes na família?
— Desculpe doutor?

O médico destrocou-se em tintins. Dona Serafina respondeu que não. O pai da criança, mecânico de nascença e preguiçoso por destino, nunca espreitara uma página.

- 10 Lia motores, interpretava chaparias. Tratava bem, nunca lhe batera, mas a doçura mais requintada que conseguira tinha sido em noite de núpcias:

— Serafina, você hoje cheira a óleo Castrol.

- Ela hoje até se comove com a comparação: perfume de
15 igual qualidade qual outra mulher ousa sequer sonhar? Pobres que fossem esses dias, para ela, tinham sido lua de mel. Para ele, não fora senão período de rodagem. O filho fora confeccionado nesses namoros de unha suja, restos de combustível manchando o lençol. E oleosas confissões de amor.

- 20 Tudo corria sem mais, a oficina mal dava para o pão e para a escola do miúdo. Mas eis que começaram a aparecer, pelos recantos da casa, papéis rabiscados com versos. O filho confessou, sem pestanejo, a autoria do feito.

— São meus versos, sim.

- 25 O pai logo sentenciara: havia que tirar o miúdo da escola. Aquilo era coisa de estudos a mais, perigosos contágios, más companhias. Pois o rapaz, em vez de se lançar no esfrega-refrega com as meninas, se acabrunhava nas penumbras e, pior ainda, escrevia versos. O que se passa-
30 va: mariquice intelectual? Ou carburador entupido, avarias dessas que a vida do homem se queda em ponto morto?

Dona Serafina defendeu o filho e os estudos. O pai, conformado, exigiu: então, ele que fosse examinado.

- O médico que faça revisão geral, parte mecânica,
35 parte eléctrica.

Quería tudo. Que se afinasse o sangue, calibrasse os pulmões e, sobretudo, lhe espreitassem o nível do óleo na fígadeira. Houvesse que pagar por sobressalentes, não importava. O que urgia era pôr cobro àquela vergonha familiar.

- 40 Olhos baixos, o médico escutou tudo, sem deixar de escrever num papel. Aviava já a receita para poupança de tempo. Com enfado, o clínico se dirigiu ao menino:

— Dói-te alguma coisa?

— Dói-me a vida, doutor.

- 45 O doutor suspendeu a escrita. A resposta, sem dúvida, o surpreendera. Já Dona Serafina aproveitava o momento: Está a ver, doutor? Está a ver? O médico voltou a erguer os olhos e a enfrentar o miúdo:

— E o que fazes quando te assaltam essas dores?

50 — O que melhor sei fazer, excelência.

— E o que é?

— É sonhar.

Serafina voltou à carga e desferiu uma chapada na nuca do filho. Não lembrava o que o pai lhe dissera sobre os 55 sonhos? Que fosse sonhar longe! Mas o filho reagiu: longe, por quê? Perto, o sonho alejaria alguém? O pai teria, sim, receio de sonho. E riu-se, acarinhando o braço da mãe.

O médico estranhou o miúdo. Custava a crer, visto a idade. Mas o moço, voz tímida, foi-se anunciando. 60 Que ele, modéstia apartada, inventara sonhos desses que já nem há, só no antigamente, coisa de bradar à terra. Exemplificaria, para melhor crença. Mas nem chegou a começar. O doutor o interrompeu:

— Não tenho tempo, moço, isto aqui não é nenhuma 65 clínica psiquiátrica.

A mãe, em desespero, pediu clemência. O doutor que desse ao menos uma vista de olhos pelo caderninho dos versos. A ver se ali catava o motivo de tão grave distúrbio. Contrafeito, o médico aceitou e guardou o manuscrito na 70 gaveta. A mãe que viesse na próxima semana. E trouxesse o paciente.

Na semana seguinte, foram os últimos a ser atendidos. O médico, sisudo, taciturneou: o miúdo não teria, por acaso, mais versos? O menino não entendeu.

75 — Não continuas a escrever?

— Isto que faço não é escrever, doutor. Estou, sim, a viver. Tenho este pedaço de vida — disse, apontando um novo caderninho — quase a meio.

O médico chamou a mãe, à parte. Que aquilo era 80 mais grave do que se poderia pensar. O menino carecia de internamento urgente.

— Não temos dinheiro — fungou a mãe entre soluços.

— Não importa — respondeu o doutor.

Que ele mesmo assumiria as despesas. E que seria ali 85 mesmo, na sua clínica, que o menino seria sujeito a devido tratamento. E assim se procedeu.

Hoje quem visita o consultório raramente encontra o médico. Manhãs e tardes ele se senta num recanto do quarto onde está internado o menino. Quem passa pode 90 escutar a voz pausada do filho do mecânico que vai lendo, verso a verso, o seu próprio coração. E o médico, abreviando silêncios:

— Não pare, meu filho. Continue lendo...

11. FEI-SP 2017 Em “O pai logo sentenciara: havia que tirar o miúdo da escola” (linhas 25-26), o verbo em destaque está flexionado no pretérito mais-que-perfeito do indicativo. Esse tempo expressa a ideia de:

- a) uma ação que antecede outra ação realizada no passado.
- b) uma ação que ocorre paralelamente a uma outra ação.
- c) uma ação que se projeta para o futuro.
- d) hipótese em relação à ação sucessiva.
- e) uma ação que se inicia no passado e tem continuidade no presente.

12. IFNMG-MG 2016

Lixo Urbano: Veja como o movimento dumpster diving aproveita o que desperdiçamos todos os dias. Conhecido como *dumpster diving*, o movimento busca compartilhar restos alimentícios a fim de acabar com a 5 fome das pessoas

Diariamente, toneladas de comidas são jogadas fora em todo o mundo. De acordo com dados da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura, cerca de um terço de todos os alimentos produzidos no 10 mundo, avaliados em um trilhão de dólares, é mal gasto a cada ano.

É comum que em restaurantes, feiras e supermercados algumas embalagens com produtos alimentícios sejam descartadas por estarem danificadas ou perto da data de 15 vencimento. Já em residências, as pessoas consomem mais do que precisam e acabam desperdiçando alimentos em ótimas condições de uso.

Foi neste contexto que surgiu o *dumpster diving*. Cada vez mais conhecido e com mais adeptos, o movimento é 20 composto por – mergulhadores de lixeiras, que buscam restos de comidas – como pão, chocolate, verduras – e compartilham os achados, gratuitamente, para saciar a fome das pessoas.

O movimento nasceu em Nova Iorque, mas se tornou 25 popular na Europa graças aos alemães Benjamin Schmitt e Helena Jachmann, dois jovens motivados pela indignação ante o desperdício de toneladas de comida. Para facilitar e otimizar o compartilhamento de comida, a dupla conta com um site, que em 2013, após seis meses no ar, já con 30 tava com aproximadamente 8.200 usuários cadastrados.

A prática de mergulho no lixo, que também é conhecida como *bin-diving*, *containering*, *DMart*, *dumpstering*, *tating*, *skipping* ou *recycled food*, enfrenta muitos problemas, já que existem inúmeros argumentos que vão contra 35 o movimento.

Movimento contra

Isso porque, os praticantes estão expostos a riscos para a saúde. Além disso, alguns países têm legislações rigorosas, que preveem penas e multas para quem re 40 vira o lixo alheio e se apossa de itens que pertenciam a outra pessoa.

Outro ponto defendido por especialistas, na área de saúde e alimentícia, é de que muitos varejistas deveriam vender o estoque que vai para o lixo a preços reduzidos. 45 Os mesmos, no entanto, afirmam que o risco é maior para eles, já que as pessoas que comparem o produto podem estar expostas a riscos de saúde.

Além disso, alguns países têm legislações rigorosas, que **preveem** penas e multas para quem revira o lixo alheio e se apossa de itens que pertenciam a outra pessoa. (linhas 38-41)

Com relação à acentuação gráfica, marque a opção que segue a mesma regra ortográfica do verbo destacado, quando utilizados no plural.

- a) ver e ler
- b) ter e crer
- c) ter e conter
- d) vir e ver



Leia o conto de Carlos Drummond de Andrade para responder à questão 13.

O entendimento dos contos

— Agora você vai me contar uma história de amor — disse o rapaz à moça. — Quero ouvir uma história de amor em que entrem caravelas, pedras preciosas e satélites artificiais.

— Pois não — respondeu a moça, que acabara de concluir o mestrado de contador de histórias, e estava com a imaginação na ponta da língua. — Era uma vez um país onde só havia água, eram águas e mais águas, e o governo como tudo mais se fazia em embarcações atracadas ou em movimento, conforme o tempo. Osmundo mantinha uma grande indústria de barcos, mas não era feliz, porque Sertória, objeto dos seus sonhos, se recusava a casar com ele. Osmundo ofereceu-lhe um belo navio embandeirado, que ela recusou. Só aceitaria uma frota de dez caravelas, para si e para seus familiares.

Ora, ninguém sabia fazer caravelas, era um tipo de embarcação há muito fora de uso. Osmundo apresentou um mau produto, que Sertória não aceitou, enumerando os defeitos, a começar pelas velas latinas, que de latinas não tinham um centavo. Osmundo, desesperado, pensou em afogar-se, o que fez sem êxito, pois desceu no fundo das águas e lá encontrou um cofre cheio de esmeraldas, topázios, rubis, diamantes e o mais que você imagina. Voltou à tona para oferecê-lo à rígida Sertória, que virou o rosto. Nada a fazer, pensou Osmundo; vou transformar-me em satélite artificial. Mas os satélites artificiais ainda não tinham sido inventados. Continuou humilde satélite de Sertória, que ultimamente passeava de uma lancha para outra, levando-o preso a um cordão de seda, com a inscrição “Amor imortal”. Acabou.

— Mas que significa isso? — perguntou o moço, insatisfeito. — Não entendi nada.

— Nem eu — respondeu a moça —, mas os contos devem ser contados, e não entendidos; exatamente como a vida.

(Contos plausíveis, 2012.)

13. Unifesp-SP 2021 — Agora você vai me contar uma história de amor — disse o rapaz à moça. — Quero ouvir uma história de amor em que entrem caravelas, pedras preciosas e satélites artificiais.” (1º parágrafo)

Ao se transpor esse trecho para o discurso indireto, os termos sublinhados assumem, respectivamente, as seguintes formas:

- “quis” e “entravam”.
- “queria” e “entravam”.
- “quis” e “entrassem”.
- “queria” e “entrassem”.
- “quisera” e “entraram”.

14. Enem 2014

E se a água potável acabar? O que aconteceria se a água potável do mundo acabasse?

As teorias mais pessimistas dizem que a água potável deve acabar logo, em 2050. Nesse ano, ninguém mais tomará banho todo dia. Chuveiro com água só duas vezes por semana. Se alguém exceder 55 litros de consumo

(metade do que a ONU recomenda), seu abastecimento será interrompido. Nos mercados, não haveria carne, pois, se não há água para você, imagine para o gado. Gastam-se 43 mil litros de água para produzir 1 kg de carne. Mas, não é só ela que faltará. A Região Centro-Oeste do Brasil, maior produtor de grãos da América Latina em 2012, não conseguiria manter a produção. Afinal, no país, a agricultura e a agropecuária são, hoje, as maiores consumidoras de água, com mais de 70% do uso. Faltariam arroz, feijão, soja, milho e outros grãos.

Disponível em: <http://super.abril.com.br>. Acesso em: 30 jul. 2012

A língua portuguesa dispõe de vários recursos para indicar a atitude do falante em relação ao conteúdo de seu enunciado. No início do texto, o verbo “dever” contribui para expressar

- uma constatação sobre como as pessoas administram os recursos hídricos.
- a habilidade das comunidades em lidar com problemas ambientais contemporâneos.
- a capacidade humana de substituir recursos naturais renováveis.
- uma previsão trágica a respeito das fontes de água potável.
- uma situação ficcional com base na realidade ambiental brasileira.

15. PUC-Campinas-SP 2021

A posição do artista

A sociedade atribui um papel específico ao criador de arte e define sua posição na escala social, envolvendo não apenas o artista individualmente, mas também a formação de grupos de artistas. Daí sermos levados a considerar sucessivamente primeiro o aparecimento do artista na sociedade com posição e papel configurados, para em seguida relevar as condições em que se diferenciam os grupos de artistas.

Houve um tempo em que se exagerou muito o aspecto coletivo da criação, concebendo-se o povo, no conjunto, como criador de arte. Por exemplo: os poemas atribuídos a Homero haviam sido, na verdade, criação do gênio coletivo da Grécia. Hoje, está superada essa noção de cunho altamente romântico, e sabemos que a obra exige necessariamente a atuação decisiva do artista criador. O que chamamos arte coletiva é a arte criada pelo indivíduo a tal ponto identificado às aspirações e valores do seu tempo que a história social parece dissolver o indivíduo, perdendo-se assim a identidade do criador.

Os elementos individuais adquirem significado social na medida em que as pessoas correspondem a necessidades coletivas; e estas, agindo, permitem por sua vez que os indivíduos possam exprimir-se, encontrando repercussão no grupo. As relações entre o artista e o grupo se pautam por esta circunstância e podem ser esquematizadas do seguinte modo: em primeiro lugar, há a necessidade de um agente individual que torne a si a tarefa de criar e apresentar a obra; em segundo lugar ele é ou não reconhecido como criador ou intérprete pela sociedade, e o destino da obra está ligado a essa circunstância; em terceiro lugar,

ele utiliza a obra, assim mercada pela sociedade, como veículo das suas aspirações individuais mais profundas.

(Adaptado de: CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2.ed., p. 29-30, 1967)

Está correto o emprego de todas as formas verbais na seguinte frase:

- a) Se não reaver seu antigo prestígio social, esse escritor sentir-se-á frustrado.
- b) Caso a escritora não se indisposse com seu público, seus livros continuariam vendendo.
- c) Se ele não atentar para seu público e não desdizer suas injúrias, será punido.
- d) A menos que ele obtenha novo sucesso, logo o público se esquecerá de sua obra.
- e) Se ele não se detiver e não puser reparo em seus defeitos, não obterá sucesso.

16. IFPE-PE 2020

Lixo: um grave problema no mundo moderno

(1) Até meados do século XIX, o lixo gerado – restos de comida, excrementos de animais e outros materiais orgânicos – reintegrava-se aos ciclos naturais e servia como adubo para a agricultura. Mas, com a industrialização e a concentração da população nas grandes cidades, o lixo foi se tornando um problema.

(2) A sociedade moderna rompeu os ciclos da natureza: por um lado, extraímos mais e mais matérias primas, por outro, fazemos crescer montanhas de lixo. E, como todo esse rejeito não retorna ao ciclo natural, transformando-se em novas matérias-primas, pode tornar-se uma perigosa fonte de contaminação para o meio ambiente ou de doenças.

(3) Recentemente, começamos a perceber que, assim como não podemos deixar o lixo acumular dentro de nossas casas, é preciso conter a geração de resíduos e dar um tratamento adequado ao lixo no nosso planeta. Para isso, será preciso conter o consumo desenfreado, que gera cada vez mais lixo, e investir em tecnologias que permitam diminuir a geração de resíduos, além da reutilização e da reciclagem dos materiais em desuso.

(4) Precisamos, ainda, reformular nossa concepção a respeito do lixo. Não podemos mais encarar todo lixo como “resto inútil”, mas, sim, como algo que pode ser transformado em nova matéria-prima para retornar ao ciclo produtivo.

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. Lixo um grave problema no mundo moderno. Disponível em: <https://www.mma.gov.br/estruturas/secex_consumo/_arquivos/8%20-%20mcs_lixo.pdf>. Acesso em: 27 out. 2019 (adaptado).

No texto, observa-se a relação da sociedade com o lixo ao longo do tempo. Para marcar essa história, o tempo verbal vai mudando conforme o assunto avança até os dias atuais. Indique a alternativa que analisa CORRETAMENTE o uso dos tempos verbais do modo indicativo destacados em cada trecho.

- a) No trecho “o lixo gerado (...) servia como adubo para a agricultura” (1º parágrafo), o verbo, no pretérito mais-que-perfeito, diz respeito a um passado anterior à época da industrialização.

- b) Em “será preciso conter o consumo desenfreado” (3º parágrafo), o futuro do presente é utilizado para indicar um comportamento que ainda deve se realizar.
- c) Na oração “esse rejeito não retorna ao ciclo natural” (2º parágrafo), o trecho utiliza o pretérito imperfeito para assinalar ação frequente no passado, com relação ao lixo.
- d) Em “A sociedade moderna rompeu os ciclos da natureza” (2º parágrafo), o verbo no presente refere-se a uma atitude que vivenciamos diariamente.
- e) Na frase “Não podemos mais encarar todo lixo como ‘resto inútil’” (4º parágrafo), o pretérito perfeito aponta para uma ação que já ficou no passado.

17. AFA-SP 2013

Gates e Jobs

Quando as órbitas se cruzam

Em astronomia, quando as órbitas de duas estrelas se entrecruzam por causa da interação gravitacional, tem-se um sistema binário. Historicamente, ocorrem situações análogas quando uma era é moldada pela relação e rivalidade de dois grandes astros orbitando: Albert Einstein e Niels Bohr na física no século XX, por exemplo, ou Thomas Jefferson e Alexander Hamilton na condução inicial do governo americano. Nos primeiros trinta anos da era do computador pessoal, a partir do final dos anos 1970, o sistema estelar binário definidor foi composto por dois indivíduos de grande energia, que largaram os estudos na universidade, ambos nascidos em 1955.

Bill Gates e Steve Jobs, apesar das ambições no ponto de convergência da tecnologia e dos negócios, tinham origens bastante diferentes e personalidades radicalmente distintas.

À diferença de Jobs, Gates entendia de programação e tinha uma mente mais prática, mais disciplinada e com grande capacidade de raciocínio analítico. Jobs era mais intuitivo, romântico, e dotado de mais instinto para tornar a tecnologia usável, o design agradável e as interfaces amigáveis. Com sua mania de perfeição, era extremamente exigente, além de administrar com carisma e intensidade indiscriminada. Gates era mais metódico; as reuniões para exame dos produtos tinham horário rígido, e ele chegava ao cerne das questões com uma habilidade ímpar. Jobs encarava as pessoas com uma intensidade cáustica e ardente; Gates às vezes não conseguia fazer contato visual, mas era essencialmente bondoso.

“Cada qual se achava mais inteligente do que o outro, mas Steve era geral tratava Bill como alguém levemente inferior, sobretudo em questões de gosto e estilo”, diz Andy Hertzfeld. “Bill menosprezava Steve porque ele não sabia de fato programar.” Desde o começo da relação, Gates ficou fascinado por Jobs e com uma ligeira inveja de seu efeito hipnótico sobre as pessoas. Mas também o considerava “essencialmente esquisito” e “estranhamente falho como ser humano”, e se sentia desconcertado com a grosseria de Jobs e sua tendência a funcionar “ora no modo de dizer que você era um merda, ora no de tentar seduzi-lo”. Jobs, por sua vez, via em Gates uma estreiteza enervante.

Suas diferenças de temperamento e personalidade iriam levá-los para lados opostos da linha fundamental 45 de divisão na era digital. Jobs era um perfeccionista que adorava estar no controle e se comprazia com sua índole intransigente de artista; ele e a Apple se tornaram exemplos de uma estratégia digital que integrava solidamente o hardware, o software e o conteúdo numa unidade indissociável. Gates era um analista inteligente, calculista e pragmático dos negócios e da tecnologia; dispunha-se a licenciar o software e o sistema operacional da Microsoft para um grande número de fabricantes.

Depois de trinta anos, Gates desenvolveu um respeito 55 relutante por Jobs. “De fato, ele nunca entendeu muito de tecnologia, mas tinha um instinto espantoso para saber o que funciona”, disse. Mas Jobs nunca retribuiu valorizando devidamente os pontos fortes de Gates. “Basicamente Bill é pouco imaginativo e nunca inventou nada, e é por isso que 60 acho que ele se sente mais à vontade agora na filantropia do que na tecnologia”, disse Jobs, com pouca justiça. “Ele só pilhava despudoradamente as ideias dos outros.”

(ISAACSON, Walter. *Steve Jobs: a biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 189-191. Adaptado).

Em relação ao texto, assinale a alternativa correta.

- a) O uso do presente do indicativo no subtítulo do texto se justifica por ser um presente histórico que exprime um fato passado como se fosse atual.
- b) Há no texto a predominância do pretérito imperfeito do indicativo para destacar a duração do fato passado expresso.
- c) O futuro do pretérito, na linha 44, expressa incerteza a respeito de um fato já ocorrido por meio de um tempo composto.
- d) A reescrita ‘Suas diferenças de pensamento e personalidade levá-los-iam para lados opostos’ (l. 43-44) atende à norma padrão da língua.



Leia o trecho do romance *Triste fim de Policarpo Quaresma*, de Lima Barreto, para responder à questão 18.

Era assim concebida a petição:

“Policarpo Quaresma, cidadão brasileiro, funcionário público, certo de que a língua portuguesa é emprestada ao Brasil; certo também de que por esse fato, o falar e o escrever em geral, sobretudo no campo das letras, se veem na humilhante contingência de sofrer continuamente censuras ásperas dos proprietários da língua; sabendo além, que dentro do nosso país os autores e os escritores, com especialidade os gramáticos, não se entendem no tocante à correção gramatical, vendo-se diariamente surgir azedas polémicas entre os mais profundos estudiosos do nosso idioma – usando do direito que lhe confere a Constituição, vem pedir que o Congresso Nacional decrete o tupi-guarani como língua oficial e nacional do povo brasileiro.

O suplicante, deixando de parte os argumentos históricos que militam em favor de sua ideia, pede vênua para lembrar que a língua é a mais alta manifestação da inteligência de um povo, é a sua criação mais viva e original; e, portanto, a emancipação política do país requer como complemento e consequência a sua emancipação idiomática.

Demais, Senhores Congressistas, o tupi-guarani, língua originalíssima, aglutinante, é a única capaz de traduzir as nossas belezas, de pôr-nos em relação com a nossa natureza e adaptar-se perfeitamente aos nossos órgãos vocais e cerebrais, por ser criação de povos que aqui viveram e ainda vivem, portanto possuidores da organização fisiológica e psicológica para que tendemos, evitando-se dessa forma as estereis controvérsias gramaticais oriundas de uma difícil adaptação de uma língua de outra região à nossa organização cerebral e ao nosso aparelho vocal – controvérsias que tanto **empecem** o progresso da nossa cultura literária, científica e filosófica.

Seguro de que a sabedoria dos legisladores saberá encontrar meios para realizar semelhante medida, e consócio de que a Câmara e o Senado pesarão o seu alcance e utilidade **P. e E.** deferimento.”

(*Triste fim de Policarpo Quaresma*, 1991. Adaptado.)

empecer: prejudicar.

P. e E.: pede e espera.

18. **Uefs-BA 2017** controvérsias que tanto **empecem** o progresso da nossa cultura literária, científica e filosófica. (4º parágrafo)

No contexto em que está inserido, o termo destacado é um verbo

- a) transitivo direto.
- b) transitivo direto e indireto.
- c) intransitivo.
- d) de ligação.
- e) transitivo indireto.

19. **IFTO-TO 2017** Assinale a alternativa cuja predicação dos verbos destacados está classificada de modo correto, respectivamente.

- I. A criança **tossiu** a noite inteira.
 - II. Os funcionários **permanecem** satisfeitos com seus salários.
 - III. O hóspede **quebrou** a maçaneta da porta do quarto.
- a) Intransitivo – verbo de ligação – transitivo indireto.
 - b) Intransitivo – verbo de ligação – transitivo direto.
 - c) Transitivo direto – verbo de ligação – transitivo indireto.
 - d) Verbo de ligação – transitivo direto – intransitivo.
 - e) Intransitivo – transitivo direto – transitivo indireto.

20. **Ufam-AM 2017** Assinale a alternativa em que a correspondência entre o imperativo afirmativo e o imperativo negativo está **INCORRETA**:

- a) Pula a cerca para encurtar caminho até a entrada da fazenda. – Não pule a cerca para encurtar caminho até a entrada da fazenda.
- b) Usai sempre um agasalho durante a noite, pois faz frio. – Não useis agasalhos durante a noite, pois não faz frio.
- c) Não vou demorar. Espera-me para o jantar. – Vou demorar. Não me esperes para o jantar.
- d) Crê no sobrenatural, pois ele existe. – Não creias no sobrenatural, pois ele não existe.

- e) Louve os políticos, mas somente os que forem confiáveis. – Não louve os políticos, porque eles não são confiáveis.

21. Fuvest-SP 2017 Leia este texto, publicado em 1905.

Por toda parte, a **verbiagem**, oca, inútil e vã, a retórica [...] pomposa, a erudição míope, o aparato de sabedoria resumem toda a elaboração intelectual. [...] Aceitam-se e proclamam-se os mais altos representantes da intelectualidade: os retóricos inveterados, cuja palavra abundante e preciosa impõe-se como sinal de gênio, embora não se encontrem nos seus longos discursos e muitos volumes nem uma ideia original, nem uma só observação própria. E disto ninguém se escandaliza; o escândalo viria se houvesse originalidade.

Manoel Bomfim, *A América Latina: males de origem*. Adaptado.

verbiagem: falatório longo mas com pouco sentido ou utilidade; verbosidade.

- a) O sentido que se atribui, no texto, à palavra “retórica” é o de “arte da eloquência, arte de bem argumentar; arte da palavra” (Houaiss)? Justifique.
- b) Mantendo-se o sentido que eles têm no contexto, que outra forma os verbos “se encontrem” e “houvesse” poderiam assumir?

22. ITA-SP 2017

A mídia realmente tem o poder de manipular as pessoas?

Por Francisco Fernandes Ladeira

1 À primeira vista, a resposta para a pergunta que intitula este artigo parece simples e óbvia: sim, a mídia é um poderoso instrumento de manipulação. A ideia de que o frágil cidadão comum é impotente frente aos gigantescos
5 e poderosos conglomerados da comunicação é bastante atrativa intelectualmente. Influentes nomes, como Adorno e Horkheimer, os primeiros pensadores a realizar análises mais sistemáticas sobre o tema, concluíram que os meios de comunicação em larga escala moldavam e direcio-
10 navam as opiniões de seus receptores. Segundo eles, o rádio torna todos os ouvintes iguais ao sujeitá-los, autoritariamente, aos idênticos programas das várias estações. No livro *Televisão e Consciência de Classe*, Sarah Chucid Da Viá afirma que o vídeo apresenta um conjunto
15 de imagens trabalhadas, cuja apreensão é momentânea, de forma a persuadir rápida e transitoriamente o grande público. Por sua vez, o psicólogo social Gustav Le Bon considerava que, nas massas, o indivíduo deixava de ser ele próprio para ser um autômato sem vontade e os juízos
20 aceitos pelas multidões seriam sempre impostos e nunca discutidos. Assim, fomentou-se a concepção de que a mídia seria capaz de manipular incondicionalmente uma audiência submissa, passiva e acrítica.

Todavia, como bons cidadãos céticos, devemos duvidar
25 (ou ao menos manter certa ressalva) de proposições imediatistas e aparentemente fáceis. As relações entre mídia e público são demasiadamente complexas, vão muito além de uma simples análise behaviorista de estímulo/resposta.

As mensagens transmitidas pelos grandes veículos de comunicação não são recebidas automaticamente e da mesma maneira por todos os indivíduos. Na maioria das vezes, o discurso midiático perde seu significado original na controversa relação emissor/receptor. Cada indivíduo está envolto em uma “bolha ideológica”, apanágio de seu próprio processo de individualização, que condiciona sua maneira de interpretar e agir sobre o mundo. Todos nós, ao entrarmos em contato com o mundo exterior, construímos representações sobre a realidade. Cada um de nós forma juízos de valor a respeito dos vários âmbitos do real, seus personagens, acontecimentos e fenômenos e, conseqüentemente, acreditamos que esses juízos correspondem à “verdade”. [...]

[...] A mídia é apenas um, entre vários quadros ou grupos de referência, aos quais um indivíduo recorre como argumento para formular suas opiniões. Nesse sentido, competem com os veículos de comunicação como quadros ou grupos de referência fatores subjetivos/psicológicos (história familiar, trajetória pessoal, predisposição intelectual), o contexto social (renda, sexo, idade, grau de instrução, etnia, religião) e o ambiente informacional (associação comunitária, trabalho, igreja). “Os vários tipos de receptor situam-se numa complexa rede de referências em que a comunicação interpessoal e a midiática se completam e modificam”, afirmou a cientista social Alessandra Aldé em seu livro *A construção da política: democracia, cidadania e meios de comunicação de massa*. Evidentemente, o peso de cada quadro de referência tende a variar de acordo com a realidade individual. Seguindo essa linha de raciocínio, no original estudo *Muito Além do Jardim Botânico*, Carlos Eduardo Lins da Silva constatou como telespectadores do Jornal Nacional acionam seus mecanismos de defesa, individuais ou coletivos, para filtrar as informações veiculadas, traduzindo-as segundo seus próprios valores. “A síntese e as conclusões que um telespectador vai realizar depois de assistir a um telejornal não podem ser antecipadas por ninguém; nem por quem produziu o telejornal, nem por quem assistiu ao mesmo tempo que aquele telespectador”, inferiu Carlos Eduardo.

Adaptado de: <http://observatoriodaimprensa.com.br/imprensa-em-questao/a-midia-realmente-tem-o-poder-de-manipular-as-pessoas/>. (Publicado em 14/04/2015, na edição 846. Acesso em 13/07/2016.)

Assinale a opção em que o verbo destacado está na voz passiva pronominal.

- a) Assim, **fomentou-se** a concepção de que a mídia seria capaz de manipular incondicionalmente uma audiência submissa, passiva e acrítica. (linhas 21 a 23)
- b) As mensagens transmitidas pelos grandes veículos de comunicação não **são recebidas** automaticamente e da mesma maneira por todos os indivíduos. (linhas 29 a 31)
- c) “Os vários tipos de receptor **situam-se** numa complexa rede de referências [...]” (linhas 50 a 52)
- d) “[...] complexa rede de referências em que a comunicação interpessoal e a midiática **se completam** e modificam” [...] (linhas 52 a 54)
- e) “A síntese e as conclusões que um telespectador vai realizar depois de assistir um telejornal não **podem ser antecipadas** por ninguém; [...]” (linhas 64 a 66)



Leia o trecho do romance *S. Bernardo*, de Graciliano Ramos, para responder à questão 23.

O caboclo mal-encarado que encontrei um dia em casa do Mendonça também se acabou em desgraça. Uma limpeza. Essa gente quase nunca morre direito. Uns são levados pela cobra, outros pela cachaça, outros matam-se.

Na pedreira perdi um. A alavanca soltou-se da pedra, bateu-lhe no peito, e foi a conta. Deixou viúva e órfãos miúdos. Sumiram-se: um dos meninos caiu no fogo, as lombrigas comeram o segundo, o último teve angina e a mulher enforcou-se.

Para diminuir a mortalidade e aumentar a produção, proibiu a aguardente.

Concluiu-se a construção da casa nova. Julgo que não preciso descrevê-la. As partes principais apareceram ou aparecerão; o resto é dispensável e apenas pode interessar aos arquitetos, homens que provavelmente não lerão isto. Ficou tudo confortável e bonito. Naturalmente deixei de dormir em rede. Comprei móveis e diversos objetos que entrei a utilizar com receio, outros que ainda hoje não utilizo, porque não sei para que servem.

Aqui existe um salto de cinco anos, e em cinco anos o mundo dá um bando de voltas.

Ninguém imaginará que, topando os obstáculos mencionados, eu haja procedido invariavelmente com segurança e percorrido, sem me deter, caminhos certos. Não senhor, não procedi nem percorri. Tive abatimentos, desejo de recuar; contornei dificuldades: muitas curvas. Acham que andei mal? A verdade é que nunca soube quais foram os meus atos bons e quais foram os maus. Fiz coisas boas que me trouxeram prejuízo; fiz coisas ruins que deram lucro. E como sempre tive a intenção de possuir as terras de S. Bernardo, considerei legítimas as ações que me levaram a obtê-las.

Alcansei mais do que esperava, mercê de Deus. Vieram-me as rugas, já se vê, mas o crédito, que a princípio se esquivava, agarrou-se comigo, as taxas desceram. E os negócios desdobraram-se automaticamente. Automaticamente. Difícil? Nada! Se eles entram nos trilhos, rodam que é uma beleza. Se não entram, cruzem os braços. Mas se virem que estão de sorte, metam o pau: as tolices que praticarem viram sabedoria. Tenho visto criaturas que trabalham demais e não progridem. Conheço indivíduos preguiçosos que têm faro: quando a ocasião chega, desensoscam-se, abrem a boca – e engolem tudo.

Eu não sou preguiçoso. Fui feliz nas primeiras tentativas e obriguei a fortuna a ser-me favorável nas seguintes.

Depois da morte do Mendonça, derrubei a cerca, naturalmente, e levei-a para além do ponto em que estava no tempo de Salustiano Padilha. Houve reclamações.

– Minhas senhoras, seu Mendonça pintou o diabo enquanto viveu. Mas agora é isto. E quem não gostar, paciência, vá à justiça.

Como a justiça era cara, não foram à justiça. E eu, o caminho aplainado, invadi a terra do Fidélis, paraplético de um braço, e a dos Gama, que pandegavam no Recife, estudando Direito. Respeitei o engenho do Dr. Magalhães, juiz.

Violências miúdas passaram despercebidas. As questões mais sérias foram ganhas no foro, graças às chicanas de João Nogueira.

Efetuei transações arriscadas, endividei-me, importei maquinismos e não prestei atenção aos que me censuravam por querer abarcar o mundo com as pernas. Iniciei a pomicultura e a avicultura. Para levar os meus produtos ao mercado, comecei uma estrada de rodagem. Azevedo Gondim compôs sobre ela dois artigos, chamou-me patriota, citou Ford e Delmiro Gouveia. Costa Brito também publicou uma nota na Gazeta, elogiando-me e elogiando o chefe político local. Em consequência mordeu-me cem mil-réis.

(S. Bernardo, 1996.).

23. Unesp-SP 2019 Verifica-se o emprego de verbo no modo imperativo no seguinte trecho:

- “Se eles entram nos trilhos, rodam que é uma beleza. Se não entram, cruzem os braços.” (7º parágrafo)
- “Minhas senhoras, seu Mendonça pintou o diabo enquanto viveu. Mas agora é isto.” (10º parágrafo)
- “Para diminuir a mortalidade e aumentar a produção, proibiu a aguardente.” (3º parágrafo)
- “Aqui existe um salto de cinco anos, e em cinco anos o mundo dá um bando de voltas.” (5º parágrafo)
- “Não senhor, não procedi nem percorri. Tive abatimentos, desejo de recuar; contornei dificuldades: muitas curvas.” (6º parágrafo)

24. Unesp-SP 2014

Água-Mãe

Jogava com toda a alma, não podia compreender como um jogador se encostava, não se entusiasmava com a bola nos pés. Atirava-se, não temia a violência e com a sua agilidade espantosa, fugia das entradas, dos pontapés. Quando aquele *back*, num jogo de subúrbio, atirou-se contra ele, recuou para derrubá-lo, e com tamanha sorte que o bruto se estendeu no chão, como um fardo. E foi assim crescendo a sua fama. Aos poucos se foi adaptando ao novo Joca que se formara nos campos do Rio. Dormia no clube, mas a sua vida era cada vez mais agitada. Onde quer que estivesse, era reconhecido e aplaudido. Os garçons não queriam cobrar as despesas que ele fazia e até mesmo nos ônibus, quando ia descer, o motorista lhe dizia sempre:

– Joca, você aqui não paga.

Quando entrava no cinema era reconhecido. Vinham logo meninos para perto dele. Sabia que agradava muito. No clube tinha amigos. Havia porém o antigo *center-forward* que se sentiu roubado com a sua chegada. Não tinha razão. Ele fora chamado. Não se oferecera. E o homem se enfureceu com Joca. Era um jogador de fama, que fora grande nos campos da Europa e por isso pouco ligava aos que não tinham o seu cartaz. A entrada de Joca, o sucesso rápido, a maravilha de agilidade e de oportunismo, que caracterizava o jogo do novato, irritava-o até ao ódio. No dia em que tivera que ceder a posição, a um menino do Cabo Frio, fora para ele como se tivesse perdido as duas pernas. Viram-no chorando, e por isso concentrou em Joca toda a sua raiva. No entanto, Joca sempre o procurava. Tinha sido a sua admiração, o seu herói.

Água-Mãe, de José Lins do Rego (1901-1957).

No primeiro parágrafo, predominam verbos empregados no

- a) pretérito perfeito do modo indicativo.
- b) pretérito imperfeito do modo indicativo.
- c) presente do modo indicativo.
- d) presente do modo subjuntivo.
- e) pretérito mais-que-perfeito do modo indicativo.

25. PUC-Campinas-SP 2021

Linguagens

Você pode achar que estou sendo implicante, metido a policiar a linguagem alheia. Brasileiro é assim mesmo, adora enfeitar a conversa para impressionar os outros. Sei disso. Eu próprio já andei escrevendo sobre o que chamei de **ruibarbosismo**: o uso de palavreado rebarbativo como forma de, numa discussão, reduzir ao silêncio o interlocutor ignaro. Uma espécie de gás paralisante verbal. Mais de uma vez vi gente de queixo caído ante as extravagâncias vocabulares que o Antônio Houaiss (esse mesmo, o do dicionário) aspergia na mais prosaica mesa de boteco.

Minha prima Solange é chegada nessas construções verbais entrecortadas por hífens, como “oferecer-lhe-ia”. Ela se casou com um cidadão americano. Até onde vão meus conhecimentos linguísticos, o idioma inglês não admite mesóclise. Será que foi por isso que o casamento da Solange não deu certo?

ruibarbosismo: referência a Rui Barbosa, escritor de estilo bastante rebuscado.

(WERNECK, Humberto. *Esse inferno vai acabar*. Porto Alegre: Arquipélago, 2011, p. 30)

É adequada a articulação entre os tempos verbais e há pleno atendimento das normas de concordância na seguinte frase:

- a) A cada vez que se apresentassem àquele escritor os mais extravagantes recursos de retórica, ele não hesitaria em se valer deles para ostentar seu desempenho linguístico.
- b) No caso de se buscarem economizar ornamentos retóricos, teriam cumprido a boa parte dos escritores desfazer-se de seus rebuscamentos estilísticos.
- c) Uma vez que o cronista empregou em seus textos expressões como “de queixo caído” e “mesa de boteco”, parecem haver nele claras preferências pela simplicidade.
- d) A cada vez que usasse uma mesóclise, a prima Solange parecerá manifestar uma predileção por formas verbais em que reponta tendências exibicionistas.
- e) Com a expressão *gás paralisante verbal* o cronista faria uma alusão ao efeito que terá provocado em alguém as formas mais rebuscadas de construções linguísticas.



Para responder à questão **26**, leia o fragmento de um texto publicado em 1867 no semanário *Cabrião*.

26. Unesp-SP 2014

São Paulo, 10 de março de 1867.

Estamos em plena quaresma.

A população paulista azafama-se a preparar-se para a lavagem geral das consciências nas águas lustrais do confessionário e do jejum.

A **camбуquira** e o bacalhau afidalgam-se no mercado.

A carne, mísera condenada pelos santos concílios, fica reduzida aos pouquíssimos dentes acatólicos da população, e desce quase a zero na pauta dos preços.

O que não sobe nem desce na escala dos fatos normais é a vilania, a usura, o egoísmo, a estatística dos crimes e o montão de fatos vergonhosos, perversos, ruins e feios que precedem todas as contrições oficiais do confessionário, e que depois delas continuam com imperturbável regularidade.

É o caso de desejar-se mais obras e menos palavras.

E se não, de que é que serve o jejum, as macerações, o arrependimento, a contrição e quejandas religiosidades?

O que é a religião sem o aperfeiçoamento moral da consciência?

O que vale a perturbação das funções gastronômicas do estômago sem consciência livre, ilustrada, honesta e virtuosa?

Seja como for, o fato é que a quaresma toma as rédeas do governo social, e tudo entristece, e tudo esfria com o exercício de seus místicos preceitos de silêncio e meditação.

De que é que vale a meditação por ofício, a meditação hipócrita e obrigada, que consiste unicamente na aparência?

Pois o que é que constitui a virtude? É a forma ou é o fundo? É a intenção do ato, ou sua feição ostensiva?

Neste sentido, aconselhamos aos bons leitores que comutem sem o menor escrúpulo os jejuns, as confissões e rezas em boas e santas ações, em esmolas aos pobres.

(Ángelo Agostini, Américo de Campos e Antônio Manoel dos Reis. *Cabrião*, 10.03.1867. Adaptado.)

camбуquira: iguaria constituída de brotos de abóbora guisados, geralmente servida como acompanhamento de assados.

“A camбуquira e o bacalhau afidalgam-se no mercado.”

Ao empregar o verbo “afidalgar-se” (tornar-se fidalgo, enobrecer; assumir ares de fidalgo, tornar-se distinto), os autores do texto sugerem, com bom humor, que a camбуquira e o bacalhau

- a) são muito pouco encontrados no comércio para compra.
- b) são alimentos venerados e honrados por sua reconhecida fidalguia.
- c) tornam-se no período produtos de grande procura e preços elevados.
- d) não podem ser consumidos pela população plebeia.
- e) são considerados iguarias que agradam ao imperador e à nobreza.



Leia o texto de Jandira Masur para responder à questão 27.

Tudo que exige a separação em duas categorias envolve o problema do limite, do divisor de águas. Muitas vezes isso é resolvido através de convenções arbitrariamente estabelecidas. É o caso do limite de 18 anos, que separa o menor do maior de idade. É claro que todo divisor estabelecido através de convenções implica situações bizarras: com um dia a menos de 18 anos não posso assistir a um filme que 24 horas depois já me será permitido.

Outros tipos de situações não necessitam de divisores arbitrários, como é o caso da gravidez. Não se fica um pouco grávida: ou se está ou não se está. Ninguém se pergunta: estarei ficando grávida?

No alcoolismo o limite entre o ser e o não ser alcoólatra não pode ser arbitrariamente definido como no caso da maioridade. Ele, o limite, também não é claro e óbvio como ocorre no caso da gravidez. Logo, a pergunta que as pessoas se fazem, sobre se elas ou outros estão bebendo demais e, portanto, se tornando alcoólatras, é pertinente e não tem uma resposta fácil. A situação é semelhante ao que ocorre quando se observa uma gradação de cores que varia do rosa ao vermelho. Quando, exatamente em que ponto é que o rosa se transforma em vermelho? Distinguir entre o rosa inicial e o vermelho final não nos causa problemas. O difícil é distinguir o momento em que o rosa não é mais rosa. Este é o problema que ocorre quando pensamos se alguém bebe normalmente ou é alcoólatra. Claro que os polos não nos confundem. É fácil dizer que uma pessoa que bebe muito, que perdeu o emprego em função de não poder trabalhar adequadamente por estar sempre embriagado, que tem problemas sérios de relacionamento com seus amigos e/ou familiares que se ressentem da forma pela qual esta pessoa vem bebendo, e que apresenta doenças devidas ao álcool, é um alcoólatra. O problema reside exatamente em definir aqueles que não mostram esses sinais óbvios, ou seja, os que estão em um ponto intermediário entre o rosa e o vermelho.

(O que é alcoolismo, 1991. Adaptado.)

27. Uefs-BA 2017 Ninguém se pergunta: estarei ficando grávida? (2º parágrafo).

A forma verbal destacada, caracterizada pela terminação “-ndo”, indica uma ação

- a) prestes a acontecer, mas ainda não realizada.
- b) totalmente realizada, finalizada.
- c) que pode ou não ter sido realizada.
- d) não terminada, em andamento.
- e) pontual, sem extensão no tempo.

28. IFTO-TO 2020

Vatapá

(Dorival Caymmi)

Quem quiser vatapá, ô
 Que procure fazer
 Primeiro o fubá
 Depois o dendê
 Procure uma nêga baiana, ô
 Que saiba mexer

Que saiba mexer
 Que saiba mexer
 Bota castanha de caju
 Um bocadinho mais
 Pimenta malagueta
 Um bocadinho mais
 Amendoim, camarão, rala um coco
 Na hora de machucar
 Sal com gengibre e cebola, iaiá
 Na hora de temperar
 Não pare de mexer, ô
 Que é pra não embolar
 Panela no fogo
 Não deixe queimar
 Com qualquer dez mil réis e uma nêga ô
 Se faz um vatapá
 Se faz um vatapá
 Que bom vatapá

Com adaptações. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/dorival-caymmi/924247/>. Acesso em: 2/10/2019.

Com relação ao emprego do imperativo nos versos, marque a opção **correta**.

- a) O sujeito verbal (3ª pessoa) mantém-se o mesmo; portanto, o emprego das formas verbais está correto.
- b) A oposição imperativo afirmativo e imperativo negativo justifica a mudança do verbo bota / não pare de mexer / não deixe queimar.
- c) A forma verbal “não pare de mexer” (imperativo negativo) opõe-se à forma verbal “bota”, que se encontra no presente do indicativo.
- d) A diferença de formas (procure / bota) ocorre em virtude do deslocamento da 3ª para a 2ª pessoa do sujeito verbal.
- e) A diferença de formas (bota / não pare de mexer / não deixe queimar) não é registrada nas gramáticas normativas, logo há inadequação na flexão dos verbos.

29. FEI-SP 2019 Carlos Drummond de Andrade tem uma vasta produção poética, reconhecida em todo o mundo, e com marcas recorrentes. A sua permanente reflexão sobre a realidade, sobre a relação entre o “eu” e o “mundo”, sobre a função do artista na sociedade é uma dessas marcas, que pode ser lida na poesia abaixo:

Mãos dadas

Não serei o poeta de um mundo caduco.
 Também não cantarei o mundo futuro.
 Estou preso à vida e olho meus companheiros.
 Estão taciturnos mas nutrem grandes esperanças.
 Entre eles, considero a enorme realidade.
 O presente é tão grande, não nos afastemos.
 Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas.
 Não serei o cantor de uma mulher, de uma história,
 não direi os suspiros ao anoitecer, a paisagem vista
 [da janela,
 não distribuirei entorpecentes ou cartas de suicida,
 não fugirei para ilhas nem serei raptado por serafins.

O tempo é a minha matéria, o tempo presente, os
[homens presentes,
a vida presente.

(ANDRADE, C. D. de. *Poesia e prosa*. Rio de Janeiro:
Nova Aguilar, 1988, p.68)

Considerando o contexto em que o verbo “afastemos”
(sexto verso) se apresenta, depreende-se:

- a) a aceitação de que as pessoas não se aproximam.
- b) o reconhecimento de que as pessoas não vivem em harmonia.
- c) o desejo de que as pessoas se mantenham unidas.
- d) o desejo inconsciente de que as pessoas se afastem.
- e) a certeza de que as pessoas não se afastarão.

30. Enem 2019

Toca a sirene na fábrica,
e o apito como um chicote
bate na manhã nascente
e bate na tua cama
no sono da madrugada.
Ternuras da áspera lona
pelo corpo adolescente.
É o trabalho que te chama.
Às pressas tomas o banho,
tomas teu café com pão,
tomas teu lugar no bote
no cais do Capibaribe.
Deixas chorando na esteira
teu filho de mãe solteira.
Levas ao lado a marmita,
contendo a mesma ração
do meio de todo o dia,
a carne-seca e o feijão.
De tudo quanto ele pede
dás só bom-dia ao patrão,
e recomeças a luta
na engrenagem da fiação.

MOTA, M. **Canto ao meio**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.

Nesse texto, a mobilização do uso padrão das formas
verbiais e pronominais

- a) ajuda a localizar o enredo num ambiente estático.
- b) auxilia na caracterização física do personagem principal.
- c) acrescenta informações modificadoras às ações dos personagens.
- d) alterna os tempos da narrativa, fazendo progredir as ideias do texto.
- e) está a serviço do projeto poético, auxiliando na distinção dos referentes.

31. IME-RJ 2017

O homem: as viagens

Carlos Drummond de Andrade

O homem, bicho da Terra tão pequeno
Chateia-se na Terra
Lugar de muita miséria e pouca diversão,

Faz um foguete, uma cápsula, um módulo
Toca para a Lua
Desce cauteloso na Lua
Pisa na Lua
Planta bandeirola na Lua
Experimenta a Lua
Coloniza a Lua
Civiliza a Lua
Humaniza a Lua.
Lua humanizada: tão igual à Terra.
O homem chateia-se na Lua.
Vamos para Marte – ordena a suas máquinas.
Elas obedecem, o homem desce em Marte
Pisa em Marte
Experimenta
Coloniza
Civiliza
Humaniza Marte com engenho e arte.
Marte humanizado, que lugar quadrado.
Vamos a outra parte?
Claro – diz o engenho
sofisticado e dócil.
Vamos a Vênus.
O homem põe o pé em Vênus,
Vê o visto – é isto?
idem
idem
idem.
O homem funde a cuca se não for a Júpiter
proclamar justiça junto com injustiça
repetir a fossa
repetir o inquieto
repetitório.
Outros planetas restam para outras colônias.
O espaço todo vira Terra-a-terra.
O homem chega ao Sol ou dá uma volta
só para tever?
Não-vê que ele inventa
roupa insidável de viver no Sol.
Põe o pé e:
mas que chato é o Sol, falso touro
espanhol domado.
Restam outros sistemas fora
do solar a colonizar.
Ao acabarem todos
só resta ao homem
(estará equipado?)
a difícilíssima e perigosíssima viagem
de si a si mesmo:
pôr o pé no chão
do seu coração
experimentar
colonizar
civilizar
humanizar
o homem
descobrir em suas próprias inexploradas entranhas
a perene, insuspeitada alegria
de con-viver.

ANDRADE, Carlos Drummond. **Nova reunião:**
19 livros de poesia – 3ª ed. Rio de Janeiro:
José Olympio, 1978, pp. 448-450.

O sentido do verbo que constitui o último verso do texto refere-se a/ao

- a) ciclo repetitivo de intermináveis colonizações.
- b) relacionamento do homem com seu interior e com seu semelhante.
- c) alegria do ser humano em se reconhecer um exímio explorador de novos ambientes.
- d) insaciável e sempre curioso relacionamento com os vários recursos naturais de que o homem pode dispor.
- e) ciclo incessante das buscas humanas que nunca trará a plena alegria citada no verso anterior: “a perene e insuspeitada alegria”.

32. Unicamp-SP 2019 (...) as palavras tomam significados distintos daqueles utilizados no cotidiano. Por exemplo, utiliza-se, com frequência, nas aulas sobre frações, a frase *reduzir ao mesmo denominador*.

(Edi Jussara Candido Lorensatti, Linguagem matemática e Língua Portuguesa: diálogo necessário na resolução de problemas matemáticos. *Conjectura: Filosofia e Educação*. Caxias do Sul, v. 14, n. 2, p. 91, maio/ago. 2009.)

Cada ciência usa uma linguagem própria e com um grau de precisão terminológica necessário para o seu exercício. Tendo em vista os significados distintos que as palavras assumem nas situações concretas em que são empregadas, o verbo “reduzir”, no uso cotidiano, significa

- a) limitar alguma coisa, ao passo que na linguagem matemática é sinônimo de restringir.
- b) moderar alguma coisa, ao passo que na linguagem matemática implica aumentar as relações entre os números.
- c) eliminar alguma coisa, ao passo que na linguagem matemática implica reverter as relações entre os números.
- d) diminuir alguma coisa, ao passo que na linguagem matemática é sinônimo de converter.

33. IFPE-PE 2019

Por que todo mundo não fala a mesma língua?

(1) Porque as línguas foram surgindo nas várias regiões do mundo de forma independente. Algumas têm a mesma origem, como o hindu, o sueco, o inglês e o português. Elas vieram de uma grande língua comum, chamada proto-indo-europeu, que há milhares de anos era falada na Ásia.

(2) Esse idioma deu origem a quase todas as línguas ocidentais e algumas orientais. “Supõe-se que o indo-europeu tenha sido uma língua só, que foi se diferenciando com o tempo”, explica o professor de linguística Paulo Chagas de Souza, da Universidade de São Paulo.

(3) É que as línguas são vivas – elas se transformam com o uso. Mesmo as que vieram de uma raiz comum foram sendo modificadas pouco a pouco pela prática de cada grupo falante, que seleciona os termos adequados ao seu ambiente e à sua cultura. Os esquimós, por exemplo, criaram palavras capazes de descrever 40 tons de branco.

Esses termos não fazem o menor sentido para um povo que mora no deserto, concorda?

(4) O Império Romano teve uma forte função na difusão e na construção de muitas das línguas que são faladas hoje. Naquela época, na região de Roma, falava-se o latim, uma língua derivada do proto-indo-europeu que floresceu na região do Lácio.

(5) À medida que o império avançava, conquistando novos territórios, esse idioma foi sendo imposto aos povos dominados, mas não sem sofrer influência das línguas locais, com mudanças de pronúncia e enxertos de palavras.

(6) Com o enfraquecimento do domínio dos césares, essas diferenças foram se intensificando e construindo dialetos, que se transformaram em idiomas próprios. Foi assim que surgiu o português, o italiano e o francês, por exemplo.

(7) Hoje, são faladas 7.099 línguas ao redor do mundo, segundo o compêndio *Ethnologue*, um livro que cataloga os idiomas do nosso planeta desde 1950. Mas a gente não ouve a maioria delas: mais de 90% dessas línguas estão na boca de apenas 6% dos habitantes da Terra. O restante da população mundial usa menos de 400 idiomas.

OLIVEIRA, Fábio. **Por que todo mundo não fala a mesma língua?**

Disponível em: <http://super.abril.com.br/sociedade/por-que-todo-mundo-nao-fala-a-mesma-lingua/amp/>. Acesso em: 04 maio 2019.

As afirmativas a seguir apresentam reflexões sobre a sintaxe de concordância da língua portuguesa. Analise-as e marque a única que faz uma avaliação CORRETA sobre a sintaxe de concordância do texto.

- a) Em “Mas a gente não **ouve** a maioria delas” (7º parágrafo), o verbo foi registrado no singular para concordar com a expressão “a gente”, continuaria, portanto, conjugado na terceira pessoa do singular se o sujeito da frase fosse o pronome “nós”.
- b) Em “Naquela época, na região de Roma, **falava-se** o latim” (4º parágrafo), o sujeito do verbo “falar” é indeterminado e o “-se” é índice de indeterminação, por isso o verbo foi corretamente conjugado na terceira pessoa do singular.
- c) Em “esse idioma **foi sendo** imposto aos povos dominados” (5º parágrafo), a locução verbal também poderia estar no plural para concordar com o referente “povos dominados”.
- d) Em “Foi assim que **surgiu** o português, o italiano e o francês, por exemplo” (6º parágrafo), houve um desliz na concordância, pois o sujeito da oração é composto (“o português, o italiano e o francês”), e o verbo, deveria, portanto, estar no plural para estabelecer concordância.
- e) Em “**há** milhares de anos era falada na Ásia” (1º parágrafo), o verbo grifado está conjugado de forma adequada, pois o verbo “haver” indicando tempo passado é impessoal, não devendo ser pluralizado, portanto.

- 34. IFTO-TO 2020** Com relação ao emprego do verbo “imobilizar” no anúncio abaixo, é correto afirmar que:



- Ingressos esgotados no 1º dia oficial de vendas.
 - Recorde histórico de público no Brasil: 45.207 pessoas no Estádio Atlético Paranaense.
 - Recorde global de público na pesagem: 15.000 pessoas.
 - 42 milhões de pessoas impactadas nas redes sociais em 1 semana.
 - Transmissão para 141 países.
Disponível em: *Revista Veja*. ed. 2479, ano 49, n. 21, jan. 2016.
- a) O autor do anúncio optou pelo emprego de “imobilizar” em vez de “mobilizar” (que seria o esperado pelo leitor) de forma intencional, tornando, assim, seu texto mais expressivo e adequado aos objetivos comunicacionais.
- b) O autor do anúncio utilizou o prefixo -i de forma inadequada, pois, nesse contexto, o verbo adequado seria “mobilizar”, que significa “incitar à participação”.
- c) Ao acrescentar o prefixo -i ao vocábulo “mobilizar”, o autor utilizou um neologismo; essa inovação, contudo, foi necessária para tornar o texto mais expressivo e atingir os objetivos comunicacionais do anúncio.
- d) Houve um erro de digitação, pois, nesse contexto, não cabe o verbo “imobilizar”.
- e) O verbo adequado, nesse contexto, seria “mobilizar”, uma vez que o evento esportivo mobilizou mais de quarenta mil pessoas a irem ao Estádio Atlético Paranaense para assistirem às lutas.

35. Uefs-BA 2017

A Christo S. N. Crucificado estando o poeta na última hora de sua vida.

Meu Deus que estais pendente em um madeiro,
Em cuja lei protesto de viver
Em cuja santa lei hei de morrer
Animoso, constante, firme e inteiro.

- 5 Neste lance, por ser o derradeiro,
Pois vejo a minha vida anoitecer,
É, meu Jesus, a hora de se ver
A brandura de um Pai, manso Cordeiro.

- 10 Mui grande é vosso amor e meu delito,
Porém pode ter fim todo pecar,
E não o vosso amor, que é infinito.
- Esta razão me obriga a confiar,
Que por mais que pequei, neste conflito
Espero em vosso amor de me salvar.
- MATOS, Gregório. In: AMADO, James (Org.) *Obras Completas de Gregório de Matos*. Salvador: Ed. Janaína, 1968. V. I, p. 47.

Sobre aspectos de morfossintaxe presentes no texto, é correto afirmar:

- I. A forma verbal de segunda pessoa “estais”, no verso 1, é compatível com o uso do pronome “vosso” nos versos 9, 11 e 14.
- II. “viver” (v. 2), “morrer” (v. 3), “anoitecer” (v. 6) e “ver” (v. 7) estão usados no texto como intransitivos.
- III. “hei de” (v. 3) é uma expressão verbal que enfatiza promessa, obrigação ou desejo no futuro.
- IV. Na sentença “Mui grande é vosso amor e meu delito” (v. 9), aplica-se uma norma de concordância verbal aceitável.
- V. As expressões “Meu Deus” (v. 1), “meu Jesus” (v. 7) e “manso Cordeiro” (v. 8) são apostos.

A alternativa em que todas as afirmativas indicadas estão corretas é a

- a) I e II.
- b) II e IV.
- c) IV e V.
- d) I, III e IV.
- e) II, III e IV.



A questão **36** toma como base o fragmento de texto do filósofo Kant.

Esclarecimento é a saída do homem de sua menoridade, da qual ele próprio é culpado. A menoridade é a incapacidade de fazer uso de seu entendimento sem a direção de outro indivíduo. O homem é o próprio culpado dessa menoridade se a causa dela não se encontra na falta de entendimento, mas na falta de decisão e coragem de servir-se de si mesmo sem a direção de outrem. “Tem coragem de fazer uso de teu próprio entendimento”, tal é o lema do esclarecimento. A preguiça e a covardia são as causas pelas quais uma tão grande parte dos homens, depois que a natureza de há muito os libertou de uma condição estranha, continuam, no entanto, de bom grado menores durante toda a vida.

KANT, I. Resposta a pergunta: o que é esclarecimento?. Petrópolis/RJ: Vozes, 1985 (adaptado).

- 36. Uema-MA 2020** As expressões partitivas, de acordo com a norma padrão culta da língua, podem estabelecer dupla possibilidade de concordância. Analise o seguinte fragmento:

[...] uma tão grande parte dos homens, depois que a natureza de há muito os libertou de uma condição estranha, continuem, no entanto [...]

- a) Discuta o efeito de sentido da concordância verbal entre “grande parte dos homens” e o verbo relacionado à expressão partitiva.
- b) Considerando o trecho “depois que a natureza de há muito os libertou”, explique o valor semântico do verbo haver neste contexto.

EM13LP19

1. A partir do crescimento da comunicação via mídias sociais, a linguagem passa a sofrer algumas alterações. Diante dessa variação que surge a partir da criação da internet e de diversas redes sociais, é preciso se atentar para o reconhecimento da linguagem que é aceita em cada meio. A organização linguística que se aceita em redes como Facebook, Twitter e Instagram não costuma ser a mesma do LinkedIn ou espaços semelhantes. Vejamos os dois textos seguintes:

Texto 1

Nem acredito! Acabei o curso de MKT e estarei enviando meu currículo para achar um trampo legal. Não vejo a hora de colocar a mão na massa. Me dá um toque se tiver um negócio bacana! Valeu!

Texto 2

Prezados,
Sou recém-formado em marketing e estou em busca de uma inserção no mercado de trabalho. Para tanto, envio meu currículo, caso haja interesse. Desde já agradeço.

A diferença entre a construção dessas duas produções é evidente, mas a mensagem apresenta o mesmo sentido. Com base na análise dos dois textos, responda às questões:

- a) Em que tipo de redes esses textos poderiam aparecer? Justifique sua resposta.
- b) No primeiro texto, notamos que, entre outros problemas, há um desvio na construção verbal, segundo a norma-padrão. Identifique esse desvio e explique como ficaria a construção correta.

EM13LP44

2. Enem Digital 2020 (Adapt.)

Faça a sua parte para ajudar a preservar o planeta em que vivemos.

- Economize água, diminuindo o tempo do banho.
- Não use a mangueira para limpar a calçada.
- Separe o lixo reciclável do não reciclável.
- Não jogue gordura pelo ralo.
- Evite usar o carro para pequenas distâncias.
- Não deixe a torneira pingando.
- Ao ir ao mercado, leve uma sacola reutilizável.
- Mantenha a torneira fechada ao ensaboar as louças.

Disponível em: www.hospitalalbertorassi.org.br. Acesso em: 13 dez. 2017 (adaptado)..

- a) Considerando-se os elementos constitutivos do texto, esse anúncio visa resolver qual problema? Quais elementos linguísticos ajudam a identificar a proposta do texto?
- b) Dentre os modos verbais apresentados, destacamos como característica do anúncio o modo imperativo. Retire do texto dois verbos conjugados no imperativo afirmativo e dois no imperativo negativo.

EM13LP26

3. Leia o excerto da Lei nº 14.020, de 6 de julho de 2020, destacado a seguir.

CAPÍTULO II

DO PROGRAMA EMERGENCIAL DE MANUTENÇÃO DO EMPREGO E DA RENDA

Seção I

(...)

Art. 2º Fica instituído o Programa Emergencial de Manutenção do Emprego e da Renda, com aplicação durante o estado de calamidade pública a que se refere o art. 1º desta Lei e com os seguintes objetivos:

- I - preservar o emprego e a renda;
- II - garantir a continuidade das atividades laborais e empresariais; e
- III - reduzir o impacto social decorrente das consequências do estado de calamidade pública e da emergência de saúde pública. (...)

BRASIL. Lei n. 14.020, de 6 de julho de 2020. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2020/lei/L14020.htm. Acesso em: 20 out. 2021.

Sobre a escolha dos verbos destacados e a sua relação com o texto normativo, podemos afirmar que:

- I. “Fica instituído” representa, em textos normativos, uma determinação já concluída.
- II. “Fica instituído” se encontra no modo imperativo e determina uma imposição.
- III. O verbo “reduzir” se encontra no pretérito imperfeito do indicativo, pois determina uma ação não concluída.
- IV. Os verbos “preservar” e “reduzir” se encontram no infinitivo e têm o objetivo de apresentar as regras.

Assinale as alternativas que possuem somente alternativas corretas.

- a) Somente I e IV estão corretas.
- b) Somente I e III estão corretas.
- c) Somente II e IV estão corretas.
- d) Somente III e IV estão corretas.
- e) Somente I e IV estão corretas.



Os construtores, 1950. Localização: Museu Nacional Fernand Léger, Biot.

FRENTE 1

CAPÍTULO

6

Modalização, conexão e sentido

A obra *Os construtores*, de autoria do pintor cubista e francês Fernand Léger (1881-1955), evidencia um ponto de vista avaliativo do artista. A tela retrata um edifício por meio da técnica do corte da imagem, a fim de parecer prolongar-se indefinidamente em ambas as direções. Os trabalhadores, que se assemelham a robôs, movimentam-se sobre as vigas, e as nuvens contrastam em forma e cor com a estrutura metálica do edifício em construção. Em analogia, a língua portuguesa também possui suas “vigas”, que são as preposições e conjunções, as quais conectam grupos de palavras, frases e períodos.

Advérbio: modalização e expressividade

Ao observar a obra *Os construtores*, que abre este capítulo, podemos afirmar que sua composição evidencia um ponto de vista avaliativo de Léger. Nas línguas, existem alguns termos cuja função é expressar as avaliações e os julgamentos do interlocutor sobre o que é apresentado. Esses termos, em sua maioria advérbios, são chamados **modalizadores**.

No Capítulo 3, estudamos brevemente os advérbios. Do ponto de vista morfológico, os advérbios são palavras invariáveis, e é isso que os diferencia dos adjetivos, posto que muitos adjetivos funcionam como advérbios, como você pode observar em:

- Agora é meio-dia e **meia**.
- Estou **meio** cansada.

Veja que, no primeiro caso, o vocábulo “meia” concorda com “hora”, substantivo feminino; logo, trata-se de um adjetivo. Já no segundo exemplo, não encontramos essa concordância, pois “meio” é um advérbio modificador do adjetivo “cansada”, portanto é invariável.

Os advérbios são palavras relacionadas ao verbo, ao adjetivo ou a outro advérbio, classes modificadas por eles. Veja a tabela a seguir, que traz alguns exemplos de advérbios e de locuções adverbiais.

Classificação	Advérbio	Locuções adverbiais
Afirmção	realmente; certamente; sim.	com certeza; de fato; sem dúvida.
Dúvida	talvez; porventura; possivelmente.	quem sabe; por certo.
Intensidade	menos; mais; bastante.	por demais; de todo.
Lugar	dentro; fora; abaixo; acima.	em cima; à direita; ao lado de.
Modo	rapidamente; devagar; mal; simplesmente.	às pressas; ao contrário de.
Negação	nunca; jamais; não; absolutamente.	de modo algum; de forma alguma.
Tempo	sempre; nunca; depois; ontem.	em breve; à tarde; de manhã.
Ordem	primeiramente; ultimamente.	em primeiro lugar; antes de tudo.
Inclusão	somente; inclusive; senão (exclusão).	além disso; em adição.
Designação	eis.	—

Também há alguns advérbios interrogativos, que possuem valores semânticos de:

- **Causa: por quê?**
Por que não fala comigo?
Não sei **por que** não fala comigo.
- **Lugar: onde?**
Onde fica a sua nova casa?
Não sei **onde** fica sua nova casa.
- **Modo: como?**
Como está o planejamento dos seus estudos?
Preciso saber **como** está o planejamento dos seus estudos.
- **Tempo: quando?**
Quando estaremos juntos de novo?
Quero saber **quando** estaremos juntos de novo.

Algumas palavras, mesmo que tenham características semelhantes aos advérbios, não são aderidas a essa classe gramatical. Na morfologia, são palavras invariáveis, mas do ponto de vista sintático guardam diferenças com o uso dos advérbios. Em relação ao valor semântico, essas palavras têm importância no contexto em que se encontram, por isso recebem o nome de **palavras denotativas** ou **locuções denotativas**.

Leia a tirinha a seguir.



Apesar de os termos “lá” e “agora” não alterarem nenhuma das palavras apresentadas na tirinha, eles são essenciais para a compreensão do que é enunciado.

Os termos “lá” e “agora”, no contexto da tirinha, não alteram um verbo nem um adjetivo e tampouco outro advérbio. Porém, podemos observar que essas palavras têm significado importante para a compreensão da tira, pois denotam sentido que interfere na construção da mensagem a ser transmitida. A tabela a seguir exemplifica algumas palavras denotativas.

Palavras ou locuções denotativas	
Valor semântico	Exemplo
Realce: lá; cá; só; é que etc.	Eu sei lá quantos anos você tem.
Retificação: aliás; ou melhor; ou antes etc.	Ele gosta de viajar, ou melhor , adora.
Situação: afinal; agora; então etc.	Afinal , você irá conosco?
Explicação: isto é; por exemplo; ou seja etc.	Tenho três sapatos, isto é , três tênis.

Como estudamos até aqui, os advérbios podem expressar diferentes valores, que, na produção textual, podem indicar posicionamentos do enunciador.

Quando produzimos um texto, seja escrito ou oral, temos a equivocada impressão de que somos inteiramente responsáveis por nossos dizeres. No entanto, em todo texto que planejamos estamos estabelecendo diálogos com diversos outros autores, ideias e posicionamentos. Essas outras “vozes” com as quais celebramos uma relação de concordância ou oposição são chamadas discursos alheios. Frente a eles nos posicionamos para avaliar e julgar. Essas avaliações e esses julgamentos são denominados **modalizações**.

Saiba mais

O linguista russo Valentin Volóchinov (1895-1936) foi um dos principais pesquisadores da linguagem que estudaram o discurso alheio. Para o estudioso, toda comunicação humana é dialógica, isto é, tecida por textos nos quais são/foram retomados os discursos alheios do passado ou do presente.

As modalizações podem ser reconhecidas por um conjunto de unidades linguísticas que já estudamos em capítulos anteriores. Há três principais funções de modalização. Vamos conhecê-las:

• Modalizações lógicas

Apresentam os conteúdos do ponto de vista de suas condições de verdade, como fatos atestados, certos, possíveis, prováveis e eventuais. Veja a manchete a seguir.

Astrônomos descobrem novo tipo de exoplaneta **possivelmente** habitável

HARADA, Eduardo. *TecMundo*, 27 ago. 2021.

Outros modalizadores lógicos: certamente; evidentemente; talvez; é evidente que etc.

• Modalizações apreciativas

Consistem em uma avaliação subjetiva, apresentando as informações de uma perspectiva benéfica, maléfica, estranha, alegre ou triste. Observe o título:

“Estamos vivendo um caos e, **infelizmente**, acho que vai piorar”, diz médica

FERNANDES, Daniel. *CNN Brasil*, 28 fev. 2021.

Outros modalizadores apreciativos: alegremente; felizmente; lamentavelmente etc.

• Modalizações deônticas

Consistem em apresentar as informações como domínio do direito, da obrigação social e/ou da conformidade com as normas. Leia a manchete a seguir.

Pandemia aumenta casos de depressão e **é preciso** buscar ajuda, alerta médica

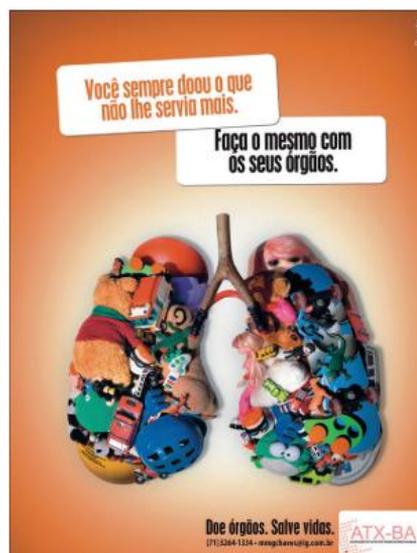
MEDEIROS, Tiago. *Agência Senado*, 17 mar. 2021.

Outros modalizadores deônticos: deve ser; não pode, obrigatoriamente, necessariamente etc.

Nos títulos jornalísticos apresentados, podemos observar que a marcação linguística da modalização ocorre por unidades diversas. Veja o quadro.

Advérbios e locuções adverbiais	certamente; provavelmente; evidentemente; talvez; verdadeiramente; sem dúvida; felizmente; infelizmente; obrigatoriamente; deliberadamente etc.
Verbos auxiliares	poder; querer; dever; ser etc.
Orações impessoais	é provável que; é lamentável que; admite-se geralmente que etc.
Tempos verbais do modo condicional	poderia; teria; seria etc.

Conhecer as modalizações pode nos ajudar na compreensão e produção de textos. Vamos analisar a seguir o cartaz de uma campanha de doação de órgãos, a fim de estudar os possíveis efeitos de sentido dos modalizadores.



No contexto comunicativo do cartaz, o advérbio “sempre” traz uma ideia de certeza.

Vejamos as orações em destaque no cartaz: “Você **sempre** doou o que não lhe servia mais. Faça o mesmo com os seus órgãos”. O advérbio “sempre” tem valor de tempo, porém, tal qual foi empregado no cartaz, passa a expressar um ponto de vista de certeza, uma modalização lógica, pois, na perspectiva do enunciador, o leitor do cartaz “sempre” fez doações de seus pertences (roupas, brinquedos e objetos diversos), assim como os representados na imagem do pulmão; por isso, é certo que o leitor também doará seus órgãos para salvar vidas. Caso o ponto de vista de certeza não tivesse sido empregado, o efeito argumentativo seria menor, logo a adesão à campanha também.

Grau comparativo e grau superlativo

O parágrafo a seguir é a introdução de uma redação do Enem de 2013 que recebeu a nota máxima. O tema da redação era “Efeitos da implantação da Lei Seca no Brasil”. Leia o fragmento e observe o uso das palavras em destaque.

Com a ascensão de Juscelino Kubitschek ao poder, a política de abertura da economia brasileira entrou em ação **mais vigorosamente do que** em qualquer outro episódio da história do Brasil. Nesse cenário, a entrada de automóveis no Brasil como produtos de consumo foi cada vez maior. No entanto, o governo não tomou como prioridade a fiscalização das estradas do país e uma prática nociva tornou-se comum: beber e dirigir. Recentemente, o governo implantou a Lei Seca, visando diminuir os efeitos dessa prática. Nesse contexto, cabe analisar os aspectos positivos da aplicação dessa Lei, e como ela pode ser melhorada.

MELO, Sarah Christyan de Luna. Construindo uma dinâmica mais ética do trânsito no Brasil. In: MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). *Redação no Enem 2016*: cartilha do participante. Brasília: MEC/INEP, 2016. p. 31. Disponível em: https://download.inep.gov.br/educacao_basica/enem/guia_participante/2016/manual_de_redacao_do_enem_2016.pdf. Acesso em: 29 set. 2021.

A expressão “mais vigorosamente do que” remete ao modo como a autora do texto avalia a situação da economia brasileira no governo de Juscelino Kubitschek em relação a qualquer outro período da história do país. Alguns advérbios, principalmente os que indicam circunstância de modo, são passíveis de gradação, de forma semelhante ao que ocorre com os adjetivos na construção dos graus comparativo e superlativo. Esse uso também pode evidenciar uma modalização apreciativa de quem escreve determinado texto, isto é, uma avaliação subjetiva.

No quadro a seguir, veja como são construídos o comparativo e o superlativo dos advérbios.

Grau dos advérbios	
Comparativo Compara algo	De inferioridade: Compara algo a outro, demarcando inferioridade. Composto de: menos + advérbio + que/do que. Ex.: Ela correu menos rápido do que eu.
	De igualdade: Compara algo a outro, demarcando igualdade. Composto de: tão/tanto + advérbio + quanto/como. Ex.: Ela correu tão rápido quanto eu.
	De superioridade: Compara algo a outro, demarcando superioridade. Composto de: mais + advérbio + que/do que. Ex.: Ela correu mais rápido do que eu.
Superlativo Expressa qualidades em níveis elevados ou máximos	Absoluto analítico: É acompanhado de outro advérbio que altera o grau de intensidade. Composto de: muito + advérbio. Ex.: Ela correu muito rápido .
	Absoluto sintético: Altera o advérbio devido ao uso de um sufixo. Composto de: advérbio + sufixo “-íssimo”. Ex.: Ela correu rapidíssimo .

Preposição: conceito e classificação

A preposição (pré + posição) serve de instrumento de ligação entre dois segmentos do enunciado, em que a sequência colocada após a preposição fica dependente, de certo modo, da que precede a preposição. Leia o excerto de notícia a seguir.

Redação do Enem tem como tema A falta de empatia nas relações sociais

A falta de empatia nas relações sociais no Brasil é o tema da redação do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) aplicado hoje (23), tanto para estudantes que tiveram as provas canceladas por conta da pandemia do novo coronavírus (covid-19) quanto para aqueles que pediram para participar da reaplicação do exame porque foram prejudicados na aplicação regular, e para os candidatos privados de liberdade.

[...]

A opinião do autor deve estar fundamentada com explicações e argumentos, ou seja, na redação o participante deverá dissertar sobre o assunto proposto descrevendo-o e explicando-o. Além disso, é necessário defender a opinião colocada na construção textual, com o objetivo de convencer o leitor com base em argumentos. A redação deve ter, no máximo, 30 linhas e o texto deverá ser desenvolvido a partir da situação-problema apresentada e dos subsídios oferecidos pelos textos motivadores.

A prova de redação é a única subjetiva do exame e tem, por isso, critérios especiais de correção [...]

TOKARNIA, Mariana. *Agência Brasil*, 23 fev. 2021. Disponível em: <https://agenciabrasil.etc.com.br/educacao/noticia/2021-02/redacao-do-enem-tem-como-tema-falta-de-empatia-nas-relacoes-sociais>. Acesso em: 29 set. 2021.

As palavras destacadas no texto são preposições. Observe que a função dessas palavras é conectar dois termos, contribuindo para a construção de sintagmas.

! Atenção

Sintagma é o conjunto de palavras organizadas em torno de um núcleo. O sintagma pode ser nominal, se o núcleo for um nome, ou verbal, se o núcleo for um verbo.

Vamos analisar duas construções desse fragmento que utilizaram os verbos “pedir” e “dissertar”, respectivamente.

[...] aqueles que pediram **para** participar da reaplicação do exame [...]

A depender da preposição com a qual o verbo se junta, o sentido que expressa é diferente. No caso do exemplo anterior, “pedir **para**” expressa um pedido de permissão, autorização ou licença. Já o sentido de “pedir **a**” é solicitar que alguém atenda ao que foi pedido, como em “Pedi ao prefeito melhorias”.

Observe outro exemplo:

[...] o participante deverá dissertar **sobre** o assunto proposto [...]

O verbo “dissertar”, quando se junta à preposição “sobre”, tem o sentido de apresentar um assunto com riqueza de detalhes, de maneira sistemática. No entanto, ele também pode ser intransitivo, como em “Ele dissertou durante o evento”.

Em suma, as preposições estabelecem uma coesão adequada entre verbo e complemento, além de interferir na construção de sentido, sendo, portanto, um recurso estilístico na compreensão textual.

No trecho da notícia, também encontramos a expressão nominal “opinião do autor”, em que “do autor” é uma locução adjetiva. A preposição “do” (de + o) une-se ao substantivo “opinião” para construir uma expressão modificadora.

A preposição pode ligar termos de classes gramaticais iguais, como ocorre entre os dois substantivos em “opinião do autor”, ou de classes gramaticais diferentes, como em “dissertar sobre o assunto”, na qual estabelece conexão entre verbo e substantivo. Nessa relação entre dois termos, o que precede a preposição é chamado **subordinante**, e o que a sucede recebe o nome de **subordinado**.

O termo subordinante pode ser um substantivo (“**redação** do Enem”), um verbo (“**pediram** para participar”), um adjetivo (“**especial** de correção”) ou um advérbio (“**tanto** para estudantes”). Já o subordinado pode ser um substantivo (“prova de **redação**”), um pronome (“quanto para **aqueles**”) ou um verbo no infinitivo (“objetivo de **convencer**”). Por causa dessas variadas possibilidades de combinações, as preposições podem participar de diferentes construções, com distintas funções sintáticas. Confira alguns exemplos na tabela a seguir.

Sentença	Preposição na construção do
Acredito em milagres.	objeto indireto
Ele tem orgulho da filha.	complemento nominal
O segredo de Paulo foi revelado.	adjunto adnominal
Ela voltou com saudades.	adjunto adverbial
A notícia foi dada por Pedro.	agente da passiva

Categorização e contração das preposições

A maior parte das preposições é derivada de advérbios de lugar, mas também pode surgir a partir de outras

categorias gramaticais, como adjetivos, verbos no particípio e substantivos.

Algumas sempre funcionam como preposições, por isso são chamadas **preposições essenciais**. Outras são as **preposições acidentais**, isto é, embora pertençam a outras classes de palavras, funcionam como preposição dependendo do contexto. Veja o quadro a seguir:

Preposições essenciais: a, ante, até, após, com, contra, de, desde, em, entre, para, perante, por, sem, sob, sobre, trás.

Preposições acidentais: afora, como, conforme, consoante, durante, exceto, malgrado, mediante, salvo, segundo.

As preposições essenciais podem se unir a outras palavras, originando locuções prepositivas. Geralmente, essas locuções são formadas com o acréscimo de uma preposição a um advérbio ou a uma locução adverbial. Exemplos: depois de, junto a, apesar de, acima de, por causa de etc.

As preposições contraem-se com o artigo (do, ao, aos, às) ou combinam-se com advérbios (até hoje, desde ontem etc.) e com outras preposições (com base em, a partir de, em vez de etc.); há ainda preposições com mais de um elemento (desde... até, de... até) e preposições derivadas (durante, mediante, salvo etc.). Na combinação, a junção de uma preposição a outro termo não reduz ou altera as palavras.

Preposições e relações de sentido

Observe algumas das relações de sentido que as preposições podem estabelecer conforme o contexto em que são empregadas.

Preposição	Exemplos	Relação de sentido
a	Vim a cavalo.	Meio
	Realizou a tarefa aos gritos.	Modo
	Chegaremos ao meio-dia.	Tempo
	Fui a Paris.	Destino
de	A casa de Luiza.	Posse
	Chorava de felicidade.	Causa
	É feito de ferro.	Matéria
	Minha barraca de camping.	Finalidade
com	Limpou a casa com a vassoura.	Instrumento (por meio de)
	Ela estava com ele ontem.	Companhia
	Concordaram com o professor.	Conformidade
	Ela se parece com o pai.	Comparação
em	Estou em meu apartamento.	Lugar
	Estava em desespero.	Modo
	Saíram em poucas horas.	Tempo
	O galpão estava em chamas.	Estado ou qualidade
para	Chegou à empresa para se destacar.	Finalidade
	Viajamos para o campo.	Lugar
sem	Estou sem dinheiro algum.	Falta, privação
	Ganhei sem pagar nada.	Concessão

Conjunções e relações coordenativas

A conjunção, assim como a preposição, é outro dos meios de que a língua dispõe para estabelecer a conexão entre palavras e frases e, simultaneamente, exprimir determinadas relações semânticas entre as unidades ligadas. Existem dois tipos de conjunções: as coordenativas e as subordinativas. Vamos estudar cada uma delas e as relações que estabelecem entre orações.

Estabelecendo relações

Nosso cérebro também realiza conexões. Pesquisas na área de Neurociência mostram que as sinapses, que são as conexões entre os neurônios cerebrais, variam em quantidade dependendo das experiências vivenciadas pelas pessoas. Antes, acreditava-se que as sinapses formadas na infância permaneciam imutáveis pelo resto da vida, mas hoje há fortes indícios de que a cognição se constitui pelas experiências sociais.

Leia a seguir o poema de Alberto Caetano, um dos heterônimos de Fernando Pessoa.

XXIX

Nem sempre sou igual no que digo e escrevo.
Mudo, **mas** não mudo muito.
A cor das flores não é a mesma ao sol
De que quando uma nuvem passa
Ou quando entra a noite
E as flores são cor da sombra...

Mas quem olha bem vê que são as mesmas flores.
Por isso quando pareço não concordar comigo,
Reparem bem para mim:
Se estava virado para a direita,
Voltei-me agora para a esquerda,
Mas sou sempre eu, assente sobre os meus pés —
O mesmo sempre, graças ao céu e à terra
E aos meus olhos e ouvidos atentos
E à minha clara simplicidade de alma...

CAEIRO, Alberto. XXIX - Nem Sempre Sou Igual. Disponível em: www.dominiopublico.gov.br/download/texto/pe000001.pdf. Acesso em: 13 out. 2021.

As conjunções destacadas no poema são chamadas **coordenativas**. Essas conjunções ligam orações sintaticamente independentes e podem também unir sintagmas ou palavras que exerçam as mesmas funções em uma oração ou período. Releia o primeiro verso do poema:



Note que no verso a conjunção “e” conecta duas orações: “Nem sempre sou igual no que digo” e “Nem sempre sou igual no que escrevo”. Elas formam um período composto de coordenação ligadas por uma conjunção coordenativa que tem valor de adição. Em uma relação de coordenação, as palavras e os sintagmas se colocam

em posição de igualdade, a qual pode ocorrer por justaposição (encadeamento sem conjunção) ou conexão (encadeamento com uso de conjunção). Observe:

- Chegamos ao clube, nadamos, rimos, comemos.
- Chegamos ao clube **e** nos divertimos muito.

Na primeira sentença, ocorre justaposição, pois se articulam orações sem conjunções. Na segunda, há o emprego da conjunção “e”, conectando as orações do período.

O poema de Alberto Caetano aborda uma reflexão do eu poético sobre a mudança tanto do ponto de vista do “eu” quanto dos outros, os quais parecem não perceber mudança alguma. A conjunção coordenativa “mas” evidencia essas oposições (“Mudo, mas não mudo muito.” / “Mas quem olha bem vê que são as mesmas flores” / “Mas sou sempre eu, assente sobre os meus pés”). A conjunção “e” adiciona informações, como em “digo e escrevo”. Já “ou” denota alternância (“De quando uma nuvem passa / Ou quando entra a noite”) e, “por isso”, uma conclusão (“Por isso quando pareço não concordar comigo”).

As conjunções coordenativas podem ser de cinco tipos, conforme exemplificado no quadro a seguir.

Conjunções coordenativas	Relações de sentido que estabelecem
Aditivas: e; nem; não só... mas também.	Soma, adição entre termos ou orações.
Adversativas: mas; porém; contudo; todavia; no entanto; entretanto.	Contraste, oposição.
Alternativas: ora; ou; quer; nem; seja.	Escolha, alternância, exclusão.
Conclusivas: pois (depois do verbo); portanto; logo; por isso; assim; por conseguinte.	Conclusão.
Explicativas: porque; que; pois (antes do verbo).	Motivo, razão, explicação.

Conjunção e relações subordinativas

Leia a tirinha a seguir, do artista André Dahmer.



Na tirinha, há duas orações sintaticamente dependentes que são ligadas por uma conjunção subordinativa.

A conjunção “quando” é **subordinativa**. No enunciado, há subordinação da segunda oração quanto à oração principal, exercendo uma função sintática em relação à outra. Por isso, dizemos que a oração introduzida pela conjunção subordinativa é subordinada à oração principal.

Veja a seguir:



Como podemos observar, as relações de subordinação estabelecem uma dependência sintática entre orações. Considerando o contexto da tira, a declaração do homem, feita de joelhos, conta com a quebra de expectativa no último quadrinho. A fala da personagem foi construída com o emprego da oração subordinada temporal “quando”, que distingue seu “eu” projetado na rede social Facebook com o “eu” presente.

Veja no quadro a seguir as conjunções e locuções conjuntivas e os sentidos que estabelecem entre as orações.

Conjunções e locuções conjuntivas	Relações de sentido que estabelecem
Integrantes que; se.	Introduzem orações subordinadas que exercem a função de um substantivo O deputado federal e ex-ministro da Saúde Alexandre Padilha (PT-SP) disse ao UOL na noite desta quarta-feira (24) que quem está por trás do esquema paralelo de vacinação, revelado pela revista “Piauí”, cometeu “uma sucessão de crimes”. TOUEG, Gabriel. Deputado diz que compra paralela de vacinas abastece ‘camarote clandestino’. <i>UOL</i> , 25 mar. 2021.
Causais visto que; já que; uma vez que; porquanto; como; pois que; porque.	Causa Preços de suínos na Alemanha voltam a subir, já que exportações da UE substituem vendas perdidas da China <i>Notícias Agrícolas com informações da Reuters</i> , 3 mar. 2021.
Comparativa que; mais/menos; maior/menor; melhor/pior... que; tal... qual; tanto... quanto; como; assim como; bem como; como se; que nem.	Comparação Ray Dalio diz que, assim como foi com o ouro, bitcoin pode ser proibido JOSA, Lucas. <i>Exame</i> , 24 mar. 2021.
Concessivas ainda que; mesmo que; bem que; embora; apesar de; por mais que.	Concessão Embora o governo tenha decidido substituir o Bolsa Família pelo Auxílio Brasil, o Conselho de Monitoramento e Avaliação de Políticas Públicas (CMAP) avaliou, em agosto deste ano, que o programa encerrado nesta sexta-feira (29) “conseguiu com sucesso reduzir a pobreza no Brasil de modo significativo”. MARTELLO, Alexandro. Embora revogado, Bolsa Família reduziu ‘de modo significativo’ a pobreza, diz conselho do governo. <i>G1</i> , 30 out. 2021. Disponível em: https://g1.globo.com/economia/noticia/2021/10/30/embora-revogado-bolsa-familia-reduziu-de-modo-significativo-a-pobreza-diz-conselho-do-governo.ghtml . Acesso em: 25 nov. 2021.
Condicionais salvo se; desde que; a menos que; caso; se.	Condição O projeto especifica ainda que os dirigentes não respondem, direta ou subsidiariamente, pelas obrigações fiscais da entidade, salvo se comprovada fraude, dolo ou simulação. Senado vai analisar novas regras para certificação de entidades beneficentes. <i>Agência Senado com informações da Agência Câmara</i> , 29 out. 2021. Disponível em: www12.senado.leg.br/noticias/materias/2021/10/29/senado-vai-analisar-novas-regras-para-a-certificacao-de-entidades-beneficentes . Acesso em: 25 nov. 2021.
Conformativas conforme; segundo; consoante; como.	Conformidade Este é o primeiro fim de semana em São Paulo em que <i>shows</i> , baladas e eventos esportivos estão liberados para receber 100% da capacidade de público. A flexibilização total está vigente desde o dia 1º, conforme previa o Plano São Paulo. A liberação ocorre quase dois anos após regras sanitárias proibirem aglomeração devido à pandemia da covid-19. MACIEL, Camila; CLAUDIA, Maria (Ed.). São Paulo tem fim de semana de <i>shows</i> e jogos com lotação liberada. <i>Agência Brasil</i> , 6 nov. 2021. Disponível em: https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2021-11/sao-paulo-tem-fim-de-semana-de-shows-e-jogos-com-lotacao-liberada . Acesso em: 26 nov. 2021.

<p>Consecutivas tal/tanto/tão/tamanho... que; de forma que; de maneira que; de modo que; de sorte que.</p>	<p>Consequência</p> <p>Os pesquisadores também observaram que, ao aquecer o chá a 35 °C, sua composição química se altera, de modo que a ativação da KCNQ5 se torna mais efetiva.</p> <p>NAKAJUNI, Mariana. Estudo mostra como chá pode reduzir a hipertensão. <i>Viva Bem Uol</i>, 23 mar. 2021.</p>
<p>Finais a fim de que; para que; porque.</p>	<p>Finalidade</p> <p>Ifap oferta 545 auxílios de R\$ 1,3 mil, para que estudantes comprem equipamentos para aulas on-line.</p> <p>G1 AP, 25 mar. 2021.</p>
<p>Proporcionais à proporção que; ao passo que; à medida que; quanto.</p>	<p>Proporcionalidade</p> <p>Futuros dos EUA seguem baixa à medida que os rendimentos dos títulos avançam</p> <p>HARAMOTO. <i>Investing.com</i>, 23 nov. 2021.</p>
<p>Temporais quando; antes que; depois que; até que; logo; sempre que; assim que; todas as vezes que; desde que; cada vez que; apenas; mal; que.</p>	<p>Tempo</p> <p>Média de mortes por Covid-19 tem 1ª queda depois de um mês de alta.</p> <p>ABDALA, Vitor; SAMPAIO, Kleber (Ed.). <i>Agência Brasil</i>, 25 mar. 2021.</p>

Revisando

1. Fuvest-SP 2018

Uma obra de arte é um desafio; não a explicamos, ajustamo-nos a ela. Ao interpretá-la, fazemos uso dos nossos próprios objetivos e esforços, dotamo-la de um significado que tem sua origem nos nossos próprios modos de viver e de pensar. Numa palavra, qualquer gênero de arte que, de fato, nos afete, torna-se, deste modo, arte moderna.

As obras de arte, porém, são como altitudes inacessíveis. Não nos dirigimos a elas diretamente, mas contornamo-las. Cada geração as vê sob um ângulo diferente e sob uma nova visão; nem se deve supor que um ponto de vista mais recente é mais eficiente do que um anterior. Cada aspecto surge na sua altura própria, que não pode ser antecipada nem prolongada; e, todavia, o seu significado não está perdido porque o significado que uma obra assume para uma geração posterior é o resultado de uma série completa de interpretações anteriores.

Arnold Hauser, *Teorias da arte*. Adaptado

No trecho “Numa palavra, qualquer gênero de arte que, de fato, nos afete, torna-se, deste modo, arte moderna” (L. 5 a 7), as expressões sublinhadas podem ser substituídas, sem prejuízo do sentido do texto, respectivamente, por

- realmente; portanto.
- invariavelmente; ainda.
- com efeito; todavia.
- com segurança; também.
- possivelmente; até.

2. Uece

MENSAGEM DE NATAL

Um cartão de Natal com um desenho colorido de Papai Noel e uma menina, postado em 1914, chegou a seu destino na cidade americana de Oberlin, no estado do Kansas, depois de ficar extraviado durante 93 anos.

5 O cartão, datado de 23 de dezembro de 1914, tinha sido enviado a Ethel Martin, de Oberlin. Ethel Martin nunca chegou a ler a mensagem de Natal. Ela morreu antes de receber o cartão. (17/12/2007)

Para ele, o fim do ano era sempre uma época dura, difícil de suportar. Sofria daquele tipo de tristeza mórbida que acomete algumas pessoas nos festejos de Natal e de Ano Novo. No seu caso havia uma razão óbvia para isso: aos setenta anos, solteirão, sem parentes, sem amigos, não tinha com quem celebrar, ninguém o convidava para festa

15 alguma. O jeito era tomar um porre, e era o que fazia, mas o resultado era melancólico: além da solidão, tinha de suportar a ressaca.

No passado, convivera muito tempo com a mãe. Filho único, sentia-se obrigado a cuidar da velhinha que cedo enviuvara. Não se tratava de tarefa fácil: como ele, a mãe era uma mulher amargurada. Contra sua vontade, tinha casado, em 31 de dezembro de 1914 (o ano em que começou a Grande Guerra, como ela fazia questão de lembrar), com um homem de quem não gostava, mas

25 que pais e familiares achavam um bom partido. Resultado desse matrimônio: um filho e longos anos de sofrimento e frustração. O filho tinha de ouvir suas constantes e

ressentidas queixas. Coisa que suportava estoicamente; não deixou, contudo, de sentir certo alívio quando de seu falecimento, em 1984. Este alívio resultou em culpa, uma culpa que retornava a cada Natal. Porque a mãe falecera exatamente na noite de Natal. Na véspera, no hospital, ela lhe fizera uma confissão surpreendente: muito jovem, apaixonara-se por um primo, que acabou se transformando no grande amor de sua vida. Mas a família do primo mudara-se e ela nunca mais tivera notícias dele. Nunca recebera uma carta, uma mensagem, nada. Nem ao menos um cartão de Natal.

No dia 24 pela manhã ele encontrou um envelope na caixa do correio. Como em geral não recebia correspondência alguma, foi com alguma estranheza que abriu o envelope.

Era um cartão de Natal, e tinha a falecida mãe como destinatária. Um velhíssimo cartão, uma coisa muito antiga, amarelada pelo tempo. De um lado, um desenho do Papai Noel sorrindo para uma menina. Do outro lado, a data: 23 de dezembro de 1914. E uma única frase: “Eu te amo”.

A assinatura era ilegível, mas ele sabia quem era o remetente: o primo, claro. O primo por quem a mãe se apaixonara, e que, através daquele cartão, quisera associar o Natal com uma mensagem de amor. Uma nova vida era o que estava prometendo. Esta mensagem e esta promessa jamais tinham chegado a seu destino. Mas de algum modo o recado chegara a ele. Por quê? Que segredo desígnio haveria atrás daquilo?

Cartão na mão, aproximou-se da janela. Ali, parada sob o poste de iluminação, e provavelmente esperando o ônibus, estava uma mulher já madura, modestamente vestida, uma mulher ainda bonita. Uma desconhecida, claro, mas o que importava? Seguramente o destino a trouxera ali, assim como trouxera o cartão de Natal. Num impulso, abriu a porta do apartamento e, sempre segurando o cartão, correu para fora. Tinha uma mensagem para entregar àquela mulher. Uma mensagem que poderia transformar a vida de ambos, e que era, por isso, um verdadeiro presente de Natal.

(Moacyr Scliar. *Histórias que os jornais não contam*.)

Considere as proposições sobre o uso do advérbio **estoicamente** (linha 28).

- I. Modifica o processo expresso pela forma verbal **resistiu**.
- II. Contribui significativamente para traçar o perfil da personagem “filho”.
- III. Mantém relação semântica com o trecho **Não se tratava de tarefa fácil: como ele, a mãe era uma mulher amargurada** (linhas 20-21).

Está correto o que se declara

- | | |
|----------------------|------------------------|
| a) apenas em I. | c) apenas em II e III. |
| b) apenas em I e II. | d) em I, II e III. |

3. **UFJF-MG 2019** A terceira parte de *Um livro de instruções e desenhos de Yoko Ono*, da artista plástica, compositora e escritora Yoko Ono (Tóquio, 1933-), é intitulada “Evento”. Nele, Yoko Ono fornece “instruções” para que seus leitores produzam eventos.

Texto:

Evento do cheiro I

Envie o cheiro da Lua.

Evento do cheiro II

Envie um cheiro para a Lua.

(ONO, Yoko. *Grapefruit – A Book of Instruction and Drawings by Yoko Ono*. Nova Iorque: Simon & Schuster, 2000[1964].)

No texto, há uma mudança de preposições do Evento I para o II, em que o “da” passa a ser “para”. Sobre essas preposições podemos dizer que:

- a) No Evento I, a Lua é a possuidora do cheiro.
- b) No Evento I, a Lua é a mensageira do cheiro.
- c) No Evento I, a Lua é para onde o cheiro é enviado.
- d) No Evento II, a Lua é o agente do envio do cheiro.
- e) No Evento II, a Lua é o lugar onde estava o cheiro.

4. IFPR 2015

MÚSICA NO TÁXI

Carlos Drummond de Andrade

Quando menos se espera... Você pega o táxi, manda tocar _____ seu destino (manda, não, pede por favor) e resigna-se a escutar durante 20 minutos, no volume mais possante, o rádio despejando assaltos e homicídios do dia. Os tiros, os gemidos, os desabamentos o acompanharão _____ todo o percurso. É a fatalidade da vida, quando se tem pressa.

Mas eis que o motorista pega de um imprevisto cassete, coloca-o no lugar devido, liga, e os acordes dos Contos dos Bosques de Viena irrompem do fusca amarrotado, mas digno.

Bem, não é a Nona Sinfonia nem um título menor da grande música, mas não estamos na Sala Cecília Meireles, e isso vale como homenagem especial a um passageiro distinto, que pede por favor. Cumpre agradecer a fineza:

– Obrigado. O senhor mostra que tem satisfação em agradar aos passageiros, oferecendo-lhes música e não barulho e crimes.

– Não tem de quê. O senhor também aprecia?

– O quê?

– Strauss. É um dos meus prediletos.

– Sim, ele é agradável. O senhor está sendo gentil comigo.

– Ora, não é tanto assim. Pus o cassete porque gosto de música. Não sabia se o senhor também gostava ou não. Se não gostasse, eu desligava. Portanto, não tem que agradecer.

– E já lhe aconteceu desligar?

– Ih, tantas vezes. Fico observando a fisionomia do passageiro. Uns, mais acanhados, disfarçam, não dizem nada, mas tem outros que reclamam, não querem ouvir esse troço. O senhor já pensou: chamar Tchaikovski de “esse troço”? Pois ouvi isso de um cidadão de gravata e pasta de executivo. Ele disse que precisava se concentrar por causa de um negócio importante e Tchaicovski perturbava a concentração.

– Ele talvez quisesse dizer que ficava tão empolgado pela música que esquecia o negócio.

– Pois sim! Nesse caso, não falaria “esse troço”, que é o cúmulo da falta de respeito.

– Estou adivinhando que o senhor toca um instrumento.

– Como é que o senhor viu?

– Porque uma pessoa que gosta tanto de música, em geral toca. Seu instrumento qual é?

Virou-se com tristeza na voz:

– Atualmente nenhum. O senhor sabe, essa crise geral, a gasolina pela hora da morte, e não é só a gasolina: a comida, o sapato, o resto. Tive de vender pra tapar uns buracos. Mas se as coisas melhorarem este ano...

– Melhoram. As coisas têm de melhorar – achei _____ meu dever confortá-lo.

– Porque clarinetista sem clarinete, o senhor sabe, é um negócio sem sentido. Clarinete tem esta vantagem: dá o recado sem precisar de orquestra. Um solo bem executado, não precisa mais pra encantar a alma. Mas clarinetista, sozinho, fica até ridículo.

– Não diga isso. E não desanime. O dia em que arranjar outro clarinete – quem sabe?, talvez até seja o mesmo que lhe pertenceu – será uma festa.

– Mas se demorar muito eu já estarei tão desacostumado que nem sei se volto a tocar razoavelmente. Porque, o senhor compreende, eu não sou um artista, minha vida não dá folga pra estudar nem meia hora por dia.

– O importante é gostar de música, ter amor e devoção por música, e está se vendo que o senhor tem de sobra.

– Lá isso tá certo.

– Não importa que o senhor não seja solista de uma grande orquestra, e mesmo de uma orquestra comum. Ninguém precisa ser grande em nada, uma vez que cultive alguma coisa bonita na vida.

Seu rosto iluminou-se.

– Que bom ouvir uma coisa dessas. Agora vou lhe confessar que isso de não ser músico dos tais que arrebatam o auditório sempre me doe um pouco. Não era por vaidade não, quem sou pra ter vaidade? Mas um sonho esquisito, sei lá. Ficava me imaginando num palco iluminado, tocando... Bobagem, o senhor desculpe. Agora a sua palavra deixou tudo claro. Basta eu gostar de música. Não é preciso que gostem de mim, nem que ela goste de mim. Obrigado ao senhor.

Olhei o taxímetro, tirei a carteira.

– Eu nem devia cobrar do senhor. Fico até encabulado!

(*Boca de Luar*, 6 ed. pág. 69-71, Editora Record, Rio, 1987)

Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas de linha contínua do texto:

- a) para o – por – do. d) à – a – o.
b) ao – a – o. e) até o – por – em.
c) a – em – no.

5. **Unifesp 2017** Leia a fábula “A raposa e o lenhador”, do escritor grego Esopo (620 a.C.?–564 a.C.?), para responder à questão.

Enquanto fugia de caçadores, uma raposa viu um lenhador e lhe pediu que a escondesse. Ele sugeriu que ela entrasse em sua cabana e se ocultasse lá dentro. Não

muito tempo depois, vieram os caçadores e perguntaram ao lenhador se ele tinha visto uma raposa passar por ali. Em voz alta ele negou tê-la visto, mas com a mão fez gestos indicando onde ela estava escondida. Entretanto, como eles não prestaram atenção nos seus gestos, deram crédito às suas palavras. Ao constatar que eles já estavam longe, a raposa saiu em silêncio e foi indo embora. E o lenhador se pôs a repreendê-la, pois ela, salva por ele, não lhe dera nem uma palavra de gratidão. A raposa respondeu: “Mas eu seria grata, se os gestos de sua mão fossem condizentes com suas palavras.”

(*Fábulas completas*, 2013.)

“Entretanto, **como eles não prestaram atenção nos seus gestos**, deram crédito às suas palavras.”

Em relação à oração que a sucede, a oração destacada tem sentido de

- a) causa. d) consequência.
b) conclusão. e) comparação.
c) proporção.

6. **FCMSCSP 2021** Leia o poema em prosa “O enigma”, de Carlos Drummond de Andrade, para responder à questão.

As pedras caminhavam pela estrada. Eis que uma forma obscura lhes barra o caminho. Elas se interrogam, e à sua experiência mais particular. Conheciam outras formas **deambulantes**, e o perigo de cada objeto em circulação na terra. Aquele, todavia, em nada se assemelha às imagens trituradas pela experiência, prisioneiras do hábito ou domadas pelo instinto imemorial das pedras. As pedras detêm-se. No esforço de compreender, chegam a imobilizar-se de todo. E na contenção desse instante, fixam-se as pedras – para sempre – no chão, compondo montanhas colossais, ou simples e estupefatos e pobres seixos desgarrados.

Mas a coisa sombria – desmesurada, por sua vez – aí está, à maneira dos enigmas que zombam da tentativa de interpretação. É mal de enigmas não se decifram a si próprios. Carecem de argúcia alheia que os liberte de sua confusão amaldiçoada. E repelem-na ao mesmo tempo, tal é a condição dos enigmas. Esse travou o avanço das pedras, rebanho desprevenido, e amanhã fixará por igual as árvores, enquanto não chega o dia dos ventos, e o dos pássaros, e o do ar pululante de insetos e vibrações, e o de toda vida, e o da mesma capacidade universal de se corresponder e se completar, que sobrevive à consciência. O enigma tende a paralisar o mundo.

Talvez que a enorme Coisa sofra na intimidade de suas fibras, mas não se compadece nem de si nem daqueles que reduz à congelada expectativa.

Ai! de que serve a inteligência – lastimam-se as pedras. Nós éramos inteligentes; contudo, pensar a ameaça não é removê-la; é criá-la.

Ai! de que serve a sensibilidade – choram as pedras. Nós éramos sensíveis, e o dom da misericórdia se volta contra nós, quando contávamos aplicá-lo a espécies menos favorecidas.

Anoitece, e o luar, modulado de dolentes canções que preexistem aos instrumentos de música, espalha no

côncavo, já pleno de serras abruptas e de ignoradas jazidas, melancólica moleza.

Mas a Coisa interceptante não se resolve. Barra o caminho e medita, obscura.

(Poesia 1930-62, 2012.)

deambular: andar à toa; vaguear, passear.

Em “Aquele, todavia, em nada se assemelha às imagens trituradas pela experiência, prisioneiras do hábito ou domadas pelo instinto imemorial das pedras” (1º parágrafo), o termo sublinhado pode ser substituído, sem prejuízo para o sentido do texto, por:

- a) por conseguinte.
- b) sem dúvida.
- c) inclusive.
- d) além disso.
- e) não obstante.

7. **IFPE 2020** Leia o texto a seguir para responder à questão.

FRONTEIRAS ENTRE GAMES, LIVROS E CINEMA ESTÃO CADA VEZ MENORES

(1) Interatividade, pioneirismo e criação. Essas são as palavras-chave que designam os meios do *videogame*, do livro e do cinema, e que levam à seguinte conclusão: o entretenimento contemporâneo nunca esteve em tamanha sincronia. Economicamente, são três plataformas com distâncias pequenas (em determinadas vertentes, até opostas), e criativamente, em consonância, a trindade do entretenimento visual caminha para um mundo com fronteiras cada vez mais ínfimas.

(2) Recentemente, o ministro da Cultura espanhol, José Guirao, apresentou um dado sucinto, mas reverberante: em menos de cinco anos, espera-se que o faturamento do país europeu em *videogames* ultrapasse a arrecadação do mercado literário. Atualmente, o setor editorial do país fatura cerca de 2 bilhões de euros por ano, já a indústria de *videogames* ficou com pouco mais de 700 milhões de euros em 2017. Por essa perspectiva, a diferença pode até parecer inalcançável, mas tudo muda se considerado que os 700 milhões de euros tinham como marca, no ano anterior, “apenas” 300 milhões, ou seja, o faturamento anual do mercado de *videogames* mais do que dobrou nas terras do Dom Quixote.

(3) Em geral, a alta de arrecadamento da indústria do *videogame* mundo afora não é necessariamente uma novidade. O instituto de data base Steam apontou, ainda em maio do ano passado, que, em mídias digitais, os jogos de computadores já rendiam mais do que o *streaming* de vídeo, livros e música globalmente. E se, na vertente econômica, os números ditam a narrativa, criativamente, contudo, é mais difícil perceber na prática essa exclusão de fronteiras. Mas elas existem. E, para falar sobre isso, nada melhor do que ouvir quem trabalha todo dia nesses meios.

(4) Felipe Dantas é um desenvolvedor de *videogames* e explica um fator chave que comunga os três meios de forma bem profunda: a narrativa. “Existem narrativas muito fortes que ultrapassam qualquer meio. São enredos

que funcionam não só nos filmes, mas também em livros e *videogames*. Ter essa boa narrativa é a principal forma de quebrar fronteiras”, afirma ele.

(5) Bárbara Morais é uma autora brasileira que vê essa quebra de fronteiras de uma maneira extremamente positiva: “É superinteressante, eu acho que não existem mais barreiras, na verdade. Lembro que um dos meus jogos favoritos tinha uma enciclopédia de personagens e passos, e eu parava para ficar lendo, em um jogo! Eu amava. Eu acho que está tudo integrado, as ideias são contadas de várias formas diferentes e cada meio dá uma roupagem diferente para a história. Cada uma dessas obras acaba completando a outra”.

(6) Mas existe o risco dos livros perderem público para outros meios? De acordo com a autora, não: “Eu acho que, querendo ou não, sempre vai ter um (meio de entretenimento) mais popular, eu não acho que um interfere na produtividade do outro, os meios e as formas de contar história são independentes e podem se manter”. Bárbara também deixa claro como reagiria caso uma de suas obras literárias fosse adaptada para outros meios: “Eu ia amar, mesmo que não fosse uma adaptação boa, ia popularizar meu trabalho; eu toparia, sim”.

(7) Segundo o professor do departamento de comunicação da Universidade Católica de Brasília, Ciro Inácio Marcondes, a ideia de uma consciência “transmídia” não é algo novo, pelo contrário, já marca um fluxo de conhecimento da humanidade – “como desde o texto oral para os livros” –, mas, atualmente, ganha um panorama monetário: “Essa questão da intermedialização tem se proliferado no contexto da comunicação, e essas narrativas transmídias passam não só pelos meios que foram criados, mas, também, por redes sociais, *marketing*, e isso funciona, inclusive, como uma nova economia”.

(8) Mas, afinal, o fim das fronteiras no entretenimento é para o bem ou para o mal? A questão principal dessa discussão não tem uma solução simples: “Eu, sinceramente, não consigo ter uma opinião qualitativa. É muito complexo “bater o martelo”. É um fenômeno que já acontece, o grande desafio é você marcar cada cultura com uma vertente, e a expectativa é isso aumentar, pois as mídias já são muito manipuláveis e isso não tem como mudar, é um circuito novo que já está aí”, conclui o acadêmico.

NUNES, Ronayre. *Fronteiras entre games, livros e cinema estão cada vez menores*. Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-earte/2019/02/24/interna_diversao_arte,739280/relacao-entre-games-e-filmes.shtml. Acesso em: 25 out. 2019 (adaptado).

Sobre as relações sintático-semânticas estabelecidas entre os períodos do texto, analise as proposições a seguir e assinale a alternativa CORRETA.

- I. No trecho: “E se, na vertente econômica, os números ditam a narrativa, criativamente, **contudo**, é mais difícil perceber na prática essa exclusão de fronteiras” (3º parágrafo), a conjunção em destaque expressa a ideia de contraste.
- II. Em: “São enredos que funcionam **não só** nos filmes, **mas também** em livros e *videogames*” (4º parágrafo), as conjunções coordenativas em destaque provocam uma alternância entre o que funciona nos filmes, nos livros e nos *videogames*.

- III. Em: “Eu ia amar, **mesmo que** não fosse uma adaptação boa, ia popularizar meu trabalho” (6º parágrafo), a conjunção subordinativa destaca uma razão pela qual a autora Barbara Morais ficaria feliz caso uma de suas obras literárias fosse adaptada para outros meios, caracterizando uma oração explicativa.
- IV. No trecho: “**Segundo** o professor do departamento de comunicação da Universidade Católica de Brasília, Ciro Inácio Marcondes, a ideia de uma consciência ‘transmídia’ não é algo novo” (7º parágrafo), o termo sublinhado expressa uma ideia de conformidade.
- V. No trecho: “essas narrativas transmídias passam **não só** pelos meios que foram criados, **mas também** por redes sociais” (7º parágrafo), as conjunções coordenativas destacadas expressam a ideia de adição.

Estão CORRETAS, apenas, as proposições

- a) II, III e V. c) I, II e IV. e) III, IV e V.
b) I, IV e V. d) I, II e III.

8. Cederj 2018

Triste fim de Policarpo Quaresma

Lima Barreto

Como lhe parecia ilógico com ele mesmo estar ali metido naquele estreito calabouço. Pois ele, o Quaresma plácido, o Quaresma de tão profundos pensamentos patrióticos, merecia aquele triste fim? De que maneira
5 sorrateira o Destino o arrastara até ali, sem que ele pudesse pressentir o seu extravagante propósito, tão aparentemente sem relação com o resto da sua vida? [...]

Devia ser por isso que estava ali naquela masmorra, engaiolado, trancafiado, isolado dos seus semelhantes
10 como uma fera, como um criminoso, sepultado na treva, sofrendo umidade, misturado com os seus detritos, quase sem comer... Como acabarei? Como acabarei? E a pergunta lhe vinha, no meio da revoada de pensamentos que aquela angústia provocava pensar. Não havia base para qualquer
15 hipótese. Era de conduta tão irregular e incerta o Governo que tudo ele podia esperar: a liberdade ou a morte, mais esta que aquela. [...]

Desde dezoito anos que o tal patriotismo lhe absorvia e por ele fizera a tolice de estudar inutilidades.
20 Que lhe importavam os rios? Eram grandes? Pois que fossem... Em que lhe contribuiria para a felicidade saber o nome dos heróis do Brasil? Em nada... O importante é que ele tivesse sido feliz. Foi? Não. Lembrou-se das suas cousas de tupi, do folclore, das suas tentativas agrícolas... Restava disso tudo em sua alma uma satisfação? Nenhuma! Nenhuma! [...]

A Pátria que quisera ter era um mito; era um fantasma criado por ele no silêncio do seu gabinete. Nem a física, nem a moral, nem a intelectual, nem a política,
30 que julgava existir, havia. A que existia, de fato, era a do Tenente Antonino, a do Doutor Campos, a do homem do Itamarati.

Excerto. BARRETO, Lima. *Triste fim de Policarpo Quaresma*. In: <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/policarpoE.pdf> p. 383-387.

Em “Era de conduta tão irregular e incerta o Governo que tudo ele podia esperar: a liberdade ou a morte, mais esta que aquela. [...]” (linhas 15-17), o par correlativo “tão... que” expressa a ideia de

- a) condição / conclusão
b) adversidade / finalidade
c) causa / consequência
d) adição / consequência

9. **FEI-SP 2018** Leia o poema de José Craveirinha, escritor de Moçambique, país africano de língua portuguesa. A seguir, responda à questão.

Um homem não chora

Acreditava naquela história do homem que nunca chora.

Eu julgava-me um homem.

Na adolescência meus filmes de aventuras punham-se muito longe de ser cobarde na arrogante criancice do herói de ferro.

Agora tremo.
E agora choro.

Como um homem treme.
Como chora um homem!

Leia as duas asserções:

- I. Na adolescência, o eu lírico se acreditava poderoso como um herói.
II. Ele não chorava.

Se as duas asserções estivessem em um único período (“Na adolescência, o eu lírico não tinha consciência da fragilidade dos seres humanos, _____ ele não chorava”), o conectivo que as relacionaria com coerência e coesão seria:

- a) conforme d) por isso
b) à medida que e) mas
c) como

10. **FCL-SP 2021** Leia o texto a seguir e responda à questão.

O QUE AS ORGANIZAÇÕES PRECISAM FAZER PARA SEREM BEM VISTAS NAS MÍDIAS SOCIAIS

Carolina Frazon Terra

Estamos na era da midiaticização dos indivíduos, da possibilidade de usarmos mídias digitais como instrumentos de divulgação, exposição e expressão pessoais. Daí o termo usuário-mídia. Cada um de nós pode ser um canal de mídia: um produtor, criador, compositor, montador, apresentador, remixador ou apenas um difusor dos seus próprios conteúdos.

Entendemos que o usuário-mídia é um *heavy user* tanto da internet como das mídias sociais que produz,

compartilha, dissemina conteúdos próprios e de seus pares, bem como os endossa junto às suas audiências em *blogs*, *microblogs*, fóruns de discussão *online*, comunidades em *sites* de relacionamento e *chats*, entre outros. Acreditamos que existam níveis de usuário-mídia: os que apenas consomem conteúdo e replicam; os que apenas participam com comentários em iniciativas *online* de terceiros; e os que de fato produzem conteúdo ativamente.

Podemos definir a mídia social como aquela utilizada pelas pessoas por meio de tecnologias e políticas na *web* com fins de compartilhamento de opiniões, ideias, experiências e perspectivas. São consideradas mídias sociais os textos, imagens, áudio e vídeo em *blogs*, *microblogs*, quadro de mensagens, *podcasts*, *wikis*, *vlogs* e afins que permitem a interação entre os usuários. Compartilhamento de conteúdos e travamento de diálogos/conversações são os grandes pilares das mídias sociais. Interesses afins e similaridades temáticas norteiam a formação de redes estruturadas de usuários no ciberespaço. Essas redes se pautam, incentivam e estimulam a ação coletiva de seus membros via ferramentas como Blogs, Twitter, Facebook, MySpace, entre outros.

A mídia social tem como características o formato de conversação e não de monólogo; procura facilitar a discussão bidirecional e evitar a moderação e a censura; tem como protagonistas as pessoas e não as empresas ou marcas, isto é, quem controla sua interação com as corporações são os próprios usuários; tem como principais valores a honestidade e a transparência; e privilegia a distribuição em vez da centralização, uma vez que tem diversos interlocutores que tornam a informação heterogênea e rica.

Diante desta perspectiva, a tecnologia da informação passou a fazer parte da atividade de comunicação organizacional e da mídia, o que alterou e vai modificar ainda mais a relação entre corporações, comunicadores e públicos. Na rede, cidadãos (com acesso à *web*) se expressam e compartilham conteúdos, partilhando do poder de comunicar, antes exclusivo das grandes organizações ou dos conglomerados de mídia, com os públicos.

O pesquisador Marcelo Coutinho acredita que a *web* seja propulsora dos processos tradicionais de sociabilidade e desenvolvimento de confiança que antes eram baseados na mídia de massa ou na interação face a face. Ele cita um estudo da Universidade da Califórnia que evidencia que a credibilidade da informação encontrada na *web* depende da exposição a outros tipos de informação. Os meios tradicionais, portanto, dividem importância com as demais mídias no processo de formação de imagem de marca e intenção de compra.

O autor também destaca que antes era “custoso” e difícil para o consumidor encontrar segundas e terceiras opiniões sobre um produto, bem ou serviço que desejava comprar, o que hoje é substituído pela internet. Resta às organizações criarem cenários favoráveis para a formação de opiniões positivas em torno de produtos, ideias e serviços.

Em última instância, uma marca é informação sobre uma empresa, produto ou serviço. E a informação é a “moeda” das redes sociais. No médio prazo, não é preciso ser um gênio da matemática para perceber que, se uma marca não fornece valor para os consumidores nesse espaço, vai ter de pagar cada vez mais caro para conseguir influenciar a decisão de compra através de outros meios. É preciso entender como os usuários das redes sociais percebem as organizações e se apropriam das mídias sociais e como as pessoas enxergam determinadas organizações, produtos, ideias ou serviços.

Assinale a opção que identifica corretamente o sentido da locução “bem como”, em: “Entendemos que o usuário-mídia é um *heavy user* tanto da internet como das mídias sociais que produz, compartilha, dissemina conteúdos próprios e de seus pares, bem como os endossa junto às suas audiências...”

- a) Causa.
- b) Modo.
- c) Consequência.
- d) Alternância.
- e) Adição.

Exercícios propostos

1. AFA-SP 2017

PARA SEMPRE JOVEM

Recentemente, vi na televisão a propaganda de um jipe que saltava obstáculos como se fosse um cavalo de corrida. Já tinha visto esse comercial, mas comecei a prestar atenção na letra da música, soando forte e repetindo a estrofe de uma canção muito conhecida, “*forever Young... I wanna live forever and Young... (para sempre jovem... quero viver para sempre e jovem)*”. Será que, realmente, queremos viver muito e, de preferência, para sempre jovens? [...]

O crescimento da população idosa nos países desenvolvidos é uma bomba-relógio que já começa a implodir os sistemas previdenciários, despreparados para amparar populações com uma média de vida em torno de 140 anos.

A velhice se tornou uma epidemia incontrolável nos países desenvolvidos. Sustentar a população idosa sobrecarrega os jovens, cada vez em menor número, pois, nesses países, há também um declínio da natalidade. Será isso socialmente justo?

Uma pessoa muito longeva consome uma quantidade total de alimentos muito maior do que as outras, o que contribui para esgotar mais rapidamente os recursos finitos do planeta e agravar ainda mais os desequilíbrios sociais. Para que uns poucos possam viver muito, outros terão de passar fome. Será que, em um futuro breve, teremos uma guerra de extermínio aos idosos, como na ficção do escritor argentino Bioy Casares, *O diário da guerra do porco*? Seria uma guerra justa? [...]

(TEIXEIRA, João. Para sempre jovens. In: *Revista Filosofia: ciência & vida*. Ano VII, n. 92, março-2014, p. 54.)

Elementos de modalização são responsáveis por expressar intenções e pontos de vista do enunciador. Por intermédio deles, o enunciador inscreve no texto seus julgamentos e opiniões sobre o conteúdo, fornecendo ao interlocutor “pistas” de reconhecimento do efeito de sentido que pretende produzir. Observe os elementos de modalização destacados nos excertos e as respectivas análises.

- I. “...e agravar ainda mais os desequilíbrios sociais.” (l. 21) – O advérbio destacado ratifica a ideia de que a situação que já é caótica vai piorar.
- II. “...terão de passar fome.” (l. 22 e 23) – O verbo auxiliar utilizado ressalta a total falta de saída para os jovens.
- III. “Será que, realmente, queremos viver muito...” (l. 7 e 8) – O advérbio utilizado reforça o questionamento sobre o desejo de viver muito, presente no senso comum.
- IV. “...queremos viver muito e, de preferência, para sempre jovens?” (l. 7 e 8) – A locução adverbial sugere que a vida longa será também de qualidade.

Apresentam afirmações corretas as alternativas

- a) I e II apenas. c) I, II e III apenas.
b) III e IV apenas. d) I, II, III e IV.

2. IME-RJ 2021

A GUERRA DAS CAATINGAS

Os doutores na arte de matar que hoje, na Europa, invadem escandalosamente a ciência, perturbando-lhe o remanso com um retinir de esporas insolentes – e formulam leis para a guerra, pondo em equação as batalhas, têm definido bem o papel das florestas como agente tático precioso, de ofensiva ou defensiva. E ririam os sábios *feldmarechais* – guerreiros de cujas mãos caíram o *franquisque* heroico trocado pelo lápis calculista – se ouvissem a alguém que às caatingas pobres cabe função mais definida e grave que às grandes matas virgens. Porque estas, malgrado a sua importância para a defesa do território – orlando as fronteiras e quebrando o embate às invasões, impedindo mobilizações rápidas e impossibilitando a translação das artilharias – se tornam de algum modo neutras no curso das campanhas. Podem favorecer, indiferentemente, aos dois beligerantes oferecendo a ambos a mesma penumbra às emboscadas, dificultando-lhes por igual às manobras ou todos os desdobramentos em que a estratégia desencadeia os exércitos. É uma variável nas fórmulas do problema tenebroso da guerra, capaz dos mais opostos valores.

Ao passo que as caatingas são um aliado incorruptível do sertanejo em revolta. Entram também de certo modo na luta. Armam-se para o combate; agridem. Trançam-se, impenetráveis, ante o forasteiro, mas abrem-se em trilhas multívias para o matuto que ali nasceu e cresceu.

E o jagunço faz-se o guerrilheiro-tugue, intangível...
As caatingas não o escondem apenas, amparam-no.

Ao avistá-las, no verão, uma coluna em marcha não se surpreende. Segue pelos caminhos em torcicolos, aforadamente. E os soldados, devassando com as vistas o

matagal sem folhas, nem pensam no inimigo, reagindo à canícula e com o desalinho natural às marchas, prosseguem envoltos no vozear confuso das conversas travadas em toda a linha, virguladas de tinidos de armas, cindidas de risos joviais mal sofreados.

É que nada pode assustá-los. Certo; se os adversários imprudentes com eles se afrontarem serão varridos em momentos. Aqueles esgalhos far-se-ão em estilhas a um breve choque de espadas e não é crível que os gravetos finos quebrem o arranco das manobras prontas. E lá se vão, marchando, tranquilamente heroicos...

De repente, pelos seus flancos, estoura, perto, um tiro...

A bala passa, rechinante, ou estende, morto, em terra, um homem. Sucedem-se, pausadas, outras, passando sobre as tropas, em sibilos longos. Cem, duzentos olhos, mil olhos perscrutadores, volvem-se, impacientes, em roda. Nada veem.

Há a primeira surpresa. Um fluxo de espanto corre de uma a outra ponta das fileiras.

E os tiros continuam raros, mas insistentes e compassados, pela esquerda, pela direita, pela frente agora, irrompendo de toda a banda...

Então estranha ansiedade invade os mais provados valentes, ante o antagonista que vê e não é visto. Forma-se celeremente em atiradores uma companhia, mal destacada da massa de batalhões constrictos na vereda estreita. Distende-se pela orla da caatinga. Ouve-se uma voz de comando; e um turbilhão de balas rola estrugidoramente dentro das galhadas... Mas constantes, longamente intervalados sempre, zunem os projéteis dos atiradores invisíveis batendo em cheio nas fileiras.

A situação rapidamente engravesce, exigindo resoluções enérgicas. Destacam-se outras unidades combatentes, escalonando-se por toda a extensão do caminho, prontas à primeira voz; – e o comandante resolve carregar contra o desconhecido. Carrega-se contra os duendes. A força, de baionetas caladas, rompe, impetuosa, o matagal numa expansão irradiante de cargas. Avança com rapidez. Os adversários parecem recuar apenas. Nesse momento surge o antagonismo formidável da caatinga.

As seções precipitam-se para os pontos em que estalam os estampidos e estacam ante uma barreira flexível, mas impenetrável, de juremas. Enredam-se no cipoal que as agrilhoa, que lhes arrebatam das mãos as armas, e não vingam transpô-lo. Contornam-no. Volvem aos lados. Vê-se um como rastilho de queimada; uma linha de baionetas enfiando pelos gravetos secos. Lampeja por momentos entre os raios do sol joeirados pelas árvores sem folhas; e parte-se, faiscando, adiante, dispersa, batendo contra espessos renques de xiquexiques, unidos como quadrados cheios, de falanges, intransponíveis, fervilhando espinhos...

Circuitam-nos, estonteadamente, os soldados. Espalham-se, correm à toa, num labirinto de galhos. Caem, presos pelos laços corredios dos quipás reptantes; ou estacam, pernas imobilizadas por fortíssimos tentáculos. Debatem-se desesperadamente até deixarem em pedaços as fardas, entre as garras felinas de acúleos recurvos das macambiras...

Impotentes estadeiam, imprecando, o desapontamento e a raiva, agitando-se furiosos e inúteis. Por fim a ordem dispersa do combate faz-se a dispersão do tumulto. Atiram a esmo. Sem pontaria, numa indisciplina de fogo
95 que vitima os próprios companheiros. Seguem reforços. Os mesmos transe reproduzem-se maiores, acrescidas a confusão e a desordem; – enquanto em torno, circulando-os, rítmicos, fulminantes, seguros, terríveis, bem apontados, caem inflexivelmente os projetis do adversário.
100 De repente cessam. Desaparece o inimigo que ninguém viu.

As seções voltam desfalcadas para a coluna, depois de inúteis pesquisas nas macegas. E voltam como se saíssem de recontro braço a braço, com selvagens: vestes em tiras;
105 armas estrondadas ou perdidas; golpeados de gilvazes; claudicando, estropiados; mal reprimindo o doer infernal das folhas urticantes; frechados de espinhos...

[...]

A luta é desigual. A força militar decai a um plano
110 inferior. Batem-na o homem e a terra. E quando o sertão estua nos bochornos dos estios longos não é difícil prever a quem cabe a vitória. Enquanto o minotauro, impotente e possante, inerme com a sua envergadura de aço e grifos de baionetas, sente a garganta exsicar-se-lhe de sede e, aos
115 primeiros sintomas da fome, refluí à retaguarda, fugindo ante o deserto ameaçador e estéril, aquela flora agressiva abre ao sertanejo um seio carinhoso e amigo.

[...]

A natureza toda protege o sertanejo. Talha-o como
120 Anteu, indomável. E um titã bronzeado fazendo vacilar a marcha dos exércitos.

CUNHA, Euclides da. *Os Sertões (Campanha de Canudos)*. 2a ed. São Paulo: Editora Ciranda Cultural, 2018. p. 181-186.

“Ouve-se uma voz de comando e um turbilhão de balas rola estrugidoramente dentro das galhadas...” (linhas 59 a 61).

O valor semântico do vocábulo “estrugidoramente” no trecho acima se aproxima de:

- a) violentamente.
- b) ruidosamente.
- c) velozmente.
- d) certamente.
- e) mortalmente.

3. Uespi 2017

DA FELICIDADE

Quantas vezes, a gente em busca de ventura.

Procede tal e qual o avozinho infeliz:

Em vão por toda a parte, os óculos procura,

Tendo-os na ponta do nariz!

Mario Quintana. In: *Mario Quintana de bolso*. Porto Alegre: L&PM, 1997, p.39

A expressão **em vão**, verso 03, tem o mesmo sentido de:

- a) Ansiosamente.
- b) Cuidadosamente.
- c) Inutilmente.
- d) Visivelmente.
- e) Desesperadamente.

4. FDSBC-SP 2019

Palavras trocadas

Os movimentos politicamente corretos — que irromperam em diversos países, a começar pelos Estados Unidos, a partir do final da década de 1980 — têm provocado uma série de controvérsias em torno dos limites à liberdade de expressão e dos direitos de pessoas ou coletividades a não serem estigmatizadas por meio da linguagem.

Determinadas expressões e manifestações que em outros tempos eram usadas publicamente para se referir a certos grupos sociais, como negros, mulheres e homossexuais, são agora objeto de contestação pelo caráter discriminatório e ofensivo que encerram.

Cada época tem seus padrões de sensibilidade, e os limites do aceitável se alteram ao longo da história. Hoje, procuram-se impor novas normas, nem sempre de maneira razoável, com o objetivo de fazer com que também a linguagem, em sintonia com a sociedade, se torne mais inclusiva.

Não surpreende, portanto, que alguns artistas, como mostrou reportagem desta Folha, venham substituindo algumas formulações que hoje possam soar inadequadas na reedição de suas obras.

O compositor Criolo, por exemplo, decidiu abolir o termo “traveco” da letra de uma de suas canções, ao relançá-la recentemente.

Outros casos ilustram a mesma preocupação: traduções de seriados dos anos 1970 evitam piadas ou palavras tidas como potencialmente ofensivas, e uma nova versão do popular “Os Trapalhões” abandona tiradas jocosas envolvendo negros, gays e nordestinos.

Note-se que essas correções de rumo parecem incentivadas também por um zelo de mercado. Produtores e exibidores não querem correr o risco de ataque e eventuais boicotes a seus produtos.

Em momentos como o atual, de mudanças de costumes, é difícil evitar que exageros entrem em cena — um efeito colateral sem dúvida problemático. No afã de lutar por suas causas e defender seus representados, ativistas não raro assumem papel inquisidor.

Tentativas de interditar manifestações de adversários ideológicos, de fomentar polarizações e de eliminar as possibilidades de diálogo tornaram-se frequentes e agressivas em diversos países, em meio ao que se convencionou chamar de “guerra cultural”.

O tempo, espera-se, vai contribuir para que as tensões em curso deem lugar a um ponto de equilíbrio.

Folha de S.Paulo, 30 set. 2018

O emprego do advérbio “potencialmente”, no sexto parágrafo, implica

- a) a preocupação em reproduzir as palavras em “Os Trapalhões”.
- b) a potência com que palavras ofensivas são preferidas.
- c) a volta de as palavras serem empregadas jocosamente.
- d) o fato de as palavras poderem instaurar ofensas.

5. Unicentro-PR 2016

O verdadeiro otimista tem o dom de saber que algo vai dar certo não por presunção, mas simplesmente por acreditar que a força que define o que vai dar certo ou errado em sua vida está em seu interior, em suas competências, em sua fé. (Luís Alves)

ALVES, Luís. *O verdadeiro otimista*. Disponível em: <http://www.mundodasmensagens.com/mensagens-incentivo/>. Acesso em: 11 jul. 2016.

Sobre o termo destacado no trecho “mas **simplesmente** por acreditar”, a única afirmativa incorreta é a que se faz na alternativa

- Expressa a ideia de exclusão.
 - Possui o mesmo valor morfológico de “não”.
 - É um modificador de “acreditar”, que exprime modo.
 - Pode ser substituído, sem prejuízo de sentido, por *meramente*.
 - Indica impossibilidade de deslocamento para depois do verbo.
6. **UFC-CE 2013** Assinale a alternativa em que o advérbio incide sobre toda a oração, como “certamente” em “Mesmo com as dificuldades verificáveis no cotidiano, **certamente** vale a pena aprender um novo idioma, mesmo depois da adolescência”.
- Ela, quando nervosa, fala rapidamente.
 - Ela foi facilmente influenciável pela mídia.
 - Ele portou-se, naquela festa, vergonhosamente.
 - Ele viveu felizmente com a mesma mulher por toda a vida.
 - Eles optaram pela não permanência dele no grupo, lamentavelmente.
7. **Univap-SP 2017** Os advérbios são classificados de acordo com as circunstâncias que exprimem. Eles podem ser de afirmação, de negação, de modo, de lugar, de dúvida, de intensidade, de tempo e interrogativos. Já quando duas ou mais palavras (geralmente preposição + substantivo ou advérbio) formam uma expressão que equivale a um advérbio, chamamos de locução adverbial. Na frase, “*O jogador errou o gol de propósito, no jogo de domingo, à noite*”, há
- advérbio de modo.
 - locução adverbial de modo.
 - advérbio de intensidade.
 - locução adverbial de intensidade.
 - advérbio e, conseqüentemente, locução adverbial.

8. UEM-PR

Papai não é mamãe

Diogo Schelp

Todo homem que queira se manter competitivo no mercado das relações amorosas, atualmente, precisa

demonstrar que reza pela cartilha do politicamente correto no quesito paternidade. Ou seja, ter disposição (ou pelo menos dizer que tem) para desempenhar toda e qualquer tarefa relacionada ao cuidado com os filhos. [...] Já vai longe o tempo em que levantar as pernas para a mulher passar o aspirador era considerado uma grande ajuda. Esquentar a mamadeira, preparar a papinha, trocar a fralda e dar banho no bebê são atividades, entre muitas outras, que um pai pode perfeitamente desempenhar. Mas há excessos na concepção mais difundida de paternidade moderna. O principal deles é equiparar pai e mãe na capacidade de suprir as necessidades físicas e afetivas dos filhos.

15 A influência que o pai pode ter sobre seus rebentos, especialmente quando eles ainda são bebês, é limitada por fatores biológicos. Forçá-lo a agir como se pudesse substituir a mãe pode ter efeitos devastadores.

[...] Os homens estão sendo submetidos a duas forças opostas. De um lado, a pressão das mulheres para que exerçam a paternidade de uma maneira historicamente inédita, em que várias das tarefas maternas lhes são confiadas. De outro, a limitação de ordem natural, que faz com que eles não se sintam totalmente à vontade nas novas funções.

Ordem natural? O pensamento de extração feminista atribui o desconforto dos homens nos cuidados com os filhos a aspectos culturais originados do machismo patriarcal. Por esse argumento, os pais não conseguem ter a mesma delicadeza, afetuosidade e disponibilidade que as mães simplesmente porque não se despem dos valores que lhes foram inculcados e que continuam a ser reproduzidos nas diferentes esferas da vida social. Não foram educados para cuidar de crianças e não encontram respaldo no ambiente de trabalho para ser pais participativos. Tudo isso é, em parte, verdadeiro. Meninos são ensinados a manter-se longe de bonecas, e é mais fácil para uma mãe do que para um pai convencer o chefe de que precisa sair mais cedo para levar o filho ao médico. [...] Chegamos, então, à “ordem natural”. Por mais que as pessoas acreditem na versão politicamente correta da paternidade, o fato é que a maioria estranha quando os homens desempenham tarefas tradicionalmente maternas. Isso é errado? Não. “As regras sociais e culturais não surgem do nada. Elas têm uma origem biológica”, diz o psicólogo evolutivo americano David Barash, da Universidade de Washington.

Entre as características tipicamente masculinas que, em geral, são deixadas de lado quando se tenta cuidar de uma criança com a mesma dedicação de uma mãe, estão a autonomia, o gosto pela competição e a agressividade. A perda de virilidade experimentada pela maioria dos homens que se põem a realizar trabalhos associados a mulheres tem bases químicas. Experiências de laboratório mostram, por exemplo, que os níveis de testosterona no organismo caem quando o homem segura uma boneca nos braços. O efeito é o mesmo de quando o marmanjo embala um bebê de verdade. O hormônio masculino por excelência é aquele que, entre outras coisas, proporcionava aos machos humanos, nos tempos das cavernas, o ímpeto de caçar, acasalar-se – e dar uma bordoadinha na cabeça do inimigo.

Faz sentido, portanto, que a evolução tenha moldado o organismo do homem de forma tal a diminuir os níveis

65 de testosterona na presença de crianças – não só as suas, como as de outros. Do contrário, eles representariam sempre um perigo para aqueles serzinhos adoráveis – e gritadores, e chorões, e... irritantes. [...] A descoberta reforça a tese de que o natural para um homem é ser provedor e protetor – não um trocador de fraldas. [...]

Evidentemente, não se trata de propor que os pais modernos voltem a se comportar como na idade da pedra. “O que não se pode é exigir que eles assumam o papel das mães”, diz o psicólogo americano Aaron Rochlen, da 75 Universidade do Texas, autor de um estudo sobre homens que se tornaram donos de casa.

Assinale o que for **correto** a respeito do uso do advérbio no texto.

01 Em “**Evidentemente**, não se trata de propor que os pais modernos voltem a se comportar como na idade da pedra.” (linhas 71-72), o advérbio em negrito modifica toda a oração e demonstra a certeza do autor do texto a respeito da ideia veiculada na oração.

02 Em “Já vai **longe** o tempo...” (linhas 6-7), o advérbio em negrito assume sentido de distância espacial, uma vez que o comportamento do homem atual se aproxima do esperado pelas mulheres.

04 Em “**politicamente** correto” (linha 3), “**tradicionalmente** maternas” (linhas 43-44) e “**tipicamente** masculinas” (linha 48), os advérbios em negrito modificam os adjetivos que os sucedem.

08 Em “... eles representariam **sempre** um perigo...” (linhas 66-67), o advérbio em negrito indica uma circunstância de tempo.

16 Em “A influência que o pai pode ter sobre seus rebentos, **especialmente** quando eles ainda são bebês ...” (linhas 15-16), o advérbio em negrito delimita o alcance da validade da ideia expressa pela oração antecedente.

Soma:

9. UEM-PR

Texto 1

Gente diferenciada

Fernando de Barros e Silva

Acompanhei o “churrascão da gente diferenciada” quase inteiro. Foi um protesto de estudantes e das classes médias (médias mais altas do que baixas). O povão ali era residual. Não pretendo tirar o brilho do evento, apenas caracterizá-lo.

5 Havia muitos moradores de Higienópolis no meio das pessoas que gritavam “é a elite mais porca do Brasil”.

Vi cenas curiosas: muitos cachorros “diferenciados” na coleira, entre os manifestantes. Pelo menos três golden retriever que decidiram ser “**gauche** na vida”.

10 Dois “empreendedores” (assim foram chamados) vendiam camisetas com a inscrição: “gente diferenciada”. Estavam no meio da avenida Angélica e, acredite, aceitavam pagamento em cartão de crédito. Seriam camelôs “diferenciados”?

15 O clima era festivo, performático. Alckmin e Kassab foram xingados (o prefeito até mais que o tucano), mas

entre as palavras de ordem surgiam músicas como “Trem das Onze”, de Adoniran, e a marchinha carnavalesca “Bandeira Branca”. Havia lirismo e deboche nesse enfrentamento teatral de classes.

No final, perto de 21h, cerca de 150 estudantes gritavam: “Ei, polícia/maconha é uma delícia”. A PM estava claramente orientada a não contrariar os jovens. Comportou-se como uma babá zelosa. Como teria agido se o ato fosse na periferia?

Um amigo veterano da esquerda brincou que o protesto mais parecia um “playground revolucionário”. Outro amigo, porém, disse que a manifestação – espontânea, desatrelada de partidos ou sindicatos – comunga do espírito 30 de outros atos recentes, contra o aumento dos ônibus e o fechamento do Belas Artes.

Ambos parecem ter razão. Bem-humorado e anarquizante, o “churrascão” marca até aqui o ápice de um caldo de cultura novo, ou renovado, de mobilização progressista de parte das camadas privilegiadas. Em jargão, é uma fração de classe reagindo ao sentimento ostensivamente antipovo de representantes dessa mesma classe.

(Texto retirado da *Folha de S.Paulo*, 16/5/2011. Opinião A2)

gauche: expressão francesa cujo significado é o de “esquerda”.

Texto 2

É interessante a posição dos críticos dos moradores de Higienópolis que não querem o metrô.

Uma das razões é no Primeiro Mundo a maioria dos habitantes usa metrô. Mais razão tem a leitora Silvana Russo (15/5) quando diz que com o metrô vêm os camelôs de pipoca, milho e drogas. Infelizmente isso acontece porque não podemos equiparar a educação do nosso povo europeu com a nossa. Lá as pessoas são multadas na hora quando jogam qualquer tipo de lixo 5 no chão; aqui, mesmo sabendo que é proibido, desafiam as autoridades quando dirigem seus carros e falam ao mesmo tempo no celular.

Texto 3

Tivessem os parisienses temido a presença dos “diferenciados”, hoje não teriam as estações de metrô na Champs-Élysées, na Foch, na Madeleine ou na Royale. Os londrinos sentiriam falta de uma estação na nobilíssima 5 Buckingham Palace. E os moradores de Nova York não desfrutariam do conforto do metrô na av. Amsterdã, com uma parada quase ao lado do edifício Dakota.

Numa cidade carente de transporte de massa, o governo encontra tempos para dar ouvidos a meia dúzia de 10 gatos pingados que, poucos anos atrás, tentaram impedir a construção de um *shopping center*, hoje seu venerado templo do consumo.

(Textos retirados da *Folha de S.Paulo*, 16/5/2011. Painel do Leitor. A3)

Assinale a(s) alternativa(s) **correta(s)** quanto ao emprego de expressões linguísticas nos textos 1, 2 e 3.

01 Em “Estavam no meio da avenida Angélica e, acredite, aceitavam pagamento em cartão de crédito.” (texto 1, linhas 12-13), o elemento “acredite” é exemplo da função conativa.

- 02 Em “Outro amigo, porém, disse que a manifestação...” (texto 1, linhas 27-28), o elemento “porém” é empregado para apresentar uma conclusão do autor em relação às opiniões de seus amigos.
- 04 As expressões “lá” e “aqui” (texto 2, linhas 8 e 10) retomam, respectivamente, os conteúdos precedentes, estabelecendo contraste entre os mundos europeu e paulistano.
- 08 Em “Infelizmente isso acontece, porque não podemos equiparar a educação do povo europeu com a nossa.” (texto 2, linhas 6-8), “infelizmente” modifica o verbo “acontece”.
- 16 A expressão “Numa cidade carente de transporte de massa...” (texto 3, linha 8) é empregada para referir-se à cidade de São Paulo, que não está expressa no texto.

Soma:

10. Fuvest-SP 2018

Os bens e o sangue

VIII

[...]

Ó filho pobre, e **descorçoado**, e finito
ó inapto para as cavalhadas e os trabalhos brutais
com a faca, o formão, o couro... Ó tal como
[quiséramos
para tristeza nossa e consumação das eras,
para o fim de tudo que foi grande!

Ó desejado,
ó poeta de uma poesia que se furta e se expande
à maneira de um lago de **pez** e resíduos letais...
És nosso fim natural e somos teu adubo,
tua explicação e tua mais singela virtude...
Pois carecia que um de nós nos recusasse
para melhor servir-nos. Face a face
te contemplamos, e é teu esse primeiro
e úmido beijo em nossa boca de barro e de sarro.

Carlos Drummond de Andrade, *Claro enigma*.

descorçoado: assim como “desacorçoado”, é uma variante de uso popular da palavra “desacoroçoado”, que significa “desanimado”.

pez: piche.

Considere o tipo de relação estabelecida pela preposição “para” nos seguintes trechos do poema:

- I. “ó inapto para as cavalhadas e os trabalhos brutais”.
- II. “Ó tal como quiséramos para tristeza nossa e consumação das eras”.
- III. “para o fim de tudo que foi grande”.
- IV. “para melhor servir-nos”.

A preposição “para” introduz uma oração com ideia de finalidade apenas em

- | | | |
|------------|--------------|--------|
| a) I. | c) III. | e) IV. |
| b) I e II. | d) III e IV. | |

11. **ITA-SP 2019** As discussões muitas vezes acaloradas sobre o reconhecimento da pixação como expressão artística trazem à tona um questionamento conceitual importante: uma vez considerado arte contemporânea, o movimento perderia sua essência? Para compreendermos os desdobramentos da pixação, alguns aspectos presentes no *graffiti* são essenciais e importantes de serem resgatados. O *graffiti* nasceu originalmente nos EUA, na década de 1970, como um dos elementos da cultura *hip-hop* (Break, MC, DJ e Graffiti). Daí até os dias atuais, ele ganhou em força, criatividade e técnica, sendo reconhecido hoje no Brasil como *graffiti* artístico. Sua caracterização como arte contemporânea foi consolidada definitivamente por volta do ano 2000.

A distinção entre *graffiti* e pixação é clara; ao primeiro é atribuída a condição de arte, e o segundo é classificado como um tipo de prática de vandalismo e depredação das cidades, vinculado à ilegalidade e marginalidade. Essa distinção das expressões deu-se em boa parte pela institucionalização do *graffiti*, com os primeiros resquícios já na década de 1970.

Esse desenvolvimento técnico e formal do *graffiti* ocasionou a perda da potência subversiva que o marca como manifestação genuína de rua e caminha para uma arte de intervenção domesticada enquadrada cada vez mais nos moldes do sistema de arte tradicional. O grafiteiro é visto hoje como artista plástico, possuindo as características de todo e qualquer artista contemporâneo, incluindo a prática e o *status*. Muito além da diferenciação conceitual entre as expressões – ainda que elas compartilhem da mesma matéria-prima – trata-se de sua força e essência intervencionista.

Estudos sobre a origem da pixação afirmam que o *graffiti* nova-iorquino original equivale à pixação brasileira; os dois mantêm os mesmos princípios: a força, a explosão e o vazio. Uma das principais características do pixo é justamente o esvaziamento sígnico, a potência esvaziada. Não existem frases poéticas, nem significados. A pichação possui dimensão incomunicativa, fechada, que não conversa com a sociedade. Pelo contrário, de certa forma, a agride. A rejeição do público geral reside na falta de compreensão e intelecção das inscrições; apenas os membros da própria comunidade de pixadores decifram o conteúdo.

A significância e a força intervencionista do pixo residem, portanto, no próprio ato. Ela é evidenciada pela impossibilidade de inserção em qualquer estatuto preestabelecido, pois isso pressuporia a diluição e a perda de sua potência signo-estética. Enquanto o *graffiti* foi sendo introduzido como uma nova expressão de arte contemporânea, a pichação utilizou o princípio de não autorização para fortalecer sua essência.

Mas o quão sensível é essa forma de expressão extremista e antissistema como a pixação? Como lidar com a linha tênue dos princípios estabelecidos para não cair em contradição? Na 26ª Bienal de Arte de São Paulo, em 2004, houve um caso de pixo na obra do artista cubano naturalizado americano, Jorge Pardo. Seu comentário, diante da intervenção, foi “Se alguém faz alguma coisa no seu trabalho, isso é positivo, para mim, porque escolheram a minha peça entre as expostas” [...]. “Quem fez isso deve discordar de alguma coisa na obra. Pode ser

outro artista fazendo sua própria obra dentro da minha. Pode ser só uma brincadeira” e finalizou dizendo que “pichar a obra de alguém também não é tão incomum. Já é tradicional”.

É interessante notar, a partir do depoimento de Pardo, a recorrência de padrões em movimentos de qualquer natureza, e o inevitável enquadramento em algum tipo de sistema, mesmo que imposto e organizado pelos próprios elementos do grupo. Na pixação, levando em conta o “sistema” em que estão inseridos, constatamos que também passa longe de ser perfeito; existe rivalidade pesada entre gangues, hierarquia e disputas pelo “poder”.

Em 2012, a Bienal de Arte de Berlim, com o tema “Forget Fear”, considerado ousado, priorizou fatos e inquietações políticas da atualidade. Os pixadores brasileiros, Cripta (Djan Ivson), Biscoito, William e R.C., foram convidados na ocasião para realizar um *workshop* sobre pixação em um espaço delimitado, na igreja Santa Elizabeth. Eles compareceram. Mas não seguiram as regras impostas pela curadoria, ao pixar o próprio monumento. O resultado foi tumulto e desentendimento entre os pixadores e a curadoria do evento.

O grande dilema diante do fato é que, ao aceitarem o convite para participar de uma bienal de arte, automaticamente aceitaram as regras e o sistema imposto. Mesmo sem adotar o comportamento esperado, caíram em contradição. Por outro lado, pela pichação ser conhecidamente transgressora (ou pelo jeito, não tão conhecida assim), os organizadores deveriam pressupor que eles não seguiriam padrões preestabelecidos.

Embora existam movimentos e grupos que consideram, sim, a pixação como forma de arte, como é o caso dos curadores da Bienal de Berlim, há uma questão substancial que permeia a realidade dos pichadores. Quem disse que eles querem sua expressão reconhecida como arte? Se arte pressupõe, como ocorreu com o *graffiti*, adaptar-se a um molde específico, seguir determinadas regras e por consequência ver sua potência intervencionista diluída e branda, é muito improvável que tenham esse desejo.

A representação da pixação como forma de expressão destrutiva, contra o sistema, extremista e marginalizada é o que a mantém viva. De certo modo, a rejeição e a ignorância do público é o que garante sua força intervencionista e a tão importante e sensível essência.

Adaptado de: CARVALHO, M. F. *Pichação-arte é pixação?* Revista Arruaça, Edição nº 0. Cásper Líbero, 2013. Disponível em: <https://casperlibero.edu.br/revistas/pichacao-arte-e-pixacao/>. Acesso em: maio 2018.

Assinale a alternativa em que o trecho sublinhado expressa ideia de **causa**.

- a) Essa distinção das expressões deu-se em boa parte pela institucionalização do graffiti, com os primeiros resquícios já na década de 1970.
- b) Enquanto o graffiti foi sendo introduzido como uma nova expressão de arte contemporânea, a pichação utilizou o princípio de não autorização para fortalecer sua essência.
- c) A rejeição do público geral reside na falta de compreensão e inteligência das inscrições; apenas os membros da própria comunidade decifram o conteúdo.

- d) Mesmo sem adotar o comportamento esperado, caíram em contradição.
- e) O grafiteiro é visto hoje como artista plástico, possuindo as características de todo e qualquer artista contemporâneo, incluindo a prática e o *status*.

12. Unifesp 2016 Leia o excerto do “Sermão de Santo Antônio aos peixes” de Antônio Vieira (1608-1697) para responder à questão.

A primeira cousa que me desedifica, peixes, de vós, é que vos comeis uns aos outros. Grande escândalo é este, mas a circunstância o faz ainda maior. Não só vos comeis uns aos outros, senão que os grandes comem os pequenos. [...] Santo Agostinho, que pregava aos homens, para encarecer a fealdade deste escândalo mostrou-lho nos peixes; e eu, que prego aos peixes, para que vejais quão feio e abominável é, quero que o vejais nos homens. Olhai, peixes, lá do mar para a terra. Não, não: não é isso o que vos digo. Vós virais os olhos para os matos e para o sertão? Para cá, para cá; para a cidade é que haveis de olhar. Cuidais que só os tapuias se comem uns aos outros, muito maior açougue é o de cá, muito mais se comem os brancos. Vedes vós todo aquele bulir, vedes todo aquele andar, vedes aquele concorrer às praças e cruzar as ruas: vedes aquele subir e descer as calçadas, vedes aquele entrar e sair sem quietação nem sossego? Pois tudo aquilo é andarem buscando os homens como hão de comer, e como se hão de comer.

[...]

Diz Deus que comem os homens não só o seu povo, senão declaradamente a sua plebe: *Plebem meam*, porque a plebe e os plebeus, que são os mais pequenos, os que menos podem, e os que menos avultam na república, estes são os comidos. E não só diz que os comem de qualquer modo, senão que os engolem e os devoram: *Qui devorant*. Porque os grandes que têm o mando das cidades e das províncias, não se contenta a sua fome de comer os pequenos um por um, poucos a poucos, senão que devoram e engolem os povos inteiros: *Qui devorant plebem meam*. E de que modo se devoram e comem? *Ut cibum panis*: não como os outros comerem, senão como pão. A diferença que há entre o pão e os outros comerem é que, para a carne, há dias de carne, e para o peixe, dias de peixe, e para as frutas, diferentes meses no ano; porém o pão é comer de todos os dias, que sempre e continuamente se come: e isto é o que padecem os pequenos. São o pão cotidiano dos grandes: e assim como pão se come com tudo, assim com tudo, e em tudo são comidos os miseráveis pequenos, não tendo, nem fazendo ofício em que os não carreguem, em que os não multem, em que os não defraudem, em que os não comam, traguem e devorem: *Qui devorant plebem meam, ut cibum panis*. Parece-vos bem isto, peixes?

(Antônio Vieira. *Essencial*, 2011.)

“Santo Agostinho, que pregava aos homens, **para** encarecer a fealdade deste escândalo, mostrou-lho nos peixes; e eu, que prego aos peixes, **para** que vejais quão feio e abominável é, quero que vejais nos homens.” (1º parágrafo)”

Nas duas ocorrências, o termo “para” estabelece relação de

- a) consequência.
- b) conformidade.
- c) proporção.
- d) finalidade.
- e) causa.

13. Acafe-SC 2018 Nas frases a seguir, preencha as lacunas com uma das preposições sugeridas entre parênteses e depois assinale a alternativa com a sequência **correta**.

- I. Nesse caso, é estranho que o Ministro do Meio Ambiente ignore as informações técnicas _____ que detém a posse. (sobre, com, de)
 - II. De acordo com as fontes _____ as quais mantive contato ontem, a mudança na legislação eleitoral não valerá para 2018. (com, perante, a)
 - III. Quando um homem _____ quem eu confiava me disse que havia uma solução para isso, eu acreditei. (a, em, de)
 - IV. Logo cedo chegaram dois gaúchos pilchados e um vizinho meu recente, _____ cuja procedência não me lembro. (em, de, sobre)
 - V. Ontem resolvi mandar uma carta à empresa _____ a qual o jornal fez uma longa reportagem, publicada na semana passada. (com, perante, sobre)
- a) sobre – perante – a – em – perante
 - b) sobre – a – de – de – com
 - c) de – com – em – de – sobre
 - d) com – perante – em – sobre – com

14. UEMG 2019

33% dos brasileiros têm acesso à internet em casa, diz pesquisa da FGV

Uma pesquisa divulgada pela Fundação Getúlio Vargas (FGV) aponta que 33% dos brasileiros têm acesso à internet em seus domicílios. Segundo o estudo chamado de Mapa da Inclusão Digital, o Brasil ocupa a 63ª posição no *ranking* mundial que avaliou 154 países. O Brasil vence a Argentina nesse *ranking*: a Argentina está na 66ª posição, já que 31% dos argentinos têm acesso à internet **em** suas casas, **em** 2012.

(<http://goo.gl/Supje>. Acesso: 17/07/2012. Adaptado.)

As preposições, negritadas nas últimas duas linhas da notícia, introduzem, respectivamente, a ideia de

- a) direção e tempo.
- b) instrumento e lugar.
- c) lugar e tempo.
- d) posse e matéria.



O texto a seguir servirá de base para as questões **15** e **16**.

TOMATE, O DIURÉTICO NATURAL

Quem tem raízes italianas sabe que o tomate é um fruto indispensável no preparo de refeições. Ingrediente

principal de molhos, ele faz parte do dia a dia dos brasileiros, acompanhando massas, cortado na salada, picado no vinagrete, batido na sopa ou até em forma de suco. Caqui, cereja, italiano, o que não faltam são opções para quem quiser variar no cardápio com ele, que sempre agrega sabor e saúde às mais diversas refeições.

Porém, sua versatilidade não está só nos tipos. Muito saudável, é também uma boa escolha para quem busca prevenir uma série de doenças. É o caso do câncer de próstata: um estudo recente publicado na revista *Molecular Cancer Research* relacionou a ingestão de altos níveis de betacaroteno à prevenção do desenvolvimento de tumores na região. Outro fator de saúde associado ao seu consumo é a perda de peso. “O fruto auxilia no emagrecimento por ter baixo valor calórico. Possui ainda propriedades desintoxicantes, influenciando positivamente o funcionamento dos rins e promovendo efeito diurético, que aumenta a quantidade de líquido eliminado”, explica a nutricionista Amanda Maffei (SP). Ela ressalta ainda que o fruto é capaz de combater o acúmulo da gordura localizada graças à sua ação anti-inflamatória.

Uma das substâncias do tomate que traz benefícios ao organismo é o licopeno, um carotenoide que lhe dá a coloração vermelha. “Esse antioxidante combate os radicais livres, prevenindo o envelhecimento precoce e protegendo o sistema cardiovascular”, pontua Amanda. O carotenoide também tem sido associado aos fatores de prevenção do câncer de próstata. Além disso, de acordo com a dermatologista Patrícia Maíra (SP), esse antioxidante ajuda no combate aos radicais livres e evita o envelhecimento precoce da pele causado pelos raios ultravioleta.

Vitaminas benéficas

Amanda destaca a forte presença das vitaminas A e C no tomate, nutrientes importantes para o sistema imunológico e para a visão, que tornam o consumo desse vegetal ainda mais recomendado. “Há também o magnésio, que age no metabolismo energético e no funcionamento das células, é relaxante muscular e equilibra a acidez sanguínea”, acrescenta. Outra substância importante contida no vegetal é o cromo, que ajuda a regular os níveis de açúcar no sangue, como explica a nutricionista Regina Teixeira (SP). “O tomate contribui ainda para a redução do colesterol e a prevenção de infecções, além de eliminar ácido úrico do organismo”, completa.

Quiche napolitana

Rendimento: 10 porções

Tempo de preparo: 1 hora

Ingredientes

1/2 xíc. (chá) de quinoa

1 col. (sopa) de manteiga

1 xíc. (chá) de alho-poró picado

1 xíc. (chá) de peito de peru picado

5 ovos levemente batidos

1/2 xíc. (chá) de leite

1 xíc. (chá) de muçarela ralada

1/2 xíc. (chá) de queijo parmesão ralado

Sal e pimenta-do-reino a gosto

1 xíc. (chá) de tomates-cereja cortados ao meio

Modo de preparo

1. Cozinhe a quinoa numa panela com água fervente por cerca de 15 minutos. 2. Retire os grãos do fogo, escorra e reserve. 3. Numa frigideira, em fogo médio, refogue o alho-poró e o peito de peru na manteiga por cerca de 3 minutos. 4. Misture, em uma tigela, os ovos levemente batidos, a quinoa já escorrida, o leite, a muçarela ralada, o parmesão, o refogado de alho-poró com peito de peru e os temperos. 5. Transfira a massa para uma forma redonda untada (23 cm). 6. Posicione os tomates-cereja cortados ao meio sobre a massa. 7. Asse em forno médio preaquecido a 180 °C por cerca de 40 minutos ou até que esteja firme. 8. Retire do forno e sirva a quiche quente ou fria.

Cuidados importantes

Para quem apresenta problemas digestórios, como a gastrite, a recomendação é tomar cuidado. “Esse é um alimento ácido, que aumenta a produção de ácido clorídrico, causando mais dor”, adverte Amanda. Ela também alerta sobre a quantidade de potássio contida no tomate, que pode aumentar a formação de cálculos renais, principalmente para as pessoas que possuem essa predisposição.

Em relação ao consumo, 100 g de tomate (algo como uma unidade grande) forneceriam cerca de 6% da dose diária recomendada de potássio para adultos. A maior ingestão do nutriente na dieta está associada a menores taxas de acidente vascular cerebral (AVC) e pode diminuir a incidência de doenças cardiovasculares. A nutricionista Regina recomenda incluí-lo no cardápio diariamente e acrescenta: “Existe uma vantagem no consumo cozido, porque nosso organismo absorve melhor o licopeno, especialmente quando regado com um fio de azeite”.

Suco de tomate na saúde feminina



Um estudo de 2015 do *Nutrition Journal* descobriu que o consumo de suco de tomate ajudou a aliviar alguns sintomas da menopausa, como ansiedade, gasto energético em repouso e frequência cardíaca. A pesquisa foi realizada com 95 mulheres com idade entre 40 e 60 anos, que tiveram de consumir 200 ml de suco de tomate sem sal, duas vezes ao dia, por oito semanas.

Na hora da compra

Quando for escolher o fruto ideal, opte sempre pelos mais firmes e vermelhos e higienize muito bem antes de consumir. “Todo tomate deve ser lavado em água corrente e, em seguida, ficar imerso por 15 minutos em um litro de água com uma colher cheia (sopa) de solução de hipoclorito de sódio. Depois desse tempo, enxágue em água corrente antes de consumir”, indica a nutricionista Maria Eduarda Melo (SP). No entanto, ela ressalta que essa higienização tem o objetivo de diminuir os riscos microbiológicos, mas não de eliminar resíduos de agrotóxicos. “As melhores opções são o consumo de alimentos da época ou orgânicos”, pondera.

VIEIRA, Mariana; TORETTA, Murilo. Tomate, o diurético natural. **VIVASAÚDE**. São Paulo: Editora Escala, Ed. 188, jan. 2019. p. 36-39. [Adaptado].

15. **UFRRN 2019** Para responder à questão, considere o excerto abaixo.

A[1] maior ingestão do nutriente na dieta está associada **a[2]** menores taxas de acidente vascular cerebral (AVC) e pode diminuir **a[3]** incidência de doenças cardiovasculares.

Os elementos linguísticos [1], [2] e [3] são, respectivamente,

- a) preposição, preposição e artigo.
- b) artigo, preposição e artigo.
- c) artigo, artigo e preposição.
- d) preposição, artigo e preposição.

16. **UFRRN 2019** Para responder à questão, considere o excerto abaixo.

“[...] Depois desse tempo, enxágue em água corrente antes de consumir”, indica a nutricionista Maria Eduarda Melo (SP). **No entanto[1]**, ela ressalta que essa higienização tem o objetivo de diminuir os riscos microbiológicos, mas não de eliminar resíduos de agrotóxicos.

O elemento linguístico [1] pode ser substituído, sem alteração de sentido, por

- a) Entretanto.
- b) Portanto.
- c) Além disso.
- d) Por isso.

17. **Ulbra-RS 2013** A questão refere-se ao fragmento da reportagem *Aids: tendência de aumento entre jovens*, de Flavia Bemfica, disponível no site: http://www.sinprors.org.br/extraclasseset12/imprimir.asp?id_conteudo=436.

No final de agosto, um manifesto de instituições e pesquisadores passou quase despercebido do grande público e teve pouca repercussão na imprensa. Intitulado “O que nos tira o sono?”, o documento afirma que o Brasil perdeu o controle sobre a epidemia da Aids e que hoje dispõe de um programa desatualizado e insuficiente para enfrentar a configuração nacional da doença. Ele pode ser taxado de alarmista por gestores públicos e outra parte dos pesquisadores. Afinal, ser portador de HIV deixou de ser uma

10 sentença de morte e novas descobertas de tratamento sur-
gem a cada ano. O país investe pesado na distribuição de
medicamentos de combate à epidemia (R\$ 900 milhões
à compra de coquetéis só no ano passado). E o Boletim
Epidemiológico Aids e DST 2011, do Ministério da Saúde,
15 aponta para uma estabilização da taxa da doença ao longo
dos últimos 12 anos.

Mas há sempre o outro lado: no mesmo período, por
regiões, a taxa de incidência da doença diminuiu apenas no
Sudeste e aumentou no Sul, Norte, Nordeste e Centro-Oeste.
20 Ainda conforme o boletim, a taxa de prevalência da infec-
ção pelo HIV na população jovem apresenta “tendência ao
aumento”. As campanhas de prevenção não se comparam
àquelas realizadas no decorrer dos anos 90. A disseminação
do vírus entre heterossexuais não recebe a devida divulgação.
25 E o Brasil continua a quantificar oficialmente apenas os casos
de Aids e não os de infecção por HIV.

O título do manifesto, a propósito, é uma alusão à
participação do Brasil na *XIX Conferência Internacional de
Aids*, realizada em Washington, nos Estados Unidos, no final
30 de julho. Durante a conferência, questionado sobre o que
lhe tirava o sono hoje, o representante do governo brasileiro
respondeu que dormia tranquilo. Se os gestores nacionais
dormem tranquilos, o que dizer daqueles que atuam em
solo gaúcho? Porque, quando o tema é Aids, o Rio Grande
35 do Sul e Porto Alegre batem praticamente todos os recordes.

Fragmento da reportagem *Aids: tendência de aumento entre jovens*, de Flavia
Bemfica, disponível no site: [http://www.sinprors.org.br/extraclassa/set12/
imprimir.asp?id_conteudo=436](http://www.sinprors.org.br/extraclassa/set12/imprimir.asp?id_conteudo=436).

Qual a função morfológica dos termos sublinhados, na
ordem em que se encontram, no trecho abaixo?

“As campanhas (1) **de** (2) **prevenção** (3) **não** se (4) **com-**
param àquelas realizadas no decorrer dos anos 90”.
(l. 22-23)

- a) (1) Pronome; (2) verbo; (3) advérbio; (4) pronome.
- b) (1) Preposição; (2) substantivo; (3) advérbio; (4) verbo.
- c) (1) Preposição; (2) adjetivo; (3) advérbio; (4) con-
junção.
- d) (1) Conjunção; (2) verbo; (3) pronome; (4) conjunção.
- e) (1) Pronome; (2) substantivo; (3) pronome; (4) pre-
posição.

18. UEM/PAS-PR 2013

Texto 1

A economia precisa parar de crescer

Serge Latouche

A princípio, o crescimento é um fenômeno natural. O
ciclo biológico do nascimento, desenvolvimento, reprodu-
ção, maturidade, declínio e morte do ser vivo é condição
de sobrevivência da espécie. Porém, enquanto a maioria
5 das sociedades dedicou um culto ao crescimento, o Oci-
dente moderno o transformou em sua religião.

O decrescimento – termo que vem sendo usado nos
debates ecológico, econômico e social – propõe o aban-
dono do crescimento ilimitado, da economia cujo motor
10 é a busca do lucro por parte dos detentores do capital,
com consequências desastrosas para o meio ambiente e,
portanto, para a humanidade.

Para que seja sustentável e durável, toda sociedade
deve estabelecer limites próprios. A nossa, ao contrário, se
15 glorifica em deixar de lado qualquer restrição, optando pela
desmesura. O emprego, o pagamento dos aposentados, a
renovação dos gastos públicos supõem o aumento constante
do produto interno bruto (PIB). No fim, o círculo virtuoso
se transforma num círculo infernal. A vida das pessoas ge-
20 ralmente se reduz à de um biodigestor que metaboliza o
salário com as mercadorias e as mercadorias com o salário,
transitando do trabalho para o hipermercado e vice-versa.
Quando há desaceleração do crescimento, vem a crise e
até o pânico. Reencontramos o “Acumulem! acumulem!”.
25 Mas a proposta do decrescimento não é a de um cres-
cimento negativo, que mergulha a sociedade na incerteza,
aumenta as taxas de desemprego e acelera o abandono dos
programas sociais. Para sermos rigorosos, conviria mais fa-
lar de “a-crescimento”, como se fala de “a-teísmo”. A meta
30 é uma sociedade em que se viverá melhor trabalhando e
consumindo menos. Esse novo modelo se resumiria em
8 Rs: reavaliar, reconceitualizar, reestruturar, realocar,
redistribuir e os já tradicionais reduzir, reutilizar e reciclar.
Assim seríamos capazes de desencadear uma dinâmica
35 rumo a uma sociedade autônoma.

Sair do imaginário econômico, contudo, implica
rupturas concretas, como fixar regras que enquadrem e
limitem o desvario da ganância (busca do lucro, do cada
vez mais), legislação do trabalho, limitação da dimensão
40 das empresas etc.

Por fim, a redefinição da felicidade como “abundân-
cia **frugal** em uma sociedade solidária” pressupõe sair do
círculo infernal da criação ilimitada de necessidade e de
produtos e da frustração crescente que esta acarreta. A
45 autolimitação é a condição para que se alcance a pros-
peridade sem crescimento, evitando, assim, a queda da
civilização humana.

(Texto Adaptado. *Revista Galileu*. São Paulo: Globo, jun. 2013, p. 82.)

desmesura: que não tem medida.

frugal: aquilo que é moderado, simples.

Texto 2

Shakespeariana



Apoiando-se na leitura dos **textos 1 e 2**, assinale a(s)
alternativa(s) **correta(s)**.

- 01 No **texto 1**, Latouche associa a sua proposta de decréscimo da economia à redefinição da felicidade, que, para ele, consiste na “autolimitação” (linha 45).
- 02 Em “para a humanidade” (**texto 1**, linha 12), a palavra grifada é uma preposição, assim como também o é em “Ser ou não ser, eis a questão” (**texto 2**, quadro 1).
- 04 “deixar de lado qualquer restrição” (**texto 1**, linha 15) contrapõe-se ao sentido de “Ter ou não ter, eis a inflação” (**texto 2**, quadro 2).
- 08 “abundância frugal” (**texto 1**, linhas 41-42) contrapõe-se ao sentido contido em “Ter ou não ter, eis a inflação” (**texto 2**, quadro 2).
- 16 O fato de a economia ser movida pela “busca do lucro por parte dos detentores do capital” (**texto 1**, linha 10) implica que esses detentores farão de tudo para motivar um consumismo irracional.

Soma:

19. AFA-SP 2018

REDES SOCIAIS E COLABORAÇÃO EXTREMA: O FIM DO SENSO CRÍTICO?

Eugênio Mira

Conectados. Essa palavra nunca fez tanto sentido quanto agora. Quando se discutia no passado sobre como os homens agiriam com o advento da aldeia global [...] não se imaginava o quanto esse processo seria rápido e devastador.

[...] quando McLuhan apresentou o termo, em 1968, ele sequer imaginaria que não seria a televisão a grande responsável pela interligação mundial absoluta, e sim a internet, que na época não passava de um projeto militar do governo dos Estados Unidos.

A internet mudou definitivamente a maneira como nos comunicamos e percebemos o mundo. Graças a ela temos acesso a toda informação do mundo à distância de apenas um toque de botão. E quando começaram a se popularizar as redes sociais, um admirável mundo novo abriu-se ante nossos olhos. Uma ferramenta colaborativa extrema, que possibilitaria o contato imediato com outras pessoas através de suas afinidades, fossem elas políticas, religiosas ou mesmo geográficas. Projetos colaborativos, revoluções instantâneas... Tudo seria maior e melhor quando as pessoas se alinhassem na órbita de seus ideais. O tempo passou, e essa revolução não se instaurou.

Basta observar as figuras que surgem nos sites de humor e outros assemelhados. Conhecidos como *memes* (termo cunhado pelo pesquisador Richard Dawkins, que representaria para nossa memória o mesmo que os genes representam para o corpo, ou seja, uma parcela mínima de informação), essas figuras surgiram com a intenção de demonstrar, de maneira icônica, algum sentimento ou sensação. Ao fazer isso, a tendência de ter uma reação diversa daquelas expressas pelas tirinhas é cada vez menor. Tudo fica branco e preto. Ou se aceita a situação, ou revolta-se. Sem chance para o debate ou questionamento.

[...]

- 35 A situação é ainda mais grave quando um dos poucos entes criativos restantes na internet produz algum comentário curto, espirituoso ou reflexivo, a respeito de alguma situação atual ou recente... Em minutos pipocam cópias da frase por todo lugar. Copia-se sem o menor bom senso, sem créditos. Pensar e refletir, e depois falar, são coisas do passado. O importante agora é copiar e colar, e depois partilhar. As redes sociais desfraldaram um mundo completamente novo, e o uso que o homem fará dessas ferramentas é o que dirá o nosso futuro cultural.
- 40 Se enveredarmos pela partilha de ideias, gestando-as em nossas mentes e depois as passando a outros, será uma estufa mundial a produzir avanços incríveis em todos os campos de conhecimento. Se, no entanto, as redes sociais se transformarem em uma rede neural de apoio à preguiça de pensar, a humanidade estará fadada ao processo antinatural de regressão. O advento das redes sociais trouxe para perto das pessoas comuns os amigos distantes, os ídolos e as ideias consumistas mais arraigados, mas aparentemente está levando para longe algo muito mais humano e essencial na vida em sociedade: o senso crítico. Será uma troca justa?

(http://obviousmag.org/archives/2011/09/redes_sociais_e_colaboracao_extrema_O_fim_do_senso_critico-.htm. Adaptado. Acesso em: 21 fev 2017)

Observe o emprego da conjunção “e” nos enunciados abaixo, considerando o contexto de onde foram recortados, e as respectivas análises.

- I. “Ele sequer imaginaria que não seria a televisão a grande responsável pela interligação mundial absoluta, e sim a internet...” (l. 7 a 9) – A conjunção é aditiva.
- II. “O tempo passou, e essa revolução não se instaurou.” (l. 21 e 22) – A relação estabelecida é de adversidade.
- III. “A internet mudou definitivamente a maneira como nos comunicamos e percebemos o mundo.” (l. 11 e 12) – A conjunção estabelece uma relação de finalidade.
- IV. “...copiar e colar, e depois partilhar.” (l. 41 e 42) – A repetição da conjunção visa enfatizar o automatismo das ações.

Estão corretas as análises apresentadas apenas nos itens

- a) I e III.
- b) III e IV.
- c) I e II.
- d) II e IV.

20. Fuvest-SP 2016 Leia este texto.

O tempo personalizou minha forma de falar com Deus, mas sempre termino a conversa com um pai-nosso e uma ave-maria.

[...]

Metade da ave-maria é uma saudação floreada para, só no final, pedir que ela rogue por nós. No pai-nosso, sempre será um mistério para mim o “mas” do “não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos do mal”. Me parece que, a princípio, se o Pai não nos deixa cair em tentação, já estará nos livrando do mal.

Denise Fraga, www1.folha.uol.com.br, 07/07/2015. Adaptado.

- a) Mantendo-se a relação de sentido existente entre os segmentos “não nos deixeis cair em tentação” / “mas livrai-nos do mal”, a conjunção “mas” poderia ser substituída pela conjunção e, de modo a dissipar o “mistério” a que se refere a autora? Justifique.
- b) Sem alterar seu sentido, reescreva o trecho da oração citado pela autora, colocando os verbos “deixeis” e “livrai” na terceira pessoa do singular.

21. IME-RJ 2020 O *soneto XIII de Via-Láctea*, coleção publicada em 1888 no livro *Poesias*, é o texto mais famoso da antologia, obra de estreia do poeta Olavo Bilac. O texto, cuidadosamente ritmado, suas rimas e a escolha da forma fixa revelam rigor formal e estilístico caros ao movimento parnasiano; o tema do poema, no entanto, entra em colisão com o tema da literatura típica do movimento, tal como concebido no continente europeu.

XIII

“Ora (dixeis) ouvir estrelas! Certo
Perdeste o senso!” E eu vos dixei, no entanto,
Que, para ouvi-las, muita vez desperto
E abro as janelas, pálido de espanto...

5 E conversamos toda a noite, enquanto
A Via-láctea, como um pátio aberto,
Cintila. E, ao vir do sol, saudoso e em pranto,
Inda as procuro pelo céu deserto.

Dixeis agora: “Tresloucado amigo!

10 Que conversas com elas? Que sentido
Tem o que dizem, quando estão contigo?”

E eu vos dixei: “Amai para entendê-las!
Pois só quem ama pode ter ouvido
Capaz de ouvir e de entender estrelas.”

BILAC, Olavo. *Antologia: Poesias*. Martin Claret, 2002. p. 37-55. Via-Láctea. Disponível em: www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000289.pdf. Acesso em: 19/08/2019.

A palavra “pois”, usada em “Pois só quem ama pode ter ouvido” (verso 13),

- a) exprime a consequência dos hábitos cotidianos do poeta de ouvir e entender estrelas.
- b) tem uma função de justificação das razões pelas quais o poeta é capaz de ouvir e entender estrelas.
- c) traz em si uma ideia de contraponto ao enlevo poético descrito no poema.
- d) expressa a ideia da finalidade primeira do poeta enamorado, que é ouvir e entender estrelas.
- e) estabelece a ideia de alternância, mas sem relação de equivalência nos versos do texto.

22. ITA-SP 2018 O Brasil será, em poucas décadas, um dos países com maior número de idosos do mundo, e precisa correr para poder atendê-los no que eles têm de melhor e mais saudável: o desejo de viver com independência e autonomia. [...] O mantra da velhice no século XXI é “envelhecer no lugar”, o que os americanos chamam de *aging in place*. O conceito que guia novas políticas e negócios voltados para os longevos tem como principal objetivo fazer com que as pessoas consigam permanecer em casa

o maior tempo possível, sem que, para isso, precisem de um familiar por perto. Não se trata de apologia da solidão, mas de encarar um dado da realidade contemporânea: as residências não abrigam mais três gerações sob o mesmo teto e boa parte dos idosos de hoje prefere, de fato, morar sozinha, mantendo-se dona do próprio nariz.

Disponível em: <http://veja.abril.com.br/brasil/envelhecer-no-seculo-xxi/>, 18 mar. 2016.

A conjunção em destaque na frase “Não se trata de apologia da solidão, **mas** de encarar um dado da realidade contemporânea: ...” possui a função semântica de

- a) retificação. d) separação.
- b) compensação. e) acréscimo.
- c) complementação.

23. ITA-SP 2017 Observe a tirinha a seguir.



http://2.bp.blogspot.com/_wBWh8NQA78/TBWEMQ8147I/AAAAAAAAACE/zmfW9c8uAKk/s1600/Tirinha_sensacionalismo.jpg. (Acesso em 12/05/2016)

Os dois primeiros quadros da tirinha criam no leitor uma expectativa de desfecho que não se concretiza, gerando daí o efeito de humor. Nesse contexto, a conjunção e estabelece a relação de

- a) conclusão. d) consequência.
- b) explicação. e) alternância.
- c) oposição.

24. Unesp 2019 Leia o trecho do livro *A dança do universo*, do físico brasileiro Marcelo Gleiser, para responder à questão.

Algumas pessoas tornam-se heróis contra sua própria vontade. Mesmo que elas tenham ideias realmente (ou potencialmente) revolucionárias, muitas vezes não as reconhecem como tais, ou não acreditam no seu próprio potencial. Divididas entre enfrentar sua insegurança expondo suas ideias à opinião dos outros, ou manter-se na defensiva, elas preferem a segunda opção. O mundo está cheio de poemas e teorias escondidos no porão.

Copérnico é, talvez, o mais famoso desses relutantes heróis da história da ciência. Ele foi o homem que colocou o Sol de volta no centro do Universo, ao mesmo tempo fazendo de tudo para que suas ideias não fossem difundidas, possivelmente com medo de críticas ou perseguição religiosa. Foi quem colocou o Sol de volta no centro do Universo, motivado por razões erradas. Insatisfeito com a falha do modelo de Ptolomeu, que aplicava o dogma platônico do movimento circular uniforme aos corpos celestes, Copérnico propôs que o equante fosse abandonado e que o Sol passasse a ocupar o centro do cosmo. Ao tentar fazer com que o Universo se adaptasse às ideias platônicas, ele retornou aos pitagóricos, ressuscitando a doutrina do fogo central, que levou ao modelo heliocêntrico de Aristarco dezoito séculos antes.

Seu pensamento reflete o desejo de reformular as ideias cosmológicas de seu tempo apenas para voltar ainda mais no passado; Copérnico era, sem dúvida, um revolucionário conservador. Ele jamais poderia ter imaginado que, ao olhar para o passado, estaria criando uma nova visão cósmica, que abriria novas portas para o futuro. Tivesse vivido o suficiente para ver os frutos de suas ideias, Copérnico decerto teria odiado a revolução que involuntariamente causou.

Entre 1510 e 1514, compôs um pequeno trabalho resumindo suas ideias, intitulado *Commentariolus (Pequeno comentário)*. Embora na época fosse relativamente fácil publicar um manuscrito, Copérnico decidiu não publicar seu texto, enviando apenas algumas cópias para uma audiência seleta. Ele acreditava piamente no ideal pitagórico de discrição; apenas aqueles que eram iniciados nas complicações da matemática aplicada à astronomia tinham permissão para compartilhar sua sabedoria. Certamente essa posição elitista era muito peculiar, vinda de alguém que fora educado durante anos dentro da tradição humanista italiana. Será que Copérnico estava tentando sentir o clima intelectual da época, para ter uma ideia do quão “perigosas” eram suas ideias? Será que ele não acreditava muito nas suas próprias ideias e, portanto, queria evitar qualquer tipo de crítica? Ou será que ele estava tão imerso nos ideais pitagóricos que realmente não tinha o menor interesse em tornar populares suas ideias? As razões que possam justificar a atitude de Copérnico são, até hoje, um ponto de discussão entre os especialistas.

(A dança do universo, 2006. Adaptado.)

Em “Mesmo que elas tenham ideias realmente (ou potencialmente) revolucionárias, muitas vezes não as reconhecem como tais, ou não acreditam no seu próprio potencial” (1º parágrafo), a locução conjuntiva sublinhada pode ser substituída, sem prejuízo para o sentido do texto, por:

- a) À medida que.
- b) Ainda que.
- c) Desde que.
- d) Visto que.
- e) A menos que.

25. IFMT 2019 [...] Começou a lição de escrita. Custa-me dizer que eu era dos mais adiantados da escola; mas era. Não digo também que era dos mais inteligentes, por um escrúpulo fácil de entender e de excelente efeito no estilo, mas não tenho outra convicção. Note-se que não era pálido nem mofino: tinha boas cores e músculos de ferro. Na lição de escrita, por exemplo, acabava sempre antes de todos, mas deixava-me estar a recortar narizes no papel ou na tábua, ocupação sem nobreza nem espiritualidade, mas em todo caso ingênua. Naquele dia foi a mesma coisa; tão depressa acabei, como entrei a reproduzir o nariz do mestre, dando-lhe cinco ou seis atitudes diferentes, das quais recorro a interrogativa, a admirativa, a dubitativa e a cogitativa. Não lhes punha esses nomes, pobre estudante de primeiras letras que era; mas, instintivamente, dava-lhes essas expressões. Os outros foram acabando; não tive remédio senão acabar também, entregar a escrita, e voltar para o meu lugar. Com franqueza, estava arrependido de ter vindo. Agora que ficava preso, ardia por andar lá fora, e recapitulava o campo e o morro, pensava nos outros meninos vadios, o Chico Telha, o

Américo, o Carlos das Escadinhas, a fina flor do bairro e do gênero humano. Para cúmulo de desespero, vi através das vidraças da escola, no claro azul do céu, por cima do morro do Livramento, um papagaio de papel, alto e largo, preso de uma corda imensa, que bojava no ar, uma cousa soberba. E eu na escola, sentado, pernas unidas, com o livro de leitura e a gramática nos joelhos. [...]

(Disponível em: <http://escoladacrianca.com.br/ws/wp-content/uploads/2017/03/Contos-de-Escola-Machado-de-Assis.pdf>. Acesso: 12 de fevereiro de 2019)

“Na lição de escrita, por exemplo, acabava sempre antes de todos, mas deixava-me estar a recortar narizes no papel ou na tábua, ocupação sem nobreza nem espiritualidade, mas em todo caso ingênua.”

A conjunção sublinhada **pode ser substituída**, sem prejuízo à coerência textual e à intencionalidade do autor, pelas seguintes conjunções:

- a) Porque; e.
- b) Bem como; nem.
- c) Pois; porque.
- d) Porém; entretanto.
- e) Ora; também.

26. IFPE 2020

hoje eu achei um pacotinho de ruffles no chão aq da floresta da tijuca, com a validade de 19/10/1998, sendo que o pacote tava totalmente intacto... pra vcs verem né



661 59 mil 133 mil

JÚLIA. Hoje eu achei um pacotinho de ruffles no chão aq da floresta da tijuca, com a validade de 19/10/1998, sendo que o pacote tava totalmente intacto... pra vcs verem né. Rio de Janeiro, 1 mar. 2019. Twitter: @darkwside. Disponível em: <http://twitter.com/darkwside/status/1101531181059850242>.

Acesso em: 27 out. 2019.

No texto, os recursos visuais e verbais criam um contraste entre a data de validade (19/10/1998) e o pacote “totalmente intacto”, relação expressa pelo conectivo “sendo que”. Escolha, nas alternativas a seguir, outro conectivo com sentido equivalente.

- a) Desde que.
- b) Por isso.
- c) Porque.
- d) Porém.
- e) Portanto.

27. Unifor-CE 2019



Em “Minha terra tem Corinthians, **onde** canta o sabiá!”, o termo destacado é

- a) conjunção adversativa.
- b) conjunção integrante.
- c) conjunção explicativa.
- d) conjunção subordinativa condicional.
- e) pronome relativo.

28. UPE 2019

Pierina e pouco mais

Henrique Fendrich

Como já é bastante comum que eu folheie algum livro e, sem querer, logo me depare com alguma citação ao Rubem Braga, não estranhei que justamente nos dias em que estive em São Paulo, vindo de Taubaté, houvesse uma exposição sobre ele no Museu da Língua Portuguesa. É uma lei de atração que provavelmente apenas a mecânica quântica consegue explicar. Ou ela ou o fato de que na última década li, reli e trelí todos os seus livros, pesquisei e esmiucei todas as características de suas crônicas [...].

Não era, portanto, um desconhecido que fui encontrar no museu. E por isso também não esperava encontrar muita novidade. Pra mim já era bom ver o Braga sendo visto – pelo menos no ano do seu centenário. E lá estava o Braga repórter, escritor, editor, diplomata, cachoeirense, amante das artes, homem da TV e, sobretudo, combatente da FEB. [...]

Tudo isso exposto aqui em São Paulo, onde o Braga se sentiria bem. Ele dizia que Congonhas já havia entrado para a sua geografia. Nesta soberba cidade, os seus nervos estalaram, entre emoções e solidões, como vergas de metal do velho viaduto. Dentro dele vibravam, como parte de sua vida, as agitações da ânsia multifária e triste de São Paulo. [...] E há também Pierina, a amada que vez ou outra aparecia em sua crônica no Diário de São Paulo em 1934. Pierina existiu e se chamava Pierina. Com ela Braga se correspondia por meio de sinais e gestos da janela do seu prédio para a janela do sobrado dela. Às vezes, lhe jogava flores ou frutas, sem acertar o alvo. Nunca chegaram a se encontrar, e logo o Braga se mudou de São Paulo. Mas, naquele tempo, o que amava o Braga? Pierina e pouco mais. Pierina e a vida, duas coisas que se confundem hoje, e amanhã mais se confundirão na morte.

Disponível em: <https://rubem.wordpress.com/2013/07/26/pierina-e-pouco-mais/> Acesso em: 25 abr. 2018. Adaptado.

No trecho: “— Como já é bastante comum que eu folheie algum livro e, sem querer, logo me depare com alguma citação ao Rubem Braga, não estranhei que [...]” (1º parágrafo), o conectivo introdutório (destacado) estabelece uma relação sintático-semântica de

- a) causa.
- b) comparação.
- c) condição.
- d) explicação.
- e) oposição.

29. AFA-SP 2019

Violência: presente e passado da história

Vilma Homero

Ao olhar para o passado, costumamos imaginar que estamos nos afastando dos tempos da “barbárie pura e simples” para alcançar uma almejada “civilização”, calcada sobre relações livres, iguais e fraternas, típicas do homem

5 culto. Um olhar sobre a história, no entanto, põe em xeque esta visão utópica. Organizado pelos historiadores Regina Bustamante e José Francisco de Moura, o livro *Violência na História*, publicado pela Mauad Editora com apoio da FAPERJ, reúne diversos ensaios que mostram, ao longo do

10 tempo, diferentes aspectos da violência, propondo uma reflexão mais demorada sobre o tema. Nos ensaios reunidos no livro, podemos vislumbrar como, desde a antiguidade e ao longo da história humana, a violência se insere, sob diversos vieses, nas relações de poder, seja entre Estado e

15 cidadãos, entre livres e escravos, entre homens e mulheres, ou entre diferentes religiões. “Durante a Idade Média, por exemplo, vemos como a violência se manifesta na religiosidade, durante o movimento das Cruzadas. Ou, hoje, no caso dos movimentos sociais, como ela acontece em relação aos

20 excluídos das favelas. O sentido é amplo. A desigualdade social, por exemplo, é um tipo de violência; a expropriação do patrimônio cultural, que significa não permitir que a memória cultural de determinado grupo se manifeste, também”, prossegue a organizadora. [...] A própria palavra “violência”,

25 que etimologicamente deriva do latim *vis*, com significado de força, virilidade, pode ser positiva em termos de transformação social, no sentido de uma violência revolucionária, usada como forma de se tentar transformar uma sociedade em determinado momento. [...] Essas variadas abordagens

30 vão aparecendo ao longo do livro.

[...] Na Roma antiga, as penas, aplicadas após julgamento, ganhavam um sentido religioso. Despido de sua humanidade, o réu era declarado *homo sacer*. Ou seja, sua vida passava a ser consagrada aos deuses. Segundo a

35 pesquisadora Norma Mendes, “havia o firme propósito de fazer da morte dos condenados um espetáculo de caráter exemplar, revestido de sentido religioso e de dominação, cuja função era o reforço, manutenção e ratificação das relações de poder.” [...] O historiador Francisco Carlos

40 Teixeira da Silva é um dos que traz a discussão para o presente, analisando as transformações políticas do último século. “Desde Voltaire até Kant e Hegel, acreditava-se no contínuo aperfeiçoamento da condição humana como uma marcha inexorável em direção à razão. [...] O Holocausto, perpetrado em um dos países mais avançados e cultos à época, deixou claro que a luta pela dignidade humana é um esforço contínuo e, pior de tudo, lento. [...] E, sobretudo, mais de 50 anos depois da II Guerra

45 Mundial, a ocorrência de outros genocídios – Ruanda, Iugoslávia, Camboja etc. – leva a refletir sobre a convivência entre os homens nesse começo do século XXI.” O historiador prossegue: “De forma paradoxal, a globalização, conforme se aprofunda e pluga os homens a escalas planetárias, é fortemente acompanhada pelo localismo e o particularismo religioso, étnico ou cultural, promovendo ódios e incompreensões crescentes. Na Bósnia ou em Kosovo, na Faixa de Gaza ou na Irlanda do Norte, a capacidade de entendimento chegou a seu mais baixo

50 nível de tolerância, e transpor uma linha, imaginária ou não, entre bairros pode representar a morte.” Como nem tudo se limita às questões políticas e às guerras, o livro ainda analisa as formas que a violência assume nas relações de gênero, na religião, na cultura e aborda também a questão dos direitos humanos, vista sob a perspectiva

60 de diferentes sistemas culturais.

(<http://www.faperj.br/?id=1518.2.4>. Acesso em 05 de março de 2018.)

A conjunção ou liga duas palavras ou orações estabelecendo diferentes relações semânticas, como exclusão, alternância ou, até mesmo, inclusão. Assinale a alternativa em que a relação de sentido estabelecida é **DIFERENTE** das demais.

- a) "...é fortemente acompanhada pelo localismo e o particularismo religioso, étnico ou cultural..." (l. 54 e 55)
- b) "Na Bósnia ou em Kosovo, na Faixa de Gaza ou na Irlanda do Norte, a capacidade de entendimento..." (l. 56 a 58)
- c) "...chegou a seu mais baixo nível de tolerância, e transpor uma linha, imaginária ou não, entre bairros..." (l. 58 a 60)
- d) "...seja entre Estado e cidadãos, entre livres e escravos, entre homens e mulheres, ou entre diferentes religiões." (l. 14 a 16)

30. Fuvest-SP 2016

Confidência do Itabirano

Alguns anos vivi em Itabira.
Principalmente nasci em Itabira.
Por isso sou triste, orgulhoso: de ferro.
Noventa por cento de ferro nas calçadas.
Oitenta por cento de ferro nas almas.
E esse alheamento do que na vida é porosidade e
[comunicação.

A vontade de amar, que me paralisa o trabalho,
vem de Itabira, de suas noites brancas, sem mulheres
[e sem horizontes.

E o hábito de sofrer, que tanto me diverte,
é doce herança itabirana.

De Itabira trouxe prendas diversas que ora te ofereço:
este São Benedito do velho santeiro Alfredo Duval;
esta pedra de ferro, futuro aço do Brasil;
este couro de anta, estendido no sofá da sala de
[visitas;
este orgulho, esta cabeça baixa...

Tive ouro, tive gado, tive fazendas.
Hoje sou funcionário público.
Itabira é apenas uma fotografia na parede.
Mas como dói!

Carlos Drummond de Andrade, *Sentimento do mundo*.

Na última estrofe, a expressão que justifica o uso da conjunção sublinhada no verso "Mas como dói!" é:

- a) "Hoje".
- b) "funcionário público".
- c) "apenas".
- d) "fotografia".
- e) "parede".

31. IME-RJ 2017

A CRISE AMBIENTAL

Benedito Braga

Segundo Miller (1985), nosso planeta pode ser comparado a uma astronave que dispõe de um eficiente sistema de aproveitamento de energia solar e de reciclagem de

matéria, deslocando-se a cem mil quilômetros por hora pelo espaço sideral. Há atualmente na astronave ar, água e comida suficientes para manter seus passageiros. Tendo em vista o progressivo aumento do número desses passageiros, em forma exponencial, e a ausência de portos para reabastecimento, podem-se vislumbrar, em médio e longo prazos, problemas sérios para a manutenção de sua população.

Pela segunda lei da termodinâmica, o uso da energia implica degradação de sua qualidade. Como consequência da lei da conservação da massa, os resíduos energéticos, principalmente na forma de calor, somados aos resíduos de matéria, alteram a qualidade do meio ambiente no interior dessa astronave. A tendência natural de qualquer sistema, como um todo, é de aumento de sua entropia (grau de desordem). Assim, os passageiros, utilizando-se da inesgotável energia solar, processam, por meio de sua tecnologia e de seu metabolismo, os recursos naturais finitos, gerando, inexoravelmente, algum tipo de poluição.

O nível de qualidade de vida no planeta dependerá do equilíbrio entre estes três elementos: população, recursos naturais e poluição. Os aspectos mais relevantes de cada vértice do triângulo formado por esses elementos e suas interligações são analisados nos itens subsequentes.

1.1 População

A população mundial cresceu de 2,5 bilhões em 1950 para 6,2 bilhões no ano 2002 [...] e, atualmente, a taxa de crescimento se aproxima de 1,13% ao ano. De acordo com a analogia da astronave, isso significa que, nos dias de hoje, ela transporta 6,2 bilhões de passageiros e, a cada ano, outros 74 milhões de passageiros nela embarcam. Esses passageiros estão divididos em 227 nações nos cinco continentes, poucas das quais pertencem aos chamados países desenvolvidos, com 19% da população total. As demais são os chamados países em desenvolvimento ou subdesenvolvidos, com os restantes 81% da população. Novamente, usando a analogia com a astronave, é como se os habitantes dos países desenvolvidos fossem passageiros de primeira classe, enquanto os demais viajam no porão. Em decorrência das altas taxas de crescimento populacional que hoje somente ocorrem nos países menos desenvolvidos, essa situação de desequilíbrio tende a se agravar ainda mais: em 1950, os países desenvolvidos tinham 31,5% da população mundial; em 2002, apenas 19,3%; e, em 2050, terão 13,7% [...].

Um casal que tenha cinco filhos, os quais, por sua vez, tenham cinco filhos cada um, representa, a partir de duas pessoas, uma população familiar de 25 pessoas em duas gerações. Esse fenômeno vem ocorrendo mundialmente desde meados do século XIX, com a Revolução Industrial. A partir dessa revolução, a tecnologia proporcionou uma redução da taxa bruta de mortalidade, responsável pelo aumento da taxa de crescimento populacional anual, apesar de a taxa de natalidade estar se reduzindo desde aquela época até os dias atuais.

[...]

Dentro dessa perspectiva de crescimento, cabe questionar até quando os recursos naturais serão suficientes para sustentar os passageiros da astronave Terra. Existem autores, como Lappe e Collins (1977), que contestam a

tese de insuficiência de recursos naturais e responsabilizam a má distribuição da renda e a má orientação da produção agrícola pela fome do mundo hoje.

1.2 Recursos naturais

Recurso natural é qualquer insumo de que os organismos, as populações e os ecossistemas necessitam para sua manutenção, sendo, portanto, algo útil. Há uma estreita relação entre recursos naturais e tecnologia, toda vez que ocorrerem processos tecnológicos para utilização de um recurso. Exemplo típico é o magnésio, até pouco tempo não era considerado um recurso natural e passou a sê-lo quando se descobriu como utilizá-lo na confecção de ligas metálicas para aviões. Recursos naturais e economia interagem de modo bastante evidente, pois algo é recurso na medida em que sua exploração é economicamente viável. Exemplo dessa situação é o álcool, que, antes da crise do petróleo de 1973, apresentava custos de produção extremamente elevados em relação aos custos de exploração de petróleo. Hoje, no Brasil, apesar da diminuição do Proálcool, o álcool ainda pode ser considerado um importante combustível para automóveis e um recurso natural estratégico de alta significância uma vez que há possibilidade de sua renovação e consequente disponibilidade. Sua utilização efetiva depende de análises políticas e econômicas que poderão ser revistas sempre que necessário.

Finalmente, algo se torna recurso natural caso sua exploração, processamento e utilização não causem danos ao meio ambiente. Assim, na definição de recurso natural, encontramos três tópicos relacionados: tecnologia, economia e meio ambiente.

1.3 Poluição

Completando o terceiro vértice do triângulo, como resultado da utilização dos recursos naturais pela população surge a poluição que é uma alteração indesejável nas características físicas, químicas ou biológicas da atmosfera, litosfera ou hidrosfera, podendo causar prejuízo à saúde, à sobrevivência ou às atividades dos seres humanos e outras espécies ou ainda deteriorar materiais. Para fins práticos, em especial do ponto de vista legal de controle da poluição, acrescentamos que o conceito de poluição deve ser associado às alterações indesejáveis provocadas pelas atividades e intervenções humanas no ambiente. Desse modo, uma erupção vulcânica, apesar de poder ser considerada uma fonte poluidora, é um fenômeno natural não provocado pelo homem e que foge ao seu controle, assim como outros fenômenos naturais, como incêndios florestais, grandes secas ou inundações.

Poluentes são resíduos gerados pelas atividades humanas, causando um impacto ambiental negativo, ou seja, uma alteração indesejável. Dessa maneira, a poluição está ligada à concentração, ou quantidade de resíduos presentes no ar, na água ou no solo. Para que se possa exercer o controle da poluição de acordo com a legislação ambiental, definem-se padrões e indicadores de qualidade do ar (concentrações de CO, NOx, SOx, Pb etc.), da água (concentração de O₂, fenóis e Hg, pH, temperatura etc.) e do solo (taxa de erosão etc.) que se deseja respeitar em um determinado ambiente.

Os efeitos detectados mais recentemente, como o efeito estufa e a redução da camada de ozônio, ainda não são bem conhecidos, mas podem trazer consequências que afetarão o clima e o equilíbrio do planeta como um todo. É importante um esforço conjunto e sem precedentes para que se possa conhecer esses efeitos e controlá-los de modo eficaz. Os efeitos globais têm contribuído bastante para a sensibilização recente da sociedade sobre questões ambientais, merecendo destaque na mídia e na agenda de políticos e grupos ambientalistas em todo o planeta. Isso talvez possa ser explicado pela incerteza que os humanos passaram a experimentar em relação à própria sobrevivência da espécie e pela constatação de sua incapacidade de entender e controlar os processos e as transformações ambientais decorrentes de suas atividades. Até recentemente, acreditava-se que a inteligência e a tecnologia resolveriam qualquer problema e que não havia limites para o desenvolvimento da espécie e para a utilização de matéria e energia na busca de conforto e qualidade de vida.

BRAGA, Benedito et alli. *Introdução à Engenharia Ambiental*. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2005, 2a Ed, pp. 2-6. (Texto adaptado).

Assinale a alternativa em que a substituição da expressão **uma vez que** (linha 85) pelo conectivo proposto alteraria o nexos estabelecido no texto.

- a) porque;
- b) visto que;
- c) apesar de que;
- d) porquanto;
- e) já que.

32. PUC-GO 2017

A velha engolida pela pedra

Não sou homem de igreja. Não creio e isso me dá uma tristeza. Porque, afinal, tenho em mim a religiosidade exigível a qualquer crente. Sou religioso sem religião. Sofro, afinal, a doença da poesia: sonho lugares em que nunca estive, acredito só no que não se pode provar. E, mesmo se eu hoje rezasse, não saberia o que pedir a Deus. Esse é o meu medo: só os loucos não sabem o que pedir a Deus. Ou não se dará o caso de Deus ter perdido fé nos homens? Enfim, meu gosto de visitar as igrejas vem apenas da tranquilidade desses lugarinhos côncavos, cheios de sombras sossegadas. Lá eu sei respirar. Fora fica o mundo e suas desacudidas misérias.

Pois numa dessas visitas me aconteceu o que não posso evitar de lembrar. A igreja era de pedra crua, dessa pedra tão idosa como a terra. Nem parecia obra de humano traço. Eu apreciava as figuras dos santos, madeiras com alma de se crer. Foi quando escutei uns bichanos. Primeiro duvidei. Eram sons que não se traduziam em nada de terrestre. Estaria eu a ser chamado por forças do além? Estremeci. Quem está preparado para dialogar com a eternidade? Os sibilos prosseguiram e, então, me discerni: era uma velha que me chamava [...]:

— Pssst, pssst.

— Eu?

— Sim, próprio você. Me ajude levantar.

Tentei ajudá-la a se erguer. Desconsegui. Nem eu esperava peso tão volumoso daquela mínima criatura. [...] A velha não conseguia desajoelhar-se. [...] Que fazer? Me sentei ao lado da velha, hesitando em como lhe pegar.

— *Vá me ajude, me empurre deste chão. Depresse-se, moço, que já estou ficando pedra.*

[...]

— *Espere: vou chamar mais alguém.*

— *Não me deixa sozinha, meu filho. Não me deixe, por favor.*

Me levantei para espreitar: a igreja estava vazia. [...].

[...]

Ainda me apliquei em novas forças, dobrei os intentos. Nem um deslizar da velha. De repente, eclatou o som irremediável de uma porta. Apurei os olhos na penumbra. Tinham fechado as pesadas portadas da igreja. Acorri, demasiado tarde. Chamei, gritei, bati, pés e mãos. Em vão. Tentava arrombar a porta, a velha me dissuadiu. Era pecado mais que mortal machucar a casa de Deus.

— *Mas é para sairmos, não podemos ficar aqui presos.*

Contudo, a porta era à prova de forças. A verdade era que eu e a beata estávamos prisioneiros daquele escuro. Acendi todas as velas que encontrei e me sentei junto da velha. Escutei as suas falagens: *sabe, meu filho, sabe o que estive a pedir a Deus? Estive a pedir que me levasse, minha palhota lá em cima já está pronta. E eu aqui já me custo tanto! Problema é eu já não tenho corpo para ir sozinha para o céu. Estou tão velha, tão cansadíssima que não aguento subir todos esses caminhos até lá, nos aléns. Pedi sabe o quê? Pedi que me vertesse em pássaro, desses capazes de compridas voações, desses que viajam até passar os infinitos. É verdade, filho. Esta tarde pedi a Deus que me vertesse em pássaro. E me desse asas só para me levar deste mundo.*

Adormeci nessa lenga-lengação dela. Me afundei em sono igual à pedra onde me deitava. Fiquei em total cancelamento: na ausência do ruído, dos queixumes e rebulícios da cidade. Acordei no dia seguinte, sacudido pelo padre: o que eu fazia ali, dormindo como um larápio, um pilha-patos? Expliquei o motivo da velha.

— *Qual velha?*, perguntou o sacerdote.

Olhei. Da velha nem o sopro. Não estava aqui uma senhora com os joelhos amarrados no chão? O padre, de impaciente paciência, me pediu que saísse. E que não voltasse a usar indevidamente o sagrado daquele lugar. Saí, cabistonto. Para além da porta, o mundo era de se admirar, coisa de curar antigas melancolias. A luz da manhã me estrelinhou as vistas. Nada cega mais que o sol.

Naquela estonteação me chegou a repentina visão de uma ave, enormíssima em branquejos. Ali mesmo, à minha frente, o pássaro desarmoava, esvoando entre chão e folhagens. Acenei, sem jeito, barafundado. Ela sorriu-me: *que fazes, me despedes? Não, eu não vou a nenhum lado. Foi mentira esse pedido que eu fiz a Deus. Aldrabei-Lhe bem. Eu não quero subir para lá, para as eternidades. Eu quero ser pássaro é para voar a vida. Eu quero viajar é neste mundo. E este mundo, meu filho, é coisa para não se deixar por nada desse mundo.*

E levantou voo em fantásticas alegrias.

(COUTO, Mia. *Estórias abensonhadas*. 5. reimpr. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. p.121-124.)

A palavra “pois”, empregada no início do segundo parágrafo do texto, pode ter diferentes sentidos, dependendo do contexto. No texto em análise, “pois” indica (assinale a resposta correta):

- a) a introdução de uma nova ideia na sequência do texto, ao mesmo tempo em que se retoma

parcialmente o conteúdo do que está no primeiro parágrafo a fim de que o texto progrida.

- b) a introdução de uma explicação sobre a falta de fé do personagem, que completa a ideia apresentada no primeiro parágrafo do texto.
c) a apresentação de uma causa para a falta de fé do personagem e o reforço de sua opção de crença, já que é religioso sem religião e vive uma paz interior.
d) a apresentação de uma nova fase para o modo de crer do narrador, já que a aparição da velha reformulou seu modo de pensar.

33. **Unemat-MT 2018** O setor de Recursos Humanos (RH) de uma empresa torna público o seletivo para uma vaga de assessoria, informando que apenas dois candidatos foram aprovados: um homem e uma mulher. Como houve empate de notas, competências, habilidades e idade, o diretor do RH, ao ser questionado sobre os critérios de desempate, atestou:
— Aprovo o rapaz! Ela é inteligente, mas é mulher.

Com base na anedota acima, reflita:

Em **Ela é inteligente, mas é mulher**, o termo **mas** é uma conjunção. Do ponto de vista gramatical, a conjunção é uma palavra invariável que conecta orações, alterando o sentido do enunciado, a depender do seu uso.

Assinale a alternativa correta, cujo emprego da conjunção não altera o sentido do enunciado em **Ela é inteligente, mas é mulher**.

- a) Ela é inteligente e é mulher.
b) Ela é inteligente, portanto é mulher.
c) Ela é inteligente, porém é mulher.
d) Ela é mulher, mas é inteligente.
e) Ela é mulher, portanto é inteligente.

34. **UEG-GO 2017**

MINHA PRIMEIRA VEZ

Não fui homem no momento em que o rosto enrugou em barba. Ou quando me alistei para servir. Ou no primeiro beijo de boca. Ou na primeira morte de um familiar.

Fui eleito homem aos nove anos, chamado no corredor do nome entre painéis na parede e chapéus no cabide.

Meu avô me passou o facão e disse para correr atrás da galinha ruiva.

Tentei agarrá-la

mas seus olhos piscaram o vento.

As patas das asas agarraram o vento.

Ela escapou dos braços e voou até o telhado.

Fiquei esperando ela descer.

A galinha se fez telha, preenchendo as goteiras.

A galinha se transformou
em balde sem
alça.
Um bule voador.
Fiquei esperando
ela
descer.

As calhas
acumularam
chuvas
com a ninhada de
ovos.
Os canos
estouraram.
Estou esperando
ela descer.

Tudo o que não
enxergo é
relâmpago.

CARPINEJAR, Fabrício. Minha primeira vez.
Folha de S. Paulo. São Paulo, 14 jan. 2006. p. 8.

Na primeira estrofe do poema, o termo “ou”, que introduz os três últimos versos, estabelece, nesse trecho, a relação de

- a) consequência
- b) alternância
- c) explicação
- d) condição
- e) causa

35. **Unifor-CE 2018** Leia o trecho retirado do poema *Transforma-se o amador na cousa amada*, de Camões.

Transforma-se o amador na cousa amada

Transforma-se o amador na cousa amada,
Por virtude do muito imaginar;
Não tenho, logo, mais que desejar,
Pois em mim tenho a parte desejada.

Camões in Sonetos. Disponível em:
<http://jornaldepoesia.jor.br> (fragmento)

Em “Não tenho, **logo**, mais que desejar”, o termo destacado pode ser substituído, sem alteração do sentido, por

- I. prontamente.
- II. precisamente.
- III. por isso.
- IV. portanto.

É correto apenas o que se afirma em:

- a) I e II
- b) II e III
- c) I e III
- d) III e IV
- e) II e IV

36. **Uece 2020**

Pela primeira vez na história, nova geração tem QI mais baixo que seus antecessores

A *BBC News Brasil* publicou uma matéria explicando um novo fenômeno em que a geração atual está demonstrando um QI (Quociente de inteligência) mais baixo do que a anterior. Conhecidos como “nativos digitais”, esses são os primeiros filhos com QI inferior aos pais e estão sendo registrados em diversos países ao redor do mundo, incluindo Noruega, Dinamarca, Finlândia, Holanda, França, etc. De acordo com o neurocientista francês Michel Desmurget, o QI diminui proporcionalmente ao uso da TV e videogame.

- 10 Os testes de QI têm apontado que as novas gerações são menos inteligentes que as anteriores, mas ainda não há uma comprovação do porquê isso está acontecendo. Desmurget diz que a poluição e exposição a telas podem ser fatores muito influentes atualmente. A saúde, concentração e memória, que contribuem para um QI mais alto, podem ser facilmente prejudicadas por pesticidas inalados no ar e perturbação do sono, respectivamente.

O neurocientista deu outros exemplos do porquê o uso de dispositivos digitais pode afetar nossa inteligência.

- 20 Quanto mais tempo passamos num computador ou celular, temos menos interações pessoais reais, a prática de outros exercícios e atividades diminuem e a qualidade do sono é reduzida. Isso resulta em distúrbios na concentração, aprendizagem e impulsividade, além do sedentarismo que pode afetar a maturação cerebral.

O neurocientista também diz que nosso cotidiano contribui para a evolução do nosso QI. A nossa forma de vida modifica tanto a estrutura quanto o funcionamento do cérebro. Por isso, o tempo em frente a uma tela poderia diminuir o trabalho intelectual, já que não estaríamos praticando outras atividades para manter nosso cérebro sempre bem treinado em outras funções.

- 35 Apesar da análise, Desmurget defende que a revolução digital não é maléfica ou algo que deve ser interrompido. Muitas pessoas trabalham com ferramentas digitais. *Softwares* e soluções como a internet vieram para facilitar nossos trabalhos, interações à longa distância e cotidiano também. A crítica feita pelo neurocientista é relacionada à falta de “exercitação” do cérebro das gerações atuais, o que resultou em um QI mais baixo que a anterior pela primeira vez na história.

CANCELIER, Mariela. *Pela primeira vez na história, nova geração tem QI mais baixo que seus antecessores*. Mundo conectado.com.br. 31 de outubro de 2020.

Conectivos são palavras ou expressões que interligam as frases, períodos, orações, parágrafos, permitindo a sequência de ideias. O papel é desempenhado, sobretudo, pelas conjunções, palavras invariáveis usadas para ligar os termos e orações em um período. Além disso, alguns advérbios e pronomes também podem exercer essa função.

De acordo com o sentido intentado pelo autor, o conectivo destacado apresenta a ideia de

- a) adição em “Os testes de QI têm apontado que as novas gerações são menos inteligentes que as anteriores, **mas** ainda não há uma comprovação do porquê isso está acontecendo”. (linhas 10-12)
- b) inclusão em “O neurocientista deu outros exemplos do **porquê** o uso de dispositivos digitais pode afetar nossa inteligência”. (linhas 18-19)
- c) adição em “Isso resulta em distúrbios na concentração, aprendizagem e impulsividade, **além do** sedentarismo que pode afetar a maturação cerebral”. (linhas 23-25)
- d) inclusão em “Por isso, o tempo em frente a uma tela poderia diminuir o trabalho intelectual, **já que** não estaríamos praticando outras atividades para manter nosso cérebro sempre bem treinado em outras funções”. (linhas 29-32)

Simplesmente? De forma simples? Evite a inflação adverbial

“Prezado Sérgio, adoro seu ‘Sobre Palavras’ e de tanto ler vou mandar uma consulta. O que foi feito do advérbio composto de adjetivo + mente? Noto que para os profissionais de comunicação, este advérbio foi extinto e só usam o ‘de forma + adjetivo’. Exemplos: ‘O contrato será renovado automaticamente’ vira ‘O contrato será renovado de forma automática’; ‘Corria desesperadamente do ladrão’ vira ‘Corria de forma desesperada do ladrão’. Cabe a forma analítica ‘de forma’? Claro que cabe, mas observo que há uma determinação de só usar ‘de forma’ em qualquer circunstância e acaba soando uma outra língua, porque a dinâmica da frase (seria prosódia?) pede desesperadamente um ‘mente’. Não sei a que se pode atribuir este modismo, mas meu chute é o reducionismo linguístico que os iletrados, que agora são classe média e maioria, impõem. Os comunicadores para não parecerem pedantes, esnobes, acabam falando língua de criança. Gostaria de ouvir seu comentário. Abraços.” Carlos Alberto Guedes

As ponderações de Guedes, como se vê, nos conduzem àquela região além do conforto das regrinhas (isso está certo, aquilo está errado, basta decorar!), onde reside a graça verdadeira das questões da língua.

Em primeiro lugar, diga-se que seu diagnóstico parece correto: provavelmente, o advérbio formado classicamente por um adjetivo acrescido do sufixo *mente* vem sendo tratado injustamente por muitos profissionais de comunicação.

Em segundo lugar, sou obrigado a dizer que para mim, exageros à parte, quem luta para diminuir a incidência em seu texto de advérbios terminados em *mente* está certíssimo. Só na frase que compõe o parágrafo anterior eles são três: provavelmente, classicamente e injustamente.

Que tal reescrevê-la? “É provável que o advérbio formado classicamente por um adjetivo acrescido do sufixo *mente* venha sendo tratado com injustiça por muitos profissionais de comunicação.” Melhorou, nem que seja só por eliminar um bordão indesejável.

Ocorre que palavras terminadas em *mente* tendem mesmo a um comportamento de praga se não forem tratadas com rigor, derivando com facilidade (facilmente?) para a embromação, a vagueza e o pedantismo satirizados na telenovela “O bem-amado”, de Dias Gomes, no personagem de Odorico Paraguaçu, um político dado a encher seu discurso de “devagarmente” e “de repente”.

Quando vemos o poeta João Cabral de Melo Neto, cujo nome virou sinônimo de segura de estilo e concretude referencial da linguagem, afirmar que “a língua portuguesa, especialmente a brasileira, é muito suave, muito mole”, podemos ter certeza de que os advérbios em *mente* (um dos quais aparece curiosamente em sua frase) têm muito a ver com tal juízo.

Correndo o risco da simplificação grosseira, pode-se afirmar que, na escala de concretude que nenhum profissional moderno do texto tem o direito de ignorar, substantivos concretos (homem, árvore) tendem a valer mais do que substantivos abstratos (felicidade, pensamento), que tendem a valer mais do que adjetivos (feliz, pensativo), que tendem a valer mais do que advérbios (felizmente, pensativamente). Estes vêm na lanterna.

É evidente que essa simplificação não pretende amaldiçoar e muito menos proibir advérbios, apenas recomendar cuidado com sua inflação. Aliás, tal cuidado não se deve restringir às palavras formadas pelo sufixo *mente*, mas incluir todos os advérbios e locuções adverbiais: mesmo que não incorra no problema das rimas involuntárias, um texto cheio de “assim”, “de vez em quando” e “sem dúvida” também fica “mole”, para usar a condenação cabralina.

Ou seja, de volta à consulta de Guedes: a troca de “desesperadamente” por “de forma desesperada” é um recurso legítimo que, usado com parcimônia, pode contribuir para dar diversidade ao estilo, mas que passa longe de liquidar a questão.

RODRIGUES, Sérgio. *Veja*, 23 fev. 2012. Abril Comunicações S. A. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/blog/sobre-palavras/simplesmente-de-forma-simples-evite-a-inflacao-adverbial/>. Acesso em: 14 out. 2021.

Resumindo

Advérbio: modalização e expressividade

Do ponto de vista morfológico, os advérbios são palavras invariáveis. É isso que os diferencia dos adjetivos, posto que muitos adjetivos funcionam como advérbios. No nível sintático, os advérbios se relacionam com o verbo, adjetivo e outro advérbio. Observe:

Os atletas são **altos**. (adjetivo)
Ele fala muito **alto**. (advérbio)

Tipos de advérbios:

1. Afirmação: realmente; certamente
2. Dúvida: talvez; porventura
3. Intensidade: bastante; menos
4. Lugar: dentro; fora
5. Modo: devagar; mal
6. Negação: nunca; jamais
7. Tempo: sempre; nunca
8. Ordem: primeiramente; ultimamente
9. Inclusão: somente; inclusive
10. Designação: eis

- **Palavras denotativas:** possuem semelhanças morfológicas com os advérbios, tendo as finalidades:
 1. Realce: lá; cá; só; é que
 2. Retificação: aliás; ou melhor; ou antes
 3. Situação: afinal; agora; então
 4. Explicação: isto é; por exemplo; ou seja
- **Modalização:** os advérbios (assim como outras unidades linguísticas) podem funcionar como **modalizadores** quando expressam alguma avaliação ou julgamento do falante sobre a validade e valor das informações. Os tipos de modalizadores são:
 1. Modalização lógica (indica certeza e possibilidade): certamente; evidentemente; talvez; é evidente que.
Ex.: **É certo que** choverá amanhã.
 2. Modalização apreciativa (indica avaliação subjetiva): alegremente; felizmente; lamentavelmente.
Ex.: Meu time perdeu o campeonato, **infelizmente**.
 3. Modalização deôntica (indica um dever): deve ser; não pode; é preciso.
Ex.: Tudo **deve ser** esclarecido.

• **Grau comparativo e superlativo dos advérbios:**

Grau dos advérbios	
Comparativo Compara algo	
De inferioridade: menos + advérbio + que/do que. Ex.: Ela correu menos rápido do que eu.	
De igualdade: tão/tanto + advérbio + quanto/como. Ex.: Ela correu tão rápido quanto eu.	
De superioridade: mais + advérbio + que/do que. Ex.: Ela correu mais rápido do que eu.	
Superlativo Expressa qualidades em níveis elevados ou máximos	
Absoluto analítico: muito + advérbio. Ex.: Ela correu muito rápido .	
Absoluto sintético: advérbio + sufixo “-íssimo”. Ex.: Ela correu rapidíssimo .	

Preposição: conceito e classificação

A preposição (pré + posição) serve de instrumento de ligação entre dois segmentos do enunciado, em que a sequência colocada após a preposição fica dependente de “um certo modo” da sequência que precede a preposição.

Ex.: A prova **do** Enem é composta **de** questões objetivas e uma redação.

As preposições estabelecem uma coesão adequada entre verbo e complemento, além de interferir no sentido construído, sendo um recurso estilístico na compreensão textual. Observe:

Ele assiste **ao** filme. (assistir + preposição “a” tem sentido de presenciar, estar presente).

Ele assiste **em** São Paulo. (assistir + “em” tem sentido de residir, morar).

A preposição pode ligar termos de classes gramaticais iguais, como ocorre entre dois substantivos, (prova **do** Enem), e de classes gramaticais diferentes (composta **de** questões). As preposições podem ainda participar de diferentes construções, com distintas funções sintáticas: objeto direto; complemento nominal; adjunto adnominal; adjunto adverbial; agente da passiva.

• **Tipos de preposições:**

Preposições essenciais: a, ante, até, após, com, contra, de, desde, em, entre, para, perante, por, sem, sob, sobre, trás.
Preposições acidentais: afora, como, conforme, consoante, durante, exceto, malgrado, mediante, salvo, segundo.

As preposições contraem-se com o artigo (do, ao, aos, às), combinam-se com advérbios (até hoje, desde ontem), com outras preposições (com base em, a partir de, em vez de etc.); há preposições com mais um elemento (desde... até, de...até) e preposições derivadas (durante, mediante, salvo etc.). Na combinação, a junção de uma preposição a outro termo não reduz ou altera as palavras.

• **Preposições e relações de sentido:**

a	meio; modo; tempo; destino
de	posse; causa; matéria; finalidade

com	instrumento (por meio de); companhia; conformidade; comparação
em	lugar; modo; tempo; estado ou qualidade
para	finalidade; lugar; falta
sem	privação; concessão

Conjunções e relações coordenativas

A conjunção é outro dos meios de que a língua dispõe para estabelecer a ligação entre palavras, grupos de palavras e frases e, simultaneamente, para exprimir determinadas relações semânticas entre as unidades ligadas. Existem dois tipos de conjunções: as coordenativas e as subordinativas.

As conjunções coordenativas ligam orações sintaticamente independentes e podem também unir sintagmas ou palavras que exerçam as mesmas funções em uma oração ou um período.

Ex.: Ele bebeu, **logo** não pode dirigir.

Duas orações independentes:

1ª oração: Ele bebeu.

2ª oração: Não pode dirigir.

Conjunção coordenativa: logo (sentido de conclusão).

Em uma relação de coordenação, as palavras e os sintagmas se colocam em posição de igualdade, a qual pode ocorrer por justaposição (encadeamento sem conjunção) ou por conexão (encadeamento com uso de conjunção). Veja:

Estamos exaustos, dormimos pouco. (justaposição)

Estamos exaustos, **pois** dormimos pouco. (conexão)

• **Tipos de conjunções coordenativas:**

1. Aditivas (soma, adição entre termos ou orações): e; nem; não só... mas também.
2. Adversativas (contraste, oposição): mas; porém; contudo; todavia; no entanto; entretanto.
3. Alternativas (escolha, alternância, exclusão): ora; ou; quer; nem; seja.
4. Conclusivas (conclusão): pois (depois do verbo); portanto; logo; por isso; assim; por conseguinte.
5. Explicativas (motivo, razão, explicação): porque; que; pois (antes do verbo).

Conjunções e relações subordinativas

Essas conjunções ligam orações sintaticamente dependentes. Há uma relação de subordinação da segunda oração em relação à oração principal, exercendo uma função sintática em relação à outra. Por isso, dizemos que a oração introduzida pela conjunção subordinativa é subordinada à oração principal.

Ex.: **Já que** está nevando, ficaremos em casa.

Oração principal: ficaremos em casa.

Oração subordinada: Já que está nevando.

Conjunção subordinativa: já que (sentido de causa).

• **Tipos de conjunções subordinativas:**

1. Causal (sentido de causa): visto que; já que; uma vez que; porquanto; como; pois que; porque.

2. Consecutiva (sentido de consequência): tal/tanto/tão/tamanho... que; de forma que; de maneira que; de modo que; de sorte que.
3. Final (sentido de finalidade): a fim de que; para que; porque.
4. Temporal (tempo): quando; antes que; depois que; até que; logo; sempre que; assim que; todas as vezes que; desde que; cada vez que; apenas; mal; que.
5. Condicional (condição): salvo se; desde que; a menos que; caso; se.

6. Concessiva (concessão): ainda que; mesmo que; bem que; embora; apesar de; por mais que.
7. Comparativa (comparação): que; mais/menos; maior/menor; melhor/pior... que; tal... qual; tanto... quanto; como; assim como; bem como; como se; que nem.
8. Conformativa (conformidade): conforme; segundo; consoante; como.
9. Proporcional (proporcionalidade): à proporção que; ao passo que; à medida que; quanto.

Quer saber mais?



Filme

Her. Direção: Spike Jonze, 2014.

O filme fala sobre relacionamentos amorosos e solidão, além de levar o público a refletir sobre o mundo tecnológico em que estamos vivendo.



Livro

VERÍSSIMO, Érico. *Caminhos Cruzados*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

O livro conta uma história coletiva, mostrando a sociedade brasileira de forma crítica. Vários núcleos de personagens vão construindo a narrativa e, apesar de se conectarem e de se relacionarem, não se conhecem.



Site

Wordwall

A plataforma oferece jogos sobre o emprego das conjunções na construção dos períodos compostos por coordenação e subordinação.

Disponível em: <https://wordwall.net/pt>



Música

“Que país é esse?”. Legião Urbana.

Na letra da música, há um uso particular da conjunção coordenativa de oposição “mas”, para a construção da crítica.

Exercícios complementares

1. Urca-CE 2018

Sobre os perigos da leitura

Parece que esse processo de destruição do pensamento individual é uma consequência natural das nossas práticas educativas. Quanto mais se é obrigado a ler, menos se pensa. Schopenhauer tomou consciência disso e o disse de maneira muito simples em alguns textos sobre livros e leitura. O que se toma por óbvio e evidente é que o pensamento está diretamente ligado ao número de livros lidos. Tanto assim que se criaram técnicas de leitura dinâmica que permitem que se leia “Grande Sertão – Veredas” em pouco mais de três horas.

Disponível em: <https://rubemalves.wordpress.com/>.

A produção e recepção plena de um enunciado exige a utilização consciente de certas regras gramaticais. Há termos que são utilizados para ligar orações ou palavras de mesmo valor gramatical e que estabelecem relações entre aquilo que uniu. No fragmento retirado do texto I: *Quanto mais se é obrigado a ler, menos se pensa*; podemos observar a existência de tais termos; a relação estabelecida é de:

- | | |
|-----------------------|-------------------|
| a) causalidade. | d) temporalidade. |
| b) finalidade. | e) integralidade. |
| c) proporcionalidade. | |

2. **Fac. Albert Einstein 2021** Leia o trecho do ensaio “Depressão e imagem do novo mundo”, de Maria Rita Kehl, para responder à questão.

A depressão, tão em voga em nossos dias quanto foi a histeria nos tempos de Freud, é uma expressão da dor psíquica que desafia todas as pretensões da ciência de programar a vida humana na direção de uma otimização de resultados. Fatia de mercado disputada pelos laboratórios farmacêuticos, os depressivos formam um grupo desunido e incômodo a desafiar, ainda que inadvertidamente, a norma do bem-estar predominante nas sociedades ditas avançadas: estas que se tornaram incapazes de refletir sobre a dor de viver. Estas que, convencidas de que a riqueza se mede pela abundância de mercadorias em circulação, tornaram-se incapazes de tolerar a falta, de criar estéticas para o vazio, de usufruir da lentidão e vislumbrar o saber contido na tristeza.

A experiência da depressão talvez prove que algo no humano resiste à aliança entre tecnologia e publicidade, assim como às novas formas de credo que elas promovem. Do homem, sabemos, a máquina de moer carne capitalista aproveita até o berro: os depressivos, porém, não oferecem nem isso. Os depressivos não berram. Seu silêncio, seu recolhimento, sua falta de interesse por todas as ofertas do gozo em circulação, fazem do depressivo a expressão do *sintoma social* contemporâneo. O depressivo, como no verso do poeta suicida Torquato Neto, desafia o coro dos contentes nestas primeiras décadas do século XXI.

(Adauto Novaes (org.). *Mutações*, 2008. Adaptado.)

Indicam incerteza e inclusão, respectivamente, os termos ou expressões sublinhados em:

- a) “a norma do bem-estar predominante nas sociedades ditas avançadas” e “os depressivos, porém, não oferecem nem isso”.

- b) “ainda que inadvertidamente, a norma do bem-estar predominante” e “assim como às novas formas de credo que elas promovem”.
- c) “ainda que inadvertidamente, a norma do bem-estar predominante” e “os depressivos formam um grupo desunido e incômodo a desafiar”.
- d) “estas que se tornaram incapazes de refletir sobre a dor de viver” e “O depressivo, como no verso do poeta suicida Torquato Neto, desafina”.
- e) “A experiência da depressão talvez prove que algo no humano” e “a máquina de moer carne capitalista aproveita até o berro”.

3. Fac. Albert Einstein 2019 Examine a tira do cartunista André Dahmer.



(Vida e obra de Terêncio Horto, 2014.)

Colabora para o efeito de humor da tira o fato de

- a) Deus falhar no teste proposto por Terêncio.
- b) Terêncio colocar a onisciência de Deus em questão.
- c) Terêncio colocar a existência de Deus em questão.
- d) Deus não entender a questão proposta por Terêncio.
- e) Terêncio não entender a resposta de Deus.



A questão **4** toma por base um fragmento da crônica *Letra de canção e poesia*, de Antonio Cicero.

Como escrevo poemas e letras de canções, frequentemente perguntam-me se acho que as letras de canções são poemas. A expressão “letra de canção” já indica de que modo essa questão deve ser entendida, pois a palavra “letra” remete à escrita. O que se quer saber é se a letra, separada da canção, constitui um poema escrito.

“Letra de canção é poema?” Essa formulação é inadequada. Desde que as vanguardas mostraram que não se pode determinar a priori quais são as formas lícitas para a poesia, qualquer coisa pode ser um poema. Se um poeta escreve letras soltas na página e diz que é um poema, quem provará o contrário?

Neste ponto, parece-me inevitável introduzir um juízo de valor. A verdadeira questão parece ser se uma letra de canção é um bom poema. Entretanto, mesmo esta última pergunta ainda não é suficientemente precisa, pois pode estar a indagar duas coisas distintas: 1) Se uma letra de canção é necessariamente um bom poema; e 2) Se uma letra de canção é possivelmente um bom poema.

Quanto à primeira pergunta, é evidente que deve ter uma resposta negativa. Nenhum poema é necessariamente um bom poema; nenhum texto é necessariamente um bom poema; logo, nenhuma letra é necessariamente um bom poema. Mas talvez o que se deva perguntar é se uma boa letra é necessariamente um bom poema. Ora, também

a essa pergunta a resposta é negativa. Quem já não teve a experiência, em relação a uma letra de canção, de se emocionar com ela ao escutá-la cantada e depois considerá-la insípida, ao lê-la no papel, sem acompanhamento musical? Não é difícil entender a razão disso.

Um poema é um objeto autotélico, isto é, ele tem o seu fim em si próprio. Quando o julgamos bom ou ruim, estamos a considerá-lo independentemente do fato de que, além de ser um poema, ele tenha qualquer utilidade. O poema se realiza quando é lido: e ele pode ser lido em voz baixa, interna, aural.

Já uma letra de canção é heterotélica, isto é, ela não tem o seu fim em si própria. Para que a julgemos boa, é necessário e suficiente que ela contribua para que a obra lítero-musical de que faz parte seja boa. Em outras palavras, se uma letra de canção servir para fazer uma boa canção, ela é boa, ainda que seja ilegível. E a letra pode ser ilegível porque, para se estruturar, para adquirir determinado colorido, para ter os sons ou as palavras certas enfatizadas, ela depende da melodia, da harmonia, do ritmo, do tom da música à qual se encontra associada.

(Folha de S.Paulo, 16.06.2007.)

4. Unesp 2013 “Nenhum poema é necessariamente um bom poema; nenhum texto é necessariamente um bom poema; logo, nenhuma letra é necessariamente um bom poema”. O advérbio *necessariamente*, nas três ocorrências verificadas na passagem mencionada, equivale, pelo sentido, a:

- a) forçosamente.
- b) raramente.
- c) suficientemente.
- d) independentemente.
- e) frequentemente.

5. UFRGS 2019 Recebi consulta de um amigo que tenta deslindar segredos da língua para estrangeiros que querem aprender português. Seu problema: “se digo em uma sala de aula: ‘Pessoal, leiam o livro X’, como explicar a concordância? Certamente, não se diz ‘Pessoal, leia o livro X’”.

Pela pergunta, vê-se que não se trata de fornecer regras para corrigir eventuais problemas de padrão. Trata-se de entender um dado que ocorre regularmente, mas que parece oferecer alguma dificuldade de análise.

10 Em primeiro lugar, é óbvio que se trata de um pedido (ou de uma ordem) mais ou menos informal. Caso contrário, não se usaria a expressão “pessoal”, mas talvez “Senhores” ou “Senhores alunos”.

15 Em segundo lugar, não se trata da tal concordância ideológica, nem de silepse (hipóteses previstas pela gramática para explicar concordâncias mais ou menos excepcionais, que se devem menos a fatores sintáticos e mais aos semânticos; exemplos correntes do tipo “A gente fomos” e “o pessoal gostaram” se explicam por esse critério).

20 Como se pode saber que não se trata de concordância ideológica ou de silepse? A resposta é que, nesses casos, o verbo se liga ao sujeito em estrutura sem vocativo, diferentemente do que acontece aqui. E em casos como “Pedro, venha cá”, “venha” não se liga a “Pedro”, mesmo que pareça que sim, porque Pedro não é o sujeito.

25 Para tentar formular uma hipótese mais clara para o problema apresentado, talvez se deva admitir que o sujeito

de um verbo pode estar apagado e, mesmo assim, produzir concordância. O ideal é que se mostre que o fenômeno não ocorre só com ordens ou pedidos, e nem só quando há vocativo. Vamos por partes: a) é normal, em português, haver orações sem sujeito expresso e, mesmo assim, haver flexão verbal. Exemplos correntes são frases como “chegaram e saíram em seguida”, que todos conhecemos das gramáticas; b) sempre que há um vocativo, em princípio, o sujeito pode não aparecer na frase. É o que ocorre em “meninos, saiam daqui”; mas o sujeito pode aparecer, pois não seria estranha a sequência “meninos, vocês se comportem”; c) se forem aceitas as hipóteses a) e b) (diria que são fatos), não seria estranho que a frase “Pessoal, leiam o livro X” pudesse ser tratada como se sua estrutura fosse “Pessoal, vocês leiam o livro x”. Se a palavra “vocês” não estivesse apagada, a concordância se explicaria normalmente; d) assim, o problema real não é a concordância entre “pessoal” e “leiam”, mas a passagem de “pessoal” a “vocês”, que não aparece na superfície da frase.

Este caso é apenas um, dentre tantos outros, que nos obrigariam a considerar na análise elementos que parecem não estar na frase, mas que atuam como se lá estivessem.

Adaptado de: POSSENTI, Sírio. *Malcomportadas línguas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009. p. 85-86.

Considere os usos de advérbios no texto e assinale com **1** aqueles em que o advérbio modifica o sentido de apenas uma palavra e com **2** aqueles em que modifica o sentido de segmentos textuais.

- Certamente (l. 5)
- menos (l. 11)
- mais (l. 26)
- talvez (l. 27)

A sequência correta de preenchimento dos parênteses, de cima para baixo, é

- a) 2 – 1 – 2 – 1.
- b) 1 – 1 – 1 – 2.
- c) 2 – 1 – 1 – 2.
- d) 2 – 2 – 2 – 1.
- e) 1 – 2 – 2 – 2.

6. Unespar-PR 2018

Por que o Brasil é o melhor país do mundo

(Luiz Ruffato)

Há uma fábula de origem hindu, conhecida em inúmeras versões, que relata a seguinte história: certa feita, um príncipe convocou cinco cegos e colocando cada um deles para apalpar partes específicas do corpo de um elefante pediu que discorressem sobre o aspecto do animal que tinham à sua frente. O que examinou a barriga disse que se tratava de algo como uma grande panela; o que investigou as patas falou que parecia o tronco de uma árvore; o que tocou as orelhas vislumbrou um imenso leque; o que bateu o rabo descreveu uma vassoura; o que sondou a tromba, uma enorme cobra, perigosa e destruidora.

Cataguases, minha cidade-natal, embora fique a apenas 300 quilômetros do Rio de Janeiro, só conheceu um oriental em 1976. Naquele ano, instalou-se na Praça Rui Barbosa, a mais importante do lugar, um nissei vendendo churros – algo bem brasileiro, um descendente de japoneses negociando doce de procedência espanhola...

Em pouco tempo, ambos, o homem e o doce, tornaram-se a atração da cidade. Havia filas durante todo o dia de pessoas interessadas menos em comprar churros que em observar de perto aquele ser humano de olhos puxados, cabelos escorridos, pele amarelada. O vendedor de churros ganhou tanto dinheiro que logo passou à frente a carrocinha e deslocou-se para longe.

Na segunda metade da década de 1980, meu amigo J. T. L. transferiu-se com a família (mulher e duas filhas) para Bangor, País de Gales, onde, por seis anos, desenvolveu sua tese de doutorado na área de engenharia florestal. Em 1989, encontramos-nos em Londres para matar a saudade, num *pub* perto da ponte de Westminster, onde se localiza o Big Ben. Sorvendo uma caneca de cerveja, perguntei a ele como era viver em uma ilha. Ele respondeu: Ilha? Se quiser, em pouco tempo estou na França, Espanha, Portugal, Itália ou Alemanha. Alguns quilômetros e muda tudo, o idioma, a cultura, a comida, os hábitos, os costumes. Ilha é o Brasil, prosseguiu, onde pode-se passar uma existência inteira sem nunca ouvir uma língua estrangeira; onde pode-se cortar o território de leste a oeste, de norte a sul, mais de quatro mil quilômetros em ambas as direções, sem anotar praticamente nenhuma variação significativa de nada.

A ausência de experiências divergentes, ou, em outras palavras, a carência de contato com o outro, com o estranho – o que é de fora, o que nos é desconhecido – acaba estimulando comportamentos tacanhos. Por isso, nós, brasileiros, temos uma descomunal dificuldade de lidar com aquilo que não se parece conosco – podemos agir pateticamente como os cataguasenses frente ao nissei vendedor de churros (quando nos sentimos inferiores) ou bestialmente como em relação aos imigrantes haitianos (quando nos sentimos superiores). E é por isso, também que, ao invés de olharmos-nos no espelho e admitirmos o quanto somos intolerantes, xenófobos, hipócritas e ufanistas, preferimos nos esconder por detrás da dissimulada máscara de cordialidade que nos assenta bem ao rosto.

Continuamos a repetir clichês inventados por uma elite predatória, interessada no pastoreio de um povo dócil e submisso. “Nosso céu tem mais estrelas / Nossas várzeas têm mais flores / Nossos bosques têm mais vida / Nossa vida mais amores”, cantava o poeta Gonçalves Dias em 1847. Nossa natureza é a mais exuberante, nossas mulheres as mais belas, nossos homens os mais viris, repetimos no século XXI. Somos os cegos da fábula hindu que, incapazes de perceber o elefante como um todo, nos contentamos em deduzi-lo por suas partes, com resultados evidentemente desastrosos.

O superlativo sempre transporta um dado absoluto, impermeável, na maioria das vezes, à comprovação. Deveríamos, ao invés de continuar reforçando lugares-comuns, pensar em termos de comparação. Uma coisa somente é em relação a outra. Temos pois que, antes, escutar o discurso discordante, mirar os olhos de quem não se assemelha a nós, nos colocar na pele do vizinho. Talvez até descobríssemos, afinal, que nosso céu tem mais estrelas, mas não as vemos por causa da poluição; que as flores estão morrendo nas várzeas contaminadas; que estamos destruindo nossos bosques; que estamos oprimindo as mulheres, e os negros, e os índios, e os homossexuais, que

estamos dizimando os jovens nas guerras do trânsito e do tráfego; que, portanto, nossa vida poderia sim até ter mais amores, mas no momento tudo encontra-se envenenado pela peçonha da ignorância.”

(Texto original disponível em: http://brasil.elpais.com/brasil/2015/10/13/opinion/1444737066_408985.html. Acessado em 31/10/2015)

Os advérbios são uma classe de palavras que tem como finalidade modificar um verbo, um adjetivo, ou até mesmo um outro advérbio. Essa função de modificador faz com que o advérbio atribua uma circunstância ao termo que ele modifica.

A partir dessa afirmação, analise os enunciados a seguir:

- I. “[...] algo bem brasileiro [...]” (linha 16).
- II. “[...] onde se localiza o Big Ben” (linhas 30-31).
- III. “[...] podemos agir pateticamente [...]” (linhas 47-48).
- IV. “Talvez até descobríssemos [...]” (linhas 73-74).

De acordo com o texto, os advérbios “bem”, “onde”, “pateticamente” e “talvez”, nas passagens acima, exprimem, respectivamente, as circunstâncias de:

- a) Modo – lugar – meio – intensidade;
- b) Meio – lugar – modo – intensidade;
- c) Modo – lugar – intensidade – dúvida;
- d) Afirmação – lugar – modo – dúvida;
- e) Intensidade – lugar – modo – dúvida.

7. Uerj 2012

Memórias do cárcere

Resolvo-me a contar, depois de muita hesitação, casos passados há dez anos – e, antes de começar, digo os motivos por que silencieei e por que me decido. Não conservo notas: algumas que tomei foram inutilizadas, e assim, com o decorrer do tempo, ia-me parecendo cada vez mais difícil, quase impossível, redigir esta narrativa. Além disso, julgando a matéria superior às minhas forças, esperei que outros mais aptos se ocupassem dela. Não vai aqui falsa modéstia, como adiante se verá. Também me afligiu a ideia de jogar no papel criaturas vivas, sem disfarces, com os nomes que têm no registro civil. Repugnava-me deformá-las, dar-lhes pseudônimo, fazer do livro uma espécie de romance; mas teria eu o direito de utilizá-las em história presumivelmente verdadeira? Que diriam elas se se vissem impressas, realizando atos esquecidos, repetindo palavras contestáveis e obliteradas?

[...]

O receio de cometer indiscrição exibindo em público pessoas que tiveram comigo convivência forçada já não me apoquentava. Muitos desses antigos companheiros distanciaram-se, apagaram-se. Outros permaneceram junto a mim, ou vão reaparecendo ao cabo de longa ausência, alteram-se, completam-se, avivam recordações meio confusas – e não vejo inconveniência em mostrá-los.

[...]

E aqui chego à última objeção que me impus. Não resguardei os apontamentos obtidos em largos dias e meses de observação: num momento de aperto fui obrigado a atirá-los na água. Certamente me irão fazer falta, mas terá sido uma perda irreparável? Quase me inclino a supor que

foi bom privar-me desse material. Se ele existisse, ver-me-ia propenso a consultá-lo a cada instante, mortificar-me-ia por dizer com rigor a hora exata de uma partida, quantas demoradas tristezas se aqueciam ao sol pálido, em manhã de bruma, a cor das folhas que tombavam das árvores, num pátio branco, a forma dos montes verdes, tintos de luz, frases autênticas, gestos, gritos, gemidos. Mas que significa isso? Essas coisas verdadeiras podem não ser verossímeis. E se esmoreceram, deixá-las no esquecimento: valiam pouco, pelo menos imagino que valiam pouco. Outras, porém, conservaram-se, cresceram, associaram-se, e é inevitável mencioná-las. Afirmarei que sejam absolutamente exatas? Leviandade. [...] Nesta reconstituição de fatos velhos, neste esmiuçamento, exponho o que notei, o que julgo ter notado. Outros devem possuir lembranças diversas. Não as contesto, mas espero que não recusem as minhas: conjugam-se, completam-se e me dão hoje impressão de realidade. Formamos um grupo muito complexo, que se desagregou. De repente nos surge a necessidade urgente de recompô-lo. Define-se o ambiente, as figuras se delineiam, vacilantes, ganham relevo, a ação começa. Com esforço desesperado arrancamos de cenas confusas alguns fragmentos. Dúvidas terríveis nos assaltam. De que modo reagiram os caracteres em determinadas circunstâncias? O ato que nos ocorre, nítido, irrecusável, terá sido realmente praticado? Não será incongruência? Certo a vida é cheia de incongruências, mas estaremos seguros de não nos haveremos enganado? Nessas vacilações dolorosas, às vezes necessitamos confirmação, apelamos para reminiscências alheias, convencemo-nos de que a minúcia discrepante não é ilusão. Difícil é sabermos a causa dela, desenterrarmos pacientemente as condições que a determinaram. Como isso variava em excesso, era natural que variássemos também, apresentássemos falhas. Fiz o possível por entender aqueles homens, penetrar-lhes na alma, sentir as suas dores, admirar-lhes a relativa grandeza, enxergar nos seus defeitos a sombra dos meus defeitos. Foram apenas bons propósitos: devo ter-me revelado com frequência egoísta e mesquinho. E esse desabrochar de sentimentos maus era a pior tortura que nos podiam infligir naquele ano terrível.

GRACILIANO RAMOS. *Memórias do cárcere*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

As palavras classificadas como advérbios agregam noções diversas aos termos a que se ligam na frase, demarcando posições, relativizando ou reforçando sentidos, por exemplo.

O advérbio destacado é empregado para relativizar o sentido da palavra a que se refere em:

- a) utilizá-las em história presumivelmente verdadeira? (l. 13-14)
- b) Certamente me irão fazer falta, (l. 29)
- c) Afirmarei que sejam absolutamente exatas? (l. 42-43)
- d) desenterrarmos pacientemente as condições que a determinaram. (l. 62-63)

8. **Uece 2014** O texto que você lerá é um excerto retirado do primeiro parágrafo do artigo de opinião “Com um braço só”, escrito por J. R. Guzzo, que trata da corrupção na política.

Um dos aspectos menos atraentes da personalidade humana é a tendência de muitas pessoas de só condenar os vícios que não praticam, ou pelos quais não se sentem atraídas. Um caloteiro que não fuma, não bebe e não joga, por exemplo, é frequentemente a voz que mais grita contra o cigarro, a bebida e os cassinos, mas fecha a boca, os ouvidos e os olhos, como os três prudentes macaquinhos orientais, quando o assunto é honestidade no pagamento de dívidas pessoais. É a velha história: o mal está sempre na alma dos outros. Pode até ser verdade, infelizmente, quando se trata da política brasileira, em que continua valendo, mais do que nunca, a máxima popular do “pega um, pega geral”. Extraído do artigo “Com um braço só”, de J.R. Guzzo. VEJA. 21/08/2013.

Atente para as seguintes afirmações sobre alguns dos elementos do texto.

- I. Os gramáticos modernos distinguem os **advérbios frásicos** (aqueles advérbios que modificam um elemento da frase, como em *Ele correu muito*.) dos **advérbios extrafrásicos** (aqueles que são exteriores à frase, estão no âmbito da enunciação, como em *Ele, naturalmente, passou de primeira, não foi?*). Esse segundo grupo congrega os advérbios avaliativos, isto é, que indicam uma avaliação do enunciador acerca do conteúdo enunciado. No texto em estudo, temos um advérbio frásico na linha 9: “sempre”; e um advérbio extrafrásico na linha 10: “infelizmente”.
- II. Na expressão “os três prudentes macaquinhos orientais” (linhas 7-8), o artigo definido “os” confere a “três macaquinhos orientais” o *status* de informação conhecida.
- III. O texto, embora constitua apenas um excerto do parágrafo original, apresenta a estrutura paragrafática canônica: tópico frasal ou introdução, desenvolvimento e conclusão.

Está correto o que se diz em

- | | |
|---------------------|-----------------|
| a) I e II apenas. | c) I, II e III. |
| b) II e III apenas. | d) II apenas. |

9. **Unifesp 2016** Leia o excerto da crônica “Mineirinho” de Clarice Lispector (1925-1977), publicada na revista *Senhor* em 1962, para responder à questão.

É, suponho que é em mim, como um dos representantes de nós, que devo procurar por que está doendo a morte de um **facínora**. E por que é que mais me adianta contar os treze tiros que mataram **Mineirinho** do que os seus crimes. Perguntei a minha cozinheira o que pensava sobre o assunto. Vi no seu rosto a pequena convulsão de um conflito, o mal-estar de não entender o que se sente, o de precisar trair sensações contraditórias por não saber como harmonizá-las. Fatos irredutíveis, mas revolta irredutível também, a violenta compaixão da revolta. Sentir-se dividido na própria perplexidade diante de não poder esquecer que Mineirinho era perigoso e já matara demais; e no entanto nós o queríamos vivo. A cozinheira se fechou um pouco, vendo-me talvez como a justiça que se vingava. Com alguma raiva de mim, que estava mexendo na sua alma, respondeu fria: “O que eu sinto não serve para se dizer. Quem não sabe que Mineirinho era criminoso? Mas tenho certeza de que

ele se salvou e já entrou no céu”. Respondi-lhe que “mais do que muita gente que não matou”.

Por quê? No entanto a primeira lei, a que protege corpo e vida insubstituíveis, é a de que não matará. Ela é a minha maior garantia: assim não me matam, porque eu não quero morrer, e assim não me deixam matar, porque ter matado será a escuridão para mim.

Esta é a lei. Mas há alguma coisa que, se me faz ouvir o primeiro e o segundo tiro com um alívio de segurança, no terceiro me deixa alerta, no quarto desassossegada, o quinto e o sexto me cobrem de vergonha, o sétimo e o oitavo eu ouço com o coração batendo de horror, no nono e no décimo minha boca está trêmula, no décimo primeiro digo em espanto o nome de Deus, no décimo segundo chamo meu irmão. O décimo terceiro tiro me assassina – porque eu sou o outro. Porque eu quero ser o outro.

Essa justiça que vela meu sono, eu a repudio, humilhada por precisar dela. Enquanto isso durmo e falsamente me salvo. Nós, os sonsos essenciais. Para que minha casa funcione, exijo de mim como primeiro dever que eu seja sonsa, que eu não exerça a minha revolta e o meu amor, guardados. Se eu não for sonsa, minha casa estremece. Eu devo ter esquecido que embaixo da casa está o terreno, o chão onde nova casa poderia ser erguida. Enquanto isso dormimos e falsamente nos salvamos. Até que treze tiros nos acordam, e com horror digo tarde demais – vinte e oito anos depois que Mineirinho nasceu – que ao homem acuado, que a esse não nos matem. Porque sei que ele é o meu erro. E de uma vida inteira, por Deus, o que se salva às vezes é apenas o erro, e eu sei que não nos salvaremos enquanto nosso erro não nos for precioso. Meu erro é o meu espelho, onde vejo o que em silêncio eu fiz de um homem. Meu erro é o modo como vi a vida se abrir na sua carne e me espantei, e vi a matéria de vida, placenta e sangue, a lama viva. Em Mineirinho se rebentou o meu modo de viver.

(Clarice Lispector. *Para não esquecer*, 1999.)

facínora: diz-se de ou indivíduo que executa um crime com crueldade ou perversidade acentuada.

Mineirinho: apelido pelo qual era conhecido o criminoso carioca José Miranda Rosa. Acuado pela polícia, acabou crivado de balas e seu corpo foi encontrado à margem da Estrada Grajaú-Jacarepaguá, no Rio de Janeiro.

“O décimo terceiro tiro me assassina — **porque eu sou o outro**.” (3º parágrafo)

Em relação à oração que a precede, a oração destacada tem sentido de

- | | |
|------------------|----------------|
| a) consequência. | d) causa. |
| b) conclusão. | e) finalidade. |
| c) alternância. | |

10. **Unifesp 2015** Para responder à questão, leia as opiniões em relação ao projeto de adaptação que visa facilitar obras de Machado de Assis.

Texto 1

Isso é um assassinato e eu endosso. A autora [da adaptação] quer que a Academia se manifeste. Para ela, vai ser a glória. Mas vários acadêmicos se manifestaram. Eu me

manifestei. Há temas em que a instituição não pode se baratear. Essa mulher quer que nós tenhamos essa discussão como se ela estivesse propondo a ressurreição eterna de Machado de Assis, como se ele dependesse dela. Confio na vigilância da sociedade. Vamos para a rua protestar.

(Nélida Piñon. <http://entretenimento.uol.com.br>)

Texto 2

Não defenderia, jamais, que Secco [autora da adaptação] fosse impedida de realizar seu projeto, mas não me parece que a proposta devesse merecer apoio do Ministério da Cultura e ser realizada com a ajuda de leis que, afinal, transferem impostos para a cultura. Trata-se, na melhor das hipóteses, de ingenuidade; na pior, de excesso de “sagacidade”. Não será a adulteração de obras, para torná-las supostamente mais legíveis por ignorantes, que irá resolver o problema do acesso a textos literários históricos – mesmo porque, adulterados, já terão deixado de ser o que eram.

(Marcos Augusto Gonçalves. <http://www.folha.uol.com.br>)

Examine os enunciados:

- “Vamos **para** a rua protestar.” (Texto 1)
- “Não será a adulteração de obras, **para** torná-las supostamente mais legíveis por ignorantes” (Texto 2)

O termo “para”, em destaque nos enunciados, expressa, respectivamente, sentido de

- a) movimento e finalidade.
- b) modo e conformidade.
- c) tempo e comparação.
- d) movimento e comparação.
- e) conformidade e finalidade.

11. ITA-SP 2016

Vou confessar um pecado: às vezes, faço maldades. Mas não faço por mal. Faço o que faziam os mestres zen com seus “koans”. “Koans” eram rasteiras que os mestres passavam no pensamento dos discípulos. Eles sabiam que só se aprende o novo quando as certezas velhas caem. E acontece que eu gosto de passar rasteiras em certezas de jovens e de velhos...

Pois o que eu faço é o seguinte. Lá estão os jovens nos semáforos, de cabeças raspadas e caras pintadas, na maior alegria, celebrando o fato de haverem passado no vestibular. Estão pedindo dinheiro para a festa! Eu paro o carro, abro a janela e na maior seriedade digo: “Não vou dar dinheiro. Mas vou dar um conselho. Sou professor emérito da Unicamp. O conselho é este: salvem-se enquanto é tempo!”. Aí o sinal fica verde e eu continuo.

“Mas que desmancha-prazeres você é!”, vocês me dirão. É verdade. Desmancha-prazeres. Prazeres inocentes baseados no engano. Porque aquela alegria toda se deve precisamente a isto: eles estão enganados.

Estão alegres porque acreditam que a universidade é a chave do mundo. Acabaram de chegar ao último patamar. As celebrações têm o mesmo sentido que os eventos iniciáticos – nas culturas ditas primitivas, as provas a que têm de se submeter os jovens que passaram pela puberdade. Passadas as provas e os seus sofrimentos, os jovens deixaram de ser crianças. Agora são adultos, com todos

os seus direitos e deveres. Podem assentar-se na roda dos homens. Assim como os nossos jovens agora podem dizer: “Deixeí o cursinho. Estou na universidade”.

Houve um tempo em que as celebrações eram justas. Isso foi há muito tempo, quando eu era jovem. Naqueles tempos, um diploma universitário era garantia de trabalho. Os pais se davam como prontos para morrer quando uma destas coisas acontecia: 1) a filha se casava. Isso garantia o seu sustento pelo resto da vida; 2) a filha tirava o diploma de normalista. Isso garantiria o seu sustento caso não casasse; 3) o filho entrava para o Banco do Brasil; 4) o filho tirava diploma.

O diploma era mais que garantia de emprego. Era um atestado de nobreza. Quem tirava diploma não precisava trabalhar com as mãos, como os mecânicos, pedreiros e carpinteiros, que tinham mãos rudes e sujas.

Para provar para todo mundo que não trabalhavam com as mãos, os diplomados tratavam de pôr no dedo um anel com pedra colorida. Havia pedras para todas as profissões: médicos, advogados, músicos, engenheiros. Até os bispos tinham suas pedras.

(Ah! Ia me esquecendo: os pais também se davam como prontos para morrer quando o filho entrava para o seminário para ser padre – aos 45 anos seria bispo – ou para o exército para ser oficial – aos 45 anos seria general.)

Essa ilusão continua a morar na cabeça dos pais e é introduzida na cabeça dos filhos desde pequenos. Profissão honrosa é profissão que tem diploma universitário. Profissão rendosa é a que tem diploma universitário. Cria-se, então, a fantasia de que as únicas opções de profissão são aquelas oferecidas pelas universidades.

Quando se pergunta a um jovem “O que é que você vai fazer?”, o sentido dessa pergunta é “Quando você for preencher os formulários do vestibular, qual das opções oferecidas você vai escolher?”. E as opções não oferecidas? Haverá alternativas de trabalho que não se encontram nos formulários de vestibular?

Como todos os pais querem que seus filhos entrem na universidade e (quase) todos os jovens querem entrar na universidade, configura-se um mercado imenso, mas imenso mesmo, de pessoas desejosas de diplomas e prontas a pagar o preço. Enquanto houver jovens que não passam nos vestibulares das universidades do Estado, haverá mercado para a criação de universidades particulares. É um bom negócio.

Alegria na entrada. Tristeza ao sair. Forma-se, então, a multidão de jovens com diploma na mão, mas que não conseguem arranjar emprego. Por uma razão aritmética: o número de diplomados é muitas vezes maior que o número de empregos.

Já sugeri que os jovens que entram na universidade deveriam aprender, junto com o curso “nobre” que frequentam, um ofício: marceneiro, mecânico, cozinheiro, jardineiro, técnico de computador, eletricista, encanador, descupinizador, motorista de trator... O rol de ofícios possíveis é imenso. Pena que, nas escolas, as crianças e os jovens não sejam informados sobre essas alternativas, por vezes mais felizes e mais rendosas.

Tive um amigo professor que foi guindado, contra a sua vontade, à posição de reitor de um grande colégio americano no interior de Minas. Ele odiava essa posição

porque era obrigado a fazer discursos. E ele tremia de medo de fazer discursos. Um dia ele desapareceu sem explicações. Voltou com a família para o seu país, os Estados Unidos. Tempos depois, encontrei um amigo comum e perguntei: “Como vai o Fulano?”. Respondeu-me: “Felicitíssimo. É motorista de um caminhão gigantesco que cruza o país!”.

(Rubem Alves. Diploma não é solução, *Folha de S.Paulo*, 25/05/2004.)

No trecho “**Até** os bispos tinham suas pedras.”, a palavra sublinhada expressa a ideia de

- a) inclusão.
- b) tempo.
- c) modo.
- d) quantidade.
- e) qualidade.

12. UEMG 2019

Eu sei que um outro deve estar falando

Ao seu ouvido

Palavras de amor como eu falei

Mas eu duvido

Duvido que ele tenha tanto amor

E até os erros do meu português ruim. [...]

(Roberto e Erasmo Carlos)

A preposição **até** tem o mesmo valor semântico do sublinhado no texto em:

- a) Até você acha que não compreendo isso?
- b) Ela continuou ali até eu acabar de falar.
- c) Foram até a sala para receber os convidados.
- d) Penso que até lá teremos tempo de sobra.

13. UFC-CE 2012

Assinale a alternativa que apresenta uma locução prepositiva.

- a) O Estado não substitui a família, a menos que ela esteja em dificuldade.
- b) Com receio de contrariá-los, eles reforçam suas atitudes.
- c) A águia afia as garras no momento que julgar oportuno.
- d) Eles não precisam se esconder diante das ameaças.
- e) Com todo respeito, acho a família responsável.

14. UFVJM-MG 2017

A SUGGAR ESTÁ COMPLETANDO 34 ANOS DE SUCESSO.

Muito obrigado a você pela preferência!

Sucesso comprovado por números:

- Suggar da Suggar é o depurador mais vendido do País. Neste segmento, temos, também, mais de 20 modelos de coifas ilha e parede; vidro e aço inox;

- As lavadoras Suggar também têm a preferência dos consumidores, pois garantem maior eficiência na lavagem, com baixo consumo de água e energia, comprovados pelo INMETRO;

- Parque industrial de 40.000m², em expansão para 56.400m² de área coberta, com apoio do Governo do Estado, Prefeitura Municipal, BDMG, INDI, FIEMG, A.D.C.E (Associação dos Dirigentes Cristãos de Empresas), CEMIG,

Secretaria da Fazenda e do Desenvolvimento Econômico;

- 154 produtos diferentes, entre eles, linha branca, *premium*, eletroportáteis, com a qualidade que a força da marca Suggar exige;

- Mais de 28 milhões de peças produzidas;

- Mais de 1.000 colaboradores;

- 968 postos de assistência técnica no país;

- 11 mil pontos de vendas comercializam a marca

Suggar;

- Empresas conglomerasdas: Cook Cozinhas, Linha Branca Expresso, Cook Eletrodomésticos, Cook Interação e Grave Multimídia.

Por tudo isso, os brasileiros adoram a marca Suggar!

Fonte: *Revista Encontro* 137, ano XI, de 1º de outubro de 2012.

Observe o trecho:

“Suggar da Suggar é o depurador mais vendido do País”.

É exemplo da mesma relação de sentido estabelecida entre a preposição destacada no trecho:

a) “milhões de peças”.

b) “apoio do governo”

c) “consumo de água”.

d) “34 anos de sucesso”.

15. Fasm-SP 2014

Leia um trecho do conto *Uma vela para Dario*, do escritor curitibano Dalton Trevisan, para responder à questão.

Dario vinha apressado, guarda-chuva no braço esquerdo e, assim que dobrou a esquina, diminuiu o passo até parar, encostando-se à parede de uma casa. Por ela escorregando, sentou-se na calçada, ainda úmida de chuva, e descansou na pedra o cachimbo.

Dois ou três passantes rodearam-no e indagaram se não se sentia bem. Dario abriu a boca, moveu os lábios, não se ouviu resposta. O senhor gordo, de branco, sugeriu que devia sofrer de ataque.

Ele reclinou-se mais um pouco, estendido agora na calçada, e o cachimbo tinha apagado. O rapaz de bigode pediu aos outros que se afastassem e o deixassem respirar. Abriu-lhe o paletó, o colarinho, a gravata e a cinta. Quando lhe retiraram os sapatos, Dario roncou feio e bolhas de espuma surgiram no canto da boca.

Cada pessoa que chegava erguia-se na ponta dos pés, embora não o pudesse ver. O senhor gordo repetia que Dario sentara-se na calçada, soprando ainda a fumaça do cachimbo e encostando o guarda-chuva na parede. Mas não se via guarda-chuva ou cachimbo ao seu lado.

A velhinha de cabeça grisalha gritou que ele estava morrendo. Um grupo o arrastou para o táxi da esquina. Já no carro a metade do corpo, protestou o motorista: quem pagaria a corrida? Concordaram chamar a ambulância. Dario conduzido de volta e recostado à parede – não tinha os sapatos nem o alfinete de pérola na gravata.

Alguém informou da farmácia na outra rua. Não carregaram Dario além da esquina; a farmácia no fim do quarteirão e, além do mais, muito pesado. Foi largado na porta de uma peixaria.

Ocupado o café próximo pelas pessoas que vieram apreciar o incidente e, agora, comendo e bebendo, gozavam as delícias da noite. Dario ficou torto como o deixaram, no degrau da peixaria, sem o relógio de pulso.

Um terceiro sugeriu que lhe examinassem os papéis, retirados – com vários objetos – de seus bolsos e alinhados sobre a camisa branca. Ficaram sabendo do nome, idade, sinal de nascença. O endereço na carteira era de outra cidade.

Registrou-se correria de mais de duzentos curiosos que, a essa hora, ocupavam toda a rua e as calçadas: era a polícia. O carro negro investiu a multidão. Várias pessoas tropeçaram no corpo de Dario. O guarda aproximou-se do cadáver e não pôde identificá-lo – os bolsos vazios.

(Herberto Sales (org.). *Antologia escolar de contos brasileiros*, s/d. Adaptado.)

Considere as frases a seguir.

A calçada _____ que Dario se sentou ao passar mal ainda estava úmida da chuva.

O cachimbo _____ que Dario soprava fumaça ficou sobre o calçamento.

O motorista de táxi _____ quem as pessoas requisitaram ajudou questionou-as sobre o pagamento da corrida.

A farmácia _____ que pretendiam conduzir Dario era no fim do quarteirão.

As preposições que preenchem, respectivamente e de acordo com a norma-padrão, as frases são

- a) de – com – a – com. d) a – para – em – a.
b) em – a – de – em. e) a – a – em – em.
c) em – com – a – a.

- 16. Famerp-SP 2016** Leia o trecho do conto “As caridas odiosas”, de Clarice Lispector, para responder à questão.

Foi uma tarde de sensibilidade ou de suscetibilidade? Eu passava pela rua depressa, emaranhada nos meus pensamentos, como às vezes acontece. Foi quando meu vestido me reteve: alguma coisa se enganchara na minha saia. Voltei-me e vi que se tratava de uma mão pequena e escura. Pertencia a um menino a que a sujeira e o sangue interno davam um tom quente de pele. O menino estava de pé no degrau da grande confeitaria. Seus olhos, mais do que suas palavras meio engolidas, informavam-me de sua paciente aflição. Paciente demais. Percebi vagamente um pedido, antes de compreender o seu sentido concreto. Um pouco aturdida eu o olhava, ainda em dúvida se fora a mão da criança o que me ceifara os pensamentos.

– Um doce, moça, compre um doce para mim.

Acordei finalmente. O que estivera eu pensando antes de encontrar o menino? O fato é que o pedido deste pareceu cumular uma lacuna, dar uma resposta que podia servir para qualquer pergunta, assim como uma grande chuva pode matar a sede de quem queria uns goles de água.

Sem olhar para os lados, por pudor talvez, sem querer espiar as mesas da confeitaria onde possivelmente algum conhecido tomava sorvete, entrei, fui ao balcão e disse com uma dureza que só Deus sabe explicar: um doce para o menino.

(*A descoberta do mundo*, 1999.)

“Sem olhar para os lados, **por** pudor talvez, sem querer espiar as mesas da confeitaria onde possivelmente algum conhecido tomava sorvete” (4^o parágrafo)

A preposição destacada assume valor semântico semelhante ao que se verifica na frase:

- a) A crítica tem Machado de Assis **por** um grande autor.
b) Há ainda algumas questões **por** fazer.
c) Ficaremos na Europa **por** cinco dias.
d) As tropas cercaram os inimigos **por** terra e **por** mar.
e) Muitas pessoas vão cedo para casa **por** medo.

17. Cesmac-AL 2017

Saúde, sociedade e qualidade de vida

Saúde é um direito humano fundamental, reconhecido por todos os fóruns mundiais e em todas as sociedades. Como tal, se encontra em pé de igualdade com outros direitos garantidos pela Declaração dos Direitos Humanos, de 1948: liberdade, alimentação, educação, segurança, nacionalidade etc.

A saúde é amplamente reconhecida como o maior recurso para o desenvolvimento social, econômico e pessoal, e como uma importante dimensão da qualidade de vida. Saúde e qualidade de vida são, assim, dois temas correlacionados, aspecto com o qual pesquisadores e cientistas concordam. A saúde contribui para a qualidade de vida, e esta é fundamental para a saúde.

A Carta de Ottawa – um dos documentos mais importantes que se produziram no cenário mundial sobre o tema da saúde e da qualidade de vida – afirma que são recursos indispensáveis para se ter saúde: paz, renda, habitação, educação, alimentação adequada, ambiente saudável, recursos sustentáveis, equidade, justiça social. Isto implica o entendimento de que a saúde não é nem uma conquista, nem uma responsabilidade exclusiva do setor saúde. É o resultado de um conjunto de fatores sociais, econômicos, políticos e culturais, coletivos e individuais, que se combinam, daí resultando sociedades mais ou menos saudáveis.

Na maior parte do tempo de suas vidas, a maioria das pessoas é saudável. Isto significa que, na maior parte do tempo, a maioria das pessoas não necessita de hospitais, ou de complexos procedimentos médicos ou terapêuticos. Mas durante toda a vida, todas as pessoas necessitam de água e ar puros, ambiente saudável, alimentação adequada, situações social, econômica e cultural favoráveis, prevenção de problemas de saúde, educação e informação. Isto quer dizer que fatores políticos, econômicos, sociais, culturais, ambientais, comportamentais e biológicos podem tanto favorecer, como prejudicar a saúde.

Para se melhorar realmente as condições de saúde de uma população, são necessárias mudanças profundas dos padrões econômicos no interior destas sociedades e intensificação de políticas sociais, eminentemente políticas públicas. Para que uma sociedade conquiste saúde para seus membros, são necessárias uma verdadeira ação intersetorial e políticas públicas saudáveis, isto é, comprometidas com a qualidade de vida e a saúde da população.

Além destes elementos estruturais, que dependem da decisão e da ação dos indivíduos, a saúde também é decorrência de fatores comportamentais. Isto é, as

pessoas desenvolvem padrões alimentares, de atividade física, de maior ou menor estresse na vida cotidiana, entre outros, que também têm grande influência sobre a saúde. Se cada pessoa se preocupar em desenvolver um padrão comportamental favorável à sua saúde e lutar para que as condições sociais e econômicas sejam favoráveis à qualidade de vida e à saúde de todos, certamente estará dando uma poderosa contribuição para que tenhamos uma população mais saudável, com vida mais longa e prazerosa.

(Paulo M. Buss. *Folha de S. Paulo*).

Analise o trecho: “Saúde e qualidade de vida são, assim, dois temas correlacionados, aspecto com o qual pesquisadores e cientistas concordam”. O uso da preposição – uma exigência sintática do verbo – também está correto na alternativa:

- a) Saúde e qualidade de vida são dois temas relacionados, fato do qual pesquisadores e cientistas atribuem toda consistência.
- b) Saúde e qualidade de vida são dois temas relacionados, fato no qual pesquisadores e cientistas admitem facilmente.
- c) Saúde e qualidade de vida são dois temas relacionados, fato ao qual todos nós nos sentimos dependentes.
- d) Saúde e qualidade de vida são dois temas relacionados, fato do qual nenhum pesquisador ou cientista discorda.
- e) Saúde e qualidade de vida são dois temas relacionados, fato ao qual pesquisadores e cientistas confiam.

18. IME-RJ 2019

O ELEFANTE

Fabrico um elefante
de meus poucos recursos.

Um tanto de madeira
tirado a velhos móveis

- 5 talvez lhe dê apoio.
E o encho de algodão,
de paina, de doçura.
A cola vai fixar
suas orelhas pensas.
- 10 A tromba se enovela,
é a parte mais feliz
de sua arquitetura.

Mas há também as presas,
dessa matéria pura

- 15 que não sei figurar.
Tão alva essa riqueza
a espojar-se nos circos
sem perda ou corrupção.
E há por fim os olhos,
20 onde se deposita
a parte do elefante
mais fluida e permanente,
alheia a toda fraude.

Eis o meu pobre elefante
25 pronto para sair
à procura de amigos
num mundo enfasiado
que já não crê em bichos
e duvida das coisas.

- 30 Ei-lo, massa imponente
e frágil, que se abana
e move lentamente
a pele costurada
onde há flores de pano
35 e nuvens, alusões
a um mundo mais poético
onde o amor reagrupa
as formas naturais.

Vai o meu elefante

- 40 pela rua povoada,
mas não o querem ver
nem mesmo para rir
da cauda que ameaça
deixá-lo ir sozinho.

45 É todo graça, embora
as pernas não ajudem
e seu ventre balofo
se arrisque a desabar
ao mais leve empurrão.

- 50 Mostra com elegância
sua mínima vida,
e não há cidade
alma que se disponha
a recolher em si
55 desse corpo sensível
a fugitiva imagem,
o passo desastrado
mas faminto e tocante.
Mas faminto de seres
60 e situações patéticas,
de encontros ao luar
no mais profundo oceano,
sob a raiz das árvores
ou no seio das conchas,
65 de luzes que não cegam
e brilham através
dos troncos mais espessos.

- Esse passo que vai
sem esmagar as plantas
70 no campo de batalha,
à procura de sítios,
segredos, episódios
não contados em livro,
de que apenas o vento,
75 as folhas, a formiga
reconhecem o talhe,
mas que os homens ignoram,
pois só ousam mostrar-se
sob a paz das cortinas
80 à pálpebra cerrada.

E já tarde da noite
 volta meu elefante,
 mas volta fatigado,
 as patas vacilantes
 85 se desmancham no pó.
 Ele não encontrou
 o de que carecia,
 o de que carecemos,
 eu e meu elefante,
 90 em que amo disfarçar-me.
 Exausto de pesquisa,
 caiu-lhe o vasto engenho
 como simples papel.
 A cola se dissolve
 95 e todo o seu conteúdo
 de perdão, de carícia,
 de pluma, de algodão,
 jorra sobre o tapete,
 qual mito desmontado.
 100 Amanhã recomeço.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *O Elefante*. 9ª ed. - São Paulo: Editora Record, 1983.

A conjunção “mas” que se repete nas estrofes do texto nos versos 41, 58, 59, 77 e 83

- expressa consequência de uma árdua tarefa dada ao elefante que, de tanto pesquisar, ficou exausto.
- tem na verdade uma função aditiva: embora sua forma seja de uma adversativa, apenas liga as ideias dando continuidade e sequência ao texto.
- traz em si uma ideia de compensação como na oração “não era bonito, mas esbanjava simpatia”.
- dá forma ao contraste entre a expectativa inicial e a volta para casa: o homem não se deixa receber a ternura que o elefante carrega.
- é a conjunção mais comumente utilizada entre as adversativas, não exercendo, no entanto, relação de contraste nos versos do texto.

19. IME-RJ 2014

Poesia Matemática

Millôr Fernandes

Às folhas tantas
 do livro matemático
 um Quociente apaixonou-se
 um dia
 5 doidamente
 por uma Incógnita.
 Olhou-a com seu olhar inumerável
 e viu-a do ápice __ base
 uma figura ímpar;
 10 olhos romboides, boca trapezoide,
 corpo retangular, seios esferoides.
 Fez de sua uma vida
 paralela à dela
 até que se encontraram
 15 no infinito.
 “Quem és tu?”, indagou ele
 em ânsia radical.
 “Sou a soma do quadrado dos catetos.
 Mas pode me chamar de Hipotenusa.”

20 E de falarem descobriram que eram
 (o que em aritmética corresponde
 a almas irmãs)
 primos entre si.
 E assim se amaram
 25 ao quadrado da velocidade da luz
 numa sexta potenciação
 traçando
 ao sabor do momento
 e da paixão
 30 retas, curvas, círculos e linhas senoidais
 nos jardins da quarta dimensão.
 Escandalizaram os ortodoxos das fórmulas euclidianas
 e os exegetas do Universo Finito.
 Romperam convenções newtonianas e pitagóricas.
 35 E enfim resolveram se casar
 constituir um lar,
 mais que um lar,
 um perpendicular.
 Convidaram para padrinhos
 40 o Poliedro e a Bissetriz.
 E fizeram planos, equações e diagramas para o futuro
 sonhando com uma felicidade
 integral e diferencial.
 E se casaram e tiveram uma secante e três cones
 45 muito engraçadinhos.
 E foram felizes
 até aquele dia
 em que tudo vira afinal
 monotonia.
 50 Foi então que surgiu
 O Máximo Divisor Comum
 frequentador de círculos concêntricos,
 viciosos.
 Ofereceu-lhe, a ela,
 55 uma grandeza absoluta
 e reduziu-a a um denominador comum.
 Ele, Quociente, percebeu
 que com ela não formava mais um todo,
 uma unidade.
 60 Era o triângulo,
 tanto chamado amoroso.
 Desse problema ela era uma fração,
 a mais ordinária.
 Mas foi então que Einstein descobriu a Relatividade
 65 e tudo que era espúrio passou a ser
 moralidade
 como aliás em qualquer
 sociedade.

RELEITURAS. *Poesia matemática*.

Disponível em: http://www.releituras.com/millor_poesia.asp.
 Acesso em 09/05/2013.

A repetição da conjunção “e” nos versos 41, 44 e 46 do texto revela um traço estilístico que

- dá uma ideia de ênfase à sequência de ações do casal.
- dá uma ideia de monotonia aos acontecimentos.
- dá uma ideia de confusão à sequência de ações do casal.
- ajuda a prever o desfecho da separação anunciada ao final.
- deixa perceber a que movimento literário se filia o autor do texto.

20. **Unesp 2015** A questão toma por base uma passagem de um romance de Autran Dourado (1926-2012).

A gente Honório Cota

Quando o coronel João Capistrano Honório Cota mandou erguer o sobrado, tinha pouco mais de trinta anos. Mas já era homem sério de velho, reservado, cumpridor. Cuidava muito dos trajes, da sua aparência medida. O jaquetão de casimira inglesa, o colete de linho atravessado pela grossa corrente de ouro do relógio; a calça é que era como a de todos na cidade – de brim, a não ser em certas ocasiões (batizado, morte, casamento – então era parêlo mesmo, por igual), mas sempre muito bem passada, o vinco perfeito. Dava gosto ver:

O passo vagaroso de quem não tem pressa – o mundo podia esperar por ele, o peito magro estufado, os gestos lentos, a voz pausada e grave, descia a rua da Igreja cumprimentando cerimoniosamente, nobremente, os que por ele passavam ou os que chegavam na janela muitas vezes só para vê-lo passar.

Desde longe a gente adivinhava ele vindo: alto, magro, descarnado, como uma ave pinalta de grande porte. Sendo assim tão descomunal, podia ser desajeitado: não era, dava sempre a impressão de uma grande e ponderada figura. Não jogava as pernas para os lados nem as trazia abertas, esticava-as feito medisse os passos, quebrando os joelhos em reto.

Quando montado, indo para a sua Fazenda da Pedra Menina, no cavalo branco ajazado de couro trabalhado e prata, aí então sim era a grande, imponente figura, que enchia as vistas. Parecia um daqueles cavaleiros antigos, fugidos do Amadis de Gaula ou do Palmeirim, quando iam para a guerra armados cavaleiros.

(*Ópera dos mortos*, 1970.)

Analisando o último período do terceiro parágrafo, verifica-se que a palavra “feito” é empregada como

- a) advérbio
 - b) verbo
 - c) substantivo
 - d) adjetivo
 - e) conjunção
21. **Unifesp 2017** Leia o trecho inicial de *Raízes do Brasil*, do historiador brasileiro Sérgio Buarque de Holanda (1902-1982), para responder à questão.

A tentativa de implantação da cultura europeia em extenso território, dotado de condições naturais, se não adversas, largamente estranhas à sua tradição milenar, é, nas origens da sociedade brasileira, o fato dominante e mais rico em consequências. Trazendo de países distantes nossas formas de convívio, nossas instituições, nossas ideias, e timbrando em manter tudo isso em ambiente muitas vezes desfavorável e hostil, somos ainda hoje uns desterrados em nossa terra. Podemos construir obras excelentes, enriquecer nossa humanidade de aspectos novos e imprevistos, elevar à perfeição o tipo de civilização que representamos: o certo é que todo o fruto de nosso trabalho ou de nossa preguiça parece participar de um sistema de evolução próprio de outro clima e de outra paisagem.

Assim, antes de perguntar até que ponto poderá alcançar bom êxito a tentativa, caberia averiguar até onde temos podido representar aquelas formas de convívio, instituições e ideias de que somos herdeiros.

É significativa, em primeiro lugar, a circunstância de termos recebido a herança através de uma nação ibérica. A Espanha e Portugal são, com a Rússia e os países balcânicos (e em certo sentido também a Inglaterra), um dos territórios-ponte pelos quais a Europa se comunica com os outros mundos. Assim, eles constituem uma zona fronteira, de transição, menos carregada, em alguns casos, desse europeísmo que, não obstante, mantém como um patrimônio necessário.

Foi a partir da época dos grandes descobrimentos marítimos que os dois países entraram mais decididamente no coro europeu. Esse ingresso tardio deveria repercutir intensamente em seus destinos, determinando muitos aspectos peculiares de sua história e de sua formação espiritual. Surgiu, assim, um tipo de sociedade que se desenvolveria, em alguns sentidos, quase à margem das congêneres europeias, e sem delas receber qualquer incitamento que já não trouxesse em germe.

Quais os fundamentos em que assentam de preferência as formas de vida social nessa região indecisa entre a Europa e a África, que se estende dos Pireneus a Gibraltar? Como explicar muitas daquelas formas, sem recorrer a indicações mais ou menos vagas e que jamais nos conduziram a uma estrita objetividade?

Precisamente a comparação entre elas e as da Europa de além-Pireneus faz ressaltar uma característica bem peculiar à gente da península Ibérica, uma característica que ela está longe de partilhar, pelo menos na mesma intensidade, com qualquer de seus vizinhos do continente. É que nenhum desses vizinhos soube desenvolver a tal extremo essa cultura da personalidade, que parece constituir o traço mais decisivo na evolução da gente hispânica, desde tempos imemoriais. Pode dizer-se, realmente, que pela importância particular que atribuem ao valor próprio da pessoa humana, à autonomia de cada um dos homens em relação aos semelhantes no tempo e no espaço, devem os espanhóis e portugueses muito de sua originalidade nacional. [...]

É dela que resulta largamente a singular tibieza das formas de organização, de todas as associações que impliquem solidariedade e ordenação entre esses povos. Em terra onde todos são barões não é possível acordo coletivo durável, a não ser por uma força exterior respeitável e temida.

(*Raízes do Brasil*, 2000.)

Em “Assim, eles constituem uma zona fronteira, de transição, menos carregada, em alguns casos, desse europeísmo que, **não obstante**, mantém como um patrimônio necessário.” (3º parágrafo), a expressão destacada pode ser substituída, sem prejuízo para o sentido do texto, por

- a) contudo.
- b) além disso.
- c) assim sendo.
- d) portanto.
- e) ainda bem.

22. Fac. Albert Einstein 2019 Leia o trecho do romance *Lavoura arcaica*, de Raduan Nassar, para responder à questão.

— Meu coração está apertado de ver tantas marcas no teu rosto, meu filho; essa é a colheita de quem abandona a casa por uma vida pródiga.

— A prodigalidade também existia em nossa casa.

— Como, meu filho?

— A prodigalidade sempre existiu em nossa mesa.

— Nossa mesa é comedida, é austera, não existe desperdício nela, salvo nos dias de festa.

— Mas comemos sempre com apetite.

— O apetite é permitido, não agrava nossa dignidade, desde que seja moderado.

— Mas comemos até que ele desapareça; é assim que cada um em casa sempre se levantou da mesa.

— É para satisfazer nosso apetite que a natureza é generosa, pondo seus frutos ao nosso alcance, desde que trabalhemos por merecê-los. Não fosse o apetite, não teríamos forças para buscar o alimento que torna possível a sobrevivência. O apetite é sagrado, meu filho.

— Eu não disse o contrário, acontece que muitos trabalham, gemem o tempo todo, esgotam suas forças, fazem tudo que é possível, mas não conseguem apaziguar a fome.

— Você diz coisas estranhas, meu filho.

(*Lavoura arcaica*, 2001.)

“— É para satisfazer nosso apetite que a natureza é generosa, pondo seus frutos ao nosso alcance, desde que trabalhemos por merecê-los.” (9º parágrafo)

Considerando no contexto, o trecho sublinhado expressa ideia de

- a) causa.
- b) consequência.
- c) condição.
- d) concessão.
- e) conclusão.

23. IFPE 2020

COMO DESENVOLVER UMA CULTURA DE COOPERAÇÃO E AFASTAR O BULLYING

(1) O desenvolvimento de uma cultura de cooperação está diretamente relacionado ao combate ao *bullying*. Isso porque entender o processo educacional como uma prática que conduza à cooperação e ao respeito mútuo ataca a raiz dessa violência. Mas quais métodos podem ser adotados para se posicionar contra o *bullying*? Qual o papel da escola na consolidação dos valores entre seus alunos?

(2) O desenvolvimento de uma cultura de cooperação, nas instituições de ensino, relaciona-se com o entendimento do espaço escolar não apenas como um local de ensino formal, mas, também, de formação do jovem como cidadão. Em outras palavras, a escola tem papel fundamental no desenvolvimento dos valores dos jovens, estabelecendo conceitos relacionados aos seus direitos e deveres, à cooperação, ao respeito e à solidariedade. Nesse contexto, o *bullying* vem sendo tratado com cada vez mais seriedade pela comunidade escolar e pelo governo de diversos países. No Brasil, inclusive, já existe uma lei antibullying.

(3) Apesar de não haver uma fórmula pronta para garantir a não ocorrência dessa prática, algumas medidas para o desenvolvimento de uma cultura de cooperação podem contribuir para evitar esse tipo de violência.

(4) Nessa perspectiva, é importante que a escola ofereça oportunidades para que os jovens entendam os benefícios do trabalho em equipe e a contribuição de cada um para o sucesso de atividades assim. Os jogos cooperativos são uma excelente ferramenta. Consistem em atividades nas quais é necessário um esforço conjunto para se atingir um objetivo comum, contrariando a estrutura competitiva e incentivando a participação total dos alunos. Desenvolver projetos e trabalhos em conjunto também é uma boa alternativa. Em um projeto anual ou semestral, é possível delegar funções e permitir que os alunos tomem responsabilidades diferentes.

(5) O mais importante desses processos é o desenvolvimento da comunicação, das trocas de ideias e das bagagens de conhecimento. É nessas trocas do trabalho coletivo que os alunos começam a perceber o impacto de suas diferenças na constituição de um objeto maior.

(6) Há, ainda, a importância do relacionamento com os alunos, em que professores e gestores podem oferecer oportunidades de diálogo que estimulem a abertura de um relacionamento de confiança e de cooperação. Nesse sentido, é imprescindível que a escola trabalhe temas como *bullying* e respeito às diferenças em campanhas com apoio da coordenação pedagógica. Aulas expositivas, debates, palestras e outras atividades podem compor a ação.

(7) Além disso, a comunicação deve ser estendida aos pais, fundamentais para a resolução dos problemas relacionados à educação, cuja participação é imprescindível para o sucesso das práticas adotadas. Os pais devem se envolver ativamente, aproximando-se das ações da escola, entendendo a importância e a necessidade de atuarem junto aos seus filhos no processo educacional.

Disponível em: <https://blog.wpensar.com.br/gestao-escolar/cultura-de-cooperacao-como-acabar-com-o-bullying/>. Acesso em: 27 nov. 2019 (adaptado).

Releia o seguinte trecho, transcrito do 3º parágrafo do texto:

“Apesar de não haver uma fórmula pronta para garantir a não ocorrência dessa prática, algumas medidas para o desenvolvimento de uma cultura de cooperação podem contribuir para evitar esse tipo de violência.” (3º parágrafo)

Nele, os elementos destacados estabelecem, entre as orações do período, uma relação sintático-semântica de

- a) proporção.
- b) causa.
- c) tempo.
- d) condição.
- e) concessão.

24. IFPE 2019

OS PROBLEMAS CAUSADOS PELOS AGROTÓXICOS JUSTIFICAM SEU USO?

(1) A saúde humana é afetada pelos agrotóxicos de três maneiras: durante sua fabricação, no momento da aplicação e ao consumir um produto contaminado.

Independentemente da forma de contato, os efeitos são extremamente perigosos.

(2) Problemas neurológicos, como o Mal de Alzheimer, estão associados à exposição a inseticidas organofosforados, assim como o desenvolvimento de transtorno do déficit de atenção com hiperatividade em crianças.

(3) Agência de Proteção Ambiental dos EUA (EPA) afirma que o efeito do pesticida depende do princípio ativo nele presente. Os sintomas podem variar, desde irritação da pele, até problemas hormonais e o desenvolvimento de câncer.

(4) Em 2007, pesquisadores descobriram, depois de realizarem um levantamento, que a maioria dos estudos revela a associação entre a exposição a agrotóxicos e o desenvolvimento de linfoma não Hodgkin e leucemia.

(5) Para as grávidas, o risco é dobrado. Pesquisadores apontam para as fortes evidências que ligam o contato com pesticidas a problemas durante a gestação, como a morte de fetos, defeitos de nascença, problemas de desenvolvimento neurológico, diminuição do tempo de gestação e pouco peso do bebê.

(6) Estudos estimam que aproximadamente 25 milhões de trabalhadores agrícolas de países pobres sofram com algum tipo de intoxicação causada por exposição a agrotóxicos. Há diversas situações comprovadas, como o caso de duas grandes empresas multinacionais que firmaram acordo – em 2013 – para indenização da ordem de R\$ 200 milhões, envolvendo cerca de mil trabalhadores contaminados por substâncias cancerígenas, entre 1974 e 2002, numa fábrica de pesticidas em Paulínia, interior de São Paulo.

(7) Todos esses problemas se tornam especialmente importantes para o Brasil por tratarem-se de uma das principais fronteiras agrícolas do planeta. Por isso, é importante discutir alternativas saudáveis aos agrotóxicos.

(8) Uma das possíveis opções para a substituição de agrotóxicos são os biopesticidas. De acordo com a EPA, o termo se refere a produtos feitos a partir de micro-organismos, substâncias naturais ou derivados de plantas geneticamente modificadas, que façam controle de pestes.

(9) Para o consumidor final, a situação é mais complexa, já que é difícil saber se o produtor utilizou ou não biopesticidas na sua lavoura. Então, a opção é escolher, preferencialmente, alimentos orgânicos e sempre lavar frutas, legumes e verduras, independentemente da sua procedência.

AIRES, Luiz. *Os problemas causados pelos agrotóxicos justificam seu uso?* Disponível em: <https://www.ecycle.com.br/component/content/article/35-atitude/1441-os-problemas-causados-pelos-agrotoxicos-justificam-seu-uso.html>. Acesso em: 7 maio 2019 (adaptado).

Sabemos que os elementos de coesão (dentre os quais estão as conjunções e as locuções conjuntivas) são responsáveis por garantir a ligação harmoniosa, por exemplo, entre termos, períodos e parágrafos de um texto. Após analisar o conectivo grifado no trecho abaixo, assinale a opção pela qual seria CORRETO substituí-lo sem que houvesse prejuízo em relação ao sentido estabelecido.

“Todos esses problemas se tornam especialmente importantes para o Brasil por tratarem-se de uma das principais fronteiras agrícolas do planeta. Por isso, é importante discutir alternativas saudáveis aos agrotóxicos”. (7º parágrafo)

- a) Proporcionalmente
- b) Em seguida
- c) Entretanto
- d) Logo
- e) Ou seja

25. IFPE 2019

SAIBA MAIS SOBRE A LÍNGUA DOTHRAKI

Conversamos com David Peterson, linguista responsável pela criação dos idiomas de Game of Thrones

Se você encontrar um integrante de uma tribo Dothraki, é uma boa ideia saudá-lo com um respeito-so “m’athchomaroon” e passar longe de palavras como “gale”. Quem afirma isso é o linguista contratado pela série Game of Thrones para criar as línguas “estrangeiras” da história – o Dothraki e o Alto Valiriano. David Peterson, formado pela Universidade da Califórnia em San Diego, é integrante da Sociedade de Criação de Linguagens, organização que se dedica às conlangs.

Conlang não é uma gíria Dothraki e, sim, uma sigla que, em inglês, significa “língua construída”. Ou seja, idiomas como o esperanto, que tiveram suas regras, palavras e construções pensadas e desenvolvidas – diferente das línguas naturais, que surgem de forma espontânea através da derivação de sons e de dialetos.

Conversamos com David Peterson sobre a Guerra dos Tronos, a criação do Dothraki e até pedimos para que ele nos ensinasse a xingar no idioma de Khal Drogo. Confira:

(1) **Galileu:** Qual é a relação que você manteve no idioma com a cultura Dothraki?

Peterson: O idioma inteiro é baseado na realidade dos Dothraki. Consequentemente, há palavras para descrever todas as plantas, animais e os fenômenos que acontecem em seu cotidiano – e nenhuma para situações desconhecidas.

(2) **Galileu:** Pode dar exemplos?

Peterson: Não faria sentido criar palavras para “livro”, “ler” e “escrever”, já que o Dothraki não existe na forma escrita. Também não há palavra equivalente a “obrigado”, porque a cultura deles não observa a gratidão da mesma forma. Mas há palavras diferentes para fezes de animais, dependendo se elas estão frescas ou secas. Como as fezes secas são usadas para fazer fogueiras, essa distinção é muito importante para eles. Também há 14 palavras diferentes para “cavalo”.

(3) **Galileu:** Os atores da série conseguem se comunicar na língua?

Peterson: Pelo que sei, os atores apenas memorizam as falas, sem aprender o idioma. Não esperava que eles aprendessem, afinal, seria um trabalho. Eles “pegaram” algumas palavras e expressões, mas duvido que conseguissem manter uma conversa simples em Dothraki.

(4) **Galileu:** Você também criou o Alto Valiriano, outro idioma falado em Essos, e disse, em entrevista, que a língua é “quase bonita demais”. Quais são os sons e as construções que tornam isso possível? De que forma o Alto Valiriano se opõe aos sons guturais e pesados do Dothraki?

Peterson: O Alto Valiriano é mais rico em ditongos do que o Dothraki. E enquanto possui uma pegada gutural, o som é mais raro. Gramaticamente, as línguas têm suas diferenças. As duas não têm artigos, mas a ordem das palavras é diferente, com o verbo sempre entrando no final da sentença e os adjetivos sempre precedendo o pronome que eles modificam.

(5) **Galileu:** Em aulas de línguas estrangeiras, uma das primeiras coisas que aprendemos (normalmente através dos colegas e não dos professores) são os xingamentos. E também gostamos de zoar os gringos que vêm ao Brasil, ensinando palavões em português, como se tivessem outro significado. Você pode nos ensinar a xingar em Dothraki?

Peterson: Claro! O Dothraki é um idioma “abençoado” com muitos palavões. “Ifak”, por exemplo, é uma palavra que tem o significado de gringo, de estrangeiro. Mas no Dothraki é usado como um insulto. “Graddakh” é a palavra usada para fezes, sempre em tom pejorativo. Muitos dos outros xingamentos são óbvios, como “gale” que significa ovo – mas também a genitália masculina.

GALASTRI, Luciana. *Saiba mais sobre a língua dothraki*. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Cultura/Series/noticia/2014/06/o-criador-das-linguas-de-game-thrones.html>. Acesso em: 04 maio 2019 (adaptado).

Marque a única alternativa que analisa CORRETAMENTE as relações de sentido estabelecidas pelo uso de conjunções.

- a) Em “Quem afirma isso é o linguista contratado pela série *Game of Thrones* **para** criar as línguas ‘estrangeiras’ da história” (1º parágrafo), a conjunção destacada introduz uma relação de causa e consequência entre as orações, enfatizando a ação do linguista e, conseqüentemente, sua criação: as línguas estrangeiras.
- b) Em “**Se** você encontrar um integrante de uma tribo Dothraki, é uma boa ideia saudá-lo com um respeitoso ‘m’athchomaroon” (1º parágrafo), a conjunção destacada introduz uma relação de condição, ajudando a criar uma ideia de possibilidade no enunciado.
- c) Em “**Como** as fezes secas são usadas para fazer fogueiras” (pergunta 2) e em “ensinando palavões em português, **como** se tivessem outro significado” (pergunta 5), a conjunção “como” introduz o sentido de comparação.
- d) Em “Não faria sentido criar palavras para ‘livro’, ‘ler’ e ‘escrever’, **já que** o Dothraki não existe na forma escrita” (pergunta 2), a expressão destacada apresenta uma consequência sobre a falta de sentido na criação de determinadas palavras na língua Dothraki.
- e) Em “Eles ‘pegaram’ algumas palavras e expressões, **mas** duvido que conseguissem manter uma conversa simples em Dothraki” (pergunta 3), a conjunção destacada estabelece uma relação de finalidade entre aprender algumas palavras e falar, de fato, o idioma Dothraki.

26. AFA-SP 2018

MAIS QUE ORWELL, HUXLEY PREVIU NOSSO TEMPO

Hélio Gurovitz

Publicado em 1948, o livro *1984*, de George Orwell, saltou para o topo da lista dos mais vendidos [...]. A **distopia** de Orwel, mesmo situada no futuro, tinha um endereço certo em seu tempo: o stalinismo. [...] O mundo da “pós-verdade”, dos “fatos alternativos” e da anestesia intelectual nas redes sociais mais parece outra

distopia, publicada em 1932: *Admirável mundo novo*, de Aldous Huxley.

- Não se trata de uma tese nova. Ela foi levantada pela primeira vez em 1985, num livreto do teórico da comunicação americano Neil Postman: *Amusing ourselves to death* (Nos divertindo até morrer), relembado por seu filho Andrew em artigo recente no *The Guardian*. “Na visão de Huxley, não é necessário nenhum Grande Irmão para despojar a população de autonomia, maturidade ou história”, escreveu Postman. “Ela acabaria amando sua opressão, adorando as tecnologias que destroem sua capacidade de pensar. Orwell temia aqueles que proibiriam os livros. Huxley temia que não haveria motivo para proibir um livro, pois não haveria ninguém que quisesse lê-los. Orwell temia aqueles que nos privariam de informação. Huxley, aqueles que nos dariam tanta que seríamos reduzidos à passividade e ao egoísmo. Orwell temia que a verdade fosse escondida de nós. Huxley, que fosse afogada num mar de irrelevância.”
- No futuro pintado por Huxley, [...] não há mães, pais ou casamentos. O sexo é livre. A diversão está disponível na forma de jogos esportivos, cinema multissensorial e de uma droga que garante o bem-estar sem efeito colateral: o soma. Restaram na Terra dez áreas civilizadas e uns poucos territórios selvagens, onde grupos nativos ainda preservam costumes e tradições primitivos, como família ou religião. “O mundo agora é estável”, diz um líder civilizado. “As pessoas são felizes, têm o que desejam e nunca desejam o que não podem ter. Sentem-se bem, estão em segurança; nunca adoecem; não têm medo da morte; vivem na ditosa ignorância da paixão e da velhice; não se acham sobrecarregadas de pais e mães; não têm esposas, nem filhos, nem amantes por quem possam sofrer emoções violentas; são condicionadas de tal modo que praticamente não podem deixar de se portar como devem. E se, por acaso, alguma coisa andar mal, há o soma.”

Para chegar à estabilidade absoluta, foi necessário abrir mão da arte e da ciência. “A felicidade universal mantém as engrenagens em funcionamento regular; a verdade e a beleza são incapazes de fazê-lo”, diz o líder. “Cada vez que as massas tomavam o poder público, era a felicidade, mais que a verdade e a beleza, o que importava.” A verdade é considerada uma ameaça; a ciência e a arte, perigos públicos. Mas não é necessário esforço totalitário para controlá-las. Todos aceitam de bom grado, fazem “qualquer sacrifício em troca de uma vida sossegada” e de sua dose diária de soma. “Não foi muito bom para a verdade, sem dúvida. Mas foi excelente para a felicidade.”

No universo de Orwell, a população é controlada pela dor. No de Huxley, pelo prazer. “Orwell temia que nossa ruína seria causada pelo que odiamos. Huxley, pelo que amamos”, escreve Postman. Só precisa haver censura, diz ele, se os tiranos acreditam que o público sabe a diferença entre discurso sério e entretenimento. [...] O alvo de Postman, em seu tempo, era a televisão, que ele julgava ter imposto uma cultura fragmentada e superficial, incapaz de manter com a verdade a relação reflexiva e racional da palavra impressa. O computador só engatinhava, e Postman mal poderia prever como celulares, *tablets* e redes sociais se tornariam – bem mais que a TV – o soma contemporâneo. Mas suas palavras foram prescientes: “O que afligia a população em *Admirável mundo novo* não é que estivessem rindo em vez de pensar, mas que não sabiam do que estavam rindo, nem tinham parado de pensar”.

(Adaptado, *Revista Época* nº 973 – 13 de fevereiro de 2017, p.67)

distopia: Pensamento, filosofia ou processo discursivo caracterizado pelo totalitarismo, autoritarismo e opressivo controle da sociedade, representando a antítese de utopia. (BECHARA, E. Dicionário da língua portuguesa. 1a ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2011, p.533)

Assinale a alternativa em que a análise dos termos presentes no excerto abaixo está de acordo com o que prescreve a Gramática Normativa da Língua Portuguesa.

“A distopia de Orwell, mesmo situada no futuro, tinha um endereço certo em seu tempo: o stalinismo.”(l. 3 e 4)

- a) O período é composto por três orações, sendo duas subordinadas e uma coordenada.
- b) “... mesmo situada no futuro...” é classificada como oração subordinada adverbial temporal reduzida de particípio.
- c) “... o stalinismo” é um aposto que se refere ao termo imediato que o antecede – “seu tempo”.
- d) As vírgulas servem para isolar a oração subordinada adverbial que está inserida em sua oração principal.

27. ITA-SP 2015 A questão refere-se ao texto, de Rubem Braga, publicado pela primeira vez em 1952, no jornal *Correio da Manhã*, do Rio.

José Leal fez uma reportagem na Ilha das Flores, onde ficam os imigrantes logo que chegam. E falou dos equívocos de nossa política imigratória. As pessoas que ele encontrou não eram agricultores e técnicos, gente capaz de ser útil. Viu músicos profissionais, bailarinas austríacas, cabeleireiras lituanas. Paul Balt toca acordeão, Ivan Donef faz coquetéis, Galar Bedrich é vendedor, Serof Nedko é ex-oficial, Luigi Tonizo é jogador de futebol, Ibolya Pohl é costureira. Tudo gente para o asfalto, “para entulhar as grandes cidades”, como diz o repórter.

O repórter tem razão. Mas eu peço licença para ficar imaginando uma porção de coisas vagas, ao olhar essas belas fotografias que ilustram a reportagem. Essa linda costureirinha morena de Badajoz, essa Ingeborg que faz fotografias e essa Irgard que não faz coisa alguma, esse Stefan Cromick cuja única experiência na vida parece ter sido vender bombons – não, essa gente não vai aumentar a produção de batatinhas e quiabos nem plantar cidades no Brasil Central.

É insensato importar gente assim. Mas o destino das pessoas e dos países também é, muitas vezes, insensato: principalmente da gente nova e países novos. A humanidade não vive apenas de carne, alface e motores. Quem eram os pais de Einstein, eu pergunto; e se o jovem Chaplin quisesse hoje entrar no Brasil acaso poderia? Ninguém sabe que destino terão no Brasil essas mulheres louras, esses homens de profissões vagas. Eles estão procurando alguma coisa: emigraram. Trazem pelo menos o patrimônio de sua inquietação e de seu apetite de vida. Muitos se perderão, sem futuro, na vagabundagem inconsequente das cidades; uma mulher dessas talvez se suicide melancolicamente dentro de alguns anos, em algum quarto de pensão. Mas

é preciso de tudo para fazer um mundo; e cada pessoa humana é um mistério de heranças e de taras. Acaso importamos o pintor Portinari, o arquiteto Niemeyer, o físico Lattes? E os construtores de nossa indústria, como vieram eles ou seus pais? Quem pergunta hoje, e que interessa saber, se esses homens ou seus pais ou seus avós vieram para o Brasil como agricultores, comerciantes, barbeiros ou capitalistas, aventureiros ou vendedores de gravata? Sem o tráfico de escravos não teríamos tido Machado de Assis, e Carlos Drummond seria impossível sem uma gota de sangue (ou uísque) escocês nas veias, e quem nos garante que uma legislação exemplar de imigração não teria feito Roberto Burle Marx nascer uruguaio, Vila Lobos mexicano, ou Pancetti chileno, o general Rondon canadense ou Noel Rosa em Moçambique? Sejamos humildes diante da pessoa humana: o grande homem do Brasil de amanhã pode descender de um clandestino que neste momento está saltando assustado na praça Mauá, e não sabe aonde ir, nem o que fazer. Façamos uma política de imigração sábia, perfeita, materialista; mas deixemos uma pequena margem aos inúteis e aos vagabundos, às aventureiras e aos tontos porque dentro de algum deles, como sorte grande da fantástica loteria humana, pode vir a nossa redenção e a nossa glória.

(BRAGA, R. Imigração. In: *A borboleta amarela*. Rio de Janeiro, Editora do Autor, 1963)

Assinale a opção em que o termo grifado é conjunção integrante.

- a) José Leal fez uma reportagem na Ilha das Flores, onde ficam os imigrantes logo **que** chegam. (linhas 1 e 2)
- b) As pessoas **que** ele encontrou não eram agricultores e técnicos, gente capaz de ser útil. (linhas 3 a 5)
- c) Mas eu peço licença para ficar imaginando uma porção de coisas vagas, ao olhar essas belas fotografias **que** ilustram a reportagem. (linhas 11 a 13)
- d) [...] e quem nos garante **que** uma legislação exemplar de imigração não teria feito Roberto Burle Marx nascer uruguaio, [...] (linhas 43 a 45)
- e) [...] o grande homem do Brasil de amanhã pode descender de um clandestino **que** neste momento está saltando assustado na praça Mauá, [...] (linhas 48 a 50)

28. Unifesp 2019 Para responder à questão, leia o trecho do livro *Casa-grande e senzala*, de Gilberto Freyre.

Mas a casa-grande patriarcal não foi apenas fortaleza, capela, escola, oficina, santa casa, harém, convento de moças, hospedaria. Desempenhou outra função importante na economia brasileira: foi também banco. Dentro das suas grossas paredes, debaixo dos tijolos ou mosaicos, no chão, enterrava-se dinheiro, guardavam-se joias, ouro, valores. Às vezes guardavam-se joias nas capelas, enfeitando os santos. Daí Nossas Senhoras sobrecarregadas à baiana de teteias, balangandãs, corações, cavalinhos, cachorrinhos e correntes de ouro. Os ladrões, naqueles tempos piedosos, raramente ousavam entrar nas capelas e roubar os santos. É verdade que um roubou o esplendor e outras joias de São Benedito; mas sob o pretexto, ponderável

para a época, de que “negro não devia ter luxo”. Com efeito, chegou a proibir-se, nos tempos coloniais, o uso de “ornatos de algum luxo” pelos negros.

Por segurança e precaução contra os corsários, contra os excessos demagógicos, contra as tendências comunistas dos indígenas e dos africanos, os grandes proprietários, nos seus zelos exagerados de privatismo, enterraram dentro de casa as joias e o ouro do mesmo modo que os mortos queridos. Os dois fortes motivos das casas-grandes acabarem sempre mal-assombradas com cadeiras de balanço se balançando sozinhas sobre tijolos soltos que de manhã ninguém encontra; com barulho de pratos e copos batendo de noite nos aparadores; com almas de senhores de engenho aparecendo aos parentes ou mesmo estranhos pedindo padres-nossos, ave-marias, gemendo lamentações, indicando lugares com botijas de dinheiro. Às vezes dinheiro dos outros, de que os senhores ilicitamente se haviam apoderado. Dinheiro que compadres, viúvas e até escravos lhes tinham entregue para guardar. Sucedeu muita dessa gente ficar sem os seus valores e acabar na miséria devido à esperteza ou à morte súbita do depositário. Houve senhores sem escrúpulos que, aceitando valores para guardar, fingiram-se depois de estranhos e desentendidos: “Você está maluco? Deu-me lá alguma coisa para guardar?”

Muito dinheiro enterrado sumiu-se misteriosamente. Joaquim Nabuco, criado por sua madrinha na casa-grande de Maçangana, morreu sem saber que destino tomara a ourama para ele reunida pela boa senhora; e provavelmente enterrada em algum desvão de parede. [...] Em várias casas-grandes da Bahia, de Olinda, de Pernambuco se têm encontrado, em demolições ou escavações, botijas de dinheiro. Na que foi dos Pires d’Ávila ou Pires de Carvalho, na Bahia, achou-se, num recanto de parede, “verdadeira fortuna em moedas de ouro”. Noutras casas-grandes só se têm desencavado do chão ossos de escravos, justificados pelos senhores e mandados enterrar no quintal, ou dentro de casa, à revelia das autoridades. Conta-se que o visconde de Suaçuna, na sua casa-grande de Pombal, mandou enterrar no jardim mais de um negro supliciado por ordem de sua justiça patriarcal. Não é de admirar. Eram senhores, os das casas-grandes, que mandavam matar os próprios filhos. Um desses patriarcas, Pedro Vieira, já avô, por descobrir que o filho mantinha relações com a mucama de sua predileção, mandou matá-lo pelo irmão mais velho.

(In: Silviano Santiago (coord.). *Intérpretes do Brasil*, 2000.)

Em “Não é de admirar. Eram senhores, os das casas-grandes, que mandavam matar os próprios filhos.” (3º parágrafo), a conjunção que poderia unir as duas frases, sem alteração de sentido, é:

- a) como. d) se.
- b) mas. e) pois.
- c) embora.

29. **UAB/Uespi 2014** O conceito de leitura enquanto prática social vai muito além da simples decodificação da linguagem verbal escrita, pois nele está inserida a ideia de que ler é atribuir sentido ao texto, relacionando-o com o contexto e com as experiências prévias do sujeito leitor. Nesse sentido cabe afirmar que esse tipo de leitura

sempre será precedida de uma finalidade concreta, que atenderá a um objetivo presente no contexto real em que o leitor está inserido. A leitura como prática social é um meio que poderá conduzir o leitor a resolver um problema prático, responder a um objetivo concreto ou a uma necessidade pessoal.

Pensar em leitura enquanto prática social pressupõe pensar nas múltiplas relações que o sujeito-leitor exerce na interação com o universo sócio-cultural a sua volta; [...]

Portanto, para que o sujeito leitor possa fazer o uso social da leitura não bastará apenas que ele seja alfabetizado, no sentido de apenas ter adquirido as habilidades necessárias para saber decodificar a linguagem escrita, porém se faz necessário que além de ser alfabetizado ele seja também letrado. [...]

(Caciaci Santos de Santa Rosa – *Leitura: uma porta aberta na formação do cidadão*. www.educacao.salvador.ba.gov.br/site/documentos/espaco-virtual/espaco-tutorias/artigos/leitura. Acesso em: 12.9.2014).

No texto, a palavra **Portanto**, no início do último parágrafo, indica ao pensamento exposto:

- a) acréscimo de argumentos àqueles anteriormente apresentados na discussão.
- b) explicação do que foi exposto anteriormente.
- c) sinalização de discordância em relação a argumentos anteriormente expostos.
- d) indicação de contradição quanto àquilo que foi afirmado antes.
- e) conclusão da discussão em curso.

30. **Urca-CE 2017** Ainda que fosse honesta, não evitou a votação dos corruptos. A conjunção subordinada no período expressa:

- a) causa. d) condição.
- b) concessão. e) conformidade.
- c) fim.

31. **Cederj 2020**

Podcasts: quem são, onde vivem, o que comem

Cora Rónai

Sou mais leitora do que ouvinte; de todos os formatos de informação de que dispomos, o texto continua sendo o meu favorito, disparado. Por isso, talvez, tenha demorado tanto a me entender com o formato dos *podcasts*.

- 5 Hoje, porém, *podcasts* fazem parte da minha rotina. Não só porque os ouço, mas também porque passei a fazer um. A ideia foi da Isabella Saes, minha parceira nas tardes de quinta-feira num programa que fizemos em rádio ao longo do ano passado.
- 10 Agora, uma vez por semana, nos encontramos lá em casa e, na medida em que os gatos permitem – eles derrubam o gravador, deitam em cima dos textos e fazem toda a espécie de cena de ciúme – gravamos cerca de uma hora de conversa. Sobre política, livros, séries, meio ambiente, a vida em geral. Não é uma conversa fiada tirada do chapéu, no vai da valsa: procuramos assunto, temos reunião de pauta e até uma produtora talentosa e dedicada, a Juliana Zurlí.
- 15 Mas não há mistério. *Podcasts* são programas de áudio que ficam na nuvem esperando o momento de ser
- 20 baixados e ouvidos, como se fossem uma grande rádio

on demand. Encontrar podcasts para ouvir é tão simples quanto encontrar qualquer outro conteúdo na rede: no iPhone basta recorrer ao velho ícone que está lá desde (quase) sempre, no Android é só baixar um aplicativo como o Google Podcasts ou o PodBean, ou usar o Spotify. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/podcasts-quem-sao-onde-vivem-que-comem-23798308>. Acesso em: 16 set. 2019.

Considere os fragmentos I e II.

- I. “Não só porque os ouço, mas também porque passei a fazer um.” (linhas 6-7)
- II. “Encontrar *podcasts* para ouvir é tão simples quanto encontrar qualquer outro conteúdo na rede...” (linhas 21-22)

Em cada um dos fragmentos, as duas expressões sublinhadas veiculam, respectivamente, uma relação de:

- a) Adição; comparação
- b) Adversidade; intensificação
- c) Negação; modo
- d) Inclusão; adição

32. Cederj 2016

Línguas que não sabemos que sabíamos (fragmento)

Mia Couto

[...] As línguas e as culturas fazem como as criaturas: trocam genes e inventam simbioses como resposta aos desafios do tempo e do meio ambiente.

Em Moçambique vivemos um período em que encontros e desencontros se estão estreando num caldeirão de efervescências e paradoxos. Nem sempre as palavras servem de ponte na tradução desses mundos diversos. Por exemplo, conceitos que nos parecem universais como Natureza, Cultura e Sociedade são de difícil correspondência. Muitas vezes não existem palavras nas línguas locais para exprimir esses conceitos. Outras vezes é o inverso: não existem nas línguas europeias expressões que traduzam valores e categorias das culturas moçambicanas.

Recordo um episódio que sucedeu comigo. Em 1989, fazia pesquisa na ilha da Inhaca quando desembarcou nessa ilha uma equipa de técnicos das Nações Unidas. Vinham fazer aquilo que se costuma chamar de “educação ambiental”. Não quero comentar aqui como esse conceito de **educação ambiental** esconde muitas vezes uma arrogância messiânica. A verdade é que, munidos de boa-fé, os cientistas traziam malas com projectores de *slides* e filmes. Traziam, enfim, aquilo que na sua linguagem designavam por “kits de educação”, na ingénua esperança de que a tecnologia é a salvação para problemas de entendimento e de comunicação.

Na primeira reunião com a população surgiram curiosos mal-entendidos que revelam a dificuldade de tradução não de palavras, mas de pensamento. No pódio estavam os cientistas que falavam em inglês, eu, que traduzia para o português, e um pescador que traduzia de português para a língua local, o chidindinhe. Tudo começou logo na apresentação dos visitantes (devo dizer que, por acaso, a maior parte deles eram suecos). “Somos cientistas”, disseram eles. Contudo, a palavra “cientista” não existe na língua local. O termo escolhido pelo tradutor foi *inguetlba*

que quer dizer feiticeiro. Os visitantes surgiam assim aos olhos daquela gente como feiticeiros brancos. [...]

(COUTO, Mia. *E se Obama fosse africano?: e outras intervenções*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 16-17).

No enunciado: “Na primeira reunião com a população surgiram curiosos mal-entendidos que revelam a dificuldade de tradução não de palavras, mas de pensamento”. (linhas 25-27), a conjunção sublinhada dá ideia de

- a) conformidade.
- b) conclusão.
- c) condição.
- d) retificação.

33. FEI-SP 2019 Carlos Drummond de Andrade tem uma vasta produção poética, reconhecida em todo o mundo, e com marcas recorrentes. A sua permanente reflexão sobre a realidade, sobre a relação entre o “eu” e o “mundo”, sobre a função do artista na sociedade é uma dessas marcas, que pode ser lida na poesia a seguir:

Mãos dadas

Não serei o poeta de um mundo caduco.

Também não cantarei o mundo futuro.

Estou preso à vida e olho meus companheiros.

Estão taciturnos mas nutrem grandes esperanças.

Entre eles, considero a enorme realidade.

O presente é tão grande, não nos afastemos.

Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas.

Não serei o cantor de uma mulher, de uma história,

não direi os suspiros ao anoitecer, a paisagem vista da

[janela,

não distribuirei entorpecentes ou cartas de suicida,

não fugirei para ilhas nem serei raptado por serafins.

O tempo é a minha matéria, o tempo presente, os homens

[presentes,

a vida presente.

(ANDRADE, C. D. de. *Poesia e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1988, p.68)

No quarto verso, “Estão taciturnos mas nutrem grandes esperanças”, o conectivo “mas” estabelece uma relação de:

- a) consequência.
- b) causa.
- c) adição.
- d) finalidade.
- e) oposição.

34. FEI-SP 2018 (Adapt.) O trecho apresentado abaixo foi retirado do livro *Mayombe*, do escritor angolano Pepetela. Leia-o atentamente, observando possíveis diferenças entre o português do Brasil e o de Angola.

Eu, O Narrador, Sou Teoria.

Nasci na Gabela, na terra do café. Da terra recebi a cor escura de café, vinda da mãe, misturada ao branco defunto do meu pai, comerciante português. Trago em mim o inconciliável e é este o meu motor. Num Universo de sim ou não, branco ou negro, eu represento o talvez. Talvez é não, para quem quer ouvir sim e significa sim para quem espera ouvir não. A culpa será minha se os homens exigem a pureza e recusam as combinações? Sou eu que

10 devo tornar-me em sim ou em não? Ou são os homens que devem aceitar o talvez? Face a este problema capital, as pessoas dividem-se aos meus olhos em dois grupos: os maniqueístas e os outros. É bom esclarecer que raros são os outros, o Mundo é geralmente maniqueísta.

(PEPETELA. *Mayombe*. 5ª ed. Lisboa: Dom Quixote, 1993, p. 03)

Leia os dois períodos:

“Trago em mim o inconciliável e é este o meu motor. Num Universo de sim ou não, branco ou negro, eu represento o talvez” (linhas 4-6).

Se as duas asserções estivessem em um único período (“Trago em mim o inconciliável e é este o meu motor, _____ num Universo de sim ou não, branco ou negro, eu represento o talvez”), o conectivo que estabelecerá a relação mais adequada para o contexto seria:

- a) embora
- b) porque
- c) mas
- d) apesar de
- e) caso

35. FCL-SP 2021

O FUTURO DO JORNALISMO ESTÁ DO LADO DE FORA DAS REDAÇÕES

Carlos Castilho

A afirmação do título pode parecer óbvia para os leitores de um jornal, mas soa como uma heresia para muitos profissionais do jornalismo. Essa é, no entanto, a perspectiva que orienta uma série de pesquisas em curso na Europa e nos Estados Unidos, baseadas na crescente convicção de que a adequação do jornalismo à era digital passa pelo estudo do que já está sendo chamado de “ecossistema informativo”.

Trata-se de ver o jornalismo não mais como uma atividade desenvolvida dentro das redações, mas como o produto da interação entre os profissionais da comunicação e o conjunto de elementos que conformam o ambiente social onde o jornal, revista, emissora de rádio ou TV estão inseridos. A preocupação central deixa de ser a prioridade na busca de inovações técnicas no exercício do jornalismo para ser a forma como ele se insere nos fluxos de informação dentro da sociedade.

Ecossistema informativo é um conceito novo, surgido a partir das novas tecnologias de informação e comunicação que tornaram possível a intensificação da interatividade entre jornalistas e o público por meio de fóruns, comentários, *blogs* e redes sociais. Foi a partir dessa interação que pesquisadores como o alemão Andreas Hepp perceberam que a disseminação de notícias não era unidirecional (do jornalista para o público), como preveem os manuais de redação na maior parte da imprensa, mas um processo multidirecional, formado por uma complexa teia de interações.

O conceito de ecossistemas informativos é tratado em detalhes no capítulo 4 (“*Plurality of Journalistic Identities in Local Controversies*”) do livro “*Local Journalism, The Decline of Newspapers and the Rise of the Digital*

Media”, co-editado pelo Reuters Institute for Study of Journalism e pela universidade Oxford, da Inglaterra. Os autores Florence Le Cam e David Domingo partem do princípio de que os jornalistas passaram a ser, na era digital, apenas um dos protagonistas no fluxo de notícias que circulam diariamente no interior de uma comunidade social.

Esse novo posicionamento dos profissionais dentro do fluxo de notícias é mais perceptível no âmbito local devido à proximidade e conhecimento mútuo entre os diversos atores das interações informativas. Numa comunidade, os recursos oferecidos pelas tecnologias digitais permitem que as pessoas desenvolvam várias modalidades de atividades jornalísticas sem terem formação profissional. A notícia pode ter sido redigida e distribuída por profissionais, mas, ao circular, ela inevitavelmente gera novos complementos e opiniões que, por sua vez, retroalimentam o fluxo informativo dentro da comunidade e acabam gerando novos fatos, dados e eventos noticiosos.

Isso faz com que uma redação seja, simultaneamente, fornecedora e receptora de novos insumos informativos. A atividade jornalística se dispersa dentro de uma comunidade, em vez de ficar concentrada nas redações. A ecologia, ou meio ambiente, de produção de notícias sofre uma alteração importante provocada pela dispersão e fragmentação social dos atores envolvidos. Isso implica mudanças em vários princípios incorporados à rotina jornalística nas redações, como objetividade, isenção, imparcialidade e veracidade.

Novos paradigmas profissionais

O alemão Andreas Hepp, no artigo “Conceptualizing the role of Pioneer Journalists and Pioneer Communities in the Organizational Re-Figuration of Journalism”, vai ainda mais longe ao afirmar que o surgimento de novas funções dentro do processo de produção digital de informações está provocando uma redefinição radical do que entendemos por jornalismo, na medida em que a atividade já não se limita mais à produção de notícias e reportagens. Áreas como processamento de dados, *design* de informações e empreendedorismo já não podem ser consideradas como estranhas ao jornalismo. As tecnologias digitais criaram o jornalismo de dados, em que o conhecimento de *softwares* é mais importante do que a técnica da pirâmide invertida na produção de uma notícia. (Pirâmide invertida é uma técnica de redação de notícias que privilegia a disposição das informações em ordem decrescente de importância. Assim, os fatos mais interessantes são utilizados para abrir o texto jornalístico, enquanto os de menor relevância aparecem na sequência).

As ferramentas de *design* passaram a ser fundamentais no desenvolvimento de uma narrativa jornalística multimídia, e a preocupação com a governança e com a sustentabilidade financeira tornou-se um componente obrigatório na busca da sobrevivência de iniciativas noticiosas *online*.

Tudo isso mostra que o jornalismo começa a ser exercido dentro de um novo contexto caracterizado pelo compartilhamento de dados entre pessoas com diferentes habilidades e competências. O pesquisador suíço Etienne Wenger definiu essas estruturas de troca

e recombinação de dados, fatos e informações como comunidades de prática. A grande diferença entre uma redação e uma comunidade de prática está na diversidade de formações profissionais e na diferença de objetivos. Numa redação, predomina o interesse em produzir notícias como parte de uma atividade comercial, enquanto nas comunidades de prática a preocupação central é resolver problemas a partir do compartilhamento de dados.

Hepp acredita que a realidade digital está empurrando o jornalismo para uma função pioneira no desenvolvimento de novos formatos informativos e novos fluxos de notícias dentro de conglomerados humanos. O desafio de buscar uma nova inserção do jornalismo nos fluxos informativos vai obrigar os profissionais a abandonarem uma série de rotinas, princípios e valores tradicionais na maioria das redações. Entre os desafios mais importantes estão o engajamento com o público numa relação baseada no compartilhamento de informações entre iguais e a incorporação da tecnologia e da sustentabilidade financeira entre as exigências para o exercício da profissão.

Assinale a opção que identifica corretamente o sentido da locução conjuntiva “na medida em que”, presente em: “...o surgimento de novas funções dentro do processo de produção digital de informações está provocando uma redefinição radical do que entendemos por jornalismo, na medida em que a atividade já não se limita mais à produção de notícias e reportagens”.

- a) Comparação.
- b) Concessão.
- c) Consequência.
- d) Proporção.
- e) Causa.

36. Uespi 2017

OS NOVOS MISTÉRIOS DE FÁTIMA

Os 12 mil habitantes da pequena cidade de Fátima, em Portugal, receberão 1 milhão de pessoas, a partir da sexta-feira, 12 de maio. Destes, 40 mil chegarão a pé, 2 mil são jornalistas, há 100 grupos de peregrinos, 2 mil padres, 71 bispos, 8 cardeais e o visitante mais ilustre, o Papa Francisco. Tamaña mobilização num dos maiores centros de peregrinação católica do mundo tem dois motivos nobres: a celebração dos 100 anos da aparição de Maria às três crianças pastoras, na Cova de Iria, em 13 de maio de 1917, e a canonização de duas delas, Jacinta e Francisco, pelo próprio pontífice. Mas um livro, que acaba de ser lançado no Brasil, põe em xeque essa que é uma das invocações marianas mais célebres, que arrebanha milhões de devotos pelo mundo, inclusive no Brasil. Munido de documentos desde a época das visões e dotado de uma rigorosa investigação, “Fátima, milagre ou construção” (Ed. Bertand), da jornalista portuguesa Patrícia Carvalho, que trabalha no jornal *Público*, mostra como tudo que envolve esta Nossa Senhora lusitana é nebuloso. A começar pelas próprias aparições.

Débora Crivella. *Isto é*. n° 2474, 17 de maio de 2017.

O elemento coesivo **mas**, linha 5, introduz uma ideia de:

- a) Causa.
- b) Condição.
- c) Consequência.
- d) Concessão.
- e) Oposição.

BNCC em foco

EM13LP09

1. PUC-SP

Depois de brincar de referendo... É hora de falar sério

Ganhe o NÃO ou ganhe o SIM, o problema do crime no Brasil vai continuar do mesmo tamanho. Durante quase um mês as autoridades submeteram o país à propaganda eleitoral de uma questão sobre a qual a opinião das pessoas, por mais bem-intencionadas, não tem o menor poder. O referendo das armas vai ser lembrado como um daqueles momentos em que um país entra em transe emocional e algumas pessoas se convencem de que basta uma torcida muito forte para que se produza um resultado positivo para a sociedade. Em finais de Copa do Mundo essa mobilização é muito apropriada. O referendo das armas no Brasil tem algo dessa ilusão coletiva de que se pode vencer um inimigo poderoso, o crime violento, apenas pela repetição de mantras e mediante sinais feitos com as mãos imitando o voo da pomba branca da paz. Infelizmente a vida real exige mais do que boas intenções para seguir o vetor do progresso social.

Ganhe o SIM ou o NÃO na proposta de proibir a comercialização de armas, continuará intacto e movimentado o principal caminho que elas percorrem das forjas do metal até as mãos dos bandidos. Esse caminho é a corrupção policial. Se quisesse efetivamente diminuir o número de armas em circulação o governo deveria ter optado por agir silenciosa e drasticamente dentro das organizações policiais. São conhecidos os expedientes usados por policias corruptos que deixam as armas escaparem para as mãos dos bandidos em troca de dinheiro.

O caminho mais comum é a simples venda para os bandidos de armas ilegais apreendidas em operações policiais. A apreensão não é reportada ao comando policial e, em lugar de serem encaminhadas para destruição, elas são vendidas aos bandidos. É frequente criminosos serem soltos em troca de deixarem a arma com policiais. O mesmo vale para cidadãos pegos com armas ilegais ou sem licença para o porte. Eles são liberados pagando como pedágio a arma que portavam. Policiais corruptos também simulam o roubo, furto ou até a perda da arma oficial. Depois raspam sua numeração e a vendem. A corporação cuida de entregar-lhes uma nova, que pode vir a ter o mesmo destino. Enquanto esse tráfico não for interrompido, podem ser organizados milhares de referendos e o problema do crime continuará do mesmo tamanho.

Shelp, Diogo. *Veja*. São Paulo. 26 out. 2005. p. 62.

De acordo com o discurso gramatical tradicional, advérbio é palavra invariável que expressa circunstância e incide sobre verbos, adjetivos e até mesmo advérbios. No entanto, extrapolando esse discurso, sabe-se que, como modalizador, em vez de exprimir uma circunstância (tempo, lugar, intensidade etc.) relacionada a um verbo, advérbio ou adjetivo, o advérbio pode revelar estados psicológicos do enunciador. Isso se vê em:

- “[...] basta uma torcida muito forte para que se produza um resultado positivo para a sociedade.”
- “Infelizmente a vida real exige mais do que boas intenções para seguir o vetor do progresso social.”
- “o governo deveria ter optado por agir silenciosa e drasticamente dentro das organizações policiais.”
- “A apreensão não é reportada ao comando policial [...]”
- “Depois raspam sua numeração e a vendem.”

EF07LP11

2. Enem 2018

Para os chineses da dinastia Ming, talvez as favelas cariocas fossem lugares nobres e seguros: acreditava-se por lá, assim como em boa parte do Oriente, que os espíritos malévolos só viajam em linha reta. Em vielas sinuosas, portanto, estaríamos livres de assombrações malditas. Qualidades sobrenaturais não são as únicas razões para considerarmos as favelas um modelo urbano viável, merecedor de investimentos infraestruturais em escala maciça. Lugares com conhecidos e sérios problemas, elas podem ser também solução para uma série de desafios das cidades hoje. Contanto que não sejam encaradas com olhar pitoresco ou preconceituoso. As favelas são, afinal, produto direto do urbanismo moderno e sua história se confunde com a formação do Brasil.

CARVALHO, B. A favela e sua hora. *Piauí*, n. 67, abr. 2012.

Os enunciados que compõem os textos encadeiam-se por meio de elementos linguísticos que contribuem para construir diferentes relações de sentido. No trecho “Em vielas sinuosas, portanto, estaríamos livres de assombrações malditas”, o conector “portanto” estabelece a mesma relação semântica que ocorre em

- “[...] talvez as favelas cariocas fossem lugares nobres e seguros [...]”
- “[...] acreditava-se por lá, *assim* como em boa parte do Oriente [...]”
- “[...] elas podem ser *também* solução para uma série de desafios das cidades hoje.”
- “*Contanto* que não sejam encaradas com olhar pitoresco ou preconceituoso.”
- “As favelas são, *afinal*, produto direto do urbanismo moderno [...]”

EM13LP06

3. Enem A crônica muitas vezes constitui um espaço para reflexão sobre aspectos da sociedade em que vivemos.

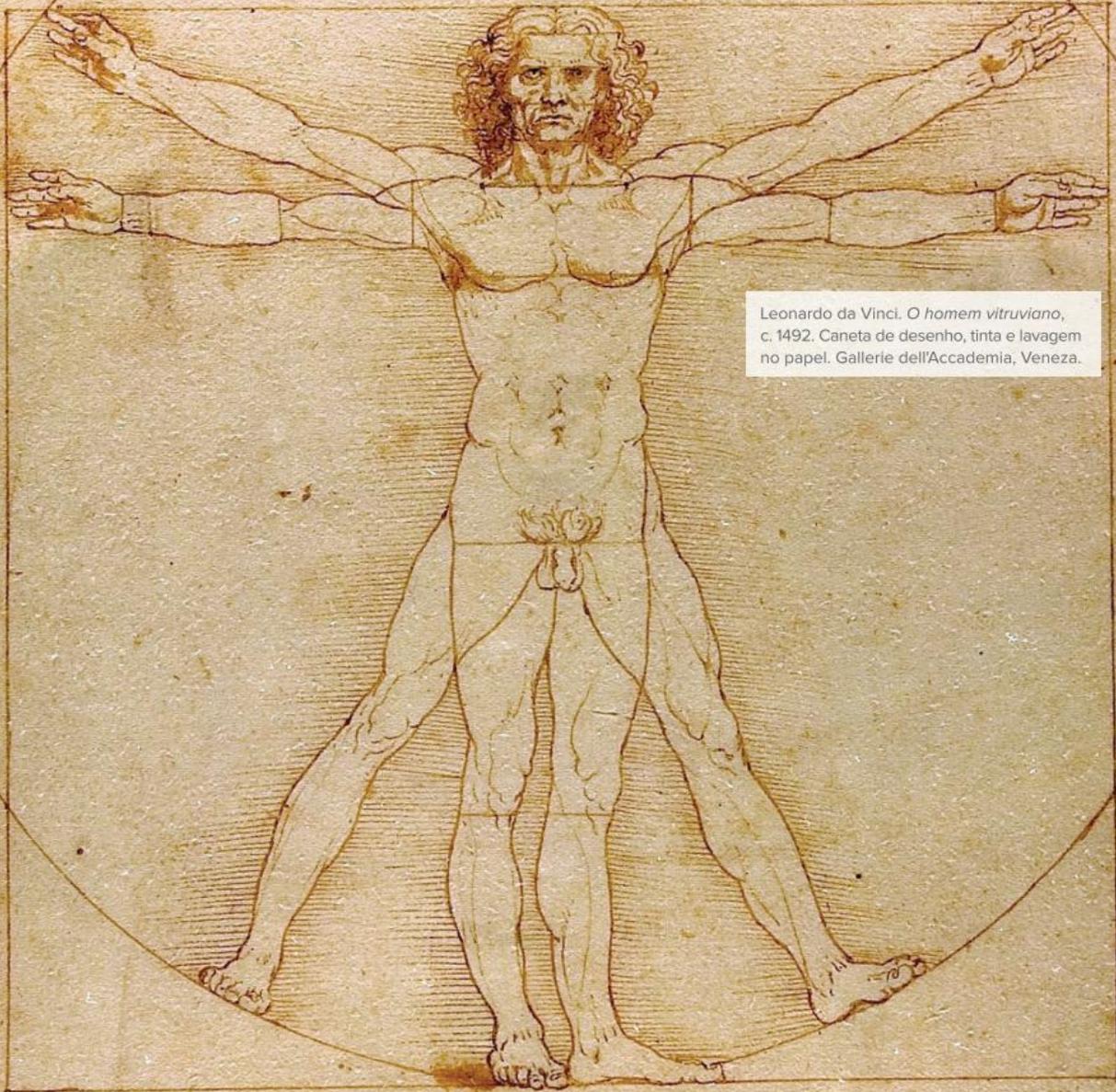
Eu, na rua, com pressa, e o menino segurou no meu braço, falou qualquer coisa que não entendi. Fui logo dizendo que não tinha, certa de que ele estava pedindo dinheiro. Não estava. Queria saber a hora.

Talvez não fosse um Menino De Família, mas também não era um Menino De Rua. É assim que a gente divide. Menino De Família é aquele bem-vestido com tênis da moda e camiseta de marca, que usa relógio e a mãe dá outro se o dele for roubado por um Menino De Rua. Menino De Rua é aquele que quando a gente passa perto segura a bolsa com força porque pensa que ele é pivete, trombadinha, ladrão. [...] Na verdade não existem meninos De rua. Existem meninos NA rua. E toda vez que um menino está NA rua é porque alguém o botou lá. Os meninos não vão sozinhos aos lugares. Assim como são postos no mundo, durante muitos anos também são postos onde quer que estejam. Resta ver quem os põe na rua. E por quê.

(COLASSANTI, Marina. In: *Eu sei, mas não devia*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999)

No terceiro parágrafo, em “... não existem meninos De rua. Existem meninos NA rua”, a troca de De pelo Na determina que a relação de sentido entre “menino” e “rua” seja:

- de localização, e não de qualidade.
- de origem, e não de posse.
- de origem, e não de localização.
- de qualidade, e não de origem.
- de posse, e não de localização.



Leonardo da Vinci. *O homem vitruviano*, c. 1492. Caneta de desenho, tinta e lavagem no papel. Gallerie dell'Accademia, Veneza.

FRENTE 1

CAPÍTULO

7

Sintaxe do período simples I

O desenho que você vê chama-se *O Homem Vitruviano*, esboçado pelo artista italiano Leonardo da Vinci (1452-1519), cuja inspiração veio das proporções do corpo humano demarcadas na obra *De Architectura*, de Vitruvius. O desenho de Da Vinci está relacionado à filosofia humanista e ao conceito de antropocentrismo, e as duas obras mencionadas foram basilares e muito difundidas na época do Renascimento. Tanto no antropocentrismo como na filosofia humanista, temos a ideia de que o homem se torna o centro do mundo, em contraposição ao teocentrismo, vigente na Idade Média. Neste capítulo, discutiremos o sujeito do ponto de vista da língua, bem como os elementos relacionados a ele, contidos no predicado. Essas noções pertencem aos estudos da sintaxe da língua portuguesa.

Introdução à sintaxe

Observe a tirinha do artista Fábio Coala.

Fábio Coala - mentirinhas.com.br



O texto discute a organização estabelecida para a produção de tirinhas, e o artista, humoristicamente, busca subverter a composição canônica das tiras. Todos os textos escritos e orais, incluindo as imagens, como pinturas e desenhos, entre outros, necessitam de uma organização composicional, pois é por meio dela que as partes se inter-relacionam e possibilitam a construção de sentido.

Pensando na língua portuguesa, estudamos nos capítulos anteriores as classes de palavras separadamente; pudemos verificar que essas palavras são organizadas por meio de radicais e afixos: palavras → [prefixos + radicais + sufixos]. Contudo, quando nos comunicamos, estabelecemos relações entre essas diversas classes de palavras, ou seja, atribuímos a elas uma organização. Na língua, essa questão é estudada na **sintaxe**, que se ocupa da construção linear dos elementos linguísticos.

A palavra sintaxe significa, etimologicamente, “organização” e “ordenação”. Segundo o dicionário *Michaelis on-line*, a sintaxe é a parte da gramática que trata da disposição das palavras na frase, da relação entre essas palavras, bem como das combinações entre elas na sentença.

Imaginemos que na tira acima não houvesse nenhuma fala entre as personagens, apenas a palavra “FIM”. Nesse caso, poderíamos estudar esse texto escrito do ponto de vista sintático? A resposta é sim, mas para compreender a situação é preciso fazer uma distinção importante na sintaxe: frase, oração e período simples e composto. Veja o quadro a seguir.

Frase	Enunciado suficiente por si mesmo para estabelecer comunicação dentro de um contexto. Pode ser constituído por uma única palavra (Ex.: FIM), ou por várias, e pode apresentar verbo ou não. As frases são classificadas de acordo com a entonação e o propósito comunicativo e por isso podem ser: interrogativas, exclamativas, declarativas ou imperativas. Ex.: Perigo! (um aviso), Ufa! (interjeição que expressa alívio).
Oração	Enunciado que se organiza em torno de um verbo ou locução verbal. Ex.: Você está em perigo!
Período simples	Constituído por uma oração; portanto organizado em torno de apenas um verbo ou locução verbal. Ex.: Eu corro muito perigo.
Período composto	Constituído por mais de uma oração; portanto organizado em torno de mais de um verbo ou locução adverbial. Ex.: Eu corro muito perigo, pois não tive cuidado.

Sujeito: conceito e classificação

No quinto capítulo, discutimos que o verbo é a categoria gramatical que configura os processos da realidade objetiva sob a influência do tempo. Muitos processos, apesar de serem identificáveis, não são definidos por suas causas, ou seja, não sabemos o que os produz. Veja a manchete a seguir:

Pesquisador da Unesp apresenta evidência de matéria escura na Via Láctea

ARANTES, José T. EBC com informações da Agência Fapesp, 10 fev. 2015.

Na astronomia, há diversos estudos que buscam entender o que causa a matéria escura, que é uma parte do universo que os astrônomos sabem que existe, mas ainda não sabem exatamente o que seja e como é produzida. Em diversas outras áreas de estudo, os pesquisadores investigam para descobrir o que ou quem produz determinados processos.

Estabelecendo relações

Na filosofia, a noção de sujeito também é estudada. O filósofo alemão Friedrich Nietzsche, por exemplo, criticava o sujeito moderno, que via a si próprio como uma unidade autônoma, capaz de conhecer a si mesmo e o mundo ao seu redor, de tomar decisões e agir livremente nesse mundo. Para o filósofo, isso é uma ilusão. O “Eu”, segundo Nietzsche, é o produto resultante de forças em conflito. Assim, o sujeito é um processo e não uma unidade estável.

Ao representar esses processos na língua, também podemos evidenciar o agente causador de uma ação ou omiti-lo. Na sintaxe, a esse agente dá-se o nome de “sujeito”.

Assim sendo, na manchete anterior, o sujeito responsável pela ação de “apresentar” é o “Pesquisador da Unesp”. O núcleo desse sujeito é o termo “Pesquisador”, logo é um sujeito simples.

Pesquisador da Unesp	apresenta	evidência de matéria escura	na Via Láctea
sujeito	verbo	complemento do verbo	modificador do verbo

Uma sentença também pode conter dois ou mais núcleos do sujeito. Veja o título da notícia a seguir.

Nasa e SpaceX	enviam	missão tripulada ao espaço
sujeito	verbo	complemento do verbo

PEDUZZI, Pedro; LEAL, Aline (Ed.). Agência Brasil, 27 maio 2020.

Nesse período, identificamos dois núcleos do sujeito, “Nasa” e “SpaceX”, logo trata-se de um sujeito composto.

Em algumas sentenças, o sujeito parece não estar identificado, porém ele está subentendido na desinência número-pessoal do verbo. Veja adiante o trecho inicial da obra *Dom Casmurro*, de Machado de Assis.

Uma noite destas, vindo da cidade para o Engenho Novo, **encontrei** num trem da Central um rapaz aqui do bairro, que eu conheço de vista e de chapéu. Cumprimentou-me, sentou-se ao pé de mim, falou da lua e dos ministros, e acabou recitando-me versos. A viagem era curta, e os versos pode ser que não fossem inteiramente maus. Sucedeu, porém, que, como eu estava cansado, **fechei** os olhos três ou quatro vezes; tanto bastou para que ele interrompesse a leitura e metesse os versos no bolso. [...]

ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. Disponível em: www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv00180a.pdf. Acesso em: 8 nov. 2021.

No trecho, o narrador conta um breve acontecimento no percurso da cidade para o Engenho Novo, que se inicia com a forma verbal “encontrei”. O sujeito não está evidente, mas pode ser subentendido pela desinência número-pessoal “ei”, assim como em “fechei”, que indica a primeira pessoa do singular, designada pelo pronome “eu”. Esse sujeito refere-se a Bentinho, protagonista da obra que narra a história. Esse tipo de sujeito recebe o nome de sujeito oculto ou desinencial.

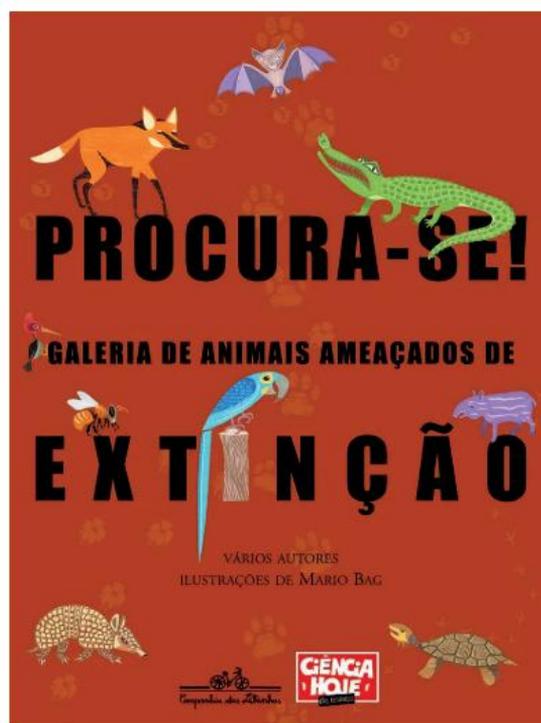
Saiba mais

Muitos pesquisadores vêm demonstrando que o português brasileiro se encontra em uma fase de mudança: a tendência de “evitar pronomes” vem cedendo espaço para a prática de “explicitar pronomes” e, conseqüentemente, “explicitar o sujeito”.

De acordo com o linguista Marcos Magno, é comum estabelecer uma distinção entre as línguas que têm “morfologia rica” e as que têm “morfologia pobre”: as do primeiro grupo possuem desinências verbais específicas para todas as pessoas do discurso, o que viabiliza a omissão do pronome na posição de sujeito; já as do segundo grupo são aquelas cuja forma verbal não permite a omissão do sujeito, necessitando, portanto, de um pronome para identificá-lo, como ocorre no inglês (a forma verbal *can*, por exemplo, exige um pronome-sujeito para a interpretação adequada de uma sentença que contenha esse verbo).

No português falado no Brasil, o quadro pronominal e a morfologia verbal têm revelado algumas mudanças que, como mencionado anteriormente, levam os falantes a explicitarem o sujeito com mais frequência. Isso ocorre, principalmente, para evitar ambigüidade, já que, apesar de a nossa língua apresentar uma morfologia rica, contém casos como o da forma verbal “falava”, que pode ter como sujeito, por exemplo, os pronomes “eu”, “você”, “ele”, “ela”, “a gente” e também “tu”, se considerarmos as variedades linguísticas informais de determinadas regiões do Brasil.

O sujeito também pode ser omitido, seja por falta de informação para nomeá-lo, seja para gerar algum efeito de sentido. Observe a capa de livro a seguir:



Reprodução

O verbo do título do livro é “Procura-se”. Ao nos perguntarmos “quem faz a ação de procurar?”, não obteríamos uma resposta fácil. Estamos diante de um verbo com sujeito indeterminado. Ao empregar esse tipo de sujeito, o autor do livro reforça a ideia de que algumas espécies de animais estão em extinção, por isso nenhum sujeito poderia procurá-los. É justamente esse o objetivo da obra, focar a ideia de extinção.

Note que o verbo está na terceira pessoa do singular, acrescido da partícula “se”, chamada nesse caso de índice de indeterminação do sujeito. Há uma outra forma de identificar o sujeito indeterminado. Observe:

Fui assaltado! Roubaram vários pertences.

Nesse caso, perceba que a referência na 3ª pessoa não permite identificar quem seria o sujeito da ação de roubar. Portanto, o sujeito é indeterminado quando a construção é feita com verbo na 3ª pessoa do plural e desconhecemos quem executa determinada ação.

Finalmente, cabe acrescentar que alguns verbos constroem orações sem sujeito. Acompanhe:

- verbos que indicam fenômeno da natureza: “ventar,” “anoitecer”, “nevar” etc. Ex.: Choveu muito!
- verbo “haver” com sentido de “existir”. Ex.: Há muitos pacientes doentes.
- verbos “fazer” e “haver” indicando tempo decorrido. Ex.: Faz meses que não saio de casa.
- verbos “ser” e “estar” demarcando tempo. Ex.: Está muito tarde!

Em caso de oração sem sujeito, os verbos permanecem na 3ª pessoa do singular.

Na função de indicação de tempo, o verbo “ser”, mesmo que componha uma oração sem sujeito, varia conforme a expressão numérica que o acompanha. Ex.: São cinco horas da tarde.

Vocativo

Vocativo é o termo sintático usado para indicar um chamamento ou invocação ao interlocutor. Muitas vezes, é confundido com o sujeito, porém, ao contrário deste, não estabelece concordância com o verbo, já que tem outra função. Observe a charge a seguir.

Emídio Batista de Almeida Filho



Perceba que a expressão “Meu filho” está demarcada por vírgula e designa o interlocutor do pai. A forma verbal “será”, na 3ª pessoa do singular, estabelece concordância com o sujeito simples “Tudo isto”, que, pela imagem, sabemos que é o “lixo”.

Em poemas, os vocativos são usados para expressar um efeito de linguagem chamado de apóstrofe. Com esse recurso estilístico, cria-se um chamamento de alguém ou de algo personificado com finalidade expressiva, tal como ocorre nestes versos do poema “O navio negreiro”, do poeta Castro Alves:

[...]

Senhor Deus dos desgraçados!
Dizei-me vós, Senhor Deus!
Se é loucura... se é verdade
Tanto horror perante os céus?!
Ó mar, por que não apagas
Co’a esponja de tuas vagas

De teu manto este borrão?...
Astros! noites! tempestades!
Rolai das imensidades!
Varrei os mares, tufão!
[...]

ALVES, Castro. *O navio negreiro*. Disponível em: www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000068.pdf. Acesso em: 18 out. 2021.

Na construção da estrofe do poema, Castro Alves se vale com frequência do recurso da apóstrofe. Encontramos diversos chamamentos, como “Senhor Deus”, “Ó mar”, “tufão”, e várias invocações, em “Astros! noites! tempestades!”, por exemplo. O poeta mostra a sua indignação perante o navio negreiro e roga a Deus e à fúria do mar para que acabe tal sofrimento.

Predicado: conceito e classificação

Estudamos, nas aulas anteriores, que o verbo estabelece uma relação de concordância com o sujeito, e ele tem a função de configurar uma ação, um acontecimento ou um estado do sujeito. Do ponto de vista semântico, também já discutimos que os verbos podem ser significativos ou não significativos.

! Atenção

Verbos significativos são aqueles que indicam uma ação ou um acontecimento. Verbos não significativos são os que indicam estado, qualidades e condições, como ser, estar, andar, ficar, permanecer.

Vejamos um cartaz publicitário da Hemoba, que é a fundação responsável pela aplicação da Política Nacional do Sangue no Estado da Bahia.

A vertical publicity poster for Hemoba. The top half has a red background with the text "PRECISAMOS DA SUA AJUDA!" in white. Below this is a large, stylized red blood drop graphic. To the right of the drop, the text reads "A HEMOBA ESTÁ COM ESTOQUE CRÍTICO DE SANGUE TIPOS:". Below the text are five circular icons representing blood types: O-, O+, A-, B-, and AB-. At the bottom, there is a black banner with the hashtag "#DOESANGUE" and the website "WWW.HEMOBA.BA.GOV.BR". To the right of the banner is the Hemoba logo, which includes the text "HEMOBA" and "DOE ALEGRIA. DOE SANGUE." in red and black. On the far right edge, there is a vertical text credit: "Arquivo da Fundação de Hematologia e Hemoterapia da Bahia".

Observe dois trechos retirados do cartaz:

Precisamos	da sua ajuda!
verbo significativo	complemento verbal

Se o verbo for significativo, isto é, se configurar uma ação ou um acontecimento, o predicado será verbal e seu núcleo informacional será o próprio verbo. Os verbos significativos podem necessitar de complementos para que a informação fique mais completa. No caso do cartaz, o complemento verbal “da sua ajuda” mostra que a Hemoba precisa do apoio da população.

A Hemoba	está	com estoque crítico de sangue
sujeito	verbo não significativo	predicativo do sujeito

Entretanto, se a sentença apresenta um verbo de ligação, o predicado será nominal, posto que o núcleo informacional será o predicativo do sujeito, termo que configura um estado do sujeito e é conectado a ele por meio de um verbo de ligação. Pensando no cartaz, a informação sobre o estado crítico do estoque de sangue da Hemoba evidencia a gravidade da situação.

Agora, observe os títulos a seguir.

Alasca se torna o primeiro estado americano a vacinar todos acima de 16 anos

ROSEN, Yereth. *CNN Brasil* com informações da Reuters, 10 mar. 2021.

Nevasca deixa milhões sem luz nos Estados Unidos

Estadão Conteúdo, 15 fev. 2021.

No primeiro exemplo, o verbo “tornar-se” indica uma condição, e a expressão “o primeiro estado americano a vacinar todos acima de 16 anos” atua caracterizando o sujeito “Alasca”, portanto é predicativo do sujeito. No segundo exemplo, o verbo “deixar” é transitivo direto e tem como complemento a expressão “milhões”, classificada como objeto direto, seguida de outra expressão que a caracteriza, fornecendo-lhe uma informação de estado. É como se fossem somadas duas informações: nevasca deixa milhões + milhões ficam sem luz. Nessa situação, o termo “sem luz” é predicativo do objeto.

Observe que o predicado do segundo exemplo é construído com dois núcleos informacionais: um verbo significativo e um predicativo do objeto, o que se configura como predicado verbo-nominal. Os conceitos de complemento verbal e de predicativo serão retomados mais à frente.

Verbo e transitividade

O verbo se destaca no meio de outras classes de palavras por ter uma função de organizador da sentença. Essa organização ocorre porque o radical verbal revela uma carga semântica que seleciona os complementos

da sentença, enquanto o sufixo número-pessoal contribui para a seleção do sujeito. No estudo da língua, dá-se o nome de transitividade a essa propriedade sintática de organização por meio de complementos. A transitividade não é uma propriedade exclusiva dos verbos, pois ela ocorre também entre substantivos, adjetivos, advérbios e preposições sempre que essas palavras selecionam outra para complementá-las.

Vamos observar a transitividade do verbo “mudar”:

CBF muda horário do segundo jogo da final da Copa do Brasil

LISBOA, Fábio (Ed.). *Agência Brasil*, 22 fev. 2021.

“Mudar” foi usado como verbo transitivo direto, tendo selecionado “horário” para seu complemento. Podemos notar que o complemento do verbo também recebe complementação (“do segundo jogo da final da Copa do Brasil”).

Toffoli mudou de ideia sobre a reeleição de Maia e Alcolumbre

JARDIM, Lauro. *O Globo*, 7 dez. 2020.

Nesse caso, “mudar” foi usado como verbo transitivo indireto, tendo selecionado “de ideia” para seu complemento. Podemos perceber que o complemento é iniciado pela preposição “de”.

Alguns verbos não precisam apresentar complementos, pois já têm sentido completo. É o caso dos verbos intransitivos.

Leia o título a seguir.

Campo magnético da Terra muda mais rápido do que se previa

Época Negócios com informações da Agência ANSA, 8 jul. 2020.

O verbo “mudar” foi usado, nesse contexto, como intransitivo, pois apresenta sentido completo, sem a necessidade de um complemento verbal. A expressão “mais rápido do que se previa” modifica a ação do verbo, detalhando-a, porém não a complementa.

Mudar a TV de lugar transforma a sala

MELLO, Mariana. *Revista Casa e Jardim*, 1^o jul. 2015.

Aqui, o verbo “mudar” apresenta transitividade direta e indireta, no sentido de deslocar algo de um lugar para outro. Observe que ao verbo são agregados um complemento verbal direto, “a TV”, e um indireto, “de lugar”.

Complementos verbais

Pelos títulos de notícias analisados anteriormente, podemos observar que os complementos verbais (ou objetos) especificam ou modificam o sentido do predicado e designam um objeto para o qual se orienta a ação verbal ou para o qual a ação está orientada.

O complemento direto ocorre normalmente sem preposição, mas há casos em que ela pode ser obrigatória, como antes de:

pronome átono	pronome “quem”	nome “Deus”
A mim, ninguém me engana.	Ela trabalhava com sua irmã, a quem tanto amava.	Amar a Deus.

Devido aos sentidos que agrega à sentença, o complemento verbal direto também é chamado de objeto direto (OD). Ao complementar o verbo, o objeto pode informar sobre o resultado da ação verbal (objeto efetuado) ou o paciente dessa ação (objeto afetado).

Observe as manchetes.

Rubem Fonseca escreveu primeiro livro aos 17 anos [...]

G1, 15 abr. 2020.

O verbo “escreveu” tem como complemento “primeiro livro”, cujo sentido resulta da ação do verbo escrever. Assim, “primeiro livro” é um objeto efetuado.

Homem rouba motoboy no ES [...]

G1, 22 out. 2020.

“Rouba” tem como complemento “motoboy”, o qual assume um sentido de paciente da ação de roubar. Por isso, “motoboy” é um objeto afetado.

O objeto direto ainda pode agregar ao verbo sentido locativo, como em:

Centenas de manifestantes invadem o palácio presidencial na cidade iemenita de Adén

Isto É com informações da *AFP*, 16 mar. 2021.

O verbo “invadem” tem um complemento cujo sentido é o de “localidade”.

O complemento indireto é regido geralmente pela preposição “a” e ocorre com alguns verbos transitivos indiretos (obedecer, agradecer etc.) e transitivos diretos e indiretos (dar, responder, perguntar etc.). A posição do complemento indireto é normalmente após o verbo, e esse complemento é também nomeado de objeto indireto (OI), agregando ao verbo informações sobre o destinatário ou beneficiário da ação.

Nova York dará US\$ 500 a funcionário público que provar vacinação [...]

SHERMAN, Stacie. *O Globo* com informações da *Bloomberg*, 20 out. 2021.

O verbo “dará” tem como objeto indireto “funcionário público que provar vacinação”, evidenciando o destinatário da ação do verbo “dar”.

Os complementos verbais contribuem para a construção de sentidos em textos diversos. Leia o cartaz a seguir de uma campanha do agasalho.



Reprodução

O cartaz acima apresenta duas sentenças em destaque. Vamos analisá-las.

Sentença 1:

Sua doação aquece uma vida.

O verbo “aquece” rege o objeto direto “uma vida”, cujo sentido resulta da ação do verbo aquecer. Pensando no propósito do cartaz, podemos dizer que a doação de agasalhos mantém a “vida aquecida”, ou seja, mantém a sobrevivência de pessoas sem vestimentas em dias frios.

Sentença 2:

Toda a arrecadação será doada à população em situação de rua.

Na sentença acima, a locução verbal “será doada” tem como objeto indireto “à população em situação de rua”, o qual agrega a informação do beneficiário da ação de “doar”. O cartaz traz a informação específica das pessoas que receberão as doações e, com isso, mostra que a campanha está organizada e direcionada para beneficiar um grupo específico.

Nos textos jornalísticos, cuja função é informativa, os complementos verbais cumprem a importante função de orientar o sentido dos verbos e explicitar os fatos. Observe:

Universitários reclamam de frequentes mudanças em grades curriculares

Em todo o país, universitários reclamam de prejuízos causados pela liberdade de as faculdades modificarem, a qualquer

tempo, o conteúdo de seus cursos. Estudantes, especialistas e entidades ouvidas pela Agência Brasil dizem que os mais afetados por súbitas mudanças pedagógicas são os alunos de instituições particulares que, em muitos casos, veem o sonho da formatura adiado e têm que arcar com custos inesperados. [...]

RODRIGUES, Alex; BERALDO, Lílian (Ed.). *Agência Brasil*, 15 mar. 2021. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2021-03/universitarios-reclamam-de-frequentes-mudancas-em-grades-curriculares>. Acesso em: 25 out. 2021.

Vejam, no quadro a seguir, os verbos do excerto anterior com seus respectivos complementos verbais.

Verbos	Complementos verbais
Reclamam	de frequentes mudanças em grades curriculares (OI) / de prejuízos (OI)
Modificar	o conteúdo de seus cursos (OD)
Dizem	que os mais afetados por súbitas mudanças pedagógicas são os alunos de instituições particulares (OD)
Veem	o sonho da formatura adiado (OD)
Têm	que arcar com custos inesperados (OD)

Vejam que os verbos podem ser complementados por uma oração inteira, como ocorre na reprodução das falas – iniciadas pelo pronome “que” – de estudantes, especialistas e entidades ouvidas pelo jornal.

Agente da passiva e adjunto adverbial

Além dos complementos verbais, são também termos associados ao verbo o agente da passiva e o adjunto adverbial.

AGENTE DA PASSIVA

Anteriormente, vimos que o verbo apresenta flexão de voz, podendo se apresentar na voz ativa, passiva ou reflexiva. A seguir, leia a manchete de uma notícia.

Cavalo cai em piscina e é resgatado pelos bombeiros, em Montes Claros

PEREIRA, Marina. *G1 Grande Minas*, 18 mar. 2021.

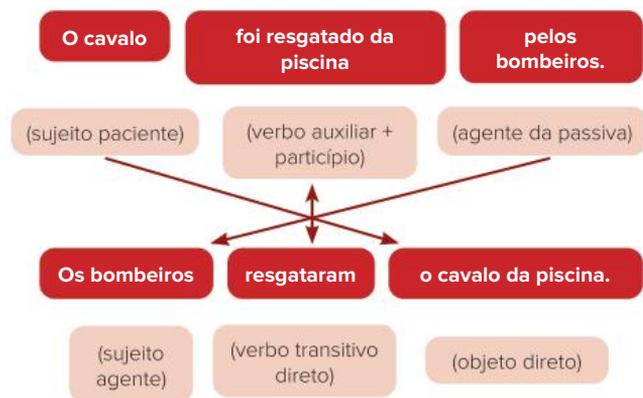
A locução verbal “é resgatado” indica que o cavalo foi resgatado graças à ação dos bombeiros.

Agora, observe:

Voz passiva	Voz ativa
O cavalo foi resgatado da piscina pelos bombeiros.	Os bombeiros resgataram o cavalo da piscina.
O cavalo = sujeito paciente pelos bombeiros = agente da passiva	o cavalo = objeto direto Os bombeiros = sujeito agente

A partir das sentenças, percebemos que, na voz passiva, o sujeito é paciente, isto é, recebe a ação representada pelo verbo. Na transformação em voz ativa, o sujeito paciente corresponde ao objeto direto do verbo.

O termo que indica quem é o agente da ação é denominado, na voz passiva, de agente da passiva. Esse termo geralmente é introduzido pela preposição “por” e suas contrações (“pelo”, “pelos”, “pela”, “pelas”). Na transposição para a voz ativa, o agente da passiva equivale ao sujeito agente. Veja o esquema:



ADJUNTO ADVERBIAL

Você já estudou os advérbios. Em uma sentença, a função sintática dessa classe de palavras é a de adjunto adverbial, que modifica a circunstância de um verbo, de um adjetivo, de outro advérbio e, às vezes, de uma sentença inteira. Leia o trecho a seguir.

Festa do Livro da USP terá a presença de 225 editoras

[...] Se os brasileiros estão lendo **mais**, a tendência é que a 23ª Festa do Livro da USP seja uma grande celebração para os milhares de participantes previstos, que terão à disposição livros de 225 editoras com no mínimo 50% de desconto. Promovida pela Editora da USP (Edusp), a Festa do Livro da USP começa às **9 horas do dia 8 de novembro, segunda-feira**, e termina **no dia 15** [...].

ALVES, Juliana. *Jornal da USP*, 5 nov. 2021. Disponível em: <https://jornal.usp.br/cultura/festa-do-livro-da-usp-tera-a-presenca-de-225-editoras/>. Acesso em: 8 nov. 2021.

No trecho, as expressões “mais”, “às 9 horas do dia 8 de novembro, segunda-feira” e “no dia 15” são adjuntos adverbiais que estão atuando com os verbos “ler”, “começar” e “terminar”, respectivamente, demarcando intensidade, no primeiro caso, e tempo, no segundo e no terceiro. Os adjuntos adverbiais são termos que não são obrigatórios em uma sentença, mas, se eles aparecem, contribuem com informações significativas para o entendimento do enunciado. Eles são classificados conforme a modificação que aportam aos verbos. Nos contextos reais de uso da língua, os adjuntos adverbiais podem apresentar valores semânticos diversos.

Vejam os exemplos:

Classificação dos advérbios e exemplos	
Lugar	Venha aqui comigo.
Afirmação	Certamente iremos viajar nas férias.
Negação	Nunca diga que não conseguirá.
Dúvida	Talvez ela falte amanhã.
Tempo	O shopping será fechado às oito da noite.
Modo	Ele se aproximou de mim rapidamente.
Intensidade	Estudei demais para a prova.
Ordem	Primeiramente, sente-se!
Exclusão	Fale somente o necessário.

Note, nos exemplos, que o adjunto adverbial pode aparecer no início, no meio ou no final da sentença. Na língua portuguesa, considera-se ordem direta: sujeito + verbo + complemento (se houver) + adjunto adverbial (se houver).

Revisando

- UTFPR** Assinale a alternativa em que há oração sem sujeito.
 - Esperanças haverá sempre.
 - Ninguém trovejou de tanta raiva quanto eu.
 - Haveria desejado ele tudo isso?
 - Alguém havia aberto a porta.
 - Choveu papel picado nas ruas de Curitiba.
- UFC-CE 2015** Assinale a alternativa em que o predicado é nominal.
 - Eu fico sem jeito.
 - Defendo o mal-estar.
 - A convenção reencena-se.
 - Os anos não acabam mais.
 - Amores terminam sozinhos.
- Leia o soneto de Olavo Bilac para responder à questão.

Em uma tarde de outono

Outono. Em frente ao mar. Escancaro as janelas
Sobre o jardim calado, e as águas miro, absorto.
Outono... Rodopiando, as folhas amarelas
Rolam, caem. Viuvez, velhice, desconforto...

Por que, belo navio, ao clarão das estrelas,
Visitaste este mar inabitado e morto,
Se logo, ao vir do vento, abriste ao vento as velas,
Se logo, ao vir da luz, abandonaste o porto?

A água cantou. Rodeava, aos beijos, os teus flancos
A espuma, desmanchada em riso e flocos brancos...
Mas chegaste com a noite, e fugiste com o sol!

E eu olho o céu deserto, e vejo o oceano triste,
E contemplo o lugar por onde te sumiste,
Banhado no clarão nascente do arrebol...

BILAC, Olavo. *Alma inquieta*. Disponível em: www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000285.pdf. Acesso em: 12 nov. 2021.

No contexto do soneto, assinale a alternativa **incorreta**.

- Os verbos “escancaro” e “miro” (1ª estrofe) são transitivos diretos.
 - Os verbos “rodopiando”, “rolam” e “caem” (1ª estrofe) são transitivos indiretos.
 - O verbo “abriste” (2ª estrofe) é transitivo direto e indireto.
 - Os verbos “chegaste” e “fugiste” (3ª estrofe) são transitivos indiretos.
- 4. FMPA-MG** “Quando me procurar o desencanto, eu direi, sereno e confiante, que a vida não foi de todo inútil.”
O sujeito de “procurar” é:
- indeterminado
 - eu (elíptico)
 - o desencanto
 - me
 - inexistente
- 5.** Leia o cartaz:



O verbo “diga”, em suas duas ocorrências, é transitivo direto e indireto. A proposição é verdadeira ou falsa? Justifique.

6. **UFSC** “Resolveu sair, nunca, o trataram assim, havia ali muitas pessoas que não gostavam dele...”

Indique a soma das alternativas verdadeiras.

- 01 O sujeito do período “Resolveu sair” é indeterminado.
02 O sujeito do verbo “havia” é oculto.
04 O sujeito de “trataram” é indeterminado.
08 O sujeito de “gostavam” é simples.
16 A oração “havia ali muitas pessoas” não possui sujeito.
32 O sujeito de “havia” é muitas pessoas.

Soma:

7. Leia a manchete a seguir.

Última novela de Gilberto Braga foi engavetada pela Globo

CAPUANO, Amanda. *Veja*, 27 out. 2021.

No título da notícia, há a presença de agente da passiva. Identifique-o e, na sequência, transcreva a sentença na voz ativa.

8. **PUC-SP** O verbo “ser”, na oração: “Eram cinco horas da manhã...”, é:

- a) pessoal e concorda com o sujeito indeterminado.
b) impessoal e concorda com o objeto direto.
c) impessoal e concorda com o sujeito indeterminado.
d) impessoal e concorda com a expressão numérica.
e) pessoal e concorda com a expressão numérica.

9. **IFCE 2014** Leia o período que segue.

Não é conveniente **que você estude no exterior**.

Temos, nesse exemplo, um período composto por subordinação, com uma **oração subordinada substantiva subjetiva** destacada. Outra oração subjetiva, porém reduzida de infinitivo, está na opção

- a) Não quero **você estudando no exterior**.
b) Não quero ver **você estudar no exterior**.
c) Não é bom **você estudar no exterior**.
d) **Você ter estudado no exterior** foi a melhor coisa que já aconteceu.
e) O sucesso da sua carreira depende de **você estudar no exterior**.

10. **Uema** Em qual das alternativas existe oração sem sujeito?

- a) Houveram-se bem nos estudos.
b) Havia sido aprovado com distinção.
c) Fazia móveis em casa.
d) Bateu quatro horas o relógio.
e) Fazia horas que procuravam uma sombra.

Exercícios propostos

1. **IFSul-RS 2016** Observe o período: “Ri, *enquanto falo de um assunto sério*”.

Assinale a alternativa que contém somente informações corretas sobre a oração destacada em itálico.

- a) Trata-se de uma oração coordenada, que dá circunstância de tempo ao período.
- b) O período é composto por subordinação e a oração destacada é a principal.
- c) A oração destacada empresta ideia de condição à oração principal.
- d) O período é composto por coordenação e a oração destacada se classifica como sindética conclusiva.
- e) É uma oração subordinada, que faz papel de adjunto adverbial de tempo em relação ao período.

2. **UEL-PR 2019** Leia a crônica a seguir, de Luis Fernando Veríssimo, e responda à questão.

Ser um tímido notório é uma contradição. O tímido tem horror a ser notado, quanto mais a ser notório. Se ficou notório por ser tímido, então tem que se explicar. Afinal, que retumbante timidez é essa, que atrai tanta atenção? Se ficou notório apesar de ser tímido, talvez estivesse se enganando junto com os outros e sua timidez seja apenas um estratagema para ser notado. Tão secreto que nem ele sabe. É como no paradoxo psicanalítico: só alguém que se acha muito superior procura o analista para tratar um complexo de inferioridade, porque só ele acha que se sentir inferior é doença.

Todo mundo é tímido, os que parecem mais tímidos são apenas os mais salientes. Defendo a tese de que ninguém é mais tímido do que o extrovertido. O extrovertido faz questão de chamar atenção para sua extroversão, assim ninguém descobre sua timidez. Já no notoriamente tímido a timidez que usa para disfarçar sua extroversão tem o tamanho de um carro alegórico. Daqueles que sempre quebram na concentração.

Segundo minha tese, dentro de cada Elke Maravilha existe um tímido tentando se esconder e dentro de cada tímido existe um exibido gritando “Não me olhem! Não me olhem!”, só para chamar a atenção.

O tímido nunca tem a menor dúvida de que, quando entra numa sala, todas as atenções se voltam para ele e para sua timidez espetacular. Se cochicham, é sobre ele. Se riem, é dele. Mentalmente, o tímido nunca entra num lugar. Explode no lugar, mesmo que chegue com a maciez estudada de uma noviça. Para o tímido, não apenas todo mundo mas o próprio destino não pensa em outra coisa a não ser nele e no que pode fazer para embaracá-lo. O tímido vive acossado pela catástrofe possível. Vai tropeçar e cair e levar junto a anfitriã. Vai ser acusado do que não fez, vai descobrir que estava com a braguilha aberta o tempo todo. E tem certeza de que cedo ou tarde vai acontecer o que o tímido mais teme, o que tira o seu sono e apavora os seus dias: alguém vai lhe passar a palavra.

O tímido tenta se convencer de que só tem problemas com multidões, mas isto não é vantagem. Para o tímido, duas pessoas são uma multidão. Quando não consegue escapar e se vê diante de uma plateia, o tímido não pensa nos membros da plateia como indivíduos. Multiplica-os por quatro, pois cada indivíduo tem dois olhos e dois ouvidos. Quatro vias, portanto, para receber suas gafes. Não adianta pedir para a plateia fechar os olhos, ou tapar um olho e um ouvido para cortar o desconforto do tímido pela metade. Nada adianta.

O tímido, em suma, é uma pessoa convencida de que é o centro do Universo, e que seu vexame ainda será lembrado quando as estrelas virarem pó.

VERÍSSIMO, Luis Fernando. Da Timidez. In: *Comédias para se ler na escola*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. p. 111-112.

Acerca dos recursos morfossintáticos presentes no trecho “O tímido, em suma, é uma pessoa convencida de que é o centro do Universo, e que seu vexame ainda será lembrado quando as estrelas virarem pó”, considere as afirmativas a seguir.

- I. Em “O tímido, em suma, é uma pessoa convencida”, a oração funciona como principal.
- II. A oração “de que é o centro do Universo” funciona como complemento nominal do adjetivo “convencida”.
- III. Na oração “quando as estrelas virarem pó”, o termo “pó” caracteriza o sujeito “estrelas”.
- IV. No fragmento “e que seu vexame ainda será lembrado”, a oração tem sentido consecutivo.

Assinale a alternativa correta.

- a) Somente as afirmativas I e II são corretas.
- b) Somente as afirmativas I e IV são corretas.
- c) Somente as afirmativas III e IV são corretas.
- d) Somente as afirmativas I, II e III são corretas.
- e) Somente as afirmativas II, III e IV são corretas.

3. **Faap-SP** “Triste ironia atroz que o senso humano irrita: Ele que doira a noite e ilumina a cidade...”. O sujeito do verbo “irritar” é:

- a) ironia
- b) que (ironia)
- c) senso humano
- d) ele (senso humano)
- e) indeterminado

4. **Univesp 2017** Assinale a alternativa que apresenta um período escrito de acordo com a norma-padrão da língua portuguesa.

- a) Me disseram que ele viria mais tarde.
- b) Ele não irá enganar ela de novo.
- c) Tô com medo do escuro, papai!
- d) Houveram muitas reclamações a respeito daquele professor.
- e) Faz duas semanas que ele viajou.

5. Observe:



Fonte: PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA; CONSELHO MUNICIPAL DOS DIREITOS DA PESSOA IDOSA (CMDPI); FUNDAÇÃO DE AÇÃO SOCIAL (FAS). Disponível em: www.curitiba.pr.gov.br/noticias/campanha-alerta-para-a-necessidade-de-protecao-aos-idosos/50159. Acesso em: 11 nov. 2021.

O cartaz apresentado faz parte de uma campanha publicitária divulgada, em abril de 2019, pelo Conselho Municipal dos Direitos da Pessoa Idosa (CMDPI) e pela Fundação de Ação Social (FAS), com o intuito de alertar os idosos sobre cuidados no trânsito. Identifique no enunciado “Pessoas idosas têm mais risco de serem atropeladas. Dirija com atenção.” os tipos de períodos.

6. **Fuvest-SP 2020** Leia o trecho extraído de uma notícia veiculada na internet:

“O carro furou o pneu e bateu no meio fio, então eles foram obrigados a parar. O refém conseguiu acionar a população, que depois pegou dois dos três indivíduos e tentaram linchar eles. O outro conseguiu fugir, mas foi preso momentos depois por uma viatura do 5^a BPM”, afirmou o major.

Disponível em <https://www.gp1.com.br/>.

No português do Brasil, a função sintática do sujeito não possui, necessariamente, uma natureza de agente, ainda que o verbo esteja na voz ativa, tal como encontrado em:

- a) “O carro furou o pneu”.
- b) “e bateu no meio fio”.
- c) “O refém conseguiu acionar a população”.
- d) “tentaram linchar eles”.
- e) “afirmou o major”.

7. **Fesp** Em “Retira-te, criatura ávida de vingança!”, o sujeito é:

- a) te.
- b) inexistente.
- c) oculto determinado.
- d) criatura.
- e) n.d.a.

8. **Enem 2013** Gripado, penso entre espirros em como a palavra gripe nos chegou após uma série de contágios entre línguas. Partiu da Itália em 1743 a epidemia de gripe que disseminou pela Europa, além do vírus propriamente dito, dois vocábulos virais: o italiano *influenza* e o francês *grippe*. O primeiro era um termo derivado do latim medieval *influentia*, que significava “influência dos astros sobre os homens”. O segundo era apenas a forma nominal do verbo *gripper*, isto é, “agarrar”. Supõe-se

que fizesse referência ao modo violento como o vírus se apossa do organismo infectado.

RODRIGUES, S. Sobre palavras. *Veja*, São Paulo, 30 nov. 2011.

Para se entender o trecho como uma unidade de sentido, é preciso que o leitor reconheça a ligação entre seus elementos. Nesse texto, a coesão é construída predominantemente pela retomada de um termo por outro e pelo uso da elipse. O fragmento do texto em que há coesão por elipse do sujeito é:

- a) “[...] a palavra gripe nos chegou após uma série de contágios entre línguas.”
- b) “Partiu da Itália em 1743 a epidemia de gripe [...]”.
- c) “O primeiro era um termo derivado do latim medieval *influentia*, que significava ‘influência dos astros sobre os homens’.”
- d) “O segundo era apenas a forma nominal do verbo *gripper* [...]”.
- e) “Supõe-se que fizesse referência ao modo violento como o vírus se apossa do organismo infectado.”

9. **Unesp 2015** A questão toma por base uma passagem de um romance de Autran Dourado (1926- 2012).

A gente Honório Cota

Quando o coronel João Capistrano Honório Cota mandou erguer o sobrado, tinha pouco mais de trinta anos. Mas já era homem sério de velho, reservado, cumpridor. Cuidava muito dos trajes, da sua aparência medida. O jaquetão de casimira inglesa, o colete de linho atravessado pela grossa corrente de ouro do relógio; a calça é que era como a de todos na cidade — de brim, a não ser em certas ocasiões (batizado, morte, casamento — então era parelho mesmo, por igual), mas sempre muito bem passada, o vinco perfeito. Dava gosto ver:

O passo vagaroso de quem não tem pressa — o mundo podia esperar por ele, o peito magro estufado, os gestos lentos, a voz pausada e grave, descia a rua da Igreja cumprimentando cerimoniosamente, nobremente, os que por ele passavam ou os que chegavam na janela muitas vezes só para vê-lo passar.

Desde longe a gente adivinhava ele vindo: alto, magro, descarnado, como uma ave pernalta de grande porte. Sendo assim tão descomunal, podia ser desajeitado: não era, dava sempre a impressão de uma grande e ponderada figura. Não jogava as pernas para os lados nem as trazia abertas, esticava-as feito medisse os passos, quebrando os joelhos em reto.

Quando montado, indo para a sua Fazenda da Pedra Menina, no cavalo branco ajazado de couro trabalhado e prata, aí então sim era a grande, imponente figura, que enchia as vistas. Parecia um daqueles cavaleiros antigos, fugidos do Amadis de Gaula ou do Palmeirim, quando iam para a guerra armados cavaleiros.

(*Ópera dos mortos*, 1970.)

No início do segundo parágrafo, por ter na frase a mesma função sintática que o vocábulo “vagaroso” com relação a “passo”, a oração “de quem não tem pressa” é considerada

- a) coordenada sindética.
- b) subordinada substantiva.
- c) subordinada adjetiva.
- d) coordenada assindética.
- e) subordinada adverbial.

10. UEG-GO 2020

As fontes somáticas dos sonhos

Apesar de haver objeções em contrário, é forçoso admitir que o papel desempenhado na causação dos sonhos pelas excitações sensoriais objetivas durante o sono permanece indiscutível. E se, por sua natureza e frequência, esses estímulos parecem insuficientes para explicar todas as imagens oníricas, somos incentivados a buscar outras fontes de sonhos análogas a eles em seu funcionamento.

Também a influência dos estímulos somáticos orgânicos sobre a formação dos sonhos é quase universalmente aceita hoje em dia; mas a questão das leis que regem a relação entre eles é respondida das mais diversas maneiras, e muitas vezes por afirmações obscuras. Com base na teoria da estimulação somática, a interpretação dos sonhos defronta-se assim com o problema especial de atribuir o conteúdo de um sonho aos estímulos orgânicos que o causaram; e, quando as normas de interpretação formuladas por algum pesquisador respeitado não são aceitas, muitas vezes nos vemos diante do fato desconcertante de que a única coisa que revela a existência do estímulo orgânico é precisamente o conteúdo do próprio sonho. [...]

Durante toda a discussão da teoria das fontes somáticas dos sonhos que apresentei anteriormente, absteve-me de usar o argumento baseado em minha análise dos sonhos. Se ele puder ser confirmado, através de um procedimento não empregado por outros autores em seu material onírico, que os sonhos possuem um valor próprio como atos psíquicos, o de que os desejos são o motivo de sua concentração e que as experiências do dia anterior fornecem o material imediato para seu conteúdo, qualquer outra teoria dos sonhos que despreze um procedimento de pesquisa tão importante e que, por conseguinte, considere os sonhos como uma reação psíquica inútil e enigmática a estímulos somáticos estará condenada, sem necessidade maior de críticas específicas. De outra forma – e isso parece bastante improvável – teria de haver duas espécies bem diferentes de sonhos, um das quais só eu pude observar, e outra que só pôde ser percebida pelos autores mais antigos. Resta apenas, portanto, encontrar em minha teoria dos sonhos um lugar para os fatos em que se baseia a atual teoria da estimulação somática dos sonhos.

Já demos o primeiro passo nessa direção ao propor a tese de que o trabalho do sonho está sujeito à exigência de combinar em uma unidade os estímulos ao sonhar que estiverem simultaneamente em ação. Verificamos que, quando duas ou mais experiências capazes de criar uma impressão são deixadas pelo dia anterior, os desejos delas derivados se combinam num único sonho, e, de modo similar, que a impressão psiquicamente significativa e as experiências irrelevantes da véspera são reunidas no material onírico, sempre desde que seja possível estabelecer

entre elas representações comunicantes. Assim, o sonho parece ser uma reação a tudo o que está simultaneamente presente na mente adormecida como material correntemente ativo. Até onde analisamos o material dos sonhos, vimo-lo como uma coletânea de resíduos psíquicos e traços mnêmicos, à qual (em virtude da preferência mostrada por material recente e infantil) fomos levados a atribuir uma qualidade até aqui indefinível de ser “correntemente ativo”. Podemos por isso antever, sem grandes dificuldades, o que acontecerá se um material nosso, sob a forma de sensações, for acrescentado durante o sono a essas lembranças correntemente ativas. É também graças ao fato de serem correntemente ativas que essas excitações sensoriais são importantes para o sonho; elas se unem ao outro material psíquico correntemente ativo para fornecer aquilo que é usado para a construção do sonho. Em outras palavras, os estímulos que surgem durante o sono são os conhecidos “restos diurnos” psíquicos. Essa combinação não precisa ocorrer; como já assinali, há mais de uma maneira de reagir a um estímulo somático durante o sono. Quando ela efetivamente ocorre, isso significa que foi possível encontrar, para servir de conteúdo do sonho, um material de representações de tal ordem que é capaz de representar ambos os tipos de fontes do sonho: a somática e a psíquica.

A natureza essencial do sonho não é alterada pelo fato de se acrescentar material somático a suas fontes psíquicas: o sonho continua a ser a realização de um desejo, não importa de que maneira a expressão dessa realização de desejo seja determinada pelo material correntemente ativo.

FREUD, Sigmund. *A interpretação dos sonhos*. 20. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018. p. 50; 215-216 (Adaptado).

Se o período “Apesar de haver objeções em contrário, é forçoso admitir que o papel desempenhado na causação dos sonhos pelas excitações sensoriais objetivas durante o sono permanece indiscutível.” (linhas 1-4) for transformado sintaticamente em uma construção adversativa, o resultado será o seguinte:

- a) É forçoso admitir que o papel desempenhado na causação dos sonhos pelas excitações sensoriais objetivas durante o sono permanece indiscutível, mas há objeções em contrário.
- b) É forçoso admitir que o papel desempenhado na causação dos sonhos pelas excitações sensoriais objetivas durante o sono permanece indiscutível, embora haja objeções em contrário.
- c) Porquanto haja objeções em contrário, é forçoso admitir que o papel desempenhado na causação dos sonhos pelas excitações sensoriais objetivas durante o sono permanece indiscutível.
- d) Para que haja objeções em contrário, é forçoso admitir que o papel desempenhado na causação dos sonhos pelas excitações sensoriais objetivas durante o sono permanece indiscutível.
- e) Tendo em vista que há objeções em contrário, é forçoso admitir que o papel desempenhado na causação dos sonhos pelas excitações sensoriais objetivas durante o sono permanece indiscutível.

11. **UFPR** Dê a soma da(s) alternativa(s) que apresente(m) sujeito indeterminado.

- 01 Alugaram-se muitos apartamentos na praia.
- 02 Neste estado há muitos desempregados.
- 04 Ontem fecharam a loja bem cedo.
- 08 Trabalhou-se muito na última eleição.
- 16 Espera-se você no próximo feriado.
- 32 Duvidou-se de sua palavra.

Soma:

12. **Fuvest-SP 2016** Mito, na acepção aqui empregada, não significa mentira, falsidade ou mistificação. Tomo de empréstimo a formulação de Hans Blumenberg do mito político como um processo contínuo de trabalho de uma narrativa que responde a uma necessidade prática de uma sociedade em determinado período. Narrativa simbólica que é, o mito político coloca em suspenso o problema da verdade. Seu discurso não pretende ter validade factual, mas também não pode ser percebido como

10 mentira (do contrário, não seria mito). O mito político confere um sentido às circunstâncias que envolvem os indivíduos: ao fazê-los ver sua condição presente como parte de uma história em curso, ajuda a compreender e suportar o mundo em que vivem.

ENGELKE, Antonio. O anjo redentor. *Piauí*, ago. 2018, ed. 143, p. 24.

Sobre o sujeito da oração “em que vivem” (L. 14), é correto afirmar:

- a) Expressa indeterminação, cabendo ao leitor deduzir a quem se refere a ação verbal.
- b) Está oculto e visa evitar a repetição da palavra “circunstâncias” (L. 11).
- c) É uma função sintática preenchida pelo pronome “que” (L. 14).
- d) É indeterminado, tendo em vista que não é possível identificar a quem se refere a ação verbal.
- e) Está oculto e seu referente é o mesmo do pronome “os” em “fazê-los” (L. 12).

13. **FGV-SP 2015** “Vais encontrar o mundo, disse-me meu pai, à porta do Ateneu. Coragem para a luta.” Bastante experimentei depois a verdade deste aviso, que me despia, num gesto, das ilusões de criança educada exoticamente na estufa de carinho que é o regime do amor doméstico; diferente do que se encontra fora, tão diferente, que parece o poema dos cuidados maternos um artifício sentimental, com a vantagem única de fazer mais sensível a criatura à impressão rude do primeiro ensinamento, tèmpera brusca da vitalidade na influência de um novo clima rigoroso. Lembramo-nos, entretanto, com saude hipócrita, dos felizes tempos; como se a mesma incerteza de hoje, sob outro aspecto, não nos houvesse perseguido outrora, e não viesse de longe a enfiada das decepções que nos ultrajam.

Eufemismo, os felizes tempos, eufemismo apenas, igual aos outros que nos alimentam, a saudade dos dias que correram como melhores. Bem considerando, a atualidade é a mesma em todas as datas.

(Raul Pompeia, *O Ateneu*)

Na frase “disse-me meu pai”, ocorre ordem indireta, uma vez que seu sujeito está posposto ao verbo. No texto, há outros exemplos desse tipo de inversão.

Considere os seguintes trechos:

- I. “que me despia, num gesto, das ilusões de criança educada exoticamente na estufa de carinho”;
- II. “que parece o poema dos cuidados maternos um artifício sentimental”;
- III. “e não viesse de longe a enfiada das decepções”.

Configura também frase com sujeito posposto a que está citada em

- a) I, apenas.
- b) II, apenas.
- c) II e III, apenas.
- d) III, apenas.
- e) I, II e III.



Texto para as questões de 14 a 18.

Era uma tarde. Tomei o metrô. Estava lotado. Não havia lugares. Segurei-me num balaústre. Eu tinha planejado ler durante a viagem, mas naquela posição isso não era possível. Guardei meu livro e me entreguei a um outro tipo de literatura: a leitura dos rostos... Rostos são objetos oníricos. Cada um deles revela e esconde um sonho de amor. Os meus olhos iam de rosto a rosto, tentando adivinhar o que morava naqueles silêncios: “os corpos naqueles bancos, as almas por longes terras...”. Minha imaginação fantasiava as terras por onde andavam aqueles corpos assentados. E assim eu ia, passando rostos como se fossem páginas de um livro.

Mas de repente minha leitura foi interrompida. Ao passar de um rosto para outro, meus olhos se encontraram com olhos que faziam comigo o que eu estava fazendo com os outros: eles me liam. Era uma jovem. Nossos olhares se encontraram e seu olhar não se desviou. O que é raro. Quando olhos desconhecidos se encontram, eles procuram se defender por meio de um movimento automático: o olhar se desvia. O olhar silencioso do desconhecido é sempre sinistro. Mas os olhos dela não tiveram medo. E chegaram mesmo a sorrir discretamente.

[...] Foi então que ela falou. Não disse coisa alguma. Fez um gesto que dispensava palavras. Simplesmente levantou-se e ofereceu o seu lugar... E a bolha mágica de felicidade em que eu me encontrava estourou, pelo toque de um gesto de gentileza...

Miserável gentileza! Eu teria preferido uma grosseria! De fato, a imagem que ela via era bela. Mais que bela: era terna. Gostara de mim. Seu gesto era uma declaração de amor, quase um abraço. Mas a beleza que ela vira não era a beleza que eu desejava. Ela me amara por uma beleza que não era aquela que meu desejo queria ver. Seu gesto gentil destruiu a bela cena que minha fantasia pintara para colocar no seu lugar uma outra, também bela, mas de uma beleza diferente: uma jovem e um velho, manhã e crepúsculo, primavera e outono.

[...] E foi assim que começou o meu “caso de amor” com a velhice, com o rigor de um silogismo. Primeira premissa: eu sou velho; o gesto da moça do metrô o atesta. Segunda premissa: a velhice é a tarde imóvel, banhada

por uma luz antiqüíssima; a metáfora poética assim o declara. Terceira premissa: essa tarde imóvel me encanta, 45 é bela. [...]

ALVES, Rubem. *As cores do crepúsculo. A estética do envelhecer*. São Paulo: Papirus, 2014, p. 18-25.

14. **UFC-CE 2016** Analisando-se as quatro primeiras orações do texto, é correto afirmar que:
- há dois complementos verbais diretos.
 - o predicado é verbal em três das orações.
 - duas das orações possuem verbo intransitivo.
 - em apenas duas delas o sujeito está posposto.
 - todas possuem sujeito simples e determinado.
15. **UFC-CE 2016** Sobre a ordem dos nomes em: “uma jovem e um velho, manhã e crepúsculo, primavera e outono” (linhas 37-38), é correto afirmar que:
- tem relação direta com a referência nominal.
 - é rigidamente determinada pela sintaxe da frase.
 - evita aproximação de sons desagradáveis ao ouvido.
 - constitui recurso estilístico de gradação decrescente.
 - poderia ser alterada livremente sem prejuízo significativo.
16. **UFC-CE 2016** A forma verbal destacada em “Minha imaginação fantasiava as terras por onde andavam aqueles corpos assentados” (linhas 9-11) está na terceira pessoa do plural, porque:
- é verbo intransitivo e impessoal.
 - o núcleo do sujeito é “corpos” (linha 11).
 - o sujeito composto está posposto ao verbo.
 - refere-se genericamente a “almas” (linha 9).
 - o antecedente “terras” (linha 10) está no plural.
17. **UFC-CE 2016** Assinale a alternativa cujo período contém uma oração adverbial temporal.
- “E assim eu ia, passando rostos como se fossem páginas de um livro” (linhas 11-12).
 - “Mas de repente minha leitura foi interrompida” (linha 13).
 - “Ao passar de um rosto para outro, meus olhos se encontraram com olhos...” (linhas 13-15).
 - “Simplesmente levantou-se e ofereceu o seu lugar” (linhas 24-25).
 - “E a bolha mágica de felicidade em que eu me encontrava estourou” (linhas 25-26).
18. **UFC-CE 2016** Assinale a alternativa em que o termo sublinhado exerce função de núcleo do sujeito.
- Não havia lugares. (linhas 1-2).
 - como se fossem páginas de um livro. (linhas 11-12).
 - Não disse coisa alguma. (linha 23).
 - que minha fantasia pintara (linha 35).
 - começou o meu caso de amor” com a velhice (linhas 39-40).

19. **UEPG-PR** Só num caso a oração é sem sujeito. Assinale-a.
- Faltavam três dias para o batismo.
 - Houve por improcedente a reclamação do aluno.
 - Só me resta uma esperança.
 - Havia tempo suficiente para as comemorações.
 - N.d.a.



Texto para as questões 20 e 21.

Pá, pá, pá

A americana estava há pouco tempo no Brasil. Queria aprender o português depressa, por isto prestava muita atenção em tudo que os outros diziam. [...]

Achava curioso, por exemplo, o “pois é”. Volta e meia, 5 quando falava com brasileiros, ouvia o “pois é”. Era uma maneira tipicamente brasileira de não ficar quieto e ao mesmo tempo não dizer nada. Quando não sabia o que dizer, ou sabia mas tinha preguiça, o brasileiro dizia “pois é”. Ela não aguentava mais o “pois é”.

10 [...] Mas o que ela não entendia mesmo era o “pá, pá, pá”.

— Qual o significado exato de “pá, pá, pá”?

[...] — Onde foi que você ouviu isso?

— É a coisa que eu mais ouço. Quando brasileiro

15 começa a contar história, sempre entra o “pá, pá, pá”.

Como que para ilustrar nossa conversa, chegou-se a nós, providencialmente, outro brasileiro. E um brasileiro com história:

20 — Eu estava ali agora mesmo, tomando um cafezinho, quando chega o Túlio. Conversa vai, conversa vem e coisa e tal e pá, pá, pá...

Eu e a americana nos entreolhamos.

— Funciona como reticências — sugeri eu. — Significa, na verdade, três pontinhos. “Ponto, ponto, ponto.”

25 — Mas por que “pá” e não “pó”? Ou “pi” ou “pu”? Ou “etcetera”?

Me controlei para não dizer — “E o problema dos negros nos Estados Unidos?”.

Ela continuou:

30 — E por que tem que ser três vezes?

— Por causa do ritmo. “Pá, pá, pá.” Só “pá, pá” não dá.

— E por que “pá”?

— Porque sei lá — disse, didaticamente.

35 O outro continuava sua história. História de brasileiro não se interrompe facilmente.

— E aí o Túlio veio com uma lengalenga que vou te contar. Porque pá, pá, pá...

— É uma expressão utilitária — intervi. — Substitui várias palavras por apenas três. [...] São palavras que...

40 — Mas não são palavras. São só barulhos. “Pá, pá, pá.”

— Pois é — disse eu.

VERISSIMO, Luis Fernando. *Comédias da vida privada: 101 crônicas escolhidas*. 15. ed. Porto Alegre: L&PM, 1995, p. 199-201.

20. **UFC-CE 2013** No enunciado “Volta e meia, quando falava com brasileiros, ouvia o ‘pois é’” (linhas 4-5), a expressão destacada é classificada como adjunto adverbial de:

- a) tempo, e equivale a “às vezes”.
- b) tempo, e equivale a “raramente”.
- c) modo, e equivale a “raramente”.
- d) intensidade, e equivale a “às vezes”.
- e) intensidade, e equivale a “muitas vezes”.

21. UFC-CE 2013 Releia o enunciado a seguir (transcrito do texto) e a reescrita sugerida:

I. “A americana estava há pouco tempo no Brasil. Queria aprender o português depressa, por isto prestava muita atenção em tudo que os outros diziam”. (linhas 1-3)

II. “A americana estava há pouco tempo no Brasil. Queria aprender o português depressa, por isto prestava muita atenção em tudo que diziam”.

Sobre o sujeito de “diziam”, o enunciado II, em relação ao enunciado I:

- a) mantém a classificação de sujeito simples, mas modifica o sentido de referência, específica para inespecífica.
- b) modifica a classificação, de simples para indeterminado, mas mantém o sentido de referência inespecífica.
- c) modifica a classificação, de composto para oculto, mas mantém o sentido de referência específica.
- d) modifica a classificação, de simples para oculto, mas mantém o sentido de referência específica.
- e) mantém a classificação de sujeito indeterminado e mantém o sentido de referência inespecífica.

22. UEM-PR 2012

Homo conectus

[...]

Uma charge em recente número da revista *The New Yorker* mostrava uma animada mulher, ao telefone, convidando os amigos para uma festinha em sua casa. “Vai ser daquelas reuniões com todo mundo olhando para seu *iPhone*”, ela diz. O leitor captou? A leitora achou graça? Cartunistas são mais rápidos do que antropólogos e mais diretos do que romancistas. Captam o fenômeno quase no momento mesmo em que vem à luz. O fenômeno em questão é o poder magnético dos *iPhones*, *BlackBerries* e similares. O ato de compra desses aparelhinhos é um contrato que vincula mais que casamento. As pessoas se obrigam a partilhar a vida com eles.

Na charge da *New Yorker*, a mulher estava convidando para uma festa em que, ela sabia – e até se entusiasmava com isso –, as pessoas ficariam olhando para seus *iPhones* ainda mais do que umas para as outras. É assim, desde a sensacional erupção dos tais aparelhinhos, e não só nas ocasiões sociais. O mesmo ocorre nas reuniões de trabalho. Chegam os participantes e cada um já vai depositando à mesa o respectivo *smartphone* (o nome do gênero a que pertencem as espécies). Dalí para a frente, será um olho lá e outro cá, um na reunião e outro na telinha. Não dá para desgarrar dela. De repente pode chegar uma mensagem, aparecer uma notícia importante, surgir a necessidade de uma consulta no *Google*.

O que vale para reuniões sociais e de trabalho vale também para as sessões do Supremo Tribunal Federal. Quem assistiu pela TV Justiça, na semana passada, ao início do julgamento das competências do Conselho Nacional de Justiça, assistiu a uma cena exemplar. Falava o representante da Associação dos Magistrados Brasileiros. A TV Justiça, com seu apego pela câmera parada, modelo *Jean-Luc Godard*, enquadrava o orador e, atrás dele, quatro cadeiras da primeira fila da assistência. Três delas estavam ocupadas, a primeira por uma moça que, coitada, não conseguia se livrar de um ataque de espirros, e as outras duas por cavalheiros cujo tormento, igualmente compulsivo, era não conseguir se livrar dos *smartphones*. (Se o leitor ainda não se deu conta, o melhor, na TV Justiça ou na TV Câmara, é observar o que se passa ao fundo.)

Os dois cavalheiros apresentavam reações características do *Homo connectus*. Um olho lá, outro cá. De vez em quando, um deles guardava o telefoninho no bolso. Será que agora vai sossegar? Não; minutos depois, sacava-o de novo. E se chega uma mensagem? Uma notícia? [...]

Implantam-se novos hábitos sociais. No tempo do celular puro e simples, aquele bicho que só telefonava, havia restrições a seu uso. Não em ambientes mais debochados, como a Câmara dos Deputados por exemplo, onde sempre foi e continua a ser usado sem peias. [...]

O aparelhinho parte a pessoa ao meio. Metade dela está na festa, metade no *smartphone*. Concluída sua oração, metade do senhor da Associação dos Magistrados continuou na sessão do Supremo, metade evadiu-se para o aparelhinho. [...] Abrir mão do aparelhinho, depois de todas as facilidades que trouxe, está fora de questão. Se é para abrir mão de um dos dois lados, que seja o da pessoa. Por exemplo: inventando-se um *smartphone* capaz de sugá-la e reproduzi-la em seu bojo. As reuniões sociais, as de trabalho e as sessões do Supremo, seriam feitas só de *smartphones*, sem a intermediação humana. Delírio? O leitor esquece do que a *Apple* é capaz.

(Roberto Pompeu de Toledo, texto adaptado da Revista *Veja*. São Paulo: Abril, ano 45, n. 6, 08 fev. 2012, p. 126)

Assinale a(s) alternativa(s) correta(s) quanto aos aspectos linguísticos do texto.

- 01** Em “assistiu a uma cena exemplar” (linha 31), o acento indicativo de crase não foi empregado porque não se usa a crase antes de artigo indefinido.
- 02** Em “Implantam-se novos hábitos sociais.” (linha 47), a partícula “se” tem a função de índice de indeterminação do sujeito, visto que não se quer ou não se pode determinar o sujeito da oração.
- 04** Em “Na charge da *New Yorker*, a mulher estava convidando para uma festa” (linhas 14-15), a construção “na charge da *New Yorker*” desempenha a função de sujeito da oração, por encabeçar a sentença.
- 08** Em “havia restrições a seu uso” (linhas 48-49), ao se substituir o verbo “haver” por “existir”, a concordância permanece no singular.
- 16** Em “Falava o representante da Associação dos Magistrados Brasileiros.” (linhas 31-32), tem-se uma inversão sintática do sujeito da oração.

Soma:

23. Leia o trecho de notícia a seguir:

Talvez porque ele nunca tenha sido desafiado, ou porque, talvez nunca tenha parecido na mão dele um personagem que ele pudesse mostrar. E eu acho que aqui é chance de ousar, de errar, de se defender e fazer aquilo que nunca fez”, declarou a atriz [Claudia Raia].

TURA, Aaron. “Claudia Raia volta a falar sobre críticas a Eriberto Leão: ‘Talvez nunca tenha sido desafiado’”. *TV Foco*, 4 jun. 2017. Disponível em: www.otvfoco.com.br/claudia-raia-volta-falar-sobre-criticas-eriberto-leao-talvez-nunca-tenha-sido-desafiado/. Acesso em: 29 out. 2021.

O termo destacado é:

- a) adjunto adverbial.
- b) objeto direto.
- c) objeto indireto.
- d) sujeito.

24. **EsPCEEx-SP 2017** Marque a alternativa correta quanto à função sintática do termo grifado na frase abaixo. “Em Mariana, a igreja, cujo sino é de ouro, foi levada pelas águas”.

- a) adjunto adnominal
- b) objeto direto
- c) complemento nominal
- d) objeto indireto
- e) vocativo

25. **UFC-CE 2012** Assinale a alternativa cujo termo sublinhado é um predicativo do objeto.

- a) O Estado escolheu a escola para líder.
- b) Não cabe ao Estado substituir a família.
- c) Um pai de aluno outro dia me interpelou.
- d) Toda situação gera uma série de conflitos.
- e) Havia um equívoco na formulação da questão

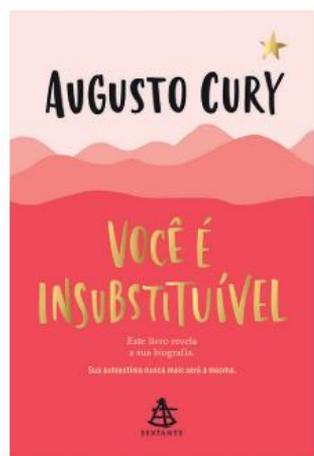
26. Observe a capa da *Revista Superinteressante*, edição 78, publicada em março de 1994.



Na manchete “O clima está louco”, o predicado se classifica como:

- a) verbal, por conter verbo transitivo direto e indireto.
- b) nominal, por conter verbo transitivo direto e indireto.
- c) verbal, por conter verbo de ligação.
- d) verbal, por conter verbo transitivo indireto.
- e) nominal, por conter verbo de ligação.

27. Augusto Cury, professor e escritor brasileiro, é autor de dezenas de livros, os quais venderam 25 milhões de cópias apenas no Brasil, além de serem publicados em mais de 70 países. Observe o título a seguir:



Agora, responda: qual tipo de predicado pode ser encontrado no título desse livro? Explique o seu uso.

28. Leia os trechos retirados do conto *A honra passada a limpo*, de Marina Colasanti:

[...]
Todos os dias boto a mesa, tiro a mesa.
[...]
Sou caprichosa, eu sei.
[...]

COLASANTI, Marina. *A honra passada a limpo. Contos de amor rasgados*. Rio de Janeiro: Rocco, 1986. p. 187.

Os predicados dos enunciados são classificados, respectivamente, como:

- a) verbal – verbal – nominal – verbo-nominal.
- b) nominal – verbo-nominal – verbal – verbal.
- c) nominal – verbal – verbal – verbo-nominal.
- d) verbo-nominal – verbal – verbal – nominal.
- e) verbal – verbal – nominal – verbal.

29. Examine a charge a seguir:



Nos trechos “não levamos picanha, fraldinha e costela” e “é melhor levamos ouro, incenso e mirra”, temos, respectivamente, os seguintes predicados:

- a) nominal e nominal.
- b) nominal e verbal.
- c) verbal e verbal.
- d) verbal e verbo-nominal.
- e) verbo-nominal e verbal.

30. Leia o texto a seguir.

[...]

Maradona morreu sozinho e abandonado.

Estava extremamente agressivo nas últimas semanas. A sua alta do hospital em que foi submetido à uma cirurgia na cabeça, gerou muita confusão.

Os médicos que fizeram a cirurgia queriam que ele continuasse o tratamento em uma clínica.

Leopoldo Luque fez questão que ele fosse para uma casa em Tigre.

Profissionais da saúde foram contratados para cuidar de Diego. Agora Luque acusa estes profissionais de negligência. [...]

MIRANDA, Wladimir. Triste fim de Diego Armando Maradona. *Terceiro Tempo*, 30 nov. 2020. Disponível em: <https://terceirotempo.uol.com.br/noticias/triste-fim-de-diego-armando-maradona-por-wladimir-miranda>.

Acesso em: 28 out. 2021. (Adapt.).

É um exemplo de predicado verbo-nominal:

- a) Leopoldo Luque fez questão [...].
- b) Maradona morreu sozinho e abandonado.
- c) Luque acusa estes profissionais de negligência.
- d) [...] ele continuasse o tratamento em uma clínica.

31. UFU-MG

“O sol entra cada dia mais tarde, pálido, fraco, oblíquo.”

“O sol brilhou um pouquinho pela manhã.”

Pela ordem, os predicados das orações acima classificam-se como:

- a) nominal e verbo-nominal.
- b) verbal e nominal.
- c) verbal e verbo-nominal.
- d) verbo-nominal e nominal.
- e) verbo-nominal e verbal.

32.



Arquivo do Ministério da Educação

O predicado do enunciado “Redobre os cuidados” é classificado como:

- a) verbal.
- b) nominal.
- c) verbo-nominal.
- d) composto.

33. Unimar-SP Classifique corretamente os termos integrantes destacados:

Mulher que **a dois** ama, **a ambos** engana.

- a) objeto direto preposicionado e objeto direto preposicionado.
- b) objeto indireto e objeto direto.
- c) objeto indireto pleonástico e complemento nominal.
- d) objeto direto e objeto direto preposicionado.
- e) objeto direto preposicionado e objeto indireto.

34. Leia o texto a seguir.

A equipe de fiscais da Prefeitura do Rio de Janeiro se encontrou no 3º Batalhão da PM, na Zona Norte do Rio de Janeiro, pouco antes das oito da noite. **Eram** vigilantes sanitários, guardas municipais e policiais militares escalados para o trabalho daquela sexta-feira, 19 de março, na região do Méier e redondezas. **Bateram** papo, fumaram cigarros e saíram uma hora depois, formando um comboio. Ao todo, eram quinze pessoas, todas de máscara, em seis carros, numa operação que se repete diariamente em vários pontos da cidade, para conferir se restaurantes e bares **cumprem** o decreto municipal que ordena o fechamento do comércio às nove da noite. A regra, em vigor desde 12 de março, é mais branda que a anterior, quando restaurantes e bares não podiam funcionar depois das cinco da tarde. O afrouxamento coincidiu com a piora da pandemia no Rio e no país inteiro.

MAZZA, Luigi. “Aqui fechou, pra onde a gente vai agora?”. *Piauí*, 22 mar. 2021. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/aqui-fechou-pra-onde-gente-vai-agora/>. Acesso em: 28 out. 2021.

De acordo com a transitividade verbal, no texto, os verbos destacados são, respectivamente:

- a) verbo de ligação – verbo transitivo indireto – verbo de ligação.
- b) verbo de ligação – verbo transitivo direto – verbo transitivo direto.
- c) verbo de ligação – verbo transitivo indireto – verbo transitivo direto.
- d) verbo transitivo direto – verbo transitivo direto – verbo transitivo indireto.

35. Uece Em “Cuspi no chão com um nojo desgraçado daquele sangue...”, o verbo cuspir é:

- a) intransitivo.
- b) transitivo direto.
- c) transitivo direto e indireto.
- d) transitivo indireto.

36. FCMSCSP Observe as seguintes frases:

- I. Pedro pagou os tomates.
- II. Pedro pagou os feirantes.
- III. Pedro pagou os tomates ao feirante.

- a) Estão corretas apenas a I e a II, pois o verbo PAGAR é transitivo direto.
- b) A II está errada, porque, quando PAGAR tem por objeto um nome de pessoa é transitivo indireto (o certo seria “ao feirante”).
- c) Apenas a I está correta.
- d) A frase II é a única correta e PAGAR é transitivo direto nesta frase.
- e) Todas as frases estão construídas conforme as regras de regência do verbo PAGAR.

37. Leia, a seguir, a citação de Sócrates, na qual o filósofo faz uma reflexão sobre o tema saúde.

HDdeseri/Shutterstock.com

Se alguém procura a saúde, pergunta-lhe primeiro se está disposto a evitar no futuro as causas da doença; em caso contrário, abstém-te de o ajudar.

Sócrates

No enunciado, o verbo “procurar” apresenta a seguinte transitividade verbal:

- a) intransitivo.
- b) transitivo direto.
- c) transitivo indireto.
- d) verbo de ligação.
- e) verbo transitivo direto e indireto.

38. UFG-GO Em uma das alternativas abaixo, o predicativo inicia o período. Assinale-a:

- a) A difícilíssima viagem será realizada pelo homem.
- b) Em suas próprias inexploradas entranhas descobrirá a alegria de conviver.
- c) Humanizado tornou-se o sol com a presença humana.
- d) Depois da difícilíssima viagem, o homem ficará satisfeito?
- e) O homem procura a si mesmo nas viagens a outros mundos.

39. Leia o texto a seguir.

Vamos aos fatos que comprovem que o poder da escolha está nas nossas mãos (mesmo que de forma inconsciente). Quando um relacionamento acaba, por exemplo, procuramos motivos que nos convençam de que o erro foi do outro. Procuramos justificativas, culpamos o outro por tudo e nos colocamos no papel de vítima para

que o cérebro emita a seguinte mensagem “você fez de tudo e a culpa não é sua”.

CAMOCARDI, Pamela. “Que tipo de relacionamento você tem atraído para a sua vida?”. *A soma de todos os afetos*, 18 jul. 2020. Disponível em: <https://asomadetodosafetos.com/2020/07/que-tipo-de-relacionamento-voce-tem-atraido-para-a-sua-vida.html>. Acesso em: 28 out. 2021.

Quanto à transitividade verbal, nos enunciados “procuramos motivos”, “culpamos o outro” e “emita a seguinte mensagem”, temos, respectivamente:

- a) verbo de ligação, verbo transitivo direto e verbo transitivo direto.
- b) verbo transitivo direto, verbo transitivo indireto, verbo transitivo indireto.
- c) verbo transitivo indireto, verbo intransitivo, verbo transitivo direto.
- d) verbo transitivo direto, verbo transitivo direto, verbo transitivo direto.

40. UEL-PR Na frase “Nomeá-los nossos REPRESENTANTES é revesti-los do direito ao MANDATO por três anos”, as palavras em maiúsculo são, respectivamente:

- a) predicativo do sujeito – adjunto adnominal.
- b) objeto direto – objeto indireto.
- c) predicativo do objeto – complemento nominal.
- d) objeto direto – adjunto adnominal.
- e) predicativo do objeto – objeto indireto.

41. Assinale a letra correspondente à alternativa que preenche corretamente a lacuna da frase apresentada a seguir. Exerce a função de _____ o termo destacado na frase “Ninguém ficou satisfeito **com aquela medida**”.

- a) complemento verbal.
- b) adjunto adnominal.
- c) predicativo do sujeito.
- d) sujeito.
- e) complemento nominal

42. Unisa-SP “Ninguém parecia disposto **ao trabalho** naquela manhã de segunda-feira”. O termo destacado exerce a função de:

- a) predicativo.
- b) complemento nominal.
- c) objeto indireto.
- d) adjunto adverbial.
- e) adjunto adnominal.

43. Ulbra-RS 2018 A questão refere-se ao texto adaptado Fake news no Facebook: veja quais foram as mais compartilhadas em 2017, de Jessé Giotti, disponível em <https://gauchazh.clicrbs.com.br/comportamento/noticia/2018/01/fake-news-no-facebook-veja-quais-foram-as-mais-compartilhadas-em-2017-cjwcc88q04s001sf1fr59iy.html>.

Responsabilizado por ser a principal plataforma de difusão de notícias falsas, sobretudo nas eleições americanas de 2016, o Facebook volta e meia anuncia uma nova estratégia para combatê-las. Até agora, os esforços não trouxeram grandes resultados. Uma investigação feita

10 pelo BuzzSumo, ferramenta de análise de redes sociais do site BuzzFeed, chegou às 50 notícias falsas mais compartilhadas de 2017. Apesar das tentativas de Mark Zuckerberg de frear o fenômeno, o levantamento aponta que as *fake news* mais divulgadas deste ano alcançaram 3,5 milhões de compartilhamentos, curtidas e comentários – 2 milhões a mais do que o *top 50* do ano passado.

15 O levantamento mostra que a maioria dos textos falsos não é de política, ao contrário de 2016, quando ocorreram as eleições presidenciais norte-americanas. As notícias falsas mais compartilhadas de 2017 são histórias policiais, seguidas (aí sim) de textos de política, saúde, mundo e negócios. No *top 10*, seis abordam histórias dignas de terem sido criadas por pré-adolescentes no recreio: o primeiro lugar, com mais de 1,2 milhão de compartilhamentos, é um texto com o título “Babá é hospitalizada após inserir bebê na vagina”, copiado para outros 39 sites.

20 Dos 167 endereços eletrônicos analisados, 119 não estavam presentes em 2016, o que indica que foram criados em 2017. O site com maior peso é o World News Daily Report, com 12 textos na lista dos 50. A aparência é de um portal de notícias comum, inclusive com a divisão dos textos em editorias.

25 Para garantir que o Facebook não reduza as chances de o site aparecer nas *timelines*, o criador do World News Daily Report criou um subterfúgio: avisar, no fim da página, que os textos são “satíricos”: “Todos os personagens que aparecem nos artigos – até os que são baseados em pessoas reais – são totalmente ficcionais. Qualquer semelhança com uma pessoa, viva ou morta ou zumbi, é um milagre”. Em entrevista em abril ao BuzzFeed, o dono se vangloria por ser reconhecido “como um dos sites mais notórios em boatos e notícias satíricas da internet”. Tecnicamente, portanto, seu site não produziria *fake news*.

30 Leia o fragmento a seguir e assinale a alternativa que indica a função sintática do trecho sublinhado.

Até agora, os esforços não trouxeram grandes resultados. (l. 4-5)

- a) Objeto direto.
- b) Aposto.
- c) Predicativo do objeto.
- d) Predicativo do sujeito.
- e) Complemento nominal.

44. **Unisa-SP** “Todas as cartas **que** me enviam chegam com **algum** atraso”. Os termos destacados no período exercem, respectivamente, a função sintática de:

- a) objeto direto e adjunto adnominal
- b) sujeito e adjunto adnominal
- c) objeto direto e adjunto adverbial
- d) sujeito e objeto indireto
- e) objeto direto e objeto indireto

45. **ESPM-SP** Observe os termos destacados das opções que se seguem e identifique a alternativa que apresenta a classificação correta da função sintática.

- Sempre estive acostumada **ao luxo**.
- Naquela época ainda obedecia **aos pais**.
- Esta roupa não está adequada **à ocasião**.
- Os velhos soldadinhos **de chumbo** foram esquecidos.

- a) complemento nominal – complemento nominal – objeto indireto – complemento nominal.
- b) objeto indireto – objeto indireto – objeto indireto – complemento nominal.
- c) objeto indireto – complemento nominal – complemento nominal – adjunto adnominal.
- d) complemento nominal – objeto indireto – complemento nominal – adjunto adnominal.
- e) adjunto adnominal – objeto indireto – complemento nominal – adjunto adnominal.

46. UAAM (Adapt.)

Daqui estou vendo o amor
Irritado, desapontado

(Carlos Drummond de Andrade)

Identifique a alternativa que traz, respectivamente, a classe gramatical e a função sintática das palavras destacadas:

- a) verbo – objeto direto.
- b) adjetivo – predicativo.
- c) verbo – predicativo.
- d) advérbio – objeto direto.
- e) substantivo – predicativo.

47. **FMU-SP** Em: “Eu era **enfim, senhores, uma graça de alienado**”, os termos em destaque são, respectivamente:

- a) adjunto adnominal, vocativo, predicativo do sujeito.
- b) adjunto adverbial, aposto, predicativo do objeto.
- c) adjunto adverbial, vocativo, predicativo do sujeito.
- d) adjunto adverbial, vocativo, objeto direto.
- e) adjunto adnominal, aposto, predicativo do objeto.

48. **FCE-SP** A recordação **da cena** persegue-**me** até hoje. Os termos em destaque são, respectivamente:

- a) objeto indireto, objeto indireto.
- b) complemento nominal, objeto direto.
- c) complemento nominal, objeto indireto.
- d) objeto indireto, objeto direto.
- e) n.d.a.

49. **PUC-SP** Dê a função sintática do termo destacado em: “**Depressa** esqueci o Quincas Borba”.

- a) objeto direto.
- b) sujeito.
- c) agente da passiva.
- d) adjunto adverbial.
- e) aposto.

50. **Mackenzie-SP** Aponte a alternativa que expressa a função sintática do termo destacado: “Parece **enfermo**, seu irmão”.

- a) sujeito.
- b) objeto direto.
- c) predicativo do sujeito.
- d) adjunto adverbial.
- e) adjunto adnominal.



Leia o soneto “Não comerei da alface a verde pétala”, de Vinicius de Moraes, para responder à questão **51**.

Não comerei da alface a verde pétala
Nem da cenoura as hóstias desbotadas
Deixarei as pastagens às manadas
E a quem mais aprouver fazer dieta.

Cajus hei de chupar, mangas-espadas
Talvez pouco elegantes para um poeta
Mas peras e maçãs, deixo-as ao esteta
Que acredita no cromo das saladas.

Não nasci ruminante como os bois
Nem como os coelhos, roedor; nasci
Omnívoro; deem-me feijão com arroz

E um bife, e um queijo forte, e parati
E eu morrerei, feliz, do coração
De ter vivido sem comer em vão.

(Vinicius de Moraes. *Livro de sonetos*, 2009.)

Objeto direto enfático: Por ênfase ou realce, é lícito repetir o objeto direto por meio de um pronome oblíquo.

(Domingos Paschoal Cegalla. *Dicionário de dificuldades da língua portuguesa*, 2009. Adaptado.)

51. FCMSC-SP 2022 Ocorre objeto direto enfático no seguinte verso:

- “Mas peras e maçãs, deixo-as ao esteta” (2ª estrofe)
- “E a quem mais aprouver fazer dieta.” (1ª estrofe)
- “Cajus hei de chupar, mangas-espadas” (2ª estrofe)
- “Não comerei da alface a verde pétala” (1ª estrofe)
- “Omnívoro; deem-me feijão com arroz” (3ª estrofe)

52. UEL-PR Ainda que surgissem poucos **recursos** para o projeto, todos mostravam-se satisfeitos com a boa vontade **do chefe**.

As palavras destacadas no período anterior exercem, respectivamente, a função sintática de:

- objeto indireto – complemento nominal.
- sujeito – objeto indireto.
- objeto direto – adjunto adnominal.
- objeto direto – objeto indireto.
- sujeito – adjunto adnominal.

53. PUC-Rio

MARIETA

Como o gênio da noite, que desata
O véu de rendas sobre a **espádua** nua,
Ela solta os cabelos ... Bate a lua
Nas alvas dobras de um lençol de prata.

- 5 O seio virginal, que a mão **recata**,
Embalde o prende a mão ... cresce, flutua ...
Sonha a moça ao relento ... Além na rua
Preludia um violão na serenata! ...

... Furtivos passos morrem no lajedo ...

- 10 Resvala a escada do balcão discreta
Matam lábios os beijos em segredo ...

Afoga-me os suspiros, Marieta!
Ó surpresa! ó **palor!** ó pranto! ó medo!
Ai! noites de Romeu e Julieta! ...

Castro Alves, Antônio de. *Os anjos da meia-noite*. In: *Poesia*. 4. ed. Rio de Janeiro, Agir. 1972. p.59. (Col. Nossos Clássicos)

espádua: ombro

recatar: encobrir, ocultar

embalde: em vão, inutilmente, de balde

preludiar: iniciar, ensaiar antes de começar a cantar ou a tocar

palor: palidez

A função sintática de “Afoga-me os suspiros, Marieta!” (linha 12) está indicada na opção:

- objeto indireto.
- pronome pessoal do caso oblíquo.
- objeto direto.
- pronome possessivo.
- adjunto adnominal.

54. No enunciado: “A fim de irmos à escola, chegamos **no metrô das 9h**”, a expressão destacada refere-se a:

- Adjunto adverbial de meio e lugar.
- Adjunto adverbial de tempo e meio.
- Adjunto adverbial de lugar e meio.
- Adjunto adverbial de modo e lugar.
- Adjunto adverbial de meio e de tempo.

Texto complementar

Quem testa positivo foi contaminado por estrangeirismo?

As expressões “testar positivo” e “testar negativo”, como nas manchetes “Boris Johnson testa positivo para coronavírus” ou “Bolsonaro anuncia que testou negativo para coronavírus”, vêm despertando certa curiosidade. Especialistas como Marcos Bagno, por exemplo, têm produzido reflexões para explicar o que parece ser o surgimento de uma nova sintaxe no português brasileiro.

Tradição e inovação

Aos que questionam tratar-se ou não de bom português, afirmando que “testar” é verbo transitivo direto, recordamos que tradicionalmente esse verbo apenas aparecia nos dicionários nos sentidos jurídicos de “legar em testamento” e de “dar testemunho”. O substantivo cognato “teste” resistia como latinismo, significando “testemunha”, ademais “obsoleto” para Cândido de Figueiredo, já em 1899.

Apenas décadas depois, “teste” foi incorporado ao léxico no sentido de “exame”, provindo do inglês *test*, como avisa Laudelino Freire, em 1954. Mais ou menos ao mesmo tempo, em 1961, outro grande dicionarista, Antenor Nascentes, admitiu “testar” no sentido de “submeter a teste”. É, portanto, fenômeno razoavelmente recente em português usar o verbo “testar” como transitivo, cujo objeto designa a coisa ou a pessoa submetida a teste.

[...]

Decalque do inglês

Que se trate de decalque do inglês, isto é, tradução literal daquela língua, é ponto pacífico. Tal construção frequentemente figura, nos anos 2000, em reportagens obtidas junto a agências internacionais ou na tradução de declarações de língua inglesa.

Em geral, como no inglês *he tested positive for coronavirus*, figuram, também em português, sujeito, verbo e dois complementos, um indicando o resultado do teste (positivo ou negativo) e o outro, com a preposição “para” (como o *for* em inglês), delimitando o escopo do teste: “ele testou negativo para coronavírus”. Ambos os complementos podem, contudo, não comparecer.

[...]

Gramática emergente

Mas a criatividade linguística continua a todo vapor, e alguns falantes vêm flexionando “positivo” e “negativo” de forma que não ocorreria com um advérbio. Uma busca simples no Google produz 4.320 resultados “testaram positivos” e 888 “testaram positivas”, pouco diante dos 352 mil “testaram positivo”, mas sem dúvida números expressivos: “cinco imigrantes que testaram positivos para o novo coronavírus”, “[u]m total de 153 mulheres (13,1%) testaram positivas para *C. trachomatis*”. Nesses casos, os usuários trataram “positivos” e “positivas” como adjetivos que exercem a função de predicativos do sujeito.

O que dizer de interessantíssimo caso com duas frases sucessivas no mesmo enunciado, em franca variação? Veja-se: “Com o desenrolar da pandemia, porém, sugiram relatos isolados de quatro cães e um gato na China e outro felino na Bélgica que testaram positivos para o Sars-CoV-2. Todos tiveram contato com o vírus de tutores que também testaram positivo”.

Exemplos dessa ordem mostram que os usuários estão a todo momento processando o idioma, como bem aponta o linguista Paul Hopper, com a noção de *emergent grammar*; pois ela capta o caráter fluido da estrutura da língua, sempre adiada, sempre negociável na interação real. A gramática é vista assim como um fenômeno social. É assim que, em nosso caso, os usuários ora empregam formas flexionadas ao lado de formas não flexionadas, ora buscam equivalências e vão eles mesmo testando os limites da língua que falam.

Desse modo, se há cem anos, um médico não poderia “testar um paciente”, mas apenas examiná-lo, se há 50 anos, um sujeito não podia “testar para o novo vírus”, mas apenas ser testado, é perfeitamente possível que esses “novos” usos frutifiquem, como resultado do incessante tectonismo da língua.

AUBERT, Eduardo Henrik. “Quem testa positivo foi contaminado por estrangeirismo?” *Jornal da USP*, 8 maio 2020. Disponível em: <https://jornal.usp.br/artigos/quem-testa-positivo-foi-contaminado-por-estrangeirismo/>. Acesso em: 29 out. 2021.

Resumindo

1. Introdução à sintaxe

A sintaxe é a parte da gramática que trata da disposição das palavras na frase, da relação entre essas palavras, bem como das combinações. Distinções importantes:

- Frase: enunciado suficiente por si mesmo para estabelecer comunicação dentro de um contexto. Pode ser constituída por uma única palavra ou por várias. Pode apresentar verbo ou não.
- Oração: enunciado que se organiza em torno de um verbo ou locução verbal.
- Período simples: constituído por apenas uma oração; portanto, organizado em torno de um verbo ou locução verbal.
- Período composto: constituído por mais de uma oração; portanto, organizado em torno de mais de um verbo ou locução verbal.

2. Sujeito: conceito e classificação

O sujeito é o agente da ação verbal, aquele que a realiza ou aquele ao qual se atribuem características.

- Sujeito simples: contém um único núcleo. Ex.: Ela fez um intercâmbio na Europa.
- Sujeito composto: contém dois ou mais núcleos. Ex.: Ela e seu irmão fizeram um intercâmbio.
- Sujeito oculto ou desinencial: está implícito na desinência verbal. Ex.: [Eu] Estudei muito ontem.
- Sujeito indeterminado: não é possível indentificá-lo, seja pela falta dessa informação, seja pela construção de sentido do enunciado. Ex.: Necessita-se de emprego / Necessitam de emprego.

- Sujeito inexistente (oração sem sujeito): ocorre predominantemente com verbos que denotam fenômeno da natureza e que indicam tempo no geral (Ex.: Faz frio no sul do país / Venta muito na região); verbos “haver” e “fazer” no sentido de tempo decorrido (Ex.: Faz cinco anos que me formei / Há pouco ela saiu); verbo “haver” no sentido de existir ou acontecer (Ex.: Há muita coisa em jogo).

3. Predicado: conceito e classificação

O predicado, cujo núcleo é um verbo, um nome ou um verbo e um nome, configura uma ação ou acontecimento ou um estado do sujeito.

- Se for um verbo significativo, isto é, configurar uma ação ou acontecimento, o predicado será verbal, pois seu núcleo informacional será o próprio verbo. Ex.: Os pacientes gostaram do atendimento médico.
- Se for um verbo não significativo (verbo de ligação), ou seja, configurar um estado ou característica do sujeito (predicativo do sujeito), o predicado será nominal. Ex.: Os pacientes estão em melhores condições.
- Se for constituído com dois núcleos informacionais, um verbo significativo e um predicativo do sujeito, o predicado será verbo-nominal. Ex.: Os espectadores saíram do teatro encantados.

4. Verbo e transitividade

Transitividade é a propriedade sintática do verbo de receber complementos, que podem ser diretos ou indiretos.

Em relação à transitividade verbal, os verbos podem ser: transitivos diretos (V.T.D.), transitivos indiretos (V.T.I.), transitivos diretos e indiretos (V.T.D.I.) ou intransitivos (V.I.).

- Verbo transitivo direto: necessita de um complemento verbal direto (sem preposição). Ex.: Nossos amigos organizaram uma festa.
- Verbo transitivo indireto: necessita de um complemento verbal indireto (com preposição). Ex.: Nossos amigos gostaram da festa.
- Verbo transitivo direto e indireto: necessita de complementos de forma direta e indireta ao mesmo tempo. Ex.: Nossos amigos deram uma festa aos aniversariantes.
- Verbo intransitivo: não necessita de complementos. Ex.: Nossos amigos viajaram.

5. Complementos verbais

O complemento verbal pode ser de dois tipos:

- objeto direto: trata-se do complemento do verbo transitivo direto, ou do complemento verbal sem preposição (porque o verbo não a exige). Ex.: A mãe abraçou seus filhos.
- objeto indireto: trata-se do complemento do verbo transitivo indireto, ou do complemento verbal com preposição (quando a preposição é uma exigência do verbo). Ex.: A mãe gosta do abraço dos filhos.

6. Agente da passiva e adjunto adverbial

Assim como os complementos verbais, o agente da passiva e o adjunto adverbial são termos associados ao verbo.

6.1 Agente da passiva

Termo que, na oração em voz passiva analítica, designa o agente da ação verbal. Introduzida pela preposição “por” ou “de” (e derivados), o agente da passiva está sempre ligado ao verbo. Quando uma oração apresenta um verbo construído com o objeto direto (voz ativa, sujeito agente), ela pode assumir a forma passiva; havendo a passiva analítica, pode-se ter agente da passiva. Ex.:

Os malfetores	foram detidos	pelos policiais.
sujeito paciente	locução verbal	agente da passiva
Os policiais	detiveram	os malfetores.
sujeito simples	verbo transitivo direto	objeto direto

6.2 Adjunto adverbial

O adjunto adverbial modifica o verbo, o adjetivo ou o próprio advérbio. Do ponto de vista semântico, fornece uma informação de: lugar, tempo, modo, intensidade, afirmação, negação, dúvida, ordem, inclusão ou exclusão, entre outros.

Quer saber mais?



Filme

Sujeito Oculto: na Rota do Grande Sertão. Direção: Silvio Tendler, 2013.

O documentário é uma jornada pelo norte de Minas Gerais – região por onde, em 1952, o escritor Guimarães Rosa seguiu a notável boiada de 300 cabeças de gado. Esse documentário resgata diversos elementos da cultura do Sertão.



Livro

COSTA, Cristiane. *Sujeito Oculto*: leitura e apropriação. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2014.

Com parte do livro construída com citações de Clarice Lispector, Machado de Assis, Flaubert, horóscopos de jornais, entre outros, a história mexe com o leitor e o leva a refletir sobre autenticidade, originalidade e o processo de criação autoral.



Música

“Sintaxe à vontade”. O Teatro Mágico.

Nessa canção, o eu poético discorre sobre a liberdade do sujeito, usando vários conceitos discutidos neste capítulo. Disponível em: www.letras.mus.br/o-teatro-magico/361401/. Acesso em: 3 dez. 2021.

Exercícios complementares

1. Observe.



Que tipo de enunciado temos na sequência “Use máscara”?

- a) Frase interrogativa.
- b) Frase declarativa.
- c) Frase exclamativa.
- d) Frase imperativa.

2. Classifique as frases a seguir em declarativas afirmativas, negativas, imperativas, interrogativas, exclamativas.
 - a) Eu gosto de ir à praia nas férias.
 - b) Não o acompanharei neste passeio.
 - c) Que dia triste!
 - d) Entre e fique conosco.
 - e) Não o telefonou para vir?

3. Leia o texto a seguir.

O domingo, que, há muitos anos, vinha sendo o meu dia sem graça, fez-me redescobrir o seu bom ar e convenceu-me de sua alegria, como na meninice. Vou a pé por uma rua de Ipanema, vou andando sozinho, sentindo a tarde fresca e me interessando pelas pessoas que encontro. O prazer físico de andar e estar só. O conforto de estar vestindo uma camisa muito maior que eu, só a camisa, sobre uma calça grande também desvincada. A maravilha de não falar.

MARIA, Antônio. Domingo. *Portal da Crônica Brasileira*. Disponível em: <https://cronicabrasileira.org.br/cronicas/13379/domingo>. Acesso em: 12 nov. 2021.

Considere a estrutura do seguinte trecho retirado do parágrafo anterior: “Vou a pé por uma rua de Ipanema, vou andando sozinho, sentindo a tarde fresca e me interessando pelas pessoas que encontro.”. Em seguida, assinale a alternativa que traz a análise correta:

- a) Trata-se de um período composto por duas orações.
- b) Trata-se de um período composto por três orações.
- c) Trata-se de um período composto por quatro orações.
- d) Trata-se de um período simples.
- e) Trata-se de um período composto por cinco orações.

4. Leia o trecho que se segue.

Foi o que me aconteceu, depois da última vez que estive aqui. Há dias, pegando numa folha da manhã, li uma lista de candidaturas para deputados por Minas, com seus comentários e prognósticos. Chego a um dos distritos, não me lembra qual, nem o nome da pessoa, e que hei de ler? Que o candidato era apresentado pelos três partidos, liberal, conservador e republicano.

ASSIS, Machado de. In: DIANA, Daniela. *Crônica. Toda Matéria*, 7 out. 2020. Disponível em: <https://todamateria.com.br/cronica/>. Acesso em: 12 nov. 2021.

Assinale a alternativa que indica o número de orações que compõe o período composto a seguir: “Foi o que me aconteceu, depois da última vez que estive aqui.”.

- a) 2
- b) 3
- c) 4
- d) 5
- e) 6

5. Leia o excerto.

Para dar ideia da dimensão que vem tomando o uso dessa tecnologia, o governo chinês implantou o reconhecimento facial nas farmácias de Xangai para controlar as pessoas que compram alguns medicamentos. Assim, aqueles clientes que compram medicamentos controlados, como os psicotrópicos, serão solicitados para ser identificados por leitura facial. O objetivo é rastrear pessoas que utilizam essas substâncias para produzir drogas ilegais.

“Tecnologia de reconhecimento facial traz preocupação”. *Portogente*, 18 jan. 2020. Disponível em: <https://portogente.com.br/noticias/dia-a-dia/110565-a-tecnologia-de-reconhecimento-facial-traz-preocupacao>. Acesso em: 29 out. 2021.

O último período do excerto é composto por

- a) duas orações.
- b) três orações.
- c) uma oração.
- d) quatro orações.

6. Na linguagem cotidiana observamos enunciados que isoladamente não possuem sentidos completos, mas são concebidos como frases. Diante disso, analise o diálogo a seguir comentando sobre esta ocorrência:

Filha – Não posso falar muito, mãe. Como é que se faz café?

Mãe – O quê?

Filha – Café, café. Como é que se faz?

Mãe – Não sei, minha filha. Com água, com... Mas onde é que você está, Duda?

Filha – Estou trabalhando de “au pair” num apartamento. Ih, não posso falar mais. Eles estão chegando. Depois eu ligo. Tchau.

VERISSIMO, Luis Fernando. *Sufilé de Chuchu. Comédias para se ler na escola*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. p. 29.

7. Leia os trechos a seguir, retirados do conto "Nunca descuidando do dever", de Marina Colasanti, e, em seguida, assinale a alternativa correta.

- I. Impecável, transitava o marido pelo tempo.
- II. Sem nada dizer, ela esperou a noite.
- III. [...] pegou um paninho úmido e, silenciosamente, ligou o ferro.

Há período composto em:

- a) I e II.
- b) II e III.
- c) I e III.
- d) II, apenas.
- e) III, apenas.

8. Identifique a seguir quais alternativas são frases e quais são orações.

- a) Eba!
- b) É possível que ela não viaje conosco.
- c) Talvez ela fale.
- d) Que os santos te guardem!
- e) Tem alguém ao telefone?

9. Analise o título da notícia a seguir e, depois, responda ao que se pede.

Homem é morto pela PM após perseguição de 10 quilômetros

ACidadeON Campinas, 24 set. 2020.

- a) Acerca do termo que se encontra em destaque no título, qual é a classificação que a ele pode ser atribuída? Justifique sua resposta.
- b) Transforme o título para a voz ativa, fazendo com que o termo destacado passe a exercer outra função sintática.



TEM COISA MAIS RIDÍCULA QUE AQUILO?



Armandinho, de Alexandre Beck

Leia os itens sobre os trechos retirados da tirinha e, em seguida, assinale a alternativa correta:

- I. O enunciado “Dinho, você viu a blusa” é verbal.
- II. A frase “Tem coisa mais ridícula que aquilo?” é verbal.
- III. “Tem sim” é uma frase nominal.
- IV. “Vi sim” é frase nominal.
- V. “A mania que alguns têm” é uma frase verbal.

- a) Apenas II, III, IV e V estão corretas.
- b) Apenas I, II, III e V estão corretas.
- c) Apenas III, IV e V estão corretas.
- d) Apenas I, II e V estão corretas.
- e) Todos os itens estão corretos.

11. **UFRGS 2018** – Temos sorte de viver no Brasil – dizia meu pai, depois da guerra. – Na Europa mataram milhões de judeus.

Contava as experiências que os médicos nazistas faziam com os prisioneiros. Decepavam-lhes as cabeças, faziam-nas encolher – à maneira, li depois, dos

índios Jivaros. Amputavam pernas e braços. Realizavam estranhos transplantes: uniam a metade superior de um homem à metade inferior de uma mulher, ou aos quartos traseiros de um bode. Felizmente morriam essas atrocidades quimeras; expiravam como seres humanos, não eram obrigadas a viver como aberrações. (A essa altura eu tinha os olhos cheios de lágrimas. Meu pai pensava que a descrição das maldades nazistas me deixava comovido.)

15 Em 1948 foi proclamado o Estado de Israel. Meu pai abriu uma garrafa de vinho – o melhor vinho do armazém –, brindamos ao acontecimento. E não saíamos de perto do rádio, acompanhando as notícias da guerra no Oriente Médio. Meu pai estava entusiasmado com o novo Estado:

20 em Israel, explicava, vivem judeus de todo o mundo, judeus brancos da Europa, judeus pretos da África, judeus da Índia, isto sem falar nos beduínos com seus camelos: tipos muito esquisitos, Guedali.

Tipos esquisitos – aquilo me dava ideias.

25 Por que não ir para Israel? Num país de gente tão estranha – e, ainda por cima, em guerra – eu certamente não chamaria a atenção. Ainda menos como combatente, entre a poeira e a fumaça dos incêndios. Eu me via correndo pelas ruelas de uma aldeia, empunhando um revólver trinta e

30 oito, atirando sem cessar; eu me via caindo, varado de balas. Aquela, sim, era a morte que eu almejava, morte heroica, esplêndida justificativa para uma vida miserável, de monstro encurralado. E, caso não morresse, poderia viver depois num *kibutz*. Eu, que conhecia tão bem a vida numa fazenda, teria muito a fazer ali. Trabalhador dedicado, os membros do

35 *kibutz* terminariam por me aceitar; numa nova sociedade há lugar para todos, mesmo os de patas de cavalo.

Adaptado de: SCLIAR, M. *O centauro no jardim*. 9. ed. Porto Alegre: L&PM, 2001.

Assinale V (verdadeiro) ou F (falso) para as afirmações a seguir, sobre os sujeitos de algumas formas verbais do texto.

- O sujeito da forma verbal **mataram** (l. 2) é **milhões de judeus** (l. 3).
- O sujeito da forma verbal **Amputavam** (l. 7) é **os médicos nazistas** (l. 4).
- O sujeito da forma verbal **morriam** (l. 10) é **essas atrocidades quimeras** (l. 10-11).
- O sujeito da locução verbal **foi proclamado** (l. 15) é o **Estado de Israel** (l. 15).

A sequência correta de preenchimento dos parênteses, de cima para baixo, é

- a) F – V – V – V.
- b) V – F – V – F.
- c) V – F – F – V.
- d) V – V – V – V.
- e) F – V – F – F.

12. **UnB-DF 2019** Os índios que estavam nesse vasto território, o qual vem sendo ocupado pelos neobrasileiros, viveram o drama do enfrentamento com a civilização ocidental, que lançou sobre eles todas as suas pestes, enfermidades desconhecidas, que dizimaram suas populações assim que algum contato era mantido. Houve

guerras de extermínio de índios como cativos e evangelização etnocida, que só protegia seus corpos, roubando suas almas. E a própria proteção oficial e leiga era frequentemente inepta. Perfeitamente capaz de pacificar os índios hostis para entregar suas terras ao invasor, mas incapaz de lhes dar proteção eficaz no drama do enfrentamento com a civilização.

Darcy Ribeiro. *Falando dos índios*. Ed. UnB, Fundação Darcy Ribeiro, 2010, p. 59 (com adaptações).

No que se refere às ideias e às estruturas linguísticas do texto apresentado, julgue o item que se segue.

Na linha 3, o sujeito da forma verbal “viveram” é “neobrasileiros”.



Leia um trecho do artigo “Reflexões sobre o tempo e a origem do Universo”, do físico brasileiro Marcelo Gleiser, para responder à questão 13.

Qualquer discussão sobre o tempo deve começar com uma análise de sua estrutura, que, por falta de melhor expressão, devemos chamar de “temporal”. É comum dividirmos o tempo em passado, presente e futuro. O passado é o que vem antes do presente e o futuro é o que vem depois. Já o presente é o “agora”, o instante atual.

Isso tudo parece bastante óbvio, mas não é. Para definirmos passado e futuro, precisamos definir o presente. Mas, segundo nossa separação estrutural, o presente não pode ter duração no tempo, pois nesse caso poderíamos definir um período no seu passado e no seu futuro. Portanto, para sermos coerentes em nossas definições, o presente não pode ter duração no tempo. Ou seja, o presente não existe!

A discussão acima nos leva a outra questão, a da origem do tempo. Se o tempo teve uma origem, então existiu um momento no passado em que ele passou a existir. Segundo nossas modernas teorias cosmogônicas, que visam explicar a origem do Universo, esse momento especial é o momento da origem do Universo “clássico”. A expressão “clássico” é usada em contraste com “quântico”, a área da física que lida com fenômenos atômicos e subatômicos.

[...]

As descobertas de Einstein mudaram profundamente nossa concepção do tempo. Em sua teoria da relatividade geral, ele mostrou que a presença de massa (ou de energia) também influencia a passagem do tempo, embora esse efeito seja irrelevante em nosso dia a dia. O tempo relativístico adquire uma plasticidade definida pela realidade física à sua volta. A coisa se complica quando usamos a relatividade geral para descrever a origem do Universo.

(Folha de S.Paulo, 07.06.1998.)

13. **Unesp 2018** “Em sua teoria da relatividade geral, ele mostrou que **a presença de massa (ou de energia) também influencia a passagem do tempo**, embora esse efeito seja irrelevante em nosso dia a dia.” (4º parágrafo) Ao se converter o trecho destacado para a voz passiva, o verbo “influencia” assume a seguinte forma:

- | | |
|----------------------|------------------------|
| a) é influenciada. | d) seria influenciada. |
| b) foi influenciada. | e) será influenciada. |
| c) era influenciada. | |

14. **Fadba 2012**

Computador ainda não entrou na sala de aula brasileira

Levantamento nacional mostra que só 4% das escolas públicas nacionais contam com uma máquina em sala de aula.

Para a escola pública brasileira, a tecnologia ainda é um desafio. Essa é a conclusão de pesquisa divulgada nesta terça-feira pelo Comitê Gestor da Internet (CGI.br) que aponta que 100% das unidades possuem ao menos um computador e 92% delas têm acesso à internet. No entanto, apenas 4% possuem computadores instalados em sala de aula (88% instalaram a máquina na sala da coordenação) e 81% das unidades contam com laboratório de informática.

As escolas apresentam em média 23 computadores instalados, sendo 18 em funcionamento, a cada 800 alunos matriculados. Cerca de 50% das instituições afirmam ter uma pessoa contratada para trabalhar especificamente com a internet. Uma pesquisa divulgada há pouco pela OCDE, organização que reúne os países mais desenvolvidos do mundo, aponta que o Brasil possui a terceira pior taxa de computador por aluno.

A pesquisa revela que 18% dos professores usam internet na sala de aula. Em geral, são jovens e habituados a se relacionar com essa tecnologia fora do ambiente escolar. Escolas públicas localizadas na região Sul apresentam o maior índice de utilização das tecnologias pelo professor em atividades com alunos. Um exemplo é a atividade de “pesquisa de informações utilizando o computador e a internet”, praticada por 56% dos professores do Sul, enquanto o percentual do Brasil é de 44%.

A principal limitação para maior uso das tecnologias na escola está relacionada ao nível de conhecimento dos professores acerca dessas tecnologias. A maioria deles (64%) concorda que os alunos sabem mais sobre computador e internet do que os docentes.

Para 75%, a principal fonte de apoio para o desenvolvimento de suas habilidades tecnológicas são os contatos informais com outros educadores. Na perspectiva do docente, ele depende principalmente de sua motivação pessoal e da ajuda dos colegas para desenvolver habilidades no uso de computador e da *web*.

Devido ao baixo envolvimento do professor com as tecnologias, as atividades que tomam mais tempo do professor – como aula expositiva, interpretação de texto e exercícios práticos e de fixação do conteúdo – utilizam muito pouco o computador e a internet. A rotina das salas de aula se apoia em práticas que mantêm o professor como figura central.

Na pesquisa amostral, foram estudadas 497 escolas públicas municipais e estaduais urbanas do país. Participaram do estudo 4.987 alunos, 1.541 professores, 428 coordenadores e 497 diretores de escolas. O objetivo da pesquisa foi identificar o uso e a apropriação da internet banda larga nas escolas públicas urbanas do país.

(veja.abril.com.br/)

Sobre a estrutura frasal “o Brasil possui a terceira pior taxa de computador por aluno” é correto afirmar que:

- a) É uma oração que apresenta sujeito simples.
- b) É uma oração que apresenta sujeito oculto.
- c) É uma oração que apresenta sujeito indeterminado.
- d) É uma oração que apresenta sujeito composto.
- e) Nenhuma das alternativas.

15. **Fadba 2013**

História de um nome

No capítulo dos nomes difíceis têm acontecido coisas das mais pitorescas. Ou é um camarada chamado Mimoso, que tem físico de mastodonte, ou é um sujeito fraquinho e insignificante chamado Hércules. Os nomes difíceis, principalmente os nomes tirados de adjetivos condizentes com seus portadores, são raríssimos, e é por isso que minha avó a paterna — dizia:

— Gente honesta, se for homem deve ser José, se for mulher, deve ser Maria!

É verdade que Vovó não tinha nada contra os joões, paulos, mários, odetes e — vá lá — fidélis. A sua implicância era, sobretudo, com nomes inventados, comemorativos de um acontecimento qualquer, como era o caso, muito citado por ela, de uma tal Dona Holófotina, batizada no dia em que inauguraram a luz elétrica na rua em que a família morava.

Acrescente-se também que Vovó não mantinha relações com pessoas de nomes tirados metade da mãe e metade do pai. Jamais perdoou a um velho amigo seu — o “Seu” Wagner — porque se casara com uma senhora chamada Emília, muito respeitável, aliás, mas que tivera o mau gosto de convencer o marido de batizar o primeiro filho com o nome leguminoso de Wagem — “wag” de Wagner e “em” de Emília. É verdade que a vagem comum, crua ou ensopada, será sempre com “v”, enquanto o filho de “Seu” Wagner herdara o “w” do pai. Mas isso não tinha nenhuma importância: a consoante não era um detalhe bastante forte para impedir o risinho gozador de todos aqueles que eram apresentados ao menino Wagem.

Mas deixemos de lado as birras de minha avó — velhinha que Deus tenha, em Sua santa glória — e passemos ao estranho caso da família Veiga, que morava pertinho de nossa casa, em tempos idos.

“Seu” Veiga, amante de boa leitura e cuja cachaça era colecionar livros, embora colecionasse também filhos, talvez com a mesma paixão, levou sua mania ao extremo de batizar os rebentos com nomes que tivessem relação com livros. Assim, o mais velho chamou-se Prefácio da Veiga; o segundo, Prólogo; o terceiro, Índice e, sucessivamente, foram nascendo o Tomo, o Capítulo e, por fim, Epílogo da Veiga, caçula do casal.

Lembro-me bem dos filhos de “Seu” Veiga, todos excelentes rapazes, principalmente o Capítulo, sujeito prendado na confecção de balões e papagaios. Até hoje (é verdade que não me tenho dedicado muito na busca) não encontrei ninguém que fizesse um papagaio tão bem quanto Capítulo. Nem balões. Tomo era um bom extrema-direita e Prefácio pegou o vício do pai — vivia comprando livros. Era, aliás, o filho querido de “Seu”

Veiga, pai extremoso, que não admitia piadas. Não tinha o menor senso de humor. Certa vez ficou mesmo de relações estremecidas com meu pai, por causa de uma brincadeira. “Seu” Veiga ia passando pela nossa porta, levando a família para o banho de mar. Iam todos armados de barracas de praia, toalhas etc. Papai estava na janela e, ao saudá-lo, fez a graça:

— Vai levar a biblioteca para o banho? “Seu” Veiga ficou queimado durante muito tempo.

Dona Odete — por alcunha “A Estante” — mãe dos meninos, sofria o desgosto de ter tantos filhos homens e não ter uma menina “para me fazer companhia” — como costumava dizer. Acreditava, inclusive, que aquilo era castigo de Deus, por causa da ideia do marido de botar aqueles nomes nos garotos. Por isso, fez uma promessa: se ainda tivesse uma menina, havia de chamá-la Maria.

As esperanças já estavam quase perdidas. Epílogozinho já tinha oito anos, quando a vontade de Dona Odete tornou-se uma bela realidade, pesando cinco quilos e mandando uma enormidade. Os vizinhos comentaram que “Seu” Veiga não gostou, ainda que se conformasse, com a vinda de mais um herdeiro, só porque já lhe faltavam palavras relacionadas a livros para denominar a criança.

Só meses depois, na hora do batizado, o pai foi informado da antiga promessa. Ficou furioso com a mulher, esbravejou, bufou, mas — bom católico — acabou concordando em parte. E assim, em vez de receber somente o nome suave de Maria, a garotinha foi registrada, no livro da paróquia, após a cerimônia batismal, como Errata Maria da Veiga.

Estava cumprida a promessa de Dona Odete, estava de pé a mania de “Seu” Veiga.

(disponível em http://www.releituras.com/spontepreta_nome.asp acesso em 30/08/2012).

Em: “É verdade que a vagem comum, crua ou ensopada, será sempre com ‘v’, enquanto o filho de ‘Seu’ Wagner herdara o ‘w’ do pai”, o sujeito da forma verbal “É” pode ser classificado como:

- a) Sujeito simples.
- b) Sujeito composto.
- c) Sujeito oculto.
- d) Sujeito indeterminado.
- e) Sujeito oracional.

16. **UFRN 2013** A questão refere-se ao fragmento de *Capitães de Areia* reproduzido a seguir.

O Trapiche

SOB A LUA, NUM VELHO TRAPICHE ABANDONADO, as crianças dormem.

Antigamente aqui era o mar. Nas grandes e negras pedras dos alicerces do trapiche as ondas ora se rebentavam fragorosas, ora vinham se bater mansamente. A água passava por baixo da ponte sob a qual muitas crianças repousam agora, iluminadas por uma réstia amarela de lua. Desta ponte saíram inúmeros veleiros carregados, alguns eram enormes e pintados de estranhas cores, para a aventura das travessias marítimas. Aqui vinham encher os porões e atracavam nesta ponte de tábuas, hoje comidas. Antigamente diante do trapiche se estendia o mistério do mar oceano, as

noites diante dele eram de um verde escuro, quase negras, daquela cor misteriosa que é a cor do mar à noite.

Hoje a noite é alva em frente ao trapiche. É que na sua frente se estende agora o areal do cais do porto. Por baixo da ponte não há mais rumor de ondas. A areia invadiu tudo, fez o mar recuar de muitos metros. Aos poucos, lentamente, a areia foi conquistando a frente do trapiche. Não mais atracaram na sua ponte os veleiros que iam partir carregados. Não mais trabalharam ali os negros musculosos que vieram da escravatura. Não mais cantou na velha ponte uma canção um marinheiro nostálgico. A areia se estendeu muito alva em frente ao trapiche. E nunca mais encheram de fardos, de sacos, de caixões, o imenso casarão. Ficou abandonado em meio ao areal, mancha negra na brancura do cais.

AMADO, Jorge. *Capitães da Areia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 25.

Para fazer uma leitura proficiente do fragmento, é necessário que o leitor, entre outros procedimentos, recupere as relações sintático-semânticas ali estabelecidas.

Assim, os sujeitos dos quatro últimos períodos do fragmento, considerando-se a ordem de ocorrência, são:

- a) “um marinheiro nostálgico”, “a areia”, “os negros musculosos” e “o imenso casarão”.
- b) “uma canção”, “a areia”, “os negros musculosos” e “um marinheiro nostálgico”.
- c) “um marinheiro nostálgico”, “a areia”, “o imenso casarão”, “o imenso casarão”.
- d) “uma canção”, “a areia”, “o imenso casarão” e “um marinheiro nostálgico”.

17. UEM-PR

Choque entre contextos é da natureza de todas as pilhérias

Hélio Schwartsman
Articlista da Folha de S.Paulo.

Ok. Eles pegaram pesado. Fazer troça com autistas é quase tão ruim quanto passar rasteira em cego. Mas o simples fato de alguém ter achado que isso seria engraçado já revela um paradoxo: por que somos capazes de rir da desgraça alheia?

5 Começemos, no rastro do escritor Arthur Koestler (1905-1983), tentando estabelecer a “gramática” do humor. De um modo geral, rimos quando percebemos um choque entre dois códigos de regras ou de contextos, todos consistentes, mas incompatíveis entre si.

10 Um exemplo: “O masoquista é a pessoa que gosta de um banho frio pelas manhãs e, por isso, toma uma ducha quente”. Cometo agora a heresia de explicar a piada. Aqui, o fato de o sujeito da anedota ser um masoquista subverte a lógica normal: ele faz o contrário do que gosta, porque gosta de sofrer. É claro que a lógica normal não coexiste com seu reverso, daí a graça da pilhéria. Uma variante no mesmo padrão, mas com dupla inversão, é: “O sádico é a pessoa que é gentil com o masoquista”.

20 Outro bom exemplo é o do médico que conforta seu paciente dizendo: “Você está com uma doença muito grave. De cada dez pessoas que a pegam, apenas uma

sobrevive. E você está com sorte, acabo de perder nove pacientes com essa moléstia”.

25 O gozado aí emerge da oposição entre a abstração estatística e a concretude do caso real do paciente. Sabemos que a estatística só vale se não a tentarmos aplicar a casos concretos. Também sabemos que as chances de um dado evento ocorrer independem de eventos anteriores.

30 A piada confunde todos esses planos.

Essa estrutura de choque de contextos excludentes entre si está presente em todas as pilhérias. Até no mais infame trocadilho há um confronto inesperado entre o significado da palavra e o seu som: “A ordem dos tratores não altera o viaduto”.

Podemos agora traçar uma escala do humor, dos mais primitivos aos mais sofisticados. Bebês, que também são capazes de rir, deliciam-se com caretas e imitações. Garotos pré-adolescentes deliciam-se com piadas escatológicas.

40 Quanto mais cocô, xixi e xingamentos, melhor.

Já adolescentes gostam de anedotas sexuais. À medida que crescem, vão – espera-se – buscando formas mais sofisticadas e cerebrais.

Essa “gramática” dá conta da estrutura intelectual das piadas, mas há outros aspectos em jogo. O humor também encerra dinâmicas emocionais. Ele de alguma forma se relaciona com a surpresa.

Kant, na “Crítica do Juízo”, diz que o riso é o resultado da “súbita transformação de uma expectativa tensa em nada”. Rimos porque nos sentimos aliviados. É nesse contexto que se torna plausível rir de desgraças alheias.

Em alemão, até existe uma palavra para isso: “Schadenfreude”, que é o sentimento de alegria ou prazer provocado pelo sofrimento de terceiros. Não necessariamente estamos felizes pelo infortúnio do outro, mas sentimos-nos aliviados com o fato de não termos sido nós a vítima.

Mais ou menos na mesma linha vai o filósofo francês Henri Bergson (1859-1941). Em “O Riso”, ele observa que muitas piadas exigem “uma anestesia momentânea do coração”. A crueldade é explícita nos chistes mais primitivos (como a “Casa dos Autistas”), mas sobrevive mesmo nos gracejos mais elaborados, na forma de malícia (caso das piadas em que se comparam diversas nacionalidades), autodepreciação (típica do humor judaico) ou, mais simplesmente, na suspensão da solidariedade para com a vítima (sim, piadas geralmente têm vítimas).

Há, por fim, a dinâmica social. Bergson vê o riso como um “gesto social”. Para o filósofo, o temor de tornar-se objeto de riso reprime as excentricidades do indivíduo. É uma espécie de superego social portátil. É claro que o esquema perde o sentido quando a vítima não tem condições de reagir à provocação humorística, como no caso dos autistas. Mas a ineficácia social não faz com que, no plano da gramática, a piada deixe de ser engraçada. Daí os inevitáveis choques entre humor e adequação social.

(Texto retirado da *Folha de S.Paulo*, 1.º/5/2011. Ilustrada. E4)

Assinale a(s) alternativa(s) **correta(s)** quanto aos aspectos linguísticos presentes no texto.

01 Em “quando a vítima não tem condições de reagir à provocação humorística” (linhas 71-72), o emprego do sinal indicativo de crase é uma exigência da regência da forma verbal “reagir”.

- 02 Em “E você está com sorte, **acabo de perder** nove pacientes com essa moléstia” (linhas 23-24), a locução verbal destacada em negrito expressa o aspecto verbal cessativo.
- 04 Em “É nesse contexto que se torna plausível **rir de desgraças alheias**” (linhas 50-51), a expressão destacada em negrito funciona, no contexto, como sujeito da oração anterior.
- 08 Em “sentimo-nos aliviados com o fato de não termos sido nós a **vítima**” (linhas 55-56), a concordância verbal está incorreta, porque a expressão destacada em negrito deveria estar no plural.
- 16 Em “Aqui, **o fato de o sujeito** da anedota ser um masoquista” (linhas 13-14), a construção destacada em negrito também poderia ser reescrita da seguinte forma: “o fato do sujeito”.

Soma:

18. Leia o trecho que se segue.

Suflê de chuchu

Houve uma grande comoção em casa com o primeiro telefonema de Duda, a pagar, de Paris. O primeiro telefonema desde que ela embarcara, mochila nas costas (a Duda, que em casa não levantava nem a sua roupa do chão!), na Varig, contra a vontade do pai e da mãe. Você nunca saiu de casa sozinha, minha filha! Você não sabe uma palavra de francês! Vou e pronto. E fora. E agora, depois de semanas de aflição, de “onde anda essa menina?”, de “você não devia ter deixado, Eurico!, vinha o primeiro sinal de vida. Da Duda, de Paris. [...]”

VERISSIMO, Luis Fernando. *Comédias para se ler na escola*. Rio de Janeiro: Objetiva; 2001. p. 29.

Releia os enunciados:

1. Você nunca saiu de casa sozinha, minha filha!
2. Onde anda essa menina?

Assinale a alternativa correta:

- a) O predicado é verbal em 1 e 2.
- b) O predicado é nominal em 1 e 2.
- c) O predicado é verbo-nominal em 1 e 2.
- d) O predicado é verbal em 1 e nominal em 2.
- e) O predicado é nominal em 1 e verbal em 2.

19. Leia o trecho a seguir.

Há alguns meses troquei meu celular. Um modelo lindo, pequeno, prático. Segundo a vendedora, era capaz de tudo e mais um pouco. Fotografava, fazia vídeos, recebia e-mails e até servia para telefonar. Abri o manual, entusiasmado. “Agora eu aprendo”, decidi, folheando as 49 páginas. Já na primeira, tentei executar as funções. Duas horas depois, eu estava prestes a roer o aparelho. O manual tentava prever todas as possibilidades. Virou um labirinto de instruções!

CARRASCO, Walcyr. O labirinto dos manuais. *Veja São Paulo*, 18 set. 2009. Disponível em: <https://vejasp.abril.com.br/cidades/o-labirinto-dos-manuais/>. Acesso em: 12 nov. 2021.

- I. Há alguns meses troquei meu celular.
- II. Abri o manual, entusiasmado.
- III. O manual tentava prever todas as possibilidades.
- IV. [...] recebia e-mails, [...]

- a) Há um predicado nominal apenas em I e II.
- b) Há um predicado verbo-nominal apenas III e IV.
- c) Há um predicado verbal em I, II, III e IV.
- d) Há um predicado inexistente apenas I.

20. UFU-MG 2018

Texto I

Nada mais lindo que um açude sangrando [...]. Não há como não se *arrupiar* todinho diante de tal fenômeno. Levo essa ideia da chuva para onde for, só a chuva nos importa [...]. A chuva é meu gol, minha Copa do Mundo, Deus gozando a glória, meu amor.

SÁ, Xico. Chove no sertão e não tem nada mais bonito. *El País*, 24 fev. 2018. Disponível em: <<https://goo.gl/D2k4eA>>. Acesso em: 27 abr. 2018.

Texto II

Oh! Deus,
Perdoe esse pobre coitado,
Que de joelhos rezou um bocado,
Pedindo pra chuva cair,
Cair sem parar.

GORDURINHA; NELINHO. *Súplica cearense*. In: O RAPP. 7 vezes. Álbum, 2008.

Considere as seguintes afirmações.

- I. Em ambos os textos, a palavra Deus é um elemento do predicado.
- II. No texto I, a palavra Deus integra o predicativo do sujeito.
- III. No texto II, a palavra Deus exerce a mesma função sintática que a expressão “meu amor”, presente no texto I.
- IV. Em ambos os textos, a palavra Deus constitui um termo acessório da oração.

São corretas as afirmações apresentadas em

- a) I e II.
- b) II e III.
- c) I e III.
- d) III e IV.

21. Observe os seguintes títulos de notícia:

Conselheiros tutelares de Santos partilham experiências para melhorar desempenho

Prefeitura de Santos, 23 set. 2021.

Apple é menos afetada pela escassez global de chips que Samsung e Xiaomi

MELIANI, Fernando. *TudoCelular*, 3 out. 2021.

Qual tipo de predicado pode ser encontrado em cada um dos títulos?

22. **UFRRJ** O preto Henrique tomou o caneco das mãos da preta velha e bebeu dois tragos.
- Ainda tá quente, meu filho? É o restinho...
 - Tá, tia. Bota mais.
 - Quando acabou, disse:
 - Você lembra dessas histórias que você sabe, minha tia?
 - Que histórias?

- Essas histórias de escravidão...
 - O que é que tem?
 - Você vai esquecer elas todas.
 - Quando?
 - No dia em que nós for dono disso...
 - Dono de quê?
 - Disso tudo... Da Bahia... do Brasil...
 - Como é isso, meu filho?
 - Quando a gente não quiser mais ser escravo dos ricos, titia, e acabar com eles...
 - Quem é que vai fazer feitiço tão grande pros ricos ficar tudo pobre?
 - Os pobres mesmo, titia.
 - Negro é escravo. Negro não briga com branco. Branco é senhor dele.
 - O negro é liberto, tia.
 - Eu sei. Foi a Princesa Isabel, no tempo do Imperador. Mas negro continua a respeitar o branco...
 - Mas a gente agora livra o preto de vez, velha.
 - Você sabe qual é a coisa mais melhor do mundo, Henrique?
 - Não.
 - Não sabe o que é? É cavalo. Se não fosse cavalo, branco montava em negro...
- (Adap. AMADO, Jorge. *Suor*. Rio de Janeiro: Record, 1984, 43. ed., p.43/44.)

O texto é praticamente todo composto por diálogos, sem verbos de elocução – aqueles que indicam quem está falando. O recurso gramatical utilizado pelo autor, em substituição aos verbos de elocução, para que o leitor possa identificar quem está com a palavra, foram:

- a) os períodos curtos.
- b) os travessões.
- c) os vocativos.
- d) as frases interrogativas.
- e) as reticências.

23. UEPB 2012

Pedagogia da amizade

Aristóteles, quando perguntado sobre o que é um amigo, respondeu: “O que é um amigo? Uma única alma habitando dois corpos”.

Não é possível ser feliz sem amigos, nem viver sem 5 amigos. Por isso a amizade faz parte da essência humana.

No plano pedagógico, não é diferente. A pedagogia busca desenvolver o que o ser humano tem de melhor, e o que ele tem de melhor é a amizade. A amizade com o outro, com ele mesmo, com a humanidade. [...]

10 Dos mais leves desrespeitos aos mais graves crimes contra a humanidade, todos nascem da ausência da amizade. A amizade se dá em relação a uma pessoa ou a todas de um grupo, de um gênero, de uma classe etc. O amigo cuida. O amigo não humilha. O amigo tem com-
15 paixão. [...]

Gabriel Chalita. *Pedagogia da Amizade – Bullying: o sofrimento das vítimas e dos agressores*. São Paulo: Editora Gente, 2008, p. 13-15.

Em “**Aristóteles**, quando perguntado sobre o que é um amigo, respondeu” (linhas 1-2), o termo em destaque é:

- Integrante, tendo em vista sua função estabelecer uma relação predicativa com o núcleo verbal.
- Essencial, porque pertence à estrutura do enunciado e corresponde ao agente da ação expressa pelo verbo.
- Acessório, pois antecede um enunciado intercalado, por razões de ordem semântica e discursiva.

Analise as proposições, coloque V para as verdadeiras, F para as falsas e marque a alternativa correta.

- a) V V F
- b) V F V
- c) F V F
- d) F F V
- e) F V V

24. Os verbos de ligação indicam noções distintas de estados. A noção do verbo sublinhado nos títulos abaixo está corretamente sinalizada em:

a) Como uma ex-trabalhadora braçal se tornou uma das mulheres *self-made* mais ricas dos EUA → mudança de estado.

ABREU, Maria; HELMAN, Christopher. *Forbes*, 3 out. 2021.

b) Andei pensando sobre a tristeza → estado permanente.

MARLON, Tony. *ECO A Uol*, 8 jun. 2021.

c) Veja como estão as ruas de São Paulo no 1º dia da fase emergencial → continuidade de estado.

FERRARI, Murillo. *CNN Brasil*, 15 mar. 2021.

d) Esquema que desviou R\$ 7 milhões era composto por políticos, servidores e empresas fantasmas → estado transitório.

G1 Tocantins, 3 ago. 2018.

e) Relembra quais são os convocados para a seleção brasileira para esta data FIFA → aparência de estado.

HOJAI, Matheus. *Bolavip*, 3 out. 2021.

25. Observe:

E eu olho o céu deserto, e vejo o oceano triste,
E contemplo o lugar por onde te sumiste

BILAC, Olavo. *Em uma tarde de outono*.

Disponível em: <https://culturagenial.com/olavo-bilac-poemas/>.

Acesso em: 3 nov. 2021.

De acordo com a transitividade verbal, nos versos extraídos do soneto “Em uma tarde de outono”, de Olavo Bilac, há:

- a) somente um verbo transitivo direto.
- b) dois verbos transitivos diretos.
- c) um verbo transitivo indireto.
- d) dois verbos intransitivos.
- e) nenhuma das alternativas.

26. Leia o trecho.

E assim iniciamos um novo capítulo da pandemia. Meus filhos hoje não são as mesmas crianças do início da pandemia. **Houve** inúmeros aprendizados, e **encontraram** pouco a pouco suas próprias vozes. O que fica? A resiliência. Crianças que escutam, leem, questionam e produzem suas próprias conclusões sobre a gestão (ou quase sempre a falta de enfrentamento) desta pandemia. Crianças que cantam, tocam músicas, dançam. Crianças, já não mais tão inocentes, que são testemunhas.

BARBERIA, Lorena. "A próxima aula". *Jornal da USP*, 5 mar. 2021. Disponível em: <https://jornal.usp.br/artigos/a-proxima-aula/>. Acesso em: 3 nov. 2021.

Quanto à predicação dos verbos destacados, pode-se afirmar que

- a) "houve" e "encontraram" são verbos transitivos diretos.
- b) "houve" é verbo transitivo direto e "encontraram" é verbo transitivo direto e indireto.
- c) "houve" é verbo intransitivo e "encontraram" é verbo transitivo direto.
- d) "houve" e "encontraram" são verbos intransitivos.

27. Leia o trecho a seguir.

Há exatamente um ano, o cenário da epidemia ainda não tinha sido classificado como pandemia e já preocupava todo o planeta. As informações existentes eram que a doença era provocada por um vírus que afetava as vias respiratórias provocando pneumonia. Até então, isso não seria novidade frente ao constante embate que já tivemos em outras epidemias causadas por vírus, principalmente pela influenza.

LOTUFO, Paulo. "A epidemia é um fenômeno social com decisão política". *Jornal da USP*, 5 mar. 2021. Disponível em: <https://jornal.usp.br/artigos/a-epidemia-e-um-phenomeno-social-com-decisao-politica/>. Acesso em: 3 nov. 2021.

No período "preocupava todo o planeta", o verbo é:

- a) transitivo.
- b) de ligação.
- c) intransitivo.
- d) bitransitivo.

28. UEL-PR 2020 Leia os trechos a seguir, extraídos de *A hora da estrela*, de Clarice Lispector, e responda à questão.

(Há os que têm. E há os que não têm. É muito simples: a moça não tinha. Não tinha o quê? É apenas isso mesmo: não tinha. Se der para me entenderem, está bem. Se não, também está bem. Mas por que trato dessa moça quando o que mais desejo é trigo puramente maduro e ouro no estio?)

[...]

(Ela me incomoda tanto que fiquei oco. Estou oco desta moça. E ela tanto mais me incomoda quanto menos reclama. Estou com raiva. Uma cólera de derrubar copos e pratos e quebrar vidraças. Como me vingar? Ou melhor, como me compensar? Já sei: amando meu cão que tem mais comida do que a moça. Por que ela não reage? Cadê um pouco de fibra? Não, ela é doce e obediente.)

LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. 10. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. p. 32-33.

Com base nos trechos e na leitura do romance, considere as afirmativas a seguir.

- I. O uso da primeira pessoa explica-se por se tratar de uma fala do narrador-personagem dirigida à outra personagem da história.

- II. A referência à intransitividade deliberada do verbo "ter" no trecho corresponde tanto a um uso peculiar da linguagem em outras passagens do livro quanto à insignificância da protagonista.
- III. O fato de haver referência à personagem como "a moça" deve-se ao recurso de retardar o momento de informar seu nome, o que ocorre apenas quando ela encontra Olímpico.
- IV. O "trigo puramente maduro" constitui uma imagem de esplendor que se caracteriza como o contrário do perfil da personagem da moça.

Assinale a alternativa correta.

- a) Somente as afirmativas I e II são corretas.
- b) Somente as afirmativas I e IV são corretas.
- c) Somente as afirmativas III e IV são corretas.
- d) Somente as afirmativas I, II e III são corretas.
- e) Somente as afirmativas II, III e IV são corretas.

29. Coloque 1 para a frase que apresenta um predicativo do objeto e 2 para a que possui um adjunto adnominal.

- O turista achou a linda praia.
- O turista achou linda a praia.
- A praia linda foi achada pelo turista.
- O turista achou-a linda.

30. Leia a tirinha.



Em relação aos verbos da tirinha e à sua natureza sintática, analise as afirmativas a seguir:

- I. Não há verbo de estado na tirinha.
- II. Só há um verbo transitivo indireto na tirinha, em única ocorrência.
- III. Todos os verbos possuem sujeito simples.

Assinale:

- a) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas.
- b) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas.
- c) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas.
- d) se todas as afirmativas estiverem corretas.
- e) se nenhuma afirmativa estiver correta.

31. Leia o trecho a seguir.

Estados e municípios **deram** os passos que julgaram necessários na corrida por vacinas. Ações que seguem rendendo troca de acusações entre as esferas de poder e que parecem deixar o país ainda mais atrasado no combate à pandemia.

Parte do mundo já imuniza grupos prioritários, enquanto por aqui vemos crescer um movimento antivacina, talvez alimentado por tantos desencontros e temor [...].

"Bater cabeça parece mesmo ser o esporte nacional". *Hoje em dia*, 17 dez. 2020. Disponível em: <https://hojeemdia.com.br/opiniao/colunas/editorial-1.334042/bater-cabeça-parece-mesmo-ser-o-esporte-nacional-1.816453>. Acesso em: 3 nov. 2021.

O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o verbo destacado no texto está empregado em "Parte do mundo já **imuniza** grupos prioritários". Justifique a afirmativa.

32. Leia os títulos de notícias a seguir e, depois, assinale a alternativa que **não** apresenta a análise correta do verbo.

a) Em "WhatsApp, Facebook e Instagram apresentam pane global", título de uma reportagem do *G1*, publicada em 4 de outubro de 2021, encontramos um verbo transitivo direto.

G1, 4 out. 2021.

b) Em "Bilionário romeno está entre as vítimas de queda avião na Itália", título de uma reportagem do *UOL*, também veiculada em 4 de outubro de 2021, temos um verbo de ligação.

UOL, 4 out. 2021.

c) Em "Plenário vota propostas que garantem mais proteção às mulheres", título de uma reportagem em áudio do portal *Senado Notícias*, publicada na mesma data que os textos anteriores, temos um verbo transitivo indireto.

TEIXEIRA, Raquel. *Agência Senado*, 4 out. 2021.

d) Em "Média de mortes por Covid no Brasil diminui e chega a 329 neste sábado", título de uma notícia do *site Metrôpoles*, publicada em 23 de outubro de 2021, encontramos um verbo transitivo direto.

MENESES, Celimar de. *Metrôpoles*, 23 out. 2021.

33. **IFPI 2016** Responda à questão, considerando o seguinte título de um artigo publicado na Folha de São Paulo *on-line*.

opinião

TENDÊNCIAS/DEBATES

PETRA COSTA

Machistas não passarão; nós, passarinho

19/11/2015 © 02h00



"Vocês têm tem que morrer, suas assassinas." "Arranca os úteros, bando de satânicas." "Ao invés de abortar, se mate." "Morre uma puta que fez um aborto, eu vibro como se fosse um gol do meu time." Esses foram alguns dos comentários que invadiram os perfis dos atores e realizadores do vídeo "Meu

Fonte: Folha de São Paulo UOL. Ano: 2015.

Nesse título, o verbo “passarão”, quanto à predicação, pode ser classificado como:

- a) Verbo de ligação.
- b) Verbo intransitivo.
- c) Verbo transitivo direto.
- d) Verbo transitivo indireto.
- e) Verbo transitivo direto e indireto.

34. UFMG Observe:

- 1. Queria muito aquele brinquedo.
Queria muito ao amigo.
- 2. Dormi muito esta noite.
Dormi um sono agradável.

A partir desses exemplos, explique a seguinte afirmativa: “A análise da transitividade verbal é feita de acordo com o texto e não isoladamente”.

35. Observe o cartaz da campanha a seguir.



Classifique sintaticamente os termos sublinhados nas orações: “Milhares de brasileiros esperam por um transplante. Ser doador de órgãos é um ato de amor e solidariedade”. Em seguida, justifique sua resposta.

36. PUC Em: “Porque eu continuarei a chamar **guerra a toda esta época embaralhada** de inéditos valores...”, as expressões destacadas são, respectivamente:

- a) objeto direto, objeto indireto.
- b) predicativo, objeto indireto.
- c) objeto direto, objeto direto preposicionado.
- d) predicativo, objeto direto pleonástico.
- e) objeto direto, objeto indireto.

37. UGF-RJ Assinale o único caso em que o pronome oblíquo átono exerce a função de objeto indireto:

- a) Contive-me.
- b) Ele aguardava-me desde cedo.
- c) Isto me agrada.
- d) O aluno me viu.
- e) Socorram-me.

38. Leia o trecho que se segue.

Em 1907, Oswaldo Cruz ganha a medalha de ouro no 14º Congresso Internacional de Higiene e Demografia de Berlim.

A despeito do medo e desconhecimento da população, em 1908, uma nova epidemia de varíola levou a população espontaneamente aos postos de vacinação e, assim o Brasil finalmente reconhecia o **valor** do sanitarista.

Em 1909 lançou importantes expedições científicas no interior do país, erradicando a febre amarela no Pará e realizando campanhas de saneamento da Amazônia.

CASTRO, Daniel S. de. Oswaldo Cruz. *InfoEscola*. Disponível em: www.infoescola.com/biografias/oswaldo-cruz/. Acesso em: 12 nov. 2021.

Qual é a função sintática do termo “valor” em destaque no texto?

39. FMU-SP Assinale a alternativa que contenha, respectivamente, um pronome pessoal do caso reto funcionando como sujeito e um pronome pessoal do caso oblíquo funcionando como objeto direto.

- a) Eu comecei a reforma da natureza por este passarinho.
- b) E mais uma vez me convenci da “tortura” destas coisas.
- c) Todos a ensinavam a respeitar a Natureza.
- d) Ela os ensina a fazer os ninhos nas árvores.
- e) Ela não convencia a ninguém disso.

40. Unifesp 2021 Leia o poema de Fernando Pessoa para responder à questão.

Cruz na porta da tabacaria!
Quem morreu? O próprio Alves? Dou
Ao diabo o bem-’star que trazia.
Desde ontem a cidade mudou.

Quem era? Ora, era quem eu via.
Todos os dias o via. Estou
Agora sem essa monotonia.
Desde ontem a cidade mudou.

Ele era o dono da tabacaria.
Um ponto de referência de quem sou.
Eu passava ali de noite e de dia.
Desde ontem a cidade mudou.

Meu coração tem pouca alegria,
E isto diz que é morte aquilo onde estou.
Horror fechado da tabacaria!
Desde ontem a cidade mudou.

Mas ao menos a ele alguém o via,
Ele era fixo, eu, o que vou,
Se morrer, não faltou, e ninguém diria:
Desde ontem a cidade mudou.

(*Obra poética*, 1997.)

Sempre que haja necessidade expressiva de reforço, de ênfase, pode o objeto direto vir repetido. Essa reiteração recebe o nome de objeto direto pleonástico.

(Adriano da Gama Kury. *Novas lições de análise sintática*, 1997. Adaptado.)

O eu lírico lança mão desse recurso expressivo no verso

- a) “Todos os dias o via. Estou” (2ª estrofe)
- b) “E isto diz que é morte aquilo onde estou.” (4ª estrofe)

- c) “Ele era fixo, eu, o que vou,” (5ª estrofe)
- d) “Mas ao menos a ele alguém o via,” (5ª estrofe)
- e) “Ao diabo o bem-estar que trazia.” (1ª estrofe)

41. Classifique os termos em destaque das seguintes orações em:

OD – objeto direto

OI – objeto indireto

- a) As decisões beneficiaram **a todos**.
- b) O Oriente Médio precisa **de harmonia**.
- c) Perdoei **todas as suas palavras**.
- d) Aos professores, respeite-**lhes**.

42. **UFV-MG** Na frase “Ela atribui-se uma culpa que não tem”, o pronome **se** é classificado como:

- a) pronome apassivador.
- b) índice de indeterminação do sujeito.
- c) objeto direto.
- d) objeto indireto.
- e) partícula expletiva ou de realce.

43. Observe:

Novo doc. mostra as transformações em Lisboa, Nova York e Londres durante a pandemia

GRILO, Fernanda. *Glamurama*, 17 set. 2021.

Na oração “[...] mostra as transformações”, qual é a função sintática do item sublinhado?

44. **Mackenzie-SP** Entre as alternativas a seguir, aponte a única em que um dos termos corresponde à análise dada: “Pareciam infinitas as combinações de cores no azul do céu.”

- a) Pareciam é um verbo intransitivo.
- b) Infinitas é objeto direto.
- c) Cores é o núcleo do sujeito.
- d) Do céu é o complemento nominal.
- e) n.d.a.

45. **EAMSC 2012**

Ensaio sobre a amizade

Que qualidade primeira a gente deve esperar de alguém com quem pretende um relacionamento? Perguntou-me o jovem jornalista, e lhe respondi: aquelas que se esperaria do melhor amigo. O resto, é claro, seriam os ingredientes da paixão, que vão além da amizade. Mas a base estaria ali: na confiança, na alegria de estar junto, no respeito, na admiração. Na tranquilidade. Em não poder imaginar a vida sem aquela pessoa. Em algo além de todos os nossos limites e desastres.

Talvez seja um bom critério. Não digo de escolha, pois amor é instinto e intuição, mas uma dessas opções mais profundas, arcaicas, que a gente faz até sem saber, para ser feliz ou para se destruir. Eu não queria como parceiro de vida quem não pudesse querer como amigo. E amigos fazem parte de meus alicerces emocionais: são um

dos ganhos que a passagem do tempo me concedeu. Falo daquela pessoa para quem posso telefonar, não importa onde ela esteja nem a hora do dia ou da madrugada, e dizer: “Estou mal, preciso de você”. E ele ou ela estará comigo pegando um carro, um avião, correndo alguns quarteirões a pé, ou simplesmente ficando ao telefone o tempo necessário para que eu me recupere, me reencontre, me reaprime, não me mate, seja lá o que for.

Mais reservada do que expansiva num primeiro momento, mais para tímida, tive sempre muitos conhecidos e poucas, mas reais, amizades de verdade, dessas que formam, com a família, o chão sobre o qual a gente sabe que pode caminhar. Sem elas, eu provavelmente nem estaria aqui. Falo daquelas amizades para as quais eu sou apenas eu, uma pessoa com manias e brincadeiras, eventuais tristezas, erros e acertos, os anos de chumbo e uma generosa parte de ganhos nesta vida. Para eles não sou escritora, muito menos conhecida de público algum: sou gente.

A amizade é um meio-amor, sem algumas das vantagens dele mas sem o ônus do ciúme – o que é, cá entre nós, uma bela vantagem. Ser amigo é rir junto, é dar o ombro para chorar, é poder criticar (com carinho, por favor), é poder apresentar namorado ou namorada, é poder aparecer de chinelo de dedo ou roupão, é poder até brigar e voltar um minuto depois, sem ter de dar explicação nenhuma. Amiga é aquela a quem se pode ligar quando a gente está com febre e não quer sair para pegar as crianças na chuva: a amiga vai, e pega junto com as dela ou até mesmo se nem tem criança naquele colégio.

Amigo é aquele a quem a gente recorre quando se angustia demais, e ele chega confortando, chamando de “minha gatona” mesmo que a gente esteja um trapo. Amigo, amiga, é um dom incrível, isso eu soube desde cedo, e não viveria sem eles. Conheci uma senhora que se vangloriava de não precisar de amigos: “Tenho meu marido e meus filhos, e isso me basta”. O marido morreu, os filhos seguiram sua vida, e ela ficou num deserto sem oásis, injuriada como se o destino tivesse lhe pregado uma peça. Mais de uma vez se queixou, e nunca tive coragem de lhe dizer, àquela altura, que a vida é uma construção, também a vida afetiva. E que amigos não nascem do nada como frutos do acaso: são cultivados com... amizade. Sem esforço, sem adubos especiais, sem método nem aflição: crescendo como crescem as árvores e as crianças quando não lhes faltam nem luz nem espaço nem afeto.

[...]

Lya Luft. *VEJA*. 26 de junho de 2006. (adaptado)

Analise os termos sublinhados, os comentários sobre cada um e assinale V para as afirmativas verdadeiras e F para as falsas.

- “Perguntou-me o jovem jornalista...” (1º §) – é um adjunto adnominal e atribui uma característica ao nome a que se refere.
- “...um dos ganhos que a passagem do tempo me concedeu” (2º §) – é um objeto direto e complementa a ideia dos ganhos concedidos.
- “Sem elas, eu provavelmente não estaria aqui” (3º §) – é um adjunto adverbial e faz alusão a um lugar.

“...nunca tive coragem de lhe dizer, àquela altura, que a vida é uma construção...” (5^o §) – é um predicativo, pois apresenta uma característica da vida, sujeito a que se refere.

Assinale a sequência correta.

- a) (V) (F) (V) (F) d) (F) (V) (V) (F)
b) (V) (F) (V) (V) e) (F) (F) (V) (F)
c) (F) (V) (V) (V)

46. FGV-SP Assinale a alternativa em que, pelo menos, um verbo esteja sendo usado como transitivo direto.

- a) Dependeu o coveiro de alguém que rezasse.
b) Oremos, irmãos!
c) Chega o primeiro raio da manhã.
d) Loureiro escolheu-nos como padrinhos.
e) Contava com o auxílio de Marina para cuidar do evento.

47. IFBA A análise da transitividade verbal não deve ser feita isoladamente, mas sim de acordo com o texto. O mesmo verbo pode estar empregado ora intransitivamente, ora transitivamente, ora com objeto direto, ora com objeto indireto. Dessa forma, indique a alternativa INCORRETA:

- a) Perdoai sempre. (verbo intransitivo)
b) Perdoai as ofensas. (verbo transitivo direto)
c) Perdoais aos inimigos. (verbo transitivo indireto)
d) Por que sonhas, ó jovem poeta? (verbo transitivo direto)
e) Sonhei um sonho guinholesco. (verbo transitivo direto)

48. Leia o trecho a seguir.

Novas tecnologias

Atualmente, prevalece na mídia um discurso de exaltação das novas tecnologias, principalmente aquelas ligadas às atividades de telecomunicações. Expressões frequentes como “o futuro já chegou”, “maravilhas tecnológicas” e “conexão total com o mundo” “fetichizam” novos produtos, transformando-os em objetos do desejo, de consumo obrigatório.

[...] Por esse motivo **carregamos** hoje nos bolsos, bolsas e mochilas o “futuro” tão festejado [...].

Todavia, não podemos reduzir-nos a meras vítimas de um aparelho midiático perverso, ou de um aparelho capitalista controlador. Há perversão, certamente, e controle, sem sombra de dúvida. Entretanto, **desenvolvemos** uma relação simbiótica de dependência mútua com os veículos de comunicação, que se estreita a cada imagem compartilhada e a cada dossiê pessoal transformado em objeto público de entretenimento.

Não mais como aqueles acorrentados na caverna de Platão, somos livres para nos aprisionar, por espontânea vontade, a esta relação sadomasoquista com as estruturas midiáticas, na qual tanto **controlamos** quanto somos controlados.

SAMPAIO, André Silveira. “A microfísica do espetáculo”. *Observatório da Imprensa*, 26 fev. 2013. Disponível em: <http://observatorioidaimprensa.com.br>. Acesso em: 1 mar. 2013 (adaptado).

Indique a classificação sintática das formas verbais em destaque no texto quanto à sua transitividade.

Disponível em: www.todamateria.com.br/exercicios-de-transitividade-verbal/

49. PUC-Minas Considerando que verbo transitivo direto requer complemento verbal chamado objeto direto, assinale a alternativa em que esse termo ocorre:

- a) O tostão é regateado com cerimônia.
b) Como viverei sem ti, meu bem?
c) Vamos... – disse Jesuíno.
d) Eram todos irmãos, felizmente.
e) E vão fazendo telhados.

50. FEI-SP Em “Usando do direito que lhe confere a Constituição”, as palavras sublinhadas exercem a função, respectivamente, de:

- a) objeto direto e objeto direto.
b) sujeito e objeto indireto.
c) objeto indireto e sujeito.
d) sujeito e sujeito.
e) objeto direto e objeto indireto.



Leia o trecho do livro *Em casa*, de Bill Bryson, para responder à questão **51**.

Quase nada, no século XVII, escapava à astúcia dos que adulteravam alimentos. O açúcar e outros ingredientes caros muitas vezes eram aumentados com gesso, areia e poeira.

A manteiga tinha o volume aumentado com sebo e banha.

Quem tomasse chá, segundo autoridades da época, poderia ingerir, sem querer, uma série de coisas, desde serragem até esterco de carneiro pulverizado. Um carregamento inspecionado, relata Judith Flanders, demonstrou conter apenas a metade de chá; o resto era composto de areia e sujeira.

Acrescentava-se ácido sulfúrico ao vinagre para dar mais acidez; giz ao leite; terebintina ao gim. O arsenito de cobre era usado para tornar os vegetais mais verdes, ou para fazer a geleia brilhar. O cromato de chumbo dava um brilho dourado aos pães e também à mostarda. O acetato de chumbo era adicionado às bebidas como adoçante, e o chumbo avermelhado deixava o queijo Gloucester, se não mais seguro para comer, mais belo para olhar.

Não havia praticamente nenhum gênero que não pudesse ser melhorado ou tornado mais econômico para o varejista por meio de um pouquinho de manipulação e engodo. Até as cerejas, como relata Tobias Smollett, ganhavam novo brilho depois de roladas, delicadamente, na boca do vendedor antes de serem colocadas em exposição. Quantas damas inocentes, perguntava ele, tinham saboreado um prato de deliciosas cerejas que haviam sido “umedecidas e roladas entre os maxilares imundos e, talvez, ulcerados de um mascate de Saint Giles”?

O pão era particularmente atingido. Em seu romance de 1771, *The expedition of Humphry Clinker*, Smollett definiu o pão de Londres como um composto tóxico de “giz, alume e cinzas de ossos, insípido ao paladar e destrutivo para a constituição”; mas acusações assim já eram comuns na época.

A primeira acusação formal já encontrada sobre a adulteração generalizada do pão está em um livro chamado *Poison detected: or frightful truths*, escrito anonimamente em 1757, que revelou segundo “uma autoridade altamente confiável” que “sacos de ossos velhos são usados por alguns padeiros, não infrequentemente”, e que “os ossuários dos mortos são revolvidos para adicionar imundícies ao alimento dos vivos”.

(Em casa, 2011. Adaptado.)

51. Unesp 2018 Em “Quase nada, no século XVII, escapava à astúcia dos que adulteravam alimentos” (1º parágrafo), o termo sublinhado é um verbo

- a) transitivo direto.
- b) intransitivo.
- c) de ligação.
- d) transitivo indireto.
- e) transitivo direto e indireto.

52. Leia o trecho a seguir.

O Brasil soma 607.954 mortes por Covid-19, e nesta terça-feira (02/11), Dia de Finados, usuários do Twitter estão aproveitando para contar histórias de vítimas da doença com a hashtag #nãoéumnumero. Entre as publicações, há relatos de vítimas famosas e anônimas, de amigos e parentes lamentando a ida precoce de suas pessoas queridas.

FREITAS, Hyndara. No Dia de Finados, histórias de vítimas da Covid viralizam no Twitter. *Metrópoles*, 2 nov. 2021. Disponível em: www.metropoles.com/brasil/no-dia-de-finados-historias-de-vitimas-da-covid-viralizam-no-twitter. Acesso em: 12 nov. 2021.

No parágrafo, extraído de uma notícia, qual é a função sintática do trecho “relatos de vítimas famosas e anônimas, de amigos e parentes”?

- a) objeto indireto.
- b) objeto direto.
- c) adjunto adverbial.
- d) agente da passiva.

53. Leia o trecho que se segue.

Brasileiro conta que descobriu maior cometa do sistema solar ‘por acaso’

O cosmólogo brasileiro Pedro Bernardinelli, de 27 anos, descobriu “por acaso” o maior cometa do sistema solar já identificado, enquanto pesquisava objetos distantes que orbitam o Sol para sua tese de doutorado.

Tilt Uol, 14 out. 2021. Disponível em: www.uol.com.br/tilt/noticias/redacao/2021/10/14/brasileiro-counta-que-descobriu-maior-cometa-do-sistema-solar-por-acaso.htm. Acesso em: 29 out. 2021.

Qual é a classificação sintática da palavra “acaso”, que aparece no título e no trecho da notícia?

54. UnB-DF Nas frases a seguir, todos os predicativos pertencem ao sujeito, exceto em:

- a) Narciso era apaixonado pela própria beleza.
- b) O bairro parece despersonalizado com estas novas residências.
- c) Só gosto de você alegre.
- d) Nenhum amigo era mais sincero e carinhoso.

BNCC em foco

EM13LP08

1. Enem PPL 2015

E: Diva ... tem algumas ... alguma experiência pessoal que você passou e que você poderia me contar ... alguma coisa que marcou você? Uma experiência ... você poderia contar agora...

I: É ... tem uma que eu vivi quando eu estudava o terceiro ano científico lá no Atheneu...né... é:: eu gostava muito do laboratório de química ... eu ... eu ia ajudar os professores a limpar aquele material todo ... aqueles vidros ... eu achava aquilo fantástico ... aquele monte de coisa ... né ... então ... todos os dias eu ia ... quando terminavam as aulas eu ajudava o professor a limpar o laboratório ... nesse dia não houve aula e o professor me chamou pra fazer uma limpeza geral no laboratório ... chegando lá ... ele me fez uma experiência ... ele me mostrou uma coisa bem interessante que ... pegou um béquer com meio d’água e colocou um pouquinho de cloreto de sódio pastoso... então foi aquele fogaréu desfilando... aquele fogaréu ... quando o professor saiu ... eu chamei umas duas colegas minhas pra mostrar a experiência que eu tinha achado fantástico ... só que ... eu achei o seguinte ... se o professor colocou um pouquinho... foi aquele desfile... imagine se eu colocasse mais ... peguei o mesmo béquer ... coloquei uma colher ... uma colher de cloreto de sódio ... foi um fogaréu tão grande ... foi uma explosão ... quebrou todo o material que estava exposto em cima da mesa em branca ... eu fiquei ... olha ... eu pensei que fosse morrer sabe ... quando ... o colégio inteiro correu pro laboratório pra ver o que tinha sido ...

CUNHA, M. A. F. (Org.). *Corpus discurso & gramática: a língua falada e escrita na cidade de Natal*. Natal: EdUFRN, 1998.

Na transcrição de fala, especialmente, no trecho “eu branca ... eu fiquei ... olha ... eu pensei que fosse morrer sabe ...”, há uma estrutura sintática fragmentada, embora facilmente interpretável. Sua presença na fala revela

- a) distração e poucos anos de escolaridade.
- b) falta de coesão e coerência na apresentação das ideias.
- c) afeto e amizade entre os participantes da conversação.
- d) desconhecimento das regras de sintaxe da norma-padrão.
- e) característica do planejamento e execução simultânea desse discurso.

EM13LP08

2. **Enem 2013** Gripado, penso entre espirros em como a palavra gripe nos chegou após uma série de contágios entre línguas. Partiu da Itália em 1743 a epidemia de gripe que disseminou pela Europa, além do vírus propriamente dito, dois vocábulos virais: o italiano *influenza* e o francês *grippe*. O primeiro era um termo derivado do latim medieval *influentia*, que significava “influência dos astros sobre os homens”. O segundo era apenas a forma nominal do verbo *gripper*, isto é, “agarrar”. Supõe-se que fizesse referência ao modo violento como o vírus se apossa do organismo infectado.

RODRIGUES, S. *Sobre palavras*. Veja, São Paulo, 30 nov. 2011.

Para se entender o trecho como uma unidade de sentido, é preciso que o leitor reconheça a ligação entre seus elementos. Nesse texto, a coesão é construída predominantemente pela retomada de um termo por outro e pelo uso da elipse. O fragmento do texto em que há coesão por elipse do sujeito é:

- a) “[...] a palavra gripe nos chegou após uma série de contágios entre línguas.”
- b) “Partiu da Itália em 1743 a epidemia de gripe [...]”.
- c) “O primeiro era um termo derivado do latim medieval *influentia*, que significava ‘influência dos astros sobre os homens.’”
- d) “O segundo era apenas a forma nominal do verbo *gripper* [...]”.
- e) “Supõe-se que fizesse referência ao modo violento como o vírus se apossa do organismo infectado.”

EM13LP08 e EM13LP43

3. **Enem 2017 (Adapt.)**

**Quem bate
na mulher
machuca a família
inteira.**



The cartoon shows a family of four: a father labeled 'eu' (me), a mother labeled 'mamãe' holding a baby, and a child labeled 'Aninha'. To their right is a large, brown, furry monster with sharp teeth and claws, labeled 'Papai' (Dad). The monster is reaching out towards the family, symbolizing domestic violence.

Reprodução

Ligue 180.
Não se cale diante
da violência doméstica.

REALIZAÇÃO:
**INSTITUTO
PATRÍCIA
CALVÃO**

Qual é o objetivo dessa publicidade? E qual é a função sintática de “machuca a família inteira”?



© photography/Shutterstock.com

Igreja de São Francisco de Assis, na cidade de Ouro Preto, Minas Gerais.

FRENTE 1

CAPÍTULO

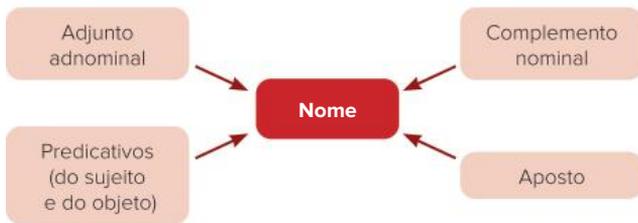
8

Sintaxe do período simples II

A Igreja de São Francisco de Assis, em Ouro Preto, possui aspectos comuns ao Barroco, como a presença do ouro e os adornos que realçam as formas exuberantes das imagens. Esses elementos contribuem para a riqueza de detalhes do local. Na língua, o nome (substantivo ou pronome) tem papel fundamental na oração, mas há outros termos sintáticos que agregam sentidos a ele, evidenciando certas características e aspectos. Neste capítulo, veremos como os adjuntos adnominais, complementos nominais, predicativos e apostos ajudam na compreensão do núcleo informacional dos textos, dando-lhes maior riqueza linguística.

Termos ligados ao nome

No capítulo anterior, estudamos alguns termos ligados ao verbo: complementos verbais (objeto direto e objeto indireto), adjunto adverbial e agente da passiva. Neste, analisaremos os termos da oração relacionados ao núcleo nominal, descritos no esquema a seguir:



Adjunto adnominal

Os títulos dos filmes a seguir apresentam um núcleo nominal (a palavra mais importante do sintagma) e outras palavras que se relacionam a ele. Observe que, no primeiro cartaz, o substantivo “donzela” vem especificado pelo artigo “a” e pelo numeral “penúltima”. Já no segundo cartaz, o substantivo “malvado” está acompanhado de dois especificadores: o pronome “meu” e o adjetivo “favorito”.

Reprodução



Reprodução



Nos títulos dos filmes, “donzela” e “malvado”, núcleos dos sintagmas, são acompanhados por adjuntos adnominais.

O termo ligado ao substantivo que tem a função de especificar e determinar o sentido do núcleo nominal é chamado adjunto adnominal. De forma geral, os artigos, adjetivos (ou locuções adjetivas), numerais e pronomes desempenham essa função na sentença.

A posição do adjunto adnominal pode variar de acordo com o enunciado. Observe:

a) Antes do núcleo nominal:

Adjunto adnominal	Adjunto adnominal	Núcleo nominal
A (artigo)	penúltima (numeral)	donzela (substantivo)

b) Antes e depois do núcleo nominal:

Adjunto adnominal	Núcleo nominal	Adjunto adnominal
Meu (pronome)	malvado (substantivo)	favorito (adjetivo)

c) Após o núcleo nominal:

Núcleo nominal	Adjunto adnominal
Meninas (substantivo)	malvadas (adjetivo)
Festa (substantivo)	das meninas (locução adjetiva)

Reprodução



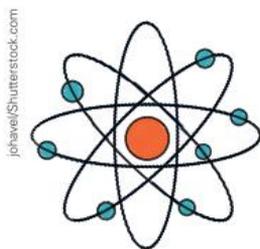
O adjunto adnominal, no sintagma, pode aparecer em diferentes posições.

O adjunto adnominal (adj. adn.) modifica um núcleo nominal (substantivo), independentemente de sua função sintática: sujeito, objeto, adjunto adverbial etc.

Para melhor compreender a função dos adjuntos adnominais em um enunciado, observe o quadro a seguir.

Sujeito	Verbo	Objeto direto	Adjunto adverbial
<p>A linda Edith</p> <p>(adj. adn.)</p> <p>(núcleo)</p>	<p>comprou</p>	<p>um livro interessante</p> <p>(núcleo)</p> <p>(adj. adn.)</p> <p>(adj. adn.)</p>	<p>com dois amigos.</p> <p>(núcleo)</p> <p>(adj. adn.)</p>

Estabelecendo relações

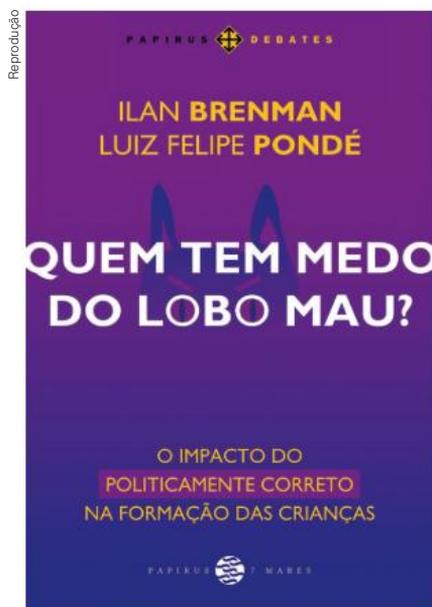


Em Química, um átomo é uma unidade básica de matéria formada por um núcleo central (com prótons e nêutrons) e por elementos que estão localizados fora dele (os elétrons). No estudo do sintagma nominal (SN), observamos uma relação semelhante, já que o SN é formado por um núcleo nominal (substantivo), e a este se ligam outros elementos que a ele fazem referência. Os adjuntos adnominais (artigo, pronome, numeral, adjetivo e locução adjetiva) “circundam” o núcleo do SN, isto é, têm a função de especificá-lo.

Complemento nominal

Já estudamos que alguns verbos precisam de complemento, aos quais damos o nome de objeto direto ou objeto indireto. Mas não são apenas os verbos que precisam de complemento, uma vez que há alguns nomes que não têm sentido completo por si só e dependem de uma informação a mais na sentença para que possamos compreender o que é enunciado.

Observe a capa do livro a seguir.



No título do livro, as palavras “tem” e “medo” precisam de complementos para terem sentido completos.

O verbo “ter” exige complemento (quem tem, tem alguma coisa) e, no título do livro, é a palavra “medo” que completa sua ideia. Mas ao observar a sentença, percebemos que “medo” também não tem um sentido pleno, porque quem tem medo, tem medo de alguma coisa. Concluímos, assim, que o substantivo “medo” precisa de complemento.

Ao elemento que se liga a esse nome, completando-lhe o sentido, chamamos complemento nominal. No título da obra, a expressão “do lobo mau” exerce essa função. Veja:



O complemento nominal (CN) pode completar a ideia de um adjetivo, de um advérbio ou de um substantivo abstrato, sendo sempre introduzido por uma preposição.



! Atenção

O objeto e o complemento nominal têm funções parecidas na oração, mas o primeiro completa a ideia de um verbo, e o segundo, de um nome. Fique atento, em especial, aos objetos indiretos que, como os complementos nominais, são introduzidos por preposição. Veja os exemplos:

- Eu confio em você. (“em você” completa a ideia do verbo “confiar”, então é objeto indireto.)
- Eu tenho confiança em você. (“em você” completa a ideia do substantivo abstrato “confiança”, por isso é complemento nominal.)

Complemento nominal × adjunto adnominal

Quando um elemento da frase é formado por uma locução adjetiva (composta, em geral, pela preposição “de” mais um substantivo), é comum ficarmos em dúvida sobre sua função sintática, ou seja, saber se é um complemento nominal ou adjunto adnominal.

A primeira dica é observar a classe da palavra: apenas o complemento nominal modifica adjetivos e advérbios. Dessa forma, se o vocábulo a que se liga a locução adjetiva pertencer a uma dessas duas classes gramaticais, nunca será um adjunto adnominal.

Reveja dois dos exemplos anteriores.



A segunda dica é que o adjunto adnominal modifica substantivos concretos e o complemento nominal não. Assim, se a palavra a que o termo faz referência for um substantivo concreto, ele sempre será um adjunto adnominal, nunca um complemento nominal.



Por fim, quando a locução adjetiva fizer referência a um substantivo abstrato, será necessário ter atenção redobrada, pois tanto o adjunto adnominal quanto o complemento nominal podem se ligar a substantivos abstratos. Observe:



O adjunto adnominal apresenta um valor ativo, ou seja, evidencia quem é o agente da ideia expressa pelo substantivo. No primeiro exemplo, é o aluno o responsável por realizar a leitura, logo o termo “do aluno” exerce a função de adjunto adnominal. O complemento nominal, por sua vez, apresenta um valor passivo, isto é, ele é o alvo da ideia

estabelecida pelo substantivo, não o agente. No segundo exemplo, o livro é o alvo da leitura, não é quem a realiza, por isso, é um complemento nominal.

Outra diferença é que o adjunto adnominal pode indicar posse (“A invenção do humorista.”), enquanto o complemento nominal nunca traz essa ideia (“A invenção do automóvel.”).

Podemos sintetizar as diferenças entre essas duas funções sintáticas da seguinte forma:

Adjunto adnominal	Complemento nominal
Está ligado a substantivos concretos ou abstratos.	Está ligado a substantivos abstratos, adjetivos e advérbios.
Podem ou não vir acompanhado de preposição.	É sempre acompanhado de preposição.
Apresenta valor ativo, ou seja, pratica a ação expressa pelo nome a que se refere.	Apresenta valor passivo, ou seja, recebe a ação expressa pelo nome a que se refere.
Podem indicar posse.	Nunca indica posse.

Predicativos

O predicativo é um termo que se refere ao sujeito ou ao objeto, acrescentando-lhes uma característica.

! Atenção

Os predicativos são encontrados apenas em predicado nominal (que tem como núcleo um nome e possui um verbo de ligação) ou em predicado verbo-nominal (que possui dois núcleos: um verbo significativo e um nome).

Leia a piada que se segue:

Um maluco pegou uma lanterna acesa, jogou o facho de luz para o teto e disse para o outro:

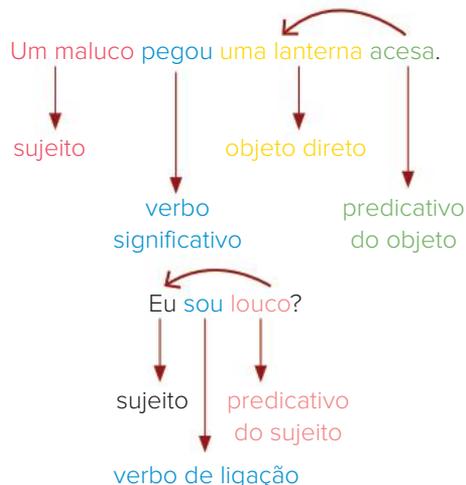
— Você é capaz de subir pelo facho de luz?

E o outro diz:

— Eu por acaso sou louco? Se você apagar a luz, eu caio!

TADEU, Paulo. *Continua proibido para maiores: mais piadas para crianças*. 4. ed. São Paulo: Matrix, 2008. p. 12.

A piada brinca com a falta de lógica, tanto do maluco que pergunta quanto do outro que responde, o que gera o humor. Observe duas frases retiradas do texto e a relação das palavras destacadas com o elemento a que elas fazem referência:

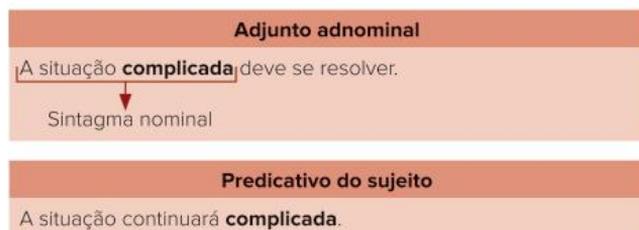


Na primeira frase, podemos perceber que a palavra “acesa” acrescenta um atributo ao substantivo “lanterna”, o qual exerce a função de objeto direto na sentença. Toda vez que a palavra que evidencia uma característica estiver ligada a um objeto direto, ela será, sintaticamente, um predicativo do objeto. Observe que o primeiro exemplo apresenta dois núcleos informacionais – um verbo significativo e um predicativo – evidenciando-se, assim, que há um predicado verbo-nominal, o qual poderia ser desmembrado da seguinte forma: “Um maluco pegou uma lanterna.” e “A lanterna estava acesa.”.

Na segunda frase, a palavra “louco” acrescenta um atributo ao sujeito “eu”, exercendo a função de predicativo do sujeito. Veja que a sentença é formada por um predicado nominal, já que apresenta um verbo de ligação (“sou”) e o núcleo informacional que traz a característica do sujeito, ou seja, o predicativo do sujeito.

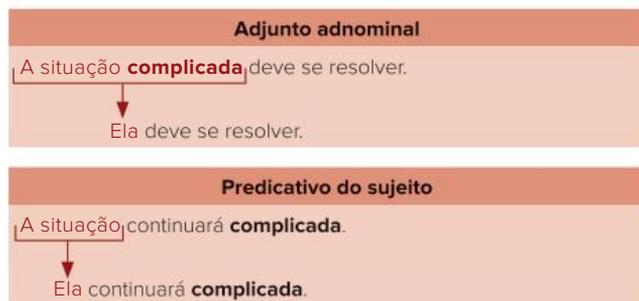
Podemos concluir que o predicativo do sujeito sempre estará presente em um predicado nominal, enquanto o predicativo do objeto só será encontrado em um predicado verbo-nominal.

Fique atento para não confundir o predicativo com o adjunto adnominal. Observe os exemplos:



Veja que a palavra “complicada”, no primeiro enunciado, faz parte do sintagma nominal a que se refere e não depende da ação verbal. Como ela acrescenta uma informação a mais ao nome “situação”, é classificada sintaticamente como adjunto adnominal. No segundo exemplo, a palavra “complicada” depende da ação verbal e acrescenta uma informação nova e ocasional atribuída ao elemento a que faz referência na sentença.

Para não ter dúvida, basta substituir o sujeito por um pronome pessoal: se a característica não se mantiver, então será adjunto adnominal. Por outro lado, se mesmo com essa mudança a característica continuar presente, então o que temos é um predicativo do sujeito. Veja:



Com o predicativo do objeto, a substituição pelo pronome pessoal também permite compreender a distinção com o adjunto adnominal. Observe:



Nos dois casos, o predicativo (do sujeito e do objeto) se mantém explícito na construção com o pronome, como evidenciado no segundo quadro dos exemplos dados. Em síntese, o predicativo e o adjunto adnominal se diferenciam porque:

Adjunto adnominal	Predicativo
Está ligado diretamente ao substantivo, sem dependência do verbo.	A relação com o termo a que faz referência é mediada por um verbo.
Integra o sintagma nominal ao qual se refere.	Não integra o mesmo sintagma nominal ao qual se refere.
Não se mantém na frase quando o sintagma é substituído por um pronome.	Mantém-se na sentença quando o elemento a que está ligado é substituído por um pronome.
Usado para evidenciar as características próprias do núcleo nominal.	Usado para evidenciar características momentâneas do nome a que está ligado.

Aposto

Conheça quatro curiosidades sobre a cidade de Cuiabá, **capital do Mato Grosso**

Portal Amazônia, 8 abr. 2021.

O título poderia ser escrito sem o termo em destaque e, ainda assim, conseguiríamos entender seu sentido. No entanto, a expressão destacada acrescenta uma informação a mais, evidenciando uma explicação para que o leitor tenha outro conhecimento sobre a cidade mencionada.

Em textos, às vezes podem aparecer palavras e expressões que se relacionam com um termo anterior, dando a ele uma explicação ou um detalhamento que amplia seu sentido. Esta é a função do aposto, um termo que restringe o valor semântico do núcleo nominal (substantivo, pronome).

Na manchete a seguir, veja como o aposto “receita para um fígado saudável” apresenta um esclarecimento sobre o termo que o antecede (“Leite materno”).



Reprodução

FRETE 1

Leia agora um trecho dessa reportagem:

[...] os recém-nascidos apresentam reduzida capacidade de metabolizar macronutrientes (**especialmente carboidratos e lipídios**) em comparação a um adulto, mas essa capacidade vai se aproximando do nível encontrado em um adulto em torno do período de desmame – **a segunda transição alimentar**.

ANTUNES, Maísa Mota; MENEZES, Gustavo Batista. *Ciência Hoje*, 4 abr. 2019. Disponível em: <https://cienciahoje.org.br/artigo/leite-materno-receita-para-um-figado-saudavel/>. Acesso em: 14 out. 2021.

Os termos destacados no parágrafo também são apostos, já que esclarecem e ampliam o sentido do que foi dito antes. Na escrita, o aposto vem separado do termo que o

antecede, na maioria das vezes, por sinais de pontuação, que podem ser vírgulas, travessões, parênteses ou dois-pontos.

Aposto separado por:	Exemplo:
Vírgulas	Letícia, minha amiga advogada , já deu entrada no processo.
Travessões	Alíria – mulher iluminada – virá visitar-me amanhã.
Parênteses	Camila (estudante dedicada) foi aprovada no vestibular.
Dois-pontos	Marina agora só come coisas leves: sopas e saladas .

Saiba mais

O aposto pode ser um importante recurso para a argumentação. Em um texto escrito ou oral, tão importante quanto organizar as informações é apresentar certos aspectos desses dados, qualificando-os. Para exemplificar, veja como o enunciado “Clarice Lispector tem belas obras” é diferente de “Clarice Lispector, a incomparável escritora modernista, tem belas obras”. O aposto destacado no segundo exemplo pode ajudar a convencer o leitor a ler as obras de Clarice, tanto porque esclarece quem é a autora quanto porque evidencia uma qualificação significativa da escritora.

Revisando

1. UEM-PR 2019

Reflexões sobre o tempo

(Marcelo Gleiser – professor de física)

Para alguns, os mais pragmáticos, o tempo não tem nada de misterioso: ele passa, envelhecemos e um dia morremos, ponto final. Já para outros, este colunista incluído, o tempo é um paradoxo, nosso grande amigo e inimigo.

5 Amigo por nos ensinar a ser pacientes com a paciência dos outros, por nos fazer esquecer coisas que devem ser esquecidas e lembrar aquelas que devem ser lembradas. Inimigo por interromper vidas e relações, mudar coisas que não queremos que sejam mudadas, por nos fazer esquecer coisas que devem ser lembradas. Em termos psicológicos não temos dúvidas: como ninguém consegue se lembrar do futuro, o tempo anda sempre avante.

15 Mas a situação não é assim tão simples. Em arte, podemos inventar o futuro no presente, “visualizar” o que vai ser e tentar dar vida a essa visão. O paradoxo, aqui, é que toda criação depende apenas do passado: criamos o futuro re-experimentando e reintegrando o passado. Isso não significa que tudo já existe; significa apenas que existem infinitos modos de olhar para trás.

20 Em física, a direção do tempo não é obviamente para a frente. Na verdade, as leis da mecânica não distinguem entre ir avante ou para trás. Imagine, por exemplo, que alguém tenha filmado uma bola voando da direita para a esquerda. Se o filme for passado de trás para a frente, a

25 bola voa da esquerda para direita: quem não esteve presente durante a gravação, não saberia em qual das duas situações o tempo vai do passado para o futuro. Dizemos que as leis da mecânica são reversíveis temporalmente.

30 Se a física dissesse que o tempo é reversível sempre, estaria em séria contradição com a realidade que vemos

à nossa volta. (E em nós mesmos.) Basta observarmos o mundo para saber que o tempo vai para a frente: os dias passam, coisas mudam, pessoas e animais envelhecem, planetas giram em torno do Sol, o Sol envelhece, estrelas nascem e morrem, o próprio Universo cresce cada vez mais, definindo a direção cosmológica do tempo. Como então reconciliar estas observações com as leis básicas da física? A resposta se encontra na complexidade do sistema: uma bola é um sistema extremamente simples, sua trajetória para a direita ou para a esquerda é essencialmente a mesma. Mas um ovo virar omelete, por exemplo, é um processo irreversível: não vemos um omelete virar ovo. A diferença é que um ovo pode ser transformado em omelete através de inúmeros caminhos. Mas existem poucos modos de se transformar omeletes em ovos. (Assumindo que todos os ovos são essencialmente iguais...).

Como mostrou Ludwig Boltzmann, a questão depende de probabilidades: a probabilidade que todas as moléculas de um omelete se realinham em um ovo é extremamente pequena, tão pequena que o fenômeno é altamente improvável, quase impossível. Quase mas não totalmente. Para tal, seriam necessárias incontáveis interações entre as moléculas de clara e gema seguindo instruções extremamente específicas: seria necessário um princípio organizador que pudesse contrariar o fato que desordem tende a aumentar, um princípio capaz de transformar desordem em ordem. Um destes princípios é justamente a arte; outro é a ciência. Ambas dão expressão à necessidade que temos de integrar nossa experiência do mundo com quem somos.

GLEISER, M. *Folha de S. Paulo*, 20 de março de 2005.

Assinale o que for **correto**.

01 A expressão “aqui” (linha 15) não pode anteceder a expressão “O paradoxo” (linha 15) sem causar mudança em sua função sintática.

- 02** A reescrita do enunciado “a situação não é assim tão simples” (linha 13) para *a situação não é tão simples assim* preserva a função sintática de adjunto adverbial do vocábulo “assim”.
- 04** O vocábulo “paradoxo” (linha 4) exerce a função sintática de adjunto adnominal porque ocupa um lugar periférico no período.
- 08** A expressão “nosso grande amigo e inimigo.” (linha 4), em termos sintático-semânticos, mantém uma relação de explicação com o enunciado anterior “o tempo é um paradoxo” (linha 4).
- 16** Em termos sintático-semânticos, tanto na linha 5 quanto na linha 6 o vocábulo “por” introduz uma relação de explicação quanto à ideia de o tempo ser nosso amigo.

Soma:

- 2.** O primeiro campeão da história do *surf olímpico*, Ítalo Ferreira, já havia conseguido um grande resultado no Japão **dois anos atrás**. E ele passou por uma saga imensa para vencer o título do ISA World Surfing Games. No entanto, Ítalo sofreu uma série de contratempores e teve grandes dificuldades para chegar ao Japão.

Primeiro, o atleta teve seus documentos furtados nos Estados Unidos. Ítalo teve que correr contra o tempo para fazer um novo passaporte a tempo do seu voo. Ele conseguiu, mas quando tudo parecia resolvido, um tufão fechou o espaço aéreo de Tóquio, fazendo com que o surfista tivesse que desembarcar em Nagasaki. Por conta da longa distância entre as cidades, o potiguar sequer teve tempo para esperar suas pranchas chegarem. Ele saiu diretamente do aeroporto para o local de competição.

[...]

Dois anos atrás, Ítalo Ferreira viveu saga para vencer no Japão. *Yahoo! Notícias*, 27 jul. 2021. Disponível em: <https://br.noticias.yahoo.com/italo-ferreira-viveu-saga-para-conquistar-vaga-em-toquio-035544322.html>. Acesso em: 14 out. 2021.

As funções sintáticas de “dois anos atrás” e “olímpico” são, respectivamente:

- a) sujeito e objeto direto.
 b) sujeito e sujeito.
 c) adjunto adnominal e adjunto adnominal.
 d) adjunto adverbial e sujeito.
 e) adjunto adverbial e adjunto adnominal.
- 3.** Leia os ditados populares, observe o termo em destaque e a função sintática a ele atribuída.
- I.** “A galinha do vizinho é sempre mais gorda do que a nossa.” (complemento nominal)
II. “A noite é boa conselheira.” (predicativo do sujeito)
III. “A boca do ambicioso só se fecha com terra de sepultura”. (adjunto adnominal)
IV. De noite, todos os gatos são pardos. (aposto)

É correto o que se afirma em:

- a) I e II
 b) II e III
 c) III e IV.
 d) I e IV.
 e) II e IV.

- 4.** Leia, a seguir, o fragmento de uma resenha sobre o filme *Mulher-Maravilha 1984*, lançado em dezembro de 2020. O longa-metragem de ação e aventura narra a história de Diana Prince, nome verdadeiro da personagem, durante a Guerra Fria.

[...] “Nada de bom começa com mentiras...”, esse é o grande norte de *Mulher-Maravilha 1984*.

E nada melhor que os anos 80 para colocar a Mulher-Maravilha nesse contexto, um mundo cheio de mentiras, ganância e individualismo, onde a heroína soa como um sopro de esperança [...]. No filme, vemos Diana tocar sua vida ao trabalhar [...] em um museu em Washington D.C. e que, de quebra, também salva crianças de assaltos em *shoppings*, mulheres de serem atropeladas enquanto fazem corrida [...], e isso é divertido demais de se ver, afinal nem sempre você precisa salvar o mundo de ameaças intergalácticas e raios azuis que saem do centro da Terra, né?

MORALES, Miguel. *Mulher-Maravilha 1984* | Crítica: Nova aventura lança espectador com maravilhoso e cativante filme. *Arroba Nerd*, 15 dez. 2020. Disponível em: https://arrobanerd.com.br/mulher-maravilha-1984-critica/#google_vignette. Acesso em: 8 nov. 2021. (Adapt.).

Em “um mundo é cheio **de mentiras, ganância e individualismo**”, o trecho destacado exerce a função sintática de:

- a) objeto direto.
 b) agente da passiva.
 c) adjunto adnominal.
 d) objeto indireto.
 e) complemento nominal.

- 5.** Leia o perfil de um medalhista olímpico brasileiro e avalie a veracidade das afirmações que se seguem.

Bruno Fratus – Nataçãõ

Um dos principais velocistas do país, Bruno Fratus nasceu em Macaé (RJ), mas foi criado no Nordeste brasileiro. Aos 17 anos, mudou-se para São Paulo e passou a treinar no clube Pinheiros. Formado por um dos grandes treinadores do país, Albertinho Silva, e depois lapidado pelo australiano Brett Hawke, Fratus tem sete medalhas em Jogos Pan-americanos, sendo cinco de ouro e duas de prata, todas elas conquistadas entre Guadalajara 2011 e Lima 2019. No currículo, o nadador tem ainda quatro medalhas em Campeonatos Mundiais: três pratas e um bronze (Kazan 2015, Budapeste 2017 e Gwangju 2019).

COMITÊ OLÍMPICO BRASILEIRO. COB. Disponível em: <https://cob.org.br/pt/cob/time-brasil/atletas/bruno-giuseppe-fratus/>. Acesso em: 8 nov. 2021.

- I.** “Um dos principais velocistas do país” e “Albertinho Silva” exercem a mesma função sintática no texto.
II. O fragmento “mas foi criado no Nordeste brasileiro” evidencia uma relação de oposição com a informação precedente.
III. A troca da preposição “em” por outra no trecho “Bruno Fratus nasceu em Macaé (RJ)” poderia ser feita sem prejuízo de sentido para o enunciado.

É verdade o que se afirma em:

- a) I e II.
 b) I e III.
 c) II e III.
 d) I, apenas.
 e) II, apenas.

6. A ascensão no cinema foi meteórica, em menos de dez anos. Jennifer Lee, 48 anos, teve seu primeiro crédito como roteirista em *Detona Ralph*, em 2003. Hoje, é diretora de criação dos Estúdios de Animação Disney, a primeira mulher nessa posição. Ela também foi pioneira ao dirigir no mesmo estúdio um longa de animação, *Frozen – Uma Aventura Congelante*, em parceria com Chris Buck. E ainda a primeira mulher a dirigir uma produção que ultrapassou 1 bilhão de dólares nas bilheteiras. “Fiquei lisonjeada de ser a primeira, claro, mas, ao mesmo tempo, achei revelador sobre nossa realidade o fato de estar sozinha nessas posições e também de ter demorado tanto para uma mulher alcançá-las”, afirmou a CLAUDIA. A entrevista aconteceu na sede da Disney, em Burbank, durante o lançamento de *Frozen 2*, previsto para 2 de janeiro no Brasil.

MORISAWA, Mariane. A mulher de um bilhão de dólares. *CLAUDIA*, 17 fev. 2020. Disponível em: <https://claudia.abril.com.br/cultura/a-mulher-de-um-bilhao-de-dolares/>. Acesso em: 9 nov. 2021.

Assinale a alternativa que indica o termo que exerce a função de núcleo do predicativo do sujeito no trecho: “Ela também foi pioneira ao dirigir no mesmo estúdio um longa de animação, *Frozen – Uma Aventura Congelante*, em parceria com Chris Buck.”

- a) estúdio.
 - b) parceria.
 - c) Frozen.
 - d) foi.
 - e) pioneira.
7. **UEA-AM 2019** Leia o texto de João Vicente Ganzarolli de Oliveira para responder à questão.

No sentido amplo, a arte é uma atividade produtora, responsável pela criação de seres que, sem a intervenção humana, não existiriam. Entendendo dessa forma, são frutos da arte tanto um **moteto** de Palestrina quanto um automóvel uma ferramenta pré-histórica e um computador. Como a arte, também a natureza é geradora. Nelas temos duas fontes de existência das criaturas; ambas insurgem-se contra o nada. Como diz Étienne Gilson, “A missão do artista é enriquecer o mundo com novos seres. O artista sente um impulso irresistível de violentar o nada”.

(*A humanização da arte*, 2006. Adaptado.)

moteto: tipo de composição musical medieval.

O predicativo do sujeito é o termo que qualifica (ou caracteriza) o sujeito da oração.

O termo sublinhado exerce a função de predicativo do sujeito em:

- a) “Nelas temos duas fontes de existência de criaturas”.
- b) “a arte é uma atividade produtora”.
- c) “ambas insurgem-se contra o nada”.
- d) “O artista sente um impulso irresistível de violentar o nada”.
- e) “São frutos da arte tanto um moteto de Palestrina quanto um automóvel”.

8.



Son Salvador/EM/D.A. Press

Sobre a estrutura sintática dos recursos verbais presentes na charge, “o senhor tem plano de saúde...” e “Isso é grave?”, é correto afirmar que “plano de saúde” e “grave” constituem, respectivamente,

- a) objeto direto e predicativo do sujeito.
- b) objeto direto e objeto direto.
- c) objeto indireto e predicativo do sujeito.
- d) objeto indireto e objeto indireto.
- e) objeto direto e predicativo do objeto.

9. **Uece 2020**

Baseado no *best-seller* homônimo de R.J. Palacio, *Extraordinário* intima às lágrimas. Dito assim, pode parecer que o filme dirigido por Stephen Chbosky é um drama apelativo. Não deixa de ser [...], pois estamos falando da história de um menino que sofre da Síndrome de Treacher Collins, responsável por causar deformação facial. É naturalmente tocante a sua jornada inicial, e aparentemente simples, de sair de casa para o primeiro dia de aula, quando instado a tirar o capacete de astronauta que o esconde. Auggie (Jacob Tremblay) desenvolveu uma série de técnicas para não se embarçar com o espanto alheio, sendo a mais eficiente delas olhar para baixo e ler as pessoas a partir dos seus calçados.

Mesmo dentro de uma estrutura bastante estanque, os relacionamentos são encarados com candura em *Extraordinário*, a começar pela estrutura familiar. Auggie é educado e amparado sempre de perto pela mãe, Isabel (Julia Roberts), encontra momentos de leveza ao lado do paição, Nate (Owen Wilson), e tem o total apoio da irmã mais velha, Via (Izabela Vidovic). Esse acolhimento doméstico serve para contrabalançar os episódios difíceis na escola, a despeito de todo o cuidado que a direção e a docência têm com sua integração.

Stephen Chbosky costura as diversas facetas narrativas com habilidade. Saindo ligeiramente do habitual, *Extraordinário* tenta expandir a mirada aos personagens periféricos, às testemunhas da trajetória de Auggie. Isso ocorre de maneira explícita, com a divisão do filme, literalmente, em capítulos, estes nominados de acordo com o coadjuvante ocasionalmente promovido ao centro, com direito a narração em *off*. [...] O intuito por trás desse fracionamento é mostrar um pouco das dificuldades de cada um. Ainda que rapidamente o foco sempre volte ao menino com problemas de adaptação social, esses respiros são bem-vindos para alargar a nossa compreensão

35 acerca de um painel mais amplo. O percurso construído é singelo e terno.

Extraordinário não se propõe a fazer uma investigação profunda das questões concernentes à história de Auggie. Todavia, Stephen Chbosky garante, ao menos, a prevalência dos olhares afetuosos. A dinâmica entre as pessoas em cena, com quem estabelecemos rapidamente empatia, funciona adequadamente dentro da proposta adotada. Em tempos intolerantes como o nosso, é auspicioso assistir a uma realização que, não obstante a restrição por conta do molde pré-definido, neste caso o livro, consegue mirar em um público amplo, sem esquecer-se de propagar ideias de tolerância, afrontando, por exemplo, a conduta reprovável dos *bullies*.

MÜLLER, M. *Crítica*. Disponível em: <https://www.papodecinema.com.br/filmes/extraordinario/>. Acesso em: 24 de outubro de 2019.

O aposto é um termo utilizado no texto para explicar algo que aparece anteriormente e vem separado por vírgulas. Com base nessa informação, assinale a opção em que a expressão destacada **NÃO** é um aposto.

- a) “[...] a divisão do filme literalmente em capítulos, **estes nominados de acordo com o coadjuvante ocasionalmente promovido ao centro** [...]”. (linhas 27-29)
- b) “[...] estamos falando da história de um menino que sofre da Síndrome de Treacher Collins, **responsável por causar deformação facial**”. (linhas 4-6)
- c) “A dinâmica entre as pessoas em cena, **com quem estabelecemos rapidamente empatia**, funciona adequadamente dentro da proposta adotada”. (linhas 40-42)
- d) “Auggie é educado e amparado sempre de perto pela mãe, **Isabel (Julia Roberts)**, encontra momentos de leveza ao lado do pai [...].” (linhas 15-18)

10. **IFSP 2013** Leia a canção *Telegrama*, de Zeca Baleiro:

Eu tava triste
Tristinho!
Mais sem graça
Que a *top model* magrela
Na passarela
Eu tava só
Sozinho
Mais solitário

Que um paulistano
Que um canastrão
Na hora que cai o pano
Tava mais bobo
Que banda de *rock*
Que um palhaço
Do circo Vostok

Mas ontem
Eu recebi um Telegrama
Era você de Aracaju
Ou do Alabama
Dizendo:
Nego, sintá-se feliz
Porque no mundo
Tem alguém que diz
Que muito te ama!...
Que tanto te ama!
Que muito muito te ama
Que tanto te ama!..

Por isso hoje eu acordei
Com uma vontade danada
De mandar flores ao delegado
De bater na porta do vizinho
De beijar o português
Da padaria...
[...]

A função sintática do termo destacado em – **Nego**, sintá-se feliz – está apresentada e justificada corretamente na alternativa:

a)	predicativo do sujeito,	pois o termo apresenta uma característica do indivíduo.
b)	adjunto adnominal,	pois o termo acompanha o nome do indivíduo.
c)	vocativo,	pois o termo representa uma forma de evocar o indivíduo.
d)	aposto,	pois o termo explica ao indivíduo uma informação anterior.
e)	sujeito,	pois o termo é o agente de uma ação verbal.

Exercícios propostos

1. Começo a refletir sobre como a vida seria sem graça se pessoas incríveis que admiramos pela forma como se colocam no mundo tivessem deixado de expressar quem elas são pelo medo do julgamento. Quantos jeitos novos de ver a vida seriam desperdiçados? Um dos meus pintores preferidos, o catalão Salvador Dalí, conhecido pela sua arte surrealista — e também pelo seu bigode peculiar e suas expressões engraçadas — tem uma frase que diz: “Todas as manhãs, quando acordo, experimento um prazer supremo: o de ser Salvador Dalí.

Então pergunto a mim mesmo, maravilhado, que coisa prodigiosa esse tal de Salvador Dalí vai fazer hoje”. Eu não sou Salvador Dalí, nem você. Mas, todos os dias, podemos experimentar esse prazer supremo de ser quem somos. Qual coisa prodigiosa você vai fazer hoje?

ZANELATO, Débora. Seja você mesmo. *Vida Simples*, 1 mar. 2021. Disponível em: <https://vidasimples.co/ser/seja-voce-mesmo/>. Acesso em: 14 out. 2021.

Como são classificados sintaticamente os termos em destaque no trecho: “Um dos **meus** pintores preferidos, o **catalão** Salvador Dalí, conhecido pela sua arte **surrealista**.”?

2. IX. ASCENSÃO DE VASCO DA GAMA

Os Deuses da tormenta e os gigantes da terra
Suspendem de repente o ódio da sua guerra
E pasmam. Pelo vale onde se ascende aos céus
Surge um silêncio, e vai, da névoa ondeando os véus,
Primeiro um movimento e depois um assombro.
Ladeiam-no, ao durar, os medos, ombro a ombro,
E ao longe o rastro ruge em nuvens e clarões.

Em baixo, onde a terra é, o pastor gela, e a flauta
Cai-lhe, e em êxtase vê, à luz de mil trovões,
O céu abrir o abismo à alma do Argonauta

PESSOA, Fernando. *Mensagem*. Disponível em: www.dominiopublico.gov.br/download/texto/pe000004.pdf. Acesso em: 29 out. 2021.

Os termos em destaque no poema estão associados a que palavras? Que função sintática eles exercem no texto?

3. Nos oito primeiros meses de 2021, o Rio Grande do Sul registrou a geração de 118,8 mil empregos **formais** – alta de 4,7% sobre o total. Nesse período, a Indústria foi a líder na criação de vagas, responsável por 38,8% dos novos postos, com destaque para os segmentos de máquinas e equipamentos e o coureiro-calçadista. O **ranking** é seguido do setor de Serviços (37,6% do total), Comércio (16,8%), Construção (4,7%) e Agropecuária (2,1%).

BENITES, Vagner. FLACH, Marcelo (Ed.). Indústria puxa criação de empregos formais no RS neste ano. *Governo do Estado do Rio Grande do Sul*, 13 out. 2021. Disponível em: <https://estado.rs.gov.br/industria-puxa-criacao-de-empregos-formais-no-rs-neste-ano>. Acesso em: 8 nov. 2021.

Os termos destacados no texto são, respectivamente,

- a) adjunto adverbial e objeto direto.
 - b) adjunto adnominal e objeto direto.
 - c) adjunto adnominal e adjunto adnominal.
 - d) adjunto adnominal e sujeito.
 - e) adjunto adverbial e adjunto adnominal.
4. Alexandre da Macedônia é chamado de Grande porque conseguiu unificar as orgulhosas cidades-Estados gregas, conquistar todos os reinos entre a Grécia e o Egito, derrotar o poderoso exército persa e criar um império que se estendeu até a Índia — em menos de treze anos. Pergunta-se desde então como um governante de um reino grego menor foi capaz de realizar essa façanha. Mas sempre houve uma segunda pergunta, mais atraente para mim: antes de mais nada, por que Alexandre quis conquistar a Ásia?

PUCHNER, Martin. *O mundo da escrita: como a literatura transformou a civilização*. Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. p. 25.

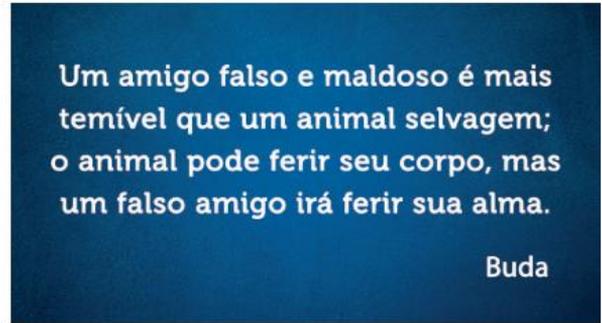
Considere as afirmativas a seguir.

- I. “as orgulhosas” é adjunto adnominal.
- II. “a Ásia” é sujeito.
- III. “poderoso” é adjunto adnominal.

Agora, assinale a alternativa correta.

- a) I.
- b) III.
- c) I e II.
- d) I e III.
- e) II e III.

5.



O termo do texto que apresenta a mesma função sintática de “selvagem” é:

- a) temível.
- b) amigo.
- c) falso.
- d) alma
- e) corpo.

6. Vê V. Exa., Sr. presidente, que nesse tempo, o nobre deputado era inimigo de todas as leis opressoras. A assembleia tem visto como ele trata as leis do metro.

ASSIS, Machado. A Ela. *Histórias da meia noite*. Disponível em: <http://dominiopublico.gov.br/download/texto/bv00191a.pdf>. Acesso em: 9 nov. 2021.

Considerando que o aposto evidencia uma explicação e o vocativo tem a função de enfatizar a quem o interlocutor se dirige, responda: o termo em destaque funciona, no texto, como aposto ou vocativo? Justifique.

7.



Com base no fragmento “Os seres humanos evoluíram”, analise as afirmativas a seguir.

- I. “Seres” é núcleo do sujeito.
- II. “evoluíram” é verbo intransitivo.
- III. “Os” e “humanos” são adjuntos adnominais.

Indique a alternativa correta.

- a) apenas I.
- b) apenas II.
- c) apenas III.
- d) apenas I e II.
- e) I, II e III.

8. A solidão indignada faz grandes discursos interiores contra aquilo que erigimos como inimigo. Serve para dar boa consciência. É autossatisfatória. Um prazer solitário. Exaltados, arquitetamos vinganças e reparações. Depois, o balão murcha, sobrando apenas nossa miserável impotência. Talvez tenha sido Stendhal o escritor que melhor caracterizou esses estados irritados, ineficazes e inócuos.

COLI, Jorge. Um prazer solitário. *Folha de S. Paulo*, 4 fev. 2018. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/index.php/revistas/read/resenhasonline/18.196/6966>. Acesso em: 26 out. 2021.

Um prazer solitário”, temos a presença de um adjunto adverbial. Justifique.

9. Leia a estrofe a seguir, extraída do poema “Seus olhos tão negros, tão belos, tão puros”, de Gonçalves Dias.

Eu amo seus olhos tão negros, tão puros,
De vivo fulgor;
Seus olhos que exprimem tão doce harmonia,
Que falam de amores com tanta poesia,
Com tanto pudor.

DIAS, GONÇALVES. Seus olhos. Disponível em: www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000115.pdf. Acesso em: 26 out. 2021.

No trecho “Eu amo seus olhos”, qual é a função sintática do pronome possessivo “seus”?

10.



Na tirinha, Armandinho e seu pai conversam sobre um problema ambiental: o aquecimento global e suas consequências na mudança climática. As palavras “global” e “climáticas” funcionam como adjuntos adnominais das palavras a que fazem referência.

- Como ficaria a fala do pai, no segundo quadrinho, se os adjuntos adnominais fossem retirados?
- Que mudanças de sentido se observa quando esses termos sintáticos são retirados do enunciado?
- Houve ou não prejuízo de sentido? Explique.

11. A partir de 1532, a colonização portuguesa do Brasil, do mesmo modo que a inglesa da América do Norte e ao

contrário da espanhola e da francesa nas duas Américas, caracteriza-se pelo domínio quase exclusivo da família rural ou semirural. Domínio a que só o da Igreja faz sombra, através da atividade, às vezes hostil ao familismo, dos padres da Companhia de Jesus.

[...]

Pela presença de um tão forte elemento ponderador como a família rural ou, antes, latifundiária, é que a colonização portuguesa do Brasil tomou desde cedo rumo e aspectos sociais tão diversos da teocrática, idealizada pelos jesuítas – e mais tarde por eles realizada no Paraguai – da espanhola e da francesa. Claro que esse domínio de família não se teria feito sentir sem a base agrícola, em que repousou entre nós, como entre os ingleses colonizadores da Virgínia e das Carolinas, a colonização.

[...]

As condições físicas no Brasil, que poderiam ter concorrido para aprofundar a extremos perigosos as divergências regionais, [...] não agiram senão fracamente no sentido separatista, através de diferenças, consideráveis porém não dominadoras, de clima e de qualidade física e química de solo; de sistema de alimentação e de forma de cultura agrícola.

[...]

O clima não variando de norte a sul, nem de altitude máxima à mínima, o bastante para criar diferenças profundas no gênero de vida colonial, nem variando a qualidade física e química do solo ao ponto de estimular o desenvolvimento de duas sociedades radicalmente antagônicas nos interesses econômicos e sociais, venceu a tendência no sentido da uniformização.

[...]

A cana-de-açúcar começou a ser cultivada igualmente em São Vicente e em Pernambuco, estendendo-se depois à Bahia e ao Maranhão a sua cultura, que onde logrou êxito – medíocre como em São Vicente ou máximo como em Pernambuco, no Recôncavo e no Maranhão – trouxe em consequência uma sociedade e um gênero de vida de tendências mais ou menos aristocráticas e escravocratas. Por conseguinte de interesses econômicos semelhantes. O antagonismo econômico se esboçaria mais tarde entre os homens de maior capital, que podiam suportar os custos da agricultura da cana e da indústria do açúcar, e os menos favorecidos de recursos, obrigados a se espalharem pelos sertões em busca de escravos – **espécie de capital vivo** – ou a ficarem por lá, como criadores de gado. Antagonismo que a terra vasta pode tolerar sem quebra do equilíbrio econômico.

FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande & Senzala*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1998.

Sobre o trecho “espécie de capital vivo”, em destaque no final do texto, é possível afirmar que:

- funciona como aposto e faz uso de uma pontuação inapropriada: o ideal seriam vírgulas.
- funciona como complemento nominal e apresenta pontuação adequada, já que tanto travessões quanto vírgulas são admissíveis.

- c) funciona como aposto e apresenta pontuação adequada, já que tanto travessões quanto vírgulas são admissíveis.
- d) funciona como complemento nominal e faz uso de uma pontuação inapropriada: o ideal seriam vírgulas.

12.



Analisar sintaticamente os termos “do escuro” e “da conta de luz” presentes na charge.

13. Uniceub-DF 2012

Iracema

Além, muito além daquela serra, que ainda azula no horizonte, nasceu Iracema.

Iracema, a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna, e mais longos que seu talhe de palmeira.

O favo da jati não era doce como seu sorriso; nem a baunilha recendia no bosque como seu hálito perfumado.

Mais rápida que a ema selvagem, a morena virgem corria o sertão e as matas do Ipu, onde campeava sua guerreira tribo, da grande nação tabajara. O pé grácil e nu, mal roçando, alisava apenas a verde pelúcia que vestia a terra com as primeiras águas.

Um dia, ao pino do Sol, ela repousava em um claro da floresta. Banhava-lhe o corpo a sombra da oiticica, mais fresca do que o orvalho da noite. Os ramos da acácia silvestre esparziam flores sobre os úmidos cabelos. Escondidos na folhagem os pássaros ameigavam o canto.

Iracema saiu do banho: o aljôfar d’água ainda a roreja, como à doce mangaba que corou em manhã de chuva.

Enquanto repousa, empluma das penas do guará as flechas de seu arco, e concerta com o sabiá da mata, pousado no galho próximo, o canto agreste.

A graciosa arã, sua companheira e amiga, brinca junto dela. Às vezes sobe aos ramos da árvore e de lá chama a virgem pelo nome; outras remexe o uru de palha matizada, onde traz a selvagem seus perfumes, os alvos fios do crautá, as agulhas da juçara com que tece a renda, e as tintas de que matiza o algodão.

Rumor suspeito quebra a doce harmonia da sesta. Ergue a virgem os olhos, que o sol não deslumbra; sua vista perturba-se.

Diante dela e todo a contemplá-la está um guerreiro estranho, se é guerreiro e não algum mau espírito da

floresta. Tem nas faces o branco das areias que bordam o mar; nos olhos o azul triste das águas profundas. Ignotas armas e tecidos ignotos cobrem-lhe o corpo.

35 Foi rápido, como o olhar, o gesto de Iracema. A flecha embebida no arco partiu. Gotas de sangue borbulham na face do desconhecido.

40 De primeiro ímpeto, a mão lesta caiu sobre a cruz da espada; mas logo sorriu. O moço guerreiro aprendeu na religião de sua mãe, onde a mulher é símbolo de ternura e amor. Sofreu mais d’alma que da ferida.

O sentimento que ele pôs nos olhos e no rosto, não o sei eu. Porém, a virgem lançou de si o arco e a uiracaba, e correu para o guerreiro, sentida da mágoa que causara.

A mão que rápida ferira, estancou mais rápida e compassiva o sangue que gotejava. Depois Iracema quebrou a flecha homicida: deu a haste ao desconhecido, guardando consigo a ponta farpada.

O guerreiro falou:

— Quebras comigo a flecha da paz?

55 — Quem te ensinou, guerreiro branco, a linguagem de meus irmãos? Donde vieste a estas matas, que nunca viram outro guerreiro como tu?

— Venho de bem longe, filha das florestas. Venho das terras que teus irmãos já possuíram, e hoje têm os meus.

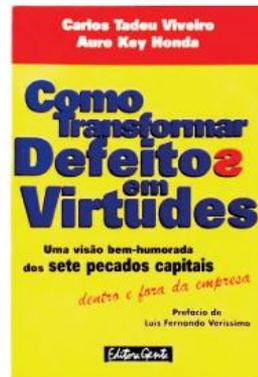
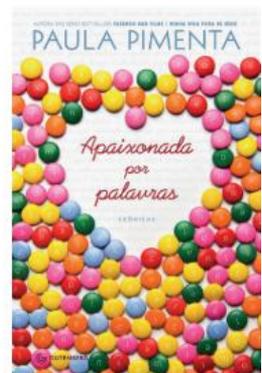
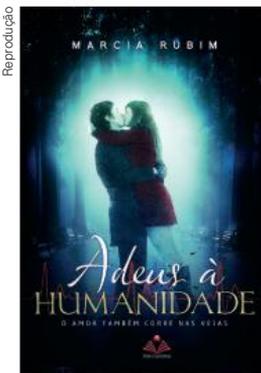
60 — Bem-vindo seja o estrangeiro aos campos dos tabajaras, senhores das aldeias, e à cabana de Araquém, pai de Iracema.

José de Alencar. *Iracema*. São Paulo: Ed. Ática, 1991, p. 23

Considerando o trecho acima, da obra **Iracema**, de José de Alencar, julgue o item

No trecho “onde campeava sua guerreira tribo, da grande nação tabajara” (l. 9-10), “tribo” e “nação” evocam associação metonímica, desempenhando a expressão “da grande nação tabajara” função sintática de aposto.

14.



Observe os termos destacados em cada um dos títulos dos livros: *Adeus à **humanidade***, *Apaixonada **por palavras***, *Como transformar defeitos **em virtudes***. Tais termos são, respectivamente,

- agente da passiva, complemento nominal, complemento nominal.
- objeto indireto, agente da passiva, objeto indireto.
- complemento nominal, objeto indireto, complemento nominal.
- objeto indireto, complemento nominal, agente da passiva.
- complemento nominal, complemento nominal, complemento nominal.

15.



No título *Em um relacionamento abusivo **com a ansiedade***, o termo em destaque é:

- complemento nominal.
- objeto indireto.
- objeto direto.
- sujeito.
- agente da passiva.

16. Leia os textos:

TEXTO I
Cultive o silêncio
Prefeito Moisés Leite
TEXTO II
Cultive o silêncio,
Prefeito Moisés Leite

Considere as seguintes afirmações em relação aos textos lidos.

- Em I, o povo deve fazer silêncio; em II, é o prefeito quem deve silenciar.
- Em II, o povo deve fazer silêncio; em I, é o prefeito quem deve silenciar.
- Tanto em I como em II é o prefeito quem deve silenciar.
- Tanto em I como em II é o povo quem deve silenciar.

17. Leia um trecho de um folheto do Ministério da Saúde sobre a importância da vacinação contra a gripe.

A **vacinação contra a gripe** é muito importante para que as pessoas mais vulneráveis à doença fiquem protegidas. A gripe pode levar a casos graves e também à morte. Quem faz parte dos **públicos prioritários** deve ficar atento às datas da vacinação que acontecerá por etapas. Basta **procurar um posto de saúde e levar a caderneta de vacinação ou documento com foto**. **É importante levar documento que comprove que você pertence a um desses grupos prioritários.**

Arquivo do Ministério da Saúde

Considere as afirmações:

- Em “A vacinação contra a gripe é muito importante” há um predicativo do sujeito.
- Em “A gripe pode levar a casos graves [...]” há um complemento nominal.
- Em “Basta procurar um posto de saúde [...]” há um adjunto adnominal.

É correto o que se afirma em:

- apenas I.
- apenas II.
- apenas III.
- apenas I e II.
- apenas I e III.

18. Leia a manchete.

Adeus, borracheiro? Pneu que veda o furo com carro andando chega ao Brasil

MORAES, Jorge Moraes. *UOL*, 31 out. 2021.

A palavra “borracheiro” exerce a função sintática de aposto na sentença. Sua presença pode levar o leitor a perceber que a procura por esse profissional no futuro não é garantida. Justifique.

19. Leia a manchete sobre o problema do cigarro eletrônico.

SAÚDE

Entenda por que o cigarro eletrônico não é menos nocivo à saúde

Os vapes conquistam cada vez mais usuários, sobretudo jovens. A indústria do tabaco diz que ele faz menos mal à saúde – o que não tem se provado na prática

Reprodução

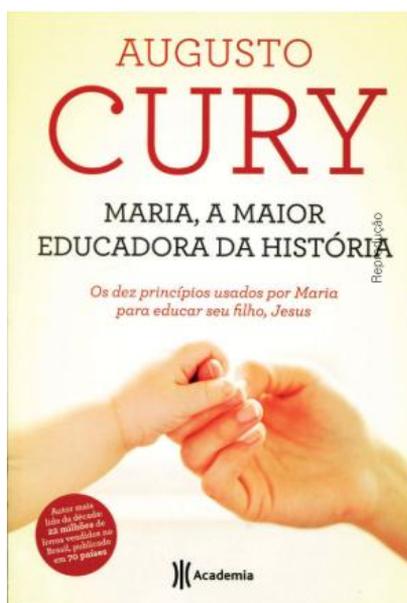
Avalie as afirmações.

- Em “nocivo à saúde”, o termo destacado é um complemento nominal.
- Em “mal à saúde”, o termo destacado é um adjunto adnominal.
- Em “nocivo à saúde”, o termo destacado é um adjunto adnominal.
- Em “mal à saúde”, o termo destacado é um complemento nominal.
- A função sintática de “à saúde”, nos dois trechos mencionados, é a mesma.
- A função sintática de “à saúde”, nos dois trechos mencionados, é diferente.

Está correto o que se afirma em:

- I, II e VI.
- III, IV e VI.
- I, IV e V.
- II, III e V.

20. Observe a capa do livro a seguir.



Avalie as afirmações:

- I. “Maria” tem função de vocativo, o que se confirma pelo uso da vírgula.
- II. “A maior educadora da história” funciona como aposto de “Maria”.
- III. “Maria” exerce a função sintática de predicativo do sujeito na sentença.

Está correto:

- a) apenas I
- b) apenas II.
- c) apenas III.
- d) apenas I e II.
- e) apenas II e III.

21. Samantha é dessas noivas de olhar doce e terno. Além disso, tem o Fabricio, noivo com cara de apaixonado. A combinação perfeita para um lindo casamento no Ravena Garden!

Eles se conheceram no trabalho e, nesse meio tempo, foram se aproximando. Primeiramente, tornaram-se amigos e confidentes. Em seguida, se apaixonaram.

O namoro foi marcado por intensidade, viagens, cumplicidade e muito amor!

Não demorou para que fossem morar juntos. Logo depois, veio o pedido de casamento.

QUEIROZ, Flávia. Samantha e Fabricio: um lindo casamento no Ravena Garden. *Noiva ansiosa*, 25 jun. 2020. Disponível em: <https://noivaansiosa.com.br/casamento-no-ravena-garden/>. Acesso em: 15 out. 2021.

Considere o trecho:

“Eles se conheceram no trabalho e, nesse meio tempo, foram se aproximando. Primeiramente, tornaram-se amigos e confidentes.”

- I. O termo “amigos” é predicativo do sujeito.
- II. As três orações têm predicado verbal.
- III. “Primeiramente” é um adjunto adnominal.
- IV. “Eles” é sujeito.

Quais proposições está(ão) correta(s)?

- a) Apenas I e IV,
- b) Apenas II e III.
- c) Apenas I, II e III.
- d) Apenas II, III e IV.
- e) Apenas I, II e IV.

22. Leia a oração a seguir e assinale a alternativa que indica a função sintática do trecho sublinhado.

Até agora, os esforços não trouxeram grandes resultados.

- a) Objeto direto.
- b) Aposto.
- c) Predicativo do objeto.
- d) Predicativo do sujeito.
- e) Complemento nominal.

23. UnB-DF 2012

Razão contra Sandice

Já o leitor compreendeu que era a Razão que voltava à casa, e convidava a Sandice a sair, clamando, e com melhor jus, as palavras de Tartufo:

— La maison est à moi, c’est à vous d’en sortir.

- 5 Mas é sestro antigo da Sandice criar amor às casas alheias, de modo que, apenas senhora de uma, dificilmente lha farão despejar. É sestro; não se tira daí; há muito que lhe calejou a vergonha. Agora, se advertirmos no imenso número de casas que ocupa, umas de vez, outras durante
- 10 as suas estações calmosas, concluiremos que esta amável peregrina é o terror dos proprietários. No nosso caso, houve quase um distúrbio à porta do meu cérebro, porque a adventícia não queria entregar a casa, e a dona não cedia da intenção de tomar o que era seu. Afinal, já a Sandice
- 15 se contentava com um cantinho no sótão.

— Não, senhora, replicou a Razão, estou cansada de lhe ceder sótãos, cansada e experimentada, o que você quer é passar mansamente do sótão à sala de jantar, daí à de visitas e ao resto.

- 20 — Está bem, deixe-me ficar algum tempo mais, estou na pista de um mistério...

— Que mistério?

— De dois, emendou a Sandice: o da vida e o da morte; peço-lhe só uns dez minutos.

- 25 A Razão pôs-se a rir.

— Hás de ser sempre a mesma coisa... sempre a mesma coisa... sempre a mesma coisa.

- 30 E, dizendo isto, travou-lhe dos pulsos e arrastou-a para fora; depois entrou e fechou-se. A Sandice ainda gemeu algumas súplicas, grunhiu algumas zangas; mas desenganou-se depressa, deitou a língua de fora, em ar de surriada, e foi andando...

Machado de Assis. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Ateliê, 2001, p.84-5.

Tendo como base o texto anterior, de Machado de Assis, e as questões por ele suscitadas julgue o item: O trecho “criar amor às casas alheias” (l. 5-6) exerce função de sujeito da oração que a antecede, o que implica dizer que “sestro antigo da Sandice” (l. 5) é predicativo do sujeito.

24. Leia o texto e responda à pergunta.

Um grande número de sul-sudaneses se viu obrigado a comer folhas de árvores ou sementes devido à falta de alimentos em regiões onde, no entanto, ainda não foi declarada a fome, informou nesta segunda-feira a organização Norwegian Refugee Council (NRC).

“As comunidades que tentam sobreviver a uma crise alimentar aguda recorreram a estratégias de adaptação que consistem em comer alimentos silvestres pouco comestíveis”, declarou em um comunicado a diretora do NRC para o Sudão do Sul, Rehana Zawar.

Fome obriga sul-sudaneses a comer folhas de árvores e sementes. *Isto É* com informações da AFP, 10 abr. 2017. Disponível em: <https://istoe.com.br/fome-obriga-sul-sudaneses-a-comer-folhas-de-arvores-e-sementes/>. Acesso em: 18 out. 2021.

Em “... comer folhas **de árvores**”, qual é a função sintética do termo destacado?

- a) Aposto.
- b) Complemento nominal.
- c) Adjunto adnominal.
- d) Objeto indireto.

25. UCPeI-RS 2014

Retrato de Portinari

Com o próximo casamento e partida para a Europa de minha filha Susana, andei arquitetando um meio de extorquir-lhe o meu retrato feito por Candinho Portinari em 1938, que ora lhe pertence, de que muito gosto e que deve ter, aliás, na obra do pintor, uma certa importância, pois foi o primeiro, ao que eu saiba, realizado com inteira liberdade, depois da grande série de “retratos sociais” (chamemo-los assim sem qualquer desdouro, nem para o artista, nem para os retratados) que ele andou pintando de alguns membros ilustres de nossa sociedade e de nossa inteligência. Lembra-me mesmo que, ao me propor fazê-lo, sabendo que eu estava de partida para a Inglaterra, Candinho sugeriu-me, com aquela eterna rabugice sua, que eu o deixasse pintar livremente, pois estava um pouco cansado do gênero de retratos que fazia e que tanto aflagavam a vaidade da maioria dos retratados. Sei que em duas poses, em sua antiga casa das Laranjeiras, o retrato estava pronto e era como se se respirasse um novo ar dentro dele. Dias depois, estando eu no cais para embarcar em minha primeira grande viagem, chega ele sobraçando o retrato, que me vinha oferecer.

A razão por que eu andei arquitetando extorquir o retrato a minha filha é simples: é que a minha Bem-Amada foi também retratada por Portinari nessa fase a que chamei “social”, e eu muito gostaria de ver um dia nossos retratos juntos na parede, as técnicas brigando um pouco, no egoísmo do seu amor filial. Cheguei mesmo à baixaza – sabendo que ela andava precisada de um dinheirinho para as miudezas do seu casamento – de propor-lhe comprar o quadro; mas a proposta a indignou sobremaneira, coisa que, no fundo, satisfez também meu orgulho de pai quanto ao seu bom caráter. Sugerir-lhe que ela o deixasse em consignação, durante o que ainda me restar de vida; pois sendo uma jovem de 19 anos e eu um homem de 45, às portas de tornar-me avô, o normal é que ela facilitasse, diante do pouco que me resta, essa pequena satisfação

de juntar na mesma parede dois Portinaris que se amam, enquanto a ela caberia muito mais tempo para usufruí-lo. Mas, sem ceder um palmo, a primogênita observou-me que nós, que temos Mello Moraes no sangue, somos gente muito longeva, e pode acontecer que, ao “abotoar o paletó”, como se diz por aí, eu esteja na casa dos noventa, como aconteceu com meu avô paterno. Obtemperei-lhe que fumo desde os 14 e bebo uísque desde os 25, além de outras extravagâncias, e que o provável é que as coronárias, ou o fígado, mostrem antes disso os sinais do seu repúdio a esses excitantes. Mas minha filha retrucou-me, no mesmo diapasão, que meu avô fazia pior que isso: comia feijoada e peixadas “caindo de pimenta”, na avançada idade de oitenta anos, e que, a fiar-se na minha conversa, ela corria o risco de só entrar em posse do retrato quando macróbia ela própria, o que lhe subtrairia o prazer de dizerse, enquanto moça, possuidora de um bom Portinari, ainda mais se tratando do retrato do “eu pai”.

Embora tudo isso me tivesse deixado na maior consternação, suportei com o estoicismo de sempre essa nova prova de rebeldia dos filhos modernos, lembrando-me de que há meio século poderia perfeitamente reaver o retrato com dois berros e uma boa bolacha. Mas não há de ser nada. Pode levar o quadro para Marselha, filhinha... Conte vantagem para suas amigas de que você tem o retrato do seu pai pintado por Portinari. Os filhos modernos são assim mesmo – não conhecem mais a beleza da verdadeira devoção filial. Mas também eu lhe digo uma coisa: aproveite rápido do retrato, porque breve essa sopa vai acabar, e o antigo sadio costume da palmatória voltará a prevalecer. E para começo de conversa, me faça o favor de agora em diante só dirigir-se a mim de olhos baixos e tratando-me de “senhor meu pai”!

MORAES, Vinicius de. *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Ed. Nova Aguilar, 1998.

A função sintática do que está sublinhado em “Sugeri-lhe que ela o deixasse em consignação.” é

- a) adjunto adnominal.
- b) adjunto adverbial.
- c) predicativo do objeto.
- d) objeto indireto.
- e) objeto direto.

26. UnB-DF Na verdade, o mestre fitava-nos. Como era mais severo para o filho, buscava-o muitas vezes com os olhos, para trazê-lo mais aperreado. Mas nós também éramos finos, metemos o nariz no livro, e continuamos a ler. Afinal, cansou e tomou as folhas do dia, três ou quatro, que ele lia devagar, mastigando as ideias e as paixões. Não esqueçam que estávamos então no fim da Regência, e que era grande a agitação pública. Policarpo tinha, decerto, algum partido, mas nunca pude averiguar esse ponto. O pior que ele podia ter, para nós, era a palmatória. E essa lá estava, pendurada no portal da janela, à direita, com os seus cinco olhos do diabo. Era só levantar a mão, despendurá-la e brandi-la, com a força do costume, que não era pouca. E daí, pode ser que, alguma vez, as paixões políticas dominassem nele a ponto de poupar-nos uma ou outra correção. [...]

Estendi-lhe a mão direita, depois a esquerda, e fui recebendo os bolos uns por cima dos outros, até completar doze, que me deixaram as palmas vermelhas e inchadas. Acabou, pregou-nos outro sermão. Chamou-nos

20 sem-vergonhas, desaforados, e jurou que, se repetíssemos o negócio, apanharíamos tal castigo que nos havíamos de lembrar para todo o sempre.

Machado de Assis. *Contos de escola*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002, p. 13 e 24.

Considerando o texto, extraído de **Contos de Escola**, e os diversos temas por ele suscitados, julgue a veracidade (ou não) da afirmação:

Os vocábulos “vermelhas” (l. 18) e “inchadas” (l. 19), assim como “sem-vergonhas” (l. 20) e “desaforados” (l. 20) exercem a função de predicativo, respectivamente, da expressão “as palmas” (l. 18) e da forma pronominal “nos” em “Chamou-nos” (l. 19).

27. O próximo período – o fetal – vai da nona semana até o nascimento, que geralmente ocorre da 38ª à 40ª semana de gestação. Nele, o cérebro torna-se mais volumoso. Os giros e sulcos que o caracterizam dão-se pela neurogênese. Nela, os processos ocorrem de forma paralela ou concomitante. Em outras palavras, tem-se a proliferação neuronal, em que a célula tronco do neurônio produz o neurônio promotor, o qual, por sua vez, produz o neurônio final, por meio de mitoses. O neurônio final é uma célula que não se divide mais, isto é, que uma vez formada não tem mais a capacidade de se dividir. A proliferação neuronal conclui-se por volta da 12ª semana de gestação. Depois, inicia-se a migração permanente dos neurônios, que vai até o nascimento, por meio de sinalizações químicas e considerando a bagagem genética do indivíduo, constituindo a formação, por exemplo, do córtex frontal, do tálamo.

SETÚBAL, José L. Desenvolvimento cerebral na primeira infância, saúde e bem-estar. *Instituto PENSI*, 1 mar. 2017. Disponível em: <https://institutopensi.org.br/blog-saude-infantil/desenvolvimento-cerebral-na-primeira-infancia-saude-e-bem-estar/>. Acesso em: 15 out. 2021.

Indique a função sintática do termo destacado no trecho: “O próximo período – **o fetal** – vai da nona semana até o nascimento”.

28. Ifal 2016



Heráclito não poderia ser mais certo ao afirmar que “um homem não pode entrar no mesmo rio duas vezes”. Pode ser que os brasileiros nunca mais entrem no Rio Doce assim, doce.

“Lira Itabirana”

I

O Rio? É doce.

A Vale? Amarga.

Ai, antes fosse

Mais leve a carga.

II

Entre estatais
E multinacionais,
Quantos ais!

III

A dívida interna.
A dívida externa
A dívida eterna.

IV

Quantas toneladas exportamos
De ferro?
Quantas lágrimas disfarçamos
Sem berro?

Do Portal Vermelho, Mariana Serafini. In: <http://www.vermelho.org.br/noticia/272915-11>

Uma alternativa está errada na análise sintático-morfológica a seguir. Assinale-a.

- a) Em: “Rio Doce”, “Doce” é um substantivo próprio, funcionando como um aposto especificativo, porque individualiza o substantivo “rio”, de sentido genérico.
- b) A palavra “Doce”, destacada em: “Pode ser que os brasileiros nunca mais entrem no Rio Doce assim, doce.” e em: “O Rio? É doce.”, tem as respectivas funções sintáticas: aposto e predicativo
- c) No verso: “Mais leve a carga.”, a palavra “leve” funciona como predicativo do sujeito “a carga”.
- d) Em: “Quantos ais!”, a palavra “ais” está no plural porque é um substantivo, o que não pode acontecer com “ai” em: “Ai, antes fosse”, que é uma interjeição.
- e) As expressões “De ferro” e “Sem berro”, na última estrofe do poema, são adjuntos adnominais de “toneladas” e “lágrimas”, respectivamente.

29. Assinale a alternativa em que a retirada da vírgula altera semanticamente a frase:

- a) Tranquilamente, os alunos leem a publicação.
- b) É preciso fazer silêncio, na explicação.
- c) O professor Renato iniciou, nesta semana, a operação silêncio. (as duas vírgulas).
- d) Darwin, o pai da biologia, está saindo (a segunda vírgula).
- e) Ontem, os pássaros voaram no colégio.

30. Luís Vaz de Camões, considerado o mais importante poeta da língua portuguesa, nasceu em Lisboa, em 1524, e morreu em 1580. Frequentou a Universidade de Coimbra e foi soldado, ocasião em que perdeu um olho em Marrocos. No período em que foi soldado, morou na Índia, em Macau, em Moçambique e na Arábia, o que compreendeu os anos de 1553 a 1570.

GUIMARÃES, Leandro. Luís Vaz de Camões. *PrePara Enem*. Disponível em: <https://preparaenem.com/portugues/luis-vaz-de-camoes.htm>. Acesso em: 15 out. 2021.

Assinale a função sintática do termo em destaque em “Luís Vaz de Camões, **considerado o mais importante poeta da língua portuguesa**, nasceu em...”

- a) aposto.
- b) adjunto adnominal.
- c) adjunto adverbial.
- d) complemento nominal.
- e) agente da passiva.

31. José Martiniano de Alencar Júnior nasceu no sítio Alagadiço Novo, Mecejana, Ceará, no dia 1 de maio de 1829. Era filho de José Martiniano de Alencar, senador do império, e de Ana Josefina. Em 1838 mudou-se com a família para o Rio de Janeiro.

FRAZÃO, Dilva. José de Alencar. *Ebiografia*, [s.d.]. Disponível em: https://ebiografia.com/jose_alencar/. Acesso em: 15 out. 2021.

Na oração “Era filho de José Martiniano de Alencar, **senador do império**, e de Ana Josefina.”, o termo destacado exerce a função sintática de:

- a) aposto.
- b) adjunto adnominal.
- c) predicativo do objeto.
- d) complemento nominal.

32. Ramanujah, importante matemático indiano do início do século XX, precisou viajar até a Inglaterra para desenvolver seu trabalho junto ao professor Godfrey Harold Hardy, conforme relatado no filme “O Homem que conheceu o infinito”. Ramanujah já tinha uma mente brilhante e dominava a matemática avançada, mas faltava a ele o contato e troca de conhecimento com pessoas que entendessem a sua obra, o que não encontrava em seu pobre povoado na Índia. As condições da Inglaterra no início do século XX foram fundamentais para atrair Ramanujah e tantos outros intelectuais dos cinco cantos do mundo, que contribuíram para o avanço científico nas mais diversas áreas do conhecimento humano.

VALE, Paulo Sá. Atenas clássica e a importância dos espaços coletivos. *Caos Planejado*, 11 abr. 2019. Disponível em: <https://caosplanejado.com/atenas-classica-e-a-importancia-dos-espacos-coletivos/>. Acesso em: 15 out. 2021.

Identifique a função sintática dos termos destacados no trecho: “**Ramanujah, importante matemático indiano do início do século XX**, precisou viajar até a Inglaterra para desenvolver seu trabalho junto ao professor Godfrey Harold Hardy.”.

33. Uece 2018

Transferência de Neymar ao PSG é golpe de ‘soft power’ do Catar a países do Golfo, dizem especialistas

A transferência do fenômeno brasileiro Neymar ao Paris Saint-Germain (PSG) representa uma estratégia de *marketing* e um golpe de ‘soft power’ do Catar contra os países do Golfo que cortaram relações diplomáticas com o emirado. Esta é a análise de especialistas ouvidos pela agência de notícias France Presse e do comentarista da GloboNews, Marcelo Lins.

Neymar se tornou o jogador mais caro da história do futebol, com o pagamento de cláusula de rescisão no valor de € 22 milhões (R\$ 812 milhões).

Segundo Mathieu Guidere, especialista em geopolítica do mundo árabe consultado pela AFP, o anúncio da transferência do jogador ao PSG, que é de um fundo de investimentos do Catar, “foi testado entre catarianos como uma espécie de estratégia de comunicação que ofuscaria o debate em torno de outras considerações, como o terrorismo”.

Marcelo Lins, comentarista da GloboNews, afirmou que a transferência beneficia a imagem do Catar. “Um pequeno país riquíssimo em petróleo, do Golfo, que bota tanto dinheiro para dar alegria a uma torcida, ou a milhões de torcedores espalhados pelo mundo você tem uma volta disso na imagem do Catar, que é muito grande”, disse à GloboNews. “É uma grande jogada de *marketing* do Catar como um todo”, acrescentou.

O Catar enfrenta a sua pior crise política em décadas, com a Arábia Saudita e outros países do Golfo tendo cortado relações diplomáticas com o emirado por acusações de apoio a grupos terroristas. O Catar nega as acusações e diz que o objetivo é prejudicar o emirado rico em gás.

Com a transferência de Neymar, Doha pode estar de olho em investir em ‘soft power’. O conceito de ‘soft power’ (‘poder suave’, em tradução livre) foi elaborado para definir a influência de países nas relações internacionais por meio de investimentos em ações positivas.

“Esse é um golpe de ‘soft power’. O Catar precisa demonstrar ao mundo que, apesar de todas as acusações, é o país mais resiliente no Oriente Médio”, disse à AFP Andreas Krieg, analista de risco político no King’s College de Londres. “Ter o melhor jogador do mundo mostra ao resto do mundo que se o Catar é determinado, eles ainda têm os maiores recursos para tirar e, se necessário, usar o dinheiro que têm para promover a sua agenda”, acrescentou.

O custo da transferência de Neymar “envia um sinal muito forte para o mundo esportivo e um sinal muito forte de desafio contra os Emirados Árabes Unidos e a Arábia Saudita”, disse Krieg. “Eles queriam esse jogador e usaram o dinheiro para comprá-lo a qualquer preço”.

[...]

<https://g1.globo.com/mundo/noticia/transferencia-de-neymar-ao-psg-e-golpe-de-soft-power-do-catar-a-paises-do-golfo-dizem-especialistas.ghtml>

Sobre o uso de expressões que funcionam como aposto no texto, é **INCORRETO** afirmar que

- a) o aposto “especialista em geopolítica do mundo árabe consultado pela AFP” (linhas 11-12), para se referir a Mathieu Guidere, é empregado com o mesmo sentido do utilizado para descrever Andreas Krieg como “analista de risco político no King’s College de Londres” (linhas 38-39), qual seja: o de autorizar a legitimidade de um discurso.
- b) embora possa ser classificado gramaticalmente como uma oração adjetiva, o enunciado “que é de um fundo de investimentos do Catar” (linhas 13-14) tem, no texto, o mesmo valor sintático e semântico de um aposto: o de relacionar-se a um termo antecedente, explicando-o.
- c) o aposto “comentarista da GloboNews” (linha 17) tem sentido semelhante aos apostos, “especialista em geopolítica do mundo árabe consultado pela AFP” (linhas 11-12 e “analista de risco político no King’s College de Londres” (linhas 38-39), a saber: autorizar a legitimidade de um discurso.

- d) ainda que não venha entre vírgulas, mas entre parênteses, a expressão “poder suave, em tradução livre” (linha 32), pode funcionar perfeitamente como um aposto, na medida em que serve para explicar/traduzir o termo que lhe antecede, “soft power” (linhas 31-32).

34. Uerj 2018

Com o outro no corpo, o espelho partido

- O que acontece com o sentimento de identidade de uma pessoa que se depara, diante do espelho, com um rosto que não é seu? Como é possível manter a convicção razoavelmente estável que nos acompanha pela vida, a respeito do nosso ser, no caso de sofrermos uma alteração radical em nossa imagem? Perguntas como essas provocaram intenso debate a respeito da ética médica depois do transplante de parte da face em uma mulher que teve o rosto desfigurado por seu cachorro em Amiens, na França.
- 10 Nosso sentimento de permanência e unidade se estabelece diante do espelho, a despeito de todas as mudanças que o corpo sofre ao longo da vida. A criança humana, em um determinado estágio de maturação, identifica-se com sua imagem no espelho. Nesse caso, um transplante (ainda que parcial) que
- 15 altera tanto os traços fenotípicos quanto as marcas da história de vida inscritas na face destruiria para sempre o sentimento de identidade do transplantado? Talvez não. Ocorre que o poder do espelho – esse de vidro e aço pendurado na parede – não é tão absoluto: o espelho que importa, para o humano,
- 20 é o olhar de um outro humano. A cultura contemporânea do **narcisismo**, ao remeter as pessoas a buscar continuamente o testemunho do espelho, não considera que o espelho do humano é, antes de mais nada, o olhar do semelhante.

- É o reconhecimento do outro que nos confirma que
- 25 existimos e que somos (mais ou menos) os mesmos ao longo da vida, na medida em que as pessoas próximas continuam a nos devolver nossa “identidade”. O rosto é a sede do olhar que reconhece e que também busca reconhecimento. É que o rosto não se reduz à dimensão da imagem: ele é a própria
- 30 presentificação de um ser humano, em sua singularidade irrecusável. Além disso, dentre todas as partes do corpo, o rosto é a que faz apelo ao outro. A parte que se comunica, expressa amor ou ódio e, sobretudo, demanda amor.

- A literatura pode nos ajudar a amenizar o drama da
- 35 paciente francesa. O personagem Robinson Crusó do livro *Sexta-feira ou os limbos do Pacífico*, de Michel Tournier, perde a noção de sua identidade e enlouquece, na falta do olhar de um semelhante que lhe confirme que ele é um ser humano. No início do romance, o naufrago solitário tenta fazer da natureza seu espelho. Faz do estranho, familiar, trabalhando para “civilizar” a ilha e representando diante de si mesmo o papel de senhor sem escravos, mestre sem discípulos. Mas depois de algum tempo o isolamento degrada sua humanidade.

- A paciente francesa, que agradeceu aos médicos a recom-
- 45 posição de uma face humana, ainda que não seja a “sua”, vai agora depender de um esforço de tolerância e generosidade por parte dos que lhe são próximos. Parentes e amigos terão de superar o desconforto de olhar para ela e não encontrar a mesma de antes. Diante de um rosto outro, deverão ainda
- 50 assim confirmar que ela continua sendo ela. E amar a mulher estranha a si mesma que renasceu daquela operação.

MARIA RITA KEHL Adaptado de folha.uol.com.br, 11/12/2005.

narcisismo: amor do indivíduo por sua própria imagem.

“Ocorre que o poder do espelho – esse de vidro e aço pendurado na parede.” (l. 17-18)

O fragmento introduzido pelo travessão especifica o sentido de **espelho**. Além da função de especificar o sentido de uma palavra, esse fragmento também cumpre, no parágrafo, o papel de:

- a) antecipar emprego diferenciado do termo
- b) limitar usos atuais do discurso da ciência
- c) contradizer antiga expectativa do leitor
- d) indicar opinião implícita da autora

35. UnB-DF 2013

Queixa-se o poeta em que o mundo vay errado, e querendo emendâlo o que tem por empreza difficultosa.

Carregado de mim ando no mundo,
E o grande peso embarga-me as passadas,
Que como ando por vias desusadas,
Faço o peso crescer, e vou-me ao fundo.

- 5 O remédio será seguir o imundo
Caminho, onde dos mais vejo as pisadas,
Que as bestas andam juntas mais ornadas,
Do que anda só o engenho mais profundo.

Não é fácil viver entre os insanos,

- 10 Erra quem presumir que sabe tudo,
Se o atalho não soube dos seus danos.

O prudente varão há de ser mudo,
Que é melhor neste mundo mar de enganos
Ser louco cos demais, que ser sisudo.

Gregório de Matos. *Crônica do viver baiano seiscentista – obra poética completa – códice James Amado*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Record, V. 1 1999, p. 347.

Considerando o texto anterior, de Gregório de Matos, julgue o item:

A oração “seguir o imundo/Caminho” (v. 5-6) é aposto da expressão “O remédio” e evoca, no nível semântico e interpretativo, a cura das dores de que o poeta se queixa.

36. UnB-DF 2013

No dia 6 de janeiro de 1912, em reunião da Associação Geológica Alemã, em Frankfurt, o meteorologista Alfred Wegener desencadeou o longo processo de construção de uma teoria da dinâmica terrestre. Na conferência “Fundamentos geofísicos da evolução das grandes feições da crosta terrestre (continentes e oceanos)”, postulou que os

- 5 continentes, em constante movimento, interagem entre si e com o substrato sobre o qual se deslocam, o que originou os grandes acidentes do relevo terrestre. A hipótese, ainda que bem fundamentada, não obteve boa receptividade; ao contrário, as reações adversas foram muitas. As opiniões só começaram a mudar no final da década de 1950, quando se avolumaram evidências favoráveis à deriva continental. Dez
- 10 anos mais tarde, no calor de uma revolução científica em que se consolidou a teoria da tectônica de placas, a hipótese foi definitivamente comprovada.

Ciência Hoje, vol. 50, n.º 298.

Com base no texto acima, julgue o item subsequente. No título da conferência proferida por Alfred Wegener em 1912 (l. 4-6), a expressão entre parênteses exerce a função de aposto explicativo do termo “das grandes feições da crosta terrestre”.

Este erro de português é o mais problemático nas mensagens de WhatsApp

Não colocar os sinais de pontuação é o erro de português mais problemático que o professor de Língua Portuguesa Diogo Arrais, dono do canal Mesma Língua no YouTube, encontra em mensagens pelo WhatsApp.

“A falta de pontuação gera muita ambiguidade”, diz. Nas mensagens em que há o uso de vocativo (termo responsável por chamar, invocar ou apelar para alguém) se não houver a separação por vírgula, por exemplo, o risco de mais de uma interpretação de significado é grande, segundo ele.

Em uma de suas colunas semanais em EXAME, o professor Diogo Arrais falou sobre a confusão que a ausência de vírgula separando o vocativo pode causar, sobretudo em grupos de trabalho. Ele citou o seguinte exemplo: “Já estou com o veículo oficial. Levarei, Maria?”. “Já estou com o veículo oficial. Levarei Maria?”.

Na primeira frase, está claro que a mensagem é direcionada à Maria. Na segunda frase, o sentido muda completamente: o termo Maria não é vocativo e, sim, complemento do verbo. O autor da mensagem levará Maria a algum lugar com o veículo oficial.

A justificativa de que, por ser uma comunicação rápida, as mensagens no aplicativo não precisariam, necessariamente, seguir a norma de pontuação não é válida, na opinião do professor.

“O que seria uma comunicação urgente acaba sendo uma comunicação mais demorada porque a pessoa não consegue passar bem o que ela tem a dizer ao não pontuar bem o texto. É lamentável; o que deveria ser urgente acaba sendo desgastante, demorado e confuso”, diz.

[...]

PATI, Camila. VC S/A, 23 set. 2018. Abril Comunicações S. A. Disponível em: <https://vocesa.abril.com.br/carreira/este-erro-de-portugues-e-o-mais-problematico-nas-mensagens-de-whatsapp>. Acesso em: 23 nov. 2021.

Resumindo

Os termos da oração relacionados ao núcleo nominal são o adjunto adnominal, complemento nominal, predicativos e aposto.

Adjunto adnominal

- O adjunto adnominal é um termo ligado ao substantivo que tem a função de especificar e determinar o sentido de um núcleo nominal.
- As classes gramaticais que desempenham essa função são os artigos, adjetivos (ou locuções adjetivas), numerais e pronomes.
- A posição do adjunto adnominal pode variar de acordo com a sentença, ou seja, ele pode vir antes do núcleo (substantivo), depois dele ou, ainda, aparecer tanto antes quanto depois.

Ex.: **Uma** casinha. (O adjunto adnominal “uma” antecede o núcleo “casinha”)

Gatinho **charmoso**. (O adjunto adnominal “charmoso” foi colocado após o núcleo “gatinho”)

Minha filha **estudiosa**. (Os adjuntos adnominais estão relacionados ao núcleo “filha”, um colocado antes – “minha” – e outro colocado depois – “estudiosa”)

- Os sintagmas nominais podem ocupar diversas funções sintáticas; por isso, o adjunto adnominal, que modifica o núcleo (substantivo) desse sintagma, pode ser encontrado tanto no sujeito quanto no complemento verbal (objeto direto ou indireto) e, ainda, no interior de um adjunto adverbial.

Complemento nominal

- Há nomes com sentido incompleto, e o termo da oração que completa o sentido desses nomes é chamado complemento nominal.
- O objeto indireto e o complemento nominal têm funções semelhantes, mas são diferentes, porque o primeiro completa a ideia de um verbo (“obedeço aos pais”) e o último a de um nome (obediência aos pais).
- O complemento nominal pode completar a ideia de um substantivo abstrato, de um adjetivo ou de um advérbio, sendo sempre introduzido por uma preposição.
- Quando faz referência a um substantivo abstrato, o termo pode ser um adjunto adnominal ou um complemento nominal; para isso, é importante observar que:
 - a) O complemento nominal apresenta um valor passivo, isto é, ele é o alvo da ideia estabelecida pelo substantivo abstrato, não o agente. (Ex.: A invenção do avião). Além disso, nunca indica posse.
 - b) O adjunto adnominal possui um valor ativo e é o agente da ação. (Ex.: A invenção do cientista). Além disso, ele pode indicar posse.

Predicativos

- O predicativo é um termo que se refere ao sujeito ou ao objeto, acrescentando-lhes uma característica.
- O predicativo do sujeito evidencia um atributo do sujeito por intermédio de um verbo de ligação, que nem sempre está expresso na frase. Ele pode ser encontrado tanto em predicados nominais (Mariana está **triste**.), quanto em predicados verbo-nominais (Mariana saiu **triste**.).

- O predicativo do objeto evidencia um atributo circunstancial, ocasional do objeto (direto ou indireto) e pode ser encontrado em predicados verbo-nominais. Ex.: Achei a Mariana **triste**.
- O predicativo e o adjunto adnominal têm funções diferentes na sentença; por isso, não devemos confundi-los.

Aposto

- O aposto é o termo que acrescenta uma informação a mais ao termo que o antecede, evidenciando uma explicação para o leitor, uma ampliação de sentidos ou um resumo do que foi dito.
Ex.: Alimentação saudável – **frutas, legumes e verduras** – deve ser a meta de todo brasileiro.
- O aposto indica uma pausa e, na escrita, isso geralmente vem marcado por vírgulas, travessões, parênteses ou dois pontos.
Ex.: Quero comer um pouco de tudo no dia da festa: **bolo, doces e salgados**.
Paris, **a cidade-luz**, está cada dia mais linda.

Quer saber mais?



Livro

DANTAS, Janduhi. *Lições de gramática em versos de cordel*. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

A obra traz dois poemas (páginas 90 e 91) em que se tematiza o aposto e a diferença entre adjunto adnominal e complemento nominal. De forma descontraída, é possível aprender algumas das regras apontadas neste capítulo.

SCHUMACHER, Cristina A. *Uma gramática intuitiva: liberte-se das regras e tome posse da língua que você fala*. Rio de Janeiro: LTC, 2013.

O livro propõe uma reflexão sobre aspectos gramaticais sem o foco nas nomenclaturas, de modo a incentivar o usuário da língua a compreender os fenômenos linguísticos de maneira mais intuitiva.



Música

“Você é linda”. Caetano Veloso.

“Você é linda”, “você é mãe do Sol”, “você é forte”, “você me faz feliz”. A letra da canção é recheada de predicativos que mostram toda a admiração do eu lírico por sua amada. Além disso, a presença de vários adjetivos com função de adjunto adnominal nos versos da canção contribui para essa construção de sentidos.

Disponível em: <https://letras.mus.br/caetano-veloso/43884/>. Acesso em: 20 out. 2021.

Exercícios complementares

1. Uneb-BA 2017

Senhora Dona Bahia,
nobre e opulenta cidade,
madrasta dos naturais,
e dos estrangeiros madre:
dizei-me por vida vossa
em que fundais o ditame
de exaltar os que aqui vêm
e abater os que aqui nascem?

MATOS, Gregório de. *Descreve como os estrangeiros arruinam a Bahia*. In: MENDES, Cleise Furtado. *Senhora Dona Bahia*. Salvador, EDUFBA, 1996. p. 88.

A análise de fragmento retirado do texto de Gregório de Matos está correta em

- Há um vocativo e um aposto nos versos: “*Senhora Dona Bahia / nobre e opulenta cidade / madраста dos naturais, / e dos estrangeiros madre*” (v. 1-4).
- No verso “*e dos estrangeiros madre*” (v. 4), há uma inversão no sintagma nominal.
- Em “*dizei-me por vida vossa*” (v. 5), verifica-se um tratamento em 2ª pessoa do singular.
- “*vêm*” (v. 7) é uma forma do verbo ver, na 3ª pessoa do plural.
- O termo “*ditame*” (v. 6) significa comportamento diferenciado, consagrado pelo costume.

A alternativa em que todas as afirmativas indicadas estão corretas é a

01) I e II.

02) II e III.

03) IV e V.

04) I, III e V.

05) II, IV e V.

2. Unicentro-PR 2017

O verdadeiro otimista tem o dom de saber que algo vai dar certo não por presunção, mas simplesmente por acreditar que a força que define o que vai dar certo ou errado em sua vida está em seu interior, em suas competências, em sua fé. (Luís Alves)

ALVES, Luís. *O verdadeiro otimista*. Disponível em: <http://mundodasmensagens.com/mensagens-incentivo/>. Acesso em: 11 jul. 2016.

A análise linguística dos elementos verbais que compõem a mensagem está correta em

- A partícula “o”, nos dois casos, é o masculino de “a”, em “a força”, já que se trata de artigos.
- O termo preposicionado “de saber” modifica “dom”, na função de adjunto adnominal.
- O elemento coesivo “que”, nas três ocorrências, pertence à mesma classe de palavras.
- A oração reduzida “por acreditar” expressa a ideia de causa, podendo ser desdobrada.
- Os pronomes “sua”, “seu”, “suas” e “sua” possuem o mesmo referente.

A alternativa em que todas as afirmativas indicadas estão corretas é a

- a) I e II.
- b) II e III.
- c) III e IV.
- d) I, III e V.
- e) II, IV e V.

3. Leia a manchete a seguir.

Alok é o 4º em lista de melhores DJs do mundo: “Muito orgulho desse resultado”

Extra, 14 out. 2021.

No título, o termo “desse resultado” tem a função sintática de adjunto adnominal. Justifique.



Leia o fragmento a seguir para responder às questões 4 e 5.

“Só existe um jeito de atacar, ou ser vitorioso no combate ao câncer de próstata: a prevenção. Só conseguimos curar se for feito diagnóstico precoce com a doença inicial. Aí sim vamos ter um alto índice de cura, em torno de 80%. Agora, se esperar ter sintomas para só então fazer o diagnóstico, na maioria das vezes nós não vamos curar mais ninguém [...]. Prevenção é tudo em relação a essa doença, é sinônimo de cura”, lembrou o Dr. Croitor.

OLIVEIRA, Rinaldo. Me livre do câncer de próstata graças à prevenção, alerta jornalista do SNB. *Só Notícia Boa*, 1 nov. 2021. Disponível em: <https://sonoticiaboa.com.br/2021/11/01/me-livre-do-cancer-prostata-prevencao-jornalista-snb/>. Acesso em: 4 nov. 2021.

4. Com base no texto lido anteriormente, considere as afirmações.

- I. “Só existe um jeito de atacar, ou ser vitorioso no combate ao câncer de próstata: a prevenção.” O termo destacado é um aposto e o uso dos dois pontos que o antecede está correto.
- II. “[...] vamos ter um alto índice de cura, em torno de 80%.” O termo destacado é um aposto e o uso da vírgula que o antecede está correto.
- III. “Prevenção é tudo em relação a essa doença, é sinônimo de cura.” O termo destacado é um aposto e o uso da vírgula que o antecede está incorreto.

É correto o que se afirma em:

- a) apenas I.
- b) apenas II.
- c) apenas III.
- d) apenas I e III.
- e) apenas I e II.

5. O enunciado a seguir é facilmente deduzível a partir do texto lido.

Croitor, o médico, me deu notícias boas após a cirurgia.

- a) Explique o sentido desse enunciado.
- b) Faça alterações na pontuação de modo a gerar uma outra interpretação.
- c) Explique o novo sentido, considerando a mudança realizada.

6. Os elefantes, por exemplo, envelhecem bem. E olha que é uma tarefa enorme. Não se queixam do peso dos anos, nem da ruga do tempo e, quando percebem a hora da morte, caminham pausadamente para um certo e mesmo lugar – o cemitério dos elefantes, e aí morrem, completamente, com a grandeza existencial só aos grandes permitida.

SANT’ANNA, Affonso Romano de. *Envelhecer: com mel ou fel? Melhores crônicas*. São Paulo. Global, 2003.

Os elementos destacados no texto são adjunto adnominal, complemento nominal e adjunto adnominal, respectivamente. Essa afirmação é verdadeira ou falsa? Justifique.



Leia a crônica a seguir para responder às questões de 7 a 9.

Eu ia escrever sobre a Grande Muralha da China. Mas no meu terraço um casal de bem-te-vis veio fazer o ninho. E olhando esse pequeno e delicado fazer, esse fazer antigo como o mundo, de um casal e sua casa, as coisas grandiosas e sólidas me parecem subitamente menos gloriosas e menos sólidas.

Eu ia dizer que no século XIV os chineses ergueram a Grande Muralha para se defenderem dos invasores. E que no século XX, quando já estava destruída, a reergueram – embora parcialmente – para atraí-los. Não tártaros, não vizinhos apenas, mas invasores vindos do mundo inteiro, armados com suas máquinas fotográficas, multidão reverente e compacta que marcha naqueles muitos metros e galga aqueles muitos degraus, sem lugar para chegar ou ponto para conquistar, mas apenas para caminhar sobre a história.

Eu ia contar que a muralha é larga e sólida, mais do que eu havia imaginado, embora tantas vezes a visse fotografada. Ou melhor, que estando em cima dela, por tão larga e sólida, mais que muro pareceu-me castelo, e não me senti em equilíbrio entre uma coisa e outra, entre uma e outra terra, como me sentiria no alto de qualquer muro, mas firme, em terra própria com sua vida e nome.

Eu ia até fazer uma gracinha e dizer que por isso, e apesar de tão grande, a muralha não serve para abrigar políticos hesitantes. Mas o bem-te-vi chama lá fora. E, ao mesmo tempo que escrevo sobre os antigos construtores da China, olho esse construtor que pelo terceiro ano consecutivo vem fazer de palha e fiapos um ninho capaz de resistir ao mais forte vento sudoeste, e ele me parece tão antigo quanto aqueles. E mais sábio.

Que vento sopra sobre a Grande Muralha? **Eu o senti nos cabelos, querendo quase levar o chapéu cônico de bambu trançado que havia comprado antes de subir.** Mas sem saber-lhe o nome e sem rosa dos ventos para me orientar, tive que deixá-lo passar no anonimato. Com certeza, porém, era o mesmo vento que fustigava as costas das sentinelas quando se debruçavam para procurar no horizonte a presença dos tártaros. E também o mesmo que havia recebido Quin Shi Huang no ano 221, quando, unificando a China, uniu as antigas muralhas construídas pelos senhores feudais. E o mesmo ainda que no século VII a.C. mordida os dedos dos servos que carregavam as pedras levantando o muro dos senhores. E o mesmo, sempre o mesmo, que soprava naquelas encostas antes que

muralhas cortassem seu perfil. Os ventos são mais constantes que os homens.

O bem-te-vi chama. Mas, se vou ao terraço, mergulha em voo rasante sobre a minha cabeça, fazendo um ruído seco que não sei se de bico ou garganta. Defende o ninho, onde imagino que a fêmea já tenha posto os ovos. Durante alguns dias ninguém poderá se aproximar. Um bem-te-vi não levanta muralhas, mas igualmente marca seu território e o protege do alto. Um bem-te-vi é sua própria sentinela. E, quando dá o alarme, não é para chamar os da sua espécie, mas para intimidar o inimigo.

Além do longo trecho restaurado, muitos outros fragmentos da muralha serpenteiam pelos morros e montanhas. Construídas há tantos e tantos anos, e há tantos e tantos anos abandonados, integraram-se à natureza. Já não parecem impostos à terra, mas emergentes dela, arcabouço surgindo por baixo da crosta como osso empurrando a pele em gado magro. Vi um desses fragmentos de perto. Partido, mostrava suas entranhas, tijolos que agora, desfeita a superposição simétrica, gastas as arestas, deixavam de ser tijolos para recompor aquela mesma terra de onde haviam sido tirados. Cresciam arbustos no topo, gramas cresciam por dentro. Tudo estava em grande harmonia. Dos senhores feudais, de Quin Shi Huang, da dinastia Ming ficou a força arquitetônica. O clamor das batalhas diluiu-se no silêncio.

Depois que a fêmea chocar, poderei voltar ao terraço. O bem-te-vi me olhará indiferente, preocupado somente em conseguir comida para os filhotes. E quando estes estiverem emplumados e tiverem aprendido a voar, o casal abandonará o ninho. Na chuva, no tempo, a estrutura de palha se desfará aos poucos, entregando suas entranhas. Até o próximo ano, quando outubro me trouxer o casal novamente para, sobre os destroços, construir outro ninho.

O sol que se põe no meu terraço surge lentamente por trás da Grande Muralha. O vento sopra desgastando as arestas de pedra. No tempo, na chuva, desfazem-se pouco a pouco as construções. Persiste, no ser, o desejo de construir.

COLASANTI, Marina. A muralha e o bem-te-vi. *Crônicas para jovens*. São Paulo: Global Editora, [s.d.]. © by Marina Colasanti.

7. Em “Que vento sopra sobre a Grande Muralha?”, temos o uso de um adjunto adnominal. Identifique-o e aponte a que termo está ligado.
8. Sobre o trecho do quinto parágrafo, destacado no texto, é possível afirmar:
- “cônico” é adjunto adnominal e está relacionado a “chapéu”.
 - “de bambu” é complemento nominal e está relacionado a “chapéu”.
 - “trançado” é adjunto adnominal e está relacionado a “bambu”.

Estão corretas as afirmações:

- I e II.
- II e III.
- I e III.
- I, II e III.

9. Compare os dois fragmentos retirados da crônica de Marina Colasanti.

- | | |
|-----|--|
| I. | “Dos senhores feudais, de Quin Shi Huang, da dinastia Ming ficou a <u>força arquitetônica</u> .” |
| II. | “[...] as coisas <u>grandiosas e sólidas</u> me parecem subitamente <u>menos grandiosas e menos sólidas</u> ”. |

Em qual dos enunciados o elemento destacado funciona como predicativo do sujeito? Explique.

10.

Dicas para preparar um hambúrguer suculento

Um disco de carne macio e suculento, grelhado, assado, chapeado ou frito. Geralmente servido entre duas fatias de pão fofo.

O hambúrguer é simples, barato, saboroso e tem cara de guloseima

Faça você mesmo, e a surpresa boa é que, feito em casa, pode ficar tão ou ainda mais gostoso!

[...]

SELIGRA, Rosi. *Monta Encanta*, 2 set. 2014. Disponível em: <https://montaencanta.com.br/assimqfaz/dicas-para-preparar-um-hamburguer-suculento/>. Acesso em: 18 out. 2021.

Acerca das propriedades linguísticas do excerto, julgue o item a seguir: o trecho “grelhado, assado, chapeado ou frito” funciona como aposto de “carne”.

11. **UCPel-RS 2018** Leia o texto, a seguir, atentando para responder à questão.

TWEET DE OBAMA SOBRE CHARLOTTESVILLE É O MAIS CURTIDO DA HISTÓRIA DO TWITTER

Ex-presidente norte-americano tuitou uma frase de Nelson Mandela

16/08/2017 – 07h19 – ATUALIZADA ÀS 08h28 – POR AGÊNCIA EFE

Um *tweet* do ex-presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, sobre a violência racista do último sábado em Charlottesville, na Virgínia, se converteu, na noite de terça-feira, na mensagem com mais curtidas da história do *Twitter*.

A postagem de Obama, que utilizou trechos de uma entrevista de Nelson Mandela, acompanhada de uma foto do ex-presidente americano com um grupo de crianças de várias etnias, alcançou 2,71 milhões de ‘curtidas’ (*likes*) e superou assim uma mensagem que a cantora Ariana Grande publicou após o atentado em sua apresentação em Manchester, no Reino Unido, em maio deste ano, que tem 2,7 milhões de ‘curtidas’.

Os trechos da entrevista de Mandela, divididos em três *tweets*, dizem: “Ninguém nasce odiando outra pessoa por causa da cor da sua pele, sua cultura ou sua religião. As pessoas precisam aprender a odiar, e se elas podem aprender a odiar, elas podem ser ensinadas a amar”.

O *tweet* do ex-presidente americano também é um dos mais populares da história quanto aos compartilhamentos (*retweets*), mas, neste quesito, ainda está na quinta posição com 1,12 milhões.

O *tweet* com mais *retweets* da história, com 3,65 milhões, é o de um adolescente que pedia ‘*nuggets*’ de frango de graça, seguido de uma ‘*selfie*’ da apresentadora e comedianta Ellen DeGeneres durante a premiação do Oscar em 2014, com 3,44 milhões.

Disponível em: <http://epocanegocios.globo.com/Mundo/noticia/2017/08/tweet-de-obama-sobre-charlottesville-e-o-mais-curtido-da-historiada-twitter.html>. Acesso em: 11 out. 2017. (Texto adaptado)

Na análise sintática, existem os termos acessórios que são importantes para a compreensão do enunciado, sendo dispensáveis na estrutura básica da oração. Relacione a 2ª coluna de acordo com a 1ª, observando a correta classificação dos termos destacados. A seguir, assinale a alternativa correta:

1. Adjunto adverbial
2. Aposto
3. Adjunto adnominal

■ “A postagem **de Obama**, que utilizou trechos de uma entrevista...”

■ “Ninguém nasce odiando outra pessoa **por causa da cor** da sua pele...”

■ “Um *tweet* do ex-presidente dos Estados Unidos, **Barack Obama**, sobre...”

■ “Um *tweet* do ex-presidente dos Estados Unidos [...] se converteu, **na noite de terça-feira**, na mensagem com mais curtidas da história do *Twitter*.”

- | | |
|---------------|---------------|
| a) 1, 2, 3, 1 | d) 3, 1, 2, 1 |
| b) 2, 3, 1, 3 | e) 2, 1, 3, 1 |
| c) 3, 2, 2, 1 | |



A questão 12 toma por base a seguinte crônica do escritor e blogueiro Antonio Prata (1977-):

Pensar em nada

A maravilha da corrida: basta colocar um pé na frente do outro.

Assim como numa família de atletas um garoto deve encontrar certa resistência ao começar a fumar, fui motivo de piada entre alguns parentes – quase todos intelectuais – quando souberam que eu estava correndo. “O esporte é bom pra gente”, disse minha avó, num almoço de domingo. “Fortalece o corpo e emburrece a mente.”

Hoje, dez anos depois daquele almoço, tenho certeza de que ela estava certa. O esporte emburrece a mente e o mais emburrecedor de todos os esportes inventados pelo homem é, sem sombra de dúvida, a corrida – por isso que eu gosto tanto.

Antes que o primeiro corredor indignado atire um tênis em minha direção (número 42, pisada pronada, por favor), explico-me. É claro que o esporte é fundamental em nossa formação. Não entendo lhufas de pedagogia ou pediatria, mas imagino que jogos e exercícios ajudem a formar a coordenação motora, a percepção espacial, a lógica e os reflexos e ainda tragam mais outras tantas benesses ao conjunto psico-moto-neuro-blá-blá-blá. Quando falo em emburrecer, refiro-me ao delicioso momento do exercício, àquela hora em que você se esquece da infiltração no teto do banheiro, do enrosco na planilha do Almeidinha, da extração do siso na próxima semana, do pé na bunda que levou da Marilu, do frio que entra pela fresta da janela e do

aquecimento global que pode acabar com tudo de uma vez. Você começa a correr e, naqueles 30, 40, 90 ou 180 minutos, todo esse fantástico computador que é o nosso cérebro, capaz de levar o homem à Lua, compor músicas e dividir um átomo, volta-se para uma única e simplíssima função: perna esquerda, perna direita, perna esquerda, perna direita, inspira, expira, inspira, expira, um, dois, um, dois.

A consciência é, de certa forma, um tormento. Penso, logo existo. Existo, logo me incomodo. A gravidade nos pesa sobre os ombros. Os anos agarram-se à nossa pele. A morte nos espreita adiante e quando uma voz feminina e desconhecida surge em nosso celular, não costuma ser a última da capa da Playboy, perguntando se temos programa para sábado, mas a mocinha do cartão de crédito avisando que a conta do cartão “encontra-se em aberto há 14 dias” e querendo saber se “há previsão de pagamento”.

Quando estamos correndo, não há previsão de pagamento. Não há previsão de nada porque passado e futuro foram anulados. Somos uma simples máquina presa ao presente. Somos reduzidos à biologia. Uma válvula bombando no meio do peito, uns músculos contraindo-se e expandindo-se nas pernas, um ou outro neurônio atento aos carros, buracos e cocôs de cachorro.

Poder, glória, dinheiro, mulheres, as tragédias gregas, tá bom, podem ser coisas boas, mas naquele momento nada disso interessa: eis-nos ali, mamíferos adultos, saudáveis, movimentando-nos sobre a Terra, e é só.

(Antonio Prata. Pensar em nada. *Runner's World*, n.º 7, São Paulo: Editora Abril, maio/2009.)

12. **Unesp** O esporte é bom pra gente, fortalece o corpo e emburrece A MENTE. – Antes que o primeiro corredor indignado atire UM TÊNIS em minha direção [...] – Quando estamos correndo, não há PREVISÃO DE PAGAMENTO. Os termos grafados com letras maiúsculas nas passagens acima, extraídas do texto apresentado, identificam-se pelo fato de exercerem a mesma função sintática nas orações de que fazem parte. Indique essa função:
- a) Sujeito.
 - b) Predicativo do sujeito.
 - c) Predicativo do objeto.
 - d) Objeto direto.
 - e) Complemento nominal.



Leia o trecho do poema “Amor Feinho”, de Adélia Prado, para responder à questão 13.

Eu quero amor feinho.

Amor feinho não olha um pro outro.

Uma vez encontrado é igual fé,
não teóloga mais.

Duro de forte o amor feinho é magro, doido por sexo
e filhos tem os quantos haja.

Tudo que não fala, faz.

Planta beijo de três cores ao redor da casa
e saudade roxa e branca,
da comum e da dobrada.

Amor feinho é bom porque não fica velho.

Cuida do essencial; o que brilha nos olhos é o que é:

eu sou homem você é mulher.
Amor feinho não tem ilusão,
o que ele tem é esperança:
eu quero um amor feinho.

(*Bagagem*, 2011.)

13. Famema-SP 2021

“Eu quero amor feinho.”

O verbo sublinhado é transitivo direto, assim como o verbo sublinhado em:

- a) “Amor feinho não olha um pro outro.”
- b) “não teologa mais.”
- c) “Uma vez encontrado é igual fé,”
- d) “Amor feinho é bom porque não fica velho.”
- e) “Planta beijo de três cores ao redor da casa”

14. Em qual alternativa a expressão destacada **não** exerce a função de complemento nominal?

- a) O desperdício de alimentos raramente é contabilizado pelos consumidores.
- b) O desmatamento e a poluição são prejudiciais à vida humana.
- c) O consumo em excesso de alimentos industrializados traz malefícios à saúde.
- d) Especialistas recomendam a ingestão moderada de açúcar.



Leia o poema de Fernando Pessoa para responder à questão **15**.

Cruz na porta da tabacaria!
Quem morreu? O próprio Alves? Dou
Ao diabo o bem-’star que trazia.
Desde ontem a cidade mudou.

Quem era? Ora, era quem eu via.
Todos os dias o via. Estou
Agora sem essa monotonia.
Desde ontem a cidade mudou.

Ele era o dono da tabacaria.
Um ponto de referência de quem sou.
Eu passava ali de noite e de dia.
Desde ontem a cidade mudou.

Meu coração tem pouca alegria,
E isto diz que é morte aquilo onde estou.
Horror fechado da tabacaria!
Desde ontem a cidade mudou.

Mas ao menos a ele alguém o via,
Ele era fixo, eu, o que vou,
Se morrer, não falto, e ninguém diria:
Desde ontem a cidade mudou.

(*Obra poética*, 1997.)

15. Unifesp 2021 Sempre que haja necessidade expressiva de reforço, de ênfase, pode o objeto direto vir repetido. Essa reiteração recebe o nome de objeto direto pleonástico.

(Adriano da Gama Kury. *Novas lições de análise sintática*, 1997. Adaptado.)

O eu lírico lança mão desse recurso expressivo no verso

- a) “Todos os dias o via. Estou” (2ª estrofe)
- b) “E isto diz que é morte aquilo onde estou.” (4ª estrofe)
- c) “Ele era fixo, eu, o que vou,” (5ª estrofe)
- d) “Mas ao menos a ele alguém o via,” (5ª estrofe)
- e) “Ao diabo o bem-’star que trazia.” (1ª estrofe)

16. Unicamp-SP 2021

Texto 1

Audino Vilão é o pseudônimo de Marcelo Marques. O universitário paulista de 18 anos cursa Licenciatura em História e produz vídeos em que traduz conceitos filosóficos complexos em linguagem coloquial, com gírias típicas das periferias do Estado de São Paulo. Audino se apresenta como um vilão que sequestra o conhecimento da elite acadêmica e distribui pra todo mundo, igualmente, da melhor forma possível. Ele entende que é preciso valorizar a cultura do aluno, o dialeto dele, seu conhecimento de vida.

(Adaptado de Bárbara Martins, “Audino Vilão: universitário traz conceitos filosóficos para linguagem da periferia.” Disponível em <https://www.hypeness.com.br/2020>. Acessado em 09/11/2020.)

Texto 2

E aí, molecadinha que nos assiste? Primeiramente um abraço, um cheiro, um amasso, diretamente daqui da 019, Audino Vilão na voz, trazendo pra vocês uma explicação: que que é democracia? Pra começar, vamo vê na história. A democracia surgiu na Grécia, na cidade de Atenas, em 504 a.C., em resposta aos governos autoritários. Cê é louco, o bagulho, mó tempo, né? Os cara mandava em tudo, metia o louco. Aí os caras saíram do poder, o povo se uniu e pensou: Parça, e se nós fizesse esse bagulho agora, e se nós mandasse nesse bagulho aí? Aí a rapaziada lá, suave, se reuniu nas praça, nos congresso, os cara discutia qual que vai ser a plantação, qual que vai ser o festival da cidade. Só que, naquela época, pra você participar da democracia você precisava ser homem, maior de 21 anos, precisava possuir terras e... o mais importante: você precisava ser cidadão ateniense. Você não poderia ser nem mulher, nem escravo. Então era um bagulho meio elitista, tá ligado? Era um bagulho meio exclusivo.

Mas qual que é essas ideia de democracia? Democracia é uma forma de governo onde todo mundo pode participar. Dá pra todo mundo tentar fazer o seu corre, e tentar progredir no nosso país, no nosso município, na nossa quebrada. Porque a democracia parte de um princípio de respeito à liberdade individual. Mas não fica só nisso não. A democracia também acontece quando você vai lá e cobra o político: e aí, mano, cadê as escola? O certo é o certo, o errado é cobrado, e a democracia é dessa fita, entendeu?

(Adaptado de Audino Vilão. Disponível em <https://www.instagram.com/p/CE7wnZppyEi/>. Acessado em 09/11/2020.)

- a) Cite duas características da democracia grega que, segundo Audino Vilão, a diferenciam do conceito atual de democracia.
- b) A quem se dirigem os vocativos “Parça” (no primeiro parágrafo), e “mano” (no segundo parágrafo)?

17. Observe a manchete a seguir.

Artistas reagem com perplexidade à notícia da morte de Marília Mendonça

Jornal Nacional, 5 nov. 2021.

Qual é a função sintática da expressão “da morte” presente nesse título?

18. [...] enquanto o *feedback* genérico fica na avaliação da resposta, certa ou errada, e o situado mostra a origem do problema, o *feedback* estratégico tenta sugerir estratégias de aprendizagem que possam levar o aluno à resposta certa. Não se dá a resposta ao aluno, mas tenta--se mostrar--lhe como chegar a ela.

LEFFA, V. Análise Automática da Resposta do Aluno em Ambiente Virtual. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*. Belo Horizonte, v. 3, n. 2, p. 25-40, 2003.

Em “[...] a resposta **ao aluno**”, a função do termo destacado é objeto indireto. A afirmativa é verdadeira ou falsa? Justifique.

19. As manchetes a seguir foram extraídas de diferentes sites de notícia. Assinale a que apresenta complemento nominal.

- a) “Coronavírus: Paraguai flexibiliza medidas sanitárias e autoriza retorno das aulas presenciais”, *G1* (18/03/2021)
- b) “Doze cidades do interior de SP vão decretar *lockdown* na quarta-feira”, *R7* (16/03/2021)
- c) “Você procura por lugares exóticos para viajar? Veja essa lista!”, *Crosster* (12/04/2019)
- d) “Léo Santos vibra com retorno ao octógono e destaca: ‘Está na hora de apostarem em mim’”, *Globo Esporte* (17/03/2021)

20. A assinatura era ilegível, mas ele sabia quem era o remetente: o primo, claro. O primo por quem a mãe se apaixonara, e que, por meio daquele cartão, quisera associar o Natal a uma mensagem de amor. Uma nova vida, era o que estava prometendo. Esta mensagem e esta promessa jamais tinham chegado a seu destino. Mas de algum modo o recado chegara a ele. Por quê? Que secreto desígnio haveria atrás daquilo?

SCLIAR, Moacyr. Quatro contos de Moacyr Scliar em homenagem ao espírito natalino. *Moacyr Scliar*, 13 dez. 2020. Disponível em: www.moacyrscliar.com/noticias/quatro-contos-de-moacyr-scliar-em-homenagem-ao-espirito-natalino/. Acesso em: 26 out. 2021..

No trecho “A assinatura era ilegível”, qual é a função sintática do termo “ilegível”?

21. Em “A festa é **uma maravilha**.”, o termo em destaque tem a função de

- a) explicar o termo antecedente, funcionando como seu aposto.
- b) apresentar uma característica ao sujeito, funcionando como seu predicativo.
- c) complementar o verbo funcionando como objeto indireto.
- d) complementar o nome, funcionando como complemento nominal.
- e) complementar o verbo funcionando com objeto direto.

22. Em “Tornar o invisível **visível**”, pode-se afirmar que o termo “visível” sintaticamente exerce a função de

- a) sujeito simples.
- b) predicativo do objeto.
- c) objeto direto.
- d) predicativo do sujeito.
- e) adjunto adnominal.



A questão **23** toma por base uma passagem do livro de José Ribeiro sobre o folclore nacional.

Curupira

Na **teogonia** tupi, o anhangá, gênio andante, espírito andejo ou vagabundo, destinava-se a proteger a caça do campo. Era imaginado, segundo a tradição colhida pelo Dr. Couto de Magalhães, sob a figura de um veado branco, com olhos de fogo.

Todo aquele que perseguisse um animal que estivesse amamentando corria o risco de ver Anhangá e a visão determinava logo a febre e, às vezes, a loucura. O caapora é o mesmo tipo mítico encontrado nas regiões central e meridional e aí representado por um homem enorme coberto de pelos negros por todo o rosto e por todo o corpo, ao qual se confiou a proteção da caça do mato. Tristonho e taciturno, anda sempre montado em um porco de grandes dimensões, dando de quando em vez um grito para impelir a vara. Quem o encontra adquire logo a certeza de ficar infeliz e de ser malsucedido em tudo que intentar. Dele se originaram as expressões portuguesas caipora e caiporismo, como sinônimo de má sorte, infelicidade, desdita nos negócios. Bilac assim o descreve: “Companheiro do curupira, ou sua duplicata, é o Caapora, ora gigante, ora anão, montado num caítitu, e cavalgando à frente de varas de porcos do mato, fumando cachimbo ou cigarro, pedindo fogo aos viajores; à frente dele voam os vaga-lumes, seus batedores, alumando o caminho”.

Ambos representam um só mito com diferente configuração e a mesma identidade com o curupira e o jurupari, nomes que guardam a floresta. Todos convergem mais ou menos para o mesmo fim, sendo que o curupira é representado na região setentrional por um “pequeno tapuio” com os pés voltados para trás e sem os orifícios necessários para as secreções indispensáveis à vida, pelo que a gente do Pará diz que ele é músico. O Curupira ou Currupira, como é chamado no sul, aliás erroneamente, figura em uma infinidade de lendas tanto no norte como no sul do Brasil. No Pará, quando se viaja pelos rios e se ouve alguma pancada longínqua no meio dos bosques, “os romeiros dizem que é o Curupira que está batendo nas sapupemas, a ver se as árvores estão suficientemente fortes para sofrerem a ação de alguma tempestade que está próxima. A função do Curupira é proteger as florestas. Todo aquele que derriba, ou por qualquer modo estraga inutilmente as árvores, é punido por ele com a pena de errar tempos imensos pelos bosques, sem poder atinar com o caminho de casa, ou meio algum de chegar até os seus”. Como se vê, qualquer desses tipos é a manifestação de um só mito em regiões e circunstâncias diferentes.

(*O Brasil no folclore*, 1970.)

Teogonia, s.f.: 1. Filos. Doutrina mística relativa ao nascimento dos deuses, e que frequentemente se relaciona com a formação do mundo. 2. Conjunto de divindades cujo culto forma o sistema religioso dum povo politeísta. (*Dicionário Aurélio Eletrônico – Século XXI*.)

23. Unesp 2013 [...] à frente dele voam os vaga-lumes, seus batedores, alumando o caminho.

Eliminando-se o aposto, a frase em destaque apresentará, de acordo com a norma-padrão, a seguinte forma:

- a) à frente voam os vaga-lumes, seus batedores, alumando o caminho.
- b) à frente dele voam os vaga-lumes batedores, alumando o caminho.
- c) à frente dele voam seus batedores, alumando o caminho.
- d) à frente dele voam os vaga-lumes, alumando o caminho.
- e) à frente dele voam os vaga-lumes, seus batedores, alumando.

24. Na frase “Quando eu era **criança**, acreditava na ideia de que meu pai era um super-herói, tipo esses de filmes”, o termo destacado exerce a função de:

- a) sujeito.
- b) objeto direto.
- c) objeto indireto.
- d) predicativo do sujeito.

25. Leia a manchete a seguir.

Lei Seca fica mais rigorosa a partir desta quinta-feira no país; entenda

Folha de S.Paulo com informações da Agência Brasil, 19 abr. 2018.

No título, qual é a função sintática do termo “mais rigorosa”?

26.

Prefeitura reforça importância do cuidado integral à saúde do homem no Novembro Azul

No mês de novembro, a Prefeitura de Manaus intensifica as informações sobre os cuidados com a saúde do homem de forma integral. Com a campanha Novembro Azul, que tem o objetivo de conscientizar a população masculina sobre os cuidados necessários para evitar doenças que comprometem a vida dos homens, dentre elas o câncer de próstata, a Secretaria Municipal de Saúde (Sema) vai promover, ao longo do mês, uma série de atividades em todos os Distritos de Saúde da capital.

Realização de *lives*, divulgação de conteúdos educativos em canais de comunicação institucional, palestras e outras ações de educação em saúde serão realizadas nas unidades de saúde da rede municipal, onde será intensificada a oferta dos serviços que já são oferecidos como rotina à população masculina.

[...]

BRANDÃO, Tânia. *Secretaria Municipal de Saúde de Manaus – SEMSA*, 31 out. 2021. Disponível em: <https://sema.manaus.am.gov.br/noticia/prefeitura-reforca-importancia-do-cuidado-integral-a-saude-do-homem-no-novembro-azul/>. Acesso em: 9 nov. 2021.

Qual dos trechos destacados exerce, no texto lido, a função de complemento nominal?

- I. “Distritos de Saúde da capital”
- II. “cuidados com à saúde”
- III. “câncer de próstata”
- IV. “importância do cuidado integral”

Estão corretas:

- a) I e II.
- b) I e III.
- c) III e IV.
- d) II e III.
- e) II e IV.

27. Leia a frase a seguir:

Tu és cego e eu sou surdo mudo, toquemo-nos com as mãos e compreendamo-nos.

Khalil Gilbran

Nas orações em que são empregados os termos “cego” e “surdo mudo”, eles exercem a função de:

- a) predicativo do sujeito.
- b) objeto direto.
- c) adjunto adnominal.
- d) sujeito.
- e) adjunto adverbial.



A oração “nossos anunciantes cancelaram **os comerciais**”, que aparece no último quadrinho, exerce a função de complemento nominal. A afirmativa é verdadeira ou falsa? Justifique.

29. IFBA 2014

Sem Facebook

Das minhas relações mais próximas, só três comungam comigo não ter facebook. Não pensem que tenho críticas, sou um entusiasta, apenas não quero usar. Pouco dou conta dos meus amigos, onde vou arranjar tempo para mais? Minha etiqueta me faz responder a tudo, teria que largar o trabalho se entrasse na rede social. Só recentemente minhas filhas me convenceram que se não respondesse um *spam* ninguém ficaria ofendido.

5 A cidade ganhou a parada. Acabou o pequeno mundo onde todos se conheciam, onde não se podia esconder segredos e pecados. Viver na urbe é cruzar com desconhecidos, sentir a frieza do anonimato. Essa é a realidade da maioria.

Meu apreço com as redes sociais é por acreditar que elas são um antídoto para o isolamento urbano. São uma novidade que imita o passado, uma nova versão, por vezes mais rica, por vezes mais pobre, da antiga comunidade. Detalhe: não quero retroceder, a simpatia é pelo resgate da nossa essência social. Vivemos para o olhar dos outros, essa é a realidade simples, evidente. Quem pensa o contrário vai à conversa da literatura de autoajuda, que idolatra a autossuficiência e acredita que é possível ser feliz sozinho. É uma ilusão tola. Nascemos para vitrine.

Quando checamos insistentemente para saber como reagiram às nossas postagens, somos desvelados no pedido amoroso. O viciado em rede social é obcecado pela sociabilidade. Está em busca de um olhar, de uma aprovação, precisa disso para existir. Ou vamos acreditar que a carência, o desespero amoroso e a busca pelo reconhecimento são novidades da internet?

15 Sei que o facebook é o retrato da felicidade fingida, todos vestidos de ego de domingo, mas essa é a demanda do nosso tempo. Critique nossos costumes, não o espelho. Sei também que as redes são usadas basicamente para frivolidades, é certo, mas isso somos nós. Se a vida miúda de uma cidadezinha fosse transcrita, não seria diferente. Fofoca, sabedoria de almanaque, dicas de produtos culturais, troca de impressões e às vezes até um bom conselho, além de ser um amplificador veloz para mobilizações.

20 Também apontam que amigos virtuais não substituem os presenciais. Todos se dão conta, e justamente usam a rede na esperança de escapar dela. O objetivo final é ser visto e conhecido também fora. Usamos esse grande palco para ensaiar e se aproximar dos outros, fazer o que sempre fizemos. O facebook é a nostalgia da aldeia e sua superação.

CORSO, Mário. Sem Facebook. Disponível em: <http://zerohora.clicrbs.com.br/rs/cultura-e-lazer/blogs/>. Acesso em: 31 de agosto de 2013. (adaptado)

A respeito das funções que os elementos da língua exercem no texto, é verdadeiro:

- O termo “obcecado” (l. 13) é predicativo de “viciado” (l. 13).
- A palavra “onde” (l. 5) é um pronome e se refere à palavra “cidade” (l. 5).
- A palavra “que” na oração “Sei que o facebook é o retrato da felicidade fingida” (l. 15) é um pronome relativo.
- O sujeito da oração “que idolatra a autossuficiência” (l. 10) é “Quem pensa o contrário” (l. 10).
- A oração “Todos se dão conta” apresenta um sujeito oculo (l. 20).

30.

Vigora no ordenamento jurídico pátrio o princípio da obrigatoriedade de licitação, consoante preceituado no art. 37, XXI, da Constituição Federal, sendo a desnecessidade de licitar a exceção, desde que especificada na legislação pertinente.

Nesse sentido, a Lei n. 8.666/93, **conhecida como Lei de Licitações**, disciplina as situações, dentro do regime geral, em que a Administração Pública pode contratar sem licitação, quais sejam: os casos de licitação dispensada (art. 17), de dispensa de licitação (art. 24) e de inexigibilidade de licitação (art. 25).

MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DE GOIÁS. Aquisição de medicamentos com dispensa de licitação devido a decisão judicial. *MPCO*, 22 nov. 2019. Disponível em: www.mppo.mp.br/portal/arquivos/2019/11/22/15_12_10_272_Informa%C3%A7%C3%A3o_T%C3%A9cnico_Jur%C3%ADdica_Conjunta_Aquisi%C3%A7%C3%A3o_de_medicamentos_com_dispensa_licita%C3%A7%C3%A3o_devido_a_decis%C3%A3o_judicial_Patrim%C3%B4nio_P%C3%BAblico_e_Sa%C3%BAde.pdf. Acesso em: 26 out. 2021.

As vírgulas empregadas para isolar a expressão “conhecida como Lei de Licitações” separam um trecho explicativo. Classifique a função sintática desse trecho e justifique-o.

31. “Não há motivo para pânico. As pessoas ficam ansiosas e é normal. É normal que nós, como seres humanos, quando acontece algo novo, fiquemos com dúvidas e, ficando com dúvidas, podemos ter pânico. Mas esse vírus, **que é novo**, nós conhecemos mais que outros vírus, conhecemos mais informação, temos mais pesquisa, temos mais informação da transmissão, do tratamento, de quantos casos podem ser severos, de quais são as populações que são mais afetadas”, afirmou Socorro Gross [chefe da Organização Mundial de Saúde e da Organização Pan-Americana da saúde no Brasil].

BOMFIM, Camila. ‘Não há motivo para pânico’, diz chefe da OMS no Brasil sobre novo coronavírus.” *G1*, 27 fev. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/02/27/nao-ha-motivo-para-panico-diz-chefe-da-oms-no-brasil-sobre-coronavirus.ghtml>. Acesso em: 19 out. 2021.

O termo “que é novo” está entre vírgulas, pois funciona como um adjunto adverbial deslocado. A afirmativa é verdadeira ou falsa? Justifique sua resposta.

32. Sophia Raia, **filha dos atores Claudia Raia e Edson Celulari**, acaba de fazer sua estreia no mundo da moda. Sem grandes ambições, a menina, de 16 anos, foi alçada ao posto de garota-propaganda de uma joalheria carioca. “Amei a experiência de fotografar e estar exposta a esse mundo. Foi muito especial”, diz ela. “Minha mãe, além de estar comigo no dia do ensaio, me deu muitas dicas estéticas de ângulos e expressões. Meu pai, me deu apoio emocional e me tranquilizou antes de clicar.”

JÚNIOR, Gilberto. Filha de Claudia Raia, Sophia ‘estrela como modelo’ com dicas da mãe: ‘Ângulos e expressões’. *O Globo*, 14 ago. 2019. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/ela/gente/filha-de-claudia-raia-sophia-estrela-como-modelo-com-dicas-da-mae-angulos-expressoes-23876234>. Acesso em: 19 out. 2021.

A expressão “filha dos atores Claudia Raia e Edson Celulari” encontra-se entre vírgulas porque exerce a função sintática de aposto. A afirmativa é verdadeira ou falsa? Justifique.

33. Em depoimento à polícia, Monique Medeiros, mãe do menino Henry Borel, que morreu com sinais de hemorragia e edemas no Rio, disse que viu o filho já no chão do quarto do casal após ele ter passado mal. Segundo a mãe, ela e o namorado, o vereador Dr. Jairinho, estavam em outro cômodo vendo televisão. Os investigadores perguntaram o que poderia ter causado as lesões. Monique respondeu acreditar que Henry acordou, ficou em pé em cima da cama deles e se desequilibrou ou até tropeçou.

Sexta-feira, 19 de março. *G1*, 19 mar. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/resumo-do-dia/noticia/2021/03/19/sexta-feira-19-de-marco.ghtml>. Acesso em: 19 out. 2021.

A expressão “mãe do menino Henry Borel” está corretamente entre vírgulas por separar:

- a) uma explicação.
- b) uma elipse.
- c) um sujeito.
- d) termos de mesma função sintática.
- e) um adjunto adverbial deslocado.

34. **IFSul-RS 2017** Para responder à questão, considere o texto a seguir:

Na história de filosofia antiga, há um subenredo oculto: o gradual surgimento de um Deus maiúsculo e único, que dê sentido a tudo que existe. Na Grécia pagã, gerações sucessivas de pensadores desenvolveram uma espécie de monoteísmo filosófico; Zeus, o senhor dos imortais na mitologia grega, cedeu lugar a hotheos, “o Deus”, entidade racional e infinita das teorias filosóficas. Essa divindade impessoal e assombrosa já se deixava entrever nas Formas platônicas e na busca socrática por um Bem absoluto e final; mas é na Metafísica de Aristóteles que o Ser supremo emerge e ocupa, de forma triunfante, o centro da filosofia. Com a emergência do cristianismo, entre os séculos 1 e 3 d.C., o Deus dos filósofos foi se fundindo com a divindade das tribos de Israel: o “motor imóvel” de Aristóteles absorveu a personalidade daquele senhor austero, cuja voz ecoava nos desertos do Velho Testamento, entre as chamas de sarça seca, dizendo de forma enigmática e simples: *eu sou o que sou*.

BOTELHO, José Francisco. *A odisseia da filosofia: uma breve história do pensamento ocidental*. São Paulo: Abril, 2015

Assinale a alternativa que contém um aposto.

- a) “Na história de filosofia antiga” (l. 1).
- b) “o senhor dos imortais na mitologia grega” (l. 3).
- c) “de forma triunfante” (l. 5).
- d) “nos desertos do Velho Testamento” (l. 8).
- e) “*eu sou o que sou*” (l. 8-9).

35. Vítimas de violência de gênero têm se amparado cada vez mais na tecnologia como câmeras de celular e redes sociais para denunciar seus algozes, como a influenciadora Pamella Holanda, que filmou o pai de sua filha, o DJ Ivis, a agredindo, inclusive com a filha de 9 meses no colo. Nesta quarta-feira (28) foram divulgadas imagens do ator João Grana, de “Verdades Secretas 2”, agredindo uma pessoa. Segundo o jornalista Alessandro Lo-Bianco, que publicou o vídeo, a vítima seria uma ex-namorada do artista.

SOUTO, Luíza. Violência doméstica: vídeos de vítimas podem não ser aceitos como prova. *Universa Uol*, 29 jul. 2021. Disponível em: <https://uol.com.br/universa/noticias/redacao/2021/07/29/pacote-anticrime-uso-de-imagem-dj-ivis.htm>. Acesso em: 19 out. 2021.

Considerando o texto acima, que é parte de uma notícia, julgue o item a seguir:

O aposto que se segue à vírgula depois de “do ator João Grana” fornece explicação acerca de quem é o ator João Grana. A afirmativa está certa ou errada? Justifique.

36. Em uma pequena depressão em um solo na cidade de Atenas, na Grécia, um pinheiro retorcido, quase que no formato de um ponto de interrogação, aponta o local de um mistério de 85 anos, mas que remete a tempos muito mais longínquos. Em 1930, um grupo de arqueólogos iniciou uma escavação na **Ágora**, principal mercado público da cidade, e, entre monumentos e outros prédios, encontrou um poço com 450 esqueletos de bebês e centenas de ossadas de cachorros. O grande número de recém-nascidos intrigou os pesquisadores por décadas. Na última semana, uma pesquisa colocou um ponto final nesse enigma e ajudou na compreensão sobre a infância e o espaço público na Grécia Helenística.

KAPA, Raphael. Descoberta de 450 bebês em um poço de Atenas evidencia concepção da infância na Grécia Antiga. *O Globo*, 20 jun. 2015. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/historia/descoberta-de-450-bebes-em-um-poco-de-atenas-evidencia-concepcao-da-infancia-na-grecia-antiga-16503923>. Acesso em: 19 out. 2021.

O significado da palavra “Ágora”, destacada no texto, está sendo esclarecido por meio de um aposto explicativo. A afirmativa é verdadeira ou falsa? Explique.

BNCC em foco

EM13LP01

1. Leia a seguir a sinopse do livro *It – A coisa*, do escritor norte-americano de terror e suspense Stephen King.

Durante as férias escolares de 1958, em Derry, pacata cidadezinha do Maine, Bill, Richie, Stan, Mike, Eddie, Ben e Beverly aprenderam o real sentido da amizade, do amor, da confiança e... do medo. O mais profundo e tenebroso medo. Naquele verão, eles enfrentaram pela primeira vez a Coisa, um ser sobrenatural e maligno, que deixou terríveis marcas de sangue em Derry.

Quase trinta anos depois, os amigos voltam a se encontrar. Uma nova onda de terror tomou a pequena cidade. Mike Hanlon, o único que permanece em Derry, dá o sinal. Precisam unir forças novamente. A Coisa volta a atacar e eles devem cumprir a promessa selada com sangue que fizeram quando crianças. Só eles têm a chave do enigma. Só eles sabem o que se esconde nas entranhas de Derry. O tempo é curto, mas somente eles podem vencer a Coisa.

Em *It – A Coisa*, clássico de Stephen King em nova edição, os amigos irão até o fim, mesmo que isso signifique ultrapassar os próprios limites.

Disponível em: <https://amazon.com.br/coisa-Stephen-King/dp/8560280944>. Acesso em: 5 nov. 2021.

Assinale a afirmação verdadeira.

- a) A função social do texto consiste em levar o leitor a compreender a história vivenciada por amigos na cidade de Derry. Há um complemento nominal destacado em **pacata cidadezinha do Maine**.
- b) A função social do texto consiste em levar o leitor a interpretar a obra com base em uma descrição detalhada. Há um adjunto adnominal em **pacata cidadezinha do Maine**.
- c) A função social do texto consiste em divulgar a obra apresentada na sinopse e, com isso, vendê-la. Em **pacata cidadezinha do Maine**, temos um aposto.
- d) A função social do texto consiste em argumentar em favor da obra resumida. Em **pacata cidadezinha do Maine**, temos um vocativo.

2. Os textos orais apresentam uma sintaxe específica em que se podem observar repetições, hesitações e correções, aspectos que geralmente não são comuns em textos escritos, que, por sua vez, exigem maior ou menor grau de planejamento e formalidade a depender do contexto de uso.

Considerando essa proposição, analise, a seguir, o trecho de uma aula em que a professora dá orientações sobre a atividade que será realizada pelos alunos.

...então nesse texto “o domingo” de (Walter) Campos... a gente poderia trabalhar inicialmente... com aquele aspecto do vocabulário... só que aqui... num vai ser feita... uma análise detalhada como vocês fizeram no () ... que serão crianças ou adultos ou jovens... que não terão tantos problemas de vocabulário... como no texto anterior... se bem que vocabulário deve ser trabalhado da mesma forma... não se esqueçam de trabalhar o vocabulário sempre dentro do contexto... pra que seja escolhida a acepção que mais couber dentro do contexto.

SANTOS, Flávia A. dos; CABRERA, Lúcia G.; GÓES, Vera L. Retextualização de texto oral. *Anagrama*, São Paulo, v. 1, n. 4, p. 11, 2008. Disponível em: <https://revistas.usp.br/anagrama/article/view/35326/38046>. Acesso em 26 out. 2021.

Imagine que um dos alunos tenha gravado a aula para não se esquecer de nenhuma orientação e que, ao chegar em casa, decidiu transcrever esse trecho para deixá-lo em seu caderno.

Reescreva esse registro com base na sintaxe da escrita, realizando as adaptações necessárias e estabelecendo as devidas relações de coesão, subordinação e concordância.

3. Uece 2015

O milagre das folhas

Não, nunca me acontecem milagres. Ouço falar, e às vezes isso me basta como esperança. Mas também me revolta: por que não a mim? Por que só de ouvir falar? Pois já cheguei a ouvir conversas assim, sobre milagres: “Avisou-me que, ao ser dita determinada palavra, um objeto de estimação se quebraria.” Meus objetos se quebram banalmente e pelas mãos das empregadas.

- 5 Até que fui obrigada a chegar à conclusão de que sou daqueles que rolam pedras durante séculos, e não daqueles para os quais os seixos já vêm prontos, polidos e brancos. Bem que tenho visões fugitivas antes de adormecer – seria milagre? Mas já me foi tranquilamente explicado que isso até nome tem: cidetismo (sic), capacidade de projetar no alucinatório as imagens inconscientes.

- 10 Milagre, não. Mas as coincidências. Vivo de coincidências, vivo de linhas que incidem uma na outra e se cruzam e no cruzamento formam um leve e instantâneo ponto, tão leve e instantâneo que mais é feito de pudor e segredo: mal eu falasse nele, já estaria falando em nada.

- 15 Mas tenho um milagre, sim. O milagre das folhas. Estou andando pela rua e do vento me cai uma folha exatamente nos cabelos. A incidência da linha de milhões de folhas transformadas em uma única, e de milhões de pessoas a incidência de reduzi-las a mim. Isso me acontece tantas vezes que passei a me considerar modestamente a escolhida das folhas. Com gestos furtivos tiro a folha dos cabelos e guardo-a na bolsa, como o mais diminuto diamante.

Até que um dia, abrindo a bolsa, encontro entre os objetos a folha seca, engelhada, morta. Jogo-a fora: não me interessa fetiche morto como lembrança. E também porque sei que novas folhas coincidirão comigo.

Um dia uma folha me bateu nos cílios. Achei Deus de uma grande delicadeza.

LISPECTOR, Clarice. In: SANTOS, Joaquim Ferreira dos. *Organização e introdução. As cem melhores crônicas brasileiras*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007. p. 186-187.

Observe a ocorrência, no texto, de marcadores temporais: “Até que” (linha 5), “Até que” (linha 16) e “um dia (uma folha me bateu nos cílios)” (linha 18). Geralmente esses marcadores, chamados de adjuntos adverbiais, aparecem com mais de um valor semântico. Atente para o que é dito sobre esses marcadores.

- I. O da linha 5 tem valor semântico de tempo e de consequência.
- II. O da linha 16 é puramente temporal.
- III. O da linha 18 acrescenta o valor semântico de tempo ao de condição.

É correto o que se diz em

- a) I e II apenas.
- b) I, II e III.
- c) I e III apenas.
- d) II e III apenas.



José Ferraz de Almeida Júnior, *Leitura*, 1892, óleo sobre tela, 95 × 141 cm, Pinacoteca do Estado, São Paulo.

Pinacoteca do Estado, São Paulo

FRENTE 2

CAPÍTULO

6

Romantismo: prosa

O Romantismo foi um período muito importante para a literatura brasileira, pois, além de ter sido um momento determinante para o processo de formação de nossa identidade cultural, mostrou-se muito fecundo, já que lançou vários escritores para a carreira literária, entre eles José de Alencar, o maior romancista do período. Durante esse movimento, começa a surgir um verdadeiro público leitor e, com ele, novos modelos de representação e expectativas de textos.

Os romances de costumes e de folhetim nos contam muito sobre o modo de vida daquela época, sem os quais não teríamos importantes registros de tal período histórico do nosso país.

Os diferentes alencares e o retrato do país

José de Alencar (1829-1877) é um dos principais nomes do Romantismo brasileiro.

Formado em Direito, passou a se dedicar à carreira de advogado; a partir de 1854, trabalhou como cronista no *Correio Mercantil* e como redator no *Diário do Rio de Janeiro*, atuando, também, na política como deputado, na década de 1860.

Em seu trabalho como escritor, empenhou-se em construir uma identidade nacional brasileira. Suas obras são lidas e objeto de análise de crítica literária até hoje, pois não houve autor mais notável que ele para a disseminação do romance no Brasil no século XIX.

Sua produção literária abrange diferentes características do país e representa momentos históricos diversos, o que contribuiu para seu projeto de construção da identidade cultural brasileira. Como ele mesmo explica no prefácio “Benção paterna”, do livro *Sonhos d’Ouro* – um de seus últimos trabalhos –, sua ficção pode ser dividida em três fases, como descrito a seguir.

Primitiva

Essa fase está relacionada às tradições, às lendas e aos mitos indígenas. Fazem parte dessa fase as obras *Iracema* e *Ubirajara*.

A primitiva, que se pode chamar aborígene, são as lendas e mitos da terra selvagem e conquistada; são as tradições que embalsamaram a infância do povo, e ele escutava como o filho a quem a mãe acalenta no berço com as canções da pátria, que abandonou.

Iracema pertence a essa literatura primitiva, cheia de santidade e enlevo, para aqueles que veneram na terra da pátria a mãe fecunda — *alma mater*, e não enxergam nela apenas o chão onde pisam.

ALENCAR, José de. *Sonhos d’Ouro*. In: *Obras completas de José de Alencar*. São Paulo: Montecristo, 2012.

! Atenção

É preciso ter cuidado com o uso do termo “primitivo”. Nesse caso, estamos reproduzindo a expressão utilizada pelo autor; porém, deve-se entendê-la com o significado de primário ou primeiro, e não de algo inferior ou menos evoluído.

Histórica

Tal fase representa a valorização do solo nativo e o período de invasão da terra americana pelo europeu.

Ao conchego desta pujante criação, a têmpera se apura, toma alas a fantasia, a linguagem se impregna de módulos mais suaves; formam-se outros costumes, e uma existência nova, pautada por diverso clima, vai surgindo.

É a gestação lenta do povo americano, que devia sair da estirpe lusa, para continuar no novo mundo as gloriosas tradições de seu progenitor. Esse período colonial terminou com a independência.

A ele pertencem *O guarani* e *As minas de prata*. Há aí muita e boa messe a colher para o nosso romance histórico; mas não exótico e raquítico como se propôs a ensiná-lo, a nós **beócios** [...].

ALENCAR, José de. *Sonhos d’Ouro*. In: *Obras completas de José de Alencar*. São Paulo: Montecristo, 2012.

Pós-independência política

Considerada a “infância de nossa literatura”, esta fase procura traços nacionais próprios.

Onde não se propaga com rapidez a luz da civilização, que de repente cambia a cor local, encontra-se ainda em sua pureza original, sem mescla, esse viver singelo de nossos pais, tradições, costumes e linguagem, com um **sainete** todo brasileiro. Há, não somente no país, como nas grandes cidades, até mesmo na corte, desses recantos, que guardam intacto, ou quase, o passado.

O tronco do ipê, o *Til* e *O gaúcho* vieram dali; embora, no primeiro sobretudo, se note já, devido à proximidade da corte e à data mais recente, a influência da nova cidade, que de dia em dia se modifica e se repassa do espírito forasteiro. [...]

Notam-se aí, através do gênio brasileiro, umas vezes embecendo-se dele, outras invadindo-o, traços de várias nacionalidades adventícias; é a inglesa, a italiana, a espanhola, a americana, porém especialmente a portuguesa e francesa, que todas flutuam, e a pouco e pouco vão diluindo-se para infundir-se n’alma da pátria adotiva, e formar a nova e grande nacionalidade brasileira.

Desta luta entre o espírito conterrâneo e a invasão estrangeira, são reflexos *Lucíola*, *Diva*, *A pata da gazela*, e tu, livrinho, que aí vais correr mundo com o rótulo de *Sonhos d’Ouro*.

ALENCAR, José de. *Sonhos d’Ouro*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1872. p. 14-5.

beócio: ignorante, ingênuo.
sainete: graça, gosto.



Jerônimo José Telles Júnior, *Paisagem*, s.d., Museu do Estado de Pernambuco, Recife.

José de Alencar foi, de fato, um escritor programático. A divisão da sua obra percorre diversos aspectos da vida brasileira, tanto espaciais quanto temporais, o que demonstra o compromisso do autor em produzir um retrato o mais completo possível do nosso país.

Com o plano de fundar a Literatura brasileira, ele acreditava que era o responsável por iniciar uma tradição literária no Brasil. Por isso, cada um de seus romances foi intencionalmente criado para representar uma face do país.

Após tantos anos, é possível dizer que José de Alencar realmente cumpriu o papel de fundador da Literatura brasileira. Foi o escritor que publicou mais romances em sua época, os quais tiveram significativa repercussão e o tornaram a figura central do Romantismo brasileiro.

Além disso, as imagens e os símbolos que ele criou são relevantes até hoje e continuam reverberando como elementos essenciais da identidade nacional.

Heróis: o indianismo

O primeiro ponto a ser destacado do trabalho literário de José de Alencar é o advento do herói, consolidado na figura do indígena – uma solução exata para uma sociedade em transformação, cujos valores se concentravam cada vez mais no dinheiro e no individualismo.

Anteriormente, já havia um desejo de encontrar essa figura, e as primeiras tentativas vieram dos poetas árcades e neoclássicos. Outros poetas do Romantismo, sobretudo Gonçalves Dias, também se empenharam em formar o símbolo nacional heroico; porém, nenhum escritor soube emoldurar essa imagem melhor que José de Alencar.

As personagens Peri e Ubirajara, criadas por ele, são perfeitos indígenas: puros, leais e corajosos, apresentam-se como seres completamente ideais, distantes tanto no tempo quanto no espaço.

Nas obras, o auge do heroísmo do indígena está na sua integração com o homem branco. Quando os dois são postos juntos, o indígena consegue mostrar seu melhor. Além disso, este tem seu valor reconhecido ao ser batizado na fé cristã introduzida pelos portugueses no Brasil.

Entretanto, a vida diária, a realidade da escravidão e os desgostos políticos a que a sociedade estava submetida na época não condiziam com tais seres míticos das matas exuberantes do passado histórico resgatados na literatura; assim, é claro que as habilidades de Peri e Ubirajara são impossíveis para um homem comum, e o senso de verossimilhança, necessário para que qualquer leitor construa sua lógica, muitas vezes acaba por apontar para um descontentamento com a leitura.

É possível, realmente, que tais criações pareçam fantasiosas demais, maquiadas para parecerem muito bonitas, de uma perfeição artificial. De fato, no romance heroico, as personagens são capazes de tudo; porém, se é somente ali, no campo fictício do romance, que elas podem tudo, então vale questionar: por que não satisfazer o sonho de ver o ideal se realizar, especialmente em um momento que propicia o surgimento de orgulho nacional? Assim, é preciso dar crédito especial à capacidade romântica de suscitar o sonho de criar um passado lendário.

! Atenção

Quando o herói não é o indígena (Peri/Ubirajara), é o homem de regiões afastadas, como Estácio Correia (em *As Minas de Prata*), Manuel Canho (em *O gaúcho*) e Arnaldo Louredo (em *O sertanejo*). Obviamente, essas personagens são frutos da fértil imaginação do autor, o qual estava totalmente absorto na leitura de romances, em especial os franceses, e também inspirado pela vontade de criar algo propriamente brasileiro, ainda que sob o reflexo dos europeus.

Iracema

Este livro é pois um ensaio ou antes amostra. Verá realizadas nele minhas ideias a respeito da literatura nacional; e achará aí poesia inteiramente brasileira, **haurida** na língua dos selvagens. A etimologia dos nomes das diversas localidades e certos modos de dizer tirados da composição das palavras são de cunho original.

ALENCAR, José de. “Carta ao Dr. Jaguaribe”. In: *Iracema*. Cotia: Ateliê Editorial, 2012. p. 19.

haurido: extraído, colhido.



José Maria de Medeiros, *Iracema*, 1884, óleo sobre tela, Museu Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro, Brasil.

O próprio José de Alencar definiu bem: *Iracema* não é um mero romance, mas um ensaio, uma narrativa lendária com os objetivos de criar uma identidade brasileira e construir um passado mítico.

Iracema, a virgem dos lábios de mel, é uma indígena da tribo dos Tabajara responsável por guardar o segredo da jurema, uma espécie de alucinógeno que permitia o sonho de acordo com o que desejava cada guerreiro.



Zenon Barreto, *Iracema guardiã*. Estátua feita de fibra de vidro, localizada na Praia de Iracema, em Fortaleza.

Iracema, a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna, e mais longos que seu talhe de palmeira.

O favo da jati não era doce como seu sorriso; nem a baunilha recendia no bosque como seu hálito perfumado.

Mais rápida que a corça selvagem, a morena virgem corria o sertão e as matas do Ipu, onde campeava sua guerreira tribo, da grande nação tabajara. O pé grácil e nu, mal roçando, alisava apenas a verde pelúcia que vestia a terra com as primeiras águas.

ALENCAR, José de. *Iracema*. Cotia: Ateliê Editorial, 2012. p. 99.

A indígena Iracema encontra Martim Soares Moreno, o qual se perdera dos Pitiguara (tribo rival), e o leva para a sua tribo. O jovem português se interessa por Iracema, mas eles não podem se relacionar, já que ela é comprometida em guardar o segredo da jurema, devendo, para isso, manter-se virgem por toda a vida. Depois de conflitos e desventuras, os jovens acabam ficando juntos, e Iracema se vê impossibilitada de voltar para a sua tribo, pois, se o fizesse, morreria.

Ela pôs os olhos cheios no cristão:

— Iracema não pode mais separar-se do estrangeiro.

— Assim é preciso, filha de Araquém. Torna à cabana de teu velho pai, que te espera.

— Araquém já não tem filha.

Martim tornou com um gesto rudo e severo:

— Um guerreiro da minha raça jamais deixou a cabana do hóspede viúva de sua alegria. Araquém abraçará sua filha, para não amaldiçoar o estrangeiro ingrato.

A virgem pendeu a fronte; velando-se com as longas tranças negras que se espargiam pelo colo, cruzando ao grêmio os lindos braços, recolheu em seu pudor. Assim o róseo cacto, que já desabrochou em formosa flor, cerra em botão o seio perfumado.

— Tua escrava te acompanhará, guerreiro branco; porque teu sangue dorme em seu seio.

Martim estremeceu.

— Os maus espíritos da noite turbaram o espírito de Iracema.

— O guerreiro branco sonhava, quando Tupã abandonou sua virgem, porque ela traiu o segredo da jurema.

O cristão escondeu as faces à luz.

ALENCAR, José de. *Iracema*. Cotia: Ateliê Editorial, 2012. p. 171.

Então, os jovens fogem para a tribo dos Pitiguara, mas depois resolvem ir morar perto do mar, pois Iracema se sentia mal por estar entre os inimigos do seu povo.

Martim parte para a guerra com Poti, deixando sua paixão grávida. Iracema tem o bebê sozinha, ao qual dá o nome de Moacir – filho da dor –, e fica bastante debilitada. Quando o amado retorna, ela lhe entrega o filho e morre.

A jovem mãe, orgulhosa de tanta ventura, tomou o tenro filho nos braços e com ele arrojou-se às águas límpidas do rio. Depois suspendeu-o à teta mimosa; seus olhos então o envolviam de tristeza e amor.

— Tu és Moacir, o nascido de meu sofrimento.

A ará, pousada no olho do coqueiro, repetiu Moacir; e desde então a ave amiga em seu canto unia ao nome da mãe, o nome do filho.

O inocente dormia; Iracema suspirava:

— A jati fabrica o mel no tronco cheiroso do sassafrás; toda a lua das flores voa de ramo em ramo, colhendo o suco para encher os favos; mas ela não prova sua doçura, porque a irara devora em uma noite toda a colmeia. Tua mãe também, filho de minha angústia, não beberá em teus lábios o mel do sorriso.

ALENCAR, José de. *Iracema*. Cotia: Ateliê Editorial, 2012. p. 235.



© Lukas Blazek | Dreamstime.com

A jandaia (ou ará) é a ave-símbolo do Ceará. É citada no livro *Iracema*, de José de Alencar.

No local onde Iracema foi enterrada, cresceu um coqueiro, no qual a jandaia vinha cantar; por isso, a terra passou a se chamar Ceará, que significa “o canto da jandaia”.

Tudo é simbólico em *Iracema*, a começar pela linguagem. Ainda que seja um romance narrado em terceira pessoa, pode ser considerado uma prosa de caráter poético pela alta carga de lirismo, pelas inúmeras figuras de linguagem e pela escolha e organização lexical.

Verdes mares que brilhais como líquida esmeralda aos raios do Sol nascente, perlongando as alvas praias ensombradas de coqueiros.

Serenai verdes mares, e alisai docemente a vaga impetuosa, para que o barco aventureiro manso resvale à flor das águas.

Onde vai a afouta jangada, que deixa rápida a costa cearense, aberta ao fresco teral a grande vela?

Onde vai como branca **alcione** buscando o rochedo pátrio nas solidões do oceano?

ALENCAR, José de. *Iracema*. Cotia: Ateliê Editorial, 2012. p. 95.

alcione: ave fabulosa, de canto lamentoso, considerada pelos gregos de bom augúrio, porque passava para fazer seu ninho no mar, quando calmo.

Iracema e Martim representam o encontro idealizado entre o indígena e o europeu, traduzindo um pensamento vigente naquela época: a submissão que o indígena teria ao branco. Martim representa a figura do branco colonizador que é também guerreiro, assim como o indígena, e igualmente forte, se comparado a ele.

Além de ser uma história muito bem construída e uma obra-prima do Romantismo nacional, o romance de Martim e Iracema tem como metáfora a formação do Ceará. Por meio do enredo, o autor elabora uma lenda de como o estado teria sido criado, pois, quando Iracema morre, ela é enterrada por Martim e seu amigo Poti à beira de um coqueiro. Diante desse coqueiro, sempre se ouvia o lamento da ave que acompanhou a indígena por toda a vida: a jandaia. Assim, a região ficaria conhecida como terra do canto da jandaia, ou, simplesmente, Ceará.

Outra observação a se fazer é que o nome Iracema é um anagrama de América, o que faria da personagem uma representação simbólica do que teria sido (ou do que deveria ter sido) a colonização no Brasil.

Saiba mais

Anagrama (do grego *ana*, que significa “voltar”, e *graphein*, que significa “escrever”) é a transposição das letras de uma palavra – ou de uma frase – para formar outra palavra ou frase. Observe os exemplos:

Iracema – América
Roma – amor
alegria – regalia

O guarani

A obra conta a história do indígena Peri, cuja narrativa se passa em uma única paisagem: uma propriedade às margens do Rio Paquequer, em meio ao mato fechado. Sob a proteção de uma muralha de rocha, D. Antônio de Mariz construiu sua casa, grande e espaçosa, acreditando estar protegido dos inimigos (brancos ou aimorés). Na casa, viviam, além de D. Antônio e sua esposa, dona Lauriana, os filhos Diogo e Cecília e a sobrinha Isabel (na realidade, filha de um romance de D. Antônio com uma indígena).

Cecília era venerada por Peri, o indígena-herói que salvara a vida da jovem e que, desde então, encantado por ela, fez-se voluntariamente seu escravo e passou a chamá-la Ceci.

— Meu pai, disse-me o que significa Ceci nessa língua selvagem que falais.

— Ceci?... disse o fidalgo procurando lembrar-se. Sim! É um verbo que significa doer, magoar.

A menina sentiu um remorso; reconheceu a sua ingratidão; e lembrando-se do que devia ao selvagem e da maneira por que o tratava, achou-se má, egoísta e cruel.

— Que doce palavra! disse ela a seu pai; parece um canto de pássaro.

Desde este dia foi boa para Peri; pouco a pouco perdeu o susto; começou a compreender essa alma inculta; viu nele um escravo, depois um amigo fiel e dedicado.

— Chama-me Ceci, dizia às vezes ao índio sorrindo-se; este doce nome me lembrará que fui má para ti; e me ensinará a ser boa.

ALENCAR, José de. *O guarani*. In: *Obras completas de José de Alencar*. São Paulo: Montecristo, 2012.

Em uma caçada, Dom Diogo mata uma indígena aimoré acidentalmente; como vingança, a família dela tenta atacar a família de Dom Antônio e matar Ceci. Desse fato, decorrem vários conflitos, e a família fica em apuros.

No entanto, Peri, que sempre se sacrificava por Ceci, é batizado por D. Antônio e, assim, autorizado por este a fugir para bem longe com ela em uma canoa. Ceci e Peri veem a casa sendo destruída, matando toda a família dela. Os dois seguem em frente com a canoa enfrentando uma enchente e somem no horizonte.

— Sobre aquele azul que tu vês, continuou ela, Deus mora no seu trono, rodeado dos que o adoram. Nós iremos lá, Peri! Tu viverás com tua irmã, sempre...!

Ela embebeu os olhos nos olhos de seu amigo, e lânguida reclinou a loura fronte.

O hálito ardente de Peri bafejou-lhe a face.

Fez-se no semblante da virgem um ninho de castos rubores e límpidos sorrisos: os lábios abriram como as asas purpúreas de um beijo soltando o voo.

A palmeira arrastada pela torrente impetuosa fugia...

E sumiu-se no horizonte.

ALENCAR, José de. *O guarani*. In: *Obras completas de José de Alencar*. São Paulo: Montecristo, 2012.

Peri foi uma tentativa de poetizar a figura do indígena sem a visão grosseira que se tinha dele, retratando-o como um selvagem com características morais e comportamentos dignos de um cavaleiro medieval da Idade Média europeia, de acordo com o mito do bom selvagem de Rousseau.

Tal figura do herói romântico idealizado, justo, fiel e corajoso é um resgate do cavaleiro medieval das novelas de cavalaria do Trovadorismo. Porém, como o Brasil não traz um passado medieval, encontrou-se no indígena as qualidades do homem puro, ainda não corrompido pela sociedade. Assim, Peri é o retrato idealizado de um povo, simbolizando um país que buscava inventar a si próprio, afirmando, desse modo, suas origens e, ao mesmo tempo, incorporando a si as contribuições e influências dos conquistadores portugueses.

José de Alencar alimentaria, dessa forma, a ideia de que a verdadeira identidade nacional estava na união de forças aparentemente antagônicas e de que o surgimento de um povo miscigenado – o brasileiro – seria o resultado do amor purificado entre a filha de um fidalgo e um indígena.

Saiba mais

Jean-Jacques Rousseau, uma das figuras mais ilustres do Iluminismo do século XVIII, desenvolveu o mito do bom selvagem, defendendo a tese de que, quanto mais distante da civilização, mais incorruptível era o ser humano. Em outras palavras, Rousseau buscava uma natureza humana selvagem pura, sem o corrompimento trazido pela civilização. O bom selvagem, então, corresponderia a um ser íntegro e primitivo.

O fidalgo não sabia o que mais admirar, se a força e heroísmo com que ele salvara sua filha, se o milagre de agilidade com que se livrara a si próprio da morte.

Quanto ao sentimento que ditara esse proceder, D. Antônio não se admirava; conhecia o caráter dos nossos selvagens, tão injustamente caluniados pelos historiadores; sabia que fora da guerra e da vingança eram generosos, capazes de uma ação grande, e de um estímulo nobre.

ALENCAR, José de. *O guarani*. In: *Obras completas de José de Alencar*. São Paulo: Montecristo, 2012.

O *guarani* não só enaltece o nacional por meio da figura do indígena, mas também apresenta longas descrições da natureza, da cor local, em um retrato minucioso da fauna e da flora, inaugurando uma nova paisagem tropical e abundante na Literatura brasileira.

A vegetação nessas paragens ostentava outrora todo o seu luxo e vigor; florestas virgens se estendiam ao longo das

margens do rio, que corria no meio das arcarias de verdura e dos capitéis formados pelos leques das palmeiras.

Tudo era grande e pomposo no cenário que a natureza, sublime artista, tinha decorado para os dramas majestosos dos elementos, em que o homem é apenas um simples comparsa.

ALENCAR, José de. *O guarani*. In: *Obras completas de José de Alencar*. São Paulo: Montecristo, 2012.



Mata Atlântica, Parque Nacional da Serra dos Órgãos, Rio de Janeiro.

José de Alencar: o romance urbano e o romance regionalista

A obra de José de Alencar busca traçar um perfil da cultura e dos costumes de sua época, bem como da história do Brasil. Ao fazê-lo, o autor tem a preocupação de criar uma identidade nacional, tratando de temas indianistas e descrevendo a sociedade burguesa do Rio de Janeiro (romance urbano) e das regiões mais afastadas do Brasil (romance regionalista). Estes dois últimos pertencem à fase da infância de nossa literatura, como o próprio Alencar descreveu.

! Atenção

Os romances urbanos e regionalistas de José de Alencar eram publicados em folhetins, ou seja, eram divididos em capítulos curtos e veiculados um a um no jornal. Como o livro era um objeto caro até o século XIX, essas histórias tinham a função de incrementar as vendas dos jornais, já que atraíam um público vasto e fiel, ávido por histórias. Com os folhetins em jornais, as narrativas se tornavam acessíveis a um público muito mais amplo.

A técnica fundamental desse tipo de publicação é terminar um capítulo de forma a gerar no leitor expectativa e curiosidade, fazendo com que ele anseie saber o que acontecerá a seguir. Além disso, o romance conta com momentos que relembram episódios anteriores (*flashbacks*), para que, assim, ele possa conquistar novos leitores que não conheciam a história até ali.

O romance urbano

Nos romances da cidade, é a vez das personagens femininas e do tom predominantemente leve. O lado humano

é suave, as mulheres são puras e inocentes, descritas desde os trajes que vestiam até os sentimentos que carregavam consigo. Assim, há a expressão do sentimentalismo amoroso, o que fez com que muitas leitoras daquela época se identificassem com os perfis das mulheres apresentadas nas obras.

Realmente, a soberania da formosura e elegância, ela a tinha conquistado. Parecia que essa menina se guardara até aquele instante, para de improviso e no mais fidalgo salão da corte fazer sua brilhante metamorfose. Nessa noite ela quis ostentar-se deusa; e vestiu os fulgores da beleza, que desde então arrastaram após si a admiração geral.

Seu traje era um primor do gênero, pelo mimoso e delicado. Trazia o vestido de alvas escumilhas, com a saia toda rofada de largos folhos. Pequenos ramos de urze, com um só botão cor-de-rosa, apanhavam os fofos transparentes, que o menor sopro fazia arfar. O forro de seda do corpinho, ligeiramente decotado, apenas debuxava entre a fina gaza os contornos nascentes do gárcéo colo; e dentre as nuvens de rendas das mangas só escapava a parte inferior do mais lindo braço.

ALENCAR, José de. *Diva*. Disponível em: www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000018.pdf. Acesso em: 13 set. 2021.

Entretanto, há romances que se destacam por uma maior sofisticação e qualidade. Os perfis de mulheres da tríade *Senhora*, *Lucíola* e *Diva*, por exemplo, como o próprio Alencar a denominou, correspondem a personagens femininas fortes, altivas e donas do seu destino. A sua complexidade as distancia, de certa maneira, da idealização feminina tão presente nos romances urbanos, uma vez que a conduta dessas personagens foge dos padrões morais vigentes na época.

— Aurélia! Que significa isto?

— Representamos uma comédia, na qual ambos desempenhamos o nosso papel com perícia consumada. Podemos ter esse orgulho, que os melhores atores não nos excederiam.

Mas é tempo de pôr termo a esta cruel mistificação, com que nos estamos escarnecendo mutuamente, senhor. Entremos na realidade por mais triste que ela seja; e resigne-se cada um ao que é, eu, uma mulher traída; o senhor, um homem vendido.

— Vendido! Exclamou Seixas ferido dentro d'alma.

— Vendido sim; não tem outro nome. Sou rica, muito rica, sou milionária; precisava de um marido, traste indispensável às mulheres honestas. O senhor estava no mercado; comprei-o. Custou-me cem mil cruzeiros, foi barato; não se fez valer. Eu daria o dobro, o triplo, toda a minha riqueza por este momento.

ALENCAR, José de. *Senhora*. São Paulo: FTD, 2010. p. 98-9. (Grandes leituras – Clássicos da Literatura Brasileira)

Os romances urbanos retrataram a alta sociedade fluminense do Segundo Reinado, com enredos que envolviam amores e segredos. Contudo, por trás dos cenários burgueses, é possível afirmar que existe, de certa forma, uma crítica à hipocrisia, à ambição e à desigualdade social. Essa crítica se encontra no enredo do romance *Senhora*, no qual a protagonista Aurélia compra o marido, o ambicioso Fernando Seixas, por cem mil cruzeiros. O amor, no entanto, sobrepõe-se à relação comercial a que o casamento foi reduzido.

Frequentando assiduamente e com algum brilho a sociedade, adquirindo relações e cultivando a amizade de pessoas influentes que o acolhiam com distinção, era natural que ele Seixas fizesse uma boa carreira. Poderia de um momento para outro arranjar um casamento vantajoso, como tinham conseguido muitos que não estavam em tão favoráveis condições. Não era difícil também que de repente se lhe abrisse essa estrada real da ambição, que se chama política.

Uma vez rico e ilustre, montaria sua casa com um estado correspondente à sua posição.

Então sua família participaria não só dos gozos materiais desse viver opulento, como do brilho e prestígio de seu nome. O trato da sociedade lhes imprimiria o cunho de distinção de que precisavam para bem se apresentarem. Casaria as duas irmãs vantajosamente; e faria assim a felicidade de todos esses entes queridos confiados a seu desvelo.

ALENCAR, José de. *Senhora*. São Paulo: FTD, 2010. p. 53. (Grandes leituras – Clássicos da Literatura Brasileira)

De certa forma, José de Alencar expressa em sua obra o ressentimento com o mundo dominado por interesses em que a sociedade brasileira estava inserida, no qual o sonho de viver em plena harmonia com o amor e o espírito era barrado pela necessidade social de ascensão.

Mesmo que, de modo geral, o mundo burguês atravessasse as histórias de José de Alencar, prevaleceram nos seus romances as saídas românticas para que as personagens se mantivessem íntegras e o amor vencesse o dinheiro no final.

Saiba mais

Alguns folhetins fizeram sucesso entre o público leitor ainda em formação no Brasil do século XIX. Entre eles, destacou-se o romance urbano, também designado “romance de salão”. Ele tinha o objetivo de ilustrar a vida na Corte e os costumes da burguesia. Buscando preservar a estrutura dos folhetins estrangeiros, as suas histórias apresentavam amores idealizados vividos por heróis e heroínas, os quais enfrentavam obstáculos para que ficassem juntos e vivessem felizes para sempre. A leitura de folhetins fazia parte do cotidiano das famílias burguesas, como afirma o próprio José de Alencar em relato autobiográfico:

Era eu quem lia para minha boa mãe não somente as cartas e os jornais, como os volumes de uma diminuta livraria romântica formada ao gosto do tempo.

ALENCAR, José de. *Como e porque sou romancista*. Rio de Janeiro: Typ. de G. Leuzinger & Filhos, 1893. p. 17.

O romance regionalista

Já nos romances regionalistas, também conhecidos como sertanistas, Alencar demonstra seu interesse por regiões mais afastadas do Brasil, distantes da influência europeia que predominava na Corte fluminense. Seu objetivo é alinhar a beleza natural e exótica das terras brasileiras aos costumes da vida no campo e à cultura popular, mostrando a unidade do país, os seus aspectos geográficos e da vida regional e o homem rural brasileiro bravo e valente.

Entre os romances regionalistas de Alencar, podemos destacar *O sertanejo*, *Til* e *O gaúcho*.

Cerca de uma légua abaixo da confluência do Atibaia com o Piracicaba, e à margem deste último rio, estava situada a fazenda das Palmas.

Ficava no seio de uma bela floresta virgem, porventura a mais vasta e frondosa, das que então contava a província de São Paulo, e foram convertidas a ferro e fogo em campos de cultura. Daquela que borda as margens do Piracicaba e vai morrer nos campos de Ipu, ainda restam grandes matas, cortadas de roças e cafezais. Mas dificilmente se encontram já aqueles gigantes da selva brasileira, cujos troncos enormes deram as grandes canoas, que serviram à exploração de Mato Grosso. Daí partiam pelo caminho d’água as expedições que os arrojadados paulistas levavam às regiões desconhecidas do Cuiabá, descortinando o deserto, e rasgando as entranhas da terra virgem, para arrancar-lhe as fezes, que o mundo chama ouro e comunga como a verdadeira hóstia.

ALENCAR, José de. *Til*. São Paulo: Melhoramentos, 2015.

No terreiro das Palmas arde a grande fogueira.

É noite de São João.

Noite das sortes consoladoras, dos folguedos ao relento, dos brincados misteriosos.

Noite das ceias opíparas, dos roletes de cana, dos milhos assados e tantos outros regalos.

Noite, enfim, dos mastros enramados, dos fogos de artifício, dos logros e estrepolias.

Outrora, na infância deste século, já caquético, tu eras festa de amor e da gulodice, o enlevo dos namorados, dos comilões e dos meninos, que arremedavam uns e outros.

As alas da labareda voluteando pelos ares como um nastro de fitas vermelhas que farfalham ao vento na riçada cabeça de linda caipira, derramam pelo terreiro o prazer e o contentamento.

Não há para alegrar a gente, como o fogo. Nos estalidos da labareda, nas faíscas chispando pelos ares, nas vivas ondulações da chama a crepitar, há como um riso expansivo que se comunica à nossa alma e influi nela uma trepidação brilhante.

A luz é a vida; mas a chama é o júbilo, a cintilação do espírito.

Formosa perspectiva tem neste momento a fachada da casa das Palmas, assim iluminada pela fogueira.

ALENCAR, José de. *Til*. Lisboa: Atlântico Press, 2013.

Apenas o sertanejo conheceu o perigo em que se achava a donzela, rompeu-lhe do seio um grito selvagem, o mesmo grito que fazia estremecer o touro nas brenhas e que dava asas ao seu bravo campeador.

No mesmo instante achava-se perto da moça, a quem tomara nos braços. Para salvá-la era preciso voltar antes de fechar-se o círculo de fogo, que já o cingia por todos os lados com exceção da estreita nesga de terra por onde acabava de passar.

Não houve de sua parte a mínima demora; o campeador devorou o espaço, e não se poderia dizer que chegara, pois sem parar voltara sobre os pés. Mas o incêndio tinha as asas do dragão; retrocedendo, achou-se o sertanejo em face de um bulcão de chamas que o investia.

ALENCAR, José de. *O sertanejo*. In: *Obras completas de José de Alencar*. São Paulo: Montecristo, 2012.

É importante ressaltar que, embora as obras sertanistas alencarianas celebrem os encantos rurais, pouco revelam sobre a linguagem dessas pessoas do interior, pois o texto é todo escrito no padrão culto urbano.

José de Alencar: o romancista múltiplo

De modo regular, a oposição bem × mal aparece nas ficções de Alencar. O mal é responsável por agitar os acontecimentos narrativos, mas nem sempre essa oposição aparece de forma rígida, ao ponto de denotar maniqueísmo.

Em romances como *Til*, *Lucíola* e *Senhora*, existe uma esfera complexa que aborda as instabilidades psicológicas humanas. O mesmo não acontece em *O guarani*, *O sertanejo* e *Sonhos d'Ouro*, em que as características das personagens são fixas do início ao fim da história. Essas diferenças não significam, necessariamente, que as primeiras obras descritas sejam melhores que as segundas. É importante apenas reconhecer, sim, que os diferentes esquemas de composição conferem valor à amplitude das obras de Alencar, muitas e bem variadas.

A sua escrita é consciente e detém todo o controle de suas nuances, desde a condução das personagens até a descrição dos espaços e a caracterização do tempo. Todas as instâncias colaboram para a evolução de um enredo que prende a atenção dos leitores. *O guarani*, por exemplo, além de ser uma excelente invenção, apresenta uma formação de imagens e condução da história excepcionais.

José de Alencar retratou a vida social brasileira com atenção e se lançou com profundidade às incertezas psicológicas de suas personagens. Assim, é necessário questionar os traços de fantasia e veleidade algumas vezes atribuídos ao escritor, de capacidade de criação extraordinária.

Alencar era um escritor atento à realidade de seu tempo, que procurava abordar a sociedade brasileira com a maior abrangência possível e retratá-la a partir de uma reflexão crítica própria e sagaz.

Saiba mais

José de Alencar também foi dramaturgo, sendo *O demônio familiar* uma de suas peças de maior sucesso.

Romantismo e outras prosas



Henry Koster, *Uma senhora indo a uma visita*, 1816, gravura extraída do livro *Travels in Brazil* (Londres: Longman, Hurst, Rees, Orme and Brown, 1816, p. 188).

O Romantismo nasceu das necessidades de entretenimento burguesas e não pode ser definido apenas como um movimento literário, pois se manifestou em diversas artes, como na arquitetura, na música e na pintura. Foi muito importante para a Literatura brasileira, visto que, além de despertar o sentimento nacionalista-patriótico, lançou vários escritores para a carreira literária por meio de versos e folhetins.

Além disso, a fundação das primeiras universidades brasileiras (em São Paulo e Olinda – Direito, em 1827 –, e no Rio de Janeiro – em 1920) propiciou o aparecimento de um verdadeiro público leitor e de dezenas de jovens ligados às artes em geral, sobretudo à literatura.

Joaquim Manuel de Macedo

Joaquim Manuel de Macedo (1820-1882) foi um dos escritores mais populares do século XIX. Formou-se em Medicina, mas nunca seguiu a profissão, porém atuou como jornalista, professor e, também, como deputado pelo Partido Liberal.

Foi o autor do primeiro romance urbano do Brasil (*A moreninha*, de 1844), recebendo, por isso, o mérito pela popularização desse novo gênero no país. Seu grande sucesso se deve ao fato de os leitores se identificarem com suas histórias, pois estas, em sua maioria, descrevem ambientes e costumes da vida urbana do Rio de Janeiro da época.

Grande parte de suas obras é muito semelhante e parece seguir uma receita de sucesso, promovida desde *A moreninha* – personagens do dia a dia, cenário urbano, o namoro impossível e um final revelador –, escrita em linguagem simples, quase coloquial.

E dando mil desculpas ao homem, saí do teatro, pensando no meu amor.

Confesso que deveria ter notado que a minha paixão começava debaixo de maus **auspícios**, mas a minha má fortuna ou, melhor, os teus maus conselhos me empurravam para diante com força de gigante.

Sem pensar no que fazia, subi para os camarotes e fui dar comigo no corredor da quarta ordem; passei junto do camarote de minhas atenções: era o nº 3 (número simbólico, cabalístico e fatal! repara que em tudo segui o Romantismo). A porta estava cerrada; fui ao fim do corredor e voltei de novo; um pensamento esquisito e singular acabava de me brilhar na mente, e abracei-me com ele.

Eu tinha visto junto à porta nº 3 um moleque com todas as aparências de ser belíssimo cravo da Índia. Ora, lembrava-me que nesse camarote a minha querida era a única que se achava vestida de branco e, pois, eu podia muito bem mandar-lhe um recado pelo qual me fizesse conhecido. E, pois, avancei para o moleque.

MACEDO, Joaquim Manuel de. *A moreninha*. São Paulo: Nobel, 2008. p. 17-8.

auspício: proteção, recomendação.

Esse modelo podia ser importado, mas a matéria principal dos romances correspondia à vida fluminense, e Joaquim Manuel de Macedo se esforçava para representá-la de forma verossímil. Assim, os tipos sociais, as cenas

e o modo de vida daquela sociedade eram contados de maneira bastante familiar para seus leitores, que se identificavam com as histórias e as personagens dos livros.

Os principais temperos das narrativas eram os sentimentos e as aventuras, os quais transportavam os leitores para o plano do sonho e os levavam ao riso e ao choro. Além disso, tratava-se de narrativas desenvolvidas de maneira menos formal e grandiloquente que as de outros românticos, como José de Alencar e Gonçalves Dias, já que o estilo de Macedo pedia para o coloquialismo e a simplicidade.

O senso de observação do escritor é aguçado, porém restrito àquele meio fluminense, pois, diferentemente de Manuel Antônio de Almeida, que não se enganava com o ridículo das convenções da época, Macedo parecia estar inserido naquela sociedade e conformado com ela. Faltava-lhe um distanciamento mínimo para observar sua classe social com algum senso crítico ou visualizar o que existia além dela.

As relações da sociedade que aparecem em seus romances são sempre pautadas pelo amor, mas não exatamente o amor romântico, puro e verdadeiro. Os relacionamentos entre homens e mulheres em suas obras eram complicados na medida em que representavam meios de obter fortuna, representados pelos dotes, pelas propriedades e pela qualificação. Assim, o interesse econômico está no cerne das relações, e Macedo não questiona isso; se essa era a realidade, assim ela deveria ser retratada, de forma natural e harmônica.

A simplicidade das obras desse autor contempla os âmbitos psicológico, sociológico e estético. Para Macedo, qualquer manifestação do mal era temporária, passageira e fácil de resolver, e, ao final, os males eram justificados e perdoados, e o bem passava a ser definitivo. Essa simplificação acontece de forma fácil nos romances: todos os problemas são resolvidos pela história, e não há uma transformação interna nas personagens, mas sim uma adaptação do contexto exterior convenientemente à narrativa.

Com efeito, Augusto, sem amar D. Carolina (ele assim o pensa) já faz dela ideia absolutamente diversa da que fazia ainda há poucas horas: agora, segundo ele, a interessante Moreninha é, na verdade, travessa, mas a cada travessura ajunta tanta graça, que tudo se lhe perdoa. D. Carolina é o prazer em ebulição; se é inquieta e buliçosa, está em sê-lo a sua maior graça: aquele rosto moreno, vivo e delicado, aquele corpinho, ligeiro como a abelha, perderia metade do que vale se não estivesse em contínua agitação. O beija-flor nunca se mostra tão belo como quando se pendura na mais tênue flor e **voeja** nos ares; D. Carolina é como um beija-flor completo.

MACEDO, Joaquim Manuel de. *A moreninha*. São Paulo: FTD, 2010. p. 120.

voejar: bater as asas energicamente.

Apesar da simplicidade na escrita de Macedo, é indispensável destacar que ele representa um escritor bastante significativo da história de nossa literatura, visto que nos deixou importantes obras que dizem muito sobre os costumes urbanos daquele período de formação da sociedade brasileira.

É importante ressaltar que a visão de Macedo representa um reflexo de um pensamento da época, de um regime que não mais se sustentava; demonstra uma tentativa de convencer a sociedade, tão acostumada a ter os seus “cativos”, de que a melhor saída era a emancipação.



Desenho de Augustus Earle, gravura de Edward Francis Finden, *Mercado escravo no Rio de Janeiro*, c. 1824, extraído do *Journal of a Voyage to Brazil* (Londres: Longman, Hurst, Rees, Orme, Brown, and Green and J. Murray, p. 23).

In: Callcott, Maria Lady. *Journal of a voyage to Brazil: and residence there, during part of the years 1822-1823*. Londres: Longman, Hurst, Rees, Orme, Brown, and Green, 1824.

Visconde de Taunay

Visconde de Taunay (1843-1899), além de engenheiro, militar e pintor, foi um dos principais escritores representantes do regionalismo romântico, com Bernardo Guimarães e Franklin Távora.

Seu principal romance, de 1872, é *Inocência*, o qual conta a história de uma jovem de 18 anos, moradora de uma fazenda no interior do atual Mato Grosso do Sul, que vive um amor proibido escondido do pai rígido e violento. A simplicidade e o refinamento da escrita de *Inocência*, um romance de folhetim, foram reconhecidos pelo público de sua época, tornando-o um grande sucesso, traduzido para diversas línguas.

Tímida voz murmurou uma resposta, ao passo que o jovem, no seu papel de médico, se sentava num **escabelo** junto à cama e tomava o pulso à doente.

Caía então luz de chapa sobre ela, iluminando-lhe o rosto, parte do colo e da cabeça, coberta por um lenço vermelho atado por trás da nuca.

Apesar de bastante descorada e um tanto magra, era Inocência de beleza deslumbrante.

Do seu rosto irradiava singela expressão de encantadora ingenuidade, realçada pela meiguice do olhar sereno que, a custo, parecia coar por entre os cílios sedosos a franjar-lhe as pálpebras, e compridos a ponto de projetarem sombras nas mimosas faces.

Era o nariz fino, um bocadinho arqueado; a boca pequena, e o queixo admiravelmente torneado.

Ao erguer a cabeça para tirar o braço de sob o lençol, descer a nu nada a camisinha de crivo que vestia, deixando a nu um colo de fascinadora alvura, em que ressaltava um ou outro sinal de nascença.

TAUNAY, Visconde de. *Inocência*. São Paulo: FTD, 2011. p. 64-5.

escabelo: pequeno banco.

Desde cedo, as exuberantes belezas naturais do Brasil chamavam a atenção de Visconde de Taunay e eram objeto

de seu registro pessoal. Ele mantinha uma relação interessante com o interior brasileiro: era um viajante do sertão e se embrenhava em missões práticas na densidão do país. Ao participar dessas expedições e se relacionar com a natureza, passou a exercer mais que a função de observador ou contemplador. Seus conhecimentos se aprofundaram nas matas, e ele viveu tais experiências pessoais entranhado no sertão. Por isso, sua descrição regionalista é sóbria e consciente – diferente da de José de Alencar, que percorre o interior em suas obras literárias de forma exaltada e emotiva. Além disso, Taunay era um homem culto, da cidade, dotado de sensibilidade e refinamento estético. Assim, seus romances se aproximam mais da função de documento, marcando até mesmo um conhecimento reflexivo sobre as questões econômicas e sociais que se concretizavam como problemáticas no interior do país

Tudo que Taunay via em suas expedições era reproduzido em suas obras, muitas vezes com total fidelidade. Assim, a fabulação e o estilo sofisticado do autor eram inspirados pelos modelos reais do interior do Brasil.

Ao homem do sertão afiguram-se-lhe tais momentos incomparáveis, acima de tudo quanto possa idear a imaginação no mais vasto círculo de ambições.

Satisfeita a sede que lhe secura os lábios, e comidas umas colheres de farinha de mandioca ou de milho, adoçada com rapadura, estira-se a fio comprido sobre os arreios desdobrados e contempla descuidoso o firmamento azul, as nuvens que se espacem nos ares, a folhagem lustrosa e os troncos brancos das pindaíbas, a copa dos ipês e as palmas dos buritis a **ciciar**, a modo de harpas **eólias**, músicas sem conto com o perpassar da brisa.

Como são belas aquelas palmeiras!

O **estípite** liso, **pardacento**, sem manchas mais que pontuadas estrias, sustenta denso feixe de pecíolos longos e canulados, em que assentam **flabelas** abertas como um leque, cujas pontas se acurvam flexíveis e tremulantes.

Na base em torno da **coma**, pendem, amparados por largas **spathas**, densos cachos de cocos tão duros, que a casca luzidia, revestida de escamas **romboidais** e de um amarelo alaranjado, desafia por algum tempo o férreo bico das araras.

TAUNAY, Visconde de. *Inocência*. São Paulo: FTD, 2011. p. 24.

Além de *Inocência*, que talvez seja sua maior obra, destacam-se o romance *A retirada da Laguna* (1871) e o conto “Irecê a Guaná” (1874); nestes, os principais temas que dão força à narrativa são a experiência da viagem, o sertão, a guerra e, sobretudo, o amor às indígenas e sertanejas. Há, também, muitos livros do autor que seguem a linha dos romances de costumes – ao modo de José de Alencar e Joaquim Manuel de Macedo –, como *Um manuscrito de mulher* (1873) e *Ouro sobre azul* (1878). Nessas histórias, predominam a vida urbana e a sociedade burguesa.

ciciar: produzir ruído fraco e contínuo; sibilar levemente;
eólio: mesmo que eólico, ou seja, que se relaciona ao vento;
estípite: mesmo que estipe, caule; **pardacento**: que tem cor semelhante ao pardo; **flabela**: flor da palmeira; **coma**: copa da árvore; **spathas**: palavra latina aportuguesada para “espadas”, que quer dizer ramo da palmeira; **romboidal**: que tem forma de um romboide (losango, paralelogramo).

O escritor já foi situado por alguns críticos na transição do Romantismo para o Realismo. De fato, seu estilo é mais sóbrio e elegante, existe um cuidado com o modo de transfigurar a realidade e uma ponderação acerca da matéria narrada e da realidade social. Porém, ainda é predominante o senso de apreensão do mundo que o classifica como escritor romântico.

Bernardo Guimarães

Bernardo Joaquim da Silva Guimarães (1825-1884), mineiro da cidade de Ouro Preto, foi advogado, jornalista e, também, crítico literário e professor. Publicou o primeiro romance regionalista brasileiro, *O ermitão de Muquém*, em 1868, e, como escritor romântico, seguiu a receita folhetinesca: heróis nobres, conflitos amorosos e final feliz.

Em 1872, publica *O seminarista*, no qual apresenta sua crítica ao celibato religioso, considerado a sua melhor obra. Em 1873, leciona latim e francês na cidade de Queluz, Minas Gerais. Seu romance de maior popularidade, *A escrava Isaura* (1875), publicado em plena campanha abolicionista, tornou-se muito apreciado pelos leitores, já na época de seu lançamento, graças ao apelo abolicionista misturado ao sentimentalismo, conquistando sobretudo o público feminino.

Reproduzido para a televisão, com grande sucesso e levado para mais de 150 países, o romance conta o amor de Isaura, uma escrava branca, que recebe todo cuidado e educação de sua senhora e, conseqüentemente, transforma-se na típica mocinha romântica, o que desperta paixões e disputas amorosas. Quando sua senhora morre, Isaura vê-se sob a posse do filho dela, Leôncio, que se recusa a alforriar a moça e se apaixona de maneira doentia pela jovem.

Mesmo que superficialmente, Bernardo Guimarães toca na ferida da escravidão, pois o sofrimento de Isaura advém do fato de ela ser uma “propriedade” de seu cruel senhor, deixando, dessa forma, a mensagem de que o regime escravocrata passa por cima de valores morais, desumanizando pessoas e transformando-as em mercadorias. Colocar uma escrava branca foi uma estratégia de Guimarães para se aproximar e conseguir a simpatia do seu público-leitor – o que, de fato, deu certo. Porém, não podemos deixar de destacar que o romance pouco se detém à descrição dos sofrimentos provocados pela escravidão. Assim, ao ler *A escrava Isaura*, é necessário considerar que a temática central é o amor, e não a escravidão.

Manuel Antônio de Almeida

Manuel Antônio de Almeida (1831-1861) era médico e produziu, aos 21 anos, um único livro: o romance urbano *Memórias de um sargento de milícias*, publicado em folhetins e que se tornou um clássico de nossa literatura.

O sucesso do livro na atualidade não foi conquistado na época de seu lançamento, entre 1852 e 1853, pois a obra não seguia o mesmo padrão de outras narrativas produzidas em pleno Romantismo. Por mais que diferissem naturalmente uns dos outros, os romances desse período literário seguiam um mesmo padrão e tom altivo, orientados pela exaltação do sentimento. Ao contrário dessas obras, *Memórias de um sargento de milícias* era um romance de linguagem simples e direta, que traduzia um olhar atento

e desencantado, no qual predominava uma divertida frieza e imparcialidade, tanto que suas personagens mais importavam por seus tipos sociais do que como personalidades humanas singulares e complexas.

No livro, são apresentadas personagens que habitam o subúrbio do Rio de Janeiro, como barbeiros, parteiras, capitães de navios, mestres de rezas etc. Esse afastamento dos traços idealizantes do Romantismo descreve uma das características que permitem classificar *Memórias de um sargento de milícias* como um romance extemporâneo.

Sua história tem pouca coisa de notável. Fora Leonardo **algibebe** em Lisboa, sua pátria; aborrecera-se porém do negócio, e viera ao Brasil. Aqui chegando, não se sabe por proteção de quem, alcançou o emprego de que o vemos empossado, e que exercia, como dissemos, desde tempos remotos. Mas viera com ele no mesmo navio, não sei fazer o quê, uma certa Maria da hortaliça, quitandeira das praças de Lisboa, salaio rechonchuda e bonita. O Leonardo, fazendo-se-lhe justiça, não era nesse tempo de sua mocidade mal-apeçoado, e sobretudo era **maganão**. Ao sair do Tejo, estando a Maria encostada à borda do navio, o Leonardo fingiu que passava distraído por junto dela, e com o ferrado sapatão assentou-lhe uma valente pisadela no pé direito. A Maria, como se já esperasse por aquilo, sorriu-se como envergonhada do gracejo, e deu-lhe também em ar de disfarce um tremendo beliscão nas costas da mão esquerda. Era isto uma declaração em forma, segundo os usos da terra: levaram o resto do dia de namoro cerrado; ao anoitecer passou-se a mesma cena de pisadela e beliscão, com a diferença de serem desta vez um pouco mais fortes; e no dia seguinte estavam os dois amantes tão extremosos e familiares, que pareciam sê-lo de muitos anos.

Quando saltaram em terra começou a Maria a sentir certos enojos: foram os dois morar juntos: e daí a um mês manifestaram-se claramente os efeitos da pisadela e do beliscão; sete meses depois teve a Maria um filho, formidável menino de quase três palmos de comprimento, gordo e vermelho, cabeludo, esperneador e chorão; o qual, logo depois que nasceu, mamou duas horas seguidas sem largar o peito. E este nascimento é certamente de tudo o que temos dito o que mais nos interessa, porque o menino de quem falamos é o herói desta história.

ALMEIDA, Manuel Antônio de. *Memórias de um sargento de milícias*. Ateliê Editorial, 2003. p. 67-8. (Clássicos Ateliê)

A narrativa é toda caracterizada por um constante movimento, por isso não há como se entediar com a leitura. Os acontecimentos são constantes – há um episódio atrás do outro, os pares se unem, rompem, e tudo rapidamente se rearranja. O narrador, astutamente, prioriza os casos mais divertidos, em especial aqueles que impulsionam a história.

Assim, nessa narrativa, o que mais importa são os acontecimentos, visto que há uma sequência de situações apresentadas de forma quase aleatória: uma coletânea de cenas que demonstram determinadas condições. Nesse encadeamento, o tempo linear não age como fio condutor; ele existe somente como fator inevitável de cada acontecimento.

algibebe: vendedor de roupas de tecido barato; mascate.
maganão: inescrupuloso, velhaco, malandro.

Além disso, os elementos da narrativa não se dividem rigidamente conforme a dicotomia “bem × mal”, como acontecia normalmente nas histórias românticas desse período. O autor conduz os fatos de forma a diluir essa tensa relação maniqueísta, sempre ressaltando o fluir natural e bem-humorado da vida. O eixo estrutural da obra está na oscilação das personagens entre os universos da “ordem” e da “desordem”, uma vez que todas cometem atos, de certa maneira, ilícitos com naturalidade, vivendo em um mundo sem culpa. Essa banalização do erro das personagens, principalmente do protagonista, é o que permite entender o caráter “malandro” do livro.

O protagonista Leonardo, embora seja a figura central, serve mais como pretexto para continuar a história do que para demonstrar qualquer revelação ou caracterização.

Dessa forma, Manuel Antônio de Almeida se diferencia dos românticos, mas também não se aproxima dos realistas. Seu intuito não é promover qualquer análise profunda, discutindo os diferentes planos humanos que levam às mais sinistras ações, mas apenas observar a vida comum de um grupo popular da sociedade e as suas relações em um momento específico da história. Nessa dinâmica leve, o sabor da narrativa se dá pelo tom cínico, irônico e divertido.

À custa de muitos trabalhos, de muitas fadigas, e sobretudo de muita paciência, conseguiu o compadre que o menino frequentasse a escola durante dois anos e que aprendesse a ler muito mal e escrever ainda pior. Em todo este tempo não se passou um só dia em que ele não levasse uma remessa maior ou menor de bolos; e apesar da fama que gozava o seu pedagogo de muito cruel e injusto, é preciso confessar que poucas vezes o fora para com ele: o menino tinha a bossa da desenvoltura, e isto, junto com as vontades que lhe fazia o padrinho, dava em resultado a mais refinada má-criação que se pode imaginar. Achava ele um prazer suavíssimo em desobedecer a tudo quanto se lhe ordenava; se se queria que estivesse sério, desatava a rir como um perdido com o maior gosto do mundo; se se queria que estivesse quieto, parece que uma mola oculta o impelia e fazia com que desse uma ideia pouco mais ou menos aproximada do moto-contínuo. Nunca uma pasta, um tinteiro, uma lousa lhe durou mais de 15 dias: era tido na escola pelo mais refinado velhaco; vendia aos colegas tudo que podia ter algum valor, fosse seu ou alheio, contanto que lhe caísse nas mãos: um lápis, uma pena, um registo, tudo lhe fazia conta; o dinheiro que apurava empregava sempre do pior modo que podia.

ALMEIDA, Manuel Antônio de. *Memórias de um sargento de milícias*. São Paulo: Nobel, 2008. p. 48.

Assim, o autor acabou por fazer um completíssimo relato de costumes da sociedade do século XIX, descrevendo os hábitos populares, principalmente dos tipos sociais do subúrbio carioca. O livro, escrito em 1853, enfoca o Brasil da época de Dom João VI (1808-1821), satirizando de maneira alegórica a situação do país no momento em que foi escrito. O tom irônico insinua que os problemas sociais apresentados de forma satírica e caricata, como os sistemas judiciário, educacional e clerical, são similares aos vivenciados no Brasil na segunda metade do século XIX.

O que mais interessa ao autor de *Memórias de um sargento de milícias* são as normas e os tipos sociais, não importando os conflitos morais e psicológicos de cada personagem.

Saiba mais

Na tradição literária espanhola, pícaro – uma espécie de anti-herói – narra sua própria história. É uma personagem que vive de espertezas, procurando obter lucros e vantagens em tudo; além disso, tem sua postura definida pelo choque brutal com a realidade que o leva à dissimulação, ou seja, é originalmente ingênuo e está sempre na condição servil. Transpondo tais aspectos para a tradição popular brasileira, podemos dizer que Leonardinho foi o primeiro malandro da nossa literatura – o que é evidente desde seu nascimento; ele tem a história narrada em terceira pessoa e fica longe da condição servil.

O malandro, como o pícaro, é espécie de um gênero mais amplo de aventureiro astucioso, comum a todos os folclore. Já notamos, com efeito, que Leonardo pratica a astúcia pela astúcia (mesmo quando ela tem por finalidade safá-lo de uma enrascada), manifestando um amor pelo jogo-em-si que o afasta do pragmatismo dos pícaros, cuja malandragem visa quase sempre ao proveito ou a um problema concreto, lesando frequentemente terceiros na sua solução.

CANDIDO, Antonio. "Dialética da malandragem: caracterização das Memórias de um sargento de milícias". In: *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, n. 8, São Paulo, USP, 1970. p. 71.

O teatro romântico

A tomada de consciência quanto à cultura nacional – inclusive no que diz respeito à dinamização de

suas expressões populares, capazes de uma comunicação mais viva e direta com um público maior – foi o principal legado do Romantismo. Ainda que em menor escala do que o relativo à poesia e ao romance, o desejo romântico de forjar e caracterizar uma arte literária autônoma incluiu o decisivo influxo para a criação do teatro brasileiro, que até então só registrava o importante marco das peças caquetéticas escritas em língua tupi por José de Anchieta.

O pioneirismo coube a Gonçalves de Magalhães, que, em 1838 – dois anos após o manifesto poético romântico configurado pela publicação, em Paris, da revista *Niterói* e do livro *Suspiros poéticos e saudades* –, viu subir à cena, em um teatro do Rio de Janeiro, pela companhia do importante ator João Caetano, sua peça *Antônio José, ou o Poeta e a Inquisição*. Nas palavras do autor, trata-se da “primeira tragédia escrita por um brasileiro, e a única de assunto nacional”.

Ainda que importantes autores românticos de ficção, como José de Alencar e Joaquim Manuel de Macedo, tenham se dedicado ao teatro, foram as comédias de costumes – gênero que alia o jogo cênico ágil e divertido à perspicácia documental sobre a vida e a sociedade brasileira – de Martins Pena que fundaram definitivamente e deram vigor ao teatro brasileiro, pela amplitude panorâmica de sua visada sobre diversos aspectos da nossa realidade e pelo uso inequívoco da língua falada pelo povo. Em peças ainda hoje bastante amadas e encenadas, como *O noviço*, *O juiz de paz da roça*, *As desgraças de uma criança* e *O Judas em sábado de Aleluia*, Martins Pena revela-se um admirável observador da nossa sociedade, retratando instituições e tipos sociais os mais diversos, em enredos que flagram os diversos obstáculos que simpáticos pares amorosos têm de enfrentar antes da união definitiva.

Revisando

 O fragmento a seguir é uma das cenas finais do romance *Iracema*, de José de Alencar – um dos maiores romancistas do Brasil. Pela leitura do trecho, é possível fazer inferências sobre o estilo do autor e as características de sua obra. Leia-o atentamente para responder às questões de **1 a 3**.

A triste esposa e mãe soabriu os olhos, ouvindo a voz amada. Com esforço grande, pôde erguer o filho nos braços e apresentá-lo ao pai, que o olhava extático em seu amor.

— Recebe o filho de teu sangue. Chegastes a tempo; meus seios ingratos já não tinham alimento para dar-lhe!

Pousando a criança nos braços paternos, a desventurada mãe desfaleceu como a jetica se lhe arrancam o bulbo. O esposo viu então como a dor tinha murchado seu belo corpo; mas a formosura ainda morava nela, como o perfume na flor caída do manacá.

Iracema não se ergueu mais da rede onde a pousaram os aflitos braços de Martim. O terno esposo, em que o amor renascera com o júbilo paterno, a cercou de carícias que encheram sua alma de alegria, mas não a puderam tornar à vida: o estame de sua flor se rompera.

— Enterra o corpo de tua esposa ao pé do coqueiro que tu amaste. Quando o vento do mar soprar nas folhas, Iracema pensará que é tua voz que fala entre seus cabelos.

O lábio emudeceu para sempre; o último lampejo despediu-se dos olhos baços.

Poti amparou o irmão em sua grande dor. Martim sentiu quanto um amigo verdadeiro é precioso na desventura: é como o outeiro que abriga do vendaval o tronco forte e robusto do ubiratã, quando o broca o cupim.

O camucim recebeu o corpo de Iracema, embebido de resinas odoríferas; e foi enterrado ao pé do coqueiro, à borda do rio. Martim quebrou um ramo de murta, a folha da tristeza, e deitou-o no jazigo de sua esposa.

A jandaia pousada no olho da palmeira repetia tristemente:

— Iracema!

Desde então os guerreiros pitiguaras, que passavam perto da cabana abandonada e ouviam ressoar a voz plangente da ave amiga, se afastavam, com a alma cheia de tristeza, do coqueiro onde cantava a jandaia.

E foi assim que um dia veio a chamar-se Ceará o rio onde crescia o coqueiro, e os campos onde serpeja o rio.

ALENCAR, José de. *Iracema*. Cotia: Ateliê Editorial, 2012. p. 247-8.

1. É possível afirmar que a linguagem do romance é poética? Por quê?

2. A construção do trecho se assemelha a um gênero textual muito popular no Brasil. Que gênero seria esse? Quais características permitem chegar a essa conclusão?

3. É possível afirmar que o autor valoriza os elementos nacionais? Explique.

4. Leia o texto a seguir e responda:

— Peri é um selvagem, filho das florestas; nasceu no deserto, no meio das cobras; elas conhecem Peri e o respeitam.

O índio dizia a verdade; o que acabava de fazer era a sua vida de todos os dias no meio dos campos: não havia nisto o menor perigo.

Tinha-lhe bastado a luz do seu facho e o canto da cauã que ele imitava perfeitamente para evitar os répteis venenosos que são devorados por essa ave. Com este simples expediente de que os selvagens ordinariamente se serviam quando atravessavam as matas de noite, Peri descera e tivera a felicidade de encontrar presa aos ramos de uma trepadeira a bolsa de seda, que adivinhou ser o objeto dado por Álvaro.

Soltou então um grito de prazer que Cecília tomou por grito de dor: assim como antes tinha tomado o eco do precipício por uma voz cava e surda.

Entretanto Cecília que não podia compreender como um homem passava assim no meio de tantos animais venenosos sem ser ofendido por eles, atribuía a salvação do índio a um milagre, e considerava a ação simples e natural

que acabava de praticar como um heroísmo admirável. A sua alegria por ver Peri livre de perigo, e por ter nas suas mãos a prenda de Álvaro foi tal, que esqueceu tudo o que se tinha passado.

ALENCAR, José de. *O guarani*. In: *Obras completas de José de Alencar*. São Paulo: Montecristo, 2012.

O texto sinaliza, na descrição de Peri, aquilo que o torna um herói inigualável. Descreva essa(s) característica(s).

5. Leia os textos e faça o que se pede a seguir:

Texto 1

Convencida de que todos os seus inúmeros apaixonados, sem exceção de um, a pretendiam unicamente pela riqueza, Aurélia reagia contra essa afronta, aplicando a esses indivíduos o mesmo estalão. Assim costumava ela indicar o merecimento de cada um dos pretendentes, dando-lhes certo valor monetário. Em linguagem financeira, Aurélia cotava os seus adoradores pelo preço que razoavelmente poderiam obter no mercado matrimonial.

Uma noite, no Cassino, a Lísia Soares, que fazia-se íntima com ela, e desejava ardentemente vê-la casada, dirigiu-lhe um gracejo acerca do Alfredo Moreira, rapaz elegante que chegara recentemente da Europa:

— É um moço muito distinto, respondeu Aurélia sorrindo; vale bem como noivo cem contos de réis; mas eu tenho dinheiro para pagar um marido de maior preço, Lísia; não me contento com esse.

Riam-se todos destes ditos de Aurélia, e os lançavam à conta de gracinhas de moça espirituosa; porém a maior parte das senhoras, sobretudo aquelas que tinham filhas moças, não cansavam de criticar desses modos desenvolvidos, impróprios de meninas bem-educadas.

ALENCAR, José de. *Senhora*. São Paulo: FTD, 2010. p. 15. (Grandes leituras – Clássicos da Literatura Brasileira)

Texto 2

Chegando à maioridade Jorge tomou conta de seu avultado patrimônio e começou a viver essa vida dos nossos moços ricos, os quais pensam que gastar o dinheiro que seus pais ganharam é uma profissão suficiente para que se dispensem de abraçar qualquer outra.

Temos, infelizmente, muitos exemplos dessas esterilidades a que se condenam homens que, pela sua posição independente, podiam aspirar a um futuro brilhante.

Durante três anos o moço entregou-se a esse delírio do gozo que se apodera das almas ainda jovens; saciou-se de todos os prazeres, satisfez todas as vaidades.

As mulheres lhe sorriram, os homens o festejaram; teve amantes, luxo, e até essa glória efêmera, auréola passageira que brilha algumas horas para aqueles que pelos seus vícios e pelas suas extravagâncias excitam um momento a curiosidade pública.

ALENCAR, José de. *A viuvinha*. São Paulo: FTD, 2011. p. 80. (Grandes leituras – Clássicos da Literatura Brasileira)

A viuvinha, de José de Alencar, é um romance do começo de sua produção literária, e *Senhora*, do fim. Ambos apresentam uma crítica em comum, destacada nos trechos apresentados. Explique.



Leia o fragmento a seguir, do romance *Memórias de um sargento de milícias*, para responder às questões de 6 a 8.

Chegaram todos depois de longo caminhar, e quando já brilhava nos céus um desses luars magníficos que só fazem no Rio de Janeiro, a uma casa da Rua da Vala. Naqueles tempos uma noite de luar era muito aproveitada, ninguém ficava em casa; os que não saíam a passeio sentavam-se em esteiras às portas, e ali passavam longas horas em descantes, em ceias, em conversas, muitos dormiam a noite inteira ao relento.

Como os nossos conhecidos já tinham dado um grande passeio, adotaram o expediente das esteiras à porta, e continuaram assim pela noite em diante a súcia em que haviam gasto o dia, pois aquilo que Leonardo vira nos Cajueiros, e em que também tomara parte, era o final de uma patuscada que havia começado ao amanhecer, de uma dessas romarias consagradas ao prazer, que eram então tão comuns e tão estimadas.

Agora devemos dar ao leitor conhecimento da nova gente, no meio da qual se acha o nosso Leonardo. Se nós pudéssemos socorrer aqui do amigo José Manuel, sem dúvida nos desfolharia ele toda a árvore genealógica dessa família a quem o amigo do Leonardo chamava a sua gente: porém contentem-se os leitores com o presente sem indagar o passado. Saibam pois que a família era composta de duas irmãs, ambas viúvas, ou que pelo menos diziam sê-lo, uma com três filhos e outra com três filhas; passando qualquer das duas dos seus quarenta e tantos; ambas gordas e excessivamente parecidas. Os três

filhos da primeira eram três formidáveis rapagões de 20 anos para cima, empregados todos no Trem; as três filhas da segunda eram três raparigas desempenadas, orçando pela mesma idade dos primos, e bonitas cada uma no seu gênero. Uma delas já os leitores conhecem; é Vidinha, a cantora de modinhas; era solteira como uma de suas irmãs; a última era também solteira, porém não como estas duas. O amigo do Leonardo que explique o que isso quer dizer, e explicando dará também a conhecer o que era ele próprio na família. Os mais que se achavam presentes eram pela maior parte vizinhos que se reuniam para aquelas súcias, que eram tradicionais na família.

ALMEIDA, Manuel Antônio de. *Memórias de um sargento de milícias*. São Paulo: Nobel, 2008. p. 115-6.

6. No trecho do romance de Manuel Antônio de Almeida, é possível identificar traços dos costumes da época? Dê exemplos.

7. Quais estratégias o narrador utilizou para que o leitor daquele tempo se identificasse com o texto e se interessasse por ele?

8. É possível afirmar que a literatura pode ser o retrato de uma época? Justifique.

4. **Unicamp-SP 2012** Os animais desempenham um papel simbólico no romance *Iracema*. Dentre eles, destacam-se o cão Japi e a jandaia (ou ará), que aparecem nos excertos a seguir.

Poti voltou de perseguir o inimigo. [...]

O cão fiel o seguia de perto, lambendo ainda nos pelos do focinho a marugem do sangue tabajara, de que se fartara; o senhor o acariciava satisfeito de sua coragem e dedicação. Fora ele quem salvara Martim [...].

— Os maus espíritos da floresta podem separar outra vez o guerreiro branco de seu irmão pitiguara. O cão te seguirá daqui em diante, para que mesmo de longe Poti acuda a teu chamado.

— Mas o cão é teu companheiro e amigo fiel.

— Mais amigo e companheiro será de Poti, servindo a seu irmão que a ele. Tu o chamarás Japi; e ele será o pé ligeiro com que de longe corramos um para o outro. [...]

Tanto que os dois guerreiros tocaram as margens do rio, ouviram o latir do cão, que os chamava, e o grito da ará, que se lamentava.

A ará, pousada no jirau fronteiro, alonga para sua formosa senhora os verdes tristes olhos. Desde que o guerreiro branco pisou a terra dos tabajaras, Iracema a esqueceu. [...]

Iracema lembrou-se que tinha sido ingrata para a jandaia esquecendo-a no tempo da felicidade; e agora ela vinha para a consolar no tempo da desventura. [...]

Na seguinte alvorada foi a voz da jandaia que a despertou. A linda ave não deixou mais sua senhora [...].

A jandaia pousada no olho da palmeira repetia tristemente:

— Iracema!

Desde então os guerreiros pitiguaras, que passavam perto da cabana abandonada e ouviam ressoar a voz plan-gente da ave amiga, se afastavam, com a alma cheia de tristeza, do coqueiro onde cantava a jandaia.

E foi assim que um dia veio a chamar-se Ceará o rio onde crescia o coqueiro, e os campos onde serpeja o rio.

ALENCAR, José de. *Iracema*. São Paulo: Ática, 1992. p. 52 e 80.

- a) Explique o papel simbólico desempenhado pelo cão.
b) Explique o papel simbólico desempenhado pela jandaia ou ará.

5. **Ufam 2015** Leia as afirmativas a seguir, feitas sobre a obra de José de Alencar, um dos principais nomes da ficção romântica brasileira. Em seguida, assinale aquela que **não** está correta.

- a) Escreveu cerca de vinte romances, com os temas mais variados: indianistas, urbanos, regionais e históricos.
b) O romance *Senhora* tem traços realistas, em virtude de pôr no centro da trama um ser venal e inferior, como Fernando Seixas.
c) Seus livros abrangem a totalidade brasileira no tempo, pois vão desde as origens coloniais até a contemporaneidade do século XIX.
d) Os heróis pícaros que criou, em seu aparente cinismo, apenas se defendem numa sociedade injusta, repleta de vilões encasacados.

- e) Em *Lucíola*, obra que apresenta o drama de uma mulher, o final não é feliz, pois a protagonista era uma prostituta.

6. **Fuvest-SP 2019** O povo que chupa o caju, a manga, o cambucá e a jabuticaba, pode falar uma língua com igual pronúncia e o mesmo espírito do povo que sorve o figo, a pera, o damasco e a nêpera?

José de Alencar. *Bênção Paterna*. Prefácio a *Sonhos d'ouro*.

A graciosa ará, sua companheira e amiga, brinca junto dela. Às vezes sobe aos ramos da árvore e de lá chama a virgem pelo nome, outras remexe o uru de palha matizada, onde traz a selvagem seus perfumes, os alvos fios do crautá, as agulhas da juçara com que tece a renda e as tintas de que matiza o algodão.

José de Alencar. *Iracema*.

ará: periquito.

uru: cesto.

crautá: espécie de bromélia.

juçara: tipo de palmeira espinhosa

Com base nos trechos acima, é adequado afirmar:

- a) Para Alencar, a literatura brasileira deveria ser capaz de representar os valores nacionais com o mesmo espírito do europeu que sorve o figo, a pera, o damasco e a nêpera.
b) Ao discutir, no primeiro trecho, a importação de ideias e costumes, Alencar propõe uma literatura baseada no abasileiramento da língua portuguesa, como se verifica no segundo trecho.
c) O contraste entre os verbos “chupar” e “sorver”, empregados no primeiro trecho, revela o rebaixamento de linguagem buscado pelo escritor em *Iracema*.
d) Em *Iracema*, a construção de uma literatura exótica, tal como se verifica no segundo trecho, pautou-se pela recusa de nossos elementos naturais.
e) Ambos os trechos são representativos da tendência escapista de nosso romantismo, na medida em que valorizam os elementos naturais em detrimento da realidade rotineira.

7. **Enem PPL 2018** Talvez julguem que isto são voos de imaginação: é possível. Como não dar largas à imaginação, quando a realidade vai tomando proporções quase fantásticas, quando a civilização faz prodígios, quando no nosso próprio país a inteligência, o talento, as artes, o comércio, as grandes ideias, tudo pulula, tudo cresce e se desenvolve?

Na ordem dos melhoramentos materiais, sobretudo, cada dia fazemos um passo, e em cada passo realizamos uma coisa útil para o engrandecimento do país.

ALENCAR, J. *Ao correr da pena*. Disponível em: www.dominiopublico.gov.br. Acesso em: 12 ago. 2013.

No fragmento da crônica de José de Alencar, publicada em 1854, a temática nacionalista constrói-se pelo elogio ao(à)

- a) passado glorioso.
- b) progresso nacional.
- c) inteligência brasileira.
- d) imponência civilizatória.
- e) imaginação exacerbada.

8. PUC-Campinas 2016 José de Alencar retratou o seu herói goitacá em prosa, a exemplo do que o escocês Walter Scott havia feito com os cavaleiros medievais na célebre novela *Ivanhoé*. Para evocar um mítico passado nacional, na falta dos briosos cavaleiros medievais de Scott, o índio seria o modelo de que Alencar lançaria mão. [...] O índio entrara como tema na literatura universal por influência das ideias dos filósofos iluministas e especialmente, da obra de Jean-Jacques Rousseau [...]. As teses de Rousseau sobre o “bom selvagem”, por sua vez, bebiam na fonte das narrativas de viajantes do século XVI, os primeiros europeus que haviam colocado os pés no chão americano. Foram esses viajantes os responsáveis pela propagação do juízo de que, do outro lado do oceano, existia um povo feliz, vivendo sem lei nem rei [...]

(NETO, Lira. **O inimigo do Rei. Uma biografia de José de Alencar.** São Paulo: Globo, 2006. p. 166-167)

A afirmação de que José de Alencar valeu-se do modelo heroico dos cavaleiros medievais para compor personagens de cunho nacionalista fez com que concebesse e apresentasse Peri, protagonista de *O Guarani*, como um

- a) autêntico guerreiro goitacá.
- b) explorador aliado do colonizador.
- c) nativo com qualidades aristocráticas.
- d) lacaio valente de um nobre português.
- e) pajé dotado de poderes sobrenaturais.

9. FICSAE-SP 2017 Os olhos de Iracema, estendidos pela floresta, viram o chão juncado de cadáveres de seus irmãos; e longe o bando dos guerreiros tabajaras que fugia em nuvem negra de pó. Aquele sangue que enrubescia a terra, era o mesmo sangue brioso que lhe ardia nas faces de vergonha.

O pranto orvalhou seu lindo semblante.

Martim afastou-se para não envergonhar a tristeza de Iracema.

O trecho acima integra a obra *Iracema*, publicada em 1865 por José de Alencar. Considerando este romance em sua inteireza, do trecho em questão, NÃO É CORRETO afirmar que

- a) revela o desfecho da luta entre os pitiguaras e os tabajaras, tribos inimigas, no meio da qual Iracema sofre as consequências de uma opção amorosa.
- b) configura o dilema afetivo da virgem posta entre o amor do esposo, amigo dos inimigos de sua tribo e a lealdade aos irmãos vencidos em guerra pelos pitiguaras.

- c) desvela as imagens trágicas que os olhos de Iracema refletem e o sentimento de vergonha que a faz corar e que a acomete pela escolha inescapável que fizera.
- d) indicia o choro de arrependimento e remorso pela aventura amorosa vivida entre Iracema e Martim, cujo desenrolar pressagia um destino final trágico para o par romântico.

10. UEM-PR 2018 Leia o fragmento retirado do romance *Iracema*, de José de Alencar, e assinale o que for **correto** sobre o fragmento, sobre a obra a que ele pertence, sobre seu autor e o Romantismo.

— Ele veio, pai.

— Veio bem. É Tupã que traz o hóspede à cabana de Araquém.

Assim dizendo, o Pajé passou o cachimbo ao estrangeiro; e entraram ambos na cabana.

O mancebo sentou-se na rede principal, suspensa no centro da habitação.

Iracema acendeu o fogo da hospitalidade; e trouxe o que havia de provisões para satisfazer a fome e a sede: trouxe o resto da caça, a farinha-d’água, os frutos silvestres, os favos de mel, o vinho de caju e ananás. [...]

Quando o guerreiro terminou a refeição, o velho Pajé apagou o cachimbo e falou:

— Vieste?

— Vim – respondeu o desconhecido.

— Bem-vindo sejas. O estrangeiro é senhor na cabana de Araquém. [...] Se queres dormir, desçam sobre ti os sonhos alegres; se queres falar, teu hóspede escuta.

O estrangeiro disse:

— Sou dos guerreiros brancos, que levantaram a taba nas margens do Jaguaribe, perto do mar, onde habitam os pitiguaras, inimigos de tua nação. Meu nome é Martim, que na tua língua quer dizer filho de guerreiro; meu sangue, o do grande povo que primeiro viu as terras de tua pátria. [...] Há três sóis partimos para a caça; e perdido dos meus, vim aos campos dos tabajaras.

— Foi algum mau espírito da floresta que cegou o guerreiro branco no escuro da mata – respondeu o ancião.

A cauí piou, além, na extrema do vale. Caía a noite.”

ALENCAR, J. *Iracema; Cinco minutos.* São Paulo: Martin Claret, 2011. p. 36-37.

- 01** O romance a que pertence o fragmento acima apresenta a lenda da fundação do Ceará e, por extensão, da nação brasileira. Isso ocorre por meio da união de Iracema, a índia que dá nome à obra, e Martim, o colonizador português.
- 02** O romance está repleto de referências (idealizadas à moda romântica) ao processo de conquista do Brasil pelos portugueses. Um exemplo é a cena transcrita, em que o Pajé tabajara abre as portas de sua cabana para o colonizador, sem oferecer resistência.
- 04** Ao acender “o fogo da hospitalidade”, conforme o trecho transcrito, Iracema, que antes já havia quebrado – em um gesto de arrependimento e

desejo de selar a paz – a “flecha homicida” que disparara contra o guerreiro branco, se oferece (e oferece seu povo) simbolicamente, sem resistência, à colonização europeia.

- 08** Moacir, o filho da dor, nascido da união entre Iracema e Martim e, portanto, da Índia brasileira com o colonizador branco português, simboliza o primeiro brasileiro. No entanto, pouco tempo após seu nascimento, a mãe morre, imersa na solidão e no abandono, e Moacir é criado e educado pelo pai, de modo que a cultura tabajara acaba esquecida.
- 16** O romance é narrado em primeira pessoa, pela narradora protagonista. Trata-se de uma estratégia narrativa amplamente utilizada pelos escritores românticos, de tendência indianista, com o objetivo de dar voz ao índio que, historicamente, fora silenciado em favor da perspectiva do colonizador português.

Soma:

- 11. UPF-RS 2016** Em *Senhora*, de José de Alencar, pode-se observar que o autor emprega, de modo recorrente, ao longo da narrativa, uma linguagem _____ para sustentar certo grau de _____ diante do tema central do romance, o casamento por dinheiro. Assinale a alternativa cujas informações preenchem **corretamente** as lacunas do enunciado.
- a) jurídica/hermetismo.
 - b) jornalística/imparcialidade.
 - c) metafórica/idealização.
 - d) jornalística/sensacionalismo.
 - e) metafórica/realismo.
- 12. ITA-SP 2014** Em uma passagem do romance *Lucíola*, de José de Alencar, Lúcia e Paulo vão a uma praia em Niterói, local onde ela passou a infância. Podemos afirmar que esta cena
- a) reforça a percepção de que, para o Romantismo, o amor não é possível no meio urbano, mas apenas no meio natural.
 - b) acentua a diferença entre a violência urbana e a paz que reina no meio natural.
 - c) mostra a praia como cenário perfeito para Lúcia contar a Paulo como foi obrigada a se prostituir.
 - d) faz Lúcia voltar a ser criança por um momento, revelando que, apesar de se prostituir, mantém o caráter puro e ingênuo.
 - e) é apenas um bom exemplo do gosto romântico pela natureza brasileira e pela cor local.

13. Fuvest-SP 2013

V – O samba

À direita do terreiro, **adumbra-se** na escuridão um maciço de construções, ao qual às vezes recortam no azul do céu os trêmulos vislumbres das labaredas fustigadas pelo vento.

[...]

É aí o quartel ou quadrado da fazenda, nome que tem um grande pátio cercado de senzalas, às vezes com alpendrada corrida em volta, e um ou dois portões que o fecham como praça d'armas.

Em torno da fogueira, já esbarrondada pelo chão, que ela cobriu de brasido e cinzas, dançam os pretos o samba com um frenesi que toca o delírio. Não se descreve, nem se imagina esse desesperado saracoteio, no qual todo o corpo estremece, pula, sacode, gira, bamboleia, como se quisesse desgrudar-se.

Tudo salta, até os crioulinhos que esperneiam no cangote das mães, ou se enrolam nas saias das raparigas. Os mais taludos viram cambalhotas e pincham à guisa de sapos em roda do terreiro. Um desses corta jaca no espinhaço do pai, negro fornido, que não sabendo mais como desconjuntar-se, atirou consigo ao chão e começou de rabanar como um peixe em seco. [...]

José de Alencar, *Til*.

adumbra-se: delinea-se, esboça-se.

Considerada no contexto histórico a que se refere *Til*, a desenvoltura com que os escravos, no excerto, se entregam à dança é representativa do fato de que

- a) a escravidão, no Brasil, tal como ocorreu na América do Norte e no Caribe, foi branda.
 - b) se permitia a eles, em ocasiões especiais e sob vigilância, que festejassem a seu modo.
 - c) teve início nas fazendas de café o sincretismo das culturas negra e branca, que viria a caracterizar a cultura brasileira.
 - d) o narrador entendia que o samba de terreiro era, em realidade, um ritual umbandista disfarçado.
 - e) foi a generalização, entre eles, do alcoolismo, que tornou antieconômica a exploração da mão de obra escrava nos cafezais paulistas.
- 14. ITA-SP 2019** *Senhora*, de José de Alencar, é uma obra representativa do Romantismo porque apresenta
- a) um par romântico que, para se casar, enfrenta a rivalidade de suas famílias.
 - b) personagens masculinas cuja retidão de caráter é sempre inabalável.
 - c) importantes cenários naturais, circunscritos ao ambiente urbano.
 - d) o protagonista moldado irreversivelmente pela educação e pelo meio social.
 - e) uma protagonista virtuosa e movida sobretudo pelo sentimento amoroso.
- 15. UPF-RS 2019** Sobre o romance *Lucíola*, de José de Alencar, apenas é **incorreto** afirmar que
- a) destaca-se, na narrativa, a oscilação de Lúcia entre dois polos opostos, a pureza e o vício.
 - b) o amor de Paulo estimula em Lúcia, que fora prostituída em sua juventude, o desejo de regenerar-se e de cultivar os germes de virtude que conservara no coração.

- c) a castidade desenvolve-se na busca gradativa da simplicidade, do contato com a natureza e do afastamento, por parte da heroína, em relação ao luxo e à sofisticação.
- d) Lúcia é influenciada pelas normas vigentes, mesmo consciente das causas sociais da prostituição, assumindo-a como um erro seu e renunciando à paixão sensual.
- e) Paulo opõe-se frontalmente às convenções sociais e assume uma relação amorosa com a heroína, sem preocupar-se com sua própria reputação e com seu futuro profissional.

16. UEL-PR 2019 Leia a seguir o fragmento retirado da obra *O demônio familiar*, de José de Alencar.

CENA XIII - Alfredo, Azevedo

Alfredo – É raro encontrá-lo agora, Sr. Azevedo. Já não aparece nos bailes, nos teatros.

Azevedo – Estou-me habituando à existência monótona da família.

Alfredo – Monótona?

Azevedo – Sim. Um piano que toca; duas ou três moças que falam de modas; alguns velhos que dissertam sobre a carestia dos gêneros alimentícios e a diminuição do peso do pão; eis um verdadeiro *tableau* de família no Rio de Janeiro. Se fosse pintor faria um primeiro *prix au Conservatoire des Arts*.

Alfredo – E havia de ser um belo quadro, estou certo; mais belo sem dúvida do que uma cena de salão.

Azevedo – Ora, meu caro, no salão tudo é vida; enquanto que aqui, se não fosse essa menina que realmente é espirituosa, D. Carlotinha, que faríamos, senão dormir e abrir a boca?

Alfredo – É verdade; aqui dorme-se, porém sonha-se com a felicidade; no salão vive-se, mas a vida é uma bem triste realidade. Em vez de um piano há uma rabeca; as moças não falam de modas, mas falam de bailes; os velhos não dissertam sobre a carestia, mas ocupam-se com a política. Que diz deste quadro, Sr. Azevedo, não acha que também vale a pena de ser desenhado por um hábil artista, para a nossa “Academia de Belas-Artes”?

Azevedo – A nossa “Academia de Belas-Artes”? Pois temos isto aqui no Rio?

Alfredo – Ignorava?

Azevedo – Uma caricatura, naturalmente... Não há arte em nosso país.

Alfredo – A arte existe, Sr. Azevedo, o que não existe é o amor dela.

Azevedo – Sim, faltam os artistas.

Alfredo – Faltam os homens que os compreendam; e sobram aqueles que só acreditam e estimam o que vem do estrangeiro.

Azevedo (*Com desdém*) — Já foi a Paris, Sr. Alfredo?

Alfredo – Não, senhor; desejo, e ao mesmo tempo receio ir.

Azevedo – Por que razão?

Alfredo – Porque tenho medo de, na volta, desprezar o meu país, ao invés de amar nele o que há de bom e procurar corrigir o que é mau. [...]

ALENCAR, J. *O demônio familiar*. 4.ed. São Paulo: Martin Claret, 2013. p.90-92.

Com base na obra *O demônio familiar*, de José de Alencar, responda aos itens a seguir.

- a) A cena ressalta uma temática comumente explorada por José de Alencar. Indique qual é essa temática e explique como a cena a aborda.
- b) De acordo com a temática indicada no item a, aponte a personagem que mais se aproxima das concepções defendidas por Alencar. Justifique sua resposta.

17. Fuvest-SP 2015

Tornando da malograda espera do tigre, alcançou o capanga um casal de velhinhos, que seguiam diante dele o mesmo caminho, e conversavam acerca de seus negócios particulares. Das poucas palavras que apanhara, percebeu Jão Fera que destinavam eles uns cinquenta mil-réis, tudo quanto possuía, à compra de mantimentos, a fim de fazer um **moquirão**, com que pretendiam abrir uma boa roça.

— Mas chegará, homem? perguntou a velha.

— Há de se espichar bem, mulher!

Uma voz os interrompeu:

— Por este preço dou eu conta da roça!

— Ah! É nhô Jão!

Conheciam os velhinhos o capanga, a quem tinham por homem de palavra, e de fazer o que prometia. Aceitaram sem mais hesitação; e foram mostrar o lugar que estava destinado para o roçado.

Acompanhou-os Jão Fera; porém, mal seus olhos descobriram entre os utensílios a enxada, a qual ele esquecera um momento no afã de ganhar a soma precisa, que sem mais deu costas ao par de velhinhos e foi-se deixando-os embasbacados.

José de Alencar, *Til*.

moquirão: mutirão (mobilização coletiva para auxílio mútuo, de caráter gratuito).

Considerada no contexto histórico-social figurado no romance *Til*, a brusca reação de Jão Fera, narrada no final do excerto, explica-se

- a) pela ambição ou ganância que, no período, caracterizava os homens livres não proprietários.
- b) por sua condição de membro da Guarda Nacional, que lhe interditava o trabalho na lavoura.
- c) pela indolência atribuída ao indígena, da qual era herdeiro o “bugre”.
- d) pelo estigma que a escravidão fazia recair sobre o trabalho braçal.
- e) pela ojeriza ao labor agrícola inerente a sua condição de homem letrado.

18. Unesp 2021 Escritor refletido e cheio de recurso, a sua obra é uma das minas da literatura brasileira, até hoje, e embora não pareça, tem continuidades no Modernismo. Nossa iconografia imaginária, das mocinhas, dos índios, das florestas, deve aos seus livros muito da sua fixação social; de modo mais geral, para não encompridar a lista, a desenvoltura inventiva

e brasileirizante da sua prosa ainda agora é capaz de inspirar.

(Roberto Schwarz. *Ao vencedor as batatas*, 2000. Adaptado.)

O comentário refere-se ao escritor

- a) Raul Pompeia.
- b) Manuel Antônio de Almeida.
- c) José de Alencar.
- d) Tomás Antônio Gonzaga.
- e) Aluísio Azevedo.

19. UPF-RS 2016 Considere as afirmações a seguir em relação ao romance *Senhora*, de José de Alencar.

- I. A crítica aos valores da burguesia, desenvolvida a partir do mote da “compra” de um marido, aproxima a obra do Realismo literário.
- II. Os trajes suntuosos e os modos aristocráticos que pautam a vida nos salões, e que tanto seduzem o jovem Seixas, são reprovados de forma ostensiva e continuada pelo narrador, ao longo do texto.
- III. A vitória das “razões do coração” sobre o poder do dinheiro, que se verifica no desfecho da narrativa, demonstra a sobrevivência da visão de mundo romântica do autor.

Está correto o que se afirma em:

- a) I apenas.
- b) II apenas.
- c) I e II apenas.
- d) I e III apenas.
- e) I, II e III.

20. ITA-SP 2017 Na ficção romântica, em geral, o destino das personagens femininas é a felicidade pelo casamento ou a morte trágica. Nesse aspecto, *Til*, de José de Alencar, traz um final inovador, resultante do amadurecimento de Berta após conhecer a história de Besita, sua mãe. Podemos afirmar isso acerca do romance em questão, pois Berta

- a) recusa-se a se casar com Miguel quando descobre ser filha incógnita de Luís Galvão.
- b) abre mão do casamento, ainda que com algum sofrimento, optando por cuidar de Zana e Brás.
- c) aceita ser reconhecida legalmente como filha por Luís Galvão, mostrando-se mais flexível que a mãe.
- d) enfrenta o assédio de João Fera, que violentou Besita.
- e) assassina Ribeiro, como vingança pela morte da mãe.



Texto para as questões **21** e **22**.

A esmeralda e o camafeu

— Se eu encontrasse!...

— Então?... que faria?...

— Atirar-me-ia a seus pés, abraçar-me-ia com eles e lhe diria: “Perdoai-me, perdoai-me, senhora, eu já não posso ser vosso esposo! tomai a prenda que me deste...”

E o infeliz amante arrancou debaixo da camisa um breve, que convulsivamente apertou na mão.

— O breve verde!... exclamou D. Carolina, o breve que contém a esmeralda!...

— Eu lhe diria, continuou Augusto: “recebi este breve que já não devo conservar, porque eu amo outra que não sois vós, que é mais bela e mais cruel do que vós!...”

A cena se estava tornando patética; ambos choravam e só passados alguns instantes a inexplicável Moreninha pôde falar e responder ao triste estudante.

— Oh! pois bem, disse; vá ter com sua desposada, repita-lhe o que acaba de dizer, e se ela ceder, se perdoar, volte que eu serei sua... esposa.

— Sim... eu corro... Mas, meu Deus, onde poderei achar essa moça a quem não tornei a ver, nem poderei conhecer?... onde meu Deus?... onde?...

E tornou a deixar correr o pranto, por um momento suspenso.

— Espere, tornou D. Carolina, escute, senhor. Houve um dia, quando a minha mãe era viva, em que eu também socorri um velho moribundo. Como o senhor e sua camarada, matei a fome de sua família e cobri a nudez de seus filhos; em sinal de reconhecimento também este velho me fez um presente: deu-me uma relíquia milagrosa que, asseverou-me ele, tem o poder uma vez na vida de quem a possui, de dar o que se deseja; eu cosí essa relíquia dentro de um breve; ainda não lhe pedi coisa alguma, mas trago-a sempre comigo; eu lha cedo... tome o breve, descosa-o, tire a relíquia e à mercê dela encontre sua antiga amada. Obtenha o seu perdão e me terá por esposa.

— Isto tudo me parece um sonho, respondeu Augusto, porém, dê-me, dê-me esse breve!

A menina, com efeito, entregou o breve ao estudante, que começou a descosê-lo precipitadamente. Aquela relíquia, que se dizia milagrosa, era sua última esperança; e, semelhante ao naufrago que no derradeiro extremo se agarra à mais leve tábuca, ele se abraçava com ela. Só falta a derradeira capa do breve... ei-la que cede e se descose... Salta uma pedra... e Augusto, entusiasmado e como delirante, cai aos pés de D. Carolina, exclamando:

— O meu camafeu!... o meu camafeu!...

MACEDO, Joaquim Manoel de. *A moreninha*.

21. Mackenzie-SP 2015 A partir do fragmento selecionado, pode-se afirmar que a prosa de Joaquim Manoel de Macedo

- I. é marcada por enredos cheios de peripécias e final feliz.
- II. é composta com uma linguagem simples, estilo fluente e leve.
- III. é elaborada em torno de objetividade temática, com negação do sentimentalismo.

Assinale a alternativa correta.

- a) Estão corretas apenas as alternativas I e II.
- b) Estão corretas apenas as alternativas I e III.
- c) Estão corretas apenas as alternativas II e III.
- d) Todas as alternativas estão corretas.
- e) Nenhuma das alternativas está correta.

22. Mackenzie-SP 2015 Assinale a alternativa **incorreta** sobre a prosa romântica brasileira.

- a) Destacam-se autores como Manuel Antônio de Almeida, Bernardo Guimarães, José de Alencar, Joaquim Manuel de Macedo e Visconde de Taunay.
- b) Retrata a sociedade da época embasada pela ideologia positivista e pelo cientificismo.
- c) Costuma girar em torno da descrição dos costumes da sociedade da época, criando identificação com o público-leitor.
- d) É composta de romances de costumes, urbanos, indianistas, regionalistas e históricos.
- e) Visconde de Taunay é um dos representantes do romance regionalista com a obra *Inocência*.



Texto para as questões **23** e **24**.

Inocência

Depois das explicações dadas ao seu hóspede, sentiu-se o mineiro mais despreocupado.

— Então, disse ele, se quiser, vamos já ver a nossa doentinha.

— Com muito gosto, concordou Cirino.

E, saindo da sala, acompanhou Pereira, que o fez passar por duas cercas e rodear a casa toda, antes de tomar a porta do fundo, fronteira a magnífico laranjal, naquela ocasião todo pontuado das brancas e olorosas flores.

— Neste lugar, disse o mineiro apontando para o pomar, todos os dias se juntam tamanhos bandos de **graúnas**, que é um barulho dos meus pecados. Nocência gosta muito disso e vem sempre coser debaixo do arvoredor. É uma menina esquisita...

Parando no limiar da porta, continuou com expansão:

— Nem o Sr. imagina... Às vezes, aquela criança tem lembranças e perguntas que me fazem embatucar... Aqui, havia um **livro de horas** da minha defunta avó... Pois não é que um belo dia ela me pediu que lhe ensinasse a ler? ... Que ideia! Ainda há pouco tempo me disse que quisera ter nascido princesa... Eu lhe retruquei: E sabe você o que é ser princesa? Sei, me **secundou** ela com toda a clareza, é uma moça muito boa, muito bonita, que tem uma coroa de diamantes na cabeça, muitos **lavrados** no pescoço e que manda nos homens... Fiquei meio tonto. E se o Sr. visse os modos que tem com os bichinhos?! ... Parece que está falando com eles e que os entende... [...] Quando Cirino penetrou no quarto da filha do mineiro, era quase noite, de maneira que, no primeiro olhar que atirou ao redor de si, só pôde **lobrigar**, além de diversos trastes de formas antiquadas, uma dessas camas, muito em uso no interior; altas e largas, feitas de tiras de couro engradadas.

[...] Mandara Pereira acender uma vela de sebo. Vinda a luz, aproximaram-se ambos do leito da enferma que, achegando ao corpo e puxando para debaixo do queixo uma coberta de algodão de Minas, se encolheu toda, e voltou-se para os que entravam.

— Está aqui o doutor, disse-lhe Pereira, que vem curar-te de vez.

— Boas noites, dona, saudou Cirino.

Tímida voz murmurou uma resposta, ao passo que o jovem, no seu papel de médico, se sentava num **escabelo** junto à cama e tomava o pulso à doente.

Caía então luz de chapa sobre ela, iluminando-lhe o rosto, parte do colo e da cabeça, coberta por um lenço vermelho atado por trás da nuca.

Apesar de bastante descorada e um tanto magra, era Inocência de beleza deslumbrante.

Do seu rosto, irradiava singela expressão de encantadora ingenuidade, realçada pela meiguice do olhar sereno que, a custo, parecia coar por entre os cílios sedosos a franjar-lhe as pálpebras, e compridos a ponto de projetarem sombras nas mimosas faces.

Era o nariz fino, um bocadinho arqueado; a boca pequena, e o queixo admiravelmente torneado.

Ao erguer a cabeça para tirar o braço de sob o lençol, descera um nada a camisinha de crivo que vestia, deixando nu um colo de fascinadora alvura, em que ressaltava um ou outro sinal de nascença.

Razões de sobra tinha, pois, o pretenso **facultativo** para sentir a mão fria e um tanto incerta, e não poder atinar com o pulso de tão gentil cliente.

TAUNAY, Visconde de. *Inocência*. São Paulo: Ática, 2011.

graúna: pássaro de plumagem negra, canto melodioso e hábitos eminentemente sociais.

livro de horas: livro de preces.

secundar: responder.

lavrado: na província de Mato Grosso, colar de contas de ouro e adornos de ouro e prata.

lobrigar: enxergar.

escabelo: assento.

facultativo: médico.

23. Uerj 2013 A caracterização de Inocência confirma só parcialmente a idealização da heroína romântica. Indique uma característica que Inocência apresenta em comum com as heroínas românticas e outra que a torna diferente dessas heroínas.

24. Uerj 2013 — Nem o Sr. imagina... Às vezes, aquela criança tem lembranças e perguntas que me fazem embatucar... Aqui, havia um livro de horas da minha defunta avó... Pois não é que um belo dia ela me pediu que lhe ensinasse a ler?... Que ideia! Ainda há pouco tempo me disse que quisera ter nascido princesa... Eu lhe retruquei: E sabe você o que é ser princesa? Sei, me secundou ela com toda a clareza, é uma moça muito boa, muito bonita, que tem uma coroa de diamantes na cabeça, muitos lavrados no pescoço (l 16-24).

O trecho anterior faz referência a crenças e valores de Inocência e de seu pai, Pereira.

Apresente dois traços do comportamento de cada um desses personagens que revelam a diferença de valores entre eles. Em seguida, indique a modalidade de romance em que tais personagens se inserem.

25. Famema-SP 2020 Leia o texto para responder à questão.

[...] no tempo em que se passavam os fatos que vamos narrando nada mais havia comum do que ter cada casa um, dois e às vezes mais agregados.

Em certas casas os agregados eram muito úteis, porque a família tirava grande proveito de seus serviços, e já tivemos ocasião de dar exemplo disso quando contamos a história do finado padrinho de Leonardo; outras vezes porém, e estas eram maior número, o agregado, refinado vadio, era uma verdadeira parasita que se prendia à árvore familiar, que lhe participava da seiva sem ajudá-la a dar frutos, e o que é mais ainda, chegava mesmo a dar cabo dela. E o caso é que, apesar de tudo, se na primeira hipótese o esmagavam com o peso de mil exigências, se lhe batiam a cada passo com os favores na cara, se o filho mais velho da casa, por exemplo, o tomava por seu divertimento, e à menor e mais justa queixa saltavam-lhe os pais em cima tomando o partido de seu filho, no segundo aturavam quanto desconcerto havia com paciência de mártir, o agregado tornava-se quase um rei em casa, punha, dispunha, castigava os escravos, ralhava com os filhos, intervinha enfim nos mais particulares negócios.

Em qual dos dois casos estava ou viria estar em breve o nosso amigo Leonardo? O leitor que decida pelo que se vai passar.

(Manuel Antônio de Almeida. *Memórias de um Sargento de Milícias*, 1994.)

O romance de Manuel Antônio de Almeida aborda costumes da sociedade do Rio de Janeiro do século XIX. Um deles é a presença comum de agregados nas casas. No texto, essa figura é descrita

- com certa reserva, já que se tratava de uma pessoa que não era bem vista pela família.
- por dois vieses, conforme a sua relação com a família: ou era útil a esta ou a explorava.
- de modo divertido, como uma pessoa que surpreendia não raro pelo seu humor e pela sua simpatia.
- como vítima do sistema, uma vez que a família a explorava, chegando a tratá-la como um escravo.
- de forma positiva, dado que os laços afetivos estabelecidos com a família eram legítimos.

26. ITA-SP 2018 Em *Senhora*, de José de Alencar, há uma cena em que Aurélia sai bruscamente do jardim, onde estava com Seixas, vai para a sala e fecha as cortinas para apagar os reflexos da “claridade argentina da lua”. Assinale a opção que explica esse comportamento da personagem.

- Para Aurélia, assim como para Seixas, a natureza é pouco atrativa.
- A frieza de Aurélia para com Seixas quase foi quebrada no jardim.
- As atitudes fingidas do casal são as mesmas em qualquer lugar.
- Aurélia busca sempre humilhar o marido, ostentando o luxo da casa.
- Ela quer preparar a sala para jogar cartas com Seixas e vencê-lo no jogo.

27. UFPR 2013 Os capítulos do romance *Inocência*, de Visconde de Taunay, são introduzidos por epígrafes de autores variados, entre as quais citamos:

- “Semeai promessas; a ninguém causam desfalque, e o mundo é rico de palavras./A esperança quando outros nela creem faz ganhar muito tempo. – Ovídio, *A arte de amar*”. (Capítulo 3)
- “Sganarelo — De toda a parte vem gente procurar-me, e, se as coisas continuarem assim, sou de parecer que de uma vez devo dedicar-me à Medicina. Acho que de todos os ofícios é este o preferível, porque, ou se faça bem ou mal, sempre no fim há dinheiro. – Molière, *O médico à força*”. (Capítulo 3)
- “Onde há mulheres, aí se congregam todos os males a um tempo. – Menandro”. (Capítulo 5)
- “Considerai a arte da composição das asas da borboleta: a regularidade das escamas, cobrindo-as, como se fossem penas; a variedade das cambiantes cores; a tromba enrolada, com que suga o alimento no seio das flores; as antenas, órgãos delicados do tato, que lhe coroam a cabeça cercada de uma rede admirável de mais de mil e duzentos olhos... – Bernardin de Saint-Pierre, *Harmonias da Natureza*”. (Capítulo 21)
- “Eis que vi um cavalo amarelo, e quem o montava era a morte. – São João, *Apocalipse*”. (Capítulo 30)

A respeito da relação entre as epígrafes e o texto de Taunay, é correto afirmar:

- As ideias apresentadas pelas epígrafes não são ensinamentos morais preconizados pelo romance, já que o narrador e a trama romanesca desautorizam ideias como as das epígrafes 2 e 3, que expressam pensamentos de personagens.
- Por causa do diálogo construído entre a trama romanesca e as epígrafes de autores estrangeiros, o romance de Taunay assume um caráter universalizante, o que o distingue dos romances regionalistas, que tratam de questões nacionais.
- As epígrafes trazem para o romance ideias alheias que são discutidas pelas personagens, ao modo dos romances de ideias, nos quais são debatidos fragmentos de discursos de renomados poetas, ficcionistas e filósofos.
- O texto ficcional desenvolve as ideias sugeridas pelas epígrafes: a epígrafe 1 serve de comentário ao episódio no qual Cirino ilude os padres do Colégio do Caraça, estimulando-os a acreditarem que ele é médico formado.
- O romance dissemina ideias estrangeiras por meio das epígrafes oriundas de diferentes culturas e também pelos ensinamentos de Meyer, o naturalista alemão cujas ideias são responsáveis por civilizar as personagens sertanejas.

28. Uece 2017 O texto a seguir consta como prefácio da 2ª edição do romance *Janelas Fechadas*, do maranhense Josué Montello, publicado pela primeira vez em 1941. Foi escrito por Tristão de Athayde (Alceu Amoroso Lima),

que compõe uma crítica na qual desenvolve ideias originais, como uma aproximação entre Benzinho, protagonista do romance de Montello, e Capitu.

Uma Capitu Nordestina

¹Cada novo livro de Josué Montello é um acontecimento em nossas letras. Sua fecundidade literária, aliás [...], nunca se fez com sacrifício de seu esmero na expressão verbal. Pelo contrário, esse esmero atingiu seu alto grau de perfeição com *Aleluia*, mas de forma alguma se esgotou na sua busca de concisão, outra meta constante em sua estilística pessoal. ²Ainda agora, o que o levou a reeditar esse quase primeiro livro de sua “maturidade literária”, como ele próprio assinalou, foi a preocupação estritamente estilística e não estrutural, junto ao cuidado de preservar o tipo de sua personagem central, a jovem Benzinho, e o ambiente maranhense de todos os seus romances.

Aliás, se a paisagem maranhense desse romance nada tem a ver com a rude paisagem tipicamente nordestina dos romances de um José Lins do Rego ou de um José Américo, o caráter da jovem Maria de Lourdes Silva, apelidada Benzinho desde a infância, nada tem a ver com o tipo genuíno das jovens nordestinas, como aliás dos homens da região, onde a firmeza de caráter é a expressão mais representativa do temperamento nordestino, pela supremacia dos valores morais sobre os valores eróticos e sobretudo hedonísticos. ³Sendo esse romance dos seus vinte anos uma tentativa quase subconsciente de reação antirromântica, não é de espantar que essa adolescente dos subúrbios de São Luís, o bairro do Anil, se pareça mais com a sofisticada carioca Capitu do que com ⁴qualquer das Inocências, ou Moreninhas do romantismo de sua época.

Benzinho, pela mão feiticeira de seu criador literário, que, aliás, colheu o modelo na vida real, passa ao longo do romance sem que o autor se aprofunde em qualquer análise psicológica da passagem de uma condição de vítima inocente à de uma representante típica, embora inconsciente, de um fenômeno sociológico, o da ascensão social, que, ao contrário do tipo habitual da mulher nordestina, coloca inteiramente de lado as razões do coração ou da sensualidade para se dirigir exclusivamente pela razão. E pelo raciocínio rigorosamente interesseiro de promoção social ou de influência exterior. Quando, pela primeira vez, se entrega a um quase desconhecido, é levada exclusivamente por uma frase eventual de sua mãe, que lhe confidenciara a vontade de ter um neto. Pela segunda vez, o que a levou a fazer o mesmo foi simplesmente a ambição de casar com um vizinho rico.

Em ambos os casos, absoluta ausência de sentimento passional e, no fundo, preocupações de tipo masculino mais que feminino. Não é a preocupação feminista de emancipação de seu sexo, mas a passividade em face de um desejo materno e o impulso masculino de ambição social.

Aliás, na criação da personagem central dessa jovem Capitu nordestina, tocava Josué Montello em um

fenômeno típico das sociedades modernas: a confusão ou o desencontro entre os sexos, em sua respectiva natureza biológica e psicológica. Já Aristóteles verificava haver homens de alma feminina e vice-versa. Assim como não há, entre as várias idades do ser humano, limites claros e positivos, assim também não existe, entre os sexos, uma psicologia respectivamente incompatível. O que é preciso é não confundir o desencontro de psicologias com a confusão, ou antes, a inversão das psicologias. Uma coisa é um homem de alma feminina e outra um homem efeminado. Naqueles, o que vemos é o predomínio de certas qualidades, que normalmente distinguem a alma feminina, sem que, entretanto, essa troca perturbe seus valores máximos.

Introdução. ATHAYDE, Tristão de. In: MONTELLO, Josué. *Romances e novelas*. v. 1. p. 109-11.

Considere a expressão “qualquer das Inocências, ou Moreninhas do romantismo de sua época” (referência 4):

- I. O crítico, nesta passagem do texto, refere-se diretamente aos romances *Inocência* (de Visconde de Taunay) e *A Moreninha* (de Joaquim Manuel de Macedo) e indiretamente às personagens do mesmo nome.
- II. O que o crítico chama de “romantismo de sua época” (época de Josué Montello) é um Romantismo tardio, fora de época; extemporâneo.
- III. O pronome “qualquer”, no excerto transcrito, equivale a “nenhuma”.

Está correto o que se diz apenas em

- a) II. b) I e II. c) III. d) I e III.

29. PUC-PR 2015 Sobre o romance *Inocência*, de Visconde de Taunay, é **correto** afirmar:

- a) É uma das principais obras da primeira fase do Romantismo, na qual ocorre uma idealização do caráter do indígena, retratado como exemplo de pureza e inocência.
- b) É com este romance que se inaugura o Naturalismo no Brasil, que, em seguida, terá em Aluísio Azevedo seu principal representante.
- c) É umas das principais obras da primeira fase do Modernismo brasileiro, representando com candura a vida e os costumes do sertão.
- d) Embora pertencendo ao Realismo, já traz traços do Naturalismo, sobretudo na caracterização do personagem Tico, um anão mudo que é o responsável pela reviravolta da trama.
- e) Embora pertencendo ao Romantismo, já antecipa características do Realismo/Naturalismo, sobretudo por sua caracterização do ser humano como produto do meio.

30. UFRGS 2015 Assinale a alternativa correta a respeito de *Memórias de um sargento de milícias*, de Manuel Antônio de Almeida.

- a) Leonardinho é filho de agricultores portugueses, imigrantes que vieram para o Brasil junto com D. Manuel.

- b) O compadre e a comadre representam o trabalhador da indústria que nascia na organização econômica brasileira.
- c) A união entre o jovem Leonardo e Luisinha estabelece-se como marca romântica no romance, pois recupera o ideal do amor juvenil coroado pelo casamento.
- d) Leonardo é o típico herói romântico: sonhador e devotado à amada.
- e) O romance não apresenta definição de coordenadas temporais e espaciais, pois sua ação pode ocorrer tanto no Rio de Janeiro quanto em Salvador.

31. Ufam 2015 Assinale a alternativa que se refere ao romance *Memórias de um sargento de milícias*, de Manuel Antônio de Almeida.

- a) A ação se passa na ilha de Paquetá, onde um grupo de estudantes, dentre os quais Leonardo, o protagonista, vai passar um fim de semana. Este é o mote para o autor criticar a ociosa burguesia fluminense do século XIX.
- b) O herói Leonardo é um provinciano ingênuo, que, por acaso, se vê herdeiro de uma grande fortuna. A partir daí, o autor analisa a ambição do ser humano, pois o protagonista foi enganado por um casal inescrupuloso da Corte.
- c) O enredo gira em torno de Leonardo, filho de Leonardo Pataca e Maria da Hortaliça. O herói apresenta traços picarescos, e a obra, além do valor documental, se passa em determinado momento histórico (o Rio de D. João VI).
- d) Alinha-se na corrente conhecida como sertanismo, a qual, inserindo-se no quadro maior do Romantismo brasileiro, divulga aspectos pitorescos da vida rural e das províncias, com seus tipos peculiares, em tudo diferentes do homem urbano.
- e) Narrado em primeira pessoa, apresenta traços do estilo posterior: o Realismo. Deve-se isso ao fato de apresentar tipos caricaturais, das classes baixas da sociedade, tipos que lutam pela sobrevivência em meio a enganos e procura de emprego.

32. UFSC 2013

Este último passo acabou de desorientar completamente o Leonardo: ainda bem não tinham expirado as últimas notas do canto, e já, passando-lhe rápido pela mente um turbilhão de ideias, admirava-se ele de como é que havia podido inclinar-se por um só instante a Luisinha, menina sensaborona e esquisita, quando haviam no mundo mulheres como Vidinha.

Decididamente estava apaixonado por esta última.

O leitor não se deve admirar disto, pois não temos cessado de repetir-lhe que o Leonardo herdara de seu pai aquela grande cópia de fluido amoroso que era a sua principal característica. Com esta herança parece porém que tinha ele tido também uma outra, e era 1ª de lhe sobrevir sempre uma contrariedade em casos semelhantes. José Manuel fora a primeira; vejamos agora qual era, ou antes quem era a segunda.

Se o leitor pensou no que há pouco dissemos, isto é, que naquela família havia três primos e três primas, e se agora acrescentarmos que moravam todos juntos, deve ter cismado alguma coisa a respeito. Três primos e três primas, morando na mesma casa, todos moços... não há nada mais natural; um primo para cada prima, e está tudo arranjado. Cumpre porém ainda observar que o amigo do Leonardo tomara conta de uma das primas, e que deste modo vinha a haver três primos para duas primas, isto é, o excesso de um primo. À vista disto o negócio já se torna mais complicado. Pois para encurtar razão, saiba-se que havia dois primos pretendentes a uma só prima, e essa era Vidinha, a mais bonita de todas; saiba-se mais que um era atendido e outro desprezado: logo, o amigo Leonardo terá desta vez de lutar com duas contrariedades em vez de uma.

ALMEIDA, M. A. *Memórias de um sargento de milícias*. 24 ed. São Paulo: Ática, 1995. p. 101-2.

Com base no texto, na leitura do romance *Memórias de um sargento de milícias* e no contexto do Romantismo brasileiro, marque a(s) proposição(ões) correta(s).

- 01** Da mesma forma que em outros romances românticos, temos em *Memórias de um sargento de milícias* a figura do herói idealizado, apresentado como um homem puro, corajoso e de princípios morais elevados.
- 02** Uma importante característica romântica, o final feliz, não se verifica em *Memórias de um sargento de milícias*, uma vez que Luisinha casa com José Manuel, e Leonardo acaba sozinho. Por outro lado, a história cumpre à risca o projeto romântico no que diz respeito à crítica que faz à falsa moral da burguesia.
- 04** O texto sugere a inconstância dos amores de Leonardo apresentada ao longo do romance: o rapaz, que antes sofria por amor a Luisinha, apaixonou-se por Vidinha logo após conhecê-la. Pouco depois, tem um relacionamento com a amante do Toma-largura. Por fim, casa-se com Luisinha.
- 08** Caso a oração reduzida de infinitivo “a de lhe sobrevir sempre uma contrariedade em casos semelhantes” (Ref. 1) fosse reescrita como uma oração desenvolvida, teríamos “a de que lhe sobrevinha sempre uma contrariedade em casos semelhantes”.
- 16** No trecho “José Manuel fora a primeira” (Ref. 2), temos um desvio na concordância nominal, porque o adjetivo *primeira* deveria estar no masculino, de forma a concordar com *José Manuel*.

Soma:

33. Unicamp-SP 2014 O excerto a seguir é o trecho final de *Memórias de um sargento de milícias*, de Manuel Antônio de Almeida.

O segredo que a Maria-Regalada dissera ao ouvido do major no dia em que fora, acompanhada por D. Maria e a comadre, pedir pelo Leonardo, foi a promessa de que, se fosse servida, cumpriria o gosto do major.

Está pois explicada a benevolência deste para com o Leonardo, que fora ao ponto de não só disfarçar e obter

perdão de todas as suas faltas, como de alcançar-lhe aquele rápido acesso de posto.

Fica também explicada a presença do major em casa da Maria-Regalada.

Depois disto entraram todos em conferência. O major desta vez achou o pedido muito justo, em consequência do fim que se tinha em vista. Com a sua influência tudo alcançou; e em uma semana entregou ao Leonardo dois papéis: – um era a sua baixa de tropa de linha; outro, sua nomeação de Sargento de Milícias.

Além disto recebeu o Leonardo ao mesmo tempo carta de seu pai, na qual o chamava para fazer-lhe entrega do que lhe deixara seu padrinho, que se achava religiosamente intacto.

Passado o tempo indispensável do luto, o Leonardo, em uniforme de Sargento de Milícias, recebeu-se na Sé com Luizinha, assistindo à cerimônia a família em peso.

Manuel Antônio de Almeida, *Memórias de um Sargento de Milícias*. Cotia: Ateliê Ed., 2000.

- a) Que diferença significativa pode ser estabelecida entre a condição inicial do herói do romance e sua condição final, reproduzida no trecho anterior?
- b) Essa condição foi alcançada por mérito de Leonardo? Justifique.

- 34. Fuvest-SP 2015** A uma religiosidade de superfície, menos atenta ao sentido íntimo das cerimônias do que ao colorido e à pompa exterior, quase carnal em seu apego ao concreto [...]; transigente e, por isso mesmo, pronta a acordos, ninguém pediria, certamente, que se elevasse a produzir qualquer moral social poderosa. Religiosidade que se perdia e se confundia num mundo sem forma e que, por isso mesmo, não tinha forças para lhe impor sua ordem.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. (Adaptado).

Tendo em vista essas reflexões de Sérgio Buarque de Holanda a respeito do sentido da religião na formação do Brasil, responda ao que se pede.

Essas reflexões se aplicam à sociedade representada nas **Memórias de um sargento de milícias**, de Manuel Antônio de Almeida? Justifique resumidamente.

- 35. ITA-SP 2017** O livro *Memórias de um sargento de milícias*, de Manuel Antônio de Almeida, mostra como, no Brasil, os agentes do poder costumam, por vezes, confundir as esferas do público e do privado. Como afirma o narrador, no capítulo XLV: “Já naquele tempo (e dizem que é defeito nosso) o empenho, o compadresco, eram uma mola de todo o movimento social”. No enredo, isso é ilustrado pelo comportamento de Vidigal, que
- a) teve, na infância, uma educação familiar muito permissiva, que lhe afrouxou o caráter.
 - b) sempre foi, desde menino, resistente aos valores éticos ensinados pela escola e pela Igreja.
 - c) teve expostas suas desventuras amorosas, sendo, muitas vezes, objeto da chacota coletiva.
 - d) optou, por interesse, pela carreira de meirinho, respeitada e promissora na época.
 - e) revelou ter um caráter não tão rígido ao ceder aos apelos de sua amante.

36. FICSAE-SP 2016

Era no tempo do rei.

Uma das quatro esquinas que formam as ruas do Ourador e da Quitanda, cortando-se mutuamente, chamava-se nesse tempo – O Canto dos Meirinhos –; e bem lhe assentava o nome, porque era aí o lugar de encontro favorito de todos os indivíduos dessa classe (que gozava então de não pequena consideração). Os meirinhos de hoje não são mais do que a sombra caricata dos meirinhos do tempo do rei: esses eram gente temível e temida, respeitável e respeitada; formavam um dos extremos da formidável cadeia judiciária que envolvia todo o Rio de Janeiro no tempo em que a demanda era entre nós e um elemento da vida: o extremo oposto eram os desembargadores [...].

O trecho apresentado inicia o romance *Memórias de um Sargento de Milícias*, escrito em forma de folhetim entre 1852 e 1853 por Manoel Antônio de Almeida. Deste romance como um todo, é correto afirmar que

- a) reveste-se de comicidade, na linha do pitoresco, e desenvolve sátira saborosa aos costumes da época, que atinge todas as camadas sociais, em particular os políticos e os poderosos.
- b) apresenta personagem feminina, Luisinha, cuja descrição fere a caracterização sempre idealizada do perfil de mulher dentro da estética romântica.
- c) caracteriza um romance histórico que pretende narrar fatos de tonalidade épica e heroica da vida brasileira, ambientados no tempo do rei e vividos por seus principais protagonistas.
- d) configura personagens populares que, pela primeira vez, aparecem no romance brasileiro e que se tornam responsáveis pelo desprestígio da literatura brasileira junto ao público-leitor da época.

- 37. FICSAE-SP 2016** Considerando as situações amorosas que se mostram no romance *Memórias de um Sargento de Milícias*, de Manuel Antônio de Almeida, é correto afirmar que

- a) há um relacionamento amoroso desinteressado entre José Manoel e Luisinha que se efetiva por um casamento feliz e duradouro.
- b) cresce uma paixão entre Vidinha e Leonardo que resulta em união estável, consumada em casamento aprovado por todos, mesmo tendo o herói tomado gosto pela vida de vadio.
- c) renasce em Luisinha o sentimento adormecido que nutria por Leonardo e, após a decepção da primeira união conjugal, casa-se com ele em bodas festivas e amparadas em herança recebida e na promoção às fileiras das Milícias no posto de sargento.
- d) resulta do casamento feliz de Leonardo-Pataca com Maria das Hortaliças, o nascimento de um menino, fruto de uma pisadela e de um beliscão e que será a felicidade de todos porque nunca será malsinado.

- 38. FGV-RJ 2016** Leia o texto a seguir para responder à questão.

Sua história tem pouca coisa de notável. Fora Leonardo albigibebe em Lisboa, sua pátria; aborrecera-se, porém, do negócio, e viera ao Brasil. Aqui chegando, não se sabe por proteção de quem, alcançou o emprego de que o vemos empossado, e que exercia, como dissemos, desde tempos remotos. Mas viera com ele no mesmo navio, não sei fazer o quê, uma certa Maria da hortaliça, quitandeira das praças de Lisboa, saloia rechonchuda e bonitota. O Leonardo, fazendo-se-lhe justiça, não era nesse tempo de sua mocidade mal-apeçoado, e sobretudo era maganão. Ao sair do Tejo, estando a Maria encostada à borda do navio, o Leonardo fingiu que passava distraído por junto dela, e com o ferrado sapatão assentou-lhe uma valente pisadela no pé direito. A Maria, como se já esperasse por aquilo, sorriu-se como envergonhada do gracejo, e deu-lhe também em ar de disfarce um tremendo beliscão nas costas da mão esquerda. Era isto uma declaração em forma, segundo os usos da terra: levaram o resto do dia de namoro cerrado; ao anoitecer passou-se a mesma cena de pisadela e beliscão, com a diferença de serem desta vez um pouco mais fortes; e no dia seguinte estavam os dois amantes tão extremosos e familiares, que pareciam sê-lo de muitos anos.

Manuel Antônio de Almeida, *Memórias de um Sargento de Milícias*.

Embora de fato pertençam ao Romantismo, as *Memórias de um sargento de milícias* não apresentam as características mais típicas e notórias desse movimento. No entanto, analisando-se o trecho aqui reproduzido, verifica-se que nele se apresenta claramente o seguinte traço do Romantismo:

- a) preferência pela narração de aventuras fabulosas e extraordinárias.
- b) tendência a emitir juízos morais sobre as condutas das personagens.
- c) livre expressão de conteúdos eróticos incomuns e chocantes.
- d) tematização franca e aberta da vida popular e cotidiana.
- e) busca do raro e do exótico, como meio de fuga da realidade burguesa.

- 39. UFPR 2017** A respeito da obra teatral *Os dois ou o inglês maquinista*, de Martins Pena, é correto afirmar:

- a) Por ser um texto teatral, do qual a figura do narrador é ausente, não há espaço na sua estrutura formal para descrição de ambientes ou de personagens.
- b) As ações das personagens são mostradas ou relatadas na peça, mas seus pensamentos não, de modo que o leitor ou o espectador ignora quais terão sido suas emoções e reflexões.
- c) As inovações técnicas apresentadas pelo inglês são bem recebidas pelos personagens brasileiros, que não emitem sinais de desconfiança, por admiração ao estrangeiro.

- d) Por tratar de um tema tecnológico, a peça não conta com personagens femininas, já que as mulheres estavam desinteressadas do universo produtivo no século XIX.
- e) A ação se passa num momento em que o tráfico de escravos já não era permitido, mas ainda assim sua venda ilegal é praticada e discutida na peça.

40. UFSC 2015

ESCRIVÃO, lendo – ⁴“O abaixo-assinado vem dar os parabéns a V. Sa. por ter entrado com saúde no novo ano financeiro. Eu, ¹Ilmo. Sr. Juiz de Paz, sou senhor de um sítio que está na beira do rio, ⁵aonde dá muito boas bananas e laranjas, e ⁶como vem de encaixe, peço a ²V. Sa. o favor de aceitar um cestinho das ⁷mesmas que eu mandarei hoje à tarde. Mas, como ia dizendo, o dito sítio foi comprado com o dinheiro que minha mulher ganhou nas costuras e outras coisas mais; e, vai senão quando, um meu vizinho, homem da raça do Judas, diz que metade do sítio é dele. E então, que lhe parece, Sr. Juiz, não é desaforo? Mas, como ia dizendo, peço a V. Sa. para vir assistir à marcação do sítio. Manuel André. Espera receber ³mercê.”

JUIZ – Não posso deferir por estar muito atravancado com um roçado; portanto, requeira ao suplente, que é o meu compadre Pantaleão.

MANUEL ANDRÉ – Mas, Sr. Juiz, ele também está ocupado com uma plantação.

JUIZ – Você replica? Olhe que o mando para a cadeia.

MANUEL ANDRÉ – ⁸Vossa Senhoria não pode prender-me à toa: a Constituição não manda.

JUIZ – A Constituição!... Está bem!... Eu, o Juiz de Paz, hei por bem derrogar a Constituição! Sr. Escrivão, tome termo que a Constituição está derogada, e mande-me prender este homem.

MANUEL ANDRÉ – Isto é uma injustiça!

JUIZ – Ainda fala? Suspendo-lhe as garantias...

MANUEL ANDRÉ – É desaforo...

JUIZ, levantando-se – Brejeiro!... (Manuel André corre; o Juiz vai atrás.) Pega... Pega... Lá se foi... Que o leve o diabo. (Assenta-se.) Vamos às outras partes.

PENA, Martins. Trecho da Cena XI. *O Juiz de Paz na roça*.

Disponível em: <<http://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?action=download&id=28988>> Acesso em: 24 nov. 2017.

Com base na variedade padrão escrita da língua portuguesa, na leitura do texto, na peça *O Juiz de Paz na roça*, de Martins Pena, encenada pela primeira vez em 1838, e no contexto de produção desta obra, é **correto** afirmar que:

- 01** embora o diálogo reproduzido no excerto ocorra entre um homem simples da comunidade (Manuel André) e um magistrado, nota-se que o homem conhece os pronomes de tratamento adequados para um juiz. É o que comprovam os trechos onde Manuel André emprega “Ilmo. Sr.” (ref. 1), “V. Sa.” (ref. 2) e “mercê” (ref. 3).
- 02** o trecho reproduzido entre aspas (ref. 4) inscreve-se no gênero abaixo-assinado, um documento coletivo que visa expressar os interesses de um grupo ou comunidade que o subscreve. Neste caso, trata-se de parabenizar o magistrado, agraciá-lo com frutas e pedir sua intervenção na contenda que se passa entre dois vizinhos.

- 04** a peça *O Juiz de Paz na roça* expõe a situação dos escravos no Brasil da primeira metade do século XIX: faz menção ao mercado da Rua do Valongo, ao contrabando e à falta de mão de obra no campo após a proibição do tráfico. Também menciona a relação servil, a jornada extenuante e a má alimentação que recebiam.
- 08** em *O Juiz de Paz na roça*, Manuel André luta para reaver na justa parte do sítio de sua esposa, invadido por um membro da família Judas. Manuel André se mostra indignado com a situação, pois sua esposa comprou o imóvel com o que recebia pelo seu trabalho como costureira.
- 16** os termos “aonde” (ref. 5), “como vem de encaixe” (ref. 6) e “mesmas” (ref. 7) podem ser substituídos, sem que lhes seja modificado o sentido, por “onde”, “aproveitando a oportunidade” e “frutas”, respectivamente.
- 32** em “Vossa Senhoria não pode prender-me à toa: a Constituição não manda.” (ref. 8), há uma relação de adversidade entre as orações que estão separadas pelos dois-pontos, que poderiam ser substituídos por “todavia”.

Soma:

Texto complementar

Na tradição literária espanhola, pícaro é uma personagem que vive de espertezas, procurando obter lucros e vantagens; é uma espécie de anti-herói que narra a própria história. Além disso, tem sua postura definida pelo choque brutal com a realidade que o leva à dissimulação, ou seja, é originalmente ingênuo e está sempre na condição servil. Transpondo tais características para a tradição popular brasileira, podemos dizer que, na nossa literatura, Leonardinho foi o primeiro malandro – o que é evidente desde seu nascimento. A sua história é narrada em terceira pessoa e fica longe da condição servil.

O crítico Antonio Candido, em seu notável ensaio “Dialética da malandragem”, aborda a obra de Manuel Antônio de Almeida e mapeia diferenças e semelhanças entre ela e os romances de tradição picaresca.

[...]

Em geral, o próprio pícaro narra as suas aventuras, o que fecha a visão da realidade em torno do seu ângulo restrito; e esta voz na primeira pessoa é um dos encantos para o leitor, transmitindo uma falsa candura que o autor cria habilmente e já é recurso psicológico de caracterização. Ora, o livro de Manuel Antônio é contado na terceira pessoa por um narrador (ângulo primário) que não se identifica e varia com desenvoltura o ângulo secundário –, trazendo-o de Leonardo Pai a Leonardo Filho, deste ao Compadre ou à Comadre, depois à Cigana e assim por diante, de maneira a estabelecer uma visão dinâmica da matéria narrada. Sob este aspecto o herói é um personagem como os outros, apesar de preferencial; e não o instituidor ou a ocasião para instituir o mundo fictício, como o Lazarillo, Estebanillo, Guzman de Alfarache, a Pícaro Justina ou Gil Braz de Santilhana.

Em compensação, Leonardo Filho tem com os narradores picarescos algumas afinidades: como eles, é de origem humilde e, como alguns deles, irregular, “filho de uma pisadela e um beliscão”. Ainda como eles é largado no mundo, mas não abandonado, como foram o Lazarillo ou o Buscón, de Quevedo; pelo contrário, mal os pais o deixam o destino lhe dá um pai muito melhor na pessoa do Compadre, o bom barbeiro que toma conta dele para o resto da vida e o abriga da adversidade material. Tanto assim que lhe falta um traço básico do pícaro: o choque áspero com a realidade, que leva à mentira, à dissimulação, ao roubo, e constitui a maior desculpa das “picardias”. Na origem o pícaro é ingênuo; a brutalidade da vida é que aos poucos o vai tornando esperto e sem escrúpulos, quase como defesa; mas Leonardo, bem abrigado pelo Padrinho, nasce malandro feito, como se se tratasse de uma qualidade essencial, não um atributo adquirido por força das circunstâncias.

Mais ainda: a humildade da origem e o desamparo da sorte se traduzem necessariamente, para o protagonista dos romances espanhóis e os que os seguíam de perto, na condição servil. Em algum momento da sua carreira ele é criado, de tal modo que já se supôs erradamente que a sua designação proviesse daí –, o termo “pícaro” significando um tipo inferior de servo, sobretudo ajudante de cozinha, sujo e esfarrapado. E é do fato de ser criado que decorre um princípio importante na estruturação do romance, pois passando de amo a amo o pícaro vai-se movendo, mudando de ambiente, variando a experiência e vendo a sociedade no conjunto. Mas o nosso Leonardo fica tão longe da condição servil, que o Padrinho se ofende quando a Madrinha sugere que lhe mande ensinar um ofício manual; o excelente homem quer vê-lo padre ou formado em direito, e neste sentido procura encaminhá-lo, livrando-o de qualquer necessidade de ganhar a vida. Por isso, nunca aparece seriamente o problema da subsistência, mesmo quando Leonardo passa de raspão e quase como jogo pelo serviço das cozinhas reais, o que o aproximaria vagamente da condição de pícaro no sentido acima referido.

Semelhante a vários pícaros, ele é amável e risonho, espontâneo nos atos e estreitamente aderente aos fatos, que o vão rolando pela vida. Isto o submete, como a eles, a uma espécie de causalidade externa, de motivação que vem das circunstâncias e torna o personagem um títere, esvaziado de lastro psicológico e caracterizado apenas pelos solavancos do enredo. O sentimento de um destino que motiva a conduta é vivo nas Memórias, onde a Comadre se refere à sina que acompanha o afilhado, acumulando contratempos e desmanchando a cada instante as combinações favoráveis.

Como os pícaros, ele vive um pouco ao sabor da sorte, sem plano nem reflexão; mas ao contrário deles nada aprende com a experiência. De fato, um elemento importante da picaresca é essa espécie de aprendizagem que amadurece e faz o protagonista recapitular a vida à luz de uma filosofia desencantada. Mais coerente com a vocação de fantoche, Leonardo nada conclui, nada aprende; e o fato de ser o livro narrado na terceira pessoa facilita esta inconsciência, pois cabe ao narrador fazer as poucas reflexões morais, no geral levemente cínicas e em todo o caso otimistas, ao contrário do que ocorre com o sarcasmo ácido e o relativo pessimismo dos romances picarescos. O malandro espanhol termina sempre, ou numa resignada mediocridade, aceita como abrigo depois de tanta agitação, ou mais miserável do que nunca, no universo do desengano e da desilusão, que marca fortemente a literatura espanhola do Século de Ouro.

Curtido pela vida, acuado e batido, ele não tem sentimentos, mas apenas reflexos de ataque e defesa. Traindo os amigos, enganando os patrões, não tem linha de conduta, não ama e, se vier a casar, casará por interesse, disposto inclusive às acomodações mais foscas, como o pobre Lazarillo. O nosso Leonardo, embora desprovido de paixão, tem sentimentos mais sinceros neste terreno, e em parte o livro é a história do seu amor cheio de obstáculos pela sonsa Luisinha, com quem termina casado, depois de promovido, reformado e dono de cinco heranças que lhe vieram cair nas mãos sem que movesse uma palha. Não sendo nenhum modelo de virtude, é leal e chega a comprometer-se seriamente para não lesar o malandro Teotônio. Um antipícaro, portanto, nestas e outras circunstâncias, como a de não procurar e não agradar os “superiores”, que constituem a meta suprema do malandro espanhol.

Se o protagonista for assim, é de esperar que o livro, tomado no conjunto, apresente a mesma oscilação de algumas analogias e muitas diferenças em relação aos romances picarescos. [...]

CANDIDO, Antonio. *O discurso e a cidade*. São Paulo: Duas Cidades, 1993. p. 21-4.

A prosa multifacetada de José de Alencar

José de Alencar, além de ser o nome central da prosa do Romantismo, é figura importante para a consolidação da Literatura brasileira. Uma de suas metas era fundar a tradição literária do Brasil, e empenhou-se na criação de imagens e símbolos permanentes no imaginário nacional.

Alencar traçou um retrato completo do país, tanto temporalmente como espacialmente. Sua produção literária encontra-se dividida nas seguintes fases:

- **Primitiva:** relacionada às tradições, às lendas e aos mitos indígenas. Exemplo: *Iracema*.
- **Histórica:** relativa à valorização do solo nativo e ao período de invasão da terra americana pelo europeu. Exemplo: *O guarani*.
- **Pós-independência política:** correspondente à infância de nossa literatura. Exemplos: *Senhora* e *Til*.

Tendo sido o escritor mais profícuo de sua época, podemos destacar os seguintes aspectos e características de sua obra e de seu perfil literário:

- O indianismo:
 - heróis inigualáveis: nobres e dominadores da natureza;
 - contraposição aos valores da sociedade burguesa;
 - influência dos romances franceses;
 - idealização do indígena;
 - formação de um passado mítico.
- As personagens femininas:
 - destaque para os romances *Senhora* e *Lucíola*;
 - profundidade psicológica e complexidade humana;
 - dado econômico como obstáculo constante;
 - lado social das imposições da sociedade burguesa.
- O romancista múltiplo:
 - grande variedade de produções;
 - oposição bem X mal em alguns romances e a complexidade dessa mistura em outros;
 - modos de composição diferentes;
 - profundo domínio na condução do enredo;
 - retrato da vida social brasileira.

Romantismo e outras prosas

No Brasil, os romances do século XIX retratam o modo de vida desse momento histórico, sendo considerados registros do período. Dessa forma, no romance social, no urbano e no regionalista, há trechos em que os autores parecem pintar um quadro da época.

Autores românticos de destaque

Joaquim Manuel de Macedo

- Escreveu obras que fizeram sucesso entre o público da época e que retratavam a vida urbana do Rio de Janeiro.
- A verossimilhança estava presente nessas obras: eram histórias reais, com personagens do dia a dia.
- Os pontos altos dos romances eram os sentimentos e as aventuras.
- Seu estilo era simples, e sua linguagem, coloquial.
- Em suas obras, não havia críticas sociais mais evidentes.
- Retratou a escravidão em uma de suas obras, abordando

o tema da abolição, porém sob o ponto de vista dos senhores.

Visconde de Taunay

- Foi um dos principais representantes do regionalismo romântico.
- Sua escrita era refinada e sofisticada.
- Suas obras evidenciavam a visão de um homem culto e sensível sobre o sertão exuberante e inexplorado do Brasil.
- Escreveu romances mais sóbrios (menos emotivos e exaltados que José de Alencar), um registro consciente dos problemas econômicos e sociais do sertão.
- Os principais movimentos de algumas narrativas são a experiência da viagem, o sertão, a guerra e, sobretudo, o amor às indígenas e sertanejas. Em algumas obras, ele também representou a vida urbana e a sociedade burguesa.

Bernardo Guimarães

- Como escritor, publicou o primeiro romance regionalista brasileiro, *O Ermitão de Muquém*, em 1868.
- Sua obra de maior destaque é *A escrava Isaura* (1875), na qual desenvolveu o tema da escravidão.
- Ainda que tematize a escravidão, ao ler *A escrava Isaura*, o leitor deve considerar que a temática central é o amor.

O teatro romântico

- Ainda que em menor escala que o relativo à poesia e ao romance, o desejo romântico de forjar e caracterizar uma arte literária autônoma incluiu o decisivo influxo para a criação do teatro brasileiro.
- O pioneirismo coube a Gonçalves de Magalhães, que, em 1838, viu subir à cena sua peça *Antônio José, ou o Poeta e a Inquisição*.
- As comédias de costumes de Martins Pena fundaram, definitivamente, e deram vigor ao teatro brasileiro.
- As peças de Martins Pena, como *O noviço* e *O juiz de paz na roça*, ainda hoje são bastante amadas e encenadas.

Manuel Antônio de Almeida

- Escreveu um único romance: *Memórias de um sargento de milícias*.
- Sua obra é uma observação da vida comum de um grupo popular da sociedade e de suas relações, em um momento específico da história.
- Utiliza linguagem simples e direta e traz um olhar atento e desencantado, tendo desenvolvido seu romance com frieza, imparcialidade, cinismo e ironia.
- As personagens são mais importantes como tipos sociais do que como personalidades.
- A narrativa tem movimento constante: trata-se de um conjunto de cenas e acontecimentos que revelam os costumes da época.

Quer saber mais?



Vídeos

O guarani.

O vídeo traz a bela ópera de Antônio Carlos Gomes, inspirada no romance homônimo de José de Alencar. Disponível em: <http://p.p4ed.com/PEXGH>. Acesso em: 14 set. 2021.

Vida e obra de José de Alencar.

Nestes vídeos educativos, há a análise da vida e obra do autor.

Parte 1 disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=y8qbVtcaE6M>. Acesso em: 15 set. 2021.

Parte 2 disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ObMPPtkgwRw&feature=emb_rel_err. Acesso em: 15 set. 2021.



Livro

ALENCAR, José de. *O demônio familiar*. São Paulo: Martin Claret, 2013.

A obra de 1858 é uma peça na qual o autor expõe o debate em torno do tempo da escravidão em meados do século XIX.



Filme

A moreninha (1970), de Glauco Mirko Laurelli.

O musical é um filme brasileiro baseado no romance homônimo de Joaquim Manuel de Macedo. *A moreninha* conta a história de dois amantes que começam a se gostar durante a infância, e a vida acaba os separando. No futuro, eles tentam se reencontrar e resgatar esse amor verdadeiro.

Exercícios complementares

1. **IFCE 2014** O trecho que você irá ler foi extraído da obra *O Guarani*, de autoria de José de Alencar. Leia atentamente o trecho do capítulo X – AO ALVORECER e, baseado no texto, responda à questão.

– Tu, senhora, zangada com Peri! Por quê?

– Porque Peri é mau e ingrato; em vez de ficar perto de sua senhora, vai caçar em risco de morrer! Disse a moça ressentida.

5 – Ceci desejou ver uma onça viva!

– Então não posso gracejar? Basta que eu deseje uma coisa para que tu corras atrás dela como um louco?

– Quando Ceci acha bonita uma flor, Peri não vai buscar? Perguntou o índio.

10 – Vai, sim.

– Quando Ceci ouviu cantar o sofrê, Peri não o vai procurar?

– Que tem isso?

– Pois Ceci desejou ver uma onça, Peri a foi buscar.

15 Cecília não pôde reprimir um sorriso ouvindo esse silogismo rude, a que a linguagem singela e concisa do índio dava uma certa poesia e originalidade.

Mas estava resolvida a conservar a sua severidade e ralar com Peri por causa do susto que lhe havia feito na véspera.

20 – Isto não é razão, continuou ela; porventura um animal feroz é a mesma coisa que um pássaro, e apanha-se como uma flor?

– Tudo é o mesmo, desde que te causa prazer, senhora.

25 – Mas então, exclamou a menina com um assomo de impaciência, se eu te pedisse aquela nuvem?...

E apontou para os brancos vapores que passavam ainda envolvidos nas sombras pálidas da noite.

– Peri ia buscar.

30 – A nuvem? Perguntou a moça admirada.

– Sim, a nuvem.

Cecília pensou que o índio tinha perdido a cabeça; ele continuou:

– Somente como a nuvem não é da terra e o homem

35 não pode tocá-la, Peri morria e ia pedir ao Senhor do céu a nuvem para dar a Ceci.

Estas palavras foram ditas com a simplicidade com que fala o coração. A menina, que um momento duvidara da razão de Peri, compreendeu toda a sublime abnegação, toda a delicadeza de sentimento dessa alma inculta.

A sua fingida severidade não pôde mais resistir; deixou pairar nos seus lábios um sorriso divino.

ALENCAR, José de. *O Guarani*.

Sobre o excerto da obra lida, é correto dizer-se que

- a) a relação entre o índio Peri e a fidalga Cecília: trata-se de um amor erótico e lascivo com requintes de Naturalismo.
- b) Peri nutre por Cecília um amor incondicional, capaz dos maiores desafios, podendo, inclusive, pagar com sua própria vida para satisfazer os caprichos da jovem.
- c) a figura de Peri apresenta o índio como herói de sentimentos puros e nobres, assim como o índio Macunaíma, na obra homônima de Mário de Andrade, no Modernismo.
- d) predomina no trecho o discurso indireto, em que o narrador interfere nas falas das personagens, reescrevendo-as a seu modo.
- e) nas linhas 37 a 40, percebemos que Cecília mantém até o fim da narrativa a severidade com Peri, não deixando indícios de que a moça possa nutrir por ele qualquer sentimento de admiração.

2. **Unicamp-SP 2015** Um elemento importante nos anos de 1820 e 1830 foi o desejo de autonomia literária, tornado mais vivo depois da Independência. [...] O Romantismo apareceu aos poucos como caminho favorável à expressão própria da nação recém-fundada, pois fornecia concepções e modelos que permitiam afirmar o particularismo, e portanto a identidade, em oposição à Metrópole [...].

(Antonio Candido, *O Romantismo no Brasil*. São Paulo: Humanitas, 2004, p. 19.)

Tendo em vista o movimento literário mencionado no trecho acima, e seu alcance na história do período, é correto afirmar que

- a) o nacionalismo foi impulsionado na literatura com a vinda da família real, em 1808, quando houve a introdução da imprensa no Rio de Janeiro e os primeiros livros circularam no país.
- b) o indianismo ocupou um lugar de destaque na afirmação das identidades locais, expressando um viés decadentista e cético quanto à civilização nos trópicos.
- c) os autores românticos foram importantes no período por produzirem uma literatura que expressava aspectos da natureza, da história e das sociedades locais.
- d) a população nativa foi considerada a mais original dentro do Romantismo e, graças à atuação dos literatos, os indígenas passaram a ter direitos políticos que eram vetados aos negros.

3. Unifesp 2017 Caracterizou-o sempre um sincero amor pelas coisas de sua terra, pela sua gente, e se existe obra que possa ser chamada de brasileira, é a dele. Se seus assuntos eram o homem e a terra do Brasil, apanhados no Norte, no Sul, no Centro, a forma por que os explorava era também brasileira, pela sintaxe que empregava e pelos modismos que introduzia. O Brasil do campo e o das cidades está presente em sua obra, assim como o homem da sociedade, o homem da rua e o trabalhador rural. Abarcou os aspectos mais variados da nossa sensibilidade e da nossa formação, constituindo sua obra um painel a que nada falta, inclusive o índio, que nela tem participação considerável.

(José Paulo Paes e Massaud Moisés (orgs). *Pequeno dicionário de literatura brasileira*, 1980. Adaptado.)

Tal comentário refere-se ao escritor

- a) Machado de Assis.
- b) Manuel Antônio de Almeida.
- c) José de Alencar.
- d) Aluísio Azevedo.
- e) Guimarães Rosa.



Texto para as questões de 4 a 6.

Nasceu o dia e expirou.

Já brilha na cabana de Araquém o fogo, companheiro da noite. Correm lentas e silenciosas no azul do céu, as estrelas, filhas da lua, que esperam a volta da mãe ausente.

Martim se embala docemente; e como a alva rede que vai e vem, sua vontade oscila de um a outro pensamento. Lá o espera a virgem loura dos castos afetos; aqui lhe sorri a virgem morena dos ardentes amores.

Iracema recosta-se langue ao punho da rede; seus olhos negros e fúlgidos, ternos olhos de sabiá, buscam o estrangeiro, e lhe entram n' alma. O cristão sorri; a virgem palpita; como o saí, fascinado pela serpente, vai declinando o lascivo talhe, que se debruça enfim sobre o peito do guerreiro.

José de Alencar, *Iracema*.

4. Fuvest-SP 2017 Atente para as seguintes afirmações, extraídas e adaptadas de um estudo do crítico Augusto Meyer sobre José de Alencar:

- I. “Nesta obra, assim como nos ‘poemas americanos’ dos nossos poetas, palpita um sentimento sincero

de distância poética e exotismo, de coisa notável por estranha para nós, embora a rotulemos como nativa.”

- II. “Mais do que diante de um relato, estamos diante de um poema, cujo conteúdo se concentra a cada passo na magia do ritmo e na graça da imagem.”
- III. “O tema do bom selvagem foi, neste caso, aproveitado para um romance histórico, que reproduz o enredo típico das narrativas de capa e espada, oriundas da novela de cavalaria.”

É compatível com o trecho de *Iracema* aqui reproduzido, considerado no contexto dessa obra, o que se afirma em

- a) I, apenas.
- b) III, apenas.
- c) I e II, apenas.
- d) II e III, apenas.
- e) I, II e III.

5. Fuvest-SP 2017 No texto, corresponde a uma das convenções com que o Indianismo construía suas representações do indígena

- a) o emprego de sugestões de cunho mitológico compatíveis com o contexto.
- b) a caracterização da mulher como um ser dócil e desprovido de vontade própria.
- c) a ênfase na efemeridade da vida humana sob os trópicos.
- d) o uso de vocabulário primitivo e singelo, de extração oral-popular.
- e) a supressão de interdições morais relativas às práticas eróticas.

6. Fuvest-SP 2017 É correto afirmar que, no texto, o narrador

- a) prioriza a ordem direta da frase, como se pode verificar nos dois primeiros parágrafos do texto.
- b) usa o verbo “correr” (2º parágrafo) com a mesma acepção que se verifica na frase “Travam das armas os rápidos guerreiros, e correm ao campo” (também extraída do romance *Iracema*).
- c) recorre à adjetivação de caráter objetivo para tornar a cena mais real.
- d) emprega, a partir do segundo parágrafo, o presente do indicativo, visando dar maior vivacidade aos fatos narrados, aproximando-os do leitor.
- e) atribui, nos trechos “aqui lhe sorri” e “lhe entram n' alma”, valor possessivo ao pronome “lhe”.

7. Fuvest-SP 2017 Leia o trecho de Machado de Assis sobre *Iracema*, de José de Alencar, e responda ao que se pede.

“..... é o ciúme e o valor marcial; a austera sabedoria dos anos; Iracema o amor. No meio destes caracteres distintos e animados, a amizade é simbolizada em Entre os indígenas a amizade não era este sentimento, que à força de civilizar-se, tornou-se raro; nascia da simpatia das almas, avivava-se com o perigo, repousava na abnegação recíproca; e são os dois amigos da lenda, votados à mútua estima e ao mútuo sacrifício”.

Machado de Assis, *Crítica*.

No trecho, os espaços pontilhados serão corretamente preenchidos, respectivamente, pelos nomes das seguintes personagens de *Iracema*:

- a) Caubi, Jacaúna, Araquém, Araquém, Martim.
- b) Martim, Irapuã, Poti, Caubi, Martim.
- c) Poti, Araquém, Japi, Martim, Japi
- d) Araquém, Caubi, Irapuã, Irapuã, Poti.
- e) Irapuã, Araquém, Poti, Poti, Martim.

8. UPE 2015

Iracema

Além, muito além daquela serra, que ainda azula no horizonte, nasceu Iracema.

Iracema, a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna e mais longos que seu talhe de palmeira.

O favo da jati não era doce como seu sorriso; nem a baunilha recendia no bosque como seu hálito perfumado.

Mais rápida que a ema selvagem, a morena virgem corria o sertão e as matas do Ipu, onde campeava sua guerreira tribo, da grande nação tabajara. O pé grácil e nu, mal roçando, alisava apenas a verde pelúcia que vestia a terra com as primeiras águas.

Um dia, ao pino do sol, ela repousava em um claro da floresta. Banhava-lhe o corpo a sombra da oiticica, mais fresca do que o orvalho da noite. Os ramos da acácia silvestre esparziam flores sobre os úmidos cabelos. Escondidos na folhagem os pássaros ameigavam o canto.

Iracema saiu do banho; o aljôfar d'água ainda a roreja, como à doce mangaba que corou em manhã de chuva. Enquanto repousa, empluma das penas do gará as flechas de seu arco, e concerta com o sabiá da mata, pousado no galho próximo, o canto agreste.

A graciosa ará, sua companheira e amiga, brinca junto dela. Às vezes sobe aos ramos da árvore e de lá chama a virgem pelo nome; outras remexe o uru de palha matizada, onde traz a selvagem seus perfumes, os alvos fios do crautá, as agulhas da juçara com que tece a renda, e as tintas de que matiza o algodão.

[...]

José de Alencar

Sobre alguns aspectos relevantes da prosa de Alencar e da personagem do texto, considere as afirmativas a seguir.

- I. Iracema é colocada em um cenário que, como ela mesma, é mostrado com exuberância e vivacidade, como no trecho: “Mais rápida que a ema selvagem, a morena virgem corria o sertão e as matas do Ipu, onde campeava sua guerreira tribo, da grande nação tabajara.”
- II. Iracema é descrita a partir de um foco que põe em destaque, principalmente, sua sensualidade e erotismo, como em “Iracema saiu do banho; o aljôfar d'água ainda a roreja, como à doce mangaba que corou em manhã de chuva.”
- III. Alencar mostra Iracema sob um ponto de vista que realça a sua absoluta integração à natureza, como em “Enquanto repousa concerta com o

sabiá da mata o canto agreste” e “A graciosa ará, sua companheira e amiga, brinca junto dela.”

- IV. A prosa de Alencar, de primorosa escolha vocabular e apoiada em ampla pesquisa linguística, é também permeada de belas imagens, ritmo e sonoridade que resultam em efeitos estéticos que a aproximam do texto poético.

Estão CORRETAS, apenas:

- a) I, II e III. c) I, III e IV. e) III e IV.
- b) I, II e IV. d) II e IV.

- 9. UPF-RS 2015 Sobre o romance *Iracema*, de José de Alencar, é **incorreto** afirmar que:

- a) apresenta um narrador onisciente, em terceira pessoa.
- b) incorpora inúmeros termos indígenas, com o intuito de forjar uma língua literária nacional.
- c) simboliza o consórcio do português e do indígena na formação da nação brasileira.
- d) possui, como argumento histórico, fatos relacionados ao estado de Pernambuco, terra natal do autor.
- e) vale-se da prosa poética na representação do espaço e das personagens.

- 10. Unesp 2017 Para responder à questão, leia o segundo capítulo do romance *Iracema*, do escritor José de Alencar (1829-1877), publicado em 1865.

Além, muito além daquela serra, que ainda azula no horizonte, nasceu Iracema.

Iracema, a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna, e mais longos que seu talhe de palmeira.

O favo da jati não era doce como seu sorriso, nem a baunilha recendia no bosque como seu hálito perfumado.

Mais rápida que a ema selvagem, a morena virgem corria o sertão e as matas do Ipu, onde campeava sua guerreira tribo, da grande nação tabajara. O pé grácil e nu, mal roçando, alisava apenas a verde pelúcia que vestia a terra com as primeiras águas.

Um dia, ao pino do Sol, ela repousava em um claro da floresta. Banhava-lhe o corpo a sombra da oiticica, mais fresca do que o orvalho da noite. Os ramos da acácia silvestre esparziam flores sobre os úmidos cabelos. Escondidos na folhagem os pássaros ameigavam o canto.

Iracema saiu do banho: o aljôfar d'água ainda a roreja, como à doce mangaba que corou em manhã de chuva. Enquanto repousa, empluma das penas do gará as flechas de seu arco e concerta com o sabiá da mata, pousado no galho próximo, o canto agreste.

A graciosa ará, sua companheira e amiga, brinca junto dela. Às vezes sobe aos ramos da árvore e de lá chama a virgem pelo nome; outras, remexe o uru de palha matizada, onde traz a selvagem seus perfumes, os alvos fios do crautá, as agulhas da juçara com que tece a renda e as tintas de que matiza o algodão.

Rumor suspeito quebra a doce harmonia da sesta. Ergue a virgem os olhos, que o sol não deslumbra; sua vista perturba-se.

Diante dela e todo a contemplá-la, está um guerreiro estranho, se é guerreiro e não algum mau espírito da floresta. Tem nas faces o branco das areias que bordam o mar, nos olhos o azul triste das águas profundas. **Ignotas** armas e tecidos ignotos cobrem-lhe o corpo.

Foi rápido, como o olhar, o gesto de Iracema. A flecha embecida no arco partiu. Gotas de sangue borbulham na face do desconhecido.

De primeiro ímpeto, a mão **lesta** caiu sobre a cruz da espada; mas logo sorriu. O moço guerreiro aprendeu na religião de sua mãe, onde a mulher é símbolo de ternura e amor. Sofreu mais d'alma que da ferida.

O sentimento que ele pôs nos olhos e no rosto, não o sei eu. Porém a virgem lançou de si o arco e a **uiraçaba** e correu para o guerreiro, sentida da mágoa que causara.

A mão que rápida ferira estancou mais rápida e compassiva o sangue que gotejava. Depois Iracema **quebrou a flecha** homicida; deu a haste ao desconhecido, guardando consigo a ponta farpada.

O guerreiro falou:

— Quebras comigo a flecha da paz?

— Quem te ensinou, guerreiro branco, a linguagem de meus irmãos? Donde vieste a estas matas, que nunca viram outro guerreiro como tu?

— Venho de bem longe, filha das florestas. Venho das terras que teus irmãos já possuíram e hoje têm os meus.

— Bem-vindo seja o estrangeiro aos campos dos tabajaras, senhores das aldeias, e à cabana de Araquém, pai de Iracema.

(Iracema, 2006.)

graúna: pássaro de cor negra.

jati: pequena abelha que fabrica delicioso mel.

oiticica: árvore frondosa.

aljôfar: pérola; por extensão: gota.

rorejar: banhar.

mangaba: fruto da mangabeira.

gará: ave de cor vermelha.

ará: periquito.

uru: pequeno cesto.

crautá: bromélia.

juçara: palmeira de grandes espinhos.

ignoto: que ou o que é desconhecido.

lesto: ágil, veloz.

uiraçaba: estojo em que se guardavam e transportavam as flechas.

quebrar a flecha: maneira simbólica de se estabelecer a paz entre os indígenas.

O modo como o narrador descreve a personagem Iracema está de acordo com os preceitos da estética romântica? Justifique sua resposta, valendo-se de três expressões retiradas do texto.

11. UFSC 2018

O Brasil entre a norma culta e a norma curta

Boa parte de nossa elite letrada do século XIX desejava ardentemente viver numa sociedade branca e europeia. Tinha, portanto, de virar as costas para o país real, figurá-lo diferente do que era. Não à toa essa elite defendeu o que se costumava chamar “higienização da raça”, ou seja, a

implementação de políticas que resultassem no “embranquecimento” do país. Em matéria de língua, essa elite vivia complexas contradições. Duas realidades eram evidentes para todos: o português de cá tinha diferenças em relação ao português europeu; e aqui dentro o “nosso” português diferia do português do “vulgo”. Na construção do novo país, como resolver esse duplo eixo de diferenças? Quando se acirrou, no século XIX, a questão da norma culta, nossas diferenças foram logo interpretadas como deturpações da língua. Não adiantou José de Alencar, no seu esforço para abrigar a norma escrita, apelar para os clássicos, a fim de mostrar a antiguidade de fatos da língua do Brasil. O que prevaleceu foi a imagem de que somos uma sociedade que fala e escreve mal a língua portuguesa. E tudo o que – no português culto brasileiro – não coincidia com certa norma lusitana passou a ser listado por gramatiqueros pseudopuristas como erro.

Nessa guerra, venceram os conservadores, definindo certa norma lusitana do romantismo como modelo para nossa escrita. Como eram claras, inevitáveis e persistentes as diferenças da norma culta brasileira em relação a esse padrão artificialmente fixado, foi preciso construir uma norma “curta”, um discurso categórico, uma contínua desqualificação do falante brasileiro.

Nem o desenvolvimento dos estudos filológicos e linguísticos, nem a rebelião literária de 1922, nem a crítica da norma curta por nossos melhores filólogos, nada disso conseguiu romper a força do imaginário construído no século XIX. Ainda se diz que os brasileiros falam errado, não sabem falar português, tratam mal sua língua e assim por diante.

Não é difícil mostrar com fatos e argumentos lógico-rationais que essas certezas não existem. Mas o imaginário resiste aos fatos, aos argumentos lógico-rationais. Fica, então, a pergunta que não quer calar: como enfrentar poderosos imaginários?

FARACO, C. A. O Brasil entre a norma culta e a norma curta. In: LAGARES, X. C.; BAGNO, M. (Org.). *Políticas da norma e conflitos linguísticos*. São Paulo: Parábola, 2011, p. 259-275. [Adaptado].

Obs.: A noção de “norma culta” equivale à noção de “variedade padrão”, termo utilizado no Edital 06/Co-perve/2017 e no Programa das Disciplinas.

Com base no texto, é correto afirmar que:

- 01** o título do texto remete ao contraste que existe, desde o século XIX até os dias atuais, entre o português europeu e o português brasileiro: àquele corresponde a norma culta, efetivamente usada em Portugal; a este, a norma curta, efetivamente usada no Brasil.
- 02** José de Alencar é representante de um ideário romântico de abrigamento que defendia uma literatura que expressasse a língua do “vulgo”, contrapondo esta língua ao padrão europeu.
- 04** os termos “norma culta” e “norma curta” remetem a realidades distintas no Brasil, respectivamente: à norma praticada de fato, que corresponde ao português culto brasileiro, e à norma artificial, um padrão categoricamente fixado, que desqualifica o falante brasileiro.
- 08** infere-se que o Brasil ainda vive duas realidades normativas conflitantes no que se refere à

língua: o português brasileiro *versus* o português europeu e o português brasileiro culto *versus* o português brasileiro popular.

- 16** infere-se que a noção de norma linguística é complexa, pois envolve um entrelaçamento de fatores diversos, além de poderosos elementos do imaginário social.
- 32** os termos “gramatiquinhos” e “pseudopuristas” designam os estudiosos que descrevem a norma culta efetivamente usada pelos brasileiros.
- 64** a escrita brasileira, no século XIX, apresentava fatos da língua diferentes daqueles encontrados em autores clássicos antigos, por isso José de Alencar a considerava uma deturpação da norma europeia.

Soma:

- 12. Uerj 2016** Sobretudo compreendam os críticos a missão dos poetas, escritores e artistas, neste período especial e ambíguo da formação de uma nacionalidade. São estes os operários incumbidos de polir o talhe e as feições da individualidade que se vai esboçando no viver do povo. O povo que chupa o caju, a manga, o cambucá e a jabuticaba pode falar com igual pronúncia e o mesmo espírito do povo que sorve o figo, a pera, o damasco e a nêspera?

ALENCAR, José de. Prefácio a *Sonhos d'ouro*, 1872. Disponível em: <www.ebooksbrasil.org>. (Adapt.).

De acordo com José de Alencar, a caracterização da identidade nacional brasileira, no século XIX, estava vinculada ao processo de:

- a) promoção da cultura letrada.
b) integração do mundo lusófono.
c) valorização da miscigenação étnica.
d) particularização da língua portuguesa.
- 13. Fatec-SP 2016** Leia o fragmento da obra *Senhora*, de José de Alencar.

Quando Seixas achava-se ainda sob o império desta nova contrariedade, apareceu na sala a Aurélia Camargo, que chegara naquele instante. Sua entrada foi como sempre um deslumbramento; todos os olhos voltaram-se para ela; pela numerosa e brilhante sociedade ali reunida passou o frêmito das fortes sensações. Parecia que o baile se ajoelhava para recebê-la com o fervor da adoração. Seixas afastou-se. Essa mulher humilhava-o. Desde a noite de sua chegada que sofrera a desagradável impressão. Refugiava-se na indiferença, esforçava-se por combater com o desdém a funesta influência, mas não o conseguia. A presença de Aurélia, sua esplêndida beleza, era uma obsessão que o oprimia. Quando, como agora, a tirava da vista fugindo-lhe, não podia arrancá-la da lembrança, nem escapar à admiração que ela causava e que o perseguia nos elogios proferidos a cada passo em torno de si. No Cassino, Seixas tivera um reduto onde abrigar-se dessa cruel fascinação.

Disponível em: <<http://tinyurl.com/ou5m65d>>. Acesso em: 2 jan. 2018. (Adapt.).

É correto afirmar que essa obra pertence ao

- a) Romantismo, pois ela critica os valores burgueses, exalta a natureza e a vida simples do campo, denunciando a corrupção e a hipocrisia na sociedade fluminense do século XX.
b) Romantismo, pois ela enaltece a fragilidade da mulher e exprime de forma contida os sentimentos das personagens, situando-as no contexto da sociedade paulista do século XX.
c) Romantismo, pois ela exalta a figura feminina, expõe, de maneira exacerbada, os sentimentos das personagens, tendo como pano de fundo os costumes da sociedade fluminense do século XIX.
d) Modernismo, pois ela idealiza a mulher e a juventude e trata da infelicidade dos amores não correspondidos, inserindo as personagens na sociedade fluminense do século XX.
e) Modernismo, pois ela se opõe ao exagero na expressão dos sentimentos e ao papel de submissão destinado às mulheres, retratando o cotidiano da sociedade paulista do século XX.

14. UFSC 2018

“Quando você se transformou...”

“Nisso?! Nessa coisa?”

“Não foi isso que...”

“Há duas maneiras de lidar com o desejo: ou você

5 apaga com o extintor, que é o que as pessoas geralmente fazem, ou você deixa o fogo se alastrar. Eu resolvi me incendiar.”

“Mas você tinha um bom emprego...”

10 “Um bom emprego? Jornalista? Em Mendoza? É tudo prostituição, meu caro, tudo, uns vendem o corpo, outros a cabeça, alguns seu tempo, é tudo putaria [...]”

SCHROEDER, Carlos Henrique. *As fantasias eletivas*. Rio de Janeiro: Record, 2014, p. 50.

Considerando o texto, o romance *As fantasias eletivas*, de Carlos Henrique Schroeder, e o romance *Lucíola*, de José de Alencar, bem como o contexto sócio-histórico e literário, é correto afirmar que:

- 01** no texto, pode-se perceber o momento da narrativa em que Ratón, retrato do homem que sofre desgraças na vida, revela-se homofóbico e preconceituoso em relação à ocupação de Sebastián Hernández.
02 a exemplo da cortesã Lúcia, protagonista do romance *Lucíola*, de José de Alencar, Copi ingressa muito jovem na prostituição com o propósito de auxiliar no sustento de sua família, que vive na cidade de Mendoza, Argentina.
04 para a travesti Copi, existe o entendimento amplo acerca da ideia de prostituição, que pode ser encarada como uma forma de troca e de favor nas relações interpessoais, não se restringindo ao âmbito sexual.
08 para a personagem Copi, as fotografias são as fantasias eletivas, antecipadas no título do livro, porque são responsáveis por imortalizar o tempo

e recortar uma realidade, a da solidão e da singularidade das coisas.

16 é possível perceber duas experiências em relação à fotografia da menina sentada sobre os trilhos do trem: a do sujeito que fotografa (Copi), que descreve suas impressões a René antes de fotografar a menina, e a do sujeito fotografado (a menina), cuja sensação de ser observada é revelada pelo narrador no final do romance.

32 os romances *As fantasias eletivas* e *Lucíola* abordam a temática da prostituição em centros urbanos e comparam dois momentos históricos: o Rio de Janeiro do século XIX e a cidade de “Bregário Camboriú” dos tempos atuais.

64 em “Há duas maneiras” (linha 4), o verbo haver tem sentido existencial, podendo ser substituído por “existe” sem ferir a norma culta da língua escrita.

Soma:

15. PUC-SP 2015 *Til* é uma obra escrita por José de Alencar e publicada em 1872, no Jornal *A República*. Recebeu o subtítulo de “Romance Brasileiro” como forma de evidenciar não só a autenticidade da autoria, como também o espírito nacionalista do autor. Indique, das alternativas a seguir, a que apresenta enunciado **correto**, de acordo com o conteúdo da obra.

- a) Estrutura-se em 4 volumes de tamanhos irregulares que se ordenam sem interrupção do fio narrativo e se desenvolvem de forma rigorosamente cronológica e sequenciada.
- b) Engendra uma história de vingança de um crime cometido no passado, por suspeita de infidelidade conjugal e cujo causador precisa ser justificado.
- c) Apresenta uma fábula de amor que envolve Berta e Miguel e cujo desfecho é a união dos dois em enlace amoroso.
- d) Classifica-se como romance romântico porque, ambientado em plena natureza, enfoca a paixão entre Luiz Galvão e Besita, com desfecho trágico e criminoso.
- e) Caracteriza personagem que carrega um segredo, móvel da trama e que, desvendado ao final da narrativa, promove a dissolução da família.

16. Enem 2015 Quem não se recorda de Aurélia Camargo, que atravessou o firmamento da corte como brilhante meteoro e apagou-se de repente no meio do deslumbramento que produzira seu fulgor? Tinha ela dezoito anos quando apareceu a primeira vez na sociedade. Não a conheciam; e logo buscaram todos com avidéz informações acerca da grande novidade do dia. Dizia-se muita coisa que não repetirei agora, pois a seu tempo saberemos a verdade, sem os comentários malévolos de que usam vesti-la os noveleiros. Aurélia era órfã; tinha em sua companhia uma velha parenta, viúva, D. Firmina Mascarenhas, que sempre a acompanhava na sociedade. Mas essa parenta não passava de mãe de encomenda, para

condescender com os escrúpulos da sociedade brasileira, que naquele tempo não tinha admitido ainda certa emancipação feminina. Guardando com a viúva as deferências devidas à idade, a moça não declinava um instante do firme propósito de governar sua casa e dirigir suas ações como entendesse. Constava também que Aurélia tinha um tutor; mas essa entidade era desconhecida, a julgar pelo caráter da pupila, não devia exercer maior influência em sua vontade, do que a velha parenta.

ALENCAR, J. *Senhora*. São Paulo: Ática, 2006.

O romance *Senhora*, de José de Alencar, foi publicado em 1875. No fragmento transcrito, a presença de D. Firmina Mascarenhas como “parenta” de Aurélia Camargo assimila práticas e convenções sociais inseridas no contexto do Romantismo, pois

- a) o trabalho ficcional do narrador desvaloriza a mulher ao retratar a condição feminina na sociedade brasileira da época.
- b) o trabalho ficcional do narrador mascara os hábitos sociais no enredo de seu romance.
- c) as características da sociedade em que Aurélia vivia são remodeladas na imaginação do narrador romântico.
- d) o narrador evidencia o cerceamento sexista à autoridade da mulher, financeiramente independente.
- e) o narrador incorporou em sua ficção hábitos muito avançados para a sociedade daquele período histórico.

17. Unisc-RS 2015 Considere as afirmativas a seguir, a respeito de José de Alencar.

- I. Seu romance *O Guarani* é uma das obras mais importantes do indianismo brasileiro.
- II. A obra *Lucíola* inaugurou o Realismo no Brasil.
- III. *O sertanejo* é uma das obras do autor a tratar da temática regionalista.
- IV. Em *Escrava Isaura*, José de Alencar antecipa, na literatura, a discussão promovida pelo movimento abolicionista.

Assinale a alternativa correta.

- a) Somente as afirmativas I e II estão corretas.
- b) Somente as afirmativas I e IV estão corretas.
- c) Somente as afirmativas II e III estão corretas.
- d) Somente as afirmativas I e III estão corretas.
- e) Somente as afirmativas II e IV estão corretas.

18. UFSC 2018 A lua vinha assomando pelo cimo das montanhas fronteiras; descobri nessa ocasião, a alguns passos de mim, uma linda moça, que parara um instante para contemplar no horizonte as nuvens brancas e esgarçadas sobre o céu azul e estrelado. Admirei-lhe do primeiro olhar um talhe esbelto e de suprema elegância. O vestido que o moldava era cinzento com orlas de veludo castanho, e dava esquisito realce a um desses rostos suaves, puros e diáfanos que parecem vão desfazer-se ao menor sopro, como os tênues vapores da alvorada. Ressumbrava na sua muda contemplação doce melancolia, e não sei que laivos de tão ingênua

castidade, que o meu olhar repousou calmo e sereno na mimosa aparição.

ALENCAR, José de. *Lucíola*. 4. ed. São Paulo: FTD, 1997, p. 14-15.

Com base na leitura e interpretação do texto, na leitura integral do romance *Lucíola*, de José de Alencar, publicado pela primeira vez em 1862, bem como no contexto sócio-histórico e literário, é correto afirmar que:

- 01 pode-se perceber a idealização do par romântico do século XIX que se materializa com o casamento burguês: a jovem graciosa, meiga, contida e angelical, atributos da personagem Lúcia, e o rapaz belo, corajoso, forte e robusto, qualidades do personagem Paulo.
- 02 no texto, a natureza e a beleza da mulher brasileira são exaltadas para registrar a permanência dos valores primordiais da literatura romântica, e a identidade nacional é valorizada em relação à estrangeira – a europeia.
- 04 em “sobre o céu azul e estrelado” (linha 5), “um talhe esbelto e de suprema elegância” (linhas 6-7), “um desses rostos suaves, puros e diáfanos” (linhas 8-9), a conjunção “e” relaciona termos que exercem a mesma função sintática na oração.
- 08 o narrador do romance esboça em Lúcia um perfil de mulher burguesa da segunda metade do século XIX: diverte-se em bailes e festas, frequenta teatros, toca piano, lê romances de autores franceses e faz compras na Rua do Ouvidor.
- 16 o texto retrata, com foco narrativo em primeira pessoa, uma personagem diante de um cenário externo; trata-se de uma descrição em linguagem puramente denotativa, objetiva, dinâmica, isenta de opiniões.
- 32 o texto é rico em descrição, mesclando sensações e percepções, como se percebe em “céu azul e estrelado” (linha 5), “muda contemplação” (linha 11), e “doce melancolia” (linha 12).
- 64 a imagem de Maria da Glória apresentada no texto é mantida ao longo do romance, mesmo que ela tenha tido a oportunidade de se redimir de suas ações diante do jovem pernambucano.

Soma:

19. Uneb-BA 2014 (Adapt.)

I.

Chegou no verão, em janeiro, quando soube que Geraldo cancelara o contrato de locação da casa, nos Barris. Primeiro, e logo que se deu a Geraldo como uma escrava, foi o Jardim da Piedade com a casa tão perto da igreja que acordava com o sino batendo forte todas as manhãs. O Campo Grande, a seguir, lugar de grandes árvores e muitos pássaros. Depois, o prédio magro de três andares na ruazinha da ladeira, no Rio Vermelho, onde permaneceria os últimos quinze anos ao lado do mar e de Geraldo. E dali, após vender os móveis para apurar um pouco mais de dinheiro, dali saiu enxotada para o Bângala.

FILHO, Adonias. *O Largo da Palma*. Novelas. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981. p. 29.

II.

No momento de ajoelhar aos pés do celebrante, e de pronunciar o voto perpétuo que a ligava ao destino do homem por ela escolhido, Aurélia, com o decoro que revestia seus menores gestos e movimentos, curvara a frente, envolvendo-se pudicamente nas sombras diáfanas dos cândidos véus de noiva.

Malgrado seu, porém, o contentamento que lhe enchia o coração e estava a borbotar nos olhos cintilantes e nos lábios aljofrados de sorrisos, erigia-lhe aquela fronte gentil, cingida nesse instante por uma auréola de júbilo.

No altivo realce da cabeça e no enlevo das feições cuja formosura se toucava de lumes esplêndidos, estava-se debuxando a soberba expressão do triunfo, que exalta a mulher quando consegue a realidade de um desejo férvido e longamente ansiado.

ALENCAR, José de. *Senhora: perfil de mulher*. 2. ed. São Paulo: FTD, 1993. p. 73.

O texto II faz parte do romance *Senhora*, de José de Alencar, obra representativa do Romantismo no Brasil. Comparando-o com o texto I, inserido na narrativa *O Largo da Palma*, sobre as figuras femininas em foco está correto o que se afirma na alternativa

- a) Os perfis de Aurélia e Eliane atendem ao gosto estético romântico.
 - b) Aurélia e Eliane são enfocadas como estereótipos da mulher presa a convenções sociais.
 - c) Aurélia e Eliane são personagens — cada uma em sua época — representativas de um ideal de mulher a ser atingido.
 - d) Os textos, embora se enquadrem em épocas literárias distintas, apresentam o ser feminino como vítima de um destino previamente traçado.
 - e) Aurélia é apresentada sob uma perspectiva de idealização; já Eliane é mostrada como uma mulher carente, que se frustra nas relações amorosas.
20. UEM-PR 2020 Sobre o romance *Lucíola*, de José de Alencar, assinale o que for **correto**.
- 01 Paulo, natural do Rio de Janeiro e recém-chegado a Olinda, é convidado pelo Sr. Rocha para participar de uma festa religiosa. Na ocasião, é apresentado, por Sá, a Lúcia, moça ingênua, inocente e virtuosa, pela qual o narrador logo se apaixona.
 - 02 Trata-se de romance epistolar. Nele, Paulo, o narrador, envia cartas à Sra. G.M., nas quais confidencia pormenores do seu relacionamento com Lúcia, que, por necessidades financeiras, acaba por entrar nos caminhos da prostituição.
 - 04 Apesar de conhecer a história de vida de Lúcia e de testemunhar a sua volúpia de mulher sensual, Paulo a vê como heroína. Nesse romance urbano, essa perspectiva evidencia traços de idealização da mulher, característica recorrente na estética romântica.
 - 08 O romance é considerado um exemplar do empenho em criar uma literatura nacional, uma vez que consiste em uma representação da realidade

brasileira de meados do século XIX, registrando, por meio de uma perspectiva crítica, costumes, valores e fatos históricos, como a epidemia de febre amarela.

- 16 Lúcia, personagem plana, cujo nome verdadeiro é Ana da Glória, é atormentada pelo sentimento de culpa por ter se tornado cortesã, ainda que por força das circunstâncias. Não podendo oferecer um filho a Paulo, é abandonada por ele e só encontra alívio na morte (desfecho comum no Romantismo).

Soma:

21. **Unesp 2016** Ultrapassando o nível modesto dos predecessores e demonstrando capacidade narrativa bem mais definida, a obra romanesca deste autor é bastante ambiciosa. A partir de certa altura, este autor pretendeu abranger com ela, sistematicamente, os diversos aspectos do país no tempo e no espaço, por meio de narrativas sobre os costumes urbanos, sobre as regiões, sobre o índio. Para pôr em prática esse projeto, quis forjar um estilo novo, adequado aos temas e baseado numa linguagem que, sem perder a correção gramatical, se aproximasse da maneira brasileira de falar. Ao fazer isso, estava tocando o nó do problema (caro aos românticos) da independência estética em relação a Portugal. Com efeito, caberia aos escritores não apenas focalizar a realidade brasileira, privilegiando as diferenças patentes na natureza e na população, mas elaborar a expressão que correspondesse à diferenciação linguística que nos ia distinguindo cada vez mais dos portugueses, numa grande aventura dentro da mesma língua.

CANDIDO, Antonio. *O romantismo no Brasil*, 2002. (Adapt.).

O comentário do crítico Antonio Candido refere-se ao escritor

- a) Raul Pompeia.
- b) Manuel Antônio de Almeida.
- c) José de Alencar.
- d) Machado de Assis.
- e) Aluísio Azevedo.

22. **PUC-RS 2015** Leia o trecho do romance *A escrava Isaura*, de Bernardo Guimarães.

– Não gosto que a cantes, não, Isaura. Não de pensar que és maltratada, que és uma escrava infeliz, vítima de senhores bárbaros e cruéis. Entretanto passas aqui uma vida que faria inveja a muita gente livre. Gozas da estima de teus senhores. Deram-te uma educação como não tiveram muitas ricas e ilustres damas que eu conheço. És formosa, e tens uma cor linda, que ninguém dirá que gira em tuas veias uma só gota de sangue africano. [...]

– Mas senhora, apesar de tudo isso, que sou eu mais do que uma simples escrava? Essa educação que me deram e essa beleza, que tanto me gabam, de que me servem?... São trastes de luxo colocados na senzala do africano. A senzala nem por isso deixa de ser o que é: uma senzala.

– Queixas-te de tua sorte, Isaura?

– Eu não, senhora; não tenho motivo... o que quero dizer com isto é que, apesar de todos esses dotes e vantagens que me atribuem, sei conhecer o meu lugar.

Com base no texto e no contexto do qual o fragmento anterior faz parte, afirma-se:

- I. De acordo com a primeira fala, a cor de Isaura é apontada como uma possível negação de sua origem africana.
- II. Apesar de alguns questionamentos acerca da senzala, a escrava parece resignada ao lugar que ela ocupa na sociedade da época.
- III. A obra *A escrava Isaura*, de Bernardo Guimarães, integra um dos momentos cruciais do realismo literário brasileiro, no qual os autores se mostravam preocupados com a crítica social.

Está/Estão correta(s) a(s) afirmativa(s):

- a) I, apenas.
- b) II, apenas.
- c) I e II, apenas.
- d) II e III, apenas.
- e) I, II e III.

23. **PUC-PR 2016** Alfredo Bosi, em sua *História concisa da literatura brasileira*, diz a respeito de *Inocência*, de Visconde de Taunay:

Por temperamento e cultura, o Visconde de Taunay tinha condições para dar ao regionalismo romântico a sua versão mais sóbria. Homem de pouca fantasia, muito senso de observação, formado no hábito de pesar com a inteligência as suas relações com a paisagem e o meio (era engenheiro, militar e pintor), Taunay foi capaz de enquadrar a história de *Inocência* (1872) em um cenário e em um conjunto de costumes sertanejos onde tudo é verossímil. Sem que o cuidado de o ser turve a atmosfera agreste e idílica que até hoje dá um renovado encanto à leitura da obra.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 2003, p. 144-5.

Com base no trecho acima, é possível dizer que:

- a) Visconde de Taunay, com *Inocência*, é o introdutor do realismo no Brasil.
- b) O romantismo de Visconde de Taunay é, de certa forma, um “realismo mitigado”.
- c) Por sua pouca fantasia, *Inocência* não pode ser classificada como obra do romantismo.
- d) O senso de observação de Visconde de Taunay em *Inocência* o leva às portas do naturalismo.
- e) A fantasia, aliada ao senso de observação, torna esta obra o melhor representante do regionalismo ultrarromântico.



Leia o texto para responder às questões de 24 a 26.

Um sarau é o bocado mais delicioso que temos, de telhado abaixo. Em um sarau todo o mundo tem que fazer. O diplomata ajusta, com um copo de champagne na mão, os mais intrincados negócios; todos murmuram, e não há quem deixe de ser murmurado. O velho lembra-se dos minuets e das cantigas do seu tempo, e o moço goza todos os regalos da sua época; as moças são no sarau como as estrelas no céu; estão no seu elemento: aqui uma, cantando suave cavatina, eleva-se vaidosa nas asas dos

aplausos, por entre os quais surge, às vezes, um bravíssimo inopinado, que solta de lá da sala do jogo o parceiro que acaba de ganhar sua partida no *écarté*, mesmo na ocasião em que a moça se espicha completamente, desafinando um sustenido; daí a pouco vão outras, pelos braços de seus pares, se deslizando pela sala e marchando em seu passeio, mais a compasso que qualquer de nossos batalhões da Guarda Nacional, ao mesmo tempo que conversam sempre sobre objetos inocentes que movem olhaduras e risadinhas apreciáveis. Outras criticam de uma gorducha vovó, que ensaca nos bolsos meia bandeja de doces que veio para o chá, e que ela leva aos pequenos que, diz, lhe ficaram em casa. Ali vê-se um ataviado *dandy* que dirige mil finezas a uma senhora idosa, tendo os olhos pregados na sinhá, que senta-se ao lado. Finalmente, no sarau não é essencial ter cabeça nem boca, porque, para alguns é regra, durante ele, pensar pelos pés e falar pelos olhos.

E o mais é que nós estamos num sarau. Inúmeros batéis conduziram da corte para a ilha de... senhoras e senhores, recomendáveis por caráter e qualidades; alegre, numerosa e escolhida sociedade enche a grande casa, que brilha e mostra em toda a parte borbulhar o prazer e o bom gosto.

Entre todas essas elegantes e agradáveis moças, que com aturado empenho se esforçam para ver qual delas vence em graças, encantos e donaires, certo sobrepuja a travessa Moreninha, princesa daquela festa.

Joaquim Manuel de Macedo. *A Moreninha*, 1997.

24. Unifesp 2013 A forma como se dá a construção do texto revela que ele é predominantemente

- a) dissertativo, com o objetivo de analisar criticamente o que é um sarau.
- b) descritivo, com o objetivo de mostrar o sarau como uma festa fútil e sem atrativos.
- c) narrativo, com o objetivo de contar fatos inusitados ocorridos em um sarau.
- d) descritivo, com o objetivo de apresentar as características de um sarau.
- e) dissertativo, com o objetivo de relatar as experiências humanas em um sarau.

25. Unifesp 2013 Levando em conta o contexto em que floresceu a literatura romântica, as informações textuais refletem, com

- a) ufanismo, uma vida social de bem-aventurança.
- b) desprezo, a cultura de uma sociedade poderosa.
- c) entusiasmo, uma sociedade frívola e hipócrita.
- d) nostalgia, os valores de uma sociedade decadente.
- e) amenidade, uma visão otimista da realidade social.

26. Unifesp 2013 Considerando os papéis desempenhados pelas personagens no texto, é correto afirmar que

- a) o diplomata é oportunista; o velho, conservador; os rapazes usufruem exageradamente os prazeres da vida; e as moças são frívolas.
- b) o diplomata é astuto; o velho, intimista; os rapazes usufruem a vida dentro de suas possibilidades; e as moças vivem de sonhos.

- c) o diplomata é perspicaz; o velho, saudosista; os rapazes usufruem prazerosamente a vida; e as moças encantam a todos.
- d) o diplomata é trapaceiro; o velho, desencantado; os rapazes usufruem a vida de modo fútil; e as moças investem tão somente na beleza exterior.
- e) o diplomata é esperto; o velho, avançado; os rapazes usufruem a vida com parcimônia; e as moças vivem de devaneios.

27. UFSC 2012 Mandara Pereira acender uma vela de sebo. Vinda a luz, aproximaram-se ambos do leito da enferma que, achegando ao corpo e puxando para debaixo do queixo uma coberta de algodão de Minas, se encolheu toda, e voltou-se para os que entravam.

– Está aqui o doutor, disse-lhe Pereira, que vem curar-te de vez.

– Boas-noites, dona, saudou Cirino.

Tímida voz murmurou uma resposta, ao passo que o jovem, no seu papel de médico, se sentava num escabelo junto à cama e tomava o pulso à doente.

Caía então luz de chapa sobre ela, iluminando-lhe o rosto, parte do colo e da cabeça, coberta por um lenço vermelho atado por trás da nuca.

Apesar de bastante descorada e um tanto magra, era Inocência de beleza deslumbrante.

Do seu rosto irradiava singela expressão de encantadora ingenuidade, realçada pela meiguice do olhar sereno que, a custo, parecia coar por entre os cílios sedosos a franjar-lhe as pálpebras, e compridos a ponto de projetarem sombras nas mimosas faces.

[...]

Ligeiramente enrubesceu Inocência e descansou a cabeça no travesseiro.

– Por que amarrou esse lenço? perguntou em seguida o moço.

– Por nada, respondeu ela com acanhamento.

– Sente dor de cabeça?

– Nhor-não.

– Tire-o, pois: convém não chamar o sangue; solte, pelo contrário, os cabelos.

Inocência obedeceu e descobriu uma espessa cabeleira, negra como o âmago da cabiúna e que em liberdade devia cair até abaixo da cintura. Estava enrolado em bastas tranças, que davam duas voltas inteiras ao redor do cocoruto.

[...]

Não se descuidou Cirino, antes de se retirar, de novamente tomar o pulso e, à conta de procurar a artéria, assentou toda a mão no punho da donzela, envolvendo-lhe o braço e apertando-o docemente.

Saiu-se mal de tudo isso; porque, se tratava da cura de alguém, para si arranjava enfermidade e bem grave.

TAUNAY, A. d'E. *Inocência*. 3. ed. São Paulo: FTD, 1996. p. 57-58; 72.

Com base no texto e no romance *Inocência* e levando em consideração o contexto do Romantismo brasileiro, marque a(s) proposição(ões) **CORRETA(S)**.

01 O episódio descrito no texto refere-se ao momento em que Cirino vê pela primeira vez Inocência e fica tão apaixonado pela moça que até sua atividade médica é afetada.

- 02** Dois atos de Cirino – pedir a Inocência que solte os cabelos e tomar-lhe o pulso logo depois de já tê-lo feito – podem ter sido motivados não tanto por razões médicas, mas pelo desejo do rapaz de ver melhor a moça e tocá-la.
- 04** Inocência reúne algumas características bastante comuns em heroínas românticas: ousadia, agilidade, coragem e excepcional beleza.
- 08** No último parágrafo, percebe-se como Cirino é contagiado pela malária, doença que acometia Inocência, vindo a ficar depois gravemente enfermo.
- 16** Diferentemente de outras obras do Romantismo, praticamente não existem em *Inocência* referências à religião, quer nas falas das personagens, quer nos comentários do narrador.
- 32** O romance *Inocência* explora uma temática bastante comum no Romantismo, que é o amor impossível e trágico, mas a obra tem alguns trechos de humor, como o episódio em que Meyer é atacado por formigas e tem que se despir.

Soma:

- 28. UFPR 2012** Considerando os contos de *Urupês*, de Monteiro Lobato, e o romance *Inocência*, de Visconde de Taunay, assinale a alternativa correta.
- a) Inacinho, do conto “Pollice Verso”, é pior profissional do que Cirino, de *Inocência*. Embora o primeiro tenha se formado em medicina, ele é descrito de maneira mais caricata e sarcástica que Cirino, que não se formou. O vocabulário sofisticado de Inacinho impressiona os itaquenses, mas a qualidade de sua atuação é desmerecida pelo narrador, que evidencia suas falhas de formação e de caráter.
- b) Assim como Inocência, Zilda (de “O comprador de fazendas”) e Pingo d’Água (de “A colcha de retalhos”) evidenciam a tentativa dos dois autores de caracterizar a vida da mulher brasileira do interior, representando literariamente a submissão da filha à autoridade paterna, o casamento como escolha dos pais e o analfabetismo feminino.
- c) No conto “O mata-pau”, um homem das cidades aprende sobre a flora sertaneja com seu camarada, que tanto lhe tira dúvidas com relação à vegetação avistada quanto lhe conta histórias sobre os habitantes do lugar. É semelhante a essa a relação entre o naturalista Meyer e seu camarada, também um sertanejo contador de causos.
- d) A desconfiança que cerca o monstruoso Bocatorra (do conto homônimo) quanto às profanações de sepulturas, e que é anunciada no medo que Cristina sente, é semelhante à desconfiança que ronda o anão Tico, que nutre uma paixão doentia por Inocência, sentimento que ele dissimula como se quisesse protegê-la.
- e) O sertanejo de Lobato é semelhante ao de Taunay sobretudo no que diz respeito a esta caracterização: “O legítimo sertanejo, explorador dos desertos, não tem, em geral, família. Enquanto

moço, seu fim único é devassar terras, pisar campos onde ninguém antes pusera o pé, vadear rios desconhecidos, despontar cabeceiras e furar matas, que descobridor algum até então haja varado” (*Inocência*, capítulo 1).

- 29. Uepa 2012** O problema de Isaura sempre enseja situações de violência simbólica. Leia o trecho abaixo em que se evidencia uma cena relativa a uma dessas situações e, a seguir, assinale o comentário correto sobre ele.

– Podem-se retirar, – disse Martinho ao oficial de justiça e aos guardas, que se achavam postados do lado de fora da porta.

– Sua presença não é mais necessária aqui.

– Não há dúvida! – continuou ele consigo mesmo; [...] Esta escrava é uma mina que me parece não estar ainda esgotada.

(GUIMARÃES: p.100)

- a) Foi extraído de um episódio da época em que Isaura vivia na fazenda do pai de Leôncio e contém a intervenção de Martinho, o irmão de Malvina, protegendo-a e elogiando sua beleza.
- b) Pertence à época em que Isaura, já foragida, é reconhecida em uma recepção social por Martinho e revela sua intenção em tirar proveito do fato.
- c) Pertence à época em que Isaura conhece Álvaro e concerne ao momento em que Martinho, seu advogado, impede que a capturem.
- d) Foi extraído do episódio em que Martinho, o pai de Isaura, impede que a capturem, usando o dinheiro que acumulara para pagar-lhe a alforria.
- e) Situa-se no trecho do romance em que Martinho, arrependido da violência de ter denunciado Isaura, despacha os oficiais de justiça e os guardas, impedindo sua captura.

- 30. UFG-GO** Leia o trecho a seguir:

Azevedo – [...] Não há arte em nosso país.

Alfredo – A arte existe, Sr. Azevedo, o que não existe é o amor dela.

Azevedo – Sim, faltam os artistas.

Alfredo – Faltam os homens que os compreendam; e sobram aqueles que só acreditam e estimam o que vem do estrangeiro.

Azevedo – (com desdém) Já foi a Paris, Sr. Alfredo?

Alfredo – Não, senhor; desejo, e ao mesmo tempo receio ir.

Azevedo – Por que razão?

Alfredo – Porque tenho medo de, na volta, desprezar o meu país, ao invés de amar nele o que há de bom e procurar corrigir o que é mau.

ALENCAR, José de. *O demônio familiar*. Campinas, São Paulo: Pontes, 2003. p. 63.

- a) No trecho citado, a personagem Alfredo expõe sua percepção a respeito da arte. O autor do texto, José de Alencar, utiliza-se da fala da personagem para demonstrar uma preocupação em relação à arte no Brasil. Qual é essa preocupação?
- b) Explique a maneira pela qual o europeizado Azevedo contribui para demonstrar os propósitos de Alencar.

- 31. ESPM-SP 2013** Os leitores devem estar lembrados de que o nosso antigo conhecido, de quem por algum tempo nos temos esquecido, o Leonardo-Pataca, apertara-se em laços amorosos com a filha da comadre, e que com ela vivia em santa e honesta paz. Pois este viver santo e honesto deu em tempo oportuno o seu resultado. Chiquinha (era este o nome da filha da comadre), achou-se de esperanças e pronta a dar à luz. Já veem os leitores que a raça dos Leonardos não se há de extinguir com facilidade.

ALMEIDA, Manuel Antônio de. *Memórias de um sargento de milícias*.

Com base no trecho apresentado e na obra em questão, assinale a afirmação **inadequada**.

- a) O fato de o narrador dirigir-se ao leitor caracteriza a metalinguagem e tem a função, nesse caso, de auxiliar na trama do folhetim.
- b) Publicado originalmente em capítulos semanais, as intervenções do narrador serviam também para aguçá-la curiosidade em relação aos acontecimentos futuros.
- c) A maneira divertida de relatar, comum na obra, pode ser verificada no relacionamento entre Leonardo-Pataca e Chiquinha: “pronta a dar à luz” como consequência do “viver santo e honesto”.
- d) Embora a obra prenuncie o Realismo, é possível detectar traços românticos em expressões como “apertara-se em laços amorosos” e “honesto paz”.
- e) O posicionamento, por vezes irônico, do narrador é confirmado na declaração sobre a suposta dificuldade em livrar-se da “raça dos Leonardos”.

- 32. Fuvest-SP** Todo o barbeiro é tagarela, e principalmente quando tem pouco que fazer; começou portanto a puxar conversa com o freguês. Foi a sua salvação e fortuna.

O navio a que o marujo pertencia viajava para a Costa e ocupava-se no comércio de negros; era um dos combóis que traziam fornecimento para o Valongo, e estava pronto a largar.

— Ó mestre! disse o marujo no meio da conversa, você também não é sangrador?

— Sim, eu também sangro...

— Pois olhe, você estava bem bom, se quisesse ir conosco... para curar a gente a bordo; morre-se ali que é uma praga.

— Homem, eu da cirurgia não entendo muito...

— Pois já não disse que sabe também sangrar?

— Sim...

— Então já sabe até demais.

No dia seguinte saiu o nosso homem pela barra fora: a fortuna tinha-lhe dado o meio, cumpria sabê-lo aproveitar; de oficial de barbeiro dava um salto mortal a médico de navio negreiro; restava unicamente saber fazer render a nova posição. Isso ficou por sua conta.

Por um feliz acaso logo nos primeiros dias de viagem adoeceram dois marinheiros; chamou-se o médico; ele fez tudo o que sabia... sangrou os doentes, e em pouco tempo estavam bons, perfeitos. Com isto ganhou imensa reputação, e começou a ser estimado.

Chegaram com feliz viagem ao seu destino; tomaram o seu carregamento de gente, e voltaram para o Rio. Graças à lanceta do nosso homem, nem um só negro morreu,

o que muito contribuiu para aumentar-lhe a sólida reputação de entendedor do riscado.

ALMEIDA, Manuel Antônio de. *Memórias de um sargento de milícias*.

Neste trecho, em que narra uma cena relacionada ao tráfico de escravos, o narrador não emite julgamento direto sobre essa prática. Ao adotar tal procedimento, o narrador

- a) revela-se cúmplice do mercado negreiro, pois fica subentendido que o considera justo e irrepreensível.
- b) antecipa os métodos do Realismo/Naturalismo, o qual, em nome da objetividade, também abolirá os julgamentos de ordem social, política e moral.
- c) prefigura a poesia abolicionista de Castro Alves, que irá empregá-lo para melhor expor à execução pública o horror da escravidão.
- d) contribui para que se constitua a atmosfera de ausência de culpa que caracteriza a obra.
- e) mostra-se consciente de que a responsabilidade pelo comércio de escravos cabia, principalmente, aos próprios africanos, e não ao tráfico negreiro.

- 33. Unicamp-SP 2012** Os trechos a seguir foram extraídos de *Memórias de um sargento de milícias* e *Vidas secas*, respectivamente.

O som daquela voz que dissera “abra a porta” lançara entre eles, como dissemos, o espanto e o medo. E não foi sem razão; era ela o anúncio de um grande aperto, de que por certo não poderiam escapar. Nesse tempo ainda não estava organizada a polícia da cidade, ou antes estava-o de um modo em harmonia com as tendências e ideias da época. O Major Vidigal era o rei absoluto, o árbitro supremo de tudo o que dizia respeito a esse ramo de administração; era o juiz que julgava e distribuía a pena, e ao mesmo tempo o guarda que dava caça aos criminosos; nas causas da sua imensa alçada não haviam testemunhas, nem provas, nem razões, nem processo; ele resumia tudo em si; a sua justiça era infalível; não havia apelação das sentenças que dava, fazia o que queria, ninguém lhe tomava contas. Exercia enfim uma espécie de inquirição policial. Entretanto, façamos-lhe justiça, dados os descontos necessários às ideias do tempo, em verdade não abusava ele muito de seu poder, e o empregava em certos casos muito bem empregado.

ALMEIDA, Manuel Antônio de. *Memórias de um sargento de milícias*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978. p. 21.

Nesse ponto um soldado amarelo aproximou-se e bateu familiarmente no ombro de Fabiano:

— Como é, camarada? Vamos jogar um trinta-e-um lá dentro?

Fabiano atentou na farda com respeito e gaguejou, procurando as palavras de Seu Tomás da bolandeira:

— Isto é. Vamos e não vamos. Quer dizer. Enfim, portanto, etc. É conforme.

Levantou-se e caminhou atrás do amarelo, que era autoridade e mandava. Fabiano sempre havia obedecido. Tinha muque e substância, mas pensava pouco, desejava pouco e obedecia.

RAMOS, Graciliano. *Vidas secas*. Rio de Janeiro: Record, 2007. p. 28.

- a) Que semelhanças e diferenças podem ser apontadas entre o Major Vidigal, de *Memórias de um sargento de milícias*, e o soldado amarelo, de *Vidas secas*?
- b) Como essas semelhanças e diferenças se relacionam com as características de cada uma das obras?

34. UFBA

I

Sob as apreensões de uma crise social iminente, infalível, que a todos há de custar direta ou indiretamente onerosos sacrifícios, o povo brasileiro, e particularmente os lavradores, esperam ansiosos, entre receios por certo justificáveis e clamores que se explicam sem desair, o pronunciamento legal e decisivo da solução do problema da emancipação dos escravos.

[...]

Ninguém se iluda, ninguém se deixe iludir. Não há combinação de interesses, não há partido político, não há governo, por mais forte que se presuma, que possa impedir o proceloso acontecimento.

[...]

A voz de Deus, o brado do século da liberdade, a opinião do mundo, o pronunciamento dos governos, o espírito e a matéria, a ideia e a força querem, exigem, e em caso extremo hão de impor a emancipação dos escravos.

MACEDO, Joaquim Manuel de. *As vítimas-algozes: quadros da escravidão*. 4 ed. São Paulo: Zouk, 2005. p. 7-8.

II



Mané galinha: [...] Você é uma criança!

Menino: — Que criança? Eu fumo, cheiro, já matei, já roubei [...] Eu sou sujeito homem.

Cidade de Deus. Direção: Fernando Meirelles. Roteiro: Bráulio Mantovani. 2002. Intérpretes: Matheus Nachtergaele e um grupo de atores, em sua maioria, amadores, moradores da comunidade retratada no filme.

Os fragmentos transcritos dizem respeito à visão ficcional da existência de afrodescendentes no Brasil, em momentos históricos distintos.

Teça um comentário sobre as representações do negro brasileiro de ontem e de hoje, focalizadas nas duas obras identificadas por I e II.

35. Unesp 2016

Era no tempo do rei.

Uma das quatro esquinas que formam as ruas do Ouvidor e da Quitanda, cortando-se mutuamente, chamava-se nesse tempo – *O canto dos meirinhos* –; e bem lhe assentava o nome, porque era aí o lugar de encontro favorito de todos os indivíduos dessa classe (que gozava então de não pequena consideração). [...]

Mas voltemos à esquina. Quem passasse por aí em qualquer dia útil dessa abençoada época veria sentado em assentos baixos, então usados, de couro, e que se

denominavam – cadeiras de campanha – um grupo mais ou menos numeroso dessa nobre gente conversando pacificamente em tudo sobre que era lícito conversar: na vida dos fidalgos, nas notícias do Reino e nas astúcias policiais do Vidigal. Entre os termos que formavam essa equação meirinhhal pregada na esquina havia uma quantidade constante, era o Leonardo-Pataca. Chamavam assim a uma rotunda e gordíssima personagem de cabelos brancos e carão avermelhado, que era o decano da corporação, o mais antigo dos meirinhos que viviam nesse tempo. A velhice tinha-o tornado moleirão e pachorrento; com sua vagareza atrasava o negócio das partes; não o procuravam; e por isso jamais saía da esquina; passava ali os dias sentado na sua cadeira, com as pernas estendidas e o queixo apoiado sobre uma grossa bengala, que depois dos cinquenta era a sua infalível companhia. Do hábito que tinha de queixar-se a todo o instante de que só pagassem por sua citação a módica quantia de 320 réis, lhe viera o apelido que juntavam ao seu nome.

Sua história tem pouca coisa de notável. Fora Leonardo **algibebe** em Lisboa, sua pátria; aborrecera-se porém do negócio, e viera ao Brasil. Aqui chegando, não se sabe por proteção de quem, alcançou o emprego de que o vemos empossado, e que exercia, como dissemos, desde tempos remotos. Mas viera com ele no mesmo navio, não sei fazer o quê, uma certa Maria da hortaliça, quitandeira das praças de Lisboa, **saloia** rochonchuda e bonitota. O Leonardo, fazendo-se-lhe justiça, não era nesse tempo de sua mocidade mal apesoado, e sobretudo era **maganão**.

(Memórias de um sargento de milícias, 2003.)

meirinho: espécie de oficial de justiça.

algibebe: mascate, vendedor ambulante.

saloia: aldeã das imediações de Lisboa.

maganão: brincalhão, jovial, folgazão, divertido.

Em *Memórias de um sargento de milícias*, o narrador não participa da ação, mas se intromete na narrativa. Transcreva do excerto dois pequenos trechos em que a intromissão do narrador é mais explícita. Justifique sua resposta.

36. Unicamp-SP 2013 Em uma passagem célebre de *Memórias de um sargento de milícias*, pode-se ler, a respeito da personagem de Leonardo Pataca, que “o homem era romântico, como se diz hoje, e babão, como se dizia naquele tempo”. (Manuel Antônio de Almeida. *Memórias de um sargento de milícias*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978. p. 19.)

a) De que maneira a passagem apresentada explicita o lugar peculiar ocupado pelo livro de Manuel Antônio de Almeida no Romantismo brasileiro?

b) Como essa peculiaridade do livro se manifesta, de maneira geral, na caracterização das personagens e na construção do enredo?

37. PUC-RS 2015 Considerando-se o intervalo entre o contexto em que transcorre o enredo da obra *Memórias de um sargento de milícias*, de Manuel Antônio de Almeida, e a época de sua publicação,

é **correto** afirmar que a esse período corresponde o processo de

- a) reforma e crise do Império Português na América.
- b) triunfo de uma consciência nativista e nacionalista na colônia.
- c) independência do Brasil e formação de seu Estado nacional.
- d) consolidação do Estado nacional e de crise do regime monárquico brasileiro.
- e) Proclamação da República e instauração da Primeira República.

38. FGV-SP 2015

¹Era no tempo do rei.

Uma das quatro esquinas que formam as ruas do Ouvidor e da Quitanda, cortando-se mutuamente, chamava-se nesse tempo – O canto dos meirinhos –; e bem lhe assentava o nome, porque era aí o lugar de encontro favorito de todos os indivíduos dessa classe (que gozava então de não pequena consideração). Os meirinhos de hoje não são mais do que a sombra caricata dos meirinhos do tempo do rei; esses eram gente temível e temida, respeitável e respeitada; formavam um dos extremos da ²formidável cadeia judiciária que envolvia todo o Rio de Janeiro no tempo em que a ³demanda era entre nós um elemento de vida: o extremo oposto eram os desembargadores. Ora, os extremos se tocam, e estes, tocando-se, fechavam o círculo dentro do qual se passavam os terríveis combates das ⁴citações, provarás, ⁵razões principais e finais, e todos esses ⁶trejeitos judiciais que se chamava o processo.

Daí sua influência moral.

Manuel Antônio de Almeida, *Memórias de um sargento de milícias*.

Já na frase de abertura das *Memórias de um sargento de milícias* – “Era no tempo do rei.” (ref. 1) –, que remete ao mesmo tempo à abertura-padrão dos contos da carochinha e ao período joanino da história do Brasil, manifestam-se as duas modalidades do tempo presentes nessa obra: uma, de caráter lendário e intemporal e, outra, de caráter histórico bem determinado.

O convívio dessas duas modalidades do tempo indica que, do ponto de vista dessa obra, a história brasileira caracterizou-se pela conjunção de

- a) mudança e imobilismo.
- b) realismo e alucinação.
- c) religiosidade e materialismo.
- d) liberdade e opressão.
- e) localismo e cosmopolitismo.

39. Acafe-SC 2015 Assinale a alternativa que não se refere à obra *Juiz de Paz na Roça*, de Martins Pena.

- a) O enredo é uma sátira da justiça na época do Segundo Império, denunciando a corrupção e o abuso das autoridades.
- b) O gênero textual que o autor utiliza para inventar sua história denomina-se fábula, que, na concepção latina, é uma narrativa de caráter mítico. Essa peça de teatro trata da avareza em tom de humor.
- c) O momento histórico da ação é o mesmo da Revolução Farroupilha, acontecida no Rio Grande do Sul, em 1834: e da convocação militar que José, noivo de Aninha, vem fugindo.
- d) A peça enquadra-se na estética romântica, no entanto inclui traços de realismo, tanto na descrição do cotidiano rude da família de Manuel João quanto no despreparo intelectual para exercer o cargo de juiz de paz. Trata-se, em síntese, de uma obra romântica com características do realismo.

40. Unesp 2018 De fato, este romance constitui um dos poucos romances cômicos do romantismo nacional, afastando-se dos traços idealizantes que caracterizam boa parte das obras “sérias” dos autores de então. O modo pelo qual este romance pinta a sociedade, representando-a a partir de um ângulo abertamente cômico e satírico, também era relativamente novo nas letras brasileiras do século XIX.

(Mamede Mustafa Jarouche. “Galhofa sem melancolia”, 2003. Adaptado.)

O comentário refere-se ao romance

- a) *O cortiço*, de Aluísio Azevedo.
- b) *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis.
- c) *Memórias de um sargento de milícias*, de Manuel Antônio de Almeida.
- d) *Iracema*, de José de Alencar.
- e) *Macunaíma*, de Mário de Andrade.

BNCC em foco

EM13LP46

1. Relacione as características românticas aos trechos que as representam:

- 1. Atenção aos detalhes da natureza do país;
- 2. Liberdade para se expressar, sem regras formais;
- 3. Destaque para os aspectos sentimentais do comportamento humano.

Dei o nome de Primeiros cantos às poesias que agora publico, porque espero que não serão as últimas. Muitas

delas não têm uniformidade nas estrofes, porque menosprezo regras de mera convenção; adotei todos os ritmos da metrificação portuguesa, e usei deles como me pareceram quadrar melhor com o que eu pretendia exprimir. [...]

DIAS, Gonçalves. Primeiros cantos. *Poesia*. São Paulo: Agir, 1969. (Nossos clássicos). Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000115.pdf>. Acesso em: 4 nov. 2021.

[...]

— Não careço dizer-lhe que amor foi o meu, e que adoração lhe votou minha alma desde o primeiro momento em que o encontrei. Sabe o senhor, e se o ignora, sua presença aqui nesta ocasião já lhe revelou. Para que uma mulher sacrifique assim todo seu futuro, como eu fiz, é preciso que a existência se tornasse para ela um deserto, onde não resta senão o cadáver do homem que a assolou para sempre.

[...]

ALENCAR, José de. *Senhora*. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000011.pdf>. Acesso em: 4 nov. 2021.

[...]

E vendo os vales e os montes
E a pátria que Deus nos deu,
Possamos dizer contentes:
Tudo isto que vejo é meu!

[...]

DIAS, Gonçalves. *Minha terra. Um mês de poesia com Gonçalves Dias*. Rio de Janeiro: Prazer da palavra, 2021. Disponível em: https://www.google.com.br/books/edition/Um_m%C3%AAs_de_poesia_com_Gon%C3%A7alves_Dias/dMcpEAAAQBAJ?hl=pt-BR&gbpv=0. Acesso em: 4 nov. 2021.

[...]

Mas quis a minha sina que seu peito
Não batesse por mim nem um minuto,
E que ela fosse leviana e bela
Como a leve fumaça de um charuto!

AZEVEDO, Álvares de. *Meu anjo. Lira dos vinte anos*. São Paulo: Martins Fontes, 1996. (Poetas do Brasil). Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000021.pdf>. Acesso em: 4 nov. 2021.

Senhor Deus, dá que a boca da inocência
Possa ao menos sorrir
Como a flor da granada abrindo as pétalas
Da alvorada ao surgir.

ALVES, Castro. *O navio negreiro: primórdios do fantástico brasileiro*. [s.l.]: EX! Editora, 2016. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000021.pdf>. Acesso em: 4 nov. 2021.

A sequência correta é:

- a) 1 – 2 – 3 – 1 – 2 d) 2 – 3 – 1 – 3 – 2
b) 2 – 1 – 1 – 3 – 2 e) 2 – 1 – 3 – 1 – 2
c) 3 – 3 – 2 – 1 – 1

EM13LP46

2. O romance *Motta Coqueiro ou a pena de morte* foi escrito em 1877 por José do Patrocínio. Nele, é rememorado um caso real: a morte do fazendeiro Motta Coqueiro, o último enforcamento oficial realizado no Brasil, acusado de supostamente ter sido o mandante de um homicídio bárbaro ocorrido no interior do Rio de Janeiro, em 1852, contra uma família de agregados que vivia em suas terras. Sobre o romance, leia o trecho a seguir.

[...]

Havia, porém, um homem em quem a solenidade singela do ofício divino não produzia a menor impressão. Era o carrasco, o monstro negro, que brincava distraidamente com o seu barrete, revolvendo-o entre as mãos. Estátua informe da escravidão, cujas falhas foram cheias com o asfalto do calabouço, argamassado com o sangue que os açoutes lhe tiraram do corpo, o desgraçado

folgava talvez na sua brutalidade de fera. Os brancos fizeram dele uma vítima; proibiram-lhe que afinasse os sentimentos pela compreensão exata da família, da religião e da pátria; devia ser-lhe grato poder vingar-se de um dos seus opressores. Revolvendo nas mãos o gorro vermelho iludia porventura a impaciência que lhe causava a demora da execução.

[...]

PATROCÍNIO, José do. *A força. Motta Coqueiro ou a pena de morte*. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bi000167.pdf>. Acesso em: 4 nov. 2021.

No trecho, é possível localizar o posicionamento do narrador por meio das críticas diretas à sociedade devido ao seu posicionamento diante de um refém da estrutura social. Explique como isso aparece no trecho.

EM13LP50



Textos para a questão 3.

Texto 1

Mesquinho e humilde livro é este que vos apresento, leitor. Sei que passará entre o indiferentismo glacial de uns e o riso mofador de outros, e ainda assim o dou a lume. [...]

Deixai pois que a minha Úrsula, tímida e acanhada, sem dotes da natureza, nem enfeites e louçanias de arte, caminhe entre vós.

Não a desprezeis, antes amparai-a nos seus incertos e titubeantes passos para assim dar alento à autora de seus dias, que talvez com essa proteção cultive mais o seu engenho, e venha a produzir coisa melhor, ou, quando menos, sirva esse bom acolhimento de incentivo para outras, que com imaginação mais brilhante, com educação mais acurada, com instrução mais vasta e liberal, tenham mais timidez do que nós.

REIS, Maria Firmina dos. *Úrsula e outras obras*. Brasília: Câmara dos Deputados/Edições Câmara, 2018. p. 12-13. (Prazer de ler). Disponível em: <https://bd.camara.leg.br/bd/handle/bdcamara/35999>. Acesso em: 4 nov. 2021.

Texto 2

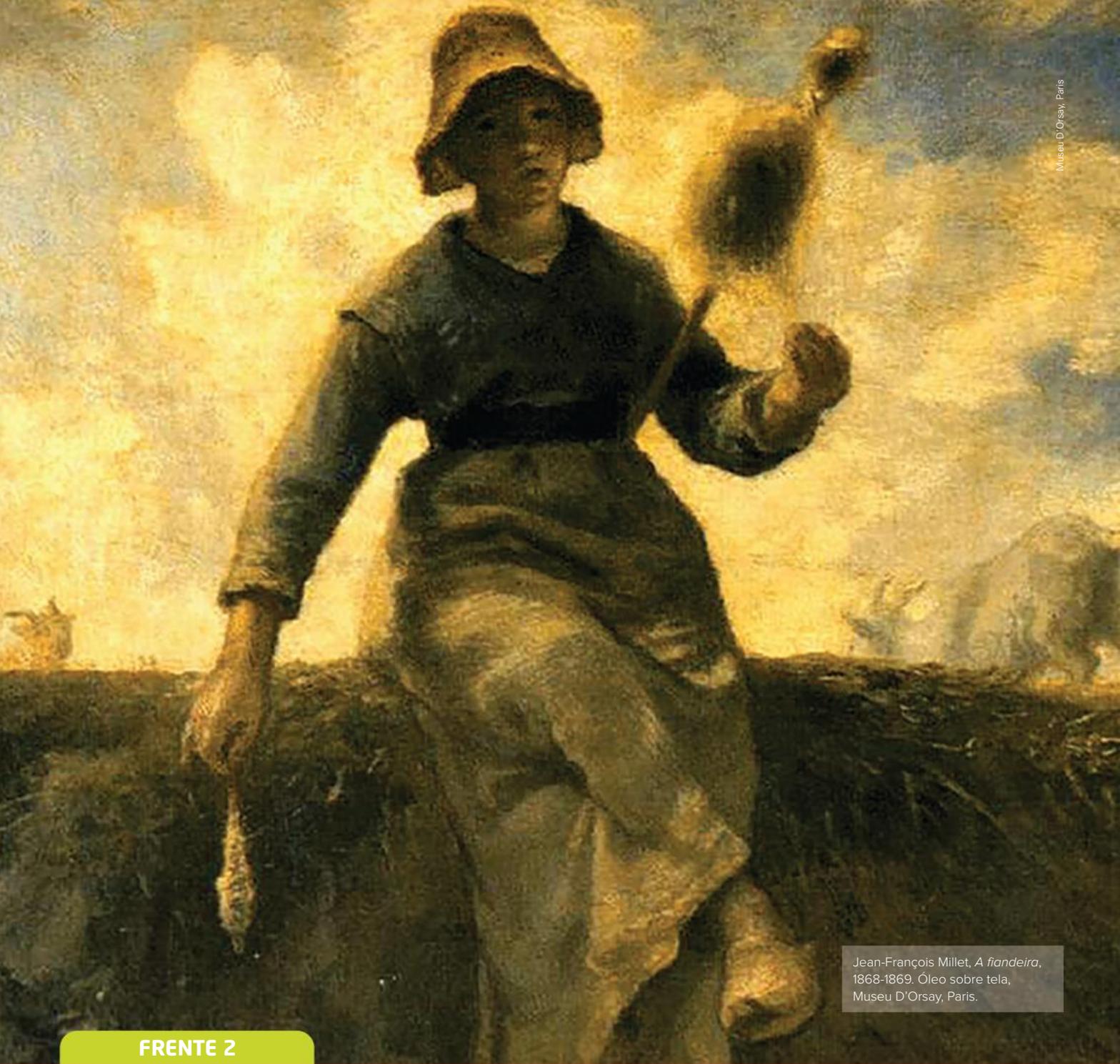
Dei o nome de Primeiros Cantos às poesias que agora publico, porque espero que não serão as últimas.

Muitas delas não têm uniformidade nas estrofes, porque menosprezo regras de mera convenção; adotei todos os ritmos da metrificação portuguesa, e usei deles como me pareceram quadrar melhor com o que eu pretendia exprimir. [...]

Escrevi-as para mim, e não para os outros; contentar-me-ei, se agradarem; e se não... é sempre certo que tive o prazer de as ter composto.

DIAS, Gonçalves. *Primeiros cantos. Poesia*. São Paulo: Agir, 1969. (Nossos clássicos). Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000115.pdf>. Acesso em: 4 nov. 2021.

3. No prólogo de *Úrsula*, Maria Firmina dos Reis afirma que reconhece a pequenez de seu romance naquele tempo em que homens eram lidos e, além de ser raro encontrar uma mulher que escrevia, o era ainda mais em seu caso: uma mulher negra. Com base nos trechos disponíveis, explique o tratamento dado à autora, em comparação ao que afirma Gonçalves Dias no prólogo de *Primeiros cantos*.



Jean-François Millet, *A fiandeira*, 1868-1869. Óleo sobre tela, Museu D'Orsay, Paris.

FRENTE 2

CAPÍTULO

7

Realismo: a desconstrução romântica

Em certo momento, chegava ao fim o ideal de vida plena na natureza e de moças frágeis em meio aos bailes à espera do cortejo do fiel cavalheiro. A vida passaria a ser descrita com fidelidade, e os pormenores do cotidiano ganhariam importância. Ressentidos, os escritores do Romantismo começam a assistir ao surgimento de uma nova geração, a qual acusam de se inclinar fixa e exageradamente pelo real e pela verdade.

Condenando completamente toda forma de escapismo e de sonho, essa escola, que veio a ser chamada Realismo, preconizava uma literatura engajada com as questões sociais e os instrumentos de transformação da realidade, diretamente envolvida com os movimentos operários e as lutas políticas. Para isso, os escritores realistas acreditavam que era preciso abordar questões concretas sob a ótica dos métodos científicos de observação das coisas e dos fatos.

Realismo: a consolidação da arte burguesa

Na segunda metade do século XIX, seguindo uma proposta realista de arte, as obras procuram expressar a realidade de maneira objetiva, sem fantasia ou sentimentalismo, opondo-se ao Romantismo e ao universo imaginário no intuito de apresentar uma representação mais fiel da vida das pessoas. Surge, assim, um novo estilo de época, que, graças às suas características, foi denominado Realismo.

Pinacoteca dos Mestres Antigos, Dresden



Gustave Courbet, *Os quebradores de pedras*, 1849. Óleo sobre tela, Pinacoteca dos Mestres Antigos, Dresden. Com essa pintura, Courbet buscou representar a vida rotineira e laboriosa das pessoas comuns, transmitindo um verdadeiro sentimento de realidade e realçando o cotidiano rural tal como ele é.

A literatura realista procurava atender às demandas de um novo público leitor que se firmava: a classe média burguesa. Com a consolidação do estilo de vida desse público e o avanço da industrialização, os países europeus sofreram grandes transformações sociais e ideológicas ao longo de todo o século XIX.

Muitas mudanças, nesse sentido, puderam ser observadas. Os trabalhadores do campo, por exemplo, passaram a migrar cada vez mais para as cidades, assumindo posições nas fábricas e no comércio; já as famílias burguesas enriqueceram, e as aristocratas começaram a perder seu prestígio econômico e político; surgiram invenções tecnológicas que mudaram os comportamentos profissional e doméstico. Além disso, com o desenvolvimento da imprensa, as notícias passaram a circular mais rapidamente e a atingir um número cada vez maior de pessoas. Dessa forma, visando ao lucro, o capitalismo começou a exigir um modo mais prático e objetivo de encarar a vida.

Os burgueses passaram a frequentar escolas e eventos culturais, aumentando seu nível de escolaridade e seu acesso à cultura, com o intuito de aprimorar, também, os seus negócios.

Nos meios acadêmicos, o período era de cientificismo e laicismo, visto que surgiram teorias como o **racionalismo**, o **positivismo** e o **determinismo**. A primeira delas vinha se consolidando como corrente filosófica e estabelecia uma nova postura sobre o conhecimento; suas palavras de ordem eram “raciocínio” e “lógica”. Já o positivismo, com seu método científico, mudava completamente a maneira de estudar os fenômenos naturais e humanos, já que exigia uma delimitação precisa dos objetos de estudo, uma metodologia de pesquisa rigorosa e uma análise experimental

dos fatos estudados. Essa teoria condenava os achismos e as explicações transcendentais, exigindo que as teorias acadêmicas e científicas fossem comprovadas por meio de experimentos. O determinismo, por sua vez, estabeleceu que o comportamento humano era definido por três fatores: o meio social, a raça e o momento histórico.

Assim, os valores religiosos começaram a perder força e a ser questionados pelos jovens cientistas, os quais se baseavam em suas descobertas, e a moral aristocrata foi substituída pela ética burguesa, a qual ressaltava o valor do trabalho e do esforço individual. Em suma, o momento era de quebrar paradigmas e questionar tudo que se tinha como certeza.

O público leitor burguês, que surgiu durante o Romantismo, e o público universitário, que estudava as novas teorias, tornaram-se mais exigentes e interessados nas questões da vida cotidiana; além disso, formados segundo as regras e os interesses capitalistas, ambos preferiam textos mais objetivos, retratando a realidade sem floreios linguísticos ou sentimentalismos exagerados.

Diante desse cenário, a produção literária realista procurou dar conta da efervescência de um mundo que se alterava rapidamente, aceitando o desafio de pensar nas mudanças que vinham ocorrendo no trabalho, na família, na fé, no amor e no conhecimento, a fim de poder discuti-las.

Nesse sentido, a vida difícil da população menos favorecida começou a ser representada literariamente e encarada como um problema social; a persistência de práticas arcaicas era constantemente denunciada, e as novas descobertas da ciência eram divulgadas para um público mais amplo. No entanto, o contato com a literatura ainda ficava restrito aos estratos sociais médios e superiores, já que eles tinham acesso à educação, enquanto a grande parcela do proletariado só consumia, quando muito, uma literatura de fuga, com tramas leves e repleta de clichês, voltada unicamente para o entretenimento.

! Saiba mais

Grandes transformações na área científica ocorreram na época do Realismo. Nesse contexto, ao aplicar o método científico ao estudo das espécies animais, Charles Darwin desafiou o que a Igreja ensinava sobre a origem dos seres humanos. Por meio do conceito de seleção natural, o estudioso procurou provar que os seres vivos estavam em constante evolução enquanto se adaptavam ao meio ambiente; dessa maneira, foi criada a teoria evolucionista, conhecida como darwinismo. Essa descoberta chocou a sociedade – ainda bastante presa aos dogmas da Igreja Católica –, mas apareceu em um momento oportuno, quando tudo era questionado.

Características do Realismo

Os artistas que se afiliaram à estética realista adotaram a atitude de buscar um registro o mais próximo possível da realidade; por isso, questionaram qualquer postura de idealização e de ufanismo, optando por uma visão mais fiel dos fatos. De modo intencional e sistemático, abordaram os problemas sociais, econômicos, políticos e psicológicos de

seu tempo, escancarando, diante do público burguês, as próprias mazelas da vida burguesa. Interessavam-se pouco pelo passado ou pelo futuro, já que retratavam em seus textos os problemas do presente.

No Realismo, havia o propósito de realizar uma análise rigorosa e precisa do mundo. Desse modo, costumava-se construir narradores com discursos objetivos e elaborados, por vezes de forma científica (com objetos bem delimitados, métodos rigorosos, estudos de casos etc.) e com dialética (com tese, antítese e síntese). Os temas ficcionais eram tratados como se fossem casos exemplares das questões da realidade.

[...] o artista não tem direito de expressar a sua opinião sobre coisa alguma, não importando do que se trate. Deus já expressou alguma vez uma opinião? [...] Creio que a grande arte é científica e impessoal [...] Não quero nem amor nem ódio, nem piedade nem raiva [...] Já não é tempo de introduzir a justiça na arte? A imparcialidade da descrição tornar-se-ia, então, igual à majestade da lei.

Carta de Émile Zola a George Sand. In: FISCHER, Ernest. *A necessidade da arte*. 5. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1976. p. 89.

Despreendendo-se da imaginação, do sonho, da fantasia e da subjetividade, esses narradores apresentavam uma imagem neutra da realidade representada, desprovida de interpretações pessoais. Porém, na prática, os escritores realistas eram indivíduos muito pensantes, críticos e intrusivos, adotando, muitas vezes, uma postura de delatores de suas personagens.

As personagens realistas se assemelhavam às pessoas comuns que transitavam pelas ruas e frequentavam os espaços públicos, por isso não tomavam sempre as melhores decisões nem viviam fatos fantásticos ou miraculosos; além disso, não sabiam nada além do que permitiria sua posição na sociedade, por exemplo, de rico ou pobre, mulher ou homem, estudado ou inculto, empregado ou empregador, entre outros. Assim, as dificuldades dessas pessoas estavam ligadas ao cotidiano **comezinho**.

comezinho: o que é fácil e bom de comer. Em sentido figurado, o que é simples, de rápido entendimento e próprio da vida comum; corriqueiro. Por extensão de sentido, o que faz parte da vida doméstica, que é caseiro.

No entanto, apesar de semelhantes às pessoas reais, essas personagens costumavam ser tipificadas, de maneira que um elemento simbolizasse todo o conjunto de determinado segmento social; desse modo, tais **personagens-tipo** raramente apresentavam uma expressão particularizada, e suas atitudes e falas eram facilmente estendidas à totalidade do grupo ou da categoria que representavam, como o proletariado, a imprensa etc.

Ao descrever tais personagens e refletir sobre elas, o narrador, por vezes, adotava uma postura extremamente crítica, satirizando os ricos, os burgueses e os religiosos com o objetivo de denunciar a hipocrisia da classe dominante. Dessa maneira, era comum a simpatia pelo proletariado e pelos miseráveis.

Os fatos narrados nos romances realistas compreendiam recortes do cotidiano comum, aparentemente sem

nada de extraordinário. Entretanto, os acontecimentos da narrativa não eram aleatórios e costumavam seguir a lógica de causa/efeito e se desenvolver de modo perfeitamente racional. O leitor era convidado a adivinhar o que vinha a seguir de acordo com as decisões tomadas por cada personagem e as pistas dadas pelo narrador.

A maioria dos romances realistas era publicada como **folhetins**, ou seja, seus capítulos eram veiculados progressivamente, impressos de forma periódica nos jornais e acompanhados pelo público leitor como se fossem episódios de uma novela. Os seus escritores optavam por utilizar uma linguagem fácil e de rápida compreensão, a fim de conquistar o leitor apressado dos jornais. Posteriormente, lançava-se o volume completo do romance no formato de livro, sendo sua linguagem, muitas vezes, revista antes da publicação; o conteúdo de alguns romances, inclusive, passava por mudanças substanciais.

São princípios gerais do Realismo:

- **Objetividade:** o narrador deve ser imparcial e impessoal diante dos fatos que está narrando e manter o compromisso de fidelidade à realidade.
- **Contemporaneidade:** o narrador se preocupa com o momento histórico atual; assim, os acontecimentos do passado e as reflexões sobre o futuro interessam apenas quando ajudam na compreensão de processos do presente.
- **Retrato de pessoas comuns:** as personagens criadas se assemelham às pessoas do povo, ricas ou pobres.
- **Determinismo:** as personagens são condicionadas aos fatores físicos, como a raça, o gênero e o temperamento, e ao meio social, por exemplo, o ambiente, a educação e a classe social.
- **Lei da causalidade:** os acontecimentos seguem a relação de causa e efeito, sempre havendo uma explicação lógica para eles.
- **Linguagem cotidiana:** os narradores têm preferência pela língua corrente, de compreensão imediata, com períodos curtos e vocabulário simples.

Realismo na Europa

Foi o escritor francês Gustave Flaubert (1821-1880) quem consolidou os elementos da estética do Realismo.

Defendendo a neutralidade do artista, Flaubert procurava ser imparcial e fiel à realidade; perfeccionista, desenvolveu descrições minuciosas em que o mais ínfimo detalhe por vezes ganhava o centro da cena. Diante da obra desse artista, caberia ao leitor fazer o próprio juízo sobre aquilo que é representado.

Gustave Flaubert publicou o romance *Madame Bovary* (1857), a partir do qual o Realismo passou a ganhar adeptos por vários países da Europa e das Américas.

Tínhamos o costume, ao entrar na sala, de jogar os gorros no chão, para ficar com as mãos mais livres; era preciso, desde a soleira da porta, atirá-los debaixo das carteiras, de maneira a bater contra a parede fazendo muita poeira; era o que se fazia.

Mas ou porque ele não tivesse notado essa manobra, ou porque não tivesse decidido submeter-se a ela, a oração já havia acabado e o novato ainda mantinha o casquete sobre os dois joelhos. Era uma dessas carapuças de natureza compósita,

onde se encontram elementos de gorro de pelo, de **chapska**, do chapéu redondo, do boné de lontra e do gorro de algodão, uma dessas pobres coisas enfim, cuja feiura muda tem a mesma profundidade de expressão que o rosto de um imbecil. Ovoide e abaulado com barbatanas, começava por três rolos circulares; em seguida, alternavam-se, separados por uma faixa vermelha, losangos de veludo e de pelos de coelho; vinha depois uma espécie de saco que terminava por um polígono cartonado, coberto por um bordado em galão complicado, e de onde pendia, na ponta de um longo cordão bem fino, uma cruzinha de fios de ouro, à maneira de glande. Era novo; a viseira brilhava.

FLAUBERT, Gustave. *Madame Bovary: costumes de província* [livro eletrônico]. LARANJEIRA, Mário (Trad.). São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 61-2. (Clássicos Penguin)

chapska: boné de origem polonesa usado pelos lanceiros franceses no século XIX.

Este trecho, retirado do primeiro capítulo do romance, evidencia a obsessão do narrador de Flaubert pela descrição dos detalhes. O elemento prosaico e sem interesse do gorro surge como espelho do caráter do jovem Charles Bovary: um palerma, apático e passivo. Assim, o episódio não só demonstra a incapacidade que ele tem de seguir as tendências, mas também seu apreço exagerado por “suas coisas”.

Madame Bovary ganhou notoriedade por abordar os temas da traição e da sexualidade feminina, mas é digno de nota seu enfoque nas dificuldades de adaptação aos novos tempos e valores, principalmente das pessoas do campo. Vale apontar que o subtítulo do romance é “costumes de província”.

Saiba mais

Madame Bovary levou seu autor, Gustave Flaubert, aos tribunais franceses, acusado de ofensa à moral pública. Inocentado das acusações, o escritor fez história ao abordar o adultério e as fraquezas humanas sem os floreios e a idealização da estética romântica. Sua protagonista, Emma, educada em um convento segundo os moldes burgueses e leitora assídua de obras românticas, idealiza o casamento perfeito com o médico Charles Bovary. No entanto, enfadada com a mediocridade da vida burguesa e com o próprio casamento, torna-se uma mulher adúltera. Por fim, diante das decepções e da hipocrisia da sociedade, Emma decide se matar por envenenamento.

Ainda na França, outro escritor que se destacou foi Émile Zola (1840-1902), que, levando os ideais de cientificismo e crítica social do Realismo ao extremo, fundou uma escola literária própria: o Naturalismo.

Enquanto o Realismo mostra as personagens interagindo com seu meio social, o Naturalismo as apresenta como meros produtos desse meio: o ser humano naturalista é um indivíduo completamente condicionado aos fatores hereditários e ambientais e com o instinto mais forte que qualquer esforço consciente, o que o mantém mais próximo de sua natureza animal.

Dentre os romances naturalistas de Zola, destaca-se a obra *Germinal* (1885), a qual, se fosse produzida nos dias de hoje, seria descrita como jornalismo literário. Para

retratar a realidade de uma mina de carvão onde havia ocorrido uma greve violenta com dois meses de duração, Zola foi trabalhar como mineiro e passou a viver em um dos cortiços das redondezas; desse modo, o narrador da obra fala com a autoridade de quem realmente se submeteu às experiências descritas. Com uma linguagem nua e precisa, ele descreve o calor da luta de classes com primazia. Escrito após o *Manifesto comunista*, o romance tem um desfecho otimista: os grevistas encerram a greve conscientes de seu valor e confiantes no sucesso de uma futura revolução.

Saiba mais

Desenvolvido pelo filósofo e economista alemão Karl Marx em parceria com Friedrich Engels, o **marxismo** surgiu no período do Realismo e foi uma relevante doutrina social. Ao investigarem as relações de trabalho e as condições de vida do proletariado, Marx e Engels conclamavam uma luta de classes que desse cabo à exploração do homem pelo homem por meio de uma revolução que pusesse fim ao modo de vida burguês e à miséria dos trabalhadores. Dessa maneira, idealizavam, como consequência de tal revolução, uma sociedade comunista, em que haveria justiça e igualdade entre todas as pessoas.



Samuel Luke Fildes, *Candidatos para admissão em uma enfermaria comum*, 1874. Óleo sobre tela, Tate, Londres.

Fora da França, vários escritores de prestígio adotaram a estética realista, como o inglês Charles Dickens e o russo Fiódor Dostoiévski.

Dickens (1812-1870) criticou rigorosamente os problemas sociais da Inglaterra vitoriana, denunciando o desemprego, a violência, a prostituição e as mazelas surgidas das péssimas condições de trabalho nas fábricas. Apesar de elaborar descrições de extremo realismo, raramente adotava narradores impessoais; ao contrário disso, estes geralmente eram irônicos e com forte consciência social – o próprio autor participou de atividades sociais e buscou ajudar de forma prática a vida dos mais pobres e excluídos. Dentre as suas obras, destacam-se *Oliver Twist*, *Um conto de Natal* e *David Copperfield*.

Já o escritor Fiódor Dostoiévski (1821-1881) envolveu-se com movimentos democráticos, chegando a ser preso e condenado a trabalhos forçados na Sibéria. Muito afetado pela morte precoce do pai e por seus constantes ataques

epiléticos, costumava refletir bastante sobre a morte e as condições fugidias da vida humana. Seu romance *Crime e castigo* é uma das obras mais célebres da literatura mundial. Dentre seus escritos, destacam-se também *O idiota*, *Recordações da casa dos mortos* e *Os irmãos Karamazov*.

Realismo em Portugal

Observemos mais de perto como se deu a produção literária realista em nossa Língua Portuguesa, com foco no Realismo em Portugal, o que será importante para, posteriormente, entendermos mais a fundo os desdobramentos do Realismo no Brasil.

Em meados do século XIX, Portugal já havia perdido, muito tempo antes, sua posição de potência mundial, o que aconteceu, entre outros fatores, em virtude da vinda da Família Real Portuguesa para o Brasil.

Assim, suas grandes cidades, Lisboa e Porto, pareciam províncias quando comparadas às capitais dos demais países europeus. Nesse contexto, a atitude de contestação realista chegou com bastante força entre os jovens intelectuais portugueses. O grupo conhecido como “Geração de 70”, encabeçado pelos jovens acadêmicos de Coimbra Antero de Quental, Eça de Queirós, Guerra Junqueiro, Teófilo Braga e Oliveira Martins, promoveu um movimento realista que buscava o despertar da consciência entre os portugueses, criticando a elite letrada e sua cegueira diante dos problemas sociais e combatendo as atitudes arraigadas na cultura nacional, que acreditavam ser o entrave ao progresso do país. A denominação do grupo veio das Conferências Democráticas do Cassino Lisbonense, de 1871 – uma série de encontros que tinham como objetivo contribuir para a modernização e a reforma da sociedade, fundamentais para a consolidação do Realismo em Portugal. Após cinco conferências públicas, dentre as quais duas de Antero de Quental e uma de Eça de Queirós, os jornais conservadores concluíram que os encontros consistiam em reuniões subversivas, e o governo proibiu a continuidade deles.

A Geração de 70 tinha uma intensa comunicação com o exterior, principalmente com a França, e desejava trazer as inovações técnicas, econômicas e culturais que observava em outros países.

Como os românticos – geração anterior de escritores – já haviam consolidado um público massivo, formado segundo a cultura laica e a ética burguesa, o problema dessa nova geração de escritores não era conquistar um público, mas sim denunciar a situação estagnada do país e incentivar a corrida ao progresso. Para isso, seus textos confrontavam as práticas naturalizadas da sociedade, criando uma atmosfera de denúncia, deboche e crítica social ferrenha.

Dentre as Conferências Democráticas, vale destacar a última palestra, proferida por Antero de Quental em 24 de maio de 1871 e intitulada “Causas da decadência dos povos peninsulares nos últimos três séculos”. Tratava-se de um discurso bastante forte e centrado – publicado em livro, mais tarde, pelo próprio Antero de Quental –, que, como o título indica, apresentava uma tese sobre as causas da ruína

de Portugal e da Espanha. O texto é incisivo e eloquente, conclama os ouvintes a também se indignarem e, assim, moverem-se para participar ativamente da revolução e do progresso. No entanto, Antero de Quental em momento algum renega as antigas glórias portuguesas; o que ele ataca é a incapacidade de ação de seus contemporâneos, pois, confiantes em sua tradição de conquistadores, os portugueses estavam atrasados na corrida europeia pela modernização. As causas abordadas foram as seguintes:

- **Causa moral:** o catolicismo radical, instituído pelo Concílio de Trento (1545-1653), minou o desenvolvimento de uma sociedade liberal. A Inquisição da Península Ibérica procedia com intensa censura sobre qualquer ideia aparentemente transgressora.
- **Causa política:** o absolutismo dificultava os esforços democráticos vitais para o desenvolvimento de uma burguesia forte e transformava o povo em “patrimônio providencial dos reis”.
- **Causa econômica:** as consequências das conquistas ultramarinas, apontadas por Antero de Quental como negativas ao desenvolvimento do país, levaram a uma intensa emigração que minou o desenvolvimento da agricultura, dificultou o comércio interno e causou a “inércia industrial” do país.

Apesar de seu tom pessimista, o texto apontava uma solução para que Portugal se reerguesse: romper com o passado e com o apego às grandes conquistas de outrora, enxergar seus limites e investir em si mesmo de dentro para fora. Dizer isso à terra da “saudade” era, no mínimo, muito ousado.

Fomos os portugueses intolerantes e fanáticos dos séculos XVI, XVII e XVIII: somos agora os portugueses indiferentes do século XIX. [...] do espírito guerreiro da nação conquistadora, herdamos um invencível horror ao trabalho e um íntimo desprezo pela indústria. Os netos dos conquistadores de dois mundos podem, sem desonra, consumir no ócio o tempo e a fortuna, ou mendigar pelas secretarias um emprego: o que não podem, sem indignidade, é trabalhar! Uma fábrica, uma oficina, uma exploração agrícola ou mineira, são coisas impróprias da nossa fidalguia. Por isso as melhores indústrias nacionais estão nas mãos dos estrangeiros, que com elas se enriquecem, e se riem das nossas pretensões. [...] Dessa educação, que a nós mesmos demos durante três séculos, provêm todos os nossos males presentes. As raízes do passado rebentam por todos os lados no nosso solo: rebentam sob forma de sentimentos, de hábitos, de preconceitos. Gememos sob o peso dos erros históricos. A nossa fatalidade é a nossa história. Que é pois necessário para readquirirmos o nosso lugar na civilização? Para entrarmos outra vez na comunhão da Europa culta? É necessário um esforço viril, um esforço supremo: quebrar resolutamente com o passado.

QUENTAL, Antero de. “Causas da decadência dos povos peninsulares nos últimos três séculos”. Lisboa, 27 maio 1871. Discurso proferido durante sessão das Conferências Democráticas.

Alguns doutrinários do Realismo em Portugal

- **Antero de Quental** (1842-1891) foi um dos mais importantes poetas realistas portugueses. Aos 16 anos, ingressou no curso de Direito da Faculdade de Coimbra

e teve contato com as principais ideias liberais vigentes na Europa, o que o levou a se afastar por completo dos valores conservadores e católicos herdados nos Açores. Em 1864, publicou o livro de poemas *Odes modernas*, que provocou muita polêmica. Em 1865, foi para Paris com a intenção de pôr em prática suas teorias socialistas e voltou de lá com as ideias que expressou nas Conferências de 1871.

A produção poética de Antero está intimamente ligada à sua vida pessoal e ao seu crescimento intelectual. Em seu livro *Sonetos*, há um eu lírico que inicia sua carreira seguindo as regras da escola romântica, mas que depois toma a frente de um apostolado social, passando a produzir uma poesia revolucionária atenta aos problemas da época. Por fim, o eu lírico se perde em um pensamento pessimista, cheio de desejos de morrer. Antero de Quental é afastado do universo acadêmico para tomar conta dos negócios da família após a morte do pai. O escritor é, então, acometido por uma grave doença que não lhe permite sair da cama e comete suicídio.

- **Ramalho Ortigão** (1836-1915) é o membro mais velho da Geração de 70. Foi folhetinista, crítico literário com forte atuação na cidade do Porto e amigo da família de Eça de Queirós. Por meio deste, Ortigão se aproximou da estética realista francesa e logo se envolveu com a reforma literária proposta pelos jovens escritores de Coimbra. Em parceria com Eça, escreveu o romance realista *O mistério da estrada de Sintra* (1871), fundando, com ele, *As farpas*, uma publicação mensal em forma de folheto que tecia comentários críticos e irônicos sobre os últimos acontecimentos da época. Na produção literária de Ramalho Ortigão, destaca-se o livro *Contos cor de rosa* (1870), no qual se percebe um realismo dândi e irônico.
- **Oliveira Martins** (1845-1894) se viu obrigado a começar a trabalhar muito cedo e a abandonar o liceu quando, aos 15 anos, perdeu o pai, um funcionário público. Assim, o escritor não teve formação universitária, mas, com suas ambições literárias, escreveu, ainda bastante jovem, dramas históricos. Ao lado de Antero de Quental, participou do movimento socialista em Portugal e produziu textos sobre essa teoria, além de alguns trabalhos de crítica literária. Fixando-se no Porto como administrador de uma ferrovia, dirigiu a *Revista Ocidental* (1875) e continuou a publicar textos críticos e contestadores. Escreveu sobre assuntos diversos, tendo, inclusive, se aventurado pela Linguística. Empreendeu uma série de biografias e romances de viagem; porém, foi como historiador que produziu seus trabalhos de maior peso.
- **Teófilo Braga** (1843-1924) formou-se em Direito, seguiu carreira acadêmica e tornou-se professor universitário de Letras antes de entrar para a política, na qual cumpriu um mandato presidencial de transição. Teve uma vasta produção acadêmica, principalmente em Teoria Literária, Filosofia e História. Foi também um importante poeta realista, destacando-se por seus contos fantásticos.

- **Guerra Junqueiro** (1850-1923) veio de família abastada, formou-se em Direito e seguiu a carreira de burocrata e político. Logo cedo, publicou seus primeiros poemas. Em seu livro mais conhecido, *Morte de D. João* (1874), fez uma sátira ao donjuanismo como forma de exploração e perversão social.
- **Sampaio Bruno** (1857-1915) foi formado no seio das ideias liberais e do pensamento socialista, juntando-se cedo ao grupo liderado por Antero de Quental. Foi o redator do manifesto da revolta republicana, de 31 de janeiro de 1891. Mais tarde, acabou por se afastar da estética racionalista de seus primeiros trabalhos e destacou-se pelo livro *O encoberto* (1904), de cunho místico e metafísico. Seu pensamento filosófico influenciou significativamente o escritor Fernando Pessoa.
- **Cesário Verde** (1855-1886) formou-se em Letras e passou a vida entre aventuras noturnas e a administração dos negócios paternos. Por meio de uma linguagem mais natural e de questionamentos ao romantismo piegas, produziu uma expressão poética superior à da pequena burguesia lisboeta irreligiosa e republicana da época. Muitos críticos consideram que Cesário Verde foi o único poeta realista que, de fato, conseguiu superar a herança romântica. Um ano após sua morte, suas poesias foram coligidas de forma incompleta por seu amigo Silva Pinto no *Livro de Cesário Verde*, de 1887.

Questão Coimbrã



António Carvalho da Silva Porto, *Colheita – Ceifeiras*, 1893. Óleo sobre tela, Museu Nacional de Soares dos Reis, Porto.

Ocorrida em 1865, a Questão Coimbrã foi um embate literário-ideológico que colocou os velhos e consagrados escritores românticos de um lado e os jovens e polêmicos escritores realistas portugueses de outro, por meio de um debate veiculado em jornais, revistas e folhetos. Dessa forma, os românticos, sobretudo Antônio Feliciano de Castilho, insistiam em defender um modelo de “perfeição poética”, e os realistas, liderados por Antero de Quental, uma literatura voltada para os problemas sociais e escrita com a língua viva do falar cotidiano.

Castilho chegou a escrever um tratado de metrificação que traçava as características formais da verdadeira

arte literária, enquanto Quental editou um periódico chamado *Bom senso e bom gosto* para discursar sobre os novos ideais europeus e suas implicações artísticas. Um episódio marcante dessa querela foi o “duelo de penas”, que se transformou em um duelo de espadas (literalmente) entre Antero de Quental e Ramalho Ortigão. Tal situação ocorreu por conta do folheto “Literatura de hoje”, em que Ortigão (que mais tarde iria integrar a Geração de 70) acusava Quental de covarde por ter insultado o “cego velhinho” Feliciano de Castilho.

Eça de Queirós

Apesar da importância militante de Antero de Quental, José Maria Eça de Queirós (1845-1900) foi um dos mais importantes escritores portugueses de todos os tempos e considerado o grande nome do Realismo português. Prosador, escreveu romances e contos que determinaram os traços próprios dessa escola literária. Em seus textos, Eça debatia as questões mais cotidianas do povo português sempre com certo realismo sarcástico e zombeteiro. Denunciava os “falsos valores” protegidos pelo Estado, como o mau uso do poder sacerdotal pelos padres e a má influência das narrativas românticas sobre as “mulheres de família”.

Filho de um magistrado com uma viúva, o escritor teve uma infância conturbada e, cedo, foi colocado no internato Colégio da Lapa, de onde saiu direto para a Universidade de Coimbra a fim de estudar Direito, como seu pai. Na universidade, conheceu Antero de Quental e envolveu-se na Questão Coimbrã. Após concluir o curso, Eça de Queirós se mudou para Lisboa, onde começou a atuar como jornalista, publicando seus primeiros textos na *Gazeta de Portugal*. Assim, na função de repórter, passou a viajar pelo mundo e conheceu mais de perto o positivismo e o socialismo. Também participou de forma brilhante das Conferências Democráticas, assumindo definitivamente os ideais defendidos pela Geração de 70. No mesmo ano, fundou *As farpas*, um periódico que criticava a sociedade portuguesa da época. Pouco depois, foi nomeado cônsul e passou a viver fora de Portugal permanentemente. Casou-se aos 41 anos de idade e faleceu aos 55, na França.

Nas Conferências Democráticas, conduziu uma palestra intitulada “O Realismo como nova expressão da arte”, na qual demonstrou seus interesses teóricos em torno da estética realista, mostrando-se, naquele momento, ainda completamente confiante em seus potenciais. Seu projeto literário, formulado com objetividade e clareza, revelou a intenção de criar romances com função social, o que se evidenciava em uma carta escrita ao amigo Teófilo Braga:

A minha ambição seria pintar a sociedade portuguesa [...] e mostrar-lhe como num espelho, que triste país eles formam – eles e elas. [...] É necessário acutilar o mundo oficial, o mundo sentimental, o mundo literário, o mundo agrícola, o mundo supersticioso – e com todo respeito pelas instituições que são de origem eterna, destruir as “falsas interpretações e falsas realizações”, que lhe dá uma sociedade podre.

QUEIRÓS, Eça de. *O primo Basílio*. São Paulo: Nobel, 1980. p. 312.

A obra de Eça de Queirós é geralmente dividida em três momentos:

- **Textos iniciais**, publicados em folhetim e, depois, reunidos no volume *Prosas bárbaras*.
- **Fase realista**, iniciada em 1875 com a publicação do romance *O crime do padre Amaro*, seguido por *O primo Basílio*, de 1878, e *Os Maias*, de 1888.
- **Fase pós-realista**, com destaque para as obras *A ilustre casa de Ramires* e *A cidade e as serras*.

Eça foi um ficcionista fenomenal e conseguiu transportar para a prosa todo o clima de revolução ideológica presente nas ideias de seus colegas da Geração de 70. Produziu inúmeras obras, dentre as quais destacamos, também, *A relíquia*, *Uma campanha alegre*, *Correspondência de Fradique Mendes*, *O mistério da estrada de Sintra* (em coautoria com Ramalho Ortigão) e *Alves & Companhia*.



Estátua de Eça de Queirós em Lisboa.

O primo Basílio

Essa obra, a mais conhecida de Eça de Queirós, critica um dos valores mais arraigados na sociedade portuguesa do século XIX: a criação romântica das moças. Em uma relação intertextual evidente com *Madame Bovary*, de Flaubert, *O primo Basílio* escancara o fato de as mulheres portuguesas “de família” não serem preparadas para a vida adulta, tampouco para os amores reais, e de o casamento representar o palco de um jogo de interesses que move as relações entre as pessoas nas mais diferentes esferas da vida, como a econômica, social, psicológica etc.

Ainda que o tema conclame personagens caricatas, o livro apresenta personagens fascinantes, como a criada Juliana e o bom Sebastião, tão secundárias na narrativa quanto o seriam na vida real, mas que, de forma provocativa, são convidadas a roubar a cena.

Nascera em Lisboa. O seu nome era Juliana Couceiro Tavira. Sua mãe fora engomadeira; e desde pequena tinha conhecido em casa um sujeito, a quem chamavam na vizinhança – o fidalgo, a quem sua mãe chamava – o senhor D. Augusto. [...]

Servia, havia vinte anos. Como ela dizia, mudava de amos, mas não mudava de sorte. Vinte anos a dormir em **cacifos**; a levantar-se de madrugada, a comer os restos, a vestir trapos velhos, a sofrer os **repelões** das crianças e as más palavras das senhoras, a fazer despejos, a ir para o hospital quando vinha a doença, a **esfaltar-se** quando voltava a saúde... Era demais! Tinha

agora dias em que só de ver o balde das águas sujas e o ferro de engomar se lhe embrulhava o estômago. Nunca se acostumara a servir. Desde rapariga a sua ambição fora ter um negociozito, uma tabacaria, uma loja de capelista ou de quinquilharias, dispor, governar, ser patroa; mas, apesar de economias mesquinhas e de cálculos sôfregos, o mais que conseguira juntar foram sete moedas ao fim de anos; tinha então adoecido; com o horror do hospital fora tratar-se para casa de uma parenta; e o dinheiro, ai! Derreteria-se! No dia em que se trocou a última libra, chorou horas com a cabeça debaixo da roupa.

Ficou sempre adoentada desde então; perdeu toda a esperança de se estabelecer. Teria de servir até ser velha, sempre, de amo em amo! Essa certeza dava-lhe uma desconsolação constante. Começou a azedar-se.

QUEIRÓS, Eça de. *O primo Basílio*. São Paulo: Martin Claret, 2008. p. 73-4.

cacifo: pequeno aposento em uma construção ou habitação; cubículo.

repelão: empurrão violento; enconção.

esfalfar-se: cansar-se, fatigar-se.

Luísa e Jorge formam um casal de pequenos burgueses que vive em uma área empobrecida de Lisboa e participa de um estreito círculo social, de conversas desinteressantes e muitos mexericos. Jorge é funcionário de um ministério, e Luísa tem um cotidiano ocioso, preenchido unicamente pela leitura de romances.

O primo Basílio cruza a vida do casal em um momento em que Jorge viajava a negócios e Luísa se sentia ainda mais inquieta pela falta de ter o que fazer, o que levou a visita familiar a evoluir, sem muitas dificuldades, para um caso amoroso. Basílio, acostumado a viver no exterior, estava motivado apenas pelo desejo de uma aventura que o libertasse do tédio de Lisboa, e Luísa estava mais empolgada com a possibilidade de viver uma história de amor intenso como a dos romances do que apaixonada, de fato, pelo primo. Quando passam os momentos de aventura fugidia, Luísa se vê angustiada pela ideia de seu adultério ser descoberto pelo marido e pela sociedade.

Juliana, a “criada de dentro”, ávida por uma oportunidade de melhorar de vida, rouba algumas cartas trocadas pelos amantes e começa a chantagear Luísa. O primo Basílio desaparece sem explicações, o que inquieta Luísa apenas por um tempo, pois, com a volta do marido, ela se sente “mais apaixonada do que nunca” por Jorge. O problema é proteger seu segredo; para isso, ela cede às chantagens de Juliana em episódios tratados de forma cômica pelo narrador, nos quais patroa e criada trocam de papéis. Por fim, Luísa recorre à ajuda do “bom Sebastião”, amigo da família, para recuperar as cartas das mãos de Juliana, e a criada vem a falecer no processo.

De qualquer modo, Jorge descobre o segredo ao ler uma nova carta enviada por Basílio, na qual este explica seu repentino sumiço. Martirizado entre o desejo de matar e a vontade de perdoá-la – meio de retomar a vida comezinha de sempre –, a angustiada indecisão de Jorge não tem chances de se tornar ação definitiva, pois Luísa, cada vez mais debilitada, acaba morrendo. Esse desfecho pareceria até mesmo o de um texto romântico, não fosse a

narrativa terminar com o retorno do primo Basílio a Lisboa, vivendo despreocupadamente como sempre, sem quaisquer remorsos.

! Atenção

O romance *O primo Basílio* rendeu a conhecida polêmica Machado × Eça. O grande representante do Realismo no Brasil, Machado de Assis, escreveu um artigo criticando categoricamente tal romance de Eça de Queirós. Segundo Machado, as personagens de *O primo Basílio* eram esquemáticas demais, principalmente Luísa, a qual aparentava não ter vida própria. A trama também lhe parecia por demais truncada e artificial. Machado de Assis condenou, ainda, o apelo exagerado ao erotismo na obra. Eça de Queirós, que era grande admirador de Machado, chegou a responder ao artigo em um prefácio, nunca publicado, de um de seus romances.

Eça de Queirós: outros romances

O crime do Padre Amaro

Originalmente publicado em 1875 em fascículos na *Revista Ocidental* e, mais tarde, em 1876, como livro, *O crime do Padre Amaro* foi o primeiro romance de Eça de Queirós e rendeu-lhe polêmica e fama. O escritor não ficou satisfeito com o resultado da primeira publicação, feita às pressas por orientação do editor da revista e, por isso, publicou uma segunda versão do romance pouco tempo depois, alterando algumas passagens da narrativa. Considerando-o um romance de tese, Eça insistiu em corrigir as rebarbas da obra e, em 1880, publicou uma terceira versão de seu trabalho, que se tornou o texto definitivo de um dos romances mais lidos da Literatura portuguesa.

O crime do Padre Amaro representa um documento do que era a sociedade portuguesa na segunda metade do século XIX. Sua narrativa recria o modo de vida português sem floreios, mas também sem excessos de sarcasmo.

Amaro Vieira nascera em Lisboa em casa da senhora Marquesa de Alegros. Seu pai era criado do marquês; a mãe era criada de quarto, quase uma amiga da senhora marquesa. Amaro conservava ainda um livro, *o Menino das Selvas*, com bárbaras imagens coloridas, que tinha escrito na primeira página branca: À minha muito estimada criada Joana Vieira e verdadeira amiga que sempre tem sido, – Marquesa de Alegros. Possuía também um daguerreótipo de sua mãe: era uma mulher forte, de sobrancelhas cerradas, a boca larga e sensualmente fendida, e uma cor ardente. O pai de Amaro tinha morrido de apoplexia: e a mãe, que fora sempre tão sã, sucumbiu, daí a um ano, a uma tísica de laringe. Amaro completara então seis anos. [...] Mas a senhora marquesa ganhara amizade a Amaro; conservou-o em sua casa, por uma adoção tácita; e começou, com grandes escrúpulos, a vigiar a sua educação.

A Marquesa de Alegros ficara viúva aos quarenta e três anos e passava a maior parte do ano retirada na sua quinta de Carcavelos. Era uma pessoa passiva, de bondade indolente, com capela em casa, um respeito devoto pelos padres de S. Luís, sempre preocupada com os interesses da Igreja. [...]

A senhora marquesa resolvera desde logo fazer entrar Amaro na vida eclesiástica. A sua figura amarelada e magrita pedia aquele destino recolhido: era já afeiçoado às coisas da

capela, e o seu encanto era estar aninhado ao pé de mulheres, no calor das saias unidas, ouvindo falar de santas. A senhora marquesa não o quis mandar ao colégio, porque receava a impiedade dos tempos e as camaradagens imorais. O capelão da casa ensinava-lhe o latim, e a filha mais velha, a senhora D. Luísa, que tinha o nariz de cavalete e lia Chateaubriand, dava-lhe lições de francês e de geografia.

Amaro era, como diziam os criados, um mosquinha-morta. Nunca brincava, nunca pulava ao Sol. Se à tarde acompanhava a senhora marquesa às alamedas da quinta, quando ela descia pelo braço do Padre Liset ou do respeitoso procurador Freitas, ia a seu lado, mono, muito encolhido, torcendo com as mãos unidas o forro das algibeiras – vagamente assustado das espessuras de arvoredos e do vigor das relvas altas.

QUEIRÓS, Eça de. *O crime do Padre Amaro*. São Paulo: Marin Claret, 2007. p. 40-1.

Uma questão fulcral da obra é a contradição que existe entre o que os padres pregam e o que fazem realmente e o descompasso entre a pobreza das pessoas comuns do povo e a vida abastada e ociosa dos clérigos.

O resumo da biografia heroica de Amaro é narrado em retrospectiva, porque a ação efetiva do romance se passa em Leiria, cidade do interior em que Amaro começou a atuar como padre. Lá, o jovem padre aluga um quarto na casa de uma das beatas da igreja e passa seus dias entre cumprir as obrigações clericais e participar de serões com os outros padres e um grupo de devotas.

A narrativa propriamente dita segue o dia a dia de Amaro, um rapaz que não se tornou padre por vocação, mas por subserviência aos desejos de sua protetora, e que finalmente assume uma identidade própria somente quando parte de Lisboa para o interior a fim de gerenciar uma igreja. Apaixonado por Amélia, a jovem e bela filha de sua caseira, ele seduz a moça, afastando-a do noivo, e vive uma paixão escondida com ela. É por meio dessa paixão que o “mosquinha-morta” descobre um modo de ele próprio mandar, dispondo de poder sobre aquela moça, dirigindo-a conforme a sua vontade e usando como arma a força que a religião tem sobre a jovem.

O livro desenvolve a tese de que o catolicismo é uma das causas da decadência dos povos peninsulares nos últimos três séculos até aquele momento, visto que, nessa obra, Eça mantém a mesma postura sobre a atitude do clero e as consequências do *Concílio de Trento* apontadas por Antero de Quental.

A cidade e as serras

Último romance de Eça de Queirós, *A cidade e as serras* foi publicado postumamente em 1901. Nele, Eça continua desenvolvendo uma forte crítica social, mas reconsidera a força expressiva do Realismo e muda o foco dessa crítica.

O ponto principal do pós-Realismo em Eça é a reconciliação com Portugal, visto que, nesse romance final, o autor explora a beleza e o potencial de sua terra natal e revê sua confiança nos ideais estrangeiros apresentada nas obras da primeira e da segunda fase. Sua velha temática cidade X campo é abordada ao revés: o campo deixa de ser o espaço do provincianismo e do retrocesso histórico,

como notamos em *O crime do Padre Amaro*, e passa a representar o lugar da calma, da sabedoria, do contato com a natureza e do reencontro com o pensamento próprio. Enquanto isso, a cidade é entendida como um espaço tedioso e sem sentido, repleto de demagogia vã.



António Carvalho da Silva Porto, *Volta do mercado*, 1886. Óleo sobre tela, Museu Nacional do Chiado, Lisboa.

O meu amigo Jacinto nasceu num palácio, com cento e nove contos de renda em terras de sementeira, de vinhedo, de cortiça e de olival.

No Alentejo, pela Estremadura, através das duas Beiras, densas sebes ondulando pôr colina e vale, muros altos de boa pedra, ribeiras, estradas, delimitavam os campos desta velha família agrícola que já entulhava o grão e plantava cepa em tempos de el-rei D. Dinis. A sua Quinta e casa senhorial de Tormes, no Baixo Douro, cobriam uma serra. Entre o Tua e o Tinhela, pôr cinco fartas léguas, todo o torrão lhe pagava foro. E cerrados pinheirais seus negrejavam desde Arga até ao mar de âncora. Mas o palácio onde Jacinto nascera, e onde sempre habitara, era em Paris, nos Campos Elísios, nº 202.

Seu avô, aquele gordíssimo e riquíssimo Jacinto a quem chamavam em Lisboa o D. Galião, descendo uma tarde pela travessa da Trabuqueta, rente dum muro de quintal que uma parreira toldava, escorregou numa casca de laranja e desabou no lajedo. Da portinha da horta saía nesse momento um homem moreno, escanhoado, de grosso casaco de baetão verde e botas altas de picador, que, galhofando e com uma força fácil, levantou o enorme Jacinto – até lhe apanhou a bengala de castão de ouro que rolara para o lixo. Depois, demorando nele os olhos pestanudos e pretos:

— Ó Jacinto Galião, que andas tu aqui, a estas horas, a rebolar pelas pedras?

E Jacinto, aturdido e deslumbrado, reconheceu o Sr. Infante D. Miguel!

Desde essa tarde amou aquele bom Infante como nunca amara, apesar de tão guloso, o seu ventre, e apesar de tão devoto o seu Deus! Na sala nobre da sua casa (à Pampulha) pendurou sobre os damascos o retrato do “seu Salvador”, enfeitado de palmitos como um retábulo e, por baixo, a bengala que as magnânimas mãos reais tinham erguido do lixo. Enquanto o adorável, desejado Infante penou no desterro de Viena, o barrigudo senhor corria, sacudido na sua sege amarela, do botequim do Zé Maria em Belém à botica do Plácido nos Algibeibes, a gemer as saudades do anjinho, a tramar o regresso do anjinho. No dia, entre todos benedito, em que a Pérola apareceu

à barra com o Messias, engrinaldou a Pampulha, ergueu no Caneiro um monumento de papelão e lona onde D. Miguel, tornado S. Miguel, branco, de auréola e asas de arcanjo, furava de cima do seu corcel de Alter o Dragão do Liberalismo, que se estorcía vomitando a Carta. Durante a guerra com o “outro, com o pedreiro-livre” mandava recoveiros a Santo Tirso, a S. Gens, levar ao Rei fiambres, caixas de doce, garrafas do seu vinho de Tarrafal, e bolsas de retrós atochadas de peças que ele ensaboava para lhes avivar o ouro. E quando soube que o Sr. Miguel, com dois velhos baús amarrados sobre um macho, tomara o caminho de Sines e do final desterro – Jacinto Galião correu pela casa, fechou todas as janelas como num luto, berrando furiosamente:

— Também cá não fico! Também cá não fico!

Não, não queria ficar na terra perversa de onde partia, esbulhado e escorraçado, aquele rei de Portugal que levantava na rua os Jacintos! Embarcou para França com a mulher, a Sra. D. Angelina Fafes (da tão falada casa dos Fafes da Avelã); com o filho, o Cintinho, menino amarelinho, molezinho, coberto de caroços e leicenços; com a aia e com o moleque. Nas costas da Cantábria o pacote encontrou tão rijos mares que a Sra. D. Angelina, esguedelhada, de joelhos na enxerga do beliche, prometeu ao Senhor dos Passos de Alcântara uma coroa de espinhos, de ouro, com as gotas de sangue em rubis do Pegu. Em Baiona, onde arribaram, Cintinho teve icterícia. Na estrada de Orleães, numa noite agreste, o eixo da berlinda em que jornadeavam partiu, e o nédio senhor, a delicada senhora da casa da Avelã, o menino, marcharam três horas na chuva e na lama do exílio até uma aldeia, onde, depois de baterem como mendigos a portas mudas, dormiam nos bancos duma taberna. No “Hotel dos Santos Padres”, em Paris, sofreram os terrores dum fogo que rebentara na cavaliçã, sob o quarto de D. Galião, e o digno fidalgo, rebolando pelas escadas em camisa, até ao pátio, enterrou o pé nu numa lasca de vidro. Então ergueu amargamente ao céu o punho cabeludo, e rugiu:

— Irra! É demais!

Logo nessa semana, sem escolher, Jacinto Galião comprou a um príncipe polaco, que depois da tomada de Varsóvia se metera frade cartuxo, aquele palacete dos Campos Elísios, nº 202. E sob o pesado ouro dos seus estuques, entre as suas ramalhudas sedas se enconchou, descansando de tantas agitações, numa vida de pachorra e de boa mesa, com alguns companheiros de emigração (o desembargador Nuno Velho, o conde de Rabacena, outros menores), até que morreu de indigestão, duma lampreia de escabeche que mandara o seu procurador em Montemor. Os amigos pensavam que a Sra. D. Angelina Fafes voltaria ao reino. Mas a boa senhora temia a jornada, os mares, as caleças que racham. E não se queria separar do seu Confessor, nem do seu Médico, que tão bem lhe compreendiam os escrúpulos e a asma.

— Eu, pôr mim, aqui fico no 202 (declarara ela), ainda que me faz falta a boa água de Alcolena...

O Cintinho, esse, em crescendo, que decida.

O Cintinho crescera [...] no seu aferro de sombra, não se quis arredar da Teresinha Velho, de quem se tornara, através de Paris, a muda, tardonha sombra. Como uma sombra, casou; deu mais algumas voltas ao torno; cuspiu um resto de sangue; e passou, como uma sombra.

Três meses e três dias depois do seu enterro o meu Jacinto nasceu.

Desde o berço, onde a avó espalhava funcho e âmbar para afugentar a sorte-ruim, Jacinto medrou com a segurança, a rizeja, a seiva rica dum pinheiro das dunas.

Não teve sarampo e não teve lombrigas. As letras, a tabuada, o latim entraram por ele tão facilmente como o Sol por uma vidraça. Entre os camaradas, nos pátios dos colégios, erguendo a sua espada de lata e lançando um brado de comando, foi logo o vencedor, o rei que se adula, e a quem se cede a fruta das merendas. Na idade em que se lê Balzac e Musset nunca atravessou os tormentos da sensibilidade; – nem crepúsculos quentes o retiveram na solidão duma janela, padecendo dum desejo sem forma e sem nome. Todos os seus amigos (éramos três, contando o seu velho escudeiro preto, o Grilo) lhe conservaram sempre amizades puras e certas – sem que jamais a participação do seu luxo as avivasse ou fossem desanimadas pelas evidências do seu egoísmo.

QUEIRÓS, Eça de. *A cidade e as serras* [livro eletrónico]. São Paulo: Saraiva, 2013. p. 5-8.

Dessa forma, o narrador personagem José Fernandes inicia o relato sobre a vida de seu amigo de faculdade Jacinto de Tormes. Eles se reencontram em Paris depois de “Zé” ter passado sete anos administrando as terras de sua família em Guiães, uma província de Portugal. Após o narrador se afastar do universo intelectual afrancesado da elite portuguesa, o amigo urbano e suas ideias progressistas pareciam-lhe desgastados e sem sentido.

Apesar de viver cercado de conforto e das mais impressionantes novidades tecnológicas – ou seriam elas parafernalias inúteis? –, o próprio Jacinto aparentava infelicidade, e tudo à sua volta tinha ares de artificialismo. Por conta de problemas em suas terras em Tormes, ele decide partir com José Fernandes para Portugal; assim, fazendo o percurso da cidade para as serras, Jacinto encontra novo sentido para sua vida. Depois de uma péssima primeira impressão – já que tudo em Tormes parecia parado no tempo –, ele fica encantado com o contato com a natureza e com as pessoas que trabalhavam no campo, o que permitiu que renovasse, inclusive, suas reflexões intelectuais. Por ter se apaixonado por Joaquina, prima de José Fernandes, Jacinto decide se instalar em Tormes e, na propriedade, conduz reformas que aparentemente tornam melhores as condições de vida dos trabalhadores daquele local, os quais, por gerações, garantiram a comodidade de sua família em Paris.

Realismo no Brasil

Antes de contextualizarmos o Realismo no Brasil, cabe retomarmos as características do Romantismo nas últimas décadas do século XVIII. Naquela época, o gosto burguês prezava pela visão romântica da vida, na medida em que esta era idealizada, pintada com as cores do imaginário; a natureza, por sua vez, era a extensão da própria pátria, um refúgio do atribulado centro urbano. Dessa forma, o estado emocional do autor – intenso, melancólico, arrebatador e saudosista – prolongava-se por meio da literatura romântica, baseada no sonho, na imaginação, na fantasia, e sempre com um final feliz que levava o leitor a suspirar aliviado.

Contudo, surgiu um novo cenário: fortes transformações no modo de viver e de pensar das pessoas foram presenciadas na segunda metade do século XIX. Inúmeras

tendências ideológicas e correntes científicas – como o determinismo (de Hippolyte Taine), o positivismo (de Auguste Comte) e o evolucionismo (de Charles Darwin) – surgiram para tentar explicar os fenômenos naturais, sociais e psicológicos observados. As contradições sociais emergiram com força na segunda etapa da Revolução Industrial (iniciada no século XVIII) e com a utilização do petróleo, do aço e da eletricidade; assim, grandes complexos industriais se estruturaram e, com eles, irromperam a massa trabalhadora, os sindicatos e as reivindicações do proletariado.

Saiba mais

A corrente ideológica do **positivismo** (do teórico francês Auguste Comte) se propunha a analisar o mundo partindo dos **fatos observáveis** e da **experiência concreta**. Essa concepção filosófica é muito adequada para o entendimento do Realismo na literatura, visto que a sociedade retratada nos textos da época valorizava, sobretudo, os bens materiais e deixava em segundo plano a religião, a espiritualidade e o misticismo.

Panorama histórico-cultural

Se observarmos a produção literária no Brasil de 1860 a 1870, período referente à última geração romântica, veremos que os textos já começavam a apresentar algumas características do Realismo. As tendências dessa última geração já apontavam para uma literatura mais libertária e reformadora, com algum sentido social – como o que acontecia nos poemas escritos por Castro Alves; desse modo, certos romances já apareciam com uma linguagem mais objetiva e distante daquela postura idealizada do início do período romântico, denunciando certos problemas da sociedade da época.

Mesmo pertencentes ao período conhecido como Romantismo, alguns autores se destacaram por recorrer a estratégias diferentes na descrição de ambientes rurais e urbanos, sem os exageros da fantasia e o excesso de imaginação. Veja alguns exemplos a seguir.

- José de Alencar, que, por meio do romance *Senhora* (1875), antecipa a abordagem do casamento subjogado à condição social, desmascarando, assim, a moral burguesa.
- Visconde de Taunay, que descreve com fidelidade a paisagem e os costumes do sertão do Mato Grosso em *Inocência* (1872), equilibrando, com maestria, ficção e realidade.
- Bernardo Guimarães, que explora o tema da falta de vocação para a vida sacerdotal e o autoritarismo familiar em *O seminarista* (1872), mostrando-se contra o celibato clerical.
- Manuel Antônio de Almeida, que, em seu único romance, *Memórias de um sargento de milícias* (1872-1873), tem como protagonista um herói malandro ou um anti-herói. Além disso, utiliza uma linguagem direta, irônica e coloquial quando se refere aos estratos médio e baixo da sociedade brasileira da época de D. João VI, classes até então ignoradas pela literatura.

Tais obras já se distanciavam, em parte, do Romantismo, com uma forma mais crítica e racional de ver e sentir

a realidade, fazendo com que o Brasil se abrisse para a perspectiva realista.

Atenção

É difícil mensurar cronologicamente o início e o término exatos de cada uma das correntes estilísticas existentes. Como sua divisão é apenas didática, devemos levar em consideração o texto literário acima de tudo; por isso, é importante conhecermos o contexto histórico de cada época. Na Literatura brasileira, de 1881 a 1893, há três movimentos **simultâneos**, e não sucessivos: na prosa, Realismo e Naturalismo e, na poesia, Parnasianismo. Assim, é comum designar esse período como **realista**, em virtude da atitude de observação crítica da sociedade e da linguagem contida nos textos, sem exaltações emocionais.

Brasil: inaugura-se o Realismo com a sua linguagem questionadora

Comumente, atribui-se a Machado de Assis o início do Realismo no Brasil, em 1881, com o romance *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Notórios também são o nome de Aluísio Azevedo e seu romance *O Mulato*, igualmente de 1881, despontando com o que conhecemos como **Naturalismo**. Já na poesia, em 1882, o livro *Fanfarrais*, de Teófilo Dias, marca o advento do **Parnasianismo** em nosso país.

No Brasil, foi no Realismo que um panorama completo na literatura pôde germinar, permitindo que múltiplos gêneros literários florescessem. Assim, o romance, a poesia e o conto passaram a coexistir, estabelecendo um contexto mais maduro de nacionalidade e de reconhecimento do papel social do escritor. Dentre esses gêneros, destaca-se o narrativo (de romances e contos), o qual tem a função de trazer à tona personagens complexas e enredos psicológicos.

Em 1897, foi fundada a Academia Brasileira de Letras, que teve como primeiro presidente Machado de Assis (1839-1908), fazendo uma intermediação entre a produção intelectual e o público.

Nascido no Rio de Janeiro, Machado foi jornalista, teatrólogo, crítico literário, poeta, contista e romancista. De sua vasta obra, destacam-se seus contos e romances, uma vez que o autor se preocupava não só com a composição técnica desses textos, mas também com a boa articulação dos temas, considerando o comportamento e o caráter humanos.

Adentrar o universo de Machado de Assis é estar diante de um leque de interpretações e uma infinita riqueza temática. Com seu olhar crítico, o autor é mestre em dissecar a sociedade brasileira pelo prisma de suas personagens, conduzindo os leitores a intensa meditação e induzindo-os a decifrar as intenções do texto a todo momento.

A personagem de ficção de Machado, seja em conto, seja em romance, é campo fecundo para outros olhares, sempre passíveis de novas interpretações; assim, a personagem nunca se mostra como realmente é – mascara-se, muda as suas vestes. Além disso, a personagem machadiana vive em uma “brincadeira triste”; já adulta e consciente de sua unidade perdida, sofre muito ao ver que a vida é

uma “grande ópera”, um ato simbólico, dramático e doloroso por excelência. Tais características podem ser encontradas em variados contos, os quais priorizam uma vertente pessimista do cotidiano.

Assim, conhecer um texto de Machado é experimentar uma leitura que reúne em si o lírico e o dramático, com inigualáveis descrições desenvolvidas por meio da ação das personagens. O drama está na própria linguagem do autor: ele é cético e transforma seu ceticismo em ironia. Além disso, seu texto é o lugar de enfrentamento entre o herói problemático e o mundo de convenções e conformismo, reproduzindo o homem em processo de autoconhecimento em uma sociedade fragmentada.

Diante disso, vale lembrar que o Realismo apareceu na literatura para romper com a idealização do ambiente e do ser humano, denunciando o simulacro no qual a sociedade era induzida a viver. Simulamos para não sucumbirmos à dura realidade, ou seja, nós nos sujeitamos à vivência de certas inverdades para não sermos imediatamente marginalizados por aqueles que nos rodeiam e pensam de modo diferente de nós. Machado de Assis denunciava justamente essa falácia humana de querer ser aquilo que não se é, opondo essência e aparência, vida pública e instintos da vida interior.

O estilo de Machado de Assis

Universalismo

Machado de Assis extraiu da sociedade carioca do século XIX os principais temas para a composição de sua obra. Sem se importar mais com o subjetivismo, buscou o universal, os temas filosóficos (como essência *versus* aparência), as convenções sociais, a crueldade, a ganância, o adultério e a loucura. Desse modo, percebe-se uma máxima concentração de análises psicológicas em detrimento das descrições de paisagem e de cenário em sua obra, com enredos da fase realista que poderiam acontecer com qualquer pessoa e em qualquer lugar.

Rompimento com a linearidade da narrativa

Nos textos literários de Machado de Assis, as ações e os fatos da narrativa não seguem necessariamente uma linha cronológica, ou seja, as histórias não obedecem a uma lógica no tempo, podendo associar-se, por exemplo, às memórias do narrador.

Metalinguagem no discurso: o diálogo com o leitor

Nos textos machadianos, é comum a presença de um narrador que interrompe o que está contando para “dialogar com o leitor” ou fazer um comentário – irônico, cínico ou bem-humorado – sobre a própria escritura do conto ou do romance. A esse procedimento, dá-se o nome de metalinguagem. Também são frequentes comentários sobre certa personagem e reflexões sobre dado acontecimento. Essa característica colabora para desnudar a literatura como um artifício, ou seja, como algo construído segundo a escolha de critérios, em certa medida, arbitrários.

O humor ácido, a ironia e o pessimismo

Em seus textos, Machado de Assis revela forte descontentamento com a vida e com o homem, evidenciando a descrença na maneira como as instituições (Igreja, casamento e família) se apresentavam na burguesia. O riso causado pelo narrador e pela personagem machadiana é amargo, revoltado com a miséria moral da sociedade, visto que a postura do autor diante da vida é mais do que pessimista ou negativista: é **niilista** (de “*nihil*”, que, do latim, significa “nada”); cético e incrédulo nos valores humanos e nos valores de seu tempo.

A linguagem

A linguagem machadiana é um primado ao equilíbrio e à clareza. O autor preza pela concisão e correção gramatical, além de ser sóbrio, contido em adjetivações e circunstâncias adverbiais. Dessa maneira, fica aparente a experiência antecipadora da modernidade, não só pelo conteúdo e estilo, mas também pela simetria linguística e pelo ritmo interior.

O conto do Realismo: requinte e prestígio

Para alguns críticos, o Machado de Assis contista supera o romancista. O mais importante é percebermos que, em ambos os tipos de texto, o autor consegue ser denso em sua linguagem e impactar o leitor, levando-o a reflexões mais aprofundadas sobre a estrutura social em que vive.

Não há como fixar exatamente o início da produção de contos no Brasil, pois tal gênero não recebia tanto prestígio quanto o romance e havia inerente dificuldade em classificá-lo. O fato é que a origem do conto na Literatura brasileira está intimamente relacionada à produção de textos nos jornais em meados do século XIX. Os textos ficcionais veiculados nesses periódicos aproximaram jornalismo e literatura no que diz respeito ao público, modificando a circulação e abrangência social em que esse fenômeno se daria.

Machado de Assis escreveu cerca de duzentos contos. Assim como aconteceu com alguns romances, seus contos surgiram em pleno Romantismo; é o caso da obra *Contos fluminenses*, de 1869. No entanto, ao passar por vastas modificações, essas produções mudaram de perspectiva e de linguagem a partir de 1882, com *Papéis avulsos*. Essa obra foi de fundamental importância para o conto, assim como *Memórias póstumas de Brás Cubas* para o romance e para o estilo literário da época.

Fases do conto machadiano

O conto é uma narrativa curta e densa que representa uma unidade de ação. Na atualidade, trata-se de um tipo de texto que vem sendo muito praticado pelos ficcionistas, pois, por meio dele, os escritores conseguem flagrar algo importante do mundo moderno de forma sucinta e eficaz. A crítica aponta o conto de Machado de Assis, no Realismo, como a grande força e representatividade desse gênero na Literatura brasileira; assim, para que alcançasse tamanho reconhecimento, o autor exercitou tal gênero largamente, desde a sua fase romântica.

Contos da fase romântica	Contos da fase realista
As personagens são angustiadas, implícita ou explicitamente, pela ânsia de obterem <i>status</i> – seja pelo matrimônio com alguém mais abastado, seja pela aquisição de bens materiais. Destacam-se, nessa fase, os contos “Miss Dollar” e “Segredo de Augusta”. Aqui, ainda impera o moralismo romântico, evidenciado pela tentativa de desmascarar e punir a mentira e a traição. Em contrapartida, aparece, pela primeira vez, em “A parasita azul”, uma personagem que triunfa mesmo sendo fria, calculista e enganadora.	Machado de Assis, a partir de <i>Papéis avulsos</i> , aprofunda-se na crítica ferina ao sujeito que se mantém preso às aparências (pensemos em como esse tema é, ainda hoje, caro à literatura). Em seus contos da fase realista, o autor deixa clara a relação de conveniência que se estabelece entre as pessoas, e os narradores se tornam peças-chave para que o teor irônico e crítico do autor seja apreendido pelo leitor. São exemplos os títulos “A cartomante”, “Uns braços” e “O alienista”.

Breve análise de alguns contos machadianos: “A cartomante”

Munido de uma visão pessimista e objetiva da vida, Machado de Assis elabora um enredo que torna possível uma análise psicológica das pessoas em suas contradições no conto.

A história é sobre quatro personagens: Rita, Camilo e Vilela (o triângulo amoroso) e a cartomante. Camilo e Vilela, amigos de infância, reencontram-se depois de anos, quando Vilela e Rita já são um casal; Rita é apresentada a Camilo, e os dois se apaixonam. Desenrola-se, assim, o tema do adultério.

Rita fica insegura com o fato de o amante de repente distanciar-se dela sem um motivo aparente. Então, vai em busca de uma cartomante, a fim de que esta a oriente sobre seu destino amoroso, sendo, por isso, julgada ingênua por Camilo. O casal de amantes se distancia deliberadamente depois que Camilo recebe algumas cartas anônimas que o advertiam sobre o romance clandestino.

Vilela, marido de Rita, envia um bilhete a Camilo, chamando-o para uma conversa; este, temendo o motivo do encontro e com medo de ser descoberto, embora incrédulo, procura a mesma cartomante, que lhe revela um futuro feliz. No entanto, Machado enreda o leitor, tal como a cartomante faz com Camilo, para o surpreender no final.

Camilo quis sinceramente fugir, mas já não pôde. Rita, como uma serpente, foi-se acercando dele, envolveu-o todo, fez-lhe estalar os ossos num espasmo, e pingou-lhe o veneno na boca. Ele ficou atordoado e subjugado. Vexame, sustos, remorsos, desejos, tudo sentiu de mistura; mas a batalha foi curta e a vitória delirante. Adeus, escrúpulos! Não tardou que o sapato se acomodasse ao pé, e aí foram ambos, estrada fora, braços dados, pisando folgadoamente por cima de ervas e pedregulhos, sem padecer nada mais que algumas saudades, quando estavam ausentes um do outro. A confiança e estima de Vilela continuavam a ser as mesmas.

Um dia, porém, recebeu Camilo uma carta anônima, que lhe chamava imoral e pérfido, e dizia que a aventura era sabida de todos. Camilo teve medo, e, para desviar as suspeitas, começou a rarear as visitas à casa de Vilela. Este notou-lhe as ausências. Camilo respondeu que o motivo era uma paixão frívola de rapaz. Candura gerou astúcia. As ausências

prolongaram-se, e as visitas cessaram inteiramente. Pode ser que entrasse também nisso um pouco de amor-próprio, uma intenção de diminuir os obséquios do marido, para tornar menos dura a alevisia do ato.

Foi por esse tempo que Rita, desconfiada e medrosa, correu à cartomante para consultá-la sobre a verdadeira causa do procedimento de Camilo. Vimos que a cartomante restituiu-lhe a confiança, e que o rapaz repreendeu-a por ter feito o que fez.

ASSIS, Machado de. “A cartomante”. In: *As bases da literatura brasileira: histórias, autores, textos e testes*. Porto Alegre: AGE, 1999. p. 117.

“Uns braços”

No conto “Uns braços”, Machado de Assis toca em um tema que se torna lírico pela sua linguagem: o amor entre uma mulher (D. Severina, companheira de Borges) e Inácio, um garoto de 15 anos de idade.

A atualidade desse conto pode ser resumida em D. Severina no papel da mulher da sociedade oitocentista – os braços que intitulam o conto são os da própria mulher, que os mantém à mostra em casa e à mesa na presença de Inácio, que passa a morar com o casal para trabalhar para Borges. Não era comum, à época, que as mulheres mostrassem o mínimo de seus corpos; por isso, os braços de D. Severina são o alvo da paixão do garoto, que sonha com um beijo da mulher.

Que não possamos ver os sonhos uns dos outros! D. Severina ter-se-ia visto a si mesma na imaginação do rapaz; ter-se-ia visto diante da rede, risonha e parada; depois inclinar-se, pegar-lhe nas mãos, levá-las ao peito, cruzando ali os braços, os famosos braços. [...] E tornando, inclinava-se, pegava-lhe outra vez das mãos e cruzava ao peito os braços, até que inclinando-se, ainda mais, muito mais, abrochou os lábios e deixou-lhe um beijo na boca.

ASSIS, Machado de. “Uns braços”. *Contos de Machado de Assis: obras completas*. São Paulo: LL Library, 2015. v. 2.

“O alienista”

“O alienista” é um texto que se situa entre o conto e a novela – muitos o consideram um conto pela sua narrativa íntima, outros o analisam como novela pelo tamanho do seu texto (algumas de suas edições chegam a somar mais de oitenta páginas). Podemos ler “O alienista” como conto em razão da profundidade e do tratamento dados ao tema, o qual se centra em uma unidade.

No conto, Machado nos propõe a reflexão sobre os limites entre a “normalidade” e a “anormalidade” na mente humana. O “alienista” é Simão Bacamarte, um médico especializado na mente humana e nos seus desvios, que acata os preceitos científicos como fé e dogma. Assim, ele passa a considerar loucura todos os comportamentos que apresentem algum desvio em relação a um critério rígido de normalidade. Obcecado pelo tema de estudo, ele funda a Casa Verde, seu próprio manicômio, e interna nele um assombroso número de pessoas, como as que rezavam muito e aquelas que eram vaidosas (neste último grupo, é internada a sua própria esposa, por sua simples indecisão quanto a qual colar usar nos bailes).

O médico tem as seguintes teorias durante a narrativa: loucos são os que têm um comportamento anormal e diferente da maioria; a loucura tem seu campo ampliado (“A razão é o perfeito equilíbrio de todas as faculdades, fora daí, insânia, insânia e só insânia.”); os loucos passam a ser os que tinham perfeito equilíbrio da mente, não os de doentio juízo – assim, ele libera os primeiros internos e aprisiona os considerados “normais”; o único ser com juízo perfeito em Itaguaí era ele próprio, logo deveria ser o único interno da Casa Verde.

Desse modo, em “O Alienista”, Machado de Assis satiriza o cientificismo dominante no século XIX, ironizando seus excessos, bem salientados no Naturalismo.

Daí em diante foi uma coleta desenfreada. Um homem não podia dar nascença ou curso à mais simples mentira do mundo, ainda daquelas que aproveitam ao inventor ou divulgador, que não fosse logo metido na Casa Verde. Tudo era loucura. Os cultores de enigmas, os fabricantes de charadas, de anagramas, os maldizentes, os curiosos da vida alheia, os que põem todo o seu cuidado na tafalaria, um ou outro almocê defunado, ninguém escapava aos emissários do alienista. Ele respeitava as namoradas e não poupava as namoradeiras, dizendo que as primeiras cediam a um impulso natural, e as segundas a um vício. Se um homem era avaro ou pródigo ia do mesmo modo para a Casa Verde; daí a alegação de que não havia regra para a completa sanidade mental. Alguns cronistas creem que Simão Bacamarte nem sempre procedia com lisura, e citam em abono da afirmação (que não sei se pode ser aceita) o fato de ter alcançado da Câmara uma postura autorizando o uso de um anel de prata no dedo polegar da mão esquerda, a toda a pessoa que, sem outra prova documental ou tradicional, declarasse ter nas veias duas ou três onças de sangue godo. Dizem esses cronistas que o fim secreto da insinuação à Câmara foi enriquecer um ourives, amigo e compadre dele; mas, conquanto seja certo que o ourives viu prosperar o negócio depois da nova ordenação municipal, não o é menos que essa postura deu à Casa Verde uma multidão de inquilinos; pelo que, não se pode definir, sem temeridade, o verdadeiro fim do ilustre médico. Quanto à razão determinativa da captura e aposentação na Casa Verde de todos quantos usaram do anel, é um dos pontos mais obscuros da história de Itaguaí; a opinião mais verossímil é que eles foram recolhidos por andarem a gesticular, à toa, nas ruas, em casa, na igreja. Ninguém ignora que os doidos gesticulam muito. Em todo caso, é uma simples conjectura; de positivo nada há.

ASSIS, Machado de. “O alienista”. *Contos de Machado de Assis: obras completas*. São Paulo: LL Library, 2015. v. 2.

Monumentos literários de Machado de Assis: os romances

Memórias póstumas de Brás Cubas: aspectos gerais

Uma das características marcantes da escrita machadiana é a sobriedade com que o autor desnuda o mundo e as hipocrisias humanas, mas sem que isso o iniba de criar enredos que maximizam sua inventividade. É o que comprovamos em *Memórias póstumas de Brás Cubas*,

o romance que inaugura o Realismo no Brasil, publicado inicialmente em folhetins, no ano de 1880, e, mais tarde, como livro, em 1881.

Considerada por muitos o marco da maturidade literária de Machado de Assis, essa obra é uma ruptura com a tradição do romance brasileiro, visto que, por meio dela, o autor faz um retrato social de personagens esquecidas por muito tempo, como agregados, escravos e trabalhadores comuns. Assim, ao lermos um texto machadiano realista, deparamo-nos com marcas textuais que revelam pensamentos e contradições do comportamento de homens e mulheres do Segundo Império (século XIX) no Rio de Janeiro.

Em *Memórias póstumas de Brás Cubas*, Machado de Assis optou pela desidealização da personagem e da própria narrativa, na medida em que o humor e a ironia prevalecem, e o defunto narrador tem seu foco na análise satírica do espetáculo da vida. Há pessimismo, vícios e patologias sociais desfilando diante de Brás Cubas, os quais acabam divertindo-o ou sofrendo julgamentos por parte dele – tudo é **dúbio** na enunciação escorregadia do protagonista, como nos assevera o crítico literário Alfredo Bosi:

A revolução dessa obra, que parece cavar um fosso entre dois mundos, foi uma revolução ideológica e formal: aprofundando o desprezo às idealizações românticas e ferindo no cerne o mito do narrador onisciente, que tudo vê e tudo julga, deixou emergir a consciência nua do indivíduo, fraco e incoerente. O que restou foram as memórias de um homem igual a tantos outros, o cauto e desfrutador Brás Cubas.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1994. p. 177.

O romance apresenta 160 capítulos de extensões diversas e segue o fluxo de pensamento de Brás Cubas – o que nos leva a uma narrativa sem uma sequência cronológica.

São características marcantes da prosa de Machado de Assis em *Memórias póstumas de Brás Cubas*:

- Rompimento com a narrativa linear: recria-se o passado pelo fio condutor da memória.
- Estilo de escrita: destaca-se pelo equilíbrio, pela concisão e pela contenção lírica, com frases simples e vocábulos bem escolhidos.
- Temas abordados contraditórios e antagônicos: acentuam-se os dilemas das personagens, as quais são reflexo da sociedade.
- Metalinguagem: o narrador comenta sua escritura e dialoga com o leitor sobre a construção literária.
- Presença do realismo mágico: Brás Cubas, morto, escreve suas memórias. Também tem delírios, como a viagem em um hipopótamo e o encontro com **Pandora** no capítulo “O delírio”.
- Análise da alma humana: Machado de Assis é um analista, pois mostra as personagens em suas camadas, máscaras, angústias e em seus anseios.

dúbio: ambíguo, indefinível;

Pandora: figura da mitologia grega que tem todos os dons e males da humanidade.

APRESENTAÇÃO DAS PERSONAGENS

As personagens de *Memórias póstumas de Brás Cubas* sintetizam as relações de uma sociedade completamente estratificada, cuja estrutura social se organizava em torno do trabalho escravo. Ao mesmo tempo que se sobressaem tipos da elite brasileira do século XIX, há personagens de posição social inferior, o que evidencia a divisão entre os donos de escravos e políticos e os próprios escravos, os quais sustentavam diretamente o país. Há, também, a classe média, formada pelos comerciantes, agregados e funcionários públicos, entre outros.

São as personagens mais relevantes para o desenrolar da história:

- **Brás Cubas:** é o protagonista; um defunto autor que tem como proposta narrar a própria história. Morto aos 64 anos, passou a vida como um burguês, sem nunca – conforme ele mesmo dizia – ter precisado derramar suor para ganhar o pão. Sempre fora mimado pelo pai e acabou se tornando um rapaz irresponsável e egoísta. Como narrador, é fonte de caracterização de todas as outras personagens da trama. Além disso, é irônico e bem-humorado a seu modo, ao estilo machadiano de confrontar realidade e ficção.
- **Marcela:** foi a primeira relação amorosa intensa do jovem Brás Cubas. Era uma cortesã espanhola sensual, interesseira, “luxuosa, impaciente, amiga de dinheiro e de rapazes”. Foi a perdição financeira de Brás, que afirmou que Marcela o amou “durante quinze meses e onze contos de réis”.
- **Virgília:** é apresentada pela primeira vez, já idosa, no leito de morte de Brás Cubas, antes mesmo de o leitor conhecer sua história. Filha do Comendador Dutra, era uma mulher “bonita e fresca” na juventude. Acaba se casando com Lobo Neves movida pelo desejo de ascender socialmente, visto que o rapaz prometera transformá-la em marquesa. Torna-se amante de Brás Cubas, formando o casal adúltero que é protegido por D. Plácida.
- **Lobo Neves:** casado com Virgília, é o “amigo” de Cubas que arrebatou a candidatura política do protagonista. Sério, ambicioso e, também, muito supersticioso, recusa a nomeação a presidente de uma província porque “o pai morreu em um dia 13, treze dias depois de um jantar em que havia treze pessoas. A casa em que morrera a mãe tinha o nº 13”.
- **Eugênia:** moça bela, séria e coxa (manca) de nascença. Teve um rápido relacionamento com Brás Cubas, que não a tomou como esposa em razão de sua posição social inferior e sua deficiência, não suplantada pela beleza.
- **Quincas Borba:** aparece no romance em momentos diferentes (como menino, amigo de Brás Cubas ainda na escola; como mendigo, ao roubar um relógio de Cubas; e como filósofo e rico, defensor do Humanitismo – filosofia que “retifica o espírito”).
- **Prudêncio:** menino escravo da infância de Brás Cubas, é o “brinquedo” do protagonista. Depois de alforriado, torna-se senhor de escravos, o que, segundo o narrador, “era um modo que o Prudêncio tinha de se desfazer das pancadas recebidas, transmitindo-as a outro”.

ENREDO E FRAGMENTOS DAS MEMÓRIAS

Ao observar alguns momentos da obra, é importante se atentar para a linguagem do autor e a ironia com que o narrador personagem trata assuntos sérios.

Em 1805, no reinado de D. João VI, nasce Brás Cubas. Porém, a narrativa não começa com seu nascimento, mas sim com sua morte, fato que é contado nos oito primeiros capítulos. Brás Cubas, “do outro lado do mistério”, fala de sua genealogia e, assim, conhecemos a história da família Cubas. Ele também conta que morreu de pneumonia, contraída enquanto trabalhava fixamente em sua invenção medicamentosa – o emplasto Brás Cubas –, que seria a cura para os males e as angústias da humanidade. Nesse momento, conhecemos um homem solitário, que tem “onze amigos” acompanhando seu enterro; é a chuva fina e triste que realmente chora sua morte.

Capítulo I

Óbito do autor

[...] expirei às duas horas da tarde de uma sexta-feira do mês de agosto de 1869, na minha bela chácara de Catumbi. Tinha uns sessenta e quatro anos, rijos e prósperos, era solteiro, possuía cerca de trezentos contos e fui acompanhado ao cemitério por onze amigos. Onze amigos! Verdade é que não houve cartas nem anúncios. Acresce que chovia — peneirava — uma chuvinha miúda, triste e constante [...]

ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Globo Livros, 2008. p. 41. (Coleção biblioteca popular)

No capítulo 7 (“O delírio”), Brás Cubas, em seu leito de morte, narra alguns “fenômenos mentais”, levando o leitor a uma viagem transcendental: transforma-se na **Suma Teológica** de São Tomás e, retornando à forma humana, vê-se montado em um hipopótamo e sendo levado a uma superfície em que tudo era de neve: “nós vamos à origem dos séculos”, disse o animal. Encontra-se, então, com “Natureza, ou Pandora”, que é “mãe e inimiga”.

Suma Teológica: escrita por São Tomás de Aquino no século XIII, é obra de referência do catolicismo, abordando divergências e convergências entre a fé e a razão.

! Atenção

No último capítulo de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, lemos: *ao chegar a este outro lado do mistério, achei-me com um pequeno saldo [...]*.

A expressão em destaque nessa frase, “outro lado do mistério”, é uma forma mais branda de dizer que Brás Cubas morreu, já que o maior mistério da vida é a morte. Assim, o protagonista narra suas memórias após já ter morrido. Denominar a morte de “outro lado do mistério” corresponde a um recurso chamado **eufemismo**, que consiste em amenizar alguma situação. Em nosso cotidiano, costumamos usar outros eufemismos para morte, como “passou dessa para melhor”, “descansou”, “partiu”.

O contrário de eufemismo é **disfemismo**, em que a intenção é trocar uma expressão comum por outra mais vulgar do que a primeira, substituindo “ele faleceu” por “ele bateu as botas”, “ele vestiu o paletó de madeira” etc.

— Não te assustes, disse ela, minha inimidade não mata; é sobretudo pela vida que se afirma. Vives: não quero outro flagelo.

— Vivo?, perguntei eu, enterrando as unhas nas mãos, como para certificar-me da existência.

— Sim, verme, tu vives. Não receies perder esse **andrajo** que é teu orgulho; provarás ainda, por algumas horas, o pão da dor e o vinho da miséria. Vives: agora mesmo que ensandeceste, vives; e se a tua consciência reouver um instante de sagacidade, tu dirás que queres viver.

ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Globo Livros, 2008. p. 54. (Coleção biblioteca popular)

andrajo: roupa velha, farrapos.

Fazendo uma leitura desse delírio e levando em consideração todas as características do homem Brás Cubas, podemos inferir que a transformação da personagem na Suma Teológica adquire um teor de remissão dos pecados, por isso a transfiguração no objeto sagrado. Mais coerente com a ironia machadiana, o delírio pode ser interpretado como um sarcasmo, um deboche a uma obra cujo conteúdo sempre fora respeitado pelos cristãos. Pandora se revela sarcástica em seu encontro com Brás Cubas e, como portadora da vida e da morte, compara-o a um verme que quer viver por egoísmo e vaidade – o que se estende ao resto da humanidade.

Com certo sentimentalismo, Virgília, amante de Brás por tempos, é apresentada enigmaticamente ao leitor. Até esse momento, não se segue uma ordem de narração convencional, e tudo parece desordenado; no entanto, no capítulo 9 (“Transição”), o narrador retoma a data de seu nascimento, dando-nos uma referência temporal. Repare, também, em seu diálogo com o leitor:

[...] Vejam: o meu delírio começou em presença de Virgília; Virgília foi o meu grão pecado da juventude; não há juventude sem meninice; meninice supõe nascimento; e eis aqui como chegamos nós, sem esforço, ao dia 20 de outubro de 1805, em que nasci. Viram? Nenhuma juntura aparente, nada que divirta a atenção pausada do leitor: nada.

ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Globo Livros, 2008. p. 59. (Coleção biblioteca popular)

Ao se apresentar quando menino, Brás Cubas dá ao capítulo 11 o título “O menino é pai do homem”. Nesse trecho da história, o narrador fala sobre sua infância de “menino diabo”, maltratando escravos e fazendo o menino Prudêncio (escravo dos Cubas) servir-lhe de cavalinho todos os dias, uma “coisificação” do ser humano.

Prudêncio, um moleque de casa, era o meu cavalo de todos os dias; punha as mãos no chão, recebia um cordel nos queixos, à guisa de freio, eu trepava-lhe ao dorso, com uma varinha na mão, fustigava-o, dava mil voltas a um e outro lado, e ele obedecia – algumas vezes gemendo –, mas obedecia sem dizer palavra, ou, quando muito, um “ai, nhonhô!”, ao que eu retorquia: “— Cala a boca, besta!”.

ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Globo Livros, 2008. p. 62. (Coleção biblioteca popular)

Machado de Assis apresenta ao seu leitor, por meio da relação entre as diferentes classes existentes no Brasil, as contradições da sociedade – ao mesmo tempo que deseja a cultura e o conhecimento aos moldes europeus, vinculados à liberdade, essa sociedade é sustentada por um modo de produção escravista, tipicamente colonial.

Posteriormente, o pai de Brás Cubas estimula o exercício da masculinidade do filho assim que este se torna jovem. Dessa forma, o narrador se apaixona por Marcela, uma mulher espanhola que adorava joias, e se endivida fazendo-lhe todos os gostos. O que Machado de Assis faz ao delinear Marcela é destituir a mulher da aura idealizada das heroínas românticas, visto que Marcela é uma prostituta ambiciosa que dá “amor” em troca de joias; leviana e movida a interesses. O pai, tomando conhecimento dos gastos excessivos do filho, manda-o à Europa para estudar. Rico, superprotegido e agora homem feito e instruído, ele volta ao Brasil.

[...] A que me cativou foi uma dama espanhola. Marcela, a “linda Marcela”, como lhe chamavam os rapazes do tempo. [...] Era boa moça, lépida, sem escrúpulos, [...] luxuosa, impaciente, amiga de dinheiro e de rapazes. [...] Gostava muito das nossas antigas dobras de ouro, e eu levava-lhe quantas podia obter [...]

...Marcela amou-me durante quinze meses e onze contos de réis; nada menos. Meu pai, logo que teve aragem dos onze contos, sobressaltou-se deveras; achou que o caso excedia as raias de um capricho juvenil.

— Desta vez, disse ele, vais para a Europa [...].

ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Globo Livros, 2008. p. 73, 76 e 79. (Coleção biblioteca popular)

Pensando em casar o filho e torná-lo deputado, o pai de Brás Cubas quer fazer o casamento do filho com Virgília – a “Ursa Maior” –, filha do Conselheiro Dutra, de alta classe social e forte influência política. Brás Cubas acaba perdendo a mulher e o cargo para Lobo Neves, mais astuto politicamente. Tempos depois, Brás e Virgília reencontram-se em um baile e se tornam amantes, em uma relação extraconjugal que dura muitos anos.

Veja, no trecho a seguir, como Virgília é caracterizada, em uma crítica mordaz ao Romantismo – momento de idealização feminina.

Virgília? Mas então era a mesma senhora que alguns anos depois...? A mesma; era justamente a senhora, que em 1869 devia assistir aos meus últimos dias, e que antes, muito antes, teve larga parte nas minhas mais íntimas sensações. Naquele tempo contava apenas uns quinze ou dezesseis anos; era talvez a mais atrevida criatura da nossa raça e, com certeza, a mais voluntariosa. Não digo que já lhe coubesse a primazia da beleza, entre as mocinhas do tempo, porque isto não é romance, em que o autor sobredoura a realidade e fecha os olhos às sardas e espinhas; mas também não digo que lhe maculasse o rosto nenhuma sarda ou espinha, não.

ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Globo Livros, 2008. p. 101. (Coleção biblioteca popular)

Em outro momento, Brás Cubas conhece Eugênia, uma moça com uma deficiência congênita na perna. O pensamento de Cubas sobre a moça revela a oposição aparência × essência.

O pior é que era coxa. Uns olhos tão lúcidos, uma boca tão fresca, uma compostura tão senhoril; e coxa! Esse contraste faria suspeitar que a natureza é às vezes um imenso escárnio. Por que bonita, se coxa? Por que coxa, se bonita?

ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Globo Livros, 2008. p. 109. (Coleção biblioteca popular)

Já Quincas Borba aparece pela primeira vez no capítulo 13, ainda na infância dele e de Brás Cubas.

Uma flor, o Quincas Borba. Nunca em minha infância, nunca em toda a minha vida, achei um menino mais gracioso, inventivo e travesso. Era a flor, e não já da escola, senão de toda a cidade. A mãe, viúva, com alguma coisa de seu, adorava o filho e trazia-o amimado, aseado, enfeitado [...].

ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Globo Livros, 2008. p. 72. (Coleção biblioteca popular)

Ora rico, ora mendigo – quando rouba um relógio de Brás Cubas, desaparece e depois volta herdeiro rico novamente –, Quincas Borba vai enlouquecendo progressivamente. É criador da teoria do Humanitismo, cuja síntese está na frase “Ao vencedor, as batatas”, e encontra em Brás um seguidor de sua proposta, e este acaba enxergando a explicação para sua vida esvaziada de sentido.

Incidentes e fracassos constituem a vida de Brás Cubas, que termina suas memórias de forma bem melancólica, asseverando a miséria da raça humana.

Este último capítulo é todo de negativas. Não alcancei a celebridade do emplasto, não fui ministro, não fui califa, não conheci o casamento. Verdade é que, ao lado dessas faltas, coube-me a boa fortuna de não comprar o pão com o suor do meu rosto. Mais: não padeci a morte de D. Plácida, nem a semidemência do Quincas Borba. Somadas umas coisas e outras, qualquer pessoa imaginará que não houve míngua nem sobra, e consequentemente que saí quite com a vida. E imaginará mal; porque, ao chegar a este outro lado do mistério, achei-me com um pequeno saldo, que é a derradeira negativa deste capítulo de negativas: – Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado da nossa miséria.

ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Cotia: Ateliê, 1998. p. 254.

ELEMENTOS DA NARRATIVA

Tempo

Primeiro, é preciso lembrar que Brás Cubas narra suas memórias de seu túmulo, “do outro lado do mistério”, o que é incomum até mesmo na literatura da atualidade, quem dirá, então, em 1881. Didaticamente, dizemos que a personagem narra suas memórias pautada em dois tempos: o tempo psicológico – um zigue-zague de acontecimentos contados arbitrariamente – e o tempo cronológico – em que Brás Cubas protagoniza infância, adolescência, fase adulta e morte.

Foco narrativo

Em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, o foco narrativo é em 1ª pessoa, com um narrador personagem contando, de forma onisciente e depois de morto, sobre a sua existência. Brás Cubas assume a posição de ator e espectador ao mesmo tempo, o que confere à narrativa um ritmo próprio, o qual é lento ou veloz de acordo com a experiência contada. O narrador interrompe, comenta ou

critica as situações e, é claro, ironiza-as – ri de sua miséria de alma e de si mesmo com ares de superioridade.

Digressão

O processo de digressão comum à obra machadiana é um “passeio”, um desvirtuamento intencional da ideia principal, que dá espaço a comentários marginais. Com uma narração de temporalidade dupla, Brás Cubas tem como hábito a interrupção dos fatos para entremear comentários reflexivos ou críticos. Esse recurso acaba despistando leitores desavisados, que precisam “fechar e abrir parênteses” para acompanhar a narrativa fragmentada.

Metalinguagem

A metalinguagem, caracterizada como um recurso ostensivo, é um código que explica a ele mesmo: a linguagem fala sobre a própria linguagem, o livro fala sobre o livro, o narrador fala sobre a narrativa, entre outros. Assim, nos primeiros parágrafos, intitulados “Ao leitor” e “Óbito do Autor”, o narrador explica seu próprio texto e as razões pelas quais o escreve.

A barreira da ilusão/ficção é rompida quando somos confrontados com a autoexplicação do romance. De início, há um estranhamento; depois, o leitor é despertado, e sente admiração pela maestria literária de Machado de Assis.

! Atenção

Como um defunto autor, Brás Cubas faz sua narração indiferente às opiniões alheias, pois pode dispensar as regras de convivência social e está na melhor situação para analisar e criticar os atos humanos. Assim, é possível perceber que há uma profunda descrença na sociedade, a qual ele considera miserável. A essa atitude de inexistência de sentido para as coisas da vida, de vazio e negação a qualquer princípio, dá-se o nome de niilismo. Portanto, além de pessimista, Brás Cubas é niilista, o que pode explicar a dedicatória de suas memórias aos vermes: “*Ao verme que primeiro roeu as frias carnes do meu cadáver, dedico como saudosa lembrança estas memórias póstumas*”.

A obra em si mesma é tudo: se te agrada, fino leitor, pago-me da tarefa; se te não agrada, pago-te com um piparote, e adeus.

ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Globo Livros, 2008. p. 40.

Mas não; não alonguemos este capítulo. Às vezes, esqueço-me a escrever, e a pena vai comendo papel, com grave prejuízo meu, que sou autor. Capítulos compridos quadram melhor a leitores pesadões; e nós não somos um público *in-folio*, mas *in-12*, pouco texto, larga margem, tipo elegante, corte dourado e vinhetas... Não, não alonguemos o capítulo.

ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Globo Livros, 2008. p. 22.

Quincas Borba: aspectos gerais

Este Quincas Borba, se acaso me fizeste o favor de ler as *Memórias póstumas de Brás Cubas*, é aquele mesmo naufrago da existência, que ali aparece, mendigo, herdeiro inopinado, e inventor de uma filosofia.

ASSIS, Machado de. *Quincas Borba*. São Paulo: Penguin & Companhia das Letras, 2012.

Quincas Borba, que intitula esse livro, corresponde ao mesmo menino-mendigo-filósofo que aparece em *Memórias póstumas de Brás Cubas*, mas é enganoso pensar que Quincas será o protagonista dessa história, pois a atenção recairá sobre Rubião, amigo do filósofo. Quincas, ao morrer, deixa uma grande herança para esse amigo sob uma condição peculiar: ele deve cuidar de seu cachorro, chamado, também, Quincas Borba.

Publicado em 1891, dez anos após *Memórias póstumas de Brás Cubas*, o romance *Quincas Borba* desenvolve a tese do Humanitismo, já apontada no romance anterior, cujo lema é “Ao vencedor, as batatas”. Dividida em 201 capítulos curtos, a obra apresenta, ao estilo machadiano, temas crítico-reflexivos – os marginalizados, os diferentes, os pobres e os loucos. Com narração em 3ª pessoa, acompanhamos a história de Rubião, que, feito rico, será explorado e se tornará miserável – exemplo concreto da teoria de Quincas –, pois, fraco e ingênuo, acaba sucumbindo aos que estão mais adaptados ao mundo capitalista.

PERSONAGENS PRINCIPAIS

- **Rubião:** era professor da cidade de Barbacena, em Minas Gerais. Torna-se herdeiro universal de Quincas Borba, pois era seu “enfermeiro” em seus últimos dias e seu único amigo.
- **Quincas Borba (o filósofo):** já aparece em *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Ao se mudar para Barbacena, cai nas graças da irmã de Rubião, do qual se torna amigo. Tem como ideal a teoria do Humanitismo – os mais fortes e adaptados sobrevivem, os mais fracos serão manipulados até sua completa aniquilação. “Ao vencedor, as batatas” é a síntese da alegoria criada para explicar essa filosofia.
- **Quincas Borba (o cachorro):** passa a viver com Rubião depois da morte de seu dono, o filósofo. É personagem fundamental na trama e apresenta comportamentos cada vez mais humanos.
- **Sofia e Cristiano Palha:** formam o casal que se aproveitará da fortuna de Rubião com o intuito de ascender socialmente.

ENREDO E FRAGMENTOS DE UMA TEORIA

Quincas Borba abandona o Rio de Janeiro e parte para Barbacena (MG). Logo que chega lá, enamora-se de uma viúva (Maria da Piedade), irmã de Rubião, o qual fazia gosto em casá-los. A senhora acaba morrendo, e a amizade entre os dois prospera. Quando Quincas adoece, Rubião passa a servi-lo como cuidador – era o seu único amigo na cidade.

Após a morte do rico filósofo, Rubião herda de Quincas Borba suas propriedades, suas apólices e uma grande soma em dinheiro, além do seu cachorro (também chamado Quincas Borba), com a condição, para que recebesse toda a doação, de que cuidasse dele sem medir esforços.

Quando o testamento foi aberto, Rubião quase caiu para trás. Adivinhais por quê. Era nomeado herdeiro universal do testador. Não cinco, nem dez, nem vinte contos, mas tudo, o

capital inteiro, especificados os bens, casas na Corte, uma em Barbacena, escravos, apólices, ações do Banco do Brasil e de outras instituições, joias, dinheiro amoeado, livros, – tudo finalmente passava às mãos do Rubião [...]. Uma só condição havia no testamento, a de guardar o herdeiro consigo o seu pobre cachorro Quincas Borba, nome que lhe deu por motivo da grande afeição que lhe tinha. Exigia do dito Rubião que o tratasse como se fosse a ele próprio testador, nada poupando em seu benefício, resguardando-o de moléstias, de fugas, de roubo ou de morte que lhe quisessem dar por maldade; cuidar finalmente como se cão não fosse, mas pessoa humana.

ASSIS, Machado de. *Quincas Borba*. São Paulo: Penguin & Companhia das Letras, 2012.

Rubião se muda de Barbacena para o Rio de Janeiro; agora, quer desfrutar do dinheiro recebido. Durante tal viagem de trem, conhece o casal Sofia e Cristiano Palha, para os quais conta inocentemente sobre a fortuna que herdara. O casal se entreolha: era a situação perfeita; logo, oferecem companhia e ajuda amistosa.

Sofia Palha era uma mulher belíssima e gostava de ser desejada. Logo, torna-se alvo do desejo de Rubião. Cristiano, ao saber do interesse de Rubião por sua esposa, sente-se dividido entre o ciúme e a conquista fácil de prestígio social. Sofia já não poupa esforços para seduzir Rubião – astuciosamente, dribla o interesse do moço avançando e recuando nos cortejos – e ainda consegue manter intacto seu casamento.

— Meu Deus! como é bonita! Sinto-me capaz de fazer um escândalo! continuava a pensar o Rubião, encostado à janela, de costas para fora, com os olhos esquecidos na bela dama, que olhava para ele.

ASSIS, Machado de. *Quincas Borba*. São Paulo: Penguin & Companhia das Letras, 2012.

Cristiano Palha oferece a Rubião sociedade em uma casa de importação, a “Palha e Cia”. O afortunado ainda recuou por algum tempo, mas aceitou logo que Sofia, de forma dissimulada, insistiu no acordo.

Sofia (dona astuta!) recolheu-se à inconsciência do homem, respeitosa da liberdade moral, e deixou-o resolver por si mesmo que entraria de sócio com o marido, mediante certas cláusulas de segurança. Foi assim que se fez a sociedade comercial; assim é que Rubião legalizou a assiduidade das suas visitas.

ASSIS, Machado de. *Quincas Borba*. São Paulo: Penguin & Companhia das Letras, 2012.

Rubião é explorado e caminha rumo à derrota. Sua riqueza se esvai nas mãos de aproveitadores, momento no qual ele assume seus delírios de grandeza, com “suas ideias tortas e confusas”; torna-se imperador Napoleão III, vai a campos de batalha, entra em transe e se lembra de Quincas Borba e de sua teoria.

Espalhou-se a nova da mania de Rubião. Alguns, não o encontrando nas horas do delírio, faziam experiências, a ver se era verdadeiro o boato; encaminhavam a conversação para os negócios de França e do imperador. [...]

Passaram-se alguns meses, veio a guerra franco-prussiana, e as crises de Rubião tornaram-se mais agudas e menos espaçadas. [...]

A queda de Napoleão III foi para ele a captura do Rei Guilherme, a revolução de 4 de Setembro um banquete de bonapartistas. [...]

ASSIS, Machado de. *Quincas Borba*. São Paulo: Penguin & Companhia das Letras, 2012.

Rubião vai à falência, adoece e é abandonado por todos que o cercavam, exceto pelo cachorro Quincas Borba. Por fim, o protagonista é internado em um asilo, de onde foge para retornar a Barbacena, e, durante a exposição a uma chuva, contrai pneumonia e morre. O cachorro Quincas Borba sai à procura de seu dono e morre três dias depois.

No último capítulo do livro, há um diálogo do narrador com o leitor – uma das marcas da literatura de Machado de Assis.

CAPÍTULO CCI

Queria dizer aqui o fim do Quincas Borba, que adoeceu também, ganiu infinitamente, fugiu desvairado em busca do dono, e amanheceu morto na rua, três dias depois. Mas, vendo a morte do cão narrada em capítulo especial, é provável que me perguntes se ele, se o seu defunto homônimo é que dá o título ao livro, e por que antes um que outro, – questão preenhe de questões, que nos levariam longe... Eia! chora os dois recentes mortos, se tens lágrimas. Se só tens riso ri-te! É a mesma coisa. O Cruzeiro, que a linda Sofia não quis fitar, como lhe pedia Rubião, está assaz alto para não discernir os risos e as lágrimas dos homens.

ASSIS, Machado de. *Quincas Borba*. São Paulo: Penguin & Companhia das Letras, 2012.

HUMANITISMO: A TEORIA DAS BATATAS

O Humanitismo, a teoria criada por Quincas Borba, aparece, inicialmente, em *Memórias póstumas de Brás Cubas* como “um novo sistema de filosofia”. Tratava-se de ideias compiladas “em quatro volumes manuscritos, de cem páginas cada um” – uma mistura das teorias científicas da época, articuladas pelo narrador com tom irônico. Segundo o filósofo Quincas Borba, Humanitas ou Humanitismo é “o princípio das coisas” e pode explicar tudo – é um darwinismo caricato impregnando sua visão de mundo e do homem. Com essa teoria, os meios para garantir a sobrevivência na sociedade tornam-se justificáveis; assim, uma guerra para determinar qual é o elo mais forte da cadeia chega a ser uma necessidade.

Quincas Borba cria uma alegoria para explicar seu sistema filosófico:

— Não há morte. O encontro de duas expansões, ou a expansão de duas formas, pode determinar a supressão de uma delas; mas, rigorosamente, não há morte, há vida, porque a supressão de uma é a condição da sobrevivência da outra, e a destruição não atinge o princípio universal e comum. Daí o caráter conservador e benéfico da guerra. Supõe tu um campo de batatas e duas tribos famintas. As batatas apenas chegam para alimentar uma das tribos, que assim adquire forças para transpor a montanha e ir à outra vertente, onde há batatas em abundância; mas, se as duas tribos dividirem em paz as batatas do campo, não chegam a nutrir-se suficientemente e morrem de inanição. A paz, nesse caso, é a destruição; a guerra é a

conservação. Uma das tribos extermina a outra e recolhe os despojos. Daí a alegria da vitória, os hinos, aclamações, recompensas públicas e todos os demais efeitos das ações bélicas. Se a guerra não fosse isso, tais demonstrações não chegariam a dar-se, pelo motivo real de que o homem só comemora e ama o que lhe é aprazível ou vantajoso, e pelo motivo racional de que nenhuma pessoa canoniza uma ação que virtualmente a destrói. Ao vencido, ódio ou compaixão; ao vencedor, as batatas.

ASSIS, Machado de. *Quincas Borba*. São Paulo: Penguin & Companhia das Letras, 2012.

! Atenção

Já é sabido que o século XIX foi regado por concepções e esquemas deterministas que visavam explicar as relações sociais. Na ficção de Machado de Assis, a teoria de Quincas Borba – o Humanitismo – tem bases explícitas na teoria darwiniana (de que “os mais aptos sobrevivem”), conforme pode ser visto no trecho a seguir, escrito pelo próprio Darwin:

Tudo o que podemos fazer é lembrar-nos a todo o momento que todos os seres organizados se esforçam continuamente por se multiplicar segundo uma progressão geométrica; que cada um deles em certos períodos da vida, durante certas estações do ano, no decurso de cada geração ou em certos intervalos, deve lutar pela existência e estar exposto a uma grande destruição. O pensamento desta luta universal provoca tristes reflexões, mas podemos consolar-nos com a certeza de que a guerra não é incessante na natureza, que o medo é desconhecido, que a morte está geralmente pronta, e que são os seres vigorosos, sãos e felizes que sobreviverão e se multiplicarão.

DARWIN, Charles. *A origem das espécies*. Paúl, Joaquim da Mesquita (Trad.). Porto: Lello & Irmão, 2003.

Mesmo não sendo da vontade de seu autor, a teoria da adaptação de Darwin se estendeu para justificar o capitalismo e seus efeitos. Racionalizando, os “mais aptos” da sociedade receberiam as benesses do sistema, e seriam ignoradas as circunstâncias que rebaixariam os outros membros à precariedade em educação e saúde, por exemplo. Estaria justificada a elevada “aptidão” de uns sobre os outros. Diante desse raciocínio, Rubião fica sem as filosóficas batatas.

Analisando essa teoria com base no romance de que ela faz parte, temos, de um lado, Rubião, com sua fortuna e ingenuidade e, do outro, o casal Palha e os outros usurpadores, com ganância e astúcia; na guerra pela sobrevivência, os aptos são os golpistas, já Rubião é o mais frágil e “perde as batatas”, sucumbindo à loucura até sua morte.

Podemos analisar o Humanitismo de Quincas Borba como uma espécie de “darwinismo social” se pensarmos que as personagens menos adaptadas se tornam fantoches e são manipuladas. A sociedade incentiva o capitalismo e “coisifica” o ser humano, que passa a figurar como consumidor-consumido. Machado de Assis, em seu tempo absorto em teorias científicas (como o darwinismo, o determinismo, o positivismo e o psicologismo), denuncia os possíveis graus de incerteza dessas ciências, que podem

ser relativas, abrindo espaço para discussões sobre o desconhecido justamente por meio de um filósofo insano.

Quincas Borba – o cão

O leitor crítico do romance *Quincas Borba* pode se perguntar o que representa o cachorro Quincas Borba e por que o dono e o animal têm o mesmo nome. Segundo a doutrina do filósofo, Humanitas era o princípio da vida e existia em todo ser, inclusive nos cães.

Leia a narração feita sobre as características do cachorro e sua relação íntima com o dono:

Rubião achou um rival no coração de Quincas Borba, – um cão, um bonito cão, meio tamanho, pelo cor de chumbo, malhado de preto. Quincas Borba levava-o para toda parte, dormiam no mesmo quarto. De manhã, era o cão que acordava o senhor, trepando ao leito, onde trocavam as primeiras saudações. Uma das extravagâncias do dono foi dar-lhe o seu próprio nome; mas, explicava-o por dois motivos, um doutrinário, outro particular.

— Desde que Humanitas, segundo a minha doutrina, é o princípio da vida e reside em toda a parte, existe também no cão, e este pode assim receber um nome de gente, seja cristão ou muçulmano...

ASSIS, Machado de. *Quincas Borba*. São Paulo: Penguin & Companhia das Letras, 2012.

Após a morte do homem Quincas Borba, o seu cão passa a transmitir a Rubião as mesmas feições do dono, com olhar sério e interpretativo.

Olhou para o cão, enquanto esperava que lhe abrissem a porta. O cão olhava para ele, de tal jeito que parecia estar ali dentro o próprio e defunto Quincas Borba; era o mesmo olhar meditativo do filósofo, quando examinava negócios humanos [...] mas então os olhos do cão, meio fechados de gosto, tinham um ar dos olhos do filósofo, na cama, contando-lhe coisas de que ele entendia pouco ou nada.

ASSIS, Machado de. *Quincas Borba*. São Paulo: Penguin & Companhia das Letras, 2012.

Uma leitura plausível é a de que o cachorro é o prolongamento do homem, uma projeção – por meio da prosopopeia – do filósofo; uma metamorfose para explicar o Humanitismo.

Se eu morrer antes, como presumo, sobreviverei no nome do meu bom cachorro. Ris-te, não?

ASSIS, Machado de. *Quincas Borba*. São Paulo: Penguin & Companhia das Letras, 2012.

Machado de Assis: Bentinho e a tal Capitu

Capitu foi uma personagem do romance realista *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, e inspiração para inúmeras discussões sobre as personagens femininas na Literatura brasileira. Assim, na ficção, existem as mulheres antes e as depois de Capitu.

Dom Casmurro: aspectos gerais

Indubitavelmente, *Dom Casmurro* é um marco na literatura brasileira. O romance faz parte da fase madura do Realismo de Machado de Assis, considerado

o principal escritor do período; o autor, além disso, é um vanguardista de seu tempo e não se atém somente à clareza e ao equilíbrio: Machado de Assis é um experimentalista do Realismo ao brincar com as palavras, sendo sarcástico e valorizando as possibilidades de disposição dos elementos gráficos na página em branco.

Dom Casmurro foi publicado em 1899, tem 148 capítulos curtos e é considerado o terceiro romance da fase madura de Machado de Assis. O seu narrador, Bentinho, é ardiloso ao arquitetar a trama de argumentos para nos convencer de que sua esposa, Capitu, é adúltera. Aliás, nós, leitores, precisamos de maturidade para entender o que há por trás do obscurantismo latente no narrador.

! Atenção

A fase madura de Machado de Assis é composta das seguintes obras: *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1881); *Quincas Borba* (1891); e *Dom Casmurro* (1899).

Antes de abordar a questão do ciúme – base para a acusação do hipotético adultério –, é importante atentar-se às perspectivas histórica e familiar que também envolvem a trama, já que há relações fundamentais no seio da família de Bentinho que propagam a ideia da traição: José Dias cria uma metáfora para o olhar de Capitu (“cigana oblíqua e dissimulada”), já Dona Glória mantém o filho sob suas rédeas e superproteção durante boa parte de sua vida, tendo com ele um laço muito estreito e reforçando um modelo feminino padronizado incutido na mente de Bento.

Historicamente, a obra remonta a um momento da trajetória do Brasil baseado na família patriarcal e oligárquica, em que impera um sistema de classes com bases escravocrata e conservadora – esta última, principalmente, relacionada ao papel da mulher na sociedade e aos preconceitos a ela impostos. Segundo o desejo do narrador, reproduzir a vida de criança e adolescente é uma tentativa de manutenção desses valores, e feri-los consiste em uma nova maneira de leitura desses atos convencionais, o que Capitu faz ao revelar novas formas de encarar o mundo.

É Bento Santiago – o Dom Casmurro – quem pretende “atar as duas pontas da vida e restaurar, na velhice, a adolescência”. Sobre Capitu, há logo uma advertência: não tente incriminá-la; existem muitas linhas tortuosas e psicologismos que, por vias literárias, nos levam a uma sondagem tanto do mistério feminino quanto do narcisismo masculino.

! Atenção

Desde sua publicação e por mais de 60 anos, *Dom Casmurro* foi apenas um exemplar de romance sobre o adultério feminino. Contudo, em 1960, a estudiosa norte-americana Helen Caldwell propôs a leitura da obra com os olhares voltados a Bentinho – já que ele é a personagem problemática, e não Capitu. Machado de Assis havia criado uma obra cujo narrador não dá voz à mulher; já que temos apenas uma versão da história, devemos desconfiar de tanta parcialidade.

PERSONAGENS: UMA PRIMEIRA PERSPECTIVA

- **Bento Santiago – Bentinho:** o narrador da história é filho único vindo de uma família rica. Já mais velho, escreve para dar vazão a dúvidas e infelicidades da vida. Por uma promessa da mãe, foi seminarista, mas não tinha vocação para o sacerdócio – seu dom era amar Capitu, a quem acusa de adultério com o melhor amigo de seminário. De uma infância tímida e insegura, passa a uma velhice amarga e cética – fatos desafiados ao longo da narrativa.
- **Capitolina – Capitu:** desde pequena, era amiga e vizinha de Bentinho. De personalidade forte, pouco sabemos de seu físico: a atenção toda recai sobre seus olhos, que eram “de cigana oblíqua e dissimulada”, na versão parcial de José Dias.
- **José Dias:** era um agregado da casa de Bentinho e representa, na obra, as pessoas que viviam de favor com os ricos do Brasil Império, as quais, em muitos casos, influenciavam as decisões familiares. São figuras características desse período – pessoas ociosas, que não eram proprietárias nem comerciantes –, cuja presença se mostra bem comum em obras do século XIX. José Dias se apresentou como um médico homeopata, mas isso não passava de uma mentira para adentrar na família.
- **Dona Glória:** mãe de Bentinho e viúva de Pedro de Albuquerque Santiago, dedicou-se exclusivamente ao filho único e à memória do marido. Era superprotetora e muito religiosa, retrato de uma poderosa matriarca oitocentista.
- **Escobar:** era o melhor amigo de Bentinho. Conheceram-se no seminário, e a afeição veio da identificação de ambos, que não tinham vocação sacerdotal. Escobar era decidido, de grande perspicácia intelectual, e teve êxito no comércio de café. Foi acusado de traidor por Bentinho quando este desconfiou que o amigo lhe tomou a esposa. Era um exímio nadador, mas acaba tragado pelo mar em um dia de ressaca.
- **Sancha:** era amiga de Capitu dos tempos de colégio e esposa de Escobar, com quem teve uma filha, a quem deu o nome da amiga Capitu.
- **Ezequiel:** era filho de Bentinho e Capitu e recebeu o nome do amigo Escobar, o qual também se chamava Ezequiel. Com o crescimento do menino, Bento começa a achar semelhanças entre o garoto e o melhor amigo, inclusive nos trejeitos, o que passou a confirmar a sua desconfiança de que Ezequiel seria fruto de uma relação entre Capitu e Escobar. O jovem passa pelo internato e quase é morto pelo pai.

Dom Casmurro

Qualquer tentativa de contar a história ou resumir o enredo de *Dom Casmurro* acaba atendo-se aos fatos exteriores da obra, que, embora sejam importantes, ocupam um plano secundário em um romance no qual as sutilezas de análise e a caracterização das personagens são fundamentais. Podemos, *a priori*, comentar os fatos marcantes do livro e citar trechos que comprovem o porquê de *Dom Casmurro* ser uma obra de múltiplas leituras.

Por uma questão didática, abordaremos os acontecimentos da vida de Bentinho da infância à velhice. Salientamos que a obra machadiana é marcada pela digressão do narrador – o livro começa pela solidão e velhice trágica do protagonista.

! Atenção

Por que Dom Casmurro? O próprio narrador nos conta como ganhou esse apelido, logo no primeiro capítulo (“Do título”). *Dom* veio como um título de nobreza a quem apresentava vaidade e presunção – atribuição irônica, que fique bem claro. “Casmurro” foi o adjetivo dado por ser “homem calado e metido consigo”.

As origens

Bentinho nasceu de uma promessa de sua mãe. Depois de esta ter um filho morto, prometeu, por ser muito religiosa, tornar padre o filho que lhe viesse forte e saudável; assim, Bento, algum dia, iria ao seminário. Com Bentinho aos 2 anos de idade, a Família Albuquerque Santiago se instala no Rio de Janeiro em uma casa na Rua Mata-cavalos. Dona Glória perde o marido dois anos depois; dona de toda a herança, era respeitada e tinha todas as vontades feitas, principalmente pelo agregado José Dias.

A relação com Capitu

Ao lado da casa de Dona Glória, vivia a família Pádua, formada por João, Fortunata e Capitu. Eram mais pobres e deviam lealdade à Dona Glória, que os abrigara de uma enchente. Bentinho e Capitu foram criados juntos, e, com uma comunicação por meio do muro entre as duas casas, a relação dos dois se estreitava. O ano era 1857: Bentinho com 15 e Capitu com 14 anos de idade; era hora de enviar Bentinho ao seminário ou, de acordo com o pensamento de José Dias, haveria dificuldade de fazê-lo, dada a proximidade entre os jovens.

— Há algum tempo estou para lhe dizer isto, mas não me atrevia. Não me parece bonito que o nosso Bentinho ande metido nos cantos com a filha do Tartaruga [*Pádua*], e esta é a dificuldade, porque se eles pegam de namoro, a senhora terá muito que lutar para separá-los. [...] Bentinho quase que não sai de lá. A pequena é uma desmiolada [...].

ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. São Paulo: Nobel, 1984. p. 9.

A essa altura, Bentinho já amava Capitu. Ao tentar contar a ela que seria mandado ao seminário, viu uma inscrição no muro, riscada a prego por Capitu.

Bento

Capitolina

[...] Em verdade, não falamos nada; o muro falou por nós. Não nos movemos, as mãos é que se estenderam pouco a pouco, todas quatro, pegando-se, apertando-se, fundindo-se. [...] Conhecia as regras do escrever, sem suspeitar as do amar; tinha orgias de latim e era virgem de mulheres.

ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. São Paulo: Nobel, 1984. p. 31.

Capitu e o plano

Capitu se irrita com a possibilidade de o namorado ir ao seminário e insulta Dona Glória, chamando-a de “Beata, Carola, Papa-missas!”. Um plano é traçado pela garota: José Dias deveria interceder firmemente junto a Dona Glória para que Bento estudasse Direito, evitando, assim, o seminário, visto que ele seria o futuro senhor de todos os bens da família. Durante a conversa, que começou hesitante, José Dias faz o comentário sobre Capitu que mudaria os rumos da história.

Você já reparou nos olhos dela? São assim de cigana oblíqua e dissimulada.

ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. São Paulo: Nobel, 1984. p. 52.

Em sua fala, José Dias referia-se ao poder de manipulação de Capitu, ao olhar esquivo e enganador, comparado ao dos ciganos, os quais sofriam preconceito na época. Sobre a ideia de Bento estudar Direito, José Dias pensou logo em uma vida na Europa e, assim, foi convencido a levar a cabo o plano de Capitu.

Dias depois, Bentinho quis conferir os olhos da garota para comprovar o julgamento de José Dias. Ao contemplá-los, definiu-os da seguinte forma:

Olhos de ressaca? Vá, de ressaca. É o que me dá ideia daquela feição nova. Traziam não sei que fluido misterioso e enérgico, uma força que arrastava para dentro, como a **vaga** que se retira da praia, nos dias de ressaca.

ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. São Paulo: Nobel, 1984. p. 68.

vaga: grande elevação formada em rios, mares etc.; onda.

O primeiro beijo e o juramento

Atordoadado com a miragem do olhar de Capitu, Bentinho começa a pentear a namorada (uma trança desajeitada). Ao olhar-se no espelho, Capitu deixa a cabeça cair para trás e permanece na mesma posição até acontecer o primeiro beijo do casal; a partir desse momento, Bentinho “era um homem”.

Dona Glória não cede ao apelo do filho e mantém a promessa de torná-lo padre; dentro de dois ou três meses, entraria no seminário.

À beira do poço do quintal de Capitu, deu-se a briga. Capitu se enfurece ao perceber que o namorado não enfrentaria a mãe nem discordaria de sua decisão. Deram-se promessas e ameaças, e, assim, juraram jamais se casarem a não ser um com o outro.

— Mas eu também juro! Juro, Capitu, juro por Deus Nosso Senhor que só me casarei com você. Basta isto?

— Devia bastar – disse ela –, eu não me atrevo a pedir mais. Sim, você jura... Mas juremos por outro modo; juremos que nos havemos de casar um com outro, haja o que houver.

Compreendeis a diferença, era mais que a eleição do cônjuge, era a afirmação do matrimônio. A cabeça da minha amiga sabia pensar claro e depressa.

ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. São Paulo: Nobel, 1984. p. 99.

O seminário

Bentinho acaba indo para o Seminário de São José com a condição de abandoná-lo em um ano caso não fosse

provada sua vocação ao celibato. Durante esse tempo, Capitu tornou-se íntima de D. Glória, que já a tratava como “filha” – os olhos da garota, agora, eram lívidos.

Minha mãe era de natural simpático [...]. Entrou a achar em Capitu uma porção de graças novas, de dotes finos e raros; deu-lhe um anel dos seus e algumas galanterias. [...] Os olhos de Capitu, quando recebeu o mimo, não se descrevem, não eram oblíquos, nem de ressaca, eram direitos, claros, lúcidos.

ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. São Paulo: Nobel, 1984. p. 103.

No seminário, longe de casa, Bentinho era provocado por José Dias, que insinuava – dissimuladamente – que Capitu era leviana e procurava casamento. Tomado de ciúme, o garoto ficava cada vez mais inseguro.

Outro jovem do seminário sem nenhuma inclinação para a vida religiosa era Ezequiel Escobar, que se tornou amigo e confidente de Bentinho. Tempos depois, para que ambos deixassem o seminário, uma ideia partiu de Escobar: Dona Glória poderia financiar a ordenação de algum jovem pobre; assim, a promessa da mãe se cumpriria, e Bentinho não sairia prejudicado. Deu-se o plano.

O casamento

Já bacharel em Direito aos 22 anos, Bentinho retorna ao Rio de Janeiro e, em 1865, casa-se com Capitu. Escobar se casa com Sancha, amiga de Capitu, e a relação entre os dois casais se estreita cada vez mais.

Eram felizes, mas faltava um herdeiro a Capitu e Bento. Ezequiel, filho do casal, vem ao mundo quando Capituluzinha – filha de Sancha e Escobar – já andava e falava. O nome dos filhos de ambos foram homenagens recíprocas.

À medida que Ezequiel crescia, Bento começava a notar certas feições do amigo Escobar no menino; aí instaurava-se a dúvida.

A morte - a lágrima - a dúvida

Bento amava cada vez mais Capitu; porém, junto ao amor, estava o ciúme desmedido.

Os dois casais agora moram mais próximos um do outro. À certa altura, na casa de Escobar, Bento supõe que ele e Sancha trocam olhares de cobiça; ambos se despedem apertando as mãos com lascívia. Depois, Bento narra que tudo não passou de um delírio.

No dia seguinte, na praia do Flamengo com o mar “em dia de ressaca”, o exímio nadador Escobar morre afogado. No funeral, dá-se a cena que eliminaria as dúvidas de Bento e que incriminaria Capitu de adultério: um olhar terno e uma lágrima pelo morto.

Enfim, chegou a hora da encomendação e da partida. Sancha quis despedir-se do marido, e o desespero daquele lance constringeu a todos. Muitos homens choravam também, as mulheres todas. Só Capitu, amparando a viúva, parecia vencer-se a si mesma. Consolava a outra, queria arrancá-la dali. A confusão era geral. No meio dela, Capitu olhou alguns instantes para o cadáver tão fixa, tão apaixonadamente fixa, que não admira lhe saltassem algumas lágrimas poucas e caladas...

As minhas cessaram logo. Fiquei a ver as dela; Capitu enxugou-as depressa, olhando a furto para a gente que estava na sala. Redobrou de carícias para a amiga, e quis levá-la; mas o cadáver parece que a retinha também. Momento houve em que os olhos

de Capitu fitaram o defunto, quais os da viúva, sem o pranto nem palavras desta, mas grandes e abertos, como a vaga do mar lá fora, como se quisesse tragar também o nadador da manhã.

ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. In: MOISÉS, Massaud. *A literatura brasileira através dos textos*. 20 ed. São Paulo: Cultrix, 2000. p. 278.

Obsessões de Bento Santiago

Bento agora acredita que fora traído pela esposa e pelo melhor amigo e que Ezequiel não é seu filho. Primeiro, pensa em suicídio, depois em matar Capitu e, até mesmo, Ezequiel. Foram tais pensamentos obsessivos e desesperados que os levaram ao fim do casamento.

Capitu e Ezequiel partem para a Suíça, onde Capitu morre. Tempos depois, Ezequiel reencontra Bento, que ainda o compara com Escobar. O jovem parte para Jerusalém, viagem custeada por Bento para manter distância do “bastardo”. Onze meses depois, Ezequiel morre de febre tifoide, e Bento – o Casmurro – não demonstra tristeza: vai ao teatro e janta normalmente.

Solidão e tentativa de reconstrução

Velho, sozinho e triste, Bento Santiago mantém-se recluso e ensimesmado, recebendo a alcunha de “casmurro”. Na tentativa de restaurar o passado, constrói, no Engenho Novo, uma casa igual à de Mata-cavalos, obedecendo a todos os detalhes. A tentativa frustrada de recompor a vida de adolescente na velhice levou Bento Santiago a escrever a narrativa citada.



Saiba mais

Em obras literárias, uma personagem pode se destacar por uma forte capacidade de fazer com que o leitor se identifique com ela, seja por uma conexão afetiva e intelectual, seja por um mecanismo de transferência e projeção. As personagens podem ser planas ou esféricas. As primeiras são construídas de forma pura, através de uma única ideia, sem que haja nelas um aprofundamento emocional e psíquico. Já as personagens esféricas são organizadas com maior complexidade, e suas realizações se configuram mais agudas; elas sempre podem nos surpreender, já que são imprevisíveis e dão vida ao livro.

Na obra *Dom Casmurro*, Bentinho e Capitu são personagens esféricas, porque não são apresentadas imediatamente ao leitor. As suas personalidades vão se delineando aos poucos, com intensidade e destreza do autor. Bento ora se mostra frágil e se vitimiza, ora se aproxima de um ser cruel e vil. Capitu é insinuante e astuta e impressiona pela capacidade de dissimulação em várias passagens do enredo, mas também não tem a chance de se defender, não é explícita nas ações e se mostra uma mulher sensível.

O que faz de *Dom Casmurro* um grande clássico da literatura?

Neste momento, conhecer o enredo do livro é fundamental para uma leitura sóbria dos processos de composição literária de Machado de Assis. Há alguns elementos recorrentes na obra machadiana que consolidam *Dom Casmurro* como um grande clássico na literatura brasileira, como as personagens complexas, os narradores ambíguos, os trechos digressivos, e o tempo e os espaços

que subvertem a lógica. A seguir, abordaremos sinteticamente alguns desses recursos.

OS PERFIS DO NARRADOR E DO LEITOR

Dom Casmurro é uma narrativa que se apresenta como um “romance autobiográfico”, não só pelo título da obra – que anuncia o narrador personagem –, mas também pelos primeiros capítulos, que esclarecem o porquê daquela escritura. Não é mesmo um romance tradicional, pois a personagem passa a ser o autor de sua própria ficção e tenta afirmar, desde o início, que essa parte de um drama pessoal é a realidade. Com ar melancólico, assume-se “morto por dentro” e escreve o livro como uma quebra da monotonia pela qual estava passando.

O meu fim evidente era atar as duas pontas da vida, e restaurar na velhice a adolescência. Pois, senhor, não consegui recompor o que foi nem o que fui. Em tudo, se o rosto é igual, a fisionomia é diferente. Se só me faltassem os outros, vá; um homem consola-se mais ou menos das pessoas que perde; mais falta eu mesmo, e esta lacuna é tudo. [...]

Ora, como tudo cansa, esta monotonia acabou por exaurir-me também. Quis variar, e lembrou-me escrever um livro. [...]

[...] Eia, comecemos a evocação por uma célebre tarde de novembro, que nunca me esqueceu. Tive outras muitas, melhores, e piores, mas aquela nunca se me apagou do espírito. É o que vais entender, lendo.

ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. São Paulo: Nobel, 1984. p. 7-8.

Assim, divagando em suas próprias memórias, o narrador coloca-se como protagonista do que contará – uma história fechada em si mesma, cuja intenção é reviver o passado, apesar de doloroso, e eternizá-lo por meio da escrita.

Lembremos que *Dom Casmurro* (idoso) é quem narra a história, mas quem a vive é Bentinho. Temos, assim, um narrador múltiplo, que é autor, narrador e personagem. Dessa forma, questiona-se até que ponto é possível que alguém conte sua própria história sem reconstruí-la com certa parcialidade, mostrando versões que sejam convenientes a si próprio. O resgate por meio da memória sofrerá interferência do tempo e do espaço; os fatos e as emoções já foram modificados, superados ou transformados em traumas. Portanto, há de se suspeitar das intencionalidades desse narrador casmurro e ponderar seu ar de vitimização.

Desse modo, o narrador em 1ª pessoa, personagem, autor e ficcionista, intima o leitor a participar de sua narrativa; somos coadjuvantes da história ao atuarmos como ouvintes, advogados e até mesmo cúmplices dele. É notável, em muitos capítulos, o esforço em inocentar Bentinho e culpar Capitu pelo término do casamento, sendo esta, desde sempre, mostrada como moça astuta e manipuladora, com discursos persuasivos e ações intempestivas.

Como vê, Capitu, aos quatorze anos, tinha já ideias atrevidas, muito menos que outras que lhe vieram depois; mas eram só atrevidas em si, na prática faziam-se hábeis, sinuosas, surdas, e alcançavam o fim proposto, não de salto, mas aos saltinhos. Não sei se me explico bem. Suponde uma concepção grande executada por meios pequenos.

ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. São Paulo: Nobel, 1984. p. 41-2.

Pelo trecho apresentado anteriormente, já temos a dimensão do problema implantado, da desconfiança do

narrador ao afirmar que Capitu, desde sempre, tivera ideias atrevidas: ela é a manipuladora; e ele, o manipulado. Essa é a visão para aquele leitor do século XIX, contemporâneo de Casmurro. As pistas deixadas pelo narrador já envenenariam a leitura, e, assim, Capitu seria considerada adúltera.

No século XXI, nós somos leitores conscientes da linguagem artilosa de um sujeito absorto em ciúme. Resta-nos resolver que tipo de vínculo queremos estabelecer com a trama e seu narrador – nós nos comportaremos como leitores passivos, recebendo as denúncias sem questionamentos, ou seremos dialéticos, aprofundando-nos nas entrelinhas dessas memórias? Como queremos preencher as lacunas deixadas por Bento Santiago?

Se um leitor existe no ato da leitura e, a cada leitura, uma obra ganha novas interpretações, a obra *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, ainda será abordada com diferentes olhares – e isso a manterá viva como um grande clássico da nossa literatura.

! Atenção

A maestria narrativa de *Dom Casmurro* está justamente no mistério infundável sobre a fidelidade de Capitu, visto que o leitor pode acreditar nas palavras do narrador ou crer que tudo não passou de imaginações da cabeça dele. Entretanto, nunca será possível ter certeza da verdade dos fatos – eis o motivo pelo qual o romance encanta e sempre será motivo de estudo.

O TEMPO DA MEMÓRIA

Em uma obra literária, o tempo tem uma grande importância desde a elaboração do que será contado até a maneira como será apresentada a realidade criada pelo autor. Em *Dom Casmurro*, o tempo da narrativa será o tempo da memória, da evocação do passado, o que ocorrerá por meio do discurso de Bento Santiago. Realmente, não há uma preocupação cronológica para organizar e selecionar os registros do passado; portanto, o que lemos na obra são as memórias dessa personagem, que podem ser racionalizadas ou baseadas apenas em emoções, dependendo das intenções dela.

A memória de Bento Santiago está intimamente ligada à paixão por Capitu, e, por isso, ele pode distorcer fatos vividos para preencher as lacunas que lhe faltam.

Outra vez senti os beijos de Capitu. Talvez abuso um pouco das reminiscências osculares, mas a saudade é isto mesmo; é o passar e repassar das memórias antigas. Ora, de todas as daquele tempo creio que a mais doce é esta, a mais nova,

a mais compreensiva, a que inteiramente me revelou a mim mesmo. Outras tenho, vastas e numerosas, doces também, de várias espécies, muitas intelectuais, igualmente intensas. Grande homem que fosse, a recordação era menor que esta.

ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. São Paulo: Nobel, 1984. p. 73-4.

O narrador pode modificar, omitir ou até mesmo intensificar suas recordações como melhor lhe convier. Ele se mune da justificativa do esquecimento para pontuar seu discurso com fantasia e imaginação, o que vai promovendo a desconfiança no leitor.

Não, a minha memória não é boa. Ao contrário, é comparável a alguém que tivesse vivido por hospedarias, sem guardar delas nem caras nem nomes, e somente raras circunstâncias. [...]

[...] O que faço, em chegando ao fim, é cerrar os olhos e evocar todas as cousas que não achei nele. [...]

[...] É que tudo se acha fora de um livro falho, leitor amigo. Assim preencho as lacunas alheias; assim podes também preencher as minhas.

ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. São Paulo: Nobel, 1984. p. 120.

A forma de construção do romance machadiano nos leva a repensar a questão do tempo e a relevância da cronologia. Casmurro rememora a infância e a adolescência para recobrar uma parte de si que foi comprometida. Entretanto, ele começa e termina sua narrativa no mesmo lugar, o Engenho Novo, tentando atar as pontas e aparar arestas de sua vida; portanto, a estrutura é cíclica, e nada se altera, o que prova que a ação do tempo pode ser dolorosa e nos tornar solitários tanto na vida quanto na ficção.

💡 Saiba mais

Alguma vez, você teve a sensação de já ter lido um texto sem nunca ter passado os olhos nele? Isso ocorre, muitas vezes, em virtude da **intertextualidade**, que é, basicamente, um diálogo entre textos que lembram, retomam e citam outros textos.

As obras de Machado de Assis apresentam diversos elementos que evocam outros discursos, gêneros e autores, o que se deve ao fato de o autor ter sido um leitor inveterado de filósofos e da literatura considerada “erudita”. Assim, bebendo das fontes clássicas literárias, ele nos apresenta personagens de grande complexidade, narradores ousados e enredos que levam o leitor a reflexões e leituras diversas. *Dom Casmurro* traz inúmeras passagens que dialogam com obras preexistentes. Desse modo, o narrador cita personalidades, passagens históricas e bíblicas e personagens de outras obras importantes na literatura mundial.

Revisando



No fragmento a seguir, do conto “Os canibais”, de Álvaro do Carvalho (1844-1868), o escritor português ressentia-se da fixação pelo real e pela verdade que marca a literatura burguesa do século XIX. Leia-o atentamente para responder às questões de 1 a 3.

Disse a crítica pela boca de Boileau: *Rien n'est beau que le vrai* [nada é belo senão o verdadeiro], e não tardou que as fábulas, arabescos exóticos e exageros, oriundos principalmente dos tempos heroicos, perdessem toda a soberania dantes exercida na ampla esfera das boas-lettras. [...]

Todavia não deixarei eu de confessar o amor, que sempre tive por contos de fadas, para que se não estranhem algumas murmurações, acaso fugitivas, no acto de me sacrificar às exigências desta geração pretenciosa.

CARVALHAL, Álvaro do. “Os canibais”. In: *Contos*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2004. p. 217.

1. Acredita-se que a fantasia seja o antônimo de realidade. Seria possível falar de coisas sérias por meio de “causos” leves e divertidos? Dê um exemplo.

2. Tendo em vista que a literatura é uma forma de imitação da realidade, você acha que, como propõe o Realismo, ela poderia ser científica?

3. Considerando a relação da literatura com as questões sociais e os instrumentos de transformação da realidade, é possível, por meio dela, transformar o mundo?



Observe com atenção a pintura a seguir e, depois, responda às questões de **4 a 6**.

Museu de Belas Artes, Boston



Jean-François Millet, *Colheita de trigo mourisco*, 1868-1874. Óleo sobre tela, Museu de Belas Artes, Boston.

4. O pintor Gustave Courbet foi quem primeiro denominou de realista a arte que vinha fazendo, na exposição de seus quadros em Paris, em 1855. Porém, foi Jean-François Millet quem abriu terreno para essa nova estética na pintura. Que traços realistas você consegue identificar em seu quadro *Colheita de trigo mourisco*?

5. Descreva as semelhanças e diferenças entre as personagens apresentadas em primeiro plano e as que aparecem no plano de fundo do quadro.

6. O quadro de Millet expressa o trabalho laborioso do campo, que muitas pessoas vinham abandonando para tentar a sorte nas grandes cidades. Em que o trabalho nas fábricas se diferenciava do trabalho agrícola?

7. Assim como a metáfora, a metonímia e a hipérbole, a ironia é uma figura de linguagem. Porém, diferentemente de outras figuras de linguagem, que se evidenciam no próprio aspecto verbal, a ironia só é reconhecida no momento da interpretação, da recepção do texto pelo leitor. No trecho a seguir, extraído do conto “O alienista”, de Machado de Assis, identifique a ironia e comente a crítica feita pelo autor às características da personagem.

[...] o Dr. Simão Bacamarte, filho da nobreza da terra e maior dos médicos do Brasil, de Portugal, e das Espanhas. Estudara em Coimbra e Pádua [...]. Aos trinta e quatro anos regressou ao Brasil, não podendo el-rei alcançar dele que ficasse em Coimbra, regendo a universidade, ou em Lisboa, expedindo os negócios da monarquia.

— A Ciência, disse ele a Sua Majestade, é o meu emprego único [...].

[...] Aos quarenta anos casou-se com D. Evarista da Costa e Mascarenhas, senhora de vinte e cinco anos, viúva de um juiz de fora, e não bonita nem simpática [...] D. Evarista reunia condições fisiológicas e anatômicas de primeira ordem, digerira com facilidade, dormia regularmente, tinha bom pulso e excelente vista; estava assim apta para dar-lhe filhos robustos, sãos e inteligentes [...].

D. Evarista mentiu às esperanças do Dr. Bacamarte, não lhe deu filhos robustos nem mofinos.

ASSIS, Machado de. "O alienista". *Contos de Machado de Assis: obras completas*. São Paulo: LL Library, 2015. v. 2.

8. Leia o seguinte trecho extraído do capítulo XIV do romance *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis.

Ao cabo, era um lindo **garção**, lindo e audaz, que entrava na vida de botas e esporas, chicote na mão e sangue nas veias, cavalgando um corcel nervoso, rijo, veloz, como o corcel das antigas baladas, que o romantismo foi buscar ao castelo medieval, para dar com ele nas ruas do nosso século. O pior é que o estafaram a tal ponto, que foi preciso deitá-lo à margem, onde o realismo o veio achar, comido de lazeira e vermes, e, por compaixão, o transportou para os seus livros.

ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Globo Livros, 2008. p. 72-73.

garção: homem jovem; moço, mancebo.

O narrador faz um comentário crítico sobre um aspecto do Romantismo. Como o trecho apresentado pode representar o esgotamento da estética romântica?

Exercícios propostos

1. Ufes 2015

Heroísmos

Eu temo muito o mar, o mar enorme,
Solene, enraivecido, turbulento,
Erguido em vagalhões, rugindo ao vento;
O mar sublime, o mar que nunca dorme.

Eu temo o largo mar rebelde, informe,
De vítimas famélico, sedento,
E creio ouvir em cada seu lamento
Os ruídos dum túmulo disforme.

Contudo, num barquinho transparente,
No seu dorso feroz vou blasonar,
Tufada a vela e n'água quase assente,

E ouvindo muito ao perto o seu bramar,
Eu rindo, sem cuidados, simplesmente,
Escarro, com desdém, no grande mar!

VERDE, Cesário. *O livro de Cesário Verde*. Disponível em: www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000070.pdf. Acesso em: 28 nov. 2017.

o mar mastiga a praia

seus dentes, suas bocas
seus lábios, suas línguas

o mar mastiga a praia

com avidez de água viva
faz barulho quando come

o mar mastiga a praia

com seus segredos
desinfeta pensamentos

(essa lâmina oceano
que assume rios e enseadas
não carrega remorso
de água parada)

mar tem boca azul
e línguas de ondas
a lambar a areia

o mar mastiga a praia

na maré mansa da manhã
ele descansa

SALOMÃO, Douglas. *Zero*. Vitória: Secult, 2006. p. 57.

Os dois poemas citados, de Cesário Verde e de Douglas Salomão, pertencem a contextos literários distintos. Escolha um dos poemas, identifique duas marcas que lhe são próprias e justifique sua resposta com o próprio poema.

2. Uerj 2015

O primo Basílio

la encontrar Basílio no Paraíso pela primeira vez. E estava muito nervosa: não pudera dominar, desde pela manhã, um medo indefinido que lhe fizera pôr um véu muito espesso, e bater o coração ao encontrar Sebastião. Mas ao mesmo tempo uma curiosidade intensa, múltipla, impelia-a, com um estremecimentozinho de prazer. – Ia, enfim, ter ela própria aquela aventura que lera tantas vezes nos romances amorosos! Era uma forma nova do amor que ia experimentar, sensações excepcionais! Havia tudo – a casinha misteriosa, o segredo ilegítimo, todas as palpitações do perigo! Porque o aparato impressionava-a mais que o sentimento; e a casa em si interessava-a, atraía-a mais que Basílio! Como seria? [...] Desejaria antes que fosse no campo, numa quinta, com arvoredos murmurosos e relvas fofas; passeariam então, com as mãos enlaçadas, num silêncio poético; e depois o som da água que cai nas bacias de pedra daria um ritmo lânguido aos sonhos amorosos... Mas era num terceiro andar – quem sabe como seria dentro? [...]

E ao descer o Chiado, sentia uma sensação deliciosa em ser assim levada rapidamente para o seu amante, e mesmo olhava com certo desdém os que passavam, no movimento da vida trivial – enquanto ela ia para uma hora tão romanesca da vida amorosa! [...] Imaginava Basílio esperando-a estendido num divã de seda; e quase receava que a sua simplicidade burguesa, pouco experiente, não achasse palavras bastante finas ou carícias bastante exaltadas. Ele devia ter conhecido mulheres tão belas, tão ricas, tão educadas no amor! Desejava chegar num cupê seu, com rendas de centos de mil-réis, e ditos tão espirituosos como um livro...

A carruagem parou ao pé duma casa amarelada, com uma portinha pequena. Logo à entrada um cheiro mole e salobre enojou-a. A escada, de degraus gastos, subia ingrememente, apertada entre paredes onde a cal caía, e a umidade fizera nódoas. No patamar da sobreloja, uma janela com um gradeadozinho de arame, parda do pó acumulado, coberta de teias de aranha, coava a luz suja do saguão. E por trás duma portinha, ao lado, sentia-se o ranger dum berço, o chorar doloroso duma criança.

[...]

Luísa viu logo, ao fundo, uma cama de ferro com uma colcha amarelada, feita de remendos juntos de chitas diferentes; e os lençóis grossos, dum branco encardido e mal lavado, estavam impudicamente entreabertos...

Queirós, Eça de. *Obras de Eça de Queiroz*. Porto: Lello & Irmão, s/d.

quinta: pequena propriedade campestre.

lânguido: sensual.

Chiado: bairro de Lisboa.

cupê: antiga carruagem fechada.

salobre: salgado.

nódoas: manchas.

impudicamente: sem pudor.

O texto apresenta o contraste entre o cenário desejado pela personagem Luísa e aquele que verdadeiramente encontrou. Transcreva duas frases da

narrativa: uma que expresse o desejo da personagem, e outra que indique a realidade encontrada.

3. Uerj 2019 O fragmento de texto apresentado nesta prova foi retirado do romance *O crime do padre Amaro*, de Eça de Queirós. (Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2000)

Fragmento

Ao outro dia, na cidade, falava-se da chegada do pároco novo, e todos sabiam já que tinha trazido um baú de lata, que era magro e alto, e que chamava *padre-mestre* ao cônego Dias.

As amigas da S. Joaneira, – as íntimas – a D. Maria da Assunção, as Gansosos, tinham ido logo pela manhã a casa dela *para se porem ao facto...* Eram nove horas; Amaro saíra com o cônego. A S. Joaneira, radiosa, importante, recebeu-as no alto da escada, de mangas arregaçadas, nos arranjos da manhã; e imediatamente, com animação, contou a chegada do pároco, as suas boas maneiras, o que tinha dito...

Foi-lhes mostrar o quarto do padre, o baú de lata, uma prateleira que lhe arranjava para os livros.[...]

A S. Joaneira ia mostrando as outras maravilhas do pároco, – um crucifixo que estava ainda embrulhado num jornal velho, o álbum de retratos, onde o primeiro cartão era uma fotografia do Papa abençoando a cristandade. Todas se extasiaram.

– É o mais que se pode, diziam, é o mais que se pode!

Ao sair, beijando muito a S. Joaneira, felicitaram-na porque adquirira, hospedando o pároco, uma autoridade quase eclesiástica.

[...]

Ao meio-dia veio o Libaninho, o beato mais activo de Leiria; e subindo a correr os degraus, já gritava com a sua voz fina:

– Ó S. Joaneira!

– Sobe, Libaninho, sobe, disse ela, que costurava à janela.

– Então o senhor pároco veio, hem? perguntou o Libaninho, mostrando à porta da sala de jantar o seu rosto gordinho cor de limão, a calva luzidia; e vindo para ela com o passinho miúdo, um gingar de quadris:

– Então que tal, que tal? Tem bom feitio?

A S. Joaneira recomeçou a glorificação de Amaro: a sua mocidade, o seu ar piedoso, a brancura dos seus dentes...

– Coitadinho! Coitadinho! dizia o Libaninho, babando-se de ternura devota. – Mas não se podia demorar, ia para a repartição! – Adeus, filhinha, adeus! – E batia com a sua mão papuda no ombro da S. Joaneira. – Estás cada vez mais gordinha! Olha que rezei ontem a salve-rainha que tu me pediste, ingrata!

A criada tinha entrado.

– Adeus, Ruça! Estás magrinha: pega-te com a Senhora Mãe dos Homens. – E avistando Amélia pela porta do quarto entreaberta: – Ai, que estás mesmo uma flor, Melinha! Quem se salvava na tua graça bem eu sei!

E apressado, saracoteando-se, com um pigarrinho agudo, desceu a escada rapidamente, ganindo:

– Adeusinho! Adeusinho, pequenas!

(CAPÍTULO IV)

Em *O crime do padre Amaro*, Eça de Queirós tece duras críticas a alguns grupos da sociedade portuguesa de fins de século XIX. Identifique o grupo social que é alvo da crítica do autor no fragmento I. Apresente, também, um recurso expressivo empregado para construir a crítica pretendida, ilustrando-o com um exemplo extraído das falas do narrador.

4. FICSAE-SP 2018 Jacinto, personagem de **A Cidade e as Serras**, deixa Paris e vai para Tormes, em Portugal. Lá vive em contato com o campo, em uma quinta herdada de seus ancestrais. Sua presença desperta curiosidade e suas ações contribuem para

- a) ser considerado a reencarnação de D. Sebastião, que era aguardado por todos e que chegaria envolto em denso nevoeiro.
- b) ser chamado de “o pai dos pobres”, devido às reformas e às benfeitorias nas casas dos rendeiros e ao atendimento dispensado à melhoria de condições de vida de seus empregados.
- c) revelá-lo como miguelista, da facção opressora do povo português, e de esconder em sua casa a pessoa de D. Miguel, sob o disfarce de um criado.
- d) viver a experiência da natureza que tanto amava e de adquirir conhecimento de agricultura no trabalho diuturno da terra.

5. Uepa 2012 A estética realista primou pela objetivação e clareza na exposição dos fatos cotidianos. Esses traços nortearam a intenção do autor de denunciar o drama psicológico vivenciado pelo homem da época, condicionado a viver em um mundo materialista, por isso em Cesário Verde, poeta representativo desta estética, é recorrente a referência ao mal-estar ante à modernização da cidade. Analise os versos e identifique a alternativa que comprove a afirmação.

- a) Milady, é perigoso contemplá-la,
Quando passa aromática e normal,
Com seu tipo tão nobre e tão de sala,
Com seus gestos de neve e de metal.
- b) Quando eu via, invejoso, mas sem queixas,
Pousarem borboletas doidejantes
Nas tuas formosíssimas madeixas,
Daquela cor das messes lourejantes.
- c) Talvez já te não lembres com desgosto
Daquelas brancas noites de mistério,
Em que a Lua sorria no teu rosto
E nas lajes campais do cemitério.
- d) O céu parece baixo e de neblina,
O gás extravasado enjoa-me, perturba;
E os edifícios, com as chaminés, e a turba
Toldam-se duma cor monótona e londrina.
- e) Espreitam-te, por cima, as frestas dos celeiros;
O Sol abrasa as terras já ceifadas,
E alvejam-te, na sombra dos pinheiros,
Sobre os teus pés decentes, verdadeiros,
As saias curtas, frescas, engomadas.

6. Unifesp 2013 Leia os versos de Cesário Verde.

Duas igrejas, num saudoso largo,
Lançam a nódoa negra e fúnebre do Clero:
Nelas esfumo um ermo inquisidor severo,
Assim que pela história eu me aventuro e alargo.

Disponível em: <www.astormentas.com>. Acesso em: 28 nov. 2017.

Em relação à Igreja, o eu lírico assume, nesses versos, uma posição:

- a) anticlerical.
- b) submissa.
- c) evangelizadora.
- d) saudosista.
- e) ambígua.

7. FICSAE-SP 2016 Nem este meu supercivilizado amigo compreendia que longe de armazéns servidos por três mil caixeiros; e de mercados onde se despejam vergéis e lezírias de trinta províncias; e de bancos em que retine o ouro universal, e de fábricas fumegando com ânsia, inventando com ânsia; e de bibliotecas abarrotadas, a estalar, com a papelada dos séculos; e de fundas milhas de ruas, cortadas, por baixo e por cima, de fios de telégrafos, de fios de telefones, de canos de gases, de canos de fezes; e da fila atroante dos ônibus, tramways, carroças, velocípedes, calhambeques, parelhas de luxo; e de dois milhões de uma vaga humanidade, fervilhando, a ofegar, através da Polícia, na busca dura do pão ou sob a ilusão do gozo – o homem do século XIX pudesse saborear, plenamente, a delícia de viver.

O trecho acima é do romance **A Cidade e as Serras**, escrito por Eça de Queirós e publicado em 1901. O amigo a que se refere o texto é

- a) Zé Fernandes que, estando em Paris depois de voltar de Guiães, torna-se um homem feliz porque vive plenamente a civilização.
- b) Jacinto que, denominado também “o Príncipe da Grã-Ventura”, nasceu e viveu na França, mas vai encontrar a plena felicidade apenas em contato com a natureza.
- c) O narrador, que também entende que a civilização da cidade salva o homem e, por isso, enceta uma apetecida romagem às cidades da Europa.
- d) Jacinto, o D. Galeão que comprara a um príncipe polaco aquele palacete nos Campos Elíseos, nº 202 e o aparelhou com todos os recursos tecnológicos da época.

8. UEL-PR 2013 Sobre o romance *O primo Basílio*, de Eça de Queirós, assinale a alternativa correta.

- a) A empregada Juliana desempenha papel secundário na trama, o que demonstra certo preconceito do escritor para com as classes subalternas.
- b) A empregada Juliana desempenha papel de grande relevância na narrativa, uma vez que é ela quem desencadeia a crise central do romance.
- c) A empregada Juliana tem importância relativa na história, pois vê tudo de perto, mas resolve não se envolver, narrando apenas os fatos para o leitor.

- d) A amizade entre Luísa e Juliana dá continuidade ao clichê romântico de que as empregadas contribuem para o adultério feminino.
- e) Os desentendimentos entre Luísa e Juliana ocorrem porque a protagonista se sente ameaçada diante da beleza e do frescor da empregada.

9. **Unesp 2012** Essa questão toma por base um fragmento de uma crônica de Eça de Queirós (1845-1900) escrita em junho de 1871.

Uma campanha alegre, IX

Há muitos anos que a política em Portugal apresenta este singular estado:

Doze ou quinze homens, sempre os mesmos, alternadamente possuem o Poder, perdem o Poder, reconquistam o Poder, trocam o Poder... O Poder não sai duns certos grupos, como uma **pela** que quatro crianças, aos quatro cantos de uma sala, atiram umas às outras, pelo ar, num rumor de risos.

Quando quatro ou cinco daqueles homens estão no Poder, esses homens são, segundo a opinião, e os dizeres de todos os outros que lá não estão – os corruptos, os esbanjadores da Fazenda, a ruína do país!

Os outros, os que não estão no Poder, são, segundo a sua própria opinião e os seus jornais – os verdadeiros liberais, os salvadores da causa pública, os amigos do povo, e os interesses do país.

Mas, coisa notável! – os cinco que estão no Poder fazem tudo o que podem para continuar a ser os esbanjadores da Fazenda e a ruína do país, durante o maior tempo possível! E os que não estão no Poder movem-se, conspiram, cansam-se, para deixar de ser o mais depressa que puderem – os verdadeiros liberais, e os interesses do país!

Até que enfim caem os cinco do Poder, e os outros, os verdadeiros liberais, entram triunfantemente na designação herdada de esbanjadores da Fazenda e ruína do País; em tanto que os que caíram do Poder se resignam, cheios de fel e de tédio – a vir a ser os verdadeiros liberais e os interesses do país.

Ora como todos os ministros são tirados deste grupo de doze ou quinze indivíduos, não há nenhum deles que não tenha sido por seu turno esbanjador da Fazenda e ruína do País...

Não há nenhum que não tenha sido demitido, ou obrigado a pedir a demissão, pelas acusações mais graves e pelas votações mais hostis...

Não há nenhum que não tenha sido julgado incapaz de dirigir as coisas públicas – pela imprensa, pela palavra dos oradores, pelas incriminações da opinião, pela afirmativa constitucional do poder moderador...

E todavia serão estes doze ou quinze indivíduos os que continuarão dirigindo o país, neste caminho em que ele vai, feliz, abundante, rico, forte, coroado de rosas, e num **chouto** tão triunfante!

QUEIRÓS, Eça de. *Obras*. Porto: Lello & Irmão-Editores, [s.d.].

pela: bola.
chouto: trote miúdo.

Considere as frases com relação ao que se afirma na crônica de Eça de Queirós:

- I. Os que estão no poder não querem sair e os que não estão querem entrar.
- II. Quando um partido ético está no poder, tudo fica melhor.
- III. Os governantes são bons e éticos, mas vivem a trocar acusações infundadas.
- IV. Os políticos que estão fora do poder julgam-se os melhores eticamente para governar.

As frases que representam a opinião do cronista estão contidas apenas em:

- a) I e II.
- b) I e III.
- c) I e IV.
- d) I, II e III.
- e) II, III e IV.

10. **Unicamp-SP 2021** No conto “O espelho”, de Machado de Assis, uma personagem assume a palavra e narra uma história. Assinale a alternativa que explicita sua interlocução com os cavalheiros presentes.

- a) “Lembra-me de alguns rapazes que se davam comigo, e passaram a olhar-me de revés, durante algum tempo.”
- b) “Ah! pérfidos! Mal podia eu suspeitar a intenção secreta dos malvados.”
- c) “Imaginaí um homem que, pouco a pouco, emerge de um letargo, abre os olhos sem ver, depois começa a ver.”
- d) “O espelho estava naturalmente muito velho; mas via-se-lhe ainda o ouro, comido em parte pelo tempo.”

(Machado de Assis, *O espelho*. Campinas: Editora da Unicamp, 2019.)

11. **ITA-SP 2019** No Realismo, o adultério subverte o ideal romântico de casamento. Machado de Assis, porém, costuma tratá-lo de modo ambíguo, valendo-se, por exemplo, do ciúme masculino ou da dubiedade feminina. Com isso, em seus romances, a traição nem sempre é comprovada, ou, mesmo que desejada pela mulher, não se consuma. Constatamos tal ambiguidade em *Quincas Borba*, quando

- a) Palha se enraivece com os olhares de desejo que os homens dirigem a Sofia nos eventos sociais.
- b) Sofia decide não contar ao marido que Rubião a assediou certa noite, no jardim da casa deles.
- c) Palha, mesmo interessado na riqueza de Rubião, decide confrontá-lo ao perceber o assédio dele a Sofia.
- d) Sofia tenta esconder do marido o interesse que tem por Carlos Maria, que a seduziu em um baile.
- e) Sofia, mesmo interessada em Carlos Maria, faz de tudo para que Maria Benedita se case com ele.

12. **Fuvest-SP 2021**

Nessa mesma noite, leu-lhe o artigo em que advertia o partido da conveniência de não ceder às perfídias do poder, apoiando em algumas províncias certa gente corrupta e sem valor. Eis aqui a conclusão:

“Os partidos devem ser unidos e disciplinados. Há quem pretenda (*mirabile dictu!*) que essa disciplina e união não podem ir ao ponto de rejeitar os benefícios que caem das mãos dos adversários. *Risum teneatis!* Quem pode proferir tal blasfêmia sem que lhe tremam as carnes? Mas suponhamos que assim seja, que a oposição possa, uma ou outra vez, fechar os olhos aos desmandos do governo, à postergação das leis, aos excessos da autoridade, à perversidade e aos sofismas. *Quid inde?* Tais casos, — aliás, raros, — só podiam ser admitidos quando favorecessem os elementos bons, não os maus. Cada partido tem os seus díscolos e sicofantas. É interesse dos nossos adversários ver-nos afrouxar, a troco da animação dada à parte corrupta do partido. Esta é a verdade; negá-lo é provocar-nos à guerra intestina, isto é, à dilaceração da alma nacional... Mas, não, as ideias não morrem; elas são o lábaro da justiça. Os vendilhões serão expulsos do templo; ficarão os crentes e os puros, os que põem acima dos interesses mesquinhos, locais e passageiros a vitória indefectível dos princípios. Tudo que não for isto ter-nos-á contra si. *Alea jacta est!*”

Rubião aplaudiu o artigo; achava-o excelente. Talvez pouco enérgico. Vendilhões, por exemplo, era bem dito; mas ficava melhor *vis vendilhões*.

— Vis vendilhões? Há só um inconveniente, ponderou Camacho. É a repetição dos *vv*. Vis vem... Vis vendilhões; não sente que o som fica desagradável?

— Mas lá em cima há *vés vis*...

— *Vae victis*. Mas é uma frase latina. Podemos arranjar outra coisa: *vis mercadores*.

— Vis mercadores é bom.

— Contudo, *mercadores* não tem a força de *vendilhões*.

— Então, por que não deixa vendilhões? Vis vendilhões é forte; ninguém repara no som. Olhe, eu nunca dou por isso. Gosto de energia. Vis vendilhões.

Machado de Assis, *Quincas Borba*.

mirabile dictu: “coisa admirável de dizer.”

Risum teneatis: “Contereis o riso.”

Quid inde?: “O que então?”

Alea jacta est: “A sorte está lançada.”

- a) Segundo Camacho, os partidos possuem entre os seus membros “díscolos e sicofantas”, isto é, dissidentes e caluniadores. De que modo a retórica do político constitui um artifício para persuadir o seu ouvinte quanto aos erros de alguns correligionários?
- b) A expressão latina *Vae victis!* (“Ai dos vencidos!”) lembra ao leitor a máxima da filosofia que Quincas Borba apresenta a Rubião no início do romance. Como essas duas frases se contrapõem na trajetória do protagonista?

escárnio, o que ofendeu grandemente o meu melindre de homem moderno. Porque, note V. Ex.a, ainda que o nosso tempo nos pareça digno de crítica, e até de execração, não gostamos de que um antigo venha mofar dele às nossas barbas. Não respondi ao ateniense; franzi um pouco o sobrolho e continuei a abotoar os suspensórios. Ele perguntou-me então por que motivo usava uma cor-tão feia...

— Feia, mas séria, disse-lhe. Olha, entretanto, a graça do corte, vê como cai sobre o sapato, que é de verniz, embora preto, e trabalhado com muita perfeição.

E vendo que ele abanava a cabeça:

— Meu caro, disse-lhe, tu podes certamente exigir que o Júpiter Olímpico seja o emblema eterno da majestade: é o domínio da arte ideal, desinteressada, superior aos tempos que passam e aos homens que os acompanham. Mas a arte de vestir é outra coisa. Isto que parece absurdo ou desgracioso é perfeitamente racional e belo, — belo à nossa maneira, que não andamos a ouvir na rua os rapsodas recitando os seus versos, nem os oradores os seus discursos, nem os filósofos as suas filosofias. Tu mesmo, se te acostumes a ver-nos, acabarás por gostar de nós, porque...

— Desgraçado! bradou ele atirando-se a mim.

Antes de entender a causa do grito e do gesto, fiquei sem pinga de sangue. A causa era uma ilusão. Como eu passasse a gravata à volta do pescoço e tratasse de dar o laço, Alcibíades supôs que ia enforcar-me, segundo confessou depois. E, na verdade, estava pálido, trêmulo, em suores frios. Agora quem se riu fui eu. Ri-me, e expliquei-lhe o uso da gravata, e notei que era branca, não preta, posto usássemos também gravatas pretas. Só depois de tudo isso explicado é que ele consentiu em restituir-me. Atei-a enfim, depois vesti o colete.

— Por Afrodita! exclamou ele. És a coisa mais singular que jamais vi na vida e na morte. Estás todo cor da noite — uma noite com três estrelas apenas — continuou apontando para os botões do peito. O mundo deve andar imensamente melancólico, se escolheu para uso uma cor-tão morta e tão triste. Nós éramos mais alegres; vivíamos...

ASSIS, Machado de. “Uma visita de Alcibíades” (Carta do desembargador X... ao chefe de polícia da Corte). In: *Papéis avulsos*. São Paulo: Penguin Classics & Companhia das Letras, 2011. p. 230-1.

13. **UEL-PR 2014** Com base nesse trecho e na prévia leitura do conto, é correto afirmar que a história é narrada
- a) em primeira pessoa, pelo ex-companheiro de estudos do chefe de polícia, a quem dirige correspondência relatando fato extraordinário ocorrido em sua residência.
- b) em primeira pessoa, por uma testemunha ocular, detentora de carta escrita pelo desembargador X, na qual a autoridade registra sua falta de apreço pela figura do ateniense Alcibíades.
- c) em primeira pessoa, por Machado de Assis, que critica as frivolidades da classe dominante carioca do século XIX, preocupada mais com a aparência do que com a essência.
- d) em terceira pessoa, pelo destinatário da carta, delegado da Corte, responsável por investigar as causas da morte de seu amigo, o grego Alcibíades.



Texto para as questões 13 e 14.

— Canudos pretos! exclamou ele.

Eram as calças pretas que eu acabava de vestir. Exclamou e riu, um risinho em que o espanto vinha mesclado de

- e) em terceira pessoa, por Alcibiades, personagem grego ficcionalmente retirado das páginas de obra produzida por Plutarco e inserido na cidade do Rio de Janeiro do século XIX.

14. UEL-PR 2014 Com base no texto, considere as afirmativas a seguir:

- I. O trecho “uma noite com três estrelas apenas” assinala a ideia de que somente três botões brilhantes do colete contrastavam com a melancolia evocada pela cor preta do traje.
- II. A passagem assinala o choque cultural entre figuras representantes de momentos históricos distintos. Diante do narrador, o homem da antiguidade asombra-se com a moda oitocentista.
- III. Ao reconhecer a supremacia da arte grega, cujo símbolo é o Júpiter Olímpico, o narrador admite a falta de requinte dos vestuários modernos.
- IV. Ironicamente, a escolha da cor preta para o vestuário de uma noite de gala evoca, no conto, a ideia de luto pela extinção dos valores da antiguidade clássica.

Assinale a alternativa correta.

- a) Somente as afirmativas I e II são corretas.
- b) Somente as afirmativas I e IV são corretas.
- c) Somente as afirmativas III e IV são corretas.
- d) Somente as afirmativas I, II e III são corretas.
- e) Somente as afirmativas II, III e IV são corretas.

15. Famerp-SP 2021 Para esse movimento, o Homem só pode pretender compreender e explicar a realidade, partindo da observação direta e, se possível, também da experimentação, isto é, só pode pretender conhecê-la por via do conhecimento científico; e todo e qualquer objeto ou fato que se pretenda conhecer exatamente tem de ser submetido a rigoroso exame crítico, pois o espírito crítico é essencial ao conhecimento exato.

(Antônio Soares Amora. *História da literatura brasileira*, 1965. Adaptado.)

O texto refere-se ao movimento

- a) árcade. d) romântico.
- b) modernista. e) simbolista.
- c) realista.

16. Fuvest-SP 2019 Considere os textos para responder às questões.

Cap. XI O menino é pai do homem

Sim, meu pai adorava-me. Tinha-me esse amor sem mérito, que é um simples e forte impulso da carne; amor que a razão não contrasta nem rege. Minha mãe era uma senhora fraca, de pouco cérebro e muito coração, assaz crédula, sinceramente piedosa, caseira, apesar de bonita, e modesta, apesar de abastada; temente às trovoadas e ao marido. O marido era na Terra o seu deus. Da colaboração dessas duas criaturas nasceu a minha educação, que, se tinha alguma coisa boa, era no geral viciosa, incompleta, e, em partes, negativa.

Machado de Assis, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*.

Quarta-feira, 10 de julho

Meu pai é muito querido na família. Todos gostam dele e dizem que é muito bom marido e um homem muito bom. Eu gosto muito disso, mas fico admirada de todo mundo só falar que meu pai é bom marido e nunca ninguém dizer que mamãe é boa mulher. No entanto, no fundo do meu coração, eu acho que só Nossa Senhora pode ser melhor que mamãe.

Helena Morley, *Minha vida de menina*.

- a) Os trechos acima se assemelham por serem retratos dos pais realizados por seus filhos: no primeiro deles, o menino Brás Cubas; no segundo, a pequena Helena. Você concorda com essa afirmação? Justifique sua resposta com base nos tempos verbais e na linguagem empregada em cada um deles.
- b) Nos trechos anteriores, as expressões “O marido era na Terra o seu deus” e “só Nossa Senhora pode ser melhor que mamãe” dão, respectivamente, exemplos de duas formas contrastantes de organização familiar, o patriarcado e o matriarcado. Você concorda com essa afirmação? Justifique sua resposta com base em ambas as passagens.

17. UFRGS 2018 Leia as seguintes afirmações sobre os romances *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, e *Diário da queda*, de Michel Laub.

- I. Os dois romances são narrados em primeira pessoa, como processo de compreensão do vivido.
- II. Os dois narradores apresentam uma relação amorosa com esposa e filhos, reproduzindo a tradição familiar.
- III. O balanço final dos narradores de cada romance demonstra grande aprendizado, a partir das experiências vividas, repleto de esperança e de otimismo.

Quais estão corretas?

- a) Apenas I. d) Apenas II e III.
- b) Apenas II. e) I, II e III.
- c) Apenas I e III.

18. Unicamp-SP 2020 No conto “O espelho”, de Machado de Assis, o esboço de uma nova teoria sobre a dupla natureza da alma humana é apresentado por Jacobina. A personagem narra a situação em que se viu sozinha na casa da tia Marcolina.

“As horas batiam de século a século no velho relógio da sala, cuja pêndula, *tic-tac, tic-tac*, feria-me a alma interior como um piparote contínuo da eternidade.”

Considerando os indicadores da passagem do tempo na citação, é correto afirmar que

- a) o movimento oscilante do pêndulo do relógio expressa a duplicidade da alma interior.
- b) o som do velho relógio da sala materializa acusticamente a longevidade da alma interior.
- c) a sonoridade repetitiva do pêndulo intensifica as aflições da alma interior.
- d) o contínuo batimento das horas sugere o vigor da alma interior.

- 19. UPF-RS 2016** Sobre o conto “O alienista”, que integra os *Contos definitivos*, de Machado de Assis, apenas é **incorreto** afirmar que:
- a) apresenta um narrador onisciente neutro, que não emite juízos sobre o caráter e a ação das personagens.
 - b) apresenta, como protagonista, o doutor Simão Bacamarte, hilariante caricatura de médico e de ditador científico.
 - c) se aproxima, pela longa sequência de ações que expõe, da forma da novela.
 - d) tem como desfecho o confinamento solitário e a morte do alienista, dentro do manicômio que fizera construir.
 - e) se constitui como um ponto de interrogação acerca das fronteiras entre normalidade e loucura.

- 20. Unicamp-SP 2014** [...] Marcela amou-me durante quinze meses e onze contos de réis; nada menos.

ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001. p. 101.

Então apareceu o Lobo Neves, um homem que não era mais esbelto que eu, nem mais elegante, nem mais lido, nem mais simpático, e todavia foi quem me arrebatou Virgília e a candidatura... [...] Dutra veio dizer-me, um dia, que esperasse outra aragem, porque a candidatura de Lobo Neves era apoiada por grandes influências. Cedi [...]. Uma semana depois, Virgília perguntou ao Lobo Neves, a sorrir, quando seria ele ministro.

— Pela minha vontade, já; pela dos outros, daqui a um ano.

Virgília replicou:

— Promete que algum dia me fará baronesa?

— Marquesa, porque serei marquês.

Desde então fiquei perdido.

ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001. p. 138.

[...] Virgília deixou-se estar de pé; durante algum tempo ficamos a olhar um para o outro, sem articular palavra. Quem diria? De dois grandes namorados, de duas paixões sem freio, nada mais havia ali, vinte anos depois; havia apenas dois corações murchos, devastados pela vida e saciados dela, não sei se em igual dose, mas enfim saciados.

ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001. p. 76.

- a) No romance, Brás Cubas estabelece vínculos amorosos, em diferentes momentos, com Marcela e com Virgília. Explique a natureza desses dois vínculos, considerando a classe social das personagens envolvidas.
- b) Considerando o último excerto, como o narrador Brás Cubas avalia sua vivência amorosa ao final do romance?

- 21. Fuvest-SP 2021**

Rubião fitava a enseada, — eram oito horas da manhã. Quem o visse, com os polegares metidos no cordão do chambre, à janela de uma grande casa de

Botafogo, cuidaria que ele admirava aquele pedaço de água quieta; mas em verdade vos digo que pensava em outra coisa. Cotejava o passado com o presente. Que era, há um ano? Professor. Que é agora! Capitalista. Olha para si, para as chinelas (umas chinelas de Túnis, que lhe deu recente amigo, Cristiano Palha), para a casa, para o jardim, para a enseada, para os morros e para o céu; e tudo, desde as chinelas até o céu, tudo entra na mesma sensação de propriedade.

— Vejam como Deus escreve direito por linhas tortas, pensa ele. Se mana Piedade tem casado com Quincas Borba, apenas me daria uma esperança colateral. Não casou; ambos morreram, e aqui está tudo comigo; de modo que o que parecia uma desgraça...

Machado de Assis, *Quincas Borba*.

O primeiro capítulo de *Quincas Borba* já apresenta ao leitor um elemento que será fundamental na construção do romance:

- a) a contemplação das paisagens naturais, como se lê em “ele admirava aquele pedaço de água quieta”.
- b) a presença de um narrador-personagem, como se lê em “em verdade vos digo que pensava em outra coisa”.
- c) a sobriedade do protagonista ao avaliar o seu percurso, como se lê em “Cotejava o passado com o presente”.
- d) o sentido místico e fatalista que rege os destinos, como se lê em “Deus escreve direito por linhas tortas”.
- e) a reversibilidade entre o cômico e o trágico, como se lê em “de modo que o que parecia uma desgraça...”.

- 22. ITA-SP 2018** Em várias passagens de *Quincas Borba*, de Machado de Assis, as personagens interpretam erroneamente alguns fatos ou fazem ilações equivocadas a partir de algumas falas. Vemos isso, por exemplo, no episódio em que, a partir do relato que ouve de um cocheiro, Rubião se convence de que

- a) D. Tonica planeja casar-se com ele a qualquer custo.
- b) Palha pretende desfazer os negócios que tem com ele.
- c) Sofia deseja casá-lo com Maria Benedita.
- d) Sofia e Carlos Maria são amantes.
- e) Maria Benedita e Carlos Maria namoram em segredo.

- 23. Unesp 2020** Para responder à questão, leia o trecho de uma fala do personagem Quincas Borba, extraída do romance *Quincas Borba*, de Machado de Assis, publicado originalmente em 1891.

— [...] O encontro de duas expansões, ou a expansão de duas formas, pode determinar a supressão de uma delas; mas, rigorosamente, não há morte, há vida, porque a supressão de uma é condição da sobrevivência da outra, e a destruição não atinge o princípio

universal e comum. Daí o caráter conservador e benéfico da guerra. Supõe tu um campo de batatas e duas tribos famintas. As batatas apenas chegam para alimentar uma das tribos, que assim adquire forças para transpor a montanha e ir à outra vertente, onde há batatas em abundância; mas, se as duas tribos dividirem em paz as batatas do campo, não chegam a nutrir-se suficientemente e morrem de inanição. A paz, nesse caso, é a destruição; a guerra é a conservação. Uma das tribos extermina a outra e recolhe os despojos. Daí a alegria da vitória, os hinos, aclamações, recompensas públicas e todos os demais efeitos das ações bélicas. Se a guerra não fosse isso, tais demonstrações não chegariam a dar-se, pelo motivo real de que o homem só comemora e ama o que lhe é aprazível ou vantajoso, e pelo motivo racional de que nenhuma pessoa canoniza uma ação que virtualmente a destrói. Ao vencido, ódio ou compaixão; ao vencedor, as batatas. [...] Aparentemente, há nada mais contristador que uma dessas terríveis pestes que devastam um ponto do globo? E, todavia, esse suposto mal é um benefício, não só porque elimina os organismos fracos, incapazes de resistência, como porque dá lugar à observação, à descoberta da droga curativa. A higiene é filha de podridões seculares; devemos-la a milhões de corrompidos e infectos. Nada se perde, tudo é ganho.

(Quincas Borba, 2016.)

Considerando o contexto histórico de produção, verifica-se no trecho uma alusão irônica

- a) à teoria darwiniana.
- b) à filosofia idealista.
- c) à ideologia capitalista.
- d) à filosofia iluminista.
- e) à ideologia socialista.



Textos para as questões 24 e 25.

I.

Cinquenta anos! Não era preciso confessá-lo. Já se vai sentindo que o meu estilo não é tão **lesto** como nos primeiros dias. Naquela ocasião, cessado o diálogo com o oficial da marinha, que enfiou a capa e saiu, confesso que fiquei um pouco triste. Voltei à sala, lembrou-me dançar uma polca, embriagar-me das luzes, das flores, dos cristais, dos olhos bonitos, e do burburinho surdo e ligeiro das conversas particulares. E não me arrependo; remoei. Mas, meia hora depois, quando me retirei do baile, às quatro da manhã, o que é que fui achar no fundo do carro? Os meus cinquenta anos.

lesto: ágil.

II.

Meu caro crítico, Algumas páginas atrás, dizendo eu que tinha cinquenta anos, acrescentei: “Já se vai sentindo que o meu estilo não é tão lesto como nos primeiros dias”. Talvez aches esta frase incompreensível, sabendo-se o meu atual estado; mas eu chamo a tua atenção para a sutileza daquele pensamento. O que eu quero dizer não é que esteja agora mais velho do que quando comecei o livro. A morte não envelhece. Quero dizer, sim, que

em cada fase da narração da minha vida experimento a sensação correspondente. Valha-me Deus! é preciso explicar tudo.

Machado de Assis, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*.

24. Fuvest-SP 2019 Entre os dois trechos do romance, nota-se o movimento que vai da memória de vivências à revisão que o *defunto autor* faz de um mesmo episódio. A citação, pertencente a outro capítulo do mesmo livro, que melhor sintetiza essa duplicidade narrativa, é:

- a) “A conclusão, portanto, é que há duas forças capitais: o amor, que multiplica a espécie, e o nariz, que a subordina ao indivíduo”.
- b) “Obra de finado. Escrevi-a com a pena da galhoia e a tinta da melancolia, e não é difícil perceber o que poderá sair desse conúbio”.
- c) “Mas o livro é enfadonho, cheira a sepulcro, traz certa contração cadavérica; vício grave, e aliás ínfimo, porque o maior defeito do livro és tu, leitor”.
- d) “Viver não é a mesma coisa que morrer; assim o afirmam todos os joalheiros desse mundo, gente muito vista na gramática”.
- e) “Não havia ali a atmosfera somente da águia e do beija-flor; havia também a da lesma e do sapo”.

25. Fuvest-SP 2019 A passagem final do texto II – “Valha-me Deus! é preciso explicar tudo.” – denota um elemento presente no estilo do romance, ou seja,

- a) o realismo, visto no rigor explicativo dos fatos.
- b) a religiosidade, que se socorre do auxílio divino.
- c) o humor, capaz de relativizar as ideias.
- d) a metalinguagem, que imprime linearidade à narração.
- e) a ironia, própria do discurso positivo.

26. Fuvest-SP 2013 Em quatro das alternativas a seguir, registram-se alguns dos aspectos que, para bem caracterizar o gênero e o estilo das *Memórias póstumas de Brás Cubas*, o crítico J. G. Merquior pôs em relevo nessa obra de Machado de Assis. A única alternativa que, invertendo, aliás, o juízo do mencionado crítico, aponta uma característica que **não** se aplica à obra em questão é:

- a) Ausência praticamente completa de distanciamento enobrecedor na figuração das personagens e de suas ações.
- b) Mistura do sério e do cômico, de que resulta uma abordagem humorística das questões mais cruciais.
- c) Ampla liberdade do texto em relação aos ditames da verossimilhança.
- d) Emprego de uma linguagem que evita chamar a atenção sobre si mesma, apagando-se, assim, por detrás da coisa narrada.
- e) Uso frequente de gêneros intercalados – por exemplo, cartas ou bilhetes, historietas etc. – embutidos no conjunto da obra global.

27. Enem 2013

Capítulo LIV – A pêndula

Saí dali a saborear o beijo. Não pude dormir; estirei-me na cama, é certo, mas foi o mesmo que nada. Ouvi as horas todas da noite. Usualmente, quando eu perdia o sono, o bater da pêndula fazia-me muito mal; esse tique-taque soturno, vagaroso e seco, parecia dizer a cada golpe que eu ia ter um instante menos de vida. Imaginava então um velho diabo, sentado entre dois sacos, o da vida e o da morte, a tirar as moedas da vida para dá-las à morte, e a contá-las assim:

- Outra de menos...
- Outra de menos...
- Outra de menos...
- Outra de menos...

O mais singular é que, se o relógio parava, eu dava-lhe corda, para que ele não deixasse de bater nunca, e eu pudesse contar todos os meus instantes perdidos. Invenções há, que se transformam ou acabam; as mesmas instituições morrem; o relógio é definitivo e perpétuo. O derradeiro homem, ao despedir-se do sol frio e gasto, há de ter um relógio na algibeira, para saber a hora exata em que morre.

Naquela noite não padeci essa triste sensação de enfado, mas outra, e deleitosa. As fantasias tumultuavam-me cá dentro, vinham umas sobre outras, à semelhança de devotas que se abalroam para ver o anjo-cantor das procissões. Não ouvia os instantes perdidos, mas os minutos ganhos.

ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1992 (fragmento).

O capítulo apresenta o instante em que Brás Cubas revive a sensação do beijo trocado com Virgília, casada com Lobo Neves. Nesse contexto, a metáfora do relógio desconstrói certos paradigmas românticos, porque:

- a) o narrador e Virgília não têm percepção do tempo em seus encontros adúlteros.
- b) como defunto autor, Brás Cubas reconhece a inutilidade de tentar acompanhar o fluxo do tempo.
- c) na contagem das horas, o narrador metaforiza o desejo de triunfar e acumular riquezas.
- d) o relógio representa a materialização do tempo e redireciona o comportamento idealista de Brás Cubas.
- e) o narrador compara a duração do sabor do beijo à perpetuidade do relógio.

28. Unicamp-SP 2015

Leia o seguinte excerto de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis:

Deixa lá dizer Pascal que o homem é um caniço pensante. Não; é uma errata pensante, isso sim. Cada estação da vida é uma edição, que corrige a anterior, e que será corrigida também, até a edição definitiva, que o editor dá de graça aos vermes.

ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001. p. 120.

Na passagem citada, a substituição da máxima pascalina de que o homem é um caniço pensante pelo enunciado “o homem é uma errata pensante” significa

- a) a realização da contabilidade dos erros acumulados na vida porque, em última instância, não há “edição definitiva”.
- b) a tomada de consciência do caráter provisório da existência humana, levando à celebração de cada instante vivido.
- c) a tomada de consciência do caráter provisório da existência humana e a percepção de que esta é passível de correção.
- d) a ausência de sentido em “cada estação da vida”, já que a morte espera o homem em sua “edição definitiva”.

29. Fuvest-SP 2015

Capítulo CVII

Bilhete

“Não houve nada, mas ele suspeita alguma coisa; está muito sério e não fala; agora saiu. Sorriu uma vez somente, para Nhonhô, depois de o fitar muito tempo, carrancudo. Não me tratou mal nem bem. Não sei o que vai acontecer; Deus queira que isto passe. Muita cautela, por ora, muita cautela.”

Capítulo CVIII

Que se não entende

Eis aí o drama, eis aí a ponta da orelha trágica de Shakespeare. Esse retalhinho de papel, garatujado em partes, machucado das mãos, era um documento de análise, que eu não farei neste capítulo, nem no outro, nem talvez em todo o resto do livro. Poderia eu tirar ao leitor o gosto de notar por si mesmo a frieza, a perspicácia e o ânimo dessas poucas linhas traçadas à pressa; e por trás delas a tempestade de outro cérebro, a raiva dissimulada, o desespero que se constrange e medita, porque tem de resolver-se na lama, ou no sangue, ou nas lágrimas?

ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*.

Atente para o excerto, considerando-o no contexto da obra a que pertence. Nele, figura, primeiramente, o bilhete enviado a Brás Cubas por Virgília, na ocasião em que se torna patente que o marido da dama suspeita de suas relações adúlteras. Segue-se ao bilhete um comentário do narrador (cap. CVIII). Feito isso, considere a afirmação que se segue:

No excerto, o narrador frisa aspectos cuja presença se costuma reconhecer no próprio romance machadiano da fase madura, entre eles,

- I. o realce da argúcia, da capacidade de exame acurado das situações e da firmeza de propósito, ainda quando impliquem malignidade.
- II. a relevância da observação das relações interpessoais e dos funcionamentos mentais correspondentes.
- III. a operação consciente dos elementos envolvidos no processo de composição literária: narração, personagens, motivação, trama, intertextualidade, recepção etc.

Está correto o que se indica em

- a) I, somente.
- b) II, somente.
- c) I e II, somente.
- d) II e III, somente.
- e) I, II e III.

30. Unicamp-SP

Entre luz e fusco

Entre luz e fusco, tudo há de ser breve como esse instante. Nem durou muito a nossa despedida, foi o mais que pôde, em casa dela, na sala de visitas, antes do acender das velas; aí é que nos despedimos de uma vez. Juramos novamente que havíamos de casar um com o outro, e não foi só o aperto de mão que selou o contrato, como no quintal, foi a conjunção das nossas bocas amorosas... talvez risque isso na impressão, se até lá não pensar de outra maneira; se pensar, fica. E desde já fica, porque, em verdade, é a nossa defesa. O que o mandamento divino quer é que não juremos em vão pelo santo nome de Deus. Eu não ia mentir ao seminário, uma vez que levava um contrato feito no próprio cartório do céu. Quanto ao selo, Deus, como fez as mãos limpas, assim fez os lábios limpos, e a malícia está antes na tua cabeça perversa que na daquele casal de adolescentes... oh! minha doce companheira da meninice, eu era puro, e puro fiquei, e puro entrei na aula de S. José, a buscar de aparência a investidura sacerdotal, e antes dela a vocação. Mas a vocação eras tu, a investidura eras tu.

ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. Cotia: Ateliê Editorial, 2008. p. 195-6.

- Em que medida a imagem presente no título desse capítulo de *Dom Casmurro* define a natureza da narrativa do romance?
- No emprego da segunda pessoa, não há coincidência do interlocutor. Indique duas marcas linguísticas que evidenciam essa não coincidência, explicitando qual é o interlocutor em cada caso.

31. Fuvest-SP 2012

Leia o trecho de *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, para responder ao que se pede.

Um dia [Ezequiel] amanheceu tocando corneta com a mão; dei-lhe uma cornetinha de metal. Comprei-lhe soldadinhos de chumbo, gravuras de batalhas que ele mirava por muito tempo, querendo que lhe explicasse uma peça de artilharia, um soldado caído, outro de espada alçada, e todos os seus amores iam para o de espada alçada. Um dia (ingênua idade!) perguntou-me impaciente:

— Mas, papai, por que é que ele não deixa cair a espada de uma vez?

— Meu filho, é porque é pintado.

— Mas então por que é que ele se pintou?

Ri-me do engano e expliquei-lhe que não era o soldado que se tinha pintado no papel, mas o gravador, e tive de explicar também o que era gravador e o que era gravura: as curiosidades de Capitu, em suma.

- Se estabelecermos uma analogia ou um paralelo entre a gravura, de que se fala no excerto, e o romance *Dom Casmurro*, os termos “gravador” e “gravura” corresponderão a que elementos internos do livro?
- Continuando no mesmo paralelo entre gravura e *Dom Casmurro*, pode-se considerar que a lição dada pelo pai ao filho, a respeito da gravura, serve de advertência também para o leitor do romance? Justifique sua resposta.

32. UFMG 2012

Leia estes trechos:

Trecho 1

O meu fim evidente era atar as duas pontas da vida, e restaurar na velhice a adolescência. Pois, senhor, não consegui recompor o que foi nem o que fui. Em tudo, se o rosto é igual, a fisionomia é diferente. Se só me faltassem os outros, vá; um homem consola-se mais ou menos das pessoas que perde; mas falto eu mesmo, e esta lacuna é tudo. O que aqui está é, mal comparando, semelhante à pintura que se põe na barba e nos cabelos, e que apenas conserva o hábito eterno, como se diz nas autópsias; o interno não aguenta tinta.

ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. São Paulo: Globo, 1997. p. 3.

Trecho 2

Desse antigo verão que me alterou a vida restam ligeiros traços apenas. E nem deles posso afirmar que efetivamente me recorde. O hábito me leva a criar um ambiente, imaginar fatos a que atribuo realidade.

RAMOS, Graciliano. *Infância*. Rio de Janeiro: Record, 1984. p. 26.

A partir da leitura desses trechos, explique como, em cada uma das obras referidas, o narrador aborda as possibilidades de a escrita reconstituir o passado.

33. Mackenzie-SP 2018

A pergunta era imprudente, na ocasião em que eu cuidava de transferir o embarque. Equivalia a confessar que o motivo principal ou único da minha repulsa ao seminário era Capitu, e fazer crer improvável a viagem. Compreendi isto depois que falei; quis emendar-me, mas nem soube como, nem ele me deu tempo.

— Tem andado alegre, como sempre; é uma tontinha. Aquilo enquanto não pegar algum peralta da vizinhança, que case com ela...

Estou que empalideci; pelo menos, senti correr um frio pelo corpo todo. A notícia de que ela vivia alegre, quando eu chorava todas as noites, produziu-me aquele efeito, acompanhado de um bater de coração, tão violento, que ainda agora cuido ouvi-lo. Há alguma exageração nisto; mas o discurso humano é assim mesmo, um composto de partes excessivas e partes diminutas, que se compensam, ajustando-se. Por outro lado, se entendermos que a audiência aqui não é das orelhas senão da memória, chegaremos à exata verdade. A minha memória ouve ainda agora as pancadas do coração naquele instante. Não esqueças que era a emoção do primeiro amor. Estive quase a perguntar a José Dias que me explicasse a alegria de Capitu, o que é que ela fazia, se vivia rindo, cantando ou pulando, mas retive-me a tempo, e depois outra ideia...

Outra ideia, não, — um sentimento cruel e desconhecido, o puro ciúme, leitor das minhas entranhas. Tal foi o que me mordeu, ao repetir comigo as palavras de José Dias: «Algum peralta da vizinhança». Em verdade, nunca pensara em tal desastre. Vivía tão nela, dela e para ela, que a intervenção de um peralta era como uma noção sem realidade; nunca me acudiu que havia peraltas na vizinhança, vária idade e feitio, grandes passeadores das tardes. Agora lembrava-me que alguns olhavam para Capitu, — e tão senhor me sentia dela que era como se

olhassem para mim, um simples dever de admiração e de inveja. Separados um do outro pelo espaço e pelo destino, o mal aparecia-me agora, não só possível mas certo.

“Uma ponta de lago”, *Dom Casmurro*, Machado de Assis

Sobre o trecho acima, retirado do romance *Dom Casmurro*, escrito por Machado de Assis, assinale a alternativa correta.

- a) As conclusões de Bentinho, o narrador do romance, e a fala de José Dias atestam, sem sombra de dúvidas, o quanto a personagem Capitu, leviana e fútil, não é digna de confiança.
- b) O trecho é revelador da natureza extremamente ciumenta de Bentinho, pois não há nenhum indício concreto de que Capitu deixara de gostar dele.
- c) A palavra *mal*, na penúltima linha do trecho, diz respeito a algum transtorno físico sentido por Bentinho devido à sua decepção com Capitu, já que provavelmente estaria apaixonada por *algum peralta da vizinhança*.
- d) No seguinte trecho “Estive quase a perguntar a José Dias que me explicasse a alegria de Capitu, o que é que ela fazia, se vivia rindo, cantando ou pulando, mas retive-me a tempo, e depois outra ideia”, percebemos que o narrador desiste dos seus ciúmes.
- e) Pela fala de José Dias, Capitu está alegre pela certeza de que vai em poucos dias reencontrar com Bentinho, o que é confirmado pela referência à peça *Otelo*, de Shakespeare, que intitula o capítulo (“Uma ponta de lago”).

34. **UFRGS 2017** Leia o capítulo abaixo, retirado de *Dom Casmurro*, de Machado de Assis.

CAPÍTULO VIII – É TEMPO

Mas é tempo de tornar àquela tarde de novembro, uma tarde clara e fresca, sossegada como a nossa casa e o trecho da rua em que morávamos. Verdadeiramente foi o princípio da minha vida; tudo o que sucedera antes foi como o pintar e vestir das pessoas que tinham de entrar em cena, o acender das luzes, o preparo das rabecas, a sinfonia... Agora é que eu ia começar a minha ópera. “A vida é uma ópera”, dizia-me um velho tenor italiano que aqui viveu e morreu... E explicou-me um dia a definição, em tal maneira que me fez crer nela. Talvez valha a pena dá-la; é só um capítulo.

Considere as afirmações abaixo, sobre o capítulo.

- I. O narrador refere-se ao momento em que descobriu sua vocação para a vida religiosa.
- II. O narrador recorda saudosamente as tardes familiares e a fala de José Dias saudando seus amores com a vizinha, Capitu.
- III. O narrador diz que sua vida começou, quando ouviu José Dias denunciar seus amores com Capitu.

Quais estão corretas?

- a) Apenas I.
- b) Apenas II.
- c) Apenas III.
- d) Apenas I e II.
- e) I, II e III.

35. **FPP-PR 2017** Obra prima de Machado de Assis, “Dom Casmurro” pertence ao período Realista brasileiro. Entre outros elementos, sua perspectiva narrativa tem destaque e atesta a presença de um narrador:

- a) onisciente, que conhece os pensamentos de Capitu e Escobar e pode compreender seus sentimentos.
- b) que é testemunha do adultério de Capitu, comprovado ao final da narrativa.
- c) que utiliza o recurso do fluxo de consciência, comum nos romances brasileiros dos séculos XVIII e XIX.
- d) que considera Capitu uma mulher sedutora, mas suas dúvidas sobre a fidelidade da esposa desaparecem após o nascimento de seu filho.
- e) personagem que compartilha com o leitor suas suspeitas a respeito da fidelidade da esposa.

36. **ITA-SP 2012** O texto a seguir é o início da obra *Dom Casmurro*, de Machado de Assis.

Uma noite dessas, vindo da cidade para o Engenho Novo, encontrei no trem da Central um rapaz aqui do bairro, que eu conheço de vista e de chapéu. Cumprimentou-me, sentou-se ao pé de mim, falou da lua e dos ministros, e acabou recitando-se versos. A viagem era curta, e os versos pode ser que não fossem inteiramente maus. Sucedeu, porém, que, como eu estava cansado, fechei os olhos três ou quatro vezes; tanto bastou para que ele interrompesse a leitura e metesse os versos no bolso.

[...] No dia seguinte entrou a dizer de mim nomes feios, e acabou alcunhando-me Dom Casmurro. Os vizinhos, que não gostam dos meus hábitos reclusos e calados, deram curso à alcunha, que afinal pegou.

[...] Não consulte dicionários. Casmurro não está aqui no sentido que eles lhe dão, mas no que lhe pôs o vulgo de homem calado e metido consigo. Dom veio por ironia, para atribuir-me fumos de fidalgo. Tudo por estar cochilando! Também não achei melhor título para a minha narração; se não tiver outro daqui até o fim do livro, vai este mesmo.

Considere as afirmações a seguir referentes ao trecho, articuladas ao romance:

- I. O narrador já apresenta seu estilo irônico de narrar.
- II. O narrador assume uma alcunha que o caracteriza ao longo do enredo.
- III. Os eventos narrados no trecho inicial desencadeiam o conflito central da obra.
- IV. O título *Dom Casmurro* não caracteriza adequadamente a personagem Bentinho.

Estão corretas apenas:

- a) I e II.
- b) I e III.
- c) II e III.
- d) II e IV.
- e) III e IV.

- 37. FPP-PR 2015** A respeito de Capitu, personagem de *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, é **CORRETO** afirmar que:
- a) Pode-se dizer que seu comportamento dúbio e seu caráter inapreensível são traços que Capitu teria herdado da mãe, figura autoritária e insinuante, presente de modo destacado nas decisões que ela toma. É a mãe quem incentiva Capitu a buscar o envolvimento – por interesse – com o filho de Dona Glória.
 - b) Descrita como figura feminina enigmática e sedutora, mantém, desde a infância, um forte domínio sobre Bentinho. De certo modo, ele se sujeita às determinações e aos encantos dela, reconhecendo que ela se impõe. A suspeita da traição, contudo, o marca de modo profundo, a ponto de ele se tornar descrente e amargurado.
 - c) É, desde a infância, vista por Dona Glória, mãe de Bentinho, como um perigo para o filho. Devido ao fato de Capitu representar os valores do mundo aristocrático, com suas malícias e hipocrisias, Dona Glória teme que ela engane o filho, visto por ela como um jovem pobre, honesto e ingênuo.
 - d) Capitu rompe com sua amiga Sancha quando descobre que esta se insinuava para Bentinho. A desconfiança de que seu marido pudesse ser o pai da filha de sua amiga a leva a se mortificar e sofrer.
 - e) Capitu tem em José Dias, o agregado da família Santiago, um aliado em seu plano de ascensão social pelo casamento com Bentinho. Anos mais tarde, será também ele o seu cúmplice na traição que comete, mantendo relacionamento com Escobar, melhor amigo do marido.

- 38. UPF-RS 2015** Considere as asserções a seguir, em relação aos romances *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, e *São Bernardo*, de Graciliano Ramos.
- I. O narrador-protagonista inicia o romance reconstituindo a situação que o levou a escrevê-lo.
 - II. A análise psicológica, especialmente a que o narrador protagonista faz de si mesmo, ocupa papel importante no romance.
 - III. A ação do romance evolui em torno de um triângulo amoroso real ou suposto.
 - IV. O narrador-protagonista reconhece, ao final do romance, que se deixou cegar pelo ciúme e que formou um juízo errôneo da amada.

É igualmente **verdadeiro**, em relação aos dois romances referidos, apenas o que se afirma em:

- a) I e II.
- b) I e III.
- c) I, II e III.
- d) II e IV.
- e) III e IV.

- 39. UPF-RS 2015** Bento Santiago, no romance *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, afirma que sua vida começou, efetivamente, aos quinze anos, no dia em que se descobriu apaixonado por Capitu. De fato, ele já a amava antes, mas não tinha consciência disso. Quem revela ao narrador-protagonista a verdadeira natureza do sentimento que ele nutria por sua amiga de brincadeiras e travessuras é:
- a) Dona Glória, a mãe de Bentinho.
 - b) Tio Cosme.
 - c) A própria Capitu.
 - d) José Dias, agregado da família.
 - e) Escobar, colega de seminário.

Texto complementar

Na crônica a seguir, o escritor Ferreira Gullar faz considerações acerca de suas experiências de leitura com as obras-primas de Machado de Assis.

O feitiço do Bruxo

Uma rápida escaramuça encrespou o meio literário quando alguém afirmou que o romance *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, não era lá essa obra-prima que se diz que é. Ao ler alguma coisa a respeito, perguntei-me se não poderia essa crítica ter algum fundamento – e fui conferir.

Fazia quase 20 anos que não lia o romance e, muito embora minha opinião sobre ele fosse a consagrada, alimentava, machadianamente, a hipótese de vê-la desmentida. Não é que eu tenha restrições ao Bruxo do Cosme Velho, mas é que, a exemplo dele, não gosto de mistificações, a verdade deve ser dita, ainda que doa um pouco. Assim, investido de total isenção, iniciei a minha releitura e, logo no primeiro parágrafo, já estava de novo enfeitado por sua irreverência bem-humorada. Depois de contar como ganhara o apelido de dom Casmurro, que decidira usar como título do livro, alude à hipótese de que o autor do apelido venha a julgar-se também autor do livro, e arremata: “Há livros que apenas terão isso de seus autores; alguns, nem tanto”.

Como não pretendo meter-me em polêmicas alheias nem fazer uma reavaliação crítica do famoso romance, vou tentar dividir com você, leitor, as alegrias que a dita releitura me proporcionou. Mesmo que já tenha lido o romance – o que é bem provável –, não deixará de reler com prazer trechos como este:

“la entrar na sala de visitas, quando ouvi proferir o meu nome e escondi-me atrás da porta. A casa era a da rua de Mata-cavalos, o mês novembro, o ano é que é um tanto remoto, mas não hei de trocar as datas à minha vida só para agradar às pessoas que não amam histórias velhas; o ano era de 1857”.

Como o leitor bem sabe, Bentinho, já então velho e casmurro, imaginou preencher sua solidão escrevendo talvez sobre jurisprudência, filosofia e política, mas logo desistiu e pensou em escrever uma “História dos Subúrbios”, de que abriu mão por lhe faltarem documentos e datas. Restou-lhe, então, escrever sobre sua própria vida, o que implicaria contar a história de um amor nascido na adolescência, quando conheceu a menina Capitu e os dois se apaixonaram; um puro amor de crianças, que começou no quintal da casa e se alimentou dos sorrisos e olhares da menina que, segundo o agregado da família, José Dias, tinha “uns olhos de cigana, oblíqua e dissimulada”.

Mas a Bentinho era difícil encontrar a definição para aqueles olhos: “Olhos de ressaca? Vá, de ressaca. É o que me dá a ideia daquela feição nova. Traziam um não sei que fluido misterioso e enérgico, uma força que arrastava para dentro como a vaga que se retira da praia, nos dias de ressaca. Para não ser arrastado, agarrei-me às outras partes vizinhas, às orelhas, aos braços, aos cabelos espalhados pelos ombros; mas tão depressa buscava as pupilas, a onda que saía delas vinha crescendo, cava e escura, ameaçando envolver-me, puxar-me, tragar-me”.

E, de fato, tragou-o. Tanto que tudo fez para se livrar do seminário e se entregar definitivamente à paixão de sua vida. Os ciúmes que ela lhe despertava desvaneceram-se quando os dois juraram que haveriam de se casar e viver juntos o resto de sua vida. Casaram-se e lhes nasceu um filho a que deram o nome de Ezequiel, em homenagem a Ezequiel Escobar, o melhor amigo do casal. Só que, à medida que o menino crescia, mais se parecia com o amigo, e não com o pai. Bem, todo mundo já conhece essa história e, se a relembro aqui, é por ser ela a matéria amarga com que Machado inocula seu pessimismo.

Dom Casmurro é um livro triste que nos faz rir de nossa própria fragilidade e nos encanta por sua qualidade literária. Se é verdade que toda a obra de Machado está marcada pelo ceticismo e pela ironia, neste romance, o desencanto parece atingir seu ápice. A traição de Capitu não é uma traição qualquer: ela trai o puro amor de sua vida, a que jurara fidelidade. Aqui, o ceticismo de Machado revela-se implacável e irremissível. Que Marcela traia Brás Cubas, é compreensível; que Virgília traia Lobo Neves, é corriqueiro, mas, ao levar Capitu a trair Bentinho, Machado nos deixa em total desamparo. Não obstante, depois de tudo, nenhuma mulher levou Bentinho a esquecer Capitu, segundo ele, “a primeira amada” de seu coração. E por quê? “Talvez porque nenhuma tinha olhos de ressaca e de cigana oblíqua e dissimulada.” À pergunta de se a Capitu que o traiu já estava na menina da rua de Mata-cavalos, responde que sim, estava, como a fruta na casca. E conclui o livro com estas palavras ressentidas, mas desabusadas: “A minha primeira amiga e o meu maior amigo, tão extremos ambos e tão queridos também, quis o destino que acabassem juntando-se e enganando-me... A terra lhes seja leve. Vamos à ‘História dos Subúrbios’”.

A releitura de *Dom Casmurro* levou-me a reler *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, não menos amargas, mas das quais tiro para o leitor uma frase que o faça rir: “E eu, atraído pelo chocalho de lata que minha mãe agitava diante de mim, lá ia para a frente, cai aqui, cai acolá; e andava, provavelmente andava mal, mas andava, e fiquei andando”.

Pessimismos à parte, poucos escritores alcançaram, como Machado, tanta graça e mestria na arte de escrever.

Ferreira Gullar. O feitiço do Bruxo. *Folha de S.Paulo*, 30 abr. 2006. Folhapress. Disponível em: www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq3004200617.htm. Acesso em: 14 out. 2021.

Resumindo

Realismo: origens

- Realismo é o estilo de época que procurou introduzir o cientificismo na literatura.
- A crítica ao sentimentalismo, ao subjetivismo e à fantasia marca a escola realista.
- Deseja-se uma transformação social por meio da crítica.
- Há confiança na ciência, no liberalismo e nas correntes intelectuais da época: racionalismo, positivismo e determinismo.
- O marxismo afeta o modo de pensamento burguês desenvolvido até então.
- A literatura realista é marcada pela objetividade, pela contemporaneidade, pelas personagens-tipo, pela lei da causalidade e pela linguagem cotidiana.
- O Realismo desenvolveu-se, primeiro, na França, por meio de autores como Balzac, Flaubert e Zola.

Realismo em Portugal

- Em Portugal, o Realismo foi marcado pela Questão Coimbrã – polêmica travada com a geração anterior de escritores, os românticos.
- Os escritores realistas portugueses ficaram conhecidos como Geração de 70 por terem organizado, em 1971, as Conferências Democráticas do Cassino Lisboense.
- Eça de Queirós foi o escritor que mais se destacou dentre os autores da Geração de 70. É um dos autores mais importantes da Literatura portuguesa. Aliava os elementos da estética realista com uma forma particularmente sarcástica e zombeteira de enxergar a realidade.
- A obra de Eça de Queirós é didaticamente dividida em três fases: a fase inicial, com os textos reunidos no livro *Prosas bárbaras*; a fase realista propriamente dita, cujo primeiro romance foi *O crime do padre Amaro*, e o último *Os Maias*; e

a fase pós-Realista, com o repensar de sua estética realista e destaque para os romances *A ilustre casa de Ramires* e *A cidade e as serras*.

- O romance *O primo Basílio*, de Eça de Queirós, critica, entre outros pontos, a criação romântica das moças portuguesas.
- Também de Eça de Queirós, o romance *O crime do padre Amaro* denuncia, principalmente, a excessiva influência do clero sobre a sociedade portuguesa.
- O romance *A cidade e as serras*, escrito na fase mais madura de Eça de Queirós, traça sua reconciliação com a sociedade portuguesa e faz uma revisão dos princípios realistas.

Realismo no Brasil

O escritor Machado de Assis: o grande expoente do Realismo no Brasil

Características:

- Universalismo: aborda temas filosóficos e faz análises psicológicas e das convenções sociais.
- Rompe com a linearidade da narrativa.
- Elabora o discurso do narrador direcionado ao leitor, com frequentes referências ao texto (metalinguagem).
- Utiliza-se de ironia e niilismo.
- Tem um estilo próprio e único.

O legado literário de Machado de Assis

- Seus **contos** de maior destaque são: “A cartomante”, “Uns braços”, “O alienista”, “A causa secreta”, “Teoria do medalhão” e “O enfermeiro”.

Memórias póstumas de Brás Cubas

- Inaugura o Realismo no Brasil, em 1881.

- Foco narrativo em 1ª pessoa: quem narra é um defunto autor, o que descontinua a tradição literária.
- Ruptura com a narrativa linear: não há sequência cronológica, e os fatos são narrados seguindo o fluxo de memória do narrador.
- Metalinguagem: o narrador interrompe a narrativa para comentar com o leitor a própria obra.
- Temas: Machado de Assis critica e desmascara a sociedade carioca do século XIX a partir do jogo de valores – essência/aparência, convenções sociais, hipocrisia, loucura, ambição e adultério.
- Estilo: utiliza-se de ironia, pessimismo, niilismo e humor negro.
- Considerações: Brás Cubas discorre sobre a sua existência, no caso, mesquinha e solitária – reflexão que pode ser estendida aos leitores.

Quincas Borba

- Publicada em 1891, a obra pode ser vista como um prolongamento da teoria do Humanitismo, apresentada em *Memórias póstumas de Brás Cubas*.
- O foco narrativo está em 3ª pessoa.
- Protagonista: Rubião, que enriquece após herdar a fortuna de Quincas Borba.
- Humanitismo: teoria de Quincas Borba que prediz que a vida é um campo de batalha, no qual apenas os mais adaptados sobrevivem.
- O autor parodia e critica as teorias científicas de sua época (com foco no darwinismo).
- Quincas Borba – o cão: o cachorro do filósofo Quincas Borba recebeu o mesmo nome do dono como prova da igualdade entre os seres, segundo um dos preceitos da Humanitas – o princípio da existência.
- Rubião é manipulado pelo casal Palha; por ser o menos adaptado ao sistema, vai à falência e enlouquece – comprovando a teoria do Humanitismo (“Ao vencedor, as batatas”).

Dom Casmurro

- Romance realista escrito por Machado de Assis e publicado no ano de 1899.
- Bento Santiago – o Dom Casmurro – é o narrador e também protagonista da obra. Em sua velhice, ele escreve rememorando sua história com o intuito de restaurar os momentos da infância e da adolescência.
- “Dom” é uma ironia, indicando um título de nobreza, e “Casmurro” refere-se aos hábitos do narrador personagem, sempre calado e recluso. Ele próprio explica o título e o porquê da escrita do livro logo nos primeiros capítulos.
- O tempo do romance é, fundamentalmente, o da memória de Bentinho, e a narrativa é cíclica, visto que a obra começa e termina com o velho Casmurro indicando a necessidade da escritura de sua história.
- A vizinha e amada de Bentinho é Capitu, moça de olhar sedutor e comportamento intrigante. De acordo com a visão do agregado José Dias, ela tem “olhos de cigana oblíqua e dissimulada”, metáfora que inicia as suspeitas de Bentinho.
- Bentinho acusa Capitu de adultério com seu melhor amigo, Escobar, o qual conheceu no seminário.
- Em nenhum momento, o autor nos confirma o adultério, mas também não o nega.
- A narrativa apresenta apenas o ponto de vista do narrador, portanto o leitor precisa ter em mente que lê uma versão parcial dos acontecimentos.
- Escobar morre afogado no mar, em um dia de ressaca (mar agitado). Há de se destacar outra metáfora para os olhos de Capitu, vinda de Bentinho: “fluido misterioso e enérgico, uma força que arrastava para dentro, como a vaga que se retira da praia, nos dias de ressaca”.
- No velório de Escobar, em que estava presente a viúva Sancha, Bento Santiago vê uma lágrima nos olhos de Capitu, o que foi, para ele, a comprovação do adultério.

Quer saber mais?



Sites

Visita virtual

Faça uma visita virtual à Casa de Tormes (Museu Queiroziano) e à Casa do Silvério (casa de campo) para conhecer melhor o cenário que inspirou o romance *As cidades e as serras*. Disponível em: <https://feq.pt/>. Acesso em: 16 set. 2021.

A vida de Machado de Assis

O expoente da Literatura brasileira teve uma vida instigante, e sua obra, por tratar de temas ainda atuais, é lida até hoje. Neste *site*, você encontrará mais sobre a biografia e a obra machadiana. Disponível em: <http://p.p4ed.com/XMOVV>. Acesso em: 16 set. 2021.

Academia Brasileira de Letras

Aprenda um pouco mais sobre a Academia fundada por Machado de Assis e considerada berço dos maiores intelectuais de nosso país. Disponível em: <https://www.academia.org.br/>. Acesso em: 16 set. 2021.

A obra de Machado de Assis

O acervo do escritor está totalmente disponível na internet.



Livros

CARVALHO, Castelar de. *Dicionário de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.

A obra apresenta a língua, o estilo e os temas de Machado de Assis em forma de verbetes.

BOSI, Alfredo. *Brás Cubas em três versões*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

Esse livro reúne ensaios em que Alfredo Bosi apresenta uma abordagem multifacetada de Machado de Assis.

SABINO, Fernando. *Amor de Capitu: leitura fiel do romance de Machado de Assis sem o narrador Dom Casmurro (recriação literária)*. São Paulo: Ática, 2003.

Esse romance apresenta o famoso enredo de Machado de Assis em terceira pessoa, tematizando o adultério sob a ótica de Bentinho, que acredita ter sido traído por Capitu.

PROENÇA FILHO, Domício. *Capitu: memórias póstumas*. Rio de Janeiro: Artium, 1998.

Nesse romance, Capitu ganha espaço para se defender e combater as acusações de adultério e de desvio de caráter.



Filmes

O primo Basílio (2007), de Daniel Filho.

Essa adaptação traz a história de Eça de Queirós para o Brasil da primeira metade do século XX, mostrando que os problemas criticados pelos realistas no século XIX continuaram existindo com força total décadas mais tarde.

Os Maias: cenas da vida romântica (2014), de João Botelho.

Reconstruindo o contexto da época, o filme aborda de forma belíssima a comédia e a tragédia que envolvem a família dos Maias, do romance escrito por Eça de Queirós.

A cartomante (2004), de Wagner de Assis e Pablo Uranga.

O filme é uma adaptação cinematográfica do renomado conto "A Cartomante", de Machado de Assis.

Quincas Borba (2010), de Sérgio Machado.

O romance *Quincas Borba*, de Machado de Assis, foi adaptado para o cinema e conta os passos da personagem Rubião, que vai do interior de Minas Gerais ao Rio de Janeiro.

Memórias póstumas de Brás Cubas (2001), de André Klotzel.

Assista a essa adaptação do romance de Machado de Assis, que conta com Reginaldo Faria, Marcos Caruso e Sônia Braga no elenco.

Dom (2003), de Moacyr Góes.

O filme é uma adaptação moderna para o enredo do romance realista *Dom Casmurro*. Confira o trailer do longa em: <http://p.p4ed.com/XMOVE>. Acesso em: 16 set. 2021.



Minissérie

Capitu

A minissérie é bastante fiel ao enredo da obra *Dom Casmurro* e foi uma produção da Rede Globo, exibida em dezembro de 2008.



Vídeos

Helder Garmes

O professor de Literatura de Língua Portuguesa da Universidade de São Paulo faz um apanhado do percurso artístico de Eça de Queirós e comenta o livro *A ilustre casa de Ramirez*. Disponível em: <http://p.p4ed.com/ZBUXR>. Acesso em: 16 set. 2021.

Samuel Titan Jr.

O professor de Teoria e Crítica Literária da Universidade de São Paulo comenta o romance *Madame Bovary*, de Gustave Flaubert. Disponível em: <http://p.p4ed.com/ZBUCT>. Acesso em: 16 set. 2021.

Goida

O jornalista comenta rapidamente e de forma bastante pessoal o romance *A relíquia*, de Eça de Queirós. Disponível em: <http://p.p4ed.com/ZBUCY>. Acesso em: 16 set. 2021.

Exercícios complementares

- Fuvest-SP 2014** Com base na leitura da obra *A cidade e as serras*, de Eça de Queirós, publicada originalmente em 1901, é correto concluir que, nela, encontra-se:
 - o prenúncio de uma consciência ecológica que iria eclodir com força somente em finais do século XX, mas que, nessa obra, já mostrava um sentido visionário, inspirado pela invenção dos motores a vapor.
 - uma concepção de hierarquia civilizacional entre as regiões do mundo, na qual, a Europa representaria a modernidade e um modelo a seguir, e a América, o atraso e um modelo a ser evitado.
 - a construção de uma associação entre indivíduo e divindade, já que, no livro, a natureza é, fundamentalmente, símbolo de uma condição interior a ser alcançada por meio de resignação e penitência.
 - a manifestação de um clima de forte otimismo, decorrente do fim do ciclo bélico mundial do século XIX, que trouxe à tona um anseio de modernização de sociedades em vários continentes.
 - uma valorização do meio rural e de modos de vida a ele associados, nostalgia típica de um momento da história marcado pela consolidação da industrialização e da concentração da maior parte da população em áreas urbanas.
- Unicamp-SP 2015** Sobre *A cidade e as serras*, de Eça de Queirós, é correto afirmar:
 - A descrição do espaço parisiense no romance retrata exclusivamente o submundo de uma metrópole do final do século XIX e revela as contradições do processo de urbanização.
 - O romance, cuja primeira edição é de 1901, faz uma apologia da vida urbana e do desenvolvimento técnico que marcaram o final do século XIX nas grandes cidades europeias.
 - No romance, Zé Fernandes é uma personagem secundária que ganha importância no desenvolvimento da narrativa ao apresentar a "seu Príncipe", Jacinto, a luxuosa Paris.
 - No romance, é das rendas provenientes de propriedades agrícolas em Portugal que provém o sustento da cara e refinada vida de Jacinto em Paris.
- Fuvest-SP 2014 (Adapt.)** Considere o excerto abaixo, no qual o narrador de *A cidade e as serras*, de Eça de Queirós, contempla a cidade de Paris.

[...] E por aquela doce tarde de maio eu saí para tomar no terraço um café cor de chapéu-coco, que sabia a fava. Com o charuto aceso contemplei o Boulevard, àquela hora em toda a pressa e estridor da sua grossa sociabilidade. A densa torrente dos ônibus, calhambeques, carroças,

parelhas de luxo, rolava vivamente, com toda uma escura humanidade formigando entre patas e rodas, numa pressa inquieta. Aquele movimento indescontínuo e rude depressa entonteceu este espírito, por cinco quietos anos afeito à quietação das serras imutáveis. Tentava então, puerilmente, repousar nalguma forma imóvel, ôníbus que parara, fiacre que estacara num brusco escorregar da pileca; mas logo algum dorso apressado se encafuava pela portinhola da tipoia, ou um cacho de figuras escuras trepava sofregamente para o ôníbus — e, rápido, recomeçava o rolar retumbante.

Tendo em vista que contemplar significa “fixar o olhar em (alguém, algo ou si mesmo), com encantamento, com admiração” (Dicionário Houaiss) ou “olhar, observar, atenta ou embevecidamente” (Dicionário Aurélio), qual é a experiência vivida pelo narrador, no excerto, e que sentido ela tem no contexto da época em que se passa a história narrada no romance?

4. **Unicamp-SP 2014** Uma cidade como Paris, Zé Fernandes, precisa ter cortesãs de grande pompa e grande **fausto**. Ora para montar em Paris, nesta tremenda carestia de Paris, uma **cocotte** com os seus vestidos, os seus diamantes, os seus cavalos, os seus lacaios, os seus camarotes, as suas festas, o seu palacete [...], é necessário que se agridem umas poucas de fortunas, se forme um sindicato! Somos uns sete, no Clube.
Eu pago um bocado....

Queirós, Eça de. *A cidade e as serras*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2011. p. 94.

fausto: luxo.

cocotte: mulher de hábitos libertinos e vida luxuosa; meretriz.

- a) Que expressão do texto representa uma marca direta de interação do narrador com outra personagem?
b) Uma descrição pode ter um efeito argumentativo. Que trecho descritivo do texto reforça a imagem da vida luxuosa das cortesãs na Paris da época (fim do século XIX)?

5. **UFBA 2013** Um homem só deve falar, com impecável segurança e pureza, a língua da sua terra: – todas as outras as deve falar mal, orgulhosamente mal, com aquele acento chato e falso que denuncia logo o estrangeiro. Na língua verdadeiramente reside a nacionalidade; – e quem for possuindo com crescente perfeição os idiomas da Europa vai gradualmente sofrendo uma desnacionalização. Não há já para ele o especial e exclusivo encanto da fala materna, com as suas influências afetivas, que o envolvem, o isolam das outras raças; e o cosmopolitismo do Verbo irremediavelmente lhe dá o cosmopolitismo do caráter. Por isso o poliglota nunca é patriota. Com cada idioma alheio que assimila, introduzem-se-lhe no organismo moral modos alheios de pensar, modos alheios de sentir. O seu patriotismo desaparece, diluído em estrangeirismo. [...]

QUEIRÓS, Eça de. *Correspondência de Fradique Mendes*. In: *Obras de Eça de Queiroz*. Porto: Lello & Irmão Editores, 1966. p. 1048.

O livro *A correspondência de Fradique Mendes* é dividido em duas partes. Leia o fragmento extraído da segunda parte – epístolas saídas supostamente do punho de Fradique – e teça um comentário sobre o ponto de vista dessa personagem a respeito da nacionalidade. Relacione também o fragmento à obra de que foi extraído.



Para a questão 6, marque V (verdadeiro) ou F (falso).

6. **UFPE 2014** Em Portugal, a crítica social é realizada, entre outros, por dois grandes ficcionistas: Eça de Queirós e José Saramago. Ambos, em diferentes momentos, abordam problemas semelhantes. Sobre os autores e as obras referidas a seguir, julgue as proposições.

- 0-0 A ficção de Eça de Queirós revela a atitude de um pensador liberal que critica a falsa moral burguesa, tal como no romance *O primo Basílio*, quando Luísa sofre mais por ter que garantir o sigilo do adultério do que por trair o marido.
■ 1-1 Eça de Queirós foi muito questionado, em vida, pelo modo crítico com que, em suas obras, enxergou e revelou a sociedade portuguesa, sobretudo a lisboeta da segunda metade do século XIX.
■ 2-2 A crítica à família burguesa e o triângulo amoroso, presentes no romance de Eça de Queirós, *O primo Basílio*, revelam a forte influência exercida por Flaubert, em *Madame Bovary*, sobre o ficcionista português.
■ 3-3 Em *O ano da morte de Ricardo Reis*, José Saramago tece críticas fortíssimas ao regime político português, quando recria a personagem nomeada no título do romance. Na ficção de Saramago, Ricardo Reis, republicano de formação clássica, sofreu perseguição política injustificada assim que regressou do Brasil, após ter recebido telegrama do heterônimo Alberto Caeiro.
■ 4-4 Com discursos que se assemelham pela ironia contundente, tanto Saramago, no século XX, quanto Eça de Queirós, no século XIX, retrataram a sociedade de seus respectivos tempos, revelando o comportamento nada edificante que ela exibia.

7. **Unicamp-SP 2021** O conto “O espelho”, de Machado de Assis, apresenta o esboço de uma teoria sobre a alma humana. A tese apresentada defende a existência de duas almas (interior e exterior), que completam o homem. Contudo, o narrador faz uma distinção entre as almas que mudam de natureza e estado e aquelas que são enérgicas. Escolha a alternativa que ilustra, no conto, a mutabilidade da alma exterior.

- a) A liderança é a força sem a qual o poder político de Oliver Cromwell se extingue.
b) A patente é a marca de distinção, sem a qual Jacobina se extingue.
c) Os versos de Luís de Camões são uma declaração de amor à pátria, pela qual o poeta se dispõe a morrer.
d) As moedas de ouro são o valor visível sem o qual Shylock prefere morrer.

8. Famerp-SP 2020

Trocar o dia pela noite, dizia Luís Soares, é restaurar o império da natureza corrigindo a obra da sociedade. O calor do sol está dizendo aos homens que vão descansar e dormir, ao passo que a frescura relativa da noite é a verdadeira estação em que se deve viver. Livre em todas as minhas ações, não quero sujeitar-me à lei absurda que a sociedade me impõe: velarei de noite, dormirei de dia.

Contrariamente a vários ministérios, Soares cumpria este programa com um escrúpulo digno de uma grande consciência. A aurora para ele era o crepúsculo, o crepúsculo era a aurora. Dormia 12 horas consecutivas durante o dia, quer dizer das seis da manhã às seis da tarde. Almoçava às sete e jantava às duas da madrugada. Não ceava. A sua ceia limitava-se a uma xícara de chocolate que o criado lhe dava às cinco horas da manhã quando ele entrava para casa. Soares engolia o chocolate, fumava dois charutos, fazia alguns trocadilhos com o criado, lia uma página de algum romance, e deitava-se.

Não lia jornais. Achava que um jornal era a cousa mais inútil deste mundo, depois da Câmara dos Deputados, das obras dos poetas e das missas. Não quer isto dizer que Soares fosse ateu em religião, política e poesia. Não. Soares era apenas indiferente. Olhava para todas as grandes cousas com a mesma cara com que via uma mulher feia. Podia vir a ser um grande perverso; até então era apenas uma grande inutilidade.

(*Contos fluminenses*, 2006.)

Com a referência a “jornais”, “Câmara dos Deputados”, “obras dos poetas” e “missas” (3º parágrafo), o narrador

- relativiza o retrato do personagem como um alienado, na medida em que enumera elementos da sociedade com os quais ele se identifica.
- critica a homogeneidade da população, defendendo uma sociedade plural, em que cada pessoa escolha com liberdade a maneira como vive.
- informa que o personagem recusava-se a se envolver com certos elementos da vida em sociedade, tanto quanto se recusava a seguir os ciclos convencionais de sono e de vigília.
- reconhece como os hábitos da sociedade em questão são fúteis, ressaltando os benefícios para a sociedade das escolhas extravagantes de Luís Soares.
- revela sua parcialidade, concordando com a maneira como o personagem se comporta em relação a seus horários e às atividades sociais usuais da sociedade da época.

9. UFRGS-RS 2020 (Adapt.) No livro de contos *Papéis avulsos*, de Machado de Assis, há pouca ação, predominando exposição de doutrinas sobre o comportamento humano, por meio do diálogo ou da fala de um personagem que assume a narração. Esse recurso formal pode ser observado em

- “O alienista” e “A chinela turca”.
- “A sereníssima República” e “Uma visita de Alcibiades”.
- “O segredo do Bonzo” e “D. Benedita”.
- “O empréstimo” e “Verba testamentária”.
- “Teoria do medalhão” e “O espelho”.

10. UFPR 2015

Contei esta história a um professor de melancolia, que me disse, abanando a cabeça: — Também eu tenho servido de agulha a muita linha ordinária! (“Um apólogo”)

Adeus, meu caro senhor. Se achar que esses apontamentos valem alguma coisa, pague-me também com um túmulo de mármore, ao qual dará por epítáfio esta emenda que faço aqui ao divino Sermão da Montanha: “Bem-aventurados os que possuem, porque eles serão consolados”. (“O enfermeiro”)

Esses são os parágrafos finais de contos do livro *Várias histórias* (1896), de Machado de Assis. Sobre essa obra, considere as afirmativas a seguir:

- Todos os contos de *Várias histórias* terminam com algum ensinamento moral, conforme preconizava a estética realista.
- Na obra machadiana, a competição acirrada que caracteriza a vida humana tende a se resolver após a morte, que serve de consolo e apaziguamento.
- A agulha de “Um apólogo” identificou-se com a reflexão do professor de melancolia: os que abrem caminho nem sempre são premiados por seus esforços.
- O protagonista de “O enfermeiro”, que cogitou não receber a herança do homem que ele matou, termina a história rico e sem arrependimentos.

Assinale a alternativa correta.

- Somente as afirmativas 1 e 2 são verdadeiras.
- Somente as afirmativas 3 e 4 são verdadeiras.
- Somente as afirmativas 1 e 3 são verdadeiras.
- Somente as afirmativas 2, 3 e 4 são verdadeiras.
- As afirmativas 1, 2, 3 e 4 são verdadeiras.

11. UEL-PR 2014 Leia o trecho a seguir, que faz parte do conto “Teoria do medalhão”.

És moço, tens naturalmente o ardor, a exuberância, os improvisos da idade; não os rejeites, mas modera-os de modo que aos quarenta e cinco anos possas entrar francamente no regime do aprumo e do compasso.

ASSIS, Machado de. “Teoria do medalhão”. In: *Papéis Avulsos*. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011. p. 100.

Nesse conto, o pai explica ao filho o que é ser um medalhão.

Explique por que Simão Bacamarte, protagonista de “O alienista”, não pode ser considerado um “medalhão”, conforme conceituado em “Teoria do medalhão”.

12. Unesp 2016 Leia o excerto do conto “A cartomante”, de Machado de Assis, para responder à questão.

Hamlet observa a Horácio que há mais coisas no céu e na terra do que sonha a nossa filosofia. Era a mesma explicação que dava a bela Rita ao moço Camilo, numa sexta-feira de novembro de 1869, quando este ria dela, por ter ido na véspera consultar uma cartomante; a diferença é que o fazia por outras palavras.

— Ria, ria. Os homens são assim; não acreditam em nada. Pois saiba que fui, e que ela adivinhou o motivo da consulta antes mesmo que eu lhe dissesse o que era.

Apenas começou a botar as cartas, disse-me: “A senhora gosta de uma pessoa...” Confessei que sim, e então ela continuou a botar as cartas, combinou-as, e no fim declarou-me que eu tinha medo de que você me esquecesse, mas que não era verdade...

— Errou! interrompeu Camilo, rindo.

— Não diga isso, Camilo. Se você soubesse como eu tenho andado, por sua causa. Você sabe, já lhe disse. Não ria de mim, não ria...

Camilo pegou-lhe nas mãos, e olhou para ela sério e fixo. Jurou que lhe queria muito, que os seus sustos pareciam de criança; em todo o caso, quando tivesse algum receio, a melhor cartomante era ele mesmo. Depois, repreendeu-a; disse-lhe que era imprudente andar por essas casas. Vilela podia sabê-lo, e depois...

[...]

Um dia, porém, recebeu Camilo uma carta anônima, que lhe chamava imoral e pérfido, e dizia que a aventura era sabida de todos. Camilo teve medo, e, para desviar as suspeitas, começou a rerear as visitas à casa de Vilela. Este notou-lhe as ausências. Camilo respondeu que o motivo era uma paixão frívola de rapaz. Candura gerou astúcia. As ausências prolongaram-se, e as visitas cessaram inteiramente. Pode ser que entrasse também nisso um pouco de amor-próprio, uma intenção de diminuir os obséquios do marido, para tornar menos dura a aleivosia do ato.

Foi por esse tempo que Rita, desconfiada e medrosa, correu à cartomante para consultá-la sobre a verdadeira causa do procedimento de Camilo. Vimos que a cartomante restituiu-lhe a confiança, e que o rapaz repreendeu-a por ter feito o que fez. Correram ainda algumas semanas. Camilo recebeu mais duas ou três cartas anônimas, tão apaixonadas, que não podiam ser advertência da virtude, mas despeito de algum pretendente; tal foi a opinião de Rita, que, por outras palavras mal compostas, formulou este pensamento: – a virtude é preguiçosa e avara, não gasta tempo nem papel; só o interesse é ativo e prodígio.

Nem por isso Camilo ficou mais sossegado; temia que o anônimo fosse ter com Vilela, e a catástrofe viria então sem remédio.

Contos: uma antologia, 1998.

Há, no penúltimo parágrafo, o emprego de uma figura de retórica que consiste no alargamento semântico de termos que designam dois entes abstratos pela atribuição a eles de traços próprios do ser humano. Quais são os dois entes abstratos que passam por tal processo? Justifique sua resposta. Como se denomina tal figura de retórica?



Leia o trecho do conto “A Igreja do Diabo”, de Machado de Assis (1839-1908), para responder às questões de **13** a **15**.

Uma vez na terra, o Diabo não perdeu um minuto. Deu-se pressa em enfiar a **cogula** beneditina, como hábito de boa fama, e entrou a espalhar uma doutrina nova e extraordinária, com uma voz que reboava nas entranhas do século. Ele prometia aos seus discípulos e fiéis as delícias da terra, todas as glórias, os deleites mais íntimos. Confessava que era o Diabo; mas confessava-o para retificar a

noção que os homens tinham dele e desmentir as histórias que a seu respeito contavam as velhas beatas.

– Sim, sou o Diabo, repetia ele; não o Diabo das noites sulfúreas, dos contos soníferos, terror das crianças, mas o Diabo verdadeiro e único, o próprio gênio da natureza, a que se deu aquele nome para arredá-lo do coração dos homens. Vede-me gentil e airoso. Sou o vosso verdadeiro pai. Vamos lá: tomai daquele nome, inventado para meu **desdouro**, fazei dele um troféu e um **lábaro**, e eu vos darei tudo, tudo, tudo, tudo, tudo, tudo...

Era assim que falava, a princípio, para excitar o entusiasmo, espertar os indiferentes, congregar, em suma, as multidões ao pé de si. E elas vieram; e, logo que vieram, o Diabo passou a definir a doutrina. A doutrina era a que podia ser na boca de um espírito de negação. Isso quanto à substância, porque, acerca da forma, era umas vezes sutil, outras cínica e deslavada.

Clamava ele que as virtudes aceitas deviam ser substituídas por outras, que eram as naturais e legítimas. A soberba, a luxúria, a preguiça foram reabilitadas, e assim também a avareza, que declarou não ser mais do que a mãe da economia, com a diferença que a mãe era robusta, e a filha uma **esgalgada**. A ira tinha a melhor defesa na existência de Homero; sem o furor de Aquiles, não haveria a *Ilíada*: “Musa, canta a cólera de Aquiles, filho de Peleu”... [...] Pela sua parte o Diabo prometia substituir a vinha do Senhor, expressão metafórica, pela vinha do Diabo, locução direta e verdadeira, pois não faltaria nunca aos seus com o fruto das mais belas cepas do mundo. Quanto à inveja, pregou friamente que era a virtude principal, origem de prosperidades infinitas; virtude preciosa, que chegava a suprir todas as outras, e ao próprio talento.

As turbas corriam atrás dele entusiasmadas. O Diabo incutia-lhes, a grandes golpes de eloquência, toda a nova ordem de coisas, trocando a noção delas, fazendo amar as perversas e detestar as sãs.

Nada mais curioso, por exemplo, do que a definição que ele dava da fraude. Chamava-lhe o braço esquerdo do homem; o braço direito era a força; e concluía: Muitos homens são canhotos, eis tudo. Ora, ele não exigia que todos fossem canhotos; não era exclusivista. Que uns fossem canhotos, outros destros; aceitava a todos, menos os que não fossem nada. A **demonstração**, porém, mais rigorosa e profunda, foi a da **venalidade**. Um **casuista** do tempo chegou a confessar que era um monumento de lógica. A venalidade, disse o Diabo, era o exercício de um direito superior a todos os direitos. Se tu podes vender a tua casa, o teu boi, o teu sapato, o teu chapéu, coisas que são tuas por uma razão jurídica e legal, mas que, em todo caso, estão fora de ti, como é que não podes vender a tua opinião, o teu voto, a tua palavra, a tua fé, coisas que são mais do que tuas, porque são a tua própria consciência, isto é, tu mesmo? Negá-lo é cair no absurdo e no contraditório. Pois não há mulheres que vendem os cabelos? não pode um homem vender uma parte do seu sangue para transfundi-lo a outro homem anêmico? e o sangue e os cabelos, partes físicas, terão um privilégio que se nega ao caráter, à porção moral do homem? Demonstrando assim o princípio, o Diabo não se demorou em expor as vantagens de ordem temporal ou pecuniária; depois, mostrou ainda que, à vista do preconceito social, conviria dissimular o exercício de um direito tão

legítimo, o que era exercer ao mesmo tempo a venalidade e a hipocrisia, isto é, merecer duplicadamente.

Contos: uma antologia, 1998.

cogula: espécie de túnica larga, sem mangas, usada por certos religiosos.

desdouro: descrédito, desonra.

lábaro: estandarte, bandeira.

esgalgado: comprido e estreito.

venalidade: condição ou qualidade do que pode ser vendido.

casuísta: pessoa que pratica o casuísmo (argumento fundamentado em raciocínio enganador ou falso).

13. **Unifesp 2017** “Ele prometia aos seus discípulos e fiéis as delícias da terra, todas as glórias, os deleites mais íntimos.” (1º parágrafo)

Tal promessa do Diabo constitui, sobretudo, uma inversão da seguinte máxima cristã:

- a) “Amai-vos uns aos outros.”
- b) “Aquele que não tiver pecado, atire a primeira pedra.”
- c) “Não façais da casa do meu Pai casa de comércio.”
- d) “Meu reino não é deste mundo.”
- e) “Se alguém te bater na face direita, oferece-lhe também a outra face.”

14. **Unifesp 2017** Estão empregados em sentido figurado os termos destacados nos seguintes trechos:

- a) “aque podiaserna **boca** de um espírito de negação” (3º parágrafo) e “sem o **furor** de Aquiles, não haveria a *Ilíada*” (4º parágrafo).
- b) “incurtia-lhes, a grandes **golpes** de eloquência” (5º parágrafo) e “a **definição** que ele dava da fraude” (6º parágrafo).
- c) “retificar a **noção** que os homens tinham dele” (1º parágrafo) e “congregar, em suma, as multidões ao **pé** de si” (3º parágrafo).
- d) “Sou o vosso verdadeiro **pai**.” (2º parágrafo) e “as **virtudes** aceitas deviam ser substituídas por outras” (4º parágrafo)
- e) “uma voz que reboava nas **entranhas** do século” (1º parágrafo) e “a que se deu aquele nome para arredá-lo do **coração** dos homens” (2º parágrafo).

15. **Unifesp 2017** No último parágrafo, o principal recurso retórico mobilizado pelo Diabo em sua argumentação a respeito da venalidade é

- a) a repetição.
- b) a interrogação.
- c) a citação.
- d) a hesitação.
- e) a periodização.

16. **Enem 2014** Talvez pareça excessivo o escrúpulo do Cotrim, a quem não souber que ele possuía um caráter ferozmente honrado. Eu mesmo fui injusto com ele durante os anos que se seguiram ao inventário do meu pai. Reconheço que era um modelo. Arguíam-no de avareza, e cuido que tinha razão; mas a avareza é apenas a exageração de uma virtude, e as virtudes devem ser

como os orçamentos: melhor é o saldo que o déficit. Como era muito seco de maneiras, tinha inimigos que chegavam a acusá-lo de bárbaro. O único fato alegado neste particular era o de mandar com frequência escravos ao calabouço, donde eles desciam a escorrer sangue; mas, além de que ele só mandava os perversos e os fujões, ocorre que, tendo longamente contrabandeado em escravos, habituara-se de certo modo ao trato um pouco mais duro que esse gênero de negócio requeria, e não se pode honestamente atribuir à índole original de um homem o que é puro efeito de relações sociais. A prova de que o Cotrim tinha sentimentos pios encontrava-se no seu amor aos filhos, e na dor que padeceu quando morreu Sara, dali a alguns meses; prova irrefutável, acho eu, e não única. Era tesoureiro de uma confraria, e irmão de várias irmandades, e até irmão remido de uma destas, o que não se coaduna muito com a reputação de avareza; verdade é que o benefício não caíra no chão: a irmandade (de que ele fora juiz) mandara-lhe tirar o retrato a óleo.

ASSIS, M. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1992.

Obra que inaugura o Realismo na literatura brasileira, *Memórias póstumas de Brás Cubas* condensa uma expressividade que caracterizaria o estilo machadiano: a ironia. Descrevendo a moral de seu cunhado, Cotrim, o narrador personagem Brás Cubas refina a percepção irônica ao

- a) acusar o cunhado de ser avarento para confessar-se injustiçado na divisão da herança paterna.
- b) atribuir a “efeito de relações sociais” a naturalidade com que Cotrim prendia e torturava os escravos.
- c) considerar os “sentimentos pios” demonstrados pela personagem quando da perda da filha Sara.
- d) menosprezar Cotrim por ser tesoureiro de uma confraria e membro remido de várias irmandades.
- e) insinuar que o cunhado era um homem vaidoso e egocêntrico, contemplado com um retrato a óleo.

17. **Fuvest-SP 2014**

CAPÍTULO LXXI

O senão do livro

Começo o arrepende-me deste livro. Não que ele me canse; eu não tenho que fazer; e, realmente, expedir alguns magros capítulos para esse mundo sempre é tarefa que distrai um pouco da eternidade. Mas o livro é enfadonho, cheira a sepulcro, traz certa contração cada-vérica; vício grave, e aliás ínfimo, porque o maior defeito deste livro és tu, leitor. Tu tens pressa de envelhecer, e o livro anda devagar; tu amas a narração direita e nutrida, o estilo regular e fluente, e este livro e o meu estilo são como os ébrios, guinam à direita e à esquerda, andam e param, resmungam, urram, gargalham, ameaçam o céu, escorregam e caem...

E caem! – Folhas misérrimas do meu cipreste, heis de cair, como quaisquer outras belas e vistosas; e, se eu tivesse olhos, dar-vos-ia uma lágrima de saudade. Esta é a grande vantagem da morte, que, se não deixa boca para rir, também não deixa olhos para chorar... Heis de cair.

ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*.

Nas primeiras versões das *Memórias póstumas de Brás Cubas*, constava, no final do capítulo LXXI, aqui reproduzido, o seguinte trecho, posteriormente suprimido pelo autor:

[...] Heis de cair. Turvo é o ar que respirais, amadas folhas. O Sol que vos alumia, com ser de toda a gente, é um Sol opaco e reles, de e

As duas palavras que aparecem no final desse trecho, no lugar dos espaços pontilhados, podem servir para qualificar, de modo figurado, a mescla de tonalidades estilísticas que caracteriza o capítulo e o próprio livro. Preenchem de modo mais adequado as lacunas as palavras

- a) acaso e invernia. d) cemitério e carnaval.
- b) finados e ritual. e) eclipse e cerração.
- c) senzala e cabaré.

18. **FMJ-SP 2021** O que caracteriza o período é a vitória da concepção de mundo própria das ciências naturais e do pensamento racionalista e tecnológico sobre o idealismo e a tradição romântica. Por decorrência, a literatura deriva seus critérios para a construção de um mundo ficcional regido pela probabilidade científica. A verdade psicológica das personagens baseia-se no princípio de causalidade; a criação do ambiente apoia-se no princípio de que tudo que ocorre é determinado por condições e motivos [...].

(Lígia Cademartori. *Períodos literários*, 1987.)

O texto trata da literatura

- a) realista. d) barroca.
- b) árcade. e) simbolista.
- c) modernista.

19. **Fuvest-SP 2018** Leia o texto e responda ao que se pede.

É de crer que D. Plácida não falasse ainda quando nasceu, mas se falasse podia dizer aos autores de seus dias: - Aqui estou. Para que me chamastes? E o sacristão e a sacristã naturalmente lhe responderiam: - Chamamos-te para queimar os dedos nos tachos, os olhos na costura, comer mal, ou não comer, andar de um lado para outro, na faina, adoecendo e sarando, com o fim de tornar a adoecer e sarar outra vez, triste agora, logo desesperada, amanhã resignada, mas sempre com as mãos no tacho e os olhos na costura, até acabar um dia na lama ou no hospital; foi para isso que te chamamos, num momento de simpatia.

Machado de Assis, *Memórias póstumas de Brás Cubas*.

- a) Pode-se afirmar que, neste excerto, além de resumir a existência de D. Plácida, o narrador expressa uma certa concepção de trabalho? Justifique.
- b) De que maneira o ritmo textual, que caracteriza a possível resposta dos sacristãos, colabora para a caracterização de D. Plácida?

20. **FICSAE-SP 2018** O pior é que era coxa. Uns olhos tão lúcidos, uma boca tão fresca, uma compostura tão senhoril; e coxa! Esse contraste faria suspeitar que a natureza é às vezes um imenso escárnio. Por que bonita, se coxa? Por que coxa, se bonita? Tal era a pergunta que eu vinha fazendo a mim mesmo ao voltar para casa, de noite, sem atinar

com a solução do enigma. O melhor que há, quando se não resolve um enigma, é sacudi-lo pela janela fora; foi o que eu fiz; lancei mão de uma toalha e enxotei essa outra borboleta preta, que me adejava no cérebro.

O trecho acima integra o romance **Memórias Póstumas de Brás Cubas**, de Machado de Assis. Dele, e compreendendo a obra como um todo, pode-se afirmar que alude à personagem

- a) Virgília, com quem o narrador teve um caso amoroso e com quem acabou se unindo em matrimônio.
- b) Marcela, que foi o primeiro grande amor da vida de Brás Cubas, mas que terminou na miséria e morreu abandonada no hospital da Ordem.
- c) Eulália, também chamada de Nhã-loló, que nutriu grande amor por Brás Cubas, mas morreu aos dezanove anos e mereceu um epitáfio por parte do autor.
- d) Eugênia, que também foi chamada de “A flor da moita”, por ter sido fruto de um relacionamento clandestino entre dona Eusébia e o Vilaça.

21. **FICSAE-SP 2017**

Uma Reflexão imoral

Ocorre-me uma reflexão imoral, que é ao mesmo tempo uma correção de estilo. Cuido haver dito, no capítulo 14, que Marcela morria de amores pelo Xavier. Não morria, vivia. Viver não é a mesma coisa que morrer; assim o afirmam todos os joalheiros desse mundo, gente muito vista na gramática. Bons joalheiros, que seria do amor se não fossem os vossos dices e fiados? Um terço ou um quinto do universal comércio dos corações. Esta é a reflexão imoral que eu pretendia fazer, a qual é ainda mais obscura do que imoral, porque não se entende bem o que eu quero dizer. O que eu quero dizer é que a mais bela testa do mundo não fica menos bela, se a cingir um diadema de pedras finas; nem menos bela, nem menos amada. Marcela, por exemplo, que era bem bonita, Marcela amou-me... [...] Marcela amou-me durante quinze meses e onze contos de réis; nada menos.

Do texto em pauta, integrante do romance **Memórias Póstumas de Brás Cubas**, de Machado de Assis, É **ERRADO** entender que

- a) há nele um segundo sentido em relação ao que parece ser que se esconde atrás da linguagem e das atitudes.
- b) há uma ironia que perpassa o texto, e que faz dos joalheiros os garantidores do universal comércio dos corações.
- c) exemplifica, no amor de Marcela pelo narrador, a veracidade da reflexão imoral apresentada.
- d) chama de reflexão imoral e obscura porque não se faz entender nem no âmbito da linguagem nem no da interpretação dos sentimentos de Marcela.

22. **FGV-SP 2017** Leia o texto.

[...] expirei às duas horas da tarde de uma sexta-feira do mês de agosto de 1869, na minha bela chácara de

Catumbi. Tinha uns sessenta e quatro anos, rijos e prósperos, era solteiro, possuía cerca de trezentos contos e fui acompanhado ao cemitério por onze amigos. Onze amigos! Verdade é que não houve cartas nem anúncios. Acresce que chovia — peneirava uma chuvinha miúda, triste e constante, tão constante e tão triste, que levou um daqueles fiéis da última hora a intercalar esta engenhosa ideia no discurso que proferiu à beira de minha cova: — “Vós, que o conhecestes, meus senhores, vós podeis dizer comigo que a natureza parece estar chorando a perda irreparável de um dos mais belos caracteres que têm honrado a humanidade. Este ar sombrio, estas gotas do céu, aquelas nuvens escuras que cobrem o azul como um crepe funéreo, tudo isso é a dor crua e má que lhe rói à natureza as mais íntimas entranhas; tudo isso é um sublime louvor ao nosso ilustre finado”.

Bom e fiel amigo! Não, não me arrependo das vinte apólices que lhe deixei. E foi assim que cheguei à cláusula dos meus dias; foi assim que me encaminei para o *undiscovered country* de Hamlet, sem as ânsias nem as dúvidas do moço príncipe, mas pausado e trôpego como quem se retira tarde do espetáculo. Tarde e aborrecido.

Machado de Assis, *Memórias póstumas de Brás Cubas*.

Identifique uma expressão do texto por meio da qual o narrador manifesta sua ironia. Justifique.



Leia o texto para responder às questões 23 e 24.

CAPÍTULO LIII

Virgília é que já se não lembrava da meia dobra; toda ela estava concentrada em mim, nos meus olhos, na minha vida, no meu pensamento; — era o que dizia, e era verdade.

Há umas plantas que nascem e crescem depressa; outras são tardias e pecas. O nosso amor era daquelas; brotou com tal ímpeto e tanta seiva, que, dentro em pouco, era a mais vasta, folhuda e exuberante criatura dos bosques. Não lhes poderei dizer, ao certo, os dias que durou esse crescimento. Lembra-me, sim, que, em certa noite, abotoou se a flor, ou o beijo, se assim lhe quiserem chamar, um beijo que ela me deu, trêmula, — coitadinha, — trêmula de medo, porque era ao portão da chácara. Uniu-nos esse beijo único, — breve como a ocasião, ardente como o amor, prólogo de uma vida de delícias, de terrores, de remorsos, de prazeres que rematavam em dor, de aflições que desabrochavam em alegria, — uma hipocrisia paciente e sistemática, único freio de uma paixão sem freio, — vida de agitações, de cóleras, de desesperos e de ciúmes, que uma hora pagava à farta e de sobra; mas outra hora vinha e engolia aquela, como tudo mais, para deixar à tona as agitações e o resto, e o resto do resto, que é o fastio e a saciedade: tal foi o livro daquele prólogo.

Machado de Assis, *Memórias póstumas de Brás Cubas*.

23. Fuvest-SP 2017 Considerado no contexto de **Memórias póstumas de Brás Cubas**, o “livro” dos amores de Brás Cubas e Virgília, apresentado no breve capítulo aqui reproduzido, configura uma

- a) demonstração da tese naturalista que postula o fundamento biológico das relações amorosas.

- b) versão mais intensa e prolongada da típica sequência de animação e enfado, característica da trajetória de Brás Cubas.
- c) incorporação, ao romance realista, dos triângulos amorosos, cuja criação se dera durante o período romântico.
- d) manifestação da liberdade que a condição de defunto autor dava a Brás Cubas, permitindo-lhe tratar de assuntos proibidos em sua época.
- e) crítica à devassidão que grassava entre as famílias da elite do Império, em particular, na Corte.

24. Fuvest-SP 2017 No último período do texto, o ritmo que o narrador imprime ao relato de seus amores corresponde sobretudo ao que se encontra expresso em

- a) “prólogo de uma vida de delícias” (L. 14).
- b) “prazeres que rematavam em dor” (L. 15).
- c) “hipocrisia paciente e sistemática” (L. 16-17).
- d) “paixão sem freio” (L. 17).
- e) “o livro daquele prólogo” (L. 22).

25. Fuvest-SP 2016 Nesse livro, ousadamente, varriam-se de um golpe o sentimentalismo superficial, a fictícia unidade da pessoa humana, as frases piegas, o receio de chocar preconceitos, a concepção do predomínio do amor sobre todas as outras paixões; afirmava-se a possibilidade de construir um grande livro sem recorrer à natureza, desde-nhava-se a cor local; surgiram afinal homens e mulheres, e não brasileiros (no sentido pitoresco) ou gaúchos, ou nortistas, e, finalmente, mas não menos importante, patenteava-se a influência inglesa em lugar da francesa.

Lúcia Miguel-Pereira, *História da Literatura Brasileira – Prosa de ficção – de 1870 a 1920*. Adaptado.

O livro a que se refere a autora é

- a) *Memórias de um sargento de milícias*.
- b) *Til*.
- c) *Memórias póstumas de Brás Cubas*.
- d) *O cortiço*.
- e) *A cidade e as serras*.

26. Unifesp 2016 O que primeiro chama a atenção do crítico na ficção deste escritor é a despreocupação com as modas dominantes e o aparente arcaísmo da técnica. Num momento em que Gustave Flaubert sistematizara a teoria do “romance que narra a si próprio”, apagando o narrador atrás da objetividade da narrativa; num momento em que Émile Zola preconizava o inventário maciço da realidade, observada nos menores detalhes, ele cultivou livremente o elíptico, o incompleto, o fragmentário, intervindo na narrativa com bisbilhote saborosa.

A sua técnica consiste essencialmente em sugerir as coisas mais tremendas da maneira mais cândida (como os ironistas do século XVIII); ou em estabelecer um contraste entre a normalidade social dos fatos e a sua anormalidade essencial; ou em sugerir, sob aparência do contrário, que o ato excepcional é normal, e anormal seria o ato corriqueiro. Aí está o motivo da sua modernidade, apesar do seu arcaísmo de superfície.

Antonio Candido. *Vários escritos*, 2004. Adaptado.

O comentário do crítico Antonio Candido refere-se ao escritor

- a) Machado de Assis.
- b) José de Alencar.
- c) Manuel Antônio de Almeida.
- d) Aluísio Azevedo.
- e) Euclides da Cunha.

27. ITA-SP 2015 Em *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, Bentinho toma alguns episódios como evidências da traição de Capitu, entre os quais **não** consta

- a) a impressionante semelhança entre Ezequiel, tanto criança como adulto, e Escobar.
- b) o encontro dele com Escobar na porta de sua casa, quando retorna mais cedo do teatro.
- c) o fato de Dona Glória, a mãe dele, começar a mostrar-se fria com a nora e com o neto.
- d) a emoção de Capitu no velório de Escobar, quando ela tenta em vão disfarçar o choro.
- e) a cena em que ele a vê escrevendo uma carta a Escobar, mas ela diz que está fazendo contas.

28. PUC-PR Leia o capítulo IV de *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, transcrito integralmente a seguir:

José Dias amava os superlativos. Era um modo de dar feição monumental às ideias; não as havendo, servia a prolongar as frases. Levantou-se para ir buscar o gamão, que estava no interior da casa. Così-me muito à parede, e vi-o passar com as suas calças brancas engomadas, presilhas, rodaque e gravata de mola. Foi dos últimos que usaram presilhas no Rio de Janeiro, e talvez neste mundo. Trazia as calças curtas para que lhe ficassem bem esticadas. A gravata de cetim preto, com um arco de aço por dentro, imobilizava-lhe o pescoço; era então moda. O rodaque de chita, veste caseira e leve, parecia nele uma casaca de cerimônia. Era magro, chupado, com um princípio de calva; teria os seus cinquenta e cinco anos. Levantou-se com o passo vagaroso do costume, não aquele vagar arrastado se era dos preguiçosos, mas um vagar calculado e deduzido, um silogismo completo, a premissa antes da consequência, a consequência antes da conclusão. Um dever amaríssimo!

ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*.

Aponte, entre as alternativas, a que for **incorreta** em relação ao capítulo.

- a) O “dever amaríssimo” assumido por José Dias é o de lembrar Dona Glória – a quem respeita com um misto de veneração e interesse – de que ela havia feito, anos antes, a promessa de enviar seu único filho, Bentinho, para estudar em um seminário. Para reforçar seus argumentos, diz que isto deve ocorrer para que se interrompa o nascente relacionamento de Bentinho com Capitu, antes que seja tarde.
- b) José Dias representa no romance a figura do agregado, alguém sem recursos que vive de favor na casa de uma família de posses e que, no relacionamento com esta, cumpre pequenas “tarefas” como uma espécie de paga. Em relação a

Dona Glória e a Bentinho, José Dias tanto é o conselheiro – que simula ilustração e conhecimento – como o humilde serviçal, sempre prevendo as vantagens que levará com seus atos.

- c) José Dias terá grande importância no transcurso da ação, após a denúncia que faz a Dona Glória dos perigos que a amizade de Bentinho e Capitu pode trazer. Na verdade, sua atitude é a de quem “joga” com seus “protetores”. De um lado, ele suscita em Dona Glória a necessidade de cumprir a promessa. De outro, quando solicitado, oferecerá ajuda a Bentinho para que ele não vá para o seminário.
- d) Pode-se dizer que, a despeito de sua atitude intrometida ao aconselhar Dona Glória sobre a necessidade de separar Bentinho de Capitu – quando os dois ainda eram crianças –, José Dias é o primeiro a perceber os defeitos da futura esposa de Bentinho. Sua observação a respeito dela aponta para o fato de ser “desmiolada”, filha de uma família de moral condenável e intenções talvez interesseiras em relação àquela amizade.
- e) José Dias, descrito com ironia no fragmento citado, é a personificação dos vícios da aristocracia decaída e empobrecida depois do processo de Independência do Brasil no século XIX. Outrora rico e influente – tendo sido sócio do falecido marido de Dona Glória – José Dias tornou-se, com o tempo, uma figura pouco relevante nas rodas sociais de seu tempo, razão pela qual vive dos favores que lhe dirige a mãe de Bentinho, a quem respeita incondicionalmente, sem lhe pedir nada.



Texto para as questões **29** e **30**.

Olhos de ressaca

- Enfim, chegou a hora da encomendação e da partida. Sancha quis despedir-se do marido, e o desespero daquele lance consternou a todos. Muitos homens choravam também, as mulheres todas. Só Capitu, amparando a viúva, parecia vencer-se a si mesma. Consolava a outra, queria arrancá-la dali. A confusão era geral. No meio dela, Capitu olhou alguns instantes para o cadáver tão fixa, tão apaixonadamente fixa, que não admira lhe saltassem algumas lágrimas poucas e caladas. As minhas cessaram logo. Fiquei a ver as dela; Capitu enxugou-as depressa, olhando a furto para a gente que estava na sala. Redobrou de carícias para a amiga, e quis levá-la; mas o cadáver parece que a retinha também. Momento houve em que os olhos de Capitu fitaram o defunto, quais os da viúva, sem
- 10 logo. Fiquei a ver as dela; Capitu enxugou-as depressa, olhando a furto para a gente que estava na sala. Redobrou de carícias para a amiga, e quis levá-la; mas o cadáver parece que a retinha também. Momento houve em que os olhos de Capitu fitaram o defunto, quais os da viúva, sem
- 15 o pranto nem palavras desta, mas grandes e abertos, como a vaga do mar lá fora, como se quisesse tragar também o nadador da manhã.

ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. Capítulo 123. São Paulo: Martin Claret, 2004.

- 29. Uerj** O personagem narrador do romance *Dom Casmurro* encontra-se, no capítulo transcrito, angustiado pela dúvida: o possível adultério de sua esposa, Capitu, com seu melhor amigo, cujo velório ora se narra.

O título “Olhos de Ressaca” pode ser justificado pela seguinte passagem:

- a) “Capitu olhou alguns instantes para o cadáver” (linhas 6 e 7)
- b) “olhando a furto para a gente que estava na sala.” (linha 11)
- c) “Redobrou de carícias para a amiga, e quis levá-la;” (linhas 11 e 12)
- d) “como se quisesse tragar também o nadador da manhã.” (linhas 16 e 17)

30. Uerj No texto, a descrição dos fatos não é objetiva, pois temos acesso aos traços e às ações dos demais personagens apenas por meio do olhar comprometido da personagem narrador. A alternativa que indica uma estratégia utilizada pela personagem narrador para expressar um ponto de vista individual dos fatos e a passagem que a exemplifica é:

- a) enumeração de ações – “Consolava a outra, queria arrancá-la dali.” (linhas 5 e 6)
- b) seleção de adjetivos e advérbios – “tão fixa, tão apaixonadamente fixa,” (linhas 7 e 8)
- c) narração em 1ª pessoa – “As minhas cessaram logo.” (linhas 9 e 10)
- d) imprecisão cronológica – “Momento houve em que os olhos de Capitu fitaram o defunto,” (linhas 13 e 14)



Textos para as questões de **31 a 33**.

Texto 1

Ultimamente ando de novo intrigado com o enigma de Capitu. Teria ela traído mesmo o marido, ou tudo não passou de imaginação dele, como narrador? Reli mais uma vez o romance e não cheguei a nenhuma conclusão. Um mistério que o autor deixou para a posteridade.

SABINO, Fernando. *O bom ladrão*.

Texto 2

Tinha-me lembrado a definição que José Dias dera deles, “olhos de cigana oblíqua e dissimulada”. Eu não sabia o que era oblíqua, mas dissimulada sabia, e queria ver se se podiam chamar assim. Capitu deixou-se fitar e examinar. Só me perguntava o que era, se nunca os vira; eu nada achei extraordinário; a cor e a doçura eram minhas conhecidas. A demora da contemplação creio que lhe deu outra ideia do meu intento; imaginou que era um pretexto para mirá-los mais de perto, com os meus olhos longos, constantes, enfiados neles, e a isto atribuo que entrassem a ficar crescidos, crescidos e sombrios, com tal expressão que...

Retórica dos namorados, dá-me uma comparação exata e poética para dizer o que foram aqueles olhos de Capitu. Não me acode imagem capaz de dizer, sem quebra da dignidade do estilo, o que eles foram e me fizeram. Olhos de ressaca? Vá, de ressaca. É o que me dá ideia daquela feição nova. Traziam não sei que fluido misterioso e enérgico, uma força que arrastava para dentro, como a vaga que se retira da praia, nos dias de ressaca.

ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*.

31. Unifesp Considere as afirmações sobre o que diz o narrador do texto de Sabino:

- I. O mistério a que ele se refere decorre de uma narrativa ambígua, na qual há uma constante oscilação entre a possibilidade – ou não – de Capitu ter cometido o adultério.
- II. No romance a que ele se refere, o triângulo amoroso é formado por Capitu, Escobar e Quincas Borba.
- III. A sua frase final denuncia-o convicto de que Capitu não traiu o marido.

Está correto o que se afirma apenas em:

- a) I. d) I e III.
- b) II. e) II e III.
- c) I e II.

32. Unifesp No texto de Sabino, o narrador questiona a traição de Capitu. Lendo o texto de Machado, pode-se entender que esse questionamento decorre de

- a) os fatos serem narrados pela visão de uma personagem, no caso, o narrador em primeira pessoa, que fornece ao leitor o perfil psicológico de Capitu.
- b) a personagem ser vista por José Dias como oblíqua e dissimulada, o que gerou mal-estar no apaixonado de Capitu, deixando de vê-la como uma mulher de encantos.
- c) a apresentação da personagem Capitu ser feita no romance de maneira muito objetiva, sem expressão dos sentimentos que a vinculavam ao homem que a amava.
- d) os aspectos psicológicos de Capitu serem apresentados apenas pelos comentários de José Dias, o que torna a sua caracterização muito subjetiva.
- e) o amado de Capitu não conseguir enxergar nela características mais precisas e menos misteriosas, o que o faz descrevê-la de forma bastante idealizada.

33. Unifesp Para o narrador, os olhos de Capitu eram “olhos de ressaca”, “como a vaga que se retira da praia, nos dias de ressaca”. Entende-se, então, que ele

- a) começava a nutrir sentimento de repulsa em relação a ela, como está sugerido em “[seus olhos] entrassem a ficar crescidos, crescidos e sombrios, com tal expressão que...”.
- b) se sentia fortemente atraído por ela, como comprova o trecho: “Traziam não sei que fluido misterioso e enérgico, uma força que arrastava para dentro”.
- c) passou a desconfiar da sinceridade dela, como está exposto em: “mas dissimulada sabia, e queria ver se se podiam chamar assim”.
- d) começava a vê-la como uma mulher comum, sem atributos especiais, como demonstra o trecho: “eu nada achei extraordinário”.
- e) deixava de vê-la como uma mulher enigmática, como está sugerido em: “Olhos de ressaca? Vá, de ressaca. É o que me dá ideia daquela feição nova”.

- 34. Fuvest-SP** Meses depois fui para o seminário de S. José. Se eu pudesse contar as lágrimas que chorei na véspera e na manhã, somaria mais que todas as vertidas desde Adão e Eva. Há nisto alguma exageração; mas é bom ser enfático, uma ou outra vez, para compensar este escrúpulo de exatidão que me aflige.

ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*.

Considerando-se o contexto desse romance de Machado de Assis, pode-se afirmar corretamente que, no trecho apresentado, ao comentar o próprio estilo, o narrador procura:

- a) afiançar a credibilidade do ponto de vista que lhe interessa sustentar.
- b) provocar o leitor, ao declará-lo incapaz de compreender o enredo do livro.
- c) demonstrar que os assuntos do livro são mero pretexto para a prática da metalinguagem.
- d) revelar sua adesão aos padrões literários estabelecidos pelo Romantismo.
- e) conferir autoridade à narrativa, ao basear sua argumentação na história sagrada.



Para a questão **35**, marque V (verdadeiro) ou F (falso).

- 35. UFPE 2013** A construção das personagens em *Eça de Queirós* e em Machado de Assis apresenta particularidades que distinguem os dois escritores. Partindo da leitura crítica dos dois textos que se seguem, julgue as proposições seguintes.

Texto I

Tinha dado onze horas no cuco da sala de jantar. Jorge fechou o volume de Luís Figuiier que estivera folheando devagar, estirado na velha voltaire marroquim escuro, espreguiçou-se, bocejou e disse:

— Tu não te vais vestir, Luísa?

— Logo.

Ficara sentada à mesa a ler o *Diário de Notícias*, no seu roupão da manhã de fazenda preta, bordado a suta-che, com largos botões de madrepérola; o cabelo louro um pouco desmanchado, com um tom seco do calor do travesseiro, enrolava-se, torcido no alto da cabeça pequenina, de perfil bonito; a sua pele tinha a brancura tenra e láctea das louras; com o cotovelo encostado à mesa acariciava a orelha, e, no movimento lento e suave dos seus dedos, dois anéis de rubis miudinhos davam cintilações escarlates. [...]

QUEIRÓS, Eça de. *O primo Basílio*.

Texto II

Capitu

— Que é que você tem?

— Eu? Nada.

— Nada, não; você tem alguma coisa.

Quis insistir que nada, mas não achei língua. Todo eu era olhos e coração, um coração que desta vez ia sair, com certeza, pela boca fora. Não podia tirar os olhos daquela criatura de quatorze anos, alta, forte e cheia,

apertada em um vestido de chita, meio desbotado. Os cabelos grossos, feitos em duas tranças, com as pontas atadas uma à outra, à moda do tempo, desciam-lhe pelas costas. Morena, olhos claros e grandes, nariz reto e comprido, tinha a boca fina e o queixo largo. As mãos, a despeito de alguns ofícios rudes, eram curadas com amor; não cheiravam a sabões finos nem águas de toucador, mas com água do poço e sabão comum trazia-as sem mácula. Calçava sapatos de duraque, rasos e velhos, a que ela mesma dera alguns pontos.

ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*.

- 0-0 Os dois autores, do século XIX, revelam concepções díspares ao construir suas personagens, pois, enquanto Machado de Assis cria tipos femininos frágeis e sem vida, Eça de Queirós dá-lhes alma.
- 1-1 Os dois textos explicitam as diferenças sociais existentes entre as duas personagens. A primeira, Luísa, é descrita como uma autêntica burguesa, enquanto a segunda, Capitu, como uma adolescente pobre, cujo único objetivo é alcançar a ascensão social, ainda que para isso precise agir de modo a contrariar a moral vigente.
- 2-2 O discurso dos narradores revela emoções resultantes das experiências por eles próprios vivenciadas, o que torna ambas as narrativas comprometidas, de tal modo que o adultério não se confirma, contribuindo para que as histórias não se concluam com a comprovação do triângulo amoroso, pois ambas terminam em aberto.
- 3-3 Capitu é uma personagem acerca da qual, “embora não possamos ter a imagem nítida da sua fisionomia, temos uma intuição profunda de seu modo de ser”. Por sua vez, Luísa, de acordo com Machado de Assis, “resvala no lodo, sem vontade, sem repulsa, sem consciência”.
- 4-4 *O primo Basílio* e *Dom Casmurro* têm personagens femininas, que, apesar de se integrarem plenamente à classe burguesa, nutrem um profundo respeito à instituição familiar e se caracterizam por serem simplesmente criadas para vivenciar circunstâncias e acontecimentos, sem que tenham o menor poder de decisão sobre eles.

- 36. Unicamp-SP 2012** Os trechos a seguir foram extraídos de *Dom Casmurro*, de Machado de Assis.

Trecho I

Eu, leitor amigo, aceito a teoria do meu velho Marcolini, não só pela verossimilhança, que é muita vez toda a verdade, mas porque a minha vida se casa bem à definição. Cantei um duo terníssimo, depois um trio, depois um quatuor...

ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. Cotia: Ateliê Editorial, 2008. p. 213.

Trecho II

Nada se emenda bem nos livros confusos, mas tudo se pode meter nos livros omissos. Eu, quando leio algum desta outra casta, não me aflijo nunca. O que faço, em chegando ao fim, é cerrar os olhos e evocar todas as cousas que não achei nele. Quantas ideias finas me acodem então! Que de reflexões profundas! Os rios, as montanhas, as igrejas que não vi nas folhas lidas, todos me aparecem agora com as suas águas, as suas árvores, os seus altares, e os generais sacam das espadas que tinham ficado na bainha, e os clarins soltam as notas que dormiam no metal, e tudo marcha com uma alma imprevisista.

É que tudo se acha fora de um livro falho, leitor amigo. Assim preencho as lacunas alheias; assim podes também preencher as minhas.

ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. Cotia: Ateliê Editorial, 2008. p. 213.

- a) Como a narrativa de Bento Santiago pode ser relacionada à afirmação de que a verossimilhança é “muita vez toda a verdade”?
- b) Considerando essa relação, explicita o desafio que o segundo trecho propõe ao leitor.

BNCC em foco

EM13LP48

1. Sobre a prosa realista, é **incorreto** dizer que:
 - a) O casamento e a degradação da estrutura familiar eram assuntos recorrentes.
 - b) Exaltação do heroísmo e da melancolia eram sentimentos muito representados nas obras.
 - c) Seus principais representantes foram Gustave Flaubert, seguidos por Eça de Queirós e Charles Dickens.
 - d) São comuns o enredo em 3ª pessoa, com narrador onisciente, apresentando uma visão generalizada das personagens.
 - e) A representação da mulher se difere do estilo romântico, uma vez que ela passa a ser representada com instintos e desejos, ao invés de pura e casta.

EM13LP48

2. De acordo com Eça de Queirós:

O Romantismo era a apoteose do sentimento; o Realismo é a anatomia do caráter. É a crítica do homem. É a arte que nos pinta a nossos próprios olhos – para nos conhecermos, para que saibamos se somos verdadeiros ou falsos, para condenar o que houver de mau na nossa sociedade.

QUEIRÓS, Eça de. In: ABDALA JÚNIOR, Benjamin. *Literaturas de língua portuguesa: marcos e marcas (Portugal)*. São Paulo: Arte & Ciência, 2007. p. 191. Disponível em: https://www.google.com.br/books/edition/Literaturas_de_l%C3%ADngua_portuguesa/Mbosj8leUcUC?hl=pt-BR&gbpv=0. Acesso em: 10 nov. 2021.

Considerando o racionalismo realista como uma reação ao sentimentalismo do movimento Romântico, explique a propositura do pensamento de Eça de Queirós.

EM13LP49

3. Marcela amou-me durante quinze meses e onze contos de réis; nada menos.

ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas. Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. v. 1. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000215.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2021.

Essa frase do romance *Memórias póstumas de Brás Cubas* é clássica na literatura brasileira. Nela, há um importante recurso linguístico muito empregado por Machado de Assis, que é

- a) a ironia.
- b) a metáfora.
- c) o eufemismo.
- d) a comparação.
- e) a personificação.



Autor desconhecido, cartaz da peça *Germinal* para o Théâtre du Châtelet, 1890, litografia, Biblioteca Nacional da França.

FRENTE 2

CAPÍTULO

8

Naturalismo: o homem é bicho

O Naturalismo emergiu como uma subdivisão do Realismo; ambos são correntes artísticas centradas na observação da realidade exterior e estão classificados pela literatura no mesmo período. O Naturalismo integrou ao Realismo personagens submetidas às leis naturais e científicas decodificadas da época, além do determinismo e da crença de que os seres humanos estariam condicionados pela hereditariedade e regidos por raça, meio e momento. Tais conceitos criaram romances de tese experimental baseados nas comprovações da ciência, nos quais o artista produzia situações de causa e efeito para descrever atitudes e personalidades, apresentando preocupações patológicas.

Naturalismo: o olhar científico sobre as relações humanas

No Brasil, o ano inaugural da doutrina do Naturalismo foi 1881, com a publicação de dois grandes romances: *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, e *O mulato*, de Aluísio Azevedo, sendo o último considerado o primeiro romance naturalista de nossa literatura.

Naturalismo e Realismo formam os movimentos literários mais significativos da segunda metade do século XIX, marcados pela tendência em retratar de forma objetiva a realidade. As particularidades da estética realista estavam intimamente relacionadas ao momento histórico de produção e, portanto, refletiam os anseios da sociedade vigente. Já o Naturalismo, mais especificamente, revelava a paixão da elite intelectual da época pelas ideias evolucionistas e pelo darwinismo e determinava o conceito do livre-pensamento em oposição ao excesso de espiritualização do Romantismo.

Naquele momento, as ciências físicas e biológicas se aliavam às psicológicas e, também, à Geografia e à Antropologia, fixando o evento de maior importância da época: a convergência de Sociologia e Biologia – o motor que gera o enredo da obra *O cortiço*, de Aluísio Azevedo.

Desse modo, o ser humano passava a ser visto integrado ao ambiente natural, e a sociedade era encarada como um organismo formado por células que funcionavam

harmoniosamente e obedecendo a leis biológicas do nascimento à morte. Homens e mulheres comuns viviam cotidianos triviais, por vezes monótonos, determinados por opostos: belo e feio, polido e grosseiro, por exemplo.

Momento histórico: o Brasil na segunda metade do século XIX

Durante o Segundo Reinado (de 1840 a 1889), D. Pedro II fazia a escolha de seu primeiro-ministro, de modo que os partidos Liberal e Conservador estivessem coniventes. O Brasil caracterizava-se pelo fortalecimento da burguesia e o crescimento do proletariado.

Com a proibição do tráfico negreiro, a mão de obra imigrante assalariada aumentou. Houve a expansão da indústria cafeeira e a construção de ferrovias, e, assim, as cidades cresceram e passaram a concentrar fábricas. Entretanto, do ponto de vista social, a maioria da população se mantinha alienada das decisões governamentais, pois sua única preocupação era a própria sobrevivência diária.

À parte disso, via-se crescer uma classe média urbana insatisfeita com esse cenário e com sua fraca representatividade política. Essa classe se apoiou no Exército e passou a ser liderada pelos cafeicultores paulistas, os quais defendiam modificações na estrutura política – a substituição da Monarquia pela República – e a introdução do trabalho assalariado no país.



Frederico Guilherme Briggs, *Carregadores de café*.

Ir: Frederico Guilherme Briggs. *Brasilian souvenir: a selection of the most peculiar costumes of the Brazils*. Rio de Janeiro: Ludwig and Briggs, 1845. Biblioteca Nacional do Brasil.

Por fim, os conflitos internos não se resolveram, já que ideias antitéticas forçavam a coexistência de dois lados: um deles, o ideário liberal, com conceitos modernos e republicanos, e o outro, a vigência da estrutura político-econômica agrária, com características latifundiária e coronelista. Assim, ideias modernas advindas da Europa começam a despontar no Brasil, marcadas na literatura pelas doutrinas determinista e positivista que fundamentaram a era pós-romântica. O desenvolvimento dessas ideias aconteceu distintamente nas chamadas escolas realistas.

Angelo Agostini. In: Revista Ilustrada. Rio de Janeiro, ano 7, n. 283, 1882.



"As falhas do trono fabricadas pelos nossos governos parecem não ter outro fim senão abalar o próprio trono e colocar a monarquia em tristíssima posição." Charge de 1882, de Angelo Agostini, apontando as falhas do governo real e indicando que a queda da monarquia se aproximava.

! Atenção

Em alguns períodos, a literatura tende a refletir o ser humano na sociedade e na história; por isso, o conhecimento de alguns fatos ocorridos no século XIX é importante para entendermos as motivações dos escritores do Naturalismo:

- **1840-1889:** vigência do Segundo Reinado no Brasil.
- **1850:** extinção do tráfico negreiro no Brasil.
- **Meados de 1870:** aumento da imigração europeia e exportação de café. Expansão do comércio exterior e início da industrialização.
- **1888:** fim da escravidão no Brasil pela Lei Áurea.
- **1889:** Proclamação da República. Marechal Deodoro da Fonseca no comando do Governo provisório.

As mudanças socioculturais do século XIX

A partir da segunda metade do século XIX, a sociedade e a cultura europeias apresentaram significativas transformações. As ideias liberais se espalharam e provocaram rebeliões e protestos; a civilização materialista burguesa foi se firmando; e um número muito grande de operários foi atraído pelas cidades industriais em plena expansão e passou a viver nelas, ainda que em condições subumanas. Houve o desenvolvimento das ciências naturais, as quais começaram a vigorar como as únicas metodologias de observação e experimentação que explicariam o mundo, o que fez com que a religião e as visões mais idealistas quanto à natureza humana começassem a ser questionadas.

A seguir, serão apresentados os cientistas e pensadores que influenciaram a literatura da época, tanto na Europa quanto no Brasil.

Karl Marx (1818-1883)

O alemão Karl Marx desenvolveu a teoria que tem como núcleo o trabalho, visto como a grande expressão da vida humana: é por intermédio dele que se modifica a relação homem-natureza e que o ser humano se transforma. Essa teoria política explicaria a história humana como uma luta de classes, prevendo o fim do capitalismo como consequência de suas contradições internas. Tantas contradições resultariam na revolução do proletariado, que passaria ao poder. Junto a Engels, Marx escreveu obras como *Manifesto comunista* e *A ideologia alemã*. Sua principal obra, *O capital*, data de 1867.

Friedrich Engels (1820-1895)

Socialista alemão, Engels foi parceiro de Karl Marx e denunciou a miséria e a condição precária na vida do operariado na primeira fase do capitalismo com o livro *A situação das classes trabalhadoras na Inglaterra*, de 1845.

Charles Darwin (1809-1882)

Charles Darwin foi um naturalista inglês que revolucionou o mundo com sua teoria sobre a evolução das espécies. Ele propôs a teoria da seleção natural, a qual defendia que, na permanente competição entre os indivíduos, os mais capacitados sobreviveriam, e a natureza se incumbiria dessa seleção. Assim, a espécie evoluiria graças às favoráveis heranças genéticas que os indivíduos mais aptos transmitiriam à sua prole. Esse processo poderia, eventualmente, determinar o desenvolvimento de novas espécies. Porém, o surgimento dessas espécies a partir de um ancestral comum, conforme defendido por Darwin, contrapunha-se às ideias criacionistas da época, cujos princípios consideravam a diversidade de seres vivos como resultado da criação divina.

Auguste Comte (1798-1857)

Segundo esse pensador francês, considerado o pai da Sociologia, as verdades e os métodos positivos de outras ciências – comparação, observação e experimentação – deveriam ser utilizados também na Sociologia. Apenas se conhecesse as leis naturais e sociais seria possível a

intervenção do ser humano em certos fenômenos. Comte influenciou todo o Ocidente; no Brasil, vários republicanos eram positivistas, e a bandeira nacional tem como divisa uma inspiração comtiana – Ordem e Progresso. Assim, de acordo com Comte, a Ciência é a única religião possível – a “religião da humanidade”.

Hippolyte Taine (1828-1893)

Taine, historiador e filósofo positivista francês, é autor da teoria que assevera que o comportamento humano é determinado por três fatores: o meio ambiente, a raça (hereditariedade) e o momento histórico (circunstância) – fatores imprescindíveis para a compreensão da estética naturalista.

The Phillips Collection,
Washington, D. C.



Honoré Daumier, *A revolta*, óleo sobre tela, c. 1848, The Phillips Collection, Washington.

Naturalismo: das origens

O Realismo e o Naturalismo são movimentos concomitantes, inicialmente com as mesmas características; porém, o Naturalismo é um prolongamento, uma manifestação extrema do Realismo. Assim, a escola naturalista também é realista por apresentar princípios como:

- descrição objetiva da realidade;
- olhar sobre o presente;
- observação, análise e reflexão;
- busca da verdade;
- racionalidade;
- denúncias sociais;
- crítica a instituições como Igreja e família;
- verossimilhança.

A esses aspectos, somam-se a busca pela análise científica da existência humana e o surgimento da visão do mundo do Naturalismo.

Vimos que, na Europa, intelectuais disseminavam na sociedade novas ideias sociológicas e científicas, com destaque para o evolucionismo de Darwin, o positivismo de Comte e o determinismo de Taine. O Naturalismo ergue-se, então, sobre os conceitos da hereditariedade biológica, o ideário positivista da razão e da ciência como verdades absolutas e as fontes que determinam o estado moral e elementar humano.

Saiba mais

No fazer literário, principalmente nas obras de tendência realista, é importante atentar-se à **verossimilhança**. A literatura realista é ficcional, mas transfigura o real em um mundo imaginário em seus textos, mantendo o enredo e as personagens dentro dos parâmetros equivalentes à verdade de modo que possam pertencer a um universo possível. Assim, a natureza e a verossimilhança de uma personagem dependem das intenções do autor e do modo como ele as concebe. Em suma, verossimilhança é a produção de um “sentimento de verdade” dentro do texto. Em um romance que prioriza o retrato da realidade, a verossimilhança representa o fator primordial na constituição de personagens, ou seja, o ser fictício necessita parecer real.

Émile Zola, precursor do romance naturalista europeu, compara o ofício do escritor ao do médico – ambos devem estar munidos de objetividade e rigor absolutos. Para Zola, o escritor é um “ilustrador” do que a ciência diz, o que leva à denominação “romance experimental”.

Zola inaugura o romance experimental naturalista com *Thérèse Raquin*, de 1868, cujo enredo ilustra o postulado darwinista sobre a natureza do ser humano. O prólogo da obra é revelador, pois explicita tendências naturalistas do autor, como a crítica social, a comparação do ser humano aos animais, a visão do ser humano como expressão de paixões, os instintos, as taras e as patologias.



Edouard Manet, *Émile Zola*, 1868, óleo sobre tela, Musée d'Orsay, Paris.

Musée d'Orsay, Paris

Naturalismo: principais características

Determinismo e os instintos

O ser humano retratado nas obras naturalistas traz em si instintos reveladores que determinam seu comportamento. A luxúria é uma característica recorrente nas personagens, as quais, com a sexualidade aflorada, exalam odores, re-produzem sons e têm atitudes “animalescas”.

[...] Não era a inteligência nem a razão o que lhe apontava o perigo, mas o instinto, o faro sutil e desconfiado de toda fêmea pelas outras, quando sente seu ninho exposto.

AZEVEDO, Aluísio. *O cortiço*. São Paulo: Nobel, 2009. p. 79.

Determinismo biológico

Segundo teorias biológicas vigentes até então, as pessoas recebem hereditariamente características de temperamento. Para a literatura, o temperamento (índole, gênio) é fundamental para a formação do ser humano e de sua personalidade; dessa forma, no Naturalismo, o ser humano representa o resultado de forças ancestrais.

Raimundo tinha vinte e seis anos e seria um tipo acabado de brasileiro se não foram os grandes olhos azuis, que puxara do pai. Cabelos muito pretos, lustrosos e crespos; tez morena e amulatada, mas fina; dentes claros que reluziam sob a negrura do bigode; estatura alta e elegante; pescoço largo, nariz direito e fronte espaçosa. A parte mais característica da sua fisionomia era os olhos – grandes, ramalhudos, cheios de sombras azuis; pestanas eriçadas e negras, pálpebras de um roxo vaporoso e úmido; as sobrancelhas, muito desenhadas no rosto, como a nanquim [...]

Tinha os gestos bem educados, sóbrios, despídos de pretensão, falava em voz baixa, distintamente sem armar ao efeito; vestia-se com seriedade e bom gosto; amava as artes, as ciências, a literatura e, um pouco menos, a política.

AZEVEDO, Aluísio. *O mulato*. [livro eletrônico]. [S.L.]: Obliq Press, 2013.

Determinismo de meio e de momento

O ser humano é equiparado ao seu ambiente e torna-se produto do seu meio. Assim, a personagem do romance é fruto das condições socioambientais – tanto as de ordem quanto as de desordem. Um ambiente enfermo faz com que as pessoas que estão nele também se tornem enfermas.

O segundo andar vivia, pois, num brinco; nem um escarro seco no chão. Os móveis luziam, como se tivessem chegado na véspera da casa do marceneiro; as roupas da cama eram de uma brancura fresca e cheirosa; não havia teias de aranha nos tetos ou nos candeeiros e os globos de vidro não apresentavam sequer uma nódoa de uma mosca.

E o Campos sentia-se bem no meio dessa ordem, desse método. [...]

AZEVEDO, Aluísio. *Casa de pensão*. 5 ed. São Paulo: Ática, 1989.

O quarto respirava todo um ar triste de desmazelo e boêmia. Fazia má impressão estar ali: o vômito de Amâncio secava-se no chão, azedando o ambiente; a louça, que servira ao último jantar, ainda coberta de gordura coalhada, aparecia dentro de uma lata abominável, cheia de contusões e comida de ferrugem. [...]

AZEVEDO, Aluísio. *Casa de pensão*. 5 ed. São Paulo: Ática, 1989.

Subversão romântica

Os autores naturalistas criam personagens doentes, pérfidas, pervertidas sexuais, assassinas, bêbadas, incestuosas, entre outras, opondo-as, claramente, às do Romantismo. As mulheres em nada se parecem com as heroínas românticas: podem ser retratadas como infiéis, prostitutas, esposas e mães ruins, conforme os padrões da época. Assim, a postura realista/naturalista é, antes de tudo, antirromântica, não idealizada.

O Naturalismo de Aluísio Azevedo

Na Literatura, estuda-se o Naturalismo como um segmento acentuado e mais reforçado do Realismo, fortalecido por teorias científicas e por uma visão mais materialista do ser humano.

No Brasil, o escritor Aluísio Azevedo se destaca por sua literatura de desvelamento das relações humanas, traçando personagens com variados perfis e influenciadas pelo meio em que vivem. Assim, o romance *O cortiço* é considerado o expoente de nossa literatura naturalista: o espaço é o protagonista, os seres humanos são representados com seus instintos primitivos aflorados, e, formalmente, somos surpreendidos por uma força vocabular geradora de imagens raramente imaginadas.

Aluísio Azevedo: biografia

Aluísio Tancredo Gonçalves de Azevedo (1857-1913) foi jornalista, romancista, caricaturista, diplomata e fundador da Cadeira 4 da Academia Brasileira de Letras. Maranhense de São Luís, teve uma vida atípica para a época, a começar pela mãe, D. Emília Amália Pinto, a qual pôs fim ao casamento em virtude do temperamento bruto de seu marido e passou a viver junto ao vice-cônsul de Portugal (David Gonçalves de Azevedo – pai de Aluísio). O ato da mãe de Aluísio representou um escândalo na sociedade maranhense do século XIX, a qual enxergava os atos de desquitar-se e ter filhos com outro homem fora do casamento como algo impensável.

Durante a infância e a adolescência, Aluísio Azevedo estudou e trabalhou em São Luís, revelando talento para o desenho e a pintura desde cedo. Mudou-se para o Rio de Janeiro, onde se tornou aluno da Imperial Academia de Belas Artes, hoje Escola Nacional de Belas Artes, e, para se manter na cidade, fazia caricaturas para jornais como *O Figaro*, *Zig-Zag*, *O Mequetrefe* e *A semana ilustrada*. A partir de seus desenhos e da técnica aprendida, derivou-se a composição das personagens de seus romances, sempre representativas e, por vezes, caricaturais.

Com o falecimento do pai em 1878, foi obrigado a retornar ao Maranhão para cuidar da família. No ano seguinte, iniciou a vida de escritor com o “dramalhão romântico” *Uma lágrima de mulher*. Engajado no mérito da abolição da escravatura – em relação à qual muitos padres se mostraram contrários, passou a colaborar com o jornal anticlerical *O pensador*. Em 1881, com a publicação do romance *O mulato*, Aluísio Azevedo adquiriu maturidade literária ao tematizar o preconceito racial na sociedade maranhense, assunto que provocou polêmica.

Essa obra foi considerada o primeiro grande romance Naturalista, sendo bem recebido pela Corte, o que motivou o retorno do autor ao Rio de Janeiro para, então, ganhar a vida como escritor.

A fim de se sustentar, Aluísio passou a publicar obras menores em folhetins dos jornais da época. Depois, percebeu ser urgente uma nova abordagem dos agrupamentos humanos, da vida em sociedade, das casas de pensão degradadas e do processo de exploração da mão de obra imigrante, focalizando o português. Do desenvolvimento dessas temáticas, foram compostos seus melhores produtos literários: *Casa de pensão* (1884) e *O cortiço* (1890). Faleceu, em Buenos Aires, aos 56 anos.

Ir. M. J. Garnier. Sonetos brasileiros: desenhos dos sonetos. Rio de Janeiro: F. Braguier & Cie. Editores, [1899].
Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.



O escritor brasileiro Aluísio Azevedo (1857-1913).

! Atenção

Um resumo de uma obra literária não substitui sua leitura na íntegra. Conhecer ao menos o enredo de determinados romances – das obras realistas-naturalistas citadas neste capítulo, por exemplo – é importante, mas mais significativo que isso é observar a linguagem empregada. Esta transformou Aluísio Azevedo em um clássico da literatura e possibilitou a ele fazer história na cultura brasileira. Cabe entrar em contato com a linguagem do Naturalismo: ela é forte, intensa e exige fôlego do leitor a cada página.

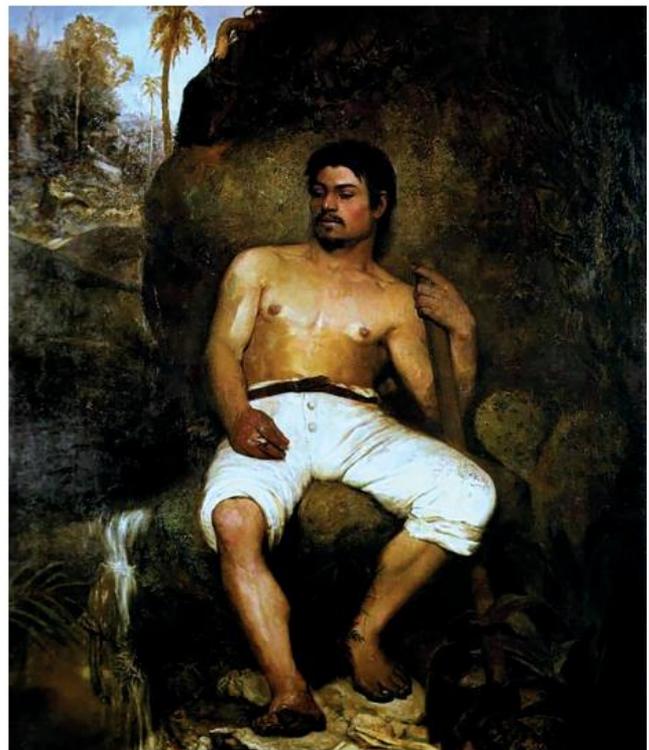
Principais obras naturalistas de Aluísio Azevedo

A biografia de Aluísio Azevedo é marcada por um fato relevante: ele foi o primeiro escritor do Brasil a sobreviver de literatura. Para tal, primeiro atendeu aos gostos do

público, produzindo textos melodramáticos e facilmente “digeríveis”. E, ao mesmo tempo que seus textos eram vendidos, Aluísio tomava como inspiração as obras de escritores europeus, como Émile Zola e Eça de Queirós, encontrando na estética naturalista um estilo literário adulto e maduro para a gênese de uma nova fase.

Assim como suas pinturas e caricaturas, carregadas de ironia e sarcasmo, as descrições textuais de Aluísio tomavam rumos que abarcavam linguisticamente as vivências da sociedade e os seus hábitos coletivos. Dessa forma, ele intensificava as menções às patologias sociais e fazia denúncias sobre o cotidiano dos menos favorecidos, além de contestar a desigualdade social – fruto do processo histórico referente à escravidão no país.

Dentre as obras de Aluísio Azevedo, destacam-se três mais relevantes para o desdobramento da escola realista-naturalista no Brasil: *O mulato* (1881), *Casa de pensão* (1884) e *O cortiço* (1890), sendo este último o romance de maior profundidade produzido pelo autor. Nessa tríade naturalista, alguns temas – muitos deles considerados tabus – foram explorados por Aluísio, como racismo, sexualidade, opressão aos trabalhadores, instintos dos habitantes dos “trópicos” e desigualdade social.



Almeida Júnior, *O derrubador brasileiro*, 1879, óleo sobre tela, Museu Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro.

O mulato (1881)

A obra *O mulato*, precursora do Naturalismo no Brasil, aborda, em seu enredo, o preconceito racial, a atmosfera provinciana da época e, de maneira crítica, o clero. Sua personagem Raimundo é um homem negro de olhos azuis que volta de Portugal para São Luís, no Maranhão. Raimundo desfruta paixão na prima Ana Rosa, com quem é proibido de se casar em virtude da visão preconceituosa das suas origens,

Museu Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro

já que o rapaz era filho de uma ex-escravizada. Assim, dramas de folhetins românticos se entrelaçam às denúncias sociais, e crimes diversos têm lugar no enredo, como os castigos escravagistas aplicados à mãe, que enlouquece, e o assassinato do pai de Raimundo. Por fim, o leitor conhece o mandante dos delitos: o padre Diogo – personagem imoral, racista e sem escrúpulos.

Casa de pensão (1884)

Na obra, a personagem Amâncio é um maranhense rico e namorado que parte para o Rio de Janeiro para estudar Medicina. João Coqueiro quer atrair Amâncio para sua pensão e, ainda, despertar o interesse do moço pela irmã Amélia. O relacionamento entre os dois se efetiva, e eles passam a viver juntos; assim, João Coqueiro fica satisfeito com o futuro casamento da irmã com o rapaz rico. Entretanto, Amâncio abandona a moça e parte para a casa da mãe. João se enfurece e acaba por denunciar em falso testemunho Amâncio como esturador da irmã. Para vingar a honra da família, João Coqueiro mata Amâncio, em seu quarto, com seis tiros.

O cortiço (1890)

O romance *O cortiço* é a expressão máxima da escola naturalista no Brasil. Publicado em 1890, trata-se de um desfile dos mais variados tipos humanos vivendo juntos, provando a teoria determinista de que um ambiente deteriorado pode degradar e corromper seus habitantes. A ficção retrata figuras marginalizadas na época, como operários, lavadeiras, mascates, prostitutas e homossexuais, todos dividindo o espaço em um **cortiço**.

cortiço: habitação coletiva da classe menos favorecida do fim do século XIX. Com instalações precárias e cômodos geralmente úmidos e mal ventilados, os cortiços são ocupados por um número muito grande de pessoas.

CARACTERÍSTICAS DA OBRA O CORTIÇO

O cortiço corresponde ao reflexo de teorias científicas e filosóficas europeias – mais especificamente o determinismo e o evolucionismo –, bem como do quadro sociológico das transformações pelas quais o Brasil passava naquele tempo, focalizando o Rio de Janeiro. Na época, a cidade carioca se desenvolveu expressivamente graças ao capital que, até então, era usado para atividades ligadas ao tráfico negro.

Com a expansão do comércio de gás, da navegação e do transporte, inúmeras fábricas dos mais variados gêneros se instalaram no Rio de Janeiro, o que aumentou consideravelmente o número de pessoas que se mudavam para lá. Os novos habitantes passaram a se aglomerar em moradias coletivas chamadas cortiços. Não havia conforto, higiene ou privacidade nessas aglomerações, e, mesmo diante de tal situação precária, elas eram, muitas vezes, disputadíssimas, e os seus moradores, obrigados a pagar adiantado um valor considerável de aluguel.

Noventa e cinco casinhas comportou a imensa estalagem.

Prontas, João Romão mandou levantar na frente, nas vinte braças que separavam a venda do sobrado do Miranda, um grosso muro de dez palmos de altura, coroado de cacos de vidro e fundos de garrafa, e com um grande portão no centro, onde se dependurou uma lanterna de vidraças vermelhas, por cima de uma tabuleta amarela, em que se lia o seguinte, escrito a tinta encarnada e sem ortografia:

“Estalagem de São Romão. Alugam-se casinhas e tinas para lavadeiras”.

As casinhas eram alugadas por mês e as tinas por dia; tudo pago adiantado. [...]

AZEVEDO, Aluísio. *O cortiço*. São Paulo: Nobel, 2009. p. 17.

O romance traça um panorama sobre o modo de vida das classes populares e personagens de variadas etnias convivendo no mesmo ambiente – essa miscigenação tão distinta entre si é novidade nos romances brasileiros. Além disso, a obra retrata a relação entre dois homens de nacionalidades diferentes: o português e o brasileiro. O primeiro é o explorador em busca do enriquecimento; o último, o explorado, visto como ser inferior ao europeu.

Para produzir a obra, Aluísio Azevedo foi ao cerne da questão, coletando informações com os cavouqueiros (trabalhadores das pedreiras), as lavadeiras e os vendedores, observando o modo de falar de cada um, ouvindo os sons característicos dos cortiços, sentindo seus cheiros e notando com atenção o lado promíscuo de alguns, a fim de reproduzir com fidelidade essas características em suas personagens. Esses fatores se tornaram registros, que, além de ficção de qualidade, são um documento de uma época e de um grave problema social que se instaurava naquele momento de industrialização no Brasil, principalmente no Rio de Janeiro.

Saiba mais

Na segunda metade do século XIX, o Brasil passou por profundas transformações que afetaram drasticamente a sua situação político-econômica e, conseqüentemente, suas artes. É nesse contexto que emerge *O cortiço*, já que uma obra literária busca, muitas vezes, ser o reflexo da sociedade.

A DIVERSIDADE NO CORTIÇO

O romance apresenta inúmeras personagens nomeadas e caracterizadas por sua ocupação e personalidade. A descrição das personagens a seguir, ainda que não substitua a leitura da obra, proporcionará um olhar mais apurado da trama.

- **João Romão:** português de baixa estatura, com barba sempre por fazer, sovina e com ares de cobiça. É dono do cortiço e da pedreira e não mede esforços para acumular riquezas; dorme sobre o balcão do próprio armazém e faz do trabalho a sua vida, privando-se dos mais simples prazeres.
- **Miranda:** também português, vive em um sobrado ao lado do cortiço de João Romão, que o inveja por sua condição social. É casado por conveniência com Estela, mulher com alguns casos extraconjugais.

- **Bertoleza:** escravizada fugida que acredita ter sido alforriada e passa toda a trama prestando serviços humildemente a João Romão; vive como amante do “patrão”, é quitandeira e limpa os peixes que darão apelido aos moradores do cortiço – “carapicus”.
- **Jerônimo:** português íntegro e bom. Inicialmente, apresenta-se como marido e pai gentil. Apaixona-se por Rita Baiana e passa por um “abrasileiramento”, degradando-se.
- **Piedade:** esposa de Jerônimo, que é traída e abandonada pelo marido; alcança, depois disso, sua completa degradação e é expulsa do cortiço.
- **Rita Baiana:** conforme apontado no livro, é uma mulher negra dotada da sensualidade e do fascínio que contribuem para a transformação de Jerônimo.

O SER HUMANO DETERMINADO PELO MEIO

O cortiço, essa habitação coletiva, é o espaço principal do romance e acaba se tornando o grande protagonista da obra. De sua entrada até os fundos (a pedreira), o espaço é descrito em toda sua decrepitude: é sujo, malcheiroso, abarrotado de gente de péssimos hábitos de higiene, está em condições deploráveis e nele acontecem relações promíscuas.

Uma das teorias da linha do Naturalismo tomada como referência para a produção dessa obra – o determinismo, de Hippolyte Taine – indica que o meio é capaz de determinar o comportamento dos seres e modificá-los. Logo, o cortiço e sua sordidez abrigam também gente decrépita, suja e promíscua. Os adjetivos para as personagens locais parecem cruéis, mas é o que se pretendia com a linguagem realista-naturalista: a observação e descrição objetivas da realidade circundante.

Em grupo, os indivíduos devem moldar-se, adaptar-se ao ambiente; portanto, não é alguém que figura como personagem principal, mas o ambiente coletivo, ou seja, o próprio cortiço que pode ser considerado a personagem principal do livro. Observe os trechos a seguir, em que a habitação ganha ares humanos.

Eram cinco horas da manhã e o cortiço acordava, abrindo, não os olhos, mas a sua infinidade de portas e janelas alinhadas.

AZEVEDO, Aluísio. *O cortiço*. São Paulo: Nobel, 2009. p. 29.

E naquela terra encharcada e fumegante, naquela umidade quente e lodosa, começou a minhocar, a esfervilhar, a crescer um mundo, uma coisa viva, uma geração, que parecia brotar espontânea, ali mesmo, daquele lameiro, e multiplicar-se como larvas no esterco.

AZEVEDO, Aluísio. *O cortiço*. São Paulo: Nobel, 2009. p. 18.

Ao recurso apresentado nos trechos anteriores, dá-se o nome de personificação (ou prosopopeia), em que algo inanimado, no caso a habitação coletiva, adquire vida e sentidos. Assim, justifica-se a tese de que o cortiço pode ser considerado o protagonista do romance.

SOBRE O CLIMA DOS TRÓPICOS: O PORTUGUÊS EM TERRAS BRASILEIRAS

Além do cenário do cortiço, Aluísio Azevedo abordou a questão do “abrasileiramento” em sua obra. Não só a

moradia pobre altera o comportamento da personagem, mas também a natureza tropical do Brasil, a qual é capaz de modificar a estrutura emocional do estrangeiro.

Jerônimo é um português caracterizado, inicialmente, como um trabalhador honesto, marido íntegro e bom pai. Segundo o narrador, a personagem, já em terras cariocas, acaba por se esvaziar da coragem de outrora e se torna preguiçoso, indisciplinado e transgressor da moral. Desse modo, a narrativa apregoa que o Brasil opera em Jerônimo uma “revolução tropical”, causada pelo sol e pela atração que o rapaz sente por Rita Baiana. A sensualidade da mulher brasileira é fator preponderante para que observemos uma transformação em Jerônimo, também abalado pela música e pela dança. O rapaz se torna pura luxúria, pois, segundo a concepção da época, o cheiro e a luz do Rio de Janeiro são afrodisíacos.

Comprovando o determinismo do meio, Jerônimo torna-se indolente, preguiçoso e apreciador imoderado de fumo, de café, de cachaça e de sexo. Assim, ele deixa de trabalhar na terra e se deixa levar pelos prazeres, ao contrário de João Romão, também português e dono do cortiço, que triunfa sobre o meio e não é dominado por ele.

JOÃO ROMÃO: O ÊXITO DO SER HUMANO SOBRE O MEIO

João Romão é um português que se destaca pela força, pois, diferentemente de Jerônimo, não se submete ao meio. É um vendeiro que ascende na nova terra à custa da exploração das pessoas, principalmente de Bertoleza, uma escravizada fugida para quem ele acaba falsificando uma carta de alforria. Todos os esforços de João Romão se concentram em ocupar uma posição social superior, equiparando-se ao invejado Miranda, também português e vizinho do cortiço, morador de um sobrado “aristocrático”.

Por esse motivo, João Romão utiliza, de forma doentia, recursos para guardar dinheiro. É ambicioso, rouba os clientes no armazém e abusa da companheira Bertoleza, tanto do trabalho braçal quanto do corpo dela, acumulando primitivamente capital a fim de alcançar certa fortuna. É ele quem cria o mundo do cortiço e o reduz ao feroz antro fétido descrito na obra. Entretanto, João Romão se nega a interagir com a desordem instaurada e com a sensualidade/sexualidade sempre muito presentes na rotina do local.

Com o único objetivo de ascender socialmente, torna-se um ser humano desprezível. Por fim, consegue uma considerável fortuna, conquistando certa admiração de Miranda, que acabara de receber o título de barão.

João agora compreende que seu império fora construído sobre o vazio. Tenta, a todo custo, casar-se com a vizinha Zulmira, filha de Miranda, como modo de pôr fim à sua existência nula e solitária, mas vê Bertoleza como um grande problema. Como se casar com uma jovem aristocrata tendo a escravizada fugida sob seu teto como amásia? Ela já não lhe servia mais, era apenas um estorvo do qual ele precisava se livrar.

Nessa passagem da história, Aluísio Azevedo nos brinda com uma forte cena, carregada de pessimismo e

crueza típicas do Realismo-Naturalismo: João Romão, que forjara a carta de alforria de Bertoleza e a enganara para explorar sua mão de obra, denuncia a mulher ao filho de seu antigo dono, a fim de que ela fosse capturada e levada de volta ao cativo. Em seguida, constrói-se a cena desoladora da exasperação de Bertoleza, a qual se desespera diante da farsa do amante e crava em seu ventre o mesmo facão com que rotineiramente limpava os peixes, rasgando-o.

Atravessaram o armazém, depois de um pequeno corredor que dava para um pátio calçado, e chegaram finalmente à cozinha. Bertoleza, que havia já feito subir o jantar dos caixeiros, estava de cócoras no chão, escamando peixe, para a ceia do seu homem, quando viu parar defronte dela aquele grupo sinistro.

Reconheceu logo o filho mais velho do seu primeiro senhor, e um calafrio percorreu-lhe o corpo. Num relance de grande perigo compreendeu a situação: adivinhou tudo com a lucidez de quem se vê perdido para sempre; adivinhou que tinha sido enganada; que a sua carta de alforria era uma mentira, e que o seu amante, não tendo coragem para matá-la, restituía-a ao cativo.

Seu primeiro impulso foi de fugir. Mal, porém, circunvagou os olhos em torno de si, procurando escapular, o senhor adiantou-se dela e segurou-lhe o ombro.

— É esta! disse aos soldados, que, com um gesto, intimaram a desgraçada a segui-los. — Prendam-na! É escrava minha!

A negra, imóvel, cercada de escamas e tripas de peixe, com uma das mãos espalmadas no chão e com a outra segurando a faca de cozinha, olhou aterrada para eles, sem pestanejar.

Os polícias, vendo que ela se não despachava, desembainharam os sabres. Bertoleza, então, erguendo-se com ímpeto de anta bravaria, recuou de um salto e, antes que alguém conseguisse alcançá-la, já de um só golpe certo e fundo rasgara o ventre de lado a lado.

E depois emborcou para frente, rugindo e esfocinando moribunda numa lameira de sangue.

AZEVEDO, Aluísio. *O cortiço*. [S.L.]: Nova Fronteira, 2014.

! Atenção

Nesse momento de ascensão de João Romão, o cortiço também passa por um processo de renovação; assim, após a briga com o cortiço rival, Cabeça-de-Gato, o ambiente desorganizado dá lugar a um espaço reestruturado. O cortiço velho, chamado Carapicus, transforma-se em um novo cortiço, que recebe o nome de Vila São Romão. Este é limpo e organizado, já que o acúmulo de capital de seu proprietário, João Romão, estende-se ao ambiente coletivo, tornando-o renovado e urbanizado. Outro triunfo de seu projeto de ascensão é o sobrado que constrói, o qual define a sua entrada nas classes superiores e desbanca o sobrado do vizinho Miranda.

OS INSTINTOS E A ANIMALIZAÇÃO DO SER HUMANO

Em *O cortiço*, também é possível identificar o determinismo dos instintos sobre a racionalidade, visto que o cenário é degradante e convida à liberação do lado mais “animal” das personagens. Não há pudores no trato, na fala e no comportamento, e o ser humano é reduzido a um bicho que precisa de alimento e de sexo para seguir bem com a vida. Satisfazendo essas necessidades básicas, as personagens são concebidas sem complexidade psicológica: elas comem, bebem, brigam, fazem sexo e se pervertem (nesse caso, trata-se da perversidade vista como índice de corrupção e degeneração). Observe o seguinte trecho:

[...] depois de correr meia légua, puxando uma carga superior às suas forças, caiu morto na rua, ao lado da carroça, estrompado como uma besta.

Daí a pouco, em volta das bicas era um zum-zum crescente; uma aglomeração tumultuosa de machos e fêmeas.

As corridas até a venda reproduziam-se, transformando-se num verminar constante de formigueiro assanhado.

A primeira que se pôs a lavar foi a Leandra, por alcunha a “Machona”, portuguesa feroz, berradora, pulsos cabeludos e grossos, anca de animal do campo.

AZEVEDO, Aluísio. *O cortiço*. São Paulo: Nobel, 2009. p. 5, 29 e 31.



Pedro Weingärtner, *La faiseuse d'anges*, 1908, óleo sobre tela, Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo. Essa obra é intitulada *A fazedora de anjos*, inspirada em casos de mulheres que eram pagas para “criar” os bebês indesejados de moças burguesas.

Saiba mais

Para entender o processo de construção das personagens de Aluísio Azevedo no *Naturalismo*, é necessário lembrar o conceito de zoomorfização – que consiste na animalização do ser humano, ou seja, em atribuir a ele características de animais. Mais que um mero recurso para a composição da linguagem, a zoomorfização é um conceito importante da estética naturalista, cuja ideia era mostrar o ser humano em seu lado instintivo e irracional, bastante influenciado pelo meio em que vivia.

Entre as personagens do romance *O cortiço*, destaca-se Pombinha – a “flor do cortiço” –, cuja transformação é marcante e delinea o forte apelo naturalista do autor. A princípio, Pombinha é apresentada como um escudo à forma de vida instintiva do local. A moça vive a adolescência sem sinais de menstruação, o que, simbolicamente, caracteriza-a ainda como uma menina, considerada pura e ingênua. Pombinha é prometida em casamento a um bom moço, e a primeira menstruação dela é ovacionada por sua mãe, que considera o sangue um milagre, um símbolo de fertilidade e bonança. Assim, Pombinha também começa a viver as primeiras experiências sexuais e aflora para a vida em um encontro com Léonie, uma prostituta. A mocinha casa-se em seguida, porém já não é a mesma menina que amara o noivo um dia, mas sim uma mulher transformada pelas circunstâncias da vida. Ela passa a trair o marido constantemente e só encontra felicidade plena quando passa a viver definitivamente um romance com Léonie e também se torna prostituta. Assim, surge o questionamento: tais eventos evidenciam seu instinto, sua essência ou a influência do meio sobre ela?

Pombinha ergueu-se de um pulo e abriu de carreira para casa.

No lugar em que estivera deitada o capim verde ficou matizado de pontos vermelhos. A mãe lavava à tina, ela chamou-a com instância, enfiando cheia de alvoroço pelo número 15. E aí, sem uma palavra, ergueu as saias do vestido e expôs a Dona Isabel as suas fraldas ensanguentadas.

— Veio?! – perguntou a velha com um grito arrancado do fundo d’alma.

A rapariga meneou a cabeça afirmativamente, sorrindo feliz e enrubescida. As lágrimas saltaram dos olhos da lavadeira.

— Bendito e louvado seja nosso Senhor Jesus Cristo! exclamou ela, caindo de joelhos defronte da menina e erguendo para Deus o rosto e as mãos trêmulas.

Depois abraçou-se às pernas da filha e, no arrebatamento de sua comoção, beijou-lhe repetidas vezes a barriga e parecia querer beijar também aquele sangue abençoado, que lhes abria os horizontes da vida, que lhes garantia o futuro; aquele sangue bom, que descia do céu, como a chuva benfazeja sobre uma pobre terra esterilizada pela seca.

AZEVEDO, Aluísio. *O cortiço*. São Paulo: Nobel, 2009. p. 138.

— Não! Para quê!... Não quero despir-me...

— Mas faz tanto calor... Põe-te a gosto...

— Estou bem assim. Não quero!

— Que tolíce a tua...! Não vês que sou mulher, tolinha?... De que tens medo?... Olha! Vou dar exemplo!

E, num relance, desfez-se da roupa, e prosseguiu na companhia.

A menina, vendo-se descomposta, cruzou os braços sobre o seio, vermelha de pudor.

— Deixa! – segredou-lhe a outra, com os olhos envesgados, a pupila trêmula.

E, apesar dos protestos, das súplicas e até das lágrimas da infeliz, arrancou-lhe a última vestimenta, e precipitou-se contra ela, a beijar-lhe todo o corpo, a empolgar-lhe com os lábios o róseo bico do peito.

AZEVEDO, Aluísio. *O cortiço*. São Paulo: Nobel, 2009. p. 138.

Revisando



Observe os dois excertos de romances a seguir. O primeiro trecho refere-se à caracterização romântica de duas personagens da obra *Til*, de José de Alencar, o maior prosador do Romantismo brasileiro; já o segundo foi retirado de *O cortiço*, de Aluísio Azevedo. Leia-os atentamente para responder às questões de **1 a 3**.

Eram dois, ele e ela, ambos na flor da beleza e da mocidade. O viço da saúde rebentava-lhes no encarnado das faces, mais aveludadas que a açucena-escarlate recém-aberta ali com os orvalhos da noite. No fresco sorriso dos lábios, como nos olhos límpidos e brilhantes, brotava-lhes a seiva d’alma.

Ela, pequena, esbelta, ligeira, buliçosa, saltitava sobre a relva, gárrula e cintilante do prazer de pular e correr [...].

Ele, alto, ágil, de talhe robusto e bem conformado, calcando o chão sob o grosseiro soco da bota com a bizarria de um príncipe [...].

Sete horas da manhã haviam de ser. A luz de um Sol esplêndido fluía no éter [...]. O céu arreava-se do azul

diáfano onde a fantasia se embebe com a voluptuosidade casta da criança a aconchegar-se dentro, tão dentro do grêmio materno.

ALENCAR, José de. *Til*. São Paulo: L&PM, 2012.

Entretanto, das portas surgiam cabeças congestionadas de sono; ouviam-se amplos bocejos, fortes como o marulhar das ondas; pigarreava-se grosso por toda a parte; começavam as xícaras a tilintar; o cheiro quente do café aquecia, suplantando todos os outros; trocavam-se de janela para janela as primeiras palavras, os bons-dias; [...] e lá dentro das casas vinham choros abafados de crianças que ainda não andam. No confuso rumor que se formava, destacavam-se risos, sons de vozes que altercavam, sem se saber onde, grasnar de marrecos, cantar de galos, cacarejar de galinhas. [...]

Daí a pouco, em volta das bicas era um zum-zum crescente; uma aglomeração tumultuosa de machos e fêmeas. Uns, após outros, lavavam a cara, incomodamente, debaixo do fio de água que escorria da altura de uns cinco palmos. O chão inundava-se. As mulheres precisavam já



Observe a imagem a seguir para responder às questões de **5 a 7**.



5. A imagem apresentada é uma propaganda publicitária. Seu objetivo é provocar o leitor e instigá-lo, partindo do conceito de que sua indiferença não lhe permite perceber que a foto está invertida. A que reflexões essa proposta poderia levar o expectador da imagem?

6. Considerando o modo de vida em um ambiente coletivo, como podemos aproximar a situação de um cortiço no século XIX ao de uma comunidade carente no século XXI?

7. Por meio de sua obra, Aluísio Azevedo apresentou o modo como as pessoas viviam em cortiços antigamente. Descreva como a vida em ambientes coletivos é representada atualmente, justificando sua resposta com exemplos de filmes, livros, entre outros.

8. Leia um trecho do romance naturalista *O cortiço*, de Aluísio Azevedo:

E na sua alma enfermiça e aleijada, no seu espírito rebelde de flor mimosa e peregrina criada num monturo, violeta infeliz, que um estrume forte demais para ela atrofiara, a moça pressentiu bem claro que nunca daria de si ao marido que ia ter uma companheira amiga, leal e dedicada; pressentiu que nunca o respeitaria sinceramente como a um ser superior por quem damos a vida; que nunca lhe votaria entusiasmo, e por conseguinte nunca lhe teria amor; desse de que ela se sentia capaz de amar alguém, se na terra houvera homens dignos disso. Ah! Não o amaria decerto, porque o Costa era como os outros, passivo e resignado, aceitando a existência que lhe impunham as circunstâncias, sem ideais próprios, sem temeridades de revolta, sem atrevimentos de ambição, sem vícios trágicos, sem capacidade para grandes crimes; era mais um animal que viera ao mundo para propagar a espécie; um pobre diabo enfim que já a adorava cegamente e que mais tarde, com ou sem razão, derramaria aquelas mesmas lágrimas, ridículas e vergonhosas, que ela vira decorrendo em quentes camarinhas pelas ásperas e maltratadas barbas do marido de Leocádia.

AZEVEDO, Aluísio. *O cortiço*. p. 73-4. Disponível em: www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000003.pdf. Acesso em: 17 set. 2021.

O trecho apresentado é sobre Pombinha. Levando-se em consideração a transformação dessa personagem no decorrer do romance, pode-se afirmar que ela é um exemplo da influência do determinismo ambiental presente na obra? Justifique sua resposta.

9. Leia o texto a seguir, um fragmento do livro *Cidade de Deus*, de Paulo Lins.

Cidade de Deus

Cidade de Deus deu a sua voz para as assombrações dos casarões abandonados, escasseou a fauna e a flora, remapeou Portugal Pequeno e renomeou o charco: Lá em Cima, Lá na Frente, Lá Embaixo, Lá do Outro Lado do Rio e Os Apês.

Ainda hoje, o céu azul e estremece o mundo, as matas enverdecem a terra, as nuvens clareiam as vistas e o homem inova avermelhando o rio. Aqui agora uma favela, a neofavela de cimento, armada de becos-bocas, sinistros-silêncios, com gritos-desesperos no correr das vielas e na indecisão das encruzilhadas.

Os novos moradores levaram lixo, latas, cães vira-latas, exus e pombagiras em guias intocáveis, dias para se ir à luta, soco antigo para ser descontado, restos de raiva de tiros, noites para velar cadáveres, resquícios de enchentes, birosas, feiras de quartas-feiras e as de domingos, vermes velhos em barrigas infantis, revólveres, orixás enroscados em pescoços, frango de despacho, samba de enredo e sincopado, jogo do bicho, fome, traição, mortes, Jesus Cristos em cordões arrebatados, forró quente para ser dançado, lamparina de azeite para iluminar o santo, fogareiros, pobreza para querer enriquecer, olhos para nunca ver, nunca dizer, nunca olhos e peito para encarar a vida, despistar a morte, rejuvenescer a raiva, ensanguentar destinos, fazer a guerra e para ser tatuado. Foram atiradeiras, revistas Sétimo Céu, panos de chão ultrapassados, ventres abertos, dentes cariados, catacumbas incrustadas nos cérebros, cemitérios clandestinos, peixeiros, padeiros, missa de sétimo dia, pau para matar a cobra e ser mostrado, a percepção do fato antes do ato, gonorreias mal curadas, as pernas para esperar ônibus, as mãos para o trabalho pesado, lápis para as escolas públicas, coragem para virar a esquina e a sorte para o jogo de azar. Levaram também as pipas, lombo para polícia bater, moedas para jogar porrinha e força para tentar viver. Transportaram também o amor para dignificar a morte e fazer calar as horas mudas.

Por dia, durante uma semana, chegavam de trinta a cinquenta mudanças do pessoal que trazia no rosto e nos móveis as marcas das enchentes. Estiveram alojados no estádio de futebol Mario Filho e vinham em caminhões estaduais cantando:

“Cidade Maravilhosa
cheia de encantos mil...”

Em seguida, moradores de várias favelas e da Baixada Fluminense habitavam o novo bairro, formado por casinhas fileiradas brancas, rosas e azuis. Do outro lado do braço esquerdo do rio, construíram Os Apês, conjunto de prédios de apartamentos de um e dois quartos, alguns com vinte e outros com quarenta apartamentos, mas todos com cinco andares. Os tons vermelhos do barro batido viam novos pés no corre-corre da vida, na disparada de um destino a ser cumprido. O rio, a alegria da molecada, dava prazer, areia, rã e muçum, não estava de todo poluído.

LINS, Paulo. *Cidade de Deus*. São Paulo: Planeta, 2012.

A obra *Cidade de Deus*, de Paulo Lins (1997), é fruto de um estudo antropológico do autor dos anos de 1986 a 1993. Ele morou na própria favela Cidade de Deus, de onde tirou a matéria viva para todo o enredo do livro. As situações se baseiam em fatos reais, a violência é a grande personagem da história. A obra impressionou os leitores e a crítica não só pela qualidade literária, mas também por seu caráter documental e verossímil. Sendo assim, faça o que se pede a seguir.

a) Explique a questão da verossimilhança na obra.

b) De que forma esse caráter documental pode ser visto na obra?

c) Relacione o trecho da obra *Cidade de Deus* às características do Naturalismo.

Exercícios propostos

1. Unifesp 2018 Nesta obra, eu quis estudar temperamentos e não caracteres. Escolhi personagens soberanamente dominadas pelos nervos e pelo sangue, desprovidas de livre-arbítrio, arrastadas a cada ato de suas vidas pelas fatalidades da própria carne. Começa-se a compreender que o meu objetivo foi acima de tudo um objetivo científico.

(Émile Zola *apud* Alfredo Bosi. *História concisa da literatura brasileira*, 1994. Adaptado.)

Depreendem-se dessas considerações do escritor francês Émile Zola, a respeito de uma de suas obras, preceitos que orientam a corrente literária

- a) romântica.
- b) árcade.
- c) naturalista.
- d) simbolista.
- e) barroca.

2. Enem PPL 2018 Quanto às mulheres de vida alegre, detestava-as; tinha gasto muito dinheiro, precisava casar, mas casar com uma menina ingênua e pobre, porque é nas classes pobres que se encontra mais vergonha e menos bandalheira. Ora, Maria do Carmo parecia-lhe uma criatura simples, sem essa tendência fatal das mulheres modernas para o adultério, uma menina que até chorava na aula simplesmente por não ter respondido a uma pergunta do professor! Uma rapariga assim era um caso esporádico, uma verdadeira exceção no meio de uma sociedade roída por quanto vício há no mundo. Ia concluir o curso, e, quando voltasse ao Ceará, pensaria

seriamente no caso. A Maria do Carmo estava mesmo a calhar: pobrezinha, mas inocente...

CAMINHA, A. **A normalista**. Disponível em: www.dominiopublico.gov.br. Acesso em: 16 maio 2016.

Alinhado às concepções do Naturalismo, o fragmento do romance de Adolfo Caminha, de 1893, identifica e destaca nos personagens um(a)

- a) compleição moral condicionada ao poder aquisitivo.
- b) temperamento inconstante incompatível com a vida conjugal.
- c) formação intelectual escassa relacionada a desvios de conduta.
- d) laço de dependência ao projeto de reeducação de inspiração positivista.
- e) sujeição a modelos representados por estratificações sociais e de gênero.



Textos para a questão 3.

Texto 1

Desde que a febre de possuir se apoderou dele totalmente, todos os seus atos, todos, fosse o mais simples, visavam um interesse pecuniário. Só tinha uma preocupação: aumentar os bens. Das suas hortas recolhia para si e para a companheira os piores legumes, aqueles que, por maus, ninguém compraria; as suas galinhas produziam muito e ele não comia um ovo, do que no entanto gostava imenso; vendia-os todos e contentava-se com os restos

da comida dos trabalhadores. Aquilo já não era ambição, era uma moléstia nervosa, uma loucura, um desespero de acumular, de reduzir tudo a moeda. E seu tipo baixote, socado, de cabelos à escovinha, a barba sempre por fazer, ia e vinha da pedreira para a venda, da venda às hortas e ao capinzal, sempre em mangas de camisa, de tamancos, sem meias, olhando para todos os lados, com o seu eterno ar de cobiça, apoderando-se, com os olhos, de tudo aquilo de que ele não podia apoderar-se logo com as unhas.

Aluísio Azevedo, *O Cortiço*.

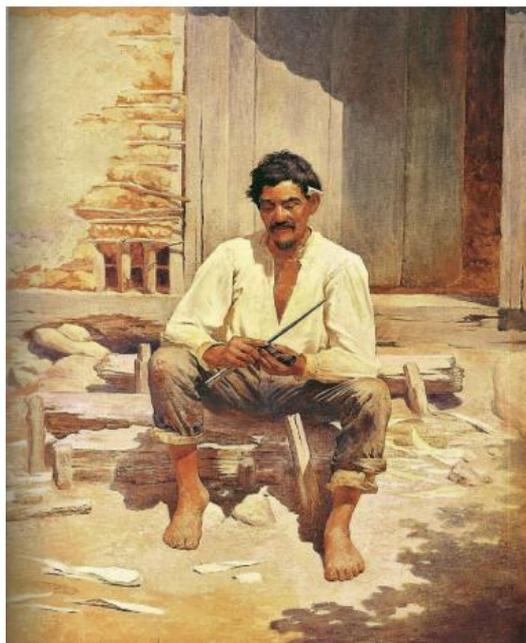
Texto 2

[...] Rubião é sócio do marido de Sofia, em uma casa de importação, à Rua da Alfândega, sob a firma Palha & Cia. Era o negócio que este ia propor-lhe, naquela noite, em que achou o Dr. Camacho na casa de Botafogo. Apesar de fácil, Rubião recuou algum tempo. Pediam-lhe uns bons pares de contos de réis, não entendia de comércio, não lhe tinha inclinação. Demais, os gastos particulares eram já grandes; o capital precisava do regime do bom juro e alguma poupança, a ver se recobrava as cores e as carnes primitivas. O regime que lhe indicavam não era claro; Rubião não podia compreender os algarismos do Palha, cálculos de lucros, tabelas de preço, direitos da alfândega, nada; mas, a linguagem falada supria a escrita. Palha dizia coisas extraordinárias, aconselhava o amigo que aproveitasse a ocasião para pôr o dinheiro a caminho, multiplicá-lo.

Machado de Assis, *Quincas Borba*.

3. **Fuvest-SP 2020 (Adapt.)** Como o contraste entre os trechos “já não era ambição, era uma moléstia nervosa, uma loucura, um desespero de acumular” e “não entendia de comércio, não lhe tinha inclinação”, respectivamente sobre as personagens João Romão e Rubião, reflete distintas linhas estéticas na prosa brasileira do fim do século XIX?

4. **FGV-SP 2017** Observe este quadro, para responder ao que se pede.



Caipira picando fumo, Aluísio Júnior. <<http://pinaoteca.org.br/>>

- a) Em *O cortiço*, do escritor naturalista Aluísio Azevedo, livro publicado apenas três anos antes da realização do “Caipira picando fumo”, de Almeida Júnior, o sol aparece como elemento definidor do meio brasileiro, estendendo a tudo e a todos sua influência determinante. Essa mesma preeminência do sol se manifesta na composição do quadro de Almeida Júnior, também ele, em sua medida, tributário das teorias naturalistas? Justifique sua resposta, exemplificando com o tratamento dado à cor e à luz, no referido quadro.
- b) Um crítico de arte* que analisou o quadro em questão, estudando inclusive suas relações com o Naturalismo, escreveu que, em “Caipira picando fumo”, “a ênfase negativa no determinismo do meio”, própria do naturalismo de Aluísio, é contrabalançada pela “apreciação positiva desse mesmo ambiente e de seus personagens”. Indique, na caracterização da personagem, um aspecto em que se manifesta essa “apreciação positiva” de que fala o crítico. Explique.

*Rodrigo Naves. “Almeida Júnior: o sol no meio do caminho”. *Novos Estudos CEBRAP*. São Paulo, n. 73. Nov. 2005.

5. **Fuvest-SP 2019** Os trechos seguintes foram extraídos do texto “Casas de cômodos”, que consiste em um apanhado de impressões recolhidas pelo escritor Aluísio Azevedo. Leia-os para responder às questões.

I. Há no Rio de Janeiro, entre os que não trabalham e conseguem sem base pecuniária fazer pecúlio e até enriquecer, um tipo digno de estudo – é o “dono de casa de cômodos”; mais curioso e mais completo no gênero que o “dono de casa de jogo”, pois este ao menos representa o capital da sua banca, suscetível de ir à glória, ao passo que o outro nenhum capital representa, nem arrisca, ficando, além de tudo, isento da pecha de mal procedido.

Quase sempre forasteiro, exercia dantes um ofício na pátria que deixou para vir tentar fortuna no Brasil; mas, percebendo que aqui a especulação velhaca produz muito mais do que o trabalho honesto, tratou logo de esconder as ferramentas do ofício e de fariscar os meios de, sem nada fazer, fazer dinheiro.

II. [...] há sempre uma quitandeira de quem o dono da casa de cômodos, começando por merecer a simpatia, acaba por conquistar a confiança e o amor. Juntam-se e, quando ela dá por si, está cozinhando e lavando para todos os hóspedes do eleito do seu coração, sem outros vencimentos além das carícias, que lhe dá o amado sócio. Assim chega a empresa ao seu completo desenvolvimento, e o dono da casa de pensão começa a ganhar em grosso, acumulando forte, sem trabalhar nunca, nem empregar capital próprio, até que um dia, farto de aturar o Brasil, passa com luvas o estabelecimento e retira-se para a pátria, deixando, naturalmente também com luvas, a preciosa quitandeira ao seu substituto.

Aluísio Azevedo, *Casas de cômodos*.

- a) Que recurso da estética naturalista surge já no início das notas, feitas em razão do cotidiano nacional da época? Justifique.

- b) Para o leitor de *O Cortiço*, salta à vista o aproveitamento que Aluísio Azevedo fez de parte dessas impressões ao conceber a relação entre João Romão e Bertoleza. Há também, contudo, diferenças relevantes. Qual o fator que, central na sociedade brasileira do século XIX, acentua o tom perverso do final do romance? Justifique com base no enredo.

6. **UFRGS 2016** Leia o seguinte trecho de *O cortiço*.

A criadagem da família do Miranda compunha-se de Isaura, mulata ainda moça, moleirona e tola, que gastava todo o vintezinho que pilhava em comprar capilé na venda de João Romão; uma negrinha virgem, chamada Leonor, muito ligeira e viva, lisa e seca como um moleque, conhecendo de orelha, sem lhe faltar um termo, a vasta tecnologia da obscenidade, e dizendo, sempre que os caixeiros ou os fregueses da taverna, só para mexer com ela, lhe davam atirações: “Óia, que eu me queixo ao juiz de orfe!”; e finalmente o tal Valentim, filho de uma escrava que foi de Dona Estela e a quem esta havia alforriado.

Sobre o texto acima, assinale com **V** (verdadeiro) ou **F** (falso) as seguintes afirmações.

- O fragmento reflete o tom geral do romance, no qual o narrador em terceira pessoa distancia-se das personagens populares – especialmente as negras –, pois está atrelado às reduções do cientificismo naturalista que antepõe raça superior a raça inferior.
- A linguagem do narrador é diferente da linguagem da personagem: a fala de Leonor não segue o registro linguístico adotado pelo narrador.
- As personagens femininas descritas no trecho – e no romance de maneira geral – são estereotipadas, respondem ao imaginário da mulata sensual e ociosa, especialmente Bertoleza e Rita Baiana.
- O narrador em terceira pessoa simpatiza com as personagens populares; tal simpatia está presente em todo o romance, nas inúmeras vezes em que a narração em terceira pessoa cede espaço para o diálogo entre escravos.

A sequência correta de preenchimento dos parênteses, de cima para baixo, é

- a) V – V – F – F.
- b) F – F – V – V.
- c) F – F – F – V.
- d) F – V – F – V.
- e) V – V – V – F.



Texto para as questões de **7 a 9**.

Ele Jerônimo via e escutava, sentindo ir-se-lhe toda a alma pelos olhos enamorados.

Naquela mulata estava o grande mistério, a síntese das impressões que ele recebeu chegando aqui: ela era a luz ardente do meio-dia; ela era o calor vermelho das sestras da fazenda; era o aroma quente dos trevos e das baunilhas, que o atordoara nas matas brasileiras; era a

palmeira virginal e esquiva que se não torce a nenhuma outra planta; era o veneno e era o açúcar gostoso; era o sapoti mais doce que o mel e era a castanha do caju, que abre feridas com o seu azeite de fogo; ela era a cobra verde e traiçoeira, a lagarta viscosa, a muriçoca doída, que esvoaçava havia muito tempo em torno do corpo dele, assanhando-lhe os desejos, acordando-lhe as fibras embambedidas pela saudade da terra, picando-lhe as artérias, para lhe cuspir dentro do sangue uma centelha daquele amor setentrional, uma nota daquela música feita de gemidos de prazer, uma larva daquela nuvem de cantáridas que zumbiam em torno da Rita Baiana e espalhavam-se pelo ar numa fosforescência afrodisíaca.

AZEVEDO, Aluísio. *O cortiço*.

7. **Fuvest-SP 2015** Em que pese a oposição programática do Naturalismo ao Romantismo, verifica-se no excerto – e na obra a que pertence – a presença de uma linha de continuidade entre o movimento romântico e a corrente naturalista brasileira, a saber, a
- a) exaltação patriótica da mistura de raças.
 - b) necessidade de autodefinição nacional.
 - c) aversão ao cientificismo.
 - d) recusa dos modelos literários estrangeiros.
 - e) idealização das relações amorosas.
8. **Fuvest-SP 2015** Entre as características atribuídas, no texto, à natureza brasileira, sintetizada em Rita Baiana, aquela que corresponde, de modo mais completo, ao teor das transformações que o contato com essa mesma natureza provocará em Jerônimo é a que se expressa em:
- a) “era o calor vermelho das sestras da fazenda”.
 - b) “era a palmeira virginal e esquiva que se não torce a nenhuma outra planta”.
 - c) “era o veneno e era o açúcar gostoso”.
 - d) “era a cobra verde e traiçoeira”.
 - e) “[era] a muriçoca doída, que esvoaçava havia muito tempo em torno do corpo dele”.
9. **Fuvest-SP 2015** O efeito expressivo do texto – bem como seu pertencimento ao Naturalismo em literatura – baseia-se amplamente no procedimento de explorar de modo intensivo aspectos biológicos da natureza. Entre esses procedimentos empregados no texto, só **NÃO** se encontra a
- a) representação do homem como ser vivo em interação constante com o ambiente.
 - b) exploração exaustiva dos receptores sensoriais humanos (audição, visão, olfação, gustação), bem como dos receptores mecânicos.
 - c) figuração variada tanto de plantas quanto de animais, inclusive observados em sua interação.
 - d) ênfase em processos naturais ligados à reprodução humana e à metamorfose em animais.
 - e) focalização dos processos de seleção natural como principal força direcionadora do processo evolutivo.

10. ESPM-RJ 2019

A zoomorfização na Literatura, a despeito de qualquer outra característica estilística, sempre esteve presente, no entanto, aparece principalmente nas obras com características realistas que, em contraponto àquelas com aspectos mais românticos, têm o intento de retratar as mazelas da sociedade como espelho. [...]

Fez-se necessário uma Literatura condizente com o real e, para tanto, a zoomorfização de personagens foi utilizada com maior ênfase. Paralelo ao Realismo, o Naturalismo é o momento em que mais se verifica este fenômeno. (Uesla Lima Soares, O Animal Humano: Os paradigmas da zoomorfização social e sua representação literária, Anais do Festival Literário de Paulo Afonso, 2017)

[O zoomorfismo] ocorre quando “o que é próprio do homem se estende ao animal e permite, por simetria, que o que é próprio do animal se estenda ao homem.”

(Antonio Candido, De Cortiço a Cortiço, *Novos Estudos CEBRAP*, 1991).

Considere as seguintes afirmações:

- I. A zoomorfização se opôs frontalmente às idealizações românticas, sendo uma característica exclusiva do Naturalismo.
- II. Segundo Antonio Candido, não é possível haver distinção entre ser humano e animal, no sentido de que um cede característica ao outro e vice-versa.
- III. A definição de Antonio Candido sobre zoomorfismo é construída por meio de um processo chamado quiasmo.

A respeito de tais afirmações, deve-se dizer que:

- a) somente I está correta.
- b) somente II está correta.
- c) somente III está correta.
- d) somente I e II estão corretas.
- e) somente I e III estão corretas.

11. Unesp 2017 (Adapt.)

Para responder à questão, leia o segundo capítulo do romance *Iracema*, do escritor José de Alencar (1829-1877), publicado em 1865.

Além, muito além daquela serra, que ainda azula no horizonte, nasceu Iracema.

Iracema, a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da **graúna**, e mais longos que seu talhe de palmeira.

O favo da **jati** não era doce como seu sorriso, nem a baunilha recendia no bosque como seu hálito perfumado.

Mais rápida que a ema selvagem, a morena virgem corria o sertão e as matas do Ipu, onde campeava sua guerreira tribo, da grande nação tabajara. O pé grácil e nu, mal roçando, alisava apenas a verde pelúcia que vestia a terra com as primeiras águas.

Um dia, ao pino do Sol, ela repousava em um claro da floresta. Banhava-lhe o corpo a sombra da **oiticica**, mais fresca do que o orvalho da noite. Os ramos da acácia silvestre esparziam flores sobre os úmidos cabelos. Escondidos na folhagem os pássaros ameigavam o canto.

Iracema saiu do banho: o **aljôfar** d'água ainda a **roreja**, como à doce **mangaba** que corou em manhã de chuva. Enquanto repousa, empluma das penas do **gará** as flechas de seu arco e concerta com o sabiá da mata, pousado no galho próximo, o canto agreste.

A graciosa **ará**, sua companheira e amiga, brinca junto dela. Às vezes sobe aos ramos da árvore e de lá chama a virgem pelo nome; outras, remexe o **uru** de palha matizada, onde traz a selvagem seus perfumes, os alvos fios do **crautá**, as agulhas da **juçara** com que tece a renda e as tintas de que matiza o algodão.

Rumor suspeito quebra a doce harmonia da sesta. Ergue a virgem os olhos, que o sol não deslumbra; sua vista perturba-se.

Diante dela e todo a contemplá-la, está um guerreiro estranho, se é guerreiro e não algum mau espírito da floresta. Tem nas faces o branco das areias que bordam o mar, nos olhos o azul triste das águas profundas. **Ignotas** armas e tecidos ignotos cobrem-lhe o corpo.

Foi rápido, como o olhar, o gesto de Iracema. A flecha embebida no arco partiu. Gotas de sangue borbulham na face do desconhecido.

De primeiro ímpeto, a mão **lesta** caiu sobre a cruz da espada; mas logo sorriu. O moço guerreiro aprendeu na religião de sua mãe, onde a mulher é símbolo de ternura e amor. Sofreu mais d'alma que da ferida.

O sentimento que ele pôs nos olhos e no rosto, não o sei eu. Porém a virgem lançou de si o arco e a **uiraçaba** e correu para o guerreiro, sentida da mágoa que causara.

A mão que rápida ferira estancou mais rápida e compassiva o sangue que gotejava. Depois Iracema **quebrou a flecha** homicida; deu a haste ao desconhecido, guardando consigo a ponta farpada.

O guerreiro falou:

– Quebras comigo a flecha da paz?

– Quem te ensinou, guerreiro branco, a linguagem de meus irmãos? Donde vieste a estas matas, que nunca viram outro guerreiro como tu?

– Venho de bem longe, filha das florestas. Venho das terras que teus irmãos já possuíram e hoje têm os meus.

– Bem-vindo seja o estrangeiro aos campos dos tabajaras, senhores das aldeias, e à cabana de Araquem, pai de Iracema.

(Iracema, 2006.)

graúna: pássaro de cor negra.

jati: pequena abelha que fabrica delicioso mel.

oiticica: árvore frondosa.

aljôfar: pérola; por extensão: gota.

rorejar: banhar.

mangaba: fruto da mangabeira.

gará: ave de cor vermelha.

ará: periquito.

uru: pequeno cesto.

crautá: bromélia.

juçara: palmeira de grandes espinhos.

ignoto: que ou o que é desconhecido.

lesto: ágil, veloz.

uiraçaba: estojo em que se guardavam e transportavam as flechas.

quebrar a flecha: maneira simbólica de se estabelecer a paz entre os indígenas.

Agora, leia o trecho do romance *O cortiço*, de Aluísio Azevedo (1857-1913), publicado em 1890.

E [Jerônimo] viu a Rita Baiana, que fora trocar o vestido por uma saia, surgir de ombros e braços nus, para dançar. A lua destoldara-se nesse momento, envolvendo-a na sua **coma** de prata, a cujo refulgir os meneios da mestiça melhor se acentuavam, cheios de uma graça irresistível, simples, primitiva, feita toda de pecado, toda de paraíso, com muito de serpente e muito de mulher.

Ela saltou em meio da roda, com os braços na cintura, rebolando as **ilhargas** e bamboleando a cabeça, ora para a esquerda, ora para a direita, como numa sofreguidão de gozo carnal, num requebrado luxurioso que a punha ofegante; já correndo de barriga empinada; já recuando de braços estendidos, a tremer toda, como se se fosse afundando num prazer grosso que nem azeite, em que se não toma pé e nunca se encontra fundo.

[...]

Mas, ninguém como a Rita; só ela, só aquele demônio, tinha o mágico segredo daqueles movimentos de cobra amaldiçoada; aqueles requebros que não podiam ser sem o cheiro que a mulata soltava de si e sem aquela voz doce, quebrada, harmoniosa, arrogante, meiga e suplicante.

[...]

Naquela mulata estava o grande mistério, a síntese das impressões que ele recebeu chegando aqui: ela era a luz ardente do meio-dia; ela era o calor vermelho das sestas da fazenda; era o aroma quente dos trevos e das baunilhas, que o atordoara nas matas brasileiras; era a palmeira virginal e esquiva que se não torce a nenhuma outra planta; era o veneno e era o açúcar gostoso; era o sapoti mais doce que o mel e era a castanha do caju, que abre feridas com o seu azeite de fogo; ela era a cobra verde e traiçoeira, a lagarta viscosa, a muriçoca doída, que esvoaçava havia muito tempo em torno do corpo dele, assanhando-lhe os desejos, acordando-lhe as fibras embambecidas pela saudade da terra, picando-lhe as artérias, para lhe cuspir dentro do sangue uma centelha daquele amor setentrional, uma nota daquela música feita de gemidos de prazer, uma larva daquela nuvem de **cantáridas** que zumbiam em torno da Rita Baiana e espalhavam-se pelo ar numa fosforescência afrodisíaca.

(*O cortiço*, 2012.)

coma: cabeleira.

ilharga: anca.

cantárida: besouro.

Em que medida a descrição da personagem Rita Baiana afasta-se da descrição de Iracema? Exemplifique sua resposta com dois trechos retirados do texto de Aluísio Azevedo. Que traço da estética naturalista se mostra mais visível na descrição de Rita Baiana?

12. **Fuvest-SP 2017** Considere o excerto em que Araripe Júnior, crítico associado ao Naturalismo, refere-se ao “estilo” praticado “nesta terra”, isto é, no Brasil.

O estilo, nesta terra, é como o sumo da pinha, que, quando viça, lasca, deforma-se, e, pelas fendas irregulares, poreja o mel dulcíssimo, que as aves vêm beijar; ou como o ácido do ananás do Amazonas, que desespera de sabor, deixando a língua a verter sangue, picada e dolorida.

- a) O modo pelo qual o crítico explica a feição que o “estilo” assume “nesta terra” indica que ele compartilha com o Naturalismo um postulado fundamental. Qual é esse postulado? Explique resumidamente.
- b) As características de estilo sugeridas pelo crítico, no excerto, aplicam-se ao romance **O cortiço**, de Aluísio Azevedo? Justifique sucintamente sua resposta.

13. **UFG-GO 2014** Leia o texto a seguir:

Mas o cortiço já não era o mesmo; estava muito diferente; mal dava ideia do que fora. O pátio, como João Romão havia prometido, estreitara-se com as edificações novas; agora parecia uma rua, todo calçado por igual e iluminado por três lâmpões grandes simetricamente dispostos. [...] notavam-se por último na estalagem muitos inquilinos novos, que já não eram gente sem gravata e sem meias. A feroz engrenagem daquela máquina terrível, que nunca parava, ia já lançando os dentes a uma nova camada social que, pouco a pouco, se deixaria arrastar inteira lá para dentro.

AZEVEDO, Aluísio. *O cortiço*. 20 ed. São Paulo: Ática, 1997. p. 181-2.

O trecho transcrito ilustra as transformações física e social ocorridas no cortiço, que se relacionam aos novos rumos estabelecidos por João Romão em sua vida. Considerando esse episódio no contexto geral do romance, responda:

- a) Que transformação física foi essa e qual sua causa imediata?
- b) Que relação direta se estabelece entre as mudanças ocorridas na vida de João Romão e a transformação social dos novos moradores do cortiço?

14. **UFRGS 2018** Leia o trecho final de *O cortiço*.

A negra, imóvel, cercada de escamas e tripas de peixe, com uma das mãos espalmada no chão e com a outra segurando a faca de cozinha, olhou aterrada para eles, sem pestanejar.

Os policiais, vendo que ela se não despachava, desembainharam os sabres. Bertoleza então, erguendo-se com ímpeto de anta bravia, recuou de um salto e, antes que alguém conseguisse alcançá-la, já de um só golpe certo e fundo rasgara o ventre de lado a lado.

E depois embarcou para a frente, rugindo e esfocinhando moribunda numa lameira de sangue.

João Romão fugira até ao canto mais escuro do armazém, tapando o rosto com as mãos.

Nesse momento parava à porta da rua uma carruagem. Era uma comissão de abolicionistas que vinha, de casaca, trazer-lhe respeitosamente o diploma de sócio benemérito.

Ele mandou que os conduzissem para a sala de visitas.

Considere as seguintes afirmações sobre o trecho.

- I. O narrador em terceira pessoa aproxima-se de Bertoleza, assumindo seu ponto de vista para desmascarar o falso abolicionismo de João Romão; ao mesmo tempo, mantém-se distante dela ao descrevê-la com traços animalescos.
- II. A morte terrível de Bertoleza destoa do andamento geral do romance, marcado pelo lirismo da narração, característica naturalista presente no texto de Aluísio Azevedo.
- III. A última frase do trecho sugere que João Romão receberá a comissão a despeito do fim de Bertoleza, em uma alegoria do Brasil: abolicionista na sala de visitas, escravocrata na cozinha.

Quais estão corretas?

- a) Apenas II.
- b) Apenas III.
- c) Apenas I e II.
- d) Apenas I e III.
- e) I, II e III.

- 15. UFRGS 2016** Sobre o romance *O cortiço*, de Aluísio Azevedo, assinale com **V** (verdadeiro) ou **F** (falso) as seguintes afirmações.

No início do romance, está o vendeiro português João Romão que, com força de trabalho e boa dose de oportunismo, constrói o cortiço, seu primeiro caminho para a ascensão social.

No romance, a ex-escrava Bertoleza é a companheira de João Romão, por ele tratada com respeito, o que dá mostras do resolvido.

No sobrado contíguo ao cortiço de João Romão, vivem Miranda, Dona Estela e a filha Zulmirinha, família financeiramente confortável, que cria sinceros vínculos de amizade com João Romão e Bertoleza.

No romance, Dona Estela, sempre descrita pelo narrador como uma dama séria e decorosa, sofre com as constantes traições de seu marido Miranda.

A sequência correta de preenchimento dos parênteses, de cima para baixo, é

- a) V – F – V – F.
- b) F – V – F – V.
- c) V – F – F – F.
- d) F – F – V – V.
- e) V – V – F – V.

- 16. UFRGS 2014** No bloco superior a seguir, estão listados dois nomes de personagens da obra *O cortiço*, de Aluísio Azevedo; no inferior, descrições dessas personagens.

1. Pombinha

2. Rita Baiana

- É loura, pálida, com modos de menina de boa família.
- Casa-se, a fim de ascender socialmente.
- Tem farto cabelo, crespo e reluzente.

Mantém personalidade inalterada ao longo do romance.

Descobre, a certa altura do romance, sua plenitude na prostituição.

A sequência correta de preenchimento dos parênteses, de cima para baixo, é

- a) 2 – 1 – 1 – 2 – 1.
- b) 1 – 2 – 2 – 1 – 2.
- c) 1 – 1 – 2 – 1 – 2.
- d) 1 – 1 – 2 – 2 – 1.
- e) 2 – 2 – 1 – 2 – 1.

- 17. UFG-GO 2014** No romance *O cortiço*, de Aluísio Azevedo, tem-se a representação da prestação de serviços domésticos na sociedade carioca do século XIX. Nesse sentido, a relação entre o enredo e o espaço do trabalho doméstico de tal período se expressa pelo fato de que

- a) Piedade se torna lavadeira no Brasil, demonstrando que os serviços domésticos eram realizados por pessoas de diversas classes sociais.
- b) Bertoleza serve João Romão como criada e amante, o que expressa a presença da cultura escravista em ambiente urbano.
- c) Pombinha se muda para a casa de Léonie, comprovando a possibilidade de ascensão social por meio da prostituição.
- d) Rita Baiana se destaca como exímia dançarina, o que reafirma o exercício das atividades artísticas como uma especialidade feminina.
- e) Neném se especializa como engomadeira, o que mostra a incorporação do modelo fordista de produção ao ambiente familiar.

- 18. Unicamp-SP 2018**

Durante dois anos o cortiço prosperou de dia para dia, ganhando forças, socando-se de gente. E ao lado o Miranda assustava-se, inquieto com aquela exuberância brutal de vida, aterrado defronte daquela floresta implacável que lhe crescia junto da casa [...].

À noite e aos domingos ainda mais recrudescia o seu azedume, quando ele, recolhendo-se fatigado do serviço, deixava-se ficar estendido numa preguiçosa, junto à mesa da sala de jantar e ouvia, a contragosto, o grosseiro rumor que vinha da estalagem numa exalação forte de animais cansados. Não podia chegar à janela sem receber no rosto aquele bafo, quente e sensual, que o embebedava com o seu fartum de bestas no coito.

(Aluísio de Azevedo, *O cortiço*. 14. ed. São Paulo: Ática, 1983, p. 22.)

Levando em conta o excerto, bem como o texto integral do romance, é correto afirmar que

- a) o grosseiro rumor, a sexualidade desregrada e a exalação forte que provinham do cortiço decorriam, segundo Miranda, do abandono daquela população pelo governo.

- b) os termos “grosseiro rumor”, “animais”, “bestas no coito”, que fazem referência aos moradores do cortiço, funcionam como metáforas da vida pulsante dos seus habitantes.
- c) o nivelamento sociológico na obra *O Cortiço* se dá não somente entre os moradores da habitação coletiva e o seu senhorio, mas também entre eles e o vizinho Miranda.
- d) a presença portuguesa, exemplificada nas personagens João Romão e Miranda, não é relevante para o desenvolvimento da narrativa nem para a compreensão do sentido da obra.

19. Unicamp-SP 2014

Quase sempre levava-lhe presentes [...] e perguntava-lhe se precisava de roupa ou de calçado. Mas um belo dia, apresentou-se tão ébrio, que a diretora lhe negou a entrada. [...] Tempos depois, Senhorinha entregou à mãe uma conta de seis meses de pensão do colégio, com uma carta em que a diretora negava-se a conservar a menina [...]. Foi à procura do marido; [...] Jerônimo apareceu afinal, com um ar triste de vicioso envergonhado que não tem ânimo de deixar o vício [...].

— Eu não vim cá por passeio! prosseguiu Piedade entre lágrimas! Vim cá para saber da conta do colégio!...

— Pague-a você!, que tem lá o dinheiro que lhe deixei! Eu é que não tenho nenhum! [...]

E as duas, mãe e filha, desapareceram; enquanto Jerônimo [...] monologava, furioso [...]. A mulata então aproximou-se dele, por detrás; segurou-lhe a cabeça entre as mãos e beijou-o na boca... Jerônimo voltou-se para a amante... E abraçaram-se com ímpeto, como se o breve tempo roubado pelas visitas fosse uma interrupção nos seus amores.

AZEVEDO, Aluísio de. *O cortiço*. São Paulo: Ática, 1983. p. 137 e 139.

O cortiço não dava ideia do seu antigo caráter. [...] e, com imenso pasmo, viram que a venda, a sebosa bodega, onde João Romão se fez gente, ia também entrar em obras. [...] levantaria um sobrado, mais alto que o do Miranda [...]. E a crioula? Como havia de ser? [...] Como poderia agora mandá-la passear assim, de um momento para outro, se o demônio da crioula o acompanhava já havia tanto tempo e toda a gente na estalagem sabia disso? [...] Mas, só com lembrar-se da sua união com

aquela brasileirinha fina e aristocrática, um largo quadro de vitórias rasgava-se defronte da desensofrida avidez de sua vaidade. [...] caber-lhe-ia mais tarde tudo o que o Miranda possuía...

AZEVEDO, Aluísio de. *O cortiço*. São Paulo: Ática, 1983. p. 133 e 145.

- a) Considerando-se a pirâmide social representada na obra, em que medida as personagens Rita Baiana e Bertoleza, referidas nos excertos, poderiam ser aproximadas?
- b) Levando em conta a relação das personagens com o meio, compare o final das trajetórias do português Jerônimo e do português João Romão.

20. UEG-GO 2015



SEGALL, Lasar. *Emigrantes*. Disponível em: <http://www.museusegall.org.br>. Acesso em: 27 ago. 2014.

[...] magro e macilento, um tanto baixo, um tanto curvado, pouca barba, testa curta e olhos fundos. O uso constante dos chinelos de trança fizera-lhe os pés monstruosos e chatos; quando ele andava, lançava-os desairosamente para os lados, como o movimento dos palmípedes nadando. Aborrecia-o o charuto, o passeio, o teatro e as reuniões em que fosse necessário despender alguma coisa; quando estava perto da gente sentia-se logo um cheiro azedo de roupas sujas.

AZEVEDO, Aluísio de. *O mulato*. p. 17. In: <http://www.dominiopublico.gov.br>. Acesso em: 21 ago. 2014

A pintura de Lasar Segall e o fragmento de Aluísio de Azevedo, embora afastados no tempo, servem-se de motivos semelhantes, e caracterizam, respectivamente, o

- a) Simbolismo e o Naturalismo.
- b) Arcadismo e o Colonialismo.
- c) Expressionismo e o Realismo.
- d) Romantismo e o Parnasianismo.

Texto complementar

Francisco Goya: romântico, mas nem tanto

Nas Artes, quando falamos em “movimentos” ou “escolas”, utilizamos uma divisão didática baseada na cronologia. Isso não significa que grandes artistas apresentem em suas obras apenas características do movimento relacionado ao momento de criação, ou sequer que apresentem características ligadas a algum movimento ou escola em particular.

Francisco Goya (1746-1828), pintor espanhol, produziu durante o Romantismo; porém, como era um artista múltiplo e de forte intensidade temática, fez pinturas atemporais, abordando desde a ideia de liberdade até as representações das mais extremas emoções, atingindo até o grotesco e o obscuro. Veja a imagem ao lado, intitulada *Saturno devorando um filho*, pertencente à fase das chamadas “pinturas negras”, realizadas no fim da vida do pintor.

Francisco de Goya e Lucientes, *Saturno devorando um filho*, 1820-1823, técnica mista, Museu do Prado, Madri.



Museu do Prado, Madri

Facilmente identificamos a crueza e a violência expressas pelos traços e pelas cores. O corpo devorado é de um adulto, com detalhes da musculatura, o que reforça ainda mais o “horror” da obra.

Considerando a relação entre arte e literatura, é possível afirmar que há cenas no livro *O cortiço* que geram essa sensação de horror no leitor, assim como a obra de Francisco Goya? Essa intenção de chocar o público – característica do Naturalismo, explorada por meio do caráter animalesco, por exemplo – pode ser vista como uma oposição à idealização presente no Romantismo? Diante desse fato, pode-se considerar que Goya é um pintor vanguardista, ou seja, ele se mostrava um artista à frente de seu tempo

Texto elaborado para fins didáticos.

Resumindo

Naturalismo: o olhar científico sobre as relações humanas

- O Naturalismo pertence à chamada “escola realista” por apresentar características do Realismo, mas vai além dele, tendo mais intensidade e vigor.
- O Naturalismo é fortalecido por teorias científicas – positivismo, determinismo e darwinismo –, logo, conforme a analogia entre escritor e médico, a linguagem naturalista tem cunho científico.
- Há, no Naturalismo, uma visão materialista do ser humano e de sua vida em sociedade – o ser metafísico e abstrato cede lugar ao ser natural, que, regido por leis físico-químicas e influenciado diretamente pelo meio, é uma máquina comandada pela natureza.
- A linguagem do Naturalismo será mais agressiva na escolha dos vocábulos, muito relacionados ao sexo, ao corpo humano e aos instintos primitivos.
- Os escritores naturalistas despertaram e voltaram o olhar para as classes mais baixas da sociedade, opuseram-se ao conceito religioso e acentuaram os aspectos fisiológicos do ser humano, evidenciando sua origem (por meio do “parentesco” com os animais) – daí o conceito de zoomorfização das personagens dos romances naturalistas, cujo lado vil e sórdido é evidenciado.

O Naturalismo de Aluísio Azevedo: *O cortiço*

- O romance *O cortiço* é considerado o expoente da literatura naturalista nacional. A partir do estudo da obra, é possível observar os seguintes aspectos:
 - Há o predomínio do coletivo sobre o particular – habitação coletiva.
 - O cortiço é um organismo vivo – com personificação – ainda na concepção das leis evolutivas e de adaptação.
 - O meio determina o ser humano – segundo o determinismo de Taine. As personagens se transformam no decorrer da obra, com ênfase em Jerônimo e Pombinha.
 - João Romão sintetiza características do ser ganancioso, aproveitador e sem escrúpulos, desvencilhando o homem da imagem romântica.
 - O narrador trabalha com o recurso da antropomorfização ao dar vida ao cortiço e comparar as ações humanas aos instintos animais.
 - Na obra, celebra-se a força do instinto, do trabalho braçal, do grupo e da sensualidade da mulher brasileira.

Quer saber mais?



Livro

OLIVEIRA, Nelson (Org.). *Cenas da favela*. São Paulo: Graça, 2007.

O livro é uma antologia de textos literários sobre o universo das comunidades carentes brasileiras, com contos, crônicas, poemas e trechos de romances.



Site

Análise do romance.

O crítico literário Antonio Candido, no estudo “De cortiço a cortiço”, faz uma análise a respeito do romance de Aluísio Azevedo. Disponível em: <http://paginapessoal.utfpr.edu.br/mhlima/De%20cortico%20a%20cortico%20-%20Antonio%20Candido.pdf/view>. Acesso em: 20 set. 2021.



Filmes

Cidade de Deus (2002), de Fernando Meirelles.

A adaptação cinematográfica do romance de Paulo Lins se passa na favela carioca cujo nome intitula o filme, lugar

onde o menino Buscapé tenta escapar do mundo do crime por meio das lentes de sua câmera fotográfica.

Germinal (1993), de Claude Berri.

O filme é uma adaptação do livro homônimo de Émile Zola e retrata as más condições de trabalho da classe operária francesa no fim do século XIX.

Criação (2009), de Jon Amiel.

O filme mostra Darwin em conflito, diante da possibilidade de propagar sua teoria e encarar a repressão religiosa do ambiente em que vive. A filha do cientista exerce papel fundamental na trama, como uma “consciência” que o impulsiona a revolucionar a história científica.

O cortiço (1978), de Francisco Ramalho Jr.

Adaptado para o cinema em 1978, o longa é baseado no livro *O cortiço*, de Aluísio Azevedo. Ele mostra a história de dois portugueses que vivem no Rio de Janeiro no século XIX.

Exercícios complementares



Textos para as questões 1 e 2.

Texto I

[...] No lampejo de seus grandes olhos pardos brilhavam irradiações da inteligência. [...] O princípio vital da mulher abandonava seu foco natural, o coração, para concentrar-se no cérebro, onde residem as faculdades especulativas do homem.

[...]

Era realmente para causar pasmo aos estranhos e susto a um tutor, a perspicácia com que essa moça de dezoito anos apreciava as questões mais complicadas; o perfeito conhecimento que mostrava dos negócios, a facilidade com que fazia, muitas vezes de memória, qualquer operação aritmética por muito difícil e intrincada que fosse.

Não havia porém em Aurélia nem sombra do ridículo pedantismo de certas moças, que tendo colhido em leituras superficiais algumas noções vagas, se metem a tagarelar de tudo.

ALENCAR, José de. *Senhora*. São Paulo: Ática, 1980.

Texto II

Aquela pobre flor de cortiço, escapando à estupidez do meio em que desabotoou, tinha de ser fatalmente vítima da própria inteligência. À míngua de educação, seu espírito trabalhou à revelia, e atraçou-a, obrigando-a a tirar da substância caprichosa da sua fantasia de moça ignorante e viva a explicação de tudo que lhe não ensinaram a ver e sentir.

[...]

Pombinha, só com três meses de cama franca, fizera-se tão perita no ofício como a outra; a sua infeliz inteligência nascida e criada no modesto lodo da estalagem, medrou admiravelmente na lama forte dos vícios de largo fôlego; fez maravilhas na arte; parecia adivinhar todos os segredos daquela vida; seus lábios não tocavam em ninguém sem tirar sangue; sabia beber, gota a gota, pela boca do homem mais avarento, todo dinheiro que a vítima pudesse dar de si.

AZEVEDO, Aluísio. *O cortiço*. São Paulo: Ática, 1997.

- 1. Insuper-SP 2013** Os textos I e II, apesar de pertencerem a movimentos literários diferentes, assemelham-se ao pôr em destaque
 - a) a miséria em que a jovem se encontra.
 - b) a juventude da personagem.
 - c) a ambição da jovem.
 - d) o caráter caprichoso e audacioso da moça.
 - e) a sagacidade da personagem descrita.
- 2. Insuper-SP 2013** Considerando as descrições presentes nos fragmentos transcritos, é correto afirmar que
 - a) o texto I filia-se ao Romantismo, uma vez que nele a heroína é reflexo, em grande medida, das circunstâncias do ambiente em que se criou.
 - b) o texto I filia-se ao Romantismo, já que nele a figura feminina é descrita sob o prisma da idealização.

- c) o texto I filia-se ao Naturalismo, pois as habilidades da personagem são naturais no meio em que vive.
- d) o texto II filia-se ao Realismo, já que a figura feminina é descrita de forma fiel à realidade do período histórico em que está inserida.
- e) o texto II filia-se ao Naturalismo, pois nele a personagem constitui uma representação inequívoca do perfil feminino típico.

- 3. UFPR 2020** Ao mesmo tempo em que narram fatos, os narradores de *Casa de Pensão* e *Clara dos Anjos* também assumem postura intrusa e opinativa: eles interrompem a narração de acontecimentos e inserem seus comentários e opiniões, apresentando análises sociológicas ou psicológicas de acontecimentos, ambientes e personagens. Nas alternativas abaixo, foram transcritos trechos dos dois romances. Assinale a alternativa em que se observa tal atitude intrusa e opinativa do narrador no romance de Aluísio Azevedo.
 - a) “Por outro lado, as mulatas folgavam em tê-lo perto de si, achavam-no vivo e atilado, provocavam-lhe ditos de graça, mexiam com ele, faziam-lhe perguntas maliciosas, só para ‘ver o que o demônio do menino respondia’. E logo que Amâncio dava a réplica, piscando os olhos e mostrando a ponta da língua, caíam todas num ataque de riso, a olharem umas para as outras com intenção”.
 - b) “Muita vez chorou de ternura, mas sempre às escondidas; muita vez sentiu o coração saltar para o filho, mas sempre se conteve, receoso de cair no ridículo./ E não se lembrava, o imprudente, de que o amor de pai é bem ao contrário do amor de filho; não se lembrava de que aquele nasce e subsiste por si e que este precisa ser criado; que aquele é um princípio e que este é uma consequência; que um vem de dentro para fora e que o outro vem de fora para dentro”.
 - c) “O seu ideal na vida não era adquirir uma personalidade, não era ser ela, mesmo ao lado do pai ou do futuro marido. Era constituir função do pai, enquanto solteira, e do marido, quando casada. Não imaginava as catástrofes imprevistas da vida, que nos empurram, às vezes, para onde nunca sonhamos ter de parar. Não via que, adquirida uma pequena profissão honesta e digna do seu sexo, auxiliaria seus pais e seu marido, quando casada fosse”.
 - d) “A casa da família do famoso violeiro não ficava nas ruas fronteiras à gare da Central; mas, numa transversal, cuidada, limpa e calçada a paralelepípedos. Nos subúrbios, há disso: ao lado de uma rua, quase oculta em seu cerrado matagal, topa-se uma catita, de ar urbano inteiramente. Indaga-se por que tal via pública mereceu tantos cuidados da edilidade, e os historiógrafos locais explicam: é porque nela, há anos, morou o deputado tal ou o ministro sicrano ou o intendente fulano”.

- e) “O provinciano, muito desvigorizado com a moléstia, sentia perfeitamente que os lúbricos impulsos, que dantes lhe inspirava a graciosa rapariga, iam-se agora destecendo e dissipando à luz de um novo sentimento de gratidão e respeito. A primitiva Amélia desaparecia aos poucos, para dar lugar àquela extremosa criança, àquela irmãzinha venerável, que lhe enchia o quarto com o frescor balsâmico de sua virgindade e rociava-lhe o coração com a trêfega mimalhice de sua ternura”.

4. Fuvest-SP 2016 Leia estes dois excertos das obras indicadas e responda ao que se pede.

[...] Ao sair do Tejo, estando a Maria encostada à borda do navio, o Leonardo fingiu que passava distraído por junto dela, e com o ferrado sapatão assentou-lhe uma valente pisadela no pé direito. A Maria, como se já esperasse por aquilo, sorriu-se como envergonhada do gracejo, e deu-lhe também em ar de disfarce um tremendo beliscão nas costas da mão esquerda. Era isto uma declaração em forma, segundo os usos da terra: levaram o resto do dia de namoro cerrado; ao anoitecer passou-se a mesma cena de pisadela e beliscão, com a diferença de serem desta vez um pouco mais fortes; e no dia seguinte estavam os dois amantes tão extremosos e familiares, que pareciam sê-lo de muitos anos.

Manuel Antônio de Almeida, **Memórias de um sargento de milícias**.

Na ocasião em que Léonie partia pelo braço do amante, acompanhada até o portão por um séquito de lavadeiras, a Rita, no pátio, beliscou a coxa de Jerônimo e soprou-lhe à meia voz:

— Não lhe caia o queixo! ...

O cavouqueiro teve um desdenhoso sacudir d’ombros.

— Aquela pra cá nem pintada!

E, para deixar bem patente as suas preferências, virou o pé do lado e bateu com o tamanco na canela da mulata.

— Olha o bruto! ... queixou-se esta, levando a mão ao lugar da pancada. Sempre há de mostrar que é galego!

Aluísio Azevedo, **O cortiço**.

Em ambos os excertos, assim como no conjunto das obras a que pertencem, é notória a predisposição a retratar as personagens de origem portuguesa de um modo bastante peculiar, influenciado por uma determinada corrente de opinião, existente no contexto histórico-social dos períodos em que as obras foram escritas. Identifique esse modo de representar tais personagens e a corrente de opinião que o influencia. Explique sucintamente.

5. UFRGS 2017 Leia o segmento abaixo, do terceiro capítulo de *O cortiço*, de Aluísio Azevedo.

Daí a pouco, em volta das bicas era um zunzum crescente; uma aglomeração tumultuosa de machos e fêmeas. [...] O rumor crescia, condensando-se; o zunzum de todos os dias acentuava-se; já se não destacavam vozes dispersas, mas um só ruído compacto que enchia todo o cortiço. Começavam a fazer compras na venda; ensarilhavam-se discussões e rezingas; ouviam-se gargalhadas e pragas; já se não falava, gritava-se. Sentia-se naquela fermentação sanguínea,

naquela gula viçosa de plantas rasteiras que mergulham os pés vigorosos na lama preta e nutriente da vida, o prazer animal de existir, a triunfante satisfação de respirar sobre a terra.

Assinale com **V** (verdadeiro) ou **F** (falso) as seguintes afirmações sobre o segmento.

- O segmento apresenta a descrição do cortiço sem destacar um personagem, com ênfase na coletividade para ações triviais de homens, mulheres e crianças.
- O despertar, matéria cotidiana, é figurado como fato rotineiro de pessoas executando seus hábitos higiênicos matinais.
- A linguagem do narrador, preocupado em mostrar a dimensão natural presente nas ações humanas, evidencia-se em expressões como “prazer animal de existir”.
- O objetivo, nesse segmento, é apresentar o cortiço e a venda como empreendimentos comerciais usados no enriquecimento de João Romão.

A sequência correta de preenchimento dos parênteses, de cima para baixo, é

- a) V – V – F – F.
- b) V – V – V – V.
- c) V – F – F – V.
- d) F – F – F – V.
- e) V – V – V – F.

6. Unitau-SP 2014 Como pode ser caracterizado o romance *O cortiço*, de Aluísio Azevedo?

- a) Um romance naturalista, que se caracteriza pela idealização das personagens. O meio social retratado não interfere no comportamento das personagens.
- b) Um romance naturalista que propõe o estudo de personagens como se estudasse casos clínicos. O meio social retratado no romance influencia o comportamento das personagens.
- c) Um romance realista, que se caracteriza pelo estudo da psicologia das personagens. O meio social em que vivem as personagens não interfere no comportamento delas.
- d) Um romance romântico, que se caracteriza pela idealização das personagens. O meio social em que as personagens vivem não interfere no comportamento delas.
- e) Um romance romântico, que se caracteriza pelo estudo do comportamento das personagens. O meio social interfere no comportamento delas.

7. Mackenzie-SP [...] cara extensa, olhos rasos, mortos, de um pardo transparente, lábios úmidos, porejando baba, meiguice viscosa de crápula antigo.

POMPEIA, Raul.

Quanto ao estilo, esse fragmento descritivo destaca

- a) a tendência do Naturalismo em revelar, através do aspecto físico, traços do caráter.
- b) a tendência dos escritores realistas de criticar a hipocrisia do comportamento aristocrático.

- c) a oposição entre “físico grotesco” e “moral sublime”, o que comprova sua característica romântica.
- d) a concisão típica do Modernismo, comprovada pelo uso comedido da adjetivação.
- e) o egocentrismo exacerbado, a irreverência e a visão mórbida do mundo que caracterizam o “byronismo” do século XIX.

8. **UEG-GO 2020** Leia o fragmento e observe a imagem a seguir para responder à questão.



JÚNIOR, Almeida. *Saudade*. Óleo sobre tela 1899. Disponível em: <https://arteeartistas.com.br/saudade-almeida-junior/>. Acesso em: 16 out. 2019.

Daí a pouco, em volta das bicas era um zum-zum crescente; uma aglomeração tumultuosa de machos e fêmeas. Uns, após outros, lavavam a cara, incomodamente, debaixo do fio d’água que escorria da altura de uns cinco palmos. O chão inundava-se. As mulheres precisavam já prender as saias entre as coxas para não as molhar; via-se-lhes a tostada nudez dos braços e do pescoço, que elas despiam, suspendendo o cabelo todo para o alto do casco; os homens, esses não se preocupavam em não molhar o pelo, ao contrário metiam a cabeça bem debaixo da água e esfregavam com força as ventas e as barbas, fossando e fungando contra as palmas da mão.

AZEVEDO, Aluísio de. *O cortiço*. São Paulo: FTD, 1993.p. 41.

Tanto na pintura quanto no fragmento apresentados verificam-se características do

- a) Modernismo
- b) Simbolismo
- c) Arcadismo
- d) Realismo
- e) Barroco

9. **PUC-RS**

Daí a pouco, em volta das bicas era um zum-zum crescente; uma aglomeração tumultuosa de machos e fêmeas. [...] O chão inundava-se. As mulheres precisavam já prender as saias entre as coxas para não as molhar; via-se-lhes a tostada nudez dos braços e do pescoço, que elas despiam, suspendendo o cabelo todo para o alto do casco; os homens, esses não se preocupavam em não molhar o pelo, ao contrário metiam a cabeça bem debaixo da água e esfregavam com força as ventas e as barbas, fossando e fungando contra as palmas da mão.

[...]

O rumor crescia, condensando-se; o zum-zum de todos os dias acentuava-se; já se não destacavam vozes dispersas, mas um só ruído compacto [...]. Começavam a fazer compras na venda; ensarilhavam-se discussões e resingas; ouviam-se gargalhadas e pragas; já se não falava,

gritava-se. Sentia-se naquela fermentação sanguínea, naquela gula viçosa de plantas rasteiras que mergulham os pés vigorosos na lama preta e nutriente da vida, o prazer animal de existir, a triunfante satisfação de respirar sobre a terra.

Expressões tais como “machos e fêmeas”, “cabelo para o alto do casco”, “molhar o pelo” constroem imagens que remetem a uma _____ entre homens e animais, típica do _____, que se constitui num prolongamento do _____.

- a) dissociação – Realismo – Naturalismo
- b) contemporização – Modernismo – Realismo
- c) dissociação – Romantismo – Naturalismo
- d) associação – Naturalismo – Realismo
- e) contemporização – Realismo – Romantismo

10. **Famerp-SP 2017**

Junto dela pôs-se a trabalhar a Leocádia, mulher de um ferreiro chamado Bruno, portuguesa pequena e socada, de carnes duras, com uma fama terrível de leviana entre suas vizinhas.

Seguia-se a Paula, uma cabocla velha, meio idiota, a quem respeitavam todos pelas virtudes de que só ela dispunha para benzer erisipelas e cortar febres por meio de rezas e feitiçarias. Era extremamente feia, grossa, triste, com olhos desvairados, dentes cortados à navalha, formando ponta, como dentes de cão, cabelos lisos, escorridos e ainda retintos apesar da idade. Chamavam-lhe “Bruxa”. Depois seguiam-se a Marciana e mais a sua filha Florinda. A primeira, mulata antiga, muito séria e asseada em exagero: a sua casa estava sempre úmida das consecutivas lavagens. Em lhe apanhando o mau humor punha-se logo a espanar, a varrer febrilmente, e, quando a raiva era grande, corria a buscar um balde de água e descarregava-o com fúria pelo chão da sala. A filha tinha quinze anos, a pele de um moreno quente, beijos sensuais, bonitos dentes, olhos luxuriosos de macaca. Toda ela estava a pedir homem, mas sustentava ainda a sua virgindade e não cedia, nem à mão de Deus Padre, aos rogos de João Romão, que a desejava apanhar a troco de pequenas concessões na medida e no peso das compras que Florinda fazia diariamente à venda.

O cortiço, 2007.

Uma relação correta entre o trecho apresentado e o movimento literário em que *O cortiço* está inserido é:

- a) a referência cuidadosa e delicada à sexualidade das personagens é parte de um esforço, típico do Realismo, para apresentar o ser humano em sua totalidade sem sobrecarregar um de seus aspectos.
- b) a caracterização das personagens como indivíduos únicos e isolados da coletividade, deixando em segundo plano suas relações sociais, é um traço típico do Naturalismo.
- c) a preferência das personagens pela razão e seu desprezo pela fé, em uma estratégia para valorizar a ciência e a objetividade e desvalorizar a religião, são características do Realismo.

- d) a valorização da vida perto da natureza, com personagens que abrem mão dos métodos e dos objetos frutos da tecnologia para se ligarem à tranquilidade de uma vida sem máquinas, é uma característica do Naturalismo.
- e) a descrição das características vulgares das personagens e a frequente associação entre homens e animais, que ajudam a estabelecer uma concepção biológica do mundo, são características do Naturalismo.

11. Fuvest-SP 2012

Passaram-se semanas. Jerônimo tomava agora, todas as manhãs, uma xícara de café bem grosso, à moda da Ritinha, e tragava dois dedos de parati “pra cortar a friagem”.

Uma transformação, lenta e profunda, operava-se nele, dia a dia, hora a hora, reviscerando-lhe o corpo e alando-lhe os sentidos, num trabalho misterioso e surdo de crisálida. A sua energia afrouxava lentamente: fazia-se contemplativo e amoroso. A vida americana e a natureza do Brasil patenteavam-lhe agora aspectos imprevisíveis e sedutores que o comoviam; esquecia-se dos seus primitivos sonhos de ambição, para idealizar felicidades novas, picantes e violentas; tornava-se liberal, imprevidente e franco, mais amigo de gastar que de guardar; adquiria desejos, tomava gosto aos prazeres, e volvia-se preguiçoso, resignando-se, vencido, às imposições do Sol e do calor, muralha de fogo com que o espírito eternamente revoltado do último tamoio entrincheirou a pátria contra os conquistadores aventureiros.

E assim, pouco a pouco, se foram reformando todos os seus hábitos singelos de aldeão português: e Jerônimo abraçava-se. [...]

E o curioso é que, quanto mais ia ele caindo nos usos e costumes brasileiros, tanto mais os seus sentidos se apuravam, posto que em detrimento das suas forças físicas. Tinha agora o ouvido menos grosseiro para a música, compreendia até as intenções poéticas dos sertanejos, quando cantam à viola os seus amores infelizes; seus olhos, dantes só voltados para a esperança de tornar à terra, agora, como os olhos de um marujo, que se habituaram aos largos horizontes de céu e mar, já se não revoltavam com a turbulenta luz, selvagem e alegre, do Brasil, e abriam-se amplamente defronte dos maravilhosos despenhadeiros ilimitados e das cordilheiras sem fim, donde, de espaço a espaço, surge um monarca gigante, que o sol veste de ouro e ricas pedrarias refulgentes e as nuvens toucam de alvos turbantes de cambraia, num luxo oriental de arábicos príncipes voluptuosos.

AZEVEDO, Aluísio. *O cortiço*.

Considere as seguintes afirmações, relacionadas ao excerto de **O cortiço**:

- I. O sol, que, no texto, se associa fortemente ao Brasil e à “pátria”, é um símbolo que percorre o livro como manifestação da natureza tropical e, em certas passagens, representa o princípio masculino da fertilidade.
- II. A visão do Brasil expressa no texto manifesta a ambiguidade do intelectual brasileiro da época

em que a obra foi escrita, o qual acatava e rejeitava a sua terra, dela se orgulhava e envergonhava, nela confiava e dela desesperava.

- III. O narrador aceita a visão exótico-romântica de uma natureza (brasileira) poderosa e transformadora, reinterpretando-a em chave naturalista.

Aplica-se ao texto o que se afirma em

- a) I, somente.
- b) II, somente.
- c) II e III, somente.
- d) I e III, somente.
- e) I, II e III.

12. UFRGS 2017 Leia o segmento abaixo.

No Brasil novecentista, uma sociedade escravocrata e patriarcal, o espaço de atuação das mulheres era restrito. Elas aparecem representadas em *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, e *O cortiço*, de Aluísio Azevedo. _____ escolhe ficar com o homem que desperta seu desejo, sem a necessidade de casar. Paira sobre _____ a desconfiança sobre sua motivação para casar com o vizinho. Por sua vez, _____ casa e descarta o marido, em busca de uma vida livre do domínio masculino.

Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas do segmento acima, na ordem em que aparecem.

- a) Rita Baiana – Capitu – Pombinha
- b) Capitu – Rita Baiana – Pombinha
- c) Pombinha – Capitu – Rita Baiana
- d) Pombinha – Rita Baiana – Capitu
- e) Rita Baiana – Pombinha – Capitu

13. UEM-PR 2018 Assinale o que for **correto** sobre estilos de época na literatura.

- 01 O projeto literário do Romantismo comporta uma ruptura com os padrões clássicos de beleza, pautados na simplicidade e no equilíbrio que a natureza inspira. Os escritores românticos tomam para si a missão de criar uma identidade estética para a burguesia ascendente, assim como uma identidade própria para o Brasil, alicerçando tudo isso em uma perspectiva frequentemente individualista, subjetiva, marcada pela negação do controle emocional.
- 02 A linguagem dos textos românticos é marcada pelo rigor formal. Na poesia, tal rigor é anunciado por fórmulas literárias assentadas em rígidos esquemas de métrica e de rimas. Na ficção, a escassez da adjetivação e de reticências remete a uma postura sóbria e lúcida.
- 04 A estética simbolista chega ao Brasil concomitantemente ao Realismo. E, com uma postura igualmente assentada nos sentidos e nas sensações, edifica uma poesia engajada e comprometida com os debates socioculturais e políticos que movimentavam a segunda metade do século XIX.
- 08 Parte dos romances naturalistas é também conhecida como literatura de tese. Isso porque recebe a influência do cientificismo que marcava a segunda metade do século XIX por meio da larga difusão de ideias deterministas, evolucionistas,

positivistas. Inspirados nessas teorias, alguns escritores construíam personagens e situações como se estivessem demonstrando teses.

- 16 A poesia parnasiana desenvolveu-se a partir do pressuposto da arte pela arte, isto é, da arte com um fim em si mesma, sem pretensões de contribuir com debates sociais, culturais e/ou políticos que constituem o contexto em que emergem.

Soma:

14. Fuvest-SP 2018

O rumor crescia, condensando-se; o zunzum de todos os dias acentuava-se; já se não destacavam vozes dispersas, mas um só ruído compacto que enchia todo o cortiço. Começavam a fazer compras na venda; **ensarilhavam-se** discussões e **rezingas**; ouviam-se gargalhadas e pragas; já se não falava, gritava-se. Sentia-se naquela fermentação sanguínea, naquela gula viçosa de plantas rasteiras que mergulham os pés vigorosos na lama preta e nutriente da vida, o prazer animal de existir, a triunfante satisfação de respirar sobre a terra.

Da porta da venda que dava para o cortiço iam e vinham como formigas; fazendo compras.

Duas janelas do Miranda abriam-se. Apareceu numa a Isaura, que se dispunha a começar a limpeza da casa.

– Nhá Dunga! gritou ela para baixo, a sacudir um pano de mesa; se você tem cuscuz de milho hoje, bata na porta, ouviu?

Aluísio Azevedo, **O cortiço**.

ensarilhar-se: emaranhar-se.

rezinga: resmungo.

Uma característica do Naturalismo presente no texto é:

- a) forte apelo aos sentidos.
- b) idealização do espaço.
- c) exaltação da natureza.
- d) realce de aspectos raciais.
- e) ênfase nas individualidades.



Instrução: Para a próxima questão, marque V (verdadeiro) ou F (falso).

15. **UFPE 2014** Machado de Assis, Aluísio Azevedo e Lima Barreto, em suas narrativas, retratam o Rio de Janeiro com foco em questões étnicas e sociais. Os dois primeiros representam a sociedade da segunda metade do século XIX, e o terceiro, as primeiras duas décadas do século XX. Em relação aos temas abordados por esses autores, analise as afirmações seguintes.

0-0 A produção romanesca dos três autores narra situações vividas por personagens pertencentes às mesmas classes sociais, tendo em vista essas personagens terem sido construídas com base em características de um mesmo movimento literário.

1-1 Machado de Assis revela-se, principalmente em seus romances da segunda fase, um profundo observador da sociedade carioca, ao criar personagens burguesas, como Brás Cubas, que se apresentavam vulneráveis e, por vezes, detentoras de uma visão de mundo cética e pessimista.

2-2 Em *Dom Casmurro*, romance escrito, narrado e vivido por um autor-personagem, que pretende “atar as duas pontas da vida e restaurar na velhice a adolescência”, Machado de Assis retrata a burguesia carioca em seus mínimos detalhes e apresenta um triângulo amoroso explícito, composto por Capitu, Bento Santiago e Escobar, o melhor amigo da família.

3-3 Em *O Cortiço*, Aluísio Azevedo apresenta a cidade do Rio de Janeiro através de um narrador que retrata a realidade do cortiço, antiga estrutura habitacional. Nesses ambientes, residiam pessoas de classes sociais mais humildes e de origens étnicas distintas. Assim, negros, mulatos e portugueses convivem no mesmo ambiente e por ele são influenciados.

4-4 A ficção de Lima Barreto retrata o Rio de Janeiro do começo da República, em que personagens, como Policarpo Quaresma, ao defenderem os fracos e injustiçados, terminam condenados pelo próprio sistema do qual participam. Além disso, o autor condena o preconceito contra negros e mulatos, moradores dos subúrbios cariocas, no início do século XX.

16. Enem PPL 2017

— Recusei a mão de minha filha, porque o senhor é... filho de uma escrava.

— Eu?

— O senhor é um homem de cor!... Infelizmente esta é a verdade...

Raimundo tornou-se lívido. Manoel prosseguiu, no fim de um silêncio:

— Já vê o amigo que não é por mim que lhe recusei Ana Rosa, mas é por tudo! A família de minha mulher sempre foi muito escrupulosa a esse respeito, e como ela é toda a sociedade do Maranhão! Concordo que seja uma asneira; concordo que seja um prejuízo tolo! O senhor porém não imagina o que é por cá a prevenção contra os mulatos!... Nunca me perdoariam um tal casamento; além do que, para realizá-lo, teria que quebrar a promessa que fiz a minha sogra, de não dar a neta senão a um branco de lei, português ou descendente direto de portugueses!

AZEVEDO, A. **O mulato**. São Paulo: Escala, 2008.

Influenciada pelo ideário cientificista do Naturalismo, a obra destaca o modo como o mulato era visto pela sociedade de fins do século XIX. Nesse trecho, Manoel traduz uma concepção em que a

- a) miscigenação racial desqualificava o indivíduo.
- b) condição econômica anulava os conflitos raciais.
- c) discriminação racial era condenada pela sociedade.
- d) escravidão negava o direito da negra à maternidade.
- e) união entre mestiços era um risco à hegemonia dos brancos.

17. **UPE/SSA 2016** Machado de Assis e Aluísio Azevedo, no mesmo ano, 1881, deram início, respectivamente, ao Realismo e Naturalismo no Brasil. O primeiro, com

Memórias Póstumas de Brás Cubas e o segundo, com *O Mulato*, embora *O Cortiço* é que tenha celebrado o autor maranhense. Sobre esses movimentos literários, aos quais pertencem os textos, leia o que se segue:

Texto 1

Ao verme que primeiro roeu
as frias carnes do meu cadáver
dedico como saudosa lembrança
estas Memórias Póstumas

Texto 2

Eram cinco horas da manhã e o cortiço acordava, abrindo, não os olhos, mas a sua infinidade de portas e janelas alinhadas.

Um acordar alegre e farto de quem dormiu de uma assentada sete horas de chumbo. Como que se sentiam ainda na indolência de neblina as derradeiras notas da última guitarra da noite antecedente, dissolvendo-se à luz loura e tenra da aurora, que nem um suspiro de saudade perdido em terra alheia.

Roupa lavada, que ficara de véspera nos coradouros, umedecia o ar e punha-lhe um farto acre de sabão ordinário. As pedras do chão, esbranquiçadas no lugar da lavagem e em alguns pontos azuladas pelo anil, mostravam uma palidez grisalha e triste, feita de acumulações de espumas secas. Entretanto, das portas surgiam cabeças congestionadas de sono; ouviam-se amplos bocejos, fortes como o marulhar das ondas; pigarreava-se grosso por toda a parte; começavam as xícaras a tilintar; o cheiro quente do café aquecia, suplantando todos os outros; trocavam-se de janela para janela as primeiras palavras, os bons-dias; reatavam-se conversas interrompidas à noite; a pequenada cá fora traquinava já, e lá dentro das casas vinham choros abafados de crianças que ainda não andam. No confuso rumor que se formava, destacavam-se risos, sons de vozes que altercavam, sem se saber onde, grasnar de marrecos, cantar de galos, cacarejar de galinhas. De alguns quartos saíam mulheres que vinham pendurar cá fora, na parede, a gaiola do papagaio, e os louros, à semelhança dos donos, cumprimentavam-se ruidosamente, espanejando-se à luz nova do dia.

Daí a pouco, em volta das bicas, era um zum-zum crescente; uma aglomeração tumultuosa de machos e fêmeas. Uns, após outros, lavavam a cara, incomodamente, debaixo do fio de água que escorria da altura de uns cinco palmos. O chão inundava-se.

As mulheres precisavam já prender as saias entre as coxas para não as molhar; via-se-lhes a tostada nudez dos braços e do pescoço, que elas despiam, suspendendo o cabelo todo para o alto do casco; os homens, esses não se preocupavam em não molhar o pelo, ao contrário, metiam a cabeça bem debaixo da água e esfregavam com força as ventas e as barbas, fossando e fungando contra as palmas da mão. As portas das latrinas não descansavam, era um abrir e fechar de cada instante, um entrar e sair sem tréguas. Não se demoravam lá dentro e vinham ainda amarrando as calças ou as saias; as crianças não se davam ao trabalho de lá ir, despachavam-se ali mesmo, no capinzal dos fundos, por detrás da estalagem ou no recanto das hortas.

O rumor crescia, condensando-se; o zum-zum de todos os dias acentuava-se; já se não destacavam vozes dispersas, mas um só ruído compacto que enchia todo o cortiço. [...]

Analise as afirmativas a seguir:

- I. O texto 1 é a dedicatória de Brás Cubas, que inicia suas memórias póstumas. Nessa obra, o autor textual e narrador ironicamente dedica suas memórias aos vermes. Trata-se de um aspecto inerente à estética romântica, uma vez que nela encontra-se subjacente a ideia de morte.
- II. No texto 2, o narrador descreve o comportamento da coletividade que forma o cortiço. Note-se que nele há o privilégio do coletivo sobre o individual, elemento peculiar ao Romantismo, o que não surpreende o leitor, dado que o autor abraçou tanto a estética romântica quanto a realista.
- III. Os dois textos, embora escritos por autores diferentes, apresentam as mesmas tendências estéticas. Ambos são realistas e criticam o comportamento da burguesia que vivia na ociosidade explorando os menos favorecidos.
- IV. O texto 1 tem por narrador a personagem principal que conta a sua própria história e o faz com a “tinta da galhofa e a pena da melancolia”, utilizando-se de um gracejo de tom cômico, próximo do humor negro de origem inglesa.
- V. No texto 2, o relato é de um narrador observador que apresenta os acontecimentos de um ponto de vista neutro, porque não se envolve nem faz parte da história narrada. Seu discurso volta-se para a análise dos elementos deterministas e das patologias sociais, o que faz de *O Cortiço* um texto naturalista.

Está **correto** apenas o que se afirma em

- a) I e II. c) I, II e III. e) I, II e IV.
b) IV e V. d) II e III.

18. Enem PPL 2014

O mulato

Ana Rosa cresceu; aprendera de cor a gramática do Sotero dos Reis; lera alguma coisa; sabia rudimentos de francês e tocava modinhas sentimentais ao violão e ao piano. Não era estúpida; tinha a intuição perfeita da virtude, um modo bonito, e por vezes lamentara não ser mais instruída. Conhecia muitos trabalhos de agulha; bordava como poucas, e dispunha de uma gargantazinha de contralto que fazia gosto de ouvir.

Uma só palavra boiava à superfície dos seus pensamentos: “Mulato”. E crescia, crescia, transformando-se em tenebrosa nuvem, que escondia todo o seu passado. Ideia parasita, que estrangulava todas as outras ideias.

– Mulato!

Esta só palavra explicava-lhe agora todos os mesquinhos escrúpulos, que a sociedade do Maranhão usara para com ele. Explicava tudo: a frieza de certas famílias a quem visitara; as reticências dos que lhe falavam de seus antepassados; a reserva e a cautela dos que, em sua presença, discutiam questões de raça e de sangue.

AZEVEDO, A. *O Mulato*. São Paulo: Ática, 1996 (fragmento).

O texto de Aluísio Azevedo é representativo do Naturalismo, vigente no final do século XIX. Nesse fragmento, o narrador expressa fidelidade ao discurso naturalista, pois

- a) relaciona a posição social a padrões de comportamento e à condição de raça.
- b) apresenta os homens e as mulheres melhores do que eram no século XIX.
- c) mostra a pouca cultura feminina e a distribuição de saberes entre homens e mulheres.
- d) ilustra os diferentes modos que um indivíduo tinha de ascender socialmente.
- e) critica a educação oferecida às mulheres e os maus-tratos dispensados aos negros.

BNCC em foco

EM13LP48

1. Sobre o movimento literário Naturalista, é correto afirmar que:
- a) constitui uma oposição ao Realismo, pois julga que a literatura não deve se preocupar com problemas sociais.
 - b) considera a hereditariedade como fator decisivo para a formação da personalidade e para a conduta humana.
 - c) demonstra grande preocupação em analisar o ser humano exclusivamente sob o aspecto psicológico, sem considerar o meio social.
 - d) acentua a influência do meio ambiente, do momento social e da raça para mostrar que o ser humano é capaz de criar seu próprio modo de vida.

EM13LP46

2. Enem (Adapt.)

Abatidos pelo fadinho harmonioso e nostálgico dos desterrados, iam todos, até mesmo os brasileiros, se concentrando e caindo em tristeza; mas, de repente, o cavaquinho de Porfiro, acompanhado pelo violão do Firmo, romperam vibrantemente com um chorado baiano. Nada mais que os primeiros acordes da música crioula para que o sangue de toda aquela gente despertasse logo, como se alguém lhe fustigasse o corpo com urtigas bravas. E seguiram-se outras notas, e outras, cada vez mais ardentes e mais delirantes. Já não eram dois instrumentos que soavam, eram lúbricos gemidos e suspiros soltos em torrente, a correrem serpenteando, como cobras numa floresta incendiada; eram ais convulsos, chorados em frenesi de amor: música feita de beijos e soluços gostosos; carícia de fera, carícia de doer, fazendo estalar de gozo.

[...]

AZEVEDO, Aluísio. *O cortiço*. 30. ed. São Paulo: Ática, 1997. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000015.pdf>. Acesso em: 9 nov. 2021.

No romance *O cortiço* (1890), de Aluísio Azevedo, as personagens são observadas como elementos coletivos caracterizados por condicionadores de origem social, sexo e etnia. Na passagem transcrita, destaque o trecho que revela o confronto entre brasileiros e portugueses.

EM13LP46



Texto para a questão 3.

[...] Fechou-se um entra-e-sai de marimbondos defronte daquelas cem casinhas ameaçadas pelo fogo. Homens e mulheres corriam de cá para lá com os tarcos ao ombro, numa balbúrdia de doidos. O pátio e a rua enchem-se agora de camas velhas e colchões espodados. Ninguém se conhecia naquela zumba de gritos sem nexo, e choro de crianças esmagadas, e pragas arrancadas pela dor e pelo desespero. Da casa do Barão saíam clamores apopléticos; ouviam-se os guinchos de Zulmira que se espolinhava com um ataque. E começou a aparecer água. Quem a trouxe? Ninguém sabia dizê-lo; mas viam-se baldes e baldes que se despejavam sobre as chamas.

Os sinos da vizinhança começaram a badalar.

E tudo era um clamor.

[...]

AZEVEDO, Aluísio. *O cortiço*. 30. ed. São Paulo: Ática, 1997. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000015.pdf>. Acesso em: 9 nov. 2021.

3. Sobre o trecho de *O cortiço*, é possível afirmar que o autor:
- a) evidencia a igualdade entre todas as pessoas.
 - b) explora o espírito de cooperação entre os vizinhos.
 - c) demonstra angústia entre os indivíduos pelo sofrimento.
 - d) coloca o ambiente como determinante para o comportamento humano.
 - e) apresenta o ambiente como insignificante para o comportamento dos indivíduos.



Alphonse Mucha. *Poesia*, 1898. Litografia, 60 x 38 cm. Coleção particular. In: *As artes*. Paris: Champenois, 1898.

A poesia é personificada por uma figura feminina contemplando o campo iluminado pela Lua. Ela está enquadrada por um ramo de laurel, o atributo da adivinhação e da poesia.

FRENTE 2

CAPÍTULO

9

As vertentes poéticas do final do século XIX

O final do século XIX foi marcado por duas estéticas literárias que buscaram reagir à marca romântica como sinônimo de poesia, ainda predominante, mas já claramente desgastada. Assim, tanto o Parnasianismo quanto o Simbolismo trouxeram um grande cuidado com a elaboração e o acabamento formal dos versos – aspectos que os exageros emocionais do Romantismo haviam deixado em segundo plano. Essas novas escolas objetivaram um caminho para a poesia que a libertasse da mera e, por vezes, banal expressão de sentimentos.

O Parnasianismo optou por condicionar a poesia menos ao conteúdo e mais à forma de composição, muitas vezes tematizando o próprio fazer poético. Já o Simbolismo procurou renovar a subjetividade romântica, trazendo à tona uma nova maneira de ver as palavras, utilizando-se, sobretudo, da musicalidade, da sinestesia e das sugestões profundas.

Parnasianismo: o poeta e o ourives

O Parnasianismo apareceu simultaneamente ao Realismo e ao Naturalismo nas últimas décadas do século XIX. Sua produção é apenas poética e traz importantes marcas da escola com especificidades típicas, como o distanciamento dos temas sociais, a impassibilidade, a descrição e a “arte pela arte”, além da busca do prazer que a beleza proporcionava como finalidade.

Mas de onde vem a denominação para essa escola literária que se expressou unicamente por meio da poesia?

O marco inicial desse movimento se deu na França, em 1866, quando os poetas Charles Baudelaire, Lecomte de Lisle e Théophile Gautier publicaram e editaram a revista *Le Parnasse Contemporain* (*O Parnaso contemporâneo*). Nela, já se pôde observar um claro traço de crítica ao Romantismo, sentimentalmente exagerado, e ao Realismo e ao Naturalismo, preocupados com a denúncia social.

Etimologicamente, o nome “Parnasianismo” é uma referência ao Monte Parnaso: situado na Grécia, o lugar mitológico seria a morada de deuses e musas, onde os poetas se isolavam para buscar a inspiração e o aprimoramento da técnica necessários para a composição artística. Assim, nessa escola literária, buscavam-se a **beleza**, a **perfeição**, o **equilíbrio** entre as palavras e o **rigor formal**. O poeta parnasiano é comparado ao ourives, pois ambos se preocupam em lapidar sua matéria-prima – o ouro ou o poema – a fim de torná-la uma obra de arte.

Parnasianismo no Brasil

É na convergência de ideais antirromânticos, como a objetividade no trato dos temas e o culto da forma, que se situa a poética do Parnasianismo.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1994. p. 219.

Antes do surgimento do Parnasianismo no Brasil, houve um embate em nosso país, que atravessava uma série de crises políticas e sociais, e cujo único centro urbano era o Rio de Janeiro, onde se concentravam a vida política e cultural. Os grandes veículos de difusão das novas teorias, inclusive literárias, eram os inúmeros periódicos surgidos com o desenvolvimento da imprensa nacional. E foi nas páginas do jornal *Diário do Rio de Janeiro*, no final da década de 1870, que se travou a “Batalha do Parnaso”, polêmica entre escritores contrários e adeptos ao Romantismo. O embate perpetuou-se com o uso de versos agressivos e questionáveis quanto à qualidade. Os opositores, embasados por autores realistas lusitanos, combatiam o sentimentalismo excessivo, a falta de simetria entre os versos e o abandono do estilo clássico, acusando os românticos de produzirem versos frouxos e de acabamento duvidoso. Traziam, também, algumas sugestões quanto às mudanças que deveriam ocorrer, propondo uma poesia participante, que buscasse trazer uma postura científica diante do mundo, bastante vaga no pensamento da época. Essa nova poesia promoveria reflexões sobre as questões lógicas e ligadas à justiça, enaltecendo o progresso científico e os avanços capitalistas. Com certo cunho realista, proporia erradicar a descrição subjetivista do amor romântico

idealizado, visando a uma descrição mais objetiva dos desejos humanos.

No entanto, dessa “batalha” ficaram somente as inspirações antirromânticas que levaram a uma nova forma de pensar a poesia, consolidando, anos mais tarde, o Parnasianismo no Brasil. O marco inicial desse movimento em terras brasileiras é o livro de poesias *Fanfarras*, de Teófilo Dias, publicado em 1882. Porém, foi com a chamada “Tríade parnasiana” – formada pelos poetas Olavo Bilac, Raimundo Correia e Alberto de Oliveira – que se eternizou a “arte pela arte”.

! Atenção

É importante lembrar que, na Literatura brasileira, a chamada “era realista” incluiu três movimentos simultâneos: na prosa, o Realismo e o Naturalismo, e, na poesia, o Parnasianismo. O que os aproxima são a objetividade e a racionalidade no tratamento dos temas, e o afastamento do subjetivismo e da idealização romântica.

Características do Parnasianismo

A arte pela arte

A poesia parnasiana buscava propiciar a mais perfeita **fruição** estética, defendendo que o poema não deveria ter outra finalidade que não fosse o compromisso com a beleza e com a perfeição formal. Para os poetas parnasianos, não se deveria dar relevância aos motivos que levavam alguém a escrever nem justificar os versos pela necessidade de promover um questionamento social ou filosófico. A poesia deveria ser autossuficiente, existir por ela mesma. Assim, nessa poesia, era constante o afastamento do cotidiano – repleto de imperfeições e problemas.

fruição: desfrute prazeroso.

Poesia descritiva e impessoal

A poesia parnasiana é marcada pela visualidade de seus temas, buscando inspiração nas artes plásticas. Nesse sentido, opta-se pelas descrições dos fenômenos da natureza, tal como o amanhecer e o crepúsculo. Nessas obras, também há constantes referências a figuras mitológicas greco-romanas e à beleza da mulher. Além disso, cenas históricas e objetos podiam ser alvo das descrições racionalizadas e objetivas do poeta. Assim, o subjetivismo (a visão pessoal do eu lírico) era deixado de lado, dando-se importância àquilo que todos podiam apreciar da mesma maneira.

💡 Saiba mais

A busca parnasiana do afastamento temático das mazelas sociais foi a principal característica criticada nos poemas do Modernismo. A partir da Semana de 1922, a “fase heroica” da poesia moderna se posiciona justamente contra essa negação dos problemas cotidianos a qual os parnasianos tanto exaltavam.

Perfeição formal

No movimento parnasiano, o poeta escolhia palavras e tinha o ofício de “lapidar” o verso em busca da perfeição – daí a **analogia com o trabalho do ourives** –, acentuando o uso da métrica perfeita, das estrofes carregadas de expressões pouco utilizadas, capazes de deixar o poema apreciável àqueles que optavam pelo rebuscamento formal. Nesse contexto, os poetas parnasianos buscavam utilizar rimas ricas e preferiam os versos de doze sílabas, conhecidos como versos alexandrinos, além de considerar o soneto a mais perfeita composição poética.

Tríade parnasiana: poetas e poemas

Olavo Bilac

Neste literato de veia fácil, potencia-se a tendência parnasiana de cifrar no brilho da frase isolada e na chave de ouro de um soneto a mensagem toda da poesia.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1994. p. 227.

Olavo Brás Martins dos Guimarães Bilac nasceu no Rio de Janeiro, em 16 de fevereiro de 1865. cursou Medicina e Direito, mas nunca concluiu nenhum dos cursos. Além de poeta, foi jornalista, tendo escrito para diversos jornais e revistas da época, como o *Diário de Notícias* e o *Gazeta de Notícias*. Já em suas primeiras obras, Bilac trouxe para a poesia uma forte e inegável vertente parnasiana, sempre preocupado com a estética e a forma dos poemas. A dedicação de Olavo Bilac ao ofício poético rendeu-lhe a alcunha de “príncipe dos poetas”. Seu primeiro livro, *Poesias*, publicado em 1888, dividia-se, inicialmente, em três partes: “Panóplias” (poemas com referência a elementos da tradição greco-romana), “Via Láctea” (conjunto de 35 sonetos) e “Sarças de fogo” (poemas eróticos sobre a beleza física da mulher).

Em 1902, publicou dois outros livros: *Viagens* e *Alma inquieta*, os quais combinam o influxo parnasiano a claras tendências românticas, mas com versos comedidos por rígida disciplina formal. O poeta faleceu em 1918, e, um ano depois, foi publicado seu livro *Tarde*, obra marcada por temas históricos, mas também por certa subjetividade que rompia com os paradigmas parnasianos do autor, ainda que mesclada à sua tendência mais reflexiva, própria do Parnasianismo. Dessa maneira, pode-se verificar em sua obra, como na de todo grande poeta, certas características que remetem a diferentes estéticas literárias.

Algumas características recorrentes na poética de Bilac

Perfeição – metalinguagem

Antiguidade greco-romana

Nacionalismo ufanista

Lirismo amoroso

Reflexão sobre a existência humana

A um poeta

Longe do estéril turbilhão da rua,
Beneditino, escreve! No aconchego
Do claustro, na paciência e no sossego,
Trabalha, e teima, e lima, e sofre, e sua!

Mas que na forma se disfarce o emprego
Do esforço; e a trama viva se construa
De tal modo, que a imagem fique nua,
Rica mas sóbria, como um templo grego.

Não se mostre na fábrica o suplício
Do mestre. E, natural, o efeito agrade,
Sem lembrar os andaimes do edifício.

Porque a beleza, gêmea da Verdade,
Arte pura, inimiga do artifício,
É a força e a graça na simplicidade.

BILAC, Olavo. “A um poeta”. *Poemas de Olavo Bilac: seleção de poemas* [livro eletrônico]. São Paulo: Melhoramentos, 2014. (Clássicos Melhoramentos)

“A um poeta” é um soneto composto de versos decassílabos. Trata-se de um texto metalinguístico, ou seja, é um poema sobre o ato da escrita, o fazer poético. Olavo Bilac aborda como tema o próprio trabalho do poeta parnasiano, o qual busca incansavelmente a perfeição formal no ambiente solitário de um claustro com o objetivo de trazer para a poesia a perfeição e a sobriedade de um templo grego, a beleza – gêmea da verdade – e a arte pura – pretensões coerentes com a estética parnasiana. É possível notar que se repete a conjunção “e”, presente no quarto verso da primeira estrofe (“Trabalha, e teima, e lima, e sofre, e sua!”); essa reiteração, chamada de polissíndeto, intensifica o trabalho do poeta na criação de um verso perfeito e na sua busca da “arte pela arte”.

Raimundo Correia

Com *Sinfonias* já temos o sonetista admirável de “As pombas”, “Mal do Século”, “Anoitecer”, “A cavalgada”, “Vinho de Hebe”, “Americana”. Falando do sortilégio verbal do poeta, Manuel Bandeira nos ensinou a ver nele o autor de “alguns dos versos mais misteriosamente belos da nossa língua”, versos que, repetidos em tantas antologias escolares, nem por isso perderiam o encanto de suas combinações semânticas e musicais.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1994. p. 224.

Raimundo da Mota de Azevedo Correia nasceu em São Luís, no Maranhão, em 13 de maio de 1859. cursou a faculdade de Direito, tornando-se juiz no Rio de Janeiro e em algumas comarcas de Minas Gerais. Com uma vida financeiramente estável, começou a escrever sob a influência do Parnasianismo. Contudo, trouxe resquícios do Romantismo em suas primeiras obras.

Em 1879, publicou seu livro inaugural, intitulado *Primeiros sonhos*, que reúne poemas próprios de um adolescente, de textos com idealizações femininas e com certo romantismo velado. Porém, é com o livro *Sinfonias* que o poeta marca sua estreia no movimento parnasiano, trazendo os poemas que o tornaram mais conhecido: “As pombas” e “Mal secreto”.

Características da poesia de Raimundo Correia

Universalização da temática com o desenvolvimento de temas filosóficos

Afastamento da impassibilidade

Tendência para a abordagem do noturno, do negativismo (obsessão pela Lua – antecipando a veia simbolista)

Mal secreto

Se a cólera que espuma, a dor que mora
N'alma, e destrói cada ilusão que nasce,
Tudo o que punge, tudo o que devora
O coração, no rosto se estampasse;

Se se pudesse, o espírito que chora,
Ver através da máscara da face,
Quanta gente, talvez, que inveja agora
Nos causa, então piedade nos causasse!

Quanta gente que ri, talvez, consigo
Guarda um atroz, recôndito inimigo,
Como invisível chaga cancerosa!

Quanta gente que ri, talvez existe,
Cuja ventura única consiste
Em parecer aos outros venturosa!

CORREIA, Raimundo. "Mal secreto". In: SILVA, Antonio Manoel dos Santos; SANT'ANNA, Romildo; SANTILLI, Maria Aparecida (org.) et al. *Literaturas de língua portuguesa: marcos e marcas*. São Paulo: Arte & Ciência, 2007. p. 141.

"Mal secreto" compreende um soneto em versos decassílabos cujo tema central é a desilusão com o mundo das aparências e com o verdadeiro "mal secreto" que nos assola – a adoção das máscaras sociais. Com acentuado pessimismo, Raimundo Correia discorre poeticamente sobre a inveja que se sente de pessoas que, na verdade, despertariam um sentimento de piedade. Dessa forma, o poeta se afasta da impessoalidade pregada pelo Parnasianismo, abordando uma temática ligada às agruras mais prosaicas da condição humana.

Alberto de Oliveira

O que, entretanto, sela a constância do Parnasianismo em Alberto de Oliveira é a fidelidade a certas leis métricas [...].

Aliás, não só na métrica procurou ser duro o mestre fluminense; também a sua sintaxe mais de uma vez se contrai em inversões neoclássicas [...].

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1994. p. 222-223.

Antônio Mariano Alberto de Oliveira nasceu em 28 de abril de 1859, em Saquarema, província do Rio de Janeiro. Formou-se em Farmácia e cursou Medicina até o terceiro ano, tendo conhecido, durante o curso, Olavo Bilac, de quem se tornou amigo. Assim, os dois colegas, somados a Raimundo Correia, formaram a "tríade parnasiana". Entre os três, Alberto de Oliveira foi o mais fiel e ortodoxo às normas parnasianas. Manteve-se, na maior parte de suas obras, leal aos exaustivos rigores formais do movimento, cultivando a

objetividade, a impassibilidade, a busca da arte pela arte e a linguagem descritiva em seus poemas.

Tem como obras *Canções românticas*, cujos poemas, ainda que de certa maneira voltados ao Romantismo, são marcados pelo valor dado à técnica e pela contenção própria ao estilo parnasiano; *Meridionais*; *Sonetos e poemas* – que publicou a pedido de seus leitores; *Versos e rimas*; e *Por amor de uma lágrima*.

A crítica aponta como temas centrais da poética de Alberto de Oliveira

Observação e concepção estética da natureza, dos objetos e da mulher

Melancolia diante da perda do ser amado

Sublimação amorosa

Uso das expressões míticas e históricas da arte grega e oriental

Vaso chinês

Estranho mimo, aquele vaso! Vi-o,
Casualmente, uma vez, de um perfumado
Contador sobre o mármore lúcido,
Entre um leque e o começo de um bordado.

Fino artista chinês, enamorado
Nele pusera o coração doentio
Em rubras flores de um sutil lavrado,
Na tinta ardente, de um calor sombrio.

Mas, talvez por contraste à desventura –
Quem o sabe?... de um velho mandarim
Também lá estava a singular figura;

Que arte em pintá-la! A gente acaso vendo-a
Sentia um não sei quê com aquele chim
De olhos cortados à feição de amêndoa.

OLIVEIRA, Alberto de. "Vaso chinês". In: MOISÉS, Massaud. *A literatura brasileira através dos textos*. 25. ed. São Paulo: Cultrix, 2000. p. 241.

No soneto decassílabo "Vaso chinês", Alberto de Oliveira mostra sua preocupação com o rigor formal que o Parnasianismo defendia. No poema, há predominância do aspecto descritivo – um vaso detalhado e cultuado –, o que reflete certo requinte próprio ao gosto da burguesia da época do poeta. Com relação à linguagem, há hipérbatos (inversões sintáticas), que garantem o rebuscamento da forma. É fundamental atentarmos para o fato de que "Vaso chinês" se distancia explicitamente de temas ligados ao cotidiano social: a sua intenção era mesmo valorizar a estética e a forma, ainda que o conteúdo pudesse parecer, principalmente aos olhos do leitor de hoje, alienante.

contador: tipo de armário antigo, com pequenas gavetas.

lavrado: trabalhado.

mandarim: funcionário público da alta hierarquia da antiga China.

chim: chinês.

Simbolismo: o poeta é um músico

Nas últimas décadas do século XIX na Europa, surgiu uma reação ao espírito positivista, pois era necessário retomar valores que se opunham ao objetivismo da era realista. Assim, no momento histórico em que o racionalismo e o materialismo já não eram suficientes para refletir os anseios humanos, passou a vigorar o Simbolismo.

A escola foi considerada uma espécie de continuação do Romantismo, na medida em que ansiava por reformas e, ao mesmo tempo, buscava refúgio fora do mundo real – era preciso fugir da racionalidade e mergulhar no interior do indivíduo, esbarrando na fronteira entre o sono e a vigília.

O Simbolismo, de experiência mais sensível e delicada, ocorre na mesma época do Parnasianismo, e ambas as escolas são alienadas do contexto histórico-cultural em que se inserem. Contrariamente ao cientificismo e ao objetivismo anteriores, a arte simbolista passa a representar o subjetivo e o inconsciente, buscando a unidade do ser.

Dessa forma, tal estética pode ser considerada uma radicalização do movimento romântico, uma tentativa renovada de expressar o dilema “eu X mundo”, em que o eu lírico se encontra em constante conflito existencial e na busca de sua verdade mais íntima. Ainda que possa ser nomeado Neorromantismo, o Simbolismo e sua poesia não são somente pautados pelo culto à emoção e ao sentimentalismo. Para os simbolistas, os versos deveriam representar a busca do eterno conhecimento de si e da arte, usando o racional para entender o emocional, na tentativa de conciliar os dois opostos. Vale salientar que o termo “símbolo”, que dá nome a esse movimento literário, consiste na ideia de concentrar a expressão subjetiva de sensações e sentimentos nas palavras por meio de grande liberdade lógica.

As primeiras manifestações simbolistas se deram ainda no âmbito da antologia *Le Parnasse Contemporain*, com Mallarmé, Baudelaire e Verlaine; mas é com Charles Baudelaire, em *As flores do mal*, de 1857, que podemos confirmar o direcionamento da poesia simbolista em território europeu.

Características do Simbolismo

O “eu profundo” e o uso das metáforas e evocações

No Simbolismo, a busca da verdade e das respostas às questões existenciais era possível por meio de um mergulho no subconsciente. Os simbolistas desejavam que a poesia interagisse com a vida cósmica, utilizando uma linguagem indireta e figurada, ou seja, eles faziam uso constante das evocações e das metáforas, voltando-se para o próprio “eu” e buscando se desapegar da realidade objetiva.

Cabe destacar que a diferença entre o Simbolismo e o Parnasianismo não estava na forma, já que ambos aplicavam o formalismo em seus sonetos, com métrica tradicional, rimas ricas e raras e vocabulário requintado. Entretanto, as escolas se distanciavam significativamente quanto ao conteúdo e à visão de mundo do artista.

O alvo e o translúcido

Nos poemas simbolistas, é constante o uso das cores claras para representar o profundo, o vago, o místico. Assim, são frequentes as menções à luz, aos astros, à névoa e à neblina. Os poetas também recorrem à ideia das transparências permitindo o **ver através** das coisas, dando margem para a imaginação. Além desses elementos, eram comuns as menções à **alma**, ao **ser**, ao **além** e ao **obscuro**, passíveis de personificação para transportarem o leitor à dimensão do ilógico. Dessa forma, entendia-se o mundo real como uma representação imperfeita do mundo ideal, o qual poderia ser tocado pela poesia.

Maiúsculas alegorizantes

Uma das características mais marcantes do movimento simbolista era a utilização de iniciais maiúsculas em substantivos comuns no interior dos versos, realçando a importância dessas palavras e personificando elementos abstratos que se faziam fundamentais para a mensagem do poema.

Geralmente, as maiúsculas eram usadas nas palavras que exprimiam certos nuances e intensidades que podiam ser apreendidas pelos sentidos, como em “Cor”, “Aroma”, “Doce” e “Áspero”, demonstrando uma busca sinestésica.

O uso da sinestesia e da música

Os simbolistas defendiam que todas as vivências e questões emocionais tinham equivalência no mundo espiritual do ser e do sentir – tudo era cor, movimento, perfume ou sensação. Havia, também, a possibilidade de junção de dois ou mais sentidos dentro da mesma expressão, como em “olhar amargo”. Nesse exemplo, fundem-se a visão e o paladar do eu lírico. Dá-se o nome de **sinestesia** a essa junção entre diferentes sentidos.

Além disso, a música era a forma máxima de expressividade por ser capaz de transmitir sentimentos da maneira mais verdadeira e intensa; os poetas acreditavam que, por meio do som, era possível expressar a subjetividade em sua forma mais plena. Assim, os poemas simbolistas buscavam assemelhar-se a uma canção, tornando-se, pelo trabalho com a sonoridade das palavras, convidativos à audição. De certa maneira, pode-se dizer que os poetas escreviam para aproximar seus textos da música, utilizando alguns recursos para isso, como a **rima aproximativa**, equilibrada (e não extrema, como no Parnasianismo); as **aliterações**; as **assonâncias**; e as **onomatopeias**. As já mencionadas sinestésias também colaboravam para essa imersão no universo da indiferenciação dos sentidos.

Observe exemplos de alguns desses recursos a seguir:

- **Aliteração:** repetição de sons consonantais (no início ou no interior da palavra).

No trecho a seguir, a repetição da consoante V sugere o som do vento.

Vozes **veladas** veludosas **vozes**,
Volúpias dos **violões**, **vozes** **veladas**,
Vagam nos velhos **vórtices** **velozes**
Dos **ventos**, **vivas**, **vãs**, vulcanizadas.

CRUZ E SOUSA, João da. “Violões que choram”. In: PRANDINI, Paola (org.). *Cruz e Sousa: Retratos do Brasil negro*. São Paulo: Selo Negro, 2011.

- **Assonância:** repetição de sons vocálicos (idênticos ou semelhantes).

Gargalha, **ri**, num riso de tormenta,
como um palhaço, que desengonçado,
nervoso, **ri**, num riso absurdo, inflado
de uma ironia e de uma dor violenta.

CRUZ E SOUSA, João da. “Acrobata da dor”. *Broquéis*.
São Paulo: Edusp, 1994. p. 105.

- **Sinestesia:** fusão de sentidos (mistura de sensações visuais, olfativas, táteis, auditivas e gustativas).

E a Lua vai clorótica fulgindo
Nos seus alperces etereais e brancos,
A **luz gelada** e **pálida** diluindo
Das serranias pelos largos flancos...

CRUZ E SOUSA, João da. “Lua”. *Broquéis*. São Paulo: Edusp, 1994. p. 51.

Simbolismo no Brasil

No Brasil, o Simbolismo teve início com a publicação de *Missal e Broquéis*, ambos do poeta Cruz e Sousa, em 1893. A escola não foi um movimento de grande representatividade como na Europa e não conseguiu se sobressair à literatura realista e parnasiana, o que se explica, em parte, pelo fato de que uma poesia do inconsciente e de caráter intimista não se prestava à reflexão sobre as questões nacionais que se impunham racionalmente desde a Primeira República.

O Parnasianismo gozava de grande prestígio entre a elite “erudita” da época, que considerava os poemas dessa estética mais fáceis de ler e mais palpáveis no tocante ao conteúdo. Nesse sentido, acabou-se criando certa rivalidade entre o movimento parnasiano e o simbolista, entrave que ganhou maior repercussão após os parnasianos apelidarem os simbolistas de “nefelibatas” – pessoas que “habitam as nuvens”, vivendo sonhos e escrevendo por meio de uma linguagem sugestiva e sem contenção emocional.

Cruz e Sousa

João da Cruz e Sousa nasceu em Nossa Senhora do Desterro, antigo nome dado à cidade de Florianópolis, em Santa Catarina, e era filho de escravizados alforriados. O autor passou por inúmeras dificuldades por conta do preconceito racial, mas, desde criança, teve o amparo dos protetores Marechal Guilherme Xavier de Sousa e de sua esposa – de quem herdara o sobrenome. O casal não tinha filhos e cuidou de Cruz e Sousa, dando-lhe educação e oportunidades. Em 1885, em parceria com Virgílio Várzea, o poeta publicou seus primeiros escritos na obra *Tropos e fantasias*, composta de textos que versavam contra a escravidão. O ápice do preconceito sofrido pelo poeta se deu quando foi impedido de assumir a promotoria de Laguna por ser negro. Mudando-se para o Rio de Janeiro, Cruz e Sousa formou o primeiro grupo simbolista, junto a Bernardino Lopes e Oscar Rosas.

O poeta foi fortemente influenciado por Baudelaire, dando à sua obra certo caráter obscuro e pessimista. Ele era obcecado pela noite e utilizava, sobretudo, versos filosófico-científicos para tentar explicar seu inconformismo com as situações sociais. Como características estilísticas, podemos

destacar a **obsessão pelo branco**, o que aumentava o **caráter místico** de suas obras. Seus poemas eram arquitetados pelo binômio “**dor-revolta**”, além do frequente uso de **sinestias** e **versos dotados de sonorização poética**.

Suas obras mais representativas são *Missal*, *Broquéis*, *Evocações*, *Faróis* e *Últimos sonetos*, esta última publicada postumamente, em 1905. Elas apresentavam uma série de peculiaridades e inovações formais, mas mantinham, ainda, certo vínculo com o Parnasianismo, dada a preferência pelos **sonetos**, pelas **rimas ricas** e pelo cientificismo, usado para explicar o pessimismo e a certa obscuridade por trás de seus versos.

Violões que choram

Ah! plangentes violões dormentes, mornos,
Soluços ao luar, choros ao vento...
Tristes perfis, os mais vagos contornos,
Bocas murmurejantes de lamento.

[...]

Quando os sons dos violões vão soluçando,
Quando os sons dos violões nas cordas gemem,
E vão dilacerando e deliciando,
Rasgando as almas que nas sombras tremem.

[...]

Vozes veladas, veludosas vozes,
Volúpias dos violões, vozes veladas,
Vagam nos velhos vórtices velozes
Dos ventos, vivas, vãs, vulcanizadas.

Tudo nas cordas dos violões ecoa
E vibra e se contorce no ar, convulso...
Tudo na noite, tudo clama e voa
Sob a febril agitação de um pulso.

Que esses violões nevoentos e tristonhos
São ilhas de degredo atroz, funéreo,
Para onde vão, fatigadas do sonho,
Almas que se abismaram no mistério.

[...]

CRUZ E SOUSA, João da. “Violões que choram”. In: PRANDINI, Paola (org.). *Cruz e Sousa: Retratos do Brasil negro*. São Paulo: Selo Negro, 2011.

“Violões que choram” é um poema de forte apelo sonoro, com variações nas aliterações e modulações vocálicas. Ocorre sinestesia em “veludosas vozes”, já que o adjetivo “veludosas” traduz uma impressão tátil e o substantivo “vozes” diz respeito ao que é audível. Ao todo, são 36 estrofes de quatro versos decassílabos cada – o que ainda prende o poema aos moldes mais clássicos de composição poética.

Com relação à temática, o “violão” traz uma simbologia ainda maior que a música, pois expressa, também, certa sensualidade, quando o poeta cita que os dedos “fazem as cordas gemerem”. As imagens do poema são imprecisas, fluidas, coerentes com a proposta do movimento de apenas sugerir sensações. Seu título, “Violões que choram”, também se faz notar pela personificação do instrumento; os violões choram, soluçam e lamentam, refletindo um estado de espírito angustiado e melancólico.

Alphonsus de Guimaraens

Alphonsus de Guimaraens era Afonso Henrique da Costa Guimarães e nasceu na cidade de Ouro Preto, em Minas Gerais, no dia 24 de julho de 1870. O poeta cursou a faculdade de Engenharia, mas, nesse período, acabou sofrendo um grande abalo emocional ao perder Constança – nome que aparece continuamente na lírica do poeta –, sua prima e noiva.

As obras do poeta tinham como temáticas centrais o amor e a morte da amada, o que o leva a um tom **elegíaco** e fúnebre. A morte na poesia de Alphonsus de Guimaraens é a forma sublime de transcendência e reaproximação de sua amada. Alphonsus também foi um dos poetas mais místicos do movimento simbolista, dada a sua ênfase na religiosidade, sobretudo no culto à Virgem Maria – a chamada lírica mariana. Seus poemas são compostos, esteticamente, tanto de redondilhas medievais quanto de versos decassílabos (a chamada medida nova), sendo essas formas poéticas empregadas de modo a submergir o leitor em seu mundo de ilusão e misticismo.

Ismália, personagem que dá título ao poema a seguir, é aquela que sonha com a união entre o corpo e o espírito e que almeja se entregar ao amor absoluto e à loucura. A insanidade em “Ismália” é poética, aproxima-se do devaneio e distancia-se da realidade. Os quartetos do poema impressionam pela delicadeza narrativa para contar a saga de uma moça que, metamorfoseada em anjo, vai ao encontro da lua no mar, das duas imensidões e, assim, experimenta a completude.

Ismália

Quando Ismália enlouqueceu,
Pôs-se na torre a sonhar...
Viu uma lua no céu,
Viu outra lua no mar.

No sonho em que se perdeu,
Banhou-se toda em luar...
Queria subir ao céu,
Queria descer ao mar...

E, no desvario seu,
Na torre pôs-se a cantar...
Estava perto do céu,
Estava longe do mar...

E como um anjo pendeu
As asas para voar...
Queria a lua do céu,
Queria a lua do mar...

As asas que Deus lhe deu
Ruflaram de par em par...
Sua alma subiu ao céu,
Seu corpo desceu ao mar...

GUIMARAENS, Alphonsus de. “Ismália”. In: MOISÉS, Massaud. *A literatura brasileira através dos textos*. São Paulo: Cultrix, 2000. p. 331-2.

elegíaco: que exprime tristeza; lamentoso.

Revisando



Leia atentamente os dois fragmentos de poemas a seguir para responder às questões de **1 a 5**.

Profissão de fé

[...]
Invejo o **ourives** quando escrevo:
Imito o amor
Com que ele, em ouro, o alto-relevo
Faz de uma flor.
[...]

Por isso, corre, por servir-me,
Sobre o papel
A pena, como em prata firme
Corre o **cinzel**.
[...]

Torce, aprimora, alteia, lima
A frase; e, enfim,
No verso de ouro engasta a rima,
Como um rubim.

Quero que a estrofe cristalina,
Dobrada ao jeito
Do ourives, saia da oficina
Sem um defeito:
[...]

BILAC, Olavo. Profissão de fé. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bi000179.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2021.

Antífona

Ó Formas alvas, brancas, Formas claras
De luares, de neves, de neblinas!...
Ó Formas vagas, fluidas, cristalinas...
Incensos dos turíbulos das aras...
[...]

Indefiníveis músicas supremas,
Harmonias da Cor e do Perfume...
Horas do Ocaso, trêmulas, extremas,
Réquiem do Sol que a Dor da Luz resume...
[...]

Infinitos espíritos dispersos,
Inefáveis, edênicos, aéreos,
Fecundai o Mistério destes versos
Com a chama ideal de todos os mistérios.
[...]

CRUZ E SOUSA, João da. “Antífona”. In: MOISÉS, Massaud. *A literatura brasileira através dos textos*. São Paulo: Cultrix, 2000. p. 308.

ourives: profissional que produz peças/joias em ouro, prata e pedras preciosas.

cinzel: instrumento feito de lâmina de aço para trabalhar metais e/ou pedras.

antífona: versículo que prenuncia um salmo.

inefável: aquilo que não se pode explicar com palavras; encantador, prazeroso.

edênico: relativo a Éden; paradisíaco.

1. No poema “Profissão de fé”, o eu lírico afirma invejar o ourives ao escrever. Qual é a intenção de se aproximar o ofício do poeta ao trabalho do ourives?

2. No poema “Antífona”, lemos que as “formas” recebem características impalpáveis, vagas e misteriosas. O que seriam essas formas e qual seria o objetivo dessa adjetivação?

3. Em que esses dois poemas se aproximam e em que eles se diferenciam? Considere forma, temática e linguagem.

4. A escassez de verbos chama a atenção no poema de Cruz e Sousa. A partir dessa constatação, o que é possível deduzir das intenções literárias do poeta simbolista?

5. Em “Antífona”, Cruz e Sousa faz uso das chamadas maiúsculas alegorizantes. Qual é o propósito desse recurso da linguagem poética dos simbolistas?



Leia o poema a seguir, do poeta Olavo Bilac, e responda às questões de 6 a 8.

Língua Portuguesa

Última flor do **Lácio**, inculta e bela,
És, a um tempo, esplendor e sepultura:
Ouro nativo, que na ganga impura
A bruta mina entre os cascalhos vela...

Amo-te assim, desconhecida e obscura,
Tuba de alto **clangor**, lira singela,
Que tens o **trom** e o silvo da procela
E o arrollo da saudade e da ternura!

Amo o teu viço agreste e o teu aroma
De virgens selvas e de oceano largo!
Amo-te, ó rude e doloroso idioma,

Em que da voz materna ouvi: “meu filho!”
E em que Camões chorou, no exílio amargo,
O gênio sem ventura e o amor sem brilho!

BILAC, Olavo. “Língua Portuguesa”. *Poemas de Olavo Bilac: seleção de poemas* [livro eletrônico]. São Paulo: Melhoramentos, 2014. (Clássicos Melhoramentos).

Lácio: região da Itália onde se falava latim, que, posteriormente, deu origem a outras línguas.

clangor: som forte, estridente.

trom: grande ruído, estrondo.

6. Sabe-se que Olavo Bilac, pertencente à tríade parnasiana, exalta o idioma e valoriza a forma do poema, transformando-o em arte. É possível afirmar que há, no poema, função metalinguística? Qual é a relação que o eu lírico mantém com o seu idioma?

- b) a prosperidade individual, como a exuberância da terra, independe de políticas de governo.
- c) os valores afetivos atribuídos à família devem ser aplicados também aos ícones nacionais.
- d) a capacidade produtiva da terra garante ao país a riqueza que se verifica naquele momento.
- e) a valorização do trabalhador passa a integrar o conceito de bem-estar social experimentado.

4. Enem 2013

Mal secreto

Se a cólera que espuma, a dor que mora
N'alma, e destrói cada ilusão que nasce,
Tudo o que punge, tudo o que devora
O coração, no rosto se estampasse;

Se se pudesse, o espírito que chora,
Ver através da máscara da face,
Quanta gente, talvez, que inveja agora
Nos causa, então piedade nos causasse!

Quanta gente que ri, talvez, consigo
Guarda um atroz, recôndito inimigo,
Como invisível chaga cancerosa!

Quanta gente que ri, talvez existe,
Cuja ventura única consiste
Em parecer aos outros venturosa!

CORREIA, R. In: PATRIOTA, M. *Para compreender Raimundo Correia*. Brasília: Alhambra, 1995.

Coerente com a proposta parnasiana de cuidado formal e racionalidade na condução temática, o soneto de Raimundo Correia reflete sobre a forma como as emoções do indivíduo são julgadas em sociedade. Na concepção do eu lírico, esse julgamento revela que

- a) a necessidade de ser socialmente aceito leva o indivíduo a agir de forma dissimulada.
- b) o sofrimento íntimo torna-se mais ameno quando compartilhado por um grupo social.
- c) a capacidade de perdoar e aceitar as diferenças neutraliza o sentimento de inveja.
- d) o instinto de solidariedade conduz o indivíduo a apiedar-se do próximo.
- e) a transfiguração da angústia em alegria é um artifício nocivo ao convívio social.

5. UPE 2019 Leia os poemas, compare-os e observe os momentos literários a que pertencem.

TEXTO 1

Flores da Lua

Brancuras imortais da Lua Nova,
Frios de nostalgia e sonolência...
Sonhos brancos da Lua e viva essência
Dos fantasmas noctívagos da Cova.

Da noite a tarde e taciturna trova
Soluça, numa trêmula dormência...
Na mais branda, mais leve florescência
Tudo em Visões e Imagens se renova.

Mistérios virginais dormem no Espaço,
Dormem o sono das profundas seivas,
Monótono, infinito, estranho e lasso...

E das Origens na luxúria forte
Abrem nos astros, nas sidéreas leivas
Flores amargas do palor da Morte.

Cruz e Sousa

TEXTO 2

Cantem outros a clara cor virente
Do bosque em flor e a luz do dia eterno...
Envoltos nos clarões fulvos do oriente,
Cantem a primavera: eu canto o inverno.

Para muitos o imoto céu clemente
É um manto de carinho suave e terno:
Cantam a vida, e nenhum deles sente
Que decantando vai o próprio inferno.

Cantem esta mansão, onde entre prantos
Cada um espera o sepulcral punhado
De úmido pó que há de abafar-lhe os cantos...

Cada um de nós é a bússola sem norte.
Sempre o presente pior do que o passado.
Cantem outros a vida: eu canto a morte.

Alphonsus de Guimarães

TEXTO 3

A Morte

Oh! a jornada negra! A alma se despedaça...
Tremem as mãos... O olhar, molhado e ansioso, espia,
E vê fugir, fugir a ribanceira fria,
Por onde a procissão dos dias mortos passa.

No céu gelado expira o derradeiro dia,
Na última região que o teu olhar devassa!
E só, trevoso e largo, o mar estardalhaça
No indizível horror de uma noite vazia...

Pobre! por que, a sofrer, a leste e a oeste, ao norte
E ao sul, desperdiçaste a força de tua alma?
Tinhas tão perto o Bem, tendo tão perto a Morte!

Paz à tua ambição! paz à tua loucura!
A conquista melhor é a conquista da Calma:
— Conquistaste o país do Sono e da Ventura!

Olavo Bilac

Sobre os poemas, assinale a alternativa CORRETA.

- a) Os três poemas expressam as emoções de um eu poético, cansado de viver e amante da morte, o que caracteriza o ultrarromantismo.
- b) Todos os poemas têm por tema o escapismo, pois a morte significa, em última instância, a fuga da vida; além disso, a forma fixa e o uso das reticências são características exclusivas do último movimento literário iniciado no final do século XIX, o Simbolismo.

- c) Nos três poemas, o eu lírico é intimista. Isso se revela pelo uso intenso da primeira pessoa do singular, que demarca um eu poético, além de intimista, marcadamente subjetivo.
- d) Os dois primeiros poemas são simbolistas, e o terceiro é parnasiano. Os três têm o mesmo número de estrofes, são sonetos; contudo, os dois primeiros apresentam versos de dez sílabas poéticas, enquanto no terceiro, os versos são dodecassílabos ou alexandrinos.
- e) Os poemas 1 e 3 são parnasianos, pois neles há impessoalidade em decorrência do distanciamento do eu poético. Por outro lado, o segundo soneto se conclui na primeira pessoa, o que lhe confere um tom intimista.

- 6. Unesp 2020** Tal movimento distingue-se pela atenuação do sentimentalismo e da melancolia, a ausência quase completa de interesse político no contexto da obra (embora não na conduta) e (como os modelos franceses) pelo cuidado da escrita, aspirando a uma expressão de tipo plástico. O mito da pureza da língua, do casticismo vernacular abonado pela autoridade dos autores clássicos, empolgou toda essa fase da cultura brasileira e foi um critério de excelência. É possível mesmo perguntar se a visão luxuosa dos autores desse movimento não representava para as classes dominantes uma espécie de correlativo da prosperidade material e, para o comum dos leitores, uma miragem compensadora que dava conforto.

(Antonio Candido. *Iniciação à literatura brasileira*, 2010. Adaptado.)

O texto refere-se ao movimento denominado

- a) Romantismo.
 - b) Barroco.
 - c) Parnasianismo.
 - d) Arcadismo.
 - e) Realismo.
- 7. UPF-RS 2018** Considere as afirmações a seguir em relação ao Parnasianismo.
- I. Os autores realistas, diferentemente dos parnasianos, buscam a impessoalidade no tratamento dos temas.
 - II. A poesia de Olavo Bilac, embora cronologicamente esteja vinculada ao Parnasianismo, destaca-se pela defesa dos ideais românticos.
 - III. O culto da forma é uma característica marcante desse estilo de época, que surge no Brasil na segunda metade do século XIX.

Está **correto** apenas o que se afirma em:

- a) II.
- b) I.
- c) I e III.
- d) II e III.
- e) III.

- 8. Unesp 2018** Leia o soneto de Raimundo Correia (1859-1911).

Esbraseia o Ocidente na agonia
O sol... Aves em bandos destacados,
Por céus de ouro e de púrpura raiados,
Fogem... Fecha-se a pálpebra do dia...

Delineiam-se, além, da serra
Os vértices de chama aureolados,
E em tudo, em torno, esbatem derramados
Uns tons suaves de melancolia...

Um mundo de vapores no ar flutua...
Como uma informe nódoa, avulta e cresce
A sombra à proporção que a luz recua...

A natureza apática esmaece...
Pouco a pouco, entre as árvores, a lua
Surge trêmula, trêmula... Anoi-tece.

(*Poesia completa e prosa*, 1961.)

- a) Transcreva da primeira estrofe um exemplo de personificação. Justifique sua resposta.
- b) Cite duas características que permitem filiar esse soneto à estética parnasiana.

9. **Unifesp 2013** Essa poesia não logrou estabelecer-se em Portugal. De origem francesa, suas primeiras manifestações datam de 1866, quando um editor parisiense publica uma coletânea de poemas; em 1871 e 1876, saem outras duas coletâneas. Os poetas desse movimento literário pregam o princípio da Arte pela Arte, isto é, defendem uma arte que não sirva a nada e a ninguém, uma arte inútil, uma arte voltada para si própria. A Arte procuraria a Beleza e a Verdade que existiriam nos seres concretos, e não no sentimento do artista. Por isso, o belo se confundiria com a forma que o reveste, e não com algo que existiria dentro dele. Daí vem que esses poetas sejam formalistas e puguem o cuidado da forma artística como exigência preliminar. Para consegui-lo, defendem uma atitude de impassibilidade diante das coisas: não se emocionar jamais; antes, impessoalizar-se tanto quanto possível pela descrição dos objetos, via de regra inertes ou obedientes aos movimentos próprios da Natureza (o fluxo e refluxo das ondas do mar, o voo dos pássaros, etc.). Esteticistas, anseiam uma arte universalista. Em Portugal, tentou-se introduzir esse movimento; certamente, impregnou alguns poetas, exerceu influência, mas não passou de prurido, que pouco alterou o ritmo literário do tempo. Na verdade, o modo fortuito como alguns se deixaram contaminar da nova moda poética revelava apenas veiledade francófila, em decorrência de razões de gosto pessoal ou de grupos restritos: faltou-lhes intuito comum.

(Massaud Moisés. *A literatura portuguesa*, 1999. Adaptado.)

As informações apresentadas no texto referem-se à literatura

- a) simbolista, cuja busca pelo Belo implicou a liberdade na expressão dos sentimentos. O texto deixa claro que essa literatura alcançou notável aceitação entre os poetas da época.
- b) simbolista, cuja preocupação com a expressão do sentimento filia-se à tradição poética do Renascimento. O texto deixa claro que essa literatura teve um desenvolvimento tímido na cena literária portuguesa.
- c) parnasiana, cuja preocupação com a objetividade a opõe ao subjetivismo romântico. O texto deixa claro que essa literatura não se impôs na cena literária portuguesa.
- d) parnasiana, cuja liberdade de expressão e cujo compromisso social permitem fundamentar a Arte pela Arte. O texto deixa claro que essa literatura teve pouco espaço na cena literária portuguesa.
- e) realista, cuja influência da tradição clássica é fundamental para se chegar à perfeição. O texto deixa claro que essa literatura teve uma disseminação irregular na cena literária portuguesa.

10. Enem 2020

Hino à Bandeira

Em teu seio formoso retratas
Este céu de puríssimo azul,
A verdura sem par destas matas,
E o esplendor do Cruzeiro do Sul.

Contemplando o teu vulto sagrado,
Compreendemos o nosso dever,
E o Brasil por seus filhos amado,
Poderoso e feliz há de ser!

Sobre a imensa Nação Brasileira,
Nos momentos de festa ou de dor,
Paira sempre sagrada bandeira
Pavilhão da justiça e do amor!

BILAC, O.; BRAGA, F. Disponível em: www2.planalto.gov.br.
Acesso em: 10 dez. 2017 (fragmento).

No Hino à Bandeira, a descrição é um recurso utilizado para exaltar o símbolo nacional na medida em que

- a) remete a um momento futuro.
- b) promove a união dos cidadãos.
- c) valoriza os seus elementos.
- d) emprega termos religiosos.
- e) recorre à sua história.

11. **UPF-RS 2019** Sobre o Simbolismo e os poetas surgidos nesse momento no Brasil, apenas é **correto** afirmar que

- a) na literatura europeia, o simbolismo não exerceu a função relevante que o distinguiu no Brasil.
- b) os poetas simbolistas brasileiros não investem na sonoridade como forma de provocar sensações.
- c) a imagem, recurso empregado com frequência na poesia brasileira de outros períodos, está ausente nos versos dos simbolistas.
- d) a originalidade de Augusto dos Anjos não dificulta sua inserção no Simbolismo, uma vez que o poeta em nada se aproxima de outras tendências e estilos de época.
- e) destacam-se, entre os simbolistas brasileiros, Cruz e Souza e Alphonsus de Guimaraens.

12. Enem 2014

Vida obscura

Ninguém sentiu o teu espasmo obscuro,
ó ser humilde entre os humildes seres,
embriagado, tonto de prazeres,
o mundo para ti foi negro e duro.

Atravessaste no silêncio escuro
a vida presa a trágicos deveres
e chegaste ao saber de alto saberes
tornando-te mais simples e mais puro.

Ninguém te viu o sentimento inquieto,
magoado, oculto e aterrador, secreto,
que o coração te apunhalou no mundo.

Mas eu que sempre te segui os passos
sei que cruz infernal prendeu-te os braços
e teu suspiro como foi profundo!

CRUZ E SOUSA. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1961.

Com uma obra densa e expressiva no Simbolismo brasileiro, Cruz e Sousa transpôs para seu lirismo uma sensibilidade em conflito com a realidade vivenciada. No soneto, essa percepção traduz-se em

- a) sofrimento tácito diante dos limites impostos pela discriminação.
- b) tendência latente ao vício como resposta ao isolamento social.
- c) extenuação condicionada a uma rotina de tarefas degradantes.
- d) frustração amorosa canalizada para as atividades intelectuais.
- e) vocação religiosa manifesta na aproximação com a fé cristã.

13. Unesp 2018

Esse movimento descobriu algo que ainda não havia sido conhecido ou enfatizado antes: a “poesia pura”, a poesia que surge do espírito irracional, não conceitual da linguagem, oposto a toda interpretação lógica. Assim, a poesia nada mais é do que a expressão daquelas relações e correspondências, que a linguagem, abandonada a si mesma, cria entre o concreto e o abstrato, o material e o ideal, e entre as diferentes esferas dos sentidos.

Sendo a vida misteriosa e inexplicável, como pensavam os adeptos desse movimento, era natural que fosse representada de maneira imprecisa, vaga, nebulosa, ilógica e ininteligível.

(Afrânio Coutinho. *Introdução à literatura no Brasil*, 1976. Adaptado.)

O comentário do crítico Afrânio Coutinho refere-se ao movimento literário denominado

- a) Parnasianismo.
- b) Romantismo.
- c) Realismo.
- d) Simbolismo.
- e) Arcadismo.

14. Udesc 2014

Cavador do Infinito

Com a lâmpada do Sonho desce aflito
E sobe aos mundos mais imponderáveis,
Vai abafando as queixas implacáveis,
Da alma o profundo e soluçado grito.

Ânsias, Desejos, tudo a fogo escrito
Sente, em redor, nos astros inefáveis.
Cava nas fundas eras insondáveis
O cavador do trágico Infinito.

E quanto mais pelo Infinito cava
Mais o Infinito se transforma em lava
E o cavador se perde nas distâncias...

Alto levanta a lâmpada do Sonho
E com seu vulto pálido e tristonho
Cava os abismos das eternas ânsias!

SOUSA, Cruz e. *Últimos Sonetos*. www.dominiopublico.gov.br.

Analise as proposições em relação ao soneto “Cavador do Infinito”, Cruz e Souza.

- I. A leitura do poema leva o leitor a inferir que o cavador do infinito é a representação da imagem do próprio poeta, ou seja, um autorretrato do poeta simbolista.

- II. Da leitura do poema infere-se que a metáfora está centrada na lâmpada do sonho, a qual se refere à imaginação onírica do poeta e ilumina o seu inconsciente.
- III. O sinal de pontuação – reticências – no verso 11, acentua o clima de indefinível, levando o leitor a inferir sobre a situação – o drama vivido pelo eu lírico.
- IV. No plano formal, o uso de letra maiúscula em substantivos comuns é uma característica do Simbolismo, como ocorre em: “*Sonho*” (versos 1 e 12), “*Ânsias*” e “*Desejos*” (verso 5); “*Infinito*” (versos 8 e 9). Usada como alegoria, a letra maiúscula tenciona dar um sentido de transcendência, de valor absoluto.
- V. Da leitura do poema e do contexto literário simbolista, infere-se que o título do poema “Cavador do Infinito” reforça a ideia a que o soneto remete: o poeta simbolista busca a transcendência, a transfiguração da realidade cotidiana para uma dimensão metafísica, que é uma característica da estética simbolista.

Assinale a alternativa correta.

- a) Somente as afirmativas II e III são verdadeiras.
- b) Somente as afirmativas I, III e V são verdadeiras.
- c) Somente as afirmativas II, III, IV e V são verdadeiras.
- d) Somente as afirmativas I, IV e V são verdadeiras.
- e) Todas as afirmativas são verdadeiras.

- 15. Unioeste-PR 2018 Tendo em vista os tercetos abaixo e os poemas de onde foram extraídos, *O Incêndio de Roma* e *Sinfonias do Ocaso*, bem como seus respectivos autores, Olavo Bilac e Cruz e Sousa, assinale a alternativa INCORRETA.

Nero, com o manto grego ondeado ao ombro, assoma
Entre os libertos, e ébrio, engrinaldada a fronte,
Lira em punho, celebra a destruição de Roma.

Ah! por estes sinfônicos ocasos
A terra exala aromas de áureos vasos,
Incensos de turíbulos divinos.

- a) A impassibilidade de Nero (1º terceto) perante o incêndio devastador pode ser interpretada como a representação ideal do artista na estética parnasiana.
- b) A destruição de Roma (1º terceto) alude a um fato histórico e faz do Imperador Nero a representação de um louco.
- c) Ao contrário de Olavo Bilac, Cruz e Sousa conseguiu vencer os preconceitos e sobrepor-se ao jugo de uma sociedade hostil e escravocrata.
- d) A exploração da musicalidade, de assonâncias e de aliterações e a presença de vocabulário litúrgico são comuns na poesia de Cruz e Sousa.
- e) A percepção do objeto (pôr do sol) não pela visão, mas pela audição – sinestesia – caracteriza o poema aludido no 2º terceto.

16. UFRGS 2018 No bloco superior abaixo, estão listados os movimentos literários brasileiros; no inferior, características desses movimentos. Associe adequadamente o bloco inferior ao superior.

1. Arcadismo
2. Parnasianismo
3. Simbolismo

■ Representa um afastamento dos problemas sociais brasileiros, seguindo uma estética rígida.

■ Surge na periferia intelectual brasileira: Minas Gerais, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

■ Recupera o padrão estético clássico, fazendo resurgir a epopeia.

■ Busca transfigurar a condição humana, dando-lhe horizontes transcendentais.

A sequência correta de preenchimento dos parênteses, de cima para baixo, é

- a) 1 – 1 – 3 – 2.
- b) 1 – 3 – 2 – 2.
- c) 2 – 3 – 1 – 3.
- d) 2 – 3 – 3 – 1.
- e) 3 – 1 – 3 – 2.

17. Inesper-SP 2012

Acho que nunca falei do meu amigo parnasiano. Era poeta e jovem, hoje é mais poeta do que jovem.

Fazia umas brincadeiras com a linguagem dos poetas parnasianos, transplantando-a para banalidades de hoje.

[...]

Não sei dizer quando esse amigo começou com a brincadeira. Talvez na faculdade de Direito, e além do talvez não avanço. Uma noite, farreado, acabado e sem pouso, ele chegou a um daqueles hotéis de má fama que havia na Avenida Ipiranga, de escadaria longa, íngreme, estreita e desanimadora, e chamou lá de baixo:

— Estalajadeiro! Estalajadeiro!

Era já o parnasiano divertindo-se dentro dele. Um homem surgiu lá em cima, com má vontade. E o poeta, já possuído pela molecagem parnasiana, exclamou, teatral:

— Bom estalajadeiro! Tendes um catre para o meu repouso? Recebeu de troco palavrões bocagianos.

ANGELO, Ivan. *Veja SP*, 2 maio 2012.

Considere estas afirmações:

- I. O adjetivo “parnasiano”, atribuído ao amigo do narrador do texto, se deve à utilização de palavras pomposas, rebuscadas.
- II. No último período, o termo “bocagianos” faz referência aos versos satíricos de Manuel du Bocage, o mais importante autor do Parnasianismo lusitano.
- III. Depreende-se, da leitura do texto, que os poetas parnasianos valorizavam o plano da expressão, em detrimento do plano do conteúdo.

Está correto o que se afirma em

- a) I, apenas.
- b) I e II, apenas.
- c) II e III, apenas.
- d) I e III, apenas.
- e) I, II e III.

18. PUC-RS 2013 Para responder à questão, leia o poema “Encarnação”.

Carnais, sejam carnavais tantos desejos,
carnais, sejam carnavais tantos anseios,
palpitações e frêmitos e enleios,
das harpas da emoção tantos arpejos...

Sonhos, que vão, por trêmulos adejos,
à noite, ao luar, intumescer os seios
láteos, de finos e azulados veios
de virgindade, de pudor, de pejos...

Sejam carnavais todos os sonhos brumos
de estranhos, vagos, estrelados rumos
onde as Visões do amor dormem geladas...

Sonhos, palpitações, desejos e ânsias
formem, com claridades e fragrâncias,
a encarnação das lívidas Amadas!

Com base no poema e em seu contexto, afirma-se:

- I. A atmosfera onírica, a sugestão através de símbolos, a musicalidade das palavras por meio da aliteração são características que permitem associar o poema à escola simbolista.
- II. O eu lírico, em tom quase de súplica, ambiciona a concretização daquilo que pensa e deseja.
- III. O autor do poema também escreveu as obras *Missal* e *Broquéis*. Seu nome é Alphonsus de Guimaraens.

A(s) afirmativa(s) correta(s) é/são

- a) I, apenas.
- b) III, apenas.
- c) I e II, apenas.
- d) II e III, apenas.
- e) I, II e III.

19. Unifesp 2016 O Simbolismo é, antes de tudo, antipositivista, antinaturalista e anticientificista. Com esse movimento, nota-se o despontar de uma poesia nova, que ressuscitava o culto do vago em substituição ao culto da forma e do descritivo.

Massaud Moisés. *A literatura portuguesa*, 1994. Adaptado.

Considerando esta breve caracterização, assinale a alternativa em que se verifica o trecho de um poema simbolista.

- a) “É um velho paredão, todo gretado,
Roto e negro, a que o tempo uma oferenda
Deixou num cacto em flor ensanguentado
E num pouco de musgo em cada fenda.”
- b) “Erguido em negro mármore luzidio,
Portas fechadas, num mistério enorme,
Numa terra de reis, mudo e sombrio,
Sono de lendas um palácio dorme.”
- c) “Estranho mimo aquele vaso! Vi-o,
Casualmente, uma vez, de um perfumado
Contador sobre o mármore luzidio,
Entre um leque e o começo de um bordado.”

d) “Sobre um trono de mármore sombrio,
Num templo escuro e ermo e abandonado,
Triste como o silêncio e inda mais frio,
Um ídolo de gesso está sentado.”

e) “Ó Formas alvas, brancas, Formas claras
De luares, de neves, de neblinas!...
Ó Formas vagas, fluidas, cristalinas...
Incensos dos turíbulos das aras...”

Texto complementar

Entre parnasianos e simbolistas, figurou uma rara voz poética feminina. Conheça um pouco do perfil literário de Francisca Júlia no texto a seguir.

Francisca Júlia (1871-1920)

Francisca Júlia da Silva (1871-1920) nasceu em Eldorado Paulista (SP) e faleceu em São Paulo.

Sua estreia literária deu-se em 1891, nas páginas do jornal O Estado de São Paulo. Ao longo dos anos, publicou poemas em jornais e revistas, destacando-se pela alta qualidade dos versos, segundo os critérios do tempo. Francisca Júlia publicou quatro livros ao longo da vida. Seu primeiro e mais conhecido é *Mármore*, de 1895. Na sequência, compôs um volume de versos para crianças, intitulado *O livro da infância* (1899) e *Esfinges* (1903). Em 1912, junto com seu irmão, Júlio da Silva, publicou *Alma infantil*.

A crítica tem destacado usualmente, seguindo nisso a primeira recepção da sua obra, as características parnasianas da poesia de Francisca Júlia, deixando em segundo plano aquilo que João Ribeiro notara no prefácio a esse livro de estreia: a presença de significativos elementos simbolistas. A leitura, hoje, da sua obra, confirma a impressão do prefaciador. Embora muitos dos seus sonetos estejam entre os mais bem-acabados de sua época e muitos deles se enquadrem nos preceitos da impassibilidade parnasiana (que os melhores parnasianos, como Bilac, sistematicamente infringiram), é igualmente interessante (e talvez até mais, para o gosto de hoje) a parte da sua obra que se aproxima da dicção simbolista.

Alguns fatores, herdados em parte da primeira recepção, têm orientado, nem sempre de modo a produzir justiça ao seu talento e à qualidade da sua obra, a avaliação da sua poesia. Um deles é a insistência na condição feminina. No seu tempo, causou muita espécie aquilo que a crítica sua contemporânea identificou como dicção máscula, ou, pelo menos, dicção não feminina – entendido, nos moldes do tempo, o feminino como predominantemente sentimental e mesmo inferior, por condição, em termos estéticos. Recentemente, a valorização do feminino parece operar uma inversão nessa perspectiva, deslocando novamente a avaliação da obra para a questão do gênero. [...]

Com a disponibilização das primeiras edições, por certo a poesia de Francisca Júlia ganhará nova recepção, e – agora que o preconceito modernista contra a poesia parnasiana e simbolista começa a perder força como padrão único de avaliação literária no Brasil – os muitos poemas de primeiro nível presentes nos dois volumes, bem como a disposição significativa que permite compreendê-los como parte de um desenho maior, poderão ser devidamente apreciados.

FRANCHETTI, Paulo. Francisca Júlia (1871-1920). *Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin*. Disponível em: <https://www.bbm.usp.br/pt-br/Selecao-BBM-digital/francisca-j%C3%BAlia-1871-1920/>. Acesso em: 14 out. 2021.

Resumindo

Parnasianismo

- A estética parnasiana surge em oposição ao Romantismo e ao excesso de sentimentalismo, com uma poesia contida e racional. Os poetas parnasianos Olavo Bilac, Raimundo Correia e Alberto de Oliveira ficaram conhecidos como a tríade parnasiana.
- Entre as características do Parnasianismo, destacam-se: mitologia grega e descrição objetiva de objetos e cenas.
- Há a valorização da forma, com métrica perfeita, rimas ricas e uso preferencial do soneto.
- Entre as divergências com o Simbolismo, evidenciam-se poema descritivo, não sugestivo, com texto lógico e racional.
- O trabalho do poeta parnasiano é comparado ao do ourives, pois ambos trabalham sua matéria-prima (o ouro ou a palavra) para atingir a perfeição.

Simbolismo

- O Simbolismo é o movimento literário que surge como uma reação à forma objetiva/científica de ver o mundo e refletir sobre ele. Nomes como Cruz e Sousa e Alphonsus de Guimaraens estão entre os principais poetas simbolistas no Brasil.
- Entre as características do Simbolismo, destaca-se o resgate de elementos românticos, como a emoção, a introspecção e a subjetividade.
- Alguns dos temas no Simbolismo são mistério, ocultismo, morte, noite, abstrações, pessimismo e religiosidade.
- A linguagem poética simbolista faz uso de aliterações, assonâncias e sinestésias.
- Há referência constante à cor branca, transmitindo uma atmosfera de mistério e de coisas vagas.

Quer saber mais?



Filme

Cruz e Sousa – o poeta do desterro (1998), de Sylvio Back. O longa é uma reinvenção da vida e da obra do poeta simbolista João da Cruz e Sousa (1861-1898). Retrata suas paixões, sua compreensão social, racial e intelectual, resultando em seu trágico fim.



Livro

BAUDELAIRE, Charles. *As flores do mal*. São Paulo: Martin Claret, 2011.

A obra é considerada um marco da poesia simbolista. Nela, Charles Baudelaire cria uma nova linguagem, incorporando-a à sublimada do Romantismo. Suas poesias retratam as paixões da alma humana.

Exercícios complementares

1. **Acafe-SC 2017** Diferentemente do Realismo e do Naturalismo, que se voltavam para o exame e para a crítica da realidade, o Parnasianismo representou na poesia um retorno ao clássico, com todos os seus ingredientes: o princípio do belo na arte, a busca do equilíbrio e da perfeição formal. Os parnasianos acreditavam que o sentido maior da arte reside nela mesma, em sua perfeição, e não na sua relação com o mundo exterior.

CEREJA; MAGALHÃES, 1999, p. 334.

Sobre o Parnasianismo, assinale a alternativa **correta**.

- a) Os maiores expoentes do Parnasianismo, na poesia e na prosa, ocuparam-se da literatura indianista, na qual exaltavam a dignidade do nativo e a beleza superior da paisagem tropical.
- b) Um exemplo de poesia parnasiana é a obra *Suspiros poéticos e saudade*, de Gonçalves de Magalhães, na qual o poeta anuncia a revolução literária, libertando-se dos modelos românticos, considerados ultrapassados.
- c) Os parnasianos consideravam que certos princípios românticos, como a simplicidade da linguagem, valorização da paisagem nacional, emprego de sintaxe e vocabulário mais brasileiros, sentimentalismo, tudo isso ocultava as verdadeiras qualidades da poesia.
- d) Tomás Antônio Gonzaga e Cláudio Manoel da Costa exemplificam a tendência de uma poesia pura, indiferente às contingências históricas, com sátira à mestiçagem e elogio à nobreza local.
2. **EsPCEX-SP 2014** Quanto à poesia parnasiana, é correto afirmar que se caracteriza por
- a) buscar uma linguagem capaz de sugerir a realidade, fazendo, para tanto, uso de símbolos, imagens, metáforas, sinestésias, além de recursos sonoros e cromáticos, tudo com a finalidade de exprimir o mundo interior, intuitivo, antilógico e antirracional.
- b) cultivar o desprezo pela vida urbana, ressaltando o gosto pela paisagem campestre; elevar o Ideal de uma vida simples, integrada à natureza; conter nos poemas elementos da cultura greco-latina; apresentar equilíbrio espiritual, racionalismo.

- c) apresentar interesse por temas religiosos, refletindo o conflito espiritual, a morbidez como forma de acentuar o sentido trágico da vida, além do emprego constante de figuras de linguagem e de termos requintados.
- d) possuir subjetivismo, egocentrismo e sentimentalismo, ampliando a experiência da sondagem interior e preparando o terreno para investigação psicológica.
- e) pretender ser universal, utilizando-se de uma linguagem objetiva, que busca a contenção dos sentimentos e a perfeição formal.



Instrução: Para a questão **3**, marque **V** (verdadeiro) ou **F** (falso).

3. **UFPE 2013** Ainda que o fazer poético seja um tema recorrente na Literatura brasileira, suas diversas concepções são apresentadas de modo diferenciado de época para época. Assim, a partir da leitura dos poemas a seguir, analise as proposições seguintes.

Texto I

Longe do estéril turbilhão da rua,
Beneditino escreve! No aconchego
Do claustro, na paciência e no sossego,
Trabalha e teima, e lima, e sofre, e sua!

Mas que na forma se disfarce o emprego
Do esforço; e a trama viva se construa
De tal modo, que a imagem fique nua
Rica mas sóbria, como um templo grego.

Não se mostre na fábrica o suplício
Do mestre. E natural, o efeito agrade,
Sem lembrar os andaimes do edifício:

Porque a Beleza, gêmea da Verdade
Arte pura, inimiga do artifício,
É a força e a graça na simplicidade.

BILAC, Olavo. *A um poeta*.

Texto II

Catar feijão se limita com escrever:
jogam-se os grãos na água do alguidar
e as palavras na folha de papel;
e depois joga-se fora o que boiar.

[...]

Ora, nesse catar feijão entra um risco:
O de que entre os grãos pesados entre
Um grão qualquer, pedra ou indigesto,
Um grão imastigável, de quebrar dente.

Certo não, quando ao catar palavras:
A pedra dá à frase seu grão mais vivo;
Obstrui a leitura fluviante, flutual,
Açula a atenção, isca-a com o risco.

NETO, João Cabral de Melo. *Catar Feijão*.

- **0-0** Para Olavo Bilac, criar poemas exige esforço. Em *A um poeta*, ele afirma que o escritor deve ser como um monge beneditino, pois a boa poesia resulta unicamente do silêncio e do isolamento, razão pela qual estabelece uma relação do poeta com um monge.
- **1-1** Enquanto Bilac não apresenta preocupação formal com o fazer poético, o qual se restringe a uma perspectiva conteudística, própria da estética parnasiana, João Cabral se revela um perfeito engenheiro, para quem catar feijão metaforiza a produção escrita.
- **2-2** Olavo Bilac apresenta uma concepção estética aristocrática; João Cabral parte da similitude entre o ofício do poeta e a atividade de catar feijão. Assim, o poeta pernambucano se alinha com o Modernismo, enfatizando o cotidiano, a vida simples, o dia a dia.
- **3-3** Nas duas últimas estrofes, João Cabral revela que o poético resulta não apenas da forma, mas também do efeito que o texto pode provocar no leitor, o que traduz uma perspectiva bem mais contemporânea, ou seja, a valorização do texto de acordo com sua recepção.
- **4-4** Os dois poemas, escritos em épocas distintas, se constroem por uma linguagem que discorre sobre si mesma; daí, serem designados como metapoemas, ainda que apresentem diferentes pontos de vista sobre o mesmo tema.

4. UnB-DF 2012

Vaso grego

Esta, de áureos relevos, trabalhada
De divas mãos, brilhante copa, um dia,
Já de aos deuses servir como cansada,
Vinda do Olimpo, a um novo deus servia.

Era o poeta de Teos que a suspendia
Então e, ora repleta ora esvazada,
A taça amiga aos dedos seus tinha
Toda de roxas pétalas colmada.

Depois... Mas o lavor da taça admira,
Toca-a, e, do ouvido aproximando-a, às bordas
Finas hás de lhe ouvir, canora e doce,

Ignota voz, qual se da antiga lira
Fosse a encantada música das cordas,
Qual se essa a voz de Anacreonte fosse.

OLIVEIRA, Alberto de. *Poesias completas*. In: *Crítica*. REIS, Marco Aurélio de Mello. Rio de Janeiro: Eduerj, 1978, p.144.

A partir da leitura do soneto “Vaso grego”, assinale a opção correta a respeito do tratamento estético conferido aos mitos antigos pela poética parnasiana.

- a) A recorrência a temas mitológicos atraía o leitor comum e amenizava os efeitos de distanciamento impostos a ele pelo rebuscamento da linguagem parnasiana.
 - b) Os mitos antigos são atualizados na poesia parnasiana e recebem um significado poético novo, que promove a ruptura efetiva com o passado e a tradição mítica.
 - c) O tratamento estético dos mitos gregos na poesia parnasiana aproxima o antigo mundo mitológico dos problemas imediatos e concretos da vida social brasileira.
 - d) A presença de elementos da arte e da mitologia gregas no soneto apresentado está de acordo com uma máxima do Parnasianismo: a arte pela arte.
- 5. Insper-SP 2012** Utilize o texto a seguir para responder à questão.

I

Talvez sonhasse, quando a vi. Mas via
Que, aos raios do luar iluminada,
Entre as estrelas trêmulas subia
Uma infinita e cintilante escada.

E eu olhava-a de baixo, olhava-a... Em cada
Degrau, que o ouro mais límpido vestia,
Mudo e sereno, um anjo a harpa doirada,
Ressoante de súplicas, feria...

Tu, mãe sagrada! vós também, formosas
Ilusões! sonhos meus! féis por ela
Como um bando de sombras vaporosas.

E, ó meu amor! eu te buscava, quando
Vi que no alto surgias, calma e bela,
O olhar celeste para o meu baixando...

BILAC, Olavo. *Via-Láctea*.

Embora seja identificado como o principal poeta parnasiano brasileiro, Olavo Bilac, nesse soneto, explora um aspecto do Romantismo, o qual está explicitado na seguinte alternativa:

- a) objetividade e racionalismo do eu lírico.
- b) subjetividade numa atmosfera onírica.
- c) forte presença de elementos descritivos.
- d) liberdade de criação e de expressão.
- e) valorização da simplicidade, bucolismo.

6. **UPF-RS 2021** Sobre o Simbolismo no Brasil, apenas é **incorreto** afirmar que:

- a) O processo da sublimação e a obsessão pela cor branca são traços recorrentes na obra de Cruz e Sousa.
- b) No Brasil, a estética simbolista tem como marco a publicação de *Missal e Broquéis*, de Cruz e Sousa.
- c) A aliteração, a assonância e a metáfora são figuras de linguagem bastante utilizadas nos textos simbolistas.
- d) Alphonsus de Guimaraens e Cruz e Sousa foram os autores simbolistas mais representativos do movimento no Brasil.
- e) São característica do Simbolismo a poesia permeada pelo subjetivismo e a temática da transcendência, também presentes no Parnasianismo.

7. **UEM-PR 2020** Sobre o poema “Siderações”, de Cruz e Sousa, assinale o que for **correto**.

Para as Estrelas de cristais gelados
As ânsias e os desejos vão subindo,
Galgando azuis e siderais noivados,
De nuvens brancas a amplidão vestindo

Num cortejo de cânticos alados
Os arcanjos, as cítaras ferindo,
Passam das vestes nos troféus prateados,
As asas de ouro finamente abrindo...

Dos etéreos turíbulos de neve
Claro incenso aromal, límpido e leve,
Ondas nevoentas de Visões levanta...

E as ânsias e desejos infinitos
Vão com os arcanjos formulando ritos
De Eternidade que nos astros canta...

(SOUSA, J. da C. Poesias completas: broquéis, faróis, últimos sonetos. Rio de Janeiro: Ediouro; São Paulo: Publifolha, 1997. p. 26-27).

galgar: transpor, saltar por cima de, subir.

sideral: relativo aos astros, referente ao céu, celeste.

cortejo: procissão, alado: que tem asas.

cítara: instrumento de cordas, forma aperfeiçoada da lira.

etéreo: celeste, celestial, elevado.

turíbulo: recipiente metálico com tampa e correntes em cujo interior se queima incenso, incensório.

rito: regras e cerimônias que se devem observar na prática de uma religião, culto.

01 A musicalidade, concretizada nas figuras sonoras como aliteração (“cortejo de cânticos”) e assonância (“Para as Estrelas”), somada às figuras de linguagem como a sinestesia (“Claro incenso aromal, límpido e leve”), contribui para sugerir um ritmo harmonioso e uma atmosfera vaga, fluida, sideral e abstrata.

02 A alusão a determinadas marcas da primeira geração do Romantismo brasileiro, especialmente àquelas que se referem ao nativismo, ao

nacionalismo, à ufania e à busca da cor local, evidencia o parentesco entre o ideário romântico e a estética simbolista.

04 O soneto é escrito em versos decassílabos (também denominados de alexandrinos) e apresenta rimas internas. As “ânsias e os desejos” tentam subir na direção do espaço sideral, mas são reprimidos e impedidos pelas “Ondas nevoentas” de alcançar a eternidade.

08 O culto do panteísmo e o rigor formal, aliados a expressões como “as cítaras ferindo”, “Dos etéreos” e “cânticos alados”, revelam um retorno aos ideais clássicos e certa similaridade com a estética parnasiana, especialmente no que se refere às características de impassibilidade e de racionalidade.

16 Os efeitos cromáticos, evidenciados principalmente nas cores azul e branca, e a utilização de vocabulário religioso, recorrente na estética simbolista (“cortejo”, “turíbulos”, “arcanjos”), acentuam o clima nebuloso, de mistério e de transcendência do poema.

8. **UPE/SSA 2017** Em relação ao Parnasianismo e ao Simbolismo, analise as proposições a seguir e assinale com **V** as **verdadeiras** e com **F** as **falsas**.

■ O Parnasianismo é uma manifestação vigorosamente antirromantismo, por isso a presença do culto extremo da forma.

■ A origem do Parnasianismo é na Inglaterra, onde foi lançada, em 1866, uma coletânea chamada *Parnasse Contemporain*.

■ Sobre os poetas simbolistas, percebe-se que, na França, em Portugal e no Brasil, suas características são muito parecidas e bem próximas dos poetas parnasianos.

■ Os simbolistas preservaram a preocupação com a versificação dos parnasianos, mas, desejosos de manter um clima de mistério e fluidez, optaram por ritmos musicais e insinuantes.

■ *Missal e Broquéis* são as mais importantes obras de Alphonsus de Guimaraens, poeta que inicia o movimento simbolista no Brasil.

A sequência **correta**, de cima para baixo, é:

- a) V - V - V - F - V
- b) V - F - F - V - F
- c) F - F - V - F - V
- d) F - F - F - V - V
- e) V - V - V - V - F

9. **UPE/SSA 2016** Enquadram-se os três sonetos em distintos Movimentos Literários. Leia-os e analise-os.

Poema 1

Já da morte o palor me cobre o rosto,
Nos lábios meus o alento desfalece,
Surda agonia o coração fenece,
E devora meu ser mortal desgosto!

Do leito embalde no macio encosto
Tento o sono reter!... já esmorece
O corpo exausto que o repouso esquece...
Eis o estado em que a mágoa me tem posto!

O adeus, o teu adeus, minha saudade,
Fazem que insano do viver me prive
E tenha os olhos meus na escuridade.

Dá-me a esperança com que o ser mantive!
Volve ao amante os olhos por piedade,
Olhos por quem viveu quem já não vive!

AZEVEDO, Álvares de. *Lira dos 20 anos*.

Poema 2

A Morte

Oh! a jornada negra! A alma se despedaça...
Tremem as mãos... O olhar, molhado e ansioso, espia,
E vê fugir, fugir a ribanceira fria
Por onde a procissão dos dias mortos passa.

No céu gelado expira o derradeiro dia,
Na última região que o teu olhar devassa!
E só, trevoso e largo, o mar estardalhaça
No indizível horror de uma noite vazia...

Pobre! por que, a sofrer, a leste e a oeste, ao norte
E ao sul, desperdiçaste a força de tua alma?
Tinhas tão perto o Bem, tendo tão perto a Morte!

Paz à tua ambição! paz à tua loucura!
A conquista melhor é a conquista da Calma:
— Conquistaste o país do Sono e da Ventura!

BILAC, Olavo.

Poema 3

A Morte

Oh! que doce tristeza e que ternura
No olhar ansioso, aflito dos que morrem...
De que âncoras profundas se socorrem
Os que penetram nessa noite escura!

Da vida aos frios véus da sepultura
Vagos momentos trêmulos decorrem...
E dos olhos as lágrimas escorrem
Como faróis da humana Desventura.

Descem então aos golfos congelados
Os que na terra vagam suspirando,
Com os velhos corações tantalizados.

Tudo negro e sinistro vai rolando
Báratro a baixo, aos ecos soluçados
Do vendaval da Morte ondeando, uivando...

SOUSA, Cruz e.

A leitura dos poemas comprova que o tema da morte tanto quanto o tema do amor estão presentes em textos de todos os movimentos literários e em produção de diferentes poetas. Nos três poemas, o tema da morte é ponto fundamental. Sobre isso, assinale a alternativa **correta**.

- a) Álvares de Azevedo, em diversos poemas, ao falar da morte, tema pelo qual tem certa obsessão, usa constantemente a palavra “palor”, cujo sentido cromático se refere à palidez mórbida da morte, característica da poesia desse autor.
- b) Olavo Bilac toma a morte muito poucas vezes como tema, ainda que, ao fazê-lo, cria um eu lírico despojado de tom confessional, próprio do Romantismo, mantendo assim imparcialidade e impessoalidade.
- c) O poema 3 apresenta elementos cromáticos e sinestésicos, tais como “doce tristeza” e “noite escura”. Contudo, embora seu tema seja a morte, o autor não utiliza esse vocábulo, substituindo-o por metáforas, o que é próprio daqueles que fazem parte do parnaso.
- d) Há, no poema 2, determinados elementos que revelam, à semelhança do 3, preocupação com os aspectos formais, aproximando-os do Classicismo e do Arcadismo.
- e) Existe uma ordem sequencial dos poemas que permite ao leitor relacioná-los ao Simbolismo, Romantismo e Parnasianismo. Dessa forma, pode-se afirmar que o poema 1 é simbolista, pois apresenta um discurso de cunho confessional, peculiar a esse movimento literário.

10. UEM-PR 2016 Assinale o que for **correto** sobre o poema abaixo e sobre seu autor, Cruz e Sousa.

Acrobata da Dor

Gargalha, ri, num riso de tormenta,
Como um palhaço, que desengonçado,
Nervoso, ri, num riso absurdo, **inflado**
De uma ironia e de uma dor violenta.

Da gargalhada atroz, sanguinolenta,
Agita os guizos, e convulsionado
Salta, “**gavroche**”, salta, “**clown**”, varado
Pelo **estertor** dessa agonia lenta...

Pedem-te bis e um bis não se despreza!
Vamos! **retesa** os músculos, retesa
Nessas macabras piruetas d’ação...

E embora caias sobre o chão, **fremente**,
Afogado em teu sangue **estuoso** e quente,
Ri! Coração, tristíssimo palhaço.

(CRUZ E SOUSA, J. *Poesias Completas*. São Paulo: Publifolha/Ediouro, 1997, p. 56.)

inflado: cheio; inchado.

gavroche: s.m. nome de um personagem de *Os miseráveis*, de Vítor Hugo; *adj.* malicioso, travesso.

clown: palhaço.

estertor: respiração rouca e crepitante dos moribundos.

retesar: tornar tenso, endurecer, enrijecer.

fremente: agitado.

estuoso: que jorra aos borbotões, jorro, golfada.

- 01** O poema compara as angústias do coração humano a um palhaço que, mesmo sofrendo, se apresenta ao público. A símile (figura de linguagem) encontra-se na primeira estrofe do poema, no verso: “Como um palhaço, que desengonçado, ...”.
- 02** Inspirado no byronismo (Lord Byron), o poema pertence à geração do “mal do século” (*mal du siècle*). Há um erotismo ultrarromântico difuso e obsessivo que pode ser constatado nos versos “Nessas macabras piruetas d’ aço... / E embora caias sobre o chão, fremente, ...”.
- 04** Um dos recursos poéticos utilizados no soneto para descrever a dor à qual está sujeita a condição humana consiste na superposição de metáforas. O título do poema – “Acrobata da Dor” – constitui uma metáfora do coração que, por sua vez, metaforiza a capacidade de o ser humano sentir tristeza.
- 08** O poema pode ser considerado um manifesto da escola realista-parnasiana, uma vez que prima pelas marcas da objetividade, da contenção de sentimentos e da impassibilidade, mantendo o eu lírico distante da temática da dor.
- 16** A sonoridade do poema – provocada também pelas rimas, aliterações, assonâncias e repetições de palavras – reforça a expressão de emoções, corroborando a temática do sofrimento humano que se repete, e estabelecendo percepções intuitivas preconizadas pela estética simbolista.

Soma:

- 11. Unesp 2016** A questão aborda um poema do português Eugênio de Castro (1869-1944).

MÃOS

Mãos de veludo, mãos de mártir e de santa,
o vosso gesto é como um balouçar de palma;
o vosso gesto chora, o vosso gesto geme, o vosso gesto canta!
Mãos de veludo, mãos de mártir e de santa,
rolas à volta da negra torre da minh’alma.

Pálidas mãos, que sois como dois lírios doentes,
Caridosas Irmãs do hospício da minh’alma,
O vosso gesto é como um balouçar de palma,
Pálidas mãos, que sois como dois lírios doentes...

Mãos afiladas, mãos de insigne formosura,
Mãos de pérola, mãos cor de velho marfim,
Sois dois lenços, ao longe, acenando por mim,
Duas velas à flor duma baía escura.

Mimo de carne, mãos magrinhas e graciosas,
Dos meus sonhos de amor, quentes e brandos ninhos,
Divinas mãos que me heis coroados de espinhos,
Mas que depois me haveis coroados de rosas!

Afilhadas do luar, mãos de rainha,
Mãos que sois um perpétuo amanhecer,
Alegrai, como dois netinhos, o viver
Da minha alma, velha avó entrevadinha.

Obras poéticas, 1968.

A musicalidade, as reiterações, as aliterações e a profusão de imagens e metáforas são algumas características formais do poema, que apontam para sua filiação ao movimento

- romântico.
- modernista.
- parnasiano.
- simbolista.
- neoclássico.

- 12. Uefs-BA 2018**

Os poetas simbolistas renunciavam à tradução da forma fixa do objeto em favor do ritmo do devir, da fugacidade do momento. Buscavam a expressão de algo que escapa a uma forma definida e não é abordável por um caminho direto.

A partir desses poetas, a poesia ocidental vive um momento em que a objetividade e o tom escultural do Parnasianismo [ou seja, o seu culto da forma e do descritivo] cedem lugar à evocação sugestiva e musical. Em lugar da exatidão, o vago.

(Lúgia Cademartori. *Períodos literários*, 1987. Adaptado.)

Assinale a alternativa em que se verifica um trecho de um poema simbolista.

- a) Fulge de luz banhado, esplêndido e suntuoso,
O palácio imperial de pórfiro luzente
E mármore da Lacônia. O teto caprichoso
Mostra, em prata incrustado, o nácar do oriente.
- b) Parado o engenho, extintas as senzalas,
Sem mais senhor, existe inda a fazenda,
A envidraçada casa de vivenda
Entregue ao tempo com as desertas salas.
- c) É um velho paredão, todo gretado,
Roto e negro, a que o tempo uma oferenda
Deixou num cacto em flor ensanguentado
E num pouco de musgo em cada fenda.
- d) Visões, salmos e cânticos serenos,
surdinas de órgãos flébeis, soluçantes...
Dormências de volúpicos venenos
sutis e suaves, mórbidos, radiantes...
- e) Guaiava à casa do morro, em voltas, o caminho,
Até lhe ir esbarrar com as orlas do terreiro;
Dava-lhe o doce ingá, rachado ao sol, o cheiro,
E um rumor de maré o cafezal vizinho.

13. UFSC 2014

O Soneto

Nas formas **voluptuosas** o Soneto tem fascinante, **cálida** fragrância e as leves, **langues** curvas de elegância de extravagante e mórbido esqueleto.

A graça nobre e grave do quarteto recebe a original intolerância, toda a sutil, secreta extravagância que transborda terceto por terceto.

E como um singular **polichinelo** ondula, ondeia, curioso e belo, o Soneto, nas formas caprichosas.

As rimas dão-lhe a **púrpura vetusta** e na mais rara procissão **augusta** surge o sonho das almas dolorosas...

CRUZ E SOUSA, J. da. *Últimos sonetos*. p. 17. Disponível em: www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000078.pdf. Acesso em: 1 dez. 2017.

voluptuosas: sensuais.

cálida: morna.

langues: sensuais.

polichinelo: certa personagem do teatro do humor; fantoche.

púrpura: certo tom de vermelho; (fig.) roupas usadas por nobres.

vetusta: antiga; respeitável.

augusta: elevada, solene.

Com base na leitura do texto, no livro de poemas *Últimos sonetos*, obra publicada pela primeira vez em 1905, e no contexto geral da literatura brasileira da época de sua primeira edição, assinale a(s) proposição(ões) **correta(s)**.

- 01 No elogio que faz à forma do soneto, Cruz e Sousa aproxima-se, tematicamente, de alguns poemas parnasianos que têm por tema a própria poesia; isso pode estar relacionado ao desejo de reconhecimento, expresso em outros poemas de *Últimos sonetos*.
- 02 Neste, como em outros poemas de *Últimos sonetos*, Cruz e Sousa exercita certa liberdade formal, manifesta especialmente na métrica irregular e no uso pouco convencional do vocabulário; essas características fazem com que o poeta seja hoje visto como um dos precursores da revolução modernista da década de 1920.
- 04 Neste poema, o soneto é visto, metaforicamente, como uma mulher sensual, o que sugere uma valorização da fertilidade e da vida; porém, a evocação da figura do esqueleto remete à ideia da morte inevitável. Dessa tensão entre vida e morte, resulta a valorização da vida como um momento efêmero para celebração e humor, sintetizado na figura do polichinelo.
- 08 Nos versos “tem fascinante, cálida fragrância” e “e as leves, langues curvas de elegância”, ocorrem, respectivamente, sinestesia e aliteração, figuras de linguagem utilizadas na poesia do Simbolismo.
- 16 O primeiro quarteto do soneto “Vida obscura” – *Ninguém sentiu o teu espasmo obscuro, / ó ser humilde entre os humildes seres. / Embriagado, tonto dos prazeres, / o mundo para ti foi negro e duro.* – revela o envolvimento de Cruz e Sousa, como poeta e jornalista, na denúncia das condições miseráveis em que viviam os trabalhadores no início do processo de industrialização brasileiro.
- 32 Nos dois últimos versos do soneto “Cárcere das almas” – *que chaveiro do Céu possui as chaves / para abrir-vos as portas do Mistério?! –*, aparece um tema frequente na poesia de Cruz e Sousa, a libertação do espírito pela morte.

Soma:

14. UPF-RS 2014

Leia as seguintes afirmações sobre os períodos literários e assinale com **V** as **verdadeiras** e com **F** as **falsas**.

- A arte literária barroca emprega figuras de linguagem que indicam oposições, evidenciando a presença de um homem dividido entre as coisas celestes e as coisas terrenas, ou seja, um conflito entre valores tradicionalistas, ligados à consciência medieval, e valores progressistas, que surgem com o avanço do racionalismo burguês.
- Os árcades idealizam a vida no campo, por meio da poesia de temática pastoril, construída com ideias claras e simplicidade estilística.
- Para o escritor simbolista, a poesia deve preocupar-se com a representação da vida objetiva, os fatos em desenvolvimento na realidade, enquanto à prosa cabe a representação estática, isto é, uma construção literária na qual não aparece o fluir do tempo.

A arte literária parnasiana prima pela clareza sintática e pela correção e nobreza do vocabulário, bem como pelas composições de caráter eminentemente confessional.

A sequência **correta** de preenchimento dos parênteses, de cima para baixo, é:

- a) V - V - V - F. b) F - V - F - V. c) V - V - F - F. d) V - V - F - V. e) F - F - V - V.

15. Enem PPL 2019

Esbraseia o Ocidente na agonia
O sol... Aves em bandos destacados,
Por céus de ouro e púrpura raiados,
Fogem... Fecha-se a pálpebra do dia...

Delineiam-se além da serrania
Os vértices de chamas aureolados,
E em tudo, em torno, esbatem derramados
Uns tons suaves de melancolia.

Um mundo de vapores no ar flutua...
Como uma informe nódoa avulta e cresce
A sombra à proporção que a luz recua.

A natureza apática esmaece...
Pouco a pouco, entre as árvores, a lua
Surge trêmula, trêmula... Anoitece.

CORRÊA, R. Disponível em: www.brasiliana.usp.br. Acesso em: 13 ago. 2017.

Composição de formato fixo, o soneto tornou-se um modelo particularmente ajustado à poesia parnasiana. No poema de Raimundo Corrêa, remete(m) a essa estética

- a) as metáforas inspiradas na visão da natureza. d) o uso da descrição como meio de expressividade.
b) a ausência de emotividade pelo eu lírico. e) o vínculo a temas comuns à Antiguidade Clássica.
c) a retórica ornamental desvinculada da realidade.

16. EsPCEX-SP 2016 Quanto ao Simbolismo, assinale a alternativa correta.

- a) O objetivo declarado dos poetas desse movimento literário era um só: desenvolver a beleza formal à poesia, eliminando o que consideravam os excessos sentimentalistas românticos que comprometiam a qualidade artística dos poemas. Na base desse projeto, estava a crença de que a função essencial da arte era produzir o belo. O lema adotado – a arte pela arte – traduz essa crença.
- b) A preocupação dos artistas desse período não é mais a análise da sociedade. O principal interesse é a sondagem do “eu”, a decifração dos caminhos que a intuição e a sensibilidade podem descortinar. A busca é do elemento místico, não consciente, espiritual, imaterial.
- c) O desejo de dar um caráter científico à obra literária define as condições de produção dos textos dessa estética. Os escritores acompanham com interesse as discussões feitas no campo da biologia e da medicina, acreditando na possibilidade de tornar esse conhecimento como base para a criação de seus romances.
- d) Essa estética substitui a exaltação da nobreza pela valorização do indivíduo e de seu caráter. Em lugar de louvar a beleza clássica, que exige uma natureza e um físico perfeito, o artista desse período literário elogia o esforço individual, a sinceridade, o trabalho. Pouco a pouco, os valores burgueses vão sendo apresentados como modelos de comportamento social nas obras de arte que começam a ser produzidas.
- e) O modelo de vida ideal adotado pelos autores do período envolve a representação idealizada da Natureza como um espaço acolhedor, primaveril, alegre. Os poemas apresentam cenários em que a vida rural é sinônimo de tranquilidade e harmonia.

17. Fatec-SP 2017 Leia o poema de Camilo Pessanha para responder à questão.

Interrogação

Não sei se isto é amor. Procuo o teu olhar,
Se alguma dor me fere, em busca de um abrigo;
E apesar disso, crês? nunca pensei num lar
Onde fosses feliz, e eu feliz contigo.
Por ti nunca chorei nenhum ideal desfeito.
E nunca te escrevi nenhuns versos românticos.

Nem depois de acordar te procurei no leito,
 Como a esposa sensual do Cântico dos Cânticos.
 Se é amar-te não sei. Não sei se te idealizo
 A tua cor sadia, o teu sorriso terno...
 Mas sinto-me sorrir de ver esse sorriso
 Que me penetra bem, como este sol de Inverno.
 Passo contigo a tarde e sempre sem receio
 Da luz crepuscular, que enerva, que provoca.
 Eu não demoro o olhar na curva do teu seio
 Nem me lembrei jamais de te beijar na boca.
 Eu não sei se é amor. Será talvez começo.
 Eu não sei que mudança a minha alma pressente...
 Amor não sei se o é, mas sei que te estremeço,
 Que adoecia talvez de te saber doente.

PESSANHA, Camilo. *Clepsidra*. São Paulo: Núcleo, 1989.

O escritor português Camilo Pessanha faz parte da escola literária denominada Simbolismo. Assinale a alternativa com uma característica desse movimento artístico presente no poema.

- a) Elipse, pois o autor omite todos os pronomes pessoais a fim de criar musicalidade.
- b) Bucolismo, pois o autor faz grande reverência à natureza ao evocar a sua sonoridade.
- c) Aliteração, pois o autor explora a repetição harmônica e ritmada de sons consonantais.
- d) Determinismo, pois o meio em que vive a pessoa amada determina o ritmo de sua vida.
- e) Ornamentação exagerada, pois há vocabulário ritmado com exclusividade de rimas ricas.

18. ESPM-RJ 2016 Das definições a seguir, uma delas nos remete diretamente ao período literário conhecido como **Simbolismo**. Assinale-a:

- a) É a arte do conflito, do contraste, da contradição, do dilema e da dúvida, que se expressam pelo acúmulo de antíteses, paradoxos e oxímoros.
- b) A “arte pela arte” é um dos seus princípios centrais. A poesia volta-se para o belo (esteticismo), para o zelo da perfeição formal, descompromissada com os problemas do mundo.
- c) Aderiu ao cientificismo e ao materialismo, opondo-se à metafísica, à religião e a tudo que escapasse aos limites da matéria.
- d) Propõe uma volta aos modelos clássicos greco-romanos e renascentistas. Exalta a vida pastoril, campestre, entendendo que a felicidade e a beleza decorrem da vida no campo.
- e) Adotou a teoria das correspondências que propõe um processo cósmico de aproximação entre as realidades, expresso por meio da sinestesia, a qual consiste no cruzamento de percepção de um sentido para outro.

19. Unisc-RS 2016 Leia atentamente o trecho do poema “Antífona”, de Cruz e Sousa.

Ó Formas alvas, brancas, Formas claras
 De luas, de neves, de neblinas!
 Ó Formas vagas, fluidas, cristalinas...
 Incensos dos turíbulos das aras

Formas do Amor, consteladamente puras,
 De Virgens e de Santas vaporosas...
 Brilhos errantes, mádidas frescuras
 E dolências de lírios e de rosas...

Indefiníveis músicas supremas,
 Harmonias da Cor e do Perfume...
 Horas do Ocaso, trêmulas, extremas,
 Réquiem do Sol que a Dor da Luz resume...
 [...]

SOUSA, João da Cruz e. *Poesias completas de Cruz e Sousa*. Rio de Janeiro: Ediouro, s.d., p. 29.

A partir da interpretação dos versos apresentados, assinale a alternativa **incorreta**.

- a) Os versos de “Antífona” retomam a temática do vago e impreciso, tão característica da poesia simbolista.
- b) A musicalidade, um traço importante na obra de Cruz e Sousa, é resultado do uso constante de aliterações, como se observa nos versos apresentados.
- c) Nota-se, no poema apresentado, a presença de versos brancos, um recurso bastante utilizado por Cruz e Sousa.
- d) Nos versos de “Antífona”, é possível identificar a presença marcante do elemento branco, uma das principais características da obra de Cruz e Sousa.
- e) Em alguns dos versos apresentados, encontramos o uso de sinestésias, algo muito próprio da poesia de Cruz e Sousa.

EM13LP48

1. Enumere as afirmativas de acordo com os períodos correspondentes:

1. Parnasianismo
2. Simbolismo

- Atividade poética encarada como habilidade no manejo do verso. A preocupação formal fica explícita na busca pela palavra exata.
 - Enfoque espiritualista da mulher, envolvendo-a num clima onírico em que predomina o vago, o impreciso e o etéreo.
 - A poesia é habitada por constantes menções às cores claras, ao vago e ao místico.
 - Forte influência das artes plásticas, com preferência por temas descritivos, tais como paisagens, objetos, estátuas etc.
- Assinale a alternativa com a sequência correta.

- a) 2, 2, 1, 1.
- b) 1, 2, 2, 1.
- c) 1, 1, 2, 2.
- d) 1, 2, 1, 2.
- e) 1, 2, 2, 2.

EM13LP46 e EM13LP49

Texto para as questões 2 e 3.

[...]
Invejo o ourives quando escrevo:
Imito o amor
Com que ele, em ouro, o alto relevo
Faz de uma flor.
Imito-o. E, pois, nem de Carrara
A pedra firo:
O alvo cristal, a pedra rara,
O ônix prefiro.

Por isso, corre, por servir-me,
Sobre o papel
A pena, como em prata firme
Corre o cinzel.

Corre; desenha, enfeita a imagem,
A ideia veste:
Cinge-lhe ao corpo a ampla roupagem
Azul-celeste.

Torce, aprimora, alteia, lima
A frase; e, enfim,
No verso de ouro engasta a rima,
Como um rubim.
[...]

BILAC, Olavo. "Profissão de fé". Disponível em: www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bi000179.pdf. Acesso em: 10 nov. 2021.

2. Sobre o poema de Olavo Bilac, é incorreto afirmar que:

- a) é exaltado, no poema, o cuidado na escolha de palavras precisas, realçando o lapidar do poeta.
- b) o resultado do esforço do poeta é devido ao seu intenso trabalho, e não à inspiração.
- c) nesse texto, a valorização do cuidado formal é deixada de lado para enaltecer o trabalho do ourives.
- d) o eu lírico compara o fazer poético ao trabalho do ourives, pela necessidade de paciência e delicadeza.
- e) o trabalho de ourives é lembrado por sua complexidade e também por comparar o poema a uma joia preciosa.

3. Releia a estrofe do poema de Bilac para responder à questão.

Torce, aprimora, alteia, lima
A frase; e, enfim,
No verso de ouro engasta a rima,
Como um rubim.
[...]

BILAC, Olavo. Profissão de fé. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bi000179.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2021.

O recurso linguístico presente no trecho é:

- a) a sinestesia em "Como um rubim".
- b) a metáfora em "No verso de ouro [...]".
- c) a onomatopeia em "Torce, aprimora, alteia, lima".
- d) a metalinguagem na descrição do fazer literário.
- e) a hipérbole na descrição do poema como uma joia.



—Fóto de Barros: in LAGO, Bia Corrêa do.
Os fotógrafos do Império: a fotografia
brasileira no Século XIX. Rio de Janeiro:
Capivara, 2005.

Os fotógrafos do Império: a
fotografia brasileira no século XIX.
Rio de Janeiro: Capivara, 2005.

FRENTE 2

CAPÍTULO

10

Pré-Modernismo: entre o conservador e o moderno

O Pré-Modernismo antecipa as ideias e práticas modernistas e não é propriamente uma escola literária, mas um período entre o fim do século XIX e o começo do século XX, marcado pela Escola Modernista. As correntes consideradas pré-modernistas tornaram-se controversas por sua dualidade, já que a produção cultural desse período é complexa e heterogênea: o conservador X o moderno. O seu aspecto conservador revela-se na permanência de características realistas e naturalistas no texto em prosa — com a manutenção de ideias positivistas e deterministas. Já as características modernas e inovadoras mostram o interesse dos escritores por uma análise social mais apurada do Brasil de sua época, buscando a denúncia dos desequilíbrios e das desigualdades.

Pré-Modernismo: contexto histórico

Para pontuarmos historicamente o Pré-Modernismo no campo da literatura, devemos lembrar que foi um movimento que se desenvolveu em uma época difícil, dividindo espaço com uma literatura “oficial” comprometida com o poder, a classe dominante e as denúncias sociais dos naturalistas e realistas; além disso, havia a literatura simbolista, composta daqueles denominados idealistas, os “que viviam nas nuvens” (nefelibatas). Do ponto de vista histórico, os principais acontecimentos que permearam tal tendência foram:

- Em 1894, a posse da presidência pelo paulista Prudente de Moraes, primeiro civil a assumir o poder depois dos marechais Deodoro da Fonseca e Floriano Peixoto.
- O início da política do café com leite com Prudente de Moraes – a partir da alternância de poder entre as oligarquias de São Paulo (centrada no cultivo e na exportação do café) e de Minas Gerais (focada na produção de leite e de laticínios e o maior colégio eleitoral do país).
- A Guerra de Canudos, na Bahia, de 1896 a 1897.
- O fenômeno do cangaço, tipicamente nordestino, surgido na segunda metade do século XIX.
- A Revolta da Vacina, em 1904, no Rio de Janeiro, contra a vacinação obrigatória.
- A Guerra do Contestado, de 1912 a 1916, em Santa Catarina.
- O Ciclo da Borracha, no Amazonas, cujo apogeu se deu em 1913.
- A Revolta da Chibata, em 1910, no Rio de Janeiro.
- As greves gerais operárias, em São Paulo, com reivindicações de melhorias nas condições do trabalho proletário, em 1917.

Apesar desses acontecimentos, não houve, nesse período da história brasileira, revoluções semelhantes às que ocorreram na Europa. O golpe republicano e a abolição da escravatura pouco alteraram as estruturas do Brasil, e a economia ainda se baseava em atender às necessidades dos países europeus. Em contrapartida, certas mudanças foram delineando-se: a imigração, a urbanização e o rápido crescimento industrial aos poucos modificavam a face da sociedade brasileira.

É importante salientar que, mesmo com o Brasil se deflagrando em conflitos políticos e sociais, a riqueza do país aumentava.



GUILHERME GAENSLY/BIBLIOTECA NACIONAL DO BRASIL

Guilherme Gaensly. “Colheita de café em Araraquara”, c. 1902. In: *Álbum Lembrança de São Paulo*.

Principais conflitos no Brasil à época do Pré-Modernismo



Mapa dos conflitos brasileiros na virada dos séculos XIX e XX.

Designação e características

Correntes e estilos são muito similares e se fundem; por essa razão, seria impossível rotular o momento pré-modernista na literatura com conceitos já existentes. A posterior necessidade pedagógica de reunir os 20 anos de produção anteriores à Semana de Arte Moderna (1902-1922) levou Tristão de Ataíde, pseudônimo do filósofo e crítico literário Alceu Amoroso Lima, a criar, na década de 1950, o termo “pré-modernismo”. A nomenclatura, que se constitui em uma marca quase somente temporal e sem abarcar a ideologia e a complexidade das obras produzidas, acabou cristalizando todo o ecletismo de visões e estilos dos autores que interpretaram o Brasil, tanto os ligados a concepções artísticas de cunho realista quanto ao influxo vanguardista, o qual já se fazia presente entre nós.

O Pré-Modernismo proporcionava novidades, oferecendo elementos estéticos e temáticos explorados mais tarde pelos modernistas; não se caracterizava por uma identidade estética definida, mas era possível notar pontos em comum entre alguns autores e certas obras pré-modernistas – marcadas pela redescoberta crítica do Brasil –, como é o caso de Lima Barreto, Euclides da Cunha, Monteiro Lobato (na prosa) e Augusto dos Anjos (na poesia).

Características do Pré-Modernismo

Ruptura com o academicismo do passado

A obra de Augusto dos Anjos é atemporal e difícil de categorizar; ele está na passagem entre o Simbolismo de Cruz e Souza e a modernidade que aparece em 1922. Se, de um lado, é musical como os simbolistas e usa o soneto (herança parnasiana), de outro, seus temas em nada correspondem aos daquelas escolas: são escatológicos, pinçando o ser humano em desintegração. A carne podre, a decomposição, a sujeira fétida, os vermes e o escarro: Augusto dos Anjos é dono do estilo mais mórbido de nossa literatura.

Já Lima Barreto enquadra-se na literatura pré-modernista porque encara a realidade brasileira sem máscaras e a expressa mostrando seus problemas, criticando o excesso de patriotismo e o nacionalismo utópico e exagerado. Em suas obras, emprega uma linguagem coloquial, bem próxima do falar de suas personagens e com irregularidades gramaticais.

Denúncia do real

A grande temática do Pré-Modernismo é o Brasil não oficial, aquele que revela e denuncia características profundas da vida no país, como o sertão nordestino, os caboclos do interior, a pobreza, a fome e a desesperança. As obras denunciam tais mazelas sociais adotando um tom quase jornalístico, sem recorrer tanto ao pesado arsenal cientificista do Naturalismo.

Regionalismo

Os autores pré-modernistas traçam um vasto panorama das regiões brasileiras: Euclides da Cunha retrata o Norte e o Nordeste; Monteiro Lobato, o interior paulista – mais precisamente o Vale do Paraíba; e Lima Barreto, o subúrbio carioca.

Ligação com a política e a economia

A intenção do Pré-Modernismo é diminuir a distância entre a ficção e a realidade. Na obra *Os sertões*, Euclides da Cunha aborda o fato histórico da Revolta de Canudos; Lima Barreto, no romance *Triste fim de Policarpo Quaresma*, fala da política repressiva do governo do Marechal Floriano Peixoto; já Monteiro Lobato escreve sobre o ciclo do café no Vale do Paraíba paulista e a decadência dos vilarejos e da população cabocla.

Autores pré-modernistas: Augusto dos Anjos



Caricatura do poeta pré-modernista Augusto dos Anjos.

Augusto dos Anjos (1884-1914) nasceu no interior da Paraíba. Formou-se em Direito, mas nunca atuou nessa área, começando logo a lecionar na capital. Depois de se casar, passou a viver no Rio de Janeiro e lá continuou sua carreira como professor, até que, por indicação, assumiu o cargo de diretor de um grupo escolar em Leopoldina (MG). Pouco tempo depois, veio a falecer devido à pneumonia, aos 30 anos. É autor de apenas um livro de poemas – *Eu* –, publicado em 1912, obra de destaque pela originalidade de seu tom e pela diversidade de temas.

Na época, registraram-se opiniões divergentes sobre sua poesia: era especialmente original ou vulgar e mórbida?

O fato é que a poesia de Augusto dos Anjos resiste às rotulações. Estudos mais recentes apontam os versos da obra *Eu* como modernos pela fusão de vários elementos literários e pelo desejo neles expresso de romper com o conformismo das convenções poéticas.

Características de destaque do autor



A poesia de Augusto dos Anjos apresenta outra característica inovadora: o caráter cientificista. O poeta assimila termos da Biologia e do pensamento evolucionista e os utiliza em seus versos de maneira inusitada, tornando-os singulares. O autor prima pela originalidade, incorporando palavras de campos de estudo diversos para falar sobre o homem e a vida em sua forma mais primitiva. Hemácias, células, vísceras, mucosas, vermes, moléculas e decomposição são exemplos de vocábulos presentes em textos do escritor, os quais dividiram o gosto dos leitores.

A seguir, leia um de seus poemas mais famosos. Observe como a linguagem de Augusto dos Anjos pode ser corrosiva e poética ao mesmo tempo. Note que, ao final de cada verso, há uma letra que indica o esquema rímico do texto.

Versos íntimos

Vês! Ninguém assistiu ao formidável (a)
Enterro da tua última quimera. (b)
Somente a Ingratidão – esta pantera – (b)
Foi tua companheira inseparável! (a)

Acostuma-te à lama que te espera! (b)
O Homem que, nesta terra miserável, (a)
Mora entre feras, sente inevitável (a)
Necessidade de também ser fera (b)

Toma um fósforo. Acende teu cigarro! (c)
O beijo, amigo, é a véspera do escarro, (c)
A mão que afaga é a mesma que apedreja. (d)

Se alguém causa inda pena a tua chaga, (e)
Apedreja essa mão vil que te afaga, (e)
Escarra nessa boca que te beija! (d)

ANJOS, Augusto dos. *Versos íntimos*. In: *Eu*. Fortaleza: Armazém da Cultura, 2012.

Do ponto de vista formal, Augusto dos Anjos utiliza formas clássicas de composição poética: o soneto (forma fixa composta de dois quartetos e dois tercetos); os versos

decassílabos (versos com dez sílabas métricas); e a regularidade de rimas (abba; baab; ccd; eed).

Essa preocupação com a forma do poema já era comum nos poetas parnasianos e simbolistas. A organização objetiva e precisa dos versos revela a tendência parnasiana, enquanto as letras maiúsculas em substantivos comuns no meio do verso (como em “Ingratidão” e “Homem”) e o ritmo forte e musical são características simbolistas.

! Atenção

Sílabas métricas: as sílabas são contadas de acordo com a sua sonoridade até a última sílaba tônica do verso.

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	
Vês!	Nin	guém	a	ssis	tiu	ao	for	mi	dá	vel

O poema retoma, de certa forma, o Naturalismo, trazendo-o inusitadamente para a poesia ao utilizar palavras como escarro, lama e chaga – termos considerados grotescos. Há, também, algo da ironia e da atitude pessimista diante do mundo próprias do Realismo: “Toma um fósforo. Acende teu cigarro!”.

O início do poema soa moderno com uma interlocução direta (“Vês!”), propondo uma conversa entre o eu lírico e o leitor, a fim de que constatem que o fim do homem é solitário, que a vida arrebatava a todos rapidamente e que as atitudes do outro não costumam proporcionar conforto. Dessa maneira, o possível afeto inerente a esse contato se transforma em ações que chocam pela força dos termos empregados, como “apedreja” e “escarra nessa boca”. É como se o eu lírico estivesse fazendo uma advertência irônica acerca do romantismo e do sentimentalismo que costumam vigorar nos contatos entre as pessoas mediados pela poesia.

Dessa forma, percebe-se a riqueza e a complexidade de sua obra, o que torna, muitas vezes, difícil a sua classificação em apenas um movimento literário.

Autores pré-modernistas: Lima Barreto



Caricatura do autor pré-modernista Lima Barreto.

Afonso Henriques de Lima Barreto (1881-1922) nasceu no Rio de Janeiro em uma família de origem humilde e trabalhou como servidor público e colaborador de jornais da época. Era filho de mestiços, o que o levaria a sofrer preconceito racial durante toda a vida, situação que o revoltou e marcou sua obra com um olhar especialmente crítico à sociedade.

Lima Barreto criticava idealizações do país por meio de uma literatura de contestação. Fez apontamentos contrários aos estrangeirismos e acreditava que a literatura deveria ajudar a construir a comunhão entre as pessoas de todas as etnias e classes. Leitor apaixonado, usou a voz de diferentes personagens para espalhar tal crença em suas obras.

O estilo de Lima Barreto é leve, aproximado da linguagem jornalística – característica duramente criticada pelos parnasianos, a qual o aproximaria dos modernistas e granjearia admiração por parte destes.

É importante observar os traços autobiográficos em todos os seus romances. Neles, há personagens negros e mestiços que sofrem preconceito racial, notadamente vivenciando experiências pelas quais o próprio autor passou.

Lima Barreto estreou como escritor no ano de 1909 com *Recordações do escrívão Isaías Caminha* (com publicação em Portugal), obra de tom autobiográfico cujo protagonista, vindo do interior para estudar e tentar a sorte na capital como jornalista, sofre preconceito no Rio de Janeiro.

Em 1911, Lima Barreto escreveu *Triste fim de Policarpo Quaresma*. A obra insere o leitor no universo da arguta análise e crítica social, matizada por boas doses de humor e pela composição de personagens inesquecíveis.

Por fim, temos o romance *Clara dos Anjos*, uma obra inacabada do autor, publicada em 1948, sobre uma mestiça seduzida por um malandro do subúrbio.

Em sua vida pessoal, o poeta acompanhou os transtornos mentais do pai, os quais, ao longo do tempo, também viriam a acometer Lima Barreto. Depressivo e alcoólatra, o poeta faleceu ainda jovem em novembro de 1922, dois dias antes da morte de seu pai.

Triste fim de Policarpo Quaresma: o nacionalismo utópico

Lima Barreto é exemplar quanto ao poder de análise social e denúncia que a literatura pode ter, sem perder suas características imaginativas. Ele apresenta forte teor questionador, e seu estilo despojado, composto de uma linguagem que busca reproduzir literariamente o falar cotidiano, dialogando com massas de maneira mais próxima. Essas características da prosa de Lima Barreto moldaram-se no Realismo, escola literária que objetivava o retrato fiel da realidade e do homem, mas o autor acrescenta a elas um despojado tom de crônica que não pode ser enquadrado pelo rigor cientificista daquele período literário, aproximando-o mais dos modernistas, quase à maneira de um precursor.

Triste fim de Policarpo Quaresma, publicado em folhetins em 1911 e, depois, em livro em 1916, é considerada a obra-prima de Lima Barreto. Foi largamente estudada por

trazer ao leitor uma ácida crítica da visão **ufanista** da pátria por meio da personagem Policarpo Quaresma e por apresentar, sem máscaras, a decepção com os rumos políticos da então recentemente proclamada República.

A proposta do romance foi desnudar o Brasil do governo de Floriano Peixoto, fase de instalação da República, mais precisamente dos anos 1891 aos 1894. O enredo se passa no espaço suburbano, e o núcleo da trama são os crescentes exageros do nacionalismo do ingênuo Policarpo Quaresma. Sua cultura literária tinha sido formada por narrativas românticas indianistas de um José de Alencar, por exemplo, e, por isso, não concebia que a cultura brasileira se descaracterizasse e se apresentasse sob os moldes importados da Europa.

Narrada em 3ª pessoa, a obra se divide em três partes, as quais relatam os projetos linguístico-cultural, agrícola e político do protagonista para a valorização da nacionalidade.

Não se sabia bem onde nascera, mas não fora decerto em São Paulo, nem no Rio Grande do Sul, nem no Pará. Errava quem quisesse encontrar nele qualquer regionalismo: Quaresma era antes de tudo brasileiro.

BARRETO, Lima. *Triste fim de Policarpo Quaresma*. Rio de Janeiro: Typographia Revista dos Tribunais, 1915.

Primeira parte: projeto linguístico-cultural

O início do romance acompanha o retrato de Policarpo como um burocrata patriota, muito interessado na cultura brasileira, nas manifestações musicais e na língua dos indígenas tupis-guaranis. Sua rotina é totalmente ligada àquilo que é nativo, e ele busca consumir e divulgar apenas o tipicamente brasileiro – elementos que envolvem desde as plantas de seu jardim, os alimentos que ingere até o instrumento musical que almeja tocar. Policarpo deseja conhecer o violão a fundo, mesmo que, na época, este fosse associado à malandragem.

Nesse contexto, uma personagem de destaque é Ricardo Coração dos Outros: seresteiro, suburbano e apaixonado por música e violão. Por essas características, ele é importante na composição do cenário carioca da época na obra.

Auge da primeira parte do livro e fato que beira o absurdo é o requerimento que Policarpo Quaresma envia à Câmara: um pedido para que a língua portuguesa deixe de ser o idioma oficial do Brasil em prol do tupi-guarani. Para Quaresma, o português foi imposto em território brasileiro; portanto, não é natural e constitui um desrespeito às origens da nação. Entretanto, tal demanda não se reveste de caráter significativo por estar baseada no pedido de um único cidadão, e, assim, começam as piadas, as chacotas e os comentários irônicos de colegas de trabalho direcionados a Quaresma.

Contrariando quem acreditava que Policarpo Quaresma não conhecia a língua que defendia, ele redigiu todo o requerimento em tupi-guarani. A consequência desse fato é drástica: Policarpo é internado em um hospício.

ufanismo: orgulho exagerado de algo; excesso de patriotismo.

Segunda parte: projeto agrícola

Após sair do hospício e se desiludir com a incompreensão de sua ideologia, Quaresma se muda para o sítio Sossego, em Curuzu. A partir de então, ele se dedica à reforma da agricultura brasileira, principalmente ao combate às saúvas (espécie de formiga). Pretende provar a todos que o solo do Brasil é o melhor e mais fértil do mundo; entretanto, fracassa mais uma vez ao se dar conta da esterilidade e da má distribuição da terra. Além disso, passa a ser multado indevidamente por não compactuar com ações fraudulentas de políticos locais. O golpe final vem do exército de saúvas, as quais aniquilam seus grãos de milho e feijão.

Terceira parte: projeto político

Quando explode a Revolta da Armada – uma rebelião de marinheiros –, Quaresma apoia o Marechal Floriano Peixoto. Para ele, somente com uma autoridade respeitada é que a nação poderia se engrandecer. Assim, volta para a capital e se alista em defesa do Regime. Com o sufocamento da Revolta, Policarpo Quaresma é transferido para trabalhar como carcereiro na Ilha das Cobras, e lá tem sua maior decepção: o juiz parece distribuir as penas e condenações sem julgamento prévio. Tal ato feria seu ideal de justiça; por isso, decide fazer uma denúncia formal ao presidente, pedindo reparações.

Novamente, o “herói” não é bem interpretado. Ironicamente, passa a ser acusado de traição, é preso e condenado à morte.

Então, qual foi o triste fim de Policarpo Quaresma?

Ainda que a narrativa não acompanhe a execução de Policarpo, podemos considerar que o “triste fim” a que alude o título do romance foi o de ser considerado traidor depois de ter passado toda a vida defendendo sua pátria e lutando pela manutenção da cultura brasileira. Assim, Quaresma se dá conta de que a nação que tanto admirava era pura ilusão, uma idealização.

Autores pré-modernistas: Monteiro Lobato



Caricatura do autor pré-modernista Monteiro Lobato.

José Bento Monteiro Lobato (1882-1948) nasceu na cidade de Taubaté, na região do Vale do Paraíba, estado de São Paulo. Formado em Direito, nomeado promotor, fracassou na administração da fazenda herdada do avô. Já com certo prestígio, produzindo para *O Estado de S. Paulo*, escreveu o célebre e sensacionalista ensaio “Paranoia ou mistificação”, em 1917, no qual atacou ferozmente a exposição da pintora Anita Malfatti, que, recém-chegada da Europa, adotava as técnicas vanguardistas trazidas de lá. Lobato, assim como o público em geral, estava acostumado com o academicismo, com uma arte mais convencional, sem maiores ousadias.

O autor viveu nos Estados Unidos entre os anos de 1927 e 1931 como adido comercial e voltou de lá seduzido pela crescente exploração dos recursos minerais e o consequente desenvolvimento econômico. No Brasil, em 1931, fundou a Companhia Petróleo do Brasil, promovendo a ideia da pesquisa de jazidas de petróleo sem a interferência do governo. Para ele, apenas a iniciativa privada seria capaz de dar ao país o título de “autossuficiente em petróleo”. Em suas palavras: “De modo nenhum é aconselhável que o Estado perfure ou se meta em mineração. Viraria logo uma Central do Brasil”. Sua companhia acabou por falir em decorrência da baixa capitalização e da impossibilidade de ampliar as perfurações; mesmo assim, Monteiro Lobato prosseguiu na ideia de prospecção do “ouro negro” até que, durante o Estado Novo de Getúlio Vargas, o autor escreveu uma carta sobre o problema do petróleo que o levou à prisão por 90 dias. Curiosamente, esse episódio biográfico o aproxima da personagem Policarpo Quaresma, criada por Lima Barreto.

Monteiro Lobato revolucionou a área editorial com iniciativas importantes realizadas na Companhia Editorial Monteiro Lobato, sendo um dos primeiros a vender livros com capas coloridas e ilustrações. Em 1920, publicou, com grande sucesso, sua primeira obra para o público infantil: *A menina do narizinho arrebitado*, livro incorporado posteriormente ao *Reinações de Narizinho*, de 1931; este, por sua vez, serviu como propulsor para o lançamento da série *Sítio do Picapau Amarelo*. Seu trabalho na literatura infantil é posterior à considerada “literatura adulta”, a qual abordaremos adiante. Interessa-nos, agora, a obra *Urupês*, que contém os traços específicos do marginalizado caboclo Jeca Tatu, habitante do Vale do Paraíba, região cafeeira em decadência.

São as principais obras de Monteiro Lobato:

- *Urupês* (1918);
- *Cidades mortas* (1919);
- *Negrinha* (1920);
- *Ferro* (1931);
- *Reinações de Narizinho* (1931);
- *Viagem ao céu* (1932);
- *Caçadas de Pedrinho* (1933);
- *Geografia de Dona Benta* (1935);
- *O escândalo do petróleo* (1936);
- *Histórias de Tia Nastácia* (1937).

Saiba mais

A literatura infantil de Monteiro Lobato formou e ainda forma muitos leitores com as histórias do *Sítio do Picapau Amarelo*. O autor valorizou os elementos regionais e o folclore brasileiro, introduzindo personagens como a Caipora, o Saci e a Cuca como uma forma de nacionalizar o imaginário infantil. Enquanto outros escritores buscavam moralizar os pequenos leitores com enredos mais autoritários, Monteiro Lobato apresentava a Dona Benta, o Tio Barnabé e a Tia Nastácia, adultos gentis e compreensivos. Além de encontrar uma linguagem acessível às crianças – sem subestimar sua capacidade leitora –, é possível extrair inúmeras “pílulas poéticas” da obra infantil lobatiana. Algumas falas da atrevida personagem Emília, a boneca falante de pano, merecem destaque:

— A vida, senhor Visconde, é um pisca-pisca. A gente nasce, isto é, começa a piscar. Quem para de piscar chegou ao fim, morreu. Piscar é abrir e fechar os olhos – viver é isso. É um dorme e acorda, dorme e acorda, até que dorme e não acorda mais. [...]

— [...] A vida das gentes neste mundo, senhor Sabugo, é isso. Um rosário de piscadas. Cada pisco é um dia. Pisca e mama, pisca e brinca, pisca e estuda, pisca e ama, pisca e cria filhos, pisca e geme os reumatismos, e por fim pisca pela última vez e morre.

— E depois que morre? – perguntou o Visconde.

— Depois que morre, vira hipótese. É ou não é?

LOBATO, Monteiro. *Memórias da Emília*. São Paulo: Globo, 2009.

Monteiro Lobato compreende um exemplo de pré-modernista, porque, ao mesmo tempo que é possível perceber certa tendência idealizadora romântica em suas obras, principalmente no tocante à representação da natureza, o autor utiliza uma linguagem mais simples e direta, munido de forte ironia na caracterização das personagens. Além disso, contamina sua obra ficcional com a indignação relativa aos problemas do Brasil e à fraqueza do povo. Assim, o escritor explora temáticas antes marginalizadas e mescla de maneira muito expressiva o conservadorismo e a valorização das inovações artísticas. Há, em sua obra, registros importantes do cenário rural paulistano, mais especificamente das pequenas cidades decadentes do Vale do Paraíba, que outrora se destacavam pela produção do café. Lobato faz uma ficção que denuncia o descaso com o trabalhador da agricultura na roça, abandonado à miséria pelos órgãos oficiais.

Urupês

Urupês, obra publicada em 1918, traz 14 contos com histórias reunidas a partir da experiência concreta de Monteiro Lobato como fazendeiro. O livro trabalha com enredos centrados na vida do caboclo e contados por meio da cultura dos trabalhadores da terra. Quase todos os contos de *Urupês* têm como espaço a cidade de Itaoca (interior de São Paulo) e, com uma mescla de teores cômico e dramático, retratam os “causos” das pessoas da região, inclusive com o linguajar que lhes é peculiar.

O último conto, que dá nome ao livro, é um dos mais famosos de Monteiro Lobato. Nele, a cultura do caboclo é exposta como atrasada – o senso estético inexistente; a religião baseia-se na magia; há pobreza no mobiliário da casa e nenhuma consciência política. O grande símbolo do conto é Jeca Tatu, representante do caboclo preguiçoso, sempre sentado na posição de cócoras, doente, alcoólatra e subnutrido: tornou-se, assim, uma das personalidades literárias mais famosas do país.

Posteriormente, o próprio autor revisou sua criação. Por ser fazendeiro, Monteiro tinha uma visão parcial do homem do campo. Quando, porém, passou a ter um contato maior com o tema de saneamento básico no país, reconsiderou sua postura com relação a essa parcela da população e, conseqüentemente, à sua personagem Jeca Tatu. Nesse contexto, Jeca renasce como vítima das enfermidades e de um Estado que deveria assumir o papel de regenerar os homens rurais por meio de políticas sanitárias. A personagem torna-se, inclusive, “garoto propaganda” de um medicamento da época (Ankilostomina Fontoura) contra vermes. Monteiro Lobato posteriormente se retrata, demonstrando que foram as difíceis condições de vida e o descaso do governo os responsáveis pela situação miserável da personagem; em suas palavras “Jeca Tatu não é assim, ele está assim”.

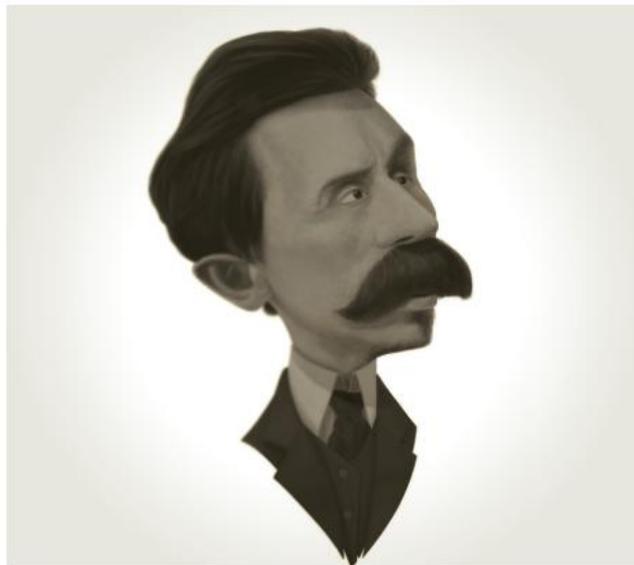


Ilustração representando a personagem Jeca Tatu.

Saiba mais

Urupê é o nome de um fungo, mais conhecido como “orelha-de-pau”, que se alimenta da seiva de árvores. Monteiro Lobato tomou o urupê como referência para a comparação com o caboclo, o “jeca”, pois este vive à margem da sociedade pela lei do menor esforço. A imagem dessa personagem é caricata, e retrata alguém indolente, preguiçoso e acometido por doenças desencadeadas por precárias condições de higiene e saúde.

Autores pré-modernistas: Euclides da Cunha



Caricatura do autor pré-modernista Euclides da Cunha.

Após um longo período de elaboração, foi publicada, em 1902, uma obra espantosa, que rapidamente se tornaria um clássico da literatura brasileira: *Os sertões*, de Euclides da Cunha. Esta surpreendeu a todos não só por combinar, em uma prosa fascinante e muito trabalhada literariamente, um ensaio sociológico e antropológico com o relato dramático de uma guerra terrível, mas também por apresentar uma visão desconcertante sobre o Brasil, mostrando ao povo letrado das grandes cidades do litoral a situação de abandono e miséria dos sertanejos que a eufórica República, proclamada havia pouco, escondia no sertão do Nordeste.

Euclides da Cunha (1866-1909) nasceu em Cantagalo, no Rio de Janeiro, e estudou na Escola Politécnica, mas, por falta de recursos, transferiu-se para a Escola Militar, tornando-se engenheiro militar. Por problemas pessoais e também políticos, desligou-se do Exército e passou a trabalhar como jornalista. No ano de 1897, escreveu dois artigos publicados sob o título *A nossa Vendéia*, em que comenta a Guerra de Canudos sob uma visão republicana, defendendo e assegurando a vitória do Exército sobre os revoltosos. Essa publicação lhe rendeu um convite do jornal *O Estado de S. Paulo* (na época, *A província de São Paulo*) para ir como correspondente ao sertão da Bahia a fim de cobrir a Revolta de Canudos. Como ex-militar, Euclides da Cunha conseguiu informar precisamente os movimentos que ocorriam na guerra. O Sul do Brasil recebia essas informações sobre a guerra via telégrafo, as quais mobilizavam e dividiam a opinião pública a respeito dos acontecimentos.

Ocorrida entre os anos de 1896 e 1897 e liderada por Antônio Conselheiro, tal revolta seguida de terrível repressão foi considerada um dos conflitos mais violentos da história nacional, ocasionando a morte de cerca de 15 mil pessoas. Cinco anos depois, Euclides da Cunha publicou *Os sertões*, uma obra riquíssima, que combinava documentação jornalística, ensaio sociológico e literatura, visando

proporcionar uma explicação racional sobre o confronto, um retrato da nação e, também, certa visão que os brasileiros tinham deles mesmos.

As principais obras de Euclides da Cunha são:

- *Os sertões* (1902);
- *Contrastes e confrontos* (1907);
- *À margem da história* (1909).

Saiba mais

Antônio Maciel – o Conselheiro – era considerado pelos sertanejos um enviado de Deus para abolir toda a miséria e as diferenças sociais que existiam no Nordeste. Assim, fundou o arraial de Canudos e se tornou seu líder. Em 1896, o local contava com cerca de 20 mil habitantes, que lutavam pela sobrevivência e acreditavam na salvação. Havia rumores de que grupos armados de Canudos atacariam cidades vizinhas e partiriam para a capital, objetivando a derrocada do governo republicano recém-instaurado e a volta da monarquia. Os grandes coronéis e a Igreja pressionaram o governo e exigiram medidas drásticas. O Exército foi enviado a Canudos – três expedições militares foram derrotadas e armou-se uma quarta, violentíssima, que levou à tragédia: todas as casas foram incendiadas, os prisioneiros degolados e a população local aniquilada. Era o fim da guerra.

Os sertões: realidade em linguagem literária

Angelo Agostini. In: Revista Ilustrada. Rio de Janeiro, ano 22, n. 727, jan. 1897.



Gravura de Angelo Agostini, publicada em 1897 na *Revista Ilustrada*, na qual Antônio Conselheiro rechaça a República. Na imagem, lê-se: “até tomando ares de dizer à República: – Alto lá! D’aqui não passarás...”

Assim são definidos a obra e o estilo de Euclides da Cunha: uma revelação, marcada tanto pelo espírito científico quanto pela sensibilidade literária, dos mistérios do homem e de sua terra. Convencionou-se considerar a publicação da obra *Os sertões* o início do Pré-Modernismo na Literatura brasileira, uma vez que revela, com pessimismo e, por vezes, com a denúncia da crueldade, o contraste entre dois “Brasis”: o do litoral e o do sertão. Euclides da Cunha faz uma crítica incisiva ao excesso de nacionalismo da população litorânea,

que acabou não enxergando a real situação miserável dos mestiços do sertão.

Os sertões é uma obra híbrida, em que vários gêneros – do tratado antropológico e sociológico ao ensaio histórico e crítico-cultural – cruzam-se e “conversam” harmonicamente. Esses elementos são articulados por uma prosa vibrante de tons narrativos dramáticos e poéticos, com descrições muito expressivas de lugares e de pessoas. Ao longo da obra, há o permanente contato entre realidade e ficção, o que torna *Os sertões* um importante texto literário, capaz de promover interpretações em campos diversos, como Geografia, História, Sociologia, Filosofia e Literatura.

Na narrativa, observamos uma linguagem rara, riquíssima em termos científicos, em que é possível encontrar uma séria discussão não apenas sobre a terrível condição de vida dos sertanejos do Nordeste, mas também sobre os problemas do Brasil como uma nação. Dessa forma, transcendendo o núcleo emblemático do conflito em Canudos e desnuda um cenário de problemas políticos, econômicos e sociais mais complexos.

Há uma divisão importante do núcleo de *Os sertões* – “A terra”, “O homem” e “A luta” –, que pode ser mais bem compreendida se levarmos em conta a teoria determinista em que se estudam os seguintes fatores limitantes das condições sociais:

- Meio geográfico: o homem é fruto do ambiente natural e de sua formação; assim se explica a impossibilidade civilizatória em um local como o sertão.
- Momento histórico: o sertanejo não progride porque não tem contato com a civilização do litoral; por essa razão, o povo será considerado historicamente “retrógrado”.
- Raça: o “cruzamento” entre raças viria a enfraquecer a espécie – o sertanejo é um exemplo da miscigenação e do hibridismo racial (os quais o levam a impulsos criminosos e à bestialidade).

No entanto, é importante observar que, embora Euclides da Cunha adote inicialmente tal esquema interpretativo da realidade, este não apazigua sua perplexidade diante do massacre praticado pelo exército republicano em Canudos.

Os três núcleos de *Os sertões*

A TERRA

Nessa primeira parte da obra, Euclides da Cunha relata minuciosamente a parte física do território, ou seja, as condições geográficas de Canudos. Percebe-se, assim, uma vasta pesquisa em Geografia e Ciências Naturais: foram estudadas características topográficas e geológicas das regiões que compreendem desde o Rio Grande do Norte até o norte de Minas Gerais, particularmente a bacia do Rio São Francisco. O autor também discorre sobre a seca e as suas causas nos sertões do Nordeste, e, especialmente, a respeito do papel do homem como agente dessa destruição, por exemplo, nas práticas agrícolas rudimentares, com o uso de queimadas. Fala-se também sobre o ciclo das secas, os desertos, a erosão e as florestas arrasadas.

As condições estruturais da terra lá se vincularam à violência máxima dos agentes exteriores para o desenho de relevos estupendos. O regime torrencial dos climas excessivos, sobre vindo, de súbito, depois das insolações demoradas, e embatendo naqueles pendores, expôs a muito, arrebatando-lhes para longe todos os elementos degradados, as séries mais antigas daqueles últimos rebentos das montanhas: todas as variedades cristalinas, e os quartzitos ásperos, e as filadas e calcáreos, revezando-se ou entrelaçando-se, repontando duramente a cada passo, mal cobertos por uma flora **tolhiça** – dispondo-se em cenários em que ressalta predominante o aspecto atormentado das paisagens.

CUNHA, Euclides da. *Os sertões*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001. p. 87.

O HOMEM

Na segunda parte da obra, intitulada “O homem”, Euclides da Cunha completa toda a descrição do cenário, narrando a gênese de Canudos. O autor estudou a origem do jagunço – o sertanejo – e também a do líder político e religioso messiânico Antônio Conselheiro. Citam-se as raças formadoras da cultura brasileira – o índio, o branco português, o negro e o mestiço. Em “O homem”, o autor caracteriza o sertanejo como um “Hércules-Quasímodo”, feliz imagem-síntese de uma comparação antitética: Hércules, um semideus da mitologia grega que encarnava a valentia e a força, e Quasímodo (personagem literária de Victor Hugo), a feiura e a deformidade.

O sertanejo é, antes de tudo, um forte. Não tem o raquitismo exaustivo dos mestiços neurastênicos do litoral.

A sua aparência, entretanto, ao primeiro lance de vista, revela o contrário. Faltam-lhe a plástica impecável, o desempenho, a estrutura corretíssima das organizações atléticas.

É desgracioso, desengonçado, torto. Hércules-Quasímodo reflete no aspecto a fealdade típica dos fracos. O andar sem firmeza, sem aprumo, quase gigante e sinuoso, aparenta a translação de membros desarticulados. Agrava-o a postura normalmente abatida, num manifestar de displicência que lhe dá um caráter de humildade deprimente. A pé, quando parado, recosta-se invariavelmente ao primeiro umbral ou parede que encontra; a cavalo, se sofria o animal para trocar duas palavras com um conhecido, cai logo sobre um dos estribos, descansando sobre a espenda da sela. Caminhando, mesmo a passo rápido, não traça trajetória retilínea e firme. Avança celeremente, num bambolear característico, de que parecem ser o traço geométrico os meandros das trilhas sertanejas. [...] CUNHA, Euclides da. *Os sertões*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001. p. 207-208.

A LUTA

A terceira e última parte da obra *Os sertões*, “A luta”, é considerada a de maior relevância e a mais tocante, constituída pela narração das quatro expedições do Exército enviadas para conter a Revolta de Canudos. É importante lembrar que, historicamente, a chamada “revolta” não passou de um movimento de busca por melhores condições de existência empreendido por sertanejos miseráveis (que foram chamados de “bandidos do sertão” e povoaram extensas regiões do Rio São Francisco).

tolhiça: atrofiada.

Euclides da Cunha narra uma verdadeira guerra civil movida contra eles, de descrição sombria. O esquema determinista da obra é sufocado no momento em que o autor dá um tom dramático para o relato da barbárie final praticada contra os sertanejos. Não faltam comoção e admiração pela bravura dos canudenses a essa denúncia: “Avança, fraqueza do governo!” é o grito de guerra dos sertanejos.

O autor também incorporou à narrativa os cânticos e rezas entoados no arraial durante todo aquele ato de violência, cujo desfecho ocorreu no dia 5 de outubro de 1897, colocando fim ao povoado de Canudos e a um dos principais combates da história do Brasil.

Concluídas as pesquisas nos arredores, e recolhidas as armas e munições de guerra, os jagunços reuniram os cadáveres que jaziam esparsos em vários pontos. Decapitaram-nos. Queimaram os corpos. Alinharam depois, nas duas bordas da estrada, as cabeças, regularmente espaçadas, fronteando-se, faces voltadas para o caminho. Por cima, nos arbustos marginais mais altos, dependuraram os restos de fardas, calças e dólmas multicores, selins, cinturões, quepes de listras rubras, capotes, mantas, cantis e mochilas...

A caatinga mirrada e nua, apareceu repentinamente desabrochando numa florescência extravagantemente colorida no vermelho forte das divisas, no azul desmaiado dos dólmas e nos brilhos vivos das chapas dos talins e estribos oscilantes...

Um pormenor doloroso completou essa encenação cruel: a uma banda avultava, empalado, erguido num galho seco, de angico, o corpo do coronel Tamarindo.

Era assombroso... Como um manequim terrivelmente lúgubre, o cadáver desaprumado, braços e pernas pendidos, oscilando à feição do vento no galho flexível e vergado, aparecia nos ermos feito uma visão demoníaca.

CUNHA, Euclides da. *Os sertões*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001. p. 492-493.

Vanguardas europeias: o início turbulento do século XX na Europa

Modernismo na Europa: contexto histórico

Europa, primórdios do século XX: de um lado, uma minoria comemora o conforto oferecido pelas invenções e pelos progressos tecnológicos, como o automóvel, o avião e a eletricidade; de outro, a fome assola quase um terço da população mundial, marginalizada e em situação degradante.



René Magritte. *A traição das imagens*, 1929. Óleo sobre tela, 63,5 × 93,98 cm. Museu de Arte do Condado de Los Angeles, Los Angeles. O artista provoca uma reflexão sobre a diferença entre a realidade e a representação – a inscrição “Ceci n'est pas une pipe” significa “Isto não é um cachimbo”. A arte deixa de ser mimese ou mera reprodução, e a cópia e o retrato dão lugar aos questionamentos.

São inegáveis as mudanças radicais pelas quais a sociedade passou entre o final do século XIX e o início do século XX. Foram acontecimentos transformadores, entre crises políticas e sociais, que alteraram significativamente a face da Europa, bem como os progressos na ciência – em áreas como Física, Biologia e Química – e os avanços nos meios de comunicação e transporte, com invenções tecnológicas, como o telefone, o rádio, o cinema e o automóvel.

A nova forma de interpretar a sociedade como um todo também teve grande importância nesse período, com Sigmund Freud (1856-1939) tecendo teorias relevantes acerca das emoções e dos estados individuais, o que fascinava os artistas em suas explorações temáticas do eu em relação ao mundo. Com a Psicologia, outras tendências culturais emergiam na Europa e se difundiam mais facilmente, já que os meios de comunicação se aperfeiçoavam. Essas manifestações – artísticas, mas também existenciais –, denominadas vanguardas europeias, efetivaram-se em um período de aproximadamente 15 anos. De teores distintos, tais **vanguardas** tinham como objetivo comum encarar o mundo com postura combativa e inovar nas artes, trazendo à tona novas proposições estéticas.

Arte moderna

A originalidade é um valor da arte moderna, da qual faz parte a expressão própria do olhar humano, carregada com as experiências particulares do artista, as suas imperfeições naturais, e dotada das emoções e dos sentimentos acesos no momento da criação.

Pode parecer que esses ideais fazem parte dos anseios de qualquer artista, mas nem sempre foi assim. Para se chegar à concepção de arte atual, muitas mudanças foram necessárias, grande parte delas conquistada por artistas do Modernismo.

De acordo com padrões anteriores e perfeitamente estabelecidos até então, a qualidade de uma obra de arte residia na sua adequação às regras tradicionais de criação. A cópia correta e fiel dos clássicos era o critério de avaliação dos bons artistas.

Já o moderno relaciona-se àquilo que está desprezado do passado, que faz parte de correntes atuais de pensamento e está em dia com seu tempo e sua realidade; assim, a arte moderna é a que olha para a frente, que se adianta e que avança.

A arte moderna promoveu uma atitude de ruptura sem precedentes na história. Era o momento da descrença nos valores antigos e de sua desconstrução; tudo passava a ser visto como transitório e fugaz. Basta lembrar que, no momento de emergência da arte moderna, o cenário mundial estava sendo totalmente abalado em seus pressupostos mais básicos da vida humana devido às guerras, e os valores reconhecidos até então se tornavam obscuros e questionáveis. As noções de tempo e espaço não eram mais as mesmas de antes, e esses elementos,

vanguarda: termo derivado do francês *avant-garde*, que significa “o que marcha para a frente”.

profundamente desestabilizados, provocavam sensações diferentes em cada indivíduo. Assim, não fazia mais sentido representar a nova realidade humana e social conforme os padrões artísticos de antes, e a arte moderna ganhou seu espaço.

Inicialmente, o movimento ateou fogo no terreno da crítica. As novas artes não foram bem compreendidas e provocaram reações adversas, como se pode observar na crítica a seguir:

Em música são ridículos, na poesia são malucos e na pintura são borradores de telas.

Oscar Guanabara (crítico de arte e ferrenho adversário da Semana de 1922). In: BOAVENTURA, Maria Eugênia (org.). *22 por 22: a Semana de Arte Moderna vista pelos seus contemporâneos*. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2008. p. 13.

Assim, o início do século XX foi marcado por grande efervescência cultural: um turbilhão de ideias, de mudanças e de grandes inovações. No Brasil, o movimento adquiriu proporções importantes, que definiram e propuseram uma longa caminhada de atualização da arte produzida aqui.

! Atenção

É importante observar que Modernismo é o nome dado a um vasto conjunto de movimentos culturais e artísticos do início do século XX. Isso ajuda a compreender a amplitude do movimento que revolucionou conceitos e práticas estéticas e modificou a forma de entender e conceber a arte no Ocidente.

Vale entender que o Modernismo representa o desejo de universalizar, de romper com as amarras do passado; é o deslumbramento pelo novo em detrimento das limitadas fronteiras artísticas.

Vanguardas e as inovações europeias

No início do século XX, as tensões políticas entre os países europeus tornavam a realidade instável. Nessa conjuntura de incertezas e ausência de valores confiáveis, os referentes da arte perderam importância, e ela mudou seu foco: do produto ao processo.

As obras provocavam intencionalmente no leitor um sentimento de suspensão e de expectativa. O que esperar de uma obra modernista? Uma surpresa, sempre. Um não acabamento permanente quanto às possibilidades de significados que a ela poderiam ser associados. Frustrava-se quem esperava encontrar nas manifestações artísticas uma resposta completa e acabada. Ao contrário disso, o leitor passou a ser chamado a exercer o papel fundamental de participante, levantando hipóteses interpretativas quanto ao sentido da arte moderna, este sempre em aberto.

Assim, houve uma mudança na estrutura da arte, a qual adquiriu um caráter performático: colocou o ato da criação e da experiência estética que este pode provocar no espectador/leitor em evidência. Artista e público performam, ou seja, dão forma à obra de arte e experimentam a sua

configuração praticamente em pé de igualdade. Muitas mudanças dessa natureza foram propostas pelos movimentos modernistas chamados de vanguardas.

A palavra “vanguarda” tem origem semântica relacionada ao vocabulário militar. De fato, as iniciativas vanguardistas atuaram em uma linha de frente, travando uma verdadeira batalha, com a missão de se impor sobre a arte acadêmica. Formaram-se várias correntes artísticas, cada uma com suas propostas.

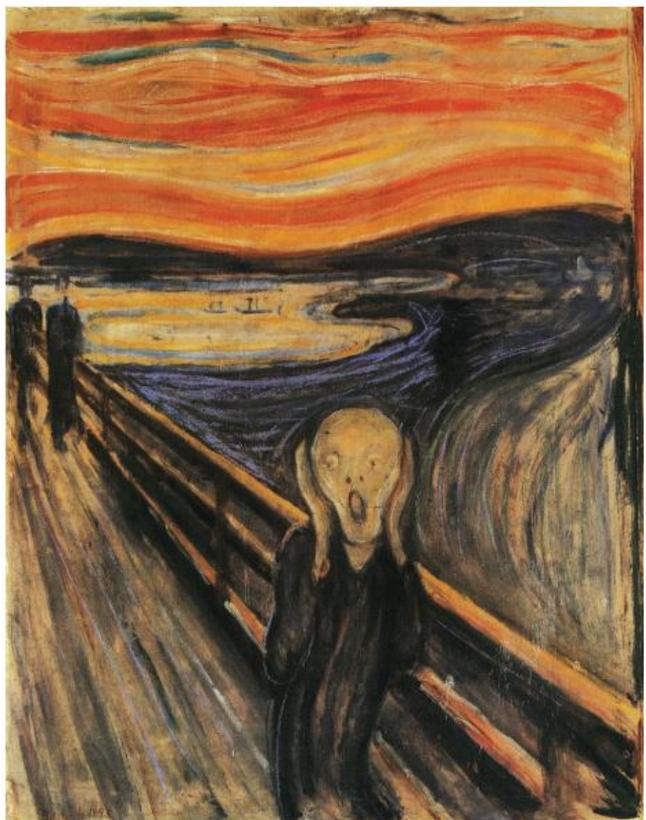
Entre as vanguardas, há cinco que podem ser consideradas principais, como descrito a seguir.

Dadaísmo

O movimento dadaísta foi encabeçado por Tristan Tzara, o escritor alemão Hugo Ball, o artista alsaciano Jean Arp, entre outros intelectuais, todos residentes em Zurique, na Suíça. Apresenta ideias derivadas do Romantismo no que diz respeito à produção artística, partilhando da “forma de espírito” do século XIX, que consistia no ato de escrever livremente, sem qualquer repressão da consciência ou preocupação com a forma – coerente e inteligível – da expressão resultante, e de um pessimismo exacerbado. Por fim, seus intelectuais queriam destruir, porque também se cria pela destruição.

Expressionismo

De origem alemã, o movimento surgiu no final do século XIX e início do século XX. Objetivava o impacto emocional do espectador ao ser posto em contato com a distorção intencional das formas movida pela emoção do artista; além disso, havia a explosão dos temas, univocamente identificáveis com as cores fortes e as formas retorcidas dos pesadelos acordados. Os expressionistas buscavam figurar na arte o terrível estado psicológico da humanidade ao final da Primeira Guerra Mundial ao mesmo tempo que se engajavam em fortes denúncias sociais, expressas por meio da arte.



Museu Munch, Oslo

Edvard Munch. *O grito*, 1893. Óleo, têmpera e pastel sobre cartão, 83 × 66 cm. Museu Munch, Oslo. Nesta célebre obra de arte, as imagens do indivíduo e da natureza se mesclam em sensações aterrorizantes, como as que saem de um pesadelo. São explorados efeitos de simultaneidade e associações livres.

Cubismo

De 1907 a 1914, o Cubismo representou um rompimento drástico com a possibilidade de se projetar na arte a real aparência das coisas do mundo. Tal movimento buscava representar as diversas partes e visões possíveis de um objeto em um único plano por meio de cortes geométricos. Os cubistas apostavam na simultaneidade das visualizações, de modo a preservar a integridade mais profunda do objeto. Na literatura, a realidade era representada de modo fragmentário, por meio de palavras sem configuração sintática clara dispostas nas orações, formando imagens que recusavam o entendimento linear e as definições, mas potencializavam percepções mais profundas da realidade.

© Association Marcel Duchamp/AUTVIS, Brasil, 2021



Marcel Duchamp. *L.H.O.O.Q.*, 1919. Litografia, 19,7 × 12,4 cm. Coleção particular. A obra demonstra a faceta divertida e irreverente proporcionada pela atitude de imitar o já imitado.



Cena do filme soviético *O encouraçado Potemkin*, dirigido por Serguei Eisenstein e lançado em 1925. O filme exemplifica a forma como o Cubismo pode ser explorado na esfera cinematográfica. Nesta cena intensa, um carrinho de bebê corre sem controle pela escadaria abaixo, enquanto são expostos, por meio da cerrada montagem dos planos, os diversos ângulos, as múltiplas formas da percepção do que ocorria, e as várias faces e reações sobre o mesmo acontecimento; todo o contexto real da cena é recriado de modo fragmentado, dissociado e geometrizado.

Surrealismo

Derivado da ruptura do Dadaísmo, esse movimento tem como base as misturas e a suspensão das contradições entre sonho e realidade, sanidade e loucura. O seu objetivo era a criação de uma “suprarrealidade” – uma realidade absoluta – a fim de explodir a percepção racional das contradições resultantes do apego às convenções. Tanto a pintura quanto os textos criados a partir da escrita automática buscavam dar vazão às pulsões vitais, vindas diretamente do inconsciente, sem a mediação da razão.



Salvador Dalí. *A persistência da memória*, 1931. Óleo sobre tela; 24,1 × 33 cm. Museu de Arte Moderna, Nova York. Nesse quadro, percebem-se traços surrealistas, como a influência onírica, a abstração e a representação do irreal.

Futurismo

De proposição italiana (por Filippo Marinetti, em 1909), o Futurismo tinha como pré-requisito estético a valorização da velocidade e das inovações tecnológicas. “Liberdade para as palavras” era o *slogan* dos escritores, que procuravam usá-las não pelo conjunto articulado de significados imediatos que elas abarcam, mas pela força e potência dos seus fluxos e as correntes vibrantes de percepção que elas podem provocar. Assim, a propaganda passa a ser considerada uma excelente forma de comunicação.



Giacomo Balla. *Dinamismo de um cão em uma trela*, 1912. Óleo sobre tela; 89,8 × 109,8 cm. Galeria de Arte Albright-Knox, Nova York. No quadro, as formas repetidas e pouco nítidas rompem com a representação tradicional da paisagem, transmitindo a ideia de velocidade e movimento.

Revisando



O Pré-Modernismo no Brasil foi um período de transição entre as correntes literárias do fim do século XIX e as tendências mais modernas do início do século XX. Os trechos apresentados a seguir pertencem a autores de destaque de tal época e evidenciam características marcantes da produção literária do período. Leia-os atentamente para responder às questões de **1 a 3**.

O sertanejo é, antes de tudo, um forte. Não tem o raquitismo exaustivo dos mestiços neurastênicos do litoral.

A sua aparência, entretanto, ao primeiro lance de vista, revela o contrário. Faltam-lhe a plástica impecável, o desempenho, a estrutura corretíssima das organizações atléticas. [...]

É o homem permanentemente fatigado.

O subúrbio é o refúgio dos infelizes. Os que perderam o emprego, as fortunas; os que faliram nos negócios, enfim, todos os que perderam a sua situação normal vão se aninhar lá; e todos os dias, bem cedo, lá descem à procura de amigos fiéis que os amparem, que lhes deem alguma coisa para o sustento seu e dos filhos.

BARRETO, Lima. *Clara dos Anjos*. São Paulo: Penguin & Companhia das Letras, 2012.

O caboclo é soturno. [...] o caboclo é o sombrio urupê de pau podre a modorrar silencioso no recesso das grotas. Só ele não fala, não canta, não ri, não ama. Só ele, no meio de tanta vida, não vive...

LOBATO, Monteiro. *Urupês*. São Paulo: Brasiliense, 1972. p. 145-155.

O homem por sobre quem caiu a praga
Da tristeza do Mundo, o homem que é triste
Para todos os séculos existe
E nunca mais o seu pesar se apaga!

Não crê em nada, pois, nada há que traga
Consolo à Mágoa, a que só ele assiste.
Quer resistir, e quanto mais resiste
Mais se lhe aumenta e se lhe afunda a chaga

ANJOS, Augusto dos. "Eterna Mágoa". In: *Eu*. Fortaleza: Armazém da Cultura, 2012.

1. Os trechos das obras apresentados visam à idealização ou à denúncia do homem e da sociedade?

2. Os textos apresentam um tom de otimismo ou pessimismo?

3. O homem representado é da elite ou, de alguma forma, pertence a classes marginalizadas?

4. Leia a epígrafe que Lima Barreto escolheu para seu romance *Triste fim de Policarpo Quaresma*:

O grande inconveniente da vida real e o que a torna insuportável ao homem superior é que, se para ela transportarmos os princípios do ideal, as qualidades se tornam defeitos, de tal modo que frequentemente o homem íntegro aí se sai menos bem que aquele que tem por causas o egoísmo e a rotina vulgar.

RENAN, Marc-Aurèle. In: BARRETO, A. H. Lima. *Triste fim de Policarpo Quaresma*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001. p. 45.

Depois de conhecer as características do Pré-Modernismo, como podemos associar esse texto ao referido período da Literatura brasileira?



Leia o fragmento a seguir, da obra *Os sertões*, para responder às questões 5 e 6.

O sertanejo é, antes de tudo, um forte. Não tem o raquitismo exaustivo dos mestiços neurastênicos do litoral.

A sua aparência, entretanto, ao primeiro lance de vista, revela o contrário. Faltam-lhe a plástica impecável, o desempenho, a estrutura corretíssima das organizações atléticas.

É desgracioso, desengonçado, torto. Hércules-Quasímodo, reflete no aspecto a fealdade típica dos fracos. O andar sem firmeza, sem aprumo, quase gigante e sinuoso, aparenta a translação de membros desarticulados. Agrava-o a postura normalmente abatida, num manifestar de displicência que lhe dá um caráter de humildade deprimente. A pé, quando parado, recosta-se invariavelmente ao primeiro umbral ou parede que encontra; a cavalo, se sofria o animal para trocar duas palavras com um conhecido, cai logo sobre um dos estribos, descansando sobre a espenda da sela. Caminhando, mesmo a passo rápido, não traça trajetória retilínea e firme. Avança celeremente, num bambolear característico, de que parecem ser o traço geométrico os meandros das trilhas sertanejas. [...]

CUNHA, Euclides da. *Os sertões*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001. p. 207-208.

5. Na terceira parte da obra *Os sertões*, “O homem”, Euclides da Cunha caracteriza o sertanejo como um “Hércules-Quasímodo”. Explique a construção dessa imagem.

6. Identifique as características do sertanejo que, segundo o narrador, aproximam-no de um “Quasímodo”.

7. **UPE/SSA 2017** O início do século XX, compreendido entre 1902 a 1922, foi muito significativo para a fase de transição da literatura brasileira. As Vanguardas Europeias e a Semana de 1922 representaram mudanças importantíssimas no fazer artístico e literário, no Brasil. Acerca desse período, analise as proposições a seguir e assinale com V as Verdadeiras e com F as Falsas.

■ O ano de 1902, marcado pela publicação de *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, foi decisivo para a liberdade intelectual brasileira. Essa obra foi importante porque lançou, de um só golpe, a realidade brasileira até então disfarçada. Isso mantinha os escritores da época presos à visão europeia, em razão de sentimentos de inferioridade, motivados pelo *status* colonial vivenciado.

■ O Futurismo, um dos movimentos de vanguarda, foi lançado por Marinetti. Tal movimento estético caracterizou-se mais por manifestos que por obras; assim, os futuristas exaltavam a vida moderna, cultuavam a máquina e a velocidade.

■ Os romances de Lima Barreto têm muito de crônica, pois neles se encontram cenas do cotidiano, de jornal, sobre a vida burocrática, tudo numa linguagem fluente e sem muitas ambições. Isso pode ser percebido no seguinte trecho de sua obra *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*: “Almocei, saí até à cidade próxima para fazer as minhas despedidas, jantei e, sempre, aquela visão doutoral que me não deixava”.

■ Augusto dos Anjos é um poeta eloquente; assim, encontram-se, em sua obra, palavras do jargão científico e termos técnicos, que não podem ser ignorados, porque tais palavras fazem parte do contexto de produção do poeta. Pode-se conferir isso no seguinte trecho de seu poema *A ideia*: “Vem do encéfalo absconso que a constringe, / Chega

em seguida às cordas do laringe, / Tísica, tênue, mínima, raquítica ...”

■ A Semana de 22 ocorreu no Theatro Municipal de São Paulo, nos dias 13, 15 e 17 de fevereiro de 1922. A ideia da Semana era a de destruir, escandalizar e, especialmente, criticar. Acerca dessa postura, Aníbal Machado diz a seguinte frase: “Não sabemos definir o que queremos, mas sabemos discernir o que não queremos”.

A sequência **CORRETA**, de cima para baixo, é:

- a) V-V-F-F-V c) V-V-V-V-V e) F-F-V-F-F
b) V-V-V-F-F d) F-F-F-V-V

8. Enem 2016

Texto I



Gino Severini. *A hieroglífica dinâmica do Bal Tabarin*, 1912. Óleo sobre tela, 161,6 × 156,2 cm. Museu de Arte Moderna, Nova York.

Texto II

A existência dos homens criadores modernos é muito mais condensada e mais complicada do que a das pessoas dos séculos precedentes. A coisa representada, por imagem, fica menos fixa, o objeto em si mesmo se expõe menos do que antes. Uma paisagem rasgada por um automóvel, ou por um trem, perde em valor descritivo, mas ganha em valor sintético. O homem moderno registra cem vezes mais impressões do que o artista do século XVIII.

LEGÉR, F. *Funções da pintura*. São Paulo: Nobel, 1989.

A vanguarda europeia, evidenciada pela obra e pelo texto, expressa os ideais e a estética do

- a) Cubismo, que questionava o uso da perspectiva por meio da fragmentação geométrica.
b) Expressionismo alemão, que criticava a arte acadêmica, usando a deformação das figuras.
c) Dadaísmo, que rejeitava a instituição artística, propondo a antiarte.
d) Futurismo, que propunha uma nova estética, baseada nos valores da vida moderna.
e) Neoplasticismo, que buscava o equilíbrio plástico, com utilização da direção horizontal e vertical.

Exercícios propostos

1. Enem 2014

Psicologia de um vencido

Eu, filho do carbono e do amoníaco,
Monstro de escuridão e rutilância,
Sofro, desde a epigênese da infância,
A influência má dos signos do zodíaco.

Profundissimamente hipocondríaco,
Este ambiente me causa repugnância...
Sobe-me à boca uma ânsia análoga à ânsia
Que se escapa da boca de um cardíaco.

Já o verme – este operário das ruínas –
Que o sangue podre das carnificinas
Come, e à vida em geral declara guerra,

Anda a espreitar meus olhos para roê-los,
E há de deixar-me apenas os cabelos,
Na frialdade inorgânica da terra!

ANJOS, Augusto dos. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

A poesia de Augusto dos Anjos revela aspectos de uma literatura de transição designada como pré-modernista. Com relação à poética e à abordagem temática presentes no soneto, identificam-se marcas dessa literatura de transição, como

- a) a forma do soneto, os versos metrificados, a presença de rimas, o vocabulário requintado, além do ceticismo, que antecipam conceitos estéticos vigentes no Modernismo.
- b) o empenho do eu lírico pelo resgate da poesia simbolista, manifesta em metáforas como “Monstro de escuridão e rutilância” e “influência má dos signos do zodíaco”.
- c) a seleção lexical emprestada do cientificismo, como se lê em “carbono e amoníaco”, “epigênese da infância”, “frialdade inorgânica”, que restitui a visão naturalista do homem.
- d) a manutenção de elementos formais vinculados à estética do Parnasianismo e do Simbolismo, dimensionada pela inovação na expressividade poética e o desconcerto existencial.
- e) a ênfase no processo de construção de uma poesia descritiva e ao mesmo tempo filosófica, que incorpora valores morais e científicos mais tarde renovados pelos modernistas.



Texto para as questões 2 e 3.

Versos a um coveiro

Numerar sepulturas e **carneiros**,
Reduzir carnes podres a algarismos,
Tal é, sem complicados silogismos,
A aritmética hedionda dos coveiros!

Um, dois, três, quatro, cinco... Esoterismos
Da Morte! E eu vejo, em **fúlgidos** letreiros,

Na progressão dos números inteiros
A gênese de todos os abismos!

Oh! Pitágoras da última aritmética,
Continua a contar na paz **ascética**
Dos **tábidos** carneiros sepulcrais

Tíbias, cérebros, crânios, **rádios** e úmeros,
Porque, infinita como os próprios números
A tua conta não acaba mais!

carneiros: criptas, subterrâneos sepulcrais

fúlgidos: brilhantes

ascética: próprio do asceta, de quem se entrega a práticas espirituais, levando vida contemplativa

tábidos: pobres corruptos

tíbias: ossos que constituem a perna

rádios: ossos que constituem o antebraço

2. **Mackenzie-SP 2016 (Adapt.)** É correto afirmar que em “Versos a um coveiro”:

- a) a construção do soneto com léxico das áreas da Biologia e da Matemática reduz o impacto poético da composição.
- b) a composição textual estruturada na função fática e no uso de terminologia científica ampliam o valor literário do soneto.
- c) o racionalismo científico e a opção pela composição em forma de soneto vinculam o poema selecionado aos ideais do movimento Naturalista.
- d) a exploração de caracteres patológicos, mórbidos e pútridos afastam a possibilidade de o presente soneto ser considerado relevante para o universo da literatura brasileira.
- e) o emprego de terminologia técnica, das áreas da Biologia e da Matemática, concede tom de racionalidade à morte, tratada de forma quantificável.

3. **Mackenzie-SP 2016 (Adapt.)** Assinale a alternativa que **NÃO** pode ser considerada como afirmação válida sobre a obra poética de Augusto dos Anjos.

- a) As suas imagens são tomadas à ciência e à técnica, cravando-se na sonoridade agressiva de um verso que incorpora a ênfase retórica e o mau gosto com tamanho destemor, que a aparente vulgaridade torna-se grandiosa e a oratória sai da banalidade para gerar uma espécie de mensagem apocalíptica. (Antônio Candido)
- b) [...] inferior, banalizada pela repetição de situações desprovidas de surpresas, pouco imaginativas e repletas de clichês [...]. Uma literatura sem sobressaltos, que responde às expectativas do leitor médio, estabelecendo com ele um pacto onde a função recreativa domina. (Nelly Novaes Coelho)

- c) Trata-se de um poeta poderoso, que deve ser mensurado por um critério estético aberto que possa reconhecer, além do “mau gosto” do vocabulário rebuscado e científico, a dimensão cósmica e a angústia moral de sua poesia. (Alfredo Bosi)
- d) Limita-se às formas convencionais, de versos, é certo, mas uma aspereza toda sua, uma angulosidade de expressão servida pelo seu conhecimento de palavras duramente científicas, dá aos seus poemas um audacioso sabor mais para os olhos do que para os ouvidos. (Gilberto Freyre)
- e) [...] mais do que qualquer parnasiano [...], sendo também, mais do que qualquer simbolista, o rei da aliteração. Raramente encontramos um hiato sobrevivente à sua metrificação impiedosa. (Otto Maria Carpeaux)

4. UFRGS 2015 Leia o soneto de Augusto dos Anjos e o poema de Manuel Bandeira.

Psicologia de um vencido

Eu, filho do carbono e do amoníaco,
Monstro de escuridão e rutilância,
Sofro, desde a epigênese da infância,
A influência má dos signos do zodíaco.

Profundissimamente hipocondríaco,
Este ambiente me causa repugnância...
Sobe-me à boca uma ânsia análoga à ânsia
Que se escapa da boca de um cardíaco.

Já o verme – este operário das ruínas –
Que o sangue podre das carnificinas
Come, e à vida em geral declara guerra,

Anda a espreitar meus olhos para roê-los,
E há de deixar-me apenas os cabelos,
Na frialdade inorgânica da terra!

ANJOS, Augusto dos.

Pneumotórax

Febre, hemoptise, dispneia e suores noturnos.
A vida inteira que podia ter sido e que não foi.
Tosse, tosse, tosse.
Mandou chamar o médico:
— Diga trinta e três.
— Trinta e três... trinta e três... trinta e três...
— Respire.
— O senhor tem uma escavação no pulmão esquerdo
[e o pulmão direito infiltrado.
— Então, doutor, não é possível tentar o pneumotórax?
— Não. A única coisa a fazer é tocar um tango
[argentino.

BANDEIRA, Manuel.

Assinale com V (verdadeiro) ou F (falso) as seguintes afirmações sobre os poemas.

- Os dois poemas tratam do problema da finitude do corpo, corroído por doenças, utilizando um vocabulário técnico, pouco comum à poesia.

- O soneto de Augusto dos Anjos apresenta as energias do universo, que se associam para formar o “Eu”, e não conseguem evitar a decomposição do corpo.
 - O poema de Manuel Bandeira mostra a fragilidade do corpo, encarada de forma irônica, sem o tom grave de conspiração encontrado em Augusto dos Anjos.
 - Os dois poemas evidenciam o destino implacável da destruição do homem desde que nasce, marcado pela presença dos vermes.
- a) V – F – V – V. d) F – F – V – V.
b) F – V – F – F. e) V – F – F – V.
c) V – V – V – F.

5. Enem 2020 Policarpo Quaresma, cidadão brasileiro, funcionário público, certo de que a língua portuguesa é emprestada ao Brasil; certo também de que, por esse fato, o falar e o escrever em geral, sobretudo no campo das letras, se veem na humilhante contingência de sofrer continuamente censuras ásperas dos proprietários da língua; sabendo, além, que, dentro do nosso país, os autores e os escritores, com especialidade os gramáticos, não se entendem no tocante à correção gramatical, vendo-se, diariamente, surgir azedas polêmicas entre os mais profundos estudiosos do nosso idioma — usando do direito que lhe confere a Constituição, vem pedir que o Congresso Nacional decrete o tupi-guarani como língua oficial e nacional do povo brasileiro.

BARRETO, L. **Triste fim de Policarpo Quaresma**. Disponível em: www.dominiopublico.gov.br. Acesso em: 26 jun. 2012.

Nessa petição da pitoresca personagem do romance de Lima Barreto, o uso da norma-padrão justifica-se pela

- a) situação social de enunciação representada.
- b) divergência teórica entre gramáticos e literatos.
- c) pouca representatividade das línguas indígenas.
- d) atitude irônica diante da língua dos colonizadores.
- e) tentativa de solicitação do documento demandado.

6. UFSC 2020

Olham-se os quartos e todos aqueles homens, muitas vezes moços, sem moléstia comum, que não falam, que não se erguem da cama nem para exercer as mais tirânicas e baixas exigências da nossa natureza, que se urinam, que se rebohariam no próprio excremento, se não fossem os cuidados dos guardas e enfermeiros, pensa-se profundamente, dolorosamente, angustiosamente sobre nós, sobre o que somos; pergunta-se a si mesmo se cada um de nós está reservado àquele destino de sermos nós mesmos, o nosso próprio pensamento, a nossa própria inteligência, que, por um desarranjo funcional qualquer, se há de encarregar de levar-nos àquela depressão de nossa própria pessoa, àquela depreciação da nossa natureza, que as religiões querem semelhante a Deus, àquela quase morte em vida.

10 Parece tal espetáculo com os célebres cemitérios de vivos que um diplomata brasileiro, numa narração de viagem, diz ter havido em Cantão, na China.

15 Nas imediações dessa cidade, um lugar apropriado de domínio público era reservado aos indigentes que se

20 sentiam morrer. Dava-se-lhes comida, roupa e o caixão

fúnebre em que se deviam enterrar. Esperavam tranqui-
lamente a Morte.

Assim me pareceu pela primeira vez que deparei
com tal quadro, com repugnância, que provoca a pensar
25 mais profundamente sobre ele, e aquelas sombrias vidas
sugerem a noção em torno de nós, de nossa existência e
a nossa vida, só vemos uma grande abóbada de trevas,
de negro absoluto. Não é mais o dia azul-cobalto e o
céu ofuscante, não é mais o negror da noite picado de
30 estrelas palpitantes; é a treva absoluta, é toda ausência de
luz, é o mistério impenetrável e um não poderás ir além
que confessam a nossa própria inteligência e o próprio
pensamento.

LIMA BARRETO, Afonso Henriques de. O cemitério dos vivos. In: LIMA
BARRETO, Afonso Henriques de. *Diário do hospício; O cemitério dos vivos*.
São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 168-169.

Com base na leitura do texto e na leitura integral de
O cemitério dos vivos, escrita entre os anos de 1919
e 1920, no contexto sócio-histórico e literário da obra e,
ainda, de acordo com a variedade padrão da língua
escrita, é correto afirmar que:

- 01 a obra é um romance ficcional, ainda que escrito
com base em memórias e reflexões presentes no
diário em que Lima Barreto relata sua experiência
como interno em um hospício.
- 02 a escrita autobiográfica do autor de origem humil-
de, discriminado como mulato, denuncia a vida de
seus antepassados quando trazidos para o Brasil
em navios negreiros.
- 04 a narrativa explora o remorso do protagonista
Mascarenhas, que, num momento de perda da
razão, assassina a própria esposa e é internado
em um hospício.
- 08 na frase sublinhada (linhas 28 a 31), o ponto e
vírgula pode ser substituído por dois-pontos sem
prejuízo ao sentido do texto.
- 16 o pronome oblíquo “lhes” (linha 20) retoma o refe-
rente “indigentes” (linha 19).
- 32 o excerto faz referência à existência de um livro cha-
mado “O cemitério dos vivos”, publicado na China,
que inspirou o título da obra de Lima Barreto.
- 64 as palavras “Deus” (linha 14), “Cantão” (linha 17) e
“China” (linha 17) são grafadas com inicial maiúscu-
la por se tratar de nomes próprios.

Soma:

7. **Enem 2020** Na sua imaginação perturbada sentia a na-
tureza toda agitando-se para sufocá-la. Aumentavam as
sombrias. No céu, nuvens colossais e túmidas rolavam
para o abismo do horizonte... Na várzea, ao clarão inde-
ciso do crepúsculo, os seres tomavam ares de monstros...
As montanhas, subindo ameaçadoras da terra, perfilavam-
se tenebrosas... Os caminhos, espreguiçando-se sobre
os campos, animavam-se quais serpentes infinitas... As
árvores soltas choravam ao vento, como carpideiras fan-
tásticas da natureza morta... Os aflitivos pássaros noturnos
gemiam agouros com pios fúnebres. Maria quis fugir, mas
os membros cansados não acudiam aos ímpetos do medo
e deixavam-na prostrada em uma angústia desesperada.

ARANHA, J. P. G. **Canaã**. São Paulo: Ática, 1997.

No trecho, o narrador mobiliza recursos de linguagem
que geram uma expressividade centrada na percep-
ção da

- a) relação entre a natureza opressiva e o desejo de
libertação da personagem.
- b) confluência entre o estado emocional da perso-
nagem e a configuração da paisagem.
- c) prevalência do mundo natural em relação à fragi-
lidade humana.
- d) depreciação do sentido da vida diante da consciên-
cia da morte iminente.
- e) instabilidade psicológica da personagem face à
realidade hostil.

8. **UEM-PR 2015** Assinale o quer for **correto** sobre a
obra *Eu e outras poesias* e sobre seu autor, Augusto
dos Anjos.

- 01 Em *Eu e outras poesias* podem ser encontrados al-
guns dos temas mais presentes na obra de Augusto
dos Anjos, tais como o amor ingênuo e platônico
(fruto da influência da segunda geração romântica)
e a exaltação de elementos nacionais que, não obs-
tante, é feita de maneira crítica e mordaz.
- 02 Um dos aspectos mais chamativos nos poemas de
Augusto dos Anjos – verificável em *Eu e outras poe-
sias* – é sua negação da ciência, que é vista como
um elemento capaz de reduzir as possibilidades de
aprimoramento humano presentes na intuição
de cunho sentimental.
- 04 Apesar do título, o volume *Eu e outras poesias*
apresenta exemplos de produções pouco recor-
rentes na obra de Augusto dos Anjos: o conto “O
alienista”, que se configura como uma narrativa
poética, e a tragédia “Profissão de fé”, fortemente
marcada pelo Simbolismo.
- 08 A produção literária de Augusto dos Anjos, embora
habitualmente situada no contexto do Pré-Mod-
ernismo brasileiro, representa um problema de
classificação estética, de modo que sua obra – na
qual se encontram influências do Naturalismo e
do Simbolismo – constitui fenômeno particular
e original.
- 16 No poema “Psicologia de um vencido”, os versos
“*Eu, filho do carbono e do amoníaco, / Monstro de*
escuridão e rutilância, / Sofro, desde a epigênese
da infância, / A influência má dos signos do zodíaco”
revelam uma visão sofredora do mundo, da vida.
O “eu” lírico angustia-se diante da previsão da
própria morte e do destino reservado ao cadáver,
conforme o verso “*Na frialdade inorgânica da terra*”
(ANJOS, Augusto. *Eu e outras poesias*. São Paulo:
Martin Claret, 2002, p. 38).

Soma:

9. **Uern 2015** Considere o texto e a imagem a seguir.

O decênio de 1930 teve como característica própria
um grande surto do romance, tão brilhante quanto o que

se verificou entre 1880 e 1910, e que apenas em pequena parte dependeu da estética modernista.

CANDIDO, Antônio e CASTELLO, J. Aderaldo. *Presença da Literatura Brasileira: Modernismo*. São Paulo/Rio de Janeiro: Difel, 1979.



Seca: Bahia tem pelo menos 140 cidades em situação de emergência. 28 de agosto de 2014. Disponível em: <http://visaonacional.com.br>. Acesso em: 8 de jan. 2018.

O comentário do especialista associado à imagem apresenta e representa características importantes da prosa modernista da geração de 1930. Em relação à produção literária identificada, assinale a alternativa correta.

- a) A preocupação com a documentação da realidade presente no Pré-Modernismo é retomada.
- b) Utiliza-se uma linguagem rebuscada objetivando demonstrar a importância do tema abordado.
- c) O regionalismo é explorado de forma preconceituosa, demonstrando com exagero a situação difícil das regiões retratadas.
- d) O desejo por um país melhor, isento de desigualdades sociais, faz com que os romancistas de 1930 descrevam cenários e personagens idealizados.



Texto para as questões 10 e 11.

O planalto central do Brasil desce, nos litorais do Sul, em escarpas inteiriças, altas e abruptas. Assoberba os mares; e desata-se em chapadões nivelados pelos visos das cordilheiras marítimas, distendidas do Rio Grande a Minas. Mas ao derivar para as terras setentrionais diminui gradualmente de altitude, ao mesmo tempo que descamba para a costa oriental em andares, ou repetidos socalcos, que o despem da primitiva grandeza afastando-o consideravelmente para o interior.

- 10 De sorte que quem o contorna, seguindo para o norte, observa notáveis mudanças de relevos: a princípio o traço contínuo e dominante das montanhas, precintando-o, com destaque saliente, sobre a linha projetante das praias, depois, no segmento de orla marítima entre o Rio de Janeiro e o Espírito Santo, um aparelho litoral revolto,
- 15 feito da envergadura desarticulada das serras, riçado de cumeadas e corroído de angras, e escancelando-se em baías, e repartindo-se em ilhas, e desagregando-se em recifes desnudos, à maneira de escombros do conflito secular
- 20 que ali se trava entre os mares e a terra; em seguida, transposto o 15º paralelo, a atenuação de todos os acidentes – serranias que se arredondam e suavizam as linhas dos taludes, fracionadas em morros de encostas indistintas no horizonte que se amplia; até que em plena faixa costeira

25 da Bahia, o olhar, livre dos anteparos de serras que até lá o repulsam e abreviam, se dilata em cheio para o ocidente, mergulhando no âmago da terra amplíssima lentamente emergindo num ondear longínquo de chapadas...

30 Este fácies geográfico resume a morfogenia do grande maciço continental.

CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*.

10. **Mackenzie-SP 2015** Assinale a alternativa **incorreta** sobre o contexto histórico e literário da prosa pré-modernista a que pertence o fragmento de *Os Sertões*.

- a) Os prosadores pré-modernistas produziram uma literatura problematizadora da realidade brasileira de sua época.
- b) Entre os temas pré-modernistas, está o subdesenvolvimento do sertão nordestino.
- c) A investigação social presente na prosa pré-modernista colabora para o aprofundamento do sentimento ufanista nacional.
- d) A prosa da época é marcada por obras de análise e interpretação social significativas para a literatura brasileira.
- e) O pré-modernismo antecipou formal ou tematicamente práticas e ideias que foram desenvolvidas pelos modernistas.

11. **Mackenzie-SP 2015** A partir do fragmento de *Os Sertões*, pode-se afirmar que todas as afirmações estão corretas, **EXCETO**:

- a) o autor compõe seu texto com traços tanto de uma prosa científica quanto de uma prosa literária.
- b) a constante utilização de termos científicos, como *cumeadas*, *taludes* e *morfogenia*, compromete o valor literário da obra.
- c) destacam-se contrastes geográficos do Brasil, como evidenciado no fragmento: *Mas ao derivar para as terras setentrionais diminui gradualmente de altitude* (linhas 4 a 6).
- d) há uma detalhada descrição da região embasada pelo conhecimento das Ciências Naturais.
- e) a opção pela utilização de mais de um adjetivo para caracterizar o substantivo, como em *escarpas inteiriças*, *altas* e *abruptas* (linha 2), está vinculada à ideia da objetividade científica.

12. **Uece 2018**

Não se zanguem

A cartomancia entrou decididamente na vida nacional. Os anúncios dos jornais todos os dias proclamam aos quatro ventos as virtudes miríficas das pitonisas.

Não tenho absolutamente nenhuma ojeriza pelas adivinhas; acho até que são bastante úteis, pois mantêm e sustentam no nosso espírito essa coisa que é mais necessária à nossa vida que o próprio pão: a ilusão.

Noto, porém, que no arraial dessa gente que lida com o destino, reina a discórdia, tal e qual no campo de Agramante.

A política, que sempre foi a inspiradora de azedas polêmicas, deixou um instante de sê-lo e passou a vara à cartomancia.

Duas senhoras, ambas ultravidentes, extralúcidas e não sei que mais, aborreceram-se e anda uma delas a dizer da outra cobras e lagartos.

Como se pode compreender que duas sacerdotisas do invisível não se entendam e deem ao público esse espetáculo de brigas tão pouco próprio a quem recebeu dos altos poderes celestiais virtudes excepcionais?

A posse de tais virtudes devia dar-lhes uma mansuetude, uma tolerância, um abandono dos interesses terrestres, de forma a impedir que o azedume fosse logo abafado nas suas almas extraordinárias e não rebentasse em disputas quase sangrentas.

Uma cisão, uma cisma nessa velha religião de adivinhar o futuro, é fato por demais grave e pode ter consequências desastrosas.

Suponham que F. tenta saber da cartomante X se coisa essencial à sua vida vai dar-se e a cartomante, que é dissidente da ortodoxia, por pirraça diz que não.

O pobre homem aborrece-se, vai para casa de mau humor e é capaz de suicidar-se.

O melhor, para o interesse dessa nossa pobre humanidade, sempre necessitada de ilusões, venham de onde vier, é que as nossas cartomantes vivam em paz e se entendam para nos ditar bons horóscopos.

(BARRETO, Lima. *Vida urbana: artigos e crônicas*. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1961.)

A crônica *Não se zanguem* serve para mostrar muitas características que podem ser encontradas na literatura de Lima Barreto de forma geral. Assinale a opção que **NÃO** condiz com essas características.

- a) Há presente, na prosa literária de Lima Barreto, uma galeria de fatos e personagens que ilustra bem o panorama dos primeiros vinte anos do século XX carioca, apresentando a cidade do Rio de Janeiro com seus problemas e sua disparidade cultural, econômica e política.
- b) As obras do autor de *Triste fim de Policarpo Quaresma* estão pautadas em temáticas socialmente engajadas, que denunciam mazelas e criticam assuntos do cotidiano.
- c) O teor satírico e humorístico está presente fortemente nos escritos literários de Lima Barreto.
- d) Como escritor vinculado ao chamado Pré-Modernismo, Lima Barreto apresentou-nos uma prosa em linguagem excessivamente formal.

13. **Unioeste-PR 2018** Com base no texto abaixo, assinale a alternativa **CORRETA**.

O fato mais importante de sua vida é sem dúvida votar no governo. [...] Vota. Não sabe em quem, mas vota. [...] O sentimento de pátria lhe é desconhecido. Não tem sequer a noção do país em que vive. [...] Em matéria de civismo, não sobe de ponto. [...] A sua medicina corre parrelhas com o civismo. [...] O veículo usual das drogas é sempre a pinga – meio honesto de render homenagem à deusa Cachaça. [...] Só ele não fala, não canta, não ri, não ama.

- a) O texto, extraído do romance *Lavoura arcaica*, de Raduan Nassar, ironiza o povo brasileiro, cuja indolência e falta de patriotismo envergonham o País.

- b) O narrador de *Lavoura arcaica* descreve a vida dos agregados, na fazenda do pai, interesseiros e preguiçosos, vítimas do álcool e da pobreza.
- c) Raduan Nassar, na descrição de um de seus personagens, critica o congressista brasileiro, corrupto e drogado, sempre pronto a defender o governo.
- d) O fragmento faz parte da crônica/conto *Urupês*, em que Monteiro Lobato descreve o Jeca Tatu, tecendo críticas violentas ao caboclo brasileiro.
- e) No texto em questão, Monteiro Lobato, conhecido por suas obras infantis, defende a nacionalização do petróleo em detrimento de políticos medíocres e puxa-sacos.

14. **Uerj 2014** Policarpo Quaresma, cidadão brasileiro, certo de que a língua portuguesa é emprestada ao Brasil; certo também de que, por esse fato, o falar e o escrever, em geral, se veem na humilhante contingência de sofrer continuamente censuras ásperas dos proprietários da língua; usando do direito que lhe confere a Constituição, vem pedir que o Congresso Nacional decrete o tupi-guarani como língua oficial e nacional do povo brasileiro. Senhores Congressistas, o tupi-guarani, língua aglutinante, é a única capaz de traduzir as nossas belezas, de pôr-nos em relação com a nossa natureza e adaptar-se perfeitamente aos nossos órgãos vocais e cerebrais, por ser criação de povos que aqui viveram e ainda vivem.

BARRETO, Lima. *Triste fim de Policarpo Quaresma*. Rio de Janeiro: MEDIAfashion, 2008. (Adapt.)

A história narrada em *Triste fim de Policarpo Quaresma* se passa no momento de implantação do regime republicano no Brasil. Sua personagem principal, o Major Quaresma, defende alguns projetos de reforma, um deles relatado no trecho citado.

A justificativa da personagem para a adoção do tupi-guarani como língua oficial brasileira baseia-se na associação entre nacionalidade e a ideia de:

- a) valorização da cultura local.
- b) defesa da diversidade racial.
- c) preservação da identidade territorial.
- d) independência da população autóctone.

15. **UFRGS 2020** Considere as seguintes afirmações sobre os romances abaixo.

- I. A personagem Bertoleza, de *O cortiço*, representa um entrave às ambições de João Romão de ascender socialmente, razão pela qual ele planeja devolvê-la ao seu antigo senhor, na condição de escrava que era.
- II. Euclides da Cunha narra, em “A luta”, terceira parte de *Os sertões*, as formas de organização e as estratégias de combate dos sertanejos, liderados por Antônio Conselheiro, que derrotam o Exército Republicano.
- III. O personagem Ricardo Coração dos Outros, em *Triste fim de Policarpo Quaresma*, de Lima Barreto, é um músico popular, que goza da estima da mais alta sociedade carioca, por ser a expressão característica da alma nacional.

Quais estão corretas?

- a) Apenas I.
- b) Apenas III.
- c) Apenas I e II.
- d) Apenas II e III.
- e) I, II e III.

16. UEPB 2014 Sobre a obra de Lima Barreto **não** é correto afirmar:

- a) Sua obra reflete a influência tardia do Naturalismo na literatura brasileira, presa a uma abordagem das personagens condicionada pelo meio, pela raça e pelo momento. Por isso, os pobres em sua obra são necessariamente derrotados, carentes de uma utopia de resistência, submetendo-se com facilidade às imposições dos grandes.
- b) Como poucos em nossa literatura, recusou-se a separar vida e obra, revelando em suas melhores narrativas muito de seu “Diário íntimo”.
- c) Sobre a obra de Lima Barreto, afirmou o crítico Antonio Arnoni Prado: “funde a alusão ficcional, o registro histórico e a notação biográfica”.
- d) Sua obra se insere na tradição social da ficção brasileira e dá um passo decisivo na sua consolidação, assumindo muitas vezes um tom satírico e de denúncia.
- e) Suas personagens principais são geralmente pequenos funcionários públicos, donas de casa, desempregados, biscateiros, negociando sua cidadania precária em uma sociedade autoritária e excludente, o Brasil da Primeira República.

17. UEM-PR 2015 Assinale o que for **correto**.

- 01** Monteiro Lobato, além da saga das personagens do Sítio do Pica-pau Amarelo, produziu extensa obra para adultos, com destaque para seus livros de contos – *Urupês*, *Cidades Mortas* e *Negrinha* – cuja ambientação recorrente são as cidades decadentes do interior paulista. Em contos que compõem essas obras, o escritor aponta, com ironia e irreverência, as misérias do espaço distante das grandes cidades, apresenta os atrasos econômico e cultural da população sertaneja, criticando, assim, o desamparo em que vivia o homem do campo.
- 02** No livro *Negrinha*, Monteiro Lobato denuncia o atraso da sociedade brasileira, pois acreditava que todos mereciam condições dignas de vida, não apenas os mais afortunados. Nos contos que constituem a obra, ressaltam-se personagens simples e humildes, como Aldrovando, de “O colocador de pronomes”; Timóteo, de “O jardineiro Timóteo”; Negrinha, de “Negrinha”; Téofrasto, de “O bom marido”, entre tantas outras que ilustram a veia crítica do escritor.
- 04** Em “Negrinha”, conto que dá título à coletânea, o narrador, em primeira pessoa (“Negrinha olhou para os lados, ressabiada, com o coração aos pinotes. Que ventura, santo Deus! Seria possível? Depois pegou a boneca”), faz um retrato elogioso da sociedade, apontando o traço benemérito de

Dona Inácia: “Excelente senhora, a patroa”; “Ótima, a dona Inácia”. Na história, embora a menina seja filha de escravos, é criada no interior da casa da senhora, junto com as crianças da família.

08 Aldrovando Cantagalo, personagem do conto “O colocador de pronomes”, “veio ao mundo em virtude de um erro de gramática. [...] E morreu, afinal, vítima dum novo erro de gramática”. No primeiro caso, o pai escreveu um bilhete à mulher amada – “Anjo adorado! Amo-lhe” – e o sogro muito esperto casou-o com Maria do Carmo, a filha encalhada, e não com Laurinha, a quem Aldrovando pretendia desposar. Quanto à morte, ocorreu em razão do erro na dedicatória do livro, cometido pelo tipógrafo, que, julgando incorreta a construção proposta pelo autor, imprimiu: “daquele que sabe-me as dores”. O conto revela a veia satírica do escritor, que critica a linguagem conservadora e purista da época.

16 O conto “Bugio moqueado”, cuja novidade é a adequação entre assunto e estrutura, apresenta uma organização narrativa inovadora para os padrões literários da época em que foi escrito, semelhante aos “causos”, histórias narradas pelos interioranos ao pé das fogueiras. A história é construída com sobreposição de dois planos narrativos – o plano do jogo da pelota, pela voz do narrador e o plano da história do bugio moqueado, relatada por um dos assistentes da partida. Neste plano é narrada uma história de paixão e crime, na qual, Leandro é morto e sua carne, moqueada, é servida todos os dias à pretensa amante.

Soma:

18. Uerj 2014

Recordações do escrívão Isaías Caminha

Eu não sou literato, detesto com toda a paixão essa espécie de animal. O que observei neles, no tempo em que estive na redação do O Globo, foi o bastante para não os amar, nem os imitar. ¹São em geral de uma lastimável limitação de ideias, cheios de fórmulas, de receitas, só capazes de colher fatos detalhados e impotentes para generalizar, curvados aos fortes e às ideias vencedoras, e antigas, adstritos a um infantil fetichismo do estilo e guiados por conceitos obsoletos e um pueril e errôneo critério de beleza. Se me esforço por fazê-lo literário é para que ele possa ser lido, pois quero falar das minhas dores e dos meus sofrimentos ao espírito geral e no seu interesse, com a linguagem acessível a ele. É esse o meu propósito, o meu único propósito. Não nego que para isso tenha procurado modelos e normas. Procurei-os, confesso; e, agora mesmo, ao alcance das mãos, tenho os autores que mais amo. [...] Confesso que os leio, que os estudo, que procuro descobrir nos grandes romancistas o segredo de fazer. Mas não é a ambição literária que me move ao procurar esse dom misterioso para animar e fazer viver estas pálidas Recordações. Com elas, queria modificar a opinião dos meus concidadãos, obrigá-los a pensar de outro modo,

a não se encherem de hostilidade e má vontade quando encontrarem na vida um rapaz como eu e com os desejos que tinha há dez anos passados. Tento mostrar que são legítimos e, se não merecedores de apoio, pelo menos dignos de indiferença.

Entretanto, quantas dores, quantas angústias! ²Vivo aqui só, isto é, sem relações intelectuais de qualquer ordem. Cercam-me dois ou três bacharéis idiotas e um médico mezinheiro, repletos de orgulho de suas cartas que sabe Deus como tiraram. [...] Entretanto, se eu amanhã lhes fosse falar neste livro – que espanto! que sarcasmo! que crítica desanimadora não fariam. Depois que se foi o doutor Graciliano, excepcionalmente simples e esquecido de sua carta apergaminhada, nada digo das minhas leituras, não falo das minhas lucubrações intelectuais a ninguém, e minha mulher, quando me demoro escrevendo pela noite afora, grita-me do quarto:

³— Vem dormir, Isaías! Deixa esse relatório para amanhã! De forma que não tenho por onde aferir se as minhas Recordações preenchem o fim a que as destino; se a minha inabilidade literária está prejudicando completamente o seu pensamento. Que tortura! E não é só isso: envergonho-me por esta ou aquela passagem em que me acho, em que me dispo em frente de desconhecidos, como uma mulher pública... Sofro assim de tantos modos, por causa desta obra, que julgo que esse mal-estar, com que às vezes acordo, vem dela, unicamente dela. Quero abandoná-la; mas não posso absolutamente. De manhã, ao almoço, na coletoria, na botica, jantando, banhando-me, só penso nela. À noite, quando todos em casa se vão recolhendo, insensivelmente aproximo-me da mesa e escrevo furiosamente. Estou no sexto capítulo e ainda não me preocupei em fazê-la pública, anunciar e arranjar um bom recebimento dos detentores da opinião nacional. Que ela tenha a sorte que merecer, mas que possa também, amanhã ou daqui a séculos, despertar um escritor mais hábil que a refaça e que diga o que não pude nem soube dizer.

[...] Imagino como um escritor hábil não saberia dizer o que eu senti lá dentro. Eu que sofri e pensei não o sei narrar. ⁴Já por duas vezes, tentei escrever; mas, relendo a página, achei-a incolor, comum, e, sobretudo, pouco expressiva do que eu de fato tinha sentido.

BARRETO, Lima. *Recordações do escrívão Isaías Caminha*. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2010.

O texto de Lima Barreto explora o recurso da metalinguagem, ao comentar, na sua ficção, o próprio ato de compor uma ficção.

Esse recurso está exemplificado principalmente em:

- a) “São em geral de uma lastimável limitação de ideias,” (ref. 1)
- b) “Vivo aqui só, isto é, sem relações intelectuais de qualquer ordem.” (ref. 2)
- c) “— Vem dormir, Isaías! Deixa esse relatório para amanhã!” (ref. 3)
- d) “Já por duas vezes, tentei escrever; mas, relendo a página, achei-a incolor, comum,” (ref. 4)

19. Unicamp-SP 2017 Além de escrever *Dom Quixote das crianças*, Monteiro Lobato leva o “cavaleiro errante” para o *Sítio do Picapau Amarelo*.

Lá na varanda, Dom Quixote conversava com Dona Benta sobre as aventuras, e muito admirado ficou de saber que sua história andava a correr mundo; escrita por um tal de Cervantes. Nem quis acreditar; foi preciso que Narizinho lhe trouxesse a edição de luxo ilustrada por Gustavo Doré. O fidalgo folheou o livro muito atento às gravuras, que achou ótimas, porém falsas.

— Isso não passa duma mistificação! – protestou ele. – Esta cena aqui, por exemplo. Está errada. Eu não espetei este frade, como o desenhista pintou – espetei aquele lá.

— Isto é inevitável – disse Dona Benta. – Os historiadores costumam arranjar os fatos do modo mais cômodo para eles; por isto a História não passa de histórias.

Adaptado de Monteiro Lobato, *O Picapau Amarelo*. São Paulo: Brasiliense, 2004, p. 18.

Na cena narrada,

- a) Dona Benta mostra a Dom Quixote que a história dele não é, de forma alguma, uma mistificação.
- b) Dona Benta convence Dom Quixote de que as gravuras não refletem a História dos fatos.
- c) Dona Benta concorda com Dom Quixote e critica o fato de a História ser fruto de interesses.
- d) Dona Benta opõe-se a Dom Quixote e critica a forma como a história dele é narrada nos livros.

20. UFRGS 2014 A obra *Os sertões*, de Euclides da Cunha, está dividida em três partes: “A terra”, “O homem” e “A luta”. Esses três elementos, no entanto, são interdependentes: a luta do homem em determinada terra. Assinale a alternativa que exemplifica essa interdependência entre as três partes do livro, nos fragmentos a seguir.

- a) Ajusta-se sobre os sertões o cautério das secas; esterilizam-se os ares urentes; empedra-se o chão, gretando, recrestado; ruge o nordeste nos ermos; e, como cilício dilacerador, a caatinga estende sobre a terra as ramagens de espinhos...
- b) É que nessa concorrência admirável dos povos, evoluindo todos em luta sem tréguas, na qual a seleção capitaliza atributos que a hereditariedade conserva, o mestiço é um intruso.
- c) Para todos os rumos e por todas as estradas e em todos os lugares, os escombros carbonizados das fazendas e dos pousos avultavam, insulando o arraial num grande círculo isolador, de ruínas. Estava pronto o cenário para um emocionante drama da nossa história.
- d) [...] as caatingas são um aliado incorruptível do sertanejo em revolta. Entram também de certo modo na luta. Armam-se para o combate; agridem. Trançam-se, impenetráveis, ante o forasteiro, mas abrem-se em trilhas multívias, para o matuto que ali nasceu e cresceu.
- e) O clima extremava-se em variações enormes: os dias repontavam queimados, as noites sobrevinham frigidíssimas.



Instrução: Para a questão **21**, marque **V** (verdadeiro) e **F** (falso).

21. UFPE 2014 Ao se referir à obra de Euclides da Cunha, Alfredo Bosi declarou: “*Os sertões* é um livro de ciência e de paixão, de análise e de protesto: eis o paradoxo que assistiu à gênese daquelas páginas em que se alternam a certeza do fim das ‘raças retrógradas’ e a denúncia do crime que a carnificina de Canudos representou”. Tomando como foco características referentes a *Os sertões* e ao seu momento histórico, analise as proposições a seguir.

- **0-0** Tendo sofrido influência das teorias deterministas de seu tempo, Euclides, em *Os sertões*, analisa o sertanejo como sujeito determinado pelo espaço geográfico e pela raça. Isso permite inserir a obra no movimento naturalista, que, no Brasil, contou com a adesão de alguns grandes escritores.
- **1-1** Em sua obra grandiosa, Euclides da Cunha, para chegar ao relato da luta travada em Canudos, percorre, com sua pena, o espaço inóspito que conduz ao local da chacina (no livro *A terra*) e envereda pela análise do homem dessa árida região (no livro *O homem*).
- **2-2** Considerando o que diz Alfredo Bosi, é possível compreender que, em *Os sertões*, Euclides da Cunha, defensor do governo republicano, justifica a matança em Canudos em razão de ser necessário pôr fim a uma raça atrasada.
- **3-3** Se, em *Os sertões*, Euclides da Cunha escreve com paixão, é possível identificar traços significativos do Romantismo, daí por que sua visão do sertão pouco se aproxima da realidade do sertão nordestino.
- **4-4** Do ponto de vista literário, é tarefa complexa enquadrar *Os sertões* num determinado gênero literário, pois seu texto apresenta uma abordagem científica e histórica, mas num estilo que revela uma forma apaixonada e, por vezes, dramática de exprimir os acontecimentos, o que, para alguns, constituiria seu caráter literário.



Para responder às questões **22** e **23**, leia o trecho da obra *Os sertões*, de Euclides da Cunha (1866-1909), em que se narram eventos referentes a uma das expedições militares enviadas pelo governo federal para combater Antônio Conselheiro e seus seguidores sediados em Canudos.

Oitocentos homens desapareciam em fuga, abandonando as espingardas; arriando as padiolas, em que se estorciam feridos; jogando fora as peças de equipamento; desarmando-se; desapertando os cinturões, para a carreira desafogada; e correndo, correndo ao acaso, correndo em grupos, em bandos erradios, correndo pelas estradas e pelas trilhas que as recortam, correndo para o recesso das caatingas, tontos, apavorados, sem chefes...

Entre os fardos atirados à beira do caminho fi- cara, logo ao desencadear-se o pânico – tristíssimo

pormenor! – o cadáver do comandante. Não o defende- ram. Não houve um breve simulacro de repulsa contra o inimigo, que não viam e adivinhavam no estrídulo dos gritos desafidores e nos estampidos de um tiroteio ir- regular e escasso, como o de uma caçada. Aos primeiros tiros os batalhões diluíram-se.

Apenas a artilharia, na extrema retaguarda, seguia va- garosa e unida, solene quase, na marcha habitual de uma revista, em que parava de quando em quando para varrer a disparos as macegas traiçoeiras; e prosseguindo depois, lentamente, rodando, inabordável, terrível...

[...]

Um a um tombavam os soldados da guarnição estoica. Feridos ou espantados os muares da tração empacavam; torciam de rumo; impossibilitavam a marcha.

A bateria afinal parou. Os canhões, emperrados, imo- bilizaram-se numa volta do caminho...

O coronel Tamarindo, que volvera à retaguarda, agitando-se destemeroso e infatigável entre os fugitivos, penitenciando-se heroicamente, na hora da catástrofe, da tibieza anterior, ao deparar com aquele quadro es- tupendo, procurou debalde socorrer os únicos soldados que tinham ido a Canudos. Neste pressuposto ordenou toques repetidos de “meia-volta, alto!”. As notas das cornetas, convulsivas, emitidas pelos corneteiros sem fôlego, vibraram inutilmente. Ou melhor – aceleraram a fuga. Naquela desordem só havia uma determinação possível: “debandar!”.

Debalde alguns oficiais, indignados, engatilhavam revólveres ao peito dos foragidos. Não havia contê-los. Passavam; corriam; corriam doudamente; corriam dos ofi- ciais; corriam dos jagunços; e ao verem aqueles, que eram de preferência alvejados pelos últimos, caírem malferidos, não se comoviam. O capitão Vilarim batera-se valentemente quase só e ao baquear, morto, não encontrou entre os que comandava um braço que o sustivesse. Os próprios feridos e enfermos estropiados lá se iam, cambeteando, arrastando-se penosamente, imprecando os companheiros mais ágeis...

As notas das cornetas vibravam em cima desse tumulto, imperceptíveis, inúteis...

Por fim cessaram. Não tinham a quem chamar. A in- fantaria desaparecera...

(*Os sertões*, 2016.)

22. Unifesp 2018 O trecho narra

- a) a debandada trágica dos seguidores de Antônio Conselheiro.
- b) a completa aniquilação do povoado de Canudos.
- c) o desfecho desastroso da expedição militar.
- d) o desmantelamento dos dois grupos de comba- tentes.
- e) a resistência heroica dos soldados do governo.

23. Unifesp 2018 No trecho, o estilo de Euclides da Cunha pode ser caracterizado, sobretudo, como

- a) transgressor.
- b) informal.
- c) didático.
- d) lacônico.
- e) rebuscado.

24. Unesp 2017 Trata-se de uma obra híbrida que transita entre a literatura, a história e a ciência, ao unir a perspectiva científica, de base naturalista e evolucionista, à construção literária, marcada pelo fatalismo trágico e por uma visão romântica da natureza. Seu autor recorreu a formas de ficção, como a tragédia e a epopeia, para compreender o horror da guerra e inserir os fatos em um enredo capaz de ultrapassar a sua significação particular.

Roberto Ventura. "Introdução". In: Silvano Santiago (org.). *Intérpretes do Brasil*, vol 1, 2000. Adaptado.

Tal comentário crítico aplica-se à obra

- a) *Capitães da Areia*, de Jorge Amado.
- b) *Vidas secas*, de Graciliano Ramos.
- c) *Morte e vida severina*, de João Cabral de Melo Neto.
- d) *Os sertões*, de Euclides da Cunha.
- e) *Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa.

25. Unicamp-SP 2016 Em ensaio publicado em 2002, Nicolau Sevcenko discorre sobre a repercussão da obra de Euclides da Cunha no pensamento político nacional.

Acima de tudo Euclides exaltava o papel crucial do agenciamento histórico da população brasileira. Sua maior aposta para o futuro do país era a educação em massa das camadas subalternas, qualificando as gentes para assumir em suas próprias mãos seu destino e o do Brasil. Por isso se viu em conflito direto com as autoridades republicanas, da mesma forma como outrora lutara contra os tiranetes da monarquia. Nunca haveria democracia digna desse nome enquanto prevalecesse o ambiente mesquinho e corrupto da "república dos medíocres" [...]. Gente incapaz e indisposta a romper com as mazelas deixadas pelo latifúndio, pela escravidão e pela exploração predatória da terra e do povo.

[...] Euclides expôs a mistificação republicana de uma "ordem" excludente e um "progresso" comprometido com o legado mais abominável do passado. Sua morte precoce foi um alívio para os césores. A história, porém, orgulhosa de quem a resgatou, não deixa que sua voz se cale.

Nicolau Sevcenko, O outono dos césores e a primavera da história. *Revista da USP*, São Paulo, n. 54, p. 30-37, jun-ago 2002.

- a) No último período do texto, há uma ocorrência do conectivo "porém". Que argumentos do texto são articulados por esse conectivo?
- b) Apresente o argumento que embasa a posição atribuída a Euclides da Cunha em relação ao lema da Bandeira Nacional.

26. Unifesp 2015 É preciso ler esse livro singular sem a obsessão de enquadrá-lo em um determinado gênero literário, o que implicaria em prejuízo paralisante. Ao contrário, a abertura a mais de uma perspectiva é o modo próprio de enfrentá-lo. A descrição minuciosa da terra, do homem e da luta situa-o no nível da cultura científica e histórica. Seu autor fez geografia humana e sociologia como um espírito atilado poderia fazê-las no começo do século, em nosso meio intelectual, então avesso à observação demorada e à pesquisa pura. Situando a obra na

evolução do pensamento brasileiro, diz lucidamente o crítico Antonio Candido: "Livro posto entre a literatura e a sociologia naturalista, esta obra assinala um fim e um começo: o fim do imperialismo literário, o começo da análise científica aplicada aos aspectos mais importantes da sociedade brasileira (no caso, as contradições contidas na diferença de cultura entre as regiões litorâneas e o interior)".

Alfredo Bosi. *História concisa da literatura brasileira*, 1994. Adaptado.

O excerto trata da obra

- a) *O cortiço*, de Aluísio de Azevedo.
- b) *Vidas secas*, de Graciliano Ramos.
- c) *Os sertões*, de Euclides da Cunha.
- d) *Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa.
- e) *Capitães da areia*, de Jorge Amado.



Para responder às questões **27** e **28**, considere o texto a seguir.

Euclides fora um dos que deram à nossa história um "estilo": uma forma de pensar e sentir o país [...] Não casualmente ele conferira lugar especial ao fenômeno da mestiçagem [...] Ele teria descoberto nossa "tendência" à fusão, nossa aptidão para a "domesticação da natureza" e para a religiosidade. A figura do sertanejo como "forte de espírito" por excelência era o símbolo de nossa originalidade completa.

GOMES, Ângela de Castro. *História e historiadores. A política cultural do Estado Novo*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996. p. 195.

27. PUC-Campinas 2016 O seguinte trecho crítico alude à obra-prima de Euclides da Cunha:

- a) A vasta erudição histórica costuma desviar o leitor do plano central desse grande romance intimista.
- b) A descrição minuciosa da terra, do homem e da luta situa essa obra literária no nível da cultura científica e histórica.
- c) Não se poderia imaginar que um testemunho sobre a vida nos internatos resultasse num romance épico.
- d) Tomando como modelo a queda da Bastilha, esse romance repercutiu entre nós a destruição de uma etnia.
- e) Por vezes, o exibicionismo da oratória faz desse discurso histórico uma peça algo enigmática.

28. PUC-Campinas 2016 A valorização da **mestiçagem**, como uma das marcas características da nossa formação cultural, é indicada por Euclides da Cunha numa formulação famosa, em que comparecem estas expressões:

- a) *O sertanejo é antes de tudo um forte / Hércules-Quasímodo.*
- b) *Miguilim e Dito / nascidos ali no Mutum.*
- c) *Fabiano e Sinha Vitória / matutavam junto ao fogo.*
- d) *Riobaldo é Tatarana / agora chefe de jagunços.*
- e) *Macunaíma era herói da nossa gente / ai que preguiça!*

29. Enem 2015



Máscara senufo, Mali. Madeira e fibra vegetal. Acervo do MAE/USP.

As formas plásticas nas produções africanas conduziram artistas modernos do início do século XX, como Pablo Picasso, a algumas proposições artísticas denominadas vanguardas. A máscara remete à

- a) preservação da proporção.
- b) idealização do movimento.
- c) estruturação assimétrica.
- d) sintetização das formas.
- e) valorização estética.

30. Unifesp 2017



A reprodução proibida, 1937. Localização: Museu Boijmans Van Beuningen, Roterdã.

O surrealismo configurou-se como uma das vanguardas artísticas europeias do início do século XX. René Magritte, pintor belga, apresenta elementos dessa vanguarda em suas produções. Um traço do Surrealismo presente nessa pintura é o (a)

- a) justaposição de elementos díspares, observada na imagem do homem no espelho.

- b) crítica ao passadismo, exposta na dupla imagem do homem olhando sempre para a frente.
- c) construção de perspectiva, apresentada na sobreposição de planos visuais.
- d) processo de automatismo, indicado na repetição da imagem do homem.
- e) procedimento de colagem, identificado no reflexo do livro no espelho.

31. Enem 2016

Leia um trecho do *Manifesto do Futurismo* publicado por Filippo Tommaso Marinetti (1876-1944) no ano de 1909.

Nós cantaremos as grandes multidões movimentadas pelo trabalho, pelo prazer ou pela revolta; as marés multicoloridas e polifônicas das revoluções nas capitais modernas; a vibração noturna dos arsenais e dos estaleiros sob suas luas elétricas; as estações gluttonas comedoras de serpentes que fumam; as usinas suspensas nas nuvens pelos barbantes de suas fumaças; os navios aventureiros farejando o horizonte; as locomotivas de grande peito, que escoucinnham os trilhos, como enormes cavalos de aço freados por longos tubos, e o voo deslizante dos aeroplanos, cuja hélice tem os estalos da bandeira e os aplausos da multidão entusiasta.

Apud Gilberto Mendonça Teles. *Vanguarda europeia e modernismo brasileiro*, 1992. Adaptado.

Em consonância com este preceito do Futurismo, estão os seguintes versos, extraídos da produção poética de Fernando Pessoa (1888-1935):

- a) Nas cidades a vida é mais pequena
Que aqui na minha casa no cimo deste outeiro.
Na cidade as grandes casas fecham a vista à chave,
Escondem o horizonte, empurram o nosso olhar para
[longe de todo o céu,
Tornam-nos pequenos porque nos tiram o que os nossos
[olhos nos podem dar,
E tornam-nos pobres porque a nossa única riqueza é ver.
- b) Ontem à tarde um homem das cidades
Falava à porta da estalagem.
Falava comigo também.
Falava da justiça e da luta para haver justiça
E dos operários que sofrem,
E do trabalho constante, e dos que têm fome,
E dos ricos, que só têm costas para isso.
E, olhando para mim, viu-me lágrimas nos olhos
E sorriu com agrado, julgando que eu sentia
O ódio que ele sentia, e a compaixão
Que ele dizia que sentia.
- c) Amemo-nos tranquilamente, pensando que podíamos,
Se quiséssemos, trocar beijos e abraços e carícias,
Mas que mais vale estarmos sentados ao pé um do outro
Ouvindo correr o rio e vendo-o.
Colhemos flores, pega tu nelas e deixa-as
No colo, e que o seu perfume suavize o momento –
Este momento em que sossegadamente não cremos em
[nada,
Pagãos inocentes da decadência.

- d) Levando a bordo El-Rei dom Sebastião,
E erguendo, como um nome, alto o pendão
Do Império,
Foi-se a última nau, ao sol aziago
Erma, e entre choros de ânsia e de pressago
Mistério.
Não voltou mais. A que ilha indescoberta
Aportou? Voltará da sorte incerta
Que teve?
- e) Amo-vos a todos, a tudo, como uma fera.
Amo-vos carnivoramente,
Pervertidamente e enroscando a minha vista
Em vós, ó coisas grandes, banais, úteis, inúteis,
Ó coisas todas modernas,
Ó minhas contemporâneas, forma atual e próxima
Do sistema imediato do Universo!
Nova Revelação metálica e dinâmica de Deus!

32. Enem 2016

Texto I



Três estudos para um autorretrato, 1976. Localização: Coleção particular

Texto II

Tenho um rosto lacerado por rugas secas e profundas, sulcos na pele. Não é um rosto desfeito, como acontece com pessoas de traços delicados, o contorno é o mesmo mas a matéria foi destruída. Tenho um rosto destruído.

DURAS, M. *O amante*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

Na imagem e no texto do romance de Marguerite Duras, os dois autorretratos apontam para o modo de representação da subjetividade moderna. Na pintura e na literatura modernas, o rosto humano deforma-se, destrói-se ou fragmenta-se em razão

- da adesão à estética do grotesco, herdada do romantismo europeu, que trouxe novas possibilidades de representação.
- das catástrofes que assolaram o século XX e da descoberta de uma realidade psíquica pela psicanálise.
- da opção em demonstrarem oposição aos limites estéticos da revolução permanente trazida pela arte moderna.
- do posicionamento do artista do século XX contra a negação do passado, que se torna prática dominante na sociedade burguesa.
- da intenção de garantir uma forma de criar obras de arte independentes da matéria presente em sua história pessoal.

33. Enem 2016



A origem da obra de arte (2002) é uma instalação seminal na obra de Marilá Dardot. Apresentada originalmente em sua primeira exposição individual, no Museu de Arte da Pampulha, em Belo Horizonte, a obra constitui um convite para a interação do espectador, instigado a compor palavras e sentenças e a distribuí-las pelo campo. Cada letra tem o feitiço de um vaso de cerâmica (ou será o contrário?) e, à disposição do espectador, encontram-se utensílios de plantio, terra e sementes. Para abrigar a obra e servir de ponto de partida para a criação dos textos, foi construído um pequeno galpão, evocando uma estufa ou um ateliê de jardinagem. As 1.500 letras-vaso foram produzidas pela cerâmica que funciona no Instituto Inhotim, em Minas Gerais, num processo que durou vários meses e contou com a participação de dezenas de mulheres das comunidades do entorno. Plantar palavras, semear ideias é o que nos propõe o trabalho. No contexto de Inhotim, onde natureza e arte dialogam de maneira privilegiada, esta proposição se torna, de certa maneira, mais perto da possibilidade.

Disponível em: www.inhotim.org.br. Acesso em: 22 maio 2013 (adaptado).

A função da obra de arte como possibilidade de experimentação e de construção pode ser constatada no trabalho de Marilá Dardot porque

- o projeto artístico acontece ao ar livre.
- o observador da obra atua como seu criador.
- a obra integra-se ao espaço artístico e botânico.
- as letras-vaso são utilizadas para o plantio de mudas.
- as mulheres da comunidade participam na confecção das peças.

34. **Unifesp 2016** O mundo dessa pintura, como o dos sonhos, é ao mesmo tempo familiar e desconhecido: familiar, em razão do estilo minuciosamente realista, que permite ao espectador o reconhecimento de uma figura ou de um objeto pintados; desconhecido, por causa da estranheza dos contextos em que eles aparecem, como num sonho.

Fiona Bradley. *Surrealismo*, 2001. Adaptado.

O comentário da historiadora de arte aplica-se à pintura reproduzida em:

Considerando-se a finalidade comunicativa comum do gênero e o contexto específico do Sistema de Biblioteca da UFG, esse cartaz tem função predominantemente

- a) socializadora, contribuindo para a popularização da arte.
- b) sedutora, considerando a leitura uma obra de arte.
- c) estética, propiciando uma apreciação despretensiosa da obra.
- d) educativa, orientando o comportamento de usuários de um serviço.
- e) contemplativa, evidenciando a importância de artistas internacionais.

38. Unesp 2016 Leia um trecho do “Manifesto do Surrealismo”, publicado por André Breton em 1924.

Surrealismo: Automatismo psíquico por meio do qual alguém se propõe a exprimir o funcionamento real do pensamento. Ditado do pensamento, na ausência de controle exercido pela razão, fora de qualquer preocupação estética ou moral.

O Surrealismo assenta-se na crença da realidade superior de certas formas de associação, negligenciadas até aqui, na onipotência do sonho, no jogo desinteressado do pensamento.

Apud Gilberto Mendonça Teles. *Vanguarda europeia e Modernismo brasileiro*, 1992. Adaptado.

Tendo em vista as considerações de André Breton, assinale a alternativa cujos versos revelam influência do Surrealismo.

- a) O mar soprava sinos
os sinos secavam as flores
as flores eram cabeças de santos.
Minha memória cheia de palavras
meus pensamentos procurando fantasmas
meus pesadelos atrasados de muitas noites.
João Cabral de Melo Neto, “Noturno”,
em *Pedra do sono*.
- b) Meu pai montava a cavalo, ia para o campo.
Minha mãe ficava sentada cosendo.
Meu irmão pequeno dormia.
Eu sozinho menino entre mangueiras
lia a história de Robinson Crusóe.
Comprida história que não acaba mais.
Carlos Drummond de Andrade, “Infância”, em *Alguma poesia*.
- c) Quando o enterro passou
Os homens que se achavam no café
Tiraram o chapéu maquinalmente
Saudavam o morto distraídos
Estavam todos voltados para a vida
Absortos na vida
Confiantes na vida.
Manuel Bandeira, “Momento num café”, em *Estrela da manhã*.
- d) Trabalhas sem alegria para um mundo caduco,
onde as formas e as ações não encerram nenhum [exemplo].
Praticas laboriosamente os gestos universais,
sentes calor e frio, falta de dinheiro, fome e desejo sexual.
Carlos Drummond de Andrade, “Elegia 1938”, em *Sentimento do mundo*.
- e) – Bem me diziam que a terra
se faz mais branda e macia
quanto mais do litoral
a viagem se aproxima.
Agora afinal cheguei
nessa terra que diziam.
Como ela é uma terra doce
para os pés e para a vista.
João Cabral de Melo Neto, “O retirante chega à Zona da Mata”, em *Morte e vida Severina*.

Texto complementar

José Geraldo Couto, jornalista e crítico de cinema, resenhou o livro *A última quimera*, da escritora Ana Miranda. Ela produziu uma biografia fascinante sobre a vida e a obra de Augusto dos Anjos: o poeta pré-modernista que desconcertou a cena literária ao dosar a objetividade do cientificismo com as atormentadas questões existenciais. A resenha é um convite para nos debruçarmos sobre a obra do poeta de vida “nada trepidante”, mas cuja cabeça era uma “balbúrdia”.

Vida do poeta contrasta com suas obsessões

Ana Miranda não mentiu nem um pouco a respeito da vida de Augusto dos Anjos. Escudada por um narrador fictício, ela pôde manter uma certa nebulosidade em torno dessa existência breve e desprovida de lances pitorescos.

Nascido num engenho no interior da Paraíba, Augusto dos Anjos estudou direito em Recife antes de levar uma vida sacrificada de professor na Paraíba e no Rio, onde viveu de 1910 a 1914.

Poucos meses antes de morrer, – de pneumonia, aos 30 anos –, mudou-se para Leopoldina (MG).

O evento mais notável de sua vida – excluindo o suposto incesto com a irmã – foi o aborto de seu primeiro filho, no sexto mês de gravidez de sua mulher, Esther.

No livro de Ana Miranda, o drama é narrado de modo discreto, se se leva em conta que o próprio poeta escreveu um poema sangrento sobre ele, que entre outras coisas diz, dirigindo-se ao feto: “Em que lugar irás passar a infância, / tragicamente anônimo, a feder?!”.

Se a vida exterior de Augusto dos Anjos não era nada trepidante, sua cabeça era uma balbúrdia: teorias cientificistas (de cujos termos ele se servia em seus poemas), filosofias longínquas (era budista), paixão pelo sofrimento e a morte.

Publicou em vida um único volume de poemas, *Eu*, que foi mal recebido pela crítica quando lançado, em 1912, mas obteve um sucesso estrondoso a partir da segunda edição, póstuma, em 1920.

Basta ler os títulos de seus poemas para ver que o espírito do homem não era um jardim de rosas: “O Deus-Verme”, “A um Carneiro Morto”, “Vozes da Morte”, “Asa de Corvo”, “Vozes de um Túmulo” e por aí fora.

A propósito: o título do romance é trecho do célebre início dos “Versos Íntimos” de Augusto dos Anjos: “Vês! Ninguém assistiu ao formidável/ enterro de tua última quimera”.

(JGC)

COUTO, José Geraldo. Vida do poeta contrasta com suas obsessões. *Folha de S. Paulo*, 9 maio 1995. Folhapress. Disponível em: www1.folha.uol.com.br/fsp/1995/5/09/ilustrada/2.html. Acesso em: 23 nov. 2017.

Resumindo

Pré-Modernismo

- Período de transição das duas primeiras décadas do século XX até a Semana de 1922 que não se constitui uma escola literária.
- Denúncias de problemas que acometem a sociedade brasileira, sem idealizações, com obras que retratam objetivamente a realidade.
- Literatura preocupada com fatos políticos e econômicos, revelando engajamento.
- Temas novos, sem inovações formais.

Os autores de destaque

Augusto dos Anjos

- Poeta de difícil classificação, é pré-modernista porque aglutina variadas tendências e inova no uso de vocabulário cientificista.
- Seus temas (junto aos termos considerados grotescos) relacionam-se à morte, ao horror, à podridão, à constituição do corpo humano e à angústia de viver.
- Autor de um único livro: *Eu*.

Lima Barreto

- Fez denúncia ao abandono da periferia do Rio de Janeiro e aos preconceitos raciais e sociais.
- Criticou o nacionalismo ingênuo e os falsos nacionalistas em *Triste fim de Policarpo Quaresma*, sua obra-prima.

Monteiro Lobato

- De linguagem irônica e por vezes amarga, abordou a decadência das cidades cafeeiras paulistas do Vale do Paraíba (por exemplo, na obra *Urupês*).
- Sua literatura voltada para crianças revolucionou a literatura infantil no país.

Euclides da Cunha

- Tinha uma visão determinista da sociedade.
- Em *Os sertões*, revelou o abandono do sertão nordestino e o massacre na Guerra de Canudos.

O mundo ocidental no início do século XX

- Diferentes valores culturais.
- Grandes renovações no mundo das artes.

As vanguardas europeias

- **Expressionismo:** deformação da figura humana; mundo subjetivo e irracional.
- **Cubismo:** decomposição segundo a imaginação; ruptura da forma e geometrização.
- **Futurismo:** velocidade, anulação do tempo, simultaneidade e avanços.
- **Dadaísmo:** improviso; falta de significado e sentimento de decepção.
- **Surrealismo:** estado subconsciente, contrário à lógica, de abstração e busca do sonho e da loucura.

Quer saber mais?



Site

Euclides da Cunha.

Acesse o *link* para obter mais informações sobre vida e obra de Euclides da Cunha. Disponível em: <https://www.euclidesdacunha.org.br/>. Acesso em: 29 set. 2021.



Filmes

Guerra de Canudos (1997), de Sergio Rezende.

Filme com enredo baseado na Guerra de Canudos, episódio triste da história do Brasil que ocorreu no sertão da Bahia entre 1866 e 1867.

Policarpo Quaresma, herói do Brasil (1998), de Paulo Thiago. Adaptação cinematográfica da obra de Lima Barreto. Policarpo Quaresma é um homem que acredita que pode fazer do Brasil um país grandioso, e, para isso, tem ideias e estratégias mirabolantes, como usar o tupi-guarani como língua-mãe.

O encouraçado Potemkin (1925), de Sergei Eisenstein. O filme relata a revolta dos marinheiros no porto de Odessa e se passa durante a Revolução de 1905 na Rússia czarista.

Exercícios complementares

1. **UPF-RS 2017** Sobre as características e/ou os fatos que marcam o Pré-Modernismo, apenas é **incorreto** afirmar que
- uma das principais obras publicadas no período é *Grande sertão: veredas*, de Euclides da Cunha.
 - é considerada pré-modernista a literatura produzida nas primeiras décadas do século XX.
 - nas obras dos escritores pré-modernistas, faz-se presente a crítica ao Brasil arcaico.
 - os autores do período procedem à problematização da realidade nacional em seus aspectos sociais e culturais, abordagem que seria desenvolvida pelo Modernismo.
 - a negação do ufanismo por parte dos pré-modernistas fica evidenciada no tratamento que dispensam aos temas colocados em pauta.

2. Enem PPL 2015

Texto I

Versos de amor

A um poeta erótico

Oposto ideal ao meu ideal conservas.
Diverso é, pois, o ponto outro de vista
Consoante o qual, observo o amor, do egoísta
Modo de ver, consoante o qual, o observas.
Porque o amor, tal como eu o estou amando,
É Espírito, é éter, é substância fluida,
É assim como o ar que a gente pega e cuida,
Cuida, entretanto, não o estar pegando!

É a transubstanciação de instintos rudes,
Imponderabilíssima, e impalpável,
Que anda acima da carne miserável
Como anda a garça acima dos açudes!

ANJOS, A. **Obra completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996 (fragmento).

Texto II

Arte de amar

Se queres sentir a felicidade de amar, esquece a tua alma.
A alma é que estraga o amor.
Só em Deus ela pode encontrar satisfação.
Não noutra alma.
Só em Deus – ou fora do mundo.
As almas são incomunicáveis.
Deixa o teu corpo entender-se com outro corpo.
Porque os corpos se entendem, mas as almas não.

BANDEIRA, M. **Estrela da vida inteira**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

Os Textos I e II apresentam diferentes pontos de vista sobre o tema amor. Apesar disso, ambos definem esse sentimento a partir da oposição entre

- satisfação e insatisfação.
- egoísmo e generosidade.

- felicidade e sofrimento.
- corpo e espírito.
- ideal e real.

3. UEM-PR 2017 Assinale o que for **correto**.

- Os sermões de Padre Vieira são marcados por profunda introspecção e moralismo. Avessos às questões mundanas e ao trato com o contexto político, tornaram-se clássicos pelo caráter transcendente de sua retórica eloquente.
- A poesia de Augusto dos Anjos é reconhecida pela dificuldade de ser classificada em um movimento estético determinado. Embora usasse, muitas vezes, formas consagradas, como o soneto, os assuntos de seus poemas não se conformavam a nenhum quadro normativo esperado. Sua poesia é marcada pela degradação da matéria até a putrefação.
- Em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, o autor utiliza um artifício que demora muitas páginas até ser revelado. De fato, o narrador desvia nossa atenção quando afirma que não é um defunto-autor, mas um autor-defunto. Na verdade, o narrador Brás Cubas não morreu e nos narra, a partir da velhice, sua história. Ele finge sua morte para nos enganar quanto à sua neutralidade em relação à história narrada.
- José de Alencar é um dos nomes mais importantes do Romantismo brasileiro. Seu projeto de escrever sobre o Brasil não conheceu limites e o fez passar por várias formas de romance: indianista, regionalista, histórico e urbano. Além disso, foi poeta, dramaturgo, escreveu crítica literária, ensaios sobre a literatura brasileira, não se furtando a participar de polêmicas vigorosas. Em *Iracema*, confere expressão literária à formação da identidade brasileira, narrando a relação de amor entre a índia Iracema e o português Martim.
- Cecília Meireles foi uma das principais figuras da Semana de Arte Moderna de 1922, contribuindo tanto com sua poesia quanto com seu engajamento no sentido de criar uma articulação entre os artistas de vanguarda. Sua poesia social foi uma das bases para autores como Carlos Drummond de Andrade e João Cabral de Melo Neto.

Soma:

4. UEM-PR 2018 Leia o poema de Augusto dos Anjos e assinale o que for **correto**.

Versos íntimos

Vês?! Ninguém assistiu ao formidável
Enterro de tua última **quimera**.
Somente a Ingratidão – esta pantera –
Foi tua companheira inseparável!

Acostuma-te à lama que te espera!
O Homem, que, nesta terra miserável,
Mora, entre feras, sente inevitável
Necessidade de também ser fera.

Toma um fósforo. Acende teu cigarro!
O beijo, amigo, é a véspera do escarro,
A mão que afaga é a mesma que apedreja.

Se a alguém causa ainda pena a tua chaga,
Apedreja essa mão vil que te afaga,
Escarra nessa boca que te beija!

ANJOS, A. *Eu e outras poesias*. São Paulo: Martin Claret, 2002. p. 103.

quimera: referência às fantasias inalcançáveis, às ilusões, às utopias.

- 01 O autor do poema é classificado pela crítica como escritor tipicamente parnasiano. Isso porque seus versos, a exemplo do que ocorre no poema transcrito, são caracterizados pela descrição, pela impessoalidade face ao objeto descrito e pelo tom racional das ideias e das imagens, à moda de Olavo Bilac.
- 02 O eu lírico dirige-se a um interlocutor – um amigo – para explicar-lhe que a causa das desilusões humanas são as quimeras, ou seja, as ilusões, os sonhos, as fantasias. Sendo assim, o melhor para o “Homem” é não depositar ou nutrir esperança em coisa alguma ou em alguém.
- 04 No último terceto, o eu lírico aconselha o seu interlocutor a apedrejar a mão que o afaga e a escarrar na boca que o beija. Isso porque, se assim o fizer, ele simplesmente estará se antecipando à desilusão que, inevitavelmente, sucede à quimera, conforme já anunciara no primeiro terceto.
- 08 A decomposição da matéria é um dos temas mais recorrentes da obra de Augusto dos Anjos. Nesse poema, o verso “Acostuma-te à lama que te espera!” remete a essa ideia. Por outro lado, o vocábulo “lama” pode, também, ser entendido no sentido figurado – como “sujeira” – no âmbito das relações humanas.
- 16 O poema (constituído de versos livres) assim como os demais poemas de Augusto dos Anjos são considerados precursores do Modernismo brasileiro. Isso porque são marcados pela liberdade formal, pela casualidade dos temas abordados e, acima de tudo, pela irreverência da linguagem, como se pode constatar em vocábulos como “escarro”, “lama”, “cigarro”.

Soma:

5. Enem PPL 2019

A nossa emotividade literária só se interessa pelos populares do sertão, unicamente porque são pitorescos e talvez não se possa verificar a verdade de suas criações. No mais é uma continuação do exame de português, uma

retórica mais difícil, a se desenvolver por este tema sempre o mesmo: Dona Dulce, moça de Botafogo em Petrópolis, que se casa com o Dr. Frederico. O comendador seu pai não quer porque o tal Dr. Frederico, apesar de doutor, não tem emprego. Dulce vai à superiora do colégio de irmãs. Esta escreve à mulher do ministro, antiga aluna do colégio, que arranja um emprego para o rapaz. Está acabada a história. É preciso não esquecer que Frederico é moço pobre, isto é, o pai tem dinheiro, fazenda ou engenho, mas não pode dar uma mesada grande.

Está aí o grande drama de amor em nossas letras, e o tema de seu ciclo literário.

BARRETO, L. *Vida e morte de MJ Gonzaga de Sá*. Disponível em: www.brasiliana.usp.br. Acesso em: 10 ago. 2017.

Situado num momento de transição, Lima Barreto produziu uma literatura renovadora em diversos aspectos. No fragmento, esse viés se fundamenta na

- a) releitura da importância do regionalismo.
- b) ironia ao folhetim da tradição romântica.
- c) desconstrução da formalidade parnasiana.
- d) quebra da padronização do gênero narrativo.
- e) rejeição à classificação dos estilos de época.

6. Fuvest-SP 2012 Leia este texto:

A correção da língua é um artificialismo, continuei episcopalmente. O natural é a incorreção. Note que a gramática só se atreve a meter o bico quando escrevemos. Quando falamos, afasta-se para longe, de orelhas murchas.

Monteiro Lobato, *Prefácios e entrevistas*.

- a) Tendo em vista a opinião do autor do texto, pode-se concluir corretamente que a língua falada é desprovida de regras? Explique sucintamente.
- b) Entre a palavra “episcopalmente” e as expressões “meter o bico” e “de orelhas murchas”, dá-se um contraste de variedades linguísticas. Substitua as expressões coloquiais, que aí aparecem, por outras equivalentes, que pertençam à variedade-padrão.

7. **Enem PPL 2019** Chamou-me o bragantino e levou-me pelos corredores e pátios até ao hospício propriamente. Aí é que percebi que ficava e onde, na seção, na de indigentes, aquela em que a imagem do que a Desgraça pode sobre a vida dos homens é mais formidável. O mobiliário, o vestuário das camas, as camas, tudo é de uma pobreza sem par. Sem fazer monopólio, os loucos são da proveniência mais diversa, originando-se em geral das camadas mais pobres da nossa gente pobre. São de imigrantes italianos, portugueses e outros mais exóticos, são os negros roceiros, que teimam em dormir pelos desvãos das janelas sobre uma esteira esmolambada e uma manta sórdida; são copeiros, cocheiros, moços de cavalaria, trabalhadores braçais. No meio disto, muitos com educação, mas que a falta de recursos e proteção atira naquela geena social.

BARRETO, L. *Diário do hospício e O cemitério dos vivos*. São Paulo: Cosac & Naify, 2010.

- Quá, ioiô, já mi esqueceu.
- E o “Boi Espaço”?
- Cousa véia, do tempo do cativoiro – pra que sô coroné qué sabê disso?

Vício na fala

Para dizerem milho dizem mio
 Para dizerem melhor dizem mió
 Para pior pió
 Para dizer telha dizem teia
 Para telhado dizem teiado
 E vão fazendo telhados

Considere as seguintes afirmações sobre os dois textos.

- I. Os modernistas foram pioneiros na forma de representar a linguagem popular, através da valorização do povo como elemento constitutivo da nação brasileira.
- II. O narrador no romance e o sujeito lírico no poema são letrados, mas registram a linguagem popular ao reproduzirem a fala do povo.
- III. O romance de Lima Barreto evidencia a importância do folclore brasileiro para a constituição da cultura nacional.

Qual(is) está(ão) correta(s)?

- | | |
|-------------------|---------------------|
| a) Apenas I. | d) Apenas II e III. |
| b) Apenas II. | e) I, II e III. |
| c) Apenas I e II. | |

12. **UPE 2015** *Triste Fim de Policarpo Quaresma* é um romance em terceira pessoa, em que se nota maior esforço de construção e acabamento formal. Lima Barreto nele conseguiu criar uma personagem que não fosse mera projeção de amarguras pessoais como o amanuense Isaías Caminha, nem um tipo pré-formado, nos moldes das figuras secundárias que pululam em todas as suas obras. O Major Quaresma não se exaure na obsessão nacionalista, no fanatismo xenóforo; pessoa viva, as suas reações revelam o entusiasmo do homem ingênuo, a distanciá-lo do conformismo em que se arrastam os demais burocratas e militares reformados cujos bocejos amornecem os serões do subúrbio.

Bosi, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Editora Cultrix, 1998.

Quais dos trechos a seguir são da obra *Triste Fim de Policarpo Quaresma*?

- I. “Seriam nove horas do dia. Um sol ardente de março esbate-se nas venezianas que vestem as sacadas de uma sala, nas Laranjeiras. A luz coada pelas venezianas empanadas debuxa com a suavidade do nimbo o gracioso busto de Aurélia sobre o aveludado escarlate do papel que forra o gabinete. Reclinada na conversadeira com os olhos a vagar pelo crepúsculo do aposento, a moça parece imersa em intensa cogitação. O recolhimento apaga-lhe no semblante, como no porte, a reverberação mordaz que de ordinário ela desfere de si, como a chama sulfúrea de um relâmpago.”

- II. “Na ficção, havia unicamente autores nacionais ou tidos como tais: o Bento Teixeira, da Prosopeia; o Gregório de Matos, o Basílio da Gama, o Santa Rita Durão, o José de Alencar (todo), o Macedo, o Gonçalves Dias (todo), além de muitos outros. Podia-se afiançar que nem um dos autores nacionais ou nacionalizados de oitenta pra lá faltava nas estantes do major.”
- III. “Uma noite destas, vindo da cidade para o Engenho Novo, encontrei no trem da Central um rapaz aqui do bairro, que eu conheço de vista e de chapéu. Cumprimentou-me, sentou-se ao pé de mim, falou da Lua e dos ministros, e acabou recitando-me versos. A viagem era curta, e os versos pode ser que não fossem inteiramente maus. Sucedeu, porém, que, como eu estava cansado, fechei os olhos três ou quatro vezes; tanto bastou para que ele interrompesse a leitura e metesse os versos no bolso.
 — Continue, disse eu acordando.
 — Já acabei, murmurou ele.
 — São muito bonitos.”
- IV. “De sorte que quem o contorna, seguindo para o norte, observa notáveis mudanças de relevos: a princípio o traço contínuo e dominante das montanhas, precintando-o, com destaque saliente, sobre a linha projetante das praias; depois, no segmento de orla marítima entre o Rio de Janeiro e o Espírito Santo, um aparelho litoral revoltado, feito da envergadura desarticulada das serras, riçado de cumeadas e corroído de angras, e escancelando-se em baías, repartindo-se em ilhas, e desagregando-se em recifes desnudos, à maneira de escombros do conflito secular que ali se trava entre os mares e a terra; em seguida, transposto o 15º paralelo, a atenuação de todos os acidentes – serranias que se arredondam e suavizam as linhas dos taludes, fracionadas em morros de encostas indistintas no horizonte que se amplia; até que em plena faixa costeira da Bahia, o olhar, livre dos anteparos de serras que até lá o repulsam e abreviam, se dilata em cheio para o ocidente, mergulhando no âmago da terra amplíssima lentamente emergindo num ondear longínquo de chapadas.”
- V. “Tinha todos os climas, todos os frutos, todos os minerais e animais úteis, as melhores terras de cultura, a gente mais valente, mais hospitaleira, mais inteligente e mais doce do mundo – o que precisava mais? Tempo e um pouco de originalidade. Portanto, dúvidas não flutuavam mais no seu espírito, mas no que se referia à originalidade de costumes e usanças, não se tinham elas dissipado, antes se transformaram em certeza após tomar parte na folia do ‘Tangolomango’, numa festa que o general dera em casa.”

Estão **corretos**, apenas, os itens

- | | |
|-----------------|------------|
| a) I, II e III. | d) II e V. |
| b) I e III. | e) IV e V. |
| c) II e IV. | |



Para responder às questões **13** e **14**, leia a crônica “A obra-prima”, de Lima Barreto, publicada na revista *Careta* em 25.09.1915.

Marco Aurélio de Jesus, dono de um grande talento e senhor de um sólido saber, resolveu certa vez escrever uma obra sobre filologia.

Seria, certo, a obra-prima ansiosamente esperada e que daria ao espírito inculto dos brasileiros as noções exatas da língua portuguesa. Trabalhou durante três anos, com esforço e sabiamente. Tinha preparado o seu livro que viria trazer à confusão, à dificuldade de hoje, o saber de amanhã. Era uma obra-prima pelas generalizações e pelos exemplos.

A quem dedicá-la? Como dedicá-la? E o prefácio?

E Marco Aurélio resolve meditar. Ao fim de igual tempo havia resolvido o difícil problema.

A obra seria, segundo o velho hábito, precedida de “duas palavras ao leitor” e levaria, como demonstração de sua submissão intelectual, uma dedicatória.

Mas “duas palavras”, quando seriam centenas as que escreveria? Não. E Marco Aurélio contou as “duas palavras” uma a uma. Eram duzentas e uma e, em um lance único, genial, destacou em relevo, ao alto da página “duzentas e uma palavras ao leitor”.

E a dedicatória? A dedicatória, como todas as dedicatórias, seria a “pálida homenagem” de seu talento ao espírito amigo que lhe ensinara a pensar...

Mas “pálida homenagem”... Professor, autor de um livro de filologia, cair na vulgaridade da expressão comum: “pálida homenagem”? Não. E pensou. E de sua grave meditação, de seu profundo pensamento, saiu a frase límpida, a grande frase que definia a sua ideia da expressão e, num gesto, sulcou o alto da página de oferta com a frase sublime: “lívida homenagem do autor”...

Está aí como um grande gramático faz uma obra-prima. Leiam-na e verão como a coisa é bela.

(*Sátiras e outras subversões*, 2016.)

13. Unesp 2021 O cronista traça um retrato do gramático Marco Aurélio, evidenciando, sobretudo, a sua

- a) ambiguidade.
- b) informalidade.
- c) concisão.
- d) afetação.
- e) meticulosidade.

14. Unesp 2021 As modificações feitas pelo gramático nas expressões empregadas no prefácio e na dedicatória de sua obra manifestam seu desconforto

- a) com o sentido figurado da expressão inicialmente pensada para o prefácio e com o caráter trivial da expressão inicialmente pensada para a dedicatória.
- b) com o sentido figurado da expressão inicialmente pensada para o prefácio e com o sentido literal da expressão inicialmente pensada para a dedicatória.
- c) com o sentido literal da expressão inicialmente pensada para o prefácio e com o sentido figurado da expressão inicialmente pensada para a dedicatória.
- d) com o caráter trivial das expressões inicialmente pensadas para o prefácio e para a dedicatória.

- e) com o sentido literal da expressão inicialmente pensada para o prefácio e com o caráter trivial da expressão inicialmente pensada para a dedicatória.

15. UFPR 2019 Considere o seguinte trecho do romance *Clara dos Anjos*, de Lima Barreto:

Por esse intrincado labirinto de ruas e bibocas é que vive uma grande parte da população da cidade, a cuja existência o governo fecha os olhos, embora lhe cobre atrozes impostos, empregados em obras inúteis e suntuárias noutros pontos do Rio de Janeiro.

(*Clara dos Anjos*, p. 38.)

Com base no trecho selecionado e na leitura integral do romance *Clara dos Anjos*, de Lima Barreto, assinale a alternativa correta.

- a) O narrador é imparcial ao descrever os cenários do subúrbio e de outros pontos da cidade, demonstrando neutralidade na constatação das diferenças entre as regiões.
- b) O subúrbio é descrito ora de modo realista, ora de modo idealizado, contribuindo para a construção de uma visão, por vezes, romantizada da pobreza.
- c) O narrador dissecou com rigor quase sociológico os problemas políticos da época, citando fatos e personagens históricos reais que se misturam à narrativa.
- d) O romance apresenta o ambiente do subúrbio aliando a descrição pormenorizada do espaço físico à caracterização dos personagens que o habitam.
- e) Os vários bairros e personagens que estão nos arredores da linha férrea do trem urbano são descritos como um conjunto indiferenciado, como se cada bairro não tivesse sua característica própria.

16. UFU-MG 2018 Não sei — respondeu dona Carochinha — mas tenho notado que muitos dos personagens das minhas histórias já andam aborrecidos de viverem toda a vida presos dentro delas. Querem novidade. Falam em correr mundo a fim de se meterem em novas aventuras. Aladino queixa-se de que sua lâmpada maravilhosa está enferrujando. A Bela Adormecida tem vontade de espetar o dedo noutra roca para dormir outros cem anos. O Gato de Botas brigou com o marquês de Carabás e quer ir para os Estados Unidos visitar o Gato Félix. Branca de Neve vive falando em tingir os cabelos de preto e botar rouge na cara. Andam todos revoltados, dando-me um trabalho para contê-los. Mas o pior ei que ameaçam fugir, e o Pequeno Polegar já deu o exemplo.

LOBATO, Monteiro. *Reinações de Narizinho*. 33. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982. p. 11.

Explique como se dá o processo de intertextualidade no texto de Monteiro Lobato.

17. Unicamp-SP 2016 Quanto ao conto *Negrinha*, de Monteiro Lobato, é correto afirmar que:

- a) O narrador adere à perspectiva de dona Inácia, fazendo com que o leitor enxergue a história guiado pela óptica dessa personagem e se torne cúmplice dos valores éticos apresentados no conto.

- b) O modo como o narrador caracteriza o contexto histórico no conto permite concluir que Negrinha é escrava de dona Inácia e, portanto, está fadada a uma vida de humilhações.
- c) A maneira como o narrador comenta as características atribuídas às personagens contrasta com as falas e as ações realizadas por elas, o que caracteriza um modo irônico de apresentação.
- d) O narrador apresenta as falas e pensamentos das personagens de modo objetivo; assim, o leitor fica dispensado de elaborar um juízo crítico sobre as relações de poder entre as personagens.

18. Enem 2014 A sua concepção de governo [do Marechal Floriano Peixoto] não era o despotismo, nem a democracia, nem a aristocracia; era a de uma tirania doméstica. O bebê portou-se mal, castiga-se. Levada a coisa ao grande o portar-se mal era fazer-lhe oposição, ter opiniões contrárias às suas e o castigo não eram mais palmadas, sim, porém, prisão e morte. Não há dinheiro no tesouro; ponham-se as notas recolhidas em circulação, assim como se faz em casa quando chegam visitas e a sopa é pouca: põe-se mais água.

(BARRETO, L. **Triste fim de Policarpo Quaresma**. São Paulo: Brasiliense, 1956)

A obra literária de Lima Barreto faz uma crítica incisiva ao período da Primeira República no Brasil. No fragmento do romance *Triste fim de Policarpo Quaresma*, a expressão “tirania doméstica”, como concepção do governo florianista, significa que:

- a) o regime político era omissivo e elitista.
- b) a visão política de governo era infantilizada.
- c) o presidente empregava seus parentes no governo.
- d) o modelo de ação política e econômica era patriarcal.
- e) o presidente assumiu a imagem populista de pai da nação.

19. Unesp 2020 Para responder à questão, leia o excerto do romance *Clara dos Anjos*, de Lima Barreto.

Cassi Jones, sem mais percalços, se viu lançado em pleno Campo de Sant’Ana, no meio da multidão que jorrava das portas da Central, cheia da honesta pressa de quem vai trabalhar. A sua sensação era que estava numa cidade estranha. No subúrbio tinha os seus ódios e os seus amores; no subúrbio, tinha os seus companheiros, e a sua fama de violeiro percorria todo ele, e, em qualquer parte, era apontado; no subúrbio, enfim, ele tinha personalidade, era bem Cassi Jones de Azevedo; mas, ali, sobretudo do Campo de Sant’Ana para baixo, o que era ele? Não era nada. Onde acabavam os trilhos da Central, acabava a sua fama e o seu valimento; a sua fanfarrone evaporava-se, e representava-se a si mesmo como esmagado por aqueles “caras” todos, que nem o olhavam. [...]

Na “cidade”, como se diz, ele percebia toda a sua inferioridade de inteligência, de educação; a sua rusticidade, diante daqueles rapazes a conversar sobre coisas de que ele não entendia e a trocar pilhérias; em face da sofreguidão com que liam os **placards** dos jornais, tratando de assuntos cuja importância ele não avaliava, Cassi vexava-se de não suportar a leitura; comparando o desempenho com que os fregueses pediam bebidas variadas e

esquisitas, lembrava-se que nem mesmo o nome delas sabia pronunciar; olhando aquelas senhoras e moças que lhe pareciam rainhas e princesas, tal e qual o bárbaro que viu, no Senado de Roma, só reis, sentia-se humilde; enfim, todo aquele conjunto de coisas finas, de atitudes apuradas, de hábitos de polidez e urbanidade, de franqueza no gastar, reduziam-lhe a personalidade de medíocre suburbano, de vagabundo doméstico, a quase coisa alguma.

(*Clara dos Anjos*, 2012.)

placards: nome que se dava às tabuletas que traziam resultados de competições esportivas, publicados nos jornais.

No excerto, o narrador contrapõe dois espaços. Identifique-os.



Utilize o texto a seguir para responder às questões de **20 a 22**.

Os sertões

A Serra do Mar tem um notável perfil em nossa história. A prumo sobre o Atlântico desdobra-se como a cortina de baluarte desmedido. De encontro às suas escarpas embatia, frágilima, a ânsia guerreira dos Cavendish e dos Fenton. No alto, volvendo o olhar em cheio para os chapadões, o forasteiro sentia-se em segurança. Estava sobre ameias intransponíveis que o punham do mesmo passo a cavaleiro do invasor e da metrópole. Transposta a montanha – arqueada como a precinta de pedra de um continente – era um isolador étnico e um isolador histórico. Anulava o apego irremediável ao litoral, que se exercia ao norte; reduzia-o a estreita faixa de mangues e restingas, ante a qual se amorteciam todas as cobiças, e alteava, sobranceira às frotas, intangível no recesso das matas, a atração misteriosa das minas...

Ainda mais – o seu relevo especial torna-a um condensador de primeira ordem, no precipitar a evaporação oceânica.

Os rios que se derivam pelas suas vertentes nascem de algum modo no mar. Rolam as águas num sentido oposto à costa. Entranham-se no interior, correndo em cheio para os sertões. Dão ao forasteiro a sugestão irresistível das entradas.

A terra atrai o homem; chama-o para o seio fecundo; encanta-o pelo aspecto formosíssimo; arrebatá-o, afinal, irresistivelmente, na correnteza dos rios.

Daí o traçado eloquentíssimo do Tietê, diretriz preponderante nesse domínio do solo. Enquanto no S. Francisco, no Parnaíba, no Amazonas, e em todos os cursos d’água da borda oriental, o acesso para o interior seguia ao arripio das correntes, ou embatia nas cachoeiras que tombam dos socos dos planaltos, ele levava os sertanistas, sem uma remada, para o rio Grande e daí ao Paraná e ao Parnaíba. Era a penetração em Minas, em Goiás, em Santa Catarina, no Rio Grande do Sul, no Mato Grosso, no Brasil inteiro. Segundo estas linhas de menor resistência, que definem os lineamentos mais claros da expansão colonial, não se opunham, como ao norte, renteando o passo às bandeiras, a esterilidade da terra, a barreira intangível dos descampados brutos.

Assim é fácil mostrar como esta distinção de ordem física esclarece as anomalias e contrastes entre os sucessos nos dois pontos do país, sobretudo no período agudo da crise colonial, no século XVII.

Enquanto o domínio holandês, centralizando-se em Pernambuco, reagia por toda a costa oriental, da Bahia ao Maranhão, e se travavam recontros memoráveis em que, solidárias, enterreiravam o inimigo comum as nossas três raças formadoras, o sulista, absolutamente alheio àquela agitação, revelava, na rebeldia aos decretos da metrópole, completo divórcio com aqueles lutadores. Era quase um inimigo tão perigoso quanto o batavo. Um povo estranho de mestiços levantadiços, expandindo outras tendências, norteado por outros destinos, pisando, resoluto, em demanda de outros rumos, bulas e alvarás entibiadores. Volvia-se em luta aberta com a corte portuguesa, numa reação tenaz contra os jesuítas. Estes, olvidando o holandês e dirigindo-se, com Ruiz de Montoya a Madri e Díaz Taño a Roma, apontavam-no como inimigo mais sério.

De feito, enquanto em Pernambuco as tropas de van Schkoppe preparavam o governo de Nassau, em São Paulo se arquitetava o drama sombrio de Guaíra. E quando a restauração em Portugal veio alentar em toda a linha a repulsa ao invasor, congregando de novo os combatentes exaustos, os sulistas frisaram ainda mais esta separação de destinos, aproveitando-se do mesmo fato para estadearem a autonomia franca, no reinado de um minuto de Amador Bueno.

Não temos contraste maior na nossa história. Está nele a sua feição verdadeiramente nacional. Fora disto mal a vislumbramos nas cortes espetaculosas dos governadores, na Bahia, onde imperava a Companhia de Jesus com o privilégio da conquista das almas, eufemismo casuístico disfarçando o monopólio do braço indígena.

CUNHA, Euclides da. *Os sertões*. Edição crítica de Walnice Nogueira Galvão. 2 ed. São Paulo: Editora Ática, 2001, p. 81-82.

20. Unesp Representante do Pré-Modernismo brasileiro e um dos maiores nomes de nossa literatura, Euclides da Cunha nos encanta pelo vigor e variedade de seus procedimentos de estilo. Neste sentido, um dos recursos notáveis de *Os sertões* é o das personificações na descrição de acidentes geográficos, que em seu texto parecem dotados de vontade e atitude própria, o que confere bastante dramaticidade a passagens como a apresentada.

Tomando por base este comentário, releia o período que constitui o quarto parágrafo e explique o procedimento da personificação ou prosopopeia que nele ocorre.

21. Unesp Os escritores utilizam, por vezes, expressões que, à primeira vista, parecem exageradas, mas que carregam a intenção de tornar mais concreto um argumento para o leitor. Com base nesta observação, releia o segundo período do quinto parágrafo e demonstre que Euclides da Cunha serviu-se desse recurso ao empregar a expressão “sem uma remada”.

22. Unesp A retomada de um mesmo vocábulo, com a mesma flexão ou com variação de flexão, denominada “poliptoto” pela retórica tradicional, é um recurso comumente usado para conferir ênfase à expressão de determinados conteúdos em um período, como nesta passagem de *Os Lusíadas*: “No mar, tanta tormenta e tanto dano,/Tantas vezes a morte apercebida;/Na terra, tanta guerra, tanto engano,/Tanta necessidade aborrecida” (I, 106). Demonstre que Euclides da Cunha se serve desse recurso no terceiro período do sétimo parágrafo do texto.



Para responder às questões **23** e **24**, leia o texto extraído da primeira parte, intitulada “A terra”, da obra *Os sertões*, de Euclides da Cunha. A obra resultou da cobertura jornalística da Guerra de Canudos, realizada por Euclides da Cunha para o jornal *O Estado de S. Paulo* de agosto a outubro de 1897, e foi publicada apenas em 1902.

Percorrendo certa vez, nos fins de setembro [de 1897], as cercanias de Canudos, fugindo à monotonia de um **canhoneio** frouxo de tiros espaçados e soturnos, encontramos, no descer de uma encosta, anfiteatro irregular, onde as colinas se dispunham circulando um vale único. Pequenos arbustos, **icozeiros** virentes viçando em tufos intermeados de **palmatórias** de flores rutilantes, davam ao lugar a aparência exata de algum velho jardim em abandono. Ao lado uma árvore única, uma quixabeira alta, sobranceando a vegetação franzina.

O sol poente desatava, longa, a sua sombra pelo chão e protegido por ela — braços largamente abertos, face volvida para os céus — um soldado descansava.

Descansava... havia três meses.

Morrera no assalto de 18 de julho [de 1897]. A coronha da **Mannlicher** estrondada, o cinturão e o boné jogados a uma banda, e a farda em tiras, diziam que sucumbira em luta corpo a corpo com adversário possante. Caíra, certo, derreando-se à violenta pancada que lhe sulcara a fronte, manchada de uma escara preta. E ao enterrarem-se, dias depois, os mortos, não fora percebido. Não compartira, por isto, a vala comum de menos de um côvado de fundo em que eram jogados, formando pela última vez juntos, os companheiros abatidos na batalha. O destino que o removera do lar desprotegido fizera-lhe afinal uma concessão: livrara-o da promiscuidade lúgubre de um fosso repugnante; e deixara-o ali há três meses — braços largamente abertos, rosto voltado para os céus, para os sóis ardentes, para os luares claros, para as estrelas fulgurantes...

E estava intacto. Murchara apenas. Mumificara conservando os traços fisionômicos, de modo a incutir a ilusão exata de um lutador cansado, retemperando-se em tranquilo sono, à sombra daquela árvore benfazeja. Nem um verme — o mais vulgar dos trágicos analistas da matéria — lhe maculara os tecidos. Volvia ao turbilhão da vida sem decomposição repugnante, numa exaustão imperceptível. Era um aparelho revelando de modo absoluto, mas sugestivo, a *secura extrema dos ares*.

(*Os sertões*, 2016.)

canhoneio: descarga de canhões.

icozeiro: arbusto de folhas coriáceas, flores de tom verde-pálido e frutos bacáceos.

palmatória: planta da família das cactáceas, de flores amarelo-esverdeadas, com a parte inferior vermelha, ou róseas, e bagas vermelhas.

Mannlicher: rifle projetado por Ferdinand Ritter von Mannlicher.

23. Unesp 2021 A linguagem do texto pode ser caracterizada como

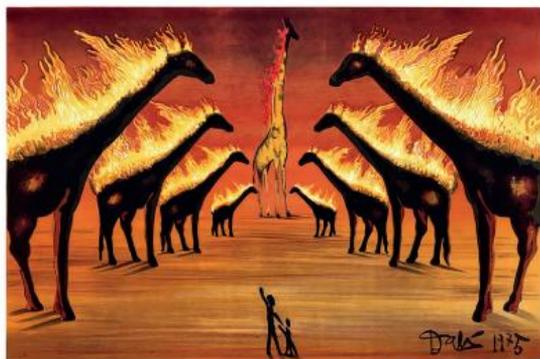
- a) erudita e lacônica.
- b) rebuscada e técnica.
- c) coloquial e prolixa.
- d) subjetiva e informal.
- e) hermética e pessoal.

24. Unesp 2021 Além da primeira parte intitulada “A terra”, outras duas partes, intituladas “O homem” e “A luta”, compõem *Os sertões*. Verifica-se assim, na própria estrutura da obra, uma nítida influência do

- a) Determinismo.
- b) Idealismo.
- c) Iluminismo.
- d) Socialismo.
- e) Liberalismo.



Textos para a questão 25.



Girafas em chamas em marrom, 1975. Localização: Coleção particular.

Era um cavalo todo feito em lavas recoberto de brasas e de espinhos. Pelas tardes amenas ele vinha e lia o mesmo livro que eu folheava.

Depois lambia a página, e apagava a memória dos versos mais doridos; então a escuridão cobria o livro, e o cavalo de fogo se encantava.

Bem se sabia que ele ainda ardia na salsugem do livro subsistido e transformado em vagas sublevadas.

Bem se sabia: o livro que ele lia era a loucura do homem agoniado em que o incubo cavalo se nutria.

LIMA, Jorge de. Canto quarto, poemas II e IV. In: *Invenção de Orfeu*. Disponível em: <http://www.algumapoesia.com.br/poesia3/poesianet291.htm>. Acesso em: 14 mai. 2016.

25. UEG-GO 2016 Em termos estéticos e de conteúdo, o poema e a pintura vinculam-se a que movimento de vanguarda artística?

- a) Expressionismo
- b) Surrealismo
- c) Dadaísmo
- d) Futurismo
- e) Cubismo

26. Enem 2014

IOTTI



Jornal Zero Hora, 2 mar. 2006.

Na criação do texto, o chargista Iotti usa criativamente um intertexto: os traços reconstróem uma cena de *Guernica*, painel de Pablo Picasso que retrata os horrores e a destruição provocados pelo bombardeio a uma pequena cidade da Espanha. Na charge, publicada no período de carnaval, recebe destaque a figura do carro, elemento introduzido por Iotti no intertexto. Além dessa figura, a linguagem verbal contribui para estabelecer um diálogo entre a obra de Picasso e a charge, ao explorar

- a) uma referência ao contexto, “trânsito no feriadão”, esclarecendo-se o referente tanto do texto de Iotti quanto da obra de Picasso.
- b) uma referência ao tempo presente, com o emprego da forma verbal “é”, evidenciando-se a atualidade do tema abordado tanto pelo pintor espanhol quanto pelo chargista brasileiro.
- c) um termo pejorativo, “trânsito”, reforçando-se a imagem negativa de mundo caótico presente tanto em *Guernica* quanto na charge.
- d) uma referência temporal, “sempre”, referindo-se à permanência de tragédias retratadas tanto em *Guernica* quanto na charge.
- e) uma expressão polissêmica, “quadro dramático”, remetendo-se tanto à obra pictórica quanto ao contexto do trânsito brasileiro.

- 27. PUC-Campinas 2017** Dentre as vanguardas artísticas europeias que emergiram no entreguerras, destaca-se o
- a) futurismo, movimento artístico e literário surgido na Itália, marcado pela publicação do Manifesto Futurista de Filippo Marinetti, que anunciava uma nova ordem após a destruição massiva provocada pela guerra.
 - b) surrealismo, vanguarda que despontou na França, bastante influenciada pela psicanálise, que teve como um de seus principais expoentes André Breton e valorizava os impulsos do inconsciente ante a crise da racionalidade provocada pela guerra.
 - c) expressionismo, movimento artístico que aflorou na Alemanha, liderado por Pablo Picasso, voltado à denúncia realista do terrível quadro social provocado pela derrota desse país na guerra.
 - d) impressionismo, gênero pictórico que emergiu nos Países Baixos e na França, marcado pela subjetividade, pela melancolia e pela angústia suscitados nos indivíduos traumatizados pela guerra.
 - e) fauvismo, corrente artística cujo nome deriva de “fauve”, fera em francês, que tinha por objetivo retratar o mundo bárbaro, não civilizado, porém exótico e capaz de apresentar novos paradigmas de modernidade à Europa arrasada após a guerra.

28. UFU-MG 2015

- Mamãe, Mamãe!
- Que é minha filha?
- Nós não somos nada nesta vida.

Todos os Santos -Rio de Janeiro-Dezembro de 1921-janeiro de 1922.
BARRETO, Lima. Clara dos Anjos. Tecnoprint/Ediouro, s/d. p. 77.

De acordo com o trecho acima, assinale a alternativa correta.

- a) O diálogo entre dona Engrácia e sua filha Clara simboliza de forma alegórica a desumanização da mulher negra e pobre, numa sociedade regida por D. Pedro I, mas manipulada por uma elite branca preconceituosa.
- b) Este pequeno diálogo pode ser considerado uma metáfora de uma classe social típica da Primeira República: indivíduos escravos, sem perspectiva de ascensão econômica, os quais lutavam pela assinatura da Lei Áurea.
- c) O diálogo entre Clara e sua mãe, Engrácia, que aparece ao final do romance Clara dos Anjos, publicado em plena Monarquia, simboliza a falta de perspectiva da mulher negra, analfabeta e pobre.
- d) Este pequeno diálogo, que fecha o final do romance Clara dos Anjos, pode ser considerado uma metáfora do sofrimento de uma classe social que, mesmo com a assinatura da Lei Áurea, continuava estigmatizada etnicamente.

29. UFU-MG 2016

Texto I

O único personagem feminino que escapa ao estereótipo de “coisa amorfa e pastosa” nesse romance (Clara dos Anjos) é Dona Margarida, uma forte e voluntariosa senhora alemã, de olhos azuis e “traços enérgicos”.

MICHELETTI, Guaraciaba. Contra o racismo e a injustiça. In: BARRETO, Lima. *Clara dos Anjos*. Rio de Janeiro: Editora Ática, 2011. p.10.

Texto II

A mórbida ternura da mãe por ele, a que não eram estranhas as suas vaidades pessoais, junto à indiferença desdenhosa do pai, com o tempo, fizeram de Cassi o tipo mais completo de vagabundo doméstico que se pode imaginar. É um tipo bem brasileiro. Se já era egoísta, triplicou de egoísmo. Na vida, ele só via o seu prazer, se esse prazer era o mais imediato possível. Nenhuma consideração de amizade, de respeito pela dor dos outros, pela desgraça dos semelhantes, de ditame moral o detinha, quando procurava uma satisfação qualquer. Só se detinha diante da força, da decisão de um revólver empunhado com decisão.

BARRETO, Lima. *Clara dos Anjos*. São Paulo: Editora Ática, 2011. p. 35.

Com base nos textos, faça o que se pede.

- a) Dona Engrácia, esposa de Joaquim dos Anjos e mãe de Clara, encaixa-se na definição do texto I. Apresente, em um parágrafo, as características de Dona Engrácia que revelam, no contexto da obra, que ela é “coisa amorfa e pastosa”.
- b) Para além da condição de progenitora, Dona Salustiana, mãe de Cassi Jones, protegia-o de forma desmesurada, com grande intensidade. A partir da leitura do texto II, explique, em um parágrafo, os planos e objetivos de Dona Salustiana para defender o filho dos crimes que este cometia.

30. Enem 2019

1. Nós queremos cantar o amor ao perigo, o hábito da energia e da temeridade.
2. A coragem, a audácia, a rebelião serão elementos essenciais de nossa poesia.
3. A literatura exaltou até hoje a imobilidade pensativa, o êxtase, o sono. Nós queremos exaltar o movimento agressivo, a insônia febril, o passo de corrida, o salto mortal, o bofetão e o soco.

4. Nós afirmamos que a magnificência do mundo enriqueceu-se de uma beleza nova: a beleza da velocidade. Um automóvel de corrida com seu cofre enfeitado com tubos grossos, semelhantes a serpentes de hálito explosivo... um automóvel rugidor, que parece correr sobre a metralha, é mais bonito que a Vitória de Samotrácia.

5. Nós queremos entoar hinos ao homem que segura o volante, cuja haste ideal atravessa a Terra, lançada também numa corrida sobre o circuito da sua órbita.

6. É preciso que o poeta prodigalize com ardor, fausto e munificência, para aumentar o entusiástico fervor dos elementos primordiais.

MARINETTI, F. T. Manifesto futurista. In: TELES, G. M. **Vanguardas europeias e Modernismo brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1985.

O documento de Marinetti, de 1909, propõe os referenciais estéticos do Futurismo, que valorizam a

- a) composição estática.
- b) inovação tecnológica.
- c) suspensão do tempo.
- d) retomada do helenismo.
- e) manutenção das tradições.

31. Unifesp 2018 O Surrealismo buscou a comunicação com o irracional e o ilógico, deliberadamente desorientando e reorientando a consciência por meio do inconsciente.

(Fiona Bradley. *Surrealismo*, 2001.)

Verifica-se a influência do Surrealismo nos seguintes versos:

- a) Um gatinho faz pipi. Com gestos de garçom de restaurant-Palace Encobre cuidadosamente a mijadinha. Sai vibrando com elegância a patinha direita: – É a única criatura fina na pensãozinha burguesa. (Manuel Bandeira, “Pensão familiar”.)
- b) A igreja era grande e pobre. Os altares, humildes. Havia pouca flores. Eram flores de horta. Sob a luz fraca, na sombra esculpida (quais as imagens e quais os fiéis?) ficávamos. (Carlos Drummond de Andrade, “Evocação Mariana”.)
- c) Nunca me esquecerei desse acontecimento na vida de minhas retinas tão fatigadas. Nunca me esquecerei que no meio do caminho tinha uma pedra tinha uma pedra no meio do caminho no meio do caminho tinha uma pedra. (Carlos Drummond de Andrade, “No meio do caminho”.)
- d) E nas bicicletas que eram poemas chegavam meus amigos alucinados. Sentados em desordem aparente, ei-los a engolir regularmente seus relógios enquanto o hierofante armado cavaleiro movia inutilmente seu único braço. (João Cabral de Melo Neto, “Dentro da perda da memória”.)
- e) – Desde que estou retirando só a morte vejo ativa, só a morte deparei e às vezes até festiva; só morte tem encontrado quem pensava encontrar vida, e o pouco que não foi morte foi de vida severina. (João Cabral de Melo Neto, “Morte e vida severina”.)

32. UEPB 2014 Considere as afirmações:

- I. Ambientando suas obras preferencialmente na capital do país, o Rio de Janeiro, Lima Barreto criou uma constelação de tipos humanos e de suas relações, antecipando-se a uma visão multiétnica e multicultural do país.
 - II. O Rio de Janeiro de Lima Barreto é uma cidade em transformação, um turbilhão político-cultural, onde a nascente cultura de massa, sobretudo música e cinema, aliada à imigração, também em massa, e às novas demandas advindas da abolição, são importantes não só para mudar a face do país, mas também de sua literatura.
 - III. Lima Barreto foi sem dúvida um dos grandes cronistas da Primeira República. Em sua obra, que contém praticamente todos os gêneros narrativos, romance, conto, crônica, anedota, põe em cena muitos dos personagens históricos de seu tempo.
- a) Nenhuma está correta.
 - b) Apenas II e III estão corretas.
 - c) Apenas I e II estão corretas.
 - d) Apenas I está correta.
 - e) Todas estão corretas.

33. UFF-RJ 2012 Eu estava deitado num velho sofá amplo. Lá fora, a chuva caía com redobrado rigor e ventava fortemente. A nossa casa frágil parecia que, de um momento para outro, ia ser arrasada. Minha mãe ia e vinha de um quarto próximo; removia baús, arcas; cosia, futejava. Eu devaneava e ia-lhe vendo o perfil esquelético, o corpo magro, premido de trabalhos, as faces cavadas com os malaras salientes, tendo pela pele parda manchas escuras, como se fossem de fumaça entranhada. De quando em quando, ela lançava-me os seus olhos aveludados, redondos, passivamente bons, onde havia raias de temor ao encarar-me. Supus que adivinhava os perigos que eu tinha de passar; sofrimentos e dores que a educação e inteligência, qualidades a mais na minha frágil consistência social, haviam de atrair fatalmente. Não sei que de raro, excepcional e delicado, e ao mesmo tempo perigoso, ela via em mim, para me deitar aqueles olhares de amor e espanto, de piedade e orgulho.

LIMA BARRETO. *Recordações do escrívão Isaías Caminha*. Rio de Janeiro; Belo Horizonte: Livraria Garnier, 1989. p.26-27.

Identifique, no discurso confessional do narrador do texto, aspectos que apontam para a contundente crítica social que se tornou marca da ficção pré-modernista de Lima Barreto.

EM13LP51

1. [...]

— E o caso do Jenikalé? Já apareceu o tal “mulatinho”? Não tenho pejo em confessar hoje que quando me ouvi tratado assim, as lágrimas me vieram aos olhos. Eu saíra do colégio, vivera sempre num ambiente artificial de consideração, de respeito, de atenções comigo; a minha sensibilidade, portanto, estava cultivada e tinha uma delicadeza extrema que se ajuntava ao meu orgulho de inteligente e estudioso, para me dar não sei que exaltada representação de mim mesmo, espécie de homem diferente do que era na realidade, ente superior e digno a quem um epíteto daqueles feria como uma bofetada. Hoje, agora, depois não sei de quantos pontapés destes e outros mais brutais, sou outro, insensível e cínico, mais forte talvez; aos meus olhos, porém, muito diminuído de mim próprio, do meu primitivo ideal, caído dos meus sonhos, sujo, imperfeito, deformado, mutilado e lodoso. Não sei a que me compare, não sei mesmo se poderia ter sido inteiriço até ao fim da vida; mas choro agora, choro hoje quando me lembro que uma palavra desprezível dessas não me torna a fazer chorar. Entretanto, isso tudo é uma questão de semântica: amanhã, dentro de um século, não terá mais significação injuriosa. Essa reflexão, porém, não me confortava naquele tempo, porque sentia na baixeza do tratamento todo o desconhecimento das minhas qualidades, o julgamento anterior da minha personalidade que não queriam ouvir, sentir e examinar. [...]

BARRETO, Lima. *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*. São Paulo: Ática, 1995. (Bom Livro). Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000157.pdf>. Acesso em: 29 set. 2021.

No trecho, a personagem mostra sua decepção ao receber um tratamento tão diferente do que recebia em casa. Sobre o fragmento, analise as afirmativas abaixo marcando-as como verdadeira (V) ou falsa (F):

- A decepção de Isaías Caminha se dá pela forma pejorativa com que o colega de trabalho se refere a ele.
- Isaías afirma que ter passado por essa situação o deixou forte, mas mudou a visão que ele tinha sobre si mesmo.
- O relato da personagem passou por um amadurecimento, para poder contar sua experiência. Isso fica explícito quando fala que não tem problema em falar sobre o assunto “hoje”.
- Lima Barreto expunha o preconceito racial de forma bastante clara, dando às suas personagens traços e experiências vividas por ele.

Assinale a alternativa correta:

- | | |
|------------------|------------------|
| a) F – F – V – V | d) F – F – V – F |
| b) V – V – V – V | e) V – V – V – F |
| c) V – F – F – V | |

EM13LP46

2. Enumere a coluna de acordo com as partes correspondentes de *Os sertões*:

1. Terra
2. Homem
3. Luta

- Abordagem social e antropológica, descreve os habitantes do lugar e sua relação com o meio em que vivem, suas crenças, costumes e comportamentos.
- Descrição científica das características físicas do lugar.
- Relato das expedições a Canudos, uma descrição minuciosa dos males que acometiam aquelas pessoas: miséria, peste, violência e, por fim, a guerra.

EM13LP46

3. Sobre a Semana de Arte Moderna de 1922, leia as afirmativas a seguir.

- I. Foi instalada uma exposição de artes plásticas que incluía trabalhos de artistas como: Victor Brecheret, Anita Malfatti, Di Cavalcanti, Vicente Rego Monteiro, entre outros.
- II. O evento foi divulgado apenas entre os acadêmicos e intelectuais da época.
- III. Foi crucial para o salto decisivo na cultura do Brasil.
- IV. Todos os artistas que se apresentaram contaram com total aprovação do público.
- V. Serviu para mostrar à sociedade que existia uma outra geração de artistas lutando contra o tradicionalismo da arte brasileira.

Estão corretas as afirmativas:

- | | |
|--------------------|--------------------|
| a) I, II, III e V. | d) Apenas I e III. |
| b) II, III e IV. | e) Apenas II e V. |
| c) I, III e V. | |



Fernando Pessoa (1888-1935) é o grande nome do Modernismo português.

FRENTE 2

CAPÍTULO

11

Modernismo em Portugal: o começo

A época em que surge o Modernismo em Portugal também corresponde a muitas mudanças que ocorreram no país, como o assassinato do rei e seu descendente, o início da Primeira Guerra Mundial e o golpe militar em 1926. Essas e outras mudanças resultaram em uma forte tendência revolucionária que determinou não só o pensamento filosófico e político, como também a produção artística da época.

As ideias liberais floresceram, levando os intelectuais, como Fernando Pessoa, a uma participação mais ativa na sociedade e rompendo com os padrões artísticos anteriores. A onda de renovação das artes que varreu a Europa apenas expunha de modo mais claro as transformações que já há muito se armavam no mundo ocidental.

Tal cenário turbulento explica o motivo de o Modernismo em Portugal não ter sido festivo e anarquista como no Brasil, mas voltado para a busca da pátria perdida.

A literatura moderna portuguesa

O que se convencionou como o início do Modernismo português foi a publicação da revista *Orpheu* – revista trimestral de literatura em 1915 –, feita com a colaboração de Fernando Pessoa, Mário de Sá-Carneiro, Côrtes-Rodrigues, Alfredo Guisado, Eduardo Guimarães, Santa-Rita Pintor e do brasileiro Ronald de Carvalho.

Na época, Portugal vivia a repercussão do fim da monarquia e da Proclamação da República, em 1910. Assim, o quadro político também contribuía para que vários artistas se aproximassem das ideias de retomada da cultura portuguesa e buscassem se expressar quanto à necessidade de reacender o espírito saudosista e nacionalista do povo português.

No século XX, a literatura portuguesa viveu três momentos bem delineados: a **Geração Orpheu**, a **Geração Presença** e o **Neorrealismo**.

Geração Orpheu

Em 1915, a publicação da revista *Orpheu* impactou a sociedade lisboeta. Encabeçado por Fernando Pessoa, Mário de Sá-Carneiro, Almada Negreiros, entre outros, o grupo fazia oposição ao academicismo e ao saudosismo. A finalidade do projeto era marcar a atualização da cultura portuguesa, que já vinha recebendo influências isoladas dos movimentos vanguardistas, como na obra notável do poeta Cesário Verde. O **orfismo** tinha nítidas tendências futuristas.



Orpheu, Lisboa, v. 1, n. 1, 1915, p. 1.

Primeiro número da revista *Orpheu*, em 1915.

O projeto não foi além do segundo número por falta de financiamento, mas as duas publicações foram suficientes para apresentar uma nova concepção artística. Na literatura

publicada pela revista, as imagens mostravam-se carregadas de inovações no vocabulário, tanto na semântica quanto na expressão geral, a qual começava a se contornar pelo dinamismo da vida moderna.

São esclarecedoras as palavras de Fernando Pessoa sobre o novo grupo:

Não somos portugueses que escrevem para portugueses; [...] somos portugueses que escrevem para a Europa, para toda a civilização; nada somos por enquanto, mas aquilo que agora fazemos será um dia universalmente conhecido e reconhecido. [...] Não pode ser de outra maneira, realizamos condições sociológicas cujo resultado é inevitavelmente esse. Afastamos-nos de Camões, de todos os absurdos enfadonhos da tradição portuguesa e avançamos para o futuro.

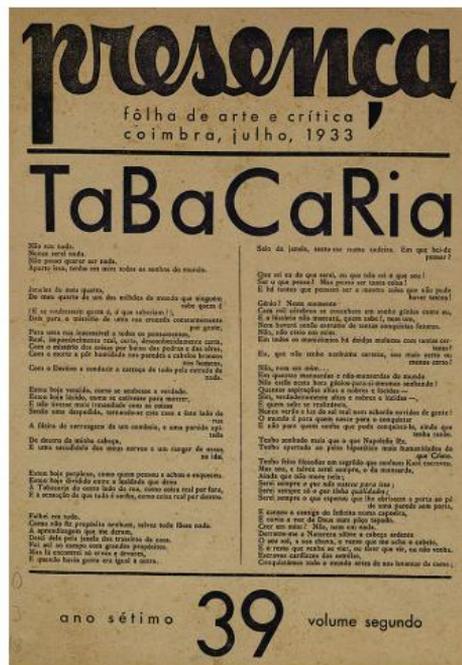
PESSOA, Fernando. *Páginas íntimas e de autointerpretação*. São Paulo: Ática, 1966. p. 121.

Geração Presença

O segundo momento modernista de Portugal tem início em 1927 com a fundação, em Coimbra, da revista *Presença* – *folha de arte e crítica*, por José Régio, João Gaspar Simões, Edmundo de Bettencourt e Branquinho da Fonseca. Dando continuidade ao projeto *Orpheu*, o grupo *Presença* aprofundou as pesquisas estéticas com o objetivo de defender uma literatura viva, em oposição a meras imitações acadêmicas, rotineiras e livrescas.

Os presencistas almejavam uma literatura sem vínculo com a política ou a religião, mas neutra, prezando por uma temática universalizante marcada pela introspecção e por um forte viés psicológico, na busca pela essência da própria literatura. José Régio é o principal autor dessa fase, destacando-se no romance, no teatro e na poesia.

O projeto contou com 54 números publicados dos anos 1927 a 1940, com a colaboração dos heterônimos de Fernando Pessoa em algumas edições.



Presença, Coimbra, v. 2, n. 39, jul. 1933, p. 1.

Revista *Presença*. Imagem da publicação do poema “Tabacaria”, de Álvaro de Campos (heterônimo de Fernando Pessoa).

Neorrealismo

No contexto da Segunda Guerra Mundial, em 1940, iniciou-se o Neorrealismo em Portugal, com a obra *Galbéus*, de Alves Redol. Esse foi o marco de uma fase antigerção Presença, que abarca grandes escritores, como Manuel da Fonseca, Fernando Namora, Vergílio Ferreira, Ferreira de Castro e José Miguéis. Todos eles tinham como meta fazer uma literatura crítica em relação às denúncias sociais do período, e suas ideias foram veiculadas no jornal *O Diabo* e na revista *Sol Nascente*.

O movimento neorrealista impunha-se buscando combater o fascismo, atuando contra a ditadura salazarista e propondo uma literatura de cunho social e documental, a qual procurava retratar as desigualdades sociais, especialmente as mais arraigadas na estrutura agrária do país. Esse movimento tinha um caráter social que se aproximava muito do que faziam as obras regionalistas da chamada 2ª geração do Modernismo, no Brasil. O Neorrealismo estendeu-se até a década de 1980, sendo sempre renovado.

Fernando Pessoa e sua poesia caleidoscópica

Se, depois de eu morrer, quiserem escrever a minha

[biografia,

Não há nada mais simples.

Tem só duas datas – a da minha nascença e a da minha
[morte.

Entre uma e outra coisa todos os dias são meus.

CAEIRO, Alberto [PESSOA, Fernando]. *Poemas completos de Alberto
Caeiro*. São Paulo: Nobel, 2008. p. 98.

Fernando António Nogueira Pessoa nasceu em Lisboa, em 1888, e, ao lado de Luís Vaz de Camões, é considerado um dos maiores poetas de Portugal.



Representação de Fernando Pessoa.

O que difere Fernando Pessoa de todos os outros autores da tradição literária é, sem dúvida, a sua capacidade de se desdobrar, multiplicando-se em várias outras personalidades poéticas por meio dos chamados **heterônimos**.

Com um projeto artístico amplo, Pessoa deu à luz a “entidades” – autores com data de nascimento, mapa astral, profissão, ideologia e estilos próprios de escrita –, compondo um perfil poético multifacetado e realmente impressionante.

Os estudiosos da obra pessoana já identificaram cerca de 70 heterônimos, sendo os mais conhecidos e completos, e de que trataremos mais adiante, Alberto Caeiro, Ricardo Reis e Álvaro de Campos, cada qual escrevendo de forma única sobre a percepção que tem do mundo à sua volta.

A origem dos meus heterônimos é o fundo traço de histeria que existe em mim. Não sei se sou simplesmente histérico, se sou, mais propriamente, um histero-neurastênico. Tendo para esta segunda hipótese, porque há em mim fenômenos de abulia que a histeria, propriamente dita, não enquadra no registo dos seus sintomas. Seja como for, a origem mental dos heterônimos está na minha tendência orgânica e constante para a despersonalização e para a simulação. Estes fenômenos – felizmente para mim e para os outros – mentalizaram-se em mim; quero dizer, não se manifestam na minha vida prática, exterior e de contato com outros; fazem explosão para dentro e vivo-os eu a sós comigo. Se eu fosse mulher – na mulher os fenômenos histéricos rompem em ataques e coisas parecidas – cada poema de Álvaro de Campos (o mais historicamente histérico de mim) seria um alarme para a vizinhança. Mas sou homem – e nos homens a histeria assume principalmente aspectos mentais: assim tudo acaba em silêncio e poesia. [...]

Levei uns dias a elaborar o poeta mas nada consegui. Num dia em que finalmente desistira – foi em 8 de Março de 1914 – acerquei-me de uma cómoda alta, e, tomando um papel, comecei a escrever, de pé, como escrevo sempre que posso. E escrevi trinta e tantos poemas a fio, numa espécie de êxtase cuja natureza não conseguirei definir. Foi o dia triunfal da minha vida, e nunca poderei ter outro assim. Abri com o título, *O guardador de rebanhos*. E o que se seguiu foi o aparecimento de alguém em mim, a quem dei desde logo o nome Alberto Caeiro.

PESSOA, Fernando. “Carta a Adolfo Casais Monteiro sobre a origem dos heterônimos”. In: PESSÔA, Valdenir Araújo. *O misticismo, o saudosismo e o sebastianismo em Mensagem de Fernando Pessoa*. Santarém: Clube de Autores, 2014.

É necessário ter em mente que esse processo de heteronímia – claramente marcado pelo desejo de assumir a fragmentação de toda identidade poética – vincula-se a um contexto histórico-cultural modernista ao qual Fernando Pessoa já se relacionava desde a sua formação. Com sua obra, entram definitivamente em crise o legado do positivismo, a fé na identidade imutável do sujeito e a certeza quanto à eficácia da linguagem em dizer ao mundo. O ser humano, inclusive – ou, principalmente, o poeta –, passa a ser visto como um organismo plural, multifacetado. Assim, a arte poética torna-se o lugar da criação de um universo autônomo, assumido como “fingimento”.

Mesmo quando Fernando Pessoa escrevia assinando poemas com seu próprio nome, a produção poética jamais se apresentava como mais “verdadeira” que a dos heterônimos, e, assim, constituía um “ele-mesmo” que tinha o mesmo estatuto “fingido” de qualquer outro dos heterônimos. A única diferença é que, ao nos referirmos a essa parte de sua obra, dizemos que se trata da produção **ortonímica** do poeta. São poemas repletos de saudosismo e nacionalismo, ainda que marcados pelo claro desejo de rever criticamente a história e os mitos nacionais, como estudaremos a seguir.

Fernando Pessoa ortônimo: o poeta fingidor

A principal obra de Fernando Pessoa ele-mesmo expressa em seus versos uma Portugal heroica. De tom eloquente, os poemas do livro *Mensagem*, iniciado em 1913 e publicado em 1934, oscilam entre o épico e o lírico. A grandiosidade da nação portuguesa é retomada de forma nostálgica, mas também crítica, por meio da referência ao período da conquista territorial levada a cabo pelas Grandes Navegações – fase heroica de um povo que teve sua chama apagada após o desaparecimento de Dom Sebastião, na África.

Em *Mensagem*, o caráter nacionalista surge na intenção de rever e cantar o passado português a partir do ponto de vista da modernidade. Nela, Portugal é o país dos sonhos grandiosos e belos, mas interrompidos e falhos, sempre em uma vibrante busca da retomada de sua evolução no tempo e no espaço por uma nova, ainda que talvez apenas mítica, grande nação portuguesa.

Com esse livro, Fernando Pessoa participa de um concurso patrocinado pelo governo português e fica em 2º lugar, o que o entristece. Ainda em 1934, começa a apresentar problemas físicos e morre no ano seguinte, de cirrose hepática.

A seguir, leia um dos mais célebres poemas da obra, intitulado “Mar português”.

Mar português

Ó mar salgado, quanto do teu sal
São lágrimas de Portugal!
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,
Quantos filhos em vão rezaram!
Quantas noivas ficaram por casar
Para que fosses nosso, ó mar!

Valeu a pena? Tudo vale a pena
Se a alma não é pequena.
Quem quer passar além do Bojador
Tem que passar além da dor.
Deus ao mar o perigo e o abismo deu,
Mas nele é que espelhou o céu.

PESSOA, Fernando. *Mensagem*. São Paulo: Leya, 2013. p. 58.

Inicialmente, deve-se destacar do título do poema o adjetivo “português”, o qual faz menção ao domínio dos mares por Portugal; mares esses que sempre serão lusitanos – daí o peculiar saudosismo do eu lírico.

Na primeira estrofe, há a invocação do sujeito poético ao mar que tanto lhe arranca lágrimas – pelo sofrimento e o sacrifício que os portugueses viveram ao atravessá-lo. É belíssima a metáfora de Fernando Pessoa ao transformar o sal do oceano no sal das lágrimas que nele se derramaram.

O poema nos faz lembrar das tragédias e desgraças promovidas pelas navegações por lugares desconhecidos – as lágrimas, tanto da tripulação quanto dos familiares (mães, filhos, noivas) que ficaram em terra, são de sofrimento, abnegação, coragem e dor.

A linguagem emotiva do poeta é marcada pontualmente pelas exclamações e pelo uso do vocativo em segunda pessoa do singular (tu/te), caracterizando a relação afetiva com quem é invocado, no caso, o próprio mar, personificado desde o primeiro verso. Ao mesmo tempo, há o uso

do “nós”, uma voz plural e coletiva que transforma a glória dos tripulantes dos navios em uma vitória de toda a nação portuguesa.

Outra obra relevante de Fernando Pessoa ele-mesmo é o *Cancioneiro*. De teor acentuadamente lírico, os poemas reunidos nesse livro falam sobre a arte, a infância, a solidão, a saudade e o tédio. Leia o poema “Autopsicografia”, provavelmente o mais conhecido do *Cancioneiro*, de Fernando Pessoa.

Autopsicografia

O poeta é um fingidor
Finge tão completamente
Que chega a fingir que é dor
A dor que deveras sente.

E os que leem o que escreve,
Na dor lida sentem bem,
Não as duas que ele teve,
Mas só a que eles não têm.

E assim nas calhas de roda
Gira, a entreter a razão,
Esse comboio de corda
Que se chama coração.

PESSOA, Fernando. *Cancioneiro*. Lisboa: Atlântico Press, 2014.

Os heterônimos de Fernando Pessoa

No centro do Modernismo português, está a radical invenção literária de Fernando Pessoa ao se expressar poeticamente por meio de um conjunto articulado de poetas que, rigorosamente inventados, escrevem, cada um à sua maneira, as suas próprias poesias, todas diferentes e complementares entre si. Esse modo desnorteante de experimentar a expressão literária e sugerir-la aos leitores faz de Pessoa um poeta fundamental para toda a literatura ocidental no raiar da modernidade. Escrever por meio da invenção de um mundo de escritores que se relacionam explode, de vez, para o mundo contemporâneo, a suposta unidade de todo poeta e de qualquer fazer poético.

Alberto Caeiro: o mestre das sensações

Alberto Caeiro nasceu em Lisboa a 16 de abril de 1889, e nessa cidade faleceu, tuberculoso, em *de 1915. [...]

A vida de Caeiro não pode narrar-se pois que não há nele de que narrar. Seus poemas são o que viveu. Em tudo mais não houve incidentes, nem há história.

REIS, Ricardo [PESSOA, Fernando]. “Prefácio de Ricardo Reis”. In: PESSOA, Fernando. *Poemas completos de Alberto Caeiro*. São Paulo: Nobel, 2008. p. 7.

Nos textos em que Fernando Pessoa comenta sobre a criação dos heterônimos, Alberto Caeiro é descrito como o mestre de todos eles, tanto de Ricardo Reis e Álvaro de Campos quanto do próprio Fernando Pessoa, o que mostra a peculiar complexidade da heteronímia pessoana.

Caeiro é o “mais simples” dos poetas, pois extrai sua matéria poética e seu modo de vida do contato íntimo e direto com a natureza em vez daquele mediado pela civilização ou do propiciado pelo conhecimento enciclopédico. Para Alberto Caeiro, o ser humano complicou a existência de seus dias com a adesão a exagerados pensamentos metafísicos, religiões, filosofias e teorias científicas.

A voz desse poeta defende a busca pela simplicidade dos sentidos como única forma de obter conhecimento – essa estética recebe o nome de **sensacionismo**.

A poesia do mestre Alberto Caeiro recusa os atributos habituais do gênero poético, como o metro, a rima, as metáforas e metonímias e os demais ornamentos. Seu verso é livre, em estilo coloquial e espontâneo, e sua linguagem é simples e de adjetivação objetiva. O que distingue a poesia de Caeiro da dos outros heterônimos é a maneira como ele denuncia o uso de “máscaras”, como as figuras de linguagem mencionadas (metáforas e metonímia), com a finalidade de encobrir e “embelezar” a realidade. Ironicamente, Caeiro talvez possa ser considerado o heterônimo de maior complexidade filosófica, já que esta, em seus poemas, nasce justamente da simplicidade mais absoluta e da recusa radical de todos os conceitos. Esse paradoxo justifica plenamente a aproximação que alguns críticos fizeram de sua visão poética com a “filosofia” oriental do zen-budismo.

O guardador de rebanhos (IX)

Sou um guardador de rebanhos
O rebanho é os meus pensamentos
E os meus pensamentos são todos sensações.
Penso com os olhos e com os ouvidos
E com as mãos e os pés
E com o nariz e a boca.

Pensar uma flor é vê-la e cheirá-la
E comer um fruto é saber-lhe o sentido.
Por isso quando num dia de calor
Me sinto triste de gozá-lo tanto.
E me deito ao comprido na erva,
E fecho os olhos quentes,
Sinto todo o meu corpo deitado na realidade,
Sei a verdade e sou feliz.

CAEIRO, Alberto [PESSOA, Fernando]. *O guardador de rebanhos e outros poemas*. São Paulo: Cultrix, 1997. p. 99-100.

“O guardador de rebanhos” é um dos poemas que conseguem refletir as marcas da poesia caeiriana. Tendo a natureza como “deus”, já que é a única coisa que vê e sente, o poeta louva o sol e outros elementos em decorrência de seu poder vital sobre os homens. É interessante notar que, logo nos primeiros versos, há uma construção metafórica – “Sou um guardador de rebanhos/ O rebanho é os meus pensamentos” –, mas ela é tão simples e direta que seu uso não se confunde com as “máscaras” referidas anteriormente, as metáforas “embelezadoras” e “poéticas” que frequentam os poemas mais convencionais e que, para muitos, são a marca caracterizadora de qualquer “poesia”. Em Caeiro, ao contrário, tudo parece compor apenas uma maneira clara e objetiva de falar sobre o real sem complicá-lo.

Nos versos livres “Sinto todo o meu corpo deitado na realidade/ Sei a verdade e sou feliz”, Caeiro mostra um eu lírico que considera a natureza (“erva”) o real; para ele, apenas o visível e o palpável existem. É alguém que se abstém do conforto da cidade e se coloca como um aprendiz da natureza – aquilo que os sentidos podem apreender (tato, visão, olfato, paladar e audição) o faz vivo e feliz.

Ricardo Reis: o apelo clássico

Ricardo Reis teria nascido em 19 de setembro de 1887, conforme descreveu Pessoa. Assim como o mestre Caeiro, Reis é amante da natureza e alheio à vida social. O que os difere é o posicionamento diante da humanidade. Enquanto Caeiro se sente plenamente feliz em sua integração com o ambiente natural e elogia essa postura em seus poemas, Ricardo Reis revela-se frustrado com a decadência da civilização cristã, a qual, a seu ver, caminha para o aniquilamento.

Neoclássico e apegado à filosofia **epicurista**, Ricardo Reis sabe que a vida é breve e que a morte é inevitável. Mostra-se em busca de dias com prazeres naturais, equilibrados, sem excessos. A completa felicidade lhe parece improvável, por isso apresenta-se controlado racionalmente. Sua visão de mundo é pautada na filosofia clássica, o que atinge seu estilo de escrita: equilibrado, sempre em busca da perfeição formal, distanciado dos arrebatamentos amorosos e marcado pela presença da cultura mitológica pagã.

epicurismo: sistema filosófico de Epicuro (341-270 a.C.) que pregava a busca equilibrada por prazeres com a finalidade de desfrutar o momento presente, aliviando as dores e os sofrimentos e libertando-se do medo da morte.

Leia os trechos a seguir atentando para a temática da brevidade da vida.

Vem sentar-te comigo Lídia, à beira do rio.
Sossegadamente fitemos o seu curso e aprendamos
Que a vida passa, e não estamos de mãos enlaçadas.
(Enlacemos as mãos.)

[...]

Amemo-nos tranquilamente, pensando que podíamos,
Se quiséssemos, trocar beijos e abraços e carícias,
Mas que mais vale estarmos sentados ao pé um do outro
Ouvindo correr o rio e vendo-o.

Colhamos flores, pega tu nelas e deixa-as
No colo, e que o seu perfume suavize o momento –
Este momento em que sossegadamente não cremos em nada,
Pagãos inocentes da decadência.

PESSOA, Fernando. *Poemas de Ricardo Reis*. Lisboa: Atlântico Press, 2013.

Em um primeiro momento, percebemos que o eu lírico propõe à sua interlocutora, Lídia, que desfrutem do dia de forma serena. O rio que corre é metáfora da inevitável passagem do tempo; a única certeza existente é a morte, que não deve compreender um motivo de sofrimento. Se a vida passa, não se deve assumir compromissos, mas viver tranquilamente. Há, também, a recusa do amor carnal (“beijos e abraços e carícias”), pois a sexualidade é instintiva – lembremo-nos de que a razão deve se sobrepor à emoção, segundo o epicurismo.

Outro aspecto a ser notado é a presença de elementos clássicos: o ambiente bucólico que serve de cenário ao poema – o rio, as flores – e a referência direta ao próprio paganismo. Se a vida passa, e a morte é inevitável, há, no poema, um convite amoroso e sereno para que vivam com tranquilidade, sem sobressaltos, com o perfume das flores suavizando o momento.

Álvaro de Campos: a fé no futuro

Segundo Fernando Pessoa, Álvaro de Campos estudou em Glasgow, na Escócia, onde cursou Engenharia Mecânica e, posteriormente, naval. É alto, magro, de cabelo liso, cosmopolita e vanguardista. Diferentemente dos outros dois heterônimos (Alberto Caeiro e Ricardo Reis), Álvaro de Campos é afeito ao Modernismo e transmite as concepções futuristas por meio de versos livres, que compõem, na maioria das vezes, uma **ode** ao mundo moderno. Os sons das máquinas e os ruídos das engrenagens são a trilha sonora dos poemas desse heterônimo, e a imitação desses sons (onomatopeia), muitas vezes, é explícita no próprio texto dos poemas. Os seus versos são enérgicos, ricos em exclamações e interrogações.

ode: composição poética que objetiva fazer uma homenagem.

A poesia de Álvaro de Campos pode ser dividida didaticamente em três fases (ou, mais corretamente, faces, já que são coexistentes):

1ª fase
Decadentista
Expressa o tédio, o cansaço e a vontade de ter novas sensações. Essa fase é a tradução da necessidade de se conhecer algum sentido para a vida. A poesia é marcada pelo preciosismo formal e certo romantismo.
2ª fase
Futurista/sensacionista
É nessa fase que o poeta celebra a máquina, principal símbolo da civilização moderna. Seus poemas vêm exaltar a “beleza” da industrialização e do progresso técnico. Formalmente, os versos são livres e há o uso intenso de exclamações e onomatopeias para representar o barulho das engrenagens de uma máquina. Álvaro de Campos também apresenta uma faceta sensacionista, mas se distingue da de Caeiro porque pretende “sentir tudo de todas as maneiras”; as sensações chegam excessivas, sem delicadeza – ele intelectualiza as sensações, pois conhece a complexidade da vida moderna e cidadina e, assim, busca sentir de todas as formas.
3ª fase
Pessimista/intimista
A fase pessimista de Álvaro de Campos ocorre diante da incapacidade de realizações na vida. Lê-se um eu lírico frustrado, cansado da tentativa de comunhão entre mundo interior e exterior. Aproximando-se de Fernando Pessoa ortônimo, revela ser nostálgico em relação à infância – a dor de pensar o corrói e o faz adentrar uma angústia existencial.

Mais da geração Orpheu: Mário de Sá-Carneiro

Como vimos, 1915 é um marco para o Modernismo português como o ano de lançamento da revista *Orpheu*, divulgadora das novas concepções estéticas. Além de Fernando Pessoa, outro nome importante no cenário da literatura portuguesa desse período foi Mário de Sá-Carneiro.

Nascido em Lisboa, Mário de Sá-Carneiro (1890-1916) passou seus primeiros anos sob os cuidados dos avós, pois perdeu a mãe aos 2 anos de idade, e seu pai, militar, seguiu a vida em inúmeras viagens.



Representação de Mário de Sá-Carneiro.

Em 1911, matriculou-se na faculdade de Direito, mas logo se transferiu para Paris em 1912, ano em que iniciou sua vida literária. Em 1915, durante suas férias, retornou a Lisboa e se juntou ao grupo que lançou a revista *Orpheu*. Muito amigo de Fernando Pessoa, passou a se corresponder com ele por cartas (entre Portugal e França), as quais se tornaram importantes instrumentos para a análise da obra de ambos por críticos literários.

A vida em Paris o levou à boemia, e os rumos de sua vida foram dramáticos: Mário de Sá-Carneiro sucumbiu aos conflitos sentimentais e financeiros, revelou um intenso desejo de morte, deu indícios de um possível suicídio e o cometeu, de fato, em 1916, na França, envenenando-se com estricnina.

Sua obra foi marcada por uma busca de respostas sem sentido, pela plenitude sensorial e pela tentativa de captar o mundo por meio dos sentidos. A preocupação estética do autor também incluía o cuidado de fazer da poesia um lugar privilegiado para que ele abordasse as frustrações consigo e com o mundo de maneira destemida, tratando da dificuldade do sujeito em se conhecer. A vida e a obra do autor se confundem inextricavelmente, e o processo dessa dolorosa busca de identidade transparece tanto na elaboração quanto na leitura de sua obra.

O teor das cartas de Mário de Sá-Carneiro a Fernando Pessoa revela um sentimento de abandono, uma atitude desesperada em relação à vida resultante de um estado emocional sempre instável. A sua linguagem é marcada pela ironia, pelo sarcasmo em relação a si próprio e por certa violência verbal.

A seguir, leia o poema “Dispersão”, de Mário de Sá-Carneiro.

Dispersão

Perdi-me dentro de mim
Porque eu era labirinto,
E hoje, quando me sinto,
É com saudades de mim.

[...]

E sinto que a minha morte —
Minha dispersão total —
Existe lá longe, ao norte,
Numa grande capital.

[...]

Eu tenho pena de mim,
Pobre menino ideal...
Que me faltou afinal?
Um elo? Um rastro?... Ai de mim!...
[...]

SÁ-CARNEIRO, Mário de. *Dispersão*. PAIXÃO, Fernando (org.).
Poesias. São Paulo: Iluminuras, 2001.

Os versos do poema apresentado revelam, essencialmente, as dúvidas e angústias em relação à vida e à dor de viver. Em “Dispersão”, o ato de dispersar-se evoca não só o de não conseguir concentrar-se e encontrar sentido para os dias, mas também a profunda divisão interior resultante desse movimento. Tanto esse quanto os outros poemas do livro expressam a inadequação do eu lírico (e, arriscamos dizer, a inadequação do poeta) ao mundo e sua impossibilidade de se reconciliar com a vida.

A confissão de Lúcio

Obra-prima de Mário de Sá-Carneiro, *A confissão de Lúcio* é uma novela de 1914; portanto, anterior à publicação da revista *Orpheu* e ao próprio Modernismo português.

Com narração em primeira pessoa e cronologia invertida (do fim para o começo), o protagonista Lúcio começa sua “confissão” em *flashback* para provar sua inocência em um crime que afirma não ter cometido – o assassinato do poeta Ricardo Loureiro, seu amigo íntimo. Durante a narração dos fatos, as lembranças da personagem começam a se confundir e, assim, paira uma forte atmosfera de ambiguidade sobre todo o relato.

Um fato importante do enredo é a relação que existe entre Lúcio, o amigo Ricardo e a esposa do amigo, Marta, por quem Lúcio se apaixona e de quem se torna amante. Esse triângulo amoroso seria como outros na literatura se não houvesse a dúvida sobre a existência real de Marta, já que a ambiguidade se instaura em vários elementos da trama. Lúcio descobre que não é o único amante de Marta; há outro, um artista russo que frequentava a residência do casal. O narrador se enfurece e acaba rompendo a amizade com o amigo Ricardo, porque achava que ele sabia do adultério da esposa com o tal russo.

Um tempo depois, quando Lúcio e Ricardo se reencontram, Ricardo reconhece o adultério da esposa e explica que Marta foi o meio que lhe permitiu sentir verdadeiramente a amizade entre os dois. Ricardo quer provar, de todas as maneiras, sua afeição por Lúcio, e o ambíguo relato de um mistério se efetiva: Ricardo leva Lúcio até sua casa, entra no quarto de Marta e, supostamente, mata a mulher com um tiro. Porém, nesse momento, será revelado ao leitor que quem está caído no chão e morto é Ricardo, não Marta. Além disso, o revólver está aos pés de Lúcio. Então, quem foi a vítima? Marta existia ou era uma projeção do fascínio que Ricardo e Lúcio tinham um pelo outro? Assim, a obra funde magistralmente sonho e realidade.

Leia um trecho dessa obra a seguir.

Cumpridos dez anos de prisão por um crime que não pratiquei e do qual, entanto, nunca me defendi, morto para a vida e para os sonhos... nada podendo já esperar e coisa alguma desejando — eu venho fazer enfim a minha confissão: isto é, demonstrar a minha inocência.

[...]

Tínhamos chegado. Ricardo empurrou a porta brutalmente...

Em pé, ao fundo da casa, diante de uma janela, Marta folheava um livro...

A desventurada mal teve tempo para se voltar... Ricardo puxou de um revólver que trazia escondido no bolso do casaco e, antes que eu pudesse esboçar um gesto, fazer um movimento, desfechou-lho à queima-roupa...

Marta tombou inanimada no solo... Eu não arredara pé do limiar...

E então foi o mistério... o fantástico mistério da minha vida...

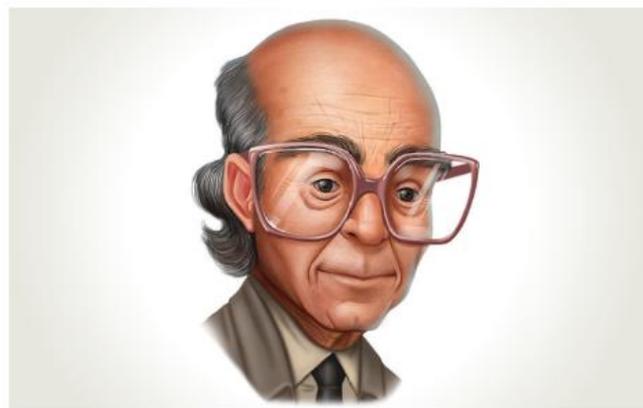
Ó assombro! ó quebranto! Quem jazia estirado junto da janela, não era Marta – não! —, era o meu amigo, era Ricardo... E aos meus pés – sim, aos meus pés! – caíra o seu revólver ainda fumegante!...

Marta, essa desaparecera, evolara-se em silêncio, como se extingue uma chama...

SÁ-CARNEIRO, Mário de. *A confissão de Lúcio*.
Rio de Janeiro: Ediouro, 1991.

Fernando Pessoa revisitado: O ano da morte de Ricardo Reis, de José Saramago

Em 1984, já rumo ao final do século XX – o qual Pessoa e a geração Orpheu abriram de modo genial para a literatura portuguesa –, o escritor José Saramago (1922-2010), expoente da literatura contemporânea portuguesa, lançou um intrigante romance, *O ano da morte de Ricardo Reis*, que relata o retorno de Ricardo Reis a Portugal, após seu exílio no Brasil.



Representação de José Saramago.

Saramago passou a ser conhecido pelo público em 1980 com o seu primeiro grande romance, *Levantado do chão*, obra passível de associar ao Neorealismo português. Marcado pela denúncia da exploração e opressão às quais os latifundiários e as autoridades oficiais e clericais submetiam o povo português, o livro ganhou o Prêmio Cidade de Lisboa e inaugurou para a obra do autor uma importante sequência de prêmios, que culminaria no recebimento do Prêmio Camões de Literatura, em 1995, e, finalmente, o mais importante, o Prêmio Nobel de Literatura, em 1998.

Curiosamente, suas obras seguintes, os romances *Memorial do convento*, de 1982, e *O ano da morte de Ricardo Reis*, deslocam-se da temática social mais direta e passem de modo bastante peculiar e criativo pela história e cultura de Portugal.

Crítico por excelência, o escritor revela em suas obras temas diversos e reflexões em torno da política (da manipulação política, mais especificamente) e da participação das pessoas na construção da própria história. Sua escrita é inconfundível, porque subverte as regras de pontuação e o uso de sinais gráficos de diálogo.

Leia, a seguir, um trecho extraído do romance *O ano da morte de Ricardo Reis*, obra que traz no enredo a relação que o heterônimo Ricardo Reis (o único sem data de morte na obra pessoana) estabelece com o próprio Fernando Pessoa já morto, ou seja, o “fantasma” dele.

[...] é então que Ricardo Reis repara que por baixo de sua porta passa uma réstia luminosa, [...], meteu a chave na fechadura, abriu, sentado no sofá estava um homem, reconheceu-o imediatamente apesar de não o ver há tantos anos, e não pensou que fosse acontecimento irregular estar ali à sua espera Fernando Pessoa, disse Olá, embora duvidasse de que ele lhe responderia, nem sempre o absurdo respeita a lógica, mas o caso é que respondeu, disse Viva, e estendeu-lhe a mão, depois abraçaram-se, Então como tem passado, um deles fez a pergunta, ou ambos, não importa averiguar, considerando a insignificância da frase. Ricardo Reis despiu a gabardina, pôs o chapéu, arrumou cuidadosamente o guarda-chuva no lavatório, se ainda pingasse lá estaria o oleado do chão mesmo assim certificou-se primeiro, apalpou a seda húmida, já não escorre, durante todo o caminho de regresso não chovera. Puxou uma cadeira e sentou-se defronte do visitante, reparou que Fernando Pessoa estava em corpo bem feito, que é a maneira portuguesa de dizer que o dito corpo não veste sobretudo nem gabardina nem qualquer outra protecção contra o mau tempo, nem sequer um chapéu para a cabeça, este tem só o fato preto, jaquetão, colete e calça, camisa branca, preta também gravata, e o sapato, e a meia, como se apresentaria quem estivesse de luto ou tivesse por ofício enterrar os outros. Olham-se ambos com simpatia, vê-se que estão contentes por terem se reencontrado depois da longa ausência, e é Fernando Pessoa quem primeiro fala, Sobe que foi me visitar, eu não estava, mas disseram-me quando cheguei, e Ricardo Reis respondeu assim, Pensei que estivesse, pensei que nunca sáísse de lá.

SARAMAGO, José. *O ano da morte de Ricardo Reis*. Alfragide: Leya, 1984.

Saramago, em *O ano da morte de Ricardo Reis*, assim como Pessoa, parece querer nos dizer que a literatura é sempre o reino do improvável e daquilo que não pode ser dito ou definido.

Saiba mais

No romance, o heterônimo Ricardo Reis é uma personagem de carne e osso que viveu no Brasil. Quando o seu criador, Fernando Pessoa, morre, Ricardo volta a Lisboa e convive por nove meses com o seu “fantasma”, o que aproxima a obra do que a teoria literária denomina Realismo maravilhoso.

Teoricamente, a ideia do maravilhoso provém do insólito implicado nesse tipo de quebra da ordem e do equilíbrio na narrativa e objetiva fundir elementos irreais a situações corriqueiras e comuns, sem gerar dúvida ou hesitação. No caso do romance de Saramago, mais importante que filiar a obra a esta ou àquela tendência literária, é perceber o quanto a rede de estranhamento posta pela mistura entre seres ficcionais e seres “históricos”, criada pelo autor, recria e traz novamente para a cena literária a própria abordagem aberta e complexa do fenômeno literário que Fernando Pessoa propôs. Lembra-se não só da invenção dos heterônimos, mas também do curioso sistema de relações, proximidades e diferenças entre eles, sobre o qual Pessoa escreveu diversos textos em prosa ensaística e cartas.

É fácil perceber a utilização de períodos longos, a pontuação não convencional e os diálogos sem os usuais travessões, apenas encadeados às frases que os antecedem; o ponto final só é utilizado para marcar o fim de uma cena. Aos olhos de leitores desavisados ou aos que não conhecem a linguagem de Saramago, essas intervenções autorais podem parecer incorretas, mas fazem parte de seu projeto literário. A sua intenção é que o texto passe a sensação do próprio fluxo de consciência, fazendo com que o leitor chegue à dúvida sobre se o que foi lido é um diálogo direto ou um pensamento.

Revisando



Leia o poema “Autopsicografia”, de Fernando Pessoa, para responder às questões de **1 a 4**.

Autopsicografia

O poeta é um fingidor
Finge tão completamente
Que chega a fingir que é dor
A dor que deveras sente.

E os que leem o que escreve,
Na dor lida sentem bem,
Não as duas que ele teve,
Mas só a que eles não têm.

E assim nas calhas de roda
Gira, a entreter a razão,

Esse comboio de corda
Que se chama coração.

PESSOA, Fernando. *Cancioneiro*. Lisboa: Atlântico Press, 2014.

1. “Autopsicografia” é um dos poemas mais conhecidos de Fernando Pessoa. Logo na primeira estrofe, o eu lírico fisga a atenção do leitor ao jogar com as palavras “fingidor”, “fingir” e “dor”. Que tipo de mecanismo para criação poética está apontado nesse jogo de palavras?

2. Sabemos que o prefixo “auto” significa por si mesmo. Já “psicografia” é um termo que se refere a um texto transcrito por alguém e ditado por outrem já falecido. Interpretando coerentemente o poema “Autopsicografia”, de Fernando Pessoa, relacione o título dessa obra às esferas realidade/fingimento (ficção). ATENÇÃO: os poemas de Fernando Pessoa exigem um leitor colaborativo, inventivo, capaz de fazer inferências no texto.

3. Quais seriam as duas dores referidas na segunda estrofe do poema?

4. Na terceira estrofe, o eu lírico, ao confrontar “razão” e “coração”, explicita o efeito da representação poética sobre o leitor. Como isso ocorre?

5. Na imagem a seguir, estão representados três dos mais conhecidos heterônimos do escritor Fernando Pessoa: Alberto Caeiro, Ricardo Reis e Álvaro de Campos. Ao lado de cada heterônimo, estão reproduzidos versos atribuídos a eles. Observe as imagens e leia atentamente os versos.



Exercícios propostos

1. **UFRGS 2017** Assinale a alternativa correta sobre *Mensagem*, de Fernando Pessoa.

- a) *Mensagem* traz as marcas da vanguarda sensacionista, na medida em que busca articular a história de Portugal ao mito, em um mesmo poema.
- b) A imagem do mar expressa simbolicamente a busca do infinito, que poderia apaziguar as almas atormentadas de Fernando Pessoa e de seus heterônimos.
- c) Fernando Pessoa, nessa obra publicada em vida, deu voz a seus heterônimos para expor uma visão poética e múltipla sobre a história portuguesa.
- d) Dom Sebastião é uma figura central para compreender *Mensagem* e a expectativa de uma possível redenção de Portugal.
- e) Os heróis da navegação portuguesa, símbolos do processo civilizacional, cristão, levado aos povos colonizados, são euforicamente celebrados em *Mensagem*.

2. **Uespi 2012** Sobre *A Confissão de Lúcio*, de Mário de Sá-Carneiro, é correto afirmar:

- a) Ricardo de Loureiro, português assim como Lúcio, era conhecido como o poeta das Brasas.
- b) No primeiro encontro entre Lúcio e Gervásio Vila-Nova, este lhe fala de uma nova escola literária: o “Banalismo”.
- c) O principal traço psicológico de Gervásio Vila-Nova era jamais falar da sua obra.
- d) Gervásio Vila-Nova é um personagem que se caracteriza pelo intenso otimismo com a vida.
- e) Como escultor, a obra de Gervásio Vila-Nova se caracteriza por perseguir uma estética realista.

3. **Uespi 2012** Mário de Sá-Carneiro, ao lado de Fernando Pessoa, Almada-Negreiros e Tomás de Almeida, entre outros, fundou em 1915, em Portugal, a revista *Orpheu*. Além de ser uma revista de princípios esteticizantes e esotéricos, qual outro traço programático se pode reconhecer nesta publicação?

- a) Os colaboradores da revista *Orpheu* perseguiram uma poesia realista e de cunho social.
- b) A busca por uma poesia científica terminou por caracterizar toda a produção poética da geração Orpheu.
- c) Há visivelmente nesta geração influências do humanismo e do racionalismo renascentista.
- d) A poesia veiculada pela revista *Orpheu* é alucinada, chocante e irreverente.
- e) A geração Orpheu exalta o progresso de Portugal e defende apaixonadamente o seu regime monárquico.

4. **Unifesp 2013** Leia o poema “Prece”, de Fernando Pessoa.

Senhor, a noite veio e a alma é vil.
Tanta foi a tormenta e a vontade!
Restam-nos hoje, no silêncio hostil,
O mar universal e a saudade.

Mas a chama, que a vida em nós criou,
Se ainda há vida ainda não é finda.

O frio morto em cinzas a ocultou:

A mão do vento pode erguê-la ainda.

Dá o sopro, a aragem – ou desgraça ou ânsia –,

Com que a chama do esforço se remoça,

E outra vez conquistaremos a Distância –

Do mar ou outra, mas que seja nossa!

PESSOA, Fernando. *Mensagem*, 1995.

Extraído do livro *Mensagem*, o poema pode ser considerado nacionalista, na medida em que o eu lírico:

- a) apresenta Portugal como uma nação decadente, que não faz jus ao seu passado de heroísmo e glórias.
- b) inspira-se no passado de heroísmo do povo português que, no presente, já não acredita na sua história.
- c) busca reviver o sonho de uma nação grandiosa, cantando um Portugal almejado por seus feitos gloriosos.
- d) reconhece o desejo de o povo português glorificar seus heróis, o que não foi possível até o seu presente.
- e) descreve o Portugal de seu tempo como uma nação gloriosa e marcada por histórias de heroísmo.



Instrução: Para a próxima questão, marque V (verdadeiro) ou F (falso).

5. **UFPE 2014** *Mensagem* foi o único livro que Fernando Pessoa publicou em vida. Nele, estão reunidos poemas de caráter nacionalista, que compõem uma unidade significativa. Sobre essa obra e seu autor, analise as afirmações a seguir.

■ **0-0** *Mensagem* é uma obra que trata do caráter heroico do povo português e está composta em versos regulares. Dessa forma, é possível classificá-la como uma epopeia.

■ **1-1** Fernando Pessoa era adepto do sebastianismo e evocou o rei D. Sebastião em seu livro, no afã de transformar Portugal no Quinto Império, o que revela o sentimento monárquico do poeta português.

■ **2-2** Em *Mensagem*, Fernando Pessoa deixa claro seu nacionalismo fervoroso, pois acreditava que Portugal pudesse voltar a ser o grande império de outrora, exercendo seu poder político-econômico sobre o mundo.

■ **3-3** “Mar Português” é um dos poemas presentes na obra em análise. Nele, o poeta personifica o mar, que há de reconhecer a disposição dos portugueses para enfrentar todos os tipos de revezes, no ideal de conquistar as terras do além-mar.

■ **4-4** Nos versos de *Mensagem*, pode-se perceber que a Pátria é de natureza espiritual. Pessoa procura fazer renascer Portugal através dos mitos nacionais, particularmente o da Saudade, “sangue espiritual da Raça”.

6. UFGD-MS 2014 Leia o poema de Fernando Pessoa, presente em *Ficções do interlúdio*:

Sou um guardador de rebanhos.
O rebanho é os meus pensamentos
E os meus pensamentos são todos sensações.
Penso com os olhos e com os ouvidos
E com as mãos e os pés
E com o nariz e a boca.

Pensar uma flor é vê-la e cheirá-la
E comer um fruto é saber-lhe o sentido.

Por isso quando num dia de calor
Me sinto triste de gozá-lo tanto,
E me deito ao comprido na erva,
E fecho os olhos quentes,
Sinto todo o meu corpo deitado na realidade,
Sei a verdade e sou feliz.

A propósito do poema apresentado, é correto afirmar que:

- a) O poema é de autoria do heterônimo Ricardo Reis, como provam a atitude contemplativa e as referências a personagens da mitologia greco-latina.
- b) O eu lírico defende que pensar e teorizar sobre a realidade é melhor do que vivenciá-la e senti-la, já que seus “pensamentos são todos sensações”.
- c) O poema é de autoria do heterônimo Alberto Caeiro, autor de “O guardador de rebanhos”, e um entusiasta da modernidade e da tecnologia vivenciadas nas grandes cidades.
- d) O poema é de autoria do heterônimo Álvaro de Campos, autor da série “O guardador de rebanhos”, e defensor de uma reflexão metafísica sobre a natureza.
- e) O eu lírico defende que é mais importante vivenciar a natureza, através do culto dos sentidos, do que estabelecer um discurso racional sobre ela.

7. UEL-PR 2012

“Uma noite, porém, finalmente, uma noite fantástica de branca, triunfei! Achei-A... sim, criei-A!... criei-A... Ela é só minha – entendes? – é só minha!... Compreendemo-nos tanto, que Marta é como se fora a minha própria alma. Pensamos da mesma maneira; igualmente sentimos. Somos nós-dois... Ah! e desde essa noite eu soube, em glória soube, vibrar dentro de mim o teu afeto – retribuir-to: mandei-A ser tua! Mas, estreitando-te ela, era eu próprio quem te estreitava... Satisfiz a minha ternura: Venci! E ao possuí-la, eu sentia, tinha nela, a amizade que te devera dedicar – como os outros sentem na alma as suas afeições. Na hora em que a achei – tu ouves? – foi como se a minha alma, sendo sexualizada, se tivesse materializado. E só com o espírito te possuí materialmente! Eis o meu triunfo... Triunfo inigualável! Grandioso segredo!...” [...]

Tínhamos chegado. Ricardo empurrou a porta bruta-mente...

Em pé, ao fundo da casa, diante de uma janela, Marta folheava um livro...

A desventurada mal teve tempo para se voltar... Ricardo puxou de um revólver que trazia escondido no

bolso do casaco e, antes que eu pudesse esboçar um gesto, fazer um movimento, desfechou-lho à queima-roupa...

Marta tombou inanimada no solo... Eu não arredara pé do limiar...

E então foi o mistério... o fantástico mistério da minha vida...

Ó assombro! Ó quebranto! Quem jazia estirado junto da janela, não era Marta – não! –, era o meu amigo, era Ricardo... E aos meus pés – sim, aos meus pés! – caíra o seu revólver ainda fumegante!...

Marta, essa desaparecera, evolara-se em silêncio, como se extingue uma chama...

SÁ-CARNEIRO, Mário de. *A confissão de Lúcio*. São Paulo: Princípio, 1994. p. 93-95.

Em *A confissão de Lúcio*, o narrador inicia a história dizendo que escrevia o livro com o intuito de se defender da acusação de assassinato que pesava sobre ele.

A partir do texto, considere as afirmativas a seguir.

- I. Lúcio tenta provar a sua inocência, revelando que a verdadeira assassina era Marta, cujo desaparecimento fez recair a culpa sobre ele.
- II. Lúcio envolve o leitor em uma aura de mistério, deixando em aberto o final da história, e indica uma possível relação homossexual entre ele e Ricardo.
- III. O narrador desiste de provar a sua inocência e confessa ter matado o amigo após uma violenta briga causada por ciúmes da amante.
- IV. O narrador acena com a possibilidade de Marta não existir fisicamente, sendo apenas uma projeção dos dois amigos.

Assinale a alternativa correta.

- a) Somente as afirmativas I e II são corretas.
- b) Somente as afirmativas II e IV são corretas.
- c) Somente as afirmativas III e IV são corretas.
- d) Somente as afirmativas I, II e III são corretas.
- e) Somente as afirmativas I, III e IV são corretas.

8. Fuvest-SP 2014 Considere o seguinte texto, para atender ao que se pede:

O orgulho é a consciência (certa ou errada) do nosso próprio mérito; a vaidade, a consciência (certa ou errada) da evidência do nosso próprio mérito para os outros. Um homem pode ser orgulhoso sem ser vaidoso, pode ser ambas as coisas, vaidoso e orgulhoso, pode ser — pois tal é a natureza humana — vaidoso sem ser orgulhoso. É difícil à primeira vista compreender como podemos ter consciência da evidência do nosso mérito para os outros, sem a consciência do nosso próprio mérito. Se a natureza humana fosse racional, não haveria explicação alguma. Contudo, o homem vive a princípio uma vida exterior, e mais tarde uma interior; a noção de efeito precede, na evolução da mente, a noção de causa interior desse mesmo efeito. O homem prefere ser exaltado por aquilo que não é, a ser tido em menor conta por aquilo que é. É a vaidade em ação.

Fernando Pessoa, *Da literatura europeia*.

- a) Considerando-a no contexto em que ocorre, explique a frase “o homem vive a princípio uma vida exterior, e mais tarde uma interior”.
- b) Reescreva a frase “O homem prefere ser exaltado por aquilo que não é, a ser tido em menor conta por aquilo que é”, substituindo por sinônimos as expressões sublinhadas.

9. UFJF-MG 2015

Cristãos, pagãos, maometanos,
 A qual de vós fará o Mistério a vontade?
 A incerteza do que é a morte é o que nos vale na vida.
 O desconhecimento do que é a morte é o sentido
 [da vida.
 O desconhecemos a morte é que faz a beleza da
 [vida.

Quem sabe o valor exato de uma vida?
 Sei que há uma vida, e que apagam essa vida — não
 [sei é quem apaga
 Mas sei que de cada vida que passa há um universo
 [em mim.

Pessoa, Fernando. *Poesia/Álvaro de Campos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p. 258. Adaptado.

No texto, Álvaro de Campos atribui o sentido e a beleza da vida ao desconhecimento da morte. Seu poema apresenta, também, um desconhecimento de outra ordem, com o qual o eu lírico parece estar à vontade. Assinale a alternativa que apresenta tal desconhecimento.

- a) Os meios pelos quais cada cristão pode chegar ao paraíso.
- b) A natureza da fé de muçulmanos e judeus.
- c) O sentido e a beleza da vida, especialmente quando está próxima do fim.
- d) A existência ou identidade do ser que presida à morte.
- e) As diferenças que motivam a guerra santa entre cristãos, pagãos e maometanos.

10. **Ufam 2014** Leia o texto abaixo, início de um poema modernista português intitulado “Ode triunfal”:

À dolorosa luz das grandes lâmpadas elétricas da
 [fábrica
 Tenho febre e escrevo.
 Escrevo rangendo os dentes, fera para a beleza disto,
 Para a beleza disto totalmente desconhecida dos
 [antigos.

Ó rodas, ó engrenagens, r-r-r-r-r eterno!
 Forte espasmo retido dos maquinismos em fúria!
 Em fúria fora e dentro de mim,
 Por todos os meus nervos dissecados fora,
 Por todas as papilas fora de tudo com que eu sinto!
 Tenho os lábios secos, ó grandes ruídos modernos,
 De vos ouvir demasiadamente de perto,
 E arde-me a cabeça de vos querer cantar com um
 [excesso

De expressão de todas as minhas sensações,
 Com um excesso contemporâneo de vós, ó máquinas
 Em febre e olhando os motores como a uma natureza
 [tropical –

Assinado por Álvaro de Campos, um dos heterônimos de Fernando Pessoa, e publicado em 1915, no primeiro número da revista portuguesa “Orpheu”, órgão de divulgação do Modernismo em Portugal, pode-se dizer a respeito do poema o seguinte:

- a) Como consequência da rápida evolução tecnológica que marca o início do século XX, o que provocou variações no gosto artístico, promove a integração poética da civilização material.
- b) Com o excepcional avanço de ciências como a psicologia, busca explorar o inconsciente, trabalhando com imagens aleatórias, sem qualquer explicação aparente.
- c) Trabalha com o hermetismo, em que o uso cifrado do vocabulário, de alusões e da sintaxe retorcida conduz a um esforço para a decodificação do significado do que está escrito.
- d) Aliado ao trabalho com o verso livre, ou seja, com versos sem a padronização métrica dos estilos do século XIX, observa-se o total descompromisso com o ritmo.
- e) Por influência de vanguardas artísticas do início do século XX, evita-se o chamado pensamento-frase, preferindo-se enumerações caóticas, sem a lógica tradicional.

11. **Unesp 2018** Ricardo Reis é, assim, o heterônimo clássico, ou melhor, neoclássico: sua visão da realidade deriva da Antiguidade greco-latina. Seus modelos de vida e de poesia, buscou-os na Grécia e em Roma.

(Massaud Moisés. “Introdução”. In: Fernando Pessoa. *O guardador de rebanhos e outros poemas*, 1997.)

Levando-se em consideração esse comentário, pertencem a Ricardo Reis, heterônimo de Fernando Pessoa (1888-1935), os versos:

- a) Nada perdeu a poesia. E agora há a mais as máquinas
 Com a sua poesia também, e todo o novo gênero de vida
 Comercial, mundana, intelectual, sentimental,
 Que a era das máquinas veio trazer para as almas.
- b) Súbita mão de algum fantasma oculto
 Entre as dobras da noite e do meu sono
 Sacode-me e eu acordo, e no abandono
 Da noite não enxergo gesto ou vulto.
- c) Vem sentar-te comigo, Lídia, à beira do rio.
 Sossegadamente fitemos o seu curso e aprendamos
 Que a vida passa, e não estamos de mãos enlaçadas.
 (Enlacemos as mãos.)
- d) À dolorosa luz das grandes lâmpadas elétricas da fábrica
 Tenho febre e escrevo.
 Escrevo rangendo os dentes, fera para a beleza disto,

Para a beleza disto totalmente desconhecida dos antigos.

- e) O poeta é um fingidor.
Finge tão completamente
Que chega a fingir que é dor
A dor que deveras sente.

12. Unicamp-SP 2021 Tradicionalmente, o palco pode apresentar uma variedade de estilos cênicos, entre os quais se destacam o estilo *realista* (põe em evidência detalhes ambientais para sugerir sensações e emoções vividas pelas personagens), o estilo *expressionista* (os objetos são distorcidos ou estilizados, com o fim de sugerir, mais que mostrar, o ambiente de atuação das personagens), o estilo *simbolista* (os objetos concretos sugerem ideias abstratas, segundo associações sinestéticas tradicionais: o verde, vestido pelos mágicos, indica a esperança; o vermelho, a cor do demônio, sugere uma paixão violenta; a veste branca simboliza a candura, a castidade).

(Adaptado de Salvatore D'Onofrio, *Teoria do texto 2: Teoria da lírica e do drama*. São Paulo: Ática, 1995, p. 138.)

Sem identidade, hierarquias no chão, estilos misturados, a pós-modernidade é isto e aquilo, num presente aberto pelo e.

(Jair Ferreira dos Santos, *O que é o Pós-Moderno*. São Paulo: Brasiliense, 2004, p. 110.)

Com base nas indicações cênicas (as didascálias) que abrem e fecham a peça *O Marinheiro*, de Fernando Pessoa, é correto afirmar que o seu estilo é

- a) expressionista, dadas a ausência de ações dramáticas e a presença de sugestões alegóricas como, por exemplo, o canto do galo.
b) simbolista, uma vez que os elementos que compõem a cena dramática sugerem alguns significados de natureza filosófica.
c) realista, porque as imagens da noite, do luar e do alvorecer indicam precisamente a passagem do tempo.
d) pós-modernista, tendo em vista que os objetos descritos criam uma atmosfera mágica, na qual a ilusão não se distingue da realidade.

13. UFSCar-SP 2014 Leia o poema de Fernando Pessoa.

Faróis distantes,
De luz subitamente tão acesa,
De noite e ausência tão rapidamente volvida,
Na noite, no convés, que consequências aflitas!
Mágoa última dos despedidos,
Ficção de pensar...

Faróis distantes...
Incerteza da vida...
Voltou crescendo a luz acesa avançadamente,
No acaso do olhar perdido...

Faróis distantes...
A vida de nada serve...
Pensar na vida de nada serve...

Pensar de pensar na vida de nada serve...
Vamos para longe e a luz que vem grande
[vem menos grande.

Faróis distantes...

Ficções do interlúdio. Poesias de Álvaro de Campos, 1995.

É correto afirmar que o poema apresenta um tom de:

- a) indignação, e o eu lírico mostra-se inconformado diante da ambição dos navegadores portugueses, simbolizados pelos “faróis distantes”.
b) desdém, e o eu lírico expressa seu desprezo pelas pessoas que nunca vacilam, têm sempre certeza, a qual é simbolizada pelos “faróis distantes”.
c) melancolia, e o eu lírico parece encontrar-se desiludido diante do caráter incerto da vida, simbolizado pelos “faróis distantes”.
d) confiança, e o eu lírico sente-se tranquilo diante da natureza, simbolizada pelos “faróis distantes”.
e) esperança, e o eu lírico emprega um discurso afinado com a crença ingênua em um futuro melhor, o qual é simbolizado pelos “faróis distantes”.



Instrução: Para a próxima questão, marque **V** (verdadeiro) ou **F** (falso).

14. UFPE 2012

Texto 1

Ouvi contar que outrora, quando a Pérsia
Tinha não sei qual guerra,
Quando a invasão ardia na Cidade
E as mulheres gritavam,
Dois jogadores de xadrez jogavam
O seu jogo contínuo.
À sombra de ampla árvore fitavam
O tabuleiro antigo,
E, ao lado de cada um, esperando os seus
Momentos mais folgados,
Quando havia movido a pedra, e agora
Esperava o adversário.
Um púcaro com vinho refrescava
Sobriamente a sua sede.
Ardiam casas, saqueadas eram
As arcas e as paredes,
Violadas, as mulheres eram postas
Contra os muros caídos,
Traspassadas de lanças, as crianças
Eram sangue nas ruas...
Mas onde estavam, perto da cidade,
E longe do seu ruído,
Os jogadores de xadrez jogavam
O jogo de xadrez.

REIS, Ricardo.

Texto 2

... aos poucos as coisas perdem o seu contorno como se estivessem cansadas de existir, será também o efeito de uns olhos que se cansaram de as ver. Ricardo Reis nunca se sentiu tão só. Dorme quase todo o dia, sobre a cama desmanchada, no sofá do escritório, chegou mesmo a adormecer na privada, aconteceu-lhe uma vez apenas,

porque então acordara em sobressalto ao sonhar que podia morrer ali, descomposto de roupas, um morto que não se respeita não mereceu ter vivido.

SARAMAGO, José. *O ano da morte de Ricardo Reis*.

- **0-0** Escritor contemporâneo, partidário do comunismo até a morte, José Saramago escreveu romances históricos, como *Memorial do convento*, mas também enveredou pela fantasia, como em *Ensaio sobre a cegueira*.
- **1-1** Dos heterônimos pessoanos, o clássico Ricardo Reis era defensor da monarquia e escreveu poemas de índole pagã, pregando uma absoluta indiferença ao mundo circundante.
- **2-2** Fernando Pessoa, que determinava o ano de nascimento e de morte de seus heterônimos, apenas não determinou o fim de Ricardo Reis.
- **3-3** Saramago dedicou um importante romance a Ricardo Reis, cuja ideologia era compartilhada pelo romancista português.
- **4-4** Saramago apropriou-se da criação pessoana e aproveitou para decretar o seu fim, ridicularizando-o em *O ano da morte de Ricardo Reis*.

- 15. UFRGS 2014** No bloco superior, estão listados dois períodos de tempo presentes no romance *História do cerco de Lisboa*, de José Saramago; no inferior, episódios do romance.

Associe adequadamente o bloco inferior ao superior.

1 – Século XX: o presente

2 – Século XII: o passado

- História de amor entre Raimundo e Maria Sara.
- História de amor entre Mogueime e Ouroana.
- Trabalho de revisão de textos.
- Confronto entre portugueses e mouros.
- Escrita de um livro sobre a história portuguesa.

A sequência correta de preenchimento dos parênteses, de cima para baixo, é

- a) 2 – 1 – 1 – 1 – 2.
- b) 2 – 2 – 1 – 2 – 1.
- c) 1 – 1 – 2 – 1 – 2.
- d) 1 – 2 – 1 – 2 – 1.
- e) 1 – 2 – 2 – 2 – 1.

- 16. Enem 2017** O homem disse, Está a chover, e depois, Quem é você, Não sou daqui, Anda à procura de comida, Sim, há quatro dias que não comemos, E como sabe que são quatro dias, É um cálculo, Está sozinha, Estou com o meu marido e uns companheiros, Quantos são, Ao todo, sete, Se estão a pensar em ficar conosco, tirem daí o sentido, já somos muitos, Só estamos de passagem, Onde vêm, Estivemos internados desde que a cegueira começou, Ah, sim, a quarentena, não serviu de nada, Por que diz isso, Deixaram-nos sair, Houve um incêndio e nesse momento percebemos que os soldados que nos vigiavam tinham desaparecido, E saíram, Sim, Os vossos soldados devem ter sido dos últimos a cegar, toda a gente está cega, Toda a gente, a cidade toda, o país,

SARAMAGO, J. *Ensaio sobre a cegueira*. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.

A cena retrata as experiências das personagens em um país atingido por uma epidemia. No diálogo, a

violação de determinadas regras de pontuação

- a) revela uma incompatibilidade entre o sistema de pontuação convencional e a produção do gênero romance.
- b) provoca uma leitura equivocada das frases interrogativas e prejudica a verossimilhança.
- c) singulariza o estilo do autor e auxilia na representação do ambiente caótico.
- d) representa uma exceção às regras do sistema de pontuação canônica.
- e) colabora para a construção da identidade do narrador pouco escolarizado.

- 17. UFRGS 2015** Leia o poema a seguir, presente em *O guardador de rebanhos*, de Alberto Caeiro, heterônimo de Fernando Pessoa.

Da minha aldeia vejo quanto da terra se pode ver no
[Universo....

Por isso a minha aldeia é tão grande como outra
[terra qualquer,

Porque eu sou do tamanho do que vejo

E não do tamanho da minha altura...

Nas cidades a vida é mais pequena

Que aqui na minha casa no cimo deste outeiro.

Na cidade as grandes casas fecham a vista à chave,

Escondem o horizonte, empurram nosso olhar

[para longe de todo o céu,

Tornam-nos pequenos porque nos tiram o que

[os nossos olhos nos podem dar,

E tornam-nos pobres porque a nossa única riqueza

[é ver.

Considere as seguintes afirmações sobre o poema.

- I. Há uma oposição entre a aldeia e a cidade, e o sujeito lírico prefere a primeira.
- II. Há, na cidade, a riqueza, as grandes construções que ampliam a visão de horizonte do sujeito lírico.
- III. Há desarmonia entre o poema e o conjunto de *O guardador de rebanhos*, pois o livro tematiza a euforia modernizadora.

Qual(is) está(ão) correta(s)?

- a) Apenas I.
- b) Apenas II.
- c) Apenas I e II.
- d) Apenas II e III.
- e) I, II e III.

- 18. Urca-CE 2017** Marque a alternativa em que aparecem reflexões sobre a produção literária de José Saramago:

- a) É considerado o responsável pelo efetivo reconhecimento internacional da prosa em língua portuguesa, sendo o autor português mais conhecido da literatura contemporânea, traduzido para várias línguas.
- b) A sua trajetória poética está compreendida em três fases: a primeira, da morbidez e do torpor, é a fase do “Opiário” (oferecido a Mário de Sá-Carneiro e escrito enquanto navegava pelo Canal do Suez, em março de 1914), a segunda fase, mais mecanicista, é onde o Futurismo italiano mais transparece, é nesta fase que a sensação é mais intelectualizada.

A quantidade de vezes que “Eros e Psique” é apresentado como poema de amor mostra a força dessa sugestão e testemunha que a “música que se faz com as ideias” – e com as palavras – pode facilmente confundir o intelecto. Mesmo assim, é curioso que, ainda que a epígrafe ocultista seja costumeiramente suprimida, não se perceba, já no meio do poema, que “ela para ele é ninguém”, o que, mesmo não sendo dito em tom de desprezo, dificilmente sugere um enamoramento. Eros segue por um “caminho errado” para chegar à Princesa, e o faz antes de vencer o Bem e o Mal – ou seja, encontrá-la será apenas um passo intermediário. Não é à toa que a epígrafe nos informa que se trata da diferença entre uma verdade recebida pelo neófito e outra recebida pelo Adepto Menor. O Infante é “esforçado”, mas não sabe por que faz o que faz; o próprio “processo divino” é obscuro, ainda que Pessoa o esteja descrevendo naquele momento, em mais um dos paradoxos do poema. Ao fim, ignorante do que faz, mas “esforçado” e “seguro”, Eros finalmente encontra Psique. Mais curioso ainda é que Eros leva a mão à própria cabeça, encontra a hera que cobre a “frente esquecida” de Psique, mas... não levanta o último véu! Atendo-nos ao texto do poema, é olhando para a hera e não para seu rosto que Eros percebe que “ele mesmo era / a Princesa que dormia”, reforçando a tese de que estamos falando ainda de uma suposta verdade intermediária, e não da verdade final da busca.

Camões nos deixava perplexos por fazer ver um problema real; basta ler seus poemas com calma e atenção para que nos fique claro do que é que ele está falando. Pessoa opta pelas sete sílabas, ritmo embalador das cantigas, ao mesmo tempo em que entrecorta a sintaxe com inversões na ordem habitual – como em “orna-lhe a frente esquecida, verde, uma grinalda de hera”, em que até parece que a frente é que é verde –, quebrando expectativas e criando uma espécie de dissonância cognitiva. Tudo para mostrar que seu amador pode se transformar na coisa amada, mas é coisa amada sem saber, ou não é verdadeiramente amada, já que não é o verdadeiro término da busca. Mesmo enquanto etapa, ela não passa de uma princesa adormecida e alheia cujo rosto, ainda recoberto de hera, devolve a ignorância e a indiferença. Pessoa parece estar seguindo Camões à sua maneira ocultista e denunciando também que o amor não se encerra na imitação, que encontrar-se a si mesmo no outro pode parecer muito profundo, mas sem dúvida não é suficiente – nem enquanto resultado final, nem enquanto identidade em nenhum momento.

SETE-CÂMARA, Pedro. Eros e Psique. *Dicta & Contradicta*, n. 1, 10 jun. 2008. Disponível em: <http://dicta.com.br/edicoes/edicao-1/eros-e-psique/>. Acesso em: 29 nov. 2017.

Resumindo

O Modernismo em Portugal

- O Modernismo português, didaticamente, teve seu início com a publicação da revista *Orpheu*, em 1915.
- A literatura portuguesa viveu três momentos bem delineados: a Geração Orpheu, a Geração Presença e o Neorrealismo.
- O Modernismo passou a ser considerado um movimento que visava, artisticamente, romper com o Romantismo idealizante e os convencionalismos linguísticos.

Autores de destaque

Fernando Pessoa

- É o grande nome do Modernismo português: apresenta-se sob a forma de Pessoa ortônimo, ou seja, ele-mesmo, e sob heterônimos, que são personalidades diferentes criadas para existirem de maneira independente. Os três principais heterônimos são: Alberto Caeiro (simples, campestre), Ricardo Reis (neoclássico) e Álvaro de Campos (engenheiro de tendência futurista).

Mário de Sá-Carneiro

- Demonstra a angústia existencialista e aborda suas frustrações com o mundo e a dificuldade do sujeito em se conhecer.

José Saramago

- Nobel de Literatura em 1998, também se destaca em Portugal por falar dos anseios por solidariedade e da esperança em uma sociedade criticada por ser hipócrita e indolente.

Quer saber mais?



Site

Arquivo Pessoa

Neste *site*, conheça mais sobre a vida e a obra de Fernando Pessoa.

Disponível em: <http://p.p4ed.com/TCGOI>. Acesso em: 30 set. 2021.



Filmes

(O Vento lá fora) E a poesia de Fernando Pessoa. Direção: Marcio Debellian. Biscoito Fino, 2014, 1h04min.

Esse documentário foi criado a partir da leitura dos poemas de Fernando Pessoa pela professora Cleonice

Berardinelli (da Academia Brasileira de Letras), os quais foram declamados brilhantemente por Maria Bethânia. Veja o *trailer*, disponível em: <http://p.p4ed.com/TCGOO>. Acesso em: 30 set. 2021.

Ensaio sobre a cegueira. Direção: Fernando Meirelles. Fox Film do Brasil, 2008, 1h58min.

O filme retrata a cegueira como a única forma de realmente enxergar a alma humana. É uma adaptação do livro homônimo de José Saramago.

1. Unesp 2014

Ó mar salgado, quanto do teu sal
São lágrimas de Portugal!
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,
Quantos filhos em vão rezaram!
Quantas noivas ficaram por casar
Para que fosses nosso, ó mar!
Valeu a pena? Tudo vale a pena
Se a alma não é pequena.
Quem quer passar além do Bojador
Tem que passar além da dor.
Deus ao mar o perigo e o abismo deu,
Mas nele é que espelhou o céu.

Fernando Pessoa. "Mar Português". *Obra poética*, 1960. Adaptado.

Entre outros aspectos da expansão marítima portuguesa a partir do século XV, o poema menciona

- o sucesso da empreitada, que transformou Portugal na principal potência europeia por quatro séculos.
- o reconhecimento do papel determinante da Coroa no estímulo às navegações e no apoio financeiro aos familiares dos navegadores.
- a crença religiosa como principal motor das navegações, o que justifica o reconhecimento da grandeza da alma dos portugueses.
- a percepção das perdas e dos ganhos individuais e coletivos provocados pelas navegações e pelos riscos que elas comportavam.
- a dificuldade dos navegadores de reconhecer as diferenças entre os oceanos, que os levou a confundir a América com as Índias.



Instrução: Utilize os textos a seguir para responder às questões de **2** a **5** que tomam por base um soneto do livro *Poemas e Canções*, do parnasiano brasileiro Vicente de Carvalho (1866-1924), e um poema de *Cancioneiro*, do modernista português Fernando Pessoa (1888-1935).

Velho Tema – 1

Só a leve esperança, em toda a vida,
Disfarça a pena de viver, mais nada;
Nem é mais a existência, resumida,
Que uma grande esperança malograda.

O eterno sonho da alma desterrada,
Sonho que a traz ansiosa e embevecida,
É uma hora feliz, sempre adiada
E que não chega nunca em toda a vida.

Essa felicidade que supomos,
Árvore milagrosa, que sonhamos
Toda arreada de dourados pomos,

Existe, sim: mas nós não a alcançamos
Porque está sempre apenas onde a pomos
E nunca a pomos onde nós estamos.

Vicente de Carvalho. *Poemas e Canções*. 5 ed. São Paulo: Monteiro Lobato & C. – Editores, 1923.

Cancioneiro, 150

Não sei se é sonho, se realidade,
Se uma mistura de sonho e vida,
Aquela terra de suavidade
Que na ilha extrema do sul se olvida.
É a que ansiamos. Ali, ali
A vida é jovem e o amor sorri.
Talvez palmares inexistentes,
Áleas longínquas sem poder ser,
Sombra ou sossego deem aos crentes
De que essa terra se pode ter.
Felizes, nós? Ah, talvez, talvez,
Naquela terra, daquela vez.

Mas já sonhada se desvirtua,
Só de pensá-la cansou pensar,
Sob os palmares, à luz da lua,
Sente-se o frio de haver luar.
Ah, nessa terra também, também
O mal não cessa, não dura o bem.
Não é com ilhas do fim do mundo,
Nem com palmares de sonho ou não,
Que cura a alma seu mal profundo,
Que o bem nos entra no coração.
É em nós que é tudo. É ali, ali,
Que a vida é jovem e o amor sorri.

(30.08.1933)

Fernando Pessoa. *Obra poética*. Rio de Janeiro: Aguilar Editora, 1965.

- 2. Unesp** Os poemas de Vicente de Carvalho e Fernando Pessoa focalizam o tema da busca da felicidade pelo ser humano e se servem de antigas alegorias para simbolizar o que seria essa felicidade que todo homem procura em sua vida, embora nem sempre a encontre. Identifique essas alegorias em cada poema.

- 3. Unesp** A felicidade existe? – Como encontrar a felicidade? Estabeleça um paralelo entre as respostas que cada um dos poemas apresenta a estas duas questões.

- 4. Unesp** Ah, nessa terra também, também / O mal não cessa, não dura o bem.

A capacidade de significar muito com um discurso reduzido, que é uma das características permanentes da poesia, pode fazer com que, por vezes, uma ou duas palavras recuperem todo um conteúdo não necessariamente expresso no poema. Com base nesta observação, descreva e explique o conteúdo referenciado na terceira estrofe do poema de Fernando Pessoa apenas pela palavra “também”.

- 5. Unesp** Os dois poemas se identificam por empregar mais de uma vez a palavra “sonho” com significado equivalente. O que querem dizer ambos os eu líricos com essa palavra no contexto dos poemas?

6. **UFRGS 2016** Leia o poema a seguir, presente em *Mensagem*, de Fernando Pessoa.

Noite

A nau de um deles tinha-se perdido
No mar indefinido.
O segundo pediu licença ao Rei
De, na fé e na lei
Da descoberta, ir em procura
Do irmão no mar sem fim e a névoa escura.

Tempo foi. Nem primeiro nem segundo
Volveu do fim profundo
Do mar ignoto à pátria por quem dera
O enigma que fizera.
Então o terceiro a El-Rei rogou
Licença de os buscar, e El-Rei negou.

Como a um cativo, o ouvem a passar
Os servos do solar.
E, quando o veem, veem a figura
Da febre e da amargura,
Com fixos olhos rasos de ânsia
Fitando a proibida azul distância.

Senhor, os dois irmãos do nosso Nome
— O Poder e o Renome —
Ambos se foram pelo mar da idade
À tua eternidade;
E com eles de nós se foi
O que faz a alma poder ser de herói.

Queremos ir buscá-los, desta vil
Nossa prisão servil:
É a busca de quem somos, na distância
De nós; e, em febre de ânsia,
A Deus as mãos alçamos.

Mas Deus não dá licença que partamos.

Considere as seguintes afirmações sobre o poema e suas relações com o livro *Mensagem*.

- I. As três primeiras estrofes estão relacionadas a um episódio real: a história dos irmãos Gaspar e Miguel Corte Real que desapareceram em expedições marítimas, no início do século XVI, para desespero do terceiro irmão, Vasco, que queria procurá-los, mas não obteve a autorização do rei.
- II. O sujeito lírico, na quarta e na quinta estrofes, assume a primeira pessoa do plural, sugerindo que o drama individual dos irmãos pode representar um problema coletivo: a perda de poder e renome de Portugal, perda esta já associada à difícil situação do país no início do século XX, momento da escritura do poema.
- III. O diagnóstico das perdas de Portugal está ausente em outros poemas de *Mensagem*, por exemplo, *Mar português*, *Autopsicografia* e *Nevoeiro*, que apresentam a visão eufórica e confiante do sujeito lírico em relação ao futuro de Portugal.

Qual(is) está(ão) correta(s)?

- | | |
|-------------------|---------------------|
| a) Apenas I. | d) Apenas II e III. |
| b) Apenas II. | e) I, II e III. |
| c) Apenas I e II. | |

7. **UFRGS 2016** Assinale a alternativa correta a respeito da vida e da obra do poeta português Fernando Pessoa.

- a) Pessoa foi um dos líderes da revista de literatura *Orpheu*, juntamente com Mário de Sá-Carneiro e Eça de Queiroz.
- b) A criação da revista de literatura *Orpheu* identifica Pessoa como um dos fundadores do Modernismo português.
- c) Pessoa foi responsável pelo espírito derrotista, em que Portugal estava mergulhado no final do século XIX.
- d) Os heterônimos de Pessoa, tais como Álvaro de Campos e Ricardo Reis, podem ser vistos como pseudônimos, utilizados pelo poeta para burlar a censura.
- e) A criação de heterônimos é uma prática comum aos poetas colaboradores da revista *Orpheu*.



Instrução: Para a próxima questão, marque **V** (verdadeiro) ou **F** (falso).

8. **UFPE 2012** Fernando Pessoa é considerado o maior poeta do primeiro modernismo português, pela genial versatilidade de sua criação. Leia o poema abaixo e analise as questões seguintes.

Gato que brincas na rua
Como se fosse na cama,
Invejo a sorte que é tua
Porque nem sorte se chama.

Bom servo das leis fatais
Que regem pedras e gentes,
Que tens instintos gerais
E sentes só o que sentes.

És feliz porque és assim,
Todo o nada que és é teu.
Eu vejo-me e estou sem mim,
Conheço-me e não sou eu.

(Fernando Pessoa, *Obra Poética*.)

- 0-0 Fernando Pessoa, o ortônimo, escreveu uma poesia diversificada. Além de seu cancionero, dialogou, por exemplo, com a literatura quinhentista, como no caso da obra *Mensagem*; compôs poemas dramáticos, poemas ingleses e quadras ao gosto popular.
- 1-1 No poema lido, o olhar do eu-lírico se move para as coisas ínfimas, para o pormenor, o que desperta a reflexão filosófica e faz encontrar nessas coisas significados maiores.
- 2-2 Tal como em *Tabacaria*, do heterônimo Álvaro de Campos, em que o poeta se fixa na rapariga que come chocolate, o poema destacado reflete um momento existencial do eu-lírico, em que a atenção se foca na falta de preocupação do gato, que espanta o poeta e lhe inspira inveja.
- 3-3 O sujeito do discurso sente inveja do gato porque o animal, seguindo a lei de seu destino, sente prazer em brincar sem ter disso consciência, o que nos permite remeter à filosofia do heterônimo Alberto Caeiro, para quem “a luz do sol vale mais que os pensamentos”.

4-4 Os dois últimos versos do poema encerram um lamento do eu-lírico e permite concluir que o gato, ao contrário do poeta, não se vê e está centrado em si; não se conhece, mas sabe o que é, ou seja, um gato.

9. **UFRGS 2017** Leia o poema abaixo, de Fernando Pessoa.

Pobre velha música!

Pobre velha música!
Não sei porque agrado,
Enche-se de lágrimas
Meu olhar parado.

Recordo outro ouvir-te.
Não sei se te ouvi
Nessa minha infância
Que me lembra em ti.

Com que ânsia tão raiva
Quero aquele outrora!
E eu era feliz? Não sei:
Fui-o outrora agora.

Considere as seguintes afirmações sobre o poema.

- I. O sujeito-lírico elege a “pobre velha música” para expressar o desejo de recuperar a infância.
- II. O verso final indica que a felicidade passada pode ser uma memória vivida no presente.
- III. A musicalidade do poema, de métrica tradicional, traduz uma luta contra a poesia moderna, através da nostalgia presente em outros heterônimos.

Quais estão corretas?

- | | |
|-------------------|---------------------|
| a) Apenas I. | d) Apenas II e III. |
| b) Apenas III. | e) I, II e III. |
| c) Apenas I e II. | |

10. **Unicamp-SP 2019**

[...] Recordo-lhe que os revisores são gente sóbria, já viram muito de literatura e vida, O meu livro recordo-lhe eu, é de história, Assim realmente o designariam segundo a classificação tradicional dos géneros, porém, não sendo propósito meu apontar outras contradições, em minha discreta opinião, senhor doutor, tudo quanto não for vida, é literatura, A história também, A história sobretudo, sem querer ofender,

(José Saramago, *História do cerco de Lisboa*. Rio de Janeiro: O Globo; São Paulo: Folha de S. Paulo, 2003, p.12.)

[...] O que você quer dizer, por outras palavras, é que a literatura já existia antes de ter nascido, Sim senhor, como o homem, por outras palavras, antes de o ser já o era. Parece-me um ponto de vista bastante original, Não o creia, senhor doutor, o rei Salomão, que há muito tempo viveu, já então afirmava que não havia nada de novo debaixo da rosa do sol.

(Idem, p.13.)

[...] Então o senhor doutor acha que a história e a vida real, Acho, sim, Que a história foi vida, real, quero dizer, Não tenho a menor dúvida, Que seria de nós se não existisse o deletaur, suspirou o revisor.

(Idem, p.14.)

Nos excertos acima, revisor e autor discutem uma questão decisiva para a escrita do romance de José Saramago. Identifique essa questão, presente no diálogo entre as duas personagens, e explique sua importância para o conjunto da narrativa.

11. **Unifesp 2015** Leia o poema de Ricardo Reis, heterônimo de Fernando Pessoa.

Coroai-me de rosas,
Coroai-me em verdade
De rosas –
Rosas que se apagam
Em frente a apagar-se
Tão cedo!
Coroai-me de rosas
E de folhas breves.
E basta.

As múltiplas faces de Fernando Pessoa, 1995.

O tema tratado no poema é a

- a) fugacidade do tempo, remetendo à ideia de brevidade da vida.
- b) busca pela simplicidade da vida, representada pela natureza.
- c) rapidez com que as relações verdadeiras começam e terminam.
- d) necessidade de se buscar a verdadeira razão para uma vida plena.
- e) brevidade com que o verdadeiro amor perpassa a vida das pessoas.

12. **Ufal 2012** O texto a seguir é referência para a questão.

XI

Aquela senhora tem um piano
Que é agradável, mas não é o correr dos rios
Nem o murmúrio que as árvores fazem...
Para que é preciso ter um piano?
O melhor é ter ouvidos
E amar a Natureza.

PESSOA, Fernando. O guardador de rebanhos. Poemas completos de Alberto Caetano. In: GALHOZ, Maria Aliete. *Fernando Pessoa: obra poética*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1999. p. 213 (Fragmento).

Ao comparar o som de um piano ao som produzido pelos elementos da Natureza, o eu lírico tem por objetivo, principalmente,

- a) condenar as pessoas que gostam das coisas materiais, a exemplo, possuir um piano.
- b) marcar o uso da subjetividade.
- c) comentar as diversas formas de lazer.
- d) criticar aqueles que não sabem conviver com a natureza e apreciá-la e que, por isso, buscam outras formas de lazer.
- e) registrar, através de versos modernistas, o comportamento das pessoas.

13. **Unesp 2017** Leia o poema “Sonetinho do falso Fernando Pessoa”, de Carlos Drummond de Andrade (1902-1987), que integra o livro *Claro enigma*, publicado em 1951.

Onde nasci, morri.
Onde morri, existo.
E das peles que visto
muitas há que não vi.

Sem mim como sem ti
posso durar. Desisto
de tudo quanto é misto
e que odiei ou senti.
Nem Fausto¹ nem Mefisto²,
à deusa que se ri
deste nosso oaristo³,

eis-me a dizer: assisto
além, nenhum, aqui,
mas não sou eu, nem isto.

(Claro enigma, 2012.)

¹ Fausto: personagem alemão que fez um pacto com o diabo.

² Mefisto: personagem alemão considerado a personificação do diabo.

³ oaristo: conversa carinhosa e familiar.

Carlos Drummond de Andrade intitulou seu poema de “Sonetinho do falso Fernando Pessoa”. Por que razão o poeta refere-se a seu poema como “sonetinho”? Transcreva um verso em que a referência aos heterônimos do escritor português Fernando Pessoa se mostra evidente. Justifique sua resposta.



As questões **14** e **15** devem ser respondidas com base na leitura do poema abaixo, do escritor português Fernando Pessoa:

Da minha aldeia vejo quanto da terra se pode ver no
[universo...
Por isso a minha aldeia é tão grande como outra terra
[qualquer

Porque eu sou do tamanho do que vejo
E não do tamanho da minha altura...

Nas cidades a vida é mais pequena
Que aqui na minha casa no cimo deste outeiro.
Na cidade as grandes casas fecham a vista à chave,
Escondem o horizonte, empurram o nosso olhar para longe
[de todo o céu,
Tornam-nos pequenos porque nos tiram o que os nossos
[olhos nos podem dar,
E tornam-nos pobres porque a nossa única riqueza é ver.
(Alberto Caeiro / Fernando Pessoa. In: *O guardador de rebanhos e outros poemas*. São Paulo: Cultrix, 1997, p. 94.)

14. PUC-Minas 2013 A partir da oposição entre o campo e a cidade estabelecida no texto, conclui-se que o eu lírico:

- a) rejeita a vida bucólica, em favor das riquezas materiais disponíveis na cidade.
- b) ironiza a concepção de riqueza dos que vivem nos grandes centros urbanos.
- c) projeta a vida no campo como experiência inacessível aos que vivem na cidade.
- d) associa as noções de riqueza e tamanho à visão, em defesa da vida no campo.

15. PUC-Minas 2013 Em termos de estilos literários, a idealização do campo remonta a características do:

- a) trovadorismo, em que a figura do trovador canta as virtudes da vida bucólica.
- b) barroco, dada a predileção da poesia religiosa por temas relativos ao campo e ao pastoreio.
- c) arcadismo, no qual o poeta-pastor sintetiza os ideais de uma vida simples e equilibrada.
- d) romantismo, em que o poeta tende a se voltar com saudosismo para o passado da nação.

16. Mackenzie-SP 2017

Mar Português

Ó mar salgado, quanto do teu sal
São lágrimas de Portugal!
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,
Quantos filhos em vão rezaram!
Quantas noivas ficaram por casar
Para que fosses nosso, ó mar!

Valeu a pena? Tudo vale a pena
Se a alma não é pequena.
Quem quer passar além do Bojador
Tem que passar além da dor.
Deus ao mar o perigo e o abismo deu,
Mas nele é que espelhou o céu.

Fernando Pessoa

Assinale a alternativa **INCORRETA** sobre Fernando Pessoa e sua obra.

- a) Dos três heterônimos, Álvaro de Campos é o mais afinado com a tendência modernista, particularmente com o Futurismo. (William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães)
- b) [...] já iniciou comungando com a estética do movimento: desde o princípio buscou a perfeição formal. Tinha a preocupação de escrever versos alexandrinos e concluir com “chave de ouro”. (José de Nicola)
- c) O poeta finge-se outros para sentir, descrever ou interpretar o mundo de diversas maneiras, que se revelam no plano da expressão e no plano do conteúdo. (Mariella Augusta Pereira)
- d) As características predominantes de sua obra são o nacionalismo místico, presente principalmente em *Mensagem*, as sondagens sobre o ser, a busca incessante pelo (auto)conhecimento e a tentativa de compreensão sobre o fazer poético. (Rogério de Almeida)
- e) [...] em sua obra, a heteronímia é apresentada de uma maneira tão particular, de tal forma unida à dita ortônima, que hoje é impossível falar de uma sem a outra. (Lisa Carvalho Vasconcellos)

EM13LP48

1. Leia o poema a seguir, publicado na obra *Cancioneiro*, de Fernando Pessoa.

Isto

Dizem que finjo ou minto	Sobre outra coisa ainda.
Tudo que escrevo. Não.	Essa coisa é que é linda.
Eu simplesmente sinto	
Com a imaginação.	Por isso escrevo em meio
Não uso o coração.	Do que não está ao pé,
	Livre do meu enleio,
Tudo o que sonho ou passo,	Sério do que não é.
O que me falha ou finda,	Sentir? Sinta quem lê!
É como que um terraço	

PESSOA, Fernando. *Mensagem. À memória do Presidente-Rei Sidónio Pais Quinto Império. Cancioneiro*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981. p. 202.

Sobre o poema, assinale a alternativa **correta**.

- a) O tema central do poema é a saudade.
- b) Os dois primeiros versos se referem aos heterônimos de Fernando Pessoa.
- c) O poema pode ser classificado como neoclássico.
- d) Um dos elementos estéticos são as rimas, que dão teor lírico ao poema.
- e) O poema transmite concepções futuristas por meio de versos livres.

EM13LP52

2. Leia dois trechos de um discurso que José Saramago proferiu em 1998, ano em que ganhou o prêmio Nobel de Literatura:

“Tenho a consciência de que não nasci para isto” [...]. “É assombroso porque, cada vez que acontece algo, neste caso o Nobel, pergunto-me se aquilo que fiz ao longo da vida deu para construir uma obra que chega a merecer o mais célebre prêmio literário do mundo. Como é que isto me aconteceu a mim? Uma pergunta para a qual, honestamente, não tenho resposta.”

[...]

“É por eles [escritores portugueses e de língua portuguesa] que as nossas literaturas existem. Eu sou apenas mais um que a eles se veio juntar. Disse que não nasci para isto, mas isto foi-me dado. Bem hajam, portanto.”

MATOS, Tiago. O dia em que Saramago ganhou o Nobel. *Revista Estante*. 31 jan. 2018. Disponível em: www.revistaestante.fnac.pt/dia-saramago-ganhou-nobel/. Acesso em: 14 out. 2021.

Considerando que Saramago é o único escritor lusófono premiado com o Nobel, marque verdadeiro (V) ou falso (F) para as proposições.

- I. A valorização da literatura lusófona ocorre por meio do elogio aos escritores portugueses e de língua portuguesa.
- II. Os escritores portugueses e de língua portuguesa a que se refere são os nascidos exclusivamente em Portugal.
- III. As principais características das obras desse escritor lusófono são temática social, história e cultura de Portugal.

- IV. A escrita do autor, merecedora de um prêmio Nobel, é marcada pela subversão de regras de pontuação e pelo uso de sinais gráficos de diálogo.

Assinale a alternativa **correta**.

- a) V, F, V, V.
- b) V, F, F, V.
- c) V, V, F, V.
- d) V, V, F, F.
- e) F, F, V, F.

EM13LP48 e EM13LP52

3. Além de autores como José Saramago, José Cardoso Pires também faz parte da fase neorrealista do Modernismo em Portugal. Leia um trecho da fábula, que retrata o governo de António de Oliveira Salazar.

De facto, não há muito tempo que existiu no Reino do Mexilhão um imperador que na ânsia de purificar as palavras acabou por ficar entevado com a paralisia da mentira. [...]

[...]

Dinossauro, criatura marcada desde o berço, estava escrito que iria subir muiiitíssimo na asa da compostura, por cima dos casebres da aldeia e do palácio dos ricos, e que teria de tirar um curso que lhe desse para governar toda a gente. Leis, decidi o padre local [...]

[...]

O Reino naquela época tremia de frio e de dificuldades. Tinha-se deslocado para a beira-mar, não se sabe bem porquê mas supõe-se: fome. A fome vinha do interior e varria tudo para o oceano.

[...]

PIRES, José Cardoso. *Dinossauro excelentíssimo*. 6. ed. São Paulo: Moraes Editores, 1973. p. 9; 12-13; 27.

Assinale as proposições que estejam de acordo com o texto e anote a soma das alternativas corretas.

- 01 É possível estabelecer relações entre o personagem do imperador Dinossauro e o ditador português Salazar.
- 02 O Reino do Mexilhão pode ser associado ao país de um povo oprimido e que passa por dificuldades.
- 04 A paralisia da mentira está associada ao tipo de discurso que o imperador proferia à população.
- 08 A fábula pode ser classificada como uma literatura de cunho social e documental, já que, por meio de metáforas, procura satirizar uma situação real.
- 16 Um dos objetivos da obra é retratar a desigualdade social.
- 32 É possível associar a palavra ao povo e o silêncio ao Dinossauro.
- 64 Não é possível comparar o Modernismo de Portugal ao do Brasil.

Soma:

Frente 1**Capítulo 5 – Verbo: propriedades gramaticais e semânticas****Revisando**

1. C
2. E
3. C
4. E
5. B
6. E
7. B
8. C
9. C
10. B

Exercícios propostos

1. B
2. D
3. A
4. A
5. D
6. A
7. A
8. C
9. C
10. E
11. D
12. B
13. D
14. E
15. C
16. A
17. A
18. E
19. D
20. a) Essa palavra foi criada a partir do substantivo próprio “Bacurau”, mais a inserção do sufixo “-izar”. É justamente a inclusão desse sufixo que indica que a nova palavra é um verbo no infinitivo.
b) Há várias possibilidades de criação de frases, desde que seja no sentido trazido no texto II. Exemplos: “Diante do abandono de Bacurau pelas autoridades, os moradores se bacuralizam para sobreviver” (acepção 1); “Para escapar às ações do prefeito, a comunidade decide se bacuralizar” (acepção 2).
21. B
22. C

23. B
24. D
25. D
26. E
27. D
28. C
29. A
30. C
31. a) Entre a imagem estilizada dos dedos e as palavras “digital” e “diferença” há uma relação de reiteração, que se dá pela disposição principal de quatro dedos caracterizados como pessoas com características diferentes. Além disso, “digital” alude à impressão digital relacionada à biometria, e “diferença” à capacidade de verificação da identidade de uma pessoa.
b) A reescrita fica: “Venhamos para a biometria. Cadastremos nossas digitais”.
32. C
33. A
34. E
35. C
36. A

Exercícios complementares

1. A
2. D
3. A
4. B
5. D
6. D
7. B
8. D
9. A
10. C
11. A
12. A
13. D
14. D
15. E
16. B
17. D
18. A
19. B
20. A
21. a) Não. O sentido que se atribui no texto é o de um discurso longo, pomposo e sem ideias originais, opondo-se claramente àquele atribuído pelo dicionário Houaiss, uma vez que este classifica a palavra retórica positivamente, ao destacar sua eloquência e bom desenvolvimento argumentativo.

- b) Em “embora não se encontrem nos seus longos discursos e muitos volumes nem uma ideia original, nem uma só observação própria”, podemos fazer a conversão da forma verbal “se encontram” para “sejam encontradas”. No segundo caso, a forma verbal “houvera” poderá ser substituída por “houvesse”. Então, teremos: “E disto ninguém se escandaliza; o escândalo viria se houvesse originalidade”.

22. A

23. A

24. B

25. A

26. C

27. D

28. D

29. C

30. E

31. B

32. D

33. E

34. A

35. D

36. a) Com uma expressão partitiva, a concordância pode ser feita com a parte ou com o todo. No trecho em destaque, optou-se por concordar com o todo (“homens”), no plural, já que se trata de uma grande parte.
- b) No caso de “depois que a natureza de há muito os libertou”, a conjugação do verbo haver se refere a um tempo decorrido, portanto é impessoal.

BNCC em foco

1. a) O texto 1 poderia aparecer em redes como Facebook e Instagram ou em conversa de WhatsApp, pois a linguagem é informal. Já o texto 2 poderia aparecer em rede sociais profissionais, como o LinkedIn, ou em *e-mails* mais formais, devido à linguagem utilizada.
- b) O desvio é “estarei enviando”. Segundo a norma culta, o ideal é evitar o gerundismo, usando-se, portanto, “enviarei”.
2. a) O problema da destruição do meio ambiente. Trechos como “economize água”, “separe o lixo”, “mantenha torneira fechada”, entre outros, ajudam a construir a proposta de preservação ambiental do anúncio.
- b) Imperativo afirmativo: “economize”, “separe”, “evite” e “mantenha”. Imperativo negativo: “não jogue” e “não deixe”.
3. E

Capítulo 6 – Modalização, conexão e sentido

Revisando

1. A

2. B

3. A

4. A

5. A

6. E

7. B

8. C

9. D

10. E

Exercícios propostos

1. C

2. B

3. C

4. D

5. E

6. E

7. B

8. Soma: $01 + 04 + 08 + 16 = 29$

9. Soma: $01 + 16 = 17$

10. E

11. A

12. D

13. C

14. C

15. B

16. A

17. B

18. Soma: $01 + 04 + 16 = 21$

19. D

20. a) Sim, pois a conjunção adversativa “mas” não foi empregada para negar a expectativa originada pela oração anterior, mas para coordenar duas orações, das quais apenas uma apresenta negação. Por isso, pode-se empregar a conjunção aditiva “e” em seu lugar, sem que o sentido original seja alterado.

b) “não nos deixe cair em tentação, mas livre-nos do mal”.

21. B

22. A

23. C

24. B

25. D

26. D

27. E

28. A

29. C

30. C

31. C

32. A

33. C

34. B

35. D

36. C

Exercícios complementares

- | | |
|-------|-------|
| 1. C | 19. A |
| 2. E | 20. E |
| 3. B | 21. A |
| 4. A | 22. C |
| 5. C | 23. E |
| 6. E | 24. D |
| 7. A | 25. D |
| 8. C | 26. D |
| 9. D | 27. D |
| 10. A | 28. E |
| 11. A | 29. E |
| 12. A | 30. B |
| 13. D | 31. A |
| 14. B | 32. D |
| 15. C | 33. E |
| 16. E | 34. B |
| 17. D | 35. D |
| 18. D | 36. E |

BNCC em foco

1. B
2. E
3. A

Capítulo 7 – Sintaxe do período simples I

Revisando

1. A
2. A
3. D
4. C
5. A proposição é verdadeira, pois o verbo “dizer”, nas duas sentenças, é classificado sintaticamente como transitivo direto e indireto, pois precisa de dois complementos, um não preposicionado e outro preposicionado.
6. Soma: $04 + 08 + 16 = 28$
7. No título, “pela Globo” é o agente da passiva. Na voz ativa, o enunciado seria: “Globo engavetou última novela de Gilberto Braga”.
8. D
9. C
10. E

Exercícios propostos

1. E
2. D
3. B
4. E

5. No cartaz, há um período composto, formado por um verbo e uma locução verbal (“Pessoas idosas **têm** mais risco de **serem atropeladas**.”), e um período simples, composto de um verbo (“**Dirija** com atenção.”).

6. A
7. C
8. E
9. C
10. A
11. Soma: $04 + 08 + 32 = 44$
12. E
13. C
14. A
15. A
16. B
17. C
18. E
19. D
20. A
21. B

22. Soma: $01 + 16 = 17$

23. A
24. A
25. A
26. E

27. O predicado é nominal; no título, temos o sujeito “você”, o verbo de ligação “ser” e o predicativo do sujeito “insubstituível”.

28. E
29. C
30. B
31. E
32. A
33. A
34. B
35. A
36. B
37. B
38. C
39. D
40. C
41. E
42. B
43. A
44. A
45. D
46. B
47. C
48. B

- 49. D
- 50. C
- 51. A
- 52. E
- 53. E
- 54. E

Exercícios complementares

- 1. D
- 2. a) Declarativa afirmativa.
b) Declarativa negativa.
c) Exclamativa.
d) Imperativa.
e) Interrogativa.
- 3. E
- 4. B
- 5. B
- 6. Os enunciados apresentados nesse diálogo constituem frases nominais e verbais, pois, de acordo com o contexto em que foram empregados, eles traduzem uma perfeita interlocução de acordo com a mensagem que ora se deseja transmitir, mesmo que de forma isolada. Então, dentro do contexto, elas fazem sentido.
- 7. B
- 8. a) É uma frase, pois não contém verbo e tem sentido completo.
b) O enunciado contém duas orações, pois possui dois verbos.
c) É uma frase, pois tem sentido completo e uma pausa pontuada (ponto-final), e também uma oração, pois possui um verbo (“fale”).
d) É uma frase, pois tem sentido completo e uma pausa pontuada (ponto de exclamação), e também uma oração, pois possui um verbo (“guardem”).
e) É uma frase, pois tem sentido completo e uma pausa pontuada (ponto de interrogação), e também é uma oração, pois possui um verbo (“tem”).
- 9. a) Partindo do pressuposto de que o enunciado “Homem é morto pela PM” está na voz passiva, o termo “pela PM” é o agente da passiva.
b) Na voz ativa, o título fica da seguinte forma: PM mata o homem após perseguição de 10 quilômetros. Com essa alteração, o termo “pela PM” passa a ser sujeito da nova oração.
- 10. D
- 11. A
- 12. O sujeito do verbo “viveram” é “índios”.
- 13. A
- 14. A
- 15. E
- 16. C
- 17. Soma: $01 + 02 + 04 = 07$
- 18. D
- 19. C
- 20. B

- 21. No enunciado I, temos um predicado verbal, pois o verbo “partilhar” precisa de complemento. No enunciado II, temos um predicado nominal, pois há um verbo de ligação e um predicativo do sujeito.
- 22. D
- 23. C
- 24. A
- 25. E
- 26. A
- 27. A
- 28. E
- 29. 2; 1; 2; 1
- 30. B
- 31. Os verbos “deram” e “imuniza” são transitivos diretos, pois exigem complemento sem preposição.
- 32. C
- 33. B
- 34. As intenções comunicativas e o contexto de uso são importantes para a compreensão da ação verbal.
- 35. “Por um transplante” é objeto indireto, uma vez que o verbo “esperar”, no sentido de ter fé, ter esperança, é transitivo indireto. Já “um ato de amor e solidariedade” é predicativo do sujeito, pois é um termo que indica uma qualidade do sujeito e que se associa a ele por um verbo de ligação.
- 36. B
- 37. C
- 38. O termo “valor” é objeto direto do verbo “reconhecia”.
- 39. D
- 40. D
- 41. a) OD b) OI c) OD d) OI.
- 42. D
- 43. Objeto direto.
- 44. E
- 45. B
- 46. D
- 47. D
- 48. “Carregamos” é verbo transitivo direto; “desenvolvemos” é verbo transitivo direto; “controlamos” é verbo intransitivo.
- 49. E
- 50. E
- 51. D
- 52. B
- 53. “Acaso” é um adjunto adverbial que indica incerteza.
- 54. C

BNCC em foco

- 1. E
- 2. E
- 3. O objetivo é conscientizar as pessoas sobre a necessidade de denunciar a violência doméstica. O verbo “machuca” é transitivo direto, tendo como complemento sem preposição o trecho: “a família inteira”. Portanto, “machuca a família inteira” é predicado verbal.

Capítulo 8 – Sintaxe do período simples II

Revisando

1. Soma: $02 + 08 + 16 = 26$
2. E
3. B
4. E
5. A
6. E
7. E
8. A
9. C
10. C

Exercícios propostos

1. Acessórios, pois utilizados para atribuir, determinar, modificar e classificar o nome a que se referem.
2. “da tormenta” refere-se a “Deuses”, e “da guerra”, a “gigantes”. Essas expressões funcionam como adjuntos adnominais dos termos a que se referem.
3. E
4. D
5. C
6. Aposto, pois o termo é a forma como o interlocutor se dirige à pessoa com quem dialoga.
7. E
8. A afirmativa é falsa. Trata-se de um predicativo do sujeito.
9. O pronome possessivo “seus” está empregado como adjunto adnominal.
10. a) “...sobre o aquecimento e mudanças...”.
b) O sentido do enunciado fica limitado, pois não é possível saber a que aquecimento ou a que mudanças o pai se refere.
c) Houve prejuízo de sentido, pois não é possível mais identificar o tema central da fala do pai.
11. C
12. Os termos “do escuro” e “da conta de luz” complementam o sentido do substantivo “medo”, portanto são complementos nominais.
13. A expressão “da grande nação tabajara” não exerce função de aposto, que esclarece ou amplia o sentido do que foi dito antes.
14. E
15. A
16. A
17. E
18. A segunda parte da afirmação está correta, porém “borracheiro” é um vocativo.
19. C
20. B
21. A
22. A

23. O sujeito da oração é “criar amor às casas alheias”, o que possibilita afirmar que “sestro antigo da Sandice” desempenha a função de predicativo do sujeito.
24. C
25. D
26. As palavras destacadas exercem a função de predicativo do sujeito: “vermelhas” e “inchadas” qualificam o termo “palmas”; “sem-vergonhas” e “desaforados” caracterizam o pronome “nos”.
27. No texto, “o fetal” desempenha a função sintática de aposto, pois explica o termo “o próximo período”.
28. D
29. D
30. A
31. A
32. “Ramanujah” é o sujeito da oração, e “importante matemático indiano do início do século XX” é um aposto.
33. C
34. A
35. A afirmação está errada, pois “seguir o imundo/Caminho” não explica o que é o termo “remédio”.
36. A afirmativa é verdadeira, pois a expressão entre parênteses é um aposto, visto que traz uma nova informação sobre o termo que a antecede.

Exercícios complementares

1. A
2. E
3. O termo “desse resultado” está completando o nome “orgulho”, sendo um complemento nominal.
4. E
5. a) Quem deu a boa notícia foi Croitor, identificado como sendo o médico.
b) Croitor, o médico me deu notícias boas após a cirurgia.
c) O interlocutor diz para uma pessoa chamada “Croitor” que o médico lhe deu boas notícias.
6. A afirmação é falsa. Os três elementos destacados funcionam sintaticamente como adjuntos adnominais.
7. “Grande” é adjunto adnominal de “Muralha”.
8. C
9. No enunciado II. No enunciado I, o trecho destacado tem função de sujeito.
10. A afirmação está incorreta, pois os adjetivos do trecho “grelhado, assado, chapeado ou frito” são adjuntos adnominais de “carne”.
11. D
12. D
13. E
14. A
15. D
16. a) Segundo Audino Vilão, a democracia grega distingue-se da atual porque limitava a participação política àqueles que fossem homens, proprietários de terras, maiores de 21 anos e atenienses.

- b) No texto, o vocativo “Parça” refere-se a um cidadão grego ou a um grupo deles, e o vocativo “mano”, a um político que é cobrado por um cidadão sobre o tema da educação.
17. Complemento nominal, pois a expressão completa o sentido de “notícia”.
18. A afirmativa é falsa, pois “ao aluno” está completando o nome “resposta”.
19. A
20. Predicativo do sujeito, pois “ilegível” se refere à palavra “assinatura”.
21. B
22. B
23. D
24. D
25. “mais rigorosa” é adjunto adnominal.
26. E
27. A
28. A afirmativa é falsa, pois o termo “os comerciais” é objeto direto, que está completando o verbo “cancelaram”.
29. A
30. As vírgulas isolam o trecho “conhecida como Lei de Licitações”, portanto trata-se de um aposto.
31. A afirmativa é falsa. A expressão “que é novo” é um aposto.
32. A afirmativa é verdadeira, pois a expressão em destaque tem objetivo de explicar quem é Sophia Raia.
33. A
34. B
35. A afirmativa está correta, pois o trecho “de Verdades Secretas 2” identifica quem é o ator João Grana, sendo um aposto.
36. A afirmativa é verdadeira, pois o sentido da palavra “Ágora” está exemplificado entre vírgulas; portanto, temos um aposto.

BNCC em foco

1. C
2. Nesse texto, “O domingo” de (Walter) Campos, poderíamos trabalhar inicialmente com o aspecto do vocabulário, porém não será feita uma análise detalhada como no texto anterior, pois, aqui, serão crianças ou jovens que não terão tantos problemas dessa natureza. Ainda assim, esse trabalho deve ser feito de qualquer forma, mas sempre dentro de um contexto, para que seja escolhida a acepção mais adequada.
3. A

Frente 2

Capítulo 6 – Romantismo: prosa

Revisando

1. Uma das características marcantes do romance *Iracema* é a linguagem poética, pois há elementos como rimas, paronomásias, aliterações etc. No trecho em questão, a linguagem poética revela-se pelos vocábulos e pela construção de expressões como “a folha da tristeza”, “embebido” e “voz plangente”.

2. A construção do texto assemelha-se às lendas, aos chamados contos etiológicos, nos quais uma narrativa explica o surgimento de algo ou o acontecimento de algum fenômeno. Nesse trecho, explica-se como a terra passou a se chamar Ceará (o canto da jandaia).
3. O autor valoriza os elementos nacionais na medida em que cita elementos indígenas e da natureza; além disso, o fato de ele criar um passado mítico para o Ceará revela sua intenção de valorizar o nacional.
4. Peri apresenta todas as características de um herói clássico: é sempre leal (reverencia Ceci, sua senhora, incondicionalmente), é corajoso (enfrenta qualquer perigo), é forte e valente (tem capacidade de vencer qualquer luta) e é esperto e inteligente (sabe utilizar suas forças). Mas, além disso, o que o torna diferente dos outros heróis (como D. Antônio de Mariz) é seu domínio sobre a natureza local. Nenhum outro herói da história seria capaz de vencer as dificuldades daquela terra além de Peri, o qual tinha conhecimento total sobre a natureza.
5. A crítica de José de Alencar presente nos dois romances é direcionada aos valores materialistas da sociedade burguesa que se consolidava em sua época. Ele aponta para os aspectos dessa sociedade que se movia em razão do dinheiro, deixando para um segundo plano as relações humanas de respeito e dignidade. Em especial, o foco da crítica de Alencar é o casamento por dinheiro.
6. No trecho apresentado, o autor descreve alguns costumes da época: passeios à luz da lua, pessoas sentadas nas esteiras das casas e romarias.
7. Muitos dos romances urbanos do Romantismo foram publicados no formato de folhetim e faziam sucesso porque os leitores se identificavam com as narrativas, as quais se dirigiam diretamente a eles.
8. Sim, é possível fazer essa afirmação. No caso dos romances urbanos e regionalistas, isso fica ainda mais evidente, pois há trechos em que os autores parecem pintar um quadro de época.
9. Os dois textos exaltam a natureza e realçam a exuberância dela. No texto de Alencar, a paisagem parece estar mais intimamente ligada ao sentimento humano: “o vasto e imenso orbe cerra-se e vai mingando a ponto de espremer o coração”. No segundo texto, também há comparações da natureza com o aspecto humano, porém predomina certo distanciamento e há uma descrição mais minuciosa.

Exercícios propostos

1. B
2. a) Sim. Assim como a morte da murta significa o crescimento saudável de um jacarandá, a morte de Iracema representa a liberdade de Martim, que não estará mais preso ao Brasil e poderá retornar à terra natal.
- b) Com a morte de Iracema, Martim retorna a Portugal e, depois de quatro anos, vem para o Brasil com a intenção de iniciar o processo de colonização efetiva em terras cearenses. Martim representa o desenvolvimento dessa região brasileira, no campo social, econômico e até mesmo no religioso, com a catequese.
3. B
4. a) O cão Japi representa a fidelidade e a amizade. Ao doar o cão, Poti reforça a relação afetiva que o prende ao estrangeiro, como se nota no trecho “mais amigo e companheiro será de Poti, servindo ao seu irmão que a ele”.

- b) A ará representa a natureza selvagem com a qual Iracema se identificava completamente antes da chegada de Martim; na ausência do amado, a índia volta a se associar a essa natureza. A ave pode ainda ser relacionada à fidelidade, já que esteve sempre pronta a consolar Iracema, por mais que esta a tivesse esquecido por um longo tempo.
5. D
6. B
7. B
8. C
9. D
10. Soma: $01 + 02 + 04 + 08 = 15$
11. C
12. D
13. B
14. E
15. E
16. a) Temática nacionalista, abordada nas palavras de Alfredo, que defende a cultura local como resposta ao desdém demonstrado por Azevedo (que enaltece “o que vem do estrangeiro”).
- b) A personagem Alfredo representa o caráter nacionalista de Alencar, pois, durante todo o diálogo, elogia os costumes e a arte nacionais.
17. D
18. C
19. D
20. B
21. A
22. B
23. A personagem Inocência apresenta algumas características românticas, como o fato de ser sonhadora, querer ser princesa, ter uma beleza deslumbrante e apresentar uma aparência física frágil. No entanto, o fato de ela ser iletrada, viver no campo e querer aprender a ler distancia-a desse perfil idealizado.
24. Inocência era ousada, vaidosa, queria aprender a ler e tinha a mente cheia de sonhos. Já Pereira era repressor e autoritário e reprovava os desejos da filha por achá-los esquisitos. Ambos os personagens estão inseridos no contexto do romance regionalista.
25. B
26. B
27. A
28. B
29. E
30. C
31. C
32. Soma: $04 + 08 = 12$
33. a) Entre as condições inicial e final do protagonista do romance, há duas mudanças significativas: posição social e econômica e estrutura familiar. A primeira refere-se à ideia de que Leonardo surge como pertencente às camadas baixas do Rio de Janeiro e termina por ascender socialmente ao receber heranças dos parentes. A segunda faz alusão ao fato de que,

inicialmente, ao ser visto como “filho de uma pisadela e de um beliscão”, é desprezado pela mãe (Maria da Hortaliça volta para Portugal com o comandante do navio que a trouxera para o Brasil) e pelo pai (Leonardo Pataca deixa o filho aos cuidados do Barbeiro – seu compadre – para se aventurar amorosamente com a cigana). Mas, ao final, quando se reencontra com o seu grande amor (Luisinha), faz questão de estruturar sua própria família, ao contrário do que fizeram seus pais.

- b) A condição final alcançada por Leonardo não é fruto de seu esforço e determinação, pois, na condição de anti-herói (malandro que vive ao sabor do acaso), ele não se preocupava com sua conduta, em arranjar emprego ou zelar pela própria imagem. Ao longo do romance, ao conquistar a simpatia das demais personagens, Leonardo é constantemente ajudado. São exemplos: a Parteira (sua grande protetora), que livra o afilhado da prisão ao pedir ajuda à amiga Maria Regalada; o Barbeiro, que cria o afilhado e lhe dá todo o carinho possível; e o Major Vidigal, que não só permite que Leonardo saia da prisão como também eleva a patente dessa personagem de simples granadeiro a sargento da milícia carioca. Além disso, a sorte parece estar ao lado de Leonardo, pois ganha dinheiro sem trabalhar (recebe heranças) e o seu casamento só foi possível pelo fato de o marido de Luisinha, José Manuel, ter morrido.
34. O mundo social representado por *Memórias de um sargento de milícias* tem como centro o Rio de Janeiro do período joanino. Nesse universo, todas as relações são regidas por uma dinâmica social pela “dialética da malandragem”, conforme Antonio Candido, na qual as personagens oscilam permanentemente entre a “ordem” e a “desordem”. Nesse contexto, a religião também se apresenta marcada por seus aspectos exteriores e meramente ritualísticos, ou seja, trata-se de uma religiosidade epidérmica, em última instância, hipócrita. Portanto, as afirmações feitas por Sérgio Buarque de Holanda encontram, nessa obra literária, um exemplo cabal.
35. E
36. B
37. C
38. D
39. E
40. Soma: $04 + 16 = 20$

Exercícios complementares

1. B
2. C
3. C
4. C
5. A
6. D
7. E
8. C
9. D
10. Sim, no romance *Iracema*, de José de Alencar, a personagem homônima é descrita conforme as tendências idealizadoras e nacionalistas do Romantismo. Esses preceitos são caracterizados no fragmento pela descrição de Iracema, que a aproxima dos elementos da natureza brasileira, dando destaque ao aspecto nacionalista, além de colocá-la de maneira bastante idealizada.

11. Soma: $04 + 08 + 16 = 28$
12. D
13. C
14. Soma: $04 + 16 + 32 = 52$
15. B
16. D
17. D
18. Soma: $04 + 08 + 32 = 44$
19. E
20. Soma: $02 + 04 + 08 = 14$
21. C
22. C
23. B
24. D
25. E
26. C
27. Soma: $01 + 02 + 32 = 35$
28. A
29. B
30. a) A preocupação de José de Alencar é defender uma arte verdadeiramente nacional.
- b) Azevedo serve de contraponto aos ideais nacionalistas de Alencar, evidenciados no trecho por meio das falas de Alfredo.
31. D
32. D
33. a) Major Vidigal e o soldado amarelo se assemelham por representarem a autoridade, a qual exercem com arbitrariedade. Quanto às diferenças, há a posição hierárquica de cada um: o major é o representante supremo da lei, enquanto o soldado amarelo representa apenas um membro subalterno da polícia. Este, no entanto, caracteriza-se por uma arbitrariedade escancarada e pela brutalidade com que trata os desvalidos diante da lei, ao passo que o Major Vidigal exerce a autoridade com uma bonomia paternalista.
- b) *Memórias de um sargento de milícias* é um romance de costumes do Romantismo, que, fazendo uso do humor e da caricatura, conduz a um desfecho conciliador, em que as faltas das personagens são contempladas com benevolência maliciosa; *Vidas secas*, por sua vez, é representante do romance social da década de 1930 e contém uma denúncia da opressão, excluindo a possibilidade de conciliação entre a autoridade arbitrária e as personagens vítimas da opressão por ela exercida.
34. Na primeira obra, há a representação ficcional do negro ainda no período da escravidão, na segunda metade do século XIX. Tratado como ser inferior, vítima da escravidão, segregado e em condições sub-humanas, ele se torna, revoltado e violento, uma ameaça para a sociedade. Já na segunda obra, o filme de ficção *Cidade de Deus*, locado em uma comunidade carioca, evidencia-se que a abolição da escravidão não emancipou de fato os negros e seus descendentes, como se discutia no fragmento I. Por não estarem, de fato, inseridos na sociedade brasileira, os afrodescendentes vivem em um espaço pervertido pelas drogas e pelas condições sociais de descaso do poder governamental.

Há, na atualidade, um espaço de violência e de ameaça à sociedade como um todo, tanto quanto na época em que se produziu o primeiro excerto, intitulado *As vítimas-algozes*. Tal espaço, conseqüente da segregação e do tratamento a que o negro tem sido submetido ao longo de sua vida no Brasil, forma crianças e jovens facilmente cooptados pelo tráfico: são eles, também, “vítimas-algozes”.

35. O narrador se intromete na narrativa no trecho “Mas voltemos à esquina” por utilizar um verbo na primeira pessoa do plural: “voltemos”. O narrador também se intromete no trecho “não sei fazer o quê” por utilizar um verbo na primeira pessoa do singular (“sei”) e por julgar moralmente a personagem Maria da hortaliça.
36. a) No Romantismo brasileiro, o livro de Manuel Antônio de Almeida representa uma tendência satírica, a qual utiliza bastante o humor e a ironia no retrato dos costumes brasileiros do tempo da Corte portuguesa no Brasil. Dessa forma, *Memórias de um sargento de milícias* se diferencia sensivelmente da tendência dominante na ficção romântica de seus contemporâneos, tanto por seu teor cômico e satírico como por sua linguagem; esta, ao tom elevado e sublime, prefere a fluidez e a coloquialidade. Por tais características, parte da crítica chegou até mesmo a considerá-lo um precursor do Realismo literário.
- b) Como romance satírico, o livro de Manuel Antônio de Almeida apresenta personagens pouco idealizados, desde seu protagonista, Leonardo, até o Major Vidigal, chefe da polícia e representante da lei e da ordem. Aquele é o primeiro exemplo da figura de um malandro na Literatura brasileira; este, por sua vez, ajeita arbitrariamente a situação de Leonardo ao final da trama em troca dos amores de Maria Regalada, por quem nutria uma antiga paixão. O autor da obra, ao fazer com que suas personagens encontrem a saída para os conflitos por meio de artimanhas nem sempre muito honestas, evita as soluções sentimentais e dispensa a necessidade de que o herói se regenere para merecer o final feliz a que suas aventuras o conduzem.
37. C
38. A
39. B
40. B

BNCC em foco

1. D
2. O narrador descreve o carrasco como uma figura animalizada e brutal, sem sentimentos para executar a morte do homem, ainda que ele sinta como se lhe tivesse sido dada a oportunidade de vingança. O narrador destaca sua falta de sentimentos como resultado de uma ferida provocada quando foi escravizado; sua humanidade lhe foi retirada pelos açoites e o arcabouço, reflexos daquela sociedade escravocrata.
3. A principal diferença entre ambos é que Maria Firmina reconhece que seu romance pode não ter aceitação por sua condição de autora negra em um período de escravidão (vale lembrar que em sua primeira edição o nome da autora foi suprimido por “Uma Maranhense”), enquanto Gonçalves Dias, homem branco com acesso à educação, ressalta não se importar com a opinião dos críticos quanto aos seus escritos, uma vez que o que vale para ele é o prazer que teve em escrevê-los. Nota-se a diferença de comportamento que pode ser explicada pela questão social: o homem branco com acesso à educação sempre teve seu lugar garantido, por isso não precisava se esforçar para se encaixar, enquanto uma mulher negra no período em que a escravização era comum precisava quase implorar por um espaço de voz.

Capítulo 7 – Realismo: a desconstrução romântica

Revisando

1. Sim, é possível falar de coisas sérias por meio do humor e da fantasia. Um bom exemplo são os *shows* de *stand up*, que, fazendo uso do humor e da ironia, discutem problemas sociais, ainda que algumas vezes incorram em visões preconceituosas.
2. De fato, o Realismo preconiza uma proposta mais científica da literatura; porém, não se pode ignorar que os textos literários, mesmo que apresentem essa característica, jamais serão teses científicas, pois trazem consigo uma carga subjetiva. A literatura seria uma projeção da realidade, um retrato verossímil, mas nunca uma cópia fiel do real.
3. No mundo da arte e do entretenimento, as “questões sérias” geralmente são trabalhadas com fundamentos sustentados na coleta de dados e informações reais e comprovadas, mesmo quando o tom da fala é engraçado. Muitas vezes, a literatura empenha-se em denunciar uma realidade com o intuito de transformá-la, levando seus leitores a tomarem conhecimento dos problemas do mundo e a refletirem sobre eles; dessa forma, a literatura pode ajudar a tornar o mundo um lugar melhor para todos.
4. A cena é representada como se fosse uma fotografia, de modo que parece o registro de um momento captado da própria realidade. Assim, optou-se por mostrar pessoas comuns, em sua atividade de trabalho; além disso, os traços e as cores são usados com muita sobriedade, evitando-se julgar a cena como boa ou ruim, apesar de o trabalho parecer bastante laborioso.
5. O enquadramento privilegia o trabalho das figuras femininas, as quais, tidas normalmente como sexo frágil, demonstram aqui bastante força e destreza em sua atividade, além de trabalharem de modo solitário, cada uma envolvida com a própria parcela no trabalho coletivo. Ao fundo, são representadas figuras masculinas envolvidas em um esforço coletivo, movimentando-se, aparentemente, em harmonia para conseguir um grande resultado. Todas as personagens parecem ter uma força sobre-humana, o que é possível observar nos vultos que carregam grandes quantidades de trigo nas costas.
6. As condições de trabalho nas fábricas da cidade também envolviam grande esforço e muitas horas de trabalho, mas, diferentemente do trabalho no campo, que muda conforme as estações e etapas do plantio, o trabalho industrial exigia um homem-máquina, que funcionasse como uma única engrenagem, muitas vezes sequer visualizando o produto final.
7. Percebe-se, logo no início do conto, que o protagonista Simão Bacamarte é retratado, ironicamente, como uma autoridade da ciência. O que Machado pretende com o conto “O alienista” é fazer uma crítica ao cientificismo do século XIX. Nessa época, a ciência progressista era muito valorizada, e as respostas a todos os questionamentos se pautavam em explicações observáveis – lembrando-se do positivismo (de Auguste Comte). Assim, a personagem escolhe a esposa por características biológicas e fisiológicas, como aquela que poderia lhe dar filhos fortes, inteligentes e saudáveis. A moça o “desaponta” e fere as expectativas do doutor ao não lhe dar filho algum, frustrando até mesmo os preceitos científicos, o que evidencia uma ironia no enredo de Machado, apreendida pelo leitor que tem em mente a teoria positivista que perpassa a obra.

8. O texto apresentado é uma defesa do Realismo. É preciso atentar a termos como “corcel”, “chicote” e “castelo medieval”, que remetem ao contexto idealizador do Romantismo – combatido pelo Realismo. Dizer que o “corcel foi estafado e deitado à margem onde o realismo o veio achar” é exatamente a metáfora para o sentido de esgotamento da estética romântica.

Exercícios propostos

1. O poema de Cesário Verde tem fortes elementos da literatura realista, entre os quais podemos destacar a retomada do soneto (estrofes de dois quartetos e dois tercetos), formato deixado um tanto de lado pelos poetas românticos; o uso de coloquialismo (“barquinho”, “escarro”), comum entre os realistas; e a crítica ao idealismo romântico, visto que, na primeira parte do poema, o eu lírico parece temer o mar (“enorme”, “solene”, “enraivecido”), mas, na verdade, está sendo irônico com relação a isso (“No seu dorso feroz vou blasonar”). Desse modo, o poema se antepõe à poesia romântica e critica o teor sublime que os românticos agregavam à imagem do mar e às Grandes Navegações portuguesas. Já o poema de Douglas Salomão (escritor capixaba contemporâneo formado em Letras e artista plástico) apresenta elementos do Concretismo. Abordando o mar de uma perspectiva completamente diferente, distante do universo português, explora uma figura de linguagem – a prosopopeia –, conferindo ao mar características animais, relacionadas ao ato de comer (“mastiga”, “dentes”, “bocas”, “línguas”, “lamber”). Além disso, utiliza o verso livre, dispondo as estrofes irregulares de forma imagética, em uma diagramação concretista da forma poética.
2. Frases relativas ao desejo de Luísa: “Desejaria antes que fosse [...] numa quinta, com arvoredos murmurosos e relvas fofas; passeariam as mãos enlaçadas, num silêncio poético; e depois o som da água que cai nas bacias de pedra daria um ritmo lânguido aos sonhos amorosos...”; “Imaginava Basílio esperando-a estendido num divã de seda; e quase receava que a sua simplicidade burguesa, pouco experiente, não achasse palavras bastante finas ou carícias bastante exaltadas.”; “Desejava chegar num cupê seu, com rendas de centos de mil-réis, e ditos tão espirituosos como um livro...”. Frases relativas à realidade encontrada: “A caruagem parou ao pé de uma casa amarelada, com uma portinha pequena.”; “Logo à entrada um cheiro mole e salobre enojou-a.”; “A escada, de degraus gastos, subia ingrememente, apertada entre paredes onde a cal caía, e a umidade fizera nódoas.”; “No patamar da sobreloja, uma janela com um gradeadozinho de arame, parda do pó acumulado, coberta de teias de aranha, coava a luz suja do saguão.”; “E por trás de uma portinha, ao lado, sentia-se o ranger de um berço, o chorar doloroso de uma criança.”; “Luísa viu logo, ao fundo, uma cama de ferro com uma colcha amarelada, feita de remendos juntos de chitas diferentes; e os lençóis grossos, de um branco encardido e mal lavado, estavam impudicamente entreabertos...”.
3. Eça de Queirós critica o grupo de beatas, pois Amélia e a S. Joaneira são consideradas concubinas, relacionando-se com os párocos da região. Ao colocar pessoas religiosas mantendo relações carnavais, Eça faz uso da ironia para tecer sua crítica a esse grupo, percebida em: “Todas se extasiaram”, “uma autoridade quase eclesíástica” e “A S. Joaneira recomeçou a glorificação de Amaro: a sua mocidade, o seu ar piedoso, a brancura dos seus dentes...”.
4. B
5. D
6. A
7. B

8. B
9. C
10. C
11. D
12. a) Ao tratar da política com elementos vagos e abstratos, sendo a política por natureza algo da ordem concreta, contradizendo os princípios por ele mesmo defendidos, Camacho comove Rubião e o induz a acreditar que os erros cometidos pelo partido de oposição, são, na verdade, erros cometidos em nome do “bem”.
- b) A expressão “*Vae victis!*” demonstra compadecimento com os grupos que, nas mais diversas disputas da história, saem perdendo. Já a máxima humanista “Ao vencedor, as batatas” despreza os vencidos e legitima os vitoriosos a qualquer custo. Pensando na trajetória do protagonista, é possível considerar que, após receber a herança de Quincas Borba, Rubião considerou-se um vitorioso, entretanto sua ingenuidade e vaidade o fazem presa fácil do casal Palha e de outros, que não só lhe roubam a fortuna, como também o abandonam. Dessa maneira, aquele que se considerava o vencedor, no decorrer do romance, se torna objeto da piedade do leitor.
13. A
14. A
15. C
16. a) Sim, mas há diferenças: no primeiro dos textos, predomina o pretérito imperfeito do indicativo, que indica o ponto de vista da morte no qual está o narrador, observando a vida como passado; a linguagem de Brás Cubas é evidentemente mais formal do que a da adolescente de *Minha vida de menina*; além disso, essa formalidade permite que o defunto autor descreva a própria mãe como fraca, pouco inteligente e submissa, isto é, sob uma perspectiva muito pouco respeitosa, mas que soa natural (embora não o seja) na perspectiva do narrador. Na descrição de Helena Morley, predominam o presente do indicativo, característico do registro do diário, e a linguagem informal, típica de uma adolescente; a mãe, ao contrário do que se observa no trecho das memórias póstumas, é descrita de maneira respeitosa, no protesto da narradora à supervalorização do pai entre os familiares.
- b) É correta a afirmação de que a expressão “o marido era na Terra o seu deus” exemplifica o patriarcado: nela pode-se observar que a figura masculina predomina sobre a feminina, por meio da equiparação do homem ao deus, de onde emana o poder que submete a mulher. A análise da segunda afirmação é mais complexa. A expressão “só Nossa Senhora pode ser melhor que mamãe” só seria considerada exemplo de matriarcado caso se considerasse que é feito, nesse discurso, o elogio da mãe da narradora por meio de uma comparação com uma figura feminina sagrada e perfeita – Maria, a mãe de Cristo. É preciso considerar, contudo, que a Virgem Maria pertence a um repertório religioso no qual a mulher acaba, muitas vezes, retratada de maneira submissa, o que escaparia evidentemente à organização familiar matriarcal. Para os críticos desse repertório religioso, a estrutura familiar que idealiza a mulher que cumpre o papel de mãe é ainda patriarcal, e será matriarcal apenas quando a mulher puder dedicar-se livremente a si mesma. No conjunto do romance, é evidente que mesmo mulheres que têm posição social privilegiada e de destaque, como a avó materna de Helena, acabam por reproduzir discursos e comportamentos de matriz patriarcal.
17. A
18. C
19. A
20. a) É preciso perceber que o vínculo de Brás Cubas com Marcela é ironicamente marcado pelo interesse econômico, o que se verifica no elemento quantitativo que determina a duração e o custo da relação amorosa. Na experiência amorosa com Virgília (a paixão “sem freios”), que supostamente poderia ter transcendido o interesse econômico, o vínculo afetivo entre os amantes não superou a exigência social da vida matrimonial para a condição feminina (Virgília não rompe seu vínculo matrimonial com o marido Lobo Neves em razão da promessa de ascensão social). Portanto, em ambas as experiências, o desejo foi absorvido pela engrenagem da vida social, ou seja, as posições de classe são determinantes no estabelecimento dos vínculos amorosos nesse romance.
- b) Ao final do romance, Brás Cubas avalia de um modo pessimista a sua existência. Em seu leito de morte, não considera que o amor possa ser redentor, afinal a experiência amorosa não o tornou uma pessoa melhor nem deixou nele alguma marca positiva. Dessa forma, a experiência amorosa do narrador com Virgília e com Marcela é marcada pelo signo do fracasso.
21. E
22. D
23. A
24. B
25. C
26. D
27. D
28. C
29. E
30. a) O título aponta, metaforicamente, para a indefinição constitutiva do romance, em que nada é dito, narrado ou descrito de modo objetivo e claro. As incertezas cercam a hipótese de adultério, que está no centro da obra, assim como os reais sentimentos e as intenções das personagens permanecem na sombra.
- b) A não coincidência do interlocutor está marcada linguisticamente em diferentes lugares. Há uma relação eu/tu marcada em diversas passagens (inclusive, pela presença do pronome possessivo “nossa” e pela terminação verbal em 1ª pessoa do plural, que mostram uma relação entre o narrador e a personagem Capitu). Na passagem “e a malícia está antes na tua cabeça perversa que na daquele casal de adolescentes”, “tua” e “daquele” marcam a posição do narrador, que se coloca fora da cena e se refere ao leitor como seu interlocutor. Essa relação de interlocução se rompe na passagem “Mas a vocação eras tu, a investidura eras tu”, em que a 2ª pessoa se refere, então, a Capitu. Essa referência é confirmada pelo vocativo: “oh! minha doce companheira de menino”.
31. a) Os termos mencionados, “gravador” e “gravura”, correspondem, respectivamente, ao narrador (Bentinho) e à narrativa do romance (elaborada pelo próprio Bento Santiago).
- b) Sim, pois a lição do narrador protagonista ao seu filho – de que o soldado é uma representação da realidade – é uma metáfora, uma advertência ao leitor. Assim como o soldado é uma “gravura” e, portanto, criado por alguém para representar o real, o romance que o leitor lê também é uma “gravura”, uma

narrativa fictícia, criada com o intuito de revelar os sentimentos do “gravador” (Bentinho) conforme sua visão pessoal dos fatos narrados.

32. Em *Dom Casmurro*, o narrador-personagem assume a dificuldade no registro de suas memórias pela distância temporal dos acontecimentos; assim, ele considera que a escrita só consegue recuperar imperfeitamente o passado. Na obra *Infância*, de Graciliano Ramos, há imprecisão das lembranças, o que levará o narrador-personagem à criação, a um relato memorialístico revestido de fantasia e mais liberdade criadora.
33. B
34. C
35. E
36. A
37. B
38. C
39. D

Exercícios complementares

1. E
2. D
3. A experiência vivida pelo narrador é a do choque contínuo presente no movimento incessante das massas humanas que perambulam por uma grande cidade europeia do século XIX. Nesse caos urbano, manifestam-se, de forma incontornável, os efeitos da Segunda Revolução Industrial (1850-1917). Portanto, o vocábulo “contemplar”, empregado no trecho transcrito, assume uma dimensão irônica diante de seu significado corrente, marcado por uma carga semântica positiva (“encantamento”, “admiração” e “embebecimento”), uma vez que revela uma experiência conflitiva por parte do narrador-personagem, José Fernandes. Dizendo de outra forma, o narrador parece se sentir “atropelado” pelo vertiginoso movimento da “grossa sociabilidade” da Paris da *Belle Époque*, em tudo distante do sossego das serras portuguesas a que ele estava acostumado (“este espírito... afeito à quietação das serras imutáveis”).
4. a) O vocativo “Zé Fernandes” expressa a interlocução direta com essa personagem. Vale lembrar que José Fernandes é o narrador-personagem desse romance de Eça de Queirós.
- b) O trecho que reforça tal imagem é “uma *cocotte* com os seus vestidos, os seus diamantes, os seus cavalos, os seus lacaios, os seus camarotes, as suas festas, o seu palacete”.
5. Segundo Fradique, a aprendizagem de uma língua estrangeira afeta a identidade nacional, o patriotismo e o modo de pensar do indivíduo, pois língua, cultura e identidade estão interligadas. Essa postura é contraditória, pois ele próprio é um cosmopolita, que mora em Paris e visita até mesmo o Oriente. Eça critica, por meio dessa caricatura, a figura do purista: ao aprender a língua do outro, basta aprendê-la mal para não se contaminar com ela. Ao afirmar essa posição mesquinha, o autor implícito acaba por criticá-la.
6. V; V; V; F; V
7. B
8. C
9. E
10. B
11. Em “Teoria do Medalhão”, um pai dá conselhos ao filho, Janjão, sobre como ser bem-sucedido em sua sociedade. Ser um

medalhão é estar em posição de destaque, de prestígio, é distinguir-se dos demais e ter seu nome em relevo e, por isso mesmo, ser tratado com deferência pelos outros. Porém, como essa sociedade vive pela aparência e tenta, a todo custo, preservar a tradição, ser medalhão significa não ter ideias próprias e não agir pela razão, já que isso pode subverter a ordem social estabelecida e quebrar a tradição. Ser medalhão, então, é entregar-se à tradição e ao conhecimento já estabelecidos. O medalhão fino é aquele que renuncia à possibilidade de ter ideias próprias para não sucumbir à tentação de ser traído pelo seu intelecto independente.

Em “O Alienista”, Simão Bacamarte constrói um asilo chamado Casa Verde, em Itaguaí, onde recolhe os loucos da cidade. Sua finalidade é estabelecer as bases científicas entre a sanidade e a loucura. Simão Bacamarte é um homem que vive para a ciência e ignora as máximas de um bom convívio social. Por isso, coleciona muitos desafetos ao longo do conto, perde seu prestígio, e a população se revolta contra ele. Assim, há vários argumentos que mostram que Simão Bacamarte não pode ser considerado um “medalhão”. Ele tem como primazia a razão, o que torna seu convívio social deficitário e frio. Ser medalhão implica justamente negar a razão e fortalecer os relacionamentos sociais para tirar proveito deles. Simão Bacamarte foi o pivô da rebelião dos Canjicas justamente porque não tinha como finalidade manter um convívio social estável, mas sim promover o espírito humano por meio da razão, da inovação do pensamento. Com suas ideias científicas inovadoras, promove o caos social. Dessa forma, os interesses e o *modus operandi* do pai em “Teoria do medalhão” e de Simão Bacamarte em “O Alienista” são totalmente distintos, o que nega ser este último um medalhão.

12. O autor emprega a personificação (ou prosopopeia) – recurso expressivo de natureza retórica que consiste em atribuir palavras do campo semântico humano a objetos, seres e elementos abstratos não humanos. No penúltimo parágrafo, o uso dessa figura está presente no pensamento de Rita, quando a personagem confere à virtude um caráter de “preguiça e avareza”, além de atribuir ao interesse um caráter “ativo e pródigo”.
13. D
14. E
15. B
16. B
17. D
18. A
19. a) Sim, o narrador expressa uma concepção de trabalho, porém contrária à concepção que vigorava à época do Romantismo como sendo uma atividade enobrecedora do homem. Brás Cubas, de maneira sarcástica, apresenta uma forma de trabalho que danifica Dona Plácida, e não a significa, não havendo, para ela, possibilidade alguma de ascensão nem mesmo de realização pessoal, mantendo-se na esfera da exclusão social.
- b) A vida de Dona Plácida segue o ritmo da necessidade de sobrevivência, na tentativa de acerto e na fuga do erro em suas decisões, escapando de situações perigosas e buscando soluções, lembrando o ritmo do ir e vir na tentativa de fugir de situações ameaçadoras.
20. D
21. D
22. Entre as expressões irônicas que se pode identificar no excerto, temos “bom e fiel amigo”, uma vez que tal pessoa, responsável por um discurso à beira do caixão, na verdade era um de seus herdeiros, tendo recebido vinte apólices do defunto. Outra

3. O primeiro trecho, que se refere a João Romão, coloca sua vontade de ganhar dinheiro como “moléstia”, dando-lhe componente biológico, como se fosse uma patologia. Isso reflete a postura naturalista, que trazia uma visão cientificista e determinista para construir suas personagens e para explicar a maneira de se relacionarem com o meio em que vivem. Já o trecho que se refere a Rubião discorre sobre sua falta de tino para o comércio como fruto de sua vontade, afirmando que ele não tinha “inclinação” para a atividade. Tal opção reflete a postura realista, na qual os fatores psicológicos são os determinantes das ações e posturas humanas.
4. a) Nas duas obras referidas, o sol ocupa posição central, tributário das teorias naturalistas. Na tela, o sol atinge o “Caipira picando fumo”, marcando não apenas a paisagem (como se verifica pelas sombras), como também o homem (que tem a pele bronzeada). A impressão de quem vê o quadro é que a luz solar tem presença marcante.
- b) A “apreciação positiva” apontada pelo crítico de arte se dá pelo fato de o caipira apresentar-se plenamente integrado ao meio em que está inserido: sua atividade de picar fumo para próprio deleite é tranquilamente realizada, apesar da grande luminosidade – o sol não interfere negativamente em seu cotidiano.
5. a) É o propósito de produzir literatura por meio de pesquisas de feição científica – o que se verifica na expressão “um tipo digno de estudo”. Para os autores naturalistas, a obra literária deveria conter estrutura similar à de uma pesquisa científica, aproximando-se da tese.
- b) Essa passagem brutal, em que, para manter a liberdade, a escravizada tira a própria vida, revela a perversidade das relações sociais no Brasil, marcadas pela escravidão.
6. A
7. B
8. C
9. E
10. C
11. Iracema é descrita de maneira idealizada, como as heroínas românticas. Já Rita Baiana é estereotipada, marcada pela sensualidade e por características degradantes: “era o veneno e era o açúcar gostoso”, “a cobra verde e traiçoeira, a lagarta viscosa, a muiçoca doída, que esvoaçava havia muito tempo em torno do corpo dele, assanhando-lhe os desejos”. O determinismo do meio é o traço que mais se nota em Rita Baiana: “Naquela mulata estava o grande mistério, a síntese das impressões que ele recebeu chegando aqui: ela era a luz ardente do meio-dia; ela era o calor vermelho das sestras da fazenda; era o aroma quente dos trevos e das baunilhas, que o atordoara nas matas brasileiras”.
12. a) Araripe Júnior afirma que o Naturalismo brasileiro se impregnou da tendência naturalista europeia, mas passou por transformações, adaptando-se à sua cultura local, como se esse estilo, no Brasil, fosse vítima do fator meio, desenvolvido no determinismo de Taine. O Naturalismo é um estilo marcado pelo determinismo de Taine, e, no Brasil, além de haver a presença desse postulado nas narrativas naturalistas, o próprio estilo, nesta terra, adequou-se a um modo mais tropical de apresentar tal posição cientificista. Temos, portanto, no Brasil, na segunda metade do XIX, a forte influência do estilo naturalista, porém pintado com cores mais quentes, mais sensuais, mais tropicais, como o sabor de uma pinha ou o cítrico de um abacaxi.
- b) Sim, as características apontadas no item anterior são pertinentes à obra *O cortiço*, haja vista a presença do cientificismo europeu (como exemplo de determinismo, temos o abraço de Jerônimo ao entrar em contato com a terra e com a mulher brasileira) marcado pela sensualidade, por um lirismo mais luxurioso que o apresentado na literatura europeia. Poderíamos concluir, portanto, que o Naturalismo no Brasil é mestiço, com traços europeus e brasileiros, simultaneamente.
13. a) A transformação física foi a reforma realizada nas instalações/na estrutura do cortiço, e sua causa imediata foi o incêndio provocado pela Bruxa.
- b) À medida que João Romão conquista uma nova posição social, classes mais favorecidas/menos pobres passam a habitar o cortiço.
14. D
15. C
16. D
17. B
18. B
19. a) Além de Rita Baiana e Bertoleza serem marcadas pelas relações que estabelecem com as figuras masculinas Jerônimo e João Romão, respectivamente, ambas são mestiças, pobres, tratadas como objetos sexuais e estão na base da pirâmide social, constituída, no romance, pela grande massa de brasileiros (mestiços, negros alforriados, brancos pobres) explorados por portugueses, como João Romão e Miranda, que vieram “fazer dinheiro” no Brasil.
- b) O romance, em linhas gerais, apresenta duas categorias de portugueses: os que sucumbem ao meio e, desse modo, fracassam, e os que vencem o meio e prosperam. Segundo tal perspectiva, o primeiro excerto narra o infortúnio/fracasso do português Jerônimo, que era honesto e pai zeloso, mas que se deixara levar pelas pressões/tentações do meio, sucumbindo aos apelos sensuais da mulata Rita Baiana; já o segundo excerto narra o “sucesso” do ambicioso vendeiro João Romão, que, vencendo o meio, enriquece e ascende socialmente graças ao oportunismo e à exploração, sobretudo de Bertoleza. Trata-se, assim, de duas trajetórias opostas do ponto de vista da ascensão social. Se, para Jerônimo, o meio atua como influência desagregadora de sua antiga identidade, para João Romão, ele se mostra como intensificador da antiga identidade.
20. C

Exercícios complementares

1. E
2. B
3. B
4. Os imigrantes portugueses, apresentados nos excertos, são identificados como grosseiros, sem educação, rudes no tratamento com mulheres. Era muito comum a opinião de que Portugal, à época da colonização, mandou ao Brasil a “escória” da sociedade portuguesa. Essa “escória” seria composta de criminosos degredados, e isso teria ocasionado o espalhamento de má conduta e de mazela social pela terra brasileira. Essa corrente de opinião acreditava que a formação da sociedade brasileira se deu por meio de degenerações. Os imigrantes portugueses eram vistos como brutos, sem lapidação cultural e grosseiros no seu modo de viver, como João Romão, que teve de se modelar para se integrar à sociedade burguesa.
5. E
6. B

7. A
8. D
9. D
10. E
11. E
12. A
13. Soma: $01 + 08 + 16 = 25$
14. A
15. F; V; F; V; V
16. A
17. B
18. A

BNCC em foco

1. D
2. O narrador culpa os fados portugueses pela melancolia e tristeza do cortiço, segundo ele: “Abatidos pelo fadinho harmonioso e nostálgico dos desterrados, iam todos, até mesmo os brasileiros, se concentrando e caindo em tristeza”, enquanto exalta o poder da música brasileira evocada pelo cavaquinho e o violão a cantar um “chorado baiano”. A música popular brasileira é representada como responsável por envolver o ambiente e trazer alegria.
3. D

Capítulo 9 – As vertentes poéticas do final do século XIX

Revisando

1. Olavo Bilac segue à risca os princípios da poesia parnasiana: tal como o ourives, ele molda a matéria para produzir a sua joia, no caso, o poema.
2. O poeta simbolista opta por chamar de “formas” tudo o que sente como vibrações de seu eu interior e que se apresenta como algo forte, perceptível, mas sem existência material definível, como a música. Adota, para isso, uma linguagem consideravelmente subjetiva.
3. Tanto o Parnasianismo quanto o Simbolismo partilham da valorização do acabamento formal do poema. Ambos buscam definir a natureza do próprio fazer poético ou aproximar-se dela, com inclinação metalinguística claramente perceptível nos versos. Ambos os autores fazem alusão à “forma” e à poesia como um ofício importante e difícil. Quanto às diferenças, percebe-se que o poeta parnasiano Bilac é mais contido emocionalmente, pois preza ainda mais pela forma, pela estética do texto, enquanto o poeta simbolista Cruz e Sousa deseja se deixar levar pela musicalidade dos versos.
4. É possível deduzir que, pela quase ausência de verbos (com apenas duas ocorrências, “resume” e “fecundai”), a produção poética de Cruz e Sousa está mais comprometida em produzir imagens e sensações a serem experimentadas e sentidas pelo leitor, como em inatividade, em êxtase. Isso se dá em detrimento da ação que exigiria o uso mais assíduo de verbos no decorrer dos versos.
5. No poema, podemos observar o uso das maiúsculas alegorizantes nas palavras “Formas”, “Cor”, “Perfume”, “Ocaso”, “Sol”, “Dor”, “Luz” e “Mistério”. Esse recurso tem o propósito de personificar os elementos destacados. No entanto, há a dificuldade de atribuímos sentido para o emprego desse recurso, como se o poeta

quisesse chamar a nossa atenção para palavras cujos sentidos sejam difíceis de acessar, mas não impossíveis de revelar.

6. É possível perceber a função metalinguística de Bilac ao exaltar a língua por meio dela própria. Há o fato de o poema ter como nome o próprio código utilizado em sua feitura, ou seja, a Língua Portuguesa. A relação que o eu lírico mantém com o idioma é de intimidade e valorização do padrão culto, do “bem falar” e “bem escrever”. É importante notar que essa tendência parnasiana de rebuscamento formal e apego ao clássico fica evidente na composição de um soneto em versos decassílabos.
7. Inicialmente, ele a caracteriza a partir de atributos opostos, ligados tanto à beleza quanto à força bruta de suas formas (“ouro” × “cascalhos”, por exemplo), aproximando-as das formas naturais. A mesma oposição é estabelecida quanto à sonoridade da língua, ora bela, ora simples (“lira singela”), ora forte, ora potente (“clangor”; “trom”). Para o eu lírico, trata-se, também, de uma entidade soberana (o “oceano largo”) e capaz de exprimir tanto o amor (na “voz materna”) quanto a dor (na ideia da língua “em que Camões chorou”).
8. Neste poema, Olavo Bilac confirma o valor dado pelos parnasianos ao uso nobre e exemplar da língua pelos poetas do período clássico, como Camões forjou o uso literário da Língua Portuguesa em *Os Lusíadas*.

Exercícios propostos

1. D
2. D
3. B
4. A
5. D
6. C
7. E
8. a) “[...] Fecha-se a pálpebra do dia [...]”. Há prosopopeia ao atribuir a ideia de fechar a pálpebra, característica de seres humanos, ao dia.
b) Possibilidade de resposta: a descrição minuciosa do crepúsculo e o gosto por termos rebuscados (“embraseia”, “aureolados”, “esmaece”).
9. C
10. C
11. E
12. A
13. D
14. E
15. C
16. C
17. D
18. C
19. E

Exercícios complementares

1. C
2. E
3. F; F; V; V; V

4. D
5. B
6. E
7. Soma: $01 + 16 = 17$
8. B
9. A
10. Soma: $01 + 04 + 16 = 21$
11. D
12. D
13. Soma: $01 + 08 + 32 = 41$
14. C
15. D
16. B
17. C
18. E
19. C

BNCC em foco

1. B
2. C
3. D

Capítulo 10 – Pré-Modernismo: entre o conservador e o moderno

Revisando

1. Percebe-se, pela amostra de trechos, que a literatura do Pré-Modernismo se volta para os problemas do país e faz denúncias sociais. A “idealização” seria projetar o país e a sociedade à perfeição. O Pré-Modernismo faz o contrário disso – ele revela verdades.
2. O tom dos textos é de pessimismo, como uma forma de a linguagem literária representar o contexto histórico-social.
3. Nos trechos são destacados, por exemplo, o conflito em *Canudos* e a marginalização dos homens do subúrbio, portanto pode-se depreender que a literatura dos autores pré-modernistas volta-se especialmente para as classes menos favorecidas do ponto de vista socioeconômico.
4. O texto em questão ilustra com muita propriedade o que o leitor de Lima Barreto encontrará nas páginas de seu livro e que também condiz com as características do Pré-Modernismo: a realidade é desnudada, e o homem em sociedade é exposto como alguém vil e mesquinho. O texto de Marc-Aurèle mostra a inversão de valores humanos, em que qualidades se tornam defeitos e a perversidade se sobrepõe à integridade.
5. “Hércules-Quasímodo” é a imagem-síntese de uma comparação antitética: Hércules é um semideus da mitologia grega que encarnava a valentia e a força, enquanto Quasímodo (personagem literária do romance *O corcunda de Notre-Dame*, de Victor Hugo) representa a feiura e a deformidade.
6. A feiura e a deformidade, características de Quasímodo que, segundo Euclides da Cunha, aproximam-no do sertanejo, começam a ser explicitadas no terceiro parágrafo: “É desgracioso, desengonçado, torto. [...] O andar sem firmeza, sem aprumo, quase gigante e sinuoso, aparenta a translação de membros desarticulados. [...]”.

7. C
8. D

Exercícios propostos

1. D
 2. E
 3. B
 4. C
 5. A
 6. Soma: $01 + 08 + 16 + 64 = 89$
 7. B
 8. Soma: $08 + 16 = 24$
 9. A
 10. C
 11. B
 12. D
 13. D
 14. A
 15. A
 16. A
 17. Soma: $01 + 16 = 17$
 18. D
 19. C
 20. D
 21. F; V; F; F; V
 22. C
 23. E
 24. D
 25. a) Ao empregar a conjunção adversativa “porém”, o texto contrapõe a ideia de que a morte de Euclides da Cunha foi um alívio para os incapazes em “[...] romper com as mazelas deixadas pelo latifúndio, pela escravidão e pela exploração predatória [...]”. De acordo com o texto, apesar do falecimento precoce de Euclides, a história não permitiu que o “[...] ambiente mesquinho e corrupto da ‘república dos medíocres’” fosse apagado de seus registros, de forma que o legado de desigualdade ainda pode ser estudado nos dias atuais.
 - b) Para Euclides da Cunha, a ordem e o progresso mencionados na bandeira nacional se relacionam, respectivamente, à exclusão social e a um legado abominável do passado brasileiro. O autor defendia que o Brasil era dirigido por ideais fiéis à desigualdade social, bem como à escravidão e à exploração “predatória da terra e do povo” – herança histórica recebida pela República e que foi a ferramenta principal do governo republicano para a manutenção de privilégios de classe oriundos da época da monarquia.
26. C
 27. B
 28. A

29. D
 30. A
 31. E
 32. B
 33. B
 34. C
 35. a) O fato citado no enunciado é o suicídio da mãe de Nair, vítima das conquistas de Cassi Jones. Ele a abandonou grávida, o que levou a mãe da jovem ao desespero, pois não havia como obrigá-lo a se casar com a filha. O fato foi divulgado nos jornais contendo detalhes do motivo que levou a senhora ao suicídio. Assim que leu a história, o pai o expulsou de casa.
 b) Sim. Além desse acontecimento, há outros casos de conquistas da personagem ao longo da história. Esses fatos delineiam o caráter de Cassi, que agirá de forma inescrupulosa em sua relação com Clara dos Anjos. Irá abandoná-la grávida no desfecho do romance.
36. B
 37. D
 38. A

Exercícios complementares

1. A
 2. D
 3. Soma: $02 + 08 = 10$
 4. Soma: $02 + 04 + 08 = 14$
 5. B
 6. a) O que o autor quis dizer é que a língua falada não está atenta às regras gramaticais como ocorre com a norma culta; isso não significa, porém, que a oralidade seja desprovida de regras, mas que nem todas são observadas, pois o contexto em que se insere a linguagem oral é, na maioria das vezes, de informalidade, o que dispensa o rigor da norma.
 b) A palavra “episcopalmente” e as expressões “meter o bico” e “de orelhas murchas” podem ser substituídas, respectivamente, por “com autoridade” (pois o advérbio refere-se à autoridade do bispo), “intrometer-se” e “envergonhada” (ou ainda “humilhada”).
7. E
 8. V; V; V; V; F
 9. Soma: $02 + 04 + 08 = 14$
 10. B
 11. D
 12. D
 13. D
 14. A
 15. D
 16. O processo de intertextualidade, que consiste na influência e na relação que um texto exerce sobre outro, ocorre no fragmento de Monteiro Lobato a partir da referência a personagens e contextos de histórias de outras obras da literatura, como Dona Carochinha, Bela Adormecida, Gato de Botas, Branca de Neve e Pequeno Polegar, clássicos da literatura infantojuvenil.
 17. C
 18. D

19. No excerto, o narrador contrapõe o subúrbio e a cidade. O subúrbio é o espaço no qual Cassi Jones se sente à vontade: nesse espaço, ele é conhecido e reconhecido, “tinha personalidade” – apesar de sua “inferioridade de inteligência, de educação”, de sua dificuldade de leitura e de sua incapacidade de circular naquele “conjunto de coisas finas” que caracteriza a “cidade”. Esta é descrita como espaço da velocidade, do trabalho e dos hábitos de polidez e de urbanidade – mas, sobretudo, como espaço do anonimato, onde Jones se sente mal porque não é reconhecido.
20. Denomina-se prosopopeia a figura de linguagem na qual palavras e sentimentos humanos são empregados para caracterizar seres inanimados. A prosopopeia é vista no quarto parágrafo do fragmento, quando o autor atribui à “terra” ações que a associam à imagem de mulher: “A terra ‘atrai’ o homem; ‘chama-o’ para o seio fecundo; ‘encanta-o’ [...]; ‘arrebata-o’ [...]”.
21. Para deixar mais claro ao leitor a facilidade com que os canoieiros navegavam pelo Tietê, o autor utiliza a expressão “sem uma remada”, uma hipérbole.
22. No terceiro período do sétimo parágrafo, lê-se sobre as divergências de projeto político em duas regiões: norte e sul. A população do norte era favorável à metrópole (Madri) e contrária ao domínio dos holandeses. Já os habitantes do sul não compartilhavam dos mesmos interesses que a Espanha e desejavam que Portugal recuperasse seu domínio e sua autonomia. Ao se utilizar repetidamente o pronome “outro”, apenas variando a flexão, no texto do parágrafo de Euclides da Cunha, tais diferenças ficam enfatizadas, do mesmo modo que ocorre com a repetição do vocábulo “tanto”, em *Os Lusíadas*.
23. B
 24. A
 25. B
 26. E
 27. B
 28. D
 29. a) Dona Engrácia, mãe de Clara, é uma “coisa amorfa e pastosa” porque representa o estereótipo da mulher brasileira tradicional do início do século XX: sendo uma pessoa religiosa e submissa ao marido, além de ter um descaso com relação aos sentimentos da filha. Essas características exemplificam o Brasil patriarcal.
 b) Dona Salustiana, mãe de Cassi Jones, não queria aparentar ser uma mulher de classe média; por isso, tinha medo de que seu filho trabalhasse ou se envolvesse com mulheres mais pobres. Por essa razão, utiliza sua influência para contratar advogados para que ele fique impune, mesmo que seu comportamento fosse antiético.
30. B
 31. D
 32. E
 33. A crítica social se apresenta na descrição da casa frágil, nas características físicas da mãe, esquelética e magra devido ao trabalho pesado, e na referência ao descompasso entre a inteligência e a educação do narrador, além de sua condição social.

BNCC em foco

1. B
 2. 2; 1; 3
 3. C

Capítulo 11 – Modernismo em Portugal: o começo

Revisando

1. As palavras “fingir” e “dor” estão contidas na primeira, “fingidor”; a partir daí, o eu lírico insinua que um dos procedimentos da criação poética consiste em ativar o mecanismo do fingimento.
2. O poema trata desse fingimento de forma conotativa, salientando o aspecto de ficção da literatura. As “dores” do eu lírico são duas porque um poeta considera intraduzíveis as aflições humanas; nós apenas nos aproximamos verbalmente e expressamos nossas emoções com a poesia.
3. Elas são a dor que realmente se manifesta e a representação literária da dor.
4. Na última estrofe, “coração” tem relação com a sensibilidade, que entretém o lado racional visando ao equilíbrio. Ao se envolver e se disponibilizar para a fruição da obra literária, o leitor alcança, em certa medida, um alívio para o peso que a razão impõe sobre o sujeito.
5. Nos textos de Fernando Pessoa, Alberto Caeiro é descrito como o mais simples dos poetas, pois extrai sua matéria poética e seu modo de vida do contato íntimo e direto com a natureza. Segundo Caeiro, o ser humano acabou por complicar a existência de seus dias pela adesão a exagerados pensamentos metafísicos, a religiões, a filosofias e teorias científicas. A busca da simplicidade dos sentidos como única forma de obter conhecimento está presente nos versos destacados ao lado da imagem de Caeiro: “Eu não tenho filosofia: tenho sentidos...”. Ricardo Reis é tido como amante da natureza e alheio à vida social. Esse heterônimo revela-se frustrado com a decadência da civilização cristã, a qual, a seu ver, caminha para o aniquilamento. Reis é um poeta neoclássico apegado à filosofia epicurista; sabe que a vida é breve e a morte inevitável, como indica nos seus versos: “Sê todo em cada coisa. Põe quanto és/No mínimo que fazes”. Álvaro de Campos é retratado como um engenheiro cosmopolita e vanguardista. Campos é afeito ao Modernismo, transmite as concepções futuristas por meio de versos livres, enérgicos, ricos em exclamações e interrogações: “[...] Não posso querer ser nada. [...]”/À parte disso, tenho em mim todos os sonhos do mundo”.
6. Fernando Pessoa era um poeta além do seu tempo e conseguiu criar múltiplas personalidades com biografias distintas. Por essa razão, Leyla Perrone-Moisés, em seu comentário, chamou-o de “excessivo”.
7. Ao nomear Pessoa como o “supra-Camões”, Leyla Perrone-Moisés infere que o poeta moderno teria conseguido superar o poeta mais famoso da literatura portuguesa.
8. É preciso levar em consideração as rupturas gramaticais de Saramago, que opta por um texto com muitas vírgulas, ausência de dois-pontos e travessões, parágrafos muito longos e letras maiúsculas no meio da frase (objetivando indicar início de diálogo). O autor transfere para a escrita o fluxo de consciência da personagem, formando-se, assim, um todo coerente.

Exercícios propostos

1. D
2. A
3. D
4. C
5. F; F; F; V; V

6. E
7. B
8. a) De acordo com o excerto, orgulho difere de vaidade: enquanto esta é a evidência do mérito pessoal para terceiros, aquela refere-se à consciência do mérito pessoal para si próprio. Sendo assim, o orgulho volta-se para o interior de quem o sente, e a vaidade para o exterior de quem a sente. Ainda de acordo com o excerto, é mais fácil um homem ser vaidoso sem ser orgulhoso, “[...] pois tal é a natureza humana [...]”. Por isso, Fernando Pessoa afirma que “[...] o homem vive a princípio uma vida exterior, e mais tarde uma interior [...]”: este prefere – em um primeiro momento, em que lhe falta maturidade – agradar ao gosto de terceiros, pois isso lhe afagará o ego, a viver independentemente da opinião alheia, o que exige maturidade, pois não agradar aos outros pode não inflar seu ego.
b) Eis a frase reescrita: “O homem prefere ser louvado/engrandecido/vangloriado por aquilo que não é, a ser difamado/aviltado/rebaixado por aquilo que é”.
9. D
10. A
11. C
12. B
13. C
14. V; V; F; F; V
15. D
16. C
17. A
18. A
19. D
20. B

Exercícios complementares

1. D
2. Podemos observar que os dois poetas, Vicente de Carvalho e Fernando Pessoa, buscam de maneira alegórica, ou figurada, a felicidade. De um lado, temos em Vicente de Carvalho o retorno ao mito grego no qual fala do “pomo dourado”, citando “a árvore milagrosa, que sonhamos/ Toda arreada de dourados pomos”. É a busca do que não temos no momento, que está mais além, em um plano quase inatingível a nós. De outro, Fernando Pessoa se volta ao *carpe diem*. O poema de Pessoa mostra que a felicidade não está em “coisas metafóricas”, mas sim dentro de nós: “É em nós que é tudo. É ali, ali/ Que a vida é jovem e o amor sorri”. Assim, Pessoa procura destacar a importância do tempo presente.
3. Podemos observar na poesia de Vicente de Carvalho que a felicidade está em um plano no qual não podemos atingi-la. Temos, sim, como objetivo alcançá-la. E isto fica claro no final do poema: “Existe sim, mas nós não a alcançamos/ Porque está sempre apenas onde a pomos/E nunca a pomos onde nós estamos”. Na poesia de Fernando Pessoa, encontramos a possibilidade de se ter a sua idealização, mas não significa que vamos alcançá-la. No trecho: “É em nós que é tudo”, podemos perceber que a felicidade estava no “já”, no momento presente, e não em um lugar que não fosse possível alcançá-la, porque, se nos sentíssemos “realizados”, de certo modo, a teríamos alcançado.
4. Verificamos nos versos de Pessoa, “Ah, nessa terra também, também/O mal não cessa, não dura o bem”, que o “também”, de maneira repetida, significa que tanto em uma quanto na outra

terra (a dos sonhos ou a da realidade) vige uma forma de pessimismo com relação à vida.

5. Verificamos que tanto Vicente de Carvalho quanto Fernando Pessoa utilizam a palavra “sonho” no sentido de uma busca de felicidade humana, que nunca se realiza. Para o primeiro, “hora feliz, sempre adiada/E que não chega nunca em toda a vida”. Para Pessoa, “a vida é jovem e o amor sorri”.
6. C
7. B
8. V; V; V; V; F
9. C
10. A questão apresentada nos excertos e discutida entre o revisor Raimundo Silva e o historiador-autor do livro sobre o cerco de Lisboa é o limite entre a história e a literatura. Em uma das passagens, o primeiro afirma que “tudo quanto não for vida, é literatura”. Nesse sentido, o discurso historiográfico também seria literatura – já que não é vida –, estaria sujeito à interpretação de quem o constrói. No romance de Saramago, Raimundo Silva, involuntariamente, em um primeiro momento, interfere no livro do historiador, alterando o discurso oficial sobre a tomada da cidade de Lisboa pelos mouros, em 1147. No processo de correção do erro – a introdução indevida da palavra “não” em um trecho importante da narrativa –, o episódio é recontado ampliando-se em

novas perspectivas. Raimundo Silva borra os limites entre o passado e o presente, ilustrando a ideia que se discute inicialmente no diálogo proposto dos trechos apresentados.

11. A
12. A
13. Geralmente, um soneto é composto de versos de dez sílabas poéticas. Já o soneto de Drummond apresenta versos de seis sílabas poéticas, assim o poeta brinca com o diminutivo “sonetinho” para dizer que seu poema é um soneto, só que menor.
Como exemplo, podem-se citar os versos “mas não sou eu, nem isto” e “E das peles que visto”, em que se faz referência às várias personalidades que Fernando Pessoa assume em sua obra, como em uma indefinição de si mesmo.
14. D
15. C
16. B

BNCC em foco

1. D
2. A
3. Soma: $01 + 02 + 04 + 08 + 16 = 31$